UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Marília

Denise Landi Corrales Guaranha

Pio Lourenço Corrêa (1875-1957)

Um mosaico biobibliográfico do polímata araraquarense

Marília

2022

Denise Landi Corrales Guaranha

Pio Lourenço Corrêa (1875-1957)

Um mosaico biobibliográfico do polímata araraquarense

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como parte das exigências para a obtenção do título de Doutora em Filosofia e História da Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Marília.

Área de Concentração: Filosofia e História da Educação

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery

Marília

2022

G914p

(1963) Guaranha, Denise Landi Corrales

Pio Lourenço Corrêa (1875-1957): um mosaico biobibliográfico do polímata araraquarense / Denise Landi Corrales Guaranha. – Marília/SP, 2022.

782 p.: il., tabs., fotos, mapas, 2 v.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

1. História da educação. 2. Filosofia da educação. 3. Biografia. 4. Memória da educação. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Denise Landi Corrales Guaranha

Pio Lourenço Corrêa (1875-1957)

Um mosaico biobibliográfico do polímata araraquarense

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Filosofia e História da Educação.

Área de concentração: Educação

Linha de pesquisa: Filosofia e História da Educação

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery
PPGE - Faculdade de Educação
UNESP – Câmpus de Marília
Orientador

Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto
FEUSP - Faculdade de Educação
USP - Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Maria Rita de Almeida Toledo
PPGH - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

Profa. Dra. Cláudia Engler Cury
PPGH - Faculdade de História
UFPB – Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Vera Tereza Valdemarin
PPGE - Faculdade de Educação
UNESP – Câmpus de Araraquara

Marília, 26 de outubro de 2022.

Dedicatória

Dedico esta empreitada a Manoel Francisco Guaranha e Olívia Landi Corrales Guaranha, meus parceiros de vida, que acompanharam todo o processo durante esses quatro anos.

Dedico o resultado desta pesquisa à professora orientadora Ana Clara Bortoleto Nery, que caminhou gentilmente comigo até aqui.

Dedico esta experiência a todos os meus alunos, que me inspiram diariamente a continuar estudando e buscando novos saberes para aprimorar-me nessa área tão desafiadora.

Agradecimentos

Agradeço, de coração, a Manoel Francisco Guaranha e Olívia Landi Corrales Guaranha, meus parceiros de vida, sempre.

Agradeço, carinhosamente, à Prof. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery, por aceitar-me em seu grupo de pesquisa – GEPAEFE, e orientar-me de forma tão gentil até o fim deste trabalho.

Agradeço às professoras presentes na Banca Avaliadora, por seu tempo, sua dedicação e suas valiosas contribuições para a melhoria deste trabalho.

Agradeço a Weber Anselmo Fonseca, Coordenador Executivo de Acervos e Patrimônio Histórico da cidade de Araraquara, que tão prontamente autorizou minha visita à Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade e ao acervo de Pio Lourenço Corrêa.

Agradeço a todos os funcionários da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, de Araraquara, por me receberem e acompanharem na pesquisa feita na instituição.

Agradeço a todos os funcionários do Centro Cultural Professores Waldemar e Heleieth Saffioti (CCPWHS), antiga Chácara da Sapucaia, pela recepção atenciosa e pelo acompanhamento durante minha visita.

Historiador

Veio para ressuscitar o tempo
e escalpelar os mortos,
as condecorações, as liturgias, as espadas,
o espectro das fazendas submergidas,
o muro de pedra entre membros da família,
o ardido queixume das solteironas,
os negócios de trapaça, as ilusões jamais confirmadas
nem desfeitas.
Veio para contar
o que não faz jus a ser glorificado
e se deposita, grânulo,
no poço vazio da memória.
É importuno,
sabe-se importuno e insiste,
rancoroso, fiel.

Carlos Drummond de Andrade

(Nova reunião: 23 livros de poesia.
São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.472)

RESUMO

Neste trabalho, apresentam-se os resultados da pesquisa de Doutorado, vinculada à linha "Filosofia e História da Educação" do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista, câmpus de Marília/SP. Objetivando contribuir para a preservação da memória da educação; e de pessoas relevantes na área, o tema é Pio Lourenço Corrêa (1875-1957) e seu polimatismo (fazendeiro, naturalista, filólogo autodidata e bibliófilo de Araraquara/SP); o primeiro proprietário da Chácara da Sapucaia, que hoje pertence à UNESP – Universidade Estadual Paulista, câmpus de Araraquara/SP; que tem seu acervo documental reunido na Coleção Pio Lourenço Corrêa (1256 livros, 7232 imagens de fichas de estudo e publicações), abrigada na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP. Com abordagem histórica, a pesquisa documental e bibliográfica reuniu ainda 70 textos autorais e 66 referências de textos sobre ele, no intuito de responder às seguintes perguntas: quem foi Pio Lourenço Corrêa; quais os propósitos e necessidades de colecionar livros e fichas de estudo; por que o interesse em assuntos relacionados à linguagem; em que contextos históricos foram produzidos e circularam seus textos autorais; quem foram seus interlocutores; qual sua importância em relação ao passado e ao presente em sua cidade e neste Estado. Mediante essa análise, constatou-se que esses documentos caracterizam-se como registros históricos importantes para a compreensão da atuação desse polímata (fazendeiro/naturalista/bibliófilo/ filólogo autodidata) e dos aspectos culturais que abordou, diretamente relacionados aos contextos histórico, político, cultural, social e educacional do início do século XX. Como resultado da pesquisa, foi elaborado um mosaico biobibliográfico de Pio Lourenço Corrêa e realizada a catalogação de seus textos autorais e fichas de estudo, contribuindo para o enriquecimento da história da UNESP – Universidade Estadual Paulista, da história da cidade de Araraquara/SP, bem como da história da língua portuguesa e da literatura no estado de São Paulo.

Palavras-chave:
Pio Lourenço Corrêa; Acervo documental; Filosofia e História da Educação.

ABSTRACT

In this work, we present the results of the Doctoral research, linked to the line "Philosophy and History of Education" of the Graduate Program in Education at Universidade Estadual Paulista, campus of Marília/SP. Aiming to contribute to the preservation of the memory of education; and from relevant people in the area, the theme is Pio Lourenço Corrêa (1875-1957) and his polymathism (farmer, naturalist, self-taught philologist, and bibliophile from Araraquara/SP); the first owner of Chácara da Sapucaia, which today belongs to UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP campus; which has its documentary collection gathered in the Pio Lourenço Corrêa Collection (1256 books, 7232 study sheets and publications), housed in the Mário de Andrade Municipal Public Library in Araraquara/SP. With a historical approach, the documentary and bibliographic research also gathered 70 author texts and 66 references to texts about him, in order to answer the following questions: who was Pio Lourenço Corrêa; what are the purposes and needs of collecting books and study sheets; why the interest in language-related matters; in which historical contexts their author texts were produced and circulated; who were your interlocutors; what is its importance in relation to the past and the present in your city and in this state. Through this analysis, it was found that these documents are characterized as important historical records for understanding the role of this polymath (farmer/naturalist/bibliophile/self-taught philologist) and the cultural aspects he addressed, directly related to the historical, political, cultural contexts, social and educational aspects of the early 20th century. As a result of the research, a biobibliographic mosaic of Pio Lourenço Corrêa was prepared and his author texts and study sheets were cataloged, contributing to the enrichment of the history of UNESP – Universidade Estadual Paulista, the history of the city of Araraquara/SP, as well the history of the Portuguese language and literature in the state of São Paulo.

Key words:
Pio Lourenço Corrêa; Documentary collection; Philosophy and History of Education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Conjunto arquitetônico em Araraquara: Teatro Municipal, Clube Araraquarense e Hotel Municipal (foto do início dos anos de 1960) p.42

Figura 2: Mapa da região de Araraquara e entorno no início da povoação (s/a e s/d) ..... p. 45

Figura 3: Mapa da região de Araraquara e suas subdivisões distritais (desenho de Iracy Furlan Mosca, s/d) ..... p. 47

Figura 4: Ficha de estudo n. 503 – Ortografia dos nomes próprios e de família (frente e verso) ..... p. 50

Figura 5: Imagem da casa principal da Sesmaria do Lageado (foto tirada em 1922), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 374) ..... p. 52

Figura 6**:** Francisca Miquelina de Almeida Moraes (?-1873) e Comendador Joaquim Lourenço Corrêa da Rocha (1811-1887), (foto anterior a 1873), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.139) ..... p. 53

Figura 7**:** Irmãos consanguíneos de PLC e seus respectivos cônjuges, na sequência: Maria Luísa Corrêa da Rocha (1836-1919) e o marido Francisco de Paula Corrêa e Silva (foto s/d); Francisca Corrêa da Rocha (1838-1887) e o marido Domingos José Carneiro (foto s/d); José Joaquim Corrêa da Rocha e a esposa (não se tem informações sobre ela; foto s/d); e Luísa Corrêa de Moraes (1840-1901), com o marido João de Almeida Leite Moraes (foto s/d), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 15) .....p. 54

Figura 8: Mais irmãos consanguíneos de PLC e alguns de seus respectivos cônjuges, na sequência: Ana Corrêa da Rocha (1842-1879) e o marido Joaquim de Sampaio Peixoto (foto s/d); Joaquim Lourenço Corrêa Filho (1843-1881), (foto s/d); Isabel Corrêa de Moraes (1844-1886) e o marido José Joaquim Corrêa de Arruda (foto s/d); Pio Corrêa da Rocha (1845-1866), falecido na Guerra do Paraguai (foto s/d); Branca Corrêa da Rocha (1847-1912), (foto s/d); Antônio Lourenço Corrêa (1848-1923), (foto s/d); Carlota Corrêa da Rocha (1851-1938), (foto s/d); e Cândido Lourenço Corrêa da Rocha (1852-1887), (foto s/d). (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 17) .....p. 54

Figura 9**:** Tenente Pio Corrêa da Rocha (1845-1866, morto na Batalha de Curupaity), (foto s/a e s/d); e Joaquim Lourenço Corrêa Filho (1843-1881), (foto s/a e s/d), irmãos consanguíneos de Pio, enviados pelo pai como voluntários da pátria para a Guerra do Paraguai, em 1865, vestidos com o uniforme da Guarda Nacional (COSTA, 2015, p. 150 .....p.56

Figura 10: Rita Maria Pinto de Arruda (? - 20/2/1888) e o Comendador Joaquim Lourenço Corrêa (10/8/1811 - 31/8/1887), com Pio Lourenço Corrêa (12/5/1875 - 11/6/1957), único filho do casal, no colo (foto aproximadamente de1876), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 8).p.57

Figura 11: Casa onde nasceu Pio Lourenço Corrêa, em Araraquara/SP (foto de 1930), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 379) ..... p. 58

Figura 12**:** Zulmira de Moraes Rocha (1878 - 1959) aos dez anos de idade (foto tirada por volta de 1888); e posando com os irmãos, Adelina (15/1/1876 - 14/12/1967) e Cândido Corrêa da Rocha (?/?), (foto tirada em 1891), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 18) ..... p. 59

Figura 13: Antônio Lourenço Corrêa (19/11/1848 – 9/2/1923), irmão e tutor de PLC (foto s/a e s/d), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 19) ..... p. 60

Figura 14: Joaquim de Almeida Leite Moraes (1834 – 1895), avô de Mário de Andrade e de Zulmira de Moraes Rocha, padrinho de Pio,(foto s/a e s/d), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 35) ..... p. 63

Figura 15: Folha de rosto do livro de Eduardo de Sá Pereira de Castro: *Explicador de Arithmetica.* 7.ed. Rio de Janeiro: Livraria Nicolau Alves, 1885. Com anotações de PLC..p. 64

Figura 16: Folha de rosto do livro de F. J. J.: *Éleménts de Géométrie*. 5. ed. Paris: Poussielgue Freres; Tours: Alfred Mames et Fils, 1885. Na folha de guarda (anterior à de rosto), anotações de PLC sobre o resultado dos seus estudos..... p. 65

Figura 17: PLC com 20 anos de idade (foto s/a tirada em 1895), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.12) ..... p. 67

Figura 18: PLC com 21 anos, época em que teria ocorrido o episódio relatado em "Garapa Azeda" (foto s/a, tirada em 1896), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 372) ..... p. 69

Figura 19 Imagens da Fazenda São Francisco, de PLC (fotos s/a, tiradas em 1919, 1918 e 1919, respectivamente), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.44) p.77

Figura 20: Pio e Zulmira com amigos em viagem à Europa, no ano de 1911 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 54) p.78

Figura 21: A casa de Pio na cidade de Araraquara (foto s/a, tirada em 1915), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.10) .....p. 79

Figura 22: O irmão mais novo de MA (o primeiro à esquerda), Renato de Moraes Andrade, com colegas no Ginásio do Carmo (foto s/a e s/d), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.39) ..... p. 80

Figura 23: PLC e os "Conjurados" em excursão pelo interior de São Paulo (fotos 1 e 2, s/a, em setembro de 1922; foto 3, s/a, em agosto de 1921), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.51)p. 82

Figura 24: Desenho de Mário de Andrade retratando Pio Lourenço Corrêa na noite de 21/09/1915 (GUARANHA, 2007, p. 114) ..... p. 83

Figura 25: Última excursão dos Conjurados (foto s/a, de 1927), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.100) ..... p. 84

Figura 26: Fotocópia da dedicatória de MA a PLC no primeiro livro publicado pelo modernista: *Há uma gota de sangue em cada poema* (São Paulo: Gráfica Pocai, 1917). (GUARANHA, 2007, p. 442.) ..... p. 86

Figura 27: Fotocópias das dedicatórias de MA a PLC em *Pauliceia desvairada* (1922) e *Os filhos da Candinha* (1943). (GUARANHA, 2007, p. 443 e p. 451, respectivamente) ..... p. 87

Figura 28: Capa da edição norte-americana de *Amar, verbo intransitivo – Fraülein*, de MA (Nova Iorque: Macaulay,1933) ..... p. 90

Figura 29: Quirino Campofiorito com o filho, Ítalo, no colo, na Fazenda São Francisco, de PLC (foto s/a, de 1936), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.296) ..... p. 93

Figura 30: Fotocópia de Ficha de Linguagem, de PLC, publicada na *Revista Esfera*, em 1946, com anotação do autor..... p. 94

Figura 31: Ficha de PLC com referência a um futuro museu em homenagem a MA p.97

Figura 32**:** Fragmento do conto "O retrato", redigido por MA .....p. 103

Figura 33: Pio Lourenço Corrêa acompanhando o esvaziamento do poço em seu pesqueiro, em junho de 1931 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 199) ..... p. 105

Figura 34: Fragmento dos manuscritos do conto "O poço", em que a personagem nasce com o nome de Sr. Corrêa, depois substituído por Joaquim Prestes, com anotações de MA (GUARANHA, 2007, p. 632) .....p. 106

Figura 35: Ficha de Estudos de PLC n. 203 - Semana de Arte Moderna (verso), com recorte de jornal afixado: Somos burríssimos, idiotas, ignorantíssimos" p.107

Figura 36: Ficha de Estudos de PLC n. 203 - Semana de Arte Moderna (frente)..... p. 108

Figura 37: MA e o dourado pescado no Rio Moji, em 1930 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 171) ..... p. 109

Figura 38: PLC no Largo do Paissandu, em São Paulo (foto s/a, datada de 21/6/1924), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.76) .....p. 112

Figura 39: O automóvel (*hupmobile*) de PLC (foto s/a e s/a), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 135) ..... p. 113

Figura 40: Sumário de provável projeto de Enciclopédia elaborado por Pio Lourenço Corrêa ..... p. 117

Figura 41: Ficha 234 - Alfanete = alfinete; somana=semana, sem lavar a cara (frente) .... p. 123

Figura 42: Ficha 234 - Alfanete = alfinete; somana=semana, sem lavar a cara (verso) .....p. 124

Figura 43: Nota fiscal da Encadernadora Santos..... p. 125

Figura 44: Anotação de Pio na folha de rosto do livro de Augusto Magne - *A demanda do Santo Graal.* V.1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944 ..... p. 126

Figura 45: Ficha 234 - Gramático e linguista ..... p. 133

Figura 46 - Ficha 201 - O povo é clássico: cfr. os nºs 241.....p. 135

Figura 47 - Ficha 201 - Linguagem literária e linguagem popular p.136

Figura 48 - Ficha 202 - Tupi..... p. 137

Figura 49 - Ficha 00 - Reuatuatá (Tupi) ..... p. 138

Figura 50: Folha de rosto com anotações de PLC – *Monografia da palavra Araraquara*. 2.ed. São Paulo, 1937, edição do autor.....p. 145

Figura 51: **A**notação de PLC na folha anterior à de rosto da *Monografia da palavra Araraquara*. 3.ed. São Paulo: Oficinas Tipográficas Fernando Camargo Cia. Ltda, 1940 ..... p. 147

Figura 52**:** As quatro edições da obra encadernadas em couro vermelho com letras douradas ..... p. 149

Figura 53**:** Envelope contendo anotações e bilhetes de Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto ..... p. 158

Figura 54: Dedicatória/carta de Antonio Candido a Pio, na folha de rosto do livro de Victor Kravchencko, *I choose freedom.* New York: Garden City Publishing Co., s/d p.159

Figura 55: Folha de guarda do livro *Analysis de plantas:* ensaio para uma botanica descriptiva, de Alberto Loefgren (São Paulo: Typographia e Papelaria de Vanorden e Co., 1905), com anotações, a tinta preta, de PLC.....p. 166

Figura 56**:** *Código Civil Brasileiro*, de 1917 (MERÊA, 1917), com anotações de PLC na folha de rosto..... p. 167

Figura 57: Nota fiscal de compra do livro *The Antiquity of man*, Sir Arthur Keith, Londres, 1929..... p. 168

Figura 58: *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Paris: Bibliotheque Charpentier, 1911. Anotação de PLC na folha rosto sobre as circunstâncias em que comprou o livro, na viagem à Europa de 1911 .....p. 175

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantidade de referências de textos *de* e *sobre* Pio Lourenço Corrêa.....p. 33

Tabela 2: Quantidade de referências de textos *de* Pio Lourenço Corrêa ..... p. 33

Tabela 3: Quantidade de referências de textos *sobre* Pio Lourenço Corrêa..... p. 34

Tabela 4: Livros da biblioteca de PLC..... p.164

LISTA DE ABREVIATURAS

AMA - Acervo Mário de Andrade

BPMMA - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP

CMA - Câmara Municipal de Araraquara/SP

CPLC - Coleção Pio Lourenço Corrêa

GEPAEFE – Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração da Educação e Formação de Educadores

IEB - Instituto de Estudos Brasileiros

MA - Mário de Andrade

PLC - Pio Lourenço Corrêa

PMA - Prefeitura do Município de Araraquara/SP

UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... 18

1.1 O objeto da pesquisa..... 18
1.2 Material e métodos para a organização desta biobibliografia 26

2 AS PEÇAS DO MOSAICO..... 39

2.1 Contexto - O tempo e o espaço da memória 39
2.1.1 A *Belle Époque* em Araraquara..... 39
2.1.2 Constituição da cidade de Araraquara e fatos biográficos de Pio Lourenço Corrêa 43

2.2 Micro-História – A formação do polímata Pio Lourenço Corrêa..... 99
2.2.1 A personalidade e os epítetos..... 99
2.2.2 O fazendeiro autodidata e polímata..... 110

2.3 A Coleção Pio Lourenço Corrêa..... 130
2.3.1 Publicações – O colecionador de palavras e a palavra preferida: "Araraquara" 132
2.3.2 Coleção de diálogos com intelectuais..... 156
2.3.3 Coleção de fichas de estudo 161
2.3.4 Coleção de livros..... 163

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 178

REFERÊNCIAS..... 184

APÊNDICE 192

A ÁRVORE GENEALÓGICA DE PIO LOURENÇO CORRÊA..... 208

B CATÁLOGO DA COLEÇÃO PIO LOURENÇO CORRÊA 209

B.1 Textos de Pio Lourenço Corrêa/ Mota Coqueiro 209
B.1.1 Livros **..... 209**
B.1.2 Periódicos **..... 262**
B.1.3 Fichas de estudo **..... 387**
B.1.4 Diálogo com intelectuais **389**
B.1.4.1 Diálogo com Mário de Andrade em dedicatórias..... **389**
B.1.4.2. Diálogo nas margens de *Amar, verbo intransitivo* (1927) **404**
B.1.4.3 Diálogo com Antonio Candido em dedicatórias **460**
B.1.4.4 Diálogo com Olivério Mário de Oliveira Pinto em dedicatórias **464**
B.1.4.5 Diálogo com Gilda de Mello e Souza em dedicatórias e fichas..... **470**
B.1.4.6 Textos avulsos em envelopes nomeados **473**

C A BIBLIOTECA DE PIO LOURENÇO CORRÊA..... 474
C.1 Catálogo de livros da biblioteca de Pio Lourenço Corrêa..... 483

D NO CAMINHO DA SAPUCAIA 533
D.1 Entrevista com Antonio Candido..... 533
D.2 Entrevista com Renato Rocha..... 560

E EXPOSIÇÃO SESC ARARAQUARA - INFINITO INTERIOR (2009) 578

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 O objeto da pesquisa

O objeto desta tese, como resultado de Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp – Câmpus de Marília/SP, na área de Filosofia e História da Educação, é a figura peculiar de Pio Lourenço Corrêa (1875-1957): seu nascimento em Araraquara/SP e as relações familiares; o período que passou estudando em São Paulo e morando na casa de Joaquim de Almeida Leite Moraes (1834-1895, seu padrinho e avô do escritor modernista Mário de Andrade, 1896-1945); seu retorno ao interior e o casamento com a sobrinha Zulmira Leite de Moraes Rocha Corrêa (1878-1959); sua formação intelectual como autodidata; seu desenvolvimento individual como polímata (termo usado por Burke, 2020, de que se tratará na seção 2 do Capítulo 2); os vários campos de estudos a que se dedicou; seu legado cultural (a Coleção Pio Lourenço Corrêa na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, de Araraquara); e sua relevância nos contextos em que atuou, notadamente nos campos da cultura e da educação, como representante de uma categoria social que expressou, por meio de sua trajetória e de suas produções, um modo peculiar de ver e conceber a vida e os processos educacionais do Brasil no final do século XIX e na primeira metade do século XX, período conhecido como *Bélle Époque*.

A pesquisa de caráter histórico com traços biográficos buscou a compreensão dos papéis cultural, político e social de Pio em sua cidade e em seu tempo. Trata-se de um homem que, tendo vivido, em certo sentido, no anonimato, cercou-se de intelectuais bastante eminentes de sua época e que atuaram em áreas principalmente de estudos de Língua e Literatura, como também da Biologia. Em sua trajetória intelectual, colecionou farto material de pesquisa em sua biblioteca particular e produziu outros tantos textos, principalmente sobre linguagem (publicados em periódicos de Araraquara, São Paulo e Rio de Janeiro) – sendo, inclusive, reconhecido em Araraquara/SP muito mais como filólogo do que como fazendeiro. Na página da *Internet* da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, de Araraquara (BPMMA – 2019), consta que, no segundo pavimento, se encontram as Salas de Acervos Especiais, onde está a:

> Sala Pio Lourenço Corrêa, [que] abriga uma parte da biblioteca particular do filólogo araraquarense Pio Lourenço Corrêa, doada à Biblioteca Municipal em 17 de julho de 1957, após seu falecimento, pela esposa Zulmira Rocha Corrêa, na gestão do prefeito Rômulo Lupo. (Grifo da pesquisadora).

O pesquisado deixou uma significativa quantidade de fichas com anotações e registros de estudos realizados, de forma bastante organizada, revelando um metódico trabalho científico, comportamento que fugia ao comum das pessoas de seu entorno (fosse do meio familiar, de ofício, classe ou condição social): a elite cafeeira do interior do estado de São Paulo.

O estudioso publicou quatro edições da *Monografia da palavra Araraquara* (1936, 1937, 1940, 1952), opúsculo em que demonstrou, por meio de pesquisa baseada em bibliografia consagrada, que o significado da palavra que dá nome à sua cidade, na linguagem indígena, era "terra do sol" ou "cova do sol" e não "terra das araras" como todos acreditavam. A cada edição, fazia revisões gramaticais e conceituais, atualizando a bibliografia.

Os demais textos autorais que publicou em jornais e revistas são esparsos e caíram no esquecimento. As fichas de pesquisa, que compõem uma espécie de enciclopédia particular, não foram ainda estudadas e, apesar de estarem resguardadas em sala especial, com acesso restrito, não há uma estrutura adequada de conservação dos papéis que, pela ação do tempo, estão fragilizados. Trata-se, portanto, de uma pesquisa interdisciplinar mas, principalmente, de caráter histórico, modalidade que, segundo Vieira *et al* (2007, p.17-18) trata de:

> [p]ensar a produção do conhecimento histórico não como aquele que tem implicações apenas com o saber erudito, com a escolha de um método, com o desenvolvimento de técnicas, mas como aquele que é capaz de apreender e incorporar essa experiência vivida, é [um modo de] fazer retornar homens e mulheres não como sujeitos passivos e individualizados, mas como pessoas que vivem situações e relações sociais determinadas, com necessidades e interesses e com antagonismos.

Foi necessário, portanto, observar todo o conjunto, bem como digitalizar alguns documentos avulsos, como as fichas, para que não se perdessem, levando consigo uma parte interessante da história da cidade de Araraquara e de seu ilustre cidadão, da história da educação no interior paulista e da história da língua portuguesa no período.

O inventário do material escrito da Coleção Pio Lourenço Corrêa - CPLC também foi necessário, pois traz esclarecimentos sobre a formação cultural de uma figura que representava a oligarquia cafeeira no interior paulista. Alguém que atuou em várias áreas do conhecimento

como autodidata, principalmente no que dizia respeito à língua portuguesa, colecionando dicionários, gramáticas, livros de linguística, atuando muitas vezes como orientador/conselheiro de Mário de Andrade no assunto. Pio Lourenço não terminou os estudos formais por conta de circunstâncias que serão apresentadas na biografia do nosso investigado, mas jamais os abandonou, o que é comprovado pelas fichas que elaborou e que se tornaram fontes primárias, documentos, aqui entendidos conforme Le Goff (2013, p. 496-497):

> [o] resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, inda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmitificando o seu significado aparente.

Como resultado da pesquisa bibliográfica inicial, foram listados quatro edições da *Monografia da palavra Araraquara*, publicadas por Pio, todas assinadas com o pseudônimo de Mota Coqueiro; 65 artigos publicados em periódicos, também assinados como Mota Coqueiro; quatro textos autógrafos publicados no *Álbum de Araraquara* (ALMEIDA, 1948, p. 26-27, 27-28 e 39-40), livro comemorativo contando a história da cidade; um depoimento de Pio para o livro *Brito: república de sangue* (TELAROLLI, 1997, p. 216-219); além de seu fichário particular, que ocupa três gavetas da escrivaninha que lhe pertenceu.

Foram pesquisados livros sobre ele, artigos em periódicos, teses, citações ou somente referências a seu nome. As publicações que citam a figura de Pio, em sua maioria, fazem referência a ele enquanto figura histórica de Araraquara, ou enquanto amigo, conselheiro e correspondente de Mário de Andrade, daí a importância de se resgatar a produção cultural do próprio Pio como uma fonte de pesquisa relevante para a compreensão da trajetória desse personagem.

Assim, a bibliografia *sobre* Pio Lourenço Corrêa foi organizada a partir de: um livro sobre a correspondência dele com Mário de Andrade (pesquisa e notas de rodapé de autoria desta pesquisadora); quatro capítulos de livros com traços biográficos; uma dissertação de Mestrado sobre a correspondência de Pio e Mário de Andrade (de autoria desta pesquisadora); onze livros em que se encontram menções a Pio; 35 textos em periódicos com menções a ele (sendo oito de Mário de Andrade); onze dissertações e teses que fazem menção a ele; um Trabalho de

Conclusão de Curso na área de Biblioteconomia; três menções a ele na correspondência de Mário de Andrade para outros destinatários.

O tema escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa foi consistente para os quatro anos de estudos para a pós-graduação em nível de doutorado, envolvendo várias áreas do conhecimento. Principalmente, está dentro da linha geral de pesquisa coordenada pela professora doutora e orientadora Ana Clara Bortoleto Nery, Filosofia e História da Educação.

Vieira et al (2007, p. 44) destacam que "a história-conhecimento é construção [...] uma representação do real e, como tal, parte do real e não o real em si mesmo". Sendo assim, acreditamos que a nossa reconstrução histórica e biográfica, mesmo que parcial, talvez seja a única possível quando se trata de uma reconstrução biográfica, fiel tanto quanto possível aos vestígios documentais do pensamento desse homem, que possa contribuir para o conhecimento da história e para a história de como o conhecimento foi percebido em determinado período em uma determinada sociedade: na sociedade cafeeira do Estado de São Paulo entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, no caso do presente estudo.

Desse modo, esta pesquisa foi uma tentativa de construir ou reconstruir a trajetória de Pio Lourenço Corrêa, como indivíduo independente da figura de Mário de Andrade, seu interlocutor mais famoso. A partir da correspondência entre ambos (objeto da pesquisa de mestrado desta pesquisadora), veio à luz essa persona até então desconhecida fora do círculo familiar, mas que, pelo seu legado intelectual, merecia atenção especial. Tratou-se de, a partir de suas fontes documentais e do seu arquivo, "realizar uma espécie de viagem ao interior do pensamento de [...] [Pio Lourenço Corrêa], e à razão de ser de ações e atitudes suas", conforme Bellotto (2008, p.201) compreende a importância do estudo de arquivos pessoais. O resultado da pesquisa de mestrado foi o ponto de partida para esta nova empreitada e, às informações conseguidas, foram acrescentadas novas investigações, tendo, agora, em primeiro plano, Pio Lourenço Corrêa, o interlocutor menos conhecido do modernista, estabelecendo, em torno desse objeto de pesquisa, o problema que norteia esta nova etapa: em que aspectos o contexto socioeconômico, os fatos da vida de Pio , seu autodidatismo e, em certo sentido, seu polimatismo, constituíram-se, nesse sujeito da história, elementos de um consórcio entre os mundos econômico e letrado, na sociedade paulista da primeira metade do século XX, aspectos que, em seu conjunto, podem ser interpretados como uma espécie de autoafirmação do capital frente à cultura por meio da ilustração, da erudição e do estudo?

Na Parte 2 - As peças do mosaico, Capítulo 1 – Contexto - O tempo e o espaço da memória, foram investigados o desenvolvimento do interior do estado de São Paulo na época de formação da cidade de Araraquara, lugar e momento em que teve início também a família de Pio (Item 1.1). Buscou-se traçar o contexto, entendido aqui como uma visão panorâmica, ampla, do tempo e do espaço em que nosso pesquisado viveu inserido. Pareceu-nos relevante buscar informações sobre o período conhecido como *Belle Époque* (final do século XIX – início do século XX) e suas influências na região do interior paulista. Tentamos compreender como se deu esse momento no continente europeu e que reverberou em nosso país, bem como compreender a penetração do ideário no ambiente interiorano e rural paulista que passava pela urbanização no período. Esse contexto é o que Burke (1992, p.10) chama de "paradigma tradicional" da abordagem histórica, que parte do macrocontexto, seguindo o tempo cronológico numa visão panorâmica, com um estudo do ambiente e das influências recebidas por Pio (Item 1.2).

Em seguida, partiu-se para a Parte 2 – Micro-história – O polímata Pio Lourenço Corrêa, com a visão do pesquisado em um enfoque mais individualizado, as influências que ele legou aos seus contemporâneos por meio de suas produções nas diversas áreas do conhecimento que têm caracteres éticos, estéticos, técnicos, políticos e, de grande importância para este trabalho, um caráter didático, também para entender como se deu sua formação cultural/intelectual (Item 2.1) até ele se tornar autodidata (como fazendeiro, naturalista, linguista, escritor e bibliófilo), o que corresponde ao estudo do microcontexto ou, no dizer de Burke (1992, p.11), à "nova história" ou "história que se interessa virtualmente por toda a atividade humana" (Itens 2.2 e 2.3).

Tais informações ajudarão os visitantes e pesquisadores a entenderem a importância da Sala Pio e Mário da Biblioteca Pública Municipal de Araraquara/SP e do acervo que ela contém (Capítulo 3). Espera-se que os resultados desta pesquisa ajudem na conscientização dos gestores da cidade de Araraquara quanto à necessidade de conservação do acervo da sala Pio e Mário da Biblioteca Municipal de Araraquara/SP, não só como espaço para visitantes, mas como espaço de preservação da memória cultural da cidade e de valorização do passado. Além disso, e em consonância com a área principal em que se insere este trabalho, espera-se que esse espaço possa ser também utilizado como um importante aparelho cultural destinado ao desenvolvimento de projetos de ensino e aprendizagem de língua, literatura e história, entre outras disciplinas, para os estudantes do município, bem como possa tornar-se um centro de pesquisas para graduandos

e pós-graduandos, tendo em vista a quantidade de rico material disponível que serve de objeto para estudos acadêmicos. Espera-se, enfim, que este trabalho contribua para que a comunidade perceba o potencial do espaço como fonte e celeiro de criação.

Após estabelecer a *persona* em seu contexto, ou seja, Pio Lourenço Corrêa na Araraquara de seu tempo, dentro do campo da micro-história foi preciso analisar as diversas atividades a que se dedicou e os diversos epítetos que, consequentemente, couberam-lhe: autodidata, letrado, bibliófilo, naturalista, linguista, filólogo e escritor. Todas essas atividades, essas áreas de interesse ou esses epítetos forneceram ao menos alguns caminhos para tratar da trajetória do sujeito, acompanhando seu desenrolar histórico em grupos sociais concretos e em espaços sociais definidos pelos mesmos grupos em suas batalhas pela definição de limites e da legitimidade social e simbólica.

Pio viveu e expressou-se entre a cidade e o campo: no ambiente urbano, nasceu e morou em Araraquara durante a infância; morou durante oito anos em São Paulo para estudos; conviveu com os parentes da metrópole, com a modernidade de Mário de Andrade; voltou a morar em Araraquara, casou-se; conheceu a Europa em longa viagem no ano de 1911. No ambiente campesino, manteve uma distância segura do mundo cosmopolita, vivendo em sua Chácara da Sapucaia, circulando pelas fazendas e pelo seu pesqueiro próximo ao Rio Mogi. Quantitativamente, viveu mais tempo na natureza e organizou criteriosamente sua vida nela, mantendo certa rigidez passadista no comportamento, no vestuário; organizando caçadas e pescarias; e aplicando seus conhecimentos nas atividades das fazendas de café e gado.

É possível estabelecer uma relação dessa figura com a personagem Jacinto, do conto de Eça de Queiroz (um dos autores preferidos de Pio, com muitas obras em sua biblioteca), "Civilização" (QUEIROZ, 1996, p.51 – 67), conto aliás que foi transformado no romance *A cidade e as serras* (QUEIROZ, 1901), publicação póstuma. Jacinto, no final da história, escolhe viver no campo em Portugal, em vez de viver em Paris, mas pede a um amigo que lhe busque as principais obras que deixara na cidade: livros de Horácio, Virgílio etc. De modo parecido agia Pio, que solicitava a Mário de Andrade, e depois da morte deste a Antonio Candido, que lhe comprassem as publicações em São Paulo, principalmente novidades no campo da língua portuguesa, bem como obras de Botânica, Zoologia, História e outras de seu interesse. Como Jacinto, Pio escolheu viver no campo uma vida rústica, mas não dispensava grandes obras de

grandes poetas e filósofos, nem o conhecimento técnico. Pio buscou, assim, o equilíbrio entre o melhor da natureza e o melhor da civilização.

Em *O campo e a cidade:* na história e na literatura (1990), Raymond Williams (1921-1988), apresenta uma análise "das diversas respostas que a literatura e o pensamento social ingleses deram, através dos séculos, a esses dois tipos de comunidade humana frequentemente contrastados" (WILLIAMS, 1990, p. 78), mostrando que não são tão polarizados assim. Tratam-se de espaços que dialogam muito mais do que se imagina, principalmente no período que está sendo estudado, momento em que o café produzido no interior paulista enriqueceu as cidades e, principalmente, a metrópole.

Pio Lourenço Corrêa, além de ser um fazendeiro e de viver da agropecuária, considerava-se um linguista, tendo lido a obra de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Em sua atividade de autodidata, pesquisou expressões e usos da língua portuguesa; fez a revisão gramatical do livro *Amar verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, publicado em 1927, justificando todas as correções com as normas gramaticais que tão bem dominava, resultado de seu autodidatismo. Mário, aliás, por meio das cartas, entre outros assuntos, consultava o "Tio Pio" sobre questões de linguagem. Pio, por sua vez, sempre deixava dinheiro com o escritor, que morava na capital, para que comprasse todos os dicionários e gramáticas que fossem publicados. Ao longo de sua atividade como linguista, Pio também escreveu, durante os anos de 1935 e 1936, a coluna "Fichas de Linguagem" para *O Imparcial*, periódico de Araraquara, bem como publicou sobre o tema em periódicos de São Paulo e Rio de Janeiro (textos completos fotocopiados e transcritos no *Volume 2 - Dossiê*).

Pio continuou estudando, sempre enriquecendo sua biblioteca com as novidades das áreas de linguagem e ciências, anotando suas pesquisas metodicamente em fichas de estudo, e aplicando em suas fazendas o que lia sobre Botânica e Zoologia, fatos que foram relatados à pesquisadora por Antonio Candido (1909-2017) em entrevista concedida em 2006 (v. *Volume 2 - Dossiê*).

Além dos móveis, de sua biblioteca individual, das fichas de estudo e das publicações que compõem a coleção, foi proprietário de várias fazendas na região de Araraquara e sua Chácara da Sapucaia (onde Mário de Andrade, em férias, redigiu a primeira versão do livro *Macunaíma*, publicado em 1928, conforme contou no prefácio da primeira edição), hoje, compõe o acervo imobiliário pertencente à Universidade Estadual Paulista - UNESP, câmpus de Araraquara/SP,

funcionando ali o *Centro Cultural Professores Waldemar e Heleieth Saffioti* (CCPWHS). Direta e indiretamente, portanto, Pio teve papel de destaque nos meios histórico, linguístico, educativo e cultural da cidade.

A amizade de Pio com Antonio Candido (1918-2017), sociólogo, professor de literatura na Universidade de São Paulo, casado com Gilda de Mello e Souza (1919-2005), prima de Mário de Andrade e sobrinha de Pio, é uma das ramificações de amizades e diálogos que o fazendeiro estabeleceu com intelectuais das mais variadas áreas, e também: o Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto (1896-1981), diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – USP; Joaquim de Almeida Leite Moraes (1835-1895), presidente da província de Goiás, professor da Faculdade São Francisco, presidente da Câmara Municipal de Araraquara e avô de Mário de Andrade; entre outros, além do próprio Mário de Andrade, diálogo mais extenso e significativo comprovado pela longa correspondência, de 1917 a 1945, já publicada (ANDRADE & CORRÊA, 2009).

Diante do exposto, o objetivo da Pesquisa de Doutorado foi, especificamente, avançar na pesquisa iniciada no mestrado e dar destaque a Pio Lourenço Corrêa, ajudando a entender a nossa realidade em relação àquele tempo, uma vez que, de acordo com Borges (1993, p. 8):

> [a] história não visa estudar o passado distante e morto, mas é a contribuição que ela pode trazer à explicação da realidade em que vivemos que nos leva a ver como fundamental sua divulgação [...]. Essa divulgação se torna importante na medida em que se acredita que a história, ajudando a explicar a realidade, pode ajudar ao mesmo tempo a transformá-la.

Para a área de Filosofia e História da Educação, pesquisar a biobibliografia de Pio Lourenço Corrêa (1875-1957) foi relevante, pois divulga sua produção intelectual, preservando a memória de um indivíduo que valorizou e buscou compreender a sua cultura por meio, principalmente, do estudo da língua e que, a seu modo, procurou refletir sobre os valores tradicionais e os modernos, valores estes em conflito no tempo em que viveu. O acervo cultural que legou à sua cidade (Coleção Pio Lourenço Corrêa) representa significativo registro de interesses e assuntos de um autodidata, representante de um modo de pensar de uma época e pode interessar a um público maior e incentivar outras áreas de investigação. A sala abriga uma coleção composta de valiosos documentos que permitem o resgate da memória e da história, tanto quanto da educação, do autodidatismo, dos métodos de estudo do intelectual sobre diversos temas e, notadamente, sobre linguagem e cultura.

Não obstante todo o capital cultural acumulado por esse personagem histórico, as fontes documentais dele e sobre ele vêm sofrendo com a ação do tempo e podem ser perdidas, com a consequente perda de uma parte da história da cidade de Araraquara/SP, da história dele e da história das ideias circulantes, documentada por meio dos vestígios das relações que estabeleceu com vários intelectuais da época. Considerando todas essas atividades desenvolvidas por Pio, a eleição dessa figura como objeto de pesquisa é relevante não só para a história, mas também para uma reflexão sobre a história da educação e até sobre a autoeducação.

O objetivo geral que se pretende atingir com esta pesquisa é: estabelecer a biobibliografia do polímata araraquarense Pio Lourenço Corrêa: fazendeiro, bibliófilo, autodidata, naturalista, filólogo e escritor e, mais especificamente:

a) analisar o processo de formação cultural/intelectual do pesquisado como autodidata e de como se constituiu como polímata;
b) compreender a contribuição dele por meio da análise do acervo bibliotecal que constituiu ao longo de sua vida;
c) divulgar os diálogos que estabeleceu com intelectuais renomados de sua época (comprovados por dedicatórias em livros, anotações e cartas do acervo);
d) redigir a biobibliografia do pesquisado.

1.2 Material e métodos para a organização desta biobibliografia

O ponto de partida teórico para pesquisar, organizar e apresentar a biobibliografia de Pio Lourenço Corrêa (1875-1957) foi o texto de Pierre Bourdieu (1930-2002): “A ilusão biográfica” (2006), e o diálogo que Schwarcz (2013) e Dosse (2015) estabeleceram com ele. Bourdieu faz reflexões sobre as dificuldades que se pode encontrar ao “investigar” a vida de alguém, as falácias que podem ser cometidas e como é fácil cair no reducionismo ao considerar-se a vida como um “todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto” (BOURDIEU, 2006, p. 184).

Todo pesquisador/historiador que se propõe a estabelecer uma biografia precisa fazer escolhas ao conduzir o trabalho e o texto. A escolha mais comum e que parece dar um sentido lógico para os acontecimentos biográficos é seguir a cronologia, num trabalho retrospectivo,

registrando o que o pesquisado/investigado realizou, mas também tem um movimento prospectivo, no sentido de mostrar a importância dele na atualidade, bem como para as gerações futuras, quando ocorre a divulgação dos resultados. Tal sequência cronológica, porém, cria uma impressão "ilusória e artificial de sentido" (BOURDIEU, 2006, p. 184 -185) fechado e fixo, o que significa, muitas vezes, a necessidade de aproximar e rearticular documentos e fatos de diferentes períodos estabelecendo correlações entre os diferentes momentos em que foram produzidos e aspectos essenciais, mais atemporais, da visão do mundo do sujeito que os produziu, ou seja, analisá-lo nas circunstâncias em que foram construídos e para além delas.

Schwarcz (2013, p. 54) aponta o risco das polarizações ao se estudar a biografia de um indivíduo:

> [...] em tempos mais recentes, a relação entre biografia e história acabou por inserir-se em um conjunto mais vasto de contraposições que opõe indivíduo a sociedade; individual a coletivo; social a particular; estrutura a contexto; ação individual a ação coletiva. Nessa rede de dualidades tensas, oscilamos entre ver o personagem como apenas a reiteração de impasses sociais e ligados a seu grupo, ou, ao contrário, em buscar nele um caso único, particular e afeito a uma memória de si.

Em seguida, a autora analisa a posição de Bourdieu, propondo o conceito de "trajetória":

> [...] para Bourdieu, o conceito de "trajetória" implicaria objetivar as relações entre os agentes, sem deixar de lado suas forças em campo. Dessa maneira, e de forma diferente das biografias mais consagradoras, a trajetória procuraria descrever posições simultaneamente ocupadas em sucessivos campos de força: tanto individuais como "em relação" a demais grupos sociais em concorrência. (SCHWARCZ, 2013, p. 57)

Trata-se de considerar o indivíduo sem desconsiderar o meio em que ele atua, ou seja, as forças centrípetas e centrífugas em sua trajetória.

Bourdieu, continuando sua reflexão, insiste em que o nome que identifica a pessoa e a institui como indivíduo, a assinatura que está nos documentos civis, sociais, jurídicos, religiosos, profissionais etc., que pode parecer algo definitivo, "não pode descrever propriedades nem veicular nenhuma informação sobre aquilo que nomeia" ou "só pode atestar a identidade da personalidade [...] à custa de uma formidável abstração" (BOURDIEU, 2006, p. 187). Acredita-se, porém, que essa abstração, se produzida com método, possibilitará encontrar um caminho, ainda que incompleto ou imperfeito, para contar uma história de vida. Como diz Schwarcz (2013, p. 57):

> [...] sem abrir mão da singularidade do sujeito, sua trajetória social representa a compreensão de um desfecho singular, dentro de um espaço social, preenchido por disposições de "habitus", que vão sendo sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou um grupo de agentes relacionados. No limite, para Bourdieu, a biografia independe do indivíduo, já que muitas vezes esse tem pouca consciência do campo de forças em que opera ou dos sentidos de sua ação. Eventos biográficos são acontecimentos que fazem parte de um fluxo social mais vasto – deslocamentos dentro de diferentes estados do campo social; relações entre capital econômico e capital simbólico.

Diante dessas colocações, tanto de Bourdieu quanto de Schwarz, e da certeza das lacunas que certamente restarão ao final da pesquisa, parece adequado apresentar a pessoa/persona, os fatos da vida, as realizações, o material que deixou, como uma "rapsódia, heterogênea e disparatada de propriedades biológicas e sociais em constante mutação" (BOURDIEU, 2006, p. 187). Mário de Andrade, amigo de Pio, aliás, empregou o termo rapsódia para qualificar sua obra de ficção *Macunaíma* (1928), obra em que costurou lendas, mitos, casos, personagens, falas, músicas, folclore e outras manifestações da cultura brasileira.

O termo rapsódia, na origem, designava um trecho de poema épico, recitado pelo rapsodo, o amarrador de mitos, como foi Homero ao compor suas epopeias *Ilíada* e *Odisseia*. Na música, o termo refere-se a uma peça musical de forma livre, com processos de composição improvisados. A metáfora de uma rapsódia autobiográfica é significativa neste trabalho porque a composição da biografia de Pio será construída a partir da costura dos diversos registros, objetos, testemunhos dele e sobre ele num processo nem sempre cronológico, mas guiado pela interação desse personagem com o seu campo social.

O propósito de registrar e divulgar a vida de Pio não é o mesmo que o escritor modernista tinha ao escrever sobre o seu "herói sem caráter", mas guardadas as devidas proporções, na visão do teórico Bourdieu, parece que a rapsódia, termo emprestado da música clássica, que equivale ao *pot-pourri* (francês) ou o termo mais atual *medley* (inglês) da música popular (HOUAISS, 2001, p.2274), ou seja, a junção de trechos de várias músicas em uma só execução. Para construir uma biografia parece um método mais verdadeiro e maleável, pois trata-se de costurar uma série de eventos ou fatos em uma mesma narrativa, fazendo as transições entre eles de forma menos abrupta e mais harmônica, ainda que persistam as lacunas, pois "o indivíduo, a pessoa, o eu, [é] 'o mais insubstituível dos seres'" (BOURDIEU, 2006, p. 191,

citando, entre aspas, a frase do escritor francês André Gide, 1869-1951 (GIDE *apud* BOURDIEU, 2006, p. 191).

Ainda no campo das reflexões sobre qual a melhor forma de compor uma biografia, buscamos François Dosse (1950), na obra *O desafio biográfico:* escrever uma vida (2015), em que o autor reconhece o gênero como "híbrido" ou "impuro", pela quantidade de variantes ou de elementos que não se consegue abarcar, dedicando todo o primeiro capítulo, intitulado "A biografia, gênero impuro" (p.55-122), a essa discussão. Em seguida, apresenta quatro capítulos sobre as modalidades de abordagem biográfica que foram surgindo no decorrer da história da humanidade e que, de certa forma, coexistem ainda na atualidade: "A idade heroica" (capítulo 2, p.123-193), quando o gênero biográfico surgiu na Antiguidade e "prestou-se ao discurso das virtudes e serviu de modelo moral edificante para educar, transmitir os valores dominantes às gerações futuras" (DOSSE, 2015, p.123), abordagem que desperta ainda o interesse do público leitor; "A biografia modal" (capítulo 3, p. 195-228), que "visa, por meio de uma figura específica, ao tipo idealizado que ele encarna. O indivíduo, então, só tem valor na medida em que ilustra o coletivo" (DOSSE, 2015, p. 195), ou seja, alguém que se destaca e pode servir de retrato de um grupo; e "A idade hermenêutica" (capítulos 4 e 5, p. 229-359), quando os historiadores nos "tempos atuais são mais sensíveis às manifestações da singularidade, que legitimam não apenas a retomada de interesse pela biografia como a transformação do gênero num sentido mais reflexivo" (DOSSE, 2015, p.229). Esta terceira categoria, por sua vez, o autor subdivide em duas outras, abordando "I - A unidade dominada pelo singular" (capítulo 4, p. 229-296), em que, em tempos modernos, resgata-se o valor do sujeito histórico de forma reflexiva, o que estimula a retomada do gênero biográfico; e "II-A pluralidade das identidades" (capítulo 5, p. 297-359), em que o relato biográfico é tensionado pela pluralidade contida em qualquer ser humano. O capítulo 6 da obra de Dosse é dedicado a "A biografia intelectual" (p. 361-403), em que o autor reconhece que "o gênero biográfico não abarca unicamente homens de ação, mas cada vez mais os escritores, os filósofos e todos os homens de letras, que se tornam assim objetos de curiosidade e de exercício biográfico", pois "o homem de ideias se deixa ler por suas publicações, não por seu cotidiano" (DOSSE, 2015, p.361).

Uma tentativa de reconstrução biográfica da trajetória de Pio Lourenço Corrêa parece enquadrar-se na categoria que é tema das biografias hermenêuticas, talvez por sua singularidade e, mais especificamente, por ser um homem de identidades plurais, uma vez que manteve

contato tanto com o mundo técnico-científico de seu tempo quanto com o mundo das letras; tanto com os seus conterrâneos da fazenda quanto com os intelectuais da cidade; ele tem várias identidades ou papéis sociais: de pai (para Mário de Andrade); de dono de terras, proprietário rural um tanto feudal em certos costumes (que apresentaremos mais adiante) e progressista em outros costumes (o fato de estar sempre procurando novas técnicas para o manejo da fazenda); de linguista *avant la lettre* que, ao mesmo tempo aceita as novidades linguísticas de Mário e não as digere muito bem etc...

A obra traz ainda o texto "Ilusão biográfica?" (DOSSE, 2015, p. 208-214), em que o autor dialoga com o artigo de Pierre Bourdieu (2006). Dosse questiona a visão um tanto radical de Bourdieu sobre a quase "impossibilidade" de se estabelecer a biografia de alguém pela intangibilidade de um indivíduo, pois todo processo seria bastante redutor, relativizando tal postura e apresentando algumas possibilidades ao historiador que deseja abraçar essa empreitada.

Em alternativa ao termo "rapsódia", Dosse propõe o termo "mosaico", extraído do sociólogo Howard S. Becker (1928), "para compreender e resgatar o campo do possível" (2015, p. 211), ou seja,

> podendo o método biográfico ser concebido como uma peça a acrescentar à montagem de um mosaico: "A imagem de um mosaico é útil para se refletir sobre esse empreendimento científico. Cada peça juntada ao mosaico enriquece um pouco mais nossa compreensão do conjunto do quadro" (BECKER, 1986, p. 62-62, *apud* DOSSE, 2015, p. 211-212).

O mosaico não é só uma justaposição de peças (ou "amarração" como pode acontecer na rapsódia), mas cada peça completa outras e todas juntas vão definindo, completando uma figura ou imagem, valorizando "a heterogeneidade e a singularidade das combinações pessoais" (DOSSE, 2015, p. 212), como acontece também na montagem de um quebra-cabeça.

Avançando na busca das bases teóricas para esta empreitada, foi necessário considerar o gênero biográfico como "híbrido ou impuro", pois foi não foi possível registrar os fatos da vida de Pio Lourenço deslocados do aspecto histórico/historiográfico, impossibilidade explicada por Michel de Certeau (2017, p. XIII), uma vez que

> [a] historiografia (quer dizer "história" e "escrita") traz inscrito no próprio nome o paradoxo – e quase o oximóron – do relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso. Ela tem a tarefa de articulá-los e, onde esse laço não é pensável, fazer *como* se o articulasse. [...] Que aliança é essa entre escrita e *história*? [Grifos do autor.]

Na área da história/historiografia também aparece, atualmente, o questionamento sobre a dificuldade de abarcar os fatos, ocorrendo sempre lacunas que, muitas vezes, são necessariamente preenchidas pelo historiador, o que nos leva de volta à expressão "mosaico" que, neste caso, é amalgamado pelo pesquisador.

Certeau sugere um caminho para a busca das peças desse quebra-cabeça, um método mais abrangente de investigação que considera não somente como documentos a primazia dos textos impressos, mas outras fontes da pesquisa, afirmando que

> [e]m história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. Essa nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar esses objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Esse gesto consiste em "isolar" um corpo, como se faz em física, e em "desfigurar" as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto proposto *a priori*. Ele forma a "coleção". [...] O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente. E o vestígio dos atos que modificam uma *ordem* recebida e uma visão social. [...] É necessária aí uma operação técnica. (CERTEAU, 2017, p. 69-70)

O gênero em que se pretendeu registrar esta pesquisa biobibliográfica é uma tese resultante de uma investigação cujo objetivo não está centrado no indivíduo enquanto alguém que foi uma grande celebridade, mas um homem que fez parte, por assim dizer, da história do cotidiano de uma cidade do interior e que soube, desse espaço geográfico relativamente afastado dos grandes centros, em um tempo em que as comunicações eram mais difíceis, inserir-se no mundo letrado da época não só porque tinha parentes letrados, mas também porque tinha interesse pelo estudo, senso crítico, espírito empreendedor e iniciativa de autodidata.

Pio Lourenço Corrêa deixou textos impressos, objetos (livros anotados, recortes de jornais, dedicatórias, cartas), bem como fichas de estudo manuscritas. Apesar de esta pesquisa não abranger a análise integral de toda a coleção, foram selecionados, primordialmente, documentos que têm conteúdo representativo de cada face de Pio, uma vez que há documentos que são apenas anotações esparsas de nomes, palavras, ideias ou de atividades do dia a dia que se, em seu conjunto, constroem algum sentido, isoladamente, enquanto conteúdo, não revelam a atuação intelectual de Pio, seus pensamentos, seu polimatismo etc. Deve-se considerar, ainda, que a escolha dos textos a serem comentados é sempre subjetiva e também faz parte do trabalho

de redistribuição e de produção do material pelo historiador, conforme disse Certeau (2017, p. 67-69). Foi pertinente interrogar essas fontes para uma busca de informações que agregassem sentido à história de sua vida. A investigação do espólio teve o sentido ainda de analisar a contribuição cultural de seu autor ao legado por ele constituído, bem como o de buscar indícios sobre o processo de autoformação, tal qual veremos mais adiante. Novamente, empregando as palavras de Certeau (2017, p.73): "[a] transformação do arquivístico é o ponto de partida e a condição de uma história nova".

Pensando ainda nesses objetos/textos/documentos, explicam Vieira et al (2007, p. 10-11) que:

> [r]ecuperar a totalidade é fazer com que o objeto apareça no emaranhado de suas mediações e contradições; é recuperar como este objeto foi constituído, tentando reconstituir sua razão de ser ou aparecer a nós segundo seu movimento de constituição, do qual fazem parte o pesquisador e sua experiência social, em vez de determiná-lo em classificações e compartimentos fragmentados. [... É] situar a história como um campo de possibilidades.

Não é possível pensar em Pio ou em sua vida sem considerar sua coleção, justamente porque queremos divulgar quem deu origem àquele acervo cultural que se pode observar através das paredes envidraçadas do recinto da biblioteca em que estão arquivados; quem foi a figura histórica da cidade.

O material é inédito, pois não foram encontrados estudos específicos sobre este objeto de pesquisa, nem havia ainda a organização dos textos esparsos de Pio Lourenço Corrêa, assim este trabalho foi realizado em memória e pela obra de uma personalidade ímpar: reunir e divulgar documentos de uma parte da história da cidade de Araraquara/SP, de um momento importante da Educação e da Cultura brasileiras, bem como dos estudos da língua portuguesa.

Apresenta-se, na Tabela 1, a quantidade total (136) de referências *de* (70) e *sobre* (66) Pio Lourenço Corrêa e as quantidades respectivas a cada seção.

Tabela 1: Quantidade de referências de textos *de* e *sobre* Pio Lourenço Corrêa

Seção	**Quantidade de referências por seção**
1-Bibliografia *de* Pio Lourenço Corrêa sob pseudônimo de Mota Coqueiro e sem pseudônimo	70
2-Bibliografia *sobre* Pio Lourenço Corrêa	66
TOTAL	**136**

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Na Tabela 2, apresenta-se a quantidade de referências *de* Pio Lourenço Corrêa (70) distribuídas em duas seções: a produção assinada sob o pseudônimo de Mota Coqueiro (66) e a produção assinada com seu próprio nome (4). Dentro destas seções, foram consideradas subseções: no primeiro caso, do total de 66 referências, há 4 edições de um mesmo livro e 65 textos publicados em periódicos; no segundo caso, há 4 textos de colaboração em livros e incluídas suas fichas de estudos (7232 imagens de fichas, algumas com frente e verso preeenchidos).

Tabela 2: Quantidade de referências de textos *de* Pio Lourenço Corrêa

Seção	**Quantidade de referências por seção**
1 Bibliografia *de* Pio Lourenço Corrêa sob pseudônimo de Mota Coqueiro	66
1.1 Livro	1 (4 edições)
1.2 Textos em periódicos	65
2 Bibliografia *de* Pio Lourenço Corrêa sem uso de pseudônimo	4
2.1 Colaboração em livros	4
Fichas de estudos	7232
TOTAL	**7302**

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Na Tabela 3, apresenta-se a quantidade de referências *sobre* Pio Lourenço Corrêa (66), discriminadas em 7 subseções: livro (1), dissertação de mestrado (1), capítulos de livros (4), textos com menções a ele em livros (11), textos com menções a ele em periódicos (35), menções a ele na correspondência de Mário de Andrade com outros destinatários (3) e menções a ele em dissertações e teses (11).

Tabela 3: Quantidade de referências de textos *sobre* Pio Lourenço Corrêa

Seção	**Quantidade de referências por seção**
1 Bibliografia *sobre* Pio Lourenço Corrêa	66
1.1 Livro	1
1.2 Dissertação de mestrado	1
1.3 Capítulos de livros	4
1.4 Textos com menções a Pio Lourenço Corrêa em livros	11
1.5 Textos com menções a Pio Lourenço Corrêa em periódicos	35
1.6 Menções na correspondência de Mário de Andrade a outros destinatários	3
1.7 Menções em dissertações e teses	11
TOTAL	**66**

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

A pesquisa demandou, pois, um levantamento de acontecimentos históricos, econômicos, sociais, culturais e educacionais do período (entre nascimento e morte de Pio, 1875 a 1957), além de um levantamento da história da cidade de Araraquara/SP, para situar Pio nesse contexto, bem como um levantamento de fatos biográficos de Pio; e um estudo para entender como se deu sua formação cultural/intelectual até ele desenvolver o autodidatismo e tornar-se uma espécie de polímata: naturalista, linguista, bibliófilo e escritor, (uma pesquisa voltada para questões individuais).

A análise ou investigação documental desta pesquisa buscou, ainda, em consoante às ideias de Jacques Le Goff (2013, p. 485),

> considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; e, para além disso, inseri-los nos conjuntos formados por outros monumentos: os vestígios da cultura material, os objetos da coleção[...]. Enfim, tendo em conta o fato de que todo documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso [...], trata-se de pôr à luz as condições de produção [...] e de mostrar em que medida o documento é instrumento de um poder (cf. poder/autoridade).

O documento/monumento, ainda segundo Le Goff (2013, p.495): "não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder", por isso apresentam-se como indícios da dinâmica social contemporânea ao objeto de nossa pesquisa, da trajetória de Pio Lourenço, uma vez que, segundo Schwarcz (2013, p. 57):

> [...][os documentos] fornece[m] ao menos alguns caminhos para tratar da trajetória de sujeito, acompanhando seu desenrolar histórico em grupos sociais concretos e em espaços sociais definidos pelos mesmos grupos em suas batalhas pela definição de limites e da legitimidade social e simbólica.

Ainda segundo Le Goff (2013, p. 496-497)," [o] documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram". Assim, foi relevante pesquisar a Coleção Pio Lourenço Corrêa – CPLC destacadamente os documentos escritos, pois assumem caráter de "testemunho escrito" (LE GOFF, 2013, p. 486):

> [o] documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. (LE GOFF, 2013, p.497)

Alguns desses objetos/documentos/monumentos mais frágeis foram fotografados ou fotocopiados, respeitando-se a melhor forma de preservá-los, como exemplos ou testemunhos do trabalho intelectual de Pio. Para a leitura e compreensão do testemunho que essas imagens fornecem, buscamos apoio em Peter Burke (1937), principalmente em sua obra *Testemunha ocular* (2017), em que adverte o leitor sobre os perigos ou falácias que também podem enganar o pesquisador/historiador. As imagens precisam ser interrogadas ou analisadas com cuidado, pois podem apresentar "distorções", mas

> [...]o processo de distorção é, ele próprio, evidência de fenômenos que muitos historiadores desejam estudar, tais como mentalidades, ideologias e identidades. A imagem material ou literal é uma boa evidência da "imagem" mental ou metafórica do eu ou dos outros. (BURKE, 2017, p. 50)

As imagens dos livros anotados, os recortes de jornal de textos publicados, as fichas de estudos manuscritas, as fotos, com certeza ajudaram no "mosaico" que se almejou compor, porque tratados ou considerados com muito cuidado e olhar crítico.

Mais um aspecto analisado nesta pesquisa foi o papel dos intelectuais na escrita da história, a relevância da divulgação de sua biografia, sua colaboração na história cultural de um determinado lugar ou tempo. Para tanto, buscamos apoio em Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli, organizadores de *Para uma história cultural* (1998), obra em que se analisa as várias fases da humanidade e suas respectivas produções culturais, a importância dos intelectuais na produção e no registro histórico da cultura. No capítulo "Social e cultural indissociavelmente", Antoine Prost (1933) analisa, por exemplo, a relação do individual com o coletivo no âmbito da cultura:

> [s]ó existe cultura partilhada, pois a cultura é mediação entre indivíduos que compõem um grupo. É o que estabelece entre eles comunicação e comunidade. Mas a cultura é também mediação entre o indivíduo e a sua experiência; é o que permite pensar a experiência, dizê-la a si mesmo dizendo-a aos outros. (RIOUX & SIRINELLI, 1998, p. 135).

No capítulo "As elites culturais", o próprio Sirinelli (1949, p. 260) analisa a abrangência desse campo de estudos e afirma: "[...] as elites culturais não são o domínio exclusivo do historiador – nem, aliás, domínio reservado de qualquer outra das ciências humanas ou sociais. Elas estão colocadas, legitimamente, sob o olhar cruzado de várias disciplinas". O campo de significados para os termos "intelectual", "cultural" e "elite" sofreu alterações no decorrer da história. Da valorização da figura dos heróis à valorização de grandes homens de ação, atualmente, temos a grande valorização dos homens que trabalham com ideias, pensadores, intelectuais que despontam em variadas áreas.

Pio Lourenço Corrêa atuou em diversas áreas, destacando-se notadamente como linguista/filólogo autodidata, sendo responsável pela coluna "Fichas de linguagem", no jornal *O Imparcial* de Araraquara, notadamente nos anos de 1935 e 1936, além de ser um leitor e estudioso que tinha por hábito fazer anotações nas margens dos livros, como também procedia Mário de Andrade. Para compreender esta prática, foi importante buscar apoio teórico em Pierre

Bourdieu, na obra *Coisas ditas* (2004), o capítulo “Leitura, leitores, letrados, literatura” (p.134-148), em que analisa o ato de ler, como se desenvolve o hábito da leitura, além de estabelecer e comentar os conceitos e a função dos filólogos.

Para complementar o estudo de Bourdieu, consultamos *Linguagem, indivíduo e sociedade:* história social da linguagem (1993), organizada por Peter Burke e Roy Porter. A obra, com vários colaboradores, é dividida em três partes: “Línguas autoritárias”, “Linguagem e autoridade social” e “Significado e indivíduo”. Os títulos são bastante indicativos do conteúdo desses capítulos, que tratam de demonstrar o poder da linguagem, analisar as diferentes dimensões da linguagem falada e da linguagem escrita, bem como compreender a linguagem como um elemento constitutivo de poder.

Outro aspecto importante para investigar nesta pesquisa foi o hábito de fichar as leituras e os temas estudados, método adotado por Pio Lourenço Corrêa. Fichar não foi uma prerrogativa dele. É um método de estudo que pode ser analisado mais como uma forma de estudar os temas em profundidade, não só passando pelas informações, mas selecionando-as, recortando-as com a intenção de, a partir delas, produzir outros bens culturais. Essa prática talvez tenha sido pela intenção de produzir conhecimento mais do que acumulá-lo para reproduzi-lo em situações sociais. O fichamento era uma prática comum na época e é ainda hoje, mesmo que feito eletronicamente.

O que distingue o fichamento de Pio é o fato de ele ter deixado essa herança intelectual em seus registros. Podemos pensar também que muitas pessoas fizeram fichamentos, mas não com o mesmo método de Pio. Esse método pode apontar para dois pontos: o caráter idiossincrático dele, que se reflete em outras ações de sua vida (como veremos em alguns casos mais adiante); e/ou a aspiração a ser um reconhecido produtor de conhecimento, de cultura, mais que um produtor de café e as fichas são, então, esse legado do fazendeiro que virou pesquisador ou do pesquisador que emergiu do fazendeiro.

Sobre o significado e a importância dessas fichas de estudo, encontramos algumas reflexões de André Leroi-Gourhan (1911-1986) em *O gesto e a palavra,* volume 2 - “Memória e ritmos” (2002). Encontramos também algumas reflexões sobre o método de fichamento em *O trabalho intelectual* – Conselhos para os que estudam e para os que escrevem (2018), de Jean Guitton (1902-1999).

Quanto à análise dos resultados da pesquisa, foi feita por meio da quantidade e da qualidade de informações reunidas para compor a biografia e o acervo bibliotecal de Pio Lourenço Corrêa, ou seja, da quantidade e da qualidade das peças conseguidas para completar o "mosaico". Quanto menor o número de lacunas e de interferência da historiadora ao final do texto, melhor terá sido o trabalho na condução da pesquisa. Os esforços foram concentrados, em grande parte, em determinar "como" fez Pio Lourenço Corrêa, como conduziu sua vida e suas ações, mas ao analisar esses aspectos, a partir dos "modos" do fazer desse personagem, talvez tenhamos conseguido também chegar a alguns dos seus "porquês".

A pesquisa está apresentada em 2 volumes: um para apresentação teórica e análises (voltado para aspectos biobibliográficos), ou seja, a tese propriamente dita; e o segundo como um catálogo da coleção (textos publicados em periódicos, com fotocópia e transcrição; fichas de estudos, imagens e títulos; documentos que comprovam o diálogo de Pio com outros intelectuais; transcrição de entrevistas feitas pela pesquisadora; fotografias; documentos escaneados; lista de livros colecionados), ou seja, os documentos/monumentos comprobatórios do trabalho desenvolvido pelo nosso pesquisado.

2 AS PEÇAS DO MOSAICO

2.1 Contexto – O tempo e o espaço da memória

2.1.1 A *Belle Époque* em Araraquara

A *Belle Époque*, período vivido por Pio Lourenço Corrêa, é um termo francês que significa literalmente "bela época", trata-se de um período que se inicia, no continente europeu, nas últimas décadas do século XIX, mais precisamente por volta de 1870, e que termina com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Trata-se, ainda, de um período ambivalente, pois por um lado foi uma bela época por causa dos desenvolvimentos técnico, tecnológico, da aceleração e do movimento, da modernidade que estava se aproximando para os mais jovens; por outro lado, para os mais experientes, representou a necessidade de se manter um certo conservadorismo dos valores frente a um mundo cambiante.

José Paulo Paes (1985, p. 67) afirma que a *Belle Époque* foi

> um longo interregno de paz que se estendeu de 1870 até a Primeira Guerra Mundial e durante o qual prosperou uma rica sociedade burguesa, brilhante e fútil, amante do luxo, do conforto, dos prazeres em cujas camadas mais cultas os artífices do *art nouveau* encontram os seus clientes de eleição.

A *Art Nouveau* ou Arte Nova ficou bastante evidenciada na arquitetura do período por sua exuberância de formas e materiais, com linhas sinuosas e desenhos em formatos de folhagens. A decoração dos ambientes ganhou bastante atenção, com móveis e objetos que refletissem as inovações da sociedade industrial, principalmente nos quesitos luxo e exotismo (IMBROISI & MARTINS, 2022).

Gilberto Mendonça Teles (1987, p.39) analisa as polaridades da época, sob outro ponto de vista, destacando principalmente a questão estética:

> por um lado[...] o culto à modernidade, resultado das transformações científicas por que passava a humanidade; e, por outro, consequência do esgotamento de técnicas e teorias estéticas que já não correspondiam à realidade do novo mundo que começava a desvendar-se.

O grande centro cultural do período e que influenciou outras nações e culturas foi Paris. O barão Georges Eugène Haussmann (1809-1891), baseando-se "em três ideais modernizadores – higienização, embelezamento e racionalização" (FOLLIS, 2004, p.24), promoveu uma grande

reforma urbana na capital francesa, de 1853 a 1869, autorizado pelo imperador Luís Napoleão ou Napoleão III (1808-1873). Muitos prédios antigos foram demolidos, a cidade perdeu seu traçado medieval e ganhou amplas avenidas, sistema de esgoto, construções neoclássicas suntuosas, parques e jardins monumentais. O fluxo de pessoas, mercadorias e meios de transporte ficou descongestionado; as construções mais amplas e distanciadas entre si promoveu melhor circulação de ar e maior incidência de sol, diminuindo a propagação de epidemias; normas mais rigorosas de higiene foram estipuladas; a ligação entre os subúrbios e o centro ficou mais rápida; as classes menos favorecidas foram impelidas a morar nos subúrbios, política que as distanciou dos centros de poder e enfraqueceu possíveis focos revolucionários da classe trabalhadora, contribuindo para a melhoria da segurança pública, segundo a visão de seu idealizador. Além dos citados quesitos práticos, havia também a preocupação com a beleza. A cidade precisava "impressionar por sua beleza" (FOLLIS, 2004, p. 26).

Essa reestruturação da cidade de Paris causou grande impacto e admiração, bem como passou a servir de modelo para várias outras cidades ao redor do mundo, inclusive para as metrópoles brasileiras, ainda que de forma mais modesta e lenta. A modernização das cidades brasileiras começou pelo Rio de Janeiro, nossa então capital federal e, por volta de 1870, também chegou a São Paulo: ruas mais largas; lampiões a querosene da iluminação pública substituídos por iluminação a gás e, um pouco depois, luz elétrica; sistema de água e esgotos modelar. Também "os centros urbanos emergentes do Oeste Paulista, beneficiados pela riqueza proveniente da cultura cafeeira e pela chegada da ferrovia, também passaram por um processo semelhante, não obstante caracterizado por suas peculiaridades" (FOLLIS, 2004, p.31). Ainda segundo Follis (2004, p.15):

> A *Bélle Époque* se caracteriza pela expressão do grande entusiasmo advindo do triunfo da sociedade capitalista nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, momento em que se notabilizaram as conquistas materiais e tecnológicas, ampliaram-se as redes de comercialização e foram incorporadas à dinâmica da economia internacional vastas áreas do globo antes isoladas. Época marcada pela crença de que o progresso material possibilitaria equacionar tecnicamente todos os problemas da humanidade.
>
> Nesse contexto, as cidades assumiram redobrado valor como *locus* da atividade civilizatória, espaço privilegiado para usufruir o conforto material e contemplar as inovações introduzidas pela modernidade. Para isso, as cidades precisavam renovar suas feições de modo a se mostrarem modernas, progressistas e civilizadas. As cidades modernizadas constituíram então a maior expressão do progresso material e civilizatório de um período que se convencionou chamar de *Belle Époque.*

Araraquara também refletiu a necessidade de modernização à moda parisiense. Segundo Benincasa (2003, p. 12), a descrição da cidade de "Araraquara, em um artigo do jornal *Correio de São Carlos*, assemelhava-se a *uma senhorita perfumada, cheirando a jasmim*:", e transcreve o trecho do periódico:

> (...) é por assim dizer, uma cidade feminina. Com suas ruas bem calçadas, estreitas, ornadas quasi todas de arvores copadas, tem o aspecto duma cidade jardim. Possuindo a Esplanada das Rosas, em torno da qual estão situados todos os principais prédios da cidade, Araraquara dá a ideia duma cidade tipicamente provinciana, onde o fator distancia não existe, e se póde ir ao cinema, ao clube, à igreja, à escola e voltar ao hotel sem dar mais de meia dúzia de passos... Tudo isso proporciona àquela linda cidade paulista um ambiente por assim dizer familiar e carinhoso. É como si toda a "urbs" não passasse duma sala de visitas enfeitada. (*Correio de São Carlos*, São Carlos, 15 de janeiro de 1939. Apud: TRUZZI, Oswaldo. S/d, p.202-203). (sic)

As marcas estéticas da *Belle Époque* em Araraquara, nos moldes do que ocorreu na capital do estado, ficaram registradas no Teatro Municipal da cidade, localizado onde hoje está a prefeitura, acompanhado do Clube Araraquarense e do Hotel Municipal:

> [c]onstruído no estilo Mourisco, o Teatro de Araraquara tinha as mesmas formas arquitetônicas do prédio da Ópera *Garniere*, de Paris, construída na época do Barão de Hausmann. Sua iluminação, pela quantidade de lâmpadas, beleza do material e sua distribuição, era considerada deslumbrante. Os lustres eram riquíssimos. O mobiliário, com tapeçarias e cenários importados, era distribuído entre 22 camarins, dois salões para coristas, gabinetes e jardins. Contava ainda com grades, bar, gabinetes, salões, um assoalho móvel acionado por através de um sistema hidráulico localizado em seu porão, e ventiladores elétricos, que formavam um conjunto magnífico. (*O Imparcial*, 2018, *site* oficial do periódico).

Incluiu-se uma imagem do conjunto arquitetônico citado para a demonstração da influência da arquitetura francesa na cidade.

Figura 1: Conjunto arquitetônico em Araraquara: Teatro Municipal, Clube Araraquarense e Hotel Municipal (foto do início dos anos de 1960).



"A 'nova' Araraquara contava com o antigo teatro (atual prefeitura), antiga sede social do Clube Araraquarense e o Hotel Municipal (ao fundo). (Foto: Reprodução)."

Fonte: COSTA, 2015, p.93.

Em Corrêa (2008, p. 152), encontra-se o seguinte comentário:

> O Clube Araraquarense foi fundado em 1882 para atender aos interesses das famílias araraquarenses para as quais já não bastavam as reuniões familiares ou as reuniões religiosas. Criado com finalidade recreativa, era o clube a institucionalização da classe dominante da cidade, formada naquela altura pelo setor agrário-financeiro da vila. Oferecia a um grupo a oportunidade de preencher uma parte do tempo livre em divertimentos com os jogos lícitos. A oferta de recreação estendia-se aos jovens da família. Uma vez por mês, havia baile. Serviam chá com sequilhos. Não se permitia a entrada de moças com trajes excessivamente elegantes. A vestimenta deveria guardar uma certa sobriedade.

O clube, uma instituição indicativa de modernidade, era mantido pela elite cafeeira que estabelecia as regras de seu funcionamento e, pela descrição anterior, nota-se o conservadorismo, principalmente no quesito da vestimenta feminina, além do chá servido, de tradição inglesa.

Há outros registros do processo de modernização da cidade:

> [o]s homens ilustres se uniram, traçaram planos, se cotizaram e começaram, carinhosa e decididamente, a trabalhar a construção do sonho. O trabalho, efetivamente, começou com o Sr. Major Pio Corrêa de Almeida Moraes, Prefeito de Araraquara entre os anos de 1906 e 1907. Mas foi a partir de 15 de janeiro de 1908, quando assumiu o Sr. Américo Danielli (1908-1910), que os homens que planejaram a nova cidade colocaram, definitivamente, o plano em prática. Nascia a Nova Araraquara. (*O Imparcial*, 2018, *site* oficial do periódico).

Todas essas transformações urbanas e melhorias foram patrocinadas pela economia cafeeira, estenderam-se também às sedes das fazendas e os proprietários mais abastados começaram a empregar, no meio rural, as novidades dos recursos técnicos tanto na agropecuária quanto em suas moradias, surgindo grandes e confortáveis casarões. Em Araraquara, a primeira fazenda cafeeira de referência foi a Fazenda Pinhal, iniciada em 1830. Essa fase áurea durou aproximadamente até 1930, quando então teve início o declínio dessa lavoura na região.

É nesse tempo de grandes possibilidades, de riqueza material, mas também de muitas dificuldades, principalmente para os habitantes menos abastados, quando tudo demorava um pouco mais a chegar, que nasceu Pio Lourenço Corrêa. Seu comportamento, seu meio de vida, os amigos que cultivou e sua produção intelectual são bastante marcados por essa ambientação, esse "espírito de época": hábitos até certo ponto conservadores; convívio pacífico, mas crítico, com a modernidade; estudos constantes para manter-se atualizado; interesse por variados assuntos, possibilitados pelos recursos financeiros; busca pelo conforto que as invenções modernas propiciaram, sem abrir mão de seu espaço preferido, sua Chácara da Sapucaia, em Araraquara. Filho da *Belle Époque*, portanto, Pio irá ser um representante desse período e sua trajetória será marcada pelas características desse momento: culto à modernidade com certo elitismo; busca de novas técnicas para melhorar as condições de vida, acessível apenas aos mais abastados; desenvolvimento urbano rápido propiciado pelo trabalho rural.

2.1.2 Constituição da cidade de Araraquara e fatos biográficos de Pio Lourenço Corrêa

A região de Araraquara/SP, em 1500, era habitada pelos índios da nação Guaianás. Martin Affonso de Souza encontrou-os, em 1532, nos vales dos rios Mogi-Guaçu e Tietê até os campos de Piratininga e a serra de Paranapiacaba (FRANÇA, 1915, p. V). Quando se estabeleceu o sistema de capitanias hereditárias, que perdurou de 1534 a 1549, o "donatário da capitania ficou responsável pela doação das sesmarias aos colonos, obedecendo às Ordenações do Reino"

(FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 13). Como as capitanias eram extensões muito grandes de terras, difíceis de administrar e mais ainda de cultivar, a Coroa Portuguesa estabeleceu as seguintes orientações: o donatário "[n]ão tinha o direito de cobrar foros, pensões ou qualquer outro tributo ou taxa do contemplado. O sesmeiro tinha apenas a obrigação de pagar o dízimo à Igreja, cobrado sobre a produção e não sobre a terra, o que certamente facilitava a manutenção de extensas áreas improdutivas" (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 13). As exigências aos sesmeiros era de tornarem as terras produtivas num prazo de cinco anos - senão lhes seriam tomadas em nome da Coroa Portuguesa, sem nenhuma indenização -, além disso, deveriam realizar a "demarcação legal das terras, abrir ou conservar caminhos, construir pontes e outros melhoramentos no sentido de propiciar o trânsito público" (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 14).

A Coroa Portuguesa, apesar de estabelecer tais regras, não dispunha de fiscalização eficiente, assim as autoridades coloniais acabaram por favorecer a classe dominante ou aqueles que lhes prestavam algum serviço relevante (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 14). Além disso, os limites de terras estabelecidos nas cartas de sesmarias eram muito imprecisos, pois os métodos de medição e demarcação eram rudimentares e permaneceram assim até o século XIX (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 14-15).

Cincinato Braga, historiador, em seu *Almanack de São Carlos*, de 1894, contou sobre o desenvolvimento da região oeste do estado de São Paulo, onde estavam os Sertões de Araraquara, parte da antiga Capitania Geral de São Vicente. Ele afirma que até o começo do século XVIII, o desenvolvimento e a povoação eram quase nulos. Na segunda metade do século XVIII, alguns exploradores começaram a chegar até o local (BRAGA, 1894, *passim*). Follis e Truzzi (2012, p.9-10) descrevem a extensão do município de Araraquara, informando:

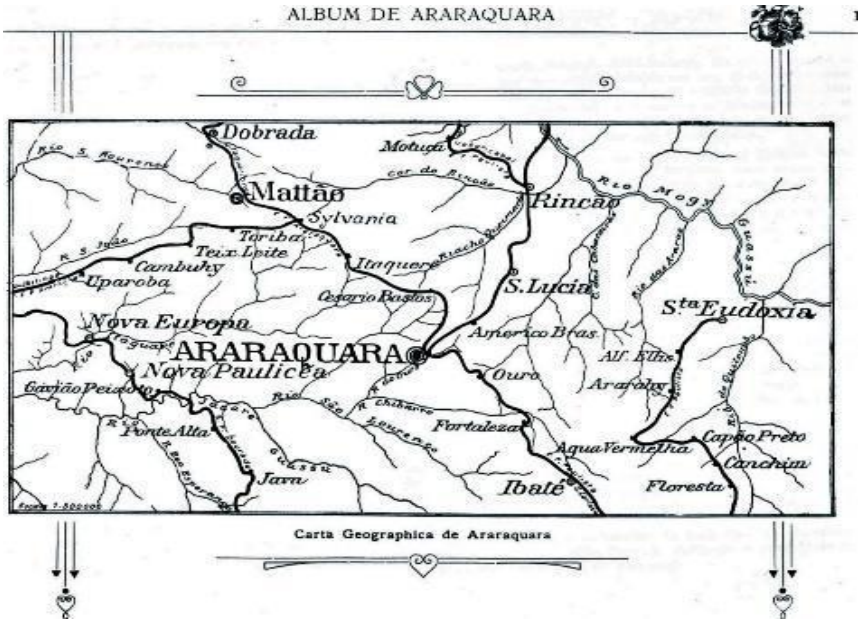
> [o] município de Araraquara, reconhecido como freguesia do município de Itu e Porto Feliz em 1817 e desmembrado do município de Piracicaba em 1832, era constituído, em meados do século XIX, por uma enorme região de fronteira, conhecida pelo nome de Sertões de Araraquara, caracterizada pela tênue integração às zonas mais povoadas do estado. Para se ter uma ideia do que era o município em 1855, basta dizer que o mesmo (*sic*) abrangia a vastíssima área delimitada: a) do lado sudoeste, pelo então termo da Vila de Rio Claro, prosseguindo pela margem direita do Tietê até o deságue no Rio Paraná; b) a leste pela margem esquerda do Rio Mogi-Guaçu, e depois pelo Pardo; c) ao norte pelos confins do estado delimitado pelas barrancas dos rios Grande e Paraná, na divisa com Minas Gerais e Mato Grosso .

Ainda segundo Follis e Truzzi (2012, p. 21), as expressões Sertões ou Campos de Araraquara:

> [eram] a designação genérica e maleável produzida pela memória coletiva para uma imensa área situada no planalto ocidental paulista, território cujo interior se manteve pouco conhecido do não índio até o último quartel do século XVIII, em contraponto à região da margem esquerda do rio Piracicaba, mais trilhada e conhecida dos paulistas.

O nome da região foi herdado dos Morros de Araraquara, "cadeia de montanhas localizada ao longo da margem direita dos rios Tietê e Piracicaba [...] que servia de ponto de referência para os monçoneiros e bandeirantes que viajavam pelo rio Tietê ou por terra" (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 21). Inicialmente, acreditava-se que a palavra Araraquara significava, na língua tupi, ninho de araras, pois havia muitas dessas aves na região, mas Pio Lourenço Corrêa buscou provar, em suas quatro edições da *Monografia da palavra Araraquara* (1936, 1937, 1940 e 1952), que o significado era "lugar onde nasce o sol", assunto de que trataremos mais adiante. A seguir, apresentamos um mapa da região em seus primórdios.

Figura 2: Mapa da região de Araraquara e entorno no início da povoação (s/a, s/d).



Fonte: FRANÇA, Antonio M. (org.). *Álbum de Araraquara – 1915.* Araraquara: Câmara Municipal, 1915, p. 17.

Follis e Truzzi (2012, p.22) afirmam que a primeira referência ao nome Araraquara foi encontrada no *Diário de Viagem* do astrônomo português Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, que fez uma expedição fluvial pelo interior do país, em 1788, por ordem do Governador e Capitão General da Capitania de Mato Grosso e Cuiabá, Luiz de Albuquerque de

Mello Pereira e Cacêres. A viagem teve início em Villa Bella (depois cidade de São Luiz de Cáceres, e hoje, Cáceres, Mato Grosso) até a cidade de São Paulo. No registro do dia 24 de dezembro de 1788, em viagem pelo rio Tietê acima, ele escreveu:

> Com 3 horas de navegação, passei a cachoeirinha do Banharon e, pouco acima, um poço do mesmo nome. Um quarto de légua acima desse poço, e na parte côncava da enseada, se avista à distância de 3 léguas para N.E. uns montes, que lhes chamam de *Araraquara*, que pela tarde quando lhes bate o sol representam uma grande cidade. É tradição que nestes montes há muito ouro. (ALMEIDA *apud* FRANÇA, 1915, p. V-VI)

A história da região atribui a Pedro José Netto a "descoberta" das terras, por volta de 1790. Ele teria chegado ali fugindo da região de Itu por ter cometido um crime e ter se internado nas matas. Chegando a essa região, tomou posse das terras e nomeou as primeiras sesmarias: Ouro, Rancho Queimado, Cruzes, Lageado, Cambuhy, Monte Alegre (onde fixou residência) e Bonfim. Quando começaram a surgir novos exploradores, Pedro José Netto aceitou dividi-las, na condição de que não o entregassem à justiça.

Follis e Truzzi (2012, p.32-33), em pesquisa mais recente, afirmam que, apesar das inúmeras narrativas de façanhas e da atribuição de qualidades enobrecedoras ao "herói" Pedro José Netto, não há nada que comprove ter sido ele um foragido da justiça nem que tenha cometido algum crime. Eles constataram que o ano da chegada do posseiro à região foi 1807 e que houve um recenseamento realizado em 1809, no qual se informa que:

> o futuro posseiro veio para os Sertões de Araraquara acompanhado da esposa, dos filhos José da Silva (16 anos) e Joaquim Ferreira Netto (10 anos) e, provavelmente, do agregado Francisco de Paula, trazendo por certo alguma bagagem. Portanto, tudo indica que sua vinda para os Sertões de Araraquara teria sido minimamente planejada, e não em fuga desesperada, como afirma a grande maioria dos autores que abordou o tema.

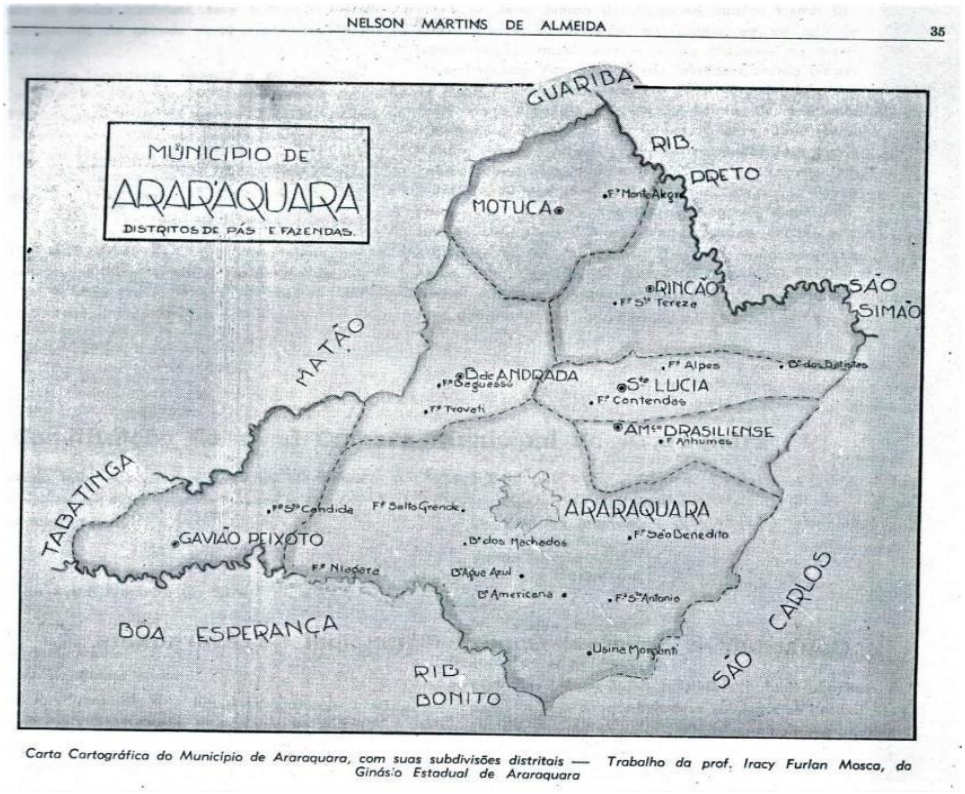
Além dessa informação, os pesquisadores afirmam que Pedro José Netto teve muita dificuldade em conseguir sua carta de sesmaria, solicitada em seu nome e de seus dois filhos à Câmara de Itu (responsável pela região), por não ter muitas posses. O Procurador da Coroa e Fazenda solicitou pesquisas para levantamento da capacidade econômica dos requerentes e avisou que, caso não fosse comprovada, o pedido seria indeferido. Graças à intervenção de algumas figuras poderosas de Itu, no dia 1º de janeiro de 1810, finalmente, o pedido foi concedido e Pedro José Netto tornou-se proprietário de terras.

A ajuda dos poderosos de Itu “leva a crer que o posseiro tenha se aproveitado [da] função de informante” (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p.36), já que era conveniente ter alguém que desse notícias de terras disponíveis na região. “[F]oi justamente a partir de 1810 que os pedidos de sesmarias nos Sertões de Araraquara se intensificaram, a maioria efetuada por moradores das Vilas de Itu e Piracicaba” (CORRÊA *apud* FOLLIS e TRUZZI, 2012, p.34). Sendo assim, Pedro José Netto também não poderia ter realizado o trabalho de divisão das terras como consta na história oral, já que não era proprietário ainda.

A seguir apresenta-se outro mapa do município com suas primeiras subdivisões de terras:

Figura 3: Mapa da região de Araraquara e suas subdivisões distritais

.



Fonte: ALMEIDA, Nelson Martins de (org.). *Álbum de Araraquara – 1948.* 1.ed. Araraquara: s/e, 1948, p. 35.

França (1915, p. XIII-XIV) registra que, com essa distribuição de propriedades (segundo ele, feita por Pedro José Netto) e com seus novos donos requerendo cartas de sesmarias, foi nomeado um juiz de medições para dividir adequadamente as terras, em 1812: o Sargento-Mor José Joaquim Corrêa da Rocha, natural de Porto Feliz (região que também fazia parte dos Sertões de Araraquara), avô de Pio Lourenço Corrêa, que, aliás, comprou a Sesmaria do Lageado. A povoação que deu início ao que hoje é a cidade de Araraquara teria se formado a partir da Sesmaria do Ouro, que abarcava quase toda a região ao redor do Ribeirão do Ouro.

Em 1915, Pio participou da elaboração do *Álbum de Araraquara – 1915* (FRANÇA, 1915). Livro em homenagem à cidade, organizado por Antonio M. França e editado por João Silveira, sob os "auspícios" da Câmara Municipal. Muitos textos informativos estão sem o nome dos autores, mas segundo Antonio Candido (em entrevista à pesquisadora transcrita no *Volume 2 - Dossiê*), a maior parte da redação foi feita por Pio Lourenço Corrêa. A compra da Sesmaria pelo avô de Pio está relatada no *Álbum de Araraquara de 1915* (FRANÇA, 1915), mas à página XIV, lê-se:

> [s]egundo a tradição oral, e pelo que encontramos escripto, e ouvimos pessoalmente confirmado pelo Snr. Capitão Antonio Lourenço Corrêa, que ouviu de seu Pae Commendador Joaquim Lourenço Corrêa, que para aqui mudou-se em 1840, e este de seu avô Sargento-Mór José Joaquim Corrêa da Rocha, que aqui esteve em 1812, como juiz das medições, e comprou a sesmaria do Lageado, sabe-se, como já dissemos, que Pedro José Netto, fugindo ás justiças de Itú, veiu ter á pequena matta existente em S. Carlos, junto aos campos do "Pinhal", e ele contava que parou ali, receoso, porque os sertanistas temiam perder-se nas mattas intermináveis e sem caminho algum. [Mantida a grafia original do texto.]

Pio Lourenço Corrêa foi colaborador na edição dessa obra comemorativa do aniversário da cidade, portanto, ouve-se aí a sua voz referindo-se aos homens de sua família e afirmando que essa história da origem da cidade foi transmitida de pai para filho oralmente, o que a torna sujeita a imprecisões. Follis e Truzzi (2012) registram informações documentais mais confiáveis, porque são registros oficiais, sobre a posse das terras da família de Pio.

Com a vinda da Corte Portuguesa ao Brasil, em 1808, D. João VI havia tomado ciência do processo desorganizado de distribuição de terras e tentando promover o desenvolvimento agrícola da colônia, para isso solicitou um levantamento de dados cadastrais das terras rurais. "Tal medida deu origem ao chamado *Inventário de Bens Rústicos*, coligido entre 1817 e 1818" (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 9). Em 1822, o sistema de sesmarias foi abolido, mas o processo informal de posse de terras continuou à revelia do controle do Estado. Em 1850, foi elaborada

a Lei de Terras, uma tentativa governamental de retomar o controle, determinando que "as terras, uma vez identificadas e mapeadas, só poderiam ser alienadas por venda, ficando proibido o apossamento de terras públicas" (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 9). Para agilizar o processo de registro e controle de terras, também a partir de 1850, as igrejas municipais, como eram locais estratégicos e acessíveis à população, passaram a realizar o Registro Paroquial de Terras, bastando a declaração dos proprietários e/ou possuidores de terras, sem a necessidade de "documentação comprobatória" (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 9).

Quanto às terras da família Corrêa, encontra-se nos *Registros de propriedades do município de Araraquara* (1855-1858), redigido por Joaquim Cypriano de Camargo (*apud* (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 79-80), o registro de número 90, com o seguinte texto (mantida a ortografia original):

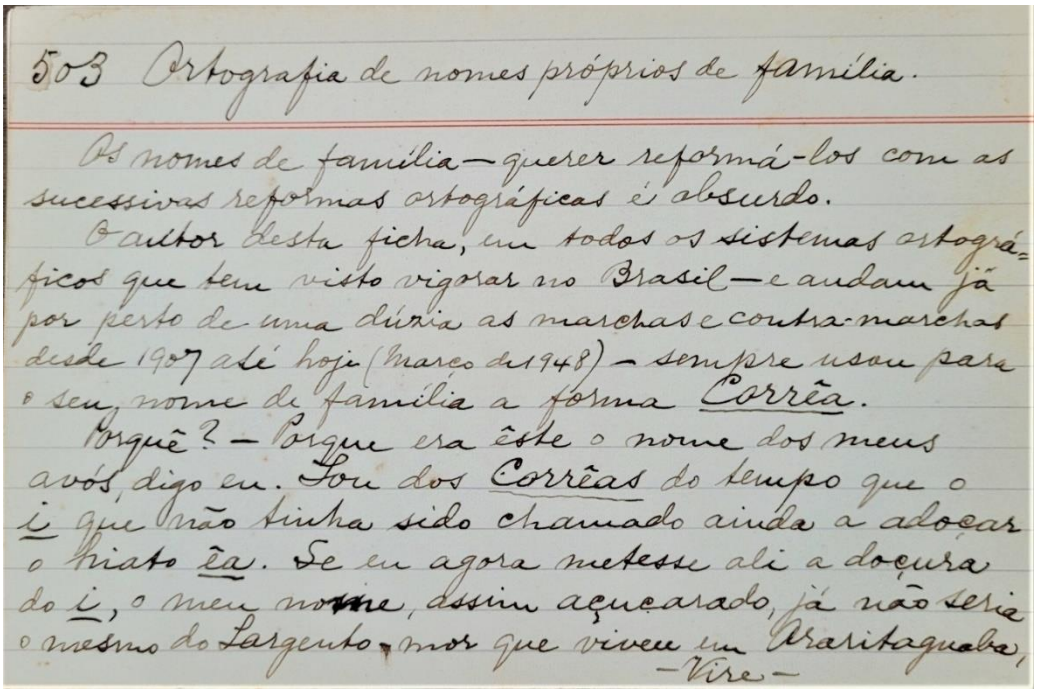
> Aos vinte e sete dias do mez de Novembro de mil oitocentos cincoenta e cinco nesta Villa de São Bento de Araraquara por Joaquim Lourenço Correa me foi apresentado hum titulo de terras para ser registrado o qual he do theor seguinte. Eu abaixo assignado sou Senhor e possuidor das terras seguintes nesta Freguezia. Huma Sismaria com duas legoas de testada, e legoa e meia de Sertão, com a denominação de Lageado = comprada a meo Pai Jose Joaquim Correa da Rocha a quinze anos, divisando com as seguintes Sismarias; para o Norte com a Sismaria de Antonio Vaz, ao Este com a de Dona Brites Maria Gavião, ao Sul com a do Laranjal, e ao Leste com as do Ouro, e Cruzes: assim mais hum citio denominado São Lourenço = na Sismaria do Laranjal, dividindo ao norte com a Sismaria do Laranjal, digo do Lageado, a Leste com Francisco de Paula Correa, ao Sul com Antonio Ribeiro, e outros, ao Leste com Antonio Garcia, Francisco Lopes Ferraz, e outros compradas a Antonio Manoel de Siqueira e a Fabiano Ferraz; assim mais duas partes compradas a Manoel Joaquim da Silveira e José Florencio de Marins, na Sismaria do Ouro, no Ribeirão das Cruzes, pró-indivizas. Araraquara vinte e sete de Novembro e mil oitocentos cincoenta e cinco. Joaquim Lourenço Corrêa. Joaquim Cypriano de Camargo. (*sic*).

Assim, observa-se pelo documento que o pai de Pio, Joaquim Lourenço Corrêa (1811-1887), comprou as terras do próprio pai, avô de Pio, José Joaquim Corrêa da Rocha, dando continuidade à atividade rural da família na região. Quanto ao avô do pesquisado ser juiz de medições, parece tratar-se de informação equivocada ou talvez tenha sido uma versão mais elegante da ocupação do antepassado divulgada entre os familiares, apesar do registro de próprio punho de Pio Lourenço Corrêa, em sua Ficha de estudo numerada como 503, intitulada *Ortografia e nomes de família*:

> [...] Sou dos Corrêas do tempo que o i que não tinha sido chamado ainda a adoçar o hiato êa. Se eu agora metesse ali a doçura do i, o meu nome, assim açucarado, já não seria o mesmo do Sargento-mor que viveu em Araritaguaba, ou em Itu, ou não sei onde

> mais, depois de ter medido, como juiz de medições, as sesmarias de Araraquara. Aquele famoso Sargento-mor, que se recusou a casar com minha avó Maria Pereira depois de ter tido dela um filho (que reconheceu, e veio a ser meu Pai) – mas o famoso barão-feudal nunca escreveu senão Corrêa (José Joaquim Corrêa da Rocha), meu Pai herdou dele o nome sem i e com acento gráfico, e eu não saio daí [...].

Figura 4: Ficha de estudo n. 503 - Ortografia dos nomes próprios e de família (frente e verso).

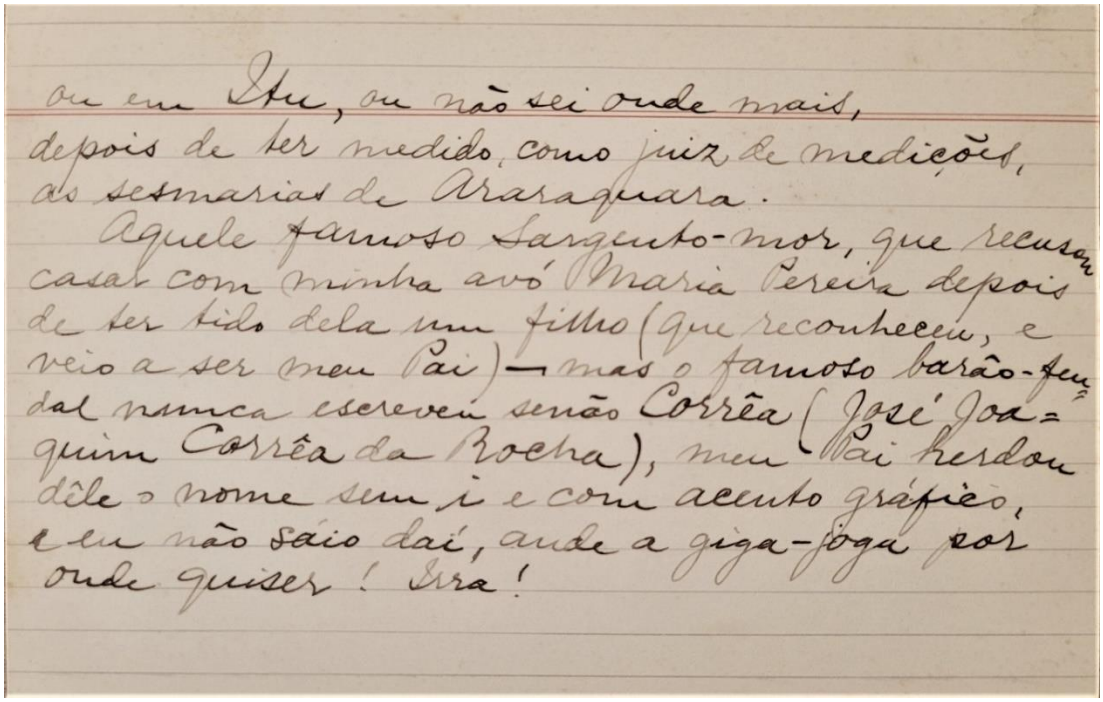


503 Ortografia de nomes próprios de família.

Os nomes de família — querer reformá-los com as sucessivas reformas ortográficas é absurdo.

O autor desta ficha, em todos os sistemas ortográficos que tem visto vigorar no Brasil — e andam já por perto de uma dúzia as marchas e contra-marchas desde 1907 até hoje (março de 1948) — sempre usou para o seu nome de família a forma Corrêa.

Porquê? — Porque era êste o nome dos meus avós, digo eu. Sou dos Corrêas do tempo que o i que não tinha sido chamado ainda a adoçar o hiato êa. Se eu agora metesse ali a doçura do i, o meu nome, assim açucarado, já não seria o mesmo do Sargento-mor que viveu em Itaritaguaba, — Vire —



ou em Itu, ou não sei onde mais, depois de ter medido, como juiz de medições, as sesmarias de Araraquara.

Aquele famoso Sargento-mor, que recusou casar com minha avó Maria Pereira depois de ter tido dela um filho (que reconheceu, e veio a ser meu Pai) — mas o famoso barão-feudal nunca escreveu senão Corrêa (José Joaquim Corrêa da Rocha), meu Pai herdou dêle o nome sem i e com acento gráfico, e eu não saio daí, ande a giga-jóga por onde quiser! Irra!

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

É preciso levar em conta que os títulos de patentes militares, como consta no registro acima, muito comuns à época, como sargento-mor, capitão etc., muitas vezes eram usados para tratamento respeitoso a autoridades ou a proprietários de terras e não necessariamente porque tais pessoas exerciam cargos que os justificassem. Pio refere-se ao avô como "sargento-mor" e "juiz de medições", em sentido denotativo, mantendo a tradição oral da família e valorizando o antepassado, porém usa a expressão "famoso barão-feudal", em sentido figurado e um tanto depreciativo, quando relembra que ele se recusou a casar-se com a avó, Maria Pereira, mesmo já tendo um filho reconhecido com ela (que viria a ser o pai de Pio). No registro citado, percebe-se o caráter dúbio da figura do antepassado.

Quanto à posse de terras na região de Araraquara, Follis e Truzzi (2012, p. 27-28) apresentam uma tabela com o "Resumo das informações constantes dos registros de terras de 1817-1818 – Inventário de Bens Rústicos (bairro de Araraquara primeira Fazenda)". O registro n. 274 revela um terreno de propriedade do Capitão-mor Joze Joaquim da Rocha, residente na Vila de Porto Feliz, em sociedade com o Capitão-mor Domingos Soares de Barros, residente na Freguesia, terra ainda sem denominação, com o tamanho de três léguas, obtida por carta de sesmaria e possuidores de um plantel de três escravos.

Desta vez, com o epíteto de "capitão-mor" (e não de sargento), Domingos esteve envolvido em uma disputa de terras, relatada na obra de Follis e Truzzi (2012, p. 37): em 1818, dois irmãos posseiros, Inácio Gonçalves Lima e Francisco José de Lima, solicitaram carta de sesmaria para uma gleba na qual já estavam instalados com moradia, plantações e criação de gado. O Capitão Domingos Soares de Barros, cujas terras faziam fronteira com a gleba, também tinha interesse nela para aumentar sua propriedade, mas como já havia sido contemplado com carta de sesmaria, fez a solicitação em nome de seu sócio, o Capitão José Joaquim Corrêa da Rocha, alegando que este tinha posses e condições de manter e desenvolver a propriedade, enquanto os irmãos, primeiros solicitantes, não tinham as mínimas condições para manter o local, condição exigida na Lei do Sesmarialismo.

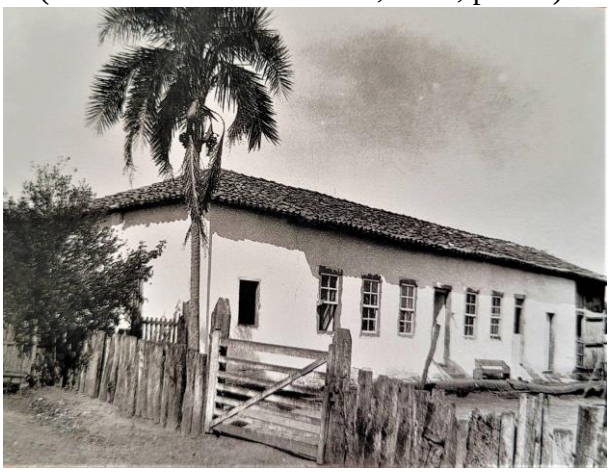
A empreitada do capitão Barros, em acordo com o Capitão Corrêa da Rocha, não teve sucesso e os irmãos Limas ganharam a causa e a carta de sesmaria, pois "[c]ontribuiu para tal decisão a descoberta e denúncia de que o Capitão Rocha atuava como testa de ferro do capitão

Barros" (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 37). Segundo os autores, o fato representa uma exceção na disputa de terras na região, pois não era comum posseiros pobres ganharem a causa, normalmente a decisão era em favor dos mais abastados (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 38).

A figura do avô de Pio, desse modo, confirma-se bastante controversa: há referências como sargento-mor e capitão-mor, mas também como "testa de ferro". Na história oral da família era tido como juiz de medições, mas seu nome não consta desta forma nos documentos de registros de terras do início da povoação de Araraquara, além de figurar como sócio do Capitão Domingos Soares de Barros, podendo indicar que ambos não tinham posses suficientes para comprar/conseguir terras individualmente ou que se associaram para conseguir terras de forma mais rápida.

À página XVI (FRANÇA, 1915) encontra-se a informação de que o Comendador Joaquim Lourenço Corrêa, em 1840, tornou-se proprietário da Sesmaria do Lageado (informação bastante genérica) e mudou-se para o local, participando do governo da região e sendo muito estimado. Constatou-se que o pai de Pio, o Comendador Joaquim Lourenço Corrêa da Rocha (1811-1887), comprou, em 1840, algumas terras do pai, (Sargento-mor, Capitão-mor?) José Joaquim Corrêa da Rocha (?-?), compostas por uma parte da Sesmaria do Lageado, uma parte da Sesmaria do Laranjal e mais uma parte da Sesmaria do Ouro. O registro de posse se deu quinze anos depois, em 27 de novembro de 1855. Apresenta-se, a seguir, uma foto da casa da Sesmaria do Lageado, já em 1922.

Figura 5: Imagem da casa principal da Sesmaria do Lageado (foto tirada em 1922), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 374).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul - Rio de Janeiro/RJ.

O Comendador casou-se em primeiras núpcias com Francisca Miquelina Corrêa de Moraes (?-?), com quem teve os seguintes filhos: 1- Maria Luiza Corrêa da Rocha (1836-1919), 2- Francisca Corrêa da Rocha (1838-1887), 3- José Joaquim Corrêa da Rocha (1839-1907), 4- Luiza Corrêa de Moraes (1840-1901), 5- Ana Corrêa da Rocha (1842-1879), 6- Joaquim Lourenço Corrêa Filho (1843-1881), 7- Isabel Corrêa de Moraes (1844-1886), 8- Tenente Pio Corrêa da Rocha (1845-1866, morto na Guerra do Paraguai), 9- Branca Corrêa da Rocha (1847-1912), 10- Capitão Antonio Lourenço Corrêa da Rocha (1848-1923, tutor de Pio), 11- Carlota Corrêa da Rocha (1851-1938), 12- Cândido Lourenço Corrêa da Rocha (1852-1887, pai de Zulmira, futura esposa de Pio) e 13-Hortênsia Corrêa de Moraes Rocha (1855-1858) (v. Figuras 6, 7 e 8). Pio Lourenço Corrêa, contudo, só nasceria no segundo casamento do comendador.

Figura 6**:** Francisca Miquelina de Almeida Moraes (?-1873) e Comendador Joaquim Lourenço Corrêa da Rocha (1811-1887), (foto anterior a 1873), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.139).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul – Rio de Janeiro/RJ.

Figura 7**:** Irmãos consanguíneos de PLC e seus respectivos cônjuges, na sequência: Maria Luísa Corrêa da Rocha (1836-1919) e o marido Francisco de Paula Corrêa e Silva (foto s/d); Francisca Corrêa da Rocha (1838-1887) e o marido Domingos José Carneiro (foto s/d); José Joaquim Corrêa da Rocha e a esposa (não se tem informações sobre ela; foto s/d); e Luísa Corrêa de Moraes (1840-1901), com o marido João de Almeida Leite Moraes (foto s/d), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 15)



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul – Rio de Janeiro/RJ.

Figura 8: Mais irmãos consanguíneos de PLC e alguns de seus respectivos cônjuges, na sequência: Ana Corrêa da Rocha (1842-1879) e o marido Joaquim de Sampaio Peixoto (foto s/d); Joaquim Lourenço Corrêa Filho (1843-1881), (foto s/d); Isabel Corrêa de Moraes (1844-1886) e o marido José Joaquim Corrêa de Arruda (foto s/d); Pio Corrêa da Rocha (1845-1866), falecido na Guerra do Paraguai (foto s/d); Branca Corrêa da Rocha (1847-1912), (foto s/d); Antônio Lourenço Corrêa (1848-1923), (foto s/d); Carlota Corrêa da Rocha (1851-1938), (foto s/d); e Cândido Lourenço Corrêa da Rocha (1852-1887), (foto s/d). (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 17)



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul – Rio de Janeiro/RJ.

Encontramos também um registro que faz alusão ao pai de Pio, Joaquim Lourenço Corrêa, e que documenta não só as posses da família, como também um costume da época. O registro n. 252 (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 112-113) está assim redigido:

> Aos oito de Abril de mil oitocentos, e cincoenta, e seis, nesta Villa de São bento de Araraquara por Francisco de Paula Corrêa e Silva me foi apprezentado ûns títulos de terras do theor, e forma seguinte. O abaixo assignado é possuidor de ûma sorte de terras na sismaria do Laranjal, districto desta Villa, que houve, por dote: contendo quinhentas braças de testada, e treis quartos de certão, divizando ao Leste, e Norte, com meu sogro Joaquim Lourenço Corrêa. Ao Este com João de Marins Peixoto. Em ao Sul com Antonio Ribeiro, e outros. Araraquara sete de Abril de mil oitocentos, e cincoenta, e seis. Francisco de Paula Corrêa e Silva. Joaquim Cypriano de Camargo. (Grifos da pesquisadora).

Nesse registro nota-se como a delimitação das terras era imprecisa, como os terrenos eram formados por recortes de vários proprietários e propriedades, bem como a possibilidade de apropriação de terras (pelos homens) por meio do casamento, como dote ao noivo. Francisco de Paula Corrêa e Silva, que apresenta os títulos das terras para o registro, era o marido de Maria Luiza Corrêa da Rocha, a filha mais velha do Comendador, portanto Francisco era genro de Joaquim Lourenço Corrêa e ganhou as terras como dote pelo casamento.

O Comendador Joaquim Lourenço Corrêa, além de fazendeiro, foi vereador na cidade em dois períodos: de 1841 a 1844, e de 1853 a 1856; Cândido Lourenço Corrêa da Rocha (1852-1887) foi presidente da Câmara Municipal, de 1884 a 1886.

Em 1865, quando o Paraguai declarou guerra ao Brasil, o Comendador e depois tenente coronel, enviou dois filhos como voluntários para a batalha: o tenente Pio Corrêa da Rocha (1845-1866), que morreu em decorrência de ferimento na guerra; e Joaquim Lourenço Corrêa Filho (1843-1881), seu primogênito masculino (FRANÇA, 1915, p. XLIV – XLVI). A seguir, as fotos dos filhos “voluntários da pátria”.

Figura 9**:** Tenente Pio Corrêa da Rocha (1845-1866, morto na Batalha de Curupaity), (foto s/a e s/d); e Joaquim Lourenço Corrêa Filho (1843-1881), (foto s/a e s/d), irmãos consanguíneos de Pio, enviados pelo pai como voluntários da pátria para a Guerra do Paraguai, em 1865, vestidos com o uniforme da Guarda Nacional (COSTA, 2015, p. 150).



Fonte: Museu da Imagem e do Som Maestro José Tescari – Araraquara/SP.

O período em que o pai de Pio Lourenço Corrêa viveu foi marcado pela expansão da cafeicultura na região. Segundo Fausto (1999, p. 200), por volta de 1870, a cultura cafeeira expandiu-se pela região oeste do estado de São Paulo, "abrangendo a área que vai de Campinas a Rio Claro, São Carlos, Araraquara e Catanduva, região servida pela linha férrea da Companhia Paulista; e a área de Campinas para Pirassununga, Casa Branca e Ribeirão Preto, região servida pela Estrada de Ferro Mojiana". Ainda segundo Fausto (1999, p. 203): "[a] economia do Oeste Paulista deu origem a uma nova classe que se costuma denominar burguesia do café". Esse período corresponde, justamente, à *Belle Époque.*

O processo de expansão das estradas de ferro foi lento. Segundo França (1915, p. L), aqui a estrada de ferro em Araraquara, fator crucial para o desenvolvimento da cidade, foi inaugurada em 18 de janeiro de 1885, por concessão dada ao Conde do Pinhal, que organizou a Companhia Rio-Claro de Estradas de Ferro. Desse empreendimento também participou a família Corrêa. Para chegar até Araraquara e depois até Ribeirãozinho, hoje a cidade de Taquaritinga, foi necessária a venda de ações para levantamento de fundos. Entre os que colaboraram com a compra de ações estavam: o Comendador Joaquim Lourenço Corrêa (pai de Pio), Antônio Lourenço Corrêa (irmão e tutor de Pio), o coronel João de Almeida Leite Moraes (tio-avô de Mário de Andrade). Inicialmente privada, depois foi incorporada à FEPASA – Ferrovia Paulista S.A.

Tendo ficado viúvo, por volta de 1873, o Comendador Joaquim Lourenço Corrêa da Rocha (1811-1887), casou-se em segundas núpcias, em 1874, com D. Rita Maria Pinto de Arruda (?-1888). Apresenta-se, a seguir, uma foto do casal já com Pio Lourenço no colo.

Figura 10: Rita Maria Pinto de Arruda (? - 20/2/1888) e o Comendador Joaquim Lourenço Corrêa (10/8/1811 - 31/8/1887), com Pio Lourenço Corrêa (12/5/1875 - 11/6/1957), único filho do casal, no colo (foto aproximadamente de 1876), (ANDRADE & CORRÊA, 2009,p.8).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul - Rio de Janeiro/RJ.

No dia 12 de maio de 1875, na Vila de São Bento de Araraquara, nasceu Pio Lourenço Corrêa, único filho do casal. O comendador era tio afim de Joaquim de Almeida Leite Moraes (1834-1895), avô materno de Mário de Andrade (1893-1945), o qual havia trabalhado em Araraquara como advogado e presidente da Câmara Municipal. Esse laço familiar aproximará Pio Lourenço Corrêa de Mário de Andrade. A seguir, a casa do Comendador e de Rita Maria Pinto de Arruda, onde nasceu Pio Lourenço Corrêa, fotografada em 1930.

Figura 11: Casa onde nasceu Pio Lourenço Corrêa, em Araraquara/SP (foto de 1930), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 379).



Fonte: Acervo do Museu da Imagem e do Som de Araraquara/SP.

Em 1878, também em Araraquara, nasceu Zulmira de Moraes Rocha, segunda filha do casal Cândido Lourenço Corrêa da Rocha (1851-1887), irmão de Pio Lourenço Corrêa por parte de pai, e Isabel Maria do Carmo de Moraes Rocha (1857-1942), tia materna de Mário de Andrade. Zulmira era, portanto, prima em primeiro grau de Mário de Andrade, sobrinha de Pio Lourenço Corrêa e tornou-se sua esposa.

Apresenta-se, a seguir, algumas fotos da infância de Zulmira de Moraes Rocha Corrêa.

Figura 12**:** Zulmira de Moraes Rocha (1878 - 1959) aos dez anos de idade (foto tirada por volta de 1888); e posando com os irmãos, Adelina (15/1/1876 - 14/12/1967) e Cândido Corrêa da Rocha (?/?), (foto tirada em 1891) – (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 18).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul – Rio de Janeiro/RJ.

Pio fez estudos primários em Araraquara. O nome da escola encontra-se em uma carta que escreveu a Maria de Lourdes de Moraes Andrade [Camargo], irmã de Mário de Andrade, em 30 de junho de 1935, enviando informações, solicitadas por Mário, sobre um araraquarense chamado Eurico de Góis:

> Aqui viveu dantes, lá pelo derradeiro quartel do século passado talvez, um médico baiano de nome José dos Reis Araújo Góis. Era baixo, encorpado, de cor muito clara se bem me recordo, embora não fosse louro, e tinha um filho Eurico, menino vivo e peralta, que freqüentou comigo o colégio Luso-Brasileiro, dirigido por um tio afim dele Eurico, o qual tio era português. (sic), (ANDRADE & CORRÊA, 2007, p. 267).

Ainda sobre o período escolar, Oroncio Vaz de Arruda Filho (1987, p. 226), sobrinho-neto de Pio, relata um episódio com Pio Lourenço Corrêa na escola, quando da visita do Imperador D. Pedro II a Araraquara, em novembro de 1886 (Pio com 11 anos):

> Para o menino Pio Lourenço Corrêa a memorável visita também acarretou problema. Ao visitar uma escola, D. Pedro foi levado a uma sala de aula para examinar os alunos, como era do seu vezo. Pio Lourenço foi um dos escolhidos. A esmo ou para "honrar" o filho caçula do Comendador Joaquim Lourenço Corrêa? De pé, eretíssimo, o menino ouviu a pergunta do Monarca:
> - Como se faz um cristão?
> Embatucado diante de tanta imperial majestade, o menino nem balbuciou. A resposta que sabia tão bem e que estava na ponta da língua, lá ficou, grudada, dentro da boca lacrada pela mudez absoluta.
> O desaponto foi geral e incomensurável.
> Este fato não foi vovô que me contou. Foi o próprio tio Pio.

No ano de 1887, o Comendador Joaquim Lourenço Corrêa da Rocha faleceu, quando Pio tinha então doze anos. Este ficou sob a tutela de seu irmão mais velho, Antônio Lourenço Corrêa (v. Figura 12) que - provavelmente, nessa sociedade patriarcal, por ser o homem mais velho da família, tinha mais poder sobre o menino do que a própria mãe - e decidiu enviá-lo como aluno interno ao Seminário Diocesano de São Paulo, conforme Andrade & Corrêa (2009, p.9). Ainda nesse mesmo ano, faleceu Cândido Lourenço Corrêa da Rocha, outro irmão de Pio por parte de pai, e pai de Zulmira, deixando viúva Isabel Maria do Carmo de Moraes Rocha, que voltou de Araraquara com os filhos para morar na casa paterna de Joaquim de Almeida Leite Moraes (avô de Mário de Andrade e padrinho de Pio), em São Paulo. As casas eram contíguas e a convivência permanente. Assim, Pio estudou em São Paulo, morou na casa do padrinho, acompanhou o nascimento de Mário de Andrade, sendo contemporâneo dos sobrinhos.

Figura 13: Antônio Lourenço Corrêa (19/11/1848 – 9/2/1923), irmão e tutor de PLC (foto s/a e s/d), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 19).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul – Rio de Janeiro/RJ.

Em 1888, foi promulgada a Lei Áurea que punha fim à escravidão no Brasil, pelo menos do ponto de vista legal. Pio Lourenço Corrêa (à época, com treze anos, morava e estudava em São Paulo). Bem mais tarde, em 1948, registrou sua versão de como se deu a Abolição na cidade de Araraquara, em ALMEIDA (1948, p. 27-28), o texto, cuja versão completa está no *Volume 2 - Dossiê* desta tese, documenta as impressões do próprio Pio sobre esse momento histórico de sua cidade. Nos excertos, mantivemos a grafia original:

A ABOLIÇÃO EM ARARAQUARA

PIO LOURENÇO CORRÊA

A 13 de maio de 1888, chegou à Araraquara, uma notícia sensacional: A Lei Áurea da abolição da escravatura no Brasil... Houve muito foguetório e os festejos se prolongaram durante a noite toda, com bailes até a madrugada.

A liberdade do negro era já esperada com mais ou menos certeza por todos os escravocratas e proprietários de escravos. Muitos, aqui mesmo em Araraquara, já tinham por esse tempo, dado carta de alforria para os seus escravos e estes, pouco a pouco, foram quebrando a disciplina férrea que dominava nas senzalas, a ponto de se levantarem insubordinações violentas e até sanguinolentas.

[...] Êsse ambiente – digamos de guerra social – em 1888 estava já alastrado por toda a zona rural do município, principalmente incentivado por um certo Dr. Fonseca, baiano que foi enviado pelos abolicionistas de São Paulo, para fazer propaganda de liberdade e até de violência, entre os escravos de Araraquara.

Êste Dr. Fonseca, tinha muita amizade com o então Juiz de Direito aqui na Comarca, em cuja casa ficou hospedado. [...]

II – Seguiu-se à Lei Áurea, o agudo da crise social. O negro, depois que "nóis fiquêmo tudo iguá", não queira mais trabalhar! Pois, si era igual ao ex-senhor!...

Bronco, mal aconselhado pelos demolidores do regime, não trabalhava. Bebia e dançava. Os batuques eram coisa diária nos arrabaldes da cidade. Assim, eram também os furtos de galinhas, de cabras, de gêneros alimentícios. O homem branco reagiu irado: - a sóva de páu e rebenque nos libertos, era igualmente diária. Ádemais, si eramos "tudo iguá", porque não havia o negro de ser admitido no seio das famílias? Porque não podia casar-se com moça branca?

Essas, e outras "injustiças", lhe parecia ao negro, colidia com a igualdade, com a lei escrita. [...]

Aqui, em Araraquara, certo dia foi preso e trazido para a justiça, o negro Guilherme, que iludindo a boa fé de u'a moça branca, levou-a para lugar ermo, e aí, violentou-a bestialmente. Já então, se achava recolhido à cadeia pública, o negro Severino, ou Veríssimo, que esperava julgamento por crime de estupro contra uma criança de três anos ("três anos... não é engano"). Esta criança era preta e foi abandonada pelo monstro em estado de coma, no lugar do delito.

Diante do novo atentado ao pudor, praticado com incrível violência contra a moça branca, os araraquarenses em geral tomaram-se de indignação e decidiram retribuir violência por violência. Organizaram-se em numeroso grupo armado e, a 10 de Novembro de 1889, avançaram contra a cadeia, intimando a guarnição (quatro ou cinco praças) a entregar o perigoso sátiro. Diante da atitude dos assaltantes e do seu número, a guarnição nada pôde fazer[...] levaram em triunfo os cadáveres para uma grande paineira que havia na própria praça da cadeia, ataram-nos à ponta de uma corda (um pelos pés, outro pelo pescoço), e os abandonaram pendentes de grosso galho da

> árvore, para amostra e exemplo do único tipo de justiça que julgavam capaz de regenerar os degenerados daquela espécie.
> A respeito dêste fato dos fastos araraquarenses, cabe informar que a Justiça Pública processou e prendeu os responsáveis pela morte dos dois atrevidos ex-escravos – mas, não conseguiu condená-los porque o Tribunal do Júri não o permitiu. Como era belo naquele tempo, o respeito pela soberania do Júri!...

Os casos relatados pelo autor são ilustrativos para se ter uma ideia de como foi o processo de integração (ou desintegração) social dos negros no período após a Abolição, principalmente na visão dos brancos, na cidade de Araraquara. O escritor buscou manter certo distanciamento emocional para a análise dos fatos, mas revelou-se nas exclamações e ironias empregadas em determinados momentos. Vale dizer, ainda, que, conforme Candido (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 11), sobre a personalidade e as crenças do pesquisado:

> [u]m de seus aspectos mais salientes era o extremado corte conservador: concepção muito elitista da sociedade, senso de hierarquia, confiança no que chamava a 'filosofia natural', ou seja, a teoria darwinista da vitória do mais apto. Na conduta, o respeito pelos valores tradicionais [...]

Reforçando essa posição conservadora, Antonio Candido, em entrevista concedida à pesquisadora, afirmou que Pio era favorável à monarquia como forma de governo e era contra a abolição, pois acreditava que o negro tinha melhores condições de vida quando escravizado do que quando liberto. Talvez por isso Candido visse em Pio uma "cultura rústica".

No ano de 1888, ocorreu o falecimento de D. Rita Maria Pinto de Arruda Corrêa da Rocha, mãe de Pio. Este, com 12 para 13 anos, agora órfão, ainda com o consentimento de seu irmão mais velho e tutor, a partir desse momento único responsável por ele, continuou a morar na casa de Joaquim de Almeida Leite Moraes (v. Figura 14) a convite deste, para preparar-se e cursar a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (instituição de renome e ainda independente, pois a Universidade de São Paulo, à qual pertence hoje, só seria criada em 1934).

Figura 14: Joaquim de Almeida Leite Moraes (1834 – 1895), avô de Mário de Andrade e de Zulmira de Moraes Rocha, padrinho de Pio, (foto s/a e s/d), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 35).



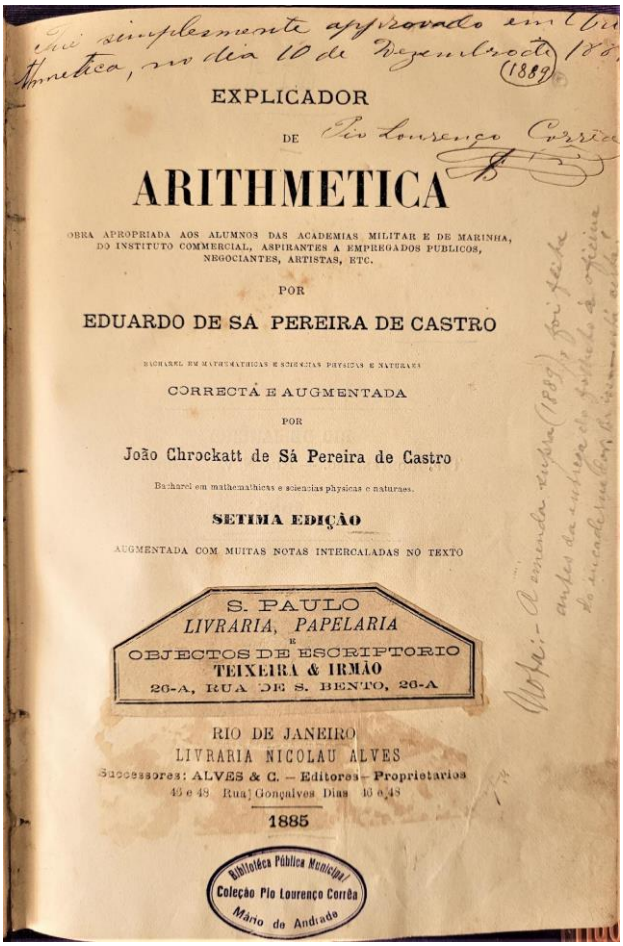
Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul – Rio de Janeiro/RJ.

Conforme Gilda de Mello e Souza, em Corrêa & Andrade (2009, p. 17), sobre a formação escolar de PLC:

> [s]abe-se pouco de sua formação intelectual, em São Paulo, mas temos notícia de que a 10 de dezembro de 1889 – com quatorze anos – presta exames de aritmética e francês no Curso Anexo da Faculdade de Direito, sendo aprovado com os graus Simplesmente, na primeira e Plenamente, na segunda. É sua intenção prosseguir os estudos na capital, talvez cursar essa faculdade e ingressar na diplomacia.

Apesar da informação dada por Gilda de Mello e Souza sobre as menções atribuídas a Pio, anotações deste apontam que ele teria sido aprovado com a menção "Plenamente" também na disciplina de Aritmética. Na atual biblioteca de Pio, na folha de rosto do livro *Explicador de Arithmetica* (CASTRO, 1885), encontram-se duas anotações. Na horizontal, no topo da página, Pio escreveu: "Fui simplesmente aprovado em Arithmetica, no dia 10 de Dezembro de 1889. Pio Lourenço Corrêa". Na vertical, do lado esquerdo da página, escreveu: "Nota: a emenda supra (1889), foi feita antes da entrega do folheto à oficina do encadernador. Por isso está certa!" (v. Figura 15).

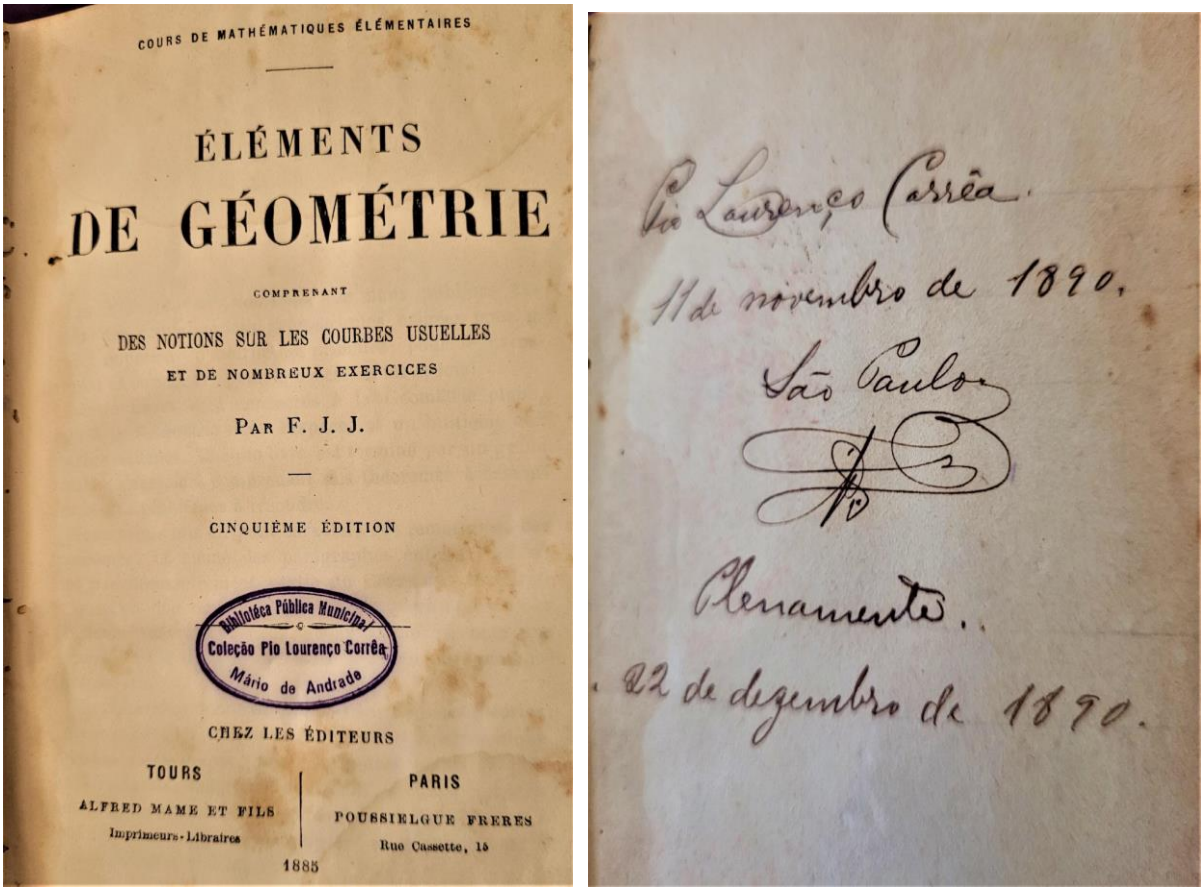
Figura 15: Folha de rosto do livro de Eduardo de Sá Pereira de Castro: *Explicador de Arithmetica.* 7.ed. Rio de Janeiro: Livraria Nicolau Alves, 1885. Com anotações de PLC.



Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

No livro *Éléments de Géométrie* (F.J.J., 1885, página de guarda, anterior à folha de rosto) há uma anotação manuscrita, em tinta preta, com os seguintes dizeres: “Pio Lourenço Corrêa / 11 de novembro de 1890 / São Paulo / [assinatura abreviada de Pio] / Plenamente. / 22 de dezembro de 1890”. É possível inferir que a primeira data (11/11/1890) indica a compra do livro; e a segunda (22/12/1890), a aprovação na disciplina de Geometria do curso preparatório para a Faculdade de Direito, com a menção “Plenamente”. Segue a imagem do documento.

Figura 16: Folha de rosto do livro de F. J. J.: *Éleménts de Géométrie.* 5. ed. Paris: Poussielgue Freres; Tours: Alfred Mames et Fils, 1885. Na folha de guarda (anterior à de rosto), anotações de PLC sobre o resultado dos seus estudos.



Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Essas anotações são um exemplo de como, na sua coleção, seja nos livros ou nas fichas de estudo, há pistas de sua formação intelectual, bem como de sua biografia. A história dos livros e objetos dialoga com sua história de vida e, se o registro no referido livro foi feito na mesma data indicada, revela também que o hábito de anotar informações e comentários teria começado já na adolescência.

Em 1890, Pio, ainda morando em São Paulo, conforme Gilda de Mello e Souza (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 17), revelava um comportamento metódico, bastante responsável e com certa autonomia:

> com quinze anos, PLC já é quase independente, responsável pela mesada, que vai apanhar em Santos, pontualmente, na casa comissária de Francisco de Almeida Leite

> Moraes, irmão de seu padrinho, anotando com bela caligrafia a despesa e a receita, no *Livro de assentamentos*, que o padrinho lhe confia.

Em 1892, Pio então com 17 anos, realizou uma viagem à Argentina acompanhando seu irmão e tutor, Antônio Lourenço Corrêa. Ficaram hospedados em Buenos Aires, na Legação Brasileira, órgão semelhante a uma Embaixada, chefiada por Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938).

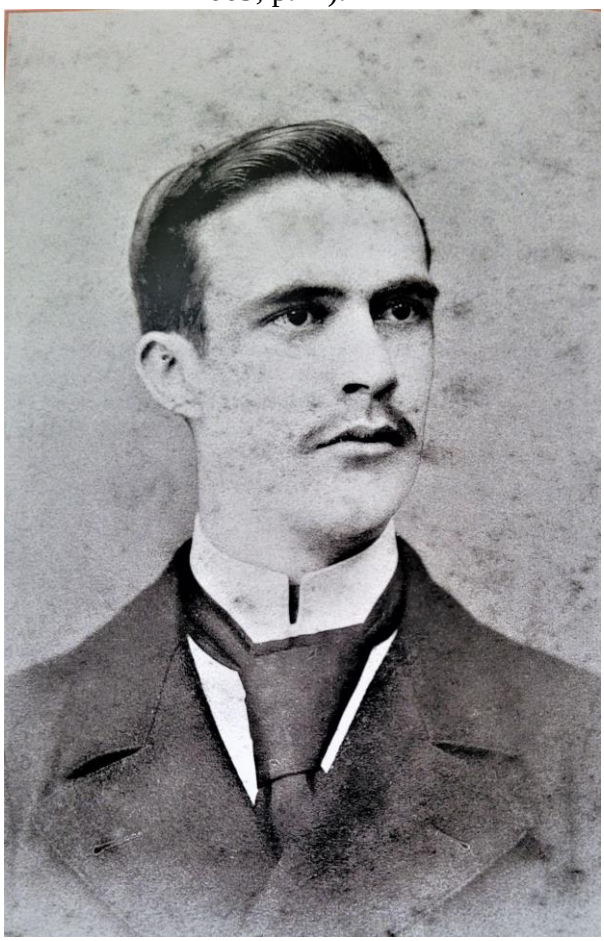
Em 1893, no dia 9 de outubro, na casa da Rua Aurora, 320, em São Paulo, nasceu Mário Raul de Moraes Andrade (quarto filho de Carlos Augusto de Andrade e de D. Maria Luíza de Moraes Andrade), escritor modernista que foi grande amigo do pesquisado. Em 1º de agosto de 1895, faleceu o patriarca da família, Joaquim de Almeida Leite Moraes, avô de Mário e padrinho de Pio. Carlos Augusto (pai de Mário) construiu um sobrado na esquina do Largo do Paissandu, n. 26, para onde se mudou com a família, a sogra (Ana Francisca de Almeida Leite Moraes) e a tia Nhanhã. Isabel Maria do Carmo de Moraes Rocha, juntamente com os filhos, entre eles Zulmira, mudou-se para a casa ao lado, à Rua Visconde do Rio Branco (Rua Major Sertório, segundo Gilda de Mello e Souza, em ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 18).

O pesquisado, durante os oito anos em que viveu e estudou em São Paulo, conviveu com todos eles. Acompanhou a infância de Mário de Andrade, a família dele (tinha grande admiração por Carlos Andrade, pai de Mário, segundo Antonio Candido em entrevista à pesquisadora), e conviveu também com Zulmira, sua sobrinha e futura esposa.

Em 1895, após a morte do padrinho, Joaquim de Almeida Leite Moraes, Pio Lourenço Corrêa, então com 20 anos, foi chamado pelo irmão tutor a voltar para o interior, pois havia problemas financeiros e ele precisava começar a trabalhar para seu sustento (assim justificou o tutor). Ele obedeceu e voltou à cidade natal sem bacharelar-se em Direito como pretendia, no entanto, a convivência com o padrinho intelectual, professor da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco; com Carlos Andrade, pai de Mário, também ligado à cultura e à produção de livros e jornais; o estímulo aos estudos, entre tantas coisas que deve ter experienciado, talvez aí se possa ter a gênese do interesse de Pio pelos estudos constantes, o autodidatismo e até o polimatismo. Um período importante de sua formação foi vivido em São Paulo, com essas pessoas e nesse ambiente. Ao voltar para o interior, para a vida rural, o interesse pelas questões intelectuais talvez já estivesse impregnado em sua personalidade.

A foto, a seguir, retrata Pio Lourenço Corrêa aos vinte anos de idade, portanto essa era a sua aparência ao voltar para Araraquara/SP.

Figura 17: PLC com 20 anos de idade (foto s/a tirada em 1895), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.12).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul, Rio de Janeiro/RJ.

De volta a Araraquara, Pio foi morar com seu irmão-tutor, num quarto que guardava certa independência do restante da casa. Em carta ao amigo e escritor Mário de Andrade, de 3 de fevereiro de 1942, o pesquisado relatou um "caso" de sua juventude que revela um pouco como era sua vida nesse tempo em que retornou a Araraquara e ainda estava solteiro, bem como descreve seu relacionamento com o irmão mais velho (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.374-376):

> Garapa... azeda
> Nos fins do século passado eu era negociante de fazendas, ferragens, armarinho etc., na cidade de Ararina [Araraquara]. O mísero comerciante nesse tempo era escravo do trabalho: nas casas comerciais o expediente ia das 7 da manhã às 9 da noite nos dias

úteis, e nos próprios domingos e feriados, em que geralmente havia mais intenso movimento de negócios, não se fechavam as portas antes das 3 horas da tarde.

O esporte da rapaziada dourada de Ararina[Araraquara] era então a equitação. Eu, e os outros moços-bonitos do meu grupo, tínhamos cavalos de cocheira tratados a alfafa argentina, milho, fubá e sobretudo muitas escovas, água e sabão manejados por tritanários escolhidos entre os mais requintados profissionais especializados. Eram ginetes caprichosamente amestrados no freio por hábeis acertadores; e sempre gordos, fogosos e luzidios, nos faziam ímpar de vaidade e soberbia. Eu era solteiro, um pouco-bastante dado a noitadas de prazer, e vivia em casa de um irmão mais velho, fazendeiro de café e considerado uma das melhores mãos de rédea das redondezas. O meu quarto, melhor, os meus aposentos, que eram três, ficavam no andar térreo do edifício assobradado, ocupando os donos da casa todo o vasto casarão acima de um lance de doze ou quinze degraus, que partia, do acanhado pórtico adjacente à porta da rua. Para esse pórtico ou saguão abria-se a entrada para os meus cômodos que assim dependiam da porta-da-rua, de que eu tinha e trazia sempre comigo uma chave.

O meu irmão, já passado dos trinta e cinco anos, era homem de costumes muito severos, fisionomia rija e taciturna, poucas palavras e raros sorrisos. Eu tinha por ele um respeito quase supersticioso.

Mas minha cunhada, mais nova, muito viva e inteligente, era de natural inteiramente oposto. Estava sempre alegre e comunicativa, gostava de ouvir e de referir-se a anedotas de sal e pimenta, que valorizava por comentários ou jogos fisionômicos habilmente expressivos.

Fazia troça da minha vida meio dupla de rapaz elegante. Preparava-me, sempre que podia, ciladas e esparrelas realmente cômicas, em que eu quase sempre caía. A seguir, perante o marido sisudo que eu temia, ou outros circunstantes de respeito, atirava-me indiretas com tal disfarce da malícia, que só nós dois entendíamos. Ou então, sem nada dizer mas nos momentos mais oportunos, (ou inoportunos...), imprimia no semblante um vislumbre enigmático de sorriso, que me esfriava e os demais nem viam. Nesses momentos, passado o susto, eu me lembrava de uma gravura da Gioconda que ornava a minha saleta. Apesar das derrotas que eu sofria, éramos muito camaradas, porque ela fazia esquecer ante a real amizade e muita estima que me tributava.

Certa vez, no livre exercício da minha vida íntimo-externa, depois de algumas horas de acalorada reconciliação, libados iterativos cálices de doce "licor beneditino", caí insensivelmente, já alta madrugada, num sono abençoado e suave como deve ser o dos anjos do paraíso – e perdi a hora habitual e entrada para casa.

Havia já os primeiros albores da aurora quando meti a chave na porta da rua abri-a cuidadosamente, como se fora um ladrão temeroso de surpresas.

Foi inútil o cuidado: minha esperta cunhada, pressentindo-me retardatário, ali estava no alto da escada, empunhando um espanador sob pretexto de auxiliar a limpeza dos portais. Saudou-me risonha, e perguntou de chofre:

– De onde vem então a esta hora matinal?

Era tempo de moagem. Nos engenhos de bangüê as moendas entravam em funcionamento às 3 horas da madrugada. Eu e outros rapazes íamos às vezes, a cavalo, tomar garapa essa hora num engenho próximo, a tempo de voltar às 7 para o trabalho. Minha cunhada sabia disto, porque eu, uma vez ou outra, quando a garapa estava especialmente boa, lhe trazia uma pouca, que ela apreciava. Nos apuros da pergunta insidiosa, socorri-me do fato:

– Venho da fazenda de F., aonde fui de madrugada tomar garapa.

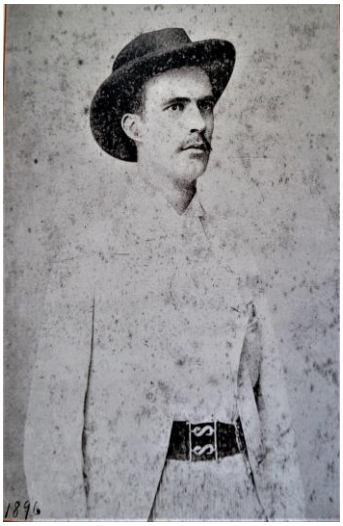
– Anh! (exclamou em franca risada, que não pôde conter ante o improviso firme da defesa).

– E gostou da... garapa? Estava boa?

> – Estava... azeda – redargüi ao extremo, e enfiei pela porta da minha sala, a curtir a vergonha da derrota, enquanto ela continuava a rir gostosamente, esquecida do espanador e dos portais.
> Informação extra:
> No jantar creio que do dia imediato, éramos só os três à mesa.
> A certa altura, como reinasse um silêncio meio longo, a cunhada, ali às barbas do marido, perguntou-me:
> – Você amanhã de madrugada vai tomar garapa na fazenda?
> Fiquei roxo...
> – Não pretendia ir; mas se Vmcê quiser que lha vá buscar...
> – Eu não; mas como a de ontem estava azeda, pensei que você voltasse logo... Em todo caso, quando for me traga uma garrafa.
> Fiquei aliviado, e ela continuou muito séria.
> O velho não interrompeu sequer os movimentos do queixo... (Mantida a ortografia original.)

Nessa narrativa, o irmão retratado é o Capitão Antônio Lourenço Corrêa e a cunhada, Florisbela de Lacerda Corrêa (?-?). Pio refere-se a ele com "um respeito quase supersticioso": que tinha cerca de 35 anos; uma das melhores mãos de rédea das redondezas; homem de costumes muito severos, fisionomia rija e taciturna, poucas palavras e raros sorrisos; o marido sisudo de Florisbela que "eu temia"; velho. Em se tratando de irmãos, a relação mostra-se difícil, em que o mais velho é uma autoridade temida. Pio o enxergava como idoso, apesar de ele ter por volta de trinta e cinco anos (como mostra a Figura 13). A seguir, uma foto de Pio à época.

Figura 18: PLC com 21 anos, época em que teria ocorrido o episódio relatado em "Garapa Azeda" (foto s/a, tirada em 1896), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 372).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul, Rio de Janeiro/RJ.

Primeiramente, Pio dedicou-se ao comércio, mas acabou por estabelecer-se como fazendeiro. Tornou-se proprietário da Fazenda São Francisco, segundo Renato Rocha (em entrevista para a pesquisadora), quando encerrou uma Casa Comissária que teve em Santos/SP, cabendo-lhe então o imóvel.

Provavelmente nessa época (entre 1895, ano de retorno a Araraquara, e 1898, ano do casamento com Zulmira) é que teve um relacionamento marcante em sua vida. Tratava-se de Marcolina, mais conhecida por Joia, afrodescendente de olhos verdes, que ele conhecera num prostíbulo. Montou-lhe casa e a sustentava, mas provavelmente não pretendia casar-se com ela. Quando firmou o casamento com Zulmira, sua sobrinha, tendo combinado tudo com a mãe dela que também era a cunhada dele, Isabel, o moço encerrou o relacionamento, indenizando a amante, que se mudou para a cidade vizinha, São Carlos. Marcolina/Joia, entretanto, que gostava muito do rapaz, guardou uma fotografia dele e encomendou a um desenhista uma ampliação do retrato a *crayon*, a qual emoldurou, pendurando-a no quarto que ocupava em um bordel.

Passados alguns anos (familiares não puderam precisar quanto), um amigo do fazendeiro viu o quadro no quarto de Marcolina e comunicou a ele o fato, deixando-o indignando pela situação. O fazendeiro foi a São Carlos, com a concordância de Zulmira, procurou Joia, obrigando-a a tirar o retrato da parede. Ela o fez, mas o objeto não foi entregue na hora, não se sabe bem por qual motivo. Dias depois, Pio recebeu o retrato em sua casa, numa caixa, enviado por ela.

Este fato merece destaque porque, anos mais tarde, quando Pio relatou o caso a Mário de Andrade, este propôs que transformassem o episódio em um conto escrito a quatro mãos. O conto seria intitulado “Marcolina”, segundo Pio, ou “O retrato”, segundo Mário de Andrade. Mário destacaria aspectos da sociedade da época, os preconceitos, as dificuldades de um relacionamento entre pessoas de classes sociais diferentes, tencionava ilustrar o comportamento da oligarquia cafeeira, o coronelismo etc. Pio começou a escrever a história tentando relembrar a verdade dos acontecimentos e, para isso, criou o pseudônimo Grain D’Orge. Cartas foram trocadas entre 3 de janeiro de 1942 e 1 janeiro de 1943, discutindo questões da narrativa até o momento em que Pio informa a Mário: “A chaminé do meu fogão é poderosa, sugou avidamente as cinzas – e o vento abençoado que soprava de sudoeste levou-as consigo para o infinito” (ANDRADE & CORRÊA, 2007, p.20). A empreitada não se concretizou. Pio queimou os seus manuscritos e desistiu da história. Em 3 de janeiro de 1942, Mário enviou uma carta a Pio

analisando a aventura literária, documento que aqui se apresenta na íntegra (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 359-361):

> Tio Pio
>
> Aqui estou enfim pra lhe responder às inquietações sobre o conto de Grain d'Orge e, franqueza, não sei o que faça. Decidi o seguinte depois de bem pensados prós e contras: lhe enviar o conto por estar incompleto. Talvez o Sr. o complete um dia, no que insisto acaloradamente, e então serei eu a pedi-lo de volta ou mesmo a surrupiá-lo se possível, vencendo a delicadeza de sua discrição. Compreendo a delicadeza e compreendo a discrição. Elas porém não me resolveriam a lhe mandar os originais se não fosse o estarem incompletos. Com exceção do nome Grain d'Orge que é dessas coisas antiquadas, o conto ia bem. Engraçado que, chegado daí e refletindo com as minhas notas para o conto "O Retrato" (que tal seria o nome do caso) entrei a lutar comigo sobre o problema não só da delicadeza, mas da criação literária. Conhecendo o seu amor da verdade, entrei a ter escrúpulos sobre o meu... amor à mentira. E isso, agora que li o seu semiconto, se tornou quase irredutível. Por certo que se eu escrevesse "O Retrato" e o Sr. o lesse, havia de ficar muito, como direi? muito estomagado com a sem-cerimônia com que eu deformaria em principal os caracteres dos personagens. É que eu estou livre das memórias... do Senhor, e criaria por isto livremente. O que me interessa no caso não são as verdades, mas aquilo em que as verdades locais e episódicas iam se transformar, pra mim, num dado de universalidade. E pra isso eu deformava tudo, em proveito da "nova síntese" que é a arte. Quer ver o caso mais típico? Grain d'Orge deu ao seu conto o nome de "Marcolina", porque o que lhe interessa e prende as memórias é o tipo de mulher. Ora o que ia me interessar era muito mais o homem naquilo em que ele é menos um tipo, do que representativo de uma dada mentalidade brasileira numa dada época psico-social do Brasil. Isto é, eu deformaria o homem pra transportá-lo de tipo a protótipo. E o tipo da Marcolina só viria funcionar em relação a esse protótipo, botando-o em luz. O que me interessou foi retratar aquela noção ríspida, um bocado estreita mas elevada e de forte defesa social, com que ali pela caudinha do século passado, o homem se conservava numa noção tamanha de honradez, de dignidade, de respeito aos seus compromissos quaisquer (no caso, matrimoniais), a ponto de fazer os maiores sacrifícios de sensibilidade e lembranças gratas, pra impedir que uma mulher livre guardasse "exposto" um retrato dele. Essa a concepção, em favor da qual, está claro, eu não hesitaria em exagerar os dois tipos, tornando aliás o homem bastante mau e antipático, favorecendo a mulher na luz roxa de bastante infeliz. Enfim um fenômeno irritante de patriarcado, de que a meiguice do caso real apenas serviria pra ponto de partida. E ainda a deliciosa anedota final, a conservação do retrato pelo casal de negros, servilmente adoradores do "senhor moço", ainda viria mais a pôr em relevo a antipatia escravocrata do branco. Ao chegar a este ponto da minha concepção, desisti. Não podia renegá-la, pois que, como é da fatalidade do fenômeno da criação artística, ela era fatal, independia de mim: era a verdade da arte, ou a mentira da vida. Mas podia ferir um amigo que, está claro, não considero absolutamente o personagem que eu criara, em síntese nova e crítica da vida, partindo apenas de um fato. Muito mais de um fato, de um caso, que de uma realidade psicológica. Mas é que o fato, iluminado de um certo ponto e por uma certa luz, servia pra expor toda uma transcendência. Como no caso do Jacinto = Eduardo Prado e mil milhares de outros. Mas, no meu caso particular, interveio a estima e o respeito que tenho pelo Senhor, e o desgosto que me causava deformar a sua verdade pessoal. Mesmo em proveito da arte. O que, no caso, seria um egoísmo da minha parte. Desisti. Tenho posto muita gente nos meus livros. Aliás não tenho nenhum personagem que

> seja criado, se não ex nihil, o que é impossível, mas pelo menos tirado inteiramente de mim. Mas no geral não tenho "chaves", e nunca um meu personagem é decalcado de um indivíduo só. No geral são "somas", eu ajuntando sempre a um tipo, caracteres, cacoetes etc. tirados de outros indivíduos observados e também muito da observação de mim mesmo. Mas detesto as "memórias" em obra de ficção. Se lembre daquele passo do Amar, verbo intransitivo em que Carlos entra pela primeira vez no quarto de Fräulein. Não me lembro do meu texto e estou com preguiça de ir buscar o livro. Mas sei que evitando a descrição da cena, pergunto "negarei ter tentado a descrição?" e confesso que a partir de coisa alguma, tentei mesmo, porém que "me perseguiam as memórias" e por isso fiquei tão preso que desisti. Bom, paro aqui. Recebi o Rugendas. Mas que besteira minha, se não lhe disse que era isso mesmo! Não me lembrei absolutamente de especificar qual o exemplar que queria. Mas está claro que é isso mesmo, como o Sr. decidiu. Aliás, seja dito para dignidade do meu amor aos livros: nem eu poderia esperar outra coisa de um bibliófilo. Está certíssimo. O que está me deixando um pouco alarmado é o presente para a sua impressionante afilhada. O caso é positivamente grave, dadas a posição padrinho do Sr., a sua fama de rico, culpa sua, derivada em especial da largueza e generosidade dos seus gestos, e ainda a posição da afilhada. Mas como não urge o tempo, continuarei turistando pelas casas adequadas até encontrar coisa que me pareça digna do padrinho, da minha escolha e da nossa impressionantíssima afilhada. Creio que, no caso, estou sendo também um bocado vítima das... memórias! arre!
> Bem, aqui lhe mando e a Zulmira, com o abraço amigo, a esperança tênue de um bom 1942 para todos nós
> Mário

Esta carta é emblemática pela visão de Mário em relação ao "tio". O modernista, com muito cuidado, analisou a personalidade de Pio, bem como demonstrou a visão crítica que tinha em relação a ele e ao caso amoroso que haviam tentado retratar. Com sutileza, apesar de afirmar que estaria exagerando na caraterização da personagem, "deformando o homem para transformá-lo em protótipo", o modernista reconheceu que o parceiro literário poderia ficar muito "estomagado", magoado, com os aspectos que ele (Mário) destacaria: "mentalidade brasileira com noção ríspida e estreita da defesa social", "o fenômeno irritante do patriarcado", "a antipatia escravocrata do branco" e ainda colocou seu principal conflito em relação ao caso: manter "a verdade da arte ou a mentira da vida"? Decidiu, então, preservar a amizade e reafirmou seu respeito e carinho pelo interlocutor.

Nessa carta, ainda, Mário empregou algumas expressões que reiteram o que se apresenta nesta pesquisa sobre a figura de Pio: um pouco antiquado (quanto ao nome Grain d'Orge), bibliófilo (quanto a um livro de Rugendas), rico (o que estava obrigando Mário a procurar, em São Paulo, um presente para uma afilhada de Pio que estivesse à altura dessa imagem e causasse boa impressão em Araraquara). Uma carta respeitosa, mas reveladora e que já prenuncia o que

Mário fará no conto "O poço", desta vez, decalcando a personagem Joaquim Prestes na figura de Pio e "exagerando" nas características antipáticas, transformando-o em protótipo, assunto de que trataremos amais adiante.

Araraquara, no final do século XIX, assim como muitas outras, foi assolada pela febre amarela. Pio acompanhou seu irmão e tutor em iniciativas de administrar e controlar a situação na cidade, haja vista que muitos fazendeiros e administradores refugiaram-se em suas fazendas ou abandonaram a região com medo da doença. Pio relatou essa experiência em texto publicado no *Álbum de Araraquara de 1948* (ALMEIDA, 1948, p. 39-40). Aqui também nos parece importante transcrever alguns trechos mais significativos do texto para dar voz ao nosso pesquisado, mantida sua ortografia (v. texto completo no *Volume 2 - Dossiê*)*:*

> Em 1889 a febre amarela, desmentindo o prolóquio paulista "febre amarela não sobe a serra", apresentou-se em Campinas e determinou ali uma das mais sérias e mortíferas epidemias conhecidas no Brasil. E alastrou-se naquêle mesmo ano e nos subsequentes, em epidemia de maior ou menor virulência, por tôdas as demais cidades do planalto. Em 1895 chegou a vez de Araraquara. Aqui, no lapso de três anos, não só atacou a quasi totalidade da população urbana, ocasionando alarmante letalidade, como chegou a desorganizar o arcaboiço político, social e administrativo da cidade e da comarca. Dêsde 1890 ou 1891 eram já conhecidos aqui os casos de febre importados, isto é, aparecidos em pessoas recém-chegadas de outras cidades onde grassava o mal. Até que em princípios de 1895, começaram a aparecer casos em pessoas que daqui não tinham saído, e nem tinham tido contato próximo ou remoto com doentes importados[...] Os médicos, após muita discussão e algumas permutas de socos, acalmaram as vaidades feridas, mediante uma espécie de acôrdo tácito na denominação de *febre reinante* para a epidemia em franco período de invasão. E as autoridades continuavam a esforçar-se no seu "dever" de evitar o alarma.
>
> [...] Desencadeou-se, afinal, o alarma e o pânico, que as autoridades sanitárias e administrativas não puderam mais evitar. Cada qual deu-se à maior pressa em sair da cidade. [...] O Hotel Magalhães permaneceu aberto. Aí instalou-se a Comissão Sanitária e seu escritório, a vasta provisão de desinfetantes e aparelhamento de combate aos "miasmas deletérios", e o pelotão de desinfetadores e fiscais sanitários. A seguir, aconselhou – e conseguiu – o plantio de eucaliptos nas ruas e praças da cidade, para... purificar os ares. [...]
>
> Mas, o estado sanitário da cidade agravava-se de dia em dia. A pandemia lavrava na cidade de ponta a ponta! E daí? Daí cal virgem. Muitas toneladas foram importadas das caieiras de Rio Claro e espalhadas nas vias públicas urbanas, nos quintais e hortas, nas fossas das latrinas [...]
>
> Mais ou menos por aquelas semanas de pavor agudo e desorganização administrativa, reapareceu na cidade a figura enérgica e prestigiosa de Antonio Lourenço Corrêa que, com sua esposa, acabavam a longa convalescença da febre amarela que os prostara. O bandeirante araraquarense reviveu naqueles dias as virtudes da estirpe: contemplou o cenário melancólico e as atividades desconexas dos heróis anônimos, e assumiu uma espécie de comando militar da situação.
>
> Antes de tudo, procurou pôr-se de acordo com a Comissão Sanitária e com o comandante (um sargento, creio) do destacamento policial. (Estava ausente o delegado

> de polícia). [...] Antonio Lourenço requisitou lenha do seu amigo Cel. Germano Xavier de Mendonça, fazendeiro em Américo, possuidor de abundantes recursos, araraquarense de raça, chefe político e pessoa estimadíssima pelos seus belos dotes de coração e de caráter. A requisição foi fidalga e prontamente atendida. [...]
> Foi assim que Araraquara, coberta de eucaliptos e de cal, e privada das antigas privadas, do cemitério de São Bento e dos poços, viu afinal, em 1897, o último caso de febre amarela afundir-se no cemitério dos contagiados da charneca das Cruzes. É certo, todavia, que nem um único *Aedes aegypti* (*Stegomya fasciata*) foi até então diretamente perseguido ou siquer suspeitado da parte direta que tomara nas dantescas angustias do homem, seu vizinho e seu alimentador. [...]".
> **Pio Lourenço Corrêa (Mota Coqueiro)**

Pio relatou a circunstância histórica quase em formato literário, usando muitas metáforas e muita ironia para destacar a falta de conhecimento sobre a febre amarela pelas autoridades da época. Ele utiliza o recurso de conversar com o leitor e adia bastante o desfecho da narrativa, reforçando o tempo gasto em atitudes inúteis e a angústia da população da cidade. Aproveitou o texto também para destacar a figura de seu irmão/tutor como um herói, um "bandeirante", que tomou as rédeas da situação e reorganizou a cidade. Escoimado o aspecto ficcional do texto, é possível conhecer minúcias da situação relatadas pelo olhar afiado do autor, além de revelar seu conhecimento científico (mais amadurecido no momento do relato) sobre a transmissão da febre amarela ser feita pelo mosquito, fato desconhecido pelas autoridades sanitárias da época.

Entre 6 e 7 de fevereiro de 1897, ocorreu uma situação violenta na cidade, semelhante ao linchamento dos negros logo após a abolição (fato já relatado), mas desta vez ligada a questões políticas, o "linchamento dos Britos". Pio Lourenço, então com vinte e dois anos, por acaso, acabou sendo testemunha do crime e teve de prestar depoimento no julgamento público. Mais tarde, em 1945, redigiu um texto detalhado relatando o que tinha visto e justificando seu depoimento. Transcrevemos, então, trechos do relato, escrito de próprio punho pelo nosso pesquisado e publicado por Telarolli (1997, p. 209-216):

> Como é sabido de todos no Brasil, houve na noite de 6 para 7 de fevereiro de 1897, na cidade de Araraquara, o crime conhecido por "linchamento dos Britos". [...]
> Em 1897 eu era ainda solteiro, e estava domiciliado em casa de meu irmão e ex-tutor António Lourenço Corrêa, na esquina da rua 5 com a avenida 2, prédio onde está hoje a Delegacia Regional da Polícia. Os meus cômodos eram nos baixos do edifício, à esquerda de quem entra. Na citada noite, cêrca de meia noite e vinte minutos, fui despertado por meu irmão[...]
> - Vá até o largo ver se vê alguma coisa ou se obtém qualquer informação.
> O velho estava profundamente impressionado. Enfiei as calças, em que mal cabíamos eu e o fraldão da camisola, sobrepus às pressas um sobretudo que achei mais à mão, e

> saí rua abaixo. Não quis descer diretamente pela avenida 2, muito exposta a possíveis tiros de enfiada partidos da cadeia. [...] eu já estava meio contaminado do nervosismo do irmão. [...] Atingi, pela avenida I, cosendo-me depois com a parede lateral da Igreja, a frente desta. Eu vim, e estava ali entreparado, perscrutando na meia-escuridão do largo a possível presença de vítimas do tiroteio. Nada vi, além de vultos humanos na porta e na frente da cadeia; dei mais alguns passos, até a beira da calçada da Matriz. [...] Nisto, um brado, talvez da sentinela, determinou brusco movimento daquelas sombras de homens que entravam em forma... Sumi, num ápice, detrás do pilar da igreja, e cosido outra vez com a parede, ganhei o caminho por onde tinha vindo – não fôsse interpretação errónea da minha presença ali àquela hora custar-me a vida. Não vi vivalma nas ruas nem nas janelas. [...] Em casa informei o irmão que as coisas lá pela cadeia não estavam claras, que eu não voltaria a esclarecê-las. António Lourenço deixou-me, e mergulhei de novo no silêncio, nos lençois e no sono. [...] Afinal, que foi que se passara? O linchamento dos Britos! Na manhã do dia 7 lá estavam no largo os dois cadáveres, tais como os deixara a malta de assassinos. [...] Tudo, assalto, arrombamento e assassínio, foi obra da confissão de alguns minutos apenas, tudo foi operado pela turbamulta da capangada mais ou menos protegida por disfarces e máscaras, a qual se retirou em fuga rápida e desordenada, disparando tiros a esmo, ululando injúrias e torpezas, fustigando as montarias em desapoderosa corrida. [...]
> Dez minutos, ou quiça menos ainda, após o primeiro brado da sentinela, o silêncio habitual das noites da pequrena cidade estava restabelecido, exceto em frente da cadeia, onde soava de vez em quando uma voz de comando e movia-se a sombra de pelotões de defesa tardia e inútil. [...]
> Araraquara, março de 1945.
> PIO LOURENÇO CORRÊA

Pio, ordenado pelo irmão tutor, expôs-se ao perigo da situação, mas não conseguiu "ver" realmente a cena por conta da escuridão da noite. Foi obrigado, no entanto, a testemunhar e/ou decidir o destino dos acusados, enfim envolveu-se numa situação política de violência sem ter de fato, ao que parece, "testemunhado o crime". Mais uma vez a situação foi resolvida pela força, a "justiça pelas próprias mãos". Ação violenta, mas não incomum em diversos episódios de nossa história. Ao final, os réus, representantes da classe dominante de Araraquara foram absolvidos.

Em Doin et al (2007, p. 93), há uma referência ao episódio de violência ocorrido, em que os autores destacam as contradições comuns à *Belle Époque* "caipira". Pretendia-se atingir a modernidade, sinônimo de civilização, mas as elites, as classes dominantes das cidades, resolviam ainda muitas situações de forma arcaica, bárbara:

> Membros dessa elite política do Brasil caipira também lançavam mão do monopólio privado da violência. Contudo, vários são os casos impunemente contornados e capazes de mostrar o ocultamento da barbárie com discursos e ações aparentemente civilizatórias. Entre eles destaca-se o famoso crime político ocorrido em Araraquara, denominado Linchaquara e que envolveu duas poderosas famílias locais. Para que a população esquecesse o trágico episódio e as respectivas famílias continuassem a

> dominar o poder público municipal foi construída uma bela e ajardinada praça pública, exatamente no largo onde a chacina foi consumada.

Em 1898, Pio Lourenço Corrêa casou-se com a sobrinha Zulmira de Moraes Rocha, casamento endogâmico, no dia 14 de dezembro, na Igreja de Santa Efigênia, em São Paulo (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 10), e foram morar na Chácara da Sapucaia, residência mais distante da cidade, em Araraquara, numa tentativa de se preservarem da epidemia de febre amarela, exigência feita pela sogra, Isabel. Conforme Gilda de Mello e Souza (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.18):

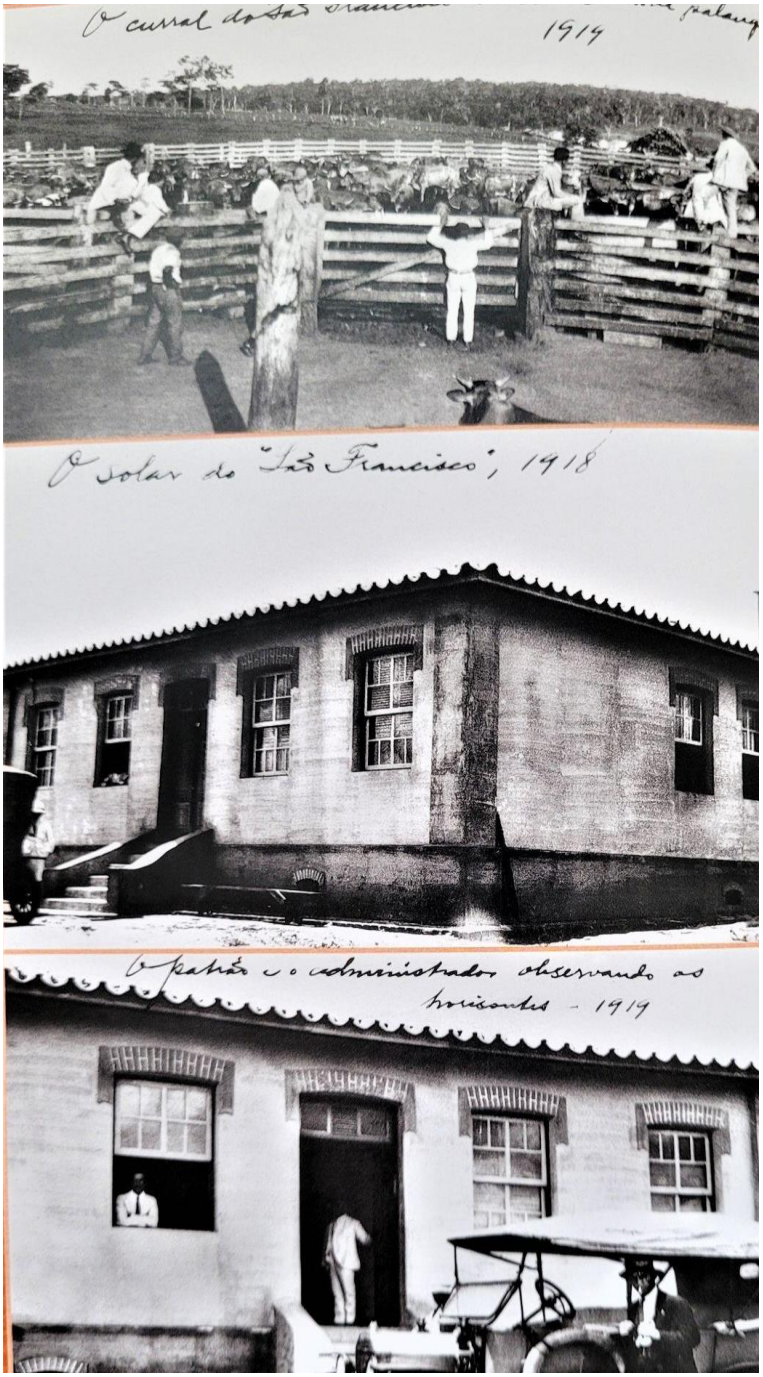
> [o] primeiro decênio do casamento não é tranquilo para o jovem casal: estudos interrompidos, acomodações de carreira, epidemias e crises políticas, graves problemas familiares, tudo isso deixou marcas na sensibilidade exacerbada de Pio Lourenço e foi provavelmente responsável pelos mal-estares que o vão acompanhar pela vida afora: ciática, dor de estômago, depressões nervosas, temperamento progressivamente solitário.

A esposa, Zulmira, dois anos mais nova, também teve dificuldades para estabelecer esse relacionamento. O casamento fora acertado entre a mãe e o marido/tio e ela também teve de se mudar de São Paulo para Araraquara. Segundo Renato Rocha (em entrevista à pesquisadora), ela gostava de música, tocava piano, como as "moças bem-educadas da época", mas o marido não gostava disso e dizia: "de todos os barulhos esse talvez seja o menos ruim!" e, com o tempo, ela abandonou o hábito. O casal não teve filhos.

Pio exerceu, na cidade de Araraquara, os cargos de vereador (de 1899 a 1901), presidente da Câmara (1901-1902), provedor da Santa Casa, presidente do Clube Araraquarense (no qual instalou uma biblioteca) e outras atividades executivas (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 10).

Em 1907, mudou-se para Santos/SP, estabelecendo-se como sócio de uma Casa Comissária para exportação de café. Pouco se sabe sobre este período ou se a esposa o acompanhou ou não. Mais ou menos em 1910, desfazendo-se da Casa Comissária, voltou para Araraquara e passou a viver definitivamente "da" fazenda conseguida na finalização da sociedade: a Fazenda São Francisco, retratada na Figura 19.

Figura 19: Imagens da Fazenda São Francisco, de PLC (fotos s/a, tiradas em 1919, 1918 e 1919, respectivamente), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.44).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul – Rio de Janeiro/RJ.

Em 1911, Pio e Zulmira realizaram uma longa viagem pela Europa (v. Figura 20), juntamente com amigos, para tratamento de saúde (não se sabe qual era o problema) e lazer. A viagem transcorreu bem, Pio tinha grande conhecimento de línguas: lia, escrevia e falava espanhol, italiano, francês e inglês. Essa viagem ainda rendeu outras histórias pitorescas, como a compra de uma pia e de uma banheira, na Bélgica, que vieram no mesmo navio com ele e depois foram despachadas por trem.

Figura 20: Pio e Zulmira com amigos em viagem à Europa, no ano de 1911 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 54).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul – Rio de Janeiro/RJ.

Renato Rocha (em entrevista para a pesquisadora) contou que, em Araraquara, havia um grande amigo de Pio chamado Francisco Vaz, totalmente cego. Quando soube da história da banheira, ficou muito curioso e entusiasmado, assim como toda a cidade. Pio, ao anunciar que a banheira chegaria num determinado dia, foi chamado pelo amigo que solicitou que ele passasse com a banheira por sua casa para que ele pudesse "vê-la". A família de Francisco, então, montou um jirau na frente da casa, os carregadores/transportadores levaram a banheira e a colocaram sobre a estrutura montada e o amigo pôde apalpá-la. A pia foi, mais tarde, levada para a Fazenda

Santa Izabel, também da família, e a banheira continua na antiga Chácara da Sapucaia, hoje *Centro Cultural professores Waldemar e Heleieth Safioti.*

A partir de 1912, Pio começou a alternar a residência entre a chácara e uma casa que tinha no centro da cidade de Araraquara (v. Figura 21) por conta dos negócios, o que se deu até 1918. Neste ano, Pio deixou de alternar a residência e passou a morar na Fazenda São Francisco até 1920.

Figura 21: A casa de Pio na cidade de Araraquara (foto s/a, tirada em 1915), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.10).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul -Rio de Janeiro/RJ.

Em 1913, no dia 22 de junho, faleceu Renato de Moraes Andrade (v. Figura 22), irmão de Mário, aos 14 anos, após machucar-se num jogo de futebol. O escritor sofreu um duro golpe, passando por um longo período de depressão. Mário conseguiu superar essa fase ruim com a ajuda de Pio, que o levou para a Fazenda São Francisco, região de Bueno de Andrade, com uma sede bem modesta (v. Figura 19), onde o jovem ficou até conseguir elaborar a perda do irmão. Ele ficou sozinho e Pio o visitava periodicamente para ver se necessitava de alguma coisa. Aos poucos foi sentindo vontade de caminhar pelo bosque de palmeiras, foi aumentando as caminhadas, até que melhorou. Quando voltou de Araraquara para São Paulo, no mês de

setembro, diz ter descoberto sua vocação de poeta. Esse relato foi feito por Mário a Manuel Bandeira, em carta de 29 de maio de 1931:

> [o] caso típico da minha afetividade foi a morte de meu mano mais moço, que me levou quase pra morte também. Os médicos chegaram a não dar nada mais por mim, médicos de moléstias de nervos e o diabo. Não comia, não dormia e com os sintomas característicos de neurastenia negra, ódio de minha mãe, de todos os meus etc. Foi o bom-senso dum tio, espécie de neurastênico de profissão, que me salvou. Pegou em mim, levou pra fazenda dele, onde ele não morava, me deixou lá sozinho. De tempo em tempo aparecia, perguntava se eu não queria nada. Não queria e ele ia-se embora. Um dia me chegou enfim a curiosidade de saber como era o princípio do cafezal, por trás da casa, fui até lá. Fiz o mesmo no dia seguinte, até mais longe e pra encurtar coisas aqui estou ainda vivo. Só que voltei poeta da fazenda. Sem nunca ter nem me preocupado em ler com prazer os poetas, já mesmo antes de ir pra fazenda, tinha dado em mim essa coisa esquisitíssima, talvez sintoma de loucura; uma mania de fazer versos. Foi assim". (MORAES, 2001, p. 508).

Nesse momento da vida de Mário, Pio acompanhou seus passos com interesse, mas com certo distanciamento, até que o jovem estivesse pronto para voltar à família de São Paulo. Aceitou a angústia de Mário sem críticas nem cobranças e deu o tempo de que ele precisava para elaborar a perda. Segundo o relato de Mário a Bandeira, a técnica deu certo. E muitas outras vezes durante a vida, cansado da cidade grande, com problemas de saúde ou em férias, Mário passou temporadas na Chácara da Sapucaia.

Figura 22: O irmão mais novo de MA (o primeiro à esquerda), Renato de Moraes Andrade, com colegas no Ginásio do Carmo (foto s/a e s/d), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.39).



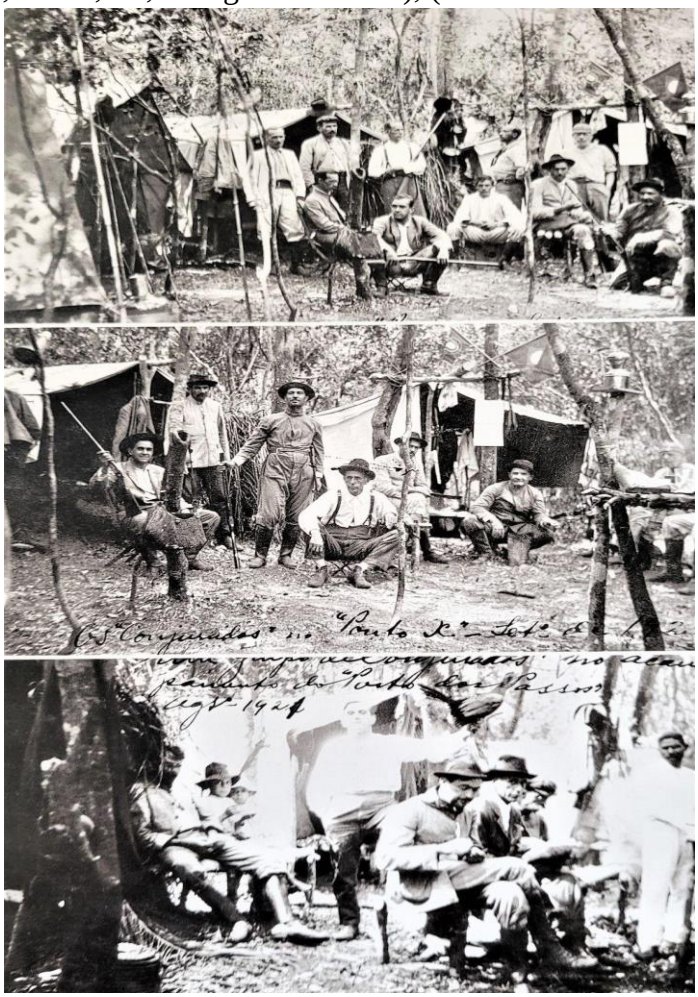
Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul – Rio de Janeiro/RJ.

Provavelmente em 1915, chegou a Araraquara Edward Ruxton (1863-1931), escocês nascido em Aberdeen, que Pio contratou para lhe ministrar aulas de inglês. Ruxton tinha vindo morar na cidade, pois trabalhava na expansão da ferrovia. Fazia parte do trato estabelecido com Pio que Ruxton se mudasse para a Chácara da Sapucaia para que pudesse conviver e conversar diariamente com o fazendeiro e o aprendizado fosse mais rápido e eficiente, mas o professor, que era bastante desmedido na bebida, deveria manter-se sóbrio. Depois de um certo tempo (não podemos precisar a data exata), devido à impossibilidade de Ruxton controlar o consumo de bebida, o aluno despediu seu professor. Como Ruxton não honrou sua palavra, Pio honrou a dele.

Conhecido como o "Mister", o escocês acabou figurando como a personagem Mr. Brown, do conto de PLC "O caso do barraqueiro" (v. conto completo no *Volume 2 - Dossiê*) único texto ficcional /escrito por Pio assinado com o pseudônimo Mota Coqueiro, publicado em revista do Modernismo, *Papel e tinta* (COQUEIRO, 1921, p. 5-6). O conto trata de uma caçada de macuco, ave comum na região de Araraquara, empreendida por um grupo de homens, organizados rigidamente em uma expedição. Essa situação era comum para Pio, pois ele comandava o grupo dos "Conjurados" (v. Figura 23), caçadores que acampavam por dias nas matas da região especialmente para caçar, como registra Candido (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 13):

> [p]escador e sobretudo caçador apaixonado, organizou e liderou por muito tempo o grupo dos *Conjurados* com o qual empreendia anualmente, em regiões distantes, expedições de caça principalmente aos macucos, e que era regido por um regulamento estrito e inflexível, estabelecido por ele.

Figura 23: PLC e os “Conjurados” em excursão pelo interior de São Paulo (fotos 1 e 2, s/a, em setembro de 1922; foto 3, s/a, em agosto de 1921), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.51).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul – Rio de Janeiro/RJ.

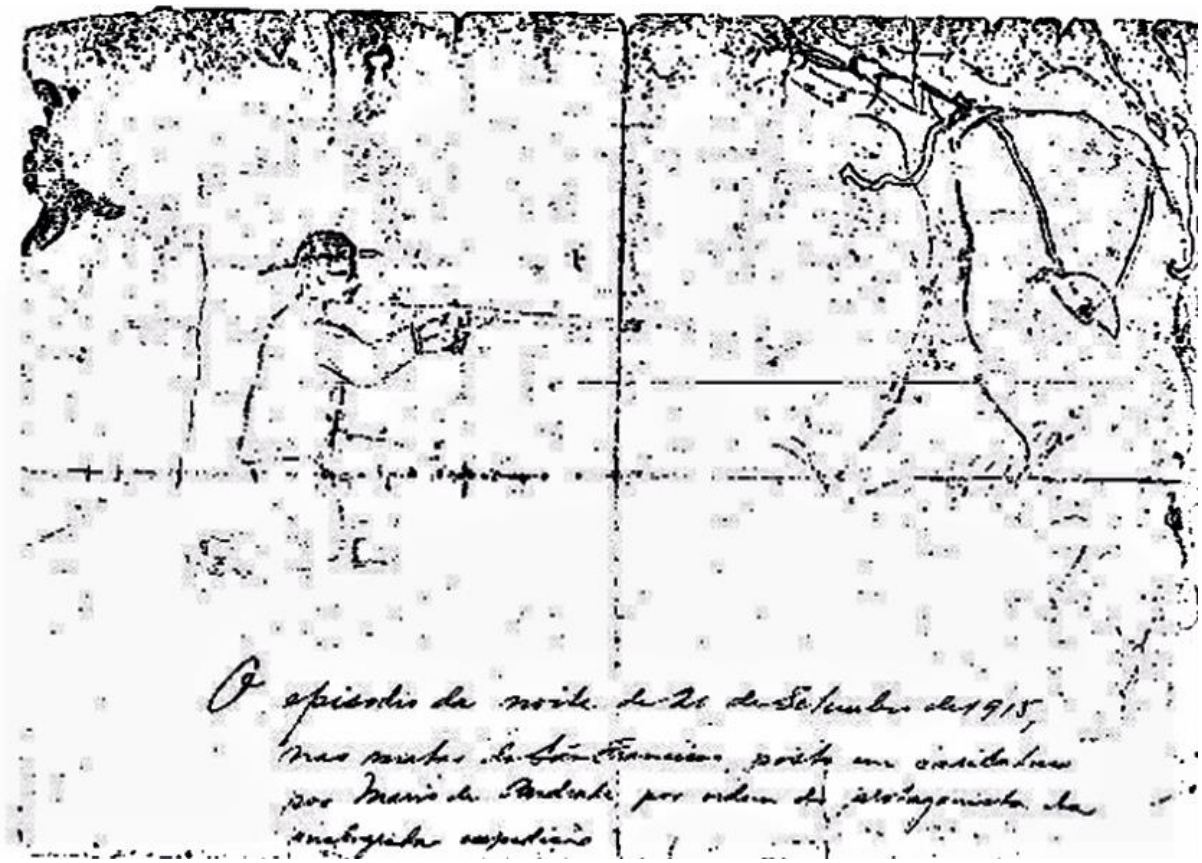
Mário de Andrade acompanhou esse grupo muitas vezes e as histórias ouvidas renderam-lhe alguns contos, entre eles, um com o título específico de “Caçada de Macuco”, publicado no livro *Primeiro Andar*, de 1926.

Pio registrou a descrição da personagem, em suas palavras: “É escalado para atirador o Mister, ‘Conjurado’, escocês, tipo acabado de *sportsman*, de maneiras delicadas e persuasivas, estimadíssimo no seio da turma, que ele acompanha em todas as vitórias e em todas as derrotas desde 1915” (COQUEIRO, 1921, p. 5-6). Os “Conjurados” realizavam caçadas pelas matas da região, seguindo ordem e preparativos rigorosos, liderados por Pio.

Não se tem notícia da data em que o grupo iniciou esses trabalhos, mas há um desenho feito por Mário, retratando Pio de espingarda em punho a espreitar um macuco, datado de 1915

e apresentado na Figura 24, encontrado entre os papéis na gaveta da escrivaninha de Pio, em Araraquara.

Figura 24: Desenho de Mário de Andrade retratando Pio Lourenço Corrêa na noite de 21/09/1915 (GUARANHA, 2007, p. 114)[1].

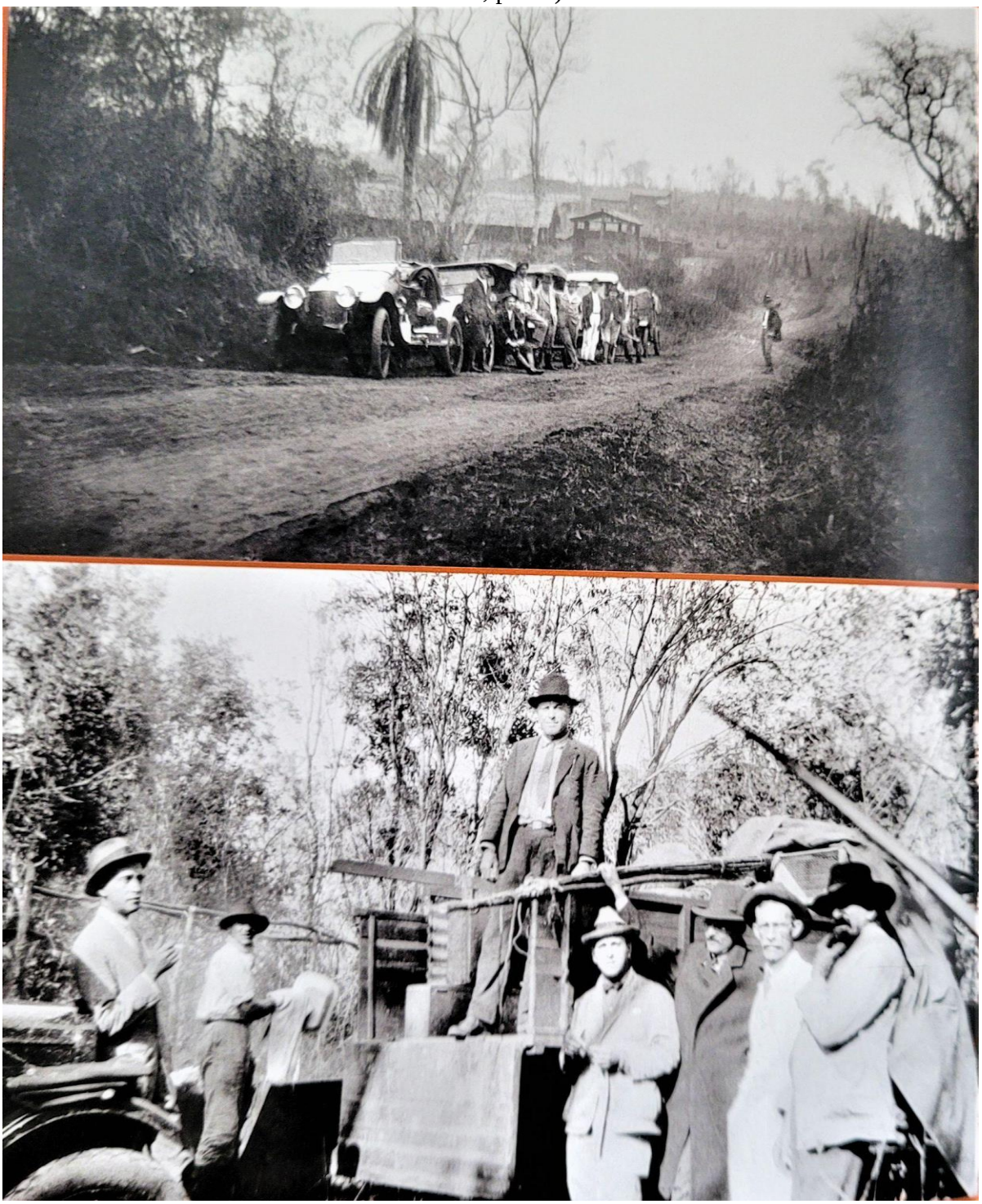


Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Fotocópia tirada em 2004.

A última excursão do grupo dos "Conjurados" teria sido por volta de 1927, segundo a legenda da foto a seguir, Figura 25 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 100):

[1] Transcrição: O episódio da noite de 21 de Setembro de 1915, nas matas da São Francisco, posto em caricatura por Mário de Andrade, por ordem do protagonista da malograda expedição.

Figura 25: Última excursão dos Conjurados (foto s/a, de 1927), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.100).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul – Rio de Janeiro/RJ.

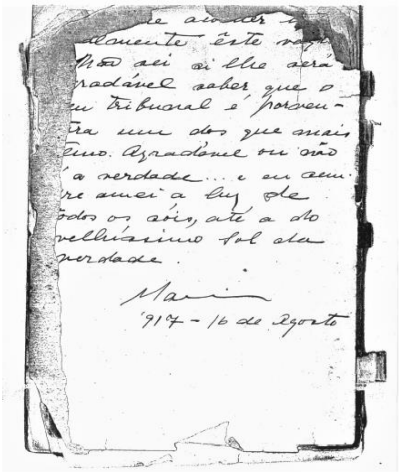
Pio teria notícias novamente de Mister Ruxton somente em 1931, quando recebeu dele uma carta com um pedido de socorro e relatou o caso a Mário de Andrade, também por carta, no dia 3 de setembro de 1931 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 193-194):

> [...]O Mister Ruxton, quando conseguiu dominar a resistência tenaz, que o seu impecável gentlemanismo opunha a que um dia na vida pedisse socorro – estava quase moribundo! Ainda assim, conseguiu, nos estertores de um derradeiro esforço, chegar até este teto amigo, onde foi recebido com lágrimas, mas com prazer. Vou copiar aqui alguns períodos da carta que me dirigiu, e que é o derradeiro esforço de um náufrago: "*I write to you in the saddest circumstances. Through long ilness I have spent the little money I had in doctors and in medicine and I am now reduced to misery. All my friends here are scattered and I am as alone as if I were in a desert and have nowhere to turn to. My greatest desire is to end my days in Araraquara near some friends and where I have passed many happy days. ... ... Forgive me Mr. Pio for asking you to help me. I know I have no right to ask it; but I am so miserable I do not know what to do. ... ...

Após a morte de Ruxton, os administradores do Asilo dos Inválidos, entregaram a Pio uma mala com os pertences do escocês, já que ele fora o único a ter contato com o paciente nos últimos momentos de vida. Para seguir a lei e ser correto, Pio levou a mala até o juiz responsável e solicitou abertura de investigação para localizar possíveis familiares que tivessem direito ao "bem". Após longo tempo e sem nenhuma resposta, o juiz chamou-o e deu-lhe a posse da mala, autorizando-o a abri-la, o que ele fez somente diante do juiz. Segundo consta e contaram seus conhecidos (Antonio Candido e Renato Rocha), havia dentro da mala: um pijama surrado, um par de chinelos e uma escova de dentes.

No dia 15 de fevereiro de 1917, faleceu Carlos Augusto de Andrade, muito amigo de Pio e pai de Mário. Este publicou seu primeiro livro, *Há uma gota de sangue em cada poema*, em junho, com as próprias economias, usando o pseudônimo de Mário Sobral. Nesta época, Mário iniciou sua "marginalia", as anotações que fazia nas margens dos livros e artigos que lia. Teve início a correspondência de Mário e Pio. Este recebe o primeiro livro de autoria de Mário com dedicatória e uma solicitação de sua opinião acerca da obra (v. Figura 26). A partir daí, Mário fez sempre assim: enviava todas as suas publicações a Pio com dedicatórias de respeito e carinho.

Figura 26: Fotocópia da dedicatória de MA a PLC no primeiro livro publicado pelo modernista: *Há uma gota de sangue em cada poema* (São Paulo: Gráfica Pocai, 1917). (GUARANHA, 2007, p. 442.).



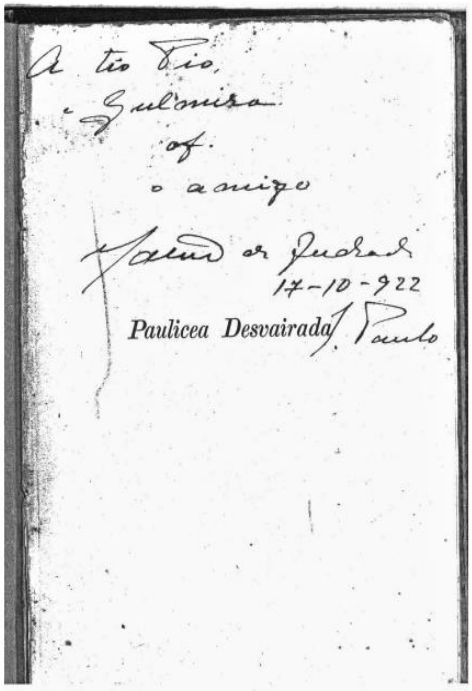
Dedicatória em *Há uma gota de sangue em cada poema* (São Paulo: Gráfica Pocai, 1917): "[...] acolher [...] / [...almente] este [...]/ Não sei se lhe será/ agradável saber que o/ seu tribunal é porven-/ tura um dos que mais/ [temo]. Agradável ou não/ [é] a verdade... e eu sem-/ pre amei a luz de/ todos os sóis, até a do/ velhíssimo Sol da/ verdade./ Mário/ '917 – 16 de Agosto".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia realizada pela pesquisadora em 2005.

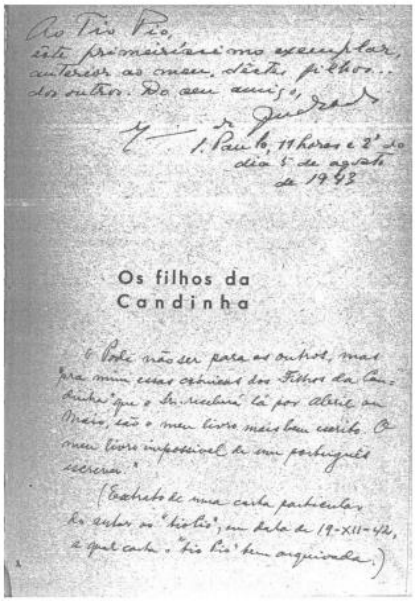
Em carta de 30 de agosto de 1921 a Mário, Pio revela informações sobre sua coleção de livros, declarando já possuir quase todos os livros de João Ribeiro, filólogo conceituado neste tempo, menos *A língua nacional* que, realmente, não se encontra em seu acervo (v. carta e nota em ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 45). Em 31 de agosto de 1921, em carta a Mário, Pio escreve o texto "Uma dissertação contra o agá" (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.47), (v. *Volume 2 - Dossiê*).

Em 1922, aconteceu a Semana de Arte Moderna, nos dias 13 a 18 do mês de fevereiro, em São Paulo, no Teatro Municipal. Mário, neste mesmo ano, passou a catedrático do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e publicou *Pauliceia desvairada*, custeado por ele. Na biblioteca de Pio estão *Pauliceia desvairada* (1922) e todos os outros livros de Mário com dedicatória (v. Figura 27); há também todos os números da revista *Klaxon.*

Figura 27: Fotocópias das dedicatórias de MA a PLC em *Pauliceia desvairada* (1922) e *Os filhos da Candinha* (1943). (GUARANHA, 2007, p. 443 e p. 451, respectivamente).



Dedicatória em *Paulicéia desvairada* (São Paulo: Casa Mayença, 1922): "A tio Pio e Zulmira of. o amigo Mário de Andrade/ 17-10-922/ S. Paulo".



Dedicatória em *Os filhos da Candinha* (São Paulo: Martins, 1943): "São Paulo, 11 horas e 2' do dia 05 de agosto de 1943./ Ao Tio Pio,/ este primeiríssimo exemplar, anterior ao meu, destes filhos... dos outros. Do seu amigo,/ Mário de Andrade".
PLC, por sua vez, escreveu na mesma página: "'Pode não ser para os outros, mas pra mim essas crônicas dos *Filhos da Candinha* que o Sr. receberá lá por abril ou maio, são o meu livro mais bem escrito. O meu livro impossível de um português escrever'".(Extrato de uma carta particular do autor ao 'tioPio', em data de 19-XII-42, a qual carta o 'tio Pio' tem arquivada.)".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia realizada pela pesquisadora em 2005.

Em 11 de março do mesmo ano de 1922, Pio escreveu uma carta a Mário, comentando as notícias que este havia lhe contado sobre a Semana de Arte Moderna em carta anterior, que não foi localizada no acervo. Pela resposta de Pio é possível fazer uma ideia do que Mário teria relatado:

> Araraquara, 11 de março de 1922.
> Mário:
> Eu já li mais de uma vez a sua carta de domingo de carnaval. Repeti a leitura para me certificar bem se ali havia algum requerimento, se V. queria alguma coisa de mim. Vi que não; a carta é puramente noticiosa, e vale por um relatório pormenorizado dos sucessos da famosa semana, e dos sentimentos que eles criaram ou alteraram na sua consciência. Esta resposta não é mais, portanto, do que um recibo. Ou, melhor dito, não devia passar além dos termos de recibo. Mas... podemos aproveitar a sobra do papel para conversa. Na divisão do trabalho humano, a que obriga a eterna e universal Lei da capacidade de cada um, a mim me tocou plantar batatas e matar formigas. Em arte (já V. o sabia) sou simplesmente um by stander, um mirone, um badaud , um basbaque. De toda essa nomenclatura internacional, escolha V. a que mais me convier. Como plantador de batatas, não percebo essa coisa de se meterem batatas, digo, palavras avulsas – by standers – no meio do discurso; como matador de formigas, não me cabe na mioleira. Também já V. o sabia. Mas continuo a plantar batatas, sem me interessar pela sorte dos soviets. Um verso sem metro, sem rima, sem leis. Considero isso tudo como arte dos soviets. O pior é que nem todos continuam a plantar batatas: alguns vão ao Municipal atirar batatas! Que se lhes há de fazer? Aturá-los, e deixá-los. Entrementes, aceite um abraço que Zulmira acaba de encomendar-me, e outro do
> tio Pio

Em 1924, no mês de setembro, Pio publicou seu artigo "Araquá, Araquara, Araraquara", no jornal *Araraquara*, da mesma cidade, sob o pseudônimo de Mota Coqueiro, mas essa "folha volante", como ele diz, "tem vida curta". Em 1925, o mesmo artigo de Pio foi publicado na *Revista de Filologia Portuguesa*, dirigida por Mário Barreto, vol. 5, p. 69 e seguintes, em São Paulo. O artigo deu origem aos seus estudos sobre a etimologia da palavra e, a partir daí, ele se concentrará na redação da primeira edição de sua *Monografia da palavra Araraquara* (CORRÊA, 1936), demonstrando que o significado do nome da cidade era "ninho do sol" ou "cova do sol" e não "ninho de araras" como todos diziam. No ano seguinte, 1936, Pio Lourenço Corrêa simultaneamente à colaborações que fazia para o jornal *O Imparcial*, publicou a primeira edição de *sua Monografia da palavra Araraquara* (CORRÊA, 1936), um pequeno livro no qual defendia que o significado do nome de sua cidade era "morada do sol" ou "lugar onde nasce o sol" e não "ninho de araras", como todos acreditavam. Ao longo de sua vida, dedicou-se a revisar e aumentar essa obra, publicando-a em mais outras três edições, em 1937, 1940 e em

1952, cinco anos antes de sua morte. Pode-se dizer que esse tenha sido um projeto de vida que revela tanto o apego à sua cidade quanto ao trabalho filológico. Essa obra é, por assim dizer, uma espécie de síntese das preocupações de Pio, tanto as gregárias, ligadas à valorização da origem de sua família e de seus descendentes, e as acadêmicas, construídas por meio de um metódico trabalho de pesquisa vinculado aos domínios dos estudos linguísticos e históricos.

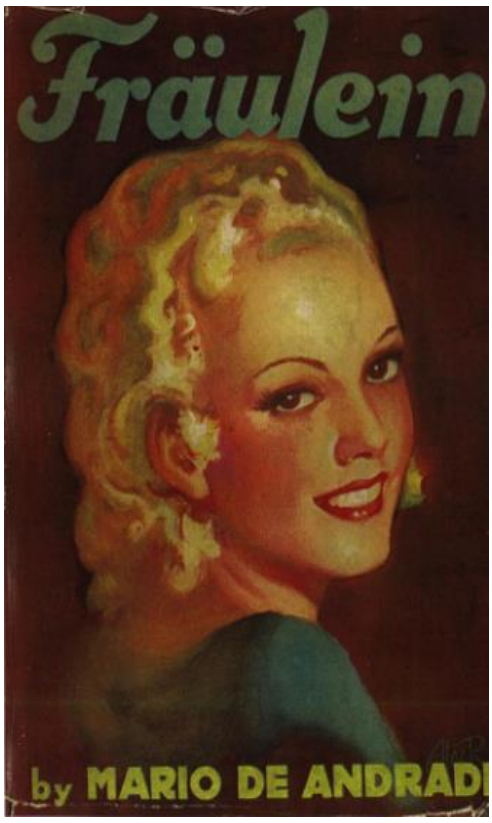
Em 1926, *nas* férias de final de ano, Mário organizou o material que já vinha pesquisando e realizou a primeira redação do livro *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*, na Chácara da Sapucaia, de Pio Lourenço Corrêa, em Araraquara, consultando dados de fauna, flora, folclore e outros assuntos pertinentes à obra, na biblioteca do "Tio Pio". Algumas fichas de estudo deste também foram utilizadas na composição da narrativa/rapsódia, conforme edição crítica (LOPEZ, 1996). No primeiro prefácio redigido por Mário, com data de dezembro de 1926, está: "Macunaíma não é símbolo nem se tome os casos dele por enigmas ou fábulas. É um livro de férias escrito no meio de mangas abacaxis e cigarras de Araraquara, um brinquedo" (ANDRADE, 1926, *apud* LOPEZ, 1996, p. 432). No segundo, de 1928, se lê: "Este livro de pura brincadeira, escrito na primeira redação em seis dias ininterruptos de rede cigarros e cigarras na chacra de Pio Lourenço perto do ninho da luz que é Araraquara [...]" (ANDRADE, 1928, *apud* LOPEZ, 1996, p. 433). Em carta a Manuel Bandeira, em 9 de janeiro de 1935, Mário comentou: "[...] nessas férias, aqui com o meu tio Pio Lourenço nesta chacra em que *Macunaíma* nasceu, vivemos falando diário no Sousa da Silveira. (MORAES, 2001, p. 608).

Pio Lourenço, entretanto, admite que não compreendeu a obra e, em carta de 2 de fevereiro de 1935, informou Mário: "[...] Os livros já estão no encadernador, menos o *Macunaíma*, que, como não entendo mesmo, não pretendo cortar" (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 278). Retoma o assunto em outra carta, de 3 de março de 1935, em resposta a Mário sobre o interesse da editora norte-americana em traduzir *Macunaíma*:

> [...] A 2ª a surpresa foi a notícia do reaparecimento da preciosa tradutora. Esta foi-me agradabilíssima. Dar-se-á que a mirífica americana vai conseguir alterar o meu juízo acerca do *Macunaíma*? Deus o queira. Mas acho o empreendimento muito árduo, e arriscado. Quer-me parecer que, desta vez, mais acertado anda o editor, que encomendou outro, deixando o *Macunaíma* onde está, só para uso dos que o entendem. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 284).

Em 1927, Mário publicou *Amar, verbo intransitivo,* livro polêmico pela temática delicada, enviando ao tio 2 exemplares: um com dedicatória para que ficasse com ele e outro para que fizesse as correções que julgasse necessárias e o enviasse a Mário. Assim foi feito. Pio anotou rigorosamente todas as observações justificadas pelas gramáticas que colecionava nas margens do livro, devolveu-o a Mário, que fez as réplicas, também nas margens. Esse exemplar com o diálogo entre o conservador Pio, defensor das tradições gramaticais que tanto estudou, e o escritor modernista, que valorizava a linguagem coloquial, encontra-se no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Esse diálogo foi transcrito e analisado por Marlene Gomes Mendes, publicado na *Revista do IEB* (1994, p. 190-243), em edição comemorativa aos cem anos do nascimento de Mário de Andrade. Pio interessou-se pela obra, principalmente pela versão norte-americana, *Fräulein*, tradução de Margaret Richardson Hollingsworth. Nova Iorque: Macaulay, 1933 (v. Figura 28).

Figura 28: Capa da edição norte-americana de *Amar, verbo intransitivo – Fraülein,* de MA (Nova Iorque: Macaulay, 1933).



Fonte: GUARANHA, 2007, p.237. Acervo Mário de Andrade - AMA - do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB – Universidade de São Paulo - USP.

A versão americana, talvez pela temática, talvez pela estrutura da obra, talvez pela simplificação da narrativa ao ser transcrita em outra língua, tornou-se mais compreensível ao fazendeiro tradicionalista. Em carta de 21 de setembro de 1934, Pio escreveu a Mário suas impressões, desta vez mais calorosas e entusiasmadas, a respeito da obra (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 259-260):

> Mário:
> Ainda não terminei a leitura de F r ä u l e i n; terminando-a, vou reler o que ali há de Amar, deixando de lado o romancinho intercalado, que tem estado me estorvando. Eu gostei de Amar, como em tempo oportuno já o disse a V. na polêmica que então travamos. Mas ali, a cada passo, quase em cada período, o meu pesado comboio de 50 anos de literatura passadista embaraçava-se nos festões e nas trabéculas da escola literária do autor. Eu – pobre de mim! – fazia marcha à ré, calculava os descontos de novo, de novo aprumava a composição dos 50 carros que o tempo emperrara nos eixos corroídos de preconceitos – e emaranhava-os outra vez na vereda agreste... Era uma luta desigual e cansativa: de um lado, a permanente obstrução da rotina; do outro, a fraqueza do timoneiro... Eu fechava o livro. Abro agora Fräulein, enceto a viagem. Desde logo, percebo a velha feição dos caminhos: não tenho feitios novos de estilo, de períodos, de estética. Sinto-me à vontade e, louvado Deus, bem familiarizado com a língua, vou despreocupado trilhando as veredas conhecidas. O comboio emperrado desata a marcha, suavemente – e sobra-me o tempo para contemplar as belezas da travessia. Descubro-as a cada momento – vivazes, enérgicas, valentes, sensuais, persuasivas, cortantes; embriago-me delas, bebendo-as sofregamente. A noite avança, o carrilhão da sala troa meia-noite. Prossigo, insaciado. Uma hora, duas horas, não tenho sono, estou excitado... Apago a lâmpada. Estorço-me nos braços da insônia, suspeito de sombras perambularem na escuridão do quarto, pressinto amplexos paroxísticos na negrura do ambiente, ouço um sussurro quente de amantes enlaçados; a contragosto, identifico-me com eles, vivo neles, não posso dormir... Acendo a luz, abro os textos de novo, confiro-os, verifico que são condizentes. Tinha aquilo na estante desde 1927, e quase o não sabia! Desconfio de mim, esfrego os olhos, releio, reconfiro, a tradução está certa! Ardem-me os olhos, fecho a chave da lâmpada. Uma lassidão de saudade, um bem-estar de homem invadem-me os sentidos. O cérebro entra numa penumbra doce, obnubila-se... desapareço de mim mesmo num espaço opaco, vazio e macio...
> *Yet suddenly shame enveloped him and he withdrew for an instant. But in that instant she gathered him to her breasts, returning his caresses until he found himself buried in the warmth of her flesh, taking refuge from her in her. …….. Yet no words came. He did not have the courage. At last he commenced playing with her fingers and, as though some outsider were listening, he whispered in Fräulein´s ear*[6]*:* ……. Mas que modos são esses, Carlos?... Responda... Venha escrever... Não escrevo mais, disse... Venha... Venha... Você me entristece, Carlos... Mas a hora já acabou... Não ainda... ……..…… – Sim? – Sim o quê, Carlos? ……..…….. – Não me aperte assim... Que menino!... ……..…… – Ah, ... vamos! diga se eu posso ir falar com você! – Mas falar o quê,

[6] Tradução: No entanto, de repente, a vergonha o envolveu e ele se retirou por um instante. Mas nesse instante ela o apertou contra seus seios, devolvendo suas carícias até que ele se viu enterrado no calor de sua carne, refugiando-se dela em seu corpo... No entanto, nenhuma palavra veio. Ele não teve coragem. Por fim, ele começou a brincar com os dedos dela e, como se algum forasteiro estivesse ouvindo, sussurrou no ouvido de Fräulein...

> Carlos? …….. *Fräulein was sorry that she had been angry …….. After all, Carlos was sweet and sincere. And as she started up the stairs, she whispered "Midnight"*[7]. ……..... – Sim, deve ser a Tijuca... Que horríveis pedras!... Neste beco apertado, sem alavanca, sem ar, sem defesa... vou decerto morrer esmagado!... – Carlos, Carlos, que distração essa! Olhe! parecem envernizadas!... – São anões vadios e bravios, com espinhos pelo corpo... – Carlos... – Estou aqui, Fräulein! – Não faça assim! podem vir... – Ficaram no automóvel, Fräulein... – Assim não! é capaz de ter alguém por aí.... Acordo em sobressalto, alagado de suor, com o velho coração em taquicardia... Era dia claro lá fora; vou para o banho, levo comigo ainda Carlos e Fräulein – vejo-os, sinto-os, ouço-lhes os suspiros no silêncio profundo da chácara... – É prodigioso, digo em voz alta ao casaco do cabide. – O que é, Pio? – Nada, Zulmira, tropecei aqui numa chinela desirmanada. Venho escrever isto. Falho letras, interrompo o movimento coordenado da máquina, esqueço a ortografia do Gonçalves Viana, volto de novo ao original de 1927, releio, confiro a tradução: – está certa. Então, convicto, sincero, orgulhoso da ternura enérgica de irmão mais velho, exclamo em coro com o editor americano: – F A Ç A O U T R O, e sem demora. Faça. Faça outro, crie, aposente-o no cérebro e no coração, e venha compô-lo aqui: – procuraremos juntos a traça de, pensando a tiro largo, acomodarmo-nos à fibra nervosa da tradutora, que soube tão bem desvendar-me a nudez forte da verdade, até agora quase oculta sob o manto ... do Futurismo.
> Tio Pio

Em 1935, Pio publicou dois artigos na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, criada e dirigida por Mário de Andrade, e mantinha a coluna semanal "Fichas de linguagem", em *O Imparcial*, de Araraquara.

Em 1936, Quirino Campofiorito (1902–1993), pintor, desenhista e crítico de arte, morador do Rio de Janeiro e professor na Escola Nacional de Belas Artes, promoveu, em Araraquara, o I Salão de Belas Artes, fundando também, na cidade, uma Escola de Belas Artes. Quirino tornou-se amigo de Pio e costumava passear, com sua mulher Hilda e o filho Ítalo, na Chácara da Sapucaia (v. Figura 29). Em 1945, algumas "Fichas de linguagem" de Pio foram publicadas na revista *Esfera*, do Rio de Janeiro, por intermédio de Quirino Campofiorito, que era o diretor do periódico (BATISTA & LIMA, 1998, p. 296). Em 1946, a revista *Esfera* continuou a publicar esporadicamente as "Fichas de linguagem" de Pio (v. Figura 30).

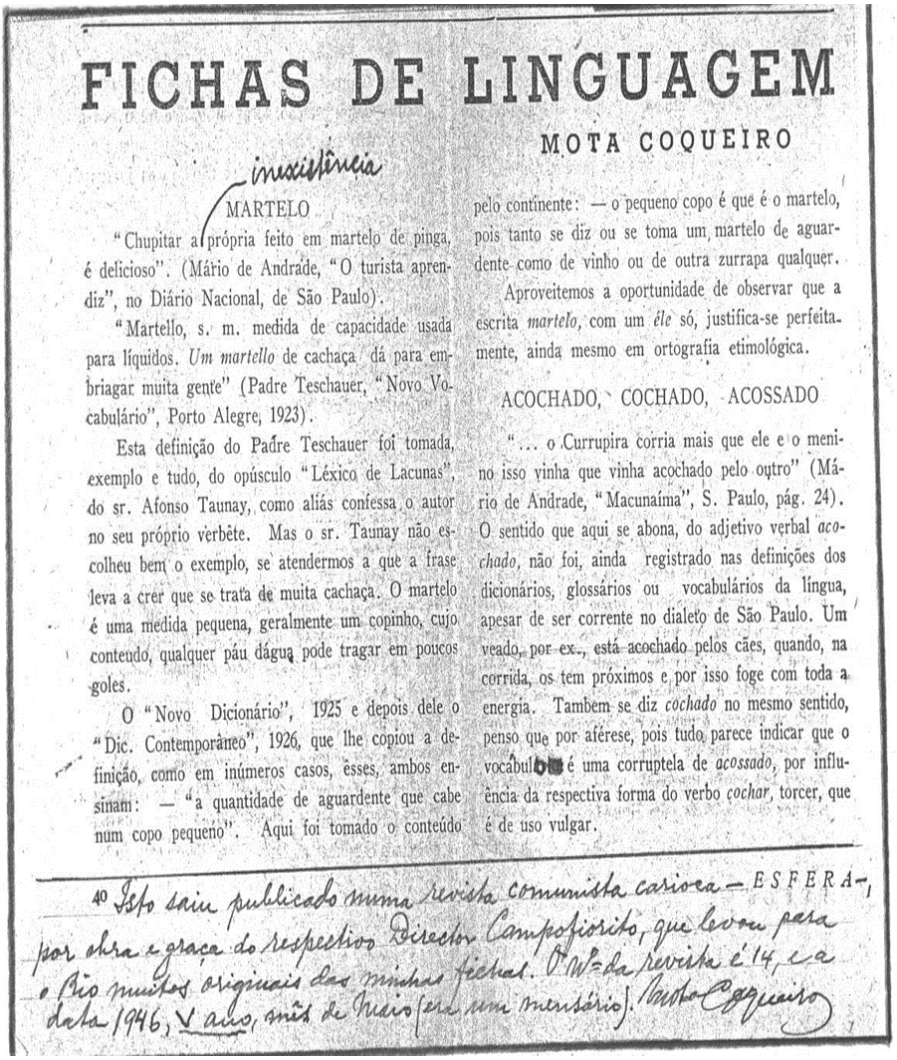
[7] Tradução: Fräulein lamentou ter ficado com raiva…….. Afinal, Carlos era doce e sincero. E quando ela começou a subir as escadas, ela sussurrou "Meia-noite".

Figura 29: Quirino Campofiorito com o filho, Ítalo, no colo, na Fazenda São Francisco, de PLC (foto s/a, de 1936), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.296).



Fonte: Acervo Ítalo Campofiorito.

Figura 30: Fotocópia de Ficha de Linguagem, de PLC, publicada na *Revista Esfera*, em 1946, com anotação do autor.



FICHAS DE LINGUAGEM

MOTA COQUEIRO

inexistência

MARTELO

"Chupitar a própria feito em martelo de pinga, é delicioso". (Mário de Andrade, "O turista aprendiz", no Diário Nacional, de São Paulo).

"Martello, s. m. medida de capacidade usada para líquidos. *Um martello* de cachaça dá para embriagar muita gente" (Padre Teschauer, "Novo Vocabulário", Porto Alegre, 1923).

Esta definição do Padre Teschauer foi tomada, exemplo e tudo, do opúsculo "Léxico de Lacunas", do sr. Afonso Taunay, como aliás confessa o autor no seu próprio verbête. Mas o sr. Taunay não escolheu bem o exemplo, se atendermos a que a frase leva a crer que se trata de muita cachaça. O martelo é uma medida pequena, geralmente um copinho, cujo conteudo, qualquer páu dágua pode tragar em poucos goles.

O "Novo Dicionário", 1925 e depois dele o "Dic. Contemporâneo", 1926, que lhe copiou a definição, como em inúmeros casos, êsses, ambos ensinam: — "a quantidade de aguardente que cabe num copo pequeno". Aqui foi tomado o conteúdo pelo continente: — o pequeno copo é que é o martelo, pois tanto se diz ou se toma um martelo de aguardente como de vinho ou de outra zurrapa qualquer.

Aproveitemos a oportunidade de observar que a escrita *martelo*, com um *é*le só, justifica-se perfeitamente, ainda mesmo em ortografia etimológica.

ACOCHADO, COCHADO, ACOSSADO

"... o Currupira corria mais que ele e o menino isso vinha que vinha acochado pelo outro" (Mário de Andrade, "Macunaíma", S. Paulo, pág. 24). O sentido que aqui se abona, do adjetivo verbal *acochado*, não foi, ainda registrado nas definições dos dicionários, glossários ou vocabulários da língua, apesar de ser corrente no dialeto de São Paulo. Um veado, por ex., está acochado pelos cães, quando, na corrida, os tem próximos e por isso foge com toda a energia. Tambem se diz *cochado* no mesmo sentido, penso que por aférese, pois tudo parece indicar que o vocabulo é uma corruptela de *acossado*, por influência da respectiva forma do verbo *cochar*, torcer, que é de uso vulgar.

40 Isto saiu publicado numa revista comunista carioca — ESFERA —, por obra e graça do respectivo Director Campofiorito, que levou para o Rio muitos originais das minhas fichas. O nº da revista é 14, e a data 1946, V ano, mês de Maio (era um mensário). Mota Coqueiro

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia realizada pela pesquisadora em 2005.

A anotação do autor, em tinta preta, informa: "Isto saiu publicado numa revista comunista carioca - ESFERA -, por obra e graça do respectivo Director Campofiorito, que levou para o Rio muitos originais das minhas fichas. O nº da revista é 14, e a data 1946, V ano, mês de Maio (era um mensário). Mota Coqueiro" (COQUEIRO, 1946, p. 40).

No ano de 1940, Mário de Andrade estava morando no Rio de Janeiro[8]. Percebendo nas cartas do modernista um certo tom de tristeza, chama-o para descansar em Araraquara, dizendo-se preocupado com o amigo, sempre com a percepção aguçada e a compreensão de um conselheiro, como atesta a carta de 12 de abril de 1940:

> [...] Eu e Zulmira andamos estranhando a linguagem sombria que às vezes aparece em certos períodos meio-misteriosos, meio-queixosos das suas cartas. Que diabo é isso? Certamente não reconhecemos nessas frases o nosso Mário de todos os tempos, loução e otimista, que sabia ver a vida e os contratempos com aquela pontinha de ironia esfaciante que afugenta as nuvens do horizonte. Você está esgotado, homem! Dotado de nervos sensibilíssimos, V. recebe os choques e os encontrões da massa humana que o rodeia, e obstrui o caminho, com redobrada violência. A continuidade desses obstáculos, que a todos nos contraria, está fazendo mal a V. Venha cá descansar, tomar fitina, comer ovos frescos, pescar lambaris, ler as *Peregrinações*, escrever artigos em ambiente perfumado de murtas e magnólias, rodeado dos "pequenos barulhinhos que constituem o grande silêncio" e verá desaparecerem, na poeira das estradas do São Frco. e do Matão, as equimoses subjetivas que mancham a alma e prejudicam a saúde do corpo. Eu conheço, por experiência, essas equimoses deprimentes. Em 1910 e 1911, ia quase sucumbindo, quando um médico amigo (o Dr. Carlos Botelho) me deu esta receita milagrosa: – "Não se suicide, este é o único perigo a que V. está exposto; o resto passa". E passou. E recaí. E passou de novo. E recaio frequentemente – mas lanço logo mão da receita que ainda conservo comigo: não me suicido... Aqui já começa a parecer de manhã uma fresquinha macia, que ajuda a viver. Venha gozá-la, venha sentir as carícias de Abril longamente, docemente – e apreciar de bem longe o rumor da política, das ferocidades sociais e das guerras de extermínio. [...] (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 336-337)

Sempre que percebia alterações de saúde física ou mental de Mário, Pio o chamava para a chácara, para o campo, para se recompor dos excessos da cidade grande ("a massa humana que o rodeia"), para entrar em contato com a natureza e também usufruir de sua biblioteca. No caso, convida Mário para ler "provavelmente o livro *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (1510–1583), no qual o autor relata sua viagem ao Oriente" (GUARANHA, 2007, p.305). O livro está na coleção e é uma rara edição de 1725.

Quanto à "fitina" citada por Pio, segundo Houaiss (2001, p.1351), é um "sal de cálcio e magnésio do ácido fítico encontrado em sementes de plantas" e este ácido "é considerado o mais

[8] Getúlio Vargas, em 10 de novembro de 1937, impôs o Estado Novo. O prefeito de São Paulo, Prestes Maia, por ele nomeado sucessor de Fábio Prado, mostrou total incompreensão dos inúmeros projetos de Mário à frente no Departamento de Cultura (desde 1935, quando fora nomeado por Gustavo Capanema). Mário pediu demissão em junho de 1937 e, profundamente desgastado com a situação política, resolveu se mudar para o Rio de Janeiro, em julho de 1938, onde ficou até fevereiro de 1941. (CASTRO, 1989).

abundante composto fosforado das plantas". Supõe-se, então, que era algum composto farmacêutico, rico em fósforo, talvez algum remédio fortificante da época.

Em 1941, Pio publicou dois artigos em *O Estado de S. Paulo*, por intermédio de Mário. O conceituado gramático do período e contratado do jornal era Napoleão Mendes de Almeida (1911-1998), responsável por coluna fixa no periódico. As circunstâncias da publicação estão na carta de Mário, de 9 de setembro de 1941:

> Depois de mil e uma peripécias devidas à (atual?) falta de prestígio deste seu criado e ao desinteresse de revistas e jornais pelas coisas do bem falar, afinal consegui, não eu, mas um amigo, lá de dentro, que o Estado publicasse as "Fichas" do Sr. Como o jornal já tem gramático, de nome Napoleão, para não lhe desautorizar a autoridade, as fichas sairão, de quando em quando, na 4a página, isto é, a página dedicada a artigos assinados. Não leio atualmente o Estado, pois as idiossincrasias políticas de Mamãe, se doem de ver tão nefanda folha poluindo o nosso lar. Mas como a página de artigos sai às quartas e domingos, não será difícil ao Sr. caçar as suas fichas em letra de forma. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 348)

Faleceu em São Paulo, em 1942, Isabel Maria do Carmo de Moraes Rocha, mãe de Zulmira, sogra e cunhada de Pio. Mário de Andrade, também nesse ano, idealizou usar a figura de Mr. Ruxton, o escocês de Araraquara, como personagem de seu futuro romance *Café*, segundo carta a Pio, datada de 29 de janeiro de 1942 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 370-371):

> Trata-se do seguinte: inicio em fevereiro, a reescritura do meu romance *O Café*. Reli agora as notas, preparando a continuação de onde o livro estava parado, e vi que entra em breve no entrecho o personagem "o Mister", aquele escocês que foi seu amigo. É mero personagem de passagem, que me serve pra explicar porque na cidadinha de Aracina (+ ou – Araraquara) tanta gente estudara o inglês, e principalmente as Duas Irmãs, personagens importantíssimas do romance. O livro (que será enorme) tem dezenas e dezenas de personagens de passagem que pego uma vez só, conto como é, e abandono pra sempre. São verdadeiros *close-up* de cinema, que me servem pra expor a complexidade civilizada do estado de São Paulo, com a riqueza subitânea do café, a consequente atração de estrangeiros de todo o mundo. Não tem pressa, vá me contando aos poucos o que sabe do Mister.

Sobre essa obra de Mário de Andrade, sabe-se que:

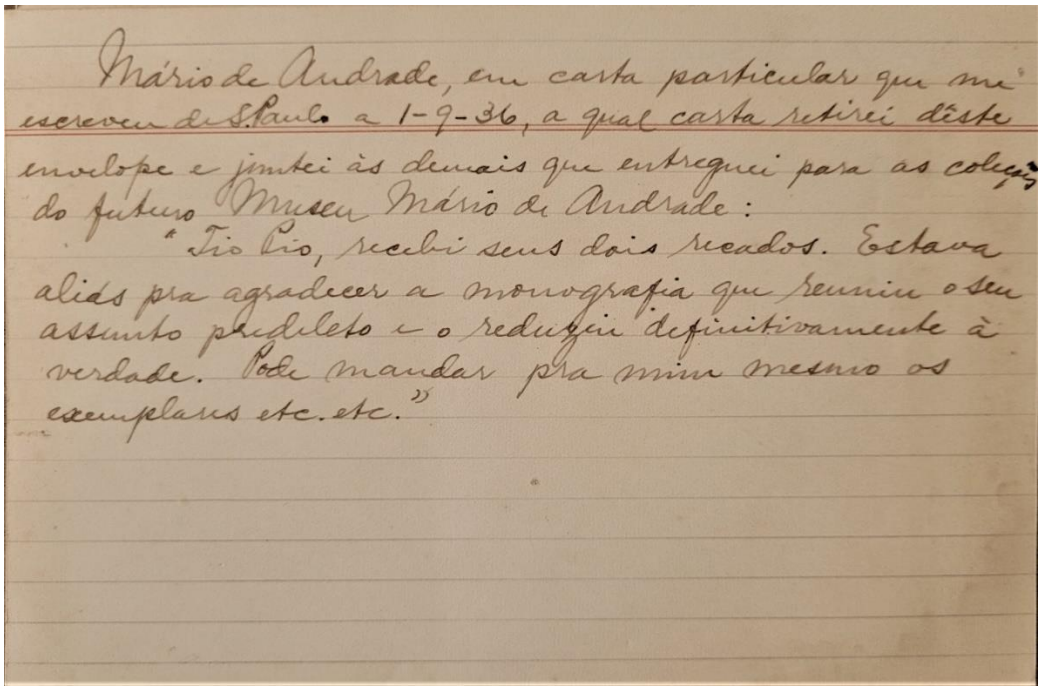
> [o] romance *Café*, obra inacabada, teve uma parcela de seus manuscritos estudada por Tatiana Maria Longo dos Santos em sua dissertação de mestrado Edição genética de *Vento*. Esboço de um romance de Mário de Andrade (FFLCH-USP, 2001, inédita). Paralelamente, Mário escreveu o libreto da ópera *Café*, o qual foi trabalhado por Flávia Camargo Toni, em sua tese de livre-docência *Café, uma ópera de Mário de Andrade*: estudo e edição anotada (IEB-USP, 2004, inédita). A concepção melodramática de *O*

> *Café* foi publicada em 1945, nas *Poesias Completas*, edição póstuma pela Livraria Martins Editora. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 370).

Em 1943, por iniciativa de Mário de Andrade, fundou-se a Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, em Araraquara. O modernista doou 600 livros de sua coleção para iniciar os trabalhos e conseguiu, com outros escritores, e com Pio também, doações para a biblioteca. Hoje, esses livros doados, muitos com dedicatórias, também estão preservados na Sala Pio & Mário.

Em 1945, ano em que participou do Congresso de Escritores e terminou o poema "A meditação sobre o Tietê", Mário de Andrade morreu vítima de um enfarte, dia 25 de fevereiro, em sua casa da Rua Lopes Chaves. Pio reuniu as cartas trocadas com Mário, os recortes de jornais sobre a morte do escritor, cartas de condolências recebidas de amigos e parentes. As cartas recebidas de Mário, mais tarde, foram doadas e passaram a compor o arquivo do casal Gilda e Antonio Candido de Mello e Souza. Pio registrou em Fichas de estudo algumas informações e até comentários sobre o modernista e uma delas (v. Figura 31*)* revela, inclusive, a possibilidade ou um futuro projeto de museu em homenagem a Mário.

Figura 31: Ficha de PLC com referência a um futuro museu em homenagem a MA.


Mário de Andrade, em carta particular que me escreveu de S. Paulo a 1-9-36, a qual carta retirei deste envelope e juntei às demais que entreguei para as coleções do futuro Museu Mário de Andrade:

"Tio Pio, recebi seus dois recados. Estava aliás pra agradecer a monografia que reuniu o seu assunto predileto e o reduziu definitivamente à verdade. Pode mandar pra mim mesmo os exemplares etc. etc."

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

No mês de março, em Araraquara, houve uma sessão solene em homenagem ao primeiro ano da morte de Mário de Andrade e Pio foi convidado a fazer o discurso (v. *Volume 2 - Dossiê*).

Depois da morte de Mário, uma série de perdas de familiares ocorreu até o ano em que o próprio Pio faleceu. Em 1947, em São Paulo, faleceu Anna Francisca de Almeida Leite Moraes, a Tia Nhanhã, muito querida por Zulmira e Mário de Andrade. Em 1949, faleceu Maria Luíza de Moraes Andrade (24/11/1859-16/8/1949), mãe de Mário e tia materna de Zulmira, também em São Paulo. Em 1957, no dia 12 de junho, já com a memória comprometida, faleceu Pio Lourenço Corrêa, em Araraquara/SP.

Zulmira deixou a Chácara mudando-se para uma casa na cidade. Doou, em 17 de julho de 1957 (conforme registro na última página, a lápis, em todos os livros da coleção), parte dos livros do marido à Biblioteca Pública Municipal de Araraquara e outra parte à Santa Casa de Misericórdia. Em 1959, faleceu em Araraquara.

Os bens do casal ficaram para os familiares, principalmente Renato Rocha (1917 - 2014), que herdou a Chácara da Sapucaia. Com o crescimento da cidade, a área de 90.000 m2 foi loteada. O terreno restante, com a casa, cerca de 14.000m2 (informações recebidas em visita guiada no local) foi comprado pelo casal Waldemar e Heleieth Safioti, professores que ali moraram e, hoje, o imóvel pertence à UNESP – campus de Araraquara, por doação da família Safioti, tendo se transformado no *Centro Cultural Waldemar e Heleieth Safioti*, figuras de destaque também na cidade. A chácara, hoje incorporada à área urbana de Araraquara, Zona Oeste da cidade, fica localizada à Rua dos Libaneses, n. 1111, bairro Nossa Senhora do Carmo.

A casa foi reformada, de acordo necessidades dos moradores que sucederam Pio e para reparar os desgastes provocados pelo tempo. Ainda restam algumas construções da época de Pio e Zulmira, como a moradia dos empregados, mas precisam de restauração urgente.

2.2 Micro-História – A formação do polímata Pio Lourenço Corrêa

2.2.1 A personalidade e os epítetos

Estabelecido o contexto e dando continuidade a esta rapsódia-mosaico, no âmbito da micro-história ou das particularidades de nosso pesquisado, decidimos partir do nome oficial de batismo, Pio Lourenço Corrêa, retomando sua anotação na Ficha de Estudo n. 503 – "Ortografia de nomes próprios de família" – (CPLC), a explicação da grafia de seu sobrenome:

> Os nomes de família – querer reformá-los com as sucessivas reformas ortográficas é absurdo. O autor desta ficha, em todos os sistemas ortográficos que tem visto vigorar no Brasil – e andam já por perto de uma dúzia as marchas e contramarchas desde 1907 até hoje (março de 1948) – sempre usou, para o seu nome de família a forma Corrêa. Por quê? – Porque era este o nome dos meus avós, digo eu. Sou dos Corrêas do tempo que o i que não tinha sido chamado ainda a adoçar o hiato êa. Se eu agora metesse ali a doçura do i, o meu nome, assim açucarado, já não seria o mesmo do Sargento-mor que viveu em Araritaguaba, ou em Itu, ou não sei onde mais, depois de ter medido, como juiz de medições, as sesmarias de Araraquara. Aquele famoso Sargento-mor, que se recusou a casar com minha avó Maria Pereira depois de ter tido dela um filho (que reconheceu, e veio a ser meu Pai) – mas o famoso barão-feudal nunca escreveu senão Corrêa (José Joaquim Corrêa da Rocha), meu Pai herdou dele o nome sem i e com acento gráfico, e eu não saio daí, ante a giga-joga por onde quiser! Ara!.

A anotação registra, além da questão linguística que sempre foi do interesse de Pio, a narrativa sobre a origem de sua família. Os comentários de Pio sobre a língua brasileira reproduzem o discurso que associa as diferenças linguísticas entre o português lusitano e o brasileiro como estreitamente ligados às questões econômicas e que também aparecem nas obras de Gilberto Freyre (1900-1987):

> Os enunciados de Gilberto Freyre na década de 1930, sobretudo em *Casa Grande & Senzala* (1933) (...) mostraram-se representativos pela argumentação em que se pode observar uma estreita ligação entre sua explicação sobre a organização social (econômica) do país e as diferenças entre o português brasileiro (PB) e a variante falada em Portugal (PE). Houve um tempo em que o português do Brasil era considerado o português com açúcar, expressão na qual se juntam uma referência ao modo de falar e a um momento importante da história do Brasil, de Portugal e de algumas regiões da África. O tráfico de escravos bem como o açúcar brasileiro eram os principais produtos que garantiam a rota do comércio português: África-América-Portugal. (BORBA, 2006, p. 17).

Borba (2006, p. 17) informa, ainda que:

> Freyre não foi o primeiro a caracterizar com esse tipo de imagem ou representação o português falado no Brasil. O Visconde de Pedra Branca em 1824, dissertando sobre o caráter das línguas como reflexo das sociedades, opõe o francês ao português e, a

> este, o idioma brasileiro, que considera um ramo transplantado para a América. Na tentativa de caracterizar esse idioma, Pedra Branca recorre aos campos fonológico e lexical, apontando naquele, como traço específico do Brasil, o falar mais doce, mais ameno; e, com relação ao léxico, algumas especificações semânticas, alguns empréstimos indígenas e de outras procedências imprecisamente definidas. Demarca, assim, a linha de reflexões que por muito tempo será a da quase totalidade dos estudiosos do assunto.

Estudioso da linguagem que era, Pio provavelmente conhecia a obra de Pedra Branca ou teve acesso a comentadores dessa obra. Em sua coleção, há vários autores/pesquisadores sobre o assunto, entre os quais já se encontram: Charles Bally (1865-1947), com *Linguistique generale et linguistique française* (s/d) e *Langage et la vie* (s/d); e J. Vendryes (1875-1960), com: *Langage:* introduction linguistique a l´histoire (1921). De qualquer modo, o discurso de Pio reproduz a ideia de que conservar a grafia de um suposto idioma puro garantiria a conservação do caráter idealmente duro de seus ancestrais, ou seja, conservaria também a força, tanto física quanto militar, que forjou uma sociedade estamental.

A história de Pio Lourenço Corrêa e de sua família confunde-se com a própria história da cidade de Araraquara, os sobrenomes Corrêa, Rocha e Arruda foram frequentes nos eventos históricos e políticos da formação do município. Já transcrevemos na página 35 deste trabalho o testemunho de Pio, no *Álbum de Araraquara de 1915* (FRANÇA, 1915, p. XIV), em que ele afirma que ouviu a história da origem da cidade de Araraquara pela narrativa oral do Snr. Capitão Antonio Lourenço Corrêa Rocha (seu irmão e tutor), que ouviu a história do pai, Comendador Joaquim Lourenço Corrêa Rocha (pai de Pio) que, por sua vez, a ouvira de seu pai, o Sargento-Mor José Joaquim Corrêa da Rocha (avô de Pio). Assim, é possível constatar por meio do texto a convivência entre as gerações, inclusive com a transmissão oral de histórias familiares.

O nome oficial de batismo, Pio Lourenço Corrêa, hoje nome de rua em Araraquara, transformou-se no epíteto Tio Pio por meio do qual era chamado em seu círculo familiar. Segundo Bourdieu, os nomes oficiais das pessoas, aqueles que aparecem nos documentos: “não pode[m] descrever propriedades nem veicular nenhuma informação sobre aquilo que nomeia[m]” ou “só pode[m] atestar a identidade da personalidade [...] à custa de uma formidável abstração” (BOURDIEU, 2006, p. 187). Se o nome oficial de Pio atesta a identidade de membro de uma família tradicional de Araraquara, o epíteto representa certo traço de sua personalidade.

O epíteto de Tio Pio justificava-se porque tinha, de fato, muitos sobrinhos por parte dos irmãos mais velhos do primeiro casamento do pai. Era, inclusive, tio da própria esposa, Zulmira de Moraes Rocha Corrêa (1878-1959), filha de seu irmão Cândido Lourenço Corrêa da Rocha. Além daqueles com quem mantinha o grau de parentesco de irmão do pai ou irmão da mãe, outros convivas mais chegados foram adotando também o chamamento, como Mário de Andrade (que não era seu sobrinho, era primo de primeiro grau da esposa dele, Zulmira), e é possível constatar na correspondência trocada entre os dois (ANDRADE & CORRÊA, 2009), que Mário assim o denominava no vocativo das cartas que lhe dirigia, e que Pio assim terminava as suas correspondências assinando também "Tio Pio", embora usasse com frequência o papel timbrado, com seu nome completo encimando a folha. Para pessoas próximas, ainda que fora do circuito familiar, também era o tio, tratamento que se acostumaram a ouvir e ao qual deram continuidade. Em certo sentido, parece que o Tio Pio tornou-se o membro da família e da comunidade em torno do qual todos se agregavam, uma espécie de esteio do clã, respeitado tanto pelo capital material quanto pelo capital simbólico, cultural, que acumulou. Observado por este lado, o epíteto de Tio garante-lhe certo poder patriarcal o que justifica que, contrário à camaradagem que sugere esse tratamento familiar, o relacionamento com Pio não permitia muitas liberdades, pois os textos lidos, as cartas e os depoimentos colhidos reforçam a ideia de que o Tio Pio era um homem muito rígido em tudo, temido por sua seriedade, não era um homem para brincadeiras ou deslizes, como atesta a autoria da frase atribuída a Pio de que Antonio Candido (1918-2017) reproduziu durante a entrevista: "Bem sabes que sempre fui infenso a fanfarras e valdevinos!" (v. *Volume 2 - Dossiê*).

Há outra referência significativa associada a Pio Lourenço Corrêa, o pseudônimo utilizado em quase todas as suas publicações: Mota Coqueiro. Os entrevistados para esta pesquisa, Antonio Candido e Renato Rocha, que conviveram com Pio, não souberam de onde teria ele extraído/criado tal designação e não foram encontradas anotações a esse respeito.

O que se apurou quanto à origem desse pseudônimo é que ele está ligado a um acontecimento histórico do século XIX, um crime brutal, no Rio de Janeiro, região de Campos dos Goitacazes, cuja autoria foi atribuída a um fazendeiro chamado Manoel da Motta Coqueiro (1799-1855). Uma família inteira de escravos de sua propriedade foi morta e a casa em que estavam os corpos foi incendiada na madrugada de 12 de setembro de 1852. Rapidamente, sem grandes investigações, o fazendeiro foi acusado, a imprensa deu bastante atenção ao ocorrido,

foi uma comoção no local. O fazendeiro, acuado, tentou fugir e acabou sendo preso. Após julgamento, foi condenado à forca e executado em 6 de março de 1855. Havia a possibilidade, na época, de solicitar a "Graça Imperial" a D. Pedro II, que poderia livrar Motta Coqueiro da forca, mas o imperador recusou-se a conceder a graça, respeitando o resultado do julgamento. Pouco tempo depois, foram aparecendo indícios da inocência do fazendeiro, novas informações, pessoas trouxeram novos dados que o inocentavam, mas era tarde demais. No relato de Möller & Sá (2012, p. 68):

> Há cerca de 150 anos a pena de morte, como desfecho de um processo criminal formal, teria sido aplicada pela última vez no Brasil. O Imperador Pedro II nunca mais sancionaria a sua aplicação devido a uma suspeita de que o condenado, o fazendeiro Manuel da Motta Coqueiro, fosse inocente. Motta Coqueiro pagou com a vida pela chacina de toda uma família, praticada em Macabu, localidade situada no norte fluminense, então abrigada pelo município de Macaé. O modo controvertido com que os processos policial e judiciário teriam sido conduzidos sugeriria que a condenação pudesse ter atendido a interesses obscuros. As controvérsias estão presentes não apenas na atribuição das responsabilidades sobre a chacina, mas na própria identidade dos executantes, no fato motivador do crime e, mesmo, no número de vítimas.

Após esse erro judiciário, o que tudo indica ter sido, o Imperador Pedro II passou a ser mais benevolente e cuidadoso, foi abrandando esse tipo de castigo, dando sua "Graça" aos condenados e, embora a pena de morte tenha sido abolida no Brasil, oficialmente, apenas em 20 de setembro de 1890, no período republicano, já não estava sendo aplicada, na prática, no Segundo Império. Esse fato foi transformado em livro por José do Patrocínio (1853-1905), jornalista, romancista, poeta*: Mota Coqueiro ou a Pena de Morte*, publicado em 1877.

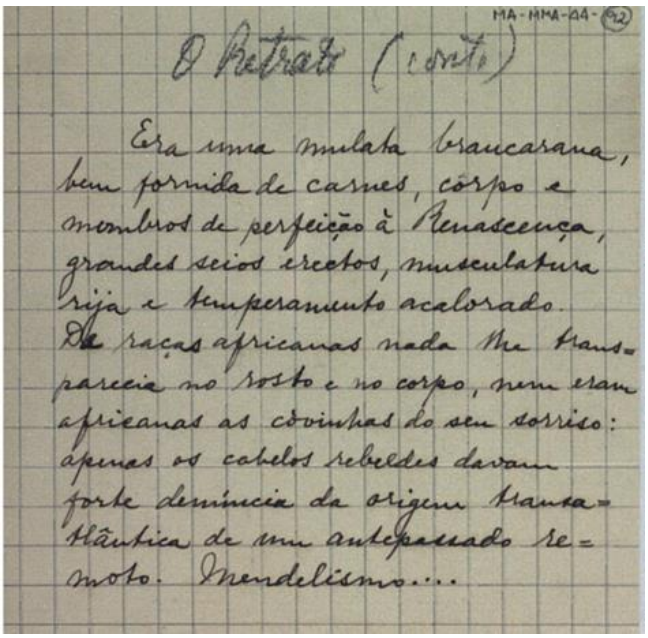
Pio Lourenço Corrêa passou por uma experiência difícil quando jovem em Araraquara. Entre 6 e 7 de fevereiro de 1897, vivenciou um linchamento de presos na delegacia da cidade e, durante o julgamento dos envolvidos, foi chamado a depor, como já relatado. É plausível pensar que Pio possa ter adotado o nome do fazendeiro acusado injustamente, mas esta hipótese não encontra respaldo nos registros deixados por Pio, que usava esse pseudônimo em todas as publicações sobre linguagem, mas o utilizou em apenas um texto ficcional, "O caso do barraqueiro", um conto que publicou na *Revista Papel e Tinta*, no ano de 1921, apadrinhado por Mário de Andrade (v. *Volume 2 - Dossiê*).

Outro pseudônimo a que podemos fazer referência, na verdade quase-pseudônimo, seria Grain D'Orge, aquele pensado para a construção do conto sobre o relacionamento de Pio com Joia, projeto malogrado, comentado na página 55 deste trabalho.

O abandono do projeto e a queima dos rascunhos de uma história pessoal um tanto comprometedora, ainda que escrita sob pseudônimo, são índices da preocupação de Pio em manter uma imagem austera. Mário guardou os rascunhos (v. Figura 32) e, à época em que Pio queimou os seus, já havia escrito uma longa carta ao tio/amigo/parceiro em que se serve do episódio para ressaltar tanto a visão antiquada de Pio quanto sua habilidade para a produção de narrativas: "Com exceção do nome Grain d'Orge que é dessas coisas antiquadas, o conto ia bem" (ANDRADE & CORRÊA, 2007, p. 331).

Da história depreende-se o encontro entre o ficcionista de vanguarda Mário de Andrade, que foi capaz de transpor para o domínio literário suas experiências pessoais em contos como "Peru de Natal" (ANDRADE, 1978, p. 95-104), por exemplo, em que se encontra a figura do pai morto emblematizada no jantar a um só tempo sagrado e profano, e o estudioso, mais racional e rígido intelectual Pio Lourenço Corrêa, para quem as tradições familiares ou juízos de valor de pessoas próximas pesassem mais do que as viagens literárias.

Figura 32**:** Fragmento do conto "O retrato", redigido por MA.


MA-MMA-04-02

O Retrato (conto)

Era uma mulata bracarana, bem formida de carnes, corpo e membros de perfeição à Renascença, grandes seios erectos, musculatura rija e temperamento acalorado. De raças africanas nada lhe transparecia no rosto e no corpo, nem eram africanas as covinhas do seu sorriso: apenas os cabelos rebeldes davam forte denúncia da origem transatlântica de um antepassado remoto. Mendelismo...

Fonte: Acervo Mário de Andrade - AMA, Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, Universidade de São Paulo – USP. Fotocópia tirada em 2005.

A personalidade severa de Pio, aliás, ficou registrada mais detalhadamente no conto “O poço”, na coletânea *Contos Novos* (1947), publicação póstuma de Mário organizada por Antonio Candido, em que o autor modernista descreveu traços da figura rígida e conservadora do tio/amigo no personagem principal, o velho Joaquim Prestes, como atesta o manuscrito em que o nome original do personagem seria Seu Corrêa (v. Figura 34), mas foi riscado e substituído por Joaquim Prestes. Mário assim descreveu o personagem:

> Ali pelas onze horas da manhã o velho Joaquim Prestes chegou no pesqueiro. Embora fizesse força em se mostrar amável por causa da visita convidada para a pescaria, vinha mal-humorado daquelas cinco léguas de fordinho cabritando na estrada péssima. Aliás o fazendeiro era de pouco riso mesmo, já endurecido por setenta e cinco anos que o mumificavam naquele esqueleto agudo e taciturno.
> O fato é que estourara na zona a mania dos fazendeiros ricos adquirirem terrenos na barranca do Mogi pra pesqueiros de estimação. Joaquim Prestes fora dos que inventaram a moda, como sempre: homem cioso de suas iniciativas, meio cultivando uma vaidade de família – gente escoteira por aqueles campos altos, desbravadora de terras. Agora Joaquim Prestes desbravava pesqueiros na barranca fácil do Mogi. Não tivera que construir a riqueza com a mão, dono de fazendas desde o nascer, reconhecido como chefe, novo ainda. Bem rico, viajado, meio sem quefazer, desbravava outros matos. (ANDRADE, 2000, p.73)

Ainda que o personagem tenha sido construído literariamente, as várias fotos de Pio observando a construção de um poço em suas terras no arquivo do escritor (v. Figura 33), além do nome original do personagem que foi transformado atestam a inspiração que Mário buscou em Pio.

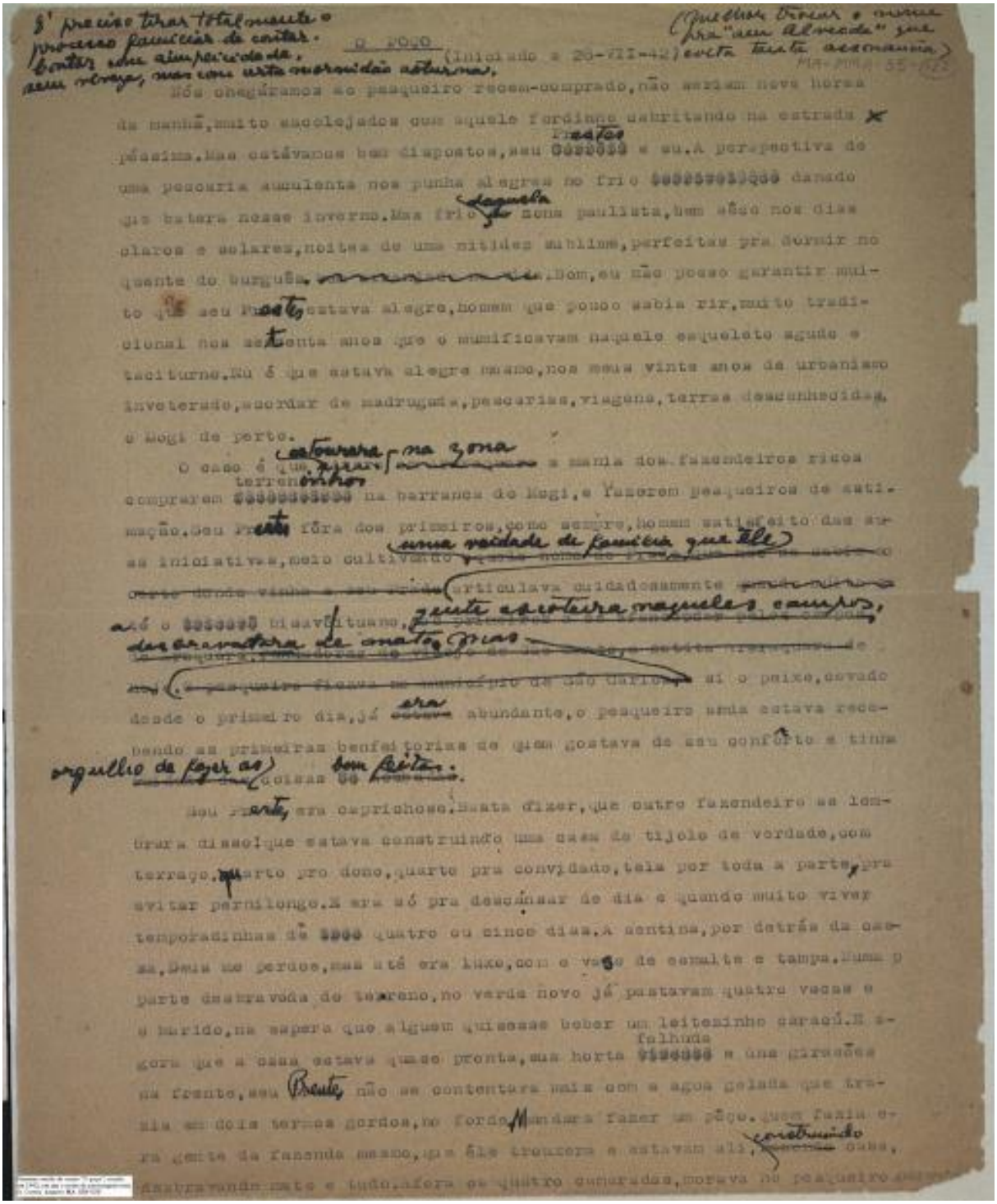
Figura 33: Pio Lourenço Corrêa acompanhando o esvaziamento do poço em seu pesqueiro, em junho de 1931 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 199).



Fonte: Acervo Mário de Andrade - AMA, Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, Universidade de São Paulo - USP.

Além da descrição desfavorável dada ao personagem, são as ações dele que deixam o narrador do conto, *alter ego* de Mário de Andrade, desconfortável: o velho Prestes, autoritário, obriga um funcionário seu, tuberculoso, a descer ao fundo do poço apanhar uma caneta que caíra no buraco. A narrativa foi analisada por Ivone Daré, em *O caminho do encontro:* uma leitura de Contos Novos (1999, p.151-177).

Figura 34: Fragmento dos manuscritos do conto “O poço”, em que a personagem nasce com o nome de Sr. Corrêa, depois substituído por Joaquim Prestes, com anotações de MA (GUARANHA, 2007, p. 632).



Fonte: Acervo Mário de Andrade - AMA, Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, Universidade de São Paulo – USP. Fotocópia tirada em 2005.

Pio não gostou da sua imagem como foi retratada na história, mas Antonio Candido, que fez a seleção das obras para a publicação póstuma, amenizou sua indignação argumentando sobre as especificidades da ficção, da literatura, a necessidade de o autor "carregar nas tintas" para a narrativa ficar mais interessante (declaração que foi dada a esta pesquisadora em entrevista por Candido). Apesar deste episódio, Pio continuou sempre colecionando livros e notícias sobre Mário.

Há, contudo, um documento curioso que Pio guardou sobre Mário e que pode ser indício de certas ressalvas que ele tinha em relação ao sobrinho postiço. Trata-se de um recorte de jornal recebido em 24 de fevereiro de 1952, trinta anos depois da Semana de Arte Moderna e sete anos depois da morte do escritor modernista. O artigo republica, sob a manchete em letras garrafais "Somos burríssimos, idiotas, ignorantíssimos" e sob o sugestivo lide "A Confissão dos modernistas - uma carta escrita há 30 anos", uma suposta carta que Mário teria enviado em fevereiro de 1922 a Menotti del Picchia (1892-1988), a qual teria sido publicada à época pelo periódico *Correio Paulistano*. Na carta, Mário escreve, talvez com a ironia peculiar que caracterizou a iconoclastia do Primeiro Momento do Modernismo, que o movimento teria sido um meio de "alcançar a celebridade" e, para tanto, houve a necessidade de "lançar uma arte verdadeiramente incompreensível, fabricar o Carnaval da Arte Moderna e deixar que os araras falassem" (v. Figura 35). Na carta, o substantivo "araras" é uma referência à ruidosa reação dos tradicionalistas, mas também pode ser uma referência toponímica à região em que mora o Tio Pio como metonímia de reduto de reacionários incapazes de compreender a arte moderna ou, descartada a ironia, incapazes de compreender a estratégia dos modernistas para chamar a atenção.

Figura 35: Ficha de Estudos de PLC n. 203 - Semana de Arte Moderna (verso), com recorte de jornal afixado: "Somos burríssimos, idiotas, ignorantíssimos".



«Somos burríssimos, idiotas, ignorantíssimos»

A confissão dos modernistas — Uma carta escrita há 30 anos

Merece, sem duvida, ser transcrita uma carta que a 22 de fevereiro de 1922, após a Semana da Arte Moderna, Mario de Andrade enviou a Menotti Del Picchia e publicada pelo «Correio Paulistano» naquela data.

Essa carta, pela sua atualidade, parece ter sido escrita na semana passada e não a 6 lustros:

Conseguimos enfim o que desejavamos — a celebridade. Sentir que o X. X. estava um pouco atterrorizado com os insultos que lemos recebido. Castelares, Bocayuvas, amigo, outro meio não havia de conseguirmos a celebridade. Era só assim: aproveitando a colera dos araras». Somos todos os pseudo-futuristas um caso teratologico. Somos burríssimos. Idiotas. Ignorantíssimos. Compreendes que, com todas essas qualidades, só havia um meio de alcançar celebridade: lançar uma arte verdadeiramente incompreensivel, fabricar o Carnaval da Arte Moderna e deixar que os araras falassem.

Calram como araras. Gritaram, insultaram-nos. Vaiaram-nos. Mas o publico já está acostumado, com a descompostura: não leva a serio. O que fica é o nome e um sentimento de simpatia que não se apagam mais da memoria do leitor.

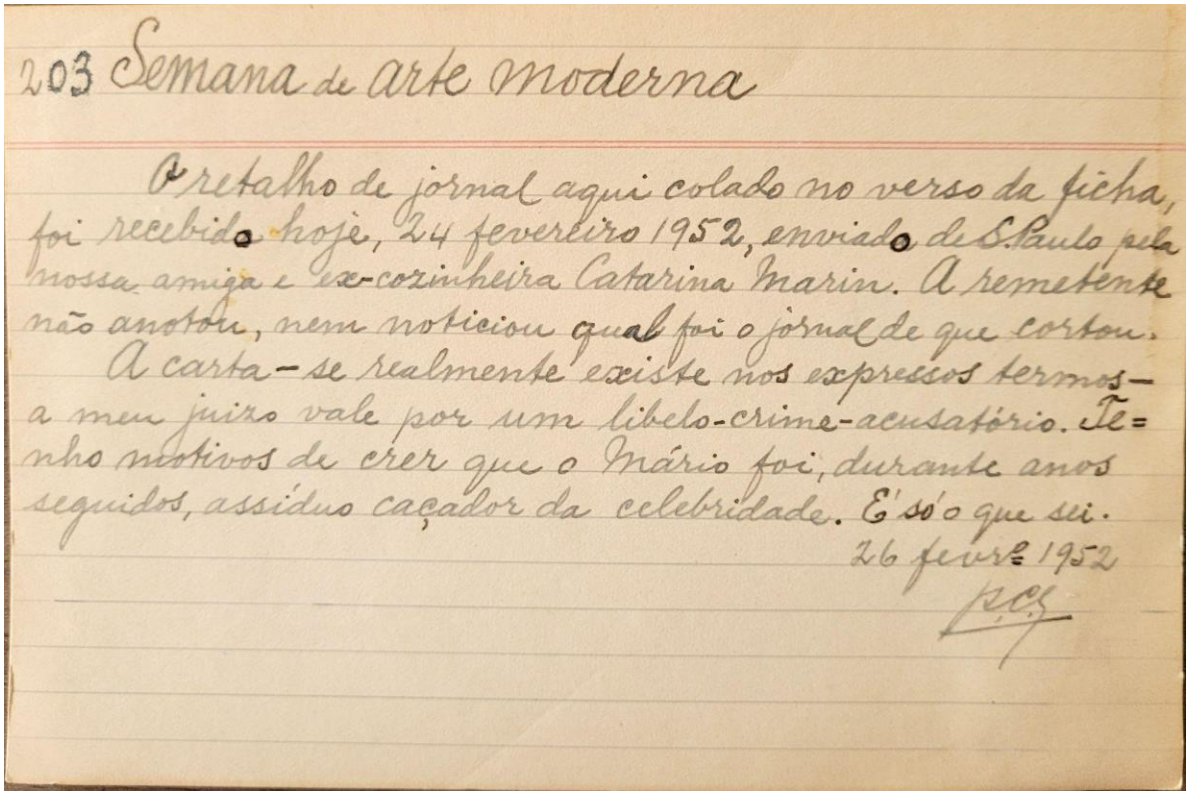
Estamos celebres! Enfim! Nossas livros serão comentados! Ganharemos dinheiro! Seremos ridiculissimos. Insultadissimos. Celebérrimos. Teremos os nossos nomes eternizados nos jornais e na Historia da Arte Brasileira. Agora, calemo-nos, amigo Heliosi. Não há mais necessidade de escrever. Estamos celebres, amados e detestados.

E tudo isso, por que? Porque os araras caíram na armadilha. Insultaram-nos. Somos brutos, decaidos, idiotas, ignaros. Tudo isso é verdade, amiciissimo. Mas como os jornais o diretorio o publico não acreditar. Toda gente imagina que somos perfeitissimos de corpo e de alma, inteligentes, honestos e cruditos. Que araras, amigo Helios, que araras!

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Na ficha em que anexou o documento (Figura 35), ainda que ponha em dúvida a veracidade da carta, "se realmente existe nos expressos termos", parece acreditar que seja verdadeira e sequer considera a possibilidade de, comprovada a existência da carta, que seu conteúdo seja irônico. Antes delibera laconicamente: "Tenho motivos para crer que o Mário foi, durante anos seguidos, assíduo caçador de celebridade. É só o que sei".

Figura 36: Ficha de Estudos de PLC n. 203 - Semana de Arte Moderna (frente).


203 Semana de arte moderna

O retalho de jornal aqui colado no verso da ficha, foi recebido hoje, 24 fevereiro 1952, enviado de S. Paulo pela nossa amiga e ex-cozinheira Catarina Marin. A remetente não anotou, nem noticiou qual foi o jornal de que cortou.

A carta – se realmente existe nos expressos termos – a meu juízo vale por um libelo-crime-acusatório. Tenho motivos de crer que o Mário foi, durante anos seguidos, assíduo caçador da celebridade. É só o que sei.

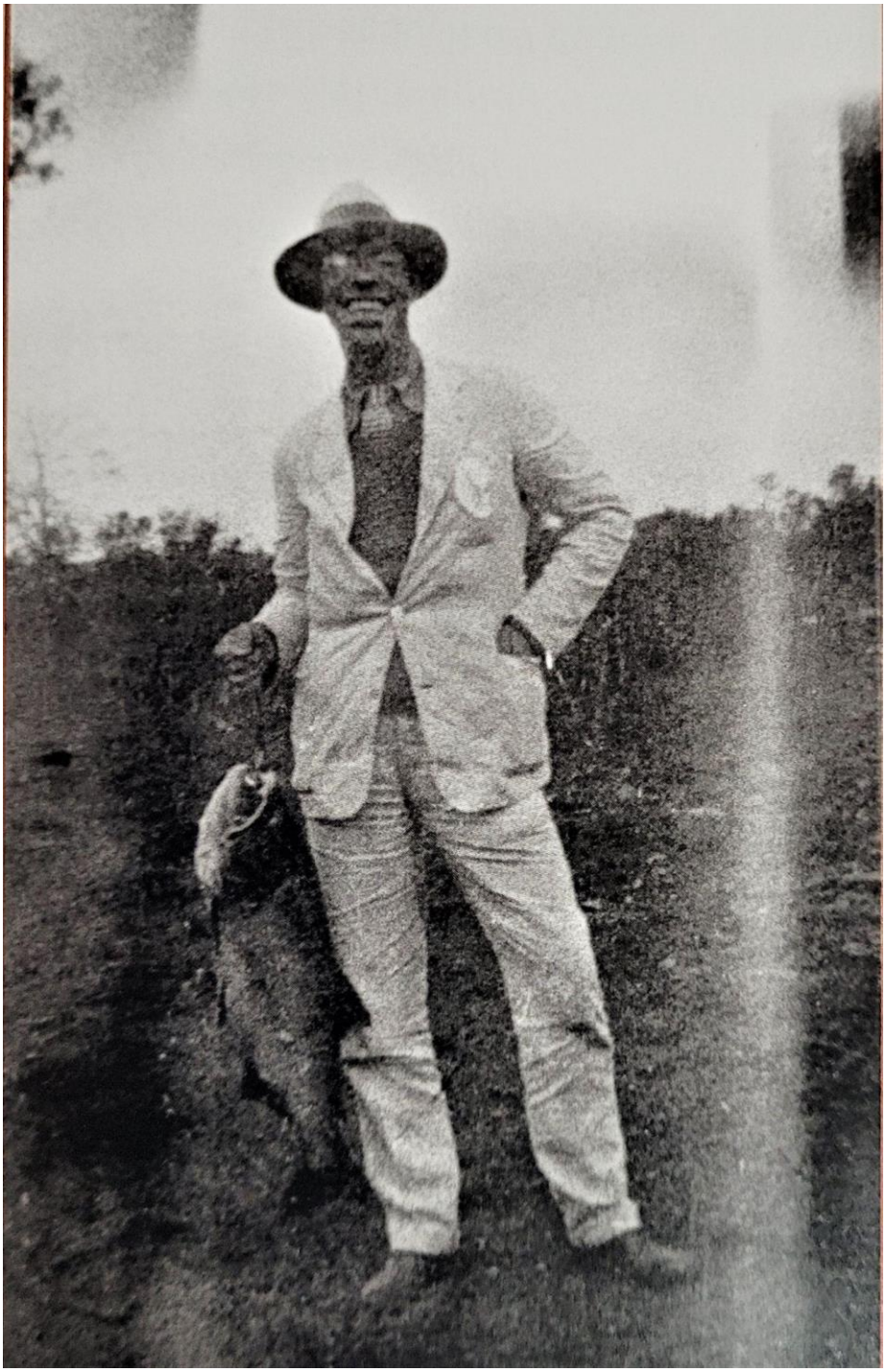
26 fevereiro 1952

P.C.

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Em vida, o modernista registrara, além do conto "O Poço", outros momentos inspirados nas atividades de caça e pesca de Pio. Um exemplo disso é a crônica "A pesca do dourado", publicada em 6 de julho de 1930, no *Diário Nacional*, de São Paulo (ANDRADE, 1976, p. 219-221), republicada em *Os filhos da Candinha*, nas Obras Completas da Livraria Martins Editora, em 1943, p.71-76. Há também uma foto (Figura 37) no arquivo do escritor em que ele posa ao lado de um grande peixe e sua câmera fixou imagens do pesqueiro do amigo, durante as férias de julho desse mesmo ano, conforme anotação no verso da foto (ANDRADE, 1976, p.139).

Figura 37: MA e o dourado pescado no Rio Moji, em 1930 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 171).



Fonte: Acervo Mário de Andrade - AMA, Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, Universidade de São Paulo - USP.

Aspectos da personalidade de Pio podem ser compreendidos por meio dos diferentes nomes pelos quais foi referenciado, quer oficialmente, quer pelos pseudônimos criados por ele, quer por personagens fictícios nele inspirados que registram, a seu modo, diferentes narrativas as quais formam peças de um mosaico: o nome de registro, Pio Lourenço Corrêa, que o constitui como indivíduo, faz referência ao cidadão araraquarense, fazendeiro, bibliófilo, intelectual, naturalista e autodidata; o epíteto "Tio Pio" evoca a referência do parentesco, da proximidade e até da afetividade, nem sempre atestada pelos que viveram com ele; Mota Coqueiro, por sua vez, aponta para o estudioso, notadamente filólogo e linguista, além de escritor; Grain D'Orge, quase-contista, ficcionista embrionário que não se desprendeu do terreno das experiências pessoais para materializar-se no campo ficcional como persona; e, finalmente, o velho Prestes da narrativa de Mário de Andrade, dono de terras, rico, viajado, metódico e até tirano.

2.2.2 – O fazendeiro autodidata e polímata

Analisando todas as facetas de Pio Lourenço Corrêa, a vida, os estudos, as publicações, a Coleção na biblioteca de Araraquara/SP, a atuação na cidade e os diálogos com intelectuais, é possível atribuir-lhe alguns adjetivos para recompor sua figura. Primeiramente, podemos afirmar, guardadas as devidas proporções, tratar-se de um homem ilustrado, na acepção de Antonio Candido (1981, p. 43-44):

> [p]or Ilustração, entende-se o conjunto das tendências ideológicas próprias do século XVIII, de fonte inglesa e francesa na maior parte: exaltação da natureza, divulgação apaixonada do saber, crença na melhoria da sociedade por seu intermédio, confiança na ação governamental para promover a civilização e bem-estar coletivo. Sob o aspecto filosófico, fundem-se nela racionalismo e empirismo; nas letras, pendor didático e ético, visando empenhá-las na propagação das Luzes.

Pio revelou um comportamento semelhante aos estudiosos do período das "Luzes" pelas práticas de colecionar livros; de estudar por iniciativa própria; de aplicar técnicas científicas em suas fazendas (na agricultura e pecuária); de adotar um método de estudo com o fichamento das informações mais importantes (compondo quase que uma enciclopédia particular[9]); de dominar

[9] Há, inclusive, uma ficha em que registrou um plano ou a possibilidade, que não se concretizou, de que estivesse pensando em uma enciclopédia (v. Figura 40).

línguas estrangeiras; de estudar a língua portuguesa; de publicar informações e pesquisas sobre linguagem, principalmente no campo da filologia, ou seja, ter uma preocupação pedagógica. Candido reforça essa hipótese ao descrevê-lo:

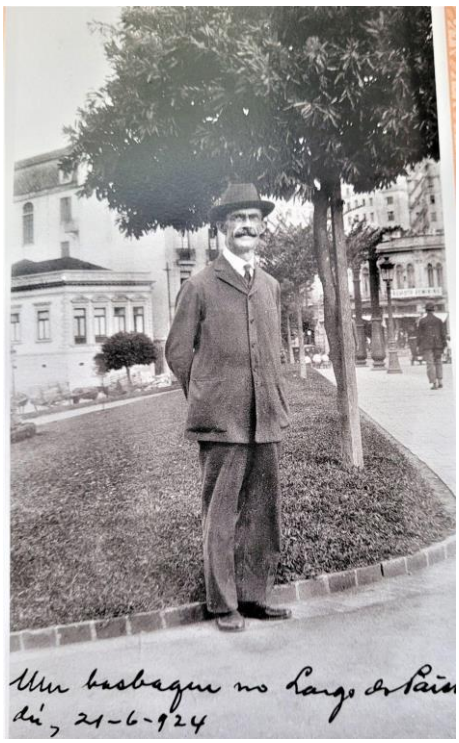
> [u]m de seus aspectos mais salientes era o extremado corte conservador: concepção muito elitista da sociedade, senso da hierarquia, confiança no que chamava a "filosofia natural", ou seja, a teoria darwinista da vitória do mais apto. Na conduta, o respeito pelos valores tradicionais e uma honestidade intransigente que podia chegar ao sacrifício de seus interesses. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 11).

Em carta, escrita no dia 11 de março de 1922, respondendo ao interlocutor Mário de Andrade, que havia lhe mandado notícias da Semana de Arte Moderna de 1922, Pio posicionou-se a respeito das propostas do movimento modernista. Estimulou Mário em sua empreitada, mas reconheceu que, nesses assuntos, era um conservador, tradicionalista:

> [n]a divisão do trabalho humano, a que obriga a eterna e universal Lei da capacidade de cada um, a mim me tocou plantar batatas e matar formigas. Em arte (já V. o sabia) sou simplesmente um *by stander*, um *mirone*, um *badaud*, um basbaque. De toda essa nomenclatura internacional, escolha V. a que mais me convier. Como plantador de batatas, não percebo essa coisa de se meterem batatas, digo, palavras avulsas – *by standers* – no meio do discurso; como matador de formigas, não me cabe na mioleira. Também já V. o sabia. Mas continuo a plantar batatas, sem me interessar pela sorte dos *soviets*. Um verso sem metro, sem rima, sem leis. Considero isso tudo como arte dos *soviets*. O pior é que nem todos continuam a plantar batatas: alguns vão ao Municipal atirar batatas! Que se lhes há de fazer? Aturá-los, e deixá-los. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 55). (Grifo e itálicos do autor).

Pio empregou neste fragmento diversos estrangeirismos (dominava principalmente o inglês e o francês) para se autodesignar apenas um observador das modernidades o que, ironicamente, contrasta com o último adjetivo que empregou para qualificar-se, "basbaque", ingênuo, tolo, simplório, adjetivo que empregou em mais de uma oportunidade, como atesta a fotografia de 1924 que circunstancialmente enquadra o fazendeiro na metrópole, fora de seu ambiente natural (v. Figura 38).

Figura 38: PLC no Largo do Paissandu, em São Paulo (foto s/a, datada de 21/6/1924 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 76).



FONTE: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul – Rio de Janeiro/RJ.

De qualquer modo, pode-se dizer que em seu discurso na carta ao modernista reafirma-se um tolo, mas não muito, ou se coloca como um tolo letrado que tem alguma bagagem para dizer o que diz. Ao fingir um lapso de memória em que confunde "batatas" com "palavras avulsas [metidas] no meio do discurso", reafirma sua habilidade de brincar com as palavras, como em certo sentido faziam os poetas iconoclastas e, ao mesmo tempo, atribui a essa prática certa gratuidade que, segundo ele, "não me cabe na mioleira". Reconheceu-se um homem do campo, defensor do *locus amoenus*, que não concebia a poesia "sem regras nem leis", conservador portanto. Não obstante isso, terminou a carta condenando a atitude do público ao agredir os modernistas no Teatro Municipal de São Paulo.

Pio, entretanto, apesar da distância física que mantinha da cidade, não se privava de alguns luxos da civilização, além dos livros. Como um indivíduo da *Belle Époque*, foi o primeiro a ter uma geladeira na região; teve dois automóveis (um Ford, ilustrado na Figura 39 - a fordeca tão citada por Mário de Andrade - para passeio, dirigido por sua cozinheira, Antonieta, o que não

era nada comum na época, uma mulher dirigir um carro; e outro para ir à fazenda e ao pesqueiro). Ilustram, ainda, o gosto pelo luxo a enorme banheira importada da Bélgica, quando de sua viagem à Europa, em 1911, e a aquisição de uma máquina de escrever para o seu escritório, em 1934, seguindo conselho de Mário de Andrade.

Figura 39: O automóvel (*hupmobile*) de PLC (foto s/a e s/d), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 135).



Fonte: Acervo da Editora Ouro Sobre Azul - Rio de Janeiro/RJ.

Por outro lado, sempre foi afeito ao contato com a natureza, não só pelas atividades agrícolas, pelas pescarias e caçadas, mas também pelo hábito de frequentar regularmente a estação de águas em Águas da Prata para tratamentos de saúde. Esse comportamento autoriza estabelecer um paralelo entre Pio e o homem ilustrado à moda do século XVIII, descrito por Candido (1981, p. 65), homem este que estabelecia, assim como Pio, um "diálogo por vezes angustiosamente travado entre civilização e primitivismo", que apresentava e representava uma

> [p]ersonalidade [...] convencionalmente rústica, mas proposta na tradição clássica, permitia exprimir a situação de contraste cultural, valorizando ao mesmo tempo a componente local – que aspirava à expressão [...] - e os cânones da Europa, matriz e

> forma da civilização a que o intelectual brasileiro pertencia, e a cujo patrimônio desejava incorporar a vida espiritual do seu país. (CANDIDO, 1981, p. 60)

Essa aproximação foi, inclusive, sugerida pelo próprio Mário de Andrade em uma brincadeira que fez em carta enviada a Pio, datada de 18 de dezembro de 1941, quando o modernista tentou escrever em "estilo antigo": "Senhor meu Tio e muito amigo/ Pio Lourenço Corrêa, / em sua chácara de Araraquara, / cordiais visitas", e, em seguida: "Não continuo assim seculodezoitamente porque me estrepo" (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 323).

O hábito de Pio de fichar, anotar informações de seus estudos, construindo sua "enciclopédia particular" também é outra marca do homem ilustrado. Além de colecionar metodicamente e consultar essas fichas que, muitas vezes, servem de suporte a outros documentos elas registram conteúdos que foram usados para responder a dúvidas linguísticas dos consulentes e nas produções de Pio, notadamente nos textos publicados na coluna do periódico *O Imparcial*, "Fichas de Linguagem", publicada durante os anos de 1935 e 1936.

A correspondência de 16 de março de 1925 enviada por Pio a Mário atesta o gosto do remetente por coleções e enciclopédias, bem como o fato de que adquiria essas obras não apenas por diletantismo ou para estudos de temas não ligados à sua atividade econômica principal, mas também com finalidade pragmática de aplicar os conhecimentos técnicos que elas veiculavam às suas atividades econômicas. Na correspondência, em tom bem humorado, investe o interlocutor da função de correspondente literário, bem como encomenda-lhe uma obra sobre insetos himenópteros cujas informações serviriam para ajudar em suas atividades como apicultor: praticamente intima Mário de Andrade a comprar livros para ele em São Paulo e já encomenda um em especial:

> [e]u preciso muito de um correspondente literário passadista aí em S. Paulo, por cujo intermédio possa efetuar compras de livros. Por direito consuetudinário, já V. estava investido desse cargo; mas daqui por diante, sirva esta carta de alvará de nomeação solene, e fique V. com a investidura oficial e togada.... Há em França – e portanto há de haver também no Garraux ou algures – uma coleção de livros sob o título geral de *Encyclopédie Scientifique, publiée sous la direction du Dr. Toulouse*. Apesar do nome rabilongo, são livros pequenos. Um desses volumes é consagrado aos insetos Heymenoptères. Este volume eu quero que V. me compre, e remeta pelo correio para aqui, para eu ler nos intervalos da bebida de água, e habilitar-me a olhar para as minhas abelhas, quando voltar, com olhos menos ignorantes. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 81)

Esta carta foi enviada de Águas da Prata, cidade turística onde ele e a esposa Zulmira Corrêa faziam costumeiramente "estação de águas", iam para beber água pura e banhar-se em águas com propriedades medicinais. Mesmo nas férias, Pio não se desligava das preocupações com as atividades da fazenda. Além disso, esta carta também documenta, por assim dizer, o início oficial da atividade de Mário, que já executava esporadicamente essa tarefa, como correspondente literário oficial e, a partir de então, sempre enviou ou deixou dinheiro para Mário comprar-lhe lançamentos ou encomendas.

A solicitação era para que Mário visitasse a "Casa Garraux: livraria francesa de São Paulo, criada em 1860; [que] comercializava também chá, rapé, tabaco, materiais de escritório e fazia encadernações" (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.81), localizada à Rua 15 de Novembro, 250-256, região central de São Paulo, para comprar um volume da "*Encyclopédie Scientifique, publiée sous la direction du Dr. Toulouse*, que não consta da biblioteca da coleção, provavelmente porque a maior parte das obras sobre o assunto foi doada ao Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto e ao Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo" (GUARANHA, 2007, p. 61), segundo informação de Antonio Candido. Além disso, na correspondência de Pio e Mário não há a resposta do destinatário sobre a encomenda específica. Em outra ocasião, 9 de dezembro de 1931, Pio solicitou em carta um grande trabalho a Mário, em busca de uma coleção portuguesa:

> [e]u encontrei aí em S. Paulo, em mãos não sei de quem (o encontro foi por intermédio da Livraria Brasil, que não nomeia o possuidor) uma coleção da *Revista Lusitana*, completa, até o volume 23. Preço – 800$000. Como não são oito vinténs, não me convém adquirir a obra sem me certificar do estado dela. Por esse dinheirão, só a comprarei se estiver perfeita de fato, isto é, se contiver ainda todas as indicações bibliográficas (está encadernada, e os encadernadores são vandálicos às vezes), se tiver todas as páginas, se não tiver recortes (é comum qualquer vândalo, não encadernador, cortar poesias ou pedaços de prosa, como fizeram aqui nos meus volumes da *A Semana*), e, enfim, se estiver de fato em perfeito estado, como me afirmou a livraria – que está. Afirmou, mas... quem sabe? São tantos volumes, são tantíssimas páginas, a gente às vezes é um tanto descuidoso de minúcias... Mandei propor ao dono que me remetesse para exame os 10 primeiros volumes – que nestes principalmente concentra-se o meu interesse: os outros, eu tenho perfeitos, e não se me dá de adquirir os oferecidos ainda mesmo com alguns senões. O homem recusou, pretextando coisas que não vêm ao caso referir. Mas prontifica-se a depositar a obra na dita Livraria Brasil, para ser aí examinada por mim ou por uma pessoa de minha confiança. Não posso ir a S. Paulo. Pessoa de minha confiança para o caso – só V., V. só e não vejo outrem. É espiga, e grande, que o trabalho de folhear 10 volumes de cerca de 300 páginas não é festa! Mas... Quer V. fazer-me o estafante favor? E, querendo, poderá fazê-lo? (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 211).

Mário respondeu e Pio enviou nova mensagem tranquilizando o modernista quanto ao cumprimento da tarefa, uma vez que Mário informara que estava adoentado e acompanhando os exames finais do Conservatório Musical de São Paulo, onde era professor. Avisou que só poderia "folhear" a coleção depois do dia 20 de dezembro. Mário cumpriu a missão, pois

> [n]a Coleção de PLC encontram-se 35 volumes da *Revista Lusitana – Revista de Estudos Portugueses*, arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, publicação do Museu Etnológico Português e do Instituto Nacional de Investigação Científica de Lisboa. A coleção de Pio deste importante periódico dirigido por Carolina Michaëlis de Vasconcelos está encadernada em couro vermelho; vai de janeiro de 1897 a 1939. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 211).

Quanto ao outro periódico citado na carta do dia 9 de dezembro de 1931, *A Semana*, contou-nos Antonio Candido que

> teve duas fases: a primeira, de 1885 a 1887, sob a direção de Valentim Magalhães. Passando a outras mãos, acabou pouco depois. A segunda, de 1893 a 1895, também era dirigida por Valentim, auxiliado por Max Fleiuss. Desta, PLC tinha a coleção completa, que se perdeu com muitos livros e revistas após a sua morte, ou pouco antes. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 211).

Essas cartas ajudam a esclarecer como a biblioteca de Pio foi se formando e se desenvolvendo, inclusive dá pistas sobre obras que não estão mais lá, mas que faziam parte da seleção e das áreas de interesse do seu proprietário.

É possível constatar, então, que Pio, em sua vida e em seus estudos, mantinha certos hábitos e valores herdados daquela consciência ilustrada à moda do século XVIII e acrescida dos valores do tempo em que viveu, final do século XIX e primeira metade do século XX. Esses hábitos revelaram-se também nas relações que estabeleceu com intelectuais mais jovens com quem conviveu, principalmente Mário de Andrade. Ambos liam, discutiam e fichavam suas pesquisas, elaborando cada um a sua "enciclopédia particular", trocando informações, conhecimentos e anotações como dois "enciclopedistas", guardadas as devidas proporções.

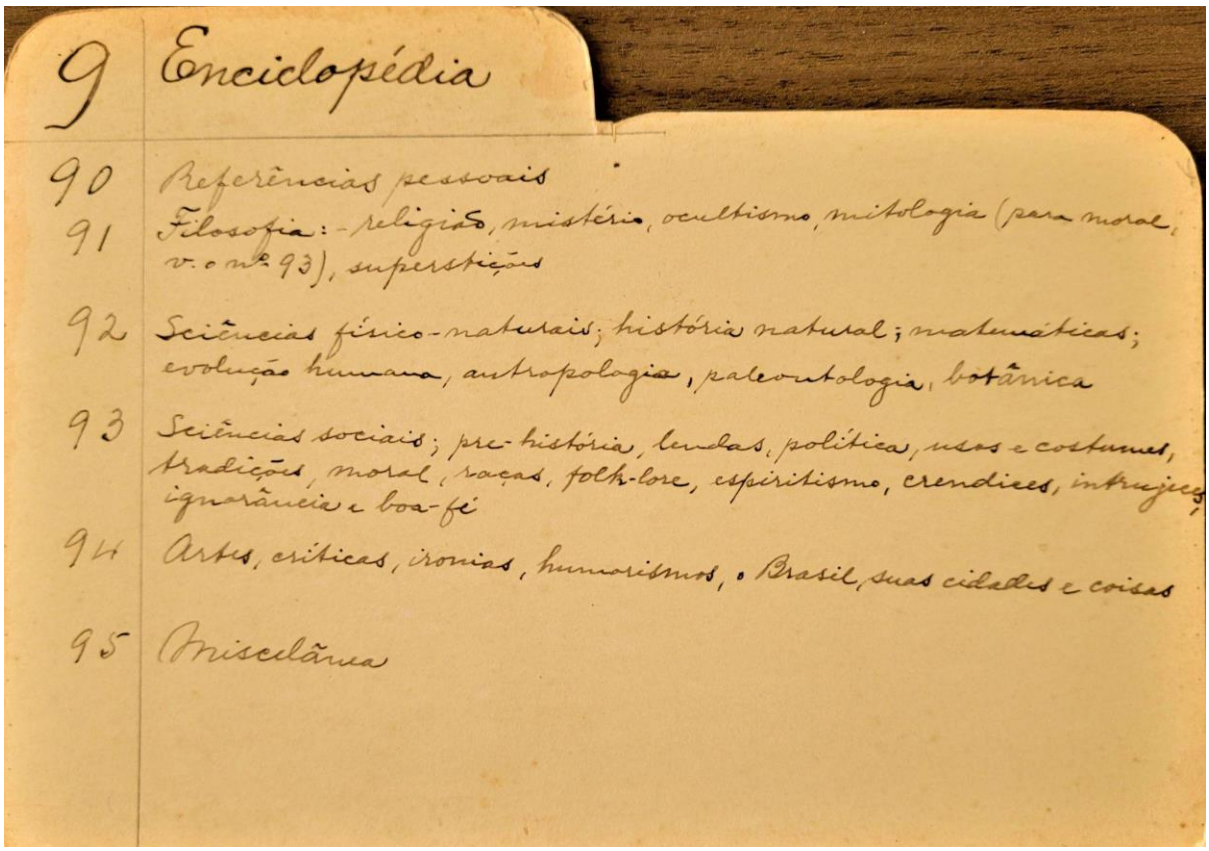
O modernista, quando trabalhou no Instituto Nacional do Livro do Rio de Janeiro, em 1939, chegou a projetar a sua enciclopédia: "a obra seria similar à *Encyclopédie* francesa, do século 18, e à alemã *Brockhaus*, cuja primeira edição é do início do século 19" (BRISO, 2009, s/p). O projeto não foi concluído, pois, "após a morte do escritor, em 1945, colaboradores só persistiram por mais cinco anos, sem ultrapassar os verbetes da letra 'A'" (BRISO, 2009, s/p). A *Enciclopédia Brasileira,* idealizada pelo modernista, só seria concluída por uma equipe

organizada pelo professor e tradutor espanhol José Luis Sánchez e sua compatriota Meritxell Almarza, em 2009, com apoio da Biblioteca Nacional e da editora espanhola Oceano.

Quanto a Pio Lourenço, o material que produziu a partir dos estudos serviu de base não só para consulta e redação de suas Fichas de Linguagem, publicadas no jornal *O Imparcial* de

Araraquara, mas também para as quatro edições de sua *Monografia da palavra Araraquara* (1936, 1937, 1940 e 1952)*;* para os artigos que publicou no jornal *O Estado de S. Paulo;* para textos publicados em revistas do Rio de Janeiro e de São Paulo; para revisar textos de amigos e para atender a consultas destes amigos, assunto que será tratado em seção posterior. Assim como planejava Mário, houve, conforme registro em ficha, um momento em que a possibilidade de elaborar uma enciclopédia também foi considerada por Pio (v. Figura 40).

Figura 40: Sumário de provável projeto de Enciclopédia elaborado por Pio Lourenço Corrêa.



Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Além de ilustrado e enciclopedista, outra característica de Pio, decorrente destas duas, é a de erudito, já que a erudição é "instrução, conhecimento ou cultura variada, adquiridos

especialmente por meio da leitura" (HOUAISS, 2001, p.1190). Burke (2020, p. 20) aplica o termo, mais especificamente, ao "conhecimento acadêmico", em que concentra os estudos, destacando que analisará "os estudiosos [*scholars*] com interesses que eram 'enciclopédicos' no sentido original de percorrer todo o 'curso' ou 'currículo' intelectual ou, de alguma maneira, determinado segmento importante desse círculo". Pio Lourenço não chegou a frequentar uma academia nem estudou um currículo por determinação de um programa de formação institucional, mas foi um autodidata interessado em variados assuntos. Desse modo, guardadas as devidas proporções, é possível constatar pela produção deixada por Pio certo caráter de *scholar*, ainda que, como ele mesmo se denominou, na carta de 11 de março de 1922, apresentada neste trabalho, um scholar "um *by stander*, um *mirone*" das ideias de seu tempo. O termo "*by-stander*", aliás, é bem significativo, pois pode ser entendido como expectador e, neste caso, evocaria certa passividade do sujeito, desmentida pelas evidências do trabalho prático realizado por Pio, direta ou indiretamente, em parte da obra de Mário de Andrade; por outro lado, "*by-stander*" evoca também a ideia de "*witness*", testemunha, qualificação mais adequada para nosso pesquisado, figura cuja passividade frente aos fatos que observa é atenuada pelo caráter de fiador ou crítico daquilo que presencia, justamente a qualidade que o sujeito que dá um testemunho adquire quando declara algo sobre o que testemunhou.

A erudição de Pio concentra-se, principalmente, na área da linguagem, mas pode-se dizer que tem um viés interdisciplinar que transcende e é articulado pelos conhecimentos linguísticos em que se revela proficiente. Pelos títulos da biblioteca de Pio Lourenço, é possível constatar suas variadas áreas de interesse: português, inglês, francês, zoologia, botânica, literatura portuguesa, literatura de viagens e expedições pelo Brasil; coleções de enciclopédias e dicionários. Segundo Candido,

> [i]ntelectual por vocação construiu aos poucos como autodidata um saber de grande solidez e coerência, não apenas no terreno predileto dos estudos linguísticos, mas também em ciências naturais chegando, inclusive, a usar microscópio nas suas investigações. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.10).

Em relação ao interesse pelas línguas estrangeiras, remetemos o leitor à história da contratação do nativo escocês, Mr. Ruxton, para ensiná-lo, em tempo integral e hospedado em sua Chácara da Sapucaia. Pio, entretanto, conhecia bem mais línguas, segundo Candido:

> Pio Lourenço era dotado de um poder de concentração e de uma tenacidade mental que reforçavam a sua grande inteligência. Tinha facilidade excepcional para línguas dominando quatro: a espanhola, a italiana, a francesa e a inglesa, essa, a predileta, aprendida metodicamente com um escocês residente em Araraquara por alguns anos e que lhe transmitiu o forte sotaque de seu país. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.11).

Sujeitos que se dedicam a estudar com profundidade variados assuntos, Peter Burke (2020) qualifica como polímatas, o que parece ser o caso de Pio Lourenço Corrêa. Burke, em sua obra *O polímata:* uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag, apresenta algumas distinções entre os tipos de polímatas:

> [t]alvez seja útil descrever alguns deles como passivos (em oposição a ativos); circunscritos (em oposição a gerais); ou seriais (em oposição a simultâneos). Por polímatas "passivos" me refiro a indivíduos que parecem saber tudo, mas não produzem nada (ou, pelo menos, nada de novo). Na fronteira entre passivo e ativo estão os sistematizadores ou sintetizadores [...]. A expressão polímata "circunscrito" constitui um óbvio oxímoro, mas era necessário um termo para designar acadêmicos que dominam algumas disciplinas relacionadas, seja em ciências humanas, naturais ou sociais. Nas páginas que se seguem, esse tipo será descrito como "agrupado". Estudiosos que fazem malabarismos com vários assuntos mais ou menos simultaneamente podem ser contrastados com aquilo que se poderia chamar de polímatas "seriais" [...] – que pulam de um campo a outro no decorrer de suas vidas intelectuais. (BURKE, 2020, p. 26)

O autor categoriza também os tipos "centrífugo, que acumula conhecimentos sem se preocupar com as conexões, e o estudioso centrípeto, que tem uma visão da unidade do conhecimento e tenta encaixar suas diferentes partes em um grande sistema" (BURKE, 2020, p. 26-27). O primeiro grupo, diz ele, possui "curiosidade onívora"; o segundo admira "a beleza da ordem" (BURKE, 2020, p. 27).

No estudo de Burke, ele chama a atenção para o fato de que "o conhecimento dos indivíduos polímatas muitas vezes é exagerado" (BURKE, 2020, p. 28) e de que os estudos sobre tais indivíduos "reforça[m] o mito do gênio solitário que consegue fazer tudo sozinho" (BURKE, 2020, p. 29). Em determinado momento, refere-se ao "erudito moderno": "um virtuoso, um indivíduo com tempo e dinheiro suficientes para se dedicar ao objetivo de adquirir diferentes tipos de saber como uma espécie de *hobby*" (BURKE, 2020, p.99).

Diante dessas categorizações de Burke, não tendo a intenção de cair em uma rigidez reducionista, Pio Lourenço Corrêa parece ter sido um polímata "ativo" e "agrupado", por vezes "centrífugo", com sua "curiosidade onívora", outras vezes, centrípeto, por fazer questão da

"beleza da ordem". De resto, como destacamos, os estudos linguísticos, pelo fato de as palavras e as expressões darem conta da referenciação a fenômenos de todas as áreas, também serviram para reforçar o caráter centrífugo do possível polimatismo de Pio, uma vez que o conduziram às diversas áreas do conhecimento, bem como serviram também para dar unidade centrípeta, por meio da prática do registro sistemático de seus estudos mediados pela palavra escrita, já que escrever pode ser um ato, ao mesmo tempo, reflexivo e criativo e efetivamente é no caso de Pio, pois ele registrou, em seus documentos, tanto paráfrases de redução, meras sínteses dos conteúdos estudados, quanto de ampliação, compondo pequenas resenhas, textos críticos dos estudos e, como já apontado, utilizando-os para a produção de textos próprios que deram a ele certa autoridade em determinados assuntos sobre os quais era frequentemente consultado.

Pode-se acrescentar ainda que foi, em certo sentido, polímata ativo porque publicou suas pesquisas de linguagem em periódicos, além das reiteradas edições de sua *Monografia da palavra Araraquara*, que se preocupou em distribuir como forma de divulgação. Também teria sido um polímata agrupado, pela variedade de assuntos simultâneos a que se dedicou, colaborando com seus conhecimentos de flora e fauna, entre outros, em diversas obras de Mário de Andrade. Além dessas participações, como figura memorialista detentora de vastos conhecimentos, frutos da curiosidade onívora, Pio aplicava em suas propriedades e em todas as atividades de que participava os conhecimentos adquiridos com seus estudos (a beleza da ordem), que podem ser observados em carta a Mário, de 17 de abril de 1927 (ANDRADE & CORRÊA. 2009, p. 113):

> Sobre jati:
> Em S. Paulo é jeteí ou jataí; apesar de melador velho, em cuja mania sempre me achei acompanhado de caboclos e pretos, nunca ouvi jati na língua dos profissionais com que convivi. É uma abelha filiada (o Novo Dic. não dá este termo1 ; e não pode desculpar-se com o fato de ser um adjetivo particípio, porque destes traz inúmeros); mas é uma abelha filiada ou pertencente ao gênero trigona, e o ninho não tem diferenças de maior, quando comparado ao de outras congêneres. Não sei, pois, que coisa veria o Roquette Pinto no caso. – Não pude conferir o passo que me aponta, porque não tenho a 1a edição; a minha é a 2a , ali por perto não vi jatis. Hei de voltar à carga quando tiver vagar.
> Mando inclusa mais uma ficha.
>
> Amo tio Pio

Burke (2020, *passim*) elenca algumas características dos indivíduos polímatas que podemos encontrar em Pio Lourenço Corrêa. Em primeiro lugar podemos destacar a boa memória - característica própria de Pio, que pode ser atestada pelas informações deu a Antonio

Candido para o livro *Os parceiros do Rio Bonito* (1964); casos que contou a Mário e que se transformaram em contos, como "Caçada de macuco", "Caso em que entra bugre", "Caso pançudo", todos publicados no livro *Primeiro Andar* (1926); as colaborações ao *Álbum de Araraquara,* de 1915 e 1948, com informações históricas e geográficas do início da cidade. Além disso, Pio também tinha a energia abundante que caracteriza os polímatas, uma vez que administrava suas terras, suas produções, estudava, pesquisava, anotava detalhadamente as informações; tinha a curiosidade própria dessa figura descrita por Burke, pois estudava com profundidade variados assuntos e comprava livros com muita frequência, como atestam as cartas trocadas, principalmente, com Mário de Andrade. Essa curiosidade, por sua vez, era aliada a outra importante característica, o poder de concentração, que permitia que ele se dedicasse sempre aos estudos e à leitura minuciosa das obras que adquiria. Outro aspecto do polímata que Pio revelou foi a inquietação, pois estava sempre atento a lançamentos de livros para adquiri-los e gostava de analisar obras recém-lançadas; escreveu e reescreveu sua *Monografia da palavra Araraquara* quatro vezes (1936, 1937, 1940 e 1952), sempre com novas informações que enriqueciam o texto. Essa inquietação estava ligada à velocidade própria do polímata: agia bem rápido quando recebia alguma informação que era de seu interesse, bem como tinha o gosto pela competição, sentia-se confortável em demonstrar o seu poder e liderava também o grupo dos Conjurados, grupo de caçadores de Araraquara[10].

Finalmente, outro aspecto pessoal do polímata que encontramos também em Pio é a vontade de colaborar, de que são testemunho as cartas trocadas com Mário de Andrade, bem como a participação em diversas iniciativas culturais. Simultaneamente a essas características pessoais, o polímata surge em condições históricas, sociais e geográficas específicas, em que possa, como fez Pio, explorar, do ponto de vista intelectual, as boas condições de seu tempo, do lugar onde nasceu e interagir com as pessoas próximas extraindo delas aprendizado. O acesso a escolas, universidades e bibliotecas é fundamental na constituição do polimatismo. No caso de Pio, embora não tenha conseguido concluir os estudos universitários, criou suas próprias

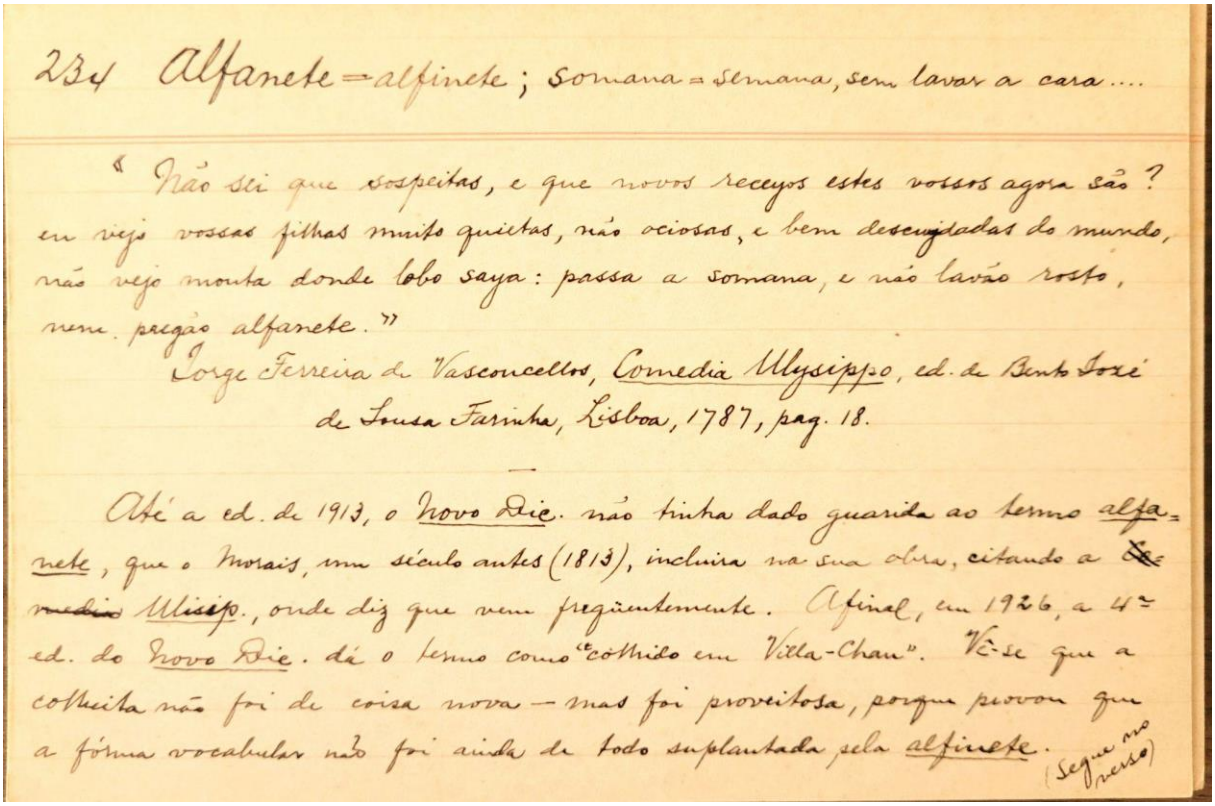
[10] Pio também tinha o gosto pelo lúdico, gostava de trocar cartas com seu sobrinho Rafael Corrêa da Silva (professor da Faculdade de Direito de São Paulo e um dos fundadores da Academia Paulista de Letras, estabelecendo-se entre eles alguns desafios: às vezes, cartas nas línguas estrangeiras que dominavam, outras vezes, cartas em que era proibido o uso de determinada vogal (informação dada por Antonio Candido em palestra proferida no SESC de Araraquara, durante o lançamento do livro: *Pio & Mário*: diálogo da vida inteira, em 2009).

condições, desenvolvendo sua biblioteca, estudando e pesquisando por si, como autodidata. O ócio é outro fator relevante na formação de um polímata. Pio, apesar de trabalhar bastante em suas terras e ter muitas frentes a administrar, tinha empregados e colonos, o que lhe possibilitava momentos livres para estudo e lazer.

A respeito de como o ócio converteu-se em produção e como a produção de Pio, por sua vez, é possibilitada pelo tempo livre de que ele dispunha, encontra-se nos arquivos, como exemplo, a Ficha "234 - Alfanete = alfinete; somana = semana, sem lavar a cara…". Nesse documento, Pio ressente-se de que *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FIGUEIREDO, 1913), não registrava a forma medieval "alfanete", que já fora registrada um século antes no dicionário de Morais abonando-a, inclusive, por meio de fragmento da *Comédia Ulissipo*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos (1515-1585), escritor renascentista de Portugal. De fato, consta em Moraes e Silva (1823, p. 95) o verbete: "ALFANÈTE por Alfinete [que] vem na *Ulisip*. frequentemente" [11] (v. Figura 41).

[11] A edição encontrada do *Dicionário de Moraes* é de 1823, talvez possa ter havido engano na anotação da data na ficha.

Figura 41: Ficha 234 - Alfanete = alfinete; somana=semana, sem lavar a cara (frente)[12].



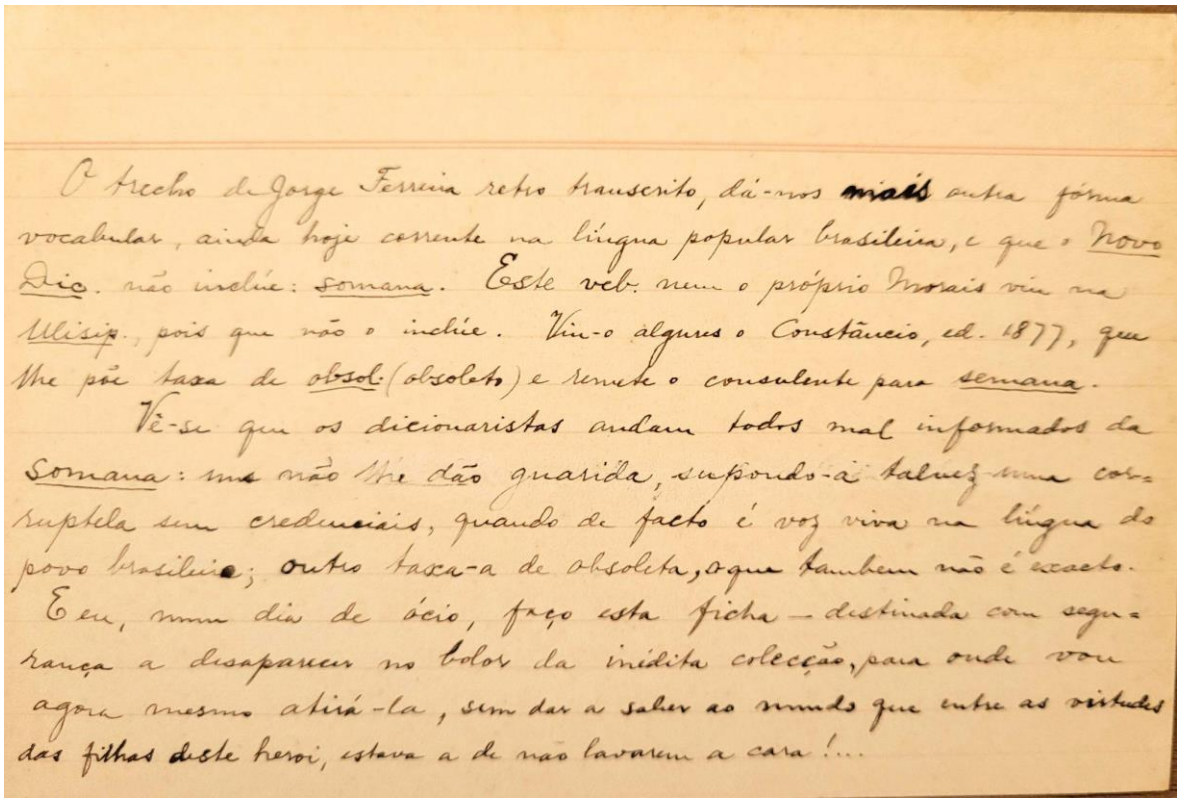
Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022.

No verso da ficha, Pio reclama também do esquecimento do próprio Moraes e Silva da forma alternativa do vocábulo "semana", a forma "somana", que afirma ser ainda "voz viva na língua do povo brasileiro". Na verdade, Moraes (1823, p. 703) registra o verbete "SOMÀNA. V. Semana *Card. Dicc. Barb. Dicc. Per*." em que remete o leitor ao verbete "semana", apenas não o abona por meio da citação de Ferreira de Vasconcelos. Perceba que a crítica de Pio recai

[12] Transcrição: "Não sei que sospeitas, e que novos receyos estes vosso agora são? / eu vejo vossas filhas muito quietas, não ociosas, e bem descuydadas do mundo, / não vejo monta donde lobo saya: passa a somana, e não lavão o rosto, / nem pregão alfanete." / Jorge Ferreira de Vasconcellos, Comédia Ulysippo, ed. de Bento Toxé / de Sousa Farinha, Lisboa, 1787, pag. 18. / Até a ed. de 1913, o Novo Dic. não tinha dado guarida ao termo alfa- / nete, que o Morais, um século antes (1813), incluira na sua obra, citando a [Co- / média] Ulisip., onde diz que vem frequentemente. Afinal, em 1926, a 4ª / ed. do Novo Dic. dá o termo como "colhido em Villa-Chau". Vê-se que a / colheita não foi de coisa nova - ma foi proveitosa, porque provou que / a fórma vocabular não foi ainda de todo suplantada pela alfinete. (Segue no verso).

sobre o fato de os dicionaristas “não darem abrigo” ao vocábulo por serem “mal-informados”, ou seja, por suporem a forma semana “uma corruptela sem credenciais”. Neste ponto, percebe-se a opção de Pio que se apoia nos clássicos: tendo sido o termo utilizado por Ferreira de Vasconcelos, é legítimo e, estando em uso na fala popular, não é obsoleta.

Figura 42: Ficha 234 - Alfanete = alfinete; somana=semana, sem lavar a cara (verso)[13].



O trecho de Jorge Ferreira retro transcrito, dá-nos mais outra fórma vocabular, ainda hoje corrente na língua popular brasileira, e que o Novo Dic. não inclúe: somana. Este vcb. nem o próprio Morais viu na Ulisip., pois que não o inclúe. Viu-o algures o Constâncio, ed. 1877, que lhe põe taxa de obsol. (obsoleto) e remete o consulente para semana.

Vê-se que os dicionaristas andam todos mal informados da somana: uns não lhe dão guarida, supondo-a talvez uma corruptela sem credenciais, quando de facto é voz viva na língua do povo brasileiro; outro taxa-a de obsoleta, o que também não é exacto.

E eu, num dia de ócio, faço esta ficha — destinada com segurança a desaparecer no bolor da inédita colecção, para onde vou agora mesmo atirá-la, sem dar a saber ao mundo que entre as virtudes das filhas deste heroi, estava a de não lavarem a cara!...

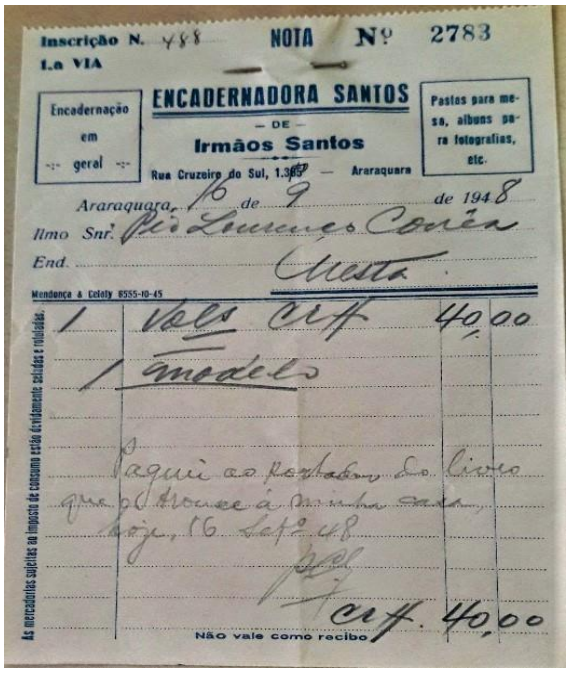
Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022.

[13] Trancrição: O trecho de Jorge Ferreira retro transcrito, dá-nos mais outra fórma / vocabular, ainda hoje corrente na língua popular brasileira, e que o Novo / Dic. não inclúe: semana. Este vcb. nem o próprio Morais viu na / Ulisip, pois que não o inclúe. Viu-o algures o Constâncio, ed. 1877, que / lhe põe taxa de obsol. (obsoleto) e remete o consulente para semana. / Vê-se que os dicionaristas andam todos mal informados da / semana: uns não lhe dão guarida, supondo-a uma cor- / ruptela sem credenciais, quando de facto é voz viva na língua do / povo brasileiro; outro taxa-a de obsoleta, o que também não é exacto. / E eu, num dia de ócio, faço esta ficha - destinada com segu- / rança a desaparecer no bolor da inédita colecção, para onde vou / agora mesmo atirá-la, sem dar a saber ao mundo que entre as virtudes / das filhas deste heroi, estava a de não lavarem a cara!...

No final das anotações, Pio faz uma referência bem-humorada ao ócio produtivo que possibilitou sua pesquisa: “E eu, num dia de ócio, faço esta ficha - destinada com segurança a desaparecer no bolo da inédita colecção, para onde vou agora mesmo atirá-la, sem dar a saber ao mundo que entre as virtudes das filhas deste heroi [Ulissipo], estava a de não lavarem a cara!...”.

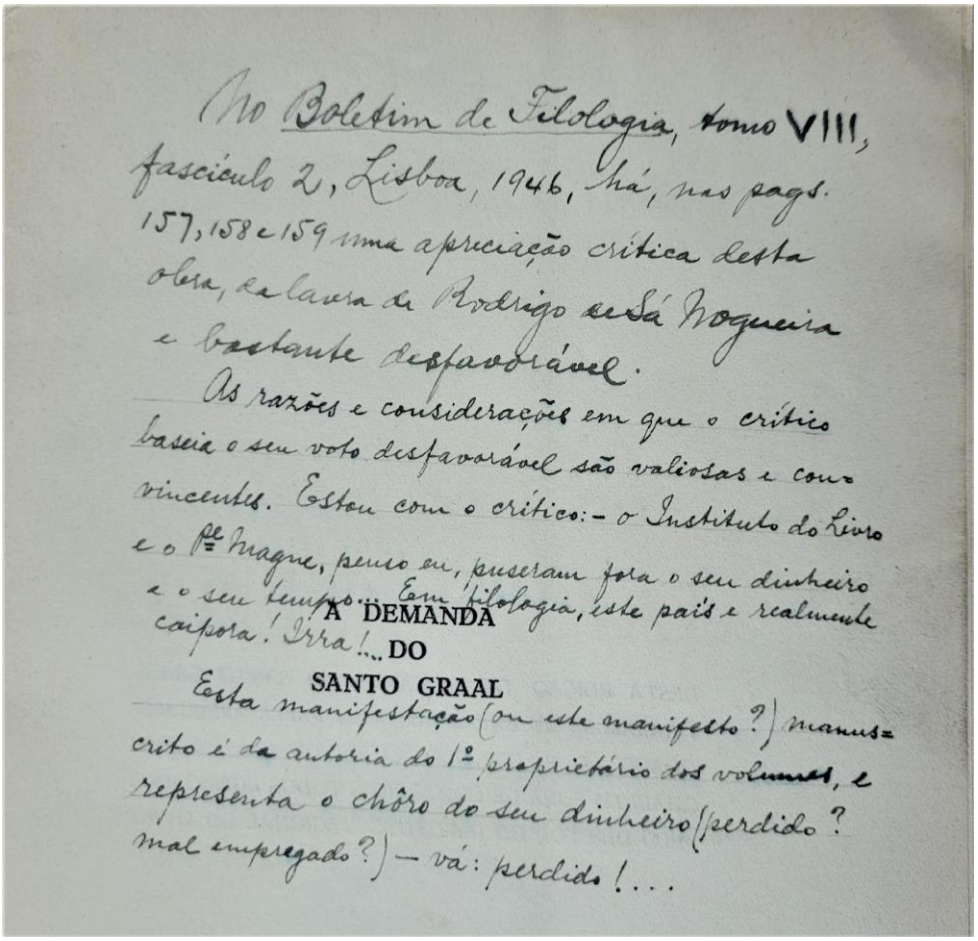
A posição social de Pio dava-lhe outra facilidade, além do ócio, de que necessita o polímata, condições financeiras: como fazendeiro, cafeicultor, criador de gado, dispunha de rendimentos que lhe possibilitaram a compra de livros e outras atividades intelectuais. Quanto a este aspecto, chama a atenção, em seus livros, as notas de compra ou de encadernação afixadas com alfinete nas folhas de guarda; outras vezes, ele anotava “este livro custou R$.....”. O que a princípio pareceu uma preocupação histórica ou hábito de um perfeccionista que não deixava escapar nenhum detalhe, mas pela insistência com que ocorre, levou-nos a pensar que ele queria que soubessem o valor monetário de sua biblioteca, quanto custava cada livro da coleção. Assim como em outras situações de sua vida, preço e apreço parece que caminhavam juntos (v. Figuras 43 e 44).

Figura 43: Nota fiscal da Encadernadora Santos.



Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em outubro de 2019.

Figura 44: Anotação de Pio na folha de rosto do livro de Augusto Magne - *A demanda do Santo Graal*. V.1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944[14].



Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em outubro de 2019.

Além de todas essas características pessoais e circunstâncias que o aproximam da figura de um polímata, Pio contou ainda, ao longo da vida, com o incentivo familiar. Ainda que tenha

[14] Transcrição: No Boletim de Filologia, tomo VIII, / fascículo II, Lisboa, 1946, há, nas pags / 157, 158 e 159 uma apreciação crítica desta / obra, da lavra de Rodrigo de Sá Nogueira / e bastante desfavorável. / As razões e considerações em que o crítico / baseia o seu voto desfavorável são valiosas e con- /vincentes. Estou com o crítico: - o Instituto do Livro / e o Pe. Magne, penso eu, puseram fora o seu dinheiro / e o seu tempo… Em Filologia, êste país é realmente / caipora! Irra!... / Esta manifestação (ou este manifesto?) manus- / crita é de autoria do 1º proprietário dos volumes, e / representa o chôro do seu dinheiro (perdido? /Mal empregado?) - vá: perdido!...

sido impedido pelo irmão mais velho e tutor de prosseguir os estudos em São Paulo, com o tempo, outros membros da família passaram a admirá-lo como estudioso, filólogo, tendo-o inclusive como conselheiro. É possível também que certo desapontamento por não ter completado os estudos possa ter estimulado o seu desejo de se tornar ou se manter um intelectual, cercado que era de outra circunstância importante da figura do polímata apontada por Burke (2020), o círculo de amigos que o estimulavam. Pio teve muitos, entre os quais: MMário de Andrade, Antonio Candido, Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto, Gilda de Mello e Souza, Gladstone Chaves de Mello.

Burke (2020), destaca, ainda, um importante "nicho para polímatas": "o jornal ou periódico cultural, especialmente para aqueles que preferem a liberdade do trabalhador *freelancer* à relativa segurança de uma instituição" (BURKE, 2020, p. 319). Os jornais foram justamente os veículos em que Pio mais se destacou. As publicações em periódicos de Araraquara (*O Imparcial* e *Correio Popular)*, São Paulo (*O Estado de S. Paul*o, *Diário Nacional*, *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* e *Folha da Manhã*) e Rio de Janeiro (*Revista Papel e Tinta*, *Revista Esfera*, *Revista de Cultura*, *Revista Bellas Artes*), serviram para exercitar a escrita e para divulgar os seus conhecimentos e, de certa forma, incluir também seu nome no rol de intelectuais da primeira metade do século XX. Além disso, apesar de Pio não ter sido protagonista em alguns eventos culturais ou históricos, ele participou como coadjuvante, acompanhando e colaborando no trabalho de diversos intelectuais.

Além do pendor para o polimatismo, há outros traços da personalidade de Pio que são relevantes. Figura peculiar e discreta, Pio Lourenço Corrêa instiga a curiosidade de quem toma conhecimento de sua existência, seja pela rede de saberes a que se dedicou, seja pelo círculo de amigos com quem conviveu, seja, pelos traços idiossincráticos de sua personalidade. Candido (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 11) descreve, em tom quase literário, as características de Pio:

> [p]ersonalidade originalíssima, com toque de excentricidade, era pequeno, magro, de feições corretas, voz grave bem empostada a serviço de uma dicção perfeita. Tinha um olhar penetrante que parecia sempre comandar, exprimindo um temperamento autoritário como poucos. Em contraste com o aspecto severo e certa rispidez, possuía grande senso de humor, se divertia com facilidade e era conversador incomparável. Economicamente abastado pelo próprio esforço, encarava o dinheiro como instrumento a serviço das suas necessidades, da sua generosidade e dos muitos requintes, não se preocupando em acumulá-lo.

Ouvimos, também de Antonio Candido, que Pio, quando chegava a um hotel, sua primeira atitude era pegar uma nota de dinheiro valiosa, rasgá-la ao meio e dar metade ao criado do quarto. Se o atendimento fosse bom, ao final da hospedagem, entregava a outra metade. Também teria se desentendido com um vendedor de uma loja na cidade de São Paulo. Ao perguntar o preço de um abajur em formato de coruja, o vendedor, em vez de dizer o preço, teria comentado: "Essa peça é muito cara!". Pio repreendeu-o, dizendo que não queria saber se era ou não era cara, queria saber o preço e acabou comprando o abajur, somente para provocar o atendente (o que nos parece mais uma preocupação em demonstrar poder e superioridade). A essas idiossincrasias somam-se casos como a do retrato, página 55 deste trabalho; a da mala do escocês, página 67. Esses casos acentuam o caráter rígido de Pio em que se sobressai como característica o peso que atribuía à sua palavra fosse na intimidade familiar, nos negócios, na administração das fazendas ou na postura diante da vida, bem como certo pendor autoritário sustentado pelo poder econômico que tinha.

Entre várias histórias, uma em particular retrata bem certo traço idiossincrático da personalidade de Pio e o valor que ele dava à palavra. O "caso" tem relação com "José Maria Paixão (?-?), um português que se tornou fazendeiro em Araraquara, casado com Zulmira Corrêa Vaz (?-?), sobrinha de Pio, xará e a melhor amiga da esposa deste" (GUARANHA, 2007, v.1, p. 69, nota 1). Renato Rocha (1927-2014), sobrinho de Pio, herdeiro da Chácara da Sapucaia e da Fazenda São Francisco (v. *Volume 2 - Dossiê*), em seu depoimento, lembrou de um episódio em que Pio, em conversa informal com o amigo José Maria Paixão, queixou-se do cansaço que lhe dava a fazenda São Francisco. Perguntado por que razão não a punha à venda, respondeu que assim faria, se conseguisse quem lhe pagasse 200 contos. A resposta de Paixão foi – "Pois a fazenda é minha!". Pio não se preocupou até que, no dia seguinte, recebeu o comprovante do depósito bancário, equivalente ao sinal da compra a ser quitada quando o fazendeiro quisesse, pois era sabido dos conhecidos que Pio não aceitava pagamentos em cheque, tendo uma frase de efeito para justificar isso: "Eu nunca vou me afogar, pois não entro em canoa furada!". Aliás, frases de efeito para diferentes situações eram outra característica dele.

Pio ficou estarrecido, pois sua declaração havia sido uma força de expressão, mas Paixão, pelo menos assim pareceu, como que se aproveitou do momento para ficar com a fazenda. O conflito foi grande, pois Pio tinha realmente declarado que venderia a fazenda e a palavra para ele tinha mais valor do que o dinheiro envolvido. Voltar atrás seria uma desonra.

Foi aconselhado, então, pela cunhada Hilda Gomes Corrêa da Rocha (1894-1980) a comprar de volta a palavra empenhada. Concordando com a ideia, fez a proposta a Paixão, que aceitou a negociação e apresentou o preço do resgate: uma lista enorme de "desejos": automóveis, dinheiro etc.

Pio cumpriu à risca todas as exigências e ficou satisfeito por ter recuperado a palavra empenhada, que era coisa muito séria para ele, e também por não ter perdido a fazenda. Com o rompimento da amizade, as respectivas mulheres, ambas batizadas Zulmira, muito amigas, não puderam mais se falar. Além disso, Paixão recebeu uma carta feroz de Pio, segundo testemunho de Renato Rocha, externando palavras de raiva e frustração (GUARANHA, 2007, v. 1, p.113).

Essas histórias ou "casos" revelam, para além das idiossincrasias desse personagem, um modo de se posicionar em relação à palavra dada, aos negócios e às relações de amizade com um rigor que, se parece excessivo em alguns momentos, em outros parece fundado naquele preceito da civilidade de um homem ilustrado, erudito e polímata. Pio deu valor à palavra em suas várias dimensões, como compromisso moral, como forma de manutenção do poder e como elemento que resgata a memória e produz conhecimento. Neste aspecto, iremos destacar em seguida o hábito de uma vida inteira de Pio, o de colecionador.

2.3 A Coleção Pio Lourenço Corrêa

A Biblioteca Pública Municipal de Araraquara, de acordo com o *site* oficial da instituição, "foi fundada **e**m 23 de outubro de 1942, por meio do Decreto-Lei nº 49, na gestão do Prefeito Dr. Camilo Gavião de Souza Neves". A inauguração deu-se em 1º de agosto de 1943, seu funcionamento já teve início em 2 de agosto de 1943 e "foi o escritor Mário de Andrade que incentivou e intermediou junto ao Prefeito da época para a criação da Biblioteca Municipal, doando 600 livros de sua coleção particular para compor o acervo" (BPMMA, 2019).

O escritor, que havia sido diretor do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, de maio de 1935 a novembro de 1937, na gestão do prefeito Fábio Prado (1887-1963), solicitou ainda aos seus amigos escritores que doassem livros para a biblioteca. Assim, é possível encontrar, no acervo, primeiras edições com dedicatórias de Manuel Bandeira (1886-1968), Cecília Meireles (1901-1964), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) entre outros. Após a morte do modernista, a biblioteca passou a chamar-se "Biblioteca Pública Municipal 'Mário de Andrade', pelo Decreto-Lei nº 24, de 19 de setembro de 1945", sendo ele seu patrono (BPMMA, 2019).

Uma visita ao *site* da Prefeitura Municipal de Araraquara (PMA – 2019) revela a importância do esforço de Mário de Andrade para que a cidade tivesse uma biblioteca e como esse esforço teve continuidade, haja vista o acervo atual da instituição:

> [a] Biblioteca Municipal está localizada na esquina da Rua Carlos Gomes com a Av. Espanha. Foi inaugurada em 1943 e recebeu o nome de Mário de Andrade, que incentivou a criação da Biblioteca, doando 600 exemplares de seu acervo pessoal. Instalada em novo prédio construído em 1976, segundo os mais modernos padrões da Biblioteconomia, o espaço oferece vários serviços, distribuídos pelas diversas seções: sala de leitura e pesquisa, seção de empréstimos, sala de leitura informal (jornais e revistas), videoteca e auditório com 200 lugares (para palestras e projeções). Possui também biblioteca especializada em artes e filologia, contendo obras raras nesses assuntos. A Biblioteca Mário de Andrade possui um acervo de 82.882 livros e outras publicações. (PMA, 2019)

Quanto a essa área reservada a Pio, na página da *Internet* que descreve especificamente a *Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade*, de Araraquara (BPMMA, 2019), consta que, no segundo pavimento, encontram-se as Salas de Acervos Especiais, onde está a

> Sala Pio Lourenço Corrêa, [que]abriga uma parte da biblioteca particular do filólogo araraquarense Pio Lourenço Corrêa, doada à Biblioteca Municipal em 17 de julho de 1957, após seu falecimento, pela esposa Zulmira Rocha Corrêa, na gestão do prefeito

> Rômulo Lupo. Grande conhecedor da língua nacional, Pio Lourenço Corrêa é o autor da "Monografia da palavra Araraquara", um estudo da palavra tupi ARARAQUARA, que define ARA = dia e COARA = buraco, ninho ou morada. Segundo Pio Lourenço Corrêa, Araraquara significa buraco do dia ou mais precisamente morada do sol. O acervo da sala é composto por obras raras, principalmente sobre literatura e línguas portuguesa e brasileira. Inclui vários livros de Mário de Andrade, em sua 1ª edição, com dedicatória, que o escritor doou a seu parente, o filólogo Pio Lourenço Corrêa, e também abriga os livros que Mário de Andrade doou à Biblioteca, bem como a mesa onde ele rascunhou sua famosa obra "Macunaíma", enquanto passava as férias de 18 a 23 de dezembro de 1926, na Chácara Sapucaia, onde morava Pio Lourenço Corrêa. Como gostava de escrever à noite, levava essa pequena mesa para o banheiro e, com portas fechadas, passava as madrugadas escrevendo, tendo a certeza de que as luzes acesas não incomodariam Pio Lourenço e sua esposa Zulmira.

A sala especial da instituição, antes Sala Pio Lourenço Corrêa, ganhou o nome de *Sala Mário & Pio* a partir de 2013, pois foram recolhidos ali também os livros doados por Mário para a abertura da biblioteca, pela necessidade de resguardar o material que ganhou caráter histórico, além do acervo de Pio, classificado pelos organizadores como Coleção Pio Lourenço Corrêa, composta por móveis (5 estantes, escrivaninha e cadeira), 1339 livros, 7232 imagens de fichas de estudo, recortes de jornais e papéis avulsos. Esse espaço constitui uma fonte indispensável para o resgate da memória da cidade, de aspectos da vida intelectual da *Bélle Epoque*, da história da própria biblioteca, da presença e participação do modernista no desenvolvimento cultural da cidade, do percurso de aprendizagem de Pio e de aspectos da história da educação no período.

Certamente, a conexão intelectual, mais do que simplesmente a familiar ou afetiva, entre Mário de Andrade e Pio Lourenço Corrêa foi responsável pelo empreendimento, o que nos leva à conclusão de que Pio foi peça-chave para a execução desse projeto cultural ou, dito de outro modo, o personagem sem o qual a cidade não teria uma biblioteca constituída por um acervo *sui generis* como é a de Araraquara. Considerando-se a conexão entre esse tipo de instituição e o ensino, considerando-se

> a biblioteca como coleção de livros e impressos que guarda as marcas de seu processo de constituição, desde o projeto que lhe deu origem ao processo peculiar de composição ou de recomposição que os acervos sofrem ao longo do tempo: a definição do público; os critérios de seleção dos saberes e materiais para sua composição; os princípios que ordenam suas coleções; as classificações e as estratégias de acessibilidade aos materiais colecionados; a imposição de políticas de gestão, a recomposição e a conservação dos acervos etc. são passíveis de reconstituição pela análise atenta de seu próprio conjunto material. (NERY, 2016, p.239).

Considerando-se ainda que a *Sala Mário & Pio* representa, além de repositório de conteúdos, repositório de memória e incubadora de novas ideias, podemos afirmar que Pio, de modo consciente, contribuiu muito para a educação em sua cidade e, de modo mais amplo, para a cultura em geral, o que justifica o espaço reservado à sua coleção na biblioteca e justifica também esforços para a conservação e até ampliação desse espaço, esforços que dependem de políticas públicas na área municipal da cultura.

A coleção será comentada adiante no intuito de preservá-la e divulgá-la, destacando-se seus elementos mais significativos, para a área desta pesquisa que é a Educação ou, mais especificamente, Filosofia e História da Educação, na seguinte ordem: em primeiro lugar, os textos autorais de Pio, os que foram publicados e as pesquisas registradas nas fichas, que nos dão pistas da construção de suas ideias como linguista; em segundo, anotações em livros, dedicatórias, fichas, bilhetes e envelopes que registram o diálogo que estabeleceu com intelectuais eminentes em sua época, comprovantes de seu círculo de amizades e de interesses variados, o que o caracteriza, em certo sentido, como polímata; em terceiro, especificamente as fichas, documentos que atestam seu método de estudo como autodidata e, na verdade, permeiam todos os demais itens; e em quarto, os livros de sua biblioteca, a quantidade, a variedade de títulos, os assuntos predominantes, sua preocupação em encaderná-los, suas anotações e a presença de alguns exemplares raros, completando sua figura como bibliófilo.

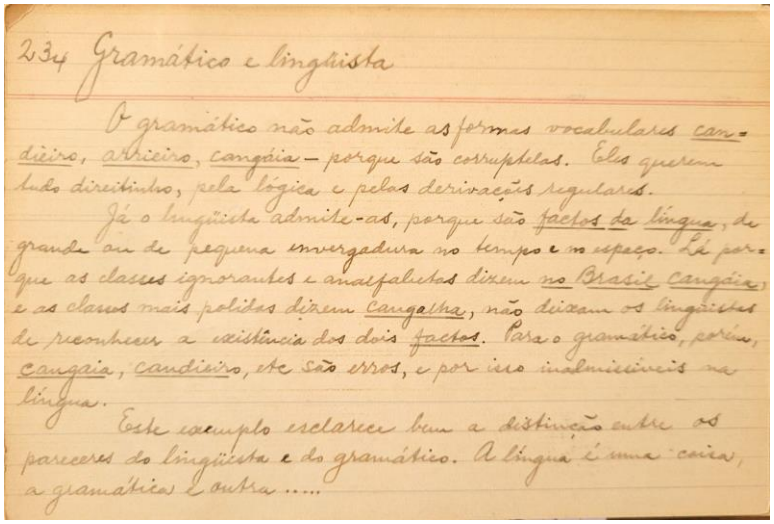
2.3.1 Publicações - O colecionador de palavras e a palavra preferida: “Araraquara”

Pesquisando as milhares de fichas de estudos de Pio Lourenço com anotações sobre autores e assuntos diversos, observamos que há muitas delas que possuem somente o título e também que há muitos títulos repetidos. Primeiramente, há a possibilidade de um mesmo assunto precisar ser incluído em seções diferentes; outra possibilidade é ele ter “passado a limpo” as fichas e guardado ambas, as rascunhadas e as definitivas; é possível também ele ter feito cópias das fichas para dar a alguém ou para enviá-las para sua coluna do jornal *O Imparcial*; mas, em muitas delas, só há o registro de uma palavra encabeçando o papel, sem nenhum desenvolvimento do tema ou qualquer outra informação; outra possibilidade, ainda, é Pio ter feito uma enumeração de palavras que entrariam em seu projeto de enciclopédia,

indicado em uma das fichas que apresentamos quando comentávamos o perfil enciclopédico de Pio (v. Figura 40).

De qualquer modo, esse hábito registrado nas fichas sugere que fosse, efetivamente, um amante das letras, que é o sentido etimológico, mais amplo, daquele que se dedica à filologia. Dentro dessa atividade de filólogo, Pio dedicou-se, mais especificamente, ao estudo metódico e, tanto quanto possível, pautado nos debates científicos contemporâneos a ele, do desenvolvimento da língua portuguesa, inspirado pelo viés linguístico, aquele que reflete sobre os fatos da língua, o uso, em detrimento do estritamente gramatical, estudo que se debruça exclusivamente sobre a normatividade conforme atesta a ficha “234 - Gramático e Linguista" (v. Figura 45):

Figura 45: Ficha 234 - Gramático e linguista[15]


234 Gramático e linguista

O gramático não admite as formas vocabulares can- dieiro, arrieiro, cangáia – porque são corruptelas. Eles querem tudo direitinho, pela lógica e pelas derivações regulares.

Já o linguista admite-as, porque são factos da língua, de grande ou de pequena envergadura no tempo e no espaço. Lá por- que as classes ignorantes e analfabetas dizem no Brasil cangáia, e as classes mais polidas dizem cangalha, não deixam os linguistas de reconhecer a existência dos dois factos. Para o gramático, porém, cangaia, candieiro, etc são erros, e por isso inadmissíveis na língua.

Este exemplo esclarece bem a distinção entre os pareceres do linguista e do gramático. A língua é uma coisa, a gramática é outra .....

Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022.

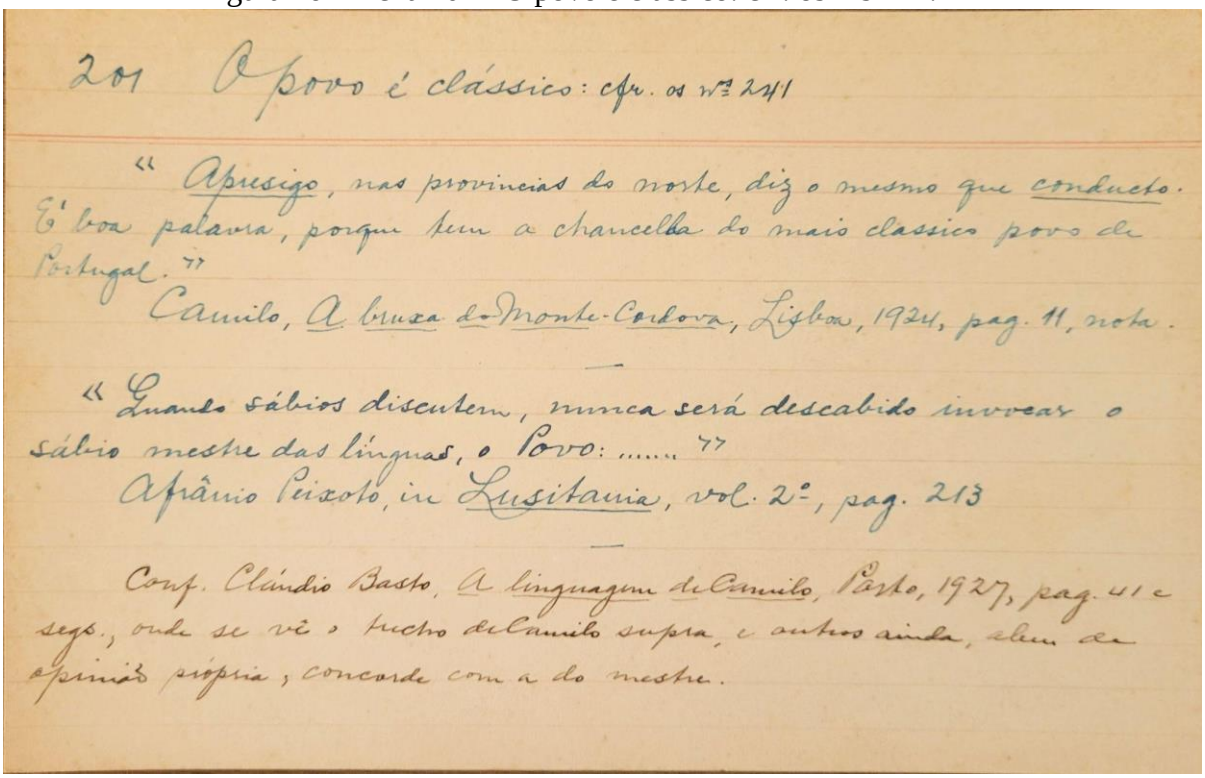
[15] Transcrição: O gramático não admite as formas vocabulares can- / dieiro, arrieiro, cangáia – porque são corruptelas. Eles querem / tudo direitinho, pela lógica e pelas derivações regulares. / Já o linguista admite-as, porque são factos da língua, de / grande ou de pequena envergadura no tempo e no espaço. Lá por- / que as classes ignorante e analfabetas dizem no Brasil cangáia, / e as classes mais polidas dizem cangalha, não deixam os linguistas / de reconhecer a existência dos dois factos. Para o gramático, porém, / cangaia, candieiro, etc são erros, e por isso inadmissíveis na / língua. / Este exemplo esclarece bem a distinção entre os / pareceres do linguista e do gramático. A língua é uma coisa, / a gramática é outra.....

Ainda que certos termos em seu discurso possam ser relativizados, como “classes ignorantes” para qualificar aqueles que não tiveram acesso à norma culta da língua, é bastante significativo que Pio defendesse estudos de caráter linguístico, uma vez que fora educado num tempo em que se privilegiavam os estudos gramaticais e que o português brasileiro não era abalizado pelo uso, mas pelos clássicos lusitanos, o próprio Pio recorre a clássicos portugueses, Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós entre outros, para abonar seus estudos, em muitas fichas.

As ideias de Pio, aliás, são afeiçoadas ao perfil ideológico de Camilo Castelo Branco que, não por acaso, frequenta muitas de suas fichas. Camilo foi um escritor do Romantismo, movimento que “[a]o instaurar uma nova concepção de História e, consequentemente de cultura, (...) realiza uma pesquisa tanto formal quanto linguística que pode ser vista como uma contestação à tirania da retórica neoclássica” (VECHI et. al, 1994, p. 24). O estilo de Camilo, ainda que seja marcado pelo “apuro da linguagem” (VECHI et. al, 1994, p. 64), faz concessão ao gosto do público consumidor de romances e novelas da época, bem como, do mesmo modo que outros escritores românticos, pende entre o clássico e o popular: “Se é um facto a larga margem de espontaneidade da criação camiliana, a sua fidelidade às raízes peninsulares, o seu casticismo local, não exageremos: Camilo aprendeu com Sue e com Balzac” (COELHO, 1987, p. 161).

A ficha “201 - O povo é clássico”, Figura 46, atesta as ideias de Pio relativas à interação entre o popular e o clássico que foram herdadas da visão romântica e aprofundadas nos períodos posteriores, chegando até o período em que ele viveu a além.

Figura 46 - Ficha 201 - O povo é clássico: cfr. os nºs 241.[16]



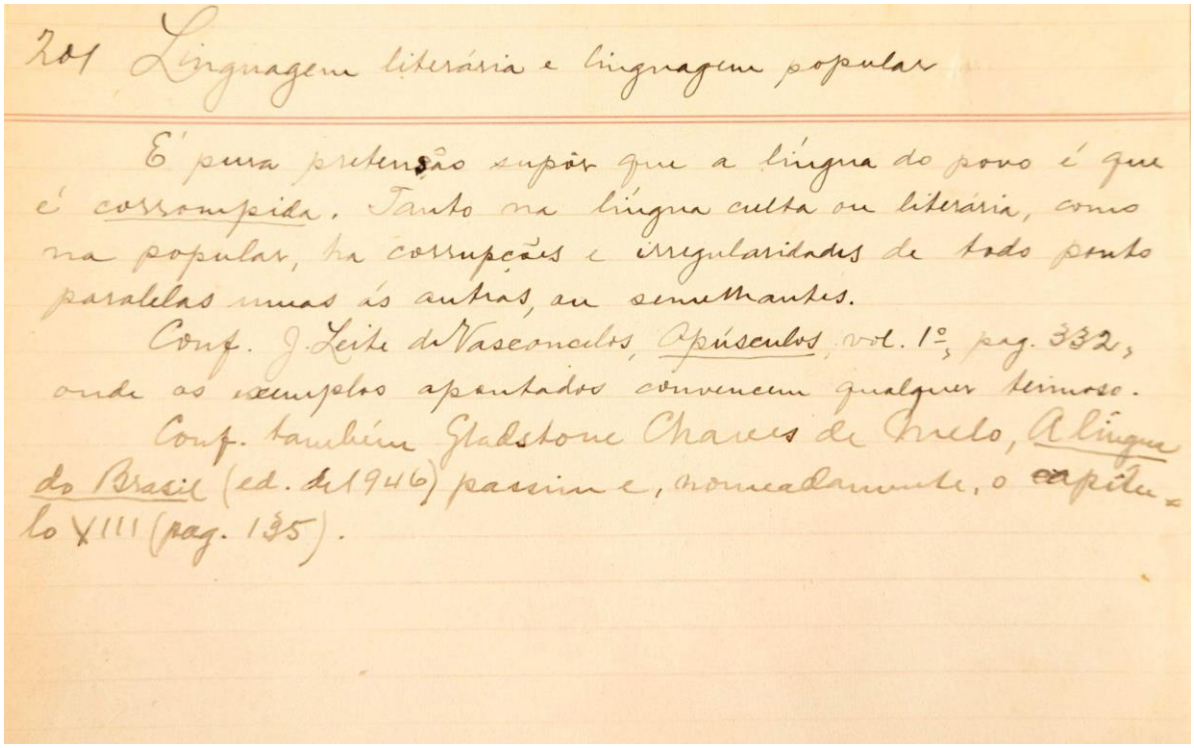
Fonte - CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022.

Articulado ao tema da ficha anterior, os estudos filológicos de Pio foram dedicados também à persistência de formas arcaicas na fala popular e do registro dessas formas nos dicionários, nas gramáticas e nos tratados sobre a língua, conforme exemplificamos por meio do comentário da ficha "234 - Alfinete = alfanete…" (v. Figuras 41 e 42).

O estudo das interações entre a linguagem literária e a linguagem popular, debate presente no âmbito do Modernismo, também é registrado por Pio em algumas fichas. Tomamos como exemplo a "201 Linguagem literária e linguagem popular", em que ele registra argumentos em favor de que "a língua do povo não é corrompida" e de que a linguagem literária não é, necessariamente, repositório de uma forma "não corrompida" de praticar a língua. (v. Figura 47).

[16] Transcrição: "Apresigo, nas províncias do norte, diz o mesmo que conducto. / É boa palavra, porque tem a chancella do mais clássico povo de / Portugal." / Camilo, A bruxa do Monte Cordova, Lisboa, 1924, pag. 11, nota. / "Quando sábios discutem, nunca será descabido invocar o / sábio mestre das línguas, o Povo:....." / Afrânio Peixoto, in Lusitania, vol. 2º, pag. 213. / Conf. Cláudio Basto, A linguagem de Camilo, Porto, 1927, pag 41 e / segs., onde se vê o trecho de Camilo supra, e outros ainda, alem de / opinião própria, concorda com a do mestre.

Figura 47 - Ficha 201 - Linguagem literária e linguagem popular.[17]


201 Linguagem literária e linguagem popular

É pura pretensão supôr que a língua do povo é que é corrompida. Tanto na língua culta ou literária, como na popular, ha corrupções e irregularidades de todo ponto paralelas umas ás outras, ou semelhantes.

Conf. J. Leite de Vasconcelos, Opúsculos, vol. 1º, pag. 332, onde os exemplos apontados convencem qualquer teimoso.

Conf. também Gladstone Chaves de Melo, A língua do Brasil (ed. de 1946) passim e, nomeadamente, o capítulo XIII (pag. 135).

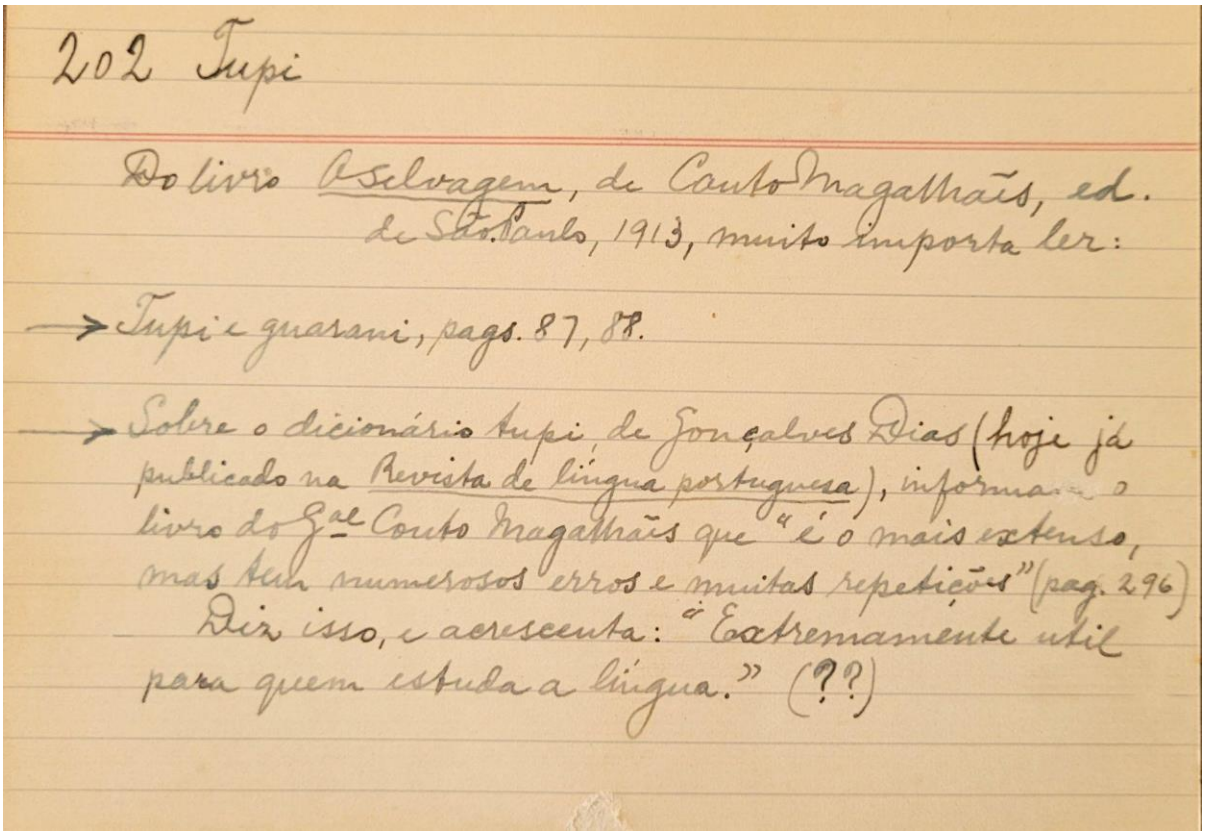
Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022

Além das interações entre a língua culta e a popular, a cotidiana e a literária, Pio dedica-se também ao estudo de temas relativos às línguas nativas, à questão da língua-geral ou tupi escrito, termo este que adota preferencialmente para se referir à língua usada pelos jesuítas no tempo da catequização (Figura 47), e que, portanto, sugere sólidos conhecimentos de Pio a respeito das variantes linguísticas decorrentes dos registros oral e escrito, neste caso; e formal e informal, nos casos comentados anteriormente. Seus estudos, também envolvem as questões históricas e morfológicas, baseadas em registros escritos, conforme testemunham as fichas de leitura crítica de obras originais e de seus comentadores. Deste trabalho, tomamos como exemplo a Ficha "202 Tupi", Figura 48, cujo comentário de Pio Lourenço aponta, por meio da

[17] 201 Linguagem literária e linguagem popular / É pura pretensão supor que a língua do povo é que / é corrompida. Tanto na língua culta ou literária, como / na popular, há corrupção e irregularidades de todo ponto / paralelas umas às outras ou semelhantes. / Conf. J. Leite de Vasconcelos, Opúsculos, vol. 1°, pag. 332, / onde os exemplos apresentados convencem qualquer teimoso. / Conf. também Gladstone Chaves de Melo, A língua do Brasil (ed. de 1946) passim e, nomeadamente, o capítu - / lo XIII (pag. 135).

dupla interrogação (??), a incoerência de Couto Magalhães quando este fala dos “numerosos erros” no Dicionário tupi de Gonçalves Dias e, em seguida, classifica-o como “Extremamente útil para quem estuda a língua”.

Figura 48 - Ficha 202 - Tupi.[18]

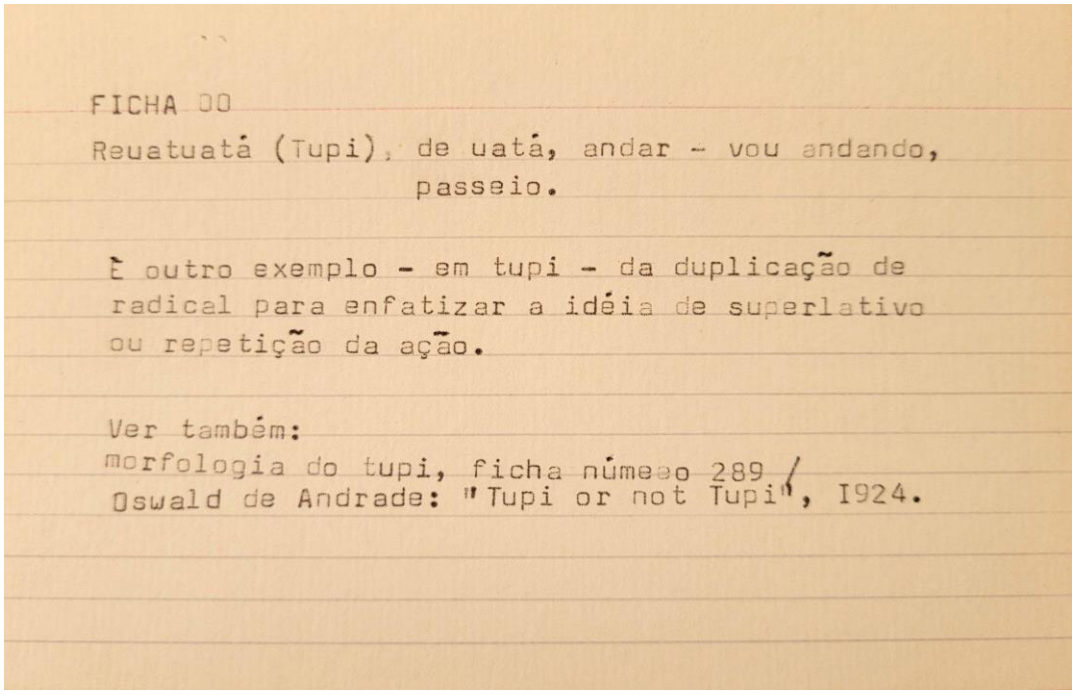


Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022.

[18] Transcrição: 202 - Tupi: / Do livro O Selvagem, de Couto Magalhães, ed. / de São Paulo, 1913, muito importa ler: / -> Tupi e guarani, pags. 87 e 88. / -> Sobre o dicionário tupi, de Gonçalves Dias (hoje já / publicado na Revista de Língua Portuguesa), informa o / livro do Gal. Couto Magalhães que “é o mais extenso, / mas tem numerosos erros e muitas repetições” (pag. 296) / Diz isso, e acrescenta: "Extremamente útil / para quem estuda a língua.” (??)

Estudos morfológicos da língua tupi também estão registrados nas fichas, como no documento datilografado “00 - Reuatuatá (tupi), (Figura 49), em que Pio descreve o processo de formação do superlativo na língua nativa. A ficha faz referência, ainda, ao trocadilho irônico do *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, publicado no primeiro número da *Revista de Antropofagia*, em 1° de maio de 1928: “*Tupy or not Tupy, that is the question*” (TELES, 1987, p. 353).

Figura 49 - Ficha 00 - Reuatuatá (Tupi)[19]


FICHA 00

Reuatuatá (Tupi), de uatá, andar - vou andando, passeio.

É outro exemplo - em tupi - da duplicação de radical para enfatizar a idéia de superlativo ou repetição da ação.

Ver também:
morfologia do tupi, ficha número 289 /
Oswald de Andrade: "Tupi or not Tupi", 1924.

Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022.

Estes exemplos colhidos entre numerosos outros revelam que Pio era um colecionador de livros, textos e de palavras, mas que não as colecionava apenas como um “basbaque” ou “mirone” e sim com a finalidade de confrontar os diferentes textos, colocar em diálogos as diferentes correntes de pensamento e emitir juízo de valor, fundamentado em honesto estudo, acerca das questões tratadas pelos estudiosos.

[19] Transcrição: FICHA 00 - / Reuatuatá (Tupi), de uatá, andar - vou andando / passeio. / É outro exemplo - em tupi - da duplicação de / radical para enfatizar a idéia de superlativo / ou repetição de ação. / Ver também: / morfologia do tupi, ficha n. 289 / Oswald de Andrade: “Tupi or not tupi”, 1924.

Entre as fichas com anotações sobre livros, expressões, usos da língua, pessoas etc., há também uma grande quantidade de fichas somente com palavras colecionadas para algum uso que não foi concretizado ou que serviam apenas, talvez, para remeter, como índice, ao tema referenciado na ficha, cujo conteúdo já estava memorizado. Esse procedimento tem relação com a prática de "filólogo", pela qual ficou conhecido na cidade, tanto no sentido de estudioso da língua como de pessoa letrada, erudita. Colecionar palavras era, portanto, talvez algo mais que um mero diletantismo de Pio, e talvez fosse ainda um recurso para não se esquecer dos inúmeros projetos embrionários que povoavam sua mente de polímata.

Essa habilidade com a palavra e, por extensão, com a linguagem, reafirma o poder material, econômico e patriarcal de Pio por meio do capital simbólico que o domínio das linguagens, notadamente a verbal, confere a ele.

Bourdieu (2004, p.160-161) analisa esse tipo de saber e destaca o quanto o domínio da linguagem reitera as relações de poder dentro de um espaço social, ainda que seja um poder simbólico:

> [...]do lado objetivo [...] os possuidores de um domínio refinado da língua têm mais possibilidade de serem vistos nos museus do que aqueles que são desprovidos desse domínio. Do lado subjetivo, ela [a percepção do mundo social] é estruturada porque os esquemas de percepção e apreciação, em especial os que estão inscritos na linguagem, exprimem o estado das relações de poder simbólico [...], que estruturam o juízo de gosto nos mais diferentes domínios.

O que distingue nosso pesquisado dos demais componentes do seu grupo social é exatamente aquilo que o reafirma enquanto parte desse grupo e coloca-o em posição de destaque, portanto de poder, dentro desse mesmo grupo. A respeito da extensão desse capital simbólico, Bourdieu (2004, p. 163) afirma que:

> [o] capital simbólico não é outra coisa senão o capital econômico ou cultural quando conhecido e reconhecido, quando conhecido segundo as categorias de percepção que ele impõe, as relações de força tendem a reproduzir e reforçar as relações de força que constituem a estrutura do espaço social. [...] Assim, os títulos de nobreza, bem como os títulos escolares, representam autênticos títulos de propriedade simbólica que dão direito às vantagens do reconhecimento.

Pio Lourenço, apesar de não ter o título acadêmico que no tempo distinguia muito seus portadores, tornou-se autodidata, recebendo o reconhecimento público por meio do conhecimento acumulado e da produção de conhecimento. Pode-se considerar que os títulos

conferidos pelos cargos de vereador da cidade (1899-1901) e presidente da Câmara de Vereadores (1901-1902), em certo sentido, valem como substitutos do título acadêmico e funcionam, no plano social que transcende o círculo familiar de Pio, como um reconhecimento de sua autoridade:

> [a] nominação oficial, isto é, o ato pelo qual se outorga a alguém um título, uma qualificação socialmente reconhecidos, é uma das manifestações mais típicas do monopólio da violência simbólica legítima, monopólio que pertence ao Estado ou a seus mandatários. Um título como o título escolar é capital simbólico universalmente reconhecido e garantido, válido em todos os mercados. (BOURDIEU, 2004, p.163-164).

A coleção de livros de Pio serve de estímulo a todo e qualquer visitante; seu método de estudo que põe em diálogo vários autores serve de exemplo àqueles que buscam um conhecimento mais profundo e fogem da superficialidade; seu polimatismo serve como exemplo àqueles que se dedicaram apenas a assuntos restritos. Seria, no entanto, ingênuo pensar que ele poderia ter realizado tudo isso se não tivesse certos privilégios financeiros ou sociais, se não tivesse um capital econômico que lhe servisse de lastro para o desenvolvimento de seu capital cultural. Ambos garantiram-lhe o poder simbólico que, em certo sentido, explica algumas de suas idiossincrasias. O pensamento progressista no plano da linguagem convive com certa mentalidade aristocrática que é própria da elite brasileira.

Segundo Bourdieu (2004, p.166-168), "o poder simbólico [...] por excelência é o poder de fazer grupos (grupos já estabelecidos que é preciso consagrar[...])" e ele deve estar "fundado na posse de um capital simbólico", que é um "crédito". Esse poder de que fala o autor é o "poder de impor às outras mentes uma visão antiga ou nova" e só é "atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento: o poder de constituição [...] um porta-voz autorizado [...], o poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras". E termina: "[o] porta-voz é substituto do grupo que existe somente através dessa delegação e que age e fala através dele. Ele é o grupo feito homem". Nesse sentido, Pio pode ser considerado a metonímia de uma elite cafeeira ilustrada que construiu a sociedade paulista e paulistana do modo que a percebemos hoje: uma sociedade moderna, progressista, que valoriza a técnica, a cultura letrada, por um lado e, por outro, uma sociedade cuja parcela mais abastada conserva certa nostalgia do mundo aristocrático, de uma sociedade, por assim dizer, ainda estamental,

para a qual o capital cultural, em certo sentido, confere pátina de humanidade a determinadas práticas de exploração do trabalho pelo capital.

Pio Lourenço pôde trabalhar com as palavras por fazer parte de um grupo que o reconhecia (e até o admirava) como autoridade linguística, mas também deviam reverência a ele como figura de poderio financeiro (lembremos de outros fatos protagonizados por ele, como as relações com os criados de hotel, o relacionamento amoroso com Marcolina, a administração rigorosa dos Conjurados etc.). Com os pés bem fincados num poder material instituído, figurou como um intelectual e, talvez, até com certo exotismo (bem ao gosto da modernidade conservadora em que se constituiu a *Belle Époque*).

Nas várias fichas em que revela o interesse etimológico, há registro do estudo da origem e da evolução diacrônica da palavra Araraquara, a que mais ocupou o tempo dele e à qual ele dedicou estudos mais aprofundados. A escolha do topônimo não se deu por acaso, uma vez que se trata do nome da cidade em que seu clã fixou-se e onde teve influência. Há um envelope em sua coleção (v. *Volume 2 - Dossiê*), intitulado *Araraquara*, em que ele guardou várias fichas com informações sobre o tema e que, com certeza, foram usadas para compor, rever e ampliar suas várias edições da *Monografia da palavra Araraquara*, sua obra de maior fôlego. Esse estudo teria começado pela colaboração no *Álbum de Araraquara de 1915* (FRANÇA, 1915) que teria sido redigido, em grande parte, por Pio Lourenço Corrêa, apesar de não ter seu nome como organizador. em que há um texto explicativo sobre o significado da palavra que dá nome à cidade.

Baseando-se nos registros do astrônomo português Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida que, em 1788, viajou pelo interior do Brasil e, após a aventura, publicou um *Diário de viagem* que, aliás, está na coleção de livros de Pio; nos estudos etimológicos de John Luccock (Londres, 1826), inglês que participou da comitiva de D. João VI pelo Brasil; no *Diccionário Geographico do Imperio do Brasil*, de J. C. R. Milliet, publicado em Paris, em 1854; e até nas palavras do Imperador D. Pedro II, que visitou a cidade e era um estudioso da língua tupi, Pio constatou que todos esses estudiosos davam o significado da palavra como “morada do dia”, “ninho do sol” e não “ninho de araras”, como muitos acreditavam.

O Padre Montoya, gramático considerado notável, cujo livro também consta da coleção de Pio, afirma que os índios são muito precisos nas palavras para indicar as coisas, ninhos de araras podem existir em diversos lugares, é um acontecimento “ordinário”. Já o sol nascer por

detrás das montanhas da região e iluminá-las com toda a sua força é fenômeno muito mais certeiro e perene, portanto seria muito mais plausível esse significado.

Além da bibliografia extensa, o autor do texto relembra informações de registros colhidos em documentos da própria família, bem como na tradição oral:

> [o] avô de quem esta escreve dirigia, ainda, em 1850, cartas, a seu filho que aqui residia, com o endereço **Aracoara**, ou simplesmente São Bento. É verdade que com o tempo os novos habitantes, descendentes dos portugueses, alongaram a palavra em vez de abreviá-la, como seria para suppor, fazendo de **Araquara Araraquara**, o que se explica por ignorarem elles a língua tupy e julgarem, naturalmente, tratar-se de araras. A história da palavra, através dos tempos, é o indício mais seguro para conhecer-se sua origem e ella nos ensina que **Araraquara** foi anteriormente **Araquara** e antes **Aracoara**: assim a exacta significação desta palavra é: "morada do dia" (COQUEIRO, 1936, p.28), (negritos do autor).

Pio justificava e defendia o significado de "morada do sol" para o topônimo, entretanto, ao que parece, era sempre interpelado sobre o assunto, o que o lavara, já em 1924, a escrever um artigo intitulado "Araquá, Araquara, Araraquara" e publicá-lo, em um periódico também chamado *Araraquara*, que teve vida bem curta na cidade. Tal artigo foi reproduzido diversas vezes, como o autor relata em sua *Monografia da palavra Araraquara* (1936, p. 12):

> [o] artigo tem tido a honra de várias transcrições, nem sempre perfeitamente fieis, porém ainda encontráveis. Aqui as indico: - **Revista de filologia portuguesa,** na sua fase dirigida por Mário Barreto, vol. 5º, pag. 69, São Paulo, 1925; **Diário de São Paulo**, número de 10 de março de 1935; **Revista do arquivo municipal de São Paulo,** vol. 10º, pag. 152, março de 1935. (Negritos do autor).

Essa primeira edição da obra foi publicada, até certo ponto, de forma amadorística. Não há sumário, não há as referências elencadas ao final do livro, há uma pequena explicação na abertura da obra, mas não recebe nome de introdução, apresentação ou prefácio. Quem a assina é Mota Coqueiro. A justificativa para a publicação oficial é a pergunta que deve ter ouvido tantas vezes:

> "Porquê lugar onde nasce o sol, e não sítio onde vivem as araras?" Há dias recebi uma carta em que, ao propósito de um velho artigo meu sobre a origem do nome **Araraquara,** um dos meus melhores e mais prezados amigos me formula a pergunta que encima estas linhas. / Boa parte das minhas razões constam já do referido artigo, e foram pela primeira vez publicadas em 1924. Mas eu tenho mais algumas, que agora, tão amavelmente chamado á autoria, procurarei expor o mais resumidamente possível. (COQUEIRO, 1936, p. 5)

O amigo a que se refere no trecho provavelmente não é Mário de Andrade, pois não há nenhuma carta do modernista sobre o assunto. Tratou-se, portanto, de outra pessoa próxima de sua convivência ou mesmo uma narrativa ficcional para justificar a obra. Pio/Mota Coqueiro justifica a publicação da primeira edição assumindo um tom "amável". Isso, no entanto, vai mudando no decorrer das publicações seguintes.

Na segunda edição da *Monografia,* publicada em 1937, Pio acrescenta uma Nota Preliminar, em que o tom da explicação é mais objetivo e menos sentimental:

> Na primeira edição desta "Monografia", pensei o mais que pude na vantagem de vulgarizar a minha tese; e por isso evitei entrar em muitos pontos de relevante importância para a explicação dos vocábulos que empreendi interpretar.
> Mas quando vi, contra a minha expectativa, que se levantavam numerosas objecções, com maior ou menor fundamento, contra as conclusões a que ali cheguei – resolvi abordar e desenvolver argumentos puramente filológicos, e por isso mesmo fastidiosos, e outros fundados em longo e fatigante estudo comparativo dos numerosos casos análogos ou semelhantes, os quais deixara de lado por antipáticos e pouco familiares á maioria dos leitores, porém que muito importam para esclarecimento do assunto.
> Nesta segunda edição, as longas exposições de miudezas quase sempre narcóticas, mas necessárias, agravam-se muito por eu ter de referir, e justificar com iterativas citações, alguns factos fonéticos (e semânticos) específicos de três línguas que, reagindo umas sobre as outras, se contagiaram recíproca e sucessivamente.
> Por todo esse acervo de questiúnculas e de citas, peço humildemente desculpas ao leitor heróico, que porventura se disponha a acompanhar-me.
> A ortografia empregada neste livro está baseada no sistema oficial português de 1911, com as modificações aí introduzidas em 1920; exceptua-se a crase do *a* (art. e prep.), que o autor continua a marcar com acento agudo, e a denominação dos gêneros e espécies da História Natural, que vão escritos de conformidade com as convenções internacionais a êste respeito.
> Araraquara, Novembro de 1936. / Mota Coqueiro.

Sentindo-se ameaçado por algum opositor, lançou mão de conhecimentos mais técnicos para sustentar a sua tese. Nesta nota, o locutor assume uma postura mais acadêmica, metódica, dispondo-se a exibir, por assim dizer, os fundamentos de sua argumentação, ainda que os considere pouco acessíveis à maioria dos leitores, para tornar-se uma espécie de fiador das informações que veicula buscando dar a elas um tom mais científico, "filológico" ao texto. Com isso, o locutor reafirma seus saberes linguísticos como um lastro para o seu capital simbólico preocupado que está com a credibilidade que seu estudo possa ter. Além disso, informa ao leitor sobre as mudanças ortográficas ocorridas nos anos de 1911 e 1920, bem como aquilo que não acatou, mantendo a marcação da crase com o acento agudo. Também esta informação pode nos mostrar não só o profundo conhecimento da língua pelo locutor como a autonomia que ele

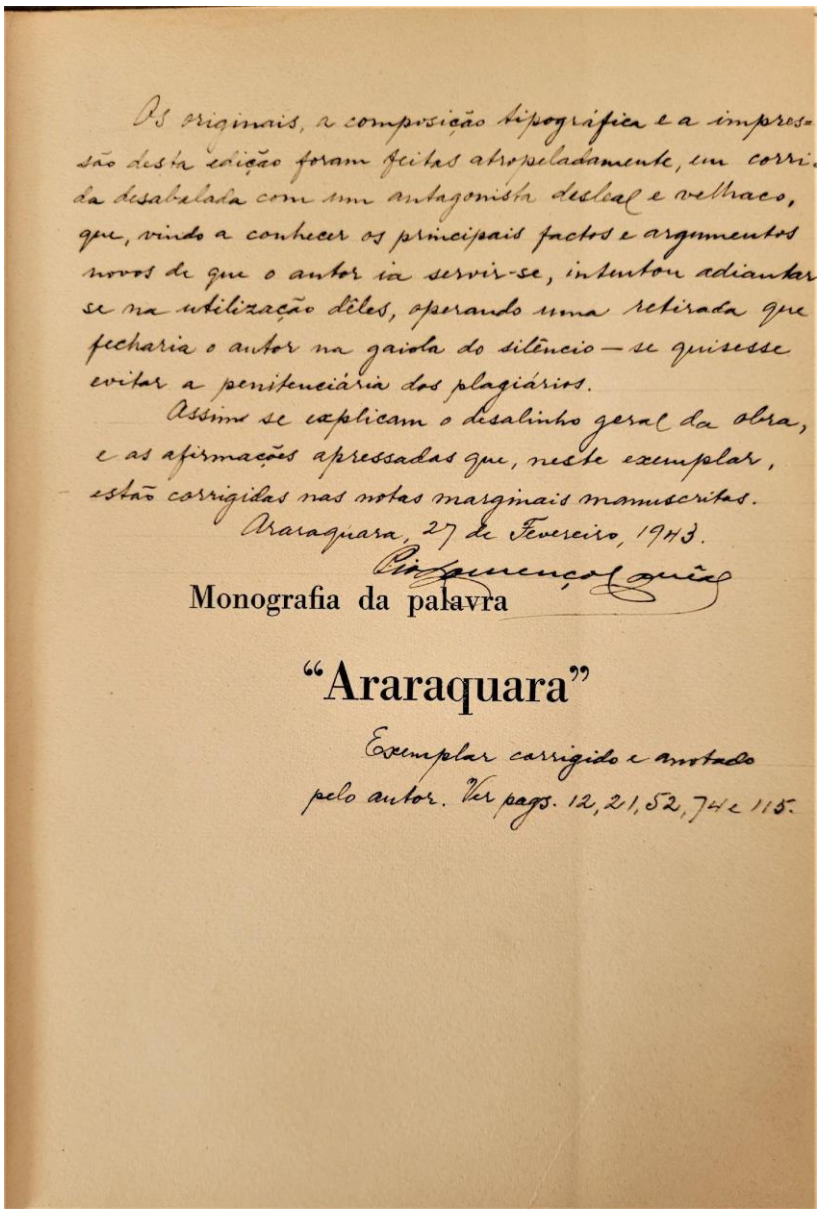
mantém em relação a certas reformas com as quais ele parece não concordar. Sobre este aspecto, já destacamos o caráter idiossincrático de certas ações de Pio.

Curiosamente, em 1943, no exemplar da segunda edição da *Monografia* (de 1936), que já estava desatualizada em relação à terceira edição, que saíra em 1940, foram feitas correções e anotações a mão pelo autor. É uma espécie de memorial que Pio escreveu na página anterior à de rosto, explicando as circunstâncias em que a obra foi editada:

> Os originais, a composição tipográfica e a impressão desta edição foram feitas atropeladamente, em corrida desabalada com um antagonista desleal e velhaco que, vindo a conhecer os principais factos e argumentos novos de que o autor ia servir-se, intentou adiantar-se na utilização dêles, operando uma retirada que fecharia o autor na gaiola do silêncio – se quisesse evitar a penitenciária dos plagiários.
> Assim se explicam o desalinho geral da obra, e as afirmações apressadas que, neste exemplar, estão corrigidas nas notas marginais manuscritas.
> Araraquara, 27 de Fevereiro, 1943.
> Pio Lourenço Corrêa

Ainda nessa página, logo abaixo ao nome da obra, Pio anotou também à caneta preta: "Exemplar corrigido e anotado pelo autor. Ver pags. 12, 21, 52, 74 e 115", como ilustra a Figura 50.

Figura 50: Folha de rosto com anotações de PLC – Monografia da palavra Araraquara. 2.ed. São Paulo, 1937, edição do autor.



Os originais, a composição tipográfica e a impressão desta edição foram feitas atropeladamente, em corrida desabelada com um antagonista desleal e velhaco, que, vindo a conhecer os principais factos e argumentos novos de que o autor ia servir-se, intentou adiantar se na utilização dêles, operando uma retirada que fecharia o autor na gaiola do silêncio — se quisesse evitar a penitenciária dos plagiários.

Assim se explicam o desalinho geral da obra, e as afirmações apressadas que, neste exemplar, estão corrigidas nas notas marginais manuscritas.

Araraquara, 27 de Fevereiro, 1943.

Monografia da palavra

"Araraquara"

Exemplar corrigido e anotado pelo autor. Ver pags. 12, 21, 52, 74 e 115.

Fonte: CPLC – Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

O exemplar revela o processo de construção da obra, o diálogo nada pacífico com outros autores/pesquisadores, o zelo com que Pio defendia e publicava suas ideias, buscando sempre aprimorá-las, corrigi-las e atualizá-las, mas também registra o gosto pela competição intelectual com outros estudiosos do tema, os quais não foi possível precisar. O tom da anotação manuscrita

é bem mais duro, ainda que escrita com distanciamento temporal, usando adjetivos bastante depreciativos para seu opositor.

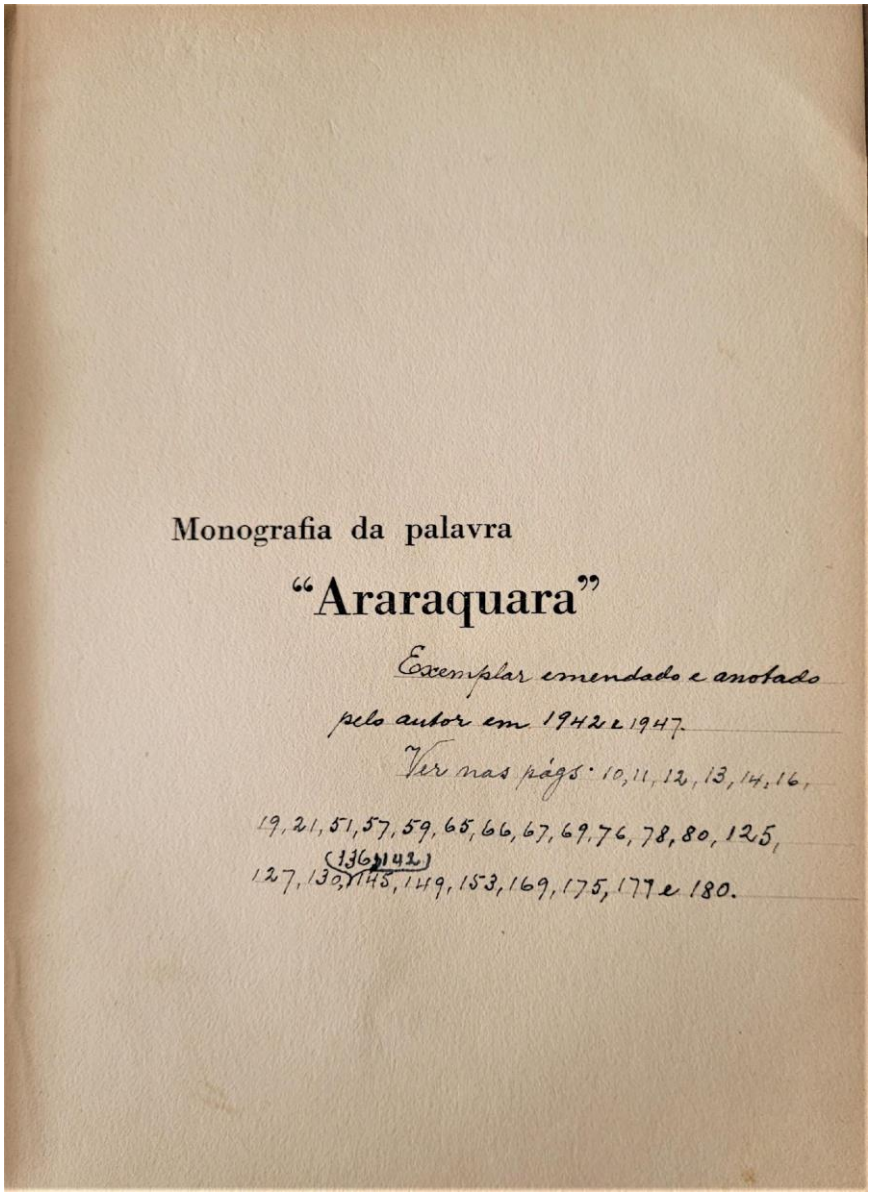
A terceira edição, de 1940, parece que Pio pretendia que fosse a última. Continuando a assinar com o pseudônimo de Mota Coqueiro, o autor apresenta, na abertura do livro, novamente a Nota Preliminar da segunda edição e acrescenta uma para a terceira:

> **Da Terceira Edição**
>
> Esta terceira edição (infelizmente ainda mais prolixa!...), poderia chamar-se a edição definitiva, por ser certamente a última com que entro para a controvérsia.
> Quer do ponto de vista histórico-geográfico, quer do filológico, penso que ela constitue um melhoramento da segunda.
> Alguns factos são apresentados sob novo aspecto; muitos documentos não foram antes utilizados; e toda a contextura da obra representa mais um esfôrço por melhorar a clareza das demonstrações empreendidas.
> Neste último intuito, como crescesse ainda o número e a extensão das notas elucidativas e das citações (já em demasia perturbadoras da seqüência normal da leitura na segunda edição), releguei a maior parte delas para o fim do volume, subordinadas ali ao número de ordem da respectiva chamada no texto.
>
> Araraquara, Novembro de 1938.
> Mota Coqueiro.

Ao exemplar, também encadernado com capa dura em couro vermelho e letras douradas, foram anexados dois documentos: a nota fiscal dos gastos com a impressão e um recorte do periódico *O Jornal*, do dia 21 de julho de 1950, intitulado "Araraquara e sua história", na coluna "Notícias do interior", de autoria de Mário Ernani. O texto versa sobre a história da região, o "lendário" Pedro José Neto que teria realizado a divisão das terras e, principalmente, afirma que o significado da palavra Araraquara é "morada do sol".

Mais uma vez, o livro foi corrigido e anotado conforme registro do autor, a tinta preta, na folha anterior à de rosto: "Exemplar emendado e anotado pelo autor em 1942 e 1947. Ver nas pags.: 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 21, 51, 57, 59, 65, 66, 67, 69, 76, 78, 80, 125, 127, 130, 136, 142, 145, 149, 153, 169, 175, 177 e 180".

Figura 51: **A**notação de PLC na folha anterior à de rosto da *Monografia da palavra Araraquara*. 3.ed. São Paulo: Oficinas Tipográficas Fernando Camargo Cia. Ltda, 1940.



Fonte: CPLC – Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Em todas as páginas citadas, encontram-se anotações e correções. Ao final do volume, Pio acrescentou notas explicativas. Foram feitos duzentos e cinquenta exemplares dessa edição da *Monografia* nas oficinas tipográficas de Fernando Camargo e Cia. Ltda., em São Paulo.

Finalmente, em 1952, Pio publicou a quarta, e a última, edição de sua *Monografia,* também enriquecida com uma nota sobre o livro, colada na página de guarda, publicada no jornal *Gazeta,* intitulada "Monografia da palavra Araraquara", que saiu no dia 23 de agosto de 1952, à p. 13. Também fixou com alfinete um artigo do periódico *O Imparcial,* de 17 de maio de 1953, na coluna do Rotary Club, intitulado "Comentário em tôrno da palavra Araraquara", uma palestra proferida em sessão da citada instituição, em Vitória do Espírito Santo, por Euripedes Queiroz do Valle. Há, ainda, 2 cartas dobradas dentro do exemplar: uma de Luiz de Lacerda Carvalho endereçada a Tio Pio, explicando a este que havia mandado um exemplar da *Monografia* para o autor do artigo (Euripedes Queiroz do Valle) e que este, Eurípedes, por conta própria, havia decidido divulgar a obra em palestra e no artigo do jornal; e outra carta, do próprio Eurípedes a Luiz de Lacerda, explicando os motivos de ter dado divulgação ao assunto, bem como envia-lhe o texto do jornal para que fosse enviado a Pio Lourenço.

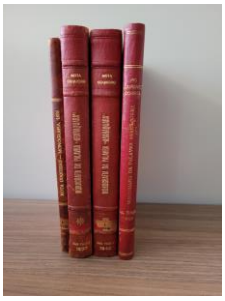
Nessa quarta edição, Pio ainda escreveu algumas "erratas", datilografadas em papel de seda, e prendeu-as com alfinete no miolo do livro, mas não fez nenhuma anotação manuscrita na abertura da obra. Às três notas preliminares para as edições anteriores foi acrescentada uma quarta:

> **Da quarta edição**
>
> Ao publicar, em 1940, a terceira edição deste estudo, averbei-a, na respectiva nota preliminar, de **edição definitiva**.
>
> Mais uma vez se verifica que, na Vida, só a Morte é definitiva. Aqui estou de novo, bem a contra-gosto.
>
> Não tendo alcançado convencer pela Razão, dar-se-á que vencerei pelo número? É possível...
>
> Esta é a maior de todas as edições. Sai sob o verdadeiro nome do autor, que o velho pseudónimo já quase não oculta a nenhum **fan** destes assuntos.
>
> Araraquara, Outubro de 1950.
> PIO LOURENÇO CORRÊA

Esta quarta edição, além do comentário sobre a palavra "definitiva" usada em nota anterior, revela que a publicação foi feita a contragosto. O que parece, contudo, é que Pio queria rebater os que não concordavam com sua tese e ter a última palavra sobre o tema. Ele tinha poder econômico para reeditar os livros, como atesta a nota fiscal dos gastos que conservou. Além disso, o abandono do "velho peseudónimo" sugere que quer também apropriar-se do capital simbólico que lhe confere a autoria da obra, abonada pelos artigos de jornal que a

resenham e por outros estudiosos que se servem dela como base. As capas, anotações, recortes etc. constam no *Volume 2 - Dossiê.*

Figura 52**:** As quatro edições da obra encadernadas em couro vermelho com letras douradas**.**



Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Além das quatro edições da *Monografia da palavra Araraquara* (1936, 1937, 1940 e 1952), já comentadas, que reelaborou com novas pesquisas e bibliografia, Pio Lourenço Corrêa teve 67 textos publicados em periódicos (todos eles fotocopiados e transcritos no *Volume 2 - Dossiê*).

No jornal *O Imparcial,* de Araraquara/SP, foi responsável pela coluna "Fichas de Linguagem" durante dois anos, de junho de 1935 a novembro de 1936, comprovados por recortes localizados nos papéis avulsos da coleção, ao todo 50 textos, sua produção mais extensa. Algumas dessas "Fichas de Linguagem" foram publicadas além das fronteiras de Araraquara: uma na *Revista de Bellas Artes*, do Rio de Janeiro, no número de maio-junho de 1938; duas no jornal *O Estado de S. Paulo,* em 14 e 21 de setembro de 1941; três na *Revista Esfera*, também do Rio de Janeiro, no final de 1945 e início de 1946.

As "fichas" dos jornais tratam de questões específicas de ortografia, prosódia e variações linguísticas detectadas por Pio no uso da língua portuguesa, que as pesquisava em autores consagrados da época, de traços conservadores, embora tivesse lido as novidades da Linguística, propostas por Ferdinand de Saussure. Seus exemplos de uso da língua, conforme mostramos, também eram retirados de autores consagrados, mas portugueses do século XIX, como Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett e Eça de Queirós.

Publicou também textos de maior fôlego em outros periódicos importantes do período em que viveu: um na *Revista de Filologia Portuguesa*, de São Paulo, em 1925; um no *Diário Nacional*, de São Paulo, em 1930; dois na *Revista do Arquivo Municipal*, de São Paulo, em

1935; um em um periódico não identificado, também em 1935; um na *Folha da Manhã*, de São Paulo, em 1936; três na *Revista de Cultura*, do Rio de Janeiro, em 1938; um no *Correio Popular*, de Araraquara, em 1950; além do único texto ficcional, o conto "O caso do Barraqueiro", publicado na *Revista Papel e Tinta*, periódico modernista de São Paulo e Rio de Janeiro, em 1921. Esses textos esparsos de Pio provavelmente são os menos conhecidos, pois estão guardados nas gavetas da sala onde fica a coleção, longe dos olhos dos visitantes e, antes deste trabalho de pesquisa, sem organização e divulgação, precisando ainda de uma recuperação, bem como de um projeto de preservação mais efetivo (*Volume 2 - Dossiê*).

Pio escreveu ainda como colaborador. Já em 1915, redigiu grande parte do *Álbum de Araraquara*, segundo Antonio Candido em depoimento à pesquisadora, cuja organização oficial foi dada a Antônio M. França, livro comemorativo em homenagem à cidade, sem grande preocupação técnica ou normativa. Em 1948, nova edição do *Álbum de Araraquara*, desta vez elaborada com mais rigor e respeitando a autoria dos textos, constando os nomes dos colaboradores, cuja organização ficou sob responsabilidade de Nelson Martins de Almeida.

Colaborou com pesquisas e informações em várias obras de Mário de Andrade, conforme tratado em seção anterior, e até com o texto sobre o "vespão" em obra que homenageava o Padre José de Anchieta, também já referida em seção anterior.

Em *Namoros com a Medicina* (1939), Mário publica dois ensaios: "Terapêutica Musical", em que discorre sobre as propriedades curativas da música; e "Medicina dos excretos", em que apresenta uma série de crendices, quadrinhas e músicas populares que tratam do uso dos excrementos com finalidade terapêutica. Neste segundo assunto, além de colher informações na região de Araraquara, teve também colaboração de PLC:

> [a]s machucaduras internas também recorreram ao receituário excretício. Me contou o Sr. Pio Lourenço Corrêa, meu amigo e fazendeiro de grande experiência humana, que em Araraquara, é uso no povo o sujeito que sofre machucadura interna, beber a própria urina para sarar. (ANDRADE, 1980, p. 83)

Pio também participou de outras empreitadas culturais com Mário de Andrade. Em 1926, realizou-se uma campanha, liderada por Paulo Prado (1869-1943), para aquisição de uma carta autógrafa de José de Anchieta, datada de São Paulo de Piratininga, 15 de novembro de 1579, e endereçada ao capitão-mor Jerônimo Leitão, tenente do donatário da capitania de São Vicente, no período de 1572 a 1590. O documento estava à venda na livraria *Maggs Bros*., de *Conduit*

Street, em Londres, por duzentas libras, o mesmo que trinta sacas de café. O periódico modernista *Terra Roxa e Outras Terras*[20] tomou para si a tarefa de propagar essa campanha. A compra do documento se fez em cinco dias, pelo telégrafo, com a colaboração financeira dos fazendeiros paulistas produtores de café e, em cerimônia oficial, com discurso de Paulo Prado, a carta de Anchieta foi doada ao Museu do Ipiranga, hoje Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Mário escreveu a Pio, em 7 de fevereiro de 1926, convidando-o a participar da campanha. No dia 10 de fevereiro, Pio respondeu: "Sobre carta de Anchieta: não tenho o menor interesse em que alguém adquira essa carta. Mas a V. não nego café nem nada" (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 91).

Em 11 de fevereiro de 1932, novamente o Padre Anchieta torna-se assunto na correspondência com Mário:

> [...] E agora tenho uma pergunta pra fazer à sua larga experiência da nossa natureza paulista. Anchieta, numa das suas cartas vicentinas, ou pra localizar melhor, piratininganas, fala na existência dum "vespão" (o termo é dele) que mata e come aranha. Ora esse vespão, que na certa já está sistematizado, dotado de latinório no nome etc. e tal, nunca não foi identificado cientificamente por esse hábito de que fala Anchieta. (Que de resto foi observador fidelíssimo da nossa vida irracional.) Ora estou quebrando armas pra identificar o tal vespão, não por mim que nenhum luxo vou tirar disso, mas pelo Antônio de Alcântara Machado que está fazendo o comentário das cartas anchietanas pra uma edição próxima. Me lembrei do sr. que até a lavandisca do Saint-Hilaire sabia melhor que Saint-Hilaire. Peço-lhe pois alguma respostinha sobre, mesmo a lápis[...]. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 218-219)

Pio contribuiu, de fato, com a informação sobre o vespão. Na edição organizada e anotada por Antônio Castilho de Alcântara Machado de Oliveira (1901–1935) das *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre José de Anchieta, S. J. (1554–1594)*, edição da Civilização Brasileira (Rio de Janeiro, 1933), à p. 136, vem:

> À família dos Pompilídeos (ordem dos Himenópteros, superfamília Vespoídea) pertencem os mais notáveis caçadores de aranhas existentes no Brasil: mais notáveis pelo seu tamanho (aparentam enormes vespas) e também pelo seu número. Da sua biologia extraio de Comstock (*An introduction to entomology*, Ithaca, 1930, p. 934) o seguinte: *Most of the Pompilidae make their nests in the ground. The wasp first finds a spider and stings it until it is paralysed, and then digs a burrow which is enlarged at the lower end, forming a cell for the reception of the spider: the spider is then dragged*

[20] Quinzenário modernista publicado de janeiro a setembro de 1926, em São Paulo, destinado ironicamente ao "homem que lê". Teve sete números, dirigido por Antônio Carlos Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado.

> *down into the cell and an egg attached to it: then the passage leading to the cell is filled with earth. (...) Among the giants of this family are the well-known tarantula – hawks of the genus Pepsis of the Southwest, which store their burrows with tarantulas. Many a hardfought battle do these spider-wasps have with these enormous spiders, and sometimes they are conquered and ignominiously eaten. (...) More than one hundred species belonging to this family have been described from our fauna. A classification of the family was published by Banks* (1911)[21]. Assim Anchieta conheceu um dos cem insetos, a que se refere Comstock, aludindo à classificação de Banks. Ou talvez não viu nenhum desses, que são todos do hemisfério norte; e alguns, pelo menos, dos nossos de cá, não estarão representados naquele hemisfério. Há a notar,
> ainda, que às vezes é o vespão que vem a ser comido. E, quando vitorioso, não come a aranha: esta é sempre destinada a alimento da larva do vespão. Há outros caçadores de aranhas entre os himenópteros, notadamente os esfegídeos (J. H. Fabre. *Moeurs des insects*[22]. Paris, 1924, p. 111 e segs.), de que o Brasil possui muitas espécies, em geral menores que os Pompilídeos.

Na biblioteca do estudioso de Araraquara, encontra-se o exemplar da obra com a dedicatória: "Para o snr. Pio Lourenço Corrêa/ – que nesta homenagem colaborou – / oferece com admiração/ António de Alcântara Machado/ – maio. 933 –". Logo abaixo, Pio acrescentou, a tinta preta: "A minha... colaboração/ pode ler-se na pág. 136, subordinada/ ali ao no (114). Na pág. 130 o autor/ refere que a pequena contribuição/ minha foi escrita especialmente/ para esta edição. É verdade./ Pio Lourenço Corrêa (1946)".

As informações de Pio também estão nos manuscritos de uma obra que começou a ser delineada, mas não concluída, por Mário de Andrade e que seria uma *Gramatiquinha da fala brasileira*, que recebeu uma publicação póstuma organizada por Edith Pimentel Pinto: *A gramatiquinha de Mário de Andrade:* texto e contexto (São Paulo: Duas Cidades, 1990). A pesquisadora reuniu os manuscritos do modernista, bem como notas marginais em livros da biblioteca dele e textos de terceiros (cartas, bilhetes, recortes de jornais) destinados à obra. Aqui registramos a referência de Mário a Pio na publicação póstuma:

---

[21] Tradução: Da sua biologia extraio de Comstock (*Uma introdução à Entomologia*, Ithaca, 1930, p. 934) o seguinte: a maioria dos *pompilidae* faz seus ninhos no solo. A vespa primeiro encontra uma aranha e a pica até ficar paralisada, e então cava uma toca que se alarga na parte mais funda, formando uma cela para a recepção da aranha: a aranha é então arrastada para dentro da cela com um ovo preso a ela: depois, a passagem que leva à cela é preenchida com terra. (…) Entre os gigantes desta família estão as conhecidas tarântulas – falcões do género *Pepsis* do Sudoeste, que armazenam as suas tocas com tarântulas. Essas vespas-aranha travam grandes batalhas com essas enormes aranhas, e às vezes elas são conquistadas e ignominiosamente comidas. Mais de uma centena de espécies pertencentes a esta família foram descritas da nossa fauna. Uma classificação da família foi publicada por Banks (1911).

[22] Tradução: *Mais de insetos*.

> VERBO – CAPÍTULO VII
> (substantivo verbal) [...]
> - ter por haver
> "Cantou. Com tanta voz, tamanha alma e tanta expressão não tem ninguém" Camilo "Os amores do Diabo" Porto, 1972 [sic] pg. 78.
> (Camilo tem mais outro exemplo que **tio Pio** já fichou).
> 12-F - (PINTO, 1990, p. 361). (negrito da pesquisadora).
>
> VOCABULÁRIO [...]
> - *Aziar* é um aparelho composto de correia e um torniquete, ou pau, que a gente coloca nos beiços dum animal pra que ele se entregue inteiramente ao que se tem de fazer nele, subjugado pelo martírio. No estado de S. Paulo chamavam ao *aziar* (veja dicionário) de "pito" me informa **tio Pio**. Não virá daí o "passar um pito em fulano" em que a semelhança semântica (de ralhar, castigar, corrigir) explica a significação primeiro metafórica e já atualmente primeira de *pito*, *castigo*, *ralho*?
> ▪ 12-F – (PINTO, 1990, p. 434). (Itálicos do autor, negrito da pesquisadora).

Pio também viaja na memória de Mário em um dos mais ambiciosos projetos do modernista e marca sua presença no diário que tinha a finalidade de registrar anotações para a obra *O Turista Aprendiz*. No período de 7 de maio a 15 de agosto de 1927, Mário realizou uma viagem ao Norte do Brasil, navegando pelo Rio Amazonas até chegar na cidade de Iquitos, no Peru. Com o escritor, vão D. Olívia Guedes Penteado e sua sobrinha Margarida Guedes Nogueira, e Dulce do Amaral Pinto, filha de Tarsila do Amaral. Mário recolheu lendas, mitos, objetos indígenas, faz muitas anotações daquilo que vivenciou, dos tipos humanos que encontrou, do contato com a natureza. No dia 22 de junho de 1927, de Iquitos, o modernista escreve longa carta a Pio comentando aspectos da língua portuguesa falada nos lugares que ele estava visitando (GUARANHA, 2006, p. 93-95), documento relevante que deve ser transcrito na íntegra:

> Rio Amazonas/ Iquitos, 14/ 22 de junho de 1927.
> Tio Pio
> A tinta de bordo tem mais lama que a água deste rio, só lápis mesmo dá facilidade. Desculpe. Também lhe escrevo mais pra provar que não me divirto sem carregar o prazer das memórias, a memória dos meus e no caso presente, do sr. e de Zulmira. Hoje se não fosse esta aventura em que me meti havia de estar embarcado, nestas 13 e 30 chegandinho aí na Araraquara. A aventura me fez chegar faz três horas no lugar chamado Fonte Boa que se outro mérito não tivesse, tem pelo menos o de provar a predileção dos brasileiros todos pelo qualificativo posposto ao substantivo o que me deu um gozo... gostoso. Aliás esta viagem toda me vai sendo utilíssima a respeito de fala brasileira. Os meus contraditores me falavam sempre que o que eu organizava era fala paulista, que no Pará ninguém não falava "pra" mas "para" e bobagens dessas. O que lhe posso garantir é que até agora só escutei um fulano (deputado pelo Amazonas, tentando ser bem falante) pronunciar "para". No resto, a sintaxe principalmente é a mesma que eu julguei, e não sem estudo, geral no Brasil. A questão do vocabulário já pia mais fino. As variantes regionais são fatalmente fortíssimas, desde que se trate de

coisas objetivas, fauna, flora etc. Aliás a confusão é guaçu, se percebe muito bem uma fala indecisa ainda, os termos sem significado perfeitamente próprio as mais das vezes. Igapó, igarapé, paraná ou paranã, furo, tudo designa muitas coisas quase sinônimas e a distinção tem sido muito mais dos vocabularistas regionais que de existência real. Infelizmente não tenho podido privar com gente do povo o quantum satis pra firmar em bases de estatística possivelmente aceitável as minhas observações pessoais. O fato de estar num grupo e acompanhando donas fez de mim mais um viajante que um estudioso. É uma pena. Porém esta viagem sob o ponto-de-vista de língua me trouxe um problema novo em que não tinha imaginado inda não: o caso da dicção. Me surpreendi muito aqui no Norte encontrando uma dicção que pra todos os efeitos é a nossa paulista. Agora o Nordeste é incontestável que atingiu já uma dicção perfeitamente distinta da sulina, o que traz um perigo enorme. Temos perfeitamente distintas duas dicções da mesma fala no Brasil: a nordestina (Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará) e a outra mais geral e mais próxima do portuga com leves variantes daqui pra "acolá" como se diz [ainda] aqui no Norte. Assim a nasalação nordestina permanece mais suave porém característica por todo este Norte. Exponho só o caso sem tirar conclusões por enquanto porque tanta sensação forte abriu por demais em mim a vida dos sentidos e as faculdades intelectivas meio que andam encorujadas não querendo aparecer. Ando besta e desinteressante por completo porém vivendo com uma intensidade prodigiosa. Bom, mas o importante do fato que lhe expus é que a dicção leva às variantes sintáticas, a sintaxe não sendo mais que uma conseqüência das necessidades auditivas, sonoras, rítmicas, e também orgânicas. Ora se possuímos 2 dicções tão distintas está lógico concluir a fatalidade de 2 sintaxes que embora aproximadas como espanhol e portuga ou portuga e ... ou (?) sempre se distinguem. Outro causo divertido a esclarecer: qual das 2 dicções brasileiras é mais adiantada que a outra? À 1a vista a gente conclui logo que é a nordestina porém o problema é muito mais rico de dados que parece. Se a nordestina é mais adiantada sendo que historicamente o portuga se implantou com mais facilidade no Nordeste e lá primeiramente, não quererá dizer então que a dicção brasileira quando se aperfeiçoar irá dar na portuga atual? Me parece. Pelo exame dos poetas quatrocentistas e quinhentistas lusos, como C. Figueiredo, creio também já concluiu, se percebe que naquele tempo o português era falado com a dicção da gente e não a portuga. Basta ver métrica e rima. Isso significa que entre nós se conservou estacionária a dicção ao passo que progredia além-mar. Progresso incontestável a fala portuga atual sendo muito mais ligada, menos sonora (e portanto mais intelectual e menos sensitiva) mais rápida que a nossa. Sinais evidentes de aperfeiçoamento por intelectualização e facilitação fisiológica maiores. Já o nordestino nasal possui um "tem", um "também" um "mãi" pertíssimos do "taim", "tambaim" e "maim" atuais de Portugal. Como o sr. vê vou ajuntando dados, sem tirar conclusões. Vá pensamenteando no causo aí, e assim que eu chegar trocaremos idéias sobre. Quanto ao Amazonas me desculpe mas não conto nada. Tem coisas sublimes de se ver, se cheirar, se escutar e provar por aqui e também muita desilusão. Tudo tão ingente e multiplicado que carta não dá e nem me atrevo a iniciar qualquer descrição. Estou fazendo uma viagem colosso. Divertimentos sobre divertimentos, prazeres sobre prazeres, me aprontando pra daqui a 3 dias entrar Peru adentro. Vou lhe mandar esta carta da primeira agência de Correio onde possa registrá-la. Não leva muita notícia não, porém leva meus desejos de que o sr. passe bem aí ao lado de Zulmira. Com o mais carinhoso abraço pros dois do amigo sempre

Mário

Afinal vim parar em Iquitos e hoje boto esta no correio com selo peruano 22 de junho.

Muitas observações e anotações que Mário fez durante a viagem serviram para enriquecer principalmente a futura obra *Macunaíma*, mas também lhe renderam muitas crônicas, contos e material que organizou até mais ou menos 1943, na intenção de elaborar um livro com o título de *O Turista Aprendiz*, que ficou inacabado. Na publicação póstuma de *O Turista Aprendiz* pela Editora Duas Cidades, de São Paulo, organizada por Telê Ancona Lopez, em 1977, Pio está presente em vários momentos. No manuscrito de 17 de maio [de 1927] – (ANDRADE, 1977, p.58) – Mário registrou uma anedota de Pio que ressalta a elasticidade da fala popular com seus neologismos bastante expressivos:

> [...] Não sei porque me lembrei de uma anedota que meu tio Pio, que não é meu tio, me contou. Ele, rapaz, estava brincando com um negrinho escravo do pai, não sei o que o negrinho fez, e ele:
> - Ôh, negrinho entremetido, eu te bato, heim!
> - Bata que eu corro!
> - Eu corro atrás!
> - Eu escapulo por debaixo de mecê!
> - Eu me agacho!
> - Eu pegava numa pedra e tocava uma pedrada em mecê!
> - Eu desviava!
> - Eu pegava num relho, dava uma relhada em mecê!
> - Que-de relho!
> - Eu dava uma paulada!
> - Não tem pau!
> - Nem num sei! Pegava no que fosse e dava uma quefossada em mecê!

No manuscrito de 23 de maio [de 1927] – (ANDRADE, 1977, p.64) – está registrada outra referência a Pio:

> Belém, 23 de maio [de 1927]— [...] Estou me lembrando duma idéia que tive certa vez. Não vê que possuo um tio bem brasileiro que quando construiu a casa dele numa chacra que é o pé mimoso de Araraquara, logo mandou fazer um quarto-de-hóspede batuta com tudo o que há de bom no mundo. Me hospedo sempre na casa dele e só vendo que gostosura aquele apartamento bem com tudo o que a gente carece pra viver sem falta. Porém meu tio é catatau e instalou todas as coisas baixinho. No banheiro, cada cabidão niquelado, a lâmpada por cima do espelho de fazer a nossa barba, em tudo eu manguari andei corcunda e assim mesmo dando cabeçada numa conta. Numa dessas batidas é que a idéia fagulhou e acho que descobri a razão dos erros dos homens. Deus criou a gente e nos deu uma alma à imagem da d'Ele. Mas Deus não tem corpo como se sabe e a alma nossa grandiosa feito a de Deus, veio muitas vezes parar num corpo desencontrado no tamanho. É por isso que muita gente anda de alma corcunda dentro do corpo e muita outra anda dando cabeçada por aí... Não tem que guerê nem pipoca, é isso mesmo. Em Belém o calorão dilata os esqueletos e meu corpo ficou exatamente do tamanho de minha alma.

No manuscrito de 28 de junho [de 1927] – (ANDRADE, 1977, p.115) – Mário relembra, novamente, do Tio Pio, agora fazendo referência à obsessão deste pela etimologia da palavra Araraquara:

> 28 de junho [de 1927] — A friagem continua. Manhã em Sta. Rita, onde compramos redes de tucum. Fiquei com remorso, e além da minha, levo agora mais duas redes de tucum, uma pro mano, outra para o meu amigo Pio Lourenço, de Araraquara, que tem a mania mansa da etimologia da palavra 'Araraquara'. São Paulo de Olivença. Footing com Dolur, conversando psicologia. Vida de bordo, cheirando criança. À noite, Tonantins, onde frei Diogo nos guarda um carneirinho pra comermos no dia seguinte. Embarque de lenha. Rapidez na descida. Partida pelas vinte-e-três horas.

Mas a onipresença de Pio não se restringe à trajetória intelectual de Mário de Andrade. Está presente, também, na produção do intelectual Antonio Candido de Mello e Souza, tendo colaborado com informações para a obra de Candido, *Os Parceiros do Rio Bonito:* estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida (1964), recebendo agradecimento à p. 15:

> [n]ão posso deixar de lembrar, com saudade e reconhecimento, o velho amigo Pio Lourenço Corrêa, falecido em 1958, admirável tipo de fazendeiro paulista, culto e reto, que me acolheu várias vezes na sua chácara dos arredores de Araraquara, e a quem devo muito do que percebo da cultura rústica. A sua conversa era uma lição constante; a sua experiência, imensa; a sua memória, prodigiosa. Erudito e estudioso da língua e das ciências naturais; caçador e investigador dos costumes; conhecedor minucioso da flora, da fauna e da técnica rural, devo-lhe mais do que poderia registrar, porque são coisas que se incorporam ao modo de ver e de sentir. Quando ele desenterrava das recordações de setuagenário o que lhe contara na infância um velho pai setuagenário, parecia-me tocar no vivo o século XVIII de Araritaguaba, onde sua avó falava língua geral e cuja tradição ele mantinha, na escarpada austeridade do seu caráter. (CANDIDO, 2017, p. 15)

Essas referências ao nosso personagem vão se somando e completando o mosaico que aqui se vai construindo, revelando a influência, presença, colaboração de Pio com aqueles com os quais convivia, destacadamente os intelectuais, dos quais trataremos na seção a seguir.

2.3.2 Coleção de diálogos com intelectuais

Pio Lourenço Corrêa, vivendo na cidade de Araraquara, circulando entre a Chácara da Sapucaia, a Fazenda São Francisco e o Pesqueiro à beira do Rio Mogi, esteve sempre cercado

de figuras de destaque intelectual. Seu interlocutor mais famoso foi Mário de Andrade e o diálogo epistolar já foi registrado e publicado (ANDRADE & CORRÊA, 2009).

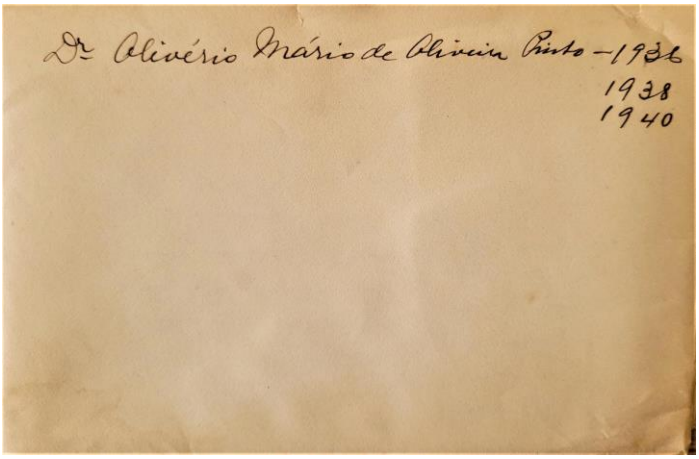
Outro registro importante, com o mesmo interlocutor, foi o diálogo travado nas margens da primeira edição do livro *Amar, verbo intransitivo,* de 1927. Esse exemplar, de valor histórico e literário, encontra-se no arquivo do escritor no Instituto de Estudos Brasileiros – IEB da Universidade de São Paulo – USP, e também já foi transcrito e publicado (MENDES, 1994, p. 190-243).

As dedicatórias nos livros também constituem diálogos. Todas as primeiras edições enviadas durante a vida do modernista e guardadas na biblioteca de Araraquara possuem mensagem ao "Tio Pio" (v. *Volume 2 - Dossiê*), que também enviou a Mário as diversas edições de sua *Monografia da palavra Araraquara,* com dedicatórias, guardadas no acervo de Mário, hoje no IEB da USP (v. *Volume 2 - Dossiê*). Enfim, o diálogo bastante profícuo do conservador com o modernista está bem documentado.

Pesquisando nas estantes e gavetas de Pio, encontramos outros interlocutores de destaque intelectual. Encontramos alguns livros do Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto (1896-1981) que, nascido em Jaú/SP, formou-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia, para onde a família havia se mudado; retornou ao estado de São Paulo; viveu e trabalhou algum tempo em Araraquara como médico e professor da Escola de Odontologia e Farmácia da cidade, tornando-se amigo de Pio. Segundo Antonio Candido, Olivério ensinou Pio a usar microscópio, além de trocarem conhecimentos sobre fauna e flora. Nos anos de 1930, Olivério mudou-se para a capital, assumindo cargo na área de estudos de Zoologia no Museu Paulista da USP, hoje Museu de Zoologia da USP. Realizou vários estudos sobres aves, tornando-se autor de referência em Ornitologia (TORRES, 2019).

O diálogo entre ambos está documentado nas dedicatórias dos livros autorais: *Resultados ornithologicos de uma excursão pelo oeste de São Paulo e sul de Matto-Grosso* (1932), *Aves da Bahia* (1935), *Catálogo das aves do Brasil* (1938), *Relatório de 1940 do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo* (1940), *Cinquenta anos de investigação ornitológica* (1945). Há também dedicatórias em livros de outros autores enviados ao amigo, além de registros no fichário de Pio, guardados em um envelope nomeado (v. Figura 53).

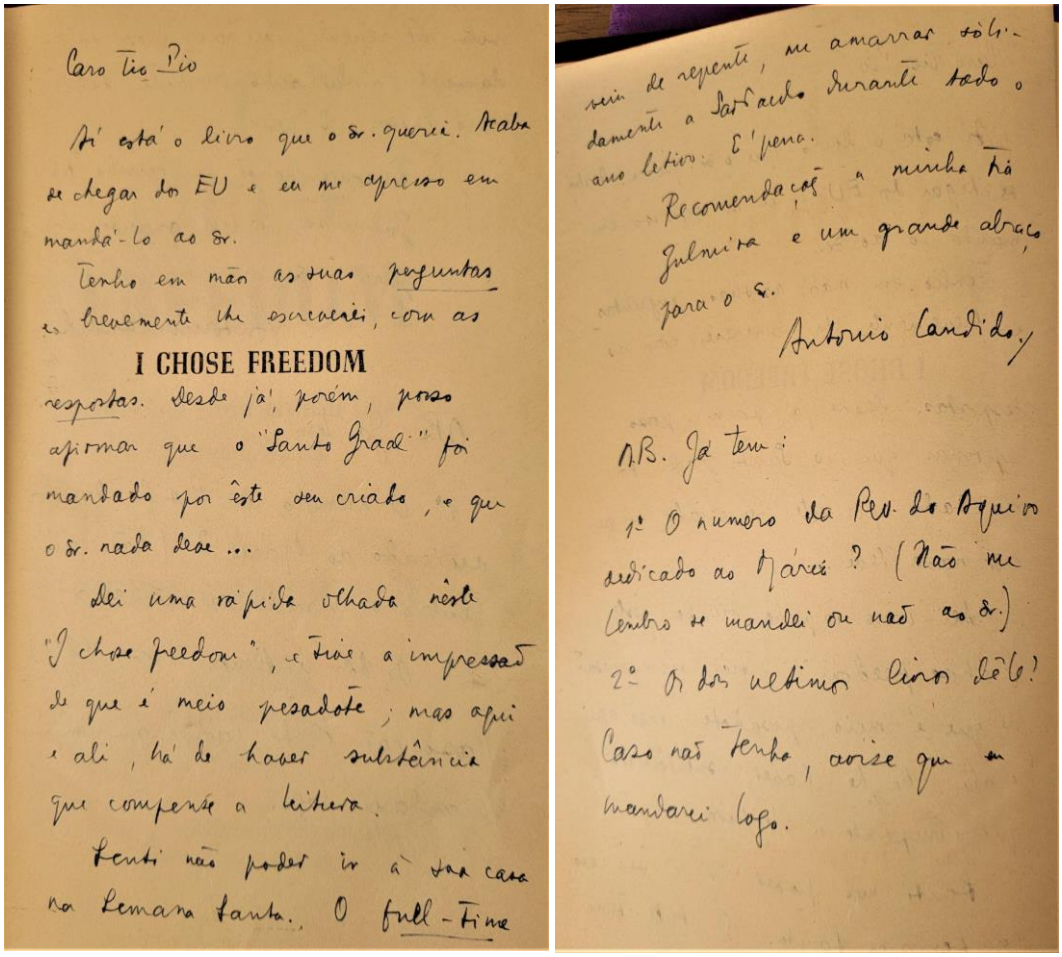
Figura 53**:** Envelope contendo anotações e bilhetes de Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto.



Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Após a morte de Mário, em 1945, quem assumiu a função de atualizar Pio sobre publicações, comprar e remeter-lhe obras de relevância da capital, foi Antonio Candido. Casado com a sobrinha de Pio, Gilda Rocha de Mello e Souza, tornaram-se próximos pelos interesses intelectuais e, graças à memória de Candido, muitas informações sobre o pesquisado puderam ser resgatadas. O diálogo está documentado nas dedicatórias de livros de assuntos variados, bem como no fichário e em recortes de jornal de autoria de Candido que foram guardados por Pio.

Figura 54: Dedicatória/carta de Antonio Candido a Pio, na folha de rosto do livro de Victor Kravchencko, *I choose freedom.* New York: Garden City Publishing Co., s/d.[23]



Caro Tio Pio

Aí está o livro que o Sr. queria. Acaba de chegar dos EU e eu me apresso em mandá-lo ao Sr.

Tenho em mãos as suas perguntas e brevemente lhe escreverei, com as

I CHOSE FREEDOM

respostas. Desde já, porém, posso afirmar que o "Santo Graal" foi mandado por êste seu criado, e que o Sr. nada deve ...

Dei uma rápida olhada neste "I chose freedom", e tive a impressão de que é meio pesadote; mas aqui e ali, há de haver substância que compense a leitura.

Senti não poder ir à sua casa na Semana Santa. O full-time saiu de repente, me amarrou solidamente a São Paulo durante todo o ano letivo. É pena.

Recomendações a minha Tia Zulmira e um grande abraço para o Sr.

Antonio Candido

N.B. Já tem:

1º O numero da Rev. do Arquivo dedicado ao Mário? (Não me lembro se mandei ou não ao Sr.)

2º Os dois ultimos livros dêle?

Caso não tenha, avise que eu mandarei logo.

Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em outubro de 2019.

[23] Transcrição: Caro Tio Pio / Aí está o livro que o Sr. queria. / Acaba de chegar dos EU e eu me apresso em / mandá-lo ao Sr. / Tenho em mãos as suas perguntas / e brevemente lhe escreverei, com as / respostas. Desde já, porém, posso / afirmar que o "Santo Graal" foi / mandado por êste seu criado, e que / o Sr. nada deve… / Dei uma rápida olhada neste / "I chose freedom", e tive a impressão / de que é meio pesadote; mas aqui / e ali, há de haver substância / que compense a leitura. / Senti não poder ir à sua casa / na Semana Santa. O full-time / saiu de repente, me amarrou soli- / damente a São Paulo durante todo o ano letivo. É pena./ Recomendações a minha Tia / Zulmira e um grande abraço / para o Sr. / Antonio Candido / [A.B.] Já tem: / 1º O numero da Rev. do Arquivo / dedicada ao Mário? (Não me / lembro se mandei ou não ao Sr.) / 2º Os dois ultimos livros dele? / Caso não tenha, avise que eu / mandarei logo.

Na coleção, ainda estão a tese de Gilda Rocha de Mello e Souza (1919 - 2005), ensaísta, crítica de arte e professora da USP, com dedicatória e solicitação de crítica de Pio. Entre as páginas, foram encontradas fichas em branco e algumas com comentários sobre o texto. A tese de Carlos de Moraes Andrade (1889-1971), irmão mais velho de Mário de Andrade, também está lá com dedicatória.

Na escrivaninha de Pio, além das fichas colecionadas, há uma gaveta com diversos envelopes, todos com nomes sobrescritos: familiares, conhecidos, instituições e periódicos para os quais enviou exemplares de sua *Monografia da palavra Araraquara*. A publicação foi enviada também para gramáticos; e há até um envelope para o ator e diretor de teatro Procópio Ferreira (1898-1979), que se apresentou no Teatro Municipal da cidade por volta de 1914-1915 (segundo *site* da Câmara Municipal, PMA, 2022), cujo conteúdo já não corresponde mais ao que havia originalmente, assim parece. Dentro dos envelopes, há cartões de visita, bilhetes, cartas, recortes de jornal e revistas, fichas com anotações de data de envio da *Monografia*, cartas de agradecimento, consultas de interlocutores sobre questões linguísticas, recortes de suas "Fichas de Linguagem" publicadas no jornal *O Imparcial*, juntamente com as fichas de sua pesquisa para a composição das publicações.

Ao que parece, Pio, apesar de não ter se tornado muito conhecido como autor, tinha uma boa noção de como divulgar o seu trabalho, enviando exemplares e estabelecendo contato com pessoas-chave e instituições de renome, onde queria que sua obra constasse. Enviou exemplares para: Afonso de Taunay (1876-1958), Afrânio do Amaral (1894-1982), Alberto Lamego (1896-1985), Antenor Nascentes (1886-1972), Gladstone Chaves de Melo (1917-2001), João (Yan) Fernando de Almeida Prado (1898-1991), Manuel Bandeira (1886-1968), Olivério Mário de Oliveira Pinto (1896-1981), Plínio Airosa (1895-1961) e Procópio Ferreira (1898-1979), citando os mais conhecidos (v. a lista completa no *Volume 2 - Dossiê*).

Quanto às instituições, enviou exemplares para a Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, Museu Paulista, entre outras (v. lista completa no *Volume 2 - Dossiê*). Enfim, a Faculdade de Direito de São Paulo, hoje Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e parte da Universidade de São Paulo, onde Pio pretendia estudar na juventude e não conseguiu, tem em sua biblioteca o exemplar de sua *Monografia*.

Diante desses registros, é notório o esforço do autor em compartilhar suas ideias e buscar o diálogo com intelectuais e instituições além das fronteiras de sua cidade.

2.3.3 – Coleção de fichas de estudo

Segundo Jean Guitton (1902-1999), em *O trabalho intelectual* (2018, p. 109), foi o escritor francês Stendhal, pseudônimo de Marie-Henri Beyle (1783-1842), quem inventou a ficha ou o processo de fichamento, interpondo folhas em branco entre as páginas dos livros que lia, resumindo-os ou anotando informações que lhe pareciam importantes. Percebendo, entretanto, que suas anotações eram muito chamativas e podiam revelar muitas pistas de seu percurso criativo, passou a usar papéis menores para suas anotações. Assim teria "inventado a ficha".

Guitton estabelece algumas orientações para a elaboração de um fichário ou para transformar simples anotações em fichas (2018, p. 110, 111, 114)):

> [...] o formato deve ser sempre o mesmo, desde a juventude até a morte; [...] a ficha ideal é aquela que, em qualquer ocasião, pode ser facilmente colocada no bolso, ou levada num fichário; [...] uma nota tomada com cuidado deveria ser capaz de servir aos nossos amigos e aos nossos descendentes. [...] Ora, graças ao fichário, se anotamos uma linha, anotamos para sempre. A classificação das notas obedece a um princípio muito simples: *uma nota está bem classificada quando é rapidamente encontrada.*

Pio Lourenço Corrêa já tinha tal conhecimento, pois suas fichas são todas do mesmo tamanho, ainda que de papéis de texturas e espessuras diversas: algumas mais firmes, próximas da cartolina, outras mais finas, parecendo papel sulfite, pautadas. Há fichas divisórias por assuntos em papelão com aba na parte superior em que se registra a numeração e o título, e há fichas de cartolina também com aba superior com as letras inscritas para a organização em sequência alfabética. Após tanto tempo no arquivo e algumas mudanças de sala, as fichas encontravam-se totalmente desorganizadas. Guardadas nas gavetas, sim, mas completamente fora de ordem.

Tais fichas de registro consolidaram-se, conforme Leroi-Gourhan (2018, p. 64), pois: "[n]o decorrer do século XIX, a memória colectiva adquiriu um tal volume que acabou por se tornar impossível exigir que a memória individual contivesse em si todo o conteúdo das

bibliotecas". Os registros, que eram feitos em cadernos e catálogos, eram de difícil localização, era necessária uma forma mais rápida e com maior praticidade para que novas informações pudessem ser acrescentadas sem alterar o restante do conteúdo. Novamente citando Leroi-Gourhan (2018, p. 64 - 65):

> [n]a sua forma mais rudimentar, tal sistema já corresponde à constituição de um verdadeiro córtex cerebral exteriorizado, visto que, nas mãos do utente, um simples ficheiro bibliográfico presta-se a múltiplos ordenamentos: por autores, por matérias, geográfico, cronológico, com todas as combinações correspondentes. [...] Este facto é ainda mais notório num ficheiro de informações científicas, em que cada elemento documental pode ser combinado à vontade com todos os outros.

Em épocas em que não havia arquivos eletrônicos, as fichas eram o grande recurso auxiliar da memória. Leroi-Gourhan (2018, p. 65), no entanto, chama nossa atenção para algo importante:

> [e]m certa medida, a imagem do córtex é falsa, porque se um ficheiro é uma memória em sentido estrito, a verdade é que se trata de uma memória destituída de meios próprios de rememoração, e em que a animação requere a sua introdução no campo operatório, visual e manual do investigador.

Como investigadores da "memória de Pio Lourenço Corrêa", constatamos essa dificuldade. Para compreender os interesses de seu autor, tivemos a necessidade de primeiramente organizar o ficheiro, depois comparar registros, confrontar anotações e repetições para poder traçar hipóteses para seus objetivos, ou seja, manusear, olhar, testar a ordem etc. É uma memória externa, artificial, que está resistindo ao tempo, mas já se encontrava embaralhada e só foi possível entendê-la melhor ou estabelecer algum sentido após uma organização numérica e alfabética convencional, o que não representa necessariamente a organização original de seu autor. Após toda a operação, registramos 7232 imagens de fichas (algumas com frente e verso preenchidos) no acervo.

As fichas são, talvez, os elementos mais instigantes da coleção, pois causam espanto pela quantidade**;** pela variedade de assuntos tratados (ainda que predominem questões de linguagem); pelas pistas que trazem sobre o pensamento de seu autor; pelo diálogo com variados intelectuais; por permearem todos os outros elementos da coleção (livros da biblioteca, textos publicados, pessoas com quem conviveu e assuntos preferidos); além de documentarem o rigor metodológico do autodidata.

Suas fichas estruturaram suas publicações em periódicos, as quatro edições da *Monografia da palavra Araraquara* e auxiliaram também outros autores, assunto de que já tratamos, mas vale ainda ressaltar que, para *Macunaíma* (1928), foram utilizadas por Mário de Andrade as seguintes informações baseadas no fichário de Pio, segundo edição crítica da obra, organizada por Telê Ancona Lopez (ANDRADE, 1978, p.428 – 431):

> Fichas com a indicação: "Macunaíma/ usado"
> "Urubu-ministro, urubu-peba, urubu-caçador, urubu de cabeça vermelha, e gereba = todos são o mesmo urubu/ 203 p.19". Na Bibliografia: "203 – Rodolpho Garcia – 'Nomes de Aves em Língua Tupi' – Rio de Janeiro, 1913 (**Pio**)". (Negrito da pesquisadora).
> "Urubu-paraguá, urubu-peba/ 203, p. 36". Na Bibliografia: "203 – Rodolpho Garcia – 'Nomes de Aves em Língua Tupi' – Rio de Janeiro, 1913 (**Pio**)". (Negrito da pesquisadora).
> Fichas com a indicação: Macunaíma
> "'piranhas devorando piranha'/ veja 210 p. 67". Na Bibliografia: "210 – Diário de Viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas Capitanias do Pará, Rio-Negro, Matto-Grosso, Cuyabá e S. Paulo – S. Paulo, 1841 (**Pio**)". (Negrito da pesquisadora).

Além da aplicação prática das anotações em suas obras e nas de terceiros, as fichas também registram opiniões pessoais sobre diversos assuntos, sobre pessoas e determinados fatos históricos, além de planos que acabaram não se concretizando, como a possibilidade de elaborar uma enciclopédia de sua autoria ou a possível criação de um museu para Mário de Andrade, iniciativa provável de alguma instituição de Araraquara, que também não se realizou.

As fichas são, talvez, os elementos mais reveladores do estudioso araraquarense.

2.3.4 Coleção de livros

A partir da lista de livros fornecida pela bibliotecária, foram elaboradas tabelas para visualizar a organização dos volumes nas estantes e nas prateleiras. São 1094 títulos no total, sendo 1339 volumes (há várias edições da mesma obra; mesma obra dividida em vários tomos etc.), distribuídos em cinco estantes de madeira com portas de vidro, nas proporções demonstradas na tabela a seguir:

Tabela 4: Livros da biblioteca de PLC

CONTEÚDO GERAL DAS ESTANTES				
ESTANTES	**MATERIAL**	**PRATELEIRAS**	**TÍTULOS**	**VOLUMES**
1	Livros	5	208	231
2	Livros	5	298	354
3	Livros	5	118	153
4	Livros	5	253	304
5	Periódicos	4	217	297
TOTAIS		24	1094	1339
CONTEÚDO POR PRATELEIRA EM CADA ESTANTE				
ESTANTE 1 – LIVROS				
PRATELEIRAS		**TÍTULOS**		**VOLUMES**
1		42		48
2		43		47
3		47		50
4		44		45
5		32		41
TOTAL		208		231
ESTANTE 2 – LIVROS				
PRATELEIRAS		**TÍTULOS**		**VOLUMES**
1		66		70
2		53		63
3		63		66
4		62		98
5		54		57
TOTAL		298		354
ESTANTE 3 – LIVROS				
PRATELEIRAS		**TÍTULOS**		**VOLUMES**
1		18		33
2		22		31
3		22		27
4		30		35
5		26		27
TOTAL		118		153
ESTANTE 4 – LIVROS				
PRATELEIRAS		**TÍTULOS**		**VOLUMES**
1		53		54
2		45		53
3		45		52
4		42		57
5		68		88
TOTAL		253		304
ESTANTE 5 – PERIÓDICOS				
PRATELEIRAS		**TÍTULOS**		**VOLUMES**
1		59		70
2		61		63
3		27		66
4		70		98
TOTAIS		217		297

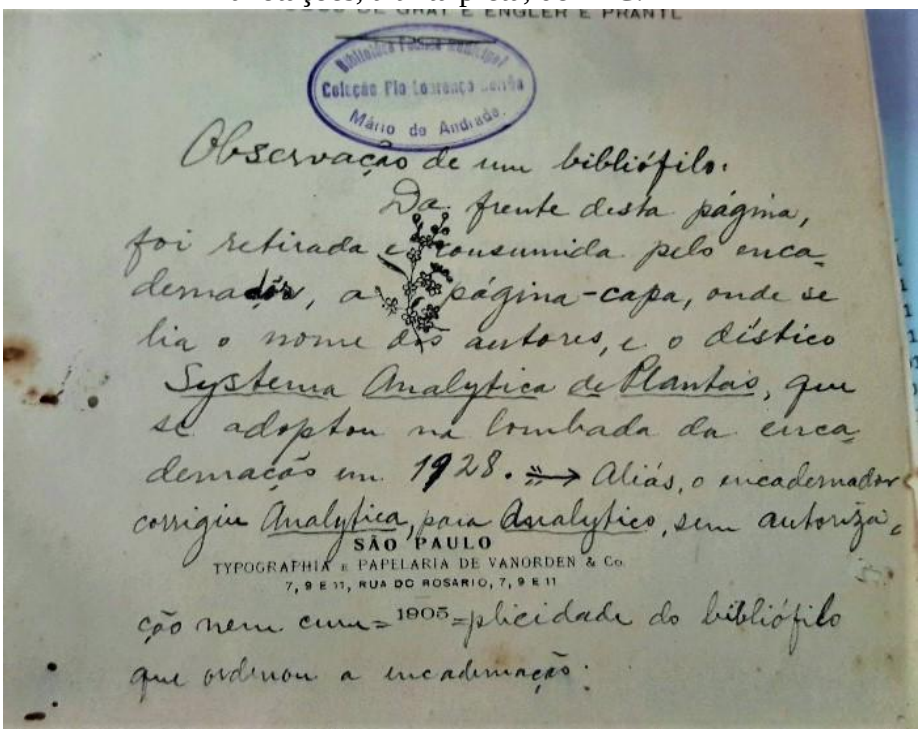
Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora, de acordo com o inventário fornecido pela Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP, em 2019.

O material da biblioteca é parte de um acervo maior do qual uma parte foi perdida. Conforme testemunho de Antonio Candido e Renato Rocha à pesquisadora, Pio conservava seus livros no escritório da casa, mas

> [n]o vasto porão da casa da chácara Sapucaia, havia dois cômodos com estantes carregadas de livros, coleções de revistas e edições anteriores de alguns dicionários, material que se dispersou com a morte de PLC. Em um terceiro cômodo, passavam todos os encanamentos da casa, para facilitar eventuais reparos [...]". (GUARANHA, 2007, p. 328)

Pio Lourenço Corrêa desenvolveu o hábito de anexar as notas de compra aos livros, bem como outras informações relacionadas: recortes de jornais com notícias sobre os autores; textos de jornais que dialogavam com o assunto do livro; bilhetes; dedicatórias dos autores; fichas de comentários e correções esquecidas no meio das páginas; além de anotações feitas nas margens; chegando até a registrar observações quanto ao processo de encadernação (v. Figura 55). É possível constatar, pelas anotações, a minúcia e o cuidado do colecionador, autodenominado "bibliófilo" que, segundo os conhecidos e parentes que foram entrevistados, era muito rigoroso em tudo o que fazia. Aliás, antes de incluir um livro novo em suas estantes, costumava mandá-los encadernar com capa dura e letras douradas na lombada.

Figura 55: Folha de guarda do livro *Analysis de plantas:* ensaio para uma botanica descriptiva, de Alberto Loefgren (São Paulo: Typographia e Papelaria de Vanorden e Co., 1905), com anotações, a tinta preta, de PLC.



Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em 2019.

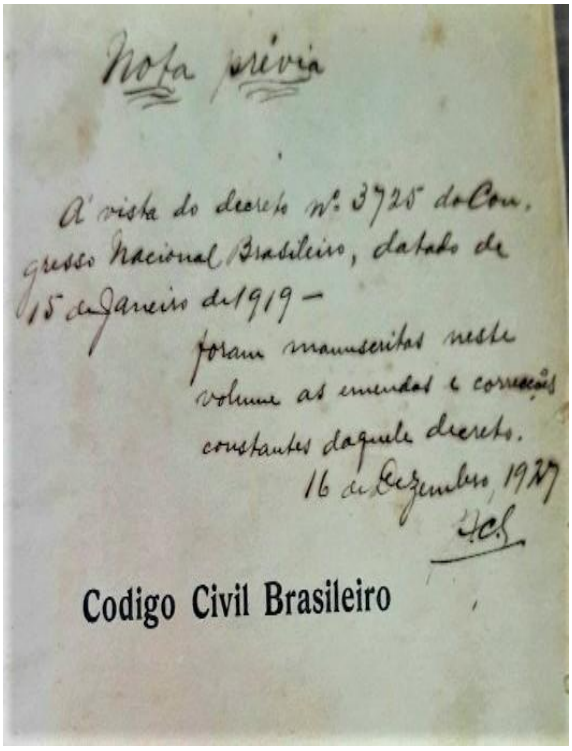
Pio escreve a seguinte informação:

> Observação de um bibliófilo
> Da frente desta página, /foi retirada e consumida pelo enca-/dernador, a página-capa, onde se/ lia o nome dos autores, e o dístico/ Systema Analytica de Plantas, que/ se adoptou na lombada da enca-/dernação em 1928. Aliás, o encadernador/ corrigiu Analytica, para Analytico, sem autorização nem cum=/=plicidade do bibliófilo que ordenou a encadernação.

Há um exemplar do *Código Civil Brasileiro*, de 1917 (MERÊA, 1917), editado em Lisboa, no qual Pio cotejou e anotou, à mão, todas as alterações legais aprovadas em 1919, além de fazer correções gramaticais e comentários pessoais.

Figura 56**:** *Código Civil Brasileiro*, de 1917 (MERÊA, 1917), com anotações de PLC na folha de rosto[24].





Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em 2019.

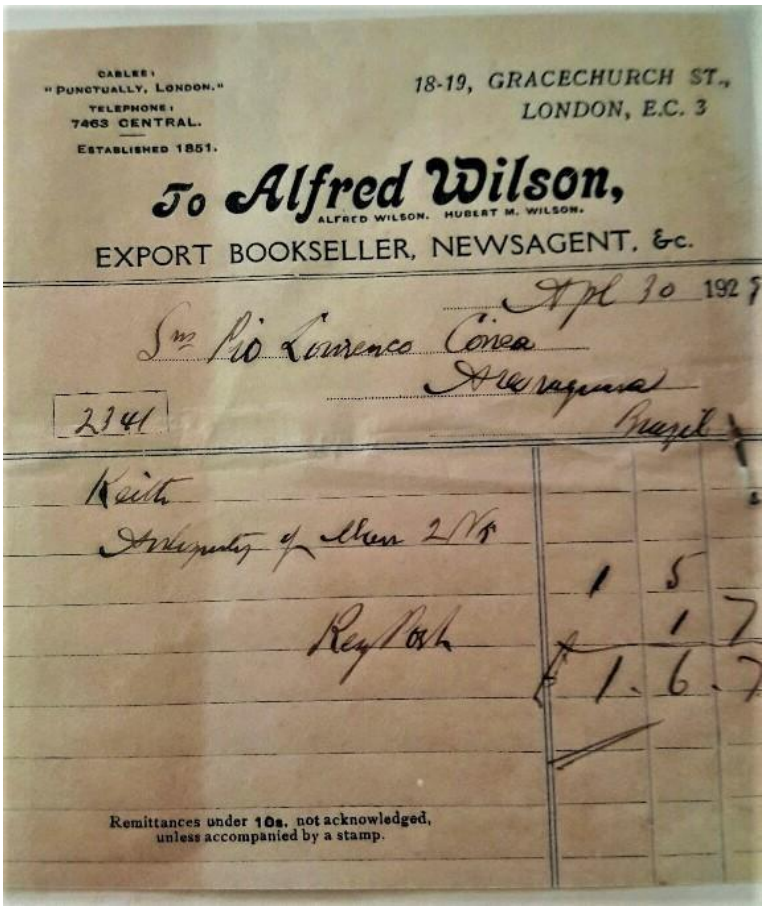
Outro exemplo é o livro já citado *I chose freedom – The personal e political life of a soviet official*, de Victor Kravchenko, publicado em Nova Iorque, sem data, que traz uma carta/dedicatória do intelectual e amigo Antonio Candido de Mello e Souza. Pela dedicatória (v. Figura 54), é possível perceber que Antonio Candido assumiu a função de atualizar Pio de novas e interessantes publicações, comprando e enviando encomendas para Araraquara, após 1945.

Também integram a coleção os livros do Dr. Olivério M. de Oliveira Pinto, diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, nos anos de 1930, amigo pessoal de Pio, todos com dedicatória.

[24] Transcrição: Nota Prévia / Á vista do decreto nº 3725 do Con-/gresso Nacional Brasileiro, datado de/15 de Janeiro de 1919 -/foram manuscritas neste/ volume as emendas e correções/constantes daquele decreto./16 de Dezembro, 1927/ [Rubrica] PLC.

No volume 1 do livro *The Antiquity of man*, de Sir Arthur Keith, publicado em Londres, em 1929, está fixada com alfinete a nota fiscal de compra emitida pelo exportador. Nas páginas do livro também são encontradas anotações, a caneta, de Pio.

Figura 57: Nota fiscal de compra do livro *The Antiquity of man*, Sir Arthur Keith, Londres, 1929



Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em outubro de 2019.

A história da formação e a análise da biblioteca de Pio registram a história de sua educação ou formação intelectual, o seu processo autodidático, - mas não autocentrado nem fechado ao aprendizado com o outro, - processo que pode ser reconstruído, em certo sentido, pelo consistente vestígio documental, que é a coleção de livros desse importante intelectual da *Belle*

Époque, conservada na *Sala Mário & Pio* da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, em Araraquara/SP. Esta investigação articula a vida e a coleção de Pio ressaltando as áreas de interesse predominantes nos títulos que ele legou à instituição, na tentativa de "transformá-[los] em história" uma vez que, como afirma Certeau (2017, p. 67-69):

> [o historiador t]rabalha, de acordo com seus métodos, os objetos físicos (papéis, pedras, imagens, sons, etc.) que distinguem, no *continuum* do percebido, a organização de uma sociedade e o sistema de pertinências próprias de uma "ciência". Trabalha sobre um material para transformá-lo em história. Empreende uma manipulação que, como as outras, obedece a regras. [...] O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente.

Deste modo, por meio dos livros e anotações, a biblioteca de Pio reflete sua busca pelo conhecimento, que o levou a ser reconhecido na cidade natal como filólogo, estudioso do "desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, baseado em documentos escritos nessas línguas" (HOUAISS, 2001, p.1004); e também reflete o momento histórico do grupo social de que ele fazia parte. Sempre aberto ao diálogo com o passado e com o futuro, Pio pôs em prática a máxima de Monteiro Lobato: "um país se faz com homens e livros". Essa prática, por sua vez, legou-nos um importante patrimônio cultural que não só registra a história do tempo, mas pode ajudar a construir a história de como um homem interagiu com seu tempo.

Em Araraquara está o que restou de sua coleção - uma parte dos livros foi doada pela esposa, Zulmira Corrêa (1878-1959), à Biblioteca pública da cidade; outra parte para a Santa Casa de Misericórdia; as obras referentes à área de Biologia, Zoologia e Botânica, ao Dr. Olivério Mário de O. Pinto. Antonio Candido fez o estatuto de doação e conservação dos livros para a biblioteca, segundo ele mesmo me informou em entrevista (v. *Volume 2 - Dossiê*). Além dos livros, foram doados à biblioteca as fichas de estudos, os recortes de jornais e papéis avulsos (de que trataremos mais adiante), vestígios pessoais do processo de construção das ideias de Pio.

No periódico *Folha da Manhã*, do dia 27 de novembro de 1936, em artigo publicado sobre o significado da palavra Araraquara, Pio afirma:

> De modo que quando vi forças aguerridas e traquejadas atacarem pelos dois flancos a minha hypothese justificada, como melhor pude, no folheto – foi com redobrada energia que reencetei o manejo das minhas magras notas, e revolvi miuda e diligentemente os poucos autores de que disponho na pobre bibliotheca provinciana que reuni. (COQUEIRO, 1936, p. 6-7 – grifos da pesquisadora).

Como bibliófilo, julgava sua coleção de livros "pobre e provinciana", mas não era bem assim. As encomendas constantes a Mário, as compras na viagem à Europa de 1911 e as importações enriqueceram muito o seu acervo com livros raros e de autores de vulto, hoje em destaque na biblioteca pública de Araraquara.

Os livros de Souza Silveira testemunham o interesse de Pio pelo linguista com o qual teve contato, provavelmente intermediado por Mário de Andrade. Em 1935, Sousa da Silveira manteve com Mário correspondência sobre questões de linguagem, tecendo importantes considerações sobre *Macunaíma*. Em julho de 1937, a convite do modernista, então Diretor do Departamento de Cultura, Sousa da Silveira, que lecionava no Rio de Janeiro, participou do I Congresso da Língua Nacional Cantada, promovido pelo Departamento de Cultura, em São Paulo, assim como Pio Lourenço, que assistiu ao congresso também a convite de Mário. Pio, que publicava artigos nos jornais de Araraquara e em *O Estado de S. Paulo*, e que, desde 1921, tomava do espaço das próprias cartas para consistentes considerações sobre a língua portuguesa, como a "Dissertação contra o agá" (v. texto completo em *Volume 2 - Dossiê*), ao comparecer ao simpósio como observador, certamente ouviu a palestra de Silveira, além de muitas discussões de seu interesse (GUARANHA, 2007, p. 13).

Em carta a Mário de Andrade, datada de 26 de março de 1930, Pio informava-lhe sobre três artigos de Souza da Silveira que haviam sido publicados:

> Mário:
> Na *Revista de Cultura*, n. 38, que pedi remeterem a V. do Rio, estão também 3 artigos do Sr. Sousa da Silveira, aos quais não fiz referência em minha carta de ontem, por não tê-los visto. Escaparam-me, como escapou a América durante tantos séculos; mas descobri-os afinal, sem ser Colombo... São muito bons; são ótimos – e moderados, sem desaforo, reconhecendo a cada qual – Medeiros, Ribeiro & Cia. inclusive – o direito de pensar como quiser. Mas não reconhece a ninguém – nem a estes paladinos – o direito de atacar com falsidades e má-fé o sistema ortográfico lusitano. Leia, leia mesmo. Depois que li os tais artigos do Sousa, convenci-me de que o assunto está quase de todo esgotado. Desisti, portanto, do projeto que aí formulara, de escrever os considerandos que me ocorrem. [...] (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 168),

Na *Revista de Cultura*, n. 38 (a. 4. Rio de Janeiro, jan.-jun. 1930) os três artigos referidos por Pio são: "Ortografia portuguesa" (p. 90-99), "Simplificação ortográfica" (p. 99-105) e "Formulário ortográfico da Academia" (p.105-112). O volume consta da coleção.

Outro nome importante na área de estudos de linguagem presente na biblioteca é Manuel Said Ali Ida (1861–1953),

> professor de Alemão da Escola Militar e do Colégio Pedro II, onde teve como aluno Manuel Bandeira; gramático; linguista e filólogo; especialista em estudos sintáticos. Destacou-se em adaptações de manuais para o ensino de línguas estrangeiras e trabalhos sobre pedagogia; estudos introdutórios para edições da Casa Laemmert, futura Livraria Universal, como: *Obras Completas de Casimiro de Abreu* (1895), *Poesias de Gonçalves Dias* (1896), *Obras Completas de Castro Alves* (1898); obras de linguística geral, versificação e sintaxe. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.139)

Estão lá os títulos: *Difficuldades da lingua portugueza:* estudos e observações (1919); *Difficuldades da lingua portugueza:* estudos e observações (1930); *Formação de palavras e syntaxe do portuguez histórico*; *Grammatica historica da lingua portuguesa* (s/d, com anotações de Pio); *Grammatica secundaria da lingua portuguesa* (1927); *Lexeologia do portuguez histórico* (1921); *Meios de expressão e alterações semânticas* (1930).

Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923) também está na biblioteca, figura de destaque no período e visto com grande admiração por Pio. Jurista, jornalista e político brasileiro, orador brilhante, cognominado Águia de Haia por sua participação na Segunda Conferência de Paz, em 1907, naquela cidade da Holanda, quando defendeu a igualdade entre as nações. Figura muito respeitada na época, no Brasil, também como grande conhecedor do vernáculo.

Em carta a Mário, de 25 de março de 1925, enviada da cidade interiorana de Águas da Prata (revelando que nem em período de férias e descanso Pio deixa de se comunicar com Mário), Pio faz referência a Rui Barbosa:

> As notinhas que tenho sobre o seu livro *A escrava [que não é Isaura]*, lá estão escritas à margem do volume que V. teve a gentileza de oferecer-me. Foram feitas a lápis, e não envolvem descompostura alguma. Antes, pelo contrário, tenho a impressão [de] que V. tem vindo pouco a pouco acercando-se dos velhos arraiais, que um entusiasmo de menino fez V. desertar. Tenho a impressão de que, mais dia menos dia, teremos ainda no aprisco a preciosa ovelha tresmalhada. Mas eu nada escrevi a V., porque estou esperando a sua visita de fim de ano de 1924, que estava prometida, com visitas a colméias de trigonas e tudo. V. não apareceu, e quer-me culpar! A discussão, que será já muito menor, só pode (o Rui não queria "só pode" no Código Civil; mas isto aqui não é código) ser verbal. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.82)

A expressão referida por Pio, "só pode", citando Rui Barbosa e o *Código Civil* brasileiro, foi uma polêmica em torno da redação do texto do citado *Código* em que Rui, sendo principalmente jurista, escreve uma longa análise das questões gramaticais envolvidas:

> [e]m sua *Réplica* ao texto do *Projeto do Código Civil*, ao invés de tratar das questões jurídicas, analisou somente as questões de língua portuguesa, ou seja, a polêmica que deveria ser legislativa transformou-se numa polêmica gramatical, apresentando "217

> folhas manuscritas que deram um volume de 561 páginas, editadas pela Imprensa Nacional", comprovando que o Código estava mal redigido. (BROCA, 1975, p. 206).

Quanto à expressão citada por Pio, Rui Barbosa escreveu:

> 'A versão por mim alvitrada', comentei aqui eu, 'evita o só pó, tão malsoante e, contudo, tão reiterado no projeto'. Nada mais. E isso entre várias observações de uma extensa nota, com respeito a não menos de três pontos, em que filológica e juridicamente, contraditei o projeto. De ver é, portanto, que não fiz daquele reparo, ali incidentemente inserido, grande cabedal. Não agradou ao eminente professor [Carneiro Ribeiro] a minha apostila. E não são de quem estivesse de bom humor os termos, em que ma repulsa. 'Por que levar tão longe a finura do ouvido, quando a lição dos melhores exemplares de nossa língua nos está a trazer contínuo essa combinação de sons, por vezes inevitável'? Ora, antes de mais nada, se essa dissonância fosse inevitável, eu não a teria notado. Quando inevitáveis, as piores cacofonias se toleram. Fez-se o ouvido a elas: habituou-se; já não as sente. Não logrou o melodioso Lamartine evitar o *la mer de Sorrente*. Nem com ele se enxovalhou a sua Graziela. Tampouco faz escândalo a ouvidos franceses *la mer d'Irlande*, ou *la mer d'Islande.* Aí a lei da necessidade obriga as exigências da eufonia à condição fatal de transigir. Mas escrever '*le dernier chant du Childe – Harold'*, isso podia não ter escrito o mais harmonioso dos poetas franceses; e a crítica não lho releva, como não releva a Rousseau, o poeta, o '*la vierge non encor née'*. Não houvesse meio, pois, de atalhar ali, o só pode, e eu não lhe teria objetado. Esquivando-o, porém, no meu substitutivo, bem demonstrei que era fácil de esquivar". (BARBOSA, 1953, p. 112-124).

Pio Lourenço, como conservador e homem ilustrado, procurava escrever ao estilo de Rui Barbosa, admirando-lhe a minúcia e erudição. Mário, por sua vez, em 2 de janeiro de 1926, publicou a quadrinha "Rui Barbosa", na série "Mês Modernista" do jornal carioca *A Noite*: "Gênio genioso, andor brasílico/ Nas procissões anti-germânicas,/ Errou bastante na política,/ MAS NUNCA ERROU NO PORTUGUÊS!" (BATISTA, LIMA, LOPEZ, 1972, p. 267).

Quanto à coleção literária, estão presentes vários autores portugueses na biblioteca, como a obra completa de Camilo Castelo Branco (1825-1890), escritor do período romântico em Portugal, de onde Pio extraía, muitas vezes, exemplos de uso da língua portuguesa em seus estudos e publicações, conforme destacamos na seção em que mostramos os trabalhos linguísticos de Pio.

Outro escritor de destaque na biblioteca de Pio: Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810–1877), poeta, romancista, historiador, figura de proa no romantismo português, está presente também com: *O Monge de Cister,* v.1 e 2 (1841), *Eurico, o presbítero* (1844), *História de Portugal* (4 volumes, 1846, 1847, 1850 e 1853), *Bobo* (1903); *Lendas e narrativas,* v.1 e 2 (1903), (com assinatura de Pio).

Eça de Queirós (1845-1900), romancista do realismo português, era leitura muito apreciada no Brasil do início do século XX. Pio costumava ler, em voz alta, as obras desse autor para os amigos, na chácara, principalmente o conto "O defunto", mas, muito rigoroso, fazia adaptações no texto, "de maneira a preservar o pudor do público feminino" (CANDIDO, 2004, p. 88).

Há também os naturalistas que vieram estudar o Brasil, revelando o interesse dele pelo tema. São obras da coleção: Jean de Lery (1536-1613), autor de *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, livro de 1578 que relata a viagem de Nicolau D. de Villegagnon (1510-1571) ao Brasil, entre 1556 e 1558, uma tentativa de colonização destinada a estabelecer aqui a França Antártica. Mário presenteou Pio com a tradução anotada da obra, por Sérgio Milliet, *Viagem à terra do Brasil*, publicada no ano de 1941 pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, trazendo notas tupinológicas de Plínio Ayrosa, volume 7 da coleção Biblioteca Histórica Brasileira, sob a direção de Rubens Borba de Moraes.

Mais um nome de destaque, Johann Moritz Rugendas (1802–1858): pintor, gravador e desenhista alemão, que viajou pelo Brasil, em 1821, com Georg Heinrich Langsdorff (1774-1852), na qualidade de desenhista, registrando cenas e paisagens. Em 1835, publicou, na Europa, *Voyage Pittoresque au Brésil*, coletânea de imagens da vida brasileira em inícios do século XIX. Na coleção de Pio, há um exemplar, traduzido por Sérgio Milliet, da obra de João Maurício Rugendas: *Viagem pitoresca através do Brasil* (Coleção Biblioteca Histórica Brasileira, sob a direção de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940).

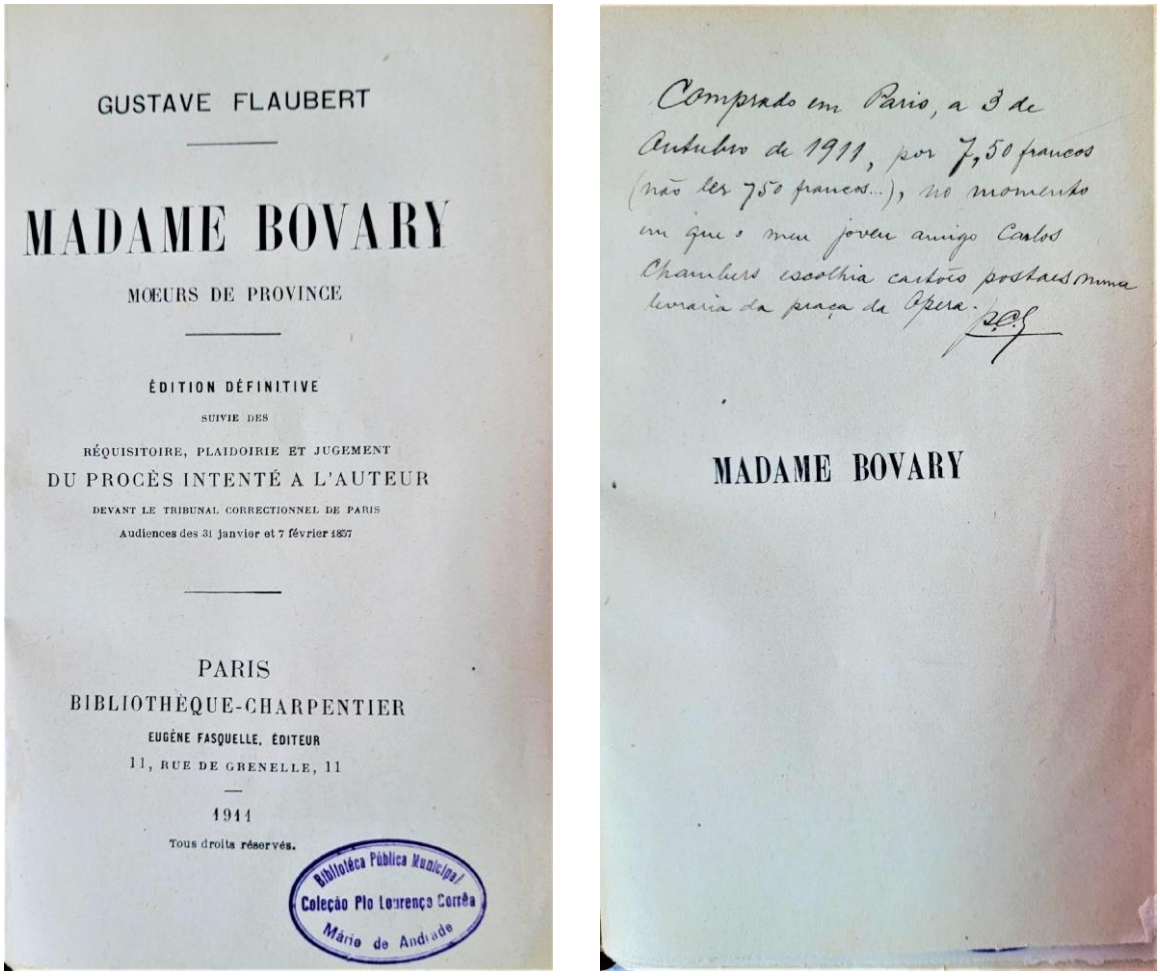
Charles Ribeyrolles (1812-1860) está presente, jornalista e político francês exilado que viajou pelo Brasil durante o século XIX publicando *Brasil pitoresco*, tradução de Gastão Penalva, 1º volume da Biblioteca Histórica Brasileira, dirigida por Rubens Borba de Moraes, publicada pela Livraria Martins Editora, de São Paulo.

Também estão nas prateleiras Karl Friedrich Philipp von Martius (1794–1868), médico e botânico, e Johann Baptist von Spix (1781– 1826), zoólogo, alemães que vieram na comitiva da Imperatriz Leopoldina (1797-1826), filha do ex-imperador da Alemanha e então imperador da Áustria, esposa de D. Pedro I (1798 - 1834), futuro imperador do Brasil. Até 1818, Martius e Spix estudaram a natureza dos arredores da Corte, depois iniciaram uma grande expedição: foram a São Paulo, Minas Gerais, alcançaram o rio São Francisco e a Bahia; entrando pelo sertão, chegaram a Pernambuco, Piauí, Maranhão e Belém do Pará. Por volta de 1819, subiram

o rio Amazonas até o Solimões, onde se separaram. Spix seguiu pelo Amazonas até os limites do Peru. Martius tomou o Rio Japurá, até a fronteira com a Colômbia. Reencontraram-se no rio Negro e navegaram rio Madeira acima, percorrendo aproximadamente 10 mil quilômetros. Quando voltaram para a Alemanha, em 1820, e publicaram *Reise in Brasilien*, em 4 volumes (München: M. Lindauer, 1823-1831). Fazem parte da coleção de Pio os quatro volumes, numa edição de 1938, com uma carta de José Bento Faria Ferraz (1912-2005), secretário particular de Mário de Andrade, dentro de um deles (GUARANHA, 2007, p. 377).

Assim como Telê Ancona Lopez estabeleceu uma analogia entre a biblioteca de Mário de Andrade e um "celeiro e [uma] seara da criação" (LOPEZ, 2002, p. 45), podemos dizer que no caso de Pio, guardadas as devidas proporções, sua biblioteca também foi fonte de suas produções. Atestam isso as anotações nas obras que ele leu, tanto sobre o aspecto estilístico e gramatical quanto sobre o conteúdo das produções e até anotações que se referem a aspectos da vida pessoal do leitor autodidata Pio Lourenço Corrêa. Essas anotações permitem, em certo sentido, compreender como esse homem dialogava com a produção cultural de seu tempo, com o passado e como pensava o futuro.

Figura 58: *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Paris: Bibliotheque Charpentier, 1911. Anotação de PLC na folha rosto sobre as circunstâncias em que comprou o livro, na viagem à Europa de 1911.[25]



Fonte: CPLC – Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em 2019.

A biblioteca de Pio, que nada tinha de pequena e provinciana, compreende, hoje, 1094 títulos no total, sendo 1339 volumes (há várias edições das mesmas obras; ou a mesma obra é dividida em vários tomos), e é enriquecida pelos conteúdos extras que eles contêm e que permitem estudos sobre as circunstâncias em que esse material foi adquirido e manuseado que

[25] Transcrição: Comprado em Paris, a 3 de / outubro de 1911, por 7,50 francos / (não ler 750 francos…), no momento / em que o meu jovem amigo Carlos / Chambers escolhia cartões postais numa / livraria da praça da Ópera. / PLC.

ajudam a entender o sentido que tiveram na trajetória intelectual de Pio: notas de compra, anotações e correções, contam a história de seu percurso e de como a biblioteca foi sendo construída; as dedicatórias registram as amizades intelectuais de Pio: Mário de Andrade, Dr. Olivério M. de O. Pinto, Antonio Candido, Carlos Andrade, Gilda de Mello e Souza, Alcântara Machado, Gladstone Chaves de Melo e outros.

Os livros de Pio, as notas e os documentos que os acompanham ganham, assim, uma espécie de voz própria para além do conteúdo que trazem, passando de simples objetos a documentos repletos de historicidade cuja narrativa pode ser reconstituída pela pesquisa. Segundo Lopez (2007, p. 33)

> o aparecimento de notas autógrafas dignifica a estante de todo e qualquer leitor. Mas, quando se trata de bibliotecas de escritores e intelectuais de todos os naipes, a marginalia converte essas estantes em privilegiado objeto de cogitações da crítica genética, sobretudo quando não perduram conjuntos de fólios que documentam, com autonomia, o processo criativo.

Nesse sentido, este trabalho de pesquisa torna-se significativo para a reconstrução da trajetória intelectual de Pio como um autodidata que não apenas tinha livros, mas os frequentava, punha-os em diálogo uns com os outros e materializava suas interlocuções com essas obras num processo, consciente ou inconsciente, de legar aos leitores do futuro não apenas as obras em si, mas a recepção que delas fez a partir das marcas do tempo em que as leu. Muitos desses manuscritos estão à espera de leitura e análise nos campos da Literatura, da História, da Linguística, do Direito, da Política, da Zoologia entre outras áreas. Há as obras sobre língua, linguagem, linguística, lexicografia etc., daí ser conhecido na cidade de Araraquara como filólogo autodidata. Encontra-se, ainda, campo de pesquisa e ação para outras áreas do conhecimento: Arquivística (restauração e conservação de documentos e livros); Biologia (Zoologia, Botânica, Citologia); História (da cidade, dos livros, dos livros de História); Biblioteconomia; Museologia; Direito; estudo de periódicos (final do século XIX e primeira metade do século XX).

Investigar a biblioteca de Pio é enveredar no percurso de um intelectual quase anônimo que se interessou de perto pela linguagem e suas transformações. A paixão pela língua portuguesa levou-o a colecionar, e deixar como legado, obras importantes e raras para o estabelecimento de sua história, da história cultural do período e da história de nossa língua.

A biblioteca de Pio dialoga com seu fichário de estudos - espécie de enciclopédia particular que elaborou durante a maior parte da vida e que ocupa, hoje, três gavetas de sua escrivaninha – e, também, dos com seus textos autorais.

Por meio de sua vasta biblioteca e dos complementos que o estudo das obras nos permite, Pio Lourenço Corrêa compõe uma importante fase de nossa história, e aspectos de uma história da educação em seu tempo, que é relevante investigar como documentos vivos uma vez que:

> [a] história não visa estudar o passado distante e morto, mas é a contribuição que ela pode trazer à explicação da realidade em que vivemos que nos leva a ver como fundamental sua divulgação [...] Essa divulgação se torna importante na medida em que se acredita que a história, ajudando a explicar a realidade, pode ajudar ao mesmo tempo a transformá-la (BORGES, 1993, p. 8).

A esse respeito, Le Goff (2013, p. 496-497) escreve que "[o] documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram". Assim, os livros, as fichas e os documentos de Pio, repletos de ideias, são um mosaico do tempo em que o intelectual viveu e, com certeza, contribuem tanto para a compreensão daquele tempo quanto do nosso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colocamos como problema de pesquisa desta investigação a compreensão dos aspectos do contexto socioeconômico, dos fatos da vida de Pio Lourenço Corrêa, de seu autodidatismo e, em certo sentido, de seu polimatismo que se constituíram como elementos de um consórcio entre os mundos econômico e letrado, na sociedade paulista da primeira metade do século XX, e nos propusemos a interpretar esses aspectos como uma espécie de autoafirmação do capital frente à cultura por meio da ilustração, da erudição e do estudo: da educação, enfim, entendida como uma prática humanizadora.

A trajetória relevante de Pio como homem de negócios, de letras e líder de um dos clãs que esteve presente na formação do município de Araraquara certamente deixou nesse município os vestígios não só materiais, mas dos valores, legados que fazem da cidade um importante polo ao mesmo tempo econômico e cultural, cultura esta que, por assim dizer, procurou solidificar-se à moda dos clássicos, dos padrões europeus, pois era assim que isso se processava no Brasil, tanto no período Imperial, quando a cidade foi fundada, quanto na *Bélle Époque*, período em que Pio produziu e que o município ganhou influência regional, mas que também não abandonou, em seu processo constitutivo, suas origens fundadas nas civilizações nativas, dado inscrito no nome da cidade e nos movimentos dos colonizadores que se apropriaram da região, fenômeno inscrito nos hábitos típicos do sujeito do interior do estado de São Paulo, o povo caipira, como é denominado.

Em todos os momentos desse processo civilizatório da região encontramos traços da presença de Pio, quer porque ele os tenha acompanhado em vida, quer porque ele os tenha estudado. Pio promoveu certo culto aos valores tradicionalistas imperiais e aos valores clássicos importados pelo processo de colonização e foi, nesse sentido, um homem até certo ponto reacionário. Por outro lado, esse tradicionalismo também o estimulou a buscar incessantemente a origem e o sentido do topônimo que identifica a cidade em que se estabeleceu e sobre a qual exerceu grande influência. No polo oposto ao tradicionalismo, também encontramos uma faceta progressista, de homem ilustrado, apegado às técnicas científicas tanto para amparar as atividades agrícolas que desenvolvia quanto para amparar a sua erudição, uma vez que suas convicções apoiavam-se em leituras críticas, em confronto de ideias de especialistas. Como

homem de um tempo em que a informação começa a circular com maior velocidade, pelo menos para os que têm posses, Pio foi levado a certo polimatismo, justamente para dar conta do volume cada vez maior de informação que se preocupou em transformar em conhecimento e registrá-lo para as futuras gerações. Foi, em certo sentido, um educador, alguém que valorizou a vinculação entre a prática e a teoria, haja vista sua opção, no campo dos estudos da linguagem, pela linguística, pelos fatos da língua, e não apenas pela gramática, sistema ideal de organização da linguagem. Neste aspecto, a trajetória de Pio, já que falamos em rapsódia no início deste texto, remete-nos aos versos de Camões no momento da rapsódia renascentista *Os Lusíadas*, em que o poeta, no Epílogo (X, 154), dirige-se a ao rei D. Sebastião desse modo: "Nem me falta na vida honesto estudo, /Com longa experiência misturado, /Nem engenho, que aqui vereis presente,/ Cousas que juntas se acham raramente" (CAMÕES, 2002, p. 351). Neste conjunto de versos, encontramos, guardadas as devidas proporções, as qualidades que encontramos em Pio: honesto estudo, longa experiência e razoável engenho, criatividade.

Desse modo, cremos que o objetivo geral desta pesquisa de estabelecer a biobibliografia do polímata araraquarense Pio Lourenço Corrêa como fazendeiro, bibliófilo, autodidata, naturalista, filólogo e escritor foi cumprido por meio da análise do processo de formação cultural/intelectual do pesquisado como autodidata e de como se constituiu como polímata; da análise, ainda que parcial, do acervo bibliotecal que constituiu ao longo de sua vida; da divulgação dos diálogos que estabeleceu com intelectuais renomados de sua época atestados pelas dedicatórias em livros, anotações e cartas do acervo e pela redação da biobibliografia do pesquisado destacando e compondo, como em um mosaico, aqueles elementos que nos pareceram significativos para dar conta de elucidar o nosso problema de pesquisa, mesmo conscientes de que a seleção desses e não de outros aspectos é marcada pela subjetividade do investigador.

Reconstruímos aquilo que foi possível da trajetória do pesquisado, esbarrando em uma série de obstáculos. Primeiramente, reabrir a pesquisa encerrada em 2007, após 15 anos de intervalo, e reiniciar as buscas por informações com a dificuldade de encontrar pessoas que novamente pudessem dar algum testemunho sobre Pio, quase todas já falecidas. Dificuldade para atestar datas de nascimento e morte dos envolvidos, pois à época da epidemia de febre amarela na região de Araraquara, final do século XIX e início do XX, o cartório da cidade ficou fechado por oito anos. Dificuldade para organizar os papéis avulsos e recortes de jornal

colecionados por Pio, pela fragilidade do material ao desgaste do tempo. Dificuldade para realizar esta pesquisa durante a Pandemia de Covid-19 que obrigou o fechamento de instituições e impediu viagens e visitas. A constatação de que a reunião de documentos, ainda que sejam muitos, não elucida os acontecimentos, nem explica todas as facetas de uma biografia.

Um passo, no entanto, foi dado para a organização do acervo. Pensamos sobre ele, manuseamos os papéis, realizamos uma primeira classificação, chamamos a atenção para o seu valor cultural, remexemos nesse passado para trazê-lo novamente à vista. Esperamos que este trabalho estimule pesquisadores a desenvolverem estudos mais detalhados do acervo de Pio, que poderá ser mais bem conhecido ou reconhecido por meio de visitas à Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, de Araraquara/SP. Esses estudos podem, inclusive, contribuir bastante com práticas educativas baseadas em projetos que articulem estudos históricos, linguísticos e literários tendo como objeto o legado de Pio Lourenço Corrêa.

Para isso, informações sobre o autor e sua obra foram reunidos e, tanto quanto possível, inventariados e ordenados para que a consulta fique mais acessível, mas acredita-se que ainda há documentos esquecidos em gavetas de familiares e amigos; no acervo do jornal *O Imparcial*, de Araraquara/SP, que está interditado pela fragilidade dos papéis, aguardando também uma restauração; ou em lugares não imaginados, assim como funcionam também as profundezas da memória. Caberá a futuros investigadores buscar o que ainda falta, pois o campo é bastante vasto.

É preciso lembrar a importância da recuperação e da preservação dos documentos históricos, ainda que sejam relativos ao âmbito da micro-história, das histórias individuais, pessoas que não estão nos livros, mas que ajudaram a construir nossa cultura, ainda que um tanto no anonimato.

Mais especificamente sobre Pio Lourenço Corrêa, nossa pesquisa revelou que parte significativa de seus estudos como autodidata sustentaram o diálogo que estabeleceu com Mário de Andrade, principalmente sobre questões linguísticas, literárias e culturais. Em suas fichas, anotações e demais documentos estão as fontes do conhecimento linguístico e literário de que se valeu para fazer a revisão gramatical minuciosa da primeira edição da obra *Amar, verbo intransitivo* (1927), a pedido de seu autor, Mário de Andrade. Por intermédio do modernista também adquiriu e ampliou conhecimento, o que evidencia a disposição de Pio para o diálogo. Exemplo disso, foi o fato de ter aceitado e convite para participar, como ouvinte, do I Congresso

da Língua Nacional Cantada, em 1937, organizado por Mário de Andrade na cidade de São Paulo, com a participação também de intelectuais de destaque na época. Também contribuiu de modo mais indireto com as produções de Mário de Andrade, pois foi na biblioteca da Chácara da Sapucaia, que contava com obras raras e de destaque para a época, que Mário de Andrade realizou parte de suas pesquisas para a construção da narrativa *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* (1928). Além disso, seus "casos" serviram de inspiração para histórias regionais escritas pelo autor de *Macunaíma,* que os utilizou em contos publicados no livro *Primeiro andar* (1926): "Caso pançudo", "Caso em que entra bugre", "Caçada de macuco". Em outro momento, também contou "casos", histórias regionais para Antonio Candido, narrativas que foram úteis para o clássico *Parceiros do Rio Bonito* (1964), que trata das transformações da vida do caipira diante da expansão econômica capitalista, da crise desse impacto na cultura desse sujeito crise que, de certo modo, se não foi vivida do ponto de vista do homem simples do campo, foi testemunhada por Pio, em certos aspectos um dos agentes dessa transformação, haja vista sua atuação tanto econômica quanto política, como vereador e Presidente da Câmara de Vereadores, em Araraquara.

Como qualquer sujeito, Pio teve suas contradições, em parte produzidas pelo meio, em parte ampliadas por certas idiossincrasias, também próprias de qualquer sujeito em interação com as dinâmicas sociais, nem sempre pacíficas, de seu tempo. Essas contradições foram captadas pelas pessoas que conviveram com ele e se materializaram em outros casos, agora tendo-o como personagem principal, que foram recolhidos por meio de entrevistas de Antonio Candido e de Renato Rocha ou ficcionalizados em aspectos de personagens criados pelo seu interlocutor mais regular e famoso, Mário de Andrade. Exemplo deste último caso é a figura austera, metódica e um tanto cruel do velho Prestes, protagonista do conto "O poço", de *Contos novos* (de 1947).

No âmbito acadêmico, em nossa área de pesquisa, o que nos interessa de fato é o legado cultural que deixou, tanto do ponto de vista do valor afetivo, as diversas primeiras edições autografadas e com dedicatória de Mário de Andrade e de autores importantes da época que agora compõem o acervo da Biblioteca de Araraquara, quanto do ponto de vista do valor de cultural, do potencial que esses documentos têm para o estudo histórico da língua, que são os dicionários, as gramáticas e os livros de linguística que legou. Essa herança, sem dúvida, pode enriquecer os processos educacionais não só do município, mas também de outras comunidades.

Além disso, sua coleção de fichas de caráter enciclopédico, como destacamos, é, ao lado dos recortes de jornal e outros documentos, rico acervo complementar para pesquisas sobre a recepção que as teorias linguísticas ou ideias artísticas tiveram em certa parcela da sociedade brasileira metonimizada pela figura de Pio.

O honesto estudo de Pio permitiu, ainda, que ele fosse reconhecido em seu tempo como autoridade em certas áreas do conhecimento, como atestam as citações que teve em artigos de jornal ou as consultas feitas a ele por especialistas sobre questões de linguagem, documentos que estão conservados na sala dedicada a ele. Como se interessava também pelas áreas de Zoologia e Botânica, colecionando livros sobre os assuntos, tornou-se referência na área, bem como aplicou os conhecimentos nas suas atividades de agricultor, pecuarista e apicultor. Misturado a esse honesto estudo e à experiência, contudo, destaca-se o engenho de Pio, sua criatividade, e este é um dado importante que queremos destacar nesta pesquisa: sua numerosa produção de textos sobre gramática publicados em periódicos da cidade de Araraquara, São Paulo e Rio de Janeiro, são preciosas fontes para pesquisa do desenvolvimento da língua e dos estudos linguísticos na primeira metade do século XX no Brasil; as quatro edições da *Monografia da palavra Araraquara* (1936, 1937, 1940 e 1952), em que ele não só cria uma hipótese diferente da usual para a origem do nome de sua cidade como também justifica essa origem por meio de pesquisas etimológicas, projeto que permeou a maior parte de sua trajetória intelectual como símbolo da busca das raízes de sua região no vestígio material que restou da gênese do lugar: a palavra, reconhecida por Pio, aliás, sob a perspectiva linguística, como aquele elemento que une a parte material, o significante, à parte imaterial, o significado ou a ideia que veicula. Daí, talvez, o grande interesse de Pio em colecionar palavras, possibilitado pelos seus momentos de ócio bastante produtivos os quais fez questão de registrar, não só para preservar a sua memória, mas para preservar a memória coletiva.

Em que pesem as ressalvas que possam ser feitas à figura do fazendeiro abastado, que interagia com a classe mais favorecida da região, estas ressalvas equilibram-se com a capacidade de Pio para interagir com uma elite intelectual do período e com o fato de que, apesar do seu perfil conservador, defensor de regras na gramática e nas artes, principalmente na literatura, ter conservado disposição de acompanhar, ainda que criticamente, o movimento modernista de perto, dialogando e até aconselhando um de seus principais idealizadores, Mário de Andrade.

Por fim, sempre procurando destacar as contribuições do objeto de nossa pesquisa para a educação ou para uma certa faceta da história da educação, chamamos a atenção para o legado material da Sala Pio & Mário e para a necessidade urgente de investimento na conservação desse material e da divulgação dele para que desperte o interesse de futuros investigadores.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

AGUIAR, Apparecida J. G. Aguiar. *Araraquara:* aspectos de sua história. Araraquara: s/e, 2003.

ALMEIDA, Nelson Martins de. *Álbum de Araraquara – 1948.* Araraquara: Câmara Municipal, 1948.

ANCHIETA, Joseph de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do padre José de Anchieta, S. J. (1554 - 1594).* Intr.: Afrânio Peixoto. Vida do Padre José de Anchieta por Antônio de Alcântara Machado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião:* 23 livros de poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRADE, Mário de. *Há uma gota de sangue em cada poema*. São Paulo: Gráfica Pocai, 1917.

ANDRADE, Mário de. *Pauliceia desvairada*. São Paulo: Casas Mayença, 1922.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma* – o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Oficinas Gráficas Eugenio Cupolo. 1928.

ANDRADE, Mário de. *Fräulein*. Trad. de Margaret Richardson Hollingsworth. Nova Iorque: Macaulay, 1933

ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*. São Paulo: Martins, 1943.

ANDRADE, Mário de. *Contos novos*. São Paulo: Martins, 1947.

ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz.* Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma* - o herói sem nenhum caráter. Ed. Crítica. Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro/ São Paulo: LTC/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

ANDRADE, Mário de. *Namoros com a Medicina*. 4.ed. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

ANDRADE, Mário de. *Obra imatura:* Há uma gota de sangue em cada poema, Primeiro andar, A escrava que não é Isaura. 3.ed. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma* - o herói sem nenhum caráter. Ed. crítica organizada por Telê Ancona Lopez. 2.ed. São Paulo/ Rio de Janeiro/ Paris/ México/ Buenos Aires: Association Archives Xxe siècle, 1996.

ANDRADE, Mário de. *Os melhores contos de Mário de Andrade*. Seleção de Telê Ancona Lopez. 8a ed. São Paulo: Global, 2000.

ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ANDRADE, Mário de & CORRÊA, Pio Lourenço. *Pio & Mário:* diálogo da vida inteira. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC, 2009.

ARRUDA FILHO, Oroncio Vaz de. *Andanças*. São Paulo: Nobel, 1987.

BARBOSA, Rui. Réplica. In: *Obras completas de Rui Barbosa* - v. 29, t. 2. Prefácio e revisão do Padre Augusto Magne, S. J. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1953.

BATISTA, Marta Rossetti; LIMA, Yone Soares de; LOPEZ, Telê Ancona (Org.). *Brasil:* primeiro tempo modernista, 1917/29: documentação. São Paulo: IEB, 1972.

BATISTA, Marta Rossetti & LIMA; Yone Soares de. *Coleção Mário de Andrade:* artes plásticas. 2.ed. São Paulo: IEB, USP, 1998.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. Os instrumentos de pesquisa no processo historiográfico. In: *CD-ROM comemorativo do XIV Congresso Brasileiro de Arquivologia:* a arquivologia e a construção social do conhecimento. Rio de Janeiro: FEMADE Tecnologia, 2008.

BENINCASA, Vladimir. *Velhas fazendas:* arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara 1830-1930. São Carlos: EdUFSCar; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

BORBA, Lilian do Rocio. *Língua e mestiçagem*: uma leitura das reflexões linguísticas de Gilberto Freyre. Tese de Doutoramento em Linguística do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/novembro2013/sociologia_artigos/borba_tese.pdf>. Acessado em 26/6/2022.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História.* 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BPMMA – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, de Araraquara/SP – *site* oficial: https://www.araraquara.sp.gov.br/governo/secretarias/cultura/paginas-cultura/biblioteca-publica-municipal

BRAGA, Cincinato. *Almanack de São Carlos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1894.

BRISO, Caio Barretto. Enciclopédia de Mário de Andrade é concluída. *Folha de S. Paulo* – Ilustrada. São Paulo, 10 nov. 2009. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1011200915.htm

BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

BURKE, Peter; PORTER, Roy (org.). *Linguagem indivíduo e sociedade:* história social da linguagem. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular:* o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora da Unesp, 2017.

BURKE, Peter. *O polímata:* uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag. Trad.: Renato Prelorentzou. São Paulo: Editora da Unesp, 2020.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia.* Trad.: Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1990.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira:* momentos decisivos. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito:* estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 12.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Edusp, 2017.

CASTRO, Eduardo de Sá Pereira de. *Explicador de Arithmetica*. 7.ed. Rio de Janeiro: Nicolau Alves, 1885.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade:* exílio no Rio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3.ed. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CMA – LD – CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA – Legislação Digital – Disponível em: \https://legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisOrdinarias/606 – Acesso em 12/07/ 2022.

COELHO, Jacinto do Prado. Verbete "Camilo Castelo Branco". In: COELHO, Jacinto do Prado (Direção). *Dicionário de Literatura brasileira, portuguesa, galega e estilística literária*. 1° vol. Porto: Figueirinhas, 1987, p. 161.

COQUEIRO, Mota. O caso do barraqueiro. *Revista Papel e Tinta*, 1921.

COQUEIRO, Mota. Araquá, Araquara, Araraquara. *Revista de Filologia Portuguesa*, v. 5, p. 69.

COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 1.ed. Araraquara: Gráfica dos Irmãos Lia, 1936. (CPLC)

COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 2.ed. refundida e aumentada. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1937. (CPLC)

COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 3.ed. novamente revista e melhorada. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1940. (CPLC)

COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem. *Revista Esfera*, ano V, Maio, n. 14, 1946. (CPLC)

COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 4.ed. novamente revista e melhorada. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1952. (CPLC)

CORRÊA, Anna Maria Martinez. *Araraquara – 1720-1930:* um capítulo da história do café em São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. *Fotografia e memória em Araraquara*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2015.

DOIN, José Evaldo de Mello *et al*. A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930) - a proposta do Cemumc. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.27, n.53, p.91-122, jun. 2007. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100005&lng=pt&nrm=iso>.
Acessos em 25 fev. 2021**.** https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000100005**.**

DOSSE, François. *O desafio biográfico:* escrever uma vida. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil.* 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1999.

FIGUEIREDO, Candido de. *Novo diccionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Liv. Clássica Editora de A. M Teixeira, 1913.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Paris: Bibliotheque Charpentier, 1911.

FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na* Belle Époque *paulista.* São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

FOLLIS, Fransérgio; TRUZZI, Oswaldo. *A ocupação dos sertões de Araraquara:* das sesmarias e apossamentos à Lei de Terras de 1850. São Carlos: EdUFSCar, 2012.
FRANÇA, Antonio M. *Álbum de Araraquara – 1915.* Araraquara: Câmara Municipal, 1915.

GUARANHA, Denise L. C. *A riqueza nas diferenças:* edição fidedigna e anotada da correspondência Mário de Andrade & Pio Lourenço Corrêa (1917-1945). Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2007.

GUARANHA, Denise L. C.; GUARANHA, Manoel F. Tradição e modernidade em diálogo na correspondência entre Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade. *FronteiraZ:* Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária, nº 16, p.231-248, 2016. Disponível em:
https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/24426/20191. Acesso em 27/11/ 2018.

GUARANHA, Denise L. C. *Instrumento de Pesquisa:* bibliografia *de* e *sobre* Pio Lourenço Corrêa. Marília: Unesp, 2018 (documento digitado).

GUITTON, Jean. *O trabalho intelectual* – Conselhos para os que estudam e para os que escrevem. Trad.: Lucas Félix de Oliveira Santana. Campinas/SP: Kírion, 2018.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. *No Mundo*. História das Artes, 2022. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/nomundo/>. Acesso em 30 Set. 2022.

J., F. J. *Élements de Géométrie*. 5.ed. Paris: Poussielgue Freres; Tours: Alfred Mames et Fils, 1885.

KEITH, Sir Arthur. *The antiquity of man*. Londres, s.ed., 1929.

KRAVCHENCKO, Victor. *I choose freedom*. New York: Garden City Publishing Co., 1905.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad.: Bernardo Leitão. 7.ed. revista. Campinas – SP: Unicamp, 2013.

LEROI-GOURHAN, André. *O gesto e a palavra.* Vol. 2- Memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 2002.

LOEFGREN, Alberto. *Analysis de plantas:* ensaio para uma botanica descriptiva. São Paulo: Typographia e Papelaria de Vanorden e Co., 1905.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação. In: *Criação em processo: ensaios de crítica genética* [S.l: s.n.], 2002.

MAGNE, Augusto. *A demanda do Santo Graal*, v.1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

MERÊA, Manuel Paulo. *Codigo Civil Brasileiro*. Lisboa: Liv. Clássica Editora de A. M Teixeira, 1917.

MÖLLER, Renato César & SÁ, Celso Pereira de. A memória social de um crime e de uma pena de morte no Brasil império. *Revista Psicologia e Saber Social*. Rio de Janeiro: UERJ, n.1, 2012, p. 66-84.

MORAES, Marco Antônio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2001.

NERY, Ana Clara Bortoleto. Bibliotecas Escolares nas Escolas Normais no Brasil: Constituição do Lugar e dos Sujeitos. *Educação em Foco*, ano 19 - n. 29 - set/dez. 2016 - p. 235-251.

NERY, Ana Clara Bortoleto. *A Sociedade de Educação em São Paulo:* embates no campo educacional (1922-1930). São Paulo: Ed. da Unesp, 2009.

NORMALIZAÇÃO ABNT - COMO FAZER REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. *Site* oficial da UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Biblioteca/normalizacao-abnt-referencias-2019.pdf. Acesso em 05/05/19.

NORMALIZAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS. *Site* oficial da UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/#!/biblioteca/normalizacao-de-trabalhos-academicos/. Acesso em 05/05/19.

O IMPARCIAL. Araraquara/SP, 2018. *Site* oficial: https://jornalimparcial.com.br/

PAES, José Paulo. *Gregos & baianos.* São Paulo: Brasiliense, 1985.

PINTO, Edith Pimentel. *A gramatiquinha de Mário de Andrade:* texto e contexto. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

PMA – PREFEITURA MUNICIPAL DE ARARAQUARA. *Site* oficial: http://www.araraquara.sp.gov.br – Acesso em 7/2/2019.

QUEIROZ, Eça. *A cidade e as serras*. São Paulo: Ediouro, s/d.

QUEIROZ, Eça. *Contos*. São Paulo: Ediouro, 1996.

RABELLO, Ivone Daré. *A caminho do encontro:* uma leitura de Contos Novos. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. São Paulo: USP, n. 36,1994.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. 3.ed. Trad.: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. História Social, n. 24, primeiro semestre de 2013.

SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean-Pierre (org.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

TELAROLLI, R. *Brito: república de sangue*. Araraquara: Edições Macunaíma, 1997, p.219-216.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro.* 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

TORRES, Lemos. Biografia de Olivério Mário de Oliveira Pinto. In: *História da Medicina Paulista*. Disponível em: http://lemostorresepm.blogspot.com/2019/03/biografia-de-oliverio-mario-de-oliveira.html. Acesso em 22 /4/ 2022.

TRUZZI, Oswaldo. *Café e indústria. São Carlos 1850-1950*. Arquivo de História Contemporânea, UFSCar, s/d.

TUFANO, Douglas. *Civilização e outros contos*: Eça de Queirós. São Paulo, Moderna, 1996, p.51 – 67.

VECHI, Carlos Alberto [*et al.*]. *A Literatura portuguesa em perspectiva*, v. 3 - Romantismo e Realismo. São Paulo: Atlas, 1994.

VIEIRA, M. P. de A.; PEIXOTO, M. R. C.; KHOURY, Y. M. A. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 2007.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade:* na história e na literatura. Trad.: Paulo Henriques Britto.São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WHITAKER, Dulce C. A. *Araraquara* – Histórias não reveladas. Presidente Venceslau/SP: Letras À Margem, 2004.

APÊNDICE

1 BIBLIOGRAFIA *DE* PIO LOURENÇO CORRÊA SOB O PSEUDÔNIMO DE MOTA COQUEIRO

1.1 Livro

MOTA COQUEIRO. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 1. ed. Araraquara: edição do autor, Gráfica dos Irmãos Lia, 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 2. ed. refundida e aumentada. São Paulo: edição do autor, Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1937. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 3. ed. novamente revista e melhorada. São Paulo: edição do autor, Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1940. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 4. ed. novamente revista e melhorada. São Paulo: edição do autor, Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1952. (CPLC)

1.2 Textos em periódicos

MOTA COQUEIRO. O caso do barraqueiro. *Papel e Tinta***,** a.1, São Paulo/ Rio de Janeiro: Sociedade Editora Non Ducor Duco Ltda., jan./ fev. 1921, p. 5-6. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Ortografia. *Diário Nacional*. São Paulo, 29 jan. 1930. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Araquá, Araquara, Araraquara (Um pouco de história e um pouco de tupi). *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, a. 1, v. 10. São Paulo: Depto. do Expediente e do Pessoal, mar. 1935, p.152-154. (BMA-IEB-USP)

MOTA COQUEIRO. Expansão cultural - A palavra Araraquara. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, a. 2, v. 15. São Paulo: Depto. de Cultura e de Recreação, ago. 1935, p. 209-213. (BMA-IEB USP)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem I: Pomba cascável – Pomba cascavél – Fogo apagou – (*Scardafella squamosa*). *O Imparcial*. Araraquara, 14 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem II: Salvage – Salvagem – Selvagem. *O Imparcial*. Araraquara, 16 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem III: Manguari – Gabalau – Galalau. *O Imparcial.* Araraquara, 18 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem V: Gibioa – Jibóia – Jimboia – Boitiapó – Boitiapoia. *O Imparcial*. Araraquara, 20 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem V (continuação): Giboia – Jibóia – Jimboia – Boitiapó – Boitiapoia. *O Imparcial*. Araraquara, 22 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem V (continuação): Ainda a giboia ou jiboia. *O Imparcial*. Araraquara, 25 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem VII: Micer – Lúdrico. *O Imparcial*. Araraquara, 26 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem VI: Milhos – Quirera – Cangica – Cangiquinha – Chôça. *O Imparcial*. Araraquara, 28 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem VIII: Meirinho. *O Imparcial*. Araraquara, 29 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem VIII: Beijo – Beijinho – Beijú – Bijú. *O Imparcial*. Araraquara, 2 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem IX: Martelo. *O Imparcial*. Araraquara, 4 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem X: Catre. *O Imparcial*. Araraquara, 5 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XI: Boicorá – Cobra corá – Cobra coral. *O Imparcial.* Araraquara, 6 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XII: Dezesseis, dezessete, dezenove, ou dezasseis, dezassete, dezanove? *O Imparcial*. Araraquara, 7 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XIV: Lúdicro ou lúdrico? *O Imparcial*. Araraquara, 12 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XVI: Rolinha xèrèré – Caracará. *O Imparcial.* Araraquara, 19 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XVII: Água vai! *O Imparcial.* Araraquara, 20 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XVIII: Leque. *O Imparcial*. Araraquara, 30 [jul.] 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XX: Inho – inha – nhô – nhá – minho – inhô. *O Imparcial*. Araraquara, 3 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXI: Veio ou veiu? (verbo vir) – Ontem ou hontem? *O Imparcial.* Araraquara, 4 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXII: Cedilha, plica, zeura. *O Imparcial.* Araraquara, 6 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXIII: Ortografia ocular. *O Imparcial.* Araraquara, 7 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXIII (continuação): Ortografia ocular. *O Imparcial*. Araraquara, 8 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXIV: Inho, zinho, (ito, zito). *O Imparcial.* Araraquara, 9 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXIV (continuação): Inho, zinho, (ito, zito). *O Imparcial.* Araraquara, 10 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXV: A propósito de veio (verbo vir). *O Imparcial*. Araraquara, 11 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXVI: Sebo, não cebo. *O Imparcial.* Araraquara, 5 abr. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXVII: Pois não! Não, igual a sim; sim, igual a não. Por amor de. *O Imparcial.* Araraquara, 12 abr. 1936, p. 4. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXVIII: Haver-se. Avir-se. Carecer. Precisar. *O Imparcial.* Araraquara, 19 abr. 1936, p. 3. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXIX: Água de Córdova. *O Imparcial.* Araraquara, 26 abr.1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXX: Barêja – vareja. *O Imparcial.* Araraquara, 3 mai. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXI: Mulher, esposa, senhora. *O Imparcial*. Araraquara, 10 mai. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXII: A troca do B pelo V. *O Imparcial*. Araraquara, 17 mai. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXIII: Gomitar, vomitar. *O Imparcial.* Araraquara, 24 mai. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXIV: Alguém e ninguém/ Atreiçoado e atraiçoado. *O Imparcial*. Araraquara, 31 mai. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXV: Ortografia. *O Imparcial*. Araraquara, 7 jun. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXVI: Ortografia. *O Imparcial*. Araraquara, 14 jun. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXVII: Ortografia. *O Imparcial*. Araraquara, 21 jun. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXVIII: Ortografia. *O Imparcial.* Araraquara, 5 jul. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXIX: Ortografia: - os acentos gráficos. *O Imparcial*. Araraquara, 12 jul. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XL: Aumentativos e diminutivos. *O Imparcial.* Araraquara, 2 ago. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLI: Aumentativos e diminutivos. *O Imparcial*. Araraquara, 16 ago. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLII: Aumentativos e diminutivos. *O Imparcial*. Araraquara, 30 ago. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLIII: Bocó; bogó; mocó. *O Imparcial*. Araraquara, 6 set. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLIV: Desinsarado; desinsofrido; desinquieto; desinfeliz. *O Imparcial.* Araraquara, 17 out. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLV: Se o não encontre – Se o espera. *O Imparcial.* Araraquara, 24 out. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLVI: Se o não encontre. Se o espera (Continuação). *O Imparcial.* Araraquara, 31 out. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLVII: Se o não encontre. Se o espera (Conclusão). *O Imparcial.* Araraquara, 7 nov. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLVIII: Nhato. *O Imparcial*. Araraquara, 5 nov. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Com as apostilas. *O Imparcial.* Araraquara, 30 abr. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Língua brasileira. S. n. t. [Post. 18 jul. 1935.]. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. A palavra Araraquara. *Folha da Manhã*. São Paulo, 27 nov. 1936, p. 6-7. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem: Onde se o não encontre... quando se o espera. *O Estado de S. Paulo.* São Paulo, 14 set. 1941, p. 4. (Arquivo do Estado de São Paulo)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem: O pronome se, sujeito de oração**.** *O Estado de S. Paulo.* São Paulo, 21 set. 1941, p.4. (Arquivo do Estado de São Paulo)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem: Propositал; Propositado – Propositalmente; Propositadamente. [*Revista Bellas Artes*], a. 4, nº 37-38. Rio de Janeiro, mai.-jun. 1938. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem: Beijo – Beijinho – Beijú – Bijú. *Revista Esfera***,** a. 4, nº 11. Rio de Janeiro, dez. 1945, p. 28. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem: Pomba cascável – Pomba cascavél – Fogo apagou – (*Scardafelia Squamosa*). *Revista Esfera***,** a. 5, nº 12. Rio de Janeiro, fev. 1946, p. 46. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem: Martelo. *Revista Esfera***,** a. 5, nº 14. Rio de Janeiro, mai. 1946, p. 40. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Sucuri – sucuriú – sucurijú. *Revista de Cultura*, a. 12, v. 23, nº 133. Rio de Janeiro: s/e, jan.-jun. 1938, p. 161-163. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Tu-tuca-tutuca. *Revista de Cultura*, a. 12, v. 23, nº 133. Rio de Janeiro: s/e, jan.-jun. 1938, p. 245-247. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Giboia. *Revista de Cultura*, a. 12, v. 24, nº 140. Rio de Janeiro: s/e, jul.-dez. 1938, p.72-75. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Febre amarela. *Correio Popular*. Araraquara, 5 fev. 1950. (CPLC).

MOTA COQUEIRO. Discurso do filólogo araraquarense Sr. Pio Lourenço Corrêa. *O Imparcial*, Araraquara, 3 mar. 1946. (CPLC)

2 BIBLIOGRAFIA *DE* PIO LOURENÇO CORRÊA SEM O USO DE PSEUDÔNIMO

2.1 Colaboração em livros

CORRÊA, Pio Lourenço. Estudo Histórico-Linguístico do nome da cidade e município de Araraquara. *In*: ALMEIDA, Nelson Martins de (Org.). *Álbum de Araraquara – 1948.* 1. ed. Araraquara (SP): ed. do org., p. 26-27.

CORRÊA, Pio Lourenço. A abolição em Araraquara. *In*: ALMEIDA, Nelson Martins de (Org.). *Álbum de Araraquara – 1948.* 1. ed. Araraquara (SP): ed. do org., p. 27-28.

CORRÊA, Pio Lourenço. A febre amarela em Araraquara. *In*: ALMEIDA, Nelson Martins de (Org.). *Álbum de Araraquara – 1948.* 1. ed. Araraquara (SP): ed. do org., p. 39-40.

CORRÊA, Pio Lourenço. O depoimento confidencial de Pio Lourenço Corrêa, um documento único. *In*: TELAROLLI, R. *Brito: república de sangue*. Araraquara: Edições Macunaíma, 1997, p.219-216.

3 BIBLIOGRAFIA *SOBRE* PIO LOURENÇO CORRÊA

3.1 Livro

ANDRADE, Mário de & CORRÊA, Pio Lourenço. *Pio e Mário:* diálogo da vida inteira. 1. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, São Paulo: SESC, 2009. (Correspondência de 1917 a 1945).

3.2 Dissertação

GUARANHA, Denise Landi Corrales. *A riqueza nas diferenças:* edição fidedigna e anotada da correspondência Mário de Andrade & Pio Lourenço Corrêa (1917-1945). Orientadores: Therezinha Apparecida Porto Ancona Lopez e Marcos Antonio de Moraes. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). São Paulo: USP, 2007.

3.3 Capítulos de livros

AGUIAR, Apparecida J. G. Pio Lourenço Corrêa. *In*: *Araraquara - Aspectos da sua história***.** Araraquara: s/e, 2003, p.177.

CANDIDO, Antonio. Mário de Andrade e o velho Pio. *In*: *O albatroz e o chinês.* Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 119-122.

CANDIDO, Antonio. Pio Lourenço Corrêa. *In*: *O albatroz e o chinês.* Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 123-126.

3.4 Textos com menções a Pio Lourenço Corrêa em livros

ANDRADE, Mário de. A língua nacional. *In*: *Vida literária*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Sônia Sachs. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993, p. 175-178.

ANDRADE, Mário de. O baile dos pronomes. *In*: *O empalhador de passarinho.* 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002, p. 269-274.

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz***.** Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Ruth Cardoso:* fragmentos de uma vida. Rio de Janeiro: Globo, 2012.

CAMARGO, Eduardo Ribeiro dos Santos. *Os Novaes de São Paulo* - Achegas Genealógicas. 2. ed. São Paulo: Assembleia Legislativa, 1996, p. 16-19; 254-272.

CANDIDO, Antonio. Eça de Queirós passado e presente. *In*: *O albatroz e o chinês.* Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004, p. 85-100.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito:* estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Edusp, 2017, p.15.

CASTRO, M. W. de. *Mário de Andrade:* exílio no Rio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

FONSECA, Maria Augusta. *Por que ler Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2013.

FRANÇA, Antonio M. (Org.). *Álbum de Araraquara*. Araraquara: Câmara Municipal; João Silveira, 1915.

RABELLO, Ivone Daré. *A caminho do encontro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

3.5 Textos com menções a Pio Lourenço Corrêa em periódicos

ALMEIDA, Aline Novais de. A biblioteca fantástica de Mário de Andrade. *Revista Criação & Crítica*, n. 9. São Paulo: USP, 2012.

ANDRADE, A. dos S. Rozendo de Souza Brito: série Rosarenses ilustres: um crime em Araraquara. n. 5. *Blog Fontes da História de Sergipe*. 13 set. 2009. Disponível em: fontesdahistoriadesergipe.blogspot.com.br/2009/09/um-rosarenselichado-em-araraguara-sp.html. Acesso em: 27 nov. 2018.

ARCAIDE, Adriane Souza et al. Quatro bibliotecas públicas no interior do estado de São Paulo. *Anais do Congresso de Leitura – COLE*. 2016. Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss03_05.pdf

ÁVILA, Edmar de Assis Campelo. Brasil: uma literatura vista das margens. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências*. USP – São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008.

AYROSA, Plínio. Araraquara. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 mar. 1940. (FPLC)

AYROSA, Plínio. Araras. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 mai. 1940. (FPLC)

BARRETO, L. A. *Araraquara:* a marca da tragédia. *Site Infonet*. Disponível em: http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto.ler.asp?id. Acesso em 27 nov. 2018.

BEZZON, Rafael Franklin Almeida; BERGO, Renan. Com a terra, pela terra e para a terra. Que já é tempo - Conversa com Eduardo Viveiros de Castro. *Cadernos de campo*: Revista de Ciências Sociais, n. 21. Araraquara: UNESP, p. 13-23, 2016.

BUSCÁCIO, Lívia Letícia Belmiro. As tensões na língua brasileira pelo arquivo de Mário de Andrade. *Anais do III Seminário Interno de Pesquisas do Laboratório Arquivos do Sujeito.* UFF, Niterói (RJ), 3, p. 127-138, 2015.

BUSCÁCIO, Lívia Letícia Belmiro. Mário de Andrade, um arquivo de saberes sobre a língua no Brasil, um projeto de pesquisa. *Anais do I Seminário Interno de Pesquisas do Laboratório Arquivos do Sujeito*, Niterói (RJ), 1, p. 69-81, 2012.

CALONI, B. Rozendo de Brito: um forasteiro inconsequente. Jornal *O Imparcial*, Araraquara, 2003. (Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara).

CANDIDO, Antonio. Seu nome está na rua. *O Imparcial*, Araraquara, 24 fev. 2002, p.3.

CERQUEIRA, Rodrigo. A torre de marfim de um modernista arrependido – apontamentos sobre a trajetória crítica de Antonio Candido. *Itinerários – Revista de Literatura*, 2010.

FIGUEIREDO, Tatiana Longo. Entre fichas e livros: trajetos da criação de Mário de Andrade. *Anais do Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética*, X Edição, 2012, p. 203-211.

FIGUEIREDO, Tatiana Longo. As primeiras fichas do modernista Mário de Andrade. *Revista Remate de Males*, 2013. Campinas (SP), p. 245-254, jan. - dez. 2013.

FRANÇOSO, Luís Michel. Linchaquara – o assassinato dos Brito. *Cadernos de Campo:* Revista de Ciências Sociais, n. 19, 2015, p. 61-85.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Perfis. *Literatura e Sociedade*, Revista do Departamento de Teoria Literária da USP, n. 12, p. 38-61, 2009. Disponível em: http://www.dtllc.fflch.usp.br/node/127 Acesso em: 9 dez. 2018.

GRILLO, Angela Teodoro. Quando a porca torce o rabo: as notas de trabalho no processo criativo do estudo Preto, de Mário de Andrade. *Revista Eletrônica ManusCrítica*. São Paulo: USP, FFLCH, n. 23, 2012.

GUARANHA, Denise L. C.; GUARANHA, Manoel F. Tradição e modernidade em diálogo na correspondência entre Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade. *FronteiraZ:* Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária, n. 16, p.231-248, 2016.Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/24426/20191. Acesso em 27 nov. 2018.

HAAG, Carlos. Nas entranhas da invenção. *Revista de Pesquisa FAPESP*. Edição 168, fev. 2010. Disponível em: http://revistapesquisa.fapesp.br/2010/02/05/nas-entranhas-da-ven%C3%A7%C3%A3o/ Acesso em 27 nov. 2018.

LAFER, C. Novas considerações sobre *O albatroz e o chinês*. *Revista USP*, n. 118, p. 49-62. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i118p49-62 Acesso em: 9 de dez. 2018.

LOPEZ, Telê Ancona. Mário de Andrade leitor e escritor: matrizes e marginalia. *Guavira Letras*, Três Lagoas/MS, n. 23, p. 14-33, jul./dez. 2016. Disponível em: http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/466/431 - Acesso em 27 nov. 2018.

LOPEZ, Telê Ancona. Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem de sua biblioteca e de sua marginalia. *Escritos* – Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: casaruibarbosa.gov.br

MARQUES, I. (2012). Modernismo de pés descalços Mário de Andrade e a cultura caipira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 55, p. 27-42. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i55p27-42 Acesso em 9 nov. 2018.

MENDES, Marlene Gomes. Diálogo Mário e Tio Pio. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 36. São Paulo: IEB - USP, 1994, p. 190-243.

MORAES, Marcos Antônio de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. *Revista Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLA – CEDAP, v.4, n. 2, p. 115-128, jun. 2009.

MORAES, Marcos Antônio de. 124 erros de revisão! *Literatura e Sociedade*, n. 12, Revista do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, São Paulo: USP, p. 224-239, 2009.
MORAES, Ricardo Gaiotto de. "Deus me livre de dizer com isso que a sua indicação está errada": correspondência de Mário de Andrade e Graco Silveira. *Revista Eixo Roda*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 119-136, 2018. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/13288/1125611640 Acesso em 27 nov. 2018.

MOREIRA, R. (1953). Pio Lourenço Corrêa: Monografia da palavra Araraquara. *Revista de Antropologia*, *1*(1), 78. Disponível em: https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1953.131246. Acesso em: 25 nov. 2018.

REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, n. 36. São Paulo: IEB-USP, 1994. (Nº comemorativo do centenário de Mário de Andrade em 1993.)

SANTOS, Elisângela de Jesus; SOUZA, Sérgio Luís de. Para além do Iluminismo: problematizando conceitos de cultura e política na desconstrução de estereótipos racistas. *Revista café com sociologia*, vol.3, n.1, jan. de 2014, p. 103-116. Disponível em: file:///C:/Users/Manoel%20Guaranha/Downloads/116-715-1-PB.pdf Acesso em 9 dez. 2018.

SLATER, C. Candace Slater. *Literatura e Sociedade*, v.14, n.11, 2009, 22-27. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i11p22-27 Acesso em 29 mai. 2019.

SOUZA, Gilda de Melo e. O arcaico e o moderno. A amizade epistolar entre Mário de Andrade e Pio Lourenço Corrêa. *Revista Piauí* – ed. 31. Seção Correspondência. Abr. 2009. Disponível em:
https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-arcaico-e-o moderno/?doing_wp_cron=1543165947.4801321029663085937500 – Acesso em 25 nov. 2018.

UNESP: BERÇO DE MACUNAÍMA É PRESERVADO COMO CENTRO CULTURAL EM ARARAQUARA. *Portal do Governo*, qua., 21/01/2004. Disponível em:http://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/unesp-berco-de-macunaima-e-preservado-como-centro-cultural-em-araraquara/ Acesso em 25 nov. 2018.

WEGNER, Robert. A doença nervosa de Mário de Andrade: neurastenia e identidade. *Anais do XXVII – Simpósio Nacional de História* – Conhecimento Histórico e Diálogo Social – ANPUH. Natal (RN) – 22 a 26 de jul. 2013. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. Disponível em:http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364916190_ARQUIVO_TrabalhoCompleto-VersaoProvisoria-ANPUH2013-RobertWegner.pdf Acesso em 9 dez. 2018.

3.6 Menções na correspondência de Mário de Andrade a outros destinatários

ANDRADE, Carlos Drummond de (Org.). *A lição do amigo*. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

FERNANDES, Lygia (Org.). *71 cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: São José, 1968.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: IEB/EDUSP, 2000. Disponível em:
http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/issue/view/3841. Acesso em 25 nov. 2018.

3.7 Menções em dissertações e teses

ÁVILA, Edmar de Assis Campelo. *Entre cartas e versões o artefazer em Amar, verbo intransitivo*. Orientadora: Maria Augusta Bernardes Fonseca. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo: USP, 2015.

CUNHA, Bruna Araújo. *Ruas do meu São Paulo:* notações sensoriais e visões críticas na poética de Mário de Andrade. Orientadora: Joelma Santana Siqueira. Dissertação (Mestrado em Letras). Viçosa (MG): UFV, 2014. Disponível em: http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4877/texto%20completo.pdf?sequence=1. Acesso em 25 nov. 2018.

FIGUEIREDO, Tatiana Maria Longo dos Santos. *Café:* o trajeto da criação de um romance inacabado de Mário de Andrade. Orientadora: Therezinha Apparecida Porto Ancona Lopez. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). São Paulo (SP): USP, 2009.

KIMORI, Lígia Rivello Baranda. *Os mestres no passado:* Mário de Andrade lê os parnasianos. Orientadora: Therezinha Apparecida Porto Ancona Lopez. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). São Paulo: USP, 2014. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-24042015-105947/pt-br.php

MACHADO, Márcia Regina Jaschke. *Manuscritos de outros escritores no Arquivo Mário de Andrade:* perspectivas de estudo. Orientadora: Therezinha Apparecida Porto Ancona Lopez. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). São Paulo: USP, 2005.

MARQUES, Aline Nogueira. *Caminhos da criação:* catálogo analítico dos dossiês literários com exemplares de trabalho de Mário de Andrade. Orientador: Marcos Antonio de Moraes. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). São Paulo: USP, 2009.

MORAES, Ricardo Gaiotto de. *Mário de Andrade no Diário de Notícias:* o método e a crítica circunstancial. Orientador: Antonio Arnoni Prado. Dissertação (Mestrado no IEL – Instituto de Estudos Linguísticos). Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270236/1/Moraes_RicardoGaiottode_M.pdf Acesso em 25 nov. 2018.

MORAES E SILVA, Antonio de. *Diccionario da língua portugueza recopilado de todos os impressos até o presente*. Typographia de M. P. de Lacerda. Lisboa: 1823. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/562936. Acesso em 23/7/2022.

ROMÃO, Tameny. *Retratos de Mário de Andrade:* catálogo da iconografia dedicada ao escritor. Vol. 01. Orientador: Jorge Coli. Dissertação (Mestrado em História da Arte). Campinas: UNICAMP, 2013. Disponível em:

repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/278652/1/Romao_Tameny_M.pdf
Acesso em 25 nov. 2018.

SANTOS, Luciana Rodrigues dos. *Estudo de vocabulário controlado em cartas de Mário de Andrade e Pio Lourenço Corrêa.* Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia. Marília: UNESP, 2012.

SANTOS, Marina Corrêa dos. "*Trata-se de ser":* Vida e Memória mariodeandradiana: Diálogos, Grafias e Disputas. Orientador: Milton Lahuertas. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais). Araraquara: UNESP, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153691/santos_mc_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y Acesso em 9 dez. 2018.

TERRA, Lívia Maria. *Negro suspeito, negro bandido:* um estudo sobre o discurso policial. Orientador: Dagoberto José Fonseca. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Araraquara (SP): UNESP, 2010.

ACERVOS E INSTITUIÇÕES CONSULTADOS

ARARAQUARA – SP

Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade

Rua Carlos Gomes, 1729 – Centro
CEP: 14801-340
Fone: (16) 3332-0777
E-mail: bibliotecamunicipal@araraquara.sp.gov.br

Arquivo Público Histórico "Professor Rodolpho Telarolli"
Rua São Bento, 909 – Centro
CEP: 14801-300
Fone: (16) 3332-2212
E-mail: fundart@techs.com.br

Centro Cultural "Professores Waldemar e Heleieth Saffioti" (antiga Chácara da Sapucaia)
Rua dos Libaneses, 1111 – Carmo
CEP: 14800-165
Fone: (16) 3332-1505
E-mail: ccpws@iq.unesp.br

SESC – Serviço Social do Comércio - Araraquara
Rua Castro Alves, 1315 - Quitandinha,
CEP: 14800-140

Fone: **:** (16) 3301-7500
E-mail: marcia@araraquara.sescsp.org.br

MARÍLIA – SP

Acervo da Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP
Endereço: Av. Hygino Muzzi Filho, 377 – Campus Universitário
Caixa Postal: 181 – Marília – SP – CEP: 17525-90
Home page: http://www.marilia.unesp.br/#!/biblioteca/biblioteca-digital/
SÃO PAULO – SP

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros
Endereço: Edifício Brasiliana – Praça do Relógio Solar, 342 – Cidade Universitária
Caixa Postal: 11.154 – CEP: 05508-050
Butantã – São Paulo – SP
Home page: http://www.ieb.usp.br/

Arquivo Público do Estado de São Paulo
Endereço: Rua Voluntários da Pátria, 596
Santana – São Paulo – SP
CEP: 02010-000
Fone: (11) 2868-4500
Home page: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/

BASES DE DADOS DISPONÍVEIS *ON-LINE* E *SITES* DA *INTERNET*

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP
Disponível em: http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/biblio.htm

Banco de Dados Bibliográficos da Universidade de São Paulo – USP
Disponível em: http://dedalus.usp.br:4500/ALEPH/por/USP/USP/DEDALUS/STARTA

Base de Dados da Biblioteca da Universidade Estadual Paulista – UNESP
Disponível em: http://www.athena.biblioteca.unesp.br/F?RN=336081732

Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Disponível em: http://serevicos.capes.gov.br/capesdw/Teses.do

Portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES
Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp

Acervo on-line do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR) da Universidade de Campinas (UNICAMP)
Disponível em: http://histedbr.fae.unicamp.br/

Banco de Dados Bibliográficos da Universidade de São Paulo – USP
Disponível em: http://dedalus.usp.br

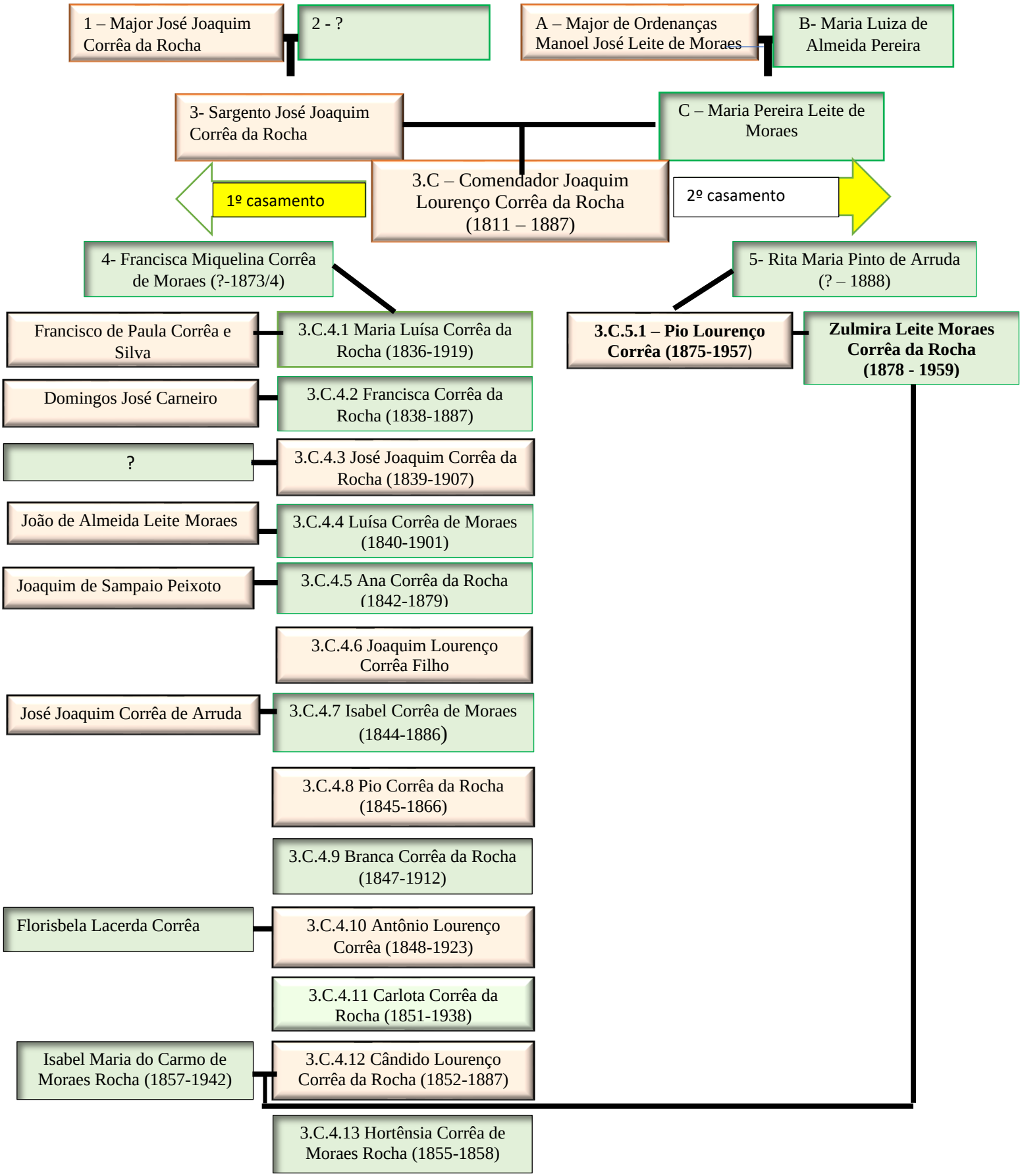
***Site* de busca "Google"**
Disponível em: http://www.google.com.br

***Site* de busca "Google Acadêmico"**
Disponível em: http://acholar.google.com.br/

Biblioteca Brasiliana USP
Disponível em: http://www.brasiliana.usp.br/node/503

DOCUMENTOS QUE ACOMPANHAM A TESE

A - ÁRVORE GENEALÓGICA DE PIO LOURENÇA CORRÊA



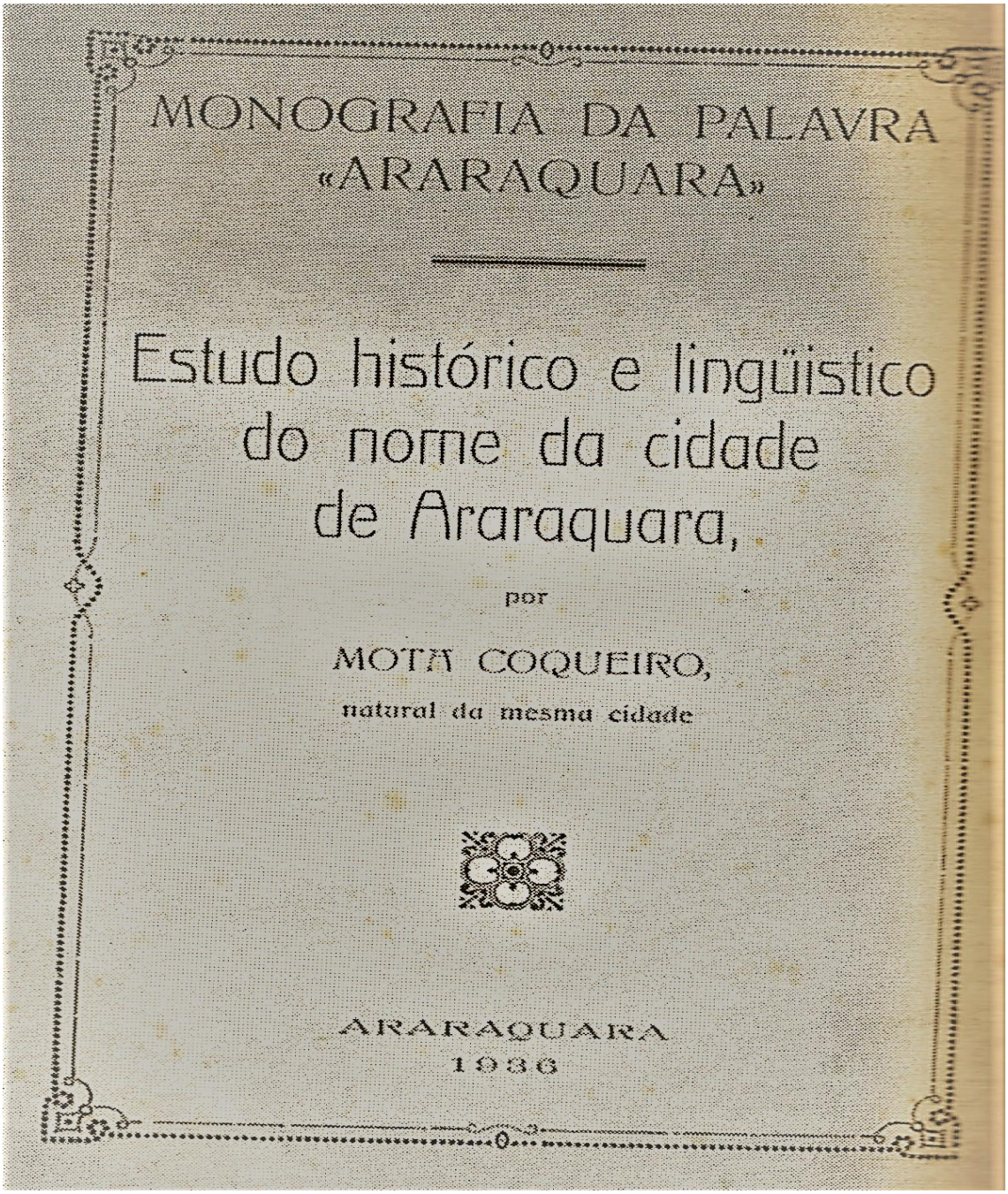
B - CATÁLOGO DA COLEÇÃO PIO LOURENÇO CORRÊA

B.1 Textos de Pio Lourenço Corrêa/Mota Coqueiro

B.1.1 Livros

A-COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara:* estudo histórico e lingüístico do nome da cidade de Araraquara. 1. ed. Araraquara: Gráfica dos Irmãos Lia, 1936. CPLC.

Fotocópia da capa


MONOGRAFIA DA PALAVRA
«ARARAQUARA»

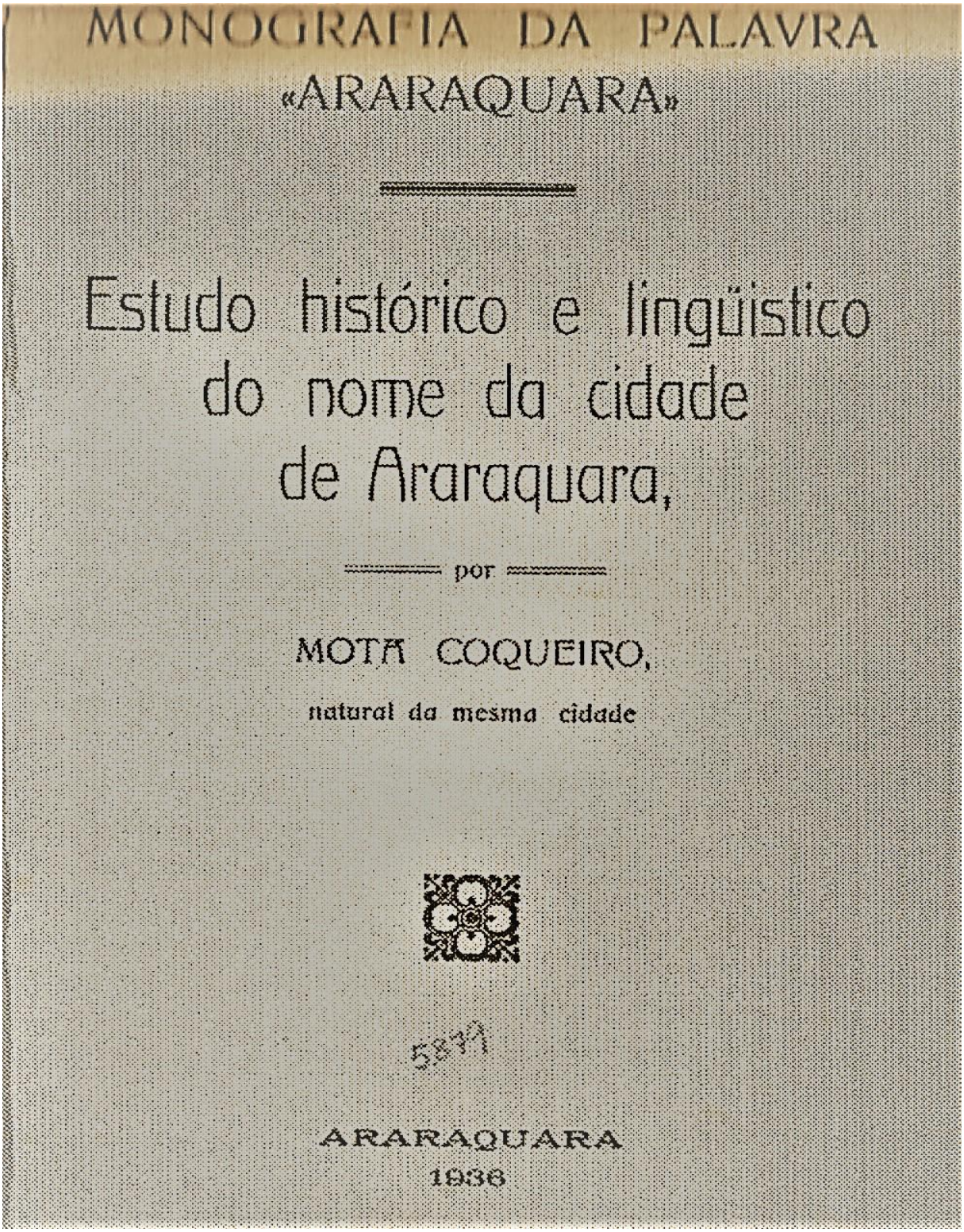
Estudo histórico e lingüistico
do nome da cidade
de Araraquara,

por

MOTA COQUEIRO,
natural da mesma cidade

ARARAQUARA
1936

Fotocópia da folha de rosto:



MONOGRAFIA DA PALAVRA

«ARARAQUARA»

Estudo histórico e lingüistico do nome da cidade de Araraquara,

por

MOTA COQUEIRO,

natural da mesma cidade

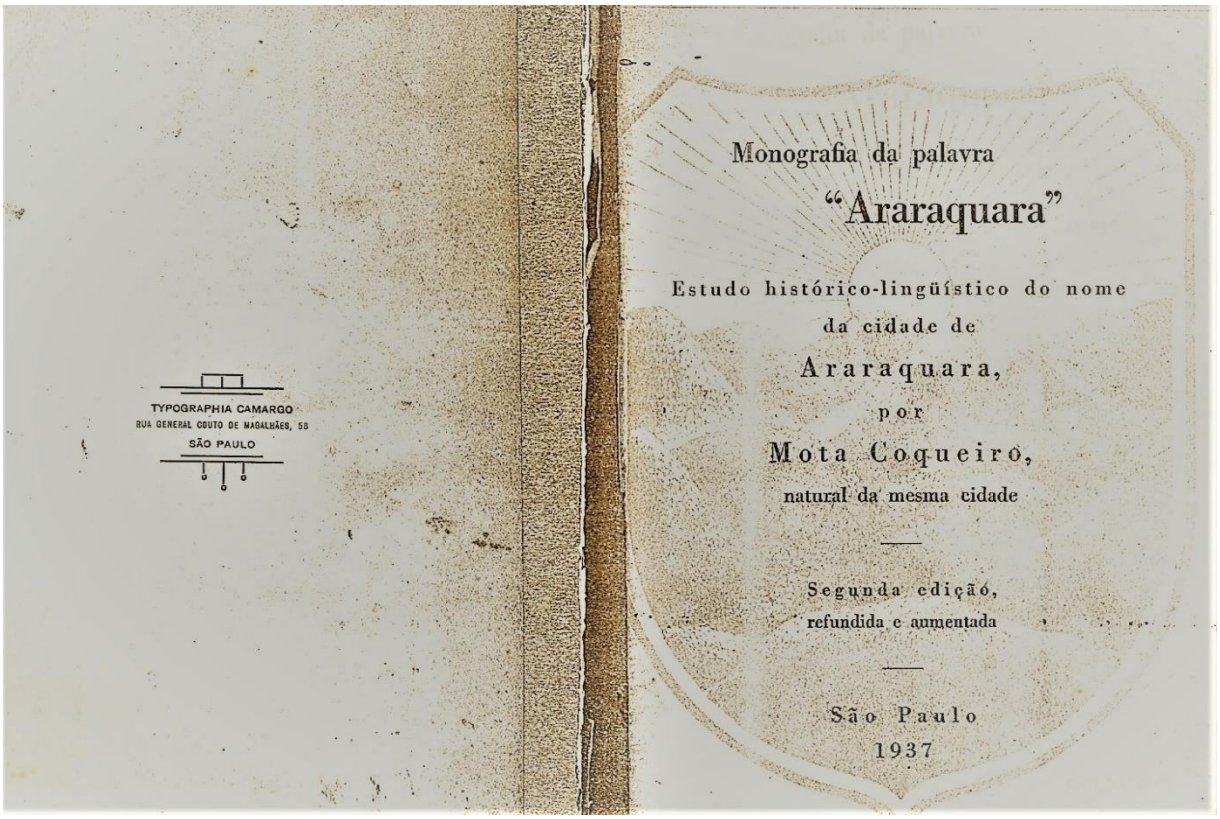
5837

ARARAQUARA

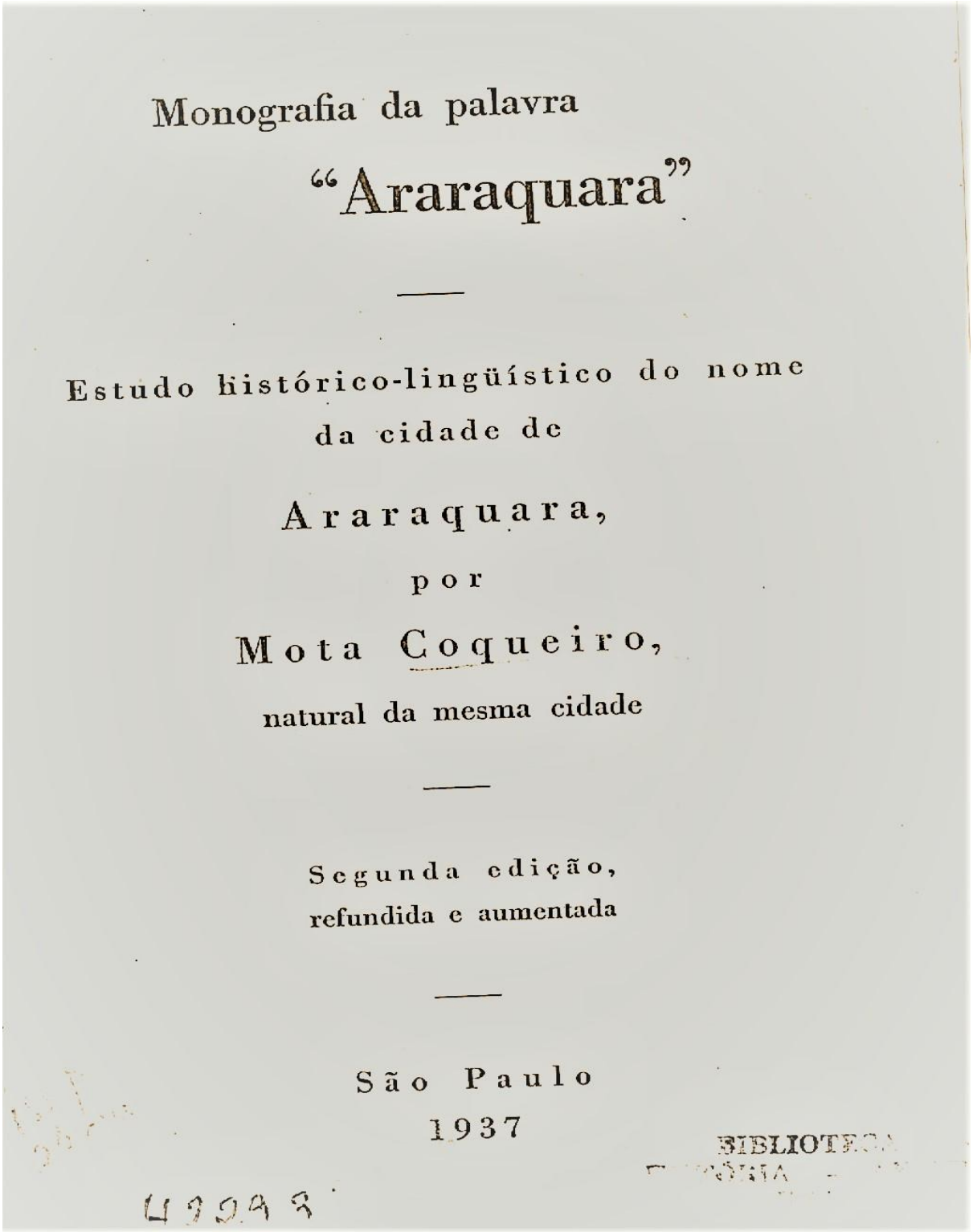
1936

B- COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara:* estudo histórico- lingüístico do nome da cidade de Araraquara, por Mota Coqueiro, natural da mesma cidade. 2. ed. refundida e aumentada. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1937. CPLC.

Fotocópia da capa e da contracapa:



Fotocópia da folha de rosto:



Monografia da palavra

"Araraquara"

Estudo histórico-lingüístico do nome da cidade de

Araraquara,

por

Mota Coqueiro,

natural da mesma cidade

Segunda edição,
refundida e aumentada

São Paulo
1937

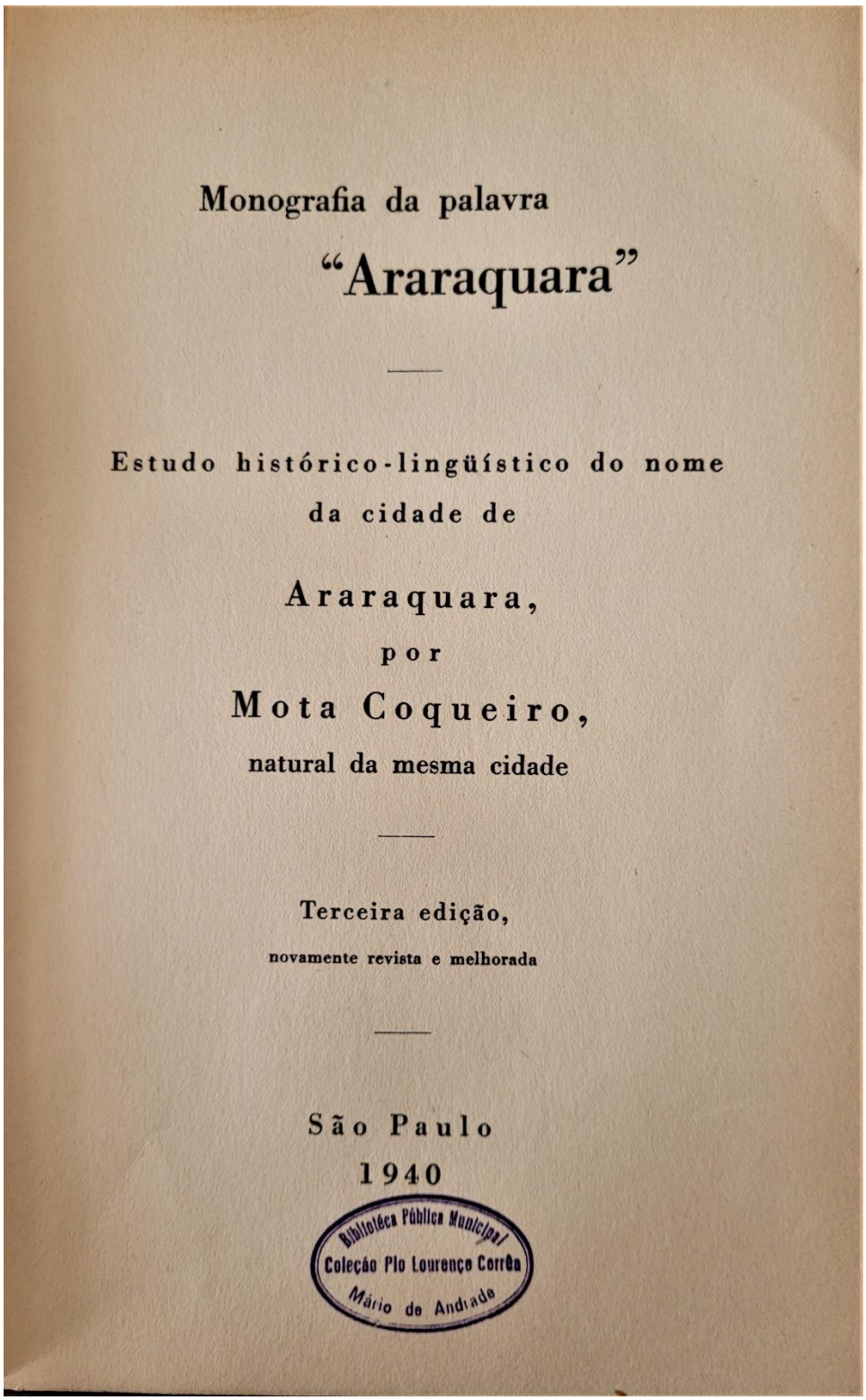
BIBLIOTE
U9993

C-COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara:* estudo histórico-lingüístico do nome da cidade de Araraquara. 3.a ed. novamente revista e melhorada. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1940. CPLC.

Foto da capa:



Foto da folha de rosto:



Monografia da palavra

"Araraquara"

Estudo histórico-lingüístico do nome da cidade de

Araraquara,

por

Mota Coqueiro,

natural da mesma cidade

Terceira edição,

novamente revista e melhorada

São Paulo

1940

Biblioteca Pública Municipal
Coleção Pio Lourenço Corrêa
Mário de Andrade

D-COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara:* um pouco de história e um pouco de tupi. 4.a ed. revista e refundida pelo autor. São Paulo: Editora/Gráfica Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1952. CPLC.

Foto da capa:

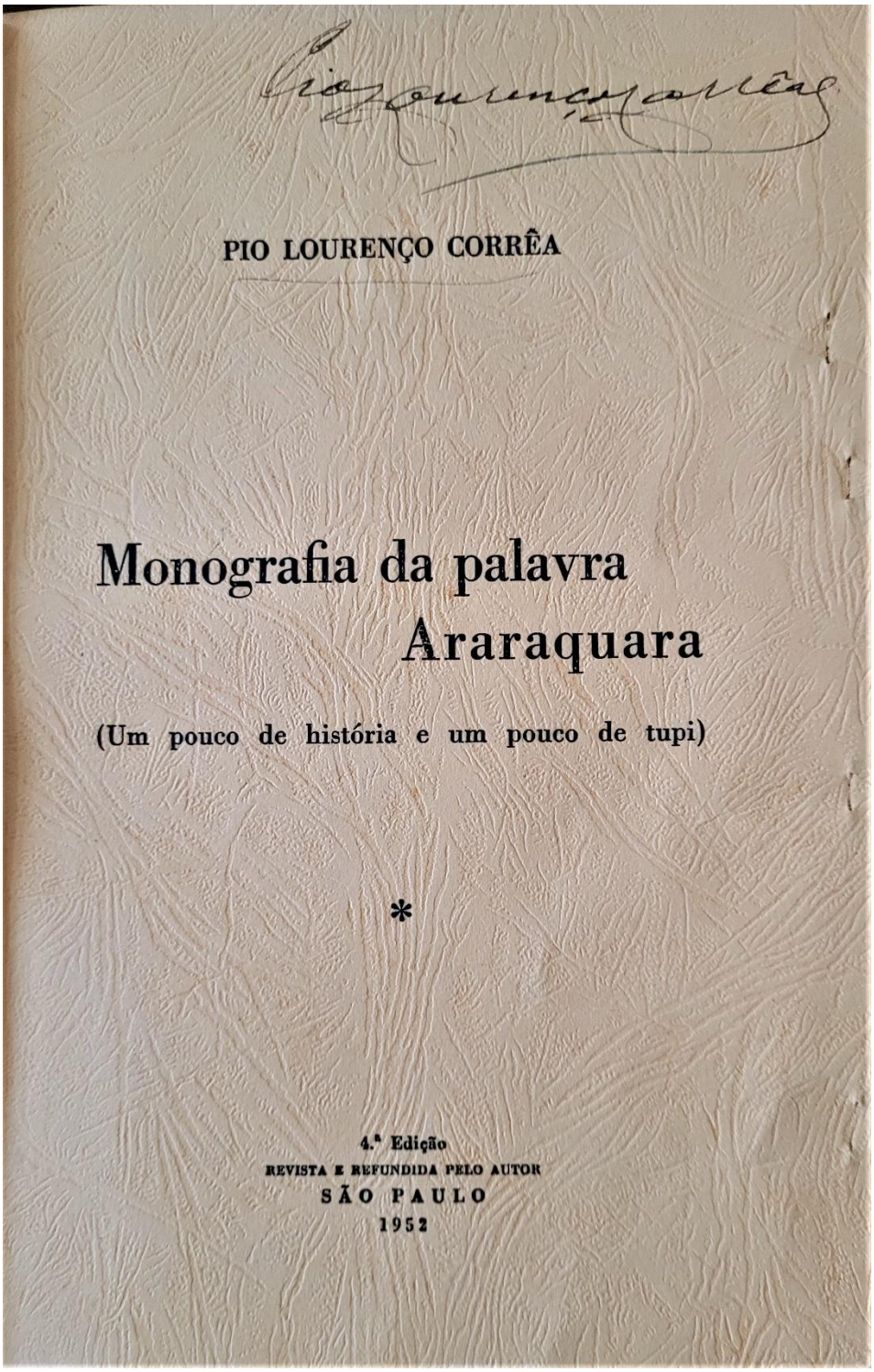
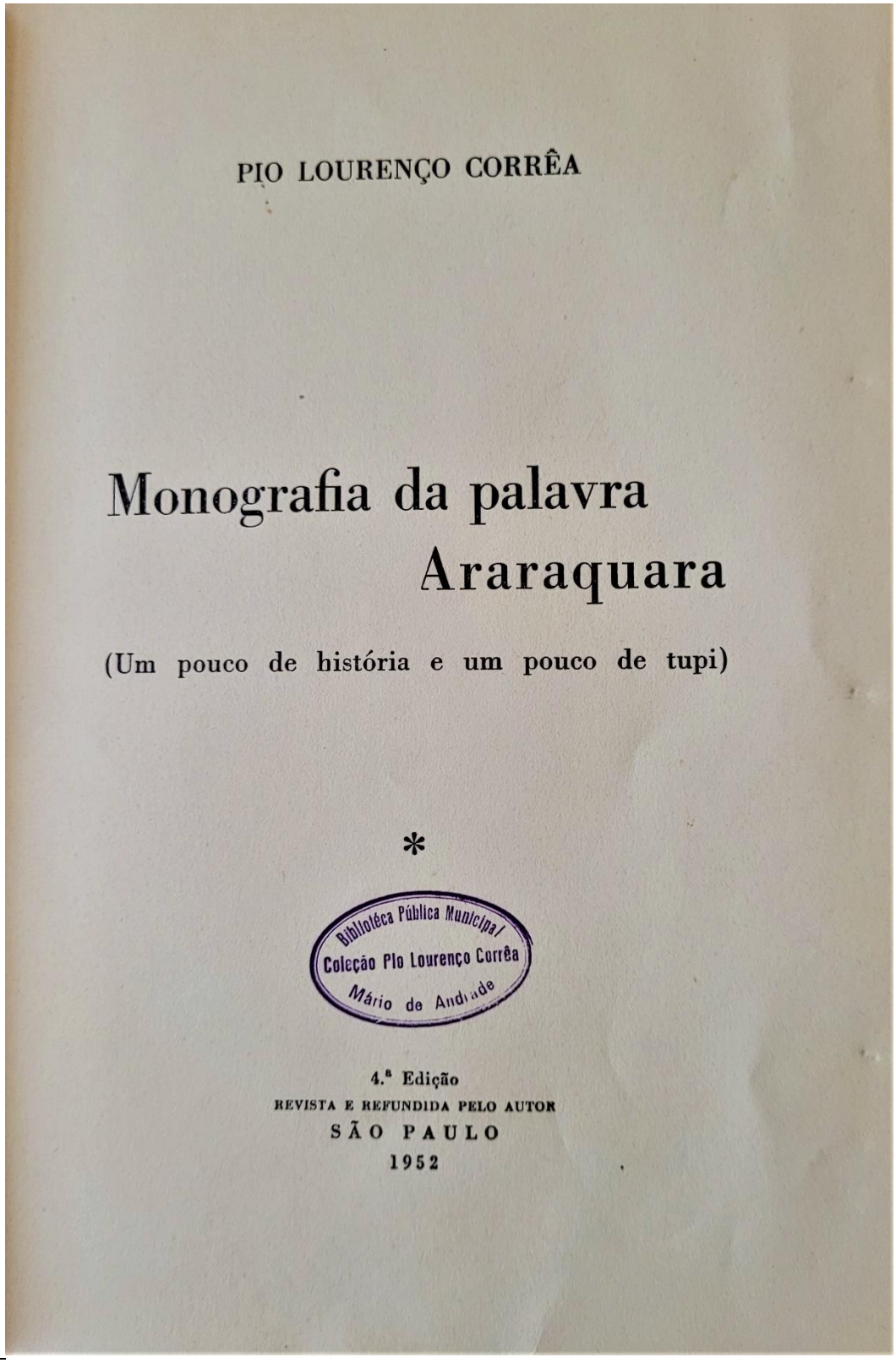


Foto da folha de rosto:



PIO LOURENÇO CORRÊA

Monografia da palavra Araraquara

(Um pouco de história e um pouco de tupi)

*

Biblioteca Pública Municipal
Coleção Pio Lourenço Corrêa
Mário de Andrade

4.ª Edição
REVISTA E REFUNDIDA PELO AUTOR
SÃO PAULO
1952

E- [CORRÊA, Pio Lourenço]. “A palavra ‘Araraquara’”. In: FRANÇA, Antonio M. (Org.). *Álbum de Araraquara 1915*. Araraquara: Câmara Municipal; João Silveira Editor, 1915, p. 5-7. Coleção do Arquivo Público Histórico Professor Rodolfo Telarolli, Araraquara/SP.

Fotocópia da folha de rosto:



Fotocópia do texto publicado:

A palavra "Araraquara"

Em 1788 o Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, astronomo portuguez, fez uma viagem pelo interior do paiz.

No Diario da viagem que, por ordem do Ill.mo e Ex.mo Snr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cacêres, Governador e Capitão General da Capitania de Matto Grosso e Cuyabá, fez da Villa Bella (hoje São Luiz de Cacêres; Matto Grosso) até a cidade de São Paulo, pela ordinaria derrota dos rios, diz esse audaz explorador, sob a data de 24 de Dezembro de 1788, em viagem pelo Tieté acima:

«Com 3 horas de navegação, passei a cachoeirinha do Barharon e, pouco acima, um poço do mesmo nome. Um quarto de legua acima desse poço, e na parte concava da enseada, se avista á distancia de 3 leguas para N. E. uns montes, que lhes chamam de *Araraquara*, que pela tarde quando lhes bate o sol representam uma grande cidade.

E' tradição que nestes montes ha muito ouro. Varias pessoas tendo tentado chegar a elles, e não o tendo conseguido pelos muitos pantanaes e obstaculos que encontram; mas eu me persuado que estas tentativas tem sido feitas por homens pusilanimes e fracos sertanistas pois não é crivel, que, em 3 leguas de terreno, possa haver obstaculo que com tempo e trabalho se não vença.

(Continuação)

Uma senhora velha, de Araritaguaba, (1) de bom juizo e instruida na lingua dos indios, me certificou que na sua mocidade se chamou—*Araquara* e não *Araraquara* como hoje.

Se assim é, quer dizer buraco do dia, porque talvez nestes montes mais depressa apparece o dia e, de longe, os vêm os navegantes com os primeiros raios da Aurora. E se é o nome de hoje, quer dizer «buraco de araras».

E' fóra de duvida que o nome Araraquara é originado de Araquara, Aracoara, que é formado de *ara*=dia e *coara*=morada=morada do dia.

Encontramos esta etymologia em John Luccock, (Londres, 1820) que fez parte da comitiva de El-Rei D. João VI.

No Diccionario Geographico do Imperio do Brasil de J. C. R. Milliet, (impresso em Pariz, 1845) que residiu 26 annos no Brasil, encontramos escripto *Araquara*, como sendo a orthographia correcta.

O Imperador D. Pedro II, muito dado a estes estudos, em sua visita a esta cidade, contestou que o nome significasse «morada de araras», replicando vivamente ao seu interlocutor:

—Não senhor, quer dizer «morada do dia».

O avô de quem esta escreve dirigia, ainda em 1850, cártas a seu filho, que aqui residia, com o endereço *Aracoara* ou simplesmente *São Bento*.

E' verdade que com o tempo os novos habitantes, descendentes dos portuguezes, alongaram a palavra em vez de abrevial-a, como seria para suppor, fazendo de *Araquara Araraquara*, o que se explica por ignorarem elles a lingua tupy e julgarem, naturalmente, tratar-se de *araras*.

A historia da palavra, atravez dos tempos, é o indicio mais seguro para conhecer-se sua origem e ella nos ensina que *Araraquara* foi anteriormente *Araquara* e antes *Aracoara:* assim, a exacta significação desta palavra é: «morada do dia».

Araquara era todo o immenso sertão desconhecido, que se avistava das alturas da cachoeira do Banharão, no rio Tieté, caminho dos bandeirantes em suas viagens para Cuyabá, pois estradas não havia, e como se avistava o dia nascer naquelles montes diziam os indigenas, e depois os bandeirantes repetiam, que alli era a *aracoara*, a morada do dia.

Dizer-se que a palavra sempre foi *Araraquara* é contrario á verdade historica e absurdo porque araras havia em toda a parte e o Padre Montoya, o grammatico que é considerado pelos competentes como o mais notavel da lingua, diz que os vocabulos tupys são muito precisos na indicação das cousas.

Quem conheceu esta região, ha ainda trinta annos, lembra-se da abundancia de araras, papagaios

(1) Primitivo nome da cidade de Porto-Feliz, que o perdeu quando elevada a villa, com esta ultima denominação, por portaria de 13 de Outubro de 1797. Dahi partiam e ahi desembarcavam os que viajavam entre as Capitanias de S. Paulo e Matto Grosso.

(Continuação)

e periquitos, que cortavam os ares em bandos ruidosos.

Nos mezes de Junho a Agosto, em que o café amadurece, viam-se cafeeiros litteralmente cobertos d'aquellas aves.

Pois bem, ha poucos dias, n'este anno da graça de 1914, presenciámos egual espectaculo nas grandes extensões de mattas virgens, que orlam as margens do «Rio Feio», cortadas pela Estrada de Ferro Noroeste.

E' um espectaculo banal, em toda a região das nossas mattas virgens, e não é peculiaridade de Araraquara, e a lingua tupy, tão precisa como diz o jesuita Padre Montoya, não iria dar a uma região uma denominação que, em verdade, podia convir a qualquer outra.

Capitania de São Paulo

São Vicente foi o berço da nossa nacionalidade e S. Paulo de Piratininga, fundada em 25 de Janeiro de 1554, o centro de onde irradiou a civilisação para todo o paiz.

De S. Paulo partiram os *bandeirantes,* descobrindo as terras que fizeram grande o Brasil.

(1) Almanack de S. Carlos — 1894.

Fotocópia de anúncio - Apresentação da Fazenda São Francisco, de propriedade de PLC, no *Álbum de Araraquara - 1915*, p. 272.

FAZENDA SÃO "FRANCISCO" ITAQUERÊ

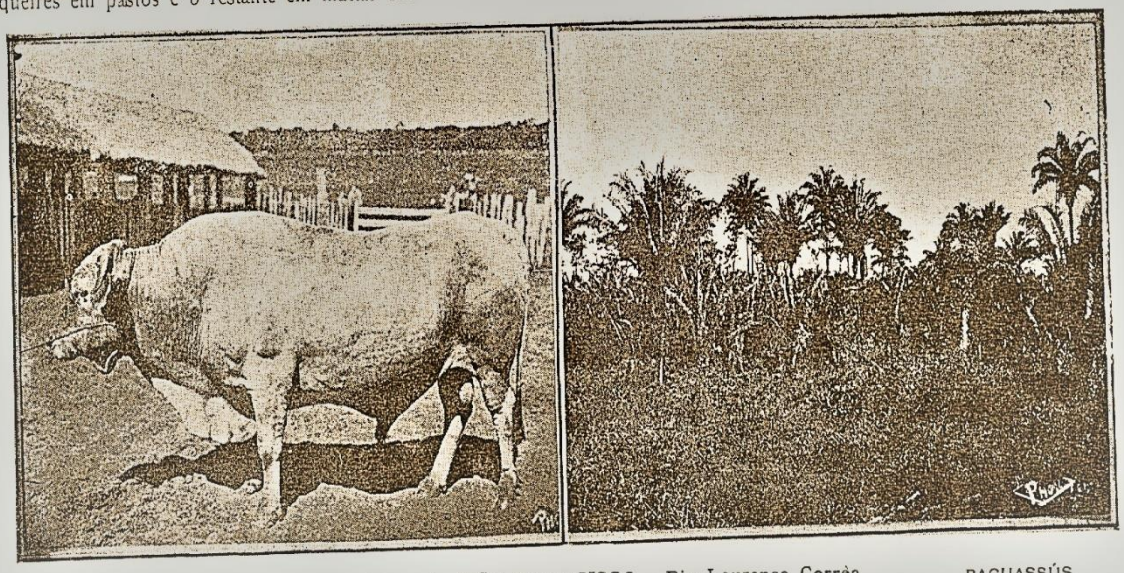
Pio Lourenço Corrêa

A' 6 kilometros da Estação de Itaqueré, a fazenda «São Francisco» possúe 82.000 cafeeiros formados e 54.000 em formação, tendo uma média productiva de 10.000 arrobas. A sua área total é de 580 alqueires, sendo 90 alqueires em cafezaes, 53 alqueires em pastos e o restante em mattas etc.

A fazenda que é banhada pelo Ribeirão Itaquerê e por uma nascente, tem uma boa olaria, 35 cabeças de gado e 20 animaes de custeio.

Dão muita originalidade á fazenda a enorme quantidade de palmeiras *Baguassús* ahi existentes.

Para o serviço, conta com 17 familias de colonos.



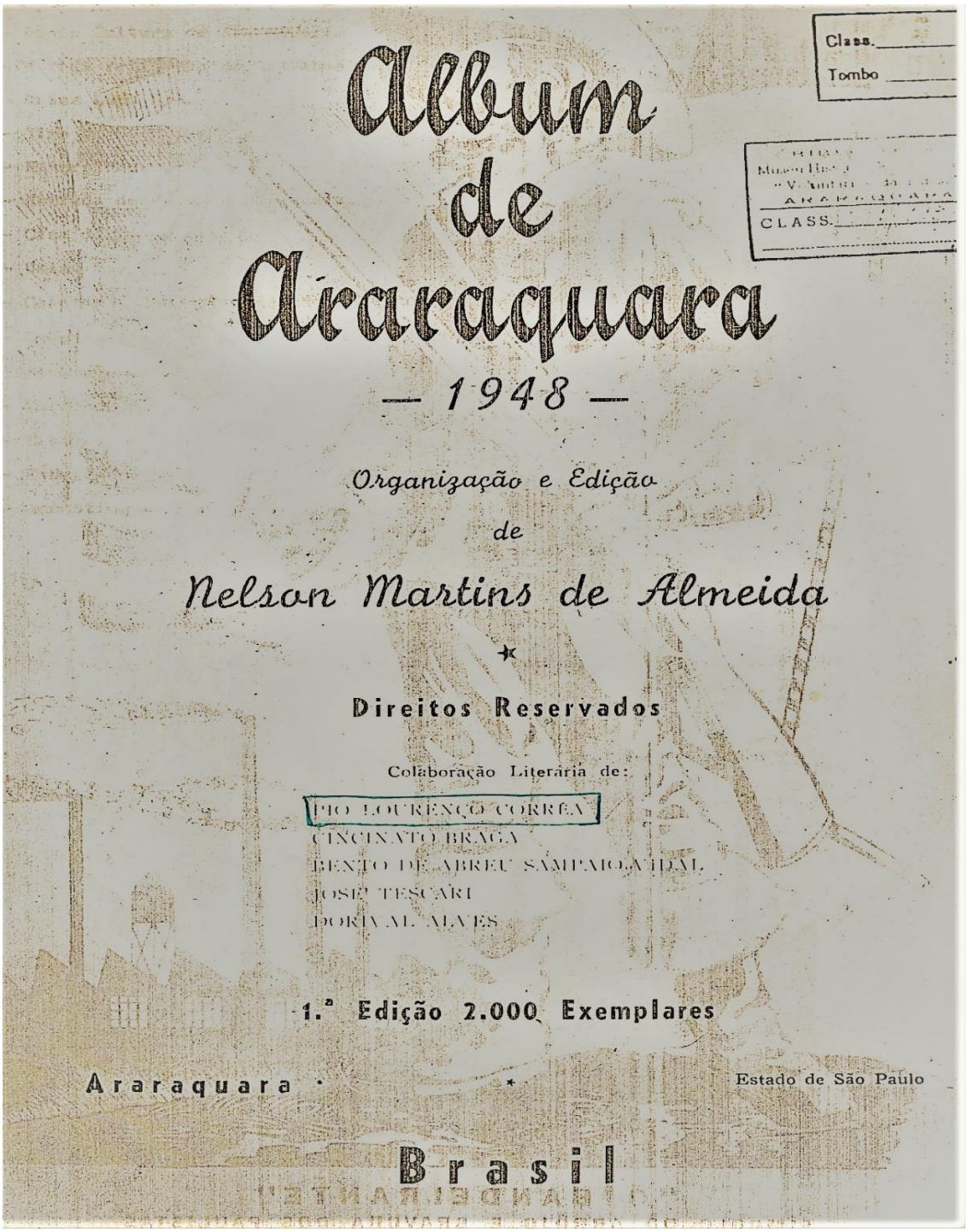
TOURO CARACÚ DE 6 ANNOS — Fazenda "SÃO FRANCISCO - Pio Lourenço Corrêa — BAGUASSÚS

Fotocópia da página - O irmão mais velho e tutor de PLC, Capitão Antônio Lourenço Corrêa [da Rocha]-(1848-1923), benfeitor da Santa Casa de Misericórdia de Araraquara/SP, sendo homenageado no *Álbum de Araraquara 1915*, p. 19.



F-1- CORRÊA, Pio Lourenço. “Estudo histórico-lingüístico do nome da cidade e do município de Araraquara”. In: ALMEIDA, Nélson Martins de (Org.). *Álbum de Araraquara-1948.* Araraquara: s/ed, 1948, p. 26-28.

Fotocópia da folha de rosto:



Fotocópia do texto publicado:

Em 14 de Maio de 1874, a Câmara resolveu dirigir uma representação a S.M. o Imperador, pedindo que o traçado da Estrada de Ferro de Rio Claro a Mato Grosso, do engenheiro Pimenta Bueno, passasse por esta Vila.

*

A 23 de fevereiro de 1889, a Câmara celebrou uma sessão extraordinária, em que se declarou instalada a cidade de Araraquara.

ESTUDO HISTÓRICO-LINGUÍSTICO DO NOME DA CIDADE E MUNICÍPIO DE ARARAQUARA

I

A origem da palavra ARARAQUARA, segundo Pio Lourenço Corrêa (Mota Coqueiro), o talentoso escritor, tupinologo, eminente araraquarense, é a seguinte:

"O primitivo grupo de choupanas que serviu de marco inicial no lugar onde hoje se vê a nossa cidade, recebeu, como todos os daquêle tempo, o nome de um santo do calendário católico: ficou-se chamando A Capela de São Bento.

Mas, havia já uma povoação de igual nome na capitania, em zona povoada anteriormente: era a povoação de São Bento, que até hoje conserva êste apelativo, e está na margem do curso superior do rio Sapucaí.

Bem cêdo viram os colonos do primeiro quartel do século XIX, os inconvenientes dessa dualidade, assim que a prosperidade começou a tornar notória a recente freguesia erigida em terras do Padre Duarte. E vieram de si mesmos, naturalmente, apôr-se àquêles nomes os atributivos que os individualizavam: — São Bento do Sapucaí, São Bento de Araraquara.

Mas, perguntar-se-á, porque de Araraquara?

Porque a freguesia estava situada — e era então a única — na vasta região de sertões, conhecida dos índios que tinham entrado em contáto com os colonos, pelo nome de Araraquara. Essa região compreendia tudo que ficava a leste dos limites conhecidos daquêles índios, isto é, dos índios ribeirinhos do Tieté, caminho forçado das trágicas e heróicas monções.

II

Em 1885, D. Pedro II fez uma excursão pelo interior da Província de São Paulo, e veio ter a Araraquara, onde tocou ao Cel. José Pinto Ferraz, a honra de hospedar Sua Magestade. Aqui chegou o Imperador em combôio especial da "Cia. Rio Claro", visitou as escolas públicas (a que o povo teimava em chamar "régias", e eram duas), viu as desoladas ruas conservadas pelas raizes tenazes da graminha, e quiz saber se havia na terra alguém que falasse tupi. Informado que não, indagou dos circunstantes si sabiam a razão de se chamar ARARAQUARA, a vila onde nasceram ou viviam.

Disseram-lhe que a palavra se originara de arara, ave talvez abundante no lugar, e quara, ninho ou buraco. O informante acrescentou que se supunha houvera aqui ninhos de araras noutros tempos, decerto antes do advento da graminha... O velho sorriu — como devia sorrir Victor Hugo ante a lógica dos netinhos — e emendou: — "arara quer dizer a claridade, o dia; e quara significa, de fato, buraco, lugar de morada, e também ninho".

O benevolente sorriso de D. Pedro II, em 1885, decerto lhe voltaria às feições serenas e amarguradas em 1901, se êle aqui vivessé e tivesse lido a obrinha de Teodoro Sampaio, o Tupí na geografia nacional, onde reaparecem as irritantes araras...

III

No Dic. Geográfico do Dr. João Mendes, que pacientemente estudou o tupi, (de que deixou inédita essa obra e um trabalho gramatical), lê-se sob o vocábulo araquá: — "Em um documento de 1788, o nome aracoara está escrito como significando morada do dia. Entenderiam os indígenas, navegando o rio Tieté, a ser exata esta versão, que, nascendo por detrás da cordilheira, ali morava o dia".

Comentando êsse documento, acrescenta o Dr. João Mendes, que "tudo isso é imaginativo".

Ora, o documento em questão é o Diário da Viagem do Dr. Lacerda e Almeida, de que existe nas estantes da Biblioteca Pública da Prefeitura Municipal de Araraquara, um exemplar, impresso em São Paulo, por ordem da Assembléia Legislativa, em 1841. De fato, nêsse folheto, encontra-se à páginas 58, uma nota, da qual transcrevemos estas palavras: "Uma senhora velha, de Araritaguaba, de bom juizo e instruida na língua dos índios, me certificou que na sua mocidade se chamava Araquara..."

Vê-se que o Dr. João Mendes, acoimando de imaginativa aquela etimologia, aceitou em tôdo o caso como exatos os termos componentes de araraquara: — Ara — dia; Coara — Morada. E é o quanto nos basta.

IV

Bento de Abreu Sampaio Vidal, autor do artigo estampado à páginas VI do Album de Araraquara, editado há trinta e dois anos passados, isto é, em 1915, aponta vários documentos antigos, onde se escreveu Araquara; e procurando explicar a mudança dêste nome para o atual, assim se exprime: — "... os novos habitantes, descendentes de portugueses, alongaram a palavra em vez de abreviá-la, como seria para supor... o que se explica por ignorarem êles a língua tupi e julgarem, naturalmente, tratar-se de araras".

Os descendentes de portugueses estão aí pagando culpa que não devem. A passagem de Araquara para ARARAQUARA explica-se por lei evolutiva normal ao tupi. De ára se fez arara, como de irá se fez irara, de juguá se fez juguára de taquá se fez taquara, de guá se fez guara, etc., etc.

Em conclusão, ARARAQUARA que era já um alongamento normal de Araquá, recebeu normalmente no primeiro elemento a silaba paragógica que recebera no segundo e passou para ARARAQUARA.

Vem a propósito a observação de que os indígenas, como sendo analfabetos, só tinham tradições orais, e eram muito cautelosos e ponderados na sua nomenclatura geográfica. Leia-se a êste respeito, o prefácio do Dic

(Continuação)

Geográfico do Dr. João Mendes. Não iriam êles, portanto, assentar numa futilidade ocasional (um ninho, ou muitos ninhos de araras) a denominação de extensíssima zona geográfica do seu mundo.

A origem do nome ARARAQUARA tem, pois de ser outra, com assento em fato permanente, inalterável, incontestável. Êste fato permanente era a aparição diária da luz do dia para aquelas bandas. Atrazados em noções astronómicas até onde o podiam ser, não repugnava aos índios supor que a claridade ou o dia morassem a leste — pois que diàriamente dali vinham para iluminar os escuros sertões.

ARARAQUARA é, pois, um nome correto (não corrompido), que tem a justificá-lo a razão histórica e a razão filológica, e significa o LUGAR ONDE MORA A LUZ DO DIA. (Pags. 95-99 — "Monografia da Palavra Araraquara" — 2.a Edição — São Paulo).

——oOo——

ESTUDO HISTÓRICO-LINGUÍSTICO DO NOME DA CIDADE E MUNICÍPIO DE ARARAQUARA

por PIO LOURENÇO CORRÊA

Honrado, por benevolência e bondade do ilustrado Diretor do novo "ALBUM DE ARARAQUARA", com um convite para, colaborando na feitura da obra, escrever algo sôbre a etimologia e o valor semântico do nome da minha terra natal, limito-me a transcrever, resumindo e adaptando, parte do texto de páginas 169 e 170 do livro "Monografia da Palavra Araraquara", 3.a edição definitiva, S. Paulo, 1940.

Como é hoje geralmente sabido, êsse livro foi escrito e publicado por mim, sob o pseudônimo de Mota Coqueiro. E sendo a minha opinião ainda a mesma ali exposta e justificada, parece-me inútil fazer obra nova para dizer coisa velha.

De novo, direi apenas que a interpretação simplista de **ninho ou buraco de arara**, proposta e pacificamente aceita durante séculos para o têrmo **geográfico** tupí **araraquara**, é pura e simplesmente... ingênua. Não percamos aqui tempo e espaço a combatê-la. Basta o que se perdeu na citada "Monografia"...

A transcrição, com pequenas adaptações (de forma sòmente), é a seguinte:

ARARAQUARA, ao tempo da chegada dos conquistadores europeus(era nome de vasta região, remota e misteriosa, no quadrante a leste da serra de Araquara. Foi o nome dessa região, suposta de campos — os famosos Campos de Araraquara —, que passou a designar a freguesia, hoje cidade de Araraquara.

O topónimo primitivo nasceu das aparências metereológicas enganosas, interpretadas ingenuamente pelos índios. Com efeito, a situação geográfica da nação dos índios que fundiram o onomástico, e a ausência de característicos locais que autorizem a suposição de êles se terem servido de outras raizes homófonas que a sua língua lhes deparava, levam-nos por fôrça a admitir que a raiz presente no morfema inicial do vocábulo é a de sentido metereológico.

Admitido isso, vejamos como foi que, partindo da raiz **ar** (o dia, a aurora, a luz, o sol), chegaram êles ao morfema **áraára**, e como foi que, ouvindo os colonos esta voz, reduziram-na à forma atual:

A raiz ar, por terminar em consoante, recebeu normalmente em tupí um **a** paragógico e átono, produzindo um substantivo dissilábico e paroxítono **ára**, que está definido nos vocabulários tupís (e guaraní) com o mesmo sentido da dicção monossilábica de que proveio.

O fenômeno metereológico a que alude o primeiro elemento da aglutinação que designa a nossa cidade (a luz do dia, ou do sol, o aparecimento da aurora), são periódicos, ou reptidos diàriamente. Por isso o bugre, querendo exprimir êste fato no topónimo que criou, submeteu o substantivo **ára** ao processo sintático exposto na primeira "maneira" de Anchieta (Arte de Grammatica, Leipzig 1874, pág. 73), e assim obteve a composição **araára**, isto é, luz que se repete, nascimento diário do sol, aurora. Ao depois, aglutinou a êsse, outro substantivo — quara — que quer dizer **buraco**, e chegou ao semantema tupí **araáraquára**, que podemos traduzir em português por **buraco da luz que se repete, ou buraco da aurora, buraco do sol, morada do sol.**

Êsse semantema tupí, aplicado como toponímico da região remota e misteriosa que os índios viam a leste dos seus domínios tornou-se um vocábulo independente, e como tal apresentou-se nas fronteiras do idioma português. Mas trazia consigo o hiato **aa**, que colidia com uma lei fonética dêste idioma. Submetido à ação dessa lei, teve de sofrer os efeitos da crase (**aa** = **à**), que o reduziu à forma atual: — ARARAQUARA.

*

Se o leitor não é filólogo, talvez ache essa explicação... complicada de mais. Em geral, os leigos são simplistas — e incrédulos. Lembro-me, por isso, oferecer-lhes aqui uma explicação mais simples, que também copio da mesma "Monografia", pág. 42.

E' esta:

Se o bugre quisésse manifestar na sua língua aglutinativa, o que as aparências (único elemento de que dispunha para formar juizo) lhe mostravam ser um buraco de onde surde ou nasce o sol, ou a aurora, ou a luz do dia; se quizesse exprimir êsse ilusório aspecto matutino dos fatos que observava das barracas de Anhembi quinhentista onde morava — como se arranjaria?

Muito naturalmente: — aglutinava alguns dos elementos que conhecia na sua língua e obtinha um composto **Araraquara**, procedendo do verbo ar, levantar-se, nascer, coisa que surde ou sobe; **ára**, a luz do dia, a aurora ou o sol; e **quara**, buraco. Ou seja, em frase normal portuguesa, **buraco do dia, buraco da aurora, morada do sol.**

— Mas, aondé achou você a palavra morada, para nos impingir aqui? — perguntará, para defender-se, o leitor **ararista.**

— Achei no fato de certas nações de índios, que eram paulistas desde antes da chegada de João Famalho, **morarem** em buracos (conferir, na dita e redita "Monografia", a nota 15, pág. 127; ademais disso, ler a obra dos grandes naturalistas von Martius e Spix, Viagem pelo

2- CORRÊA, Pio Lourenço. “A abolição em Araraquara”. In: ALMEIDA, Nélson Martins de (Org.). *Álbum de Araraquara-1948.* Araraquara: s/ed, 1948, p. 27.

Fotocópia do texto publicado:

Brasil, na tradução de Da. Lúcia Furquim Lahmeyer, Rio, 1938, vol. 1.o, pág. 197).

Até aqui as transcrições, pouquíssimo alteradas na forma. Agora um pequeno comentário amargo.

Mais pode a vaidade que a verdade. Demonstrado como se acha, até enfastiar, que as aves araras entraram na composição do nome da nossa cidade sòmente por leviandade ou ignorância de etimólogos brasileiros e europeus — ainda assim os partidários do famoso bicho psitacídeo não dão o braço a torcer!

Sejam felizes...

——oOo——

A ABOLIÇÃO EM ARARAQUARA

PIO LOURENÇO CORRÊA

A 13 de maio de 1888, chegou à Araraquara, uma notícia sensacional: A Lei Aurea da abolição da escravatura no Brasil...

Houve muito foguetório e os festejos se prolongaram durante a noite tôda, com bailes até a madrugada.

A liberdade do negro era já esperada com mais ou menos certeza por todos os escravocratas e proprietários de escravos. Muitos, aqui mesmo em Araraquara, já tinham por êsse tempo, dado carta de alforria para os seus escravos e êstes, pouco a pouco, foram quebrando a disciplina férrea que dominava nas senzalas, a ponto de se levantarem insubordinações violentas e até sanguinolentas.

Lembro-me, por exemplo, de que seis negros picaram a enxada, na beira do rêgo dágua que estavam limpando numa fazenda do Chibarro, o seu feitor, que era genro do fazendeiro. Êsse ambiente — digamos de guerra social — em 1888 estava já alastrado por tôda a zona rural do município, principalmente incentivado por um certo Dr. Fonseca, baiano que foi enviado pelos abolicionistas de São Paulo, para fazer propaganda de liberdade e até de violência, entre os escravos de Araraquara.

Êste Dr. Fonseca, tinha muita amizade com o então Juiz de Direito aqui na Comarca, em cuja casa ficou hospedado.

Conhecida dos escravocratas, a missão social que trouxe êsse Dr. Fonseca à Araraquara, generalizou-se contra êle uma disposição agressiva — não devemos esquecer de que o escravo era no Brasil, uma propriedade igual à qualquer outra, de modo que, aconselhar ou dar liberdade a escravos era intervir no uso e gozo da propriedade alheia.

Depois de alguns dias, ou semanas, de minudente observação do procedimento de Fonseca, compareceu perante a casa do Juiz, numeroso grupo hostil de pedestres e cavaleiros, dando gritos de vivas e morras, e reclamando do juiz a entrega de Fonseca. Os amotinados tinham já levado consigo, devidamente ajaezada, uma égua magra, em que pretendiam fazer montar o baiano indesejável e levá-lo em procissão de deportação, até os limites do município, pelo mesmo caminho (estrada de rodagem, porque não havia estrada de ferro) por onde tinha vindo.

Acudindo ao motim em frente de sua casa, o juiz compareceu a uma das janelas e declarou que o Dr. Fonseca já se tinha retirado da cidade, na madrugada dêsse mesmo dia. Era fato!... Avisado por um correligionário abolicionista, Fonseca saiu às pressas, pelos fundos da casa do juiz, ante manhã daquêle dia.

Os amotinados, porém, ignoravam êsse fato e não se deram por satisfeitos com a declaração do Juiz de Direito. Continuaram a exigir a entrega de Fonseca, alegando até que não acreditavam nas alegações e sinceridade do Juiz que, por aquêle meio queria proteger o seu amigo e hóspede. Um dos amotinados, talvez o chefe de todos êles, que se achava a cavalo, apeou então, e chegando à porta da casa do Juiz fez menção de arrombá-la caso êste não quizesse abrí-la, para assim procurar Fonseca dentro do prédio. O Juiz, porém, se interpôs para dentro da soleira da porta dizendo que não admitia a invasão de sua casa e que nisto estava acobertado pelos direitos individuais garantidos na Constituição do Império. O chefe amotinado insistiu, dizendo que entraria mesmo contra a vontade dêle. Foi quando o Juiz declarou que, para entrarem na casa "só se passassem por cima do seu cadáver".

Assim desafiado o fazendeiro — que o era — respondeu em tom de muita energia: "Isso é muito simples, sendo preciso... passa-se! Levou a mão ao peito do representante da Justiça e fê-lo ceder caminho, por onde entrou uma comissão de várias pessoas que deram minuciosa busca na casa, subindo até nos forros das salas e dos quartos.

Felismente, não encontraram Fonseca!...

II

Seguiu-se à Lei Aurea, o agudo da crise social. O negro, depois que "nóis fiquêmo tudo iguá", não queria mais trabalhar! Pois, si era igual ao ex-senhor!...

Bronco, mal aconselhado pelos demolidores do regime, não trabalhava. Bebia e dançava. Os batuques eram coisa diária nos arrabaldes da cidade. Assim, eram também os furtos de galinhas, de cabras, de gêneros alimentícios. O homem branco reagiu irado: — a sóva de páu e rebenque nos libertos, era igualmente diária. Ademais, si eramos "tudo iguá", porque não havia o negro de ser admitido no seio das famílias? Porque não podia casar-se com moça branca?

Essas, e outras "injustiças", lhe parecia ao negro, colidia com a igualdade, com a lei escrita.

Ora, a respeito de moral, a das senzalas sempre fôra muito frouxa, quasi livre. O novo cidadão vinha, pois, de má escola e no delírio da liberdade recente deu-se inconscientemente a todos os prazeres: — a pinga, o batuque, a vadiação, a carne. Mas, a carne branca lhe continuava escassa, proibida. Porque não quebrar êsse grilhão, ainda que violentamente? E os atentados ao pudor praticados por negro contra moça branca se foram amiudando no Brasil.

Aqui, em Araraquara, certo dia foi preso e trazido para a justiça, o negro Guilhermé, que iludindo a boa fé

(Continuação)

de uma moça branca, levou-a para lugar ermo, e aí, violentou-a bestialmente.

Já então, se achava recolhido à cadeia pública, o negro Severino, ou Veríssimo, que esperava julgamento por crime de estupro contra uma criança de três anos (três anos... não é engano). Esta criança era preta e foi abandonada pelo monstro em estado de coma, no lugar do delito.

Diante do novo atentado ao pudor, praticado com incrível violência contra a moça branca, os araraquarenses em geral tomaram-se de indignação e decidiram retribuir violência por violência. Organizaram-se em numeroso grupo armado e, a 10 de Novembro de 1889, avançaram contra a cadeia, intimando a guarnição (quatro ou cinco praças) a entregar o perigoso sátiro. Diante da atitude dos assaltantes e do seu número, a guarnição nada pôde fazer, mas o carcereiro se opôs, e não houve como obter dêle as chaves das células.

Tôdas as grades do presídio eram de traves de cabriúva, encaixadas umas nas outras. A obstinação do carcereiro teve de ser vencida a machado... Destacou-se do grupo hostil um caboclo dos mais decididos, alto e loiro, de nome Reducino, e que pelos seus precedentes fôra denominado "Bravo". Destacou-se, e, a machado, abriu grande rombo nas grades (uma externa e outra interna, na grossa parede de táipa), por onde penetrou no cubículo com os vingadores dos brios e da honra da donzela ultrajada.

Aconteceu que lá no mesmo cubículo estava preso o outro negro, o outro monstro de concupiscência e ferocidade, que aguardava julgamento pelo estupro praticado na negrinha de três anos. Vendo-o, os vingadores resolveram incluí-lo no áto de saudável expurgo... Mataram-no, também.

Ao depois, pela abertura das grades por onde entraram, e ainda sob os protestos enérgicos do carcereiro, levaram em triunfo os cadáveres para uma grande paineira que havia na própria praça da cadeia, atarraram-nos à ponta de uma corda (um pelos pés, outro pelo pescoço), e os abandonaram pendentes de grosso galho da árvore, para amostra e exemplo do único tipo de justiça que julgavam capaz de regenerar os degenerados daquela espécie.

A respeito dêste fato dos fastos araraquarenses, cabe informar que a Justiça Pública processou e prendeu os responsáveis pela morte dos dois atrevidos ex-escravos — mas, não conseguiu condená-los porque o Tribunal do Júri não o permitiu.

Como era belo naquêle tempo, o respeito pela soberania do Júri!...

Transcrição

A ABOLIÇÃO EM ARARAQUARA

PIO LOURENÇO CORRÊA

A 13 de maio de 1888, chegou à Araraquara, uma notícia sensacional: A Lei Áurea da abolição da escravatura no Brasil...

Houve muito foguetório e os festejos se prolongaram durante a noite toda, com bailes até a madrugada.

A liberdade do negro era já esperada com mais ou menos certeza por todos os escravocratas e proprietários de escravos. Muitos, aqui mesmo em Araraquara, já tinham por esse tempo, dado carta de alforria para os seus escravos e estes, pouco a pouco, foram quebrando a disciplina férrea que dominava nas senzalas, a ponto de se levantarem insubordinações violentas e até sanguinolentas.

Lembro-me, por exemplo, de que seis negros picaram a enxada, na beira do rêgo dágua que estavam limpando numa fazenda do Chibarro, o seu feitor, que era genro do fazendeiro. Êsse ambiente – digamos de guerra social – em 1888 estava já alastrado por toda a zona rural do município, principalmente incentivado por um certo Dr. Fonseca, baiano que foi enviado pelos abolicionistas de São Paulo, para fazer propaganda de liberdade e até de violência, entre os escravos de Araraquara.

Êste Dr. Fonseca, tinha muita amizade com o então Juiz de Direito aqui na Comarca, em cuja casa ficou hospedado.

Conhecida dos escravocratas, a missão social que trouxe esse Dr. Fonseca à Araraquara, generalizou-se contra êle uma disposição agressiva – não devemos esquecer de que o escravo era no Brasil, uma propriedade igual à qualquer outra, de modo que, aconselhar ou dar liberdade a escravos era intervir no uso e gozo da propriedade alheia.

Depois de alguns dias, ou semanas, de minudente observação do procedimento de Fonseca, compareceu perante a casa do Juiz, numeroso grupo hostil de pedestres e cavaleiros, dando gritos de vivas e morras, e reclamando do juiz a entrega de Fonseca. Os amotinados tinham já levado consigo, devidamente ajaezada, uma égua magra, em que pretendiam fazer montar o baiano indesejável e levá-lo em procissão de deportação, até os limites do município pelo mesmo caminho (estrada de rodagem, porque não havia estrada de ferro) por onde tinha vindo.

Acudindo ao motim em frente de sua casa, o juiz compareceu a uma das janelas e declarou que o Dr. Fonseca já se tinha retirado da cidade, na madrugada dêsse mesmo dia. Era fato!... Avisado por um correligionário abolicionista, Fonseca saiu às pressas, pelos fundos da casa do juiz, ante manhã daquele dia.

Os amotinados, porém, ignoravam esse fato e não se deram por satisfeitos com a declaração do Juiz de Direito. Continuaram a exigir a entrega de Fonseca, alegando até que não acreditavam nas alegações e sinceridade do Juiz que, por aquêle meio queria proteger o seu amigo e hóspede. Um dos amotinados, talvez o chefe de todos êles, que se achava a cavalo, apeou então, e chegando à porta da casa do Juiz fez menção de arrombá-la caso este não quizesse abri-la, para assim procurar Fonseca dentro do prédio. O Juiz, porém, se interpôs para dentro da soleira da porta dizendo que não admitia a invasão de sua casa e que nisto estava acobertado pelos direitos individuais garantidos na Constituição do Império. O chefe amotinado insistiu, dizendo que entraria mesmo contra a vontade dele. Foi quando o Juiz declarou que, para entrarem na casa "só se passassem por cima do seu cadáver".

Assim desafiado o fazendeiro – que o era – respondeu em tom de muita energia: "Isso é muito simples, sendo preciso... passa-se"! Levou a mão ao peito do representante da Justiça e fê-lo ceder caminho, por onde entrou uma comissão de várias pessoas que deram minuciosa busca na casa, subindo até nos forros das salas e dos quartos.

Felismente, não encontraram Fonseca!...

II – Seguiu-se à Lei Áurea, o agudo da crise social. O negro, depois que "nóis fiquêmo tudo iguá", não queira mais trabalhar! Pois, si era igual ao ex-senhor!...

Bronco, mal aconselhado pelos demolidores do regime, não trabalhava. Bebia e dançava. Os batuques eram coisa diária nos arrabaldes da cidade. Assim, eram também os furtos de galinhas, de cabras, de gêneros alimentícios. O homem branco reagiu irado: - a sóva de páu e rebenque nos libertos, era igualmente diária. Ádemais, si eramos "tudo iguá", porque não havia o negro de ser admitido no seio das famílias? Porque não podia casar-se com moça branca?

Essas, e outras "injustiças", lhe parecia ao negro, colidia com a igualdade, com a lei escrita.

Ora, a respeito de moral, a das senzalas sempre fôra muito frouxa, quase livre. O novo cidadão vinha, pois, de má escola e no delírio da liberdade recente deu-se inconscientemente a todos os prazeres: - a pinga, o batuque, a vadiação, a carne. Mas, a carne branca lhe continuava

escassa, proibida. Porque não quebrar esse grilhão, ainda que violentamente? E os atentados ao pudor praticados por negro contra moça branca se foram amiudando no Brasil.

Aqui, em Araraquara, certo dia foi preso e trazido para a justiça, o negro Guilherme, que iludindo a boa fé de u'a moça branca, levou-a para lugar ermo, e aí, violentou-a bestialmente. Já então, se achava recolhido à cadeia pública, o negro Severino, ou Veríssimo, que esperava julgamento por crime de estupro contra uma criança de três anos ("três anos... não é engano"). Esta criança era preta e foi abandonada pelo monstro em estado de coma, no lugar do delito.

Diante do novo atentado ao pudor, praticado com incrível violência contra a moça branca, os araraquarenses em geral tomaram-se de indignação e decidiram retribuir violência por violência. Organizaram-se em numeroso grupo armado e, a 10 de Novembro de 1889, avançaram contra a cadeia, intimando a guarnição (quatro ou cinco praças) a entregar o perigoso sátiro. Diante da atitude dos assaltantes e do seu número, a guarnição nada pôde fazer, mas o carcereiro se opôs, e não houve como obter dele as chaves das células.

Tôdas as grades do presídio eram de traves de cabriúva, encaixadas umas nas outras. A obstinação do carcereiro teve de ser vencida a machado... Destacou-se do grupo hostil um caboclo dos mais decididos, alto e loiro, de nome Reducino, e que pelos seus precedentes fora denominado "Bravo". Destacou-se, e, a machado, abriu grande rombo nas grades (uma externa e outra interna, na grossa parede de táipa), por onde penetrou no cubículo com os vingadores dos brios e da honra da donzela ultrajada.

Aconteceu que lá no mesmo cubículo estava preso o outro negro, o outro monstro de concupiscência e ferocidade, que aguardava julgamento pelo estupro praticado na negrinha de três anos. Vendo-o, os vingadores resolveram incluí-lo no áto de saudável expurgo... Mataram-no, também.

Ao depois, pela abertura das grades por onde entraram, e ainda sob os protestos enérgicos do carcereiro, levaram em triunfo os cadáveres para uma grande paineira que havia na própria praça da cadeia, ataram-nos à ponta de uma corda (um pelos pés, outro pelo pescoço), e os abandonaram pendentes de grosso galho da árvore, para amostra e exemplo do único tipo de justiça que julgavam capaz de regenerar os degenerados daquela espécie.

A respeito dêste fato dos fastos araraquarenses, cabe informar que a Justiça Pública processou e prendeu os responsáveis pela morte dos dois atrevidos ex-escravos – mas, não

conseguiu condená-los porque o Tribunal do Júri não o permitiu. Como era belo naquele tempo, o respeito pela soberania do Júri!...

3- CORRÊA, Pio Lourenço."Araraquara de outros tempos: o 'rego d'água'. In: ALMEIDA, Nélson Martins de (Org.). *Álbum de Araraquara-1948.* Araraquara: s/ed, 1948, p. 27.

Fotocópia do texto publicado:

Araraquara de outros tempos

O "RÊGO DÁGUA"

Na edição especial de Agôsto de 1947, do orgão da imprensa local, "O Imparcial", encontramos um artigo do sr. Geraldo Blum, transcrevendo ao mesmo tempo uma carta interessante do sr. Pio Lourenço Corrêa, cujo assunto de cunho essencialmente histórico, julgamos oportuno registrar nas páginas dêste Album:

"No ano passado, nêste dia, escrevi um artiguête sôbre o rêgo dágua que existiu nesta cidade depois de 1880 e relevantes serviços prestou à sua população.

Os leitores devem lembrar-se que mencionei o fiscal incumbido da conservação dêsse rêgo. Para avivar-lhes a memória reproduzo o trecho:

"Cada dia, pela manhã, o fiscal — parece-me de nome JACOB — seu único funcionário, de enxada no ombro e uma concha grande, de madeira de cabo comprido na mão, percorria todo o percurso do rêgo, do princípio ao fim, na mais esquisita das pescarias, a pesca de imundícies (para sossêgo do leitor quanto a possível inocuidade do trabalho do fiscal, convém registrar que não lhe faltava o que fazer. A famulagem, tangida pela lei do menor esfôrço, não só lavava tudo, mas chegava despejar alí o conteúdo, nem sempre ralo, de recipientes do uso segregado...).

Jacob bem merecedor de um capítulo à parte, "pescava os detritos bolantes qué as cêrcas aparavam, jogava-os de lado e maldizia, aos berros os "porcalhões" responsáveis.

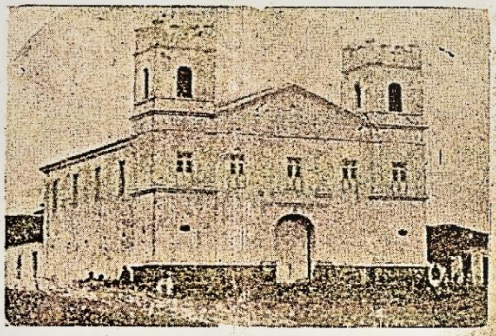
E as investidas, só por obra do acaso não iam direitas ao alvo, pois, em cada quarteirão existiam apenas uma ou duas, quando muito três casas..."

Ora, dei ao referido funcionário o nomé de JACOB. Traição da memória, pois o seu nome, como me contaram, não era êsse. A propósito, o sr. Pio Lourenço Corrêa, festejado autor da "MONOGRAFIA DA PALAVRA ARARAQUARA", e, sem favor, o maior conhecedor da história destas terras de Pedro José Netto, teve a gentileza de escrever-me a carta seguinte:

15 Nov. 46.

Amigo Sr. Blum:

O fiscal, nos tempos do famoso rêgo dágua, não era o Jacob (Aliás Manuel Jacob, português, que antes de ser fiscal, foi foguista da Estrada de Ferro da Companhia



Antiga Igreja Matriz de Araraquara à frente da qual passava o celebre Rêgo D'água. Demolida em 1887

Rio Claro, e veio para Araraquara, posteriormente a 1885, ano êste em que se inaugurou o tráfego ferroviário aqui, de cujo **trem inaugural** o Manuel Jacob foi o foguista).

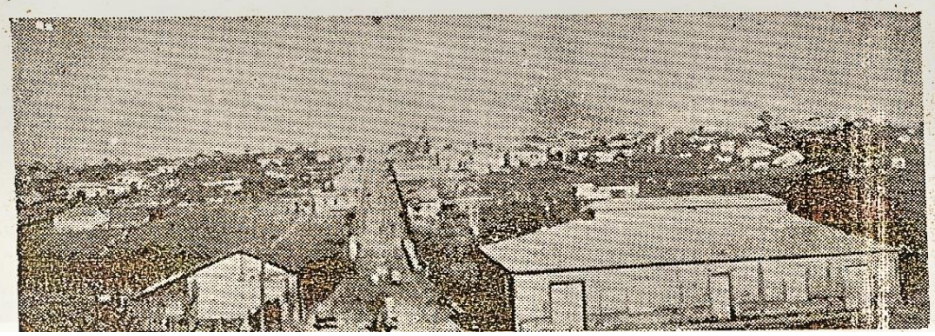
Mas o fiscal ali pelo ano de 1882, em diante, era o Araraquarense Francisco Antônio de Camargo, homem enérgico e brioso, que, se achava uma ""porcaria" no "ralo", acordava a batidas na porta, pela madrugadinha, o morador culposo (quando podia saber quem era) para entregar o Auto de Multa.

"Por isso, por êsse fato, por êsses atos antipáticos, um tal Maneco Padeiro, culpado muitas vezes reincidente e por isso muitas vezes incomodado ante manhã pelo fiscal e pelo Auto de Multa, pôs nêste zeloso funcionário a alcunha de **Chico Foras de Hora** alcunha esta que pegou a ponto de ficar o bravo homem por ela geralmente conhecido.

"Só depois — mais de ano depois — foi que Manuel Jacob despediu-se do emprego de foguista, e veio estabelecer domicílio em Araraquara. Portanto, já o rêgo dágua pertencia à história quando por cá floresceu o célebre Manuel Jacob, único representante da Câmara foragida da febre amarela, que aqui auxiliava (êle Jacob) o benemérito Antônio Lourenço na administração géral da cidade e dos cofres públicos.

Desculpe o entrometimento do Amigo

Pio Lourenço



ARARAQUARA EM 1895

A rua que se destaca no clichê é a florescente Avenida Brasil

Transcrição

ARARAQUARA DE OUTROS TEMPOS
O "RÊGO DÁGUA"

Na edição especial de Agôsto de 1947, do orgão de imprensa local, "O Imparcial", encontramos um artigo do sr. Geraldo Blum, transcrevendo ao mesmo tempo uma carta interessante do sr. Pio Lourenço Corrêa, cujo assunto de cunho essencialmente histórico, julgamos oportuno registrar nas páginas dêste Album:

"No ano passado, nêste dia, escrevi um artiguête sôbre o rêgo dágua que existiu nesta cidade depois de 1880 e relevantes serviços prestou à sua população.

Os leitores devem lembrar-se que mencionei o fiscal incumbido da conservação dêsse rêgo. Para avivar-lhes a memória reproduzo o trecho:

"Cada dia, pela manhã, o fiscal – parece-me de nome JACOB – seu único funcionário, de enxada no ombro e uma concha grande, de madeira de cabo comprido na mão, percorria todo o percurso do rêgo, do princípio ao fim, na mais esquisita das pescarias, a pesca de imundícies (para sossêgo do leitor quanto a possível inocuidade do trabalho do fiscal, convém registrar que não lhe faltava o que fazer. A famulagem, tangida pela lei do menor esfôrço, não só lavava tudo, mas chegava desepjar alí o conteúdo, nem sempre ralo, de recipientes do uso segregado...).

Jacob bem merecedor de um capítulo à parte, "pescava os detritos boiantes que as cêrcas aparavam, jogava-os de lado e maldizia, aos berros os "porcalhões" responsáveis..

E as investidas, só por obra do acaso não iam direitas ao alvo, pois, em cada quarteirão existiam apenas uma ou duas, quando muito três casas..."

Ora, dei ao referido funcionário o nome de JACOB. Traição da memória, pois o seu nome, como me contaram, não era êsse. A propósito, o sr. Pio Lourenço Corrêa, festejado autor da "MONOGRAFIA DA PALAVRA ARARAQUARA", e, sem favor, o maior conhecedor da história destas terras de Pedro José Netto, teve a gentileza de escrever-me a carta seguinte:

15 Nov. 46.

Amigo Sr. Blum:

O fiscal, nos tempos do famoso rêgo dágua, não era o Jacob (Aliás Manuel Jacob, português, que antes de ser fiscal, foi foguista da Estrada de Ferro da Companhia Rio Claro, e veio para Araraquara, posteriormente a 1885, ano êste em que se inaugurou o tráfego ferroviário

aqui, de cujo trem inaugural o Manuel Jacob foi o foguista).

Mas o fiscal ali pelo ano de 1882, em diante, era o Araraquarense Francisco António de Camargo, homem enérgico e brioso, que, se achava uma "porcaria" no "ralo", acordava a batidas na porta, pela madrugadinha, o morador culposo (quando podia saber quem era) para entregar o Auto da Multa.

"Por isso, por êsse fato, por êsses atos antipáticos, um tal Maneco Padeiro, culpado muitas vezes reincidente e por isso muitas vezes incomodado ante manhã pelo fiscal e pelo Auto de Multa, pôs nêste zeloso funcionário a alcunha de Chico Foras de Hora, alcunha esta que pwgou a ponto de ficar o bravo homem por ela geralmente conhecido.

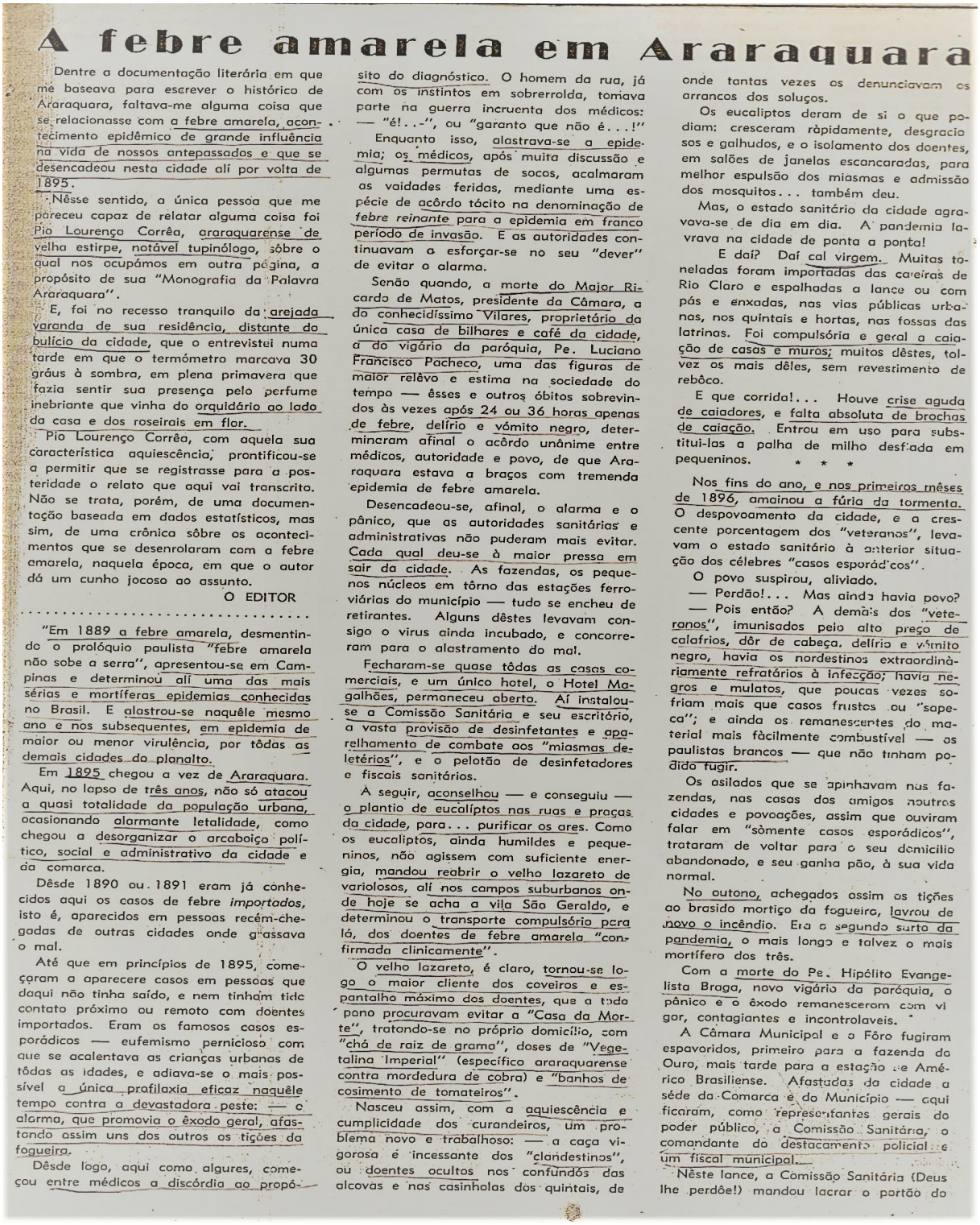
"Só depois – mais de ano depois – foi que Manuel Jacob despediu-se do emprego de foguista, e veio estabelecer domicílio em Araraquara. Portanto, já o rêgo dágua pertencia à história quando por cá floresceu o cérebre Manuel Jacob, único representante da Câmara foragida da febre amarela, que aqui auxiliava (êle Jacob) o benemérito António Lourenço na administração geral da cidade e dos cofres públicos.

Desculpe o entrometimento do Amigo

Pio Lourenço

4- CORRÊA, Pio Lourenço. “A febre amarela em Araraquara”. In: ALMEIDA, Nélson Martins de (Org.). *Álbum de Araraquara-1948.* Araraquara: s/ed, 1948, p. 38-40.

Imagem do texto publicado:



A febre amarela em Araraquara

Dentre a documentação literária em que me baseava para escrever o histórico de Araraquara, faltava-me alguma coisa que se relacionasse com a febre amarela, acontecimento epidêmico de grande influência na vida de nossos antepassados e que se desencadeou nesta cidade alí por volta de 1895.

Nêsse sentido, a única pessoa que me pareceu capaz de relatar alguma coisa foi Pio Lourenço Corrêa, araraquarense de velha estirpe, notável tupinólogo, sôbre o qual nos ocupámos em outra página, a propósito de sua "Monografia da Palavra Araraquara".

E, foi no recesso tranquilo da arejada varanda de sua residência, distante do bulício da cidade, que o entrevistei numa tarde em que o termómetro marcava 30 gráus à sombra, em plena primavera que fazia sentir sua presença pelo perfume inebriante que vinha do orquidário ao lado da casa e dos roseirais em flor.

Pio Lourenço Corrêa, com aquela sua característica aquiescência, prontificou-se a permitir que se registrasse para a posteridade o relato que aqui vai transcrito. Não se trata, porém, de uma documentação baseada em dados estatísticos, mas sim, de uma crônica sôbre os acontecimentos que se desenrolaram com a febre amarela, naquela época, em que o autor dá um cunho jocoso ao assunto.

O EDITOR

. . . . . .

"Em 1889 a febre amarela, desmentindo o prolóquio paulista "febre amarela não sobe a serra", apresentou-se em Campinas e determinou alí uma das mais sérias e mortíferas epidemias conhecidas no Brasil. E alastrou-se naquêle mesmo ano e nos subsequentes, em epidemia de maior ou menor virulência, por tôdas as demais cidades do planalto.

Em 1895 chegou a vez de Araraquara. Aqui, no lapso de três anos, não só atacou a quasi totalidade da população urbana, ocasionando alarmante letalidade, como chegou a desorganizar o arcaboiço político, social e administrativo da cidade e da comarca.

Dêsde 1890 ou 1891 eram já conhecidos aqui os casos de febre *importados*, isto é, aparecidos em pessoas recém-chegadas de outras cidades onde grassava o mal.

Até que em princípios de 1895, começaram a aparecere casos em pessoas que daqui não tinha saído, e nem tinham tido contato próximo ou remoto com doentes importados. Eram os famosos casos esporádicos — eufemismo pernicioso com que se acalentava as crianças urbanas de tôdas as idades, e adiava-se o mais possível a única profilaxia eficaz naquêle tempo contra a devastadora peste: — o alarma, que promovia o êxodo geral, afastando assim uns dos outros os tições da fogueira.

Dêsde logo, aqui como algures, começou entre médicos a discórdia ao propósito do diagnóstico. O homem da rua, já com os instintos em sobrerrolda, tomava parte na guerra incruenta dos médicos: — "é!...", ou "garanto que não é...!"

Enquanto isso, alastrava-se a epidemia; os médicos, após muita discussão e algumas permutas de socos, acalmaram as vaidades feridas, mediante uma espécie de acôrdo tácito na denominação de *febre reinante* para a epidemia em franco período de invasão. E as autoridades continuavam a esforçar-se no seu "dever" de evitar o alarma.

Senão quando, a morte do Major Ricardo de Matos, presidente da Câmara, a do conhecidíssimo Vilares, proprietário da única casa de bilhares e café da cidade, a do vigário da paróquia, Pe. Luciano Francisco Pacheco, uma das figuras de maior relêvo e estima na sociedade do tempo — êsses e outros óbitos sobrevindos às vezes após 24 ou 36 horas apenas de febre, delírio e vómito negro, determinaram afinal o acôrdo unânime entre médicos, autoridade e povo, de que Araraquara estava a braços com tremenda epidemia de febre amarela.

Desencadeou-se, afinal, o alarma e o pânico, que as autoridades sanitárias e administrativas não puderam mais evitar. Cada qual deu-se à maior pressa em sair da cidade. As fazendas, os pequenos núcleos em tôrno das estações ferroviárias do município — tudo se encheu de retirantes. Alguns dêstes levavam consigo o virus ainda incubado, e concorreram para o alastramento do mal.

Fecharam-se quase tôdas as casas comerciais, e um único hotel, o Hotel Magalhães, permaneceu aberto. Aí instalou-se a Comissão Sanitária e seu escritório, a vasta provisão de desinfetantes e aparelhamento de combate aos "miasmas deletérios", e o pelotão de desinfetadores e fiscais sanitários.

A seguir, aconselhou — e conseguiu — o plantio de eucalíptos nas ruas e praças da cidade, para... purificar os ares. Como os eucaliptos, ainda humildes e pequeninos, não agissem com suficiente energia, mandou reabrir o velho lazareto de variolosos, alí nos campos suburbanos onde hoje se acha a vila São Geraldo, e determinou o transporte compulsório para lá, dos doentes de febre amarela "confirmada clinicamente".

O velho lazareto, é claro, tornou-se logo o maior cliente dos coveiros e espantalho máximo dos doentes, que a todo pano procuravam evitar a "Casa da Morte", tratando-se no próprio domicílio, com "chá de raiz de grama", doses de "Vegetalina Imperial" (específico araraquarense contra mordedura de cobra) e "banhos de cosimento de tomateiros".

Nasceu assim, com a aquiescência e cumplicidade dos curandeiros, um problema novo e trabalhoso: — a caça vigorosa e incessante dos "clandestinos", ou doentes ocultos nos confundos das alcovas e nas casinholas dos quintais, de onde tantas vezes os denunciavam os arrancos dos soluços.

Os eucaliptos deram de si o que podiam: cresceram ràpidamente, desgraciosos e galhudos, e o isolamento dos doentes, em salões de janelas escancaradas, para melhor espulsão dos miasmas e admissão dos mosquitos... também deu.

Mas, o estado sanitário da cidade agravava-se de dia em dia. A pandemia lavrava na cidade de ponta a ponta!

E daí? Daí cal virgem. Muitas toneladas foram importadas das caieiras de Rio Claro e espalhadas a lance ou com pás e enxadas, nas vias públicas urbanas, nos quintais e hortas, nas fossas das latrinas. Foi compulsória e geral a caiação de casas e muros; muitos dêstes, talvez os mais dêles, sem revestimento de rebôco.

E que corrida!... Houve crise aguda de caiadores, e falta absoluta de brochas de caiação. Entrou em uso para substituí-las a palha de milho desfiada em pequeninos.

* * *

Nos fins do ano, e nos primeiros mêses de 1896, amainou a fúria da tormenta. O despovoamento da cidade, e a crescente porcentagem dos "veteranos", levavam o estado sanitário à anterior situação dos célebres "casos esporádicos".

O povo suspirou, aliviado.

— Perdão!... Mas ainda havia povo?

— Pois então? A demais dos "veteranos", imunisados pelo alto preço de calafrios, dôr de cabeça, delírio e vómito negro, havia os nordestinos extraordinàriamente refratários à infecção; havia negros e mulatos, que poucas vezes sofriam mais que casos frustos ou "sapeca"; e ainda os remanescentes do material mais fàcilmente combustível — os paulistas brancos — que não tinham podido fugir.

Os asilados que se apinhavam nas fazendas, nas casas dos amigos noutros cidades e povoações, assim que ouviram falar em "sòmente casos esporádicos", trataram de voltar para o seu domicílio abandonado, e seu ganha pão, à sua vida normal.

No outono, achegados assim os tições ao brasido mortiço da fogueira, lavrou de novo o incêndio. Era o segundo surto da pandemia, o mais longo e talvez o mais mortífero dos três.

Com a morte do Pe. Hipólito Evangelista Braga, novo vigário da paróquia, o pânico e o êxodo remaneceram com vigor, contagiantes e incontrolaveis.

A Câmara Municipal e o Fôro fugiram espavoridos, primeiro para a fazenda do Ouro, mais tarde para a estação de Américo Brasiliense. Afastadas da cidade a séde da Comarca e do Município — aqui ficaram, como representantes gerais do poder público, a Comissão Sanitária, o comandante do destacamento policial e um fiscal municipal.

Nêste lance, a Comissão Sanitária (Deus lhe perdôe!) mandou lacrar o portão do

(Continuação)

cemitério. Era a prisão simbólica dos "miasmas mefíticos", que escapavam dos sepulcros "contaminados", e vinham cá fora instilar o vírus do vômito negro na população.

Para prova, aí estavam os fatos averiguados: — dois párocos e vários coveiros — gente que por dever de ofício muito se expunha ao perigo — haviam pago com a vida a sua dedicação e boa fé. O lacre vermelho do portão do cemitério determinou uma correria de todos os diabos!

A Câmara Municipal, que dêsde Américo Brasiliense ou a fazenda do Ouro, espiava por um óculo os acontecimentos urbanos — viu-se na maior pressa do seu período administrativo. Correu-se lá, em grande afobamento, aí para os campos inhóspitos dalém Ribeirão das Cruzes, mandou roçar e carpir mal e mal as catingas de duas áreas separadas, e enquanto uma turma se fechava em cêrca de arame farpado e porteira-de-bater, tangendo fora os lagartos verdes espantadiços, outra turma, igualmente atressurada abria as primeiras covas, nelas recolhia os primeiros cadáveres que exalavam síntomas de impaciência.

E' preciso explicar, ainda que com isso se aumente o sofrimento dos leitores, por que razão se fizeram, de golpe, dois cemitérios em vez de um.

Foi por isto: — um, que, à cautela, se devia conservar sempre fechado à visita pública e do acompanhamento dos enterros, era destinado para os "contagiados" (classe de defuntos daninhos e perigosos); o outro seria — e foi — reservado para os defuntos comuns, humildes e inofensivos.

Deus nos perdôe a todos! Principalmente a mim, que 48 anos depois de escapo da minha febre amarela e da condenação ao convívio eterno dos defuntos malignos — não pude resistir à tentação de fazer esta desgraciosa sátira.

* * *

Mais ou menos por aquelas semanas de pavor agudo e desorganização administrativa, reapareceu na cidade a figura enérgica e prestigiosa de Antonio Lourenço Corrêa que, com sua esposa, acabavam a longa convalescença da febre amarela que os prostrara. O bandeirante araraquarense reviveu naqueles dias as virtudes da estirpe: contemplou o cenário melancólico e as atividades desconexas dos heróis anônimos, e assumiu uma espécie de comando militar da situação.

Antes de tudo, procurou pôr-se de acôrdo com a Comissão Sanitária e com o comandante (um sargento, creio) do destacamento policial. (Estava ausente o delegado de polícia).

* * *

Não havia lenha na cidade. Os fornecedores, sitiantes que vinham com suas carroças oferecê-las à venda, cessaram o mister, temendo o contágio e os "maus ares". As próprias cêrcas de madeira, que faziam as vezes de muros nas vias públicas, ou dividiam as hortas e jardins, tinham sido em grande parte queimados nos fogões das cozinhas. Antonio Lourenço requisitou lenha do seu amigo Cel. Germano Xavier de Mendonça, fazendeiro em Américo, possuidor de abundantes recursos, araraquarense de raça, chefe político e pessoa estimadíssima pelos seus belos dotes de coração e de caráter.

A requisição foi fidalga e prontamente atendida: poucos dias depois, os pátios da estação da Paulista encheram-se de lenha, aí descarregada de comboios especiais por ordem do "governador", e posta gratuitamente à disposição do público.

* * *

Assim como não havia lenha, também não havia leite, nem ovos, nem frangos ou galinhas, nem legumes ou verduras que os chacareiros e sitiantes, com razão receiosos de entrar na cidade pestilenta, não mais traziam para o mercado.

A tôdas essas faltas — e a muitas outras — a energia do "governador" acudiu com incrível segurança e rapidez, já fornecendo êle próprio, da sua fazenda de criar "Lageado", o leite e o gado de corte para os açougues que conseguiu reabrir, já utilizando do intermédio da casa e da organização comercial do seu sobrinho Sebastião Lacerda Corrêa — êsse ancião modesto e retraído que hoje todos conhecem e respeitam, mas poucos sabem da eficiente colaboração que prestou nos dias da deserção e do pânico.

Já duas vezes "veterano" da febre amarela, de que sofreu o primeiro ataque em Campinas e o segundo aqui, o capitão do pequeno exército às ordens do tio cumpria alegremente os seus novos encargos. Acostumara a ouvir os sinos dobrar a finados!...

Tinha êle um criado preto, o Jacó, ainda moço, grande andarilho, bom cavaleiro e bom carroceiro. Ou a pé, ou a cavalo, ou guiando carroça, êste Jacó não tinha sossêgo; melhor, os dois Jacós — êste e o fiscal — não tinham sossêgo. Um, a transportar ovos, frangos, verduras dos sitios para a cidade e para o Lazareto; outro, a fazer cobranças de impostos, a extrair dos canhotos de talões municipais recibo "por conta dos impostos vencidos" — os quais recibos eram assinados por Antonio Lourenço, e cumpridos, com boa ou má vontade pelos contribuintes dos cofres públicos que estivessem mais à mão.

A febre amarela transmite-se pela água dos poços domiciliares, poluídas por infiltrações procedentes das fossas de latrinas — escrevia o Dr. Luiz Pereira Barreto, partidário convicto da então chamada "teoria hídrica". E concluia — "enquanto não dermos água pura à população de Araraquara, não dominaremos lá o terrível morbo". Justificava o seu parecer com famosa epidemia de tifo que devastara Hamburgo, e desaparecera dêsde que lá houve *água pura*. (Vêr o jornal "O Estado de São Paulo", da época).

Como se vê, era sempre o mesmo raciocínio enganoso, baseado no vôo largo das generalizações.

Diante disso, o Govêrno do Estado, com o Dr. Teodoro de Carvalho na secretaria da agricultura, decidiu atacar imediatamente, com energia e rapidez, a grande obra de captação das nascentes dos Pinheirinhos. Foi nova corrida: vários engenheiros, centenas de operários, entre carroceiros, cavouqueiros, pedreiros e encanadores, atressuavam dia e noite em ritmo febril.

Em pouco tempo tinhamos torneiras nas esquinas e praças públicas, das quais jorrava a água mais límpida até então conhecida nas cidades do Estado.

O povo encheu-se de júbilo e renasceu a esperança; até o pão das padarias melhorou de aspecto e parecia mais saboroso. Mas a peste negra continuava!...

— E então? — Então, de certo Araraquara não era Hamburgo, ou o nosso Jéca, rotineiro e cético, continuava a servir-se da água dos poços dos quintais, poupando-se ao esfôrço de ir às esquinas, com baldes e barris, prover-se do líquido salvador.

E a Comissão Sanitária, por mão dos seus fiscais, correu a lançar nos poços todos, da cidade e até dos subúrbios, não sei que droga fedorenta, muito mais convincente que a teoria hídrica. Nos quintais de prédios fechados e desabitados — e eram a maioria — penetravam eles sem maiores cerimônias ou perda de tempo: arrombavam os portões ou galgavam os muros.

A febre amarela entrou em um dos seus períodos de declínios, com grande alegria de todos e mais dos incansáveis apóstolos da teoria hídrica, quando de novo recrudesceu a epidemia, e se viu que não bastava beber *água pura*...

Os sábios voltaram de novo as vistas para os miasmas invisíveis: — daí a construção do sistema de esgotos, o fornecimento gratuito de bacias de latrina e o conseqüente entupimento das detestáveis fossas domiciliares.

Foi assim que Araraquara, coberta de eucaliptos e de cal, e privada das antigas privadas, do cemitério de São Bento e dos poços, viu afinal, em 1897, o último caso de febre amarela afundir-se no cemitério de contagiados da charneca das Cruzes.

E' certo, todavia, que nem um único *Aedes aegypti (Stegomya fasciata)* foi até então diretamente perseguido ou siquer suspeitado da parte direta que tomara nas dantescas angustias do homem, seu vizinho e o seu alimentador.

Os perseguidos foram... os camondongos e os ratos. O homem, na ânsia tumultuária da fuga, fechou a casa e a cozinha sem se lembrar dos gatos. Êstes, assim abandonados à própria sorte, atiraram-se de unhas e dentes contra os seus vizinhos roedores, e chegaram a destruir o último representante das duas espécies, na cidade e nos suburbios".

Pio Lourenço Corrêa (Mota Coqueiro)

Transcrição

A FEBRE AMARELA EM ARARAQUARA

Dentre a documentação literária em que me baseava para escrever o histórico de Araraquara, faltava-me alguma coisa que se relacionasse com a febre amarela, acontecimento epidêmico de grande influência na vida de nossos antepassados e que se desencadeou nesta cidade alí por volta de 1895.

Nêsse sentido, a única pessoa que me pareceu capaz de relatar alguma coisa foi Pio Lourenço Corrêa, araraquarense de velha estirpe, notável tupinólogo, sobre o qual nos ocupámos em outra página, a propósito de sua "Monografia da Palavra Araraquara".

E, foi no recesso tranquilo da arejada varanda de sua residência, distante do bulício da cidade, que o entrevistei numa tarde em que o termómetro marcava 30 gráus à sombra, em plena primavera que fazia sentir sua presença pelo perfume inebriante que vinha do orquidário ao lado da casa e dos roseirais em flor.

Pio Lourenço Corrêa, com aquela sua característica aquiescência, prontificou-se a permitir que se registrasse para a posteridade o relato que aqui vai transcrito. Não se trata, porém, de uma documentação baseada em dados estatísticos, mas sim, de uma crônica sobre os acontecimentos que se desenrolaram com a febre amarela, naquela época, em que o autor dá um cunho jocoso ao assunto.

O EDITOR

.....

"Em 1889 a febre amarela, desmentindo o prolóquio paulista "febre amarela não sobe a serra", apresentou-se em Campinas e determinou ali uma das mais sérias e mortíferas epidemias conhecidas no Brasil. E alastrou-se naquêle mesmo ano e nos subsequentes, em epidemia de maior ou menor virulência, por tôdas as demais cidades do planalto.

Em 1895 chegou a vez de Araraquara. Aqui, no lapso de três anos, não só atacou a quasi totalidade da população urbana, ocasionando alarmante letalidade, como chegou a desorganizar o arcaboiço político, social e administrativo da cidade e da comarca.

Dêsde 1890 ou 1891 eram já conhecidos aqui os casos de febre importados, isto é, aparecidos em pessoas recém-chegadas de outras cidades onde grassava o mal.

Até que em princípios de 1895, começaram a aparecer casos em pessoas que daqui não tinham saído, e nem tinham tido contato próximo ou remoto com doentes importados. Eram os famosos casos esporádicos – eufemismo pernicioso com que se acalentava as crianças urbanas de tôdas as idades, e adiava-se o mais possível a única profilaxia eficaz naquele tempo contra a devastadora peste: - e alarma, que promovia o êxodo geral, afastando assim uns dos outros os tições da fogueira.

Dêsde logo, aqui como algures, começou entre médicos a discórdia ao propósito do diagnóstico. O homem da rua, já com os instintos em sobrerrolda, tomava parte na guerra incruenta dos médicos: - "é...", ou "garanto que não é...!"

Enquanto isso, alastrava-se a epidemia; os médicos, após muita discussão e algumas permutas de socos, acalmaram as vaidades feridas, mediante uma espécie de acôrdo tácito na denominação de *febre reinante* para a epidemia em franco período de invasão. E as autoridades continuavam a esforçar-se no seu "dever" de evitar o alarma.

Senão quando, a morte do Major Ricardo de Matos, presidente da Câmara, a do conhecidíssimo Vilares, proprietário da única casa de bilhares e café da cidade, a do vigário da paróquia, Pe. Luciano Francisco Pacheco, uma das figuras de maior relêvo e estima na sociedade do tempo – esses e outros óbitos sobrevindos às vezes após 24 ou 36 horas apenas de febre, delírio e vômito negro, determinaram afinal o acôrdo unânime entre médicos, autoridade e povo, de que Araraquara estava a braços com tremenda epidemia de febre amarela.

Desencadeou-se, afinal, o alarma e o pânico, que as autoridades sanitárias e administrativas não puderam mais evitar. Cada qual deu-se à maior pressa em sair da cidade. As fazendas, os pequenos núcleos em torno das estações ferroviárias do município – tudo se encheu de retirantes. Alguns destes levaram consigo o vírus ainda incubado, e concorreram para o alastramento do mal.

Fecharam-se quase tôdas as casas comerciais, e um único hotel, o Hotel Magalhães, permaneceu aberto. Aí instalou-se a Comissão Sanitária e seu escritório, a vasta provisão de desinfetantes e aparelhamento de combate aos "miasmas deletérios", e o pelotão de desinfetadores e fiscais sanitários.

A seguir, aconselhou – e conseguiu – o plantio de eucaliptos nas ruas e praças da cidade, para... purificar os ares. Como os eucaliptos, ainda humildes e pequeninos, não agissem com suficiente energia, mandou reabrir o velho lazareto de variolosos, ali nos campos suburbanos

onde hoje se acha a Vila São Geraldo, e determinou o transporte compulsório para lá, dos doentes de febre amarela "confirmada clinicamente".

O velho lazareto, é claro, tornou-se logo o maior cliente dos coveiros e espantalho máximo de doentes, que a todo pano procuravam evitar a "Casa da Morte", tratando-se no próprio domicílio, com "chá de raiz de grama", doses de "Vegetalina Imperial" (específico araraquarense contra mordedura de cobra) e "banhos de cozimento de tomateiros".

Nasceu assim, com a aquiescência e cumplicidade dos curandeiros, um problema novo e trabalhoso: - a caça vigorosa e incessante dos "clandestinos", ou doentes ocultos nos cafundós das alcovas e nas casinholas dos quintais, de onde tantas vezes os denunciavam os arrancos dos soluços.

Os eucaliptos deram de si o que podiam: cresceram rapidamente, desgraciosos e galhudos, e o isolamento dos doentes, em salões de janelas escancaradas, para melhor expulsão dos miasmas e admissão dos mosquitos... também deu.

Mas, o estado sanitário da cidade agravava-se de dia em dia. A pandemia lavrava na cidade de ponta a ponta!

E daí? Daí cal virgem. Muitas toneladas foram importadas das caieiras de Rio Claro e espalhadas a lance ou com pás e enxadas, nas vias públicas urbanas, nos quintais e hortas, nas fossas das latrinas. Foi compulsória e geral a caiação de casas e muros, muitos destes, talvez os mais dêles, sem revestimento de rebôco.

E que corrida!... Houve crise aguda de caiadores, e falta absoluta de brochas de caiação. Entrou em uso para substituí-las a palha de milho desfiada em pequeninos.

Nos fins do ano, e nos primeiros meses de 1896, amainou a fúria da tormenta. O despovoamento da cidade, e a crescente porcentagem dos "veteranos", levavam o estado sanitário à anterior situação dos célebres "casos esporádicos".

O povo suspirou, aliviado.

- Perdão!... Mas ainda havia povo?

- Pois então? A demais dos "veteranos", imunizados pelo alto preço de calafrios, dôr de cabeça, delírio e vômito negro, havia os nordestinos extraordinàriamente refratários à infecção; havia negros e mulatos, que poucas vezes sofriam mais que casos frustos ou "sapeca"; e ainda os remanescentes do material mais facilmente combustível – os paulistas brancos – que não tinham podido fugir.

Os asilados que se apinhavam nas fazendas, nas casas dos amigos noutras cidades e povoações, assim que ouviram falar em “somente casos esporádicos, trataram de voltar para o seu domicílio abandonado, e seu ganha pão, à sua vida normal.

No outono, achegados assim os tições ao brasido mortiço da fogueira, lavrou de novo o incêndio. Era o segundo surto da pandemia, o mais longo e talvez o mais mortífero dos três.

Com a morte do Pe. Hipólito Evangelista Braga, novo vigário da paróquia, o pânico e o êxodo remanesceram com vigor, contagiantes e incontroláveis.

A Câmara Municipal e o Fôro fugiram espavoridos, primeiro para a fazenda do Ouro, mais tarde para a estação de Américo Brasiliense. Afastadas da cidade a sede da Comarca e do Município – aqui ficaram, como representantes gerais do poder público, a comissão Sanitária, o comandante do destacamento policial e um fiscal municipal.

Nêste lance, a Comissão Sanitária (Deus lhe perdôe!) mandou lacrar o portão do cemitério. Era a prisão simbólica dos “miasmas mefíticos”, que escapavam dos sepulcros “contaminados”, e vinham cá fora instilar o vírus do vômito negro na população.

Para prova, aí estavam os fatos averiguados – dois párocos e vários coveiros – gente que por dever de ofício muito se expunha ao perigo – haviam pago com a vida a sua dedicação e boa fé. O lacre vermelho do portão do cemitério determinou uma correria de todos os diabos!

A Câmara Municipal, que desde Américo Brasiliense ou a fazenda do Ouro, espiava por um óculo os acontecimentos urbanos – viu-se na maior pressa do seu período administrativo. Correu de lá, em grande afobamento, ali para os campos inhóspitos dalém Ribeirão das Cruzes, mandou roçar e carpir mal e mal as catingas de duas áreas separadas, e enquanto uma turma se fechava com cerca de arame farpado e porteira-de-bater, tangendo fora os lagartos verdes espantadiços, outra turma igualmente apressurada abria as primeiras covas, nelas recolhia os primeiros cadáveres que exalavam sintomas de impaciência.

É preciso explicar, ainda que com isso se aumente o sofrimento dos leitores, por que razão se fizeram, de golpe, dois cemitérios em vez de um.

Foi por isto: - um, que, à cautela, se devia conservar sempre fechado à visita pública e ao acompanhamento dos enterros, era destinado para os “contagiados” (classe de defuntos daninhos e perigosos); o outro seria – e foi - reservado para os defuntos comuns, humildes e inofensivos.

Deus nos perdôe a todos! Principalmente a mim, que 48 anos depois de escapo da minha febre amarela e da condenação ao convívio eterno defuntos malignos – não pude resistir à tentação de fazer esta desgraciosa sátira.

Mais ou menos por aquelas semanas de pavor agudo e desorganização administrativa, reapareceu na cidade a figura enérgica e prestigiosa de Antonio Lourenço Corrêa que, com sua esposa, acabavam a longa convalescença da febre amarela que os prostara. O bandeirante araraquarense reviveu naqueles dias as virtudes da estirpe: contemplou o cenário melancólico e as atividades desconexas dos heróis anônimos, e assumiu uma espécie de comando militar da situação.

Antes de tudo, procurou pôr-se de acordo com a Comissão Sanitária e com o comandante (um sargento, creio) do destacamento policial. (Estava ausente o delegado de polícia).

Não havia lenha na cidade. Os fornecedores, sitiantes que vinham com suas carroças oferecê-las à venda, cessaram o mister, temendo o contágio e os "maus ares". As próprias cercas de madeira, que faziam as vezes de muros nas vias públicas ou dividiam as hortas e jardins, tinham sido em grande parte queimadas nos fogões das cozinhas. Antonio Lourenço requisitou lenha do seu amigo Cel. Germano Xavier de Mendonça, fazendeiro em Américo, possuidor de abundantes recursos, araraquarense de raça, chefe político e pessoa estimadíssima pelos seus belos dotes de coração e de caráter.

A requisição foi fidalga e prontamente atendida: poucos dias depois, os pátios da estação da Paulista encheram-se de lenha, alí descarregada de comboios especiais por ordem do "governador", e posta gratuitamente à disposição do público.

Assim como não havia lenha, também não havia leite, nem ovos, nem frangos ou galinhas, nem legumes ou verduras que os chacareiros e sitiantes, com razão receiosos de entrar na cidade pestilenta, não mais traziam para o mercado.

A todas essas faltas - e a muitas outras – a energia do "governador" acudiu com incrível segurança e rapidez, já fornecendo êle próprio, da sua fazenda de criar "Lageado", o leite e o gado de corte para os açougues que conseguiu reabrir, já utilizando do intermédio da casa e da organização comercial do seu sobrinho Sebastião Lacerda Corrêa – esse ancião modesto e retraído que hoje todos conhecem e respeitam, mas poucos sabem da eficiente colaboração que prestou nos dias da deserção e do pânico.

Já duas vezes “veterano” da febre amarela, de que sofreu o primeiro ataque em Campinas e o segundo aqui, o capitão do pequeno exército às ordens do tio cumpria alegremente os seus novos encargos. Acostumou a ouvir os sinos dobrar a finados!...

Tinha êle um criado preto, o Jacó, ainda moço, grande andarilho, bom cavaleiro e bom carroceiro. Ou a pé, ou a cavalo, ou guiando carroça, este Jacó não tinha sossego; melhor, os dois Jacós – este e o fiscal – não tinham sossego. Um, a transportar ovos, frangos, verduras dos sítios para a cidade e para o Lazareto; outro, a fazer cobranças de impostos, a extrair dos canhotos de talões municipais recibo “por conta dos impostos vencidos” – os quais recibos eram assinados por Antonio Lourenço, e cumpridos, com boa ou má vontade pelos contribuintes dos cofres públicos que estivessem mais à mão.

A febre amarela transmite-se pela água dos poços domiciliares, poluídos por infiltrações procedentes das fossas de latrinas – escrevia o Dr. Luiz Pereira Barreto, partidário convicto da então chamada “teoria hídrica”. E concluía – “enquanto não dermos água pura à população de Araraquara, não dominaremos lá o terrível morbo”. Justificava o seu parecer com famosa epidemia de tifo que devastara Hamburgo, e desaparecera desde que lá houve *água pura*. (Vêr o jornal “O Estado de São Paulo”, da época).

Como se vê, era sempre o mesmo raciocínio enganoso, baseado no vôo largo das generalizações.

Diante disso, o Govêrno do Estado, com o Dr. Teodoro de Carvalho na secretaria da agricultura, decidiu atacar imediatamente, com energia e rapidez, a grande obra de captação das nascentes dos Pinheirinhos. Foi nova corrida: vários engenheiros, centenas de operários, entre carroceiros, cavouqueiros, pedreiros e encanadores, tressuavam dia e noite em ritmo febril.

Em pouco tempo tínhamos torneiras nas esquinas e praças públicas, das quais jorrava a água mais límpida até então conhecida nas cidades do Estado.

O povo encheu-se de júbilo e renasceu a esperança; até o pão das padarias melhorou de aspecto e parecia mais saboroso. Mas a peste continuava!...

- E então? – Então, de certo Araraquara não era Hamburgo, ou o nosso Jéca, rotineiro e cético, continuava a servir-se de água dos poços dos quintais, poupando-se ao esforço de ir às esquinas, com baldes e barris, prover-se do líquido salvador.

E a Comissão Sanitária, por mão dos seus fiscais, correu a lançar nos poços todos, da cidade e até dos subúrbios, não sei que droga fedorenta, muito mais convincente que a teoria

hídrica. Nos quintais de prédios fechados e desabitados – e eram a maioria – penetravam eles sem maiores cerimônias ou perda de tempo; arrombavam os portões ou galgavam os muros.

A febre amarela entrou em um dos seus períodos de declínio, com grande alegria de todos e mais dos incansáveis apóstolos da teoria hídrica, quando de novo recrudesceu a epidemia, e se viu que não bastava beber água pura...

Os sábios voltaram de novo as vistas para os miasmas invisíveis: - daí a construção do sistema de esgotos, o fornecimento gratuito de bacias de latrina e o consequente entupimento das detestáveis fossas domiciliares.

Foi assim que Araraquara, coberta de eucaliptos e de cal, e privada das antigas privadas, do cemitério de São Bento e dos poços, viu afinal, em 1897, o último caso de febre amarela afundir-se no cemitério dos contagiados da charneca das Cruzes.

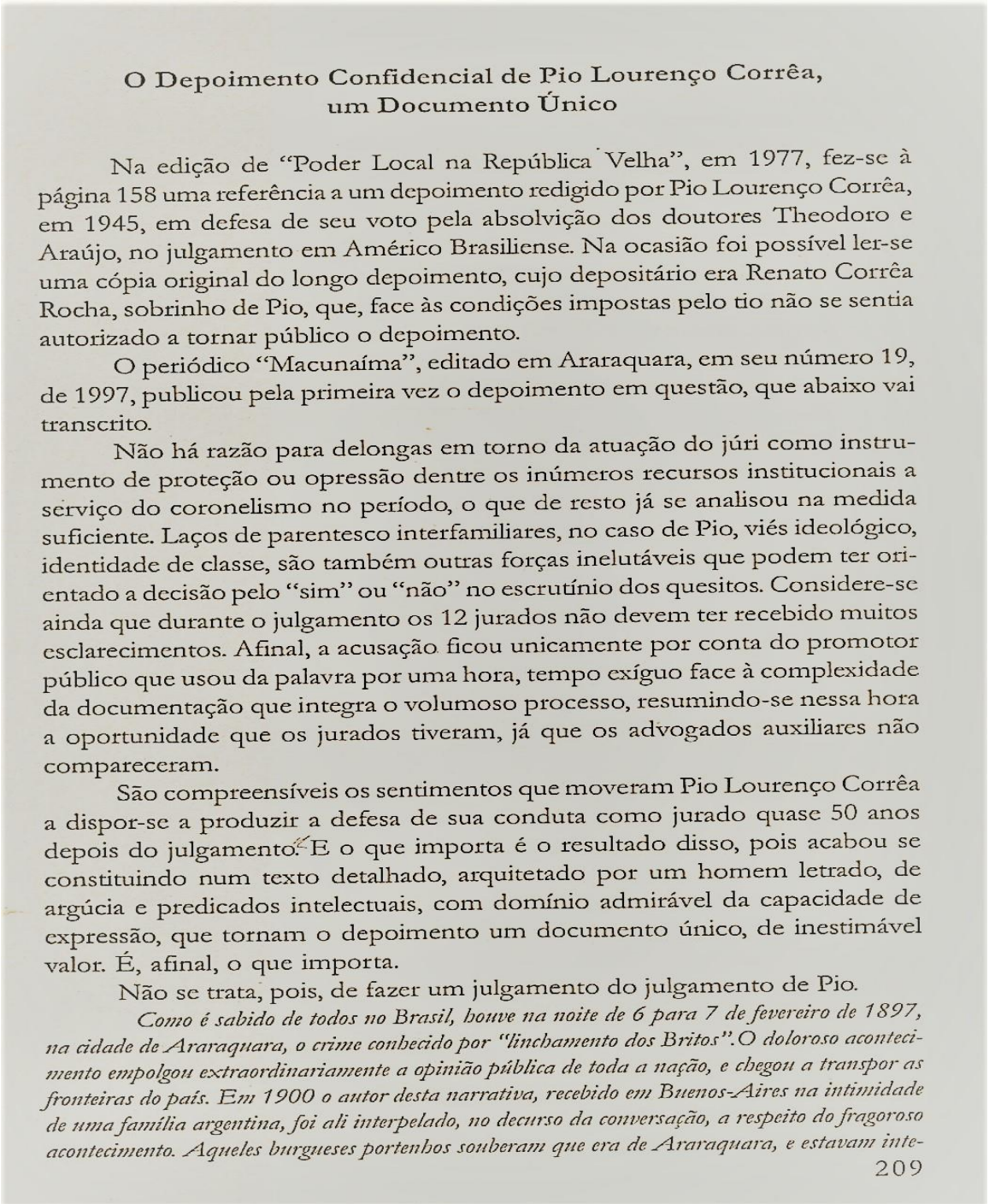
É certo, todavia, que nem um único *Aedes aegypti* (*Stegomya fasciata*) foi até então diretamente perseguido ou siquer suspeitado da parte direta que tomara nas dantescas angustias do homem, seu vizinho e seu alimentador.

Os perseguidos foram... os camondongos e os ratos. O homem, na ânsia tumultuária da fuga, fechou a casa e a cozinha sem se lembrar dos gatos. Êstes, assim abandonados à própria sorte, atiraram-se de unhas e dentes contra os seus vizinhos roedores, e chegaram a destruir o último representante das duas espécies, na cidade e nos subúrbios".

Pio Lourenço Corrêa (Mota Coqueiro)

G-CORRÊA, Pio Lourenço. O Depoimento Confidencial de Pio Lourenço Corrêa, um Documento Único. In: TELAROLLI, Rodolpho. *Brito:* República de sangue. 2. ed. Araraquara: Edições Macunaíma, 1998, p. 209-216. BPMMA, Araraquara/SP.

Imagem do texto publicado:



O Depoimento Confidencial de Pio Lourenço Corrêa, um Documento Único

Na edição de "Poder Local na República Velha", em 1977, fez-se à página 158 uma referência a um depoimento redigido por Pio Lourenço Corrêa, em 1945, em defesa de seu voto pela absolvição dos doutores Theodoro e Araújo, no julgamento em Américo Brasiliense. Na ocasião foi possível ler-se uma cópia original do longo depoimento, cujo depositário era Renato Corrêa Rocha, sobrinho de Pio, que, face às condições impostas pelo tio não se sentia autorizado a tornar público o depoimento.

O periódico "Macunaíma", editado em Araraquara, em seu número 19, de 1997, publicou pela primeira vez o depoimento em questão, que abaixo vai transcrito.

Não há razão para delongas em torno da atuação do júri como instrumento de proteção ou opressão dentre os inúmeros recursos institucionais a serviço do coronelismo no período, o que de resto já se analisou na medida suficiente. Laços de parentesco interfamiliares, no caso de Pio, viés ideológico, identidade de classe, são também outras forças inelutáveis que podem ter orientado a decisão pelo "sim" ou "não" no escrutínio dos quesitos. Considere-se ainda que durante o julgamento os 12 jurados não devem ter recebido muitos esclarecimentos. Afinal, a acusação ficou unicamente por conta do promotor público que usou da palavra por uma hora, tempo exíguo face à complexidade da documentação que integra o volumoso processo, resumindo-se nessa hora a oportunidade que os jurados tiveram, já que os advogados auxiliares não compareceram.

São compreensíveis os sentimentos que moveram Pio Lourenço Corrêa a dispor-se a produzir a defesa de sua conduta como jurado quase 50 anos depois do julgamento. E o que importa é o resultado disso, pois acabou se constituindo num texto detalhado, arquitetado por um homem letrado, de argúcia e predicados intelectuais, com domínio admirável da capacidade de expressão, que tornam o depoimento um documento único, de inestimável valor. É, afinal, o que importa.

Não se trata, pois, de fazer um julgamento do julgamento de Pio.

Como é sabido de todos no Brasil, houve na noite de 6 para 7 de fevereiro de 1897, na cidade de Araraquara, o crime conhecido por "linchamento dos Britos". O doloroso acontecimento empolgou extraordinariamente a opinião pública de toda a nação, e chegou a transpor as fronteiras do país. Em 1900 o autor desta narrativa, recebido em Buenos-Aires na intimidade de uma família argentina, foi ali interpelado, no decurso da conversação, a respeito do fragoroso acontecimento. Aqueles burgueses portenhos souberam que era de Araraquara, e estavam inte-

(Continuação)

ressados em ouvir de mim a narrativa dos factos, de que aliás tinham as mais extravagantes informações. Entre outras dramatizações, constava-lhes que toda a população da cidade - homens e mulheres - tomaram parte activa nos "festejos noturnos" da vingança ... como nas tabas dos botocudos !!... Esta família costumava passar parte do inverno no Rio de Janeiro, e sentiu-se aliviada ao ouvir as minhas informações.

O facto delictuoso, habilmente explorado como arma de combate político contra a candidatura do Dr. Campos Salles à presidência da República, numa época de vivas dissensões partidárias em que a liberdade de imprensa não tinha freios, chegou a ser, aqui mesmo no Estado de São Paulo, profundamente desfigurado, acarretando violentos e injustos doestos contra os jurados que absolveram os acusados. Esta última circunstância é que nos levou a empunhar a pena.

Em 1897 eu era ainda solteiro, e estava domiciliado em casa de meu irmão e ex-tutor António Lourenço Corrêa, na esquina da rua 5 com a avenida 2, prédio onde está hoje a Delegacia Regional da Polícia. Os meus cômodos eram nos baixos do edifício, à esquerda de quem entra.

Na citada noite, cêrca de meia noite e vinte minutos, fui despertado por meu irmão, que me perguntou:

- Você não ouviu nada?

- Não; que foi?

- Pois houve agorinha mesmo um forte tiroteio aí para baixo, e muita gritaria, seguida logo de ruidoso tropel de cavaleiros que parece subiram a avenida 1 (hoje av. Brasil) ainda gritando e dando tiros. O tiroteio mais nutrido foi lá pelo largo, talvez na cadeia. Que terá acontecido? Você não soube de nada ontem?

- Ontem, não. Soube só aquilo de que conversámos há dias.

(A tal conversa de "há dias" versara sôbre uns boatos vagos, circulantes nas camadas populares, de que o partido político a que pertencia Rosendo de Brito tencionava apoderar-se dêste à força para subtraí-lo à acção da justiça. Nenhum de nós acreditou nos inverossímeis boatos, e não falámos mais no assunto).

O meu irmão, trocadas mais algumas palavras de conjecturas, retirou-se para os seus cômodos encima, e eu ... tornei a dormir.

Daí a poucos minutos, ainda paramentado de camisolão branco de uso geral na época e empunhando o indispensável castiçal com vela acesa, voltou a falar comigo. Acordei estremunhado, e ouvi:

- Pois você tornou a dormir, rapaz?! após uma notícia de tamanha gravidade!... Parece impossível!...

Eu ... murchei; e êle continuou:

- Vá até o largo ver se vê alguma coisa ou se obtém qualquer informação.

O velho estava profundamente impressionado. Enfiei as calças, em que mal cabíamos eu e o fraldão da camisola, sobrepus às pressas um sobretudo que achei mais à mão, e saí rua abaixo. Não quis descer diretamente pela avenida 2, muito exposta a possíveis tiros de enfiada partidos da cadeia: eu já estava meio contaminado do nervosismo do irmão.

Atingi, pela avenida I, cosendo-me depois com a parede lateral da Igreja, a frente

(Continuação)

desta. Eu vim, e estava ali entreparado, perscrutando na meia-escuridão do largo a possível presença de vítimas do tiroteio. Nada vi, além de vultos humanos na porta e na frente da cadeia; dei mais alguns passos, até a beira da calçada da Matriz.

Nisto, um brado, talvez da sentinela, determinou brusco movimento daquelas sombras de homens que entravam em forma ... Sumi, num ápice, detrás do pilar da igreja, e cosido outra vez com a parede, ganhei o caminho por onde tinha vindo - não fôsse interpretação errónea da minha presença ali àquela hora custar-me a vida. Não vi vivalma nas ruas nem nas janelas.

Em casa informei o irmão que as coisas lá pela cadeia não estavam claras, e que eu não voltaria a esclarecê-las. António Lourenço deixou-me, e mergulhei de novo no silêncio, nos lençois e no sono.

Afinal, que foi que se passara? O linchamento dos Britos! Na manhã do dia 7 lá estavam no largo os dois cadáveres, tais como os deixara a malta de assassinos.

Entremos agora na narrativa dos tristes acontecimentos, tais como os tenho guardados na memória. Sei que os autos ainda se acham arquivados no cartório do júri desta Comarca; não consegui porém obter uma ou duas certidões com que pretendia documentar êste caderno de originais.

Na noite, pois, de 6 para 7 de fevereiro de 1897, numeroso grupo de homens armados, talvez mais de 100, certamente mais de 50, a um sinal convencionado ou em hora preestabelecida, entrou a cavalo e em silêncio pela cidade a dentro, partindo de mais de um ponto dos subúrbios. Seria meia noite, mais ou menos.

A medida que os diferentes grupos de cavaleiros se aproximavam do ponto de concentração (o largo da Matriz, onde então se situava a cadeia pública, que também servia de quartel da força de polícia), parece que se juntavam a êles outros assaltantes pedestres, pois o assalto não foi obra só de "cavalaria".

Calculava-se, nos comentários que se tornaram a conversa geral naqueles dias, calculava-se, com base no tropel da cavalhada e no número de tiros disparados nos 5 ou 10 minutos que durou o assalto, que os assaltantes não podiam ser menos de 200.

Há referências, nos autos e fora dêles, de que eram "uns trinta". Isto é absolutamente inaceitável. Só um dos grupos de cavalheiros, que se retirou pela avenida 1 (hoje avenida Brasil) acima, em desapoderado galope e disparando armas de fogo, compunha-se de uns trinta, como ouvi de pessoa que se entreviu pelo desvão de uma janela entreaberta. E os grupos retiraram-se, como tinham entrado, por diversas vias públicas.

O destacamento policial, aquartelado no edifício da cadeia, despertado e tomado de espanto pelo estrupido da cavalgada e as descargas de carabinas e outras armas de fogo, não teve tempo, ou por outros motivos não pôde entrar em forma e tomar posição de defesa.

Enquanto os soldados saíam de suas tarimbas e atendiam aos brados de "às armas!", desesperadamente proferidos pela sentinela estarrecida e impotente, já a vanguarda dos assaltantes tomava posse do armamento ensarilhado no corpo-da-guarda.

Ao mesmo tempo, o grosso da retaguarda, disparando tiros e incentivando os menos audazes com gritos e imprecações, avançava para o interior do prédio, arrombava a prisão, acutilava a facas, moia a cacetes ou varava de balas os presos de que se poderou.

Tudo passou de chofre, rapidamente, atropeladamente, tumultuosamente, ao passo

211

(Continuação)

que a guarnição, estupefacta, encolhia-se desarmada ou, como alguns soldados o fizeram, fugia espavorida. Os assaltantes estavam mascarados uns, recobertos outros por lenços pendentes da testa, alguns com o rosto pintado, todos em fim mais ou menos disfarçados.

É importante notar que a iluminação, quer do interior do edifício da cadeia e quartel, quer de todo o largo da Matriz e de toda a cidade, era pouco menos de simbólica, representada no interior do prédio por lamparinas e fora, na praça pública, por lampeões pequenos de querosene, espaçadíssimos uns dos outros.

Nestas condições, atenta a situação aguda de pânico e indecisões (ou por outros motivos), nada se apurou clara e insofismavelmente no inquérito policial e no sumário de culpa, contra qualquer dos assaltantes individualmente, quanto à autoria dos ferimentos, causa mortis das vítimas.

Tudo, assalto, arrombamento e assassínio, foi obra da confusão de alguns minutos apenas, tudo foi operado pela turbamulta da capangada mais ou menos protegida por disfarces e máscaras, a qual se retirou em fuga rápida e desordenada, disparando tiros a esmo, ululando injúrias e torpezas, fustigando as montarias em desapoderosa corrida.

Dez minutos, ou quiça menos ainda, após o primeiro brado da sentinela, o silêncio habitual das noites da pequena cidade estava restabelecido, exceto em frente da cadeia, onde soava de vez em quando uma voz de comando e movia-se a sombra de pelotões de defesa tardia e inútil.

A prática do crime fôra, decerto, cuidadosamente preparada e dirigida com admirável sangue-frio.

Ninguém afirmou no inquérito ou no sumário de culpa que o Dr. Theodoro Dias de Carvalho Junior ou o Dr. João de Araujo eram os autores de qualquer dos numerosos ferimentos de bala, de faca e de cacete verificados no exame cadavérico e descritos no auto de corpo de delicto.

É certo que algumas testemunhas declaram, não muito convincentemente aliás, que os dois acusados se achavam entre os atacantes da cadeia.

Mas êste facto não foi proposto à decisão dos jurados. Não era êste o assunto da pergunta formulada no primeiro quesito, redigido com clareza insofismável pelo Juiz de Direito em referência a cada qual dos acusados. E o primeiro foi o único quesito respondido, porque a resposta prejudicou os demais.

(Não conheço os quesitos, nem sei o que se passou no julgamento dos outros acusados. Não servi nos outros conselhos de sentença, porque o meu nome não tornou a saír da urna).

Ao tempo do julgamento dos réus, já o Brasil inteiro os tinha condenado e recondenado sem ver os autos.

Uns pelo que ouviram dizer nos vagões da Sorocabana; outros porque leram as notícias dos jornais; ainda outros porque o crime fôra imensamente bárbaro. Éstes por ódio ao Dr. Theodoro, chefe da polícia de São Paulo que reprimiu, através de violências até então inusitadas, as bernardas monarquistas e outras; aqueles por interesses diversos à candidatura Campos Salles para presidente da República; aqueloutros por impulsos humanitários e nobres, aliás justamente despertados pela fria e calculada perversidade dos criminosos, que ninguém negou ou nega.

Mas nenhum dêstes julgadores apressados veio cá examinar, estudar e confrontar

(Continuação)

umas com as outras as peças do processo.

É verdade que o Tribunal de Justiça, examinando-as e estudando-as, achou-as boas para confirmar a pronúncia do Dr. Theodoro como "mandante e co-autor do crime" e pronunciar o Dr. Araujo por "veementes indícios" existentes nos autos.

Mas pronúncia não é sentença e o Tribunal não disse nem insinuou que foram êstes acusados que "retiraram os presos da cadeia e praticaram nêles os ferimentos constantes do auto de corpo de delicto.

Assim, todos falavam, com ou sem conhecimento de causa. Todos gritavam, todos escreviam, todos bracejavam energicamente - mas o certo é que êsse barulho imenso, que sacudiu e inflamou a opinião pública brasileira estrangeira, não influiu, como não devia influir, na hora cruciante em que os juizes de fato tiveram de responder, no apêrto do pão pão, queijo queijo, aos quesitos que lhes foram submetidos.

Posteriormente ao julgamento do júri, o jornal paulistano "O Comércio de São Paulo", órgão monarquista e adversário de Campos Salles, foi um dos mais acalorados atacantes dos jurados que serviram no julgamento do Dr. Theodoro Dias de Carvalho Junior e do Dr. João José de Araujo.

Um dos redatores dessa folha, creio que ainda no primeiro quarto do ano de 1898, reeditou um folheto, modificando-os aqui e ali, artigos e informações escolhidas na campanha de combate à candidatura Campos Salles para presidente da República, e na notável coleção de injúrias assacadas contra os jurados que absolveram os acusados do linchamento dos Britos.

Desde a Introdução da brochura até abertura do Apêndice com que termina, o contexto geral da obra constitui um libelo terrível, vasado em linguagem extremamente virulenta e destabocada, contra o govêrno do Estado e seus representantes administrativos, e também contra os infelizes jurados que afinal de contas, se limitaram a cumprir a sua missão e responder quesitos.

Responderam mal? É o que, na parte que toca ao conselho de sentença de que fiz parte, e vem ali nominalmente "apontado à execração geral do povo brasileiro", logo veremos.

O folheto saiu sob responsabilidade de Fabrício Pierrot, pseudónimo de um dos redatores da folha já citada, e de Ramiro Manso, outro pseudónimo não sei de quem. Compreende 162 páginas, neste número incluidas as de portada ou de rosto, que são 6. Estampa na capa, de côr vermelha viva, e no verso de uma das folhas da portada, clichê com os retratos dos Britos.

Parte importante da edição foi confiscada e destruida pela polícia de São Paulo. Antes porém da diligência, já um número considerável de exemplares fôra destruido. Passados ao depois, clandestinamente, de mão em mão, tornou-se afinal a obra conhecida de muita gente. Hoje, pelo menos em São Paulo, é raridade bibliográfica.

Aí nesse folheto, na página 106, depois de violenta diatribe contra o dr. José Alves de Cerqueira Cesar, Vice-Presidente do Estado, que compareceu ao julgamento e fez um pequeno discurso em defesa dos réus, escreveu o Sr. Pierrot:

"As palmas estalaram furiosamente, como numa apoteose macabra da batota mais despejada e, dentro de pouco, entraram enfileirados os doze carneiros de Panurgio, cabeça derreada sob o peso da villeza que commettiam, e trazendo a absolvição unanime dos réos!

Os nomes desses homens devem ficar registrados neste livro e apontados à execração

213

(Continuação)

geral do povo brasileiro. São ele:"

(Seguem-se os nomes dos doze jurados que compuseram o conselho de sentença no julgamento do Dr. Theodoro Dias de Carvalho Junior e do Dr. João José de Araújo, entre os quais nomes de jurados se acha o do autor dêste escrito).

Sejam-me permitidas aqui duas contestações por negação e duas informações oportunas.

1ª) contestação:- Os doze homens que "entraram enfileirados" não eram "carneiros de Penurgio". Eram cidadãos muito dignos e cônscios das suas responsabilidades.

2ª) - Não entraram com as "cabeças derreadas". Só a retórica apaixonada de Pierrot é que viu isso. Não havia motivo para os jurados baixarem as cabeças: não tinham cometido "vileza" nenhuma. Pelo contrário, tinham cumprido serenamente o seu dever de juizes de facto.

1ª informação: - Há, entre as testemunhas do processo, duas que, "pelo metal da voz" ou "apesar de disfarçado" reconheceram o Dr. Theodoro entre os assaltantes da cadeia. Há outros depoimentos afirmando que êle convidou gente e, por interposta pessoa, forneceu armas para o assalto.

O Tribunal de Justiça, no despacho confirmativo da pronúncia, refere-se a isso tudo. E tratando do "móvel do crime", conclui que "não podem ser outros os mandantes dos homicídios dos Britos, senão aqueles que, vinculados ao sangue derramado, feridos por natural e justa dor, tinham interesse ou motivos particulares de vingar a morte do seu ascendente e parente". (Ver o Acordam transcrito no livro citado, pags. 139 e segs.).

Mas nada disso foi submetido à apreciação do conselho de sentença, que a tal respeito não teve oportunidade de manifestar-se.

2ª informação: - O que há nos autos e o que se passou no plenário com relação ao Dr. João de Araujo não é difícil de expor. Há referencias a boatos e a declarações de terceiros (não ouvidos no processo) de que êle era um dos linchadores. (Ver o Acordam no loc. cit. pag. 149). O Tribunal ali acha que êle "prestou auxílio à execução dos crimes". Mas os jurados a tal respeito não foram ouvidos ou consultados. Há também contra êste acusado o depoimento da preta Vitória Ana de Paula. Esta testemunha, ex-escrava do Coronel Joaquim Duarte Pinto Ferraz, chefe da oposição política local e inimigo declarado do dr. Araujo, era já muito velha, morava de favor numa casinha de propriedade do seu ex-senhor, no largo da Matriz (face da avenida 2, hoje avenida São Paulo) e tinha a vista seriamente prejudicada não sei por que lesão oftálmica. Foi de lá (declarou), da janela da sua casa, que viu um grupo de homens em frente da cadeia, entre os quais estava o dr. Araujo.

Em vista da iluminação muito escassa do largo, e das circunstâncias físicas e morais que enfraqueciam o testemunho da depoente, foi ela chamada ao tribunal a requerimento do autor dêste escrito, e aí reperguntada. Declarou, diante de todos, entre outras coisas, que não viu o Dr. Araujo "retirar os presos da cadeia" nem "praticar neles os ferimentos".

A Justiça Pública, autora do processo, estava representada no julgamento pelo seu Promotor, Dr. Marcílio Dias Silveira da Motta. A êste propósito o livro do sr. Pierrot informa, na página 105:

"O Dr. Marcílio Silveira da Motta produziu uma "violenta acusação".

É verdade. Todos viram e ouviram, todos ficaram impressionados. Mas na hora

(Continuação)

crítica em que o Juiz de Direito redigiu os dois quesitos onde estava implicitamente assegurada a absolvição dos acusados, o Dr. Marcílio Motta não interveio - como também não apelou da sentença.

Apesar de todas as diligências que empreguei, não pude obter do Cartório do Júri, ao qual hoje pertencem, por lei os autos do processo, cópia ou certidão dos quesitos respondidos (*). Mas a minha memória não é má, e posso reproduzi-los aqui, palavra mais, palavra menos, sem porém alterar a essência dos textos. Êles são assim concebidos:

Quesito com relação ao Dr. Theodoro:

"Na noite de 6 para 7 de fevereiro de 1897, à meia noite mais ou menos, o Dr. Theodoro Dias de Carvalho Junior, penetrando, em companhia de outras pessoas, na cadeia pública de Araraquara, retirou daí os presos Rosendo e Manuel de Brito, e praticou nêles os ferimentos constantes do auto de corpo de delicto?"

Quesito com relação ao Dr. Araujo:

O mesmo, mudado apenas o nome do réu.

São êsses os quesitos, tais como os tenho na memória. É possível que haja diferença na ordem das palavras, ou talvez que um ou outro termo seja diverso: mas asseguro que as perguntas se referiam a dois factos criminosos: a retirada dos presos e a autoria dos ferimentos. O próprio facto da penetração dos réus na cadeia, em companhia de outras pessoas, está no quesito posto em oração subordinada (aliás, o penetrar na cadeia em companhia de outras pessoas não é acto criminoso).

Ora, o conselho de sentença, adstricto, como era da lei, a responder sim ou não.

Respondeu mal, contra as provas dos autos?

Volvidos 48 anos após o laudo unânime dos doze juizes de facto, sejamos afinal calmos e justos: respondeu bem, isto é, de acôrdo com a pergunta e as provas dos autos.

Ninguém viu, nem afirmou nos autos, que foi o Dr. Theodoro ou o Dr. João de Araujo quem retirou os presos da cadeia. Ninguém viu, nem afirmou em qualquer documento do processo, que foi o Dr. Theodoro ou o Dr. Araujo quem praticou os ferimentos descritos no auto de corpo de delicto.

O próprio Sr. Pierrot, que sabia e podia, no amplo horizonte externo do processo, dizer o que quisesse, como disse; nem êle se animou a positivar no seu livro apaixonado e liberdoso que foi qualquer dos dois réus quem retirou os presos da cadeia ou praticou nêles um ou mais dos oitenta ou noventa ferimentos descritos no auto de corpo de delicto.

Porque então, e baseados em que elemento de convicção, haviam os jurados de afirmar aquilo? Não era possível. Os doze jurados estavam no gôzo das suas faculdades mentais: responderam não.

Quereria porventura o Sr. Pierrot que respondessem sim, atribuindo a um, logo depois ao outro acusado, a prática dos mesmíssimos ferimentos?

Ou quereria que os juizes de facto, saltando fora dos quesitos e da lei, julgassem extra-autos, tomando sôbre si a imensa responsabilidade de atribuir a cada qual daqueles dois réus a autoria de um ou mais daqueles ferimentos, escolhidos por arbítrio próprio dêles juizes de facto entre os muitos descritos no auto de corpo de delicto?

Ou ainda, quereria o Sr. Fabrício Pierrot que o conselho de sentença atirasse para

(Continuação)

cima dos dois únicos co-réus, com exclusão lógica dos outros, a autoria de todos os ferimentos, uns de arma branca, outros de bala, outros de cacete, em número superior a meio cento, produzidos no tumulto da vingança, em rapidíssimo entrevêro, por um trôço de mais de 50 homens armados?

Tenham paciência o Sr. Pierrot e os partidários que o seu livro criou e até hoje alimenta: - mas os doze juizes de facto, tão levianamente "apontados à execração pública do povo brasileiro", não tomaram parte na arquitetura velhaca do processo, desde o inquérito policial até a redação dos quesitos que lhes foram submetidos, e nem tinham autoridade para interpor qualquer recurso contra a sentença absolutória.

Araraquara, março de 1945
PIO LOURENÇO CORRÊA

***

Transcrição

O DEPOIMENTO CONFIDENCIAL DE PIO LOURENÇO CORRÊA, UM DOCUMENTO ÚNICO

Na edição de "Poder Local na República Velha", em 1977, fez-se à págima 158 uma referência a um depoimento redigido por Pio Lourenço Corrêa, em 1945, em defesa de seu voto pela absolvição dos doutores Theodoro e Araújo, no julgamento em Américo Brasiliense. Na ocasião foi possível ler-se uma cópia original do longo depoimento, cujo depositário era Renato Corrêa Rocha, sobrinho de Pio, que, face às condições impostas pelo tio não se sentia autorizado a tornar público o depoimento.

O periódico "Macunaíma", editado em Araraquara, em seu número 19, de 1997, publicou pela primeira vez o depoimento em questão, que abaixo vai transcrito.

Não há razão para delongas em torno da atuação do júri como instrumento de proteção ou opressão dentre os inúmeros recursos institucionais a serviço do coronelismo no período, o que de resto já se analisou na medida suficiente. Laços de parentesco interfamiliares, no caso de Pio, viés ideológico, identidade de classe, são também outras forças inelutáveis que podem ter orientado a decisão pelo "sim" ou "não" no escrutínio dos quesitos. Considere-se ainda que durante o julgamento os 12 jurados não devem ter recebido muitos esclareciemtnos. Afinal, a acusação ficou unicamente por conta do promotor público que usou da palavra por uma hora, tempo exíguo face à complexidade da documentação que integra o volumoso processo, resumindo-se nessa hora a oportunidade que os jurados tiveram, já que os advogados auxiliares não compareceram.

São compreeensíveis os sentimentos que moveram Pio Lourenço Corrêa a dispor-se a produzir a defesa de sua conduta como jurado quase 50 anos depois do julgamento. E o que importa é o resultado disso, pois acabou se constituindo num texto detalhado, arquitetado por um homem letrado, de argúcia e predicados intelectuais, com domínio admirável da capacidade de expressão, que tornam o depoimento um documento único, de inestimável valor. É, afinal, o que importa.

Não se trata, pois, de fazer um julgamento do julgamento de Pio.

Como é sabido de todos no Brasil, houve na noite de 6 para 7 de fevereiro de 1897, na cidade de Araraquara, o crime conhecido por "linchamento dos Britos". O doloroso

acontecimento empolgou extraordinariamente a opinião pública de toda a nação, e chegou a transpor as fronteiras do país. Em 1900 o autor desta narrativa, recebido em Buenos-Aires na intimidade de uma família argentina, foi ali interpelado, no decurso da conversação, a respeito do fragoroso acontecimento. Aqueles burgueses portenhos souberam que era de Araraquara, e estavam interessados em ouvir de mim a narrativa dos factos, de que aliás tinham as mais extravagantes informações. Entre outras dramatizações, constava-lhes que toda a população da cidade – homens e mulheres – tomaram parte activa nos "festejos noturnos" da vingança... como nas tabas dos botocudos!!... Esta família costumava passar parte do inverno no Rio de Janeiro, e sentiu-se aliviada ao ouvir as minhas informações.

O facto delictuoso, habilmente explorado como arma de combate político contra a candidatura do Dr. Campos Salles à presidência da República, numa época de vivas dissensões partidárias em que a liberdade de imprensa não tinha freios, chegou a ser, aqui mesmo no Estado de São Paulo, profundamente desfigurado, acarretando violentos e injustos doestos contra os jurados que absolveram os acusados. Esta última circunstância é que nos levou a empunhar a pena.

Em 1897 eu era ainda solteiro, e estava domiciliado em casa de meu irmão e ex-tutor António Lourenço Corrêa, na esquina da rua 5 com a avenida 2, prédio onde está hoje a Delegacia Regional da Polícia. Os meus cômodos eram nos baixos do edifício, à esquerda de quem entra.

Na citada noite, cêrca de meia noite e vinte minutos, fui despertado por meu irmão, que me perguntou:

- Você não ouviu nada?

- Não; que foi?

- Pois houve agorinha mesmo um forte tiroteio aí para baixo, e muita gritaria, seguida logo de ruidoso tropel de cavaleiros que parece subiram a avenida 1 (hoje av. Brasil) ainda gritando e dando tiros. O tiroteio mais nutrido foi lá pelo largo, talves na cadeia. Que terá acontecido? Você não soube de nada ontem?

- Ontem, não. Soube só aquilo de que conversámos há dias.

(A tal conversa de "há dias" versara sôbre uns boatos vagos, circulantes nas camadas populares, de que o partido político a que pertencia Rosendo de Brito tencionava apoderar-se dêste à força para subtraí-lo à acção da justiça. Nenhum de nós acreditou nos inverossímeis

boatos, e não falámos mais no assunto).

O meu irmão, trocadas mais algumas palavras de conjecturas, retirou-se para seus cômodos encima, e eu... tornei a dormir.

Daí a poucos minutos, ainda paramentado de camisolão branco de uso geral na época e empunhando o indispensável castiçal com vela acesa, voltou a falar comigo. Acordei estremunhado, e ouvi:

- Pois você tornou a dormir, rapaz?! após a notícia de tamanha gravidade!... Parece impossível!...

Eu... murchei; e êle continuou:

- Vá até o largo ver se vê alguma coisa ou se obtém qualquer informação.

O velho estava profundamente impressionado. Enfiei as calças, em que mal cabíamos eu e o fraldão da camisola, sobrepus às pressas um sobretudo que achei mais à mão, e saí rua abaixo. Não quis descer diretamente pela avenida 2, muito exposta a possíveis tiros de enfiada partidos da cadeia: eu já estava meio contaminado do nervosismo do irmão.

Atingi, pela avenida I, cosendo-me depois com a parede lateral da Igreja, a frente desta. Eu vim, e estava ali entreparado, perscrutando na meia-escuridão do largo a possível presença de vítimas do tiroteio. Nada vi, além de vultos humanos na porta e na frente da cadeia; dei mais alguns passos, até a beira da calçada da Matriz.

Nisto, um brado, talvez da sentinela, determinou brusco movimento daquelas sombras de homens que entravam em forma... Sumi, num ápice, detrás do pilar da igreja, e cosido outra vez com a parede, ganhei o caminho por onde tinha vindo – não fôsse interpretação errónea da minha presença ali àquela hora custar-me a vida. Não vi vivalma nas ruas nem nas janelas.

Em casa informei o irmão que as coisas lá pela cadeia não estavam claras, e que eu não voltaria a esclarecê-las. António Lourenço deixou-me, e mergulhei de novo no silêncio, nos lençois e no sono.

Afinal, que foi que se passara? O linchamento dos Britos! Na manhã do dia 7 lá estavam no largo os dois cadáveres, tais como os deixara a malta de assassinos.

Entremos agora na narrativa dos tristes acontecimentos, tais como os tenho guardados na memória. Sei que os autos ainda se acham arquivados no cartório do júri desta Comarca; não consegui porém obter uma ou duas certidões com que pretendia documentar êste caderno de originais.

Na noite, pois, de 6 para 7 de fevereiro de 1897, numeroso grupo de homens armados, talvez mais de 100, certamente mais de 50, a um sinal convencionado ou em hora pre-estabelecida, entrou a cavalo e em silêncio pela cidade a dentro, partindo de mais de um ponto dos subúrbios. Seria meia noite, mais ou menos.

A medida que os diferentes grupos de cavaleiros se aproximavam do ponto de concentração (o largo da Matriz onde então se situava a cadeia pública, que também servia de quartel da força de polícia), parece que se juntavam a êles outros assaltantes pedestres, pois o assalto não foi obra só de "cavalaria".

Calculava-se, nos comentários que se tornaram a conversa geral naqueles dias, calculava-se, com base no tropel da cavalhada e no número de tiros disparados nos 5 ou 10 minutos que durou o assalto, que os assaltantes não podiam ser menos de 200.

Há referências, nos autos e fora dêles, de que eram "uns trinta". Isto é absolutamente inaceitável. Só um dosgrupos de cavalheiros, que se retirou pela avenida 1 (hoje avenida Brasil) acima, em desapoderado galope e disparando armas de fogo, compunha-se de uns trinta, como ouvi de pessoa que se entreviu pelo desvão de uma janela antreaberta. E os grupos retiraram-se, como tinham entrado, por diversas vias públicas.

O destacamento policial, aquartelado no edifício da cadeia, despertado e tomado de espanto pelo estrupido da cavalgada e as descargas de carabinas e outras armas de fogo, não teve tempo, ou por outros motivos não pôde entrar em forma e tomar posição de defesa.

Enquanto os soldados saíam de suas tarimbas e atendiam aos brados de "às armas!", desesperadamente proferidos pela sentinela estarrecida e impotente, já a vanguarda dos assaltantes tomava posse do armamento ensarilhado no corpo-da-guarda.

Ao mesmo tempo, o grosso da retaguarda, disparando tiros e incentivando os menos audazes com gritos e imprecações, avançava para o interior do prédio, arrombava a prisão, acutilava a facas, moia a cacetes ou varava de balas os presos de que se poderou.

Tudo passou de chofre, rapidamente, atropeladamente, tumultuosamente, ao passo que a guarnição, estupefacta, encolhia-se desarmada ou, como alguns soldados o fizeram, fugia espavorida. Os assaltantes estavam mascarados uns, recobertos outros por lenços pendentes da testa, alguns com o rosto pintado, todos em fim mais ou menos disfarçados.

É importante notar que a iluminação, quer do interior do edifício da cadeia e quartel, quer de todo o largo da Matriz e de toda a cidade, era pouco menos de simbólica, representada

no interior do prédio por lamparinas e fora, na praça pública, por lampeões pequenos de querosene, espaçadíssimos uns dos outros.

Nestas condições, atenta a situação aguda de pânico e indecisões (ou por outros motivos), nada se apurou clara e insofismavelmente no inquérito policial e no sumário de culpa, contra qualquer dos assaltantes individualmente, quanto à autoria dos ferimentos, causa mortis das vítimas.

Tudo, assalto, arrombamento e assassínio, foi obra da confissão de alguns minutos apenas, tudo foi operado pela turbamulta da capangada mais ou menos protegida por disfarces e máscaras, a qual se retirou em fuga rápida e desordenada, disparando tiros a esmo, ululando injúrias e torpezas, fustigando as montarias em desapoderosa corrida.

Dez minutos, ou quiça menos ainda, após o primeiro brado da sentinela, o silêncio habitual das noites da pequrena cidade estava restabelecido, exceto em frente da cadeia, onde soava de vez em quando uma voz de comando e movia-se a sombra de pelotões de defesa tardia e inútil.

A prática do crime fôra, decerto, cuidadosamente preparada e dirigida com admirável sangue-frio.

Ninguém afirmou no inquérito ou no sumário de culpa que o Dr. Theodoro Dias de Carvalho Junior ou o Dr. João de Araujo eram os autores de qualquer dos numerosos ferimentos de bala, de faca e de cacete verificados no exame cadavérico e descritos no auto de corpo de delicto.

É certo que algumas testemunhas declaram, não muito convincentmente aliás, que os dois acusados se achavam entre os atacantes da cadeia.

Mas êste facto não foi proposto à decisão dos jurados. Não era êste o assunto da pergunta formulada no primeiro quesito, redigido com clareza insofismável pelo Juiz de Direito em referência a cada qual dos acusados. E o primeiro foi o único quesito respondido, porque a resposta prejudicou os demais.

(Não conheço os quesitos, nem sei o que se passou no julgamento dos outros acusados. Não servi nos outros conselhos de sentença, porque o meu nome não tornou a sair na urna).

Ao tempo do julgamento dos réus, já o Brasil inteiro os tinha condenado e recondenado sem ver os autos.

Uns pelo que ouviram dizer nos vagões da Sorocabana; outros porque leram as notícias

dos jornais; ainda outros porque o crime fôra imensamente bárbaro. Êstes por ódio ao Dr. Theodoro, chefe da polícia de São Paulo que reprimiu, através de violências até então inusitadas, as bernardas monarquistas e outras; aqueles por interesses diversos à candidatura Campos Salles para presidente da República; aqueloutros por impulsos humanitários e nobres, aliás justamente despertados pela fria e calculada perversidade dos criminosos, que ninguém negou ou nega.

Mas nenhum dêstes julgadores apressados veio cá examinar, estudar e confrontar umas com as outras as peças do processo.

É verdade que o Tribunal de Justiça, examinando-as e estudando-as, achou-as boas para confirmar a pronúncia do Dr. Theodoro como "mandante e co-autor do crime" e pronunciar o Dr. Araujo por "veementes indícios" existentes nos autos.

Mas pronúncia não é sentença e o tribunal não disse nem insinuou que foram êstes acusados que "retiraram os presos da cadeia e praticaram nêles os ferimentos constantes do auto de corpo de delicto.

Assim, todos falavam, com ou sem conhecimento de causa. Todos gritavam, todos escreviam, todos bracejavam energicamente – mas o certo é que êsse barulho imenso, que sacudiu e inflamou a opinião pública brasileira estrangeira, não influiu, como não devia influir, na hora cruciante em que os juizes de fato tiveram de responder, no apèrto do pão pão, queijo queijo, aos quesitos que lhes foram submetidos.

Posteriormente ao julgamento do júri, o jornal paulistano "O Comércio de São Paulo", órgão monarquista e adversário de Campos Salles, foi um dos mais acalorados atacantes dos jurados que serviram no julgamento do Dr. Theodoro Dias de Carvalho Junior e do Dr. João José de Araujo.

Um dos redatores dessa folha, creio que ainda no primeiro quarto do ano de 1898, reeditou um folheto, modificando-os aqui e ali, artigos e informações escolhidas na campanha de combate à candidatura Campos Salles para presidente da República, e na notável coleção de injúrias assacadas contra os jurados que absolveram os acusados do linchamento dos Britos.

Desde a Introdução da brochura até abertura do Apêndice com que termina, o contexto geral da obra constitui um libelo terrível, vasado em linguagem extremamente virulenta e destabocada, contra o govêrno do Estado e seus representantes administrativos, e também

contra os infelizes jurados que afinal de contas, se limitaram a cunprir a sua missão e responder quesitos.

Responderam mal? É o que, na parte que toca ao conselho de sentença de que fiz parte, e vem ali nominalmente "apontado à execração geral do povo brasileiro", logo veremos.

O folheto saiu sob responsabilidade de Fabrício Pierrot, pseudónimo de um dos redatores da folha já citada, e de Ramiro Manso, outro pseudónimo não sei de quem. Compreende 162 páginas, neste número incluidas as de portada ou de rosto, que são 6. Estampa na capa, de côr vermelho viva, e no verso de uma das folhas da portada, clichê com os retratos dos Britos.

Parte importante da edição foi confiscada e destruida pela polícia de São Paulo. Antes porém da diligência, já um número considerável de exemplares fôra destruido. Passados ao depois, clandestinamente, de mão em mão, tornou-se afinal a obra conhecida de muita gente. Hoje, pelo menos em Sâo Paulo, é raridade bibliográfica.

Aí nesse folheto, na página 106, depois de violenta diatribe contra o dr. José Alves de Cerqueira Cesar, Vice-Presidente do Estado, que compareceu ao julgamento e fez um pequeno discurso em defesa dos réus, escreveu o Sr. Pierrot:

"As palmas estalaram furiosamente, como numa apoteose macabra da batota mais despejada e, dentro de pouco, entraram enfileirados os doze carneiros de Panurgio, cabeça derreada sob o peso da villeza que comettiam, e trazendo a absolvição unanime dos réos!

Os nomes desses homens devem ficar registrados neste livro e apontados à execração geral do povo bradileiro. São ele:"

(Seguem-se os nomes dos doze jurados que compuseram o conselho de sentença no julgamento do Dr. Theodoro Dias de Carvalho Junior e do Dr. João José de Araújo, entre os quais nomes de jurados se acha o do autor dêste escrito).

Sejam-me permitidas aqui duas contestações por negação e duas informações oportunas.

1ª) contestação: - Os doze homens que "entraram enfileirados" não eram "carneiros de Penurgio". Eram cidadãos muito dignos e cônscios das suas responsabilidades.

2ª) – Não entraram com as "cabeças derreadas". Só a retórica apaixonada de Pierrot é que viu isso. Não havia motivo para os jurados baixarem as cabeças: não tinham cometido "vileza" nenhuma. Pelo contrário, tinham cumprido serenamente o seu dever de juizes de facto.

1ª informação: - Há, entre as testemunhas do processo, duas que, "pelo metal da voz"

ou "apesar de disfarçado" reconheceram o Dr. Theodoro entre os assaltantes da cadeia. Há outros depoimentos afrimando que êle convidou gente e, por interposta pessoa, forneceu armas para o assalto.

O Tribunal de Justiça, no despacho confirmativo da pronúncia, refere-se a isso tudo. E ttatando do "móvel do crime", conclui que "não podem ser outros os mandantes dos homicídios dos Britos, senão aqueles que, vinculados ao sangue derramado, feridos por natural e justa dor, tinham interesse ou motivos particulares de vingar a morte do seu ascendente e parente". (Ver o Acordam transcrito no livro citado, pags. 139 e segs.).

Mas nada disso foi submetido à apreciação do conselho de sentença, que a tal respeito não teve oportunidade de manifestar-se.

2ª informação: - O que há nos autos e o que se passou no plenário com relação ao Dr. João de Araujo não e difícil de expor. Há referencias a boatos e a declarações de terceiros (não ouvidos no processo) de que êle era um dos linchadores. (Ver o Acordam no loc. cit. pag. 149). O Tribunal ali acha que êle "prestou auxílio à execução dos crimes". Mas os jurados a tal respeito não foram ouvidos ou consultados. Há também contra êste acusado o depoimento da preta Vitória Ana de Paula. Esta testeminha, ex-escrava do Coronel Joaquim Duarte Pinto Ferraz, chefe da oposição política local e inimigo declarado do Dr. Araujo, era já muito velha, morava de favor numa casinha de propriedade do seu ex-senhor, no largo da Matriz (face da avenida 2, hoje avenida Sâo paulo) e tinha a vista seriamente prejudicada não sei por que lesão oftálmica. Foi de lá (declarou), da janela da sua casa, que viu um grupo de homens em frente da cadeia, entre os quais estava o dr. Araujo.

Em vista da iluminação muito escassa do largo, e das circunstâncias físicas e morais que enfraqueciam o testemunho da depoente, foi ela chamada ao tribunal a requerimento do autor dêste escrito, e aí reperguntada. Declarou, diante de todos, entre outras coisas, que não viu o Dr. Araujo "retirar os presos da cadeia" nem "praticar neles ferimentos".

A Justiça Pública, autora do processo, estava representada no julgamento pelo seu Promotor, Dr. Marcílio Dias Silveira da Motta. A êste propósito o livro do sr. Pierrot informa, na pagina 105:

"O Dr. Marcílio Silveira da Motta produziu uma "violenta acusação".

É verdade. Todos viram e ouviram, todos ficaram impressionados. Mas na hora crítica em que o Juiz de Direito redigiu os dois quesitos onde estava implicitamente assegurada a

absolvição dos acusados, o Dr. Marcílio Motta não interveio – como também não apelou da sentença.

Apesar de todas as diligências que empreguei, não pude obter do Cartório do Júri, ao qual hoje pertencem, por lei os autos do processo, cópia ou certidão dos quesitos respondidos (*). Mas a minha memória não é má, e posso reproduzi-los aqui, palavra mais, palavra menos, sem porém alterar a essência dos textos. Êles são assim concebidos:

Quesito com relação ao Dr. Theodoro:

"Na noite de 6 para 7 de fevereiro de 1897, à meia noite mais ou menos, o Dr. Theodoro Dias de Carvalho Junior, penetrando, em companhia de outras pessoas, na cadeia pública de Araraquara, retirou daí os presos Rosendo e Manuel de Brito, e praticou nêles os ferimentos constantes do auto de corpo de delicto?"

Quesito com relação ao Dr. Araujo:

O mesmo, mudado apenas o nome do réu.

São êsses os quesitos, tais como os tenho na memória. É possível que haja diferença na ordem das palavras, ou talvez que um ou outro termo seja diverso: mas asseguro que as perguntas se referiam a dois factos criminosos: a retirada dos presos e a autoria dos ferimentos. O próprio facto da penetração dos réus na cadeia, em companhia de outras pessoas, está no quesito posto em orqção subordinada (aliás, o penetrar na cadeia em companhia de outras pessoas não é acto criminoso).

Ora, o conselho de sentença, adstricto, como era da lei, a responder sim ou não.

Respondeu mal, contra as provas dos autos?

Volvidos 48 anos após o laudo unânime dos doze juizes de facto, sejamos afinal calmos e justos: respondeu bem, isto é, de acôrdo com a pergunta e as provas dos autos.

Ninguém viu, nem afirmou nos autos, que foi o Dr. Theodoro ou o Dr. João de Araujo quem retirou os presos da cadeia. Ninguém viu, nem afirmou em qualquer documento do processo, que foi o Dr. Theodoro ou o Dr. Araujo quem praticou os ferimentos descritos no auto de corpo de delicto.

O próprio Sr. Pierrot, que sabia e podia, no amplo horizonte externo do processo, dizer o que quisesse, como disse; nem êle se animou a positivar no seu livro apaixonado e liberdoso que foi qualquer dos dois réus quem retirou os presos da cadeia ou praticou nêles um ou mais dos oitenta ou noventa ferimentos descritos no auto de corpo de delicto.

Porque então, e baseados em que elemento de convicção, haviam os jurados de afirmar aquilo? Não era possível. Os doze jurados estavam no gôzo das suas faculdades mentais: responderam não.

Quereria porventura o Sr. Pierrot que respondesse sim, atribuindo a um, logo depois ao outro acusado, a prática dos mesmíssimos ferimentos?

Ou quereria que os juizes de facto, saltando fora dos quesitos e da lei, julgassem extra-autos, tomando sôbre si a imensa responsabilidade de atribuir a cada qual daqueles dois réus a autoria de um ou mais daqueles ferimentos, escolhidos por arbítrio próprio dêles juizes de facto entre os muitos descritos no auto de corpo de delicto?

Ou ainda, quereria o Sr. Fabrício Pierrot que o consselho de sentança atirasse para cima dos dois únicos co-réus, com exclusão lógica dos outros, a autoria de todos os ferimentos, uns de arma branca, outros de bala, outros de cacete, em número superior a meio cento, produzidos no tumulto da vingança, em repidíssimo entrevêro, por um trôço de mais de 50 homens armados?

Tenham paciência o Sr. Pierrot e os partidários que o seu livro criou e até hoje alimenta: - mas os doze juizes de facto, tão levianamente "apontados à execração pública do povo brasileiro", não tomaram parte na arquitetura velhaca do processo, desde o inquérito policial até a redação dos quesitos que lhes foram submetidos, e nem tinham autoridade para interpor qualquer recurso contra a sentença absolutória.

Araraquara, março de 1945.

PIO LOURENÇO CORRÊA

B.1.2- Em periódicos

***A – Papel e Tinta* – São Paulo/SP**

1-COQUEIRO, Mota. O caso do barraqueiro. *Papel e Tinta*, a. 1, São Paulo/ Rio de Janeiro: Sociedade Editora Non Ducor Duco Ltda., jan./ fev. 1921, p. 5-6.

<u>Fotocópia do texto publicado:</u>



PAPEL & TINTA

O Caso do Barraqueiro

Na noite de 24 de Agosto estava instalando, na margem do "Polo-Sul", o aburracamento da turma dos "Conjurados".

Este "Polo-Sul" é um modestissimo ribeiro, de pequenissimo curso, que se esconde todo inteiro no seio sombrio de uma floresta de perobaes e cipó cambira — onde se zone, sem historia e sem lendas, no colo amigo da Terra.

As noticias de macucos por alli eram phantasticas; os "Conjurados" não esperavam sinão o luar — o bom luar dos tropicos, em Agosto — para ir-lhes no encalço.

O acampamento era, como sempre, no meio da mata: o desde o primeiro ensaio de fincar a primeira estaca, o capitão ordenára que se não cortasse um unico páu nas cercanias, para que os patios e os toldos das barracas tivessem o beneficio da sombra macia.

Fez-se minuscula represa nas aguas do "Polo-Sul", e ahi se assentou uma biquinha de coqueiro. A agua era optima: brotava alli mesmo, a uns cem metros, de alguma geleira encantada, e parecia crystal de rocha sem mancha, que um reagente de feitiçaria tornára liquido...

Armadas e preparadas as camas de tarimbas sob os toldos, servido o primeiro jantar na mesa de paus roliços, o relogio dos "Conjurados", com ponteiro e mostrador fosforescentes, marcava 9 e meia. O Capitão deu a ordem de — "caçar á vontade".

* * *

Alli mesmo por cerca de acampamento, plára de tarde um macuco. Ouvido a desejada sedem, murmurou-se em volta que facil empresa era matal-o.

— Não, disse praa os lados o ferus Eurico: acho que este macuco, não ha pressa de matar. Está aqui ao pé, é caça segura. E demais, por quê e não deixaremos, pressa facil, para o Mario Faisão que ahi tem de vir por estes dias, ainda fraco, convalescente da grippe?

Mario é um dos "commandantes de escolta" dos "Conjurados". Ficára em casa, com impressões toutreantes, retido por inopportuna indigestão de saude.

Sahiram, pois, as duas "escoltas", cada uma de seu lado, na marcha esforçada das picadas. E ahi ficou, pacificamente empoleirado, piando a cada passo, o macuco "Barraqueiro", escalado que fôra para esperar o retardatario Faisão — que a essa hora dobrava, heroicamente, no quarto fechado, as doses de heroina e de aspirina que alternava com as imprecações toutreantes...

* * *

No dia 25, á noitinha — ás Ave-Marias, como dantes diziamos todos nós, e como ainda hoje dizem os nossos camponios; — a peitinha de 35, dizia eu, o "Barraqueiro" piou de novo no poleiro. E empoleirou mais ou menos no mesmo ponto, pertinho, logo além da mirifica biquinha de coqueiro, que derramava crystal derretido...

E eis que um sudeste regelado inaugura o seu sopro através daquelles nodosos cabriuvas: — o sussurro caracteristico dos ventos de sertão veiu interromper o silencio vivo da mata. Calou-se, cauto, o "Barraqueiro". Nessa noite, as duas "escoltas" esforçadas percorreram inutilmente as picadas. Pouco depois de dez horas recolhiam-se, e relatavam ao Capitão que "nada ouviram, a não ser, muito ao longe alguns ruidos da onça".

Acolhiam-se todos ao fogo do cozinheiro. Ticitavam. Um silencio mortiço, como brazas abandonadas, dominou entre os "Conjurados".

DESENHO DE BIBSON

Transcrição:

O CASO DO BARRAQUEIRO

Na noite de 24 de agosto estava instalado, na margem do "Pólo-Sul", o abarracamento da turma dos "Conjurados".

Este "Pólo-Sul" é um modestíssimo ribeiro, de pequeníssimo curso, que se esconde todo inteiro no seio sombrio de uma floresta de perobais e cipó cambira — onde se some, sem história e sem lendas, no colo amigo da Terra.

As notícias de macucos por ali eram fantásticas; os "Conjuros" não esperavam senão o luar — o bom luar dos trópicos, em agosto — para ir-lhes no encalço.

O acampamento era, como sempre, no meio da mata; e desde o primeiro ensaio de fincar a primeira estaca, o capitão ordenara que se não cortasse um único pau nas cercanias, para que os pátios e os toldos das barracas tivessem o benefício da sombra macia.

Fez-se minúscula represa nas águas do "Pólo-Sul", e aí se assentou uma biquinha de coqueiro. A água era ótima: brotava ali mesmo, a uns cem metros, de alguma geleira encantada, e parecia cristal de rocha sem mancha, que um reagente de feitiçaria tornara líquido...

Armadas e preparadas as camas de tarimbas sob os toldos, servido o primeiro jantar na mesa de paus roliços, o relógio dos "Conjurados", com ponteiro e mostrador fosforescentes, marcava nove e meia. O Capitão deu ordem de — "caçar à vontade".

Ali mesmo por cerca do acampamento, piara de tarde um macuco. Ouvida a desejada ordem, murmurou-se em volta que fácil empresa era matá-lo.

—Não, disse para os lados o feroz Eurico; acho que este macuco, não há pressa de matar. Está aqui ao pé, é caça segura. E demais, por que o não deixaremos, presa fácil, para o Mário Faisão que aí tem de vir por estes dias, inda fraco, convalescente da gripe?

Mário é um dos "comandantes de escolta" dos "Conjurados". Ficara em casa, com imprecações tonitroantes, retido por inoportuna indisposição de saúde.

Saíram, pois, as duas "escoltas", cada uma de seu lado, na marcha esforçada das picadas. E aí ficou, pacificamente empoleirado, piando a cada passo, o macuco "Barraqueiro", escalado que fora para esperar o retardatário Faisão — que a essa hora dobrava, heroicamente, no quarto fechado, as doses de heroína e de aspirina que alternava com as imprecações tonitroantes...

No dia 25, à noitinha — às Ave-Marias, como dantes dizíamos todos nós, e como ainda hoje dizem os nossos campônios; — à noitinha de 25, dizia eu, o "Barraqueiro" piou de novo no poleiro. E empoleirara mais ou menos no mesmo ponto, pertinho, logo além da mirífica biquinha de coqueiro, que derramava cristal derretido...

E eis que um sudeste regelado inaugura o seu sopro através daqueles nodosos cabreúvas: — o sussurro característico dos ventos do sertão veio interromper o silêncio vivo da mata. Calou-se, cauto, o "Barraqueiro". Nessa noite, as duas "escoltas" esforçadas percorreram inutilmente as picadas. Pouco depois de dez horas recolhiam-se, e relatavam ao Capitão que "nada ouviram, a não ser, muito ao longe alguns miados de onça".

Acolhiam-se todos ao fogo do cozinheiro. Tiritavam. Um silêncio mortiço, como brasa abandonada, dominou entre os "Conjurados".

—Capitão, exclama de repente Eurico Ninães; ou atiramos o "Barraqueiro", ou teremos de ficar hoje sem macuco. Este malfadado vento frio, substituiu pela orquestra das ramagens o piado terno dos macucos. Eu proponho que vamos buscar o "Barraqueiro".

—Já não te lembras, malvado, do que ainda ontem propuseste? — tornou o Capitão,inexorável. Não: o "Barraqueiro" fica "guardado" para o Mário.

Eurico, e os companheiros que com ele fizeram coro na proposta, emudeceram: eram afeitos à disciplina férrea dos "Conjurados", e sabiam que ao Capitão não se deve retrucar.

O silêncio reinou de novo, como um fardo mole, em torno da trempe do cozinheiro. E ouviu-se mais nítida a orquestra das ramagens, lá em cima, nas copas dos coqueiros, sob a regência do sudeste. Um piado agudo de macuco cortou os ares, retiniu, do lado oposto do "Pólo-Sul". Era o "Barraqueiro", que dasafiava.

- Ouviu? Ouviu?

- Ouvi. Ouvi.

- Está ali próximo, disse Ninães; talvez a menos de cem braços.

- Vamos fazer a este sujeito uma visita? Vamos achá-lo, vamos assestar-lhe o holofote elétrico, vamos fazê-lo travar conhecimento com a civilização e os "Conjurados"?

- Vamos.

Iam a sair, quando a voz do Capitão se fez ouvir:

- Mas não lhe atirem , nem o espantem; esse macuco está dito que esperará o Faisão.

- Entendido, Capitão.

Saíram. Eram três, os da “escolta”. Transpuseram o ribeiro, entraram na picada. O luar era de prata (como se dizia no tempo do romantismo) e o sudeste cortava, como se viesse também de uma geleira...

Após um trajeto de 80 a 100 braças na picada, estacionaram, Estavam mudos, e dominavam até o ciciar da respiração — como às vezes faz o crente quando entra a sós num templo majestoso. A mata virgem, à noite, dá-nos de onde em onde uma impressão desses lugares santos, cuja majestade nos acabrunha.

Alguns minutos de silêncio, e o pio de Eurico “provocava” o macuco. A resposta não se fez esperar: o “Barraqueiro” dava menos pelo frio sudeste, do que pelo misterioso par que o chamava para a eterna contradança da espécie.

- Pronto! Está “marcado”, diz Eurico: é esta a direção (e apontava com a mão espalmada o emaranhado da floresta).

Entraram dois a “achar” o macuco, ficando o terceiro, como de praxe, de vigia na picada, corrigindo, sob consultas a direção dos expedicionários, por meio de sinais com o pio.

Com pouco esforço, foi “achado” o macuco: já estava o “Barraqueiro”, encolhido e sonolento, com o pesado peito descansado sobre um grosso galho de pitangueira. Chamado o “vigia”, fizeram-se os comentários cabíveis ao caso, e aplicou-se o holofote (pequena lanterna de pilhas secas) ao bico do macuco. Isso feito, voltou a “escolta” ao acampamento, e o “comandante” relatou ao Capitão que o “Barraqueiro” era nédio e graúdo, e lá ficara no poleiro à espera da sua hora.

É fato curioso que o macuco — ave sobre todas tímida e solerte, com imensa capacidade de evitar o perigo — assim se deixe ficar despreocupadamente diante de um foco de lanterna elétrica! Não cogita ele, decerto, em milagres. E só a milagre atribuirá o fato de uma estrela tão ofuscante e linda despegar-se da túnica celeste, para vir perambular aí pelas matas, no rés do chão e da chateza do mundo...

Na madrugada de 26, o “Barraqueiro”, já muito “provocado”, estava loquaz.

De manhã, piava no chão escandalosamente, e avizinhava-se ousado do acampamento, de onde partiam de contínuo os arremedos em tubos de valcanite.

Nessa manhã aparece no acampamento Joaquim Prata, também “Conjurado”, mas com quem não se contava nesta estação. Tem bom humor inalterável, dispõe de infinitas cançonetas

e anedotas picantes, é valente a andar nas ásperas veredas das picadas, e tudo isso considerado figura de primeira grandeza na apagada constelação dos "Conjurados".

Chegou à hora da "patrulha" matutina, e encontrou, portanto, o acampamento deserto. Rebuscou por ali um café frio, de que se serviu com pão de três dias — e enfiou logo por uma picada. A poucos passos ouviu — com que alegria! — que piava no chão um macuco, desabaladamente, como o maior tagarela.

Tratou, sem mais preâmbulos, de preparar-lhe a cilada, de chamá-lo ao alcance do tiro mortífero. Ia já para conseguir o intento, quando ouve à pequena distância o sinal de — "o homem se aproxima" — Ao sinal seguiram-se passos na folhagem seca e crepitante: foge o "Barraqueiro"; e Joaquim, tantalizado, enuvia o semblante e atende para o importuno que chega.

Era o cozinheiro, que, de passagem para o acampamento, com um feixe de palmitos, percebera a cilada e vinha dar ao recém-chegado a notícia de que o "Barraqueiro" estava "guardado" para o Faisão ainda ausente.

Nessa tarde, com a correspondência acumulada chegam novas do inválido: a tosse teimava ainda, com sintomas de rouquidão e fraqueza, não obstante a aspirina e as imprecações. O doente decidira não mais comparecer.

Resolve-se, pois, ao escurecer, que o "Barraqueiro" seria atirado no poleiro essa noite. É escalado para atirador o Mister, "Conjurado", Escocês, tipo acabado de "*sportsman",* de maneiras delicadas e persuasivas, estimadíssimo no seio da turma, que ele acompanha em todas as vitórias e em todas as derrotas desde 1915. O tiro noturno, de poleiro, não é o seu forte; não lhe faltaram, pois, recomendações dos companheiros para que tomasse cuidado e segurasse o ponto.

Alta madrugada, ouvia-se do acampamento vibrar na noite silenciosa o sino do "Barraqueiro". Ás três horas parte a "escolta" a procurá-lo. Foi encontrado em lugar sombrio, no tronco de uma árvore ainda nova mas já muito oblíqua, a pender irresistivelmente para o Fim. As árvores, como os homens pendem às vezes vagarosamente para o túmulo: — e esse caminhar lento, mas progressivo, tem para ambos a força amarga do olhar das serpentes, que atrai na razão inversa das distâncias...

Estudada pelos circunstantes a melhor posição ara o atirador, concordou este com os demais e, acesa por trás dele a lanterna elétrica, via-se rebrilhar a mira na ponta da arma e via-se rebrilharem os olhos do macuco que se não movia.

Fogo! Partiu o tiro e, sem detença... partiu o macuco a bater freneticamente as asas; suspendeu pesado vulto por sobre as copadas das árvores gigantes, e desapareceu sob a lua que, também ela, pendia já para o ocidente incerto, que arrasta homens, troncos, astros...

- *I shaee no more shoot at a perched macuco in the head at night* — disse convictamente o atirador.

- *Du't bother, mister Brown; to miss a macuco at night is the most common happening... Let us go and look for another.*

E no silêncio formidável da mata ouvia-se o tropear da "escolta", que partia em busca de outra aventura.

Quanto ao "Barraqueiro", foi ainda visto e atirado de "esbarro", mas continua vivo naquelas solidões, a sonhar provavelmente com estrelas vagabundas, que se destacam da Via Láctea e aparecem alta noite sobre os poleiros, como um fogo-fátuo sinistro...

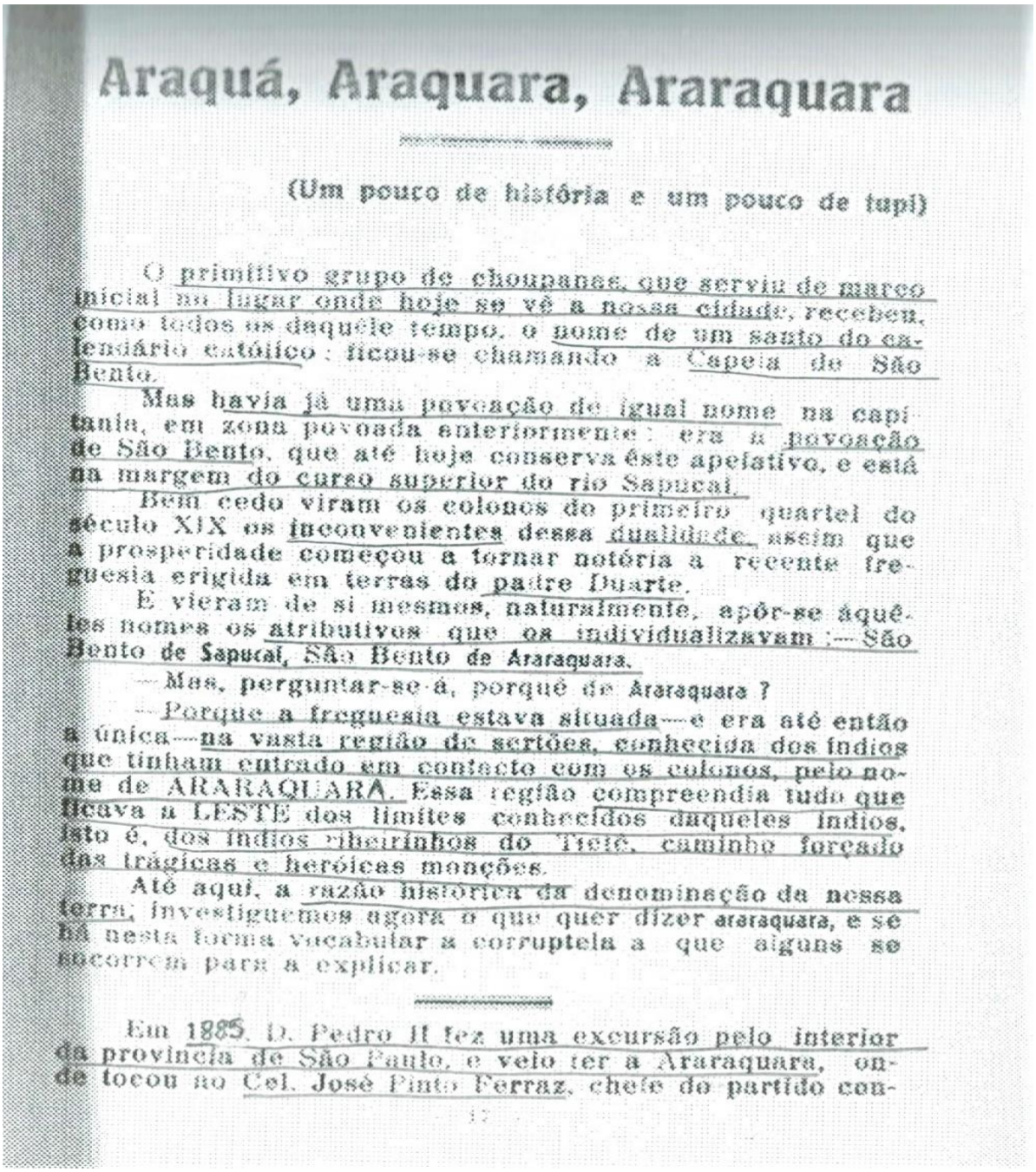
5 de setembro 1920.

MOTA COQUEIRO

***B – Revista de Filologia Portuguesa* – São Paulo/SP**

1-COQUEIRO, Mota. Araquá, Araquara, Araraquara. *Revista de Filologia Portuguesa*, v.5, São Paulo, 1925, p. 69 – 72. Extraído de COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra "Araraquara":* estudo histórico e lingüístico do nome da cidade de Araraquara. Anexo 1. Araraquara: Oficinas Gráficas "Irmãos Lia", 1936, p. 17-20.

Fotocópia do texto publicado:



Araquá, Araquara, Araraquara

(Um pouco de história e um pouco de tupi)

O primitivo grupo de choupanas, que serviu de marco inicial no lugar onde hoje se vê a nossa cidade, recebeu, como todos os daquêle tempo, o nome de um santo do calendário católico: ficou-se chamando a Capela de São Bento.

Mas havia já uma povoação de igual nome na capitania, em zona povoada anteriormente: era a povoação de São Bento, que até hoje conserva êste apelativo, e está na margem do curso superior do rio Sapucaí.

Bem cedo viram os colonos do primeiro quartel do século XIX os inconvenientes dessa dualidade, assim que a prosperidade começou a tornar notória a recente freguesia erigida em terras do padre Duarte.

E vieram de si mesmos, naturalmente, apôr-se àquêles nomes os atributivos que os individualizavam: — São Bento de Sapucaí, São Bento de Araraquara.

— Mas, perguntar-se-á, porquê de Araraquara?

— Porque a freguesia estava situada — e era até então a única — na vasta região de sertões, conhecida dos índios que tinham entrado em contacto com os colonos, pelo nome de ARARAQUARA. Essa região compreendia tudo que ficava a LESTE dos limites conhecidos daqueles índios, isto é, dos índios ribeirinhos do Tietê, caminho forçado das trágicas e heróicas monções.

Até aqui, a razão histórica da denominação da nossa terra; investiguemos agora o que quer dizer araraquara, e se há nesta forma vocabular a corruptela a que alguns se socorrem para a explicar.

Em 1885, D. Pedro II fez uma excursão pelo interior da provincia de São Paulo, e veio ter a Araraquara, onde tocou no Cel. José Pinto Ferraz, chefe do partido con-

(Continuação)

servador então no poder, a honra de hospedar Sua Majestade.

Aqui chegou o imperador em comboio especial da «Companhia Rio Claro», visitou as escolas públicas (a que o povo teimava ainda em chamar régias, e eram duas), viu as desoladas ruas conservadas pelas raízes tenazes da graminha, e quis saber se havia na terra alguém que falasse tupi.

Informado que não, indagou dos circunstantes se sabiam a razão de se chamar Araraquara à vila onde nasceram ou viviam.

Disseram-lhe que a palavra se originara de arara, ave talvez outrora abundante no lugar, e quara, ninho, buraco; o informante acrescentou que se supunha houvera aqui ninhos de arara noutros tempos, de-certo antes do advento da graminha...

O velho sorriu — como devia sorrir Victor Hugo ante a lógica dos netinhos — e emendou: — arara quer dizer a claridade, o dia; e quara significa, de facto, buraco, lugar de moradia, e também ninho.

O benevolente sorriso de Pedro II em 1885, de-certo lhe voltaria às feições serenas e amarguradas em 1901, se êle aqui ainda vivesse e tivesse lido a obrinha de Teodoro Sampaio, O tupi na geografia nacional, onde reparecem as irritantes araras...

No Dic. Geográfico do Dr. João Mendes, que pacientemente estudou o tupi, e chegou a conhecê-lo melhor que qualquer contemporâneo, lê-se, sob o verb. araquá: — "Em um documento de 1788, o nome aracoara está escrito como significando morada do dia. Entenderiam os indígenas, navegando o rio Tietê, a ser exacta esta versão, que, nascendo o sol por detrás da cordilheira, ali morava o dia". Comentando êsse documento, acrescenta o Dr. João Mendes que "tudo isso é imaginativo".

Ora, o documento em questão é o Diário da Viagem do Dr. Lacerda e Almeida, de que temos na nossa estante um exemplar, impresso em S. Paulo, por ordem da Assembleia Legislativa, em 1841. De facto, nêsse folheto, encontra-se na pág. 58 uma nota, de que copiamos estas palavras:

"Uma senhora velha, de Araritaguaba, de bom juizo, e instruída na lingua dos Indios, me certificou que na sua mocidade se chamava Araquara..."

(Continuação)

Vê-se que o Dr. João Mendes, acoimando de imaginativa aquela etimologia, aceitou em todo o caso como exactos os termos componentes de araquara: ara - dia; coara - morada. E é quanto nos basta.

O autor do artigo estampado a páginas VI do Album de Araraquara, aponta vários documentos antigos, onde se escreveu Araquara; e procurando explicar a mudança dêste nome para o actual, assim se exprime: — "...os novos habitantes, descendentes de portugueses, alongaram a palavra em vez de abreviá-la, como seria para supor..... o que se explica por ignorarem êles a lingua tupi e julgarem, naturalmente, tratar-se de *araras*".

Os descendentes de portugueses estão aí pagando culpa que não devem. A passagem de Araquara para Araraquara explica-se por lei evolutiva normal ao tupí.

De ára se fez arara como de irá se fez irara, de jaguá se fez jaguara de taquá se fez taquara, de guá se fez guara, etc. etc.

Confira-se:—jaguapoca, jaguacambé com jaguaraiva, jaguareté; taquaquicé com taquarantan: guaximbé, guaporé com guaraiuva, guarantan. Os exemplos poderiam amontoar-se, se valesse a pena.

Em conclusão:

Araquara, que era já um alongamento normal de Araquá, recebeu normalmente no primeiro elemento a sílaba paragógica que já recebera no segundo, e passou para Araraquara.

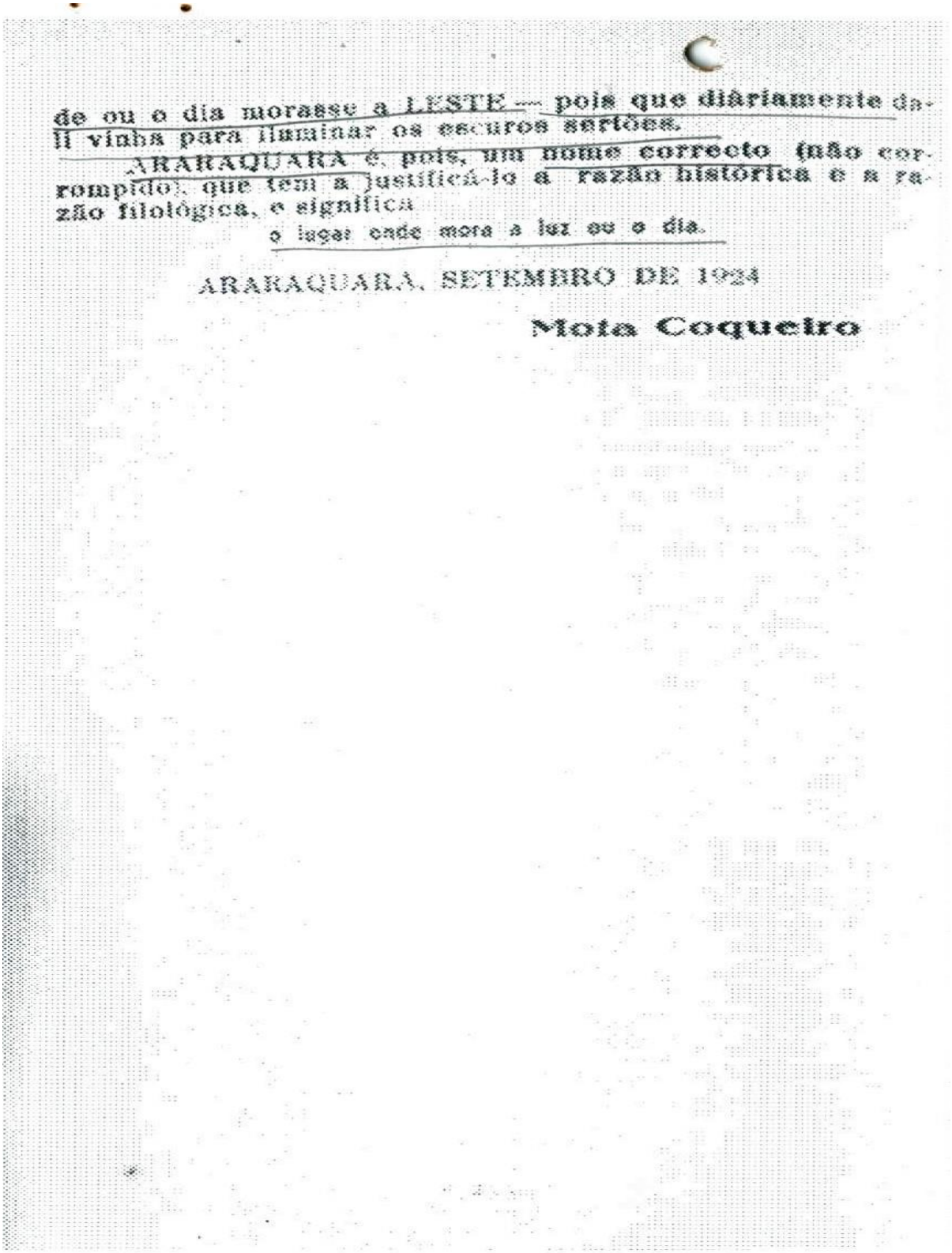
Vem ao propósito observar que os indígenas, com serem analfabetos, só tinham tradições oraes, e eram muito cautelosos e ponderados na sua nomenclatura geográfica. Leia-se, a êste respeito, o prefácio do Dic. Geográfico do Dr. João Mendes.

Não iriam êles, portanto, assentar numa futilidade ocasional (um ninho, ou muitos ninhos de araras) a denominação de extensissima zona geográfica do seu mundo.

A origem do nome Araraquara tem, pois, de ser outra, com assento em facto permanente, inalterável, incontestável. Este facto permanente era A APARIÇÃO DIARIA DA LUZ DO DIA para aquelas bandas.

Atrasados em noções astronómicas até onde o podiam ser, não repugnava aos indios supor que a claridade

(Continuação)



de ou o dia moraase a LESTE — pois que diàriamente da-
lí vinha para illuminar os escuros sertões.

ARARAQUARA é, pois, um nome correcto (não cor-
rompido), que tem a justificá-lo a razão histórica e a ra-
zão filológica, e significa

o logar onde mora a luz ou o dia.

ARARAQUARA, SETEMBRO DE 1924

Mota Coqueiro

Transcrição:

ARAQUÁ, ARAQUARA, ARARAQUARA
(Um pouco de história e um pouco de tupi)

O primitivo grupo de choupanas, que serviu de marco inicial no lugar onde hoje se vê a nossa cidade, recebeu, como todos os daquêle tempo, o nome de uma santo do calendário católico: ficou-se chamando a Capela de São Bento.

Mas havia já uma povoação de igual nome na capitania, em zona povoada anteriormente: era a povoação de São Bento, que até hoje conserva êste apelativo, e está na margem do curso superior do rio Sapucaí.

Bem cedo viram os colonos do primeiro quartel do século XIX os inconvenientes dessa dualidade, assim que a prosperidade começou a tornar notória a recente freguesia erigida em terras do padre Duarte.

E vieram de si mesmos, naturalmente, apôr-se àquêles nomes os atributivos que os individualizavam: - São Bento **de Sapucaí**, São Bento **de Araraquara**.

- Mas, perguntar-se-á, porquê de **Araraquara**?

- Porque a freguesia estava situada – e era até então a única – na vasta região de sertões, conhecida dos índios que tinham entrado em contacto com os colonos, pelo nome de ARARAQUARA. Essa região compreendia tudo que ficava a LESTE dos limites conhecidos daqueles índios, isto é, dos índios ribeirinhos do Tietê, caminho forçado das trágicas e heróicas monções.

Até aqui, a razão histórica da denominação da nossa terra; investiguemos agora o que quer dizer **araraquara,** e se há nesta forma vocabular a corruptela a que alguns se socorrem para a explicar.

Em 1885, D. Pedro II fez uma excursão pelo interior da província de São Paulo, e veio ter a Araraquara, onde tocou no Cel. José Pinto Ferraz, chefe do partido conservador então no poder, a honra de hospedar Sua Majestade.

Aqui chegou o imperador em comboio especial da "Companhia Rio Claro", visitou as escolas públicas (a que o povo teimava ainda em chamar **régias**, e eram duas), viu as desoladas ruas conservadas pelas raízes tenazes da graminha, e quis saber se havia na terra alguém que

falasse tupi. Informado que não, indagou dos circunstantes se sabiam a razão de se chamar **Araraquara** à vila onde nasceram ou viviam.

Disseram-lhe que a palavra se originara de **arara,** ave talvez outrora abundante no lugar, e **quara,** ninho, buraco; o informante acrescentou que se supunha houvera aqui **ninhos de arara** noutros tempo, de-certo antes do advento da graminha...

O velho sorriu – como devia sorrir Victor Hugo ante a lógica dos netinhos – e emndou: - **arara** quer dizer a claridade, o dia; e **quara** significa, de facto, buraco, lugar de moradia, e também ninho.

O benevolente sorriso de Pedro II em 1885, de-certo lhe voltarias às feições serenas e amarguradas em 1901 se êle aqui ainda vivesse e tivesse lido a obrinha de Teodoro Sampaio, **O tupi na geografia nacional,** onde reaparecem as irritantes **araras**...

No **Dic. Geográfico** do Dr. João Mendes, que pacientemente estudou o tupi, e chegou a conhecê-lo melhor que qualquer contemporâneo, lê-se, sob o vcb. **araquá**: - "Em um documento de 1788, o nome **aracoara** está escrito como significando **morada do dia**. Entenderiam os indígenas, navegando o rio Tietê, a ser exacta esta versão, que, nascendo o sol por detrás da cordilheira, ali morava o dia. Comentando êsse documento, acrescenta o Dr. João Mendes que "tudo isso é imaginativo".

Ora, o documento em questão é o **Diário da Viagem** do Dr. Lacerda e Almeida, de que temos na nossa estante um exemplar, impresso em S. Paulo, por ordem da Assembleia Legislativa, em 1841. De facto, nêsse folheto, encontra-se na pág. 58 uma nota, de que copiamos estas palavras:

"Uma senhora velha, de Araritaguaba, de bom juízo, e instruída na língua dos Índios, me certificou que na sua mocidade de chamava **Araquara**..."

Vê-se que o Dr. João Mendes, acoimando de **imaginativa** aquela etimologia, aceitou em todo o caso como exactos os termos componentes de **araquara**: ara – dia; coara – morada. E é quanto nos basta.

O autor do artigo estampado a páginas VI do **Álbum de Araraquara,** aponta vários documentos antigos, onde se escreveu **Araquara,** e procurando explicar a mudança dêste nome para o actual, assim se exprime: - "... os novos habitantes, descendentes de portugueses,

alongaram a palavra em vez de abreviá-la, como seria para supor..... o que se explica por ignorarem êles a língua tupi e julgarem, naturalmente, tratar-se de **araras**".

Os descendentes de portugueses estão aí pagando culpa que não devem. A passagem de **Araquara** para **Araraquara** explica-se por lei evolutiva normal ao tupi.

De **ára** se fez **arara** como de **Irá** se fez **Irara,** de **jaguá** se fez **jaguara,** de **taquá** se fez **taquara**, de **guá** se fez **guara**, etc. etc.

Confira-se: - jaguapoca, jaguacambé com jaguaraiva, jaguaretê; taquaquicé com taquarantan; guaximbé, guaporé com guaraiuva, guarantan. Os exemplos poderiam amontoar-se, se valesse a pena.

Em conclusão:

Araquara, que era já um alongamento **normal** de Araquá, recebeu **normalmente** no primeiro elemento a sílaba paragógica que já recebera no segundo, e passou para **Araraquara**.

Vem ao propósito observar que os indígenas, com serem analfabetos, só tinham tradições orais, e eram muito cautelosos e ponderados na sua nomenclatura geográfica. Leia-se, a êste respeito, o prefácio do **Dic. Geográfico** do Dr. João Mendes.

Não iriam êles, portanto, assentar numa futilidade ocasional (um ninho, ou muitos ninhos de araras) a denominação de extensíssima zona geográfica do seu mundo.

A origem do nome **Araraquara** tem, pois, de ser outra, com assento em facto permanente, inalterável, incontestável. Este facto permanente era A APARIÇÃO DIÁRIA DA LUZ DO DIA para aquelas bandas.

Atrasados em noções astronômicas até onde o podiam ser, não repugnava aos índios supor que a claridade ou o dia morasse a LESTE – pois que diáriamente dali vinha para iluminar os escuros sertões.

ARARAQUARA é, pois, um nome correcto (não corrompido), que tem a justificá-lo a razão histórica e a razão filológica, e significa

o lugar onde mora a luz ou o dia.

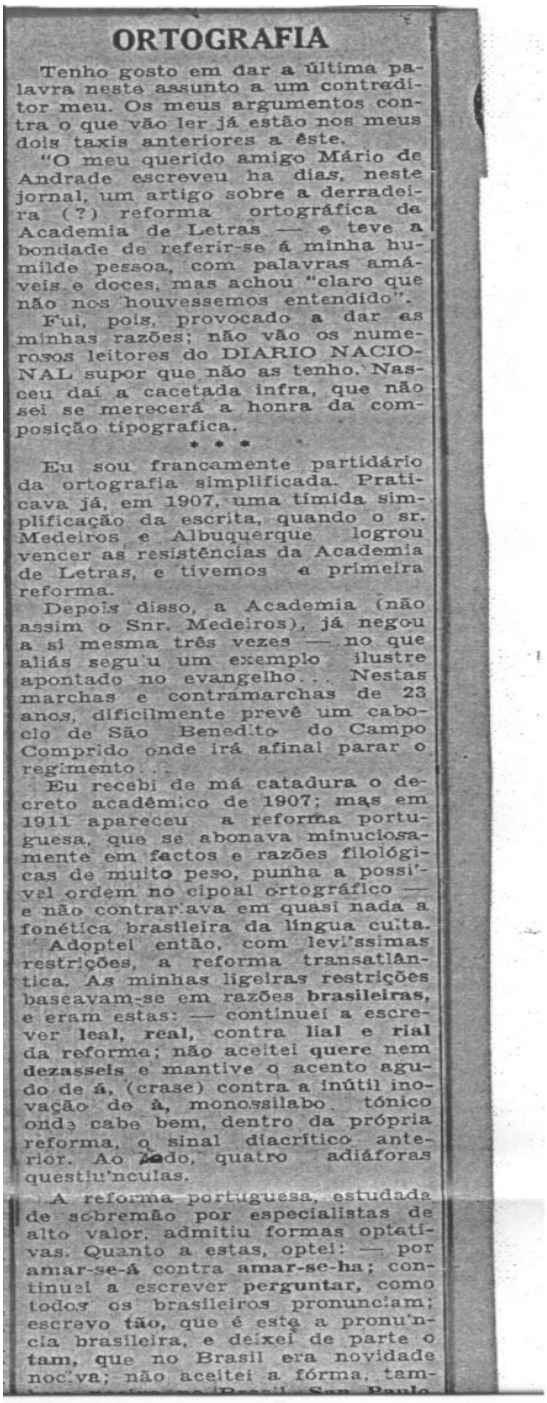
ARARAQUARA, SETEMBRO DE 1924

Mota Coqueiro

***C – Diário Nacional* – São Paulo/SP**

1- COQUEIRO, Mota. Ortografia. *Diário Nacional*. São Paulo, 29 jan. 1930. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



ORTOGRAFIA

Tenho gosto em dar a última palavra neste assunto a um contraditor meu. Os meus argumentos contra o que vão ler já estão nos meus dois taxis anteriores a êste.

"O meu querido amigo Mário de Andrade escreveu ha dias, neste jornal, um artigo sobre a derradeira (?) reforma ortográfica da Academia de Letras — e teve a bondade de referir-se á minha humilde pessoa, com palavras amáveis e doces, mas achou "claro que não nos houvessemos entendido".

Fui, pois, provocado a dar as minhas razões; não vão os numerosos leitores do DIARIO NACIONAL supor que não as tenho. Nasceu daí a cacetada infra, que não sei se merecerá a honra da composição tipografica.

* * *

Eu sou francamente partidário da ortografia simplificada. Praticava já, em 1907, uma tímida simplificação da escrita, quando o sr. Medeiros e Albuquerque logrou vencer as resistências da Academia de Letras, e tivemos a primeira reforma.

Depois disso, a Academia (não assim o Snr. Medeiros), já negou a si mesma três vezes — no que allás seguiu um exemplo ilustre apontado no evangelho... Nestas marchas e contramarchas de 23 anos, dificilmente prevê um caboclo de São Benedito do Campo Comprido onde irá afinal parar o regimento...

Eu recebi de má catadura o decreto acadêmico de 1907; mas em 1911 apareceu a reforma portuguesa, que se abonava minuciosamente em factos e razões filológicas de muito peso, punha a possi'vel ordem no cipoal ortográfico — e não contrariava em quasi nada a fonética brasileira da lingua culta.

Adoptei então, com levi'ssimas restrições, a reforma transatlântica. As minhas ligeiras restrições baseavam-se em razões **brasileiras**, e eram estas: — continuei a escrever **leal, real**, contra **lial** e **rial** da reforma; não aceitei **quere** nem **dezasseis** e mantive o acento agudo de **á**, (crase) contra a inútil inovação de **à**, monossilabo tónico onde cabe bem, dentro da própria reforma, o sinal diacritico anterior. Ao lado, quatro adiáforas questiu'nculas.

A reforma portuguesa, estudada de sobremão por especialistas de alto valor, admitiu formas optativas. Quanto a estas, optei: — por **amar-se-á** contra **amar-se-ha**; continuei a escrever **perguntar**, como todos os brasileiros pronunciam; escrevo **tão**, que é esta a pronu'ncia brasileira, e deixei de parte o **tam**, que no Brasil era novidade nociva; não aceitei a fórma, tam-



de sobremão por especialistas de alto valor, admitiu formas optativas. Quanto a estas, optei: — por **amar-se-á** contra **amar-se-ha**; continuei a escrever **perguntar**, como todos os brasileiros pronunciam; escrevo **tão**, que é esta a pronu'ncia brasileira, e deixei de parte o **tam**, que no Brasil era novidade nociva; não aceitei a fórma, tambem nociva no Brasil, **San Paulo**, e continuei grafando São Paulo; entre **cincoenta** e **cinqüenta**, (ou **cinqüenta**), fiquei na primeira forma; optei por **em-fim** contra **enfim**, **em-quanto** contra **enquanto** e **deshonra**, **gentil-homem** contra **desonra**, **gentilomem**.

Só. Tudo mais, aceitei, porque não fere de leve siquer o idioma da minha terra, harmoniza-se perfeitamente com a ortoépia normal da li'ngua culta brasileira, está assente em razões scientificas — e não me importa nada que proceda de Portugal, da Alemanha ou do inferno...

Em 1920, a portaria do governo português (de 29 de Novembro) acabou com boa parte, melhor com todas menos uma das minhas divergências; e melhor ainda me senti desde então ao praticar a benemérita e malsinada reforma, que é incontestavelmente a melhor solução que até hoje apareceu para o dificil caso.

* * *

Agora, qual a minha divergência com a Academia, actualmente, e com o meu bom amigo Mário de Andrade? Apenas esta: — Não quero alterar casa em **caza**, rosa em **roza**, porque não tenho para isso razões fonéticas, é novidade contrária ás praxes gerais da lingua, contrária á razão etimológica e serve apenas para facilitar a vida boa e divertida dos **viveurs**.

A Academia, na minha atrazada opinião arranjou um novo "surrão amplo" dentro do chamado dialecto brasileiro, que o bom Rui vituperava. Fez obra de puro favor á ignorância, o que não me parece ficar bem a quem quer falar em nome das letras brasileiras.

E eu deixo-me estar onde estava".

MOTA COQUEIRO

Diário Nacional, 29 Janr.º 1930

Venha passar duas horas

Transcrição:

ORTOGRAFIA

Tenho gosto em dar a última palavra neste assunto a um contraditor meu. Os meus argumentos contra o que vão ler já estão nos meus dois táxis anteriores a este.

"O meu querido amigo Mário de Andrade escreveu há dias, neste jornal, um artigo[26] sobre a derradeira (?) reforma ortográfica da Academia de Letras — e teve a bondade de referir-se à minha humilde pessoa, com palavras amáveis e doces, mas achou 'claro que não nos houvéssemos entendido'.

Fui, pois, provocado a dar as minhas razões; não vão os numerosos leitores do *Diário Nacional* supor que não as tenho. Nasceu daí a cacetada infra, que não sei se merecerá a honra da composição tipográfica.

***

Eu sou francamente partidário da ortografia simplificada. Praticava já, em 1907, uma tímida simplificação da escrita, quando o sr. Medeiros e Albuquerque logrou vencer as resistências da Academia de Letras, e tivemos a primeira reforma.

Depois disso, a Academia (não assim o Sr. Medeiros), já negou a si mesma três vezes — no que aliás seguiu um exemplo ilustre apontado no evangelho... Nestas marchas e contramarchas de 23 anos, dificilmente prevê um caboclo de São Benedito do Campo Comprido onde irá afinal parar o regimento.

Eu recebi de má catadura o decreto acadêmico de 1907; mas em 1911 apareceu a reforma portuguesa, que se abonava minuciosamente em fatos e razões filológicas de muito peso, punha a possível ordem no cipoal ortográfico — e não contrariava em quase nada a fonética brasileira da língua culta.

Adotei então, com levíssimas restrições, a reforma transatlântica. As minhas ligeiras restrições baseavam-se em razões **brasileiras,** e eram estas: — continuei a escrever **leal, real,** contra **lial** e **rial** da reforma; não aceitei **quere** nem **dezasseis** e mantive o acento agudo de **á** (crase) contra a inútil inovação de **à**, monossílabo tônico, onde cabe bem, dentro da própria reforma, o sinal diacrítico anterior. Ao todo, quatro adiáforas questiúnculas.

---

26 PLC refere-se ao artigo "Táxi: Ortografia I", de Mário de Andrade, publicado em 18 jan. 1930, no *Diário Nacional* (ANDRADE, 1976, p. 185-186)

A reforma portuguesa, estudada de sobremão por especialistas de alto valor admitiu formas optativas. Quanto a estas, optei: — por **amar-se-á** contra **amar-se-há**; continuei a escrever **perguntar**, como todos os brasileiros pronunciam; escrevo **tão**, que é esta a pronúncia brasileira, e deixei de parte o **tam**, que no Brasil era novidade nociva; não aceitei a forma, também nociva no Brasil, **San Paulo**, e continuei grafando São Paulo; entre **cincoenta** e **cinqüenta,** fiquei na primeira forma; optei por **em fim** contra **enfim, em quanto** contra **enquanto** e **des-honra, gentil-homem** contra **desonra, gentilomem.**

Só. Tudo mais, aceitei, porque não fere de leve sequer o idioma da minha terra, harmoniza-se perfeitamente com a ortoepia normal da língua culta brasileira, está assente em razões científicas — e não me importa nada que proceda de Portugal, da Alemanha ou do inferno...

Em 1920, a portaria do governo português (de 29 de novembro) acabou com boa parte, melhor com todas menos uma das minhas divergências; e melhor ainda me senti desde então ao praticar a benemérita e malsinada reforma, que é incontestavelmente a melhor solução que até hoje apareceu para o difícil caso.

***

Agora, qual a minha divergência com a Academia, atualmente, e com o meu bom amigo Mário de Andrade? Apenas esta: — Não quero alterar **casa** em **caza**, **rosa** em **roza**, porque não tenho para isso razões fonéticas, é novidade contrária às praxes gerais da língua, contrária à razão etimológica e serve apenas para facilitar a vida boa e divertida dos ***viveurs***.

A Academia, na minha atrasada opinião arranjou um novo ‘surrão amplo’ dentro do chamado dialeto brasileiro, que o bom Rui vituperava. Fez obra de puro favor à ignorância, o que não me parece ficar bem a quem quer falar em nome das letras brasileiras.

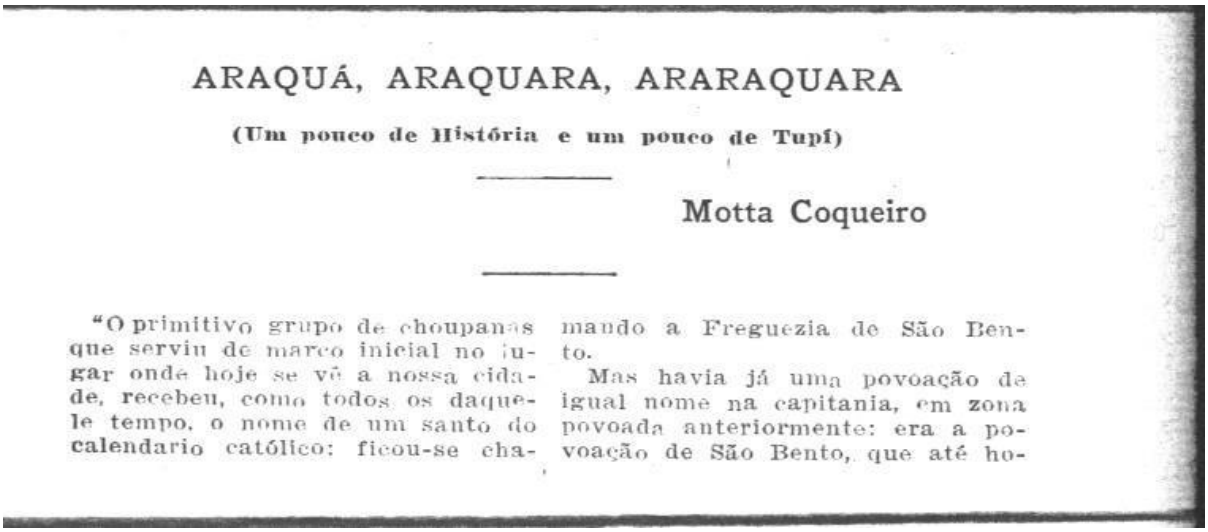
E eu deixo-me estar onde estava.”

Mota Coqueiro

***D – Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* – São Paulo/SP**

1-COQUEIRO, Motta. Araquá, Araquara, Araraquara (Um pouco de história e um pouco de tupi). *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, a. 1, v. 10. São Paulo: Depto. do Expediente e do Pessoal, mar. 1935, p.152-154. BMA-IEB-USP.

Fotocópia do texto publicado:



ARAQUÁ, ARAQUARA, ARARAQUARA

(Um pouco de História e um pouco de Tupí)

Motta Coqueiro

"O primitivo grupo de choupanas que serviu de marco inicial no lugar onde hoje se vê a nossa cidade, recebeu, como todos os daquele tempo, o nome de um santo do calendario católico: ficou-se chamando a Freguezia de São Bento.

Mas havia já uma povoação de igual nome na capitania, em zona povoada anteriormente: era a povoação de São Bento, que até ho-

(Continuação)

je conserva este apelativo, e está na margem do curso superior do Rio Sapucaí.

Bem cedo viram os colonos do primeiro quartel do século XIX os inconvenientes dessa dualidade, assim que a prosperidade começou a tornar notoria a recente freguezia erigida em terras do padre Duarte. E vieram, de si mesmos, naturalmente, opôr-se áqueles nomes os atributivos que os individualizam: **São Bento de Sapucaí, São Bento de Araraquara.**

— Mas, perguntar-se-á, porque de Araraquara?

— Porque a freguezia estava situada — e era até então a unica — na vasta região dos sertões, conhecida dos indios que tinham entrado em contacto com os colonos, pelo nome de **Araquara.** Essa região compreendia tudo que ficava a léste dos limites conhecidos daqueles indios, isto é, dos indios ribeirinhos do Tieté, caminho forçado das tragicas e heroicas monções.

Até aqui, a razão histórica da denominação de nossa terra: investiguemos agora o que quer dizer ARARAQUARA, e si ha nesta fórma vocabular corruptela a que alguns se socorrem para explicá-la.

Em 1885, D. Pedro II fez uma excursão pelo interior da provincia de São Paulo, e veiu ter a Araraquara, onde tocou ao cel. José Pinto Ferraz, chefe do Partido Conservador, então no poder, a honra de hospedar Sua Majestade.

Aqui chegou o Imperador em trem especial da "Companhia Rio Claro", visitou as escolas publicas (que o povo teimava ainda em chamar régias, e eram duas), viu as desoladas ruas conservadas pelas raizes tenazes da graminha, e quiz saber si havia na terra alguem que falasse tupí.

Informado que não, indagou dos circunstantes se sabiam a razão de se chamar ARARAQUARA á vila onde nasceram ou viviam.

Disseram-lhe que a palavra originára de **Arara,** ave talvez outróra abundante no lugar, e **quara,** ninho, buraco; o informante acrescentou que se supunha houvera aqui ninhos de arara em outros tempos, decerto antes do advento da graminha...

O velho sorriu — como devia sorrir Victor Hugo ante a logica dos netinhos — e emendou: — Arara quer dizer a claridade, o dia; e quara significa, de fato, buraco, lugar de moradia, e tambem ninho.

O benevolente sorriso de D. Pedro II em 1885, decerto voltou-lhe ás feições serenas e amarguradas em 1901, ao lêr a obrinha de Theodoro Sampaio "O Tupy na Geographia Nacional", onde reapareceu as irritantes araras.

No "Dic. Geographico" do dr. João Mendes, que pacientemente estudou o tupí, e chegou a conhecê-lo melhor que qua quer contemporaneo, lê-se sob o verb. **araquá:** — "Em um documento de 1788, o nome de Araeoara está escripto como significando Morada do Dia. Entenderiam os indigenas, navegando o rio Tieté, a ser exacta esta versão, que, nascendo o sol por detraz da cordilheira, ali morava o dia". Comentando esse documento, acrescenta o dr. João Mendes que "tudo isso é imaginativo".

Ora, o documento em questão é o "Diario de Viagem" do dr. Lacerda e Almeida, de que temos em nossa estante um exemplar, impresso em São Paulo, por ordem da Assembléia Legislativa, em ... 1841. De fato nesse folheto encontra-se á pagina 58 uma nota de que copiamos estas palavras: "Uma senhora velha de Araritaguaba, de bom juizo, e instruida na lingua dos indios, me certificou que na sua mocidade se chamava Araquara".

Vê-se que o dr. João Mendes, acoimando de "imaginativa" áquela etimologia, aceitou em todo caso como exatos os termos componentes de "Araquara": ara — dia; coara — morada. E é quanto nos basta.

* * *

O autor do artigo estampado á pagina VI do "Album de Araraquara", aponta varios documentos antigos, onde se escreveu Araquara; e procurando explicar a mudança deste nome para o atual, assim se exprime: — "... os novos habitantes, descendentes de portuguezes, alongaram a palavra em vez de abrevial-a, como seria para

(Continuação)

suppôr... o que se explica por ignorarem elles a lingua tupy e julgarem naturalmente, tratar-se de "araras".

Os descendentes de portugueses estão aí pagando culpa que não devem. A passagem de Araquara para Araraquara explica-se por lei evolutiva normal ao tupí.

De Ará se fez Arara como de irá se fez irára, de jaguá se fez jaguára, de taquá se fez taquara, de guá se fez guára, etc., etc.

Confira-se: — jaugapóca, jaguacambé, com jaguaraíra, jaguareié; taquaquirê com taquarantan; guaximbé, guaporé com guaraúva, guarantan. Os exemplos poderiam amontoar-se se valesse a pena.

Em conclusão:

Araquara, que era já um alongamento normal de Araquá, recebeu normalmente no primeiro elemento a sílaba paragógica que já recebera no segundo, e passou para Araraquara.

* * *

Vem a proposito observar que os indigenas, com serem analfabetos, só tinham tradições orais, e eram muito cautelosos e ponderados na sua nomenclatura geografica. Leia-se, a este respeito, o prefacio do "Dic. Geographico" do dr. João Mendes.

Não iriam êles, portanto, assentar em uma futilidade ocasional (um ninho, ou muitos ninhos de araras) a denominação de extensissima zona geografica do seu mundo.

A origem do nome Araraquara tem, pois, de ser outra, com assento em fato permanente, inalteravel, inconteste. Este fato permanente era a aparição diaria da luz do dia para áquelas bandas.

Atrazados em noções astronômicas até onde o podiam ser, não repugnava aos indios supôr que a claridade ou o dia morasse a léste — pois que diariamente dali vinha para iluminar os escuros sertões.

Araraquara é, pois, um nome corréto (não corrompido), que tem a justificá-lo a razão histórica e a razão filologica, e significa "o lugar onde mora a luz ou o dia".

(Publicado no jornal "Araraquara", anno I, n.º 1, em 4 de setembro de 1924 e reproduzido no "Diario de São Paulo", de 10 de março de 1935).

Transcrição:

ARAQUÁ, ARAQUARA, ARARAQUARA

(Um pouco de História e um pouco de Tupi)

_____

Motta Coqueiro

_____

"O primitivo grupo de choupanas que serviu de marco inicial no lugar onde hoje se vê a nossa cidade, recebeu, como todos os daquêle tempo, o nome de uma santo do calendário católico: ficou-se chamando a Capela de São Bento.

Mas havia já uma povoação de igual nome na capitania, em zona povoada anteriormente: era a povoação de São Bento, que até hoje conserva êste apelativo, e está na margem do curso superior do rio Sapucaí.

Bem cedo viram os colonos do primeiro quartel do século XIX os inconvenientes dessa dualidade, assim que a prosperidade começou a tornar notória a recente freguezia erigida em terras do padre Duarte. E vieram de si mesmos, naturalmente, apôr-se àquêles nomes os atributivos que os individualizavam: - **São Bento de Sapucaí**, **São Bento de Araraquara**.

- Mas, perguntar-se-á, porque de Araraquara?

- Porque a freguezia estava situada – e era até então a única – na vasta região de sertões, conhecida dos índios que tinham entrado em contacto com os colonos, pelo nome de **Araquara**. Essa região compreendia tudo que ficava a leste dos limites conhecidos daqueles índios, isto é, dos índios ribeirinhos do Tietê, caminho forçado das trágicas e heróicas monções.

Até aqui, a razão histórica da denominação da nossa terra; investiguemos agora o que quer dizer ARARAQUARA**,** e se há nesta forma vocabular corruptela a que alguns se socorrem para explicá-la.

Em 1885, D. Pedro II fez uma excursão pelo interior da província de São Paulo, e veio ter a Araraquara, onde tocou no Cel. José Pinto Ferraz, chefe do Partido Conservador, então no poder, a honra de hospedar Sua Majestade.

Aqui chegou o imperador em trem especial da "Companhia Rio Claro", visitou as escolas públicas (que o povo teimava ainda em chamar régias, e eram duas), viu as desoladas ruas

conservadas pelas raízes tenazes da graminha, e quis saber si havia na terra alguém que falasse tupí.

Informado que não, indagou dos circunstantes se sabiam a razão de se chamar ARARAQUARA à vila onde nasceram ou viviam.

Disseram-lhe que a palavra originara de **Arara,** ave talvez outrora abundante no lugar, e **quara,** ninho, buraco; o informante acrescentou que se supunha houvera aqui ninhos de arara noutros tempos, decerto antes do advento da graminha...

O velho sorriu – como devia sorrir Victor Hugo ante a lógica dos netinhos – e emendou: - Arara quer dizer a claridade, o dia; e quara significa, de fato, buraco, lugar de moradia, e também ninho.

O benevolente sorriso de D. Pedro II em 1885, decerto voltou-lhe às feições serenas e amarguradas em 1901 ao ler a obrinha de Teodoro Sampaio, "**O Tupy na Geografia Nacional",** onde reaparecem as irritantes araras...

No "Dic. Geográphico" do Dr. João Mendes, que pacientemente estudou o tupi, e chegou a conhecê-lo melhor que qualquer contemporâneo, lê-se, sob o vcb. **araquá**: ..."Em um documento de 1788, o nome de Aracoara está escrito como significando Morada do Dia. Entenderiam os indígenas, navegando o rio Tietê, a ser exacta esta versão, que, nascendo o sol por detrás da cordilheira, ali morava o dia. Comentando êsse documento, acrescenta o Dr. João Mendes que "tudo isso é imaginativo".

Ora, o documento em questão é o "Diário da Viagem" do Dr. Lacerda e Almeida, de que temos na nossa estante um exemplar, impresso em São Paulo, por ordem da Assembleia Legislativa, em 1841. De facto, nêsse folheto, encontra-se á pág. 58 uma nota, de que copiamos estas palavras: "Uma senhora velha, de Araritaguaba, de bom juízo, e instruída na língua dos Índios, me certificou que na sua mocidade de chamava Araquara..."

Vê-se que o Dr. João Mendes, acoimando de "imaginativa" aquela etimologia, aceitou em todo caso como exactos os termos componentes de "Araquara": ara – dia; coara – morada. E é quanto nos basta.

***

O autor do artigo estampado á páginas VI do "Álbum de Araraquara"**,** aponta vários documentos antigos, onde se escreveu Araquara, e procurando explicar a mudança dêste nome para o atual, assim se exprime: - "... os novos habitantes, descendentes de portugueses,

alongaram a palavra em vez de abreviá-la, como seria para suppôr... o que se explica por ignorarem elles a língua tupy e julgarem, naturalmente, tratar-se de “araras”.

Os descendentes de portugueses estão aí pagando culpa que não devem. A passagem de Araquara para Araraquara explica-se por lei evolutiva normal ao tupi.

De Ará se fez Arara como de irá se fez irára**,** de jaguá se fez jaguára**,** de taquá se fez taquára, de guá se fez guará, etc. etc.

Confira-se: - jaguapóca, jaguacambê, com jaguaraíva, jaguareté; taquaquicé com taquarantan; guaximbé, guaporé com guaraúva, guarantan. Os exemplos poderiam amontoar-se, se valesse a pena.

Em conclusão:

Araquara, que era já um alongamento normal de Araquá, recebeu normalmente no primeiro elemento a sílaba paragógica que já recebera no segundo, e passou para Araraquara.

***

Vem ao propósito observar que os indígenas, com serem analfabetos, só tinham tradições orais, e eram muito cautelosos e ponderados na sua nomenclatura geográfica. Leia-se, a este respeito, o prefácio do “Dic. Geográphico” do Dr. João Mendes.

Não iriam êles, portanto, assentar em uma futilidade ocasional (um ninho, ou muitos ninhos de araras) a denominação de extensíssima zona geográfica do seu mundo.

A origem do nome Araraquara tem, pois, de ser outra, com assento em fato permanente, inalterável, inconteste. Este fato permanente era a aparição diária da luz do dia para aquelas bandas.

Atrasados em noções astronômicas até onde o podiam ser, não repugnava aos índios supor que a claridade ou o dia morasse a leste – pois que diariamente dali vinha para iluminar os escuros sertões.

Araraquara é, pois, um nome correto (não corrompido), que tem a justificá-lo a razão histórica e a razão filológica, e significa “o lugar onde mora a luz ou o dia”.

(Publicado no jornal “*Araraquara*”, anno 1, nº1, em 4 de setembro de 1924 e reproduzido no “*Diário de São Paulo*”, em 1º de [ilegível] de 1933).

2-COQUEIRO, Mota. Expansão cultural - A palavra Araraquara. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, a. 2, v. 15. São Paulo: Depto. de Cultura e de Recreação, ago. 1935, p.209-213. BMA-IEB-USP.

Fotocópia do texto publicado:

EXPANSÃO CULTURAL

A PALAVRA ARARAQUARA

ARARAQUARA: — **Porque logar onde nasce o sol e não sitio onde vivem as araras".**

MOTA COQUEIRO.

Ha dias recebi uma carta em que, ao proposito de um velho artigo meu sobre a origem do nome **Araraquara,** um dos meus melhores e mais prezados amigos me formula a pergunta que encima estas linhas.

Boa parte das minhas razões constam já do referido artigo, e foram publicadas em 1924. Mas eu tenho mais algumas, que agora, tão amavelmente chamado á autoria, procurarei expôr o mais resumidamente possivel.

Os brasileiros da geração atual, como os das imediatamente anteriores, encontraram já feita na lingua que ouviram e viram escrita nas gazetas e nos cartorios, a palavra **Araraquara.**

Como este nome apresenta na sua composição um elemento **arara,** homofono e homografo do nome de notável e conhecida ave sertaneja, desde logo convenceram-se de que o nome geográfico derivou do da ave. Isto foi assim decidido sem mais aquela, como se costuma dizer na gíria das esquinas e dos cafés. Não precedeu a nenhum exame detido dos fatos histórico-linguisticos encerrados no caso: — imaginou-se que noutros tempos talvez houvesse por aqui muitas araras... Aliás não é de supor se desse a uma zona de campos (a região era considerada de campos, pois tinha a denominação geral de Campos de Araraquara) o nome de ave sabidamente habitante das grandes florestas tropicais e subtropicais. As araras só excepcionalmente estacionarão em campos, se o fizerem.

Ora, poucos são, são até pouquissimos os homens que se ocupam do estudo esteril, fastidioso e dificil da estrutura e da indole da lingua hoje morta que se denominou no Brasil a **lingua geral,** intimamente ligada ao complicadissimo tupi, com que por vezes convivia, e de que era um rebento pouco modificado, ao menos nos primeiros tempos.

Quando, pois, um ou outro originalão e excentrico, depois de penosas comparações desses idiomas sem interesse na vida prática, com o portugues que lhes tomou o territorio, vem dizer-lhes (aos moços da moda e a alguns velhos que o foram) que o nome geografico **Araraquara** nada tem que ver com as aves araras — respondem-lhe com o gesto e o sorriso dos incréus, e... continuam a frequentar o cinema e as piscinas de natação.

Assim, com o assentimento quasi geral, a crença da intervenção das araras no nome geográfico foi aos poucos deitando raizes para muitas direções, e extirpá-las agora não está decerto na apoucada capacidade do obscuro escrevedor desta nota. Não importa: — vou dar algumas razões novas, que não me parecem más, em apoio do tal artigo publicado em 1924.

O nome **ará,** designativo da bela ave de vivas côres, cuja plumagem

(Continuação)

era de fino gosto empregarem os selvagens como enfeite dos seus cocares, êsse nome, em multiplas e frequentes circunstancias determinadas por fátos fonéticos ou sintáticos, recebe na lingua americana a particula pospositiva — **a** —, que, no caso, se faz preceder de érre, que a transforma em — **ra** —, por haver érre na palavra a que se junta: — (veja-se Montoya, **Arte de la lengua guara ni, ó mas bien tupi,** ed. de 1876, pag. 24, e o respetivo **Vocabulario,** mesma ed., pags. 3 a 7; compare-se Couto de Magalhães, **O Selvagem,** S. Paulo, 1913, pag. 294, e Batista Caetano, pag. 13, veb-**aa'**).

Outro nome, que escrevemos em portuguez com as mesmas letras, mas que se pronuncia **ára,** designa o Sol, a luz, a aurora, o tempo ou o clima; e nas mesmas circunstancias, recebe igualmente a mesma particula pospositiva, precedida tambem aqui do érre, requerido igualmente pela prolação da palavra a que se liga.

Deste modo, temos dois termos diversamente proferidos quando sem particula pospositiva, mas com igual pronuncia quando trazem anexa a particula: — **arara.** E', pois, esta uma forma convergente, ou que representa dois étimos diversos, e, consequentemente, os dois sentidos originarios. Exemplifiquemos: — **Araquá** e **aráúna** são dois compostos que revelam, nos primeiros elementos, duas vozes distintas na significação e na pronuncia, se nesta for observada a acentuação dos elementos primitivos **ára e ará.** Juntemos, porém, a esses elementos primitivos a positiva — **ra** — de que já se tratou, e desde logo a pronuncia deles se confundirá, **Araraqüara, araraúna,** sem que, contudo, os sentidos respectivos participem da confusão.

Cabe aqui uma observação necessária, que faço a contra-gosto por alongar ainda esta fastidiosa exposição.

O elemento **quá,** do nosso conhecido termo geografico **Araquá** só aparentemente é que não tem o érre determinante da transformação da pospositiva — **a** — em — **ra** —, quando se torna em **Araquara.** Na realidade **Araquá** está por **Araquar:** — consulte-se Batista Caetano, veb. **quar.**

Esse érre final era proferido pelos selvagens quasi imperceptivelmente. O nosso mameluco e o nosso caipira não apanhavam de ouvido os érres finais do selvagem: — êste fáto ficou largamente documentado em milhares de vocábulos legitimamente portugueses, no dialeto popular de S. Paulo, onde perderam essa consoante final por influência da fonética da lingua-geral a que foram mesclados durante longo periodo. Veja-se, a este proposito, o **Dialecto Caipira,** de Amadeu Amaral, pag. 28.

A lingua geral, tendo perdido o érre final de **Araquar,** não o perdeu todavia no composto **Araquara,** onde a pospositiva o amparou, e por isso nunca se disse **Araquáá.**

— Mas devia dizer-se então **Araquarra,** de vez que o érre de **Araquar** requeria a pospositiva — **ra** — em vez de — **a** —. Parece, mas não podia ser. O termo veio para a lingua geral, que o transmitiu para o português já formado: e o tupi não conhecia, nem admitiu nunca o som forte do érre, que abrandava sem excepção onde quer que se lhe deparasse.

E nem só no fim da palavra era pouco perceptivel o som do érre: tambem o era no fim de silaba medial. A lingua-geral, que herdou êsse carater fonético do tupi, transmitiu-o tambem ao dialecto dos caipiras paulistas. Todos conhecemos, e frequentemente ouvimos criticar o modo confuso com que está expresso o érre caipira de vocábulos como **tarda, cardume,** bem como o éle de **maldição, maldade** (o tupi não tinha o fonema representado em portuguez pelo éle, e substituia-o por érre brando).

Aliás, da prolação obscura de muitas consoantes tupis já se queixava o Pe. Antonio Vieira, que confessou algures (cito de memória, por ter perdido a respetiva nota) ter-lhe sido necessario muitas vezes aplicar o ouvido á boca do

(Continuação)

barbaro" para bem perceber o som de certas consoantes.

E aí está como se explica, por leis fonéticas já expostas nos compendios, que Araquá, Araquar, Araquara e Araraquara valham por uma só voz geográfica, ou sejam sinónimos perfeitos.

O termo **quá, quar,** ou **quara** não significa sitio ou região, como supõe o meu prezado amigo e consulente, e outros o têm igualmente suposto. Aquele termo tem o sentido preciso de cova, buraco,ôco, e em sentido mais lato significará quando muito casa, morada ou domicilio. E' elemento mórfico, portanto, que só se poderia referir a **ninho de arara,** se é que estas aves nidificam em buracos, covas ou ôcos. Parece que nifidicam em ôcos de árvores; mas isto concedido, deve objetar-se ainda que os bugres que deram á região o nome de **Araquara,** nunca a tinham visitado, para saberem se aí havia ninhos de araras, ou se eram paradeiro delas, como supõe gratuitamente o Sr. Teodoro Sampaio. Não podiam saber isso.

O território, aliás suposto **de campos** ao tempo em que recebia o nome discutido (e as araras são aves das matas), era-lhes inteiramente desconhecido, e até aureolado, pela tradição, de ser inacessivel, pelos imensos pantanais e outros obstáculos que se interpunham (confira se Lacerda e Almeida, **Diário de viagem** etc., ed. de 1841, pag. 58).

A etimologia lembrada e levianamente aceita por alguns — refugio ou paradeiro de araras — é, portanto, inadmissivel. O cauto, prudente, exato e minucioso selvagem não denominaria, sem motivos muito sólidos e bem verificados, uma larga zona do seu orbe por nome que calharia (igualmente mal) a qualquer outra zona onde porventura as errantes aves viessem a nidificar.

Essa leviana denominação aberraria de tudo que se sabe dos costumes dos nossos aborigenes, que estudavam com inusitada ponderação, até em assembléas de tribus, a conveniencia e a propriedade dos nomes geográficos que haviam de empregar para individualizar cada ponto nomeado. E êsse, por convir a muitos, (ou até por não convir, pois **quara** não é região, mas **ôco** ou **buraco)** não individualizaria nenhum. "Cada nome é uma descrição do objeto que representa", ensina o General Couto de Magalhães **(O Selvagem.** São Paulo, 1913, pag. 294). Leia-se, a êste propósito, a introdução do **Dic. Geográfico** do Dr. João Mendes de Almeida, pags. XXXII a XXXIV (São Paulo, 1901)

Como não tinham escrita, era regra muito rigida dos selvagens fazerem os seus nomes geograficos com assento em fátos notaveis, permanentes e imutáveis, que lhes servissem de escora e marco na conservação da tradição oral. Buraco, ôco, ninho ou mesmo paradeiro de araras não lhes serviria ao propósito: — mas servia-lhes, e optimamente, o fato diário, eternamente repetido, de levantar-se dali, de trás daquelas serras, o Sol e a luz do dia, o que de lá de onde viviam observavam muito bem.

Convem não perder de vista que essa denominação foi ouvida e conservada por colonos que, nos pontos extremos da região até então por eles frequentada, mantiveram relações com os aborigenes aí estabelecidos a ocidente da serra, nas margens do Tietê — o grande, o célebre, o unico caminho das entradas e das monções.

"Entenderiam os indigenas" (informa o Dr. João Mendes, **Dicionário Geografico,** veb. **Araquá),** "que, nascendo o Sol por detrás da cordilheira, ali morava o dia". Entenderam isso, e mais que isso. Viam levantar-se a luz, e o Sol, por detrás da serra, lentamente, progressivamente, e supuseram, na completa ignorancia dos fenómenos cosmográficos, que o astro e a sua luz vinham surdindo de algum buraco: — este foi o pressuposto, lógico e natural, que levou o bugre a formar o termo **Araquara,** isto é, BURACO DA LUZ O UDO SOL, para designar aquele ponto geográfico.

Dessa antiga voz **Araquara** foi que se passou depois, gradual e lentamente, como é regra dos processos evolutivos de todas as lin-

(Continuação)

guas, a dizer **Araraquara** em virtude de lei fonética NORMAL á lingua tupi, dominante ainda na indole da lingua-geral usada pelo povo.

Mas, então, perdida para a consciencia popular a noção etimológica da expressão, já esta não se referia ao suposto buraco da luz ou do Sol, que lhe dera vida entre as tribus de barbaros: — referia-se já, ainda lógica e naturalmente, aos CAMPOS aí situados, entrevistos e afinal conhecidos dos intrépidos sertanistas das gerações epigonas, em cujos cerebros não havia mais guarida para a crença absurda de antanho.

Leia-se a êste respeito, a numerosa documentação histórica colígida em 1885 pelo Dr. Manuel Augusto de Alvarenga, e publicada em 1894 no numero 45 da folha local "Correio de Araráquara", sob a assinatura M. ALVARENGA. Essa publicação foi recentemente exumada dos arquivos de um paciente colecionador, o Snr. José Ferrari, e republicada no numero 133, de 4 de Maio de 1934, de outra folha local, "O trabalho", onde poderá ser facilmente consultada.

Ao nome, pois, desses CAMPOS é que se foi diretamente buscar o apelido distintivo da CAPELA DE SÃO BENTO, aí fundada pelo foragido de Itú, Pedro José Neto, como consta do livro do tombo de nascimentos e óbitos existente nos arquivos paroquiais, por letra autógrafa do Pe. Malaquias, primeiro vigário da freguesia (Ver a este respeito o **Album Araraquara,** aqui dado á estampa em 1915, pag. XIV). Nem por isso, entretanto, o sentido tupi do termo ARARAQUARA deixou, deixa ou deixará de ser o de BURACO DA LUZ OU DO SOL, sem a menor interferencia do termo homofono **arára**, que tambem foi, é e será do patrimonio da lingua americana para designar uma ave psitacidea.

Pelo nome de São Bento, simplesmente, foi o povoado designado durante largo periodo, reservado o qualificativo **de Araraquara** para o distinguir de outro ou outros de igual nome, até que o qualificativo veio a suplantar o nome principal. Ouvi eu ainda aos velhos do meu tempo de menino — entre outros posso nomear o meu tio Jesuino de Camargo, que foi domiciliado em São Carlos — designarem a então vila onde nasci pelo simples nome de **São Bento.**

Que a voz antiga é **Araquara** não ha duvida nenhuma. Temos disso boa documentação escrita. Já em 1788, o Dr. Lacerda e Almeida informava que uma velha daquele tempo assim ouvira a palavra na sua mocidade dela. O autor do **Album de Araraquara,** já citado, aponta (pag. VI) dois outros documentos, que não pude conferir, ambos da primeira metade do seculo XIX.

E que a prosodia respetiva era **Araquára** e não **Aràquára** tambem não tenho eu nenhuma duvida. Assim ouvi a palavra pronunciada frequentemente, em largos anos de convivencia, pelo Dr. Leite Morais, que era natural de Porto Feliz (um dos ultimos redutos de resistencia da lingua-geral á invasão do portuguez), cidade situada na zona do dominio dos indios que usavam e de certo crearam a denominação geográfica discutida.

Mais: — vive ainda em Araraquara, e aqui exerce com brilho a profissão de advogado, outro filho de Porto Feliz que tambem não diz **Araraquara,** mas **Araquara,** quando emprega o termo na conversação despreocupada. E' ainda tempo, portanto, de surpreender na lingua viva, matriz e origem de todas as verdades filológicas, a posição do acento tónico do elemento primitivo — **ára** — (Sol ou luz) que entrou na composição do vocabulo estudado. Esta circumstancia, a posição do acento tonico (sabem no todos que se ocupam destes assuntos), é muito importante, quando não seja decisiva, para dirimir duvidas na presença de etimologias.

Ha exemplos escritos, mal grafados, que dão a voz como sendo **ará:** — eu proprio, quando menos informado dos fatos, já caí nesse engano ou confusão, de que **hoje** me penitencio.

Não é caso unico a formação do termo geográfico Araraquara com base na observação da luz do

(Continuação)

Sol. O canal de Ararapira, e creio que o antigo nome da atual povoação de Ariri, tiveram formação semelhante: — **arara,** luz; **pira,** levantar-se, crescer, surdir. Este elemento **pira,** dado tambem por alguns etimólogos... amadores, como representante de **pira, peixe,** e por outros como significativo de cabeceira ou nascedouro, está aqui por **bir** (q. v. em Batista Caetano, na secção do **i** com bráquia), com a acrescimo do usadissimo pospositivo **a** ou **ra,** de que já se tratou. Para a troca do fonema **bê** em **pê**, confira-se no Pe. Montoya, ed. cit., pag. 342, a tradução das frases **levantar la cabeça e levantar en peso,** e em Batista Caetano as séries de vcbs. começados por **bi** e por **mbi.** Como se sabe, Ararapira está na costa do oceano, e portanto a leste do observador colocado no sertão, que ali verá diariamente surgir a luz e o sol.

A palavra Áracajú, nome da capital do Sergipe, nos oferece outro exemplo, embora ainda aqui os entusiastas das araras tenham visto a influencia do famoso psitacideo, que na mão deles é pau para toda obra. Ao proposito da etimologia deste nome, comunica-me Mario de Andrade um curiosisimo excerto de Jaboatão (**Novo Orbe Serafico,** vol. I, pag. 95), onde se explica a formação do termo geográfico. Não o transcrevo por ser bastante longo. Embora a explicação ali dada para o elemento **cajú** me pareça forçada, é certo que o velho frade não viu arara, ma viu, ol ou luz no primeiro elemento mórfico do composto.

Esta monografia, ou que melhor nome tenha, não póde ser apreciada no seu bom ou mau merecimento, sem que o preceda a leitura do artigo **Araquá, Araquara, Araraquara** a que me referi no começo. A folha volante em que primeiro se estampou, chamava-se "Araraquara", e teve vida efêmera nesta cidade, em 1924. Será difficil obtê-lo hoje. Mas tem tido a honra de varias transcrições, nem sempre perfeitamente fieis, porém ainda encontraveis. Aqui as indico: — **Revista de filologia portuguêsa, na** sua fáse dirigida por Mario Barreto, vol. 5.o, pag. 69, São Paulo, 1925; **Diário de São Paulo,** numero de 10 de março do corrente ano, (1935); **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo,** vol. 10.o pag. 152, março do corrente ano.

Essas transcrições foram feitas sem intervenção minha e sem o meu conhecimento — o que convém declarar, para que se não pense andar eu proprio, de quando em quando, a queimar as girandolas com que se abrilhantam as festas e se chamam os adeptos... As transcrições trazem certos enganos que alteram algum tanto o meu pensamento.

Araraquara, julho de 1935.

(O Imparcial, 14 de julho de 1935)

Transcrição:

EXPANSÃO CULTURAL

A PALAVRA ARARAQUARA[27]

ARARAQUARA: - "**Porque lugar onde nasce o sol e não sítio onde vivem as araras".**

MOTA COQUEIRO.

Há dias recebi uma carta em que, ao propósito de um velho artigo meu sobre a origem do nome **Araraquara,** um dos meus melhores e mais prezados amigos me formula a pergunta que encima estas linhas.

Boa parte das minhas razões constam já do referido artigo, e foram publicadas em 1924. Mas eu tenho mais algumas, que agora, tão amavelmente chamado á autoria, procurarei expôr o mais resumidamente possível.

Os brasileiros da geração actual, como os que imediatamente anteriores, encontraram já falta na língua que ouviram e viram escrita nas gazetas e nos cartórios, a palavra **Araraquara**.

Como este nome apresenta na sua composição um elemento **arara,** homófono e homógrafo do nome da notável e conhecida ave sertaneja, desde logo convenceram-se de que o nome geográfico derivou do da ave. Isto foi assim decidido sem mais aquela, como se costumam dizer na gíria das esquinas e dos cafés. Não procedeu a nenhum exame detido dos fatos histórico-lingüísticos encerrados no caso: - imaginou-se que noutros tempo talvez houvesse por aqui muitas araras... Aliás não é de supor se desse a uma zona de campos (a região era considerada

---

27 Este artigo, em especial, não apresenta padronização na grafia de várias palavras, por exemplo: tribu/tribo, dialecto/ dialeto; além de não seguir nenhuma regra para acentuação. Atribuímos o problema ao fato de o texto original ter sido entregue, provavelmente, manuscrito por seu autor e à dificuldade do tipógrafo para decifrar a caligrafia, bem como às limitações do processo gráfico da época, além da ausência de uma revisão apurada. Pio Lourenço Corrêa dominava muito bem a escrita da língua portuguesa, estudando sempre as regras e atualizando-se com todas as reformas ortográficas, como é possível comprovar pela leitura do texto. Tratando-se de uma transcrição "diplomática", de caráter documental, mantivemos a grafia original, sem a correção das palavras nem a padronização para impressão.

de campos, pois tinha a denominação geral de Campos de Araraquara) o nome da ave sabidamente habitante das grandes florestas tropicais e subtropicais. As araras só excepcionalmente estacionarão em campos, se o fizerem.

Ora, poucos são, são até pouquíssimos os homens que se ocuparam do estudo estéril, fastidioso e difícil da estrutura e da índole da língua hoje morta que se denominou no Brasil a **língua geral,** intimamente ligada ao complicadíssimo tupi, com que por vezes convivia, e de que era um rebento pouco modificado, ao menos nos primeiros tempos.

Quando, pois, um ou outro originalão e excêntrico, depois de penosas comparações desses idiomas sem interesse na vida prática, com o protuguês que lhes tomou o território, vem dizer-lhes (aos moços da moda e a alguns velhos que o foram) que o nome geográfico **Araraquara** nada tem que ver com as aves araras - respondem-lhe com o gesto e o sorriso dos incréus, e ... continuam a frequentar o cinema e as piscinas de natação.

Assim, com o assentimento quase geral, a crença da intervenção das araras ao nome geográfico foi aos poucos deitando raízes para muitas direções, e extirpá-las agora não está decerto na apoucada capacidade do obscuro escrevedor desta nota. Não importa: - vou dar algumas razões novas, que não me parecem más, em apoio do tal artigo publicado em 1924.

O nome **ará**, designativo da bela ave de vivas côres, cuja plumagem era de fino gosto empregarem os selvagens como enfeites de seus cocares, êsse nome, em múltiplas e freqüêntes circunstâncias determinadas por fatos fonéticos ou sintáticos, recebe na língua americana a partícula pospositiva – **a** –, que, no caso, se faz preceder de érre, que a transforma em – **ra** –, por haver érre na palavra a que se junta: - (veja-se Montoya, **Arte de la lengua guara ni, ó mas bien tupi**, ed. de 1876, pag. 24, e o respetivo **Vocabulario**, mesma ed., pags 3 a 7; compare-se Couto de Magalhães, **O Selvagem**, S. Paulo, 1913, pag. 294, e Batista Caetano, pag. 13, vcb-**aa'**).

Outro nome, que escrevemos em portuguez com as mesmas letras, mas que se pronuncia **ára,** designa o Sol, a luz, a aurora, o tempo ou o clima; e nas mesmas circunstancias, recebe igualmente a mesma particula pospositiva, precedida tambem aqui do érre, requerido igualmente pela prolação da palavra a que se liga.

Deste modo, temos dois termos diversamente proferidos quando sem particula pospositiva, mas com igual pronuncia quando trazem anexa a particula: - **arara**. É, pois, esta uma forma convergente, ou que representa dois étimos diversos, e, consequentemente, os dois sentidos originarios. Exemplifiquemos: - **Araquá** e **aráúna** são dois compostos que revelam, nos primeiros elementos, duas vozes distintas na significação e na pronuncia, se nesta for observada a acentuação dos elementos rpimitivos **ára** e **ará.** Juntemos, porém, a esses elementos primitivos a positiva – ra – de que já se tratou, e desde logo a pronuncia deles se confundirá, **Araraqüara**, **araraúna**, sem que, contudo, os sentidos respectivos participem da confusão.

Cabe aqui uma observação necessária, que faço a conta-gosto por alongar ainda esta fastidiosa exposição.

O elemento **quá,** do nosso conhecido termo geografico **Araquá** só aparentmente é que não tem o érre determinante da transformação da pospositiva – **a** – em – **ra** –, quando se torna em **Araraquara.** Na realidade **Araquá** está por **Araquar**: - consulte-se Batista Caetano, vcb. **quar**.

Esse érre final era proferido pelos selvagens quasi imperceptivelmente. O nosso mameluco e o nosso caipira não apanhavam de ouvido os érres finais do selvagem: - êste fato ficou largamente documentado em milhares de vocábulos legitimamente portugueses, no dialeto popular de S. Paulo, onde perderam essa consoante final por influência da fonética da língua-geral a que foram mesclados durante longo período. Veja-se, a este proposito, o **Dialecto Caipira**, de Amadeu Amaral, pag. 28.

A lingua geral, tendo perdido o érre final de **Araquar**, não o perdeu todavia no composto **Araquara**, onde a pospositiva o amparou, e por isso nunca se disse **Araquáá.**

- Mas devia dizer-se então **Araquarra,** de vez que o érre de **Araquar** requeria a pospositiva – **ra** – em vez de – **a -** . Parece, mas não podia ser. O termo veio para a língua geral, que o transmitiu para o português já formado; e o tupi não conhecia, nem admitiu nunca o som forte do érre, que abrandava sem excepção onde quer que se lhe deparasse.

E nem só no fim da palavra era pouco perceptível o som do érre: também o era no fim de sílaba medial. A língia-geral, que herdou êsse carater fonético do tupi, transmitiu-o também ao dialecto dos caipiras paulistas. Todos conhecemos, e frequentemente ouvimos, criticar o modo confuso com que está expresso o érre caipira de vocábulos como **carda**, **cardume**, bem como

o éle de **maldição**, **maldade** (o tupi não tinha o fonema representado em portuguez pelo éle, e substituía-o por érre brando).

Aliás, da prolação obscura de muitas consoantes tupis já se queixava o Pe. Antonio Vieira, que confessou algures (cito de memória, por ter perdido a respetiva nota) ter-lhe sido necessário muitas vezes aplicar o ouvido á "boca do barbaro" para bem perceber o som de certas consoantes.

E aí está como se explica, por leis fonéticas já expostas nos compendios, que Araquá, Araquar, Araquara e Araraquara valham por uma só voz geográfica, ou sejam sinónimos perfeitos.

O termo **quá**, **quar**, ou **quara** não significa sitio ou região, como supõe o meu prezado amigo e consulente, e outros o têm igualmente suposto. Aquele termo tem o sentido preciso de cova, buraco, ôco, e em sentido mais lato significará quando muito casa, morada ou domicílio. É elemento mórfico, portanto, que só se poderia referir a **ninho de arara**, se é que estas aves nidificam em buracos, covas ou ôcos. Parece que nidificam em ôcos de árvores; mas isto concedido, deve objetar-se ainda que os bugres que deram à região o nome de **Araquara,** nunca a tinham visitado, para saberem se aí havia ninhos de araras, ou se eram paradeiro delas, como supõe gratuitamente o sr. Teodoro Sampaio. Não podiam saber isso.

O território, aliás suposto **de campos** ao tempo em que recebia o nome discutido (e as araras são aves das matas), era-lhes inteiramente desconhecido, e até aureolado, pela tradição, de ser inacessível, pelos imensos pantanais e outros obstáculos que se interpunham (confira-se Lacerda e Almeida, **Diário de viagem** etc., ed. de 1841, pag 58).

A etimologia lembrada e levianamente aceita or alguns – refugio ou paradeiro de araras – é, portanto, inadmissível. O cauto, prudente, exato e minucioso selvagem não denominaria, sem motivos muito sólidos e bem verificados, uma larga zona do seu orbe por nome que calharia (igualmente mal) a qualquer outra zona onde porventura as errantes aves viesse a nidificar.

Essa leviana denominação aberraria de tudo que se sabe dos costumes dos nossos aborígenes, que estudavam com inusitada ponderação, até em assembléas de tribus, a conveniencia e a propriedade dos nomes geográficos que haviam de empregar para individualizar cada ponto nomeado. E êsse, por convir a muitos, (ou até por não convir, pois

quara não é região, mas **ôco** ou **buraco**) não individualizaria nenhum. “Cada nome é uma descrição do objeto que representa”, ensina o General Couto de Magalhães (**O Selvagem**, São Paulo, 1913, pag. 294). Leia-se, a êste propósito, a introdução do **Dic. Geográfico** do Dr. João Mendes de Almeida, pags. XXXII a XXXIV (São Paulo, 1901).

Como não tinham escrita, era regra muito rígida dos selvagens fazerem os seus nomes geográficos com assento em fátos notaveis, permanentes e imutáveis que lhes servissem de escora e marco na conservação da tradição oral. Buraco, ôco, ninho ou mesmo paradeiro de araras não lhes serviria ao propósito: - mas servia-lhes, e optimamente, o fato diário, eternamente repetido, de levantar-se dali, de trás daquelas serras, o Sol e a luz do dia, o que de lá de onde viviam observavam muito bem.

Convem não perder de vista que essa denominação foi ouvida e conservada por colonos que, nos pontos extremos da região até então por eles frequentada, mantiveram relações com os aborígenes aí estabelecidos a ocidente da serra, nas margens do Tietê – o grande, o célebre, o unico caminho das entradas e das monções.

“Entenderiam os indígenas” (informa o Dr. João Mendes, **Dicionário Geografico**, vcb. **Araquá**), “que nascendo o Sol por detrás da cordilheira, ali morava o dia”. Entenderam isso, e mais que isso. Viam levantar-se a luz, e o Sol, por detrás da serra, lentamente, progressivamente, e supuseram, na completa ignorancia dos fenómenos cosmográficos, que o astro e a sua luz vinham surdindo de algum buraco: - este foi o pressuposto, lógico e natural, que levou o bugre a formar o termo **Araquara**, isto é, BURACO DA LUZ OU DO SOL, para designar aqurle ponto geográfico.

Dessa antiga voz **Araquara** foi que se passou depois, gradual e lentamente, como é regra dos processos evolutivos de todas as linguas, a dizer **Araraquara** em virtude de lei fonética NORMAL á língua tupi, dominante ainda na indole da língua-geral usada pelo povo.

Mas, então, perdida para a consciencia popular a noção etimológica da expressão, já está não se referia ao suposto buraco da luz ou do Sol, que lhe dera vida entre as tribus de barbaros: - referia-se já, ainda lógica e naturalmente, aos CAMPOS aí situados, entrevistos e afinal conhecidos dos intrépidos sertanistas das gerações epigonas, em cujos cerebros não havia mais guarida para a crença absurda de antanho.

Leia-se a êste respeito, a numerosa documentação histórica coligida em 1885 pelo Dr. Manuel Augusto de Alvarenga, e publicada em 1894 no numero 45 da folha local “Correio de

Araraquara", sob a assinatura M. ALVARENGA. Essa publicação foi recentemente exumada dos arquivos de um paciente colecionador, o Snr. José Ferrari, e republicada no numero 133, de 4 de Maio de 1934, de outra folha local, "O trabalho", onde poderá ser facilmente consultada.

Ao nome, pois, desses CAMPOS é que se foi diretamente buscar o apelido distintivo da CAPELA DE SÃO BENTO, aí fundada pelo foragido de Itú, Pedro José Neto, como consta do livro do tombo de nascimentos e óbitos existente nos arquivos paroquiais, por letra autógrafa do Pe. Malaquias, primeiro vigário da freguesia (ver a este respeito o **Album de Araraquara**, aqui dado á estampa em 1915, pag. XIV). Nem por isso, entretanto, o sentido tupi do termo ARARAQUARA deixou, deixa ou deixará de ser o de BURACO DA LUZ OU DO SOL, sem a menor interferencia do termo homofono **arára**, que também foi, é e será do patrimonio da lingua americana para designar uma ave psitacídea.

Pelo nome de São Bento, simplesmente, foi o povoado designado durante largo período, reservado o qualificativo **de Araraquara** para o distinguir de outro ou outros de igual nome, até que o qualificativo veio a suplantar o nome principal. Ouvi eu ainda aos velhos do meu tempo de menino – entre outros posso nomear o meu tio Jesuino de Camargo, que foi domiciliado em São Carlos – designarem a então vila onde nasci pelo simples nome de **São Bento**.

Que a voz antiga é **Araquara** não ha duvida nenhuma. Temos disso boa documentação escrita. Já em 1788, o Dr. Lacerda e Almeida informava que uma velha daquele tempo assim ouvira a palavra na sua mocidade dela. O autor do **Album de Araraquara**, já citado, aponta (pag. VI) dois outros documentos, que não pude conferir, ambos da primeira metade do seculo XIX.

E que a prosodia respetiva era **Araquára** e não **Aràquára** tambem não tenho eu nenhuma duvida. Assim ouvi a palavra pronunciada frequentemente, em largos anos de convivencia, pelo Dr. Leite Morais, que era natural de Porto feliz (um dos ultimos redutos de resistencia da lingua-geral á invasão do portuguez), cidade situada na zona do domínio dos indios que usavam e de certo crearam a denominação geográfica discutida.

Mais: - vive ainda em Araraquara, e aqui exerce com brilho a profissão de advogado, outro filho de Porto Feliz que tambem não diz **Araraquara**, mas **Araquara**, quando emprega o termo na conversação despreocupada. É ainda tempo, portanto, de surpreender na lingua viva, matriz e origem de todas as verdades filológicas, a posição do acento tónico do elemento primitivo –

ára – (Sol ou luz) que entrou na composição do vocábulo estudado. Esta circumstancia, a posição do acento tonico (sabem-no todos que se ocupam destes assuntos), é muito importante, quando não seja decisiva, para dirimir duvidas na presença de etimologias.

Há exemplos escritos, mal grafados, que dão a voz como sendo **ará**: - eu proprio, quando menos informado dos fatos, já caí nesse engano ou confusão, de que hoje me penitencio.

Não é caso unico a formação do termo geográfico Araraquara com base na observação da luz do Sol. O canal de Ararapira, e creio que o antigo nome da atual povoação de Ariri, tiveram formação semelhante: - **arara**, luz; **pira**, levantar-se, crescer, surdir. Este elemento **pira**, dado tambem por alguns etimólogos... amadores, como representante de **pira**, peixe, e por outros como significativo de cabeceira ou nascedouro, está aqui por **bir** (q. v. em Batista Caetano, na secção do **i** com bráquia), com o acrescimo do usadíssimo pospositivo **a** ou **ra**, de que já se tratou. Para a troca do fonema **bê** em **pê**, confira-se no Pe. Montoya, ed. cit., pag 342, a tradução das frases **levantar la cabeça e levantar en peso**, e em Batista Caetano as séries de vcbs. começados por **bi** e por **mbi**. Como se sabe, Ararapira está na costa do oceano, e portanto a leste do observador colocado no serão, que ali verá diariamente surgir a luz e o sol.

A palavra Áracajú, nome da capital do Sergipe, nos oferece outro exemplo, embora ainda aqui os entusiastas das araras tenham visto a influencia do famoso psitacideo, que na mão deles é pau para toda obra. Ao proposito da etimologia deste nome, comunica-me Mario de Andrade um curiosissimo excerto de Jaboatão (**Novo Orbe Serafico**, vol. I, pag. 95), onde se explica a formação do termo geográfico. Não o transcrevo por ser bastante longo. Embora a explicação ali dada para o elemento **cajú** me pareça forçada, é certo que o velho frade não viu arara, mas viu sol ou luz no primeiro elemento mórfico do composto.

Esta monografia, ou que melhor nome tenha, não póde ser apreciada no seu bom ou mau merecimento, sem que o preceda a leitura do artigo **Araquá, Araquara, Araraquara** a que me referi no começo. A folha volante em que primeiro se estampou, chamava-se "Araraquara", e teve vida efêmera nesta cidade, em 1924. Será diffícil obtê-lo hoje. Mas tem tido a honra de varias transcrições, nem sempre perfeitamente fieis, porém ainda encontraveis. Aqui as indico: - **Revista de filologia portuguêsa**, na sua fase dirigida por Mario Barreto, vol 5º, pag. 69, São

Paulo, 1925; **Diário de São Paulo**, numero de 10 de março do corrente ano, (1935); **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo,** vol. 10º, pag. 152, março do corrente ano.

Essas transcrições foram feitas sem intervenção minha e sem o meu conhecimento – o que convém declarar, para que se não pense andar eu proprio, de quando em quando, a queimar as girandolas com que se abrilhantam as festas e se chama os adeptos... As transcrições trazem certos enganos que alteram algum tanto o meu pensamento.

Araraquara, julho de 1935.

(**O Imparcial**, 14 de julho de 1935)

***E – O Imparcial* – Araraquara/SP**

1-COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem I: Pomba cascável – Pomba cascavél – Fogo apagou – (Scardafella squamosa). *O Imparcial*. Araraquara, 14 jun. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Araraquara (S. Paulo) 6.a-feira, 14 de Junho de 1935

FICHAS DE LINGUAGEM

I

Pomba cascável – Pomba cascavél — Fogo apagou — (Scardafella squamosa)

O **Novo Dicionário,** em 1922, incluiu pela primeira vez nos arquivos lexicográficos da língua o verbête **Pomba-cascavel;** e como não lhe pusesse nenhum acento gráfico, entendia-se, de acôrdo com o plano geral da obra, que a prosódia do segundo elemento do substantivo devia ser cascavél. Estava certo. Aquela pombinha, ao levantar vôo, faz um ruído muito semelhante ao de um chocalho ou cascavel. Daí lhe veio o nome, que alterna com o de **fogo-apagou,** proveniente da voz da ave.

Em 1925 fez se segunda edição do **Dicionário Contemporaneo.** O autor, ou compiladôr, ou editor dêste léxico copiou do **Novo Dicionário,** ipsis verbis, o artigo Pomba-cascavel; mas, ao figurar a respectiva pronùncia, que de certo nunca ouvira, levado pela fadiga (nêstes casos o trabalho de copiar è grande e fadigoso), esqueceu o plano geral da obra que copiava, e, supondo que o acento tónico devia estar na penùltima sílaba, marcou ali a pronùncia espúria **Cascável**.

Foi fatal a fadiga do vocabulista tresnoitado de 1925: — o autor do **Novo Dicionário,** que nunca veio ao Brasil, e só conhecia o termo por tê-lo visto escrito na incerta ortografia brasileira, lendo a nova edição do colega, entrou a duvidar do que fizera três anos antes, e em 1926, ao imprimir a quarta e ùltima edição da sua obra, marcou ali a prosódia **cascàvel** solidando a erronia do outro...

MOTA COQUEIRO

Do "O Imparcial", de 14 Junho 1935

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 6.ª feira, 14 de (manuscrito na parte superior: junho de 1935). (Manuscrito no rodapé do recorte de jornal: Do "O Imparcial", de 14 de junho 1935)

FICHAS DE LINGUAGEM

I

Pomba cascável – Pomba cascavél – Fogo apagou – (Scardafella squamosa)

O **Novo Dicionário**, em 1922, incluiu pela primeira vez nos arquivos lexicográficos da língua o verbête **Pomba-cascavel**; e como não lhe pusesse nenhum acento gráfico, entendia-se, de acôrdo com o plano geral da obra, que a prosódia do segundo elemento do substantivo devia ser cascavél. Estava certo. Aquela pombinha, ao levantar vôo, faz um ruído muito semelhante ao de um chocalho ou cascavel. Daí lhe veio o nome, que alterna com o de **fogo-apagou**, proveniente da voz da ave.

Em 1925 fez se segunda edição do **Dicionário Contemporaneo**. O autor, ou compilador, ou editor dêste léxico copiou do **Novo Dicionário**, ipsis verbis, o artigo Pomba-cascavel; mas, ao figurar a respectiva pronùncia, que de certo nunca ouvira, levado pela fadiga (nêstes casos o trabalho de copiar è grande e fadigoso), esqueceu o plano geral da obra que copiava, e, supondo que o acento tónico devia estar na penùltima sílaba, marcou ali a pronùncia espúria **Cascável**.

Foi fatal a fadiga do vocabulista-tresnoitado de 1925: - o autor do **Novo Dicionário**, que nunca veio ao Brasil, e só conhecia o termo por tê-lo visto escrito na incerta ortografia brasileira, lendo a nova edição do colega, entrou a duvidar do que fizera três anos antes, e em 1926, ao imprimir a quarta e ùltima edição da sua obra, marcou ali a prosódia cascàvel solidando a erronia do outro...

MOTA COQUEIRO

2- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem II: Salvage – Salvagem – Selvagem. *O Imparcial*, Araraquara, 16 jun. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



O Imparcial, 16 Junho 1935

Araraquara (S. Paulo) Domingo, 16 de

FICHAS DE LINGUAGEM

II

Salvage — Salvagem — Selvagem

«Anda cá, bruto. A cortezia é de quem a dá e não de quem a recebe. Escondes o focinho? Olha o salvage!?»

Herculano. **Monge**, 2.o vol., pag. 88 (1o.a edição José Bastos, Lisboa, sem data.)

Li isto ali por 1906 ou 1907, e comuniquei ao Sr. Cândido de Figueiredo, pois o **Novo Dicionário**, então em primeira edição, não consignava o termo. A minha comunicação, porém, embora citasse o autor, a obra e a página, nenhuma referência fez á edição e não transcreveu o texto. Destarte o vocabulista, não sendo provávelmente da mesma edição a obra de que dispunha, não pôde conferir o texto citado. Não obstante, incluiu, desde a segunda até a quarta e última edição do dicionário, o vocábulo que eu lhe apontara, mencionando direitinho o lugar acima indicado, mas. atribuindo-lhe o sentido de **direito sobre o que se salvou de um navio naufragado**, que nada tem que ver com o texto de Herculano.

— x —

O termo **salvage** é da língua corrente dos caipiras paulistas, no sentido em que a língua literária usa a forma **selvagem**, e o velho Morais, em 1813, definiu sob a forma **salvagem**, que vai caindo ou já caiu em desuso. Dos dicionários modernos de que disponho à mão, só o de Simões de Fonseca, revisto por João Ribeiro, as modernas edições com o nome de Moraes dão a **salvagem** o sentido de selvagem. O **Contemporanêo**, 1925, não quis copiar o verbete do **Nov. Dic.**; é de crer que, indo ao ponto por êste indicado no **Monge de Cister**, mas em edição diversa da minha, nada viu ali, e desconfiou...

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) Domingo, 16 de (manuscrito na parte superior: - "O Imparcial", 16 junho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

II

Salvage – Salvagem – Selvagem

"Anda cá, bruto. A cortezia é de quem a dá e não de quem a recebe. _ Escondes o focinho? Olha o salvage!?"

Herculano. **Monge**, 2º vol., pag. 88 (10ª edição José Bastos, Lisboa, sem data.)

Li isto ali por 1906 ou 1907, e comuniquei ao Sr. Cândido de Figueiredo, pois o **Novo Dicionário**, então em primeira edição, não consignava o termo. A minha comunicação, porém, embora citasse o autor, a obra e a página, nenhuma referência fez á edição e não transcreveu o texto. Destarte o vocabulista, não sendo provávelmente da mesma edição a obra de que dispunha, não pôde conferir o texto citado. Não obstante, incluiu, desde a segunda até a quarta e última edição do dicionário, o vocábulo que eu lhe apontara, mencionando direitinho o lugar acima indicado, mas... atribuindo-lhe o sentido de **direito sobre o que se salvou de um navio naufragado,** que nada tem que ver com o texto de Herculano.

_____ X _____

O termo **salvage** é da língua corrente dos caipiras paulistas, no sentido em que a língua literária usa a forma **selvagem**, e o velho Morais, em 1813, definiu sob a forma **salvagem**, que vai caindo ou já caiu em desuso. Dos dicionários modernos de que disponho à mão, só o de Simões de Fonseca, revisto por João Ribeiro, as modernas edições com o nome de Moraes dão a **salvagem** o sentido de selvagem. O **Contemporâneo,** 1925, não quis copiar o verbete do **Nov. Dic.**; é de crer que, indo ao ponto por êste indicado no **Monge de Cister**, mas em edição diversa da minha, nada viu ali, e desconfiou...

MOTA COQUEIRO

3- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem III: Manguari – Gabalau – Galalau. *O Imparcial,* Araraquara, 18 jun. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



A "O Imparcial", 18 de Junho 1935

Araraquara (S. Paulo) 3.a-feira, 18 de

FICHAS DE LINGUAGEM

III

Manguari — Gabalau — Galalau

O **Dic. Contemporâneo**, primeira edição (1881), não consignava o termo manguari. Em 1899 apareceu a primeira edição do **Novo Dic.**, que o consignou pela primeira vez, e assim definiu: — «(bras.) o mesmo que gabalau. (bras. do S.) homem muito alto e corpulento.»

A segunda edição do **Contemporâneo**, saída a lume em 1925, corrigindo a falha da edição anterior, incluiu o verbete: — «**Manguari**», (bras.) o mesmo que gabalau (bras. do S.) homem corpulento e muito alto.

Não conhecendo eu o termo **gabalau**, procuro-o em ambos êsses dicionários e não encontro; a omissão é geral, porque nenhum outro dicionário da lingua dá notícia do tal brasileirismo. Recorro aos vocabulários de brasileirismos desde o velho Coruja até o Rodolfo Garcia — nada!

Em 1927 publica João Ribeiro as **Curiosidades verbaes**, que adquiri e li com a atenção que merece. Vejo ali, na página 174, que ha um termo, g a l a l a u, referido por lendas populares a um sujeito alto e magro. Confiro os dois dicionários omissos para **gabalau**, e vejo que ambos definem o termo apontado por João Ribeiro. Só então compreendi o enigma: — o **Contemporâneo** copiara o verbete do **Novo Dic.**, edição de 1922, sem lhe alterar siquer o erro de imprensa, que aliás está mantido nesta última obra até a sua quarta e derradeira edição. E' assim que se escreve a . . . língua.

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 3ª-feira, 18 de (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 18 de junho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

III

Manguari – Gabalau – Galalau

O **Dic. Contemporâneo,** primeira edição (1881), não consignava o termo manguari. Em 1899 apareceu a primeira edição do **Novo Dic**., que o consignou pela primeira vez, e assim definiu: - "(bras.) o mesmo que gabalau. (bras. do S.) homem muito alto e corpulento."

A segunda edição do **Contemporâneo,** saída a lume em 1925, corrigindo a falha da edição anterior, incluiu o verbete: - "**Manguari**", (bras.) o mesmo que gabalau. (bras. do S.) homem corpulento e muito alto.

Não conhecendo eu o termo **gabalau**, procuro-o em ambos êsses dicionários e não encontro; a omissão é geral, porque nenhum outro dicionário da língua dá notícia do tal brasileirismo. Recorro aos vocabulários de brasileirismos desde o velho Coruja até o Rodolfo Garcia – nada!

Em 1927 publica João Ribeiro as **Curiosidades verbaes,** que adquiri e li com a atenção que merece. Vejo ali, na página 174, que ha um termo, galalau, referido por lendas populares a um sujeito alto e magro. Confiro os dois dicionários omissos para **gabalau**, e vejo que ambos definem o termo apontado por João Ribeiro. Só então compreendi o enigma: - o **Contemporâneo** copiara o verbete do **Novo Dic**., edição de 1922, sem lhe alterar siquer o erro de imprensa, que aliás está mantido nesta última obra até a sua quarta e derradeira edição. É assim que se escreve a... língua.

MOTA COQUEIRO

4- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem V[28]: Gibioa – Jibóia – Jimboia – Boitiapó – Boitiapoia. *O Imparcial.* Araraquara, 20 jun. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



GERENTE: ANTONIO SILVA O Imparcial 20 Junho 1935

ASSIGNATURA
no 30$ — Semestre 20$ | Araraquara (S. Paulo

FICHAS DE LINGUAGEM

V

Gibioa — Jiboia — Jimboia — Boitiapó — Boitiapoia

Encontra-se nas **Apostilas**, do sr. Gonçalves Viana (vol. II, s. vb. **jiboia**), a seguinte dissertação:

"E' preferível a escrita com **j**, visto que a palavra não é latina, nem grega.

Como em tupi êste vocábulo tem a forma **mboi**, é natural que a feição que êle tomou em português seja devida a um plural **jimboia**, fabricado por escravos, que para o Brasil fossem levados de Angola, pois em quimbundo é com o prefixo **ji** que se pluralizam os nomes tomados de outras línguas; como por exemplo, **jicadeila**, de que se servia uma pretita . . ."

Contra a grafia com jota, pode se opôr a posse mansa e pacífica do gê, que é ali secular, não traz inconveniente e não é antietimológica, pois o tupi é lingua analfabética e o jota não é privilégio de palavras gregas e latinas. Ademais, a substituição proposta levaria os brasileiros a modificar dezenas de vocábulos em idênticas condições.

E' oportuno lembrar que o tupi carece inteiramente do fonema representado em português por jota e gê brando; isto, que consta de qualquer gramática, está declarado logo na página 1 da do Pe. Luis Figueira (edição fac-simile publicada por Júlio Platzmann, Leipzig, 1878). O jota e gê brando, quando aparecem em português nas palavras derivadas do tupi, representam o abrandamento de certos sons fortes ou guturais, estranhos á indole da nossa lingua. Confira se, a êste propósito, o **Vocabulário indígena** de Barbosa Rodrigues, pag. 8 (Rio, 1892).

Porque, pois, haveríamos de preferir **jiboia** a **giboia**?

Agora, quanto á etimologia. Mas êste negócio de giboia ainda dá outra ficha.

MOTA COQUEIRO

---

28 Não localizamos, na CPLC, o recorte da Ficha de Linguagem IV que, provavelmente, foi publicada em 19 de junho de 1935. Em contato com o responsável atual pelo arquivo do jornal *O Imparcial*, de Araraquara, sr. José Corrêa Arruda da Silva, este declarou que o acervo está interditado, pois se encontra muito fragilizado e não há verba para restaurá-lo. Assim, ficamos aguardando futura possibilidade de consulta para acrescentá-la a esta coletânea.

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) - (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 20 junho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

V

Gibioa – Jiboia – Jimboia – Boitiapó – Boitiapoia

Encontra-se nas **Apostilas**, do sr. Gonçalves Viana (vol. II, s. vb. **jiboia**), a seguinte dissertação:

"É preferível a escrita com **J**, visto que a palavra não é latina nem grega.

Como em tupi êste vocábulo tem a forma **mboi**, é natural que a feição que êle tomou em português seja devida a um plural **jimboia**, fabricado por escravos, que para o Brasil fossem levados de Angola, pois em quimbundo é com o prefixo **ji** que se pluralizam os nomes tomados de outras línguas; como por exemplo, **jicadeila,** de que se servia uma pretita..."

Contra a grafia com jota, pode-se opôr a posse mansa e pacífica do gê, que é ali secular, não traz inconveniente e não é antietimológica, pois o tupi é língua analfabética e o jota não é privilégio de palavras gregas e latinas. Ademais, a substituição proposta levaria os brasileiros a modificar dezenas de vocábulos em idênticas condições.

É oportuno lembrar que o tupi carece inteiramente do fonema representado em português por jota e gê brando; isto, que consta de qualquer gramática, está declarado logo na página 1 da do Pe. Luis Figueira (edição fac-simile publicada por Júlio Platzmann, Leipzig, 1878). O jota e gê brando, quando aparecem em português nas palavras derivadas do tupi, representam o abrandamento de certos sons fortes ou guturais, estranhos á indole da nossa lingua. Confira-se, a êste propósito, o **Vocabulário Indígena** de Barbosa Rodrigues, pag. 8 (Rio, 1892).

Porque, pois, haveríamos de preferir **jiboia** a **giboia**?

Agora, quanto á etimologia. Mas êste negócio de giboia ainda dá outra ficha.

MOTA COQUEIRO

5- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem V (continuação): Giboia – Jiboia – Jimboia – Boitiapó – Boitiapoia. *O Imparcial.* Araraquara, 22 jun. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



"O Imparcial", 22 Junho 1935

Araraquara (S. Paulo) Sabbado, 22 de

FICHAS DE LINGUAGEM

V (continuação)

Giboia — Jiboia — Jimboia — Boitiapó — Boitiapoia

O Sr. Gonçalves Viana, como vimos no passo transcrito das **Apostilas**, sugere um étimo **jimboia** para a voz brasileira **giboia**, afirmando que esta serpente se denomina em tupi **mboi** e que o prefixo **ji** seria fabricado por escravos angoleses. Linhas adiante, transcreve o Sr. Viana a "pitoresca descrição que o Padre Gaspar Afonso fez da descomunal serpente", a qual descrição, todavia, não se refere á giboia mas ao sucurí (**Eunectes murinus**), a que o Padre dá o nome de giboia. Este engano do Padre, encampado pelo notável filólogo nas **Apostilas**, que é uma das obras de maior valor e de mais peso que temos na lexicografía portugueza, aumenta ainda a confusão criada em torno do nome vulgar da serpente.

Mboi não é o nome da giboia em tupi, como crê o grande poliglota e etimólogo: — é o nome genérico de todas as cobras. A êste respeito, estão de acôrdo todos os vocabulistas, desde Montoya e von Martius até Batista Caetano, Barbosa Rodrigues, Teodoro Sampaio e os mais.

Portanto, se houvéramos de admitir na composição do termo **giboia**, a ideia de um hipotético plural **jimboia**, em que interviesse o alegado facto de morfologia da língua de escravos angoleses, o vocábulo não podia entender-se exclusivamente com a espécie a que compete, senão com as serpentes em geral.

O étimo de **giboia** é muito outro. Esta boídea, se é muito irritada, ou insistentemente atacada pelo homem (com um relho, por exemplo), desfere botes bravios a êsmo, e emite repetidamente um sopro ou silbilo que sôa **gi**. Dêste facto posso eu dar testemunho pessoal; e é de crer seja conhecido no Butantan. **Gi**, portanto, é designação qualificativa e onomatopaica; **boia** provém de **mboi**, com queda do difícil fonema nasal inicial. como acontece em boicininga, boipinima, boicorá, boipeba, etc. Aliás a permanência dessa nasalidade inicial não é a regra geral se vem antes de consoante.

Em alguns termos geográficos, poucos, ela resistiu, como em **mboi**, dando causa, pela dificuldade que temos de proferi-la, ás variadas pronúncias que dêste termo aponta Teodoro Sampaio.

Ha ainda outros étimos lembrados para giboia, um dos quais estudaremos amanhã.

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) Sabbado, 22 de - (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 22 junho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

V (continuação)

Gibioa – Jiboia – Jimboia – Boitiapó – Boitiapoia

O Sr. Gonçalves Viana, como vimos no passo transcrito das **Apostilas**, sugere um étimo **jimboia** para a voz brasileira **giboia**, afirmando que esta serpente se denomina em tupi **mboi** e que o prefixo **ji** seria fabricado por escravos angoleses. Linhas adiante, transcreve o Sr. Viana a "pitoresca descrição que o Padre Gaspar Afonso fez da descomunal serpente", a qual descrição, todavia, não se refere á gíboia mas ao sucuri (**Eunecies murinus**), a que o Padre dá o nome de giboia. Este engano do Padre, encampado pelo notável filólogo nas **Apostilas**, que é uma das obras de maior valor e de mais peso que temos na lexicografia portugueza, aumenta ainda a confusão criada em torno do nome vulgar da serpente.

Mboi não é o nome da giboia em tupi, como crê o grande poliglota e etimólogo: - é o nome genérico de todas as cobras. A êste respeito, estão de acôrdo todos os vocabulistas, desde Montoya e von Martius até Batista Caetano, Barbosa Rodrigues, Teodoro Sampaio e os mais.

Portanto, se houvéramos de admitir na composição do termo **giboia,** a ideia de um hipotético plural **jimboia**, em que interviesse o alegado facto de morfologia da língua de escravos angoleses, o vocábulo não podia entender-se exclusivamente com a espécie a que compete, senão com as serpentes em geral.

O étimo de **giboia** é muito outro. Esta boídea, se é muito irritada, ou insistentemente atacada pelo homem (com um relho, por exemplo), desfere botes bravios a êsmo, e emite repetidamente um sopro ou sibilo que sôa **gii.** Dêste facto posso eu dar testemunho pessoal; e é de crer seja conhecido no Butantan. **Gi**, portanto, é designação qualificativa e onomatopaica; **boia** provém de **mboi,** com queda do difícil fonema nasal inicial, como acontece em boicininga, boipinima, boicorá, boipeba, etc. Aliás a permanência dessa nasalidade inicial não é a regra geral se vem antes de consoante. Em alguns termos geográficos, poucos, ela resistiu, como em **mboi**, dando causa, pela dificuldade que temos de proferi-la, ás variadas pronúncias que dêste termo aponta Teodoro Sampaio. Ha ainda outros étimos lembrados para giboia, um dos quais estudaremos amanhã.

MOTA COQUEIRO

6- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem V (continuação): Ainda a giboia ou jiboia. *O Imparcial.* Araraquara, 25 jun. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

<u>Fotocópia do texto publicado:</u>



O Imparcial", 25 junho 1935

Araraquara (S. Paulo) 3.a-feira, 25 de

FICHAS DE LINGUAGEM

V (continuação)

Ainda a giboia ou jiboia

Von Martius (**Glossarium**, pag. 459, Leipzig, 1867) admite duas alternativas, ambas genuinamente tupis, para explicação do primeiro elemento de **giboia**: — **jub**, estar deitado, ou **gia**, rã. A' primeira alternativa opõe se o facto de, nas composições legitimamente tupis dos nomes de serpentes, o qualificativo vir sempre depois do substantivo (confira-se o **Dicionário** de Gonçalves Dias, s. veb. **boya**). Ademais, êsse qualificativo quadraria a todas as cobras, pelo que não seria admissível no idioma vigorosamente exacto e descritivo de antes da conquista, para uma dada espécie.

A segunda alternativa, que foi depois aceita por Teodoro Sampaio (**O tupi na geografia nacional**, vb. **giboia**), seria admissível na estrutura da língua americana, por o primeiro elemento (**gia**, ou **guy**, ou **gihi**, ou **guhi**, que de todos êsses modos se tem grafado em português o nome da rã) designar um animal, portanto um substantivo.

Mas o facto de a giboia alimentar se de rãs — circunstância em que se apoia a hipótese — não lhe caracterizaria a espécie, pois é sabido que outras cobras há que se alimentam daquêle e de outros batráceos. Além disso, as boideas, quasi todas de hábitos mais ou menos arbóreos, inclusive a giboia, alimentam-se de preferência de animaes de sangue quente — "warm-blooded creatures, which they constrict by coils of the body in order to hold, kill, and crush», informa Gadow, **Cambridge Natural History**, London, 1923). — Não seriam os sagazes e minudentes aborígenes americanos, tão exactos na sua nomenclatura, que iriam cair na calourice insigne de denominar uma abundante e notável espécie de ofídio com que conviviam na floresta, pelo nome impreciso, talvez até inexacto, de **ranaria serpens** (von Martius), com que se têm tirado de apêrto linguistas que, no aconchêgo do gabinete, lhes comentam a sábia nomenclatura.

O Dr. Afrânio do Amaral, director do Butantam, e talvez o maior ofidiólogo da actualidade, poderá, se quiser, informar-nos acerca do alimento habitual da giboia, e mais se é geral entre estas serpentes a emissão do sibilo **gi**, que observei uma só vez, quando ataquei a relho um dêsses valentes ofídios.

— o —

A hipótese que aventei, de ser o nome **giboia** formado da onomatopeia **gi**, e o termo tupi **mboia**, não se enquadra tambem na índole da famosa língua americana.

Mas na minha hipótese, o termo giboia não tem composição genuinamente tupi. Foi cunhado já ao tempo em que era considerável, pelo contacto permanente do português vitorioso, o desgaste progressivo da índole rígida do idioma americano. Foi êste desgaste que permitiu a formação irregular da palavra começada pelo qualificativo onomatopaico (não tupi), **gi**, resultante de observação de colonos e mamelucos que falavam a **língua geral**, de índole intermédia de português e tupi.

O aborígine continuaria — e talvez continúe — a dizer **boiliapoia**, ou **boiliapó' serpente que se enrosca, que se contorce**.

O arguto observador gentio notara já, muito antes que a sciência zoológica visitasse as suas selvas, o caracter biológico empolgante que distingue as boideas das demais serpentes, e determinou para giboia o nome americano **boiliapoia**, ou **boiipo'**, e o nome scientifico **Boa constrefor.**

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 3ª-feira, 25 de - (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 25 junho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

V (continuação)

Ainda a giboia ou jiboia

Von Martius (**Glossarium**, pag. 459, Leipzig, 1867) admite duas alternativas, ambas genuinamente tupis, para explicação d primeiro elemento de **giboia**: - **jub,** estar deitado, ou **gia**, rã. Á primeira alternativa opõe-se o facto de, nas composições legitimamente tupis dos nomes de serpentes, o qualificativo vir sempre depois do substantivo (confira-se o **Dicionário** de Gonçalves Dias, s. veb. **boya**). Ademais, êsse qualificativo quadraria a todas as cobras, pelo que não seria admissível no idioma vigorosamente exacto e descritivo de antes da conquista, para uma dada espécie.

A segunda alternativa, que foi depois aceita por Teodoro Sampaio (**O tupi na geografia nacional**, vb. **giboia**), seria admissível na estrutura da língua americana, por o primeiro elemento (**gia**, ou **guy**, ou **gihi**, ou **guhi**, que de todos êsses modos se tem grafado em português o nome da rã) designar um animal, portanto um substantivo.

Mas o facto de a giboia alimentar-se de rãs – circunstância em que se apoia a hipótese – não lhe caracterizaria a espécie, pois é sabido que outras cobras ha que se alimentam daquêle e de outros batráceos. Além disso, as boídeas, quasi todas de hábitos mais ou menos arbóreos, inclusive a giboia, alimentam-se de preferência de animaes de sangue quente – "warm-blooded creatures, which they constrict by coils of the body in order to hold, kill, and crush", informa Gadow, **Cambridge Natural History**, London, 1923). – Não seriam os sagazes e minudentes aborígenes americanos, tão exactos na sua nomenclatura, que iriam cair na calourice insigne de denominar uma abundante e notável espécie de ofídio com que conviviam na floresta, pelo nome impreciso, talvez até inexacto, de **ranaria serpens** (von Martius), com que se têm tirado de apêrto linguistas que, no aconchêgo do gabinete, lhes comentam a sábia nomenclatura.

O Dr. Afrânio do Amaral, diretor do Butantan, e talvez o maior ofidiólogo da actualidade, poderá, se quiser, informar-nos acerca do alimento habitual da giboia, e mais se é geral entre estas serpentes a emissão do sibilo **gi**, que observei uma só vez, quando ataquei a relho um dêsses valentes ofídios.

———— º ————

A hipótese que aventei, de ser o nome **giboia** formado da onomatopeia **gi**, e o termo tupi **mboia,** não se enquadra tambem na índole da famosa língua americana.

Mas na minha hipótese, o termo giboia não tem composição genuinamente tupi. Foi cunhado já ao tempo em que era considerável, pelo contacto permanente do português vitorioso, o desgaste progressivo da índole rígida do idioma americano. Foi este desgaste que permitiu a formação irregular da palavra começada pelo qualificativo onomatopaico (não tupi), **gi**, resultante de observação de colonos e mamelucos que falavam a **língua geral**, de índole intermédia de português e tupi.

O aborígine continuaria – e talvez continúe – a dizer **boitiapoia**, ou **boitaiapó serpente qque se enrosca, que se contorce.**

O arguto observador gentio notara já, muito antes que a sciência zoológica visitasse as suas selvas, o caracter biológico empolgante que distingue as boídeas das demais serpentes, e determinou para giboia o nome americano **boitiapoia**, ou **boitipo**, e o nome scientifico **Boa constretor.**

MOTA COQUEIRO

7- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem VII[29]: Micer – Lúdrico. *O Imparcial.* Araraquara, 26 jun. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



"O Imparcial", 26 Junho 1935

Araraquara (S. Paulo) 4.a-feira, 26 de

FICHAS DE LINGUAGEM

VII

Micer — Lúdrico

«Adivinhae, micer Lourenço, adivinhae.» (Herculano, **Monge**, vol. 1.o, pag. 153 da décima edição José Bastos, sem data.)

O termo **micer**, já averbado e definido por Morais em 1813, não aparece no **Novo Dicionário**. Mandei-o, com outros muitos, ao sr. Cândido de Figueiredo que, no prefácio da sua obra, então em primeira edição, pedia o concurso de todos para melhoria e aumento dos arquivos lexicais da lingua. O autor publicou depois disso mais três edições da obra, e em nenhuma se encontra o vocábulo. Foi um dos casos em que não fui crido pelo vocabulista, que muitas vezes não podia conferir as minhas citações, por eu ter omitido a menção das edições em que via os vocábulos. Confiança pura não deve valer nestes casos; dou lhe razão. Mas o **micer** já vinha no Morais, que êle, por todas as aparências, não costumava consultar, apesar de muito falar no célebre dicionarista.

Coisa curiosa! O vocábulo **lúdrico** (ver Herculano, lugar citado, pag. 79) foi tambem mandado por mim ao sr. Figueiredo na mesma carta em que mandei **micer**. Êle aceitou-o, incluiu no dicionário desde a segunda edição, abonando-se com a frase de Herculano onde eu o vla, e citando a própria página da minha edição Porque, então, não incluiu **micer** ?

MOTA COQUEIRO

29 Nesta Ficha e na seguinte, provavelmente, houve equívoco de numeração, pois estão como VII e VI. Consideramos para a sequência da coletânea, então, as datas de publicação delas, impressas no jornal e complementadas com anotações a caneta do próprio autor, PLC.

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 4ª-feira, 26 de - (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 26 junho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

VII

Micer – Lúdrico

"Adivinhae, micer Lourenço, adivinhae." (Herculano, **Monge**, vol. 1º, pag. 153 da décima edição José Bastos, sem data.)

O termo **micer,** já averbado e definido por Morais em 1813, não aparece no **Novo Dicionário**. Mandei-o, com outros muitos, ao sr. Cândido de Figueiredo que, no prefácio da sua obra, então em primeira edição, pedia o concurso de todos para melhoria e aumento dos arquivos lexicais da lingua. O autor publicou depois disso mais três edições da obra, e em nenhuma se encontra o vocábulo. Foi um dos casos em que não fui crido pelo vocabulista, que muitas vezes não podia conferir as minhas citações, por eu ter omitido a menção das edições em que via os vocábulos. Confiança pura não deve valer nestes casos; dou lhe razão. Mas o **micer** já vinha no Morais, que êle, por todas as aparências, não costumava consultar, apesar de muito falar no célebre dicionarista.

Coisa curiosa! O vocábulo **lúdrico** (ver Herculano, lugar citado, pag. 79) foi tambem mandado por mim ao sr. Figueiredo na mesma carta em que mandei **micer**. Êle aceitou-o, incluiu no dicionário desde a segunda edição, abonando-se com a frase de Herculano onde eu o via, e citando a própria página da minha edição. Porque, então, não incluiu **micer**?

MOTA COQUEIRO

8- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem VI[30]: Milhos – Quirera – Cangica – Cangiquinha– Chôça. *O Imparcial.* Araraquara, 28 jun. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



"O Imparcial", 28 Junho 1935

Araraquara (S. Paulo) 6.a-feira, 28 de

FICHAS DE LINGUAGEM

V I

Milhos — Quirera — Cangica — Cangiquinha — Chôça

Informa o Sr. Manuel Múrias, na **Revista de Cultura**, vol. VI, p. 198:

«De **milho** fez-se um substantivo invariável do plural — **milhos**. Vem a ser um cozinhado de milho triturado (que não moído) e a que tira cuidadosamente a **chôça**, isto é, a casca. E não é nada mau, o cozinhado, um pouco parecido com arroz, amarelo. Eu até podia dar a receita...»

Os dicionarios da lingua não averbam **milhos**, nem **chôça**, que eu saiba. No Brasil, creio que são termos desconhecidos. Quanto a sabermos se **milhos** vale pela **quirera** ou **cangiquinha**, ou pela nossa trivialíssima **cangica**, palavras e coisas essas vulgarmente usadas no país — isso só depois do sr. Múrias nos dar a receita poderiamos saber ao certo. Será talvez a quirera — que a cangica é menos parecida ao arroz, que aquela.

—x—

Acochado, cochado, acossado

«...o Cirrupira corria do que êle e o menino isso vinha acochado pelo outro.» (Mario de Andrade, Macunaíma, S. Paulo, 1928, pag. 24). O sentido que aqui se abona, do adjectivo verbal **cochado**, não foi ainda registrado nas definições dos dicionários, glossários ou vocabularios da lingua, apesar de ser corrente no dialecto de S. Paulo. Um veado, por exemplo, está acochado pelos cães, quando, na corrida, os tem próximos e por isso foge com toda a energia. Tambem se diz **cochado** no mesmo sentido, penso que por aférese, pois tudo parece indicar que o vocábulo é uma corruptéla de **acossado**, com influência da respectiva forma do verbo **cochar**, torcer, que é de uso vulgar.

MOTA COQUEIRO

30 Nesta Ficha e na anterior, provavelmente, houve equívoco de numeração, pois estão como VII e VI. Consideramos para a sequência da coletânea, então, as datas de publicação delas, impressas no jornal e complementadas com anotações a caneta do próprio autor, PLC.

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 6ª-feira, 28 de - (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 28 junho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

VI

Milhos – Quirera – Cangica – Cangiquinha – Chôça

Informa o Sr. Manuel Múrias, na **Revista de Cultura**, vol. VI, p. 198:

"De **milho** fez-se um substantivo invariável do plural – **milhos**. Vem a ser um cozinhado de milho triturado (que não moído) e a que tira cuidadosamente a **chôça**, isto é, a casca. E não é nada mau, o cozinhado, um pouco parecido com arroz, amarelo. Eu até podia dar a receita..."

Os dicionarios da lingua não averbam **milhos**, nem **chôça**, que eu saiba. No Brasil, creio que são termos desconhecidos. Quanto a sabermos se **milhos** vale pela **quírera** ou **cangiquinha**, ou pela nossa trivialíssima **cangica**, palavras e coisas essas vulgarmente usadas no país – isso só depois do sr. Múrias nos dar a receita poderiamos saber ao certo. Será talvez a quirera – que a cangica é menos parecida ao arroz, que aquela.

_____ X _____

Acochado, cochado, acossado

"... o Cirrupira corria do que êle e o menino isso vinha acochado pelo outro." (Mario de Andrade, Macunaíma, S. Paulo, 1928, pag. 24). O sentido que aqui se abona, do adjectivo verbal **cochado,** não foi ainda registrado Um veado, por exemplo nas definições dos dicionários, glossários ou vocabularios da lingua, apesar de ser corrente no dialecto de S. Paulo. Um veado, por exemplo, está acochado pelos cães, quando, na corrida, os tem próximos e por isso foge com toda a energia. Tambem se diz **cochado** no mesmo sentido, penso que por aférese, pois tudo parece indicar que o vocábulo é uma corruptéla de **acossado**, com influência da respectiva forma do verbo **cochar**, torcer, que é de uso vulgar.

MOTA COQUEIRO

9- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem VIII: Meirinho. *O Imparcial*. Araraquara, 29 jun. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



"O Imparcial", 29 Junho 1935

Araraquara (S. Paulo) Sabbado, 29 de

FICHAS DE LINGUAGEM

VIII

Meirinho

Entre as variadas acepções da palavra. uma existe que poucos léxicos registam. Por ela denomina-se, em certos Estados do Brasil, senão em todos, certo aracnideo errante, que move caça activa ás moscas domésticas, considerado pelos zoólogos o tipo do grande grupo dos Saltígrados.

Cândido de Figueiredo ignora no seu **Dicionário** está acepção do termo; Simões da Fonsêca (edição revista, refundida e melhorada por João Ribeiro) que a conhece e regista, não perdeu, ao defini-la, a ocasião de perpetrar uma descabelada heresia: — «Insecto (1) que vive de moscas.»

Tal é costumeiramente a força dos nossos dicionaristas em matéria scientifica em geral, e zoológica muito em particular...

—x—

Essa ficha me foi comunicada por um amigo, de cujo autografo a transcrevi, sem outra alteração além da ortografia (o meu amigo não adoptou ainda a ortografia oficial portuguesa), e da indicação bibliográfica do dicionário de Simões da Fonsêca de que se serviu.

Êste vocabulista copiou a sua definição do velho Morais, que na sua segunda e última edição (Francisco de Morais e Silva faleceu no Recife em 1824) assim definiu o termo na acepção que nos ocupa: —«insecto que vive de moscas, que caça.» A **descabelada heresia** foi pois comprada feita. Devemos todavia considerar que, no tempo em que escreveu o insigne vocabulista fluminense, a sistemática zoológica era outra e porventura não cometeu êle muito encorpada heresia, ou heresia nenhuma: não tenho agora vagar de conferir a sistemática dos artrópodos naquele tempo. E' certo que os seus diversos continuadores, pelo menos até o de 1878 (sétima edição), continuaram heréticos, tanto quanto o Simões e os demais.

MOTA COQUEIRO

Transcrição:
Araraquara (S. Paulo) Sabbado, 29 de - (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 29 Junho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

VIII

Meirinho

Entre as variadas acepções da palavra, uma existe que poucos léxicos registam. Por ela denomina-se, em certos Estados do Brasil, senão em todos, certo aracnideo errante, que move caça activa ás moscas domésticas, considerado pelos zoólogos o tipo do grande grupo dos Saltígrados.

Cândido de Figueiredo ignora no seu **Dicionário** está acepção do termo; Simões da Fonsêca (edição revista, refundida e melhorada por João Ribeiro) que a conhece e regista, não perdeu, ao defini-la, a ocasião de perpetrar uma descabelada heresia: - "Insecto (1) que vive de moscas."

Tal é costumeiramente a força dos nossos dicionaristas em matéria scientífica em geral, e zoológica muito em particular...

_____X _____

Essa ficha me foi comunicada por um amigo, de cujo autografo a transcrevi, sem outra alteração além da ortografia (o meu amigo não adoptou ainda a ortografia oficial portuguesa), e da indicação bibliográfica do dicionário de Simões da Fonsêca de que se serviu.

Èste vocabulista copiou a sua definição do velho Morais, que na sua segunda e última edição (Francisco de Morais e Silva faleceu no Recife em 1824) assim definiu o termo na acepção que nos ocupa: - "insecto que vive de moscas, que caça." A **descabelada heresia** foi pois comprada feita. Devemos todavia considerar que, no tempo em que escreveu o insigne vocabulista fluminense, a sistemática zoológica era outra e porventura não cometeu êle muito encorpada heresia, ou heresia nenhuma: não tenho agora vagar de conferir a sistemática dos artrópodos naquele tempo. É certo que os seus diversos continuadores, pelo menos até o de 1878 (sétima edição), continuaram heréticos, tanto quanto o Simões e os demais.

MOTA COQUEIRO

10- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem VIII[31]: Beijo – Beijinho – Beijú – Bijú. *O Imparcial.* Araraquara, 2 jul. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



"O Imparcial", 2 Julho 1935

Araraquara (S. Paulo) 3.a-feira„ 2 de

FICHAS DE LINGUAGEM

VIII

Beijo — Beijinho — Beijú — Bijú

«Farinha branca, o beijo da farinha.» (Bento Pereira, **Prosódia Latina**, s. vcb. **leocalphitos**)

«Beijinho, m. . . . . **Prov. trasm.** Farinha fina de trigo, separada da sêmea.» (**Novo Dicionário**, 1926)

—o—

Os termos brasileiros **beijú** e **bijú** estão averbados em B. Rohan, **Vocábulos brasileiros**. A segunda destas duas formas é corrente no estado de S. Paulo, e foi arquivada e estudada por Amadeu Amaral, **Dialecto caipira**, que, depois de referir-se ás diferentes formas que o termo apresenta nos textos onde tem sido estudado, levanta suspeita contra a origem tupi até e tão unanimente atribuida ao vocábulo, aproximando-o do português **beijinho**.

O termo **beijo**, que agora encontrei empregado por Bento Pereira, talvez concorra para dar maior peso á suspeita de Amadeu Amaral.

Parece muito provável que o **beijo** português, transportado para cá, sofresse a influencia da fonética tupi, alterando-se em **beijú**. Alternativa oposta é tambem admissível; se transferido para Portugal, o beijú americano poderia, sob a influência de beijo — ósculo —, achegar se da fonética em que o ouviu o autor da **Prosódia Latina**. Decidam os competentes.

MOTA COQUEIRO

(Ver na ficha nota posterior)

31 Novo equívoco na numeração das Fichas. Esta já deveria ser IX e não VIII como está no título.

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 3ª-feira, 2 de - (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 2 Julho 1935; manuscrito na margem inferior do texto: "Ver na ficha nossa posterior").

FICHAS DE LINGUAGEM

VIII

Beijo – Beijinho – Beijú – Bijú

"Farinha branca, o beijo da farinha." (Bento Pereira, **Prosódia Latina**, s. vcb. **leocalphitos**)

"Beijinho, m. ..... **Prov. trasm**. Farinha fina de trigo, separada da sêmea." (**Novo Dicionário**, 1926)

_____0_____

Os termos brasileiros **beijú** e **bijú** estão averbados em B. Rohan, **Vocábulos brasileiros**. A segunda destas duas formas é corrente no estado de S. Paulo, e foi arquivada e estudada por Amadeu Amaral, **Dialecto caipira**, que, depois de referir-se ás diferentes formas que o termo apresenta nos textos onde tem sido estudado, levanta suspeita contra a origem tupi até e tão unanimente atribuida ao vocábulo, aproximando-o do português **beijínho**.

O termo **beijo**, que agora encontrei empregado por Bento Pereira, talvez concorra para dar maior peso á suspeita de Amadeu Amaral.

Parece muito provável que o **beijo** português, transportado para cá, sofresse a influencia da fonética tupi, alterando-se em **beijú**. Alternativa oposta é tambem admissível; se transferido para Portugal, o beijú americano poderia, sob a influência de beijo - ósculo -, achegar se da fonética em que o ouviu o autor da **Prosódia Latina**. Decidam os competentes.

MOTA COQUEIRO

11- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem IX[32]: Martelo. *O Imparcial.* Araraquara, 4 jul. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



"O Imparcial", 5 Julho 1935

Araraquara (S. Paulo) 5.a-feira, 4 de

FICHAS DE LINGUAGEM

IX

MARTELO

«Chupitar a inexistencia pròpria feito um martelo de pinga, è delicioso.» (Mário de Andrade, **o túrista aprendiz**, no Diário Nacional, de S. Paulo, 29 de Dez 1928).

«Martello, s. m. medida de capacidade usada para liquidos. **Um martello** de cachaça dá para embriagar muita gente.» (Pe. Teschauer, **Vovo Nocabulário**, Porto-Alegre, 1923.)

Esta definição do Pe. Teschauer foi tomada, exemplo e tudo, opusculo **Léxico de lacunas**, do Sr. Afonso Taunay, como aliás confessa o autor no seu próprio verbête. Mas o Sr. Taunay não escolheu bem, se atendermos a que a frase leva a crer que se trata de muita cachaça. O martelo é uma medida pequena, geralmente um copinho, cujo conteudo qualquer pau dágua pode tragar em poucos goles.

O **Novo Dic.**, 1925, e depois dêle o **Dic. Contemporâneo**, 1926, que lhe copiou a definição, como em inúmeros casos, êsses, ambos ensinam: — «a quantidade de aguardente que cabe num copo pequeno». Aqui foi tomado o conteudo pelo continente: — o pequeno copo é que é o martelo, pois tanto se diz ou se toma um martelo de aguardente como de vinho ou de outra zurrapa qualquer.

Aproveitemos a oportunidade de observar que a escrita **martelo**, com um éle só, justifica-se perfeitamente ainda mesmo em ortografio etimológica.

MOTA COQUEIRO

32 Esta deveria ser n. X.

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 5ª-feira, 4 de - (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 5 Julho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

IX

Martelo

"Chupitar a inexistencia pròpria feito um martelo de pinga, è delicioso." (Mário de Andrade, **o túrista aprendiz**, no Diário Nacional, de S. Paulo, 29 de Dez 1928).

"Martello, s. m. medida de capacidade usada para liquidos. **Um martello** de cachaça dá para embriagar muita gente." (Pe. Teschauer, **Novo Vocabulário,** Porto Alegre, 1923.)

Esta definição do Pe. Teschauer foi tomada, exemplo e tudo, opusculo **Léxico de lacunas**, do Sr. Afonso Taunay, como aliás confessa o autor no seu próprio verbête. Mas o Sr. Taunay não escolheu bem, se atendermos a que a frase leva a crer que se trata de muita cachaça. O martelo é uma medida pequena, gerlamente um copinho, cujo conteudo qualquer pau dágua pode tragar em poucos goles.

O **Novo Dic**., 1925, e depois dêle o **Dic. Contemporâneo**, 1926, que lhe copiou a definição, como em inúmeros casos, êsses, ambos ensinam: - "a quantidade de aguardente que cabe num compo pequeno". Aqui foi tomado o conteudo pelo continente: - o pequeno copo é que é o martelo, pois tanto se diz ou se toma um martelo de aguardente omo de vinho ou de outra zurrapa qualquer.

Aproveitamos a oportunidade de observar que a escrita **martelo**, com um éle só, justifica-se perfeitamente ainda mesmo em ortografia etimológica.

MOTA COQUEIRO

12- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem X[33]: Catre. *O Imparcial.* Araraquara, 5 jul. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



O Imparcial, 5 Julho 1935

Araraquara (S. Paulo) 6.a-feira, 5 de

FICHAS DE LINGUAGEM

X

CATRE

«Manuel . . . , . chorava então com os olhos da alma postos no catre em que suá mãe expirara.» (Camilo, **O demônio do ouro**, vol. 1.o, página 7.o Lisboa, 1927).

«Nos quartos de dormir desconhecem-se ainda os catres de ferro. Usam-se as camas antigas, de madeira, muito altas, algumas tão altas, que para elas sobem por umas escadas portáteis.» (Eduardo Antônio Pestana, **Ilha da Madeira**, in **Revista Lusitana**, vol. 19, pag. 135)

—o—

As definições de **catre**, que andam nos dicionários portugueses de Morais, 1813 e 1877, Constâncio, 1877, Contemporâneo, 1925, C. Figueiredo, 1926, Simões da Fonsêca, 1926, Jaime de Séguier, 1928 — não se ajustam ao móvel que, até fins do século XIX, era vulgarissimo no interior de S. Paulo, e cuja descrição tentarei dar: — Era um leito alto, cêrca de oitenta ou noventa centímetros de madeira quadrangular, sem pintura ou verniz, e cujas pernas, prolongando-se muito acima do leito, serviam de apôio para uma coberta, em geral de esteira, que os defendiam das poeiras e ciscos das casas de telha-vã. Prestavam se, pela sua altura, a conter debaixo balaios, canastras ou outros móveis de uso doméstico, que eram efectivamente aí guardados. Para que êsses objectos não ficassem expostos a vistas indiscretas, era de uso atar aos catres, por meio de uma fita de nastro, um babado que pendia até ao soalho, e que nas casas mais abastadas exibiam um luxo de rendas custosas, cuidadosamente engomadas e frisadas a ferro quente. Vi protestarem contra tais babados alguns velhos carranças e comodistas, que alegavam servirem êles de dar acesso ás pulgas.

Era justo o protesto: — naquele tempo não se lavavam freqüentemente as casas, e aturava-se a incômoda altura do leito, justamente por ser medida profilática contra pulgas . . . . .

MOTA COQUEIRO

33 Esta deveria ser n. XI.

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 6ª-feira, 5 de - (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 5 Julho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

X

Catre

"Manuel...,. chorava então com os olhos da alma postos no catre em que sua mãe expirava." (Camilo, **O demônio do ouro**, vol. 1º, página 7º, Lisboa, 1927).

"Nos quartos de dormir desconhecem-se ainda os catres de ferro. Usam-se as camas antigas, de madeira, muito altas, algumas tão altas, que para elas sobem por umas escadas portáteis." (Eduardo Antònio Pestana, **Ilha da Madeira**, in **Revista Lusitana**, vol. 19, pag. 135)

_____0_____

As definições de **catre**, que andam nos dicionários portugueses de Morais, 1813 e 1877, Constâncio, 1877, Contemporâneo, 1925, C. Figueiredo, 1926, Simões da Fonsêca, 1926, Jaime de Séguier, 1928 – não se ajustam ao móvel que, atè fins do século XIX, era vulgarissimo no interior de S. Paulo, e cuja descrição tentarei dar: - Era um leito alto, cêrca de oitenta ou noventa centímetros de madeira quadrangular, sem pintura ou verniz, e cujas pernas, prolongando-se muito acima do leito, serviam de apôio para uma coberta, em geral de esteira, que os defendiam das poeiras e ciscos das casas de telha-vã. Prestavam-se, pela sua altura, a conter debaixo balaios, canastras ou outros móveis de uso doméstico, que eram efectivamente aí guardados. Para que êsses objectos não ficassem expostos a vistas indiscretas, era de uso atar aos catres, por meio de uma fita de nastro, um babado que pendia até ao soalho, e que nas casas mais abastadas exibiam um luxo de rendas custosas, cuidadosamente engomadas e frisadas a ferro quente. Vi protestarem contra tais babados alguns velhos carranças e comodistas, que alegavam servirem êles de dar acesso ás pulgas.

Era justo o protesto: - naquele tempo não se lavavam freqüentemente as casas, e aturava-se a incômoda altura do leito, justamente por ser medida profilática contra pulgas.....

MOTA COQUEIRO

13- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XI[34]: Boicorá – Cobra corá – Cobra coral. *O Imparcial.* Araraquara, 6 jul. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



"O Imparcial", 6 Julho 1935

Araraquara (S. Paulo) Sabbado, 6 de

FICHAS DE LINGUAGEM

XI

Boicorá — Cobra corá — Cobra-coral

O abanheenga, ou lingua geral do Brasil, designava pelo nome de **boicorá** diversas espécies de cobras do gênero Elaps, a saber, as que tem aneis transversais no corpo, coloridos de preto, branco, vermelho. O termo compõe-se de **boi** - cobra, e de **corá** - círculo ou anel. (Confira-se Batista Caetano, s. vcbs.).

Esta voz **boicorá** passou para a lingua portugueza popular do Brasil, quando o idioma vitorioso dos invasores suplantou o abanheenga, ou, quanto a S. Paulo, ali por meados do século XVIII. O caipira, adoptando a nova lingua que se lhe impunha, continuou a principio a servir-se do termo abanheenga tal qual; mas não gostou muito do componente **boi**, que para êle começava já a ser outra coisa. Substituiu logo que pôde **boi** por **cobra**, e designou o ofídio por **cobra-corá**; isto porém não se operou tão rapidamente, que eu não chegasse a ouvir ainda muitas vezes, em Araraquara, na minha adolescência o termo **boicorá**, que teimava vivo nas classes mais arredias do convívio urbano.

O nome vulgar actual — cobra-coral — provém de reacção erudita ou pseudo rudita Eu me explico:

O caipira brasileiro tem horror aos éles finaes: — compare-se **animá**, **cafezá**, **capinzá**, **coroné**, etc. Assim, os eruditos ou pseudoeruditos, quando ouviam do caipira o apelativo cobra-corá, su unham que o segundo elemento do vocábulo era corrupção do termo português **coral**. Concorreu decisivamente para essa suposição a côr vermelha de certos aneis daquelas serpentes, e até a côr francamente coralina que apresentam algumas elápidomorfas no corpo todo, desprovido de aneis. Estas últimas serpentes davam a lembrar, de facto, os colares de coral tão em voga ao tempo da evolução fonética de corá para coral.

E eis aí como afinal se generalizou por todo o Brasil o nome cobra-coral.

Salvo melhor juizo.

MOTA COQUEIRO

34 Esta deveria ser n. XII.

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) Sabbado, 6 de - (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 6 Julho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

XI

Boicorá – Cobra corà – Cobra-coral

O abanheenga, ou língua geral do Brasil, designava pelo nome de **boicorá** diversas espécies de cobra do gênero Elaps, a saber, as que tem aneis transversais no corpo, coloridos de preto, branco, vermelho. O termo compõe-se de **boi** – cobra, e de **corá** – círculo ou anel. (Confira-se Batista Caetano, s. vcbs.).

Esta voz **boicorá** passou para a língua portugueza popular do Brasil, quando o idioma vitorioso dos invasores suplantou o abanheenga, ou, quanto a S. Paulo, ali por meados do século XVIII. O caipira, adoptando a nova lingua que se lhe impunha, continuou a principio a servir-se do termo abanheenga tal qual; mas não gostou muito do componente **boi**, que para êle começava já a ser outra coisa. Substituiu logo que pôde **boi** por **cobra**, e designou o ofídio por **cobra-corá**; isto porém não se operou tão rapidamente, que eu não chegasse a ouvir ainda muitas vezes, em Araraquara, na minha adolescência o termo **boicorá**, que teimava vivo nas classes mais arredias do convívio urbano.

O nome vulgar actual – cobra-coral – provém de reacção erudita ou pseudoerudita. Eu me explico:

O caipira brasileiro tem horror aos éles finaes: - compare-se **animá**, **cafezá**, **capinzá**, **coroné**, etc. Assim, os eruditos ou pseudoeruditos, quando ouviam do caipira o apelativo cobra-corá, supunham que o segundo elemento do vocábulo era corrupção do termo português **coral**. Concorreu decisivamente para essa suposição a côr vermelha de certos aneis daquelas serpentes, e até a côr francamente coralina que apresentam algumas elápidomorfas no corpo todo, desprovido de aneis. Estas últimas serpentes davam a lembrar, de facto, os colares de coral tão em voga ao tempo da evolução fonética de corá para coral.

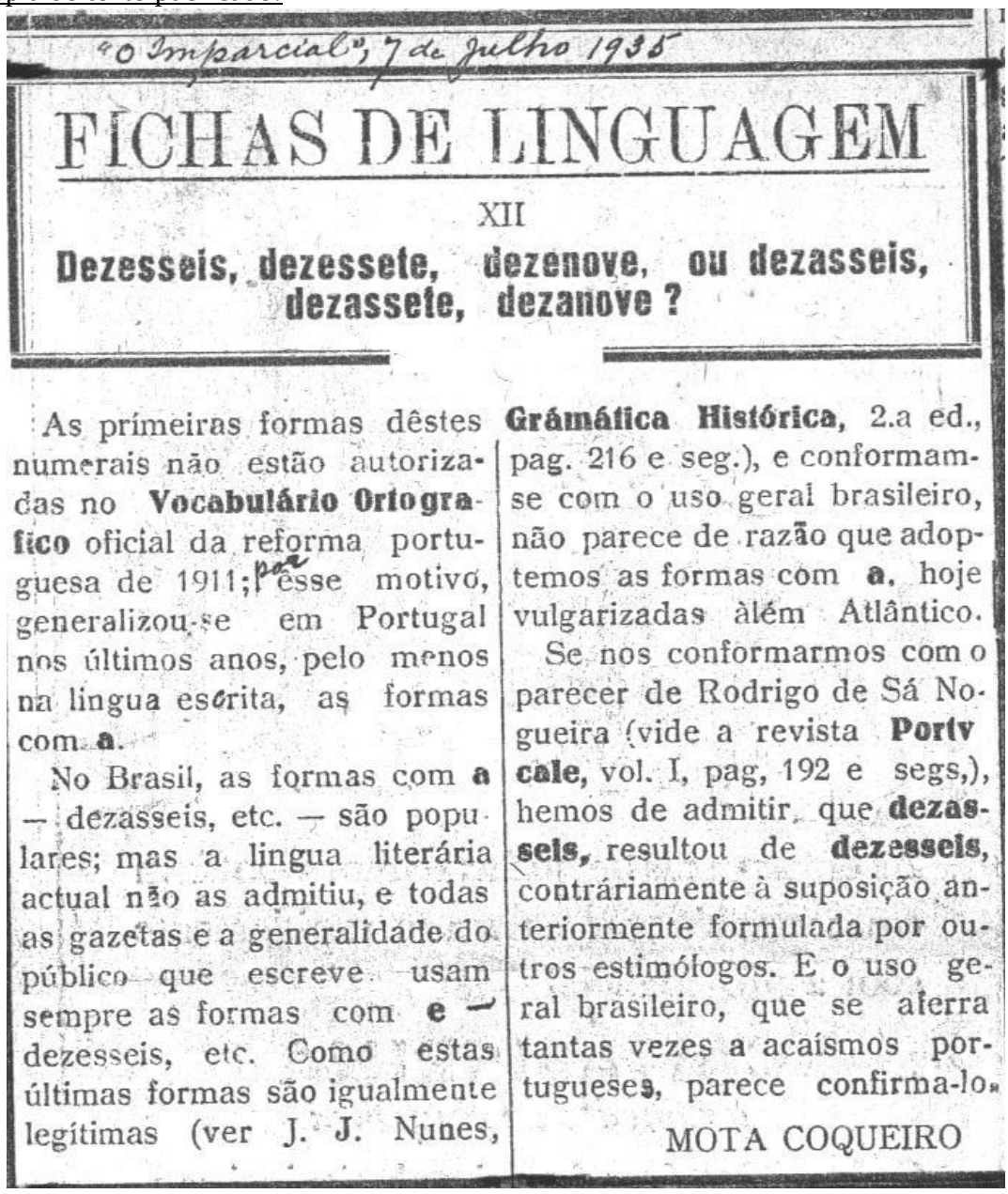
E eis aí como afinal se generalizou por todo o Brasil o nome cobra-coral.

Salvo melhor juizo.

MOTA COQUEIRO

14- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XII[35]: Dezesseis, dezessete, dezenove, ou dezasseis, dezassete, dezanove? *O Imparcial.* Araraquara, 7 jul. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



"O Imparcial", 7 de julho 1935

FICHAS DE LINGUAGEM

XII

Dezesseis, dezessete, dezenove, ou dezasseis, dezassete, dezanove?

As prímeiras formas dêstes numerais não estão autorizadas no **Vocabulário Ortográfico** oficial da reforma portuguesa de 1911; por êsse motivo, generalizou-se em Portugal nos últimos anos, pelo menos na lingua escrita, as formas com **a**.

No Brasil, as formas com **a** — dezasseis, etc. — são populares; mas a lingua literária actual não as admitiu, e todas as gazetas e a generalidade do público que escreve usam sempre as formas com **e** — dezesseis, etc. Como estas últimas formas são igualmente legítimas (ver J. J. Nunes, **Grámática Histórica**, 2.a ed., pag. 216 e seg.), e conformam-se com o uso geral brasileiro, não parece de razão que adoptemos as formas com **a**, hoje vulgarizadas àlém Atlântico.

Se nos conformarmos com o parecer de Rodrigo de Sá Nogueira (vide a revista **Portvcale**, vol. I, pag, 192 e segs,), hemos de admitir que **dezasseis**, resultou de **dezesseis**, contráriamente à suposição anteriormente formulada por outros estimólogos. E o uso geral brasileiro, que se aferra tantas vezes a acaísmos portugueses, parece confirma-lo.

MOTA COQUEIRO

35 Esta deveria ser n. XIII.

Transcrição:

(Manuscrito na margem superior: - “O Imparcial”, 7 de Julho 1935.)

FICHAS DE LINGUAGEM

XII

Dezesseis, dezessete, dezenove, ou dezasseis, dezassete, dezanove?

As primeiras formas dêstes numerais não estão autorizadas no **Vocabulário Ortografico** oficial da reforma portuguesa de 1911; [por] esse motivo, generalizou-se em Portugal nos últimos anos, pelo menos na língua escrita, as formas com **a**.

No Brasil, as formas com **a** – dezasseis, etc. – são populares; mas a lingua literária actual não as admitiu, e todas as gazetas e a generalidade do público que escreve usam sempre as formas com **e** – dezesseis, etc. Como estas últimas formas são igualmente legítimas (ver J. J. Nunes, **Grámática Histórica**, 2.a ed., pag. 216 e seg.), e conformam-se com o uso geral brasileiro, não parece de razão que adoptemos as formas com **a**, hoje vulgarizadas àlém Atlântico.

Se nos conformarmos com o parecer de Rodrigo de Sá Nogueira (vide a revista **Portvcale**, vol. I, pag. 192 e segs.), hemos de admitir que **dezasseis**, resultou de **dezesseis**, contráriamente à suposição anteriormente formulada por outros estimólogos. E o uso geral brasileiro, que se aferra tantas vezes a acaísmos portugueses, parece confirma-lo.

MOTA COQUEIRO

15 – COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XIV: Lúdicro ou lúdrico? *O Imparcial.* Araraquara, 12 jul. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Araraquara (S. Paulo) 6.a-feira, 12 d

FICHAS DE LINGUAGEM

XIV

Lúdicro ou lúdrico?

Já aqui nesta série de artiguêtes que ninguem lê, contei uma historieta do vocábulo **micer**, e incidentemente referi que **lúdicro** foi averbado na segunda edição do **Novo Dic.** por indicação minha.

Hoje a historieta vai ser dêste último vocábulo; e embora seu tanto longa, talvez seja mais curiosa.

—x—

O autor do **Novo Dic.**, desde que recebeu aragem de **lúdicro**, tratou de o averbar, o que de facto fêz na segunda edição da obra, em 1913. Mas o tipógrafo lisboêta trocou o lugar do érre no vocábulo, desfigurando-o para **lúdrico**— aliás muitos anos antes que o tipógrafo araraquarense tomasse a liberdade de fazer o mesmo a 26 de junho passado . . . . .

Essa metátese do èrre, que aqui no «Imparcial» não teve nenhuma importância, lá no dicionário causou sérios transtórnos . . . . .

O primeiro transtôrno atingiu os consulentes da obra, que acompanhando em bôa fé a seqüência alfabética da respectiva coluna, e topando ali **lúdrico**, não podiam esperar que **ludo**, **ludomania**, **ludreiro** e **ludrenio** estavam averbados mais abaixo.

O Sr. Figueiredo, na terceira edição do léxico, em 1922, corrigiu a grafia do termo, que lhe saiu da estampa perfeitamente conforme á verdade, burlada antes com prejuizo de terceiros . . . . . Mas a emenda sempre lhe há de ter causado algum pequeno transtorno, que é o segundo.

O terceiro coube à empresa do **Dic. Contemporâneo**. Esta empresa encarregou o Sr. Silva Bastos, que é tambem lexicógrafo, de lhe preparar a segunda edição, que veio a sair impressa em 1925. O Sr. Bastos, ou alguem por êle, deu minudente busca nas três edições do **Novo Dic.** até então publicadas, e delas copiou, honestamente, sem alteração de uma virgula, muitíssimos verbetes que lhe pareceram úteis aos consulentes de bôa-fé ou não.

Entre outros, lá lhe conveio o tal, que, por caipora, foi buscar na segunda edição do colega. Copiou-o honestamente na definição, com o êrro e tudo, e achegou-o cuidadosamente para a ordem alfabética que o outro tinha descurado . . . . Não concordou todavia com o étimo latino que ali viu — **ludicrus**, — que lhe pareceu desconforme ao vocábulo definido, e alterou o para **ludricus**, forma esta que melhor cabia á paternidade romana do termo . . . errado.

Quarto transtôrno: — O Sr. Figueiredo, ao preparar a quarta edição do **Novo Dic.** (1926), viu a cópia, e n tou que o copista preferiu a forma arranjada pelo tipógrafo de 1913, abordoando-se a um latim **ludricus** que êle não podia conhecer (a forma latina é ludicrus). Entrou a desconfiar de si mesmo. E como não podia fàcilmente conferir o têxto do **Monge de Cister** que eu lhe apontara, por ser outra a edição de que dispunha — conformou-se com a escolha do **Contemporaneo**, e voltou a averbar a palavra com a metátese originária do tipógrafo, abandonando na contra marcha á correcta f rma latina a que antes se socorrera, que trocou pela refalsada filha do copista infeliz . . . . .

Quinto e, por ora, último transtôrno: — Novo esquecimento, no preparo da ordem alfabética que veio a tocar ao vocábulo recambiado, faz que lá figure para sempre na quarta edição do **Novo Dic** o verbete **ludrico**, fora do seu lugar, apoiado por uma abonação que o não abona e, de mais a mais, filiado a uma palavra latina criada pela conveniência do colega . . . . .

Uma caipora nunca vem sòzinha . . . . .

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 6ª-feira, 12 de - (manuscrito na margem superior, que tem recorte irregular: - "O Imparcial", 12 Julho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

XIV

Lúdicro ou lúdrico?

Já aqui nesta série de artiguêtes que nunguém lê, contei uma historieta do vocábulo **micer**, e incidentemente referi que **lúdicro** foi averbado na segunda edição do **Novo Dic.** Por indicação minha.

Hoje a historieta vai ser dêste último vocábulo; e embora seu tanto longa, talvez seja mais curiosa.

_____x_____

O autor do **Novo Dic.**, desde que recebeu aragem de **lúdicro**, tratou de o averbar, o que de facto fêz na segunda edição da obra, em 1913. Mas o tipógrafo lisboêta trocou o lugar do érre no vocábulo, desfigurando-o para **lúdrico** – aliás muitos anos antes que o tipógrafo araraquarense tomasse a liberdade de fazer o mesmo a 26 de junho passado.....

Essa metátese do èrre, que aqui no "Imparcial" não teve nenhuma importância, lá no dicionário causou sérios transtôrnos.....

O primeiro transtôrno atingiu os consulentes da obra, que acompanhando em bôa fé a seqüência alfabética da respectiva coluna, e topando ali **lúdrico**, não podiam esperar que **ludo**, **ludomania**, **ludreiro** e **ludrento** estavam averbados mais abaixo.

O Sr. Figueiredo, na terceira edição do léxico, em 1922, corrigiu a grafia do termo, que lhe saiu da estampa perfeitamente conforme á verdade, burlada antes com prejuizo de terceiros..... Mas a emenda sempre lhe há de ter causado algum pequeno transtôrno, que é o segundo.

O terceiro coube à empresa do **Dic. Contemporâneo**. Esta empresa encarregou o Sr. Silva Bastos, que é tambem lexicógrafo, de lhe preparar a segunda edição, que veio a sair impressa em 1925. O Sr. Bastos, ou alguem por êle, deu minudente busca nas três edições do **Novo Dic.**

até então publicadas, e delas copiou, honestamente, sem alteração de uma virgula, muitíssimos verbetes que lhe pareceram úteis aos consulentes de bôa-fé ou não.

Entre outros, lá lhe conveio o tal, que, por caipora, foi buscar na segunda edição do colega. Copiou-o honestamente na definição, com o êrro e tudo, e achegou-o cuidadosamente para a ordem alfabética que o outro tinha descurado.... Não concordou todavia com o étimo latino que ali viu – **ludicrus**, - que lhe pareceu desconforme ao vocábulo definido, e alterou o para **ludricus**, forma esta que melhor cabia á paternidade romana do termo... errado.

Quarto transtôrno: - O Sr. Figueiredo, ao preparar a quarta edição do **Novo Dic.** (1926), viu a cópia, e notou que o copista preferiu a forma arranjada pelo tipógrafo de 1913, abordoando-se a um latim **ludricus** que êle não podia conhecer (a forma latina é ludicrus). Entrou a desconfiar de si mesmo. E como não podia fàcilmente conferir o têxto do **Monge de Cister** que eu lhe apontara, por ser outra a edição de que dispunha – conformou-se com a escolha do **Contemporaneo**, e voltou a averbar a palavra com a metátese originária do tipógrafo, abandonando na contra

marcha a correcta forma latina a que antes se socorrera, que trocou pela refalsada filha do copista infeliz.....

Quinto e, por ora, último transtôrno: - Novo esquecimento, no preparo da ordem alfabética que veio a tocar ao vocábulo recambiado, faz que lá figure para sempre na quarta edição do **Novo Dic.** o verbete **ludrico**, fora do seu lugar, apoiado por uma abonação que o não abona e, de mais a mais, filiado a uma palavra latina criada pela conveniência do colega.....

Uma caipora nunca vem sòzinha.....

MOTA COQUEIRO

16- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XVI[36]: Rolinha xèrèré – Caracará. *O Imparcial.* Araraquara, 19 jul. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



"O Imparcial", 19 Julho 1935

Araraquara (S. Paulo) 6.a-feira, 19 de

FICHAS DE LINGUAGEM

XVI

Rolinha xèrèré — Caracará

Um correspondente anónimo, que data a sua carta de Bairro dos Machados, e termina a por uma série extensa de graçolas pouco amáveis, que lhe agradeço, e de nomes vulgares de aves da avifauna dali, ex, robra-me a leviandade (êle acha que isso é leviandade) de omitir o nome **rolinha xèrèré,** que é tambem da nomenclatura popular da pombinha cascavel ou fogo-apagou. O nome rolinha xèrèré eu tambem já ouvi há muitos anos, e não o consignei porque estas pequenas notas não tem o fim de suprir a ausência de dicionário enciclopédico. . . Acrecente se, pois, ao nome da **Scardafella Squamosa,** mais essa denominação popular, oriunda tambem do ruido do vôo da ave.

Conta-me o jocoso correspondente que, em um folheto sem capa e faltante de um ou mais cadernos do pincípio, pelo que êle não lhe sabe o nome, leu o nome de **caracará** dado ao falconídio **Milvago chimachima,** e que isso não confere com o que êle ouve todos os dias no bairro rural onde vive, pois ali o que se chama **carácará** é o **carancho (Polyborus plancus).** Esta observação do fastidioso epistológrafo é justa, pois eu tambem sempre tive **caracará e carancho** como dois nomes diversos de uma mesma ave, e posso acrescentar que, dos dois, acho mais razoável o primeiro, visto ser onomatopeia da voz daquêle gavião, que a emite quando, do tempo da procreação, se acham acasalados os pares.

Há muito mais na carta do abelhudo caipira do Bairro dos Machados; talvez eu volte a glosa la em outra oportunidade, se me não faltar Deus com a necessária pachorra.

MOTA COQUEIRO

36 Note-se que houve um intervalo de uma semana entre a ficha anterior e esta, sendo que vinham sendo publicadas diariamente. Não localizamos, na CPLC, o recorte da Ficha n. XV, mas o autor faz referência a ela no final do texto da Ficha nº XX.

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 6ª-feira, 19 de - (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 19 Julho 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

XVI

Rolinha xèrèré – Caracará

Um correspondente anónimo, que data a sua carta de Bairro dos Machados, e termina a por uma série extensa de graçolas pouco amáveis, que lhe agradeço, e de nomes vulgares de aves da avifauna dali, exprobra-me a leviandade (êle acha que isso é leviandade) de omitir o nome **rolinha xèrèré**, que é tambem da nomenclatura popular da pombinha cascavel ou fogo-apagou. O nome rolinha xèrèré eu tambem já ouvi há muitos anos, e não o consignei porque estas pequenas notas não tem o fim de suprir a ausência de dicionário enciclopédico... Acrescente-se, pois, ao nome da **Scardafella Squamosa**, mais essa denominação popular, oriunda tambem do ruido do vôo da ave.

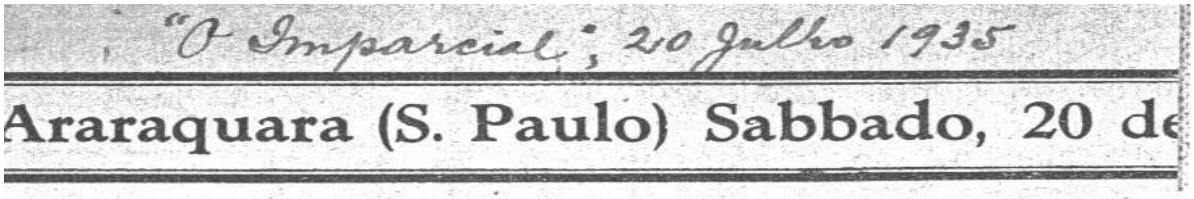
Conta-me o jocoso correspondente que, em um folheto sem capa e faltante de um ou mais cadernos do pincípio, pelo que êle não lhe sabe o nome, leu o nome de **caracará** dado ao falconídeo **Milvago chimachima**, e que isso não confere com o que êle ouve todos os dias no bairro rural onde vive, pois ali o que se chama **caracará** é o **carancho** (**Polyborus plancus**). Esta observação do fastidioso epistológrafo é justa, pois eu tambem sempre tive **caracará** e **carancho** como dois nomes diversos de uma mesma ave, e posso acrescentar que, dos dois, acho mais razoável o primeiro, visto ser onomatopeia da voz daquêle gavião, que a emite quando, do tempo da procreação, se acham acasalados os pares.

Há muito mais na carta do abelhudo caipira do Bairro dos Machados; talvez eu volte a glosa la em outra oportunidade, se me não faltar Deus com a necessária pachorra.

MOTA COQUEIRO

17 – COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XVII: Água vai! *O Imparcial.* Araraquara, 20 jul. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico, data e correções, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:


"O Imparcial", 20 Julho 1935

Araraquara (S. Paulo) Sabbado, 20 de

FICHAS DE LINGUAGEM

XVII

Agua vai!

Conta-nos Camílo, nas **Noites de insômnia** (vol. 3.o, pag. 27 e 28, Porto, 1874), que um «viajante bem criado» que visitou Lisboa em 1730, durante o reinado de D. João V, o Salomão do ocidente, fez dessa visita uma **Description de la ville de Lisbonne**, impressa em Paris naquêle ano. E o grande romancista traduz ali um trecho dessa descrição, nos seguintes termos:

«Esta grande cidade não é alumiada de noite, e é isso causa a que um homem se veja em embaraços para acertar com o seu caminho, e sofra sobre si os despejos de imundicies que lá se atiram das janelas às ruas, porque as casas não tem latrinas. A obrigação de cada qual é levar essas imundicies ao rio, para o que ha negras que se ocupam nêste serviço, muito baratas; mas a plebe não quer saber dessas ordens. Nas ruas não se anda de noite com bastante segurança, salvo quando se é, como lá dizem, **embuçado**, isto é, quando se envolve a gente em um farto capote, desde a cabeça até as canelas: é um trajar esquisito, de que usam as pessoas mais qualificadas, e até os principes, como trajo privilegiado e respeitado.»

— x

Vê-se da tradução transcrita, que os tais embuçados, príncipes ou não, haviam de trazer às vezes mais perfumes nos seus vastos capotes. . . . E' certo que, ao atirar os despejos á rua, era costume dar aviso: — «água vai!.» Parece, porém, que nem sempre o aviso costumeiro seria dado, porque vulgarizou-se na lingua, e ainda hoje se usa, o ditado «sem dizer água vai!».

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) Sabbado, 20 de - (manuscrito na margem superior: - "O Imparcial", 20 Julho 1935; correções manuscritas no corpo do texto).

FICHAS DE LINGUAGEM

XVII

Agua vai!

Conta-nos Camilo, nas **Noites de insômnia** (vol.3.º, pag. 27 e 28, Porto, 1874), que um "viajante bem criado" que visitou Lisboa em 1730, durante o reinado de D. João V, o Salomão do ocidente, fez dessa visita uma **Description de la ville de Lisbonne**, impressa em Paris naquêle ano. E o grande romancista traduz ali um trecho dessa descrição, nos seguintes termos:

"Esta grande cidade não é alumiada de noite, e é isso causa a que um homem se veja em embaraços para acertar com o seu caminho, e sofra sobre si os despejos de imundicies que lá se atiram das janelas às ruas, porque as casas não tem latrinas. A obrigação de cada qual é levar essas imundicies ao rio, para o que ha negras que se ocupam nêste serviço, muito baratas; mas a plebe não quer saber dessas ordens. Nas ruas não se anda de noite com bastante segurança, salvo quando se é, como lá dizem, **embuçado**, isto é, quando se envolve a gente em um farto capote, desde a cabeça até as canelas: é um trajar esquisito, de que usam as pessoas mais qualificadas, e até os principes, como trajo privilegiado e respeitado."

_____x_____

Vê-se da tradução transcrita, que os tais embuçados, príncipes ou não, haviam de trazer às vezes maus perfumes nos seus vastos capotes.....

É certo que, ao atirar os despejos á rua, era costume dar aviso: - "água vai!." Parece, porém, que nem sempre o aviso costumeiro seria dado, [pois] vulgarizou-se na lingua, e ainda hoje se usa, o ditado "sem dizer água vai!".

MOTA COQUEIRO

18- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XVIII[37]: Leque. *O Imparcial.* Araraquara, 30 [jul.] 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

XVIII

"O Imparcial", 30 de Junho de 1935

Leque

O Sr. Osório Duque-Estrada, em artigo datado de 24-11-1919 e publicado em março de 1920 (**Revista de lingua portugueza**, N.o 4, pag. 137), faz grande barulho em torno da descoberta da etimologia de **leque**, que reivindica para si, prevenindo-se como de grande perigo, contra o Sr. Gonçalves Viana, que, diz êle, tambem aceitou aquela etimologia, anos depois, sem mencionar o autor. . . .

Ora a proposta etimologia (Léquios) foi feita pelo filólogo português no 2.o vol. das **Apostilas**, que traz data de 1906; o Sr. Duque-Estrada afirma que publicara as suas notas em 1908, e que «há onze anos» (portanto, ainda, 1908) comunicara o caso a diversas pessoas.

A reivindicação, como se vê, não reivindica, por diferença de dois anos: — **Apostilas**, 1906; notas e comunicações, 1908. É de notar ainda que Dalgado (**Glossário luso asiático**, vb. **leque**) informa ter Gonçalves Viana publicado «um desenvolvido e erudito artigo na **Revista Lusitana**, reproduzido nas **Apostilas**, onde cita um documento de de 1561, em que figura a fraze **avano lequee**». Esta nota do **Glossário** mostra que a diferença para a efectividade da reivindicação é ainda maior de dois anos.

Verifico tambem que o Sr. Pedro de Azevedo, referindo-se à etimologia de **leque**, na **Rev. Lusitana**, vol. 88, 1904, cita ali um passo da mesma revista, vol. 7.o, 1902. Consulto êste passo, e vejo que nos **Estudos de filologia mirandesa**, Lisboa, 1909, o Sr. Leite de Vasconcelos apresentou como descoberta sua o tal étimo de **leque**, que, em 1899 o Sr. Cândido de Figueiredo havia ja entrevisto (**Novo Dic.**, 1.a ed.), e o cardeal Saraiva, segundo confessa o Sr. Vasconcelos, tinha positivamente mencionado quasi cem anos antes.....

Vê-se que a reivindicação estampada em 1920 não valeu a tinta. . . .

MOTA COQUEIRO

37 Novamente ocorre um intervalo diferente entre a ficha anterior e esta: dez dias. PLC equivoca-se também ao anotar a data de publicação: escreve mês de Junho, mas considerando a sequência numérica dos textos, o mês é Julho.

Transcrição:

Manuscrito logo abaixo do título: - “O Imparcial”, 30 de [Julho] de 1935.

FICHAS DE LINGUAGEM

XVIII

Leque

O Sr. Osório Duque-Estrada, em artigo datado de 24 11 1919 e publicado em março de 1920 (**Revista de língua portugueza**, N.º4, pag. 137), faz grande barulho em torno da descoberta da etimologia de **leque**, que reivindica para si, prevenindo se como de grande perigo, contra o Sr. Gonçalves Viana, que, diz êle, tambem aceitou aquela etimologia, anos depois, sem mencionar o autor...

Ora a proposta etimologia (Léquios) foi feita pelo filólogo português no 2.º vol. das **Apostìlas**, que traz data de 1906; o Sr. Duque Estrada afirma que publicara as suas notas em 1908, e que “há onze anos” (portanto, ainda,1908) comunicara o caso a diversas pessoas.

A reivindicação, como se vê, não reivindica, por diferença de dois anos: - **Apostilas**, 1906; notas e comunicações, 1908. É de notar ainda que Dalgado (**Glossário luso asiático**, vb. **leque**) informa ter Gonçalves Viana publicado “um desenvolvido e erudito artigo na **Revista Lusitana**, reproduzido nas **Apostilas**, onde cita um documento de 1561, em que figura a fraze **avano lequeo**”. Esta nota do **Glossário** mostra que a diferença para a efectividade da reivindicação é ainda maior de dois anos.

Verifico tambem que o Sr. Pedro de Azevedo, referindo-se à etimologia de **leque**, na **Rev**. **Lusitana**, vol. 88, 1904, cita ali um passo da mesma revista, vol. 7.º, 1902. Consulto êste passo, e vejo que nos **Estudos de filologia mirandesa,** Lisboa, 1909, o Sr. Leite de Vasconcelos apresentou como descoberta sua o tal étimo de **leque**, que, em 1899 o Sr. Cândido de Figueiredo havia ja entrevisto (**Novo Dic.**, 1.ª ed.), e o cardeal Saraiva, segundo confessa o Sr. Vasconcelos, tinha positivamente mencionado quasi cem anos antes.....

Vê-se que a reivindicação estampada em 1920 não valeu a tinta....

MOTA COQUEIRO

19- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XX[38]: Inho – inha – nhô – nhá – minho – inhô. *O Imparcial.* Araraquara, 3 ago. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

"O Imparcial", XX 3 Agosto 1935

Inho — inha — nhô — nhá — minho — inhô

«**Nha, inha,** formas proclíticas de «senhora»; **nha**-Maria, **nha** dona. Apesar de se escreverem geralmente com acento agudo, são átonas.

«**Nho, inho,** formas proclíticas de «senhor».

(Amadeu Amaral, **Dialecto caipira**, S. Paulo, 1920, s. vcbs.)

— o —

Nos passos citados, o valoroso observador da fala popular de S. Paulo equivocou-se, segundo creio.

Em primeiro lugar, as formas **nha, inha,** não se referem a senhora, pelo menos quando são proclíticas. São vozes átonas arcáicas do possessivo **minha,** como o declaram e demonstram J. J. Nunes (**Gramática histórica**, 2 a ed., pag. 252) e João Ribeiro (**Selecta Classica**, nota 73).

Quanto a **nho, inho** proclíticos, observarei que conheço na língua viva, por tê-lo ouvido muitas vezes de uma serviçal espanhola natural das raias de Portugal, o possessivo masculino **minho**, que ainda não vi em letras de estampa.

Aplicando se a êste possessivo masculino, regressivamente, o mesmo processo de derivação de que os filólogos citados tiraram o feminino **minha,** chegaremos ipso facto aos arcáicos **nho, inho,** de que trata Amadeu Amaral, igualmente sem intervenção do radical de senhor.

Em segundo lugar (e aqui está o outro equívoco do autor do **Dialecto caipira**), nem sem prea forma vocabular **inho** é átona e proclítica.

Ainda alcancei o varão **Inhô do Pinhal**, que foi homem de prol em S. Carlos no derradeiro quartel do século XIX. E eu próprio tive um tio, conhecido na família simplesmente por **Inhô**: — era o meu tio **Inhô** (que para outros foi o **Inhõ do Garcia**), fazendeiro no município do Tietê.

Nesta tonicidade do vocábulo, como na sua posição autônoma na frase, pode admitir-se que tenha havido influência de **senhor**. (Veja-se o artiguinho desta série, sob n.o XV **(Sinhô, Sinhá).**

MOTA COQUEIRO

38 Não localizamos, na CPLC, a Ficha n. XIX. PLC anotou a data de publicação como "3 de Agosto de 1935", portanto um intervalo de quatro dias em relação à anterior.

Transcrição:

Manuscrito logo abaixo do título: - “O Imparcial”, de 3 Agosto 1935.

FICHAS DE LINGUAGEM

XX

Inho – inha – nhô – nhá – minho – inhô

“Nha, inha, formas proclíticas de “senhora”; **nha**-Maria, **nha** dona. Apesar de se escreverem geralmente com acento agudo, são átonas....

“**Nho, inho**, formas proclíticas de “senhor”.

(Amadeu Amaral, **Dialecto caipira**, S. Paulo, 1920, s. vcbs.)

Nos passos citados, o valoroso observador da fala popular de S. Paulo equivocou-se, segundo creio.

Em primeiro lugar, as formas **nha, inha**, não se referem a senhora, pelo menos quando são proclíticas. São vozes átonas arcáicas do possessivo **minha**, como o declaram e demonstram J. J. Nunes (**Gramática histórica**, 2.ª ed., pag. 252) e João Ribeiro (**Selecta Classica**, nota 73).

Quanto a **nho, inho** proclíticos, observarei que conheço a língua viva, por tê-lo ouvido muitas vezes de uma serviçal espanhola natural das raias de Portugal, o possessivo masculino **minho**, que ainda não vi em letras de estampa. Aplicando-se a êste possessivo masculino, regressivamente, o mesmo processo de derivação de que os filólogos citados tiraram o feminino **minha**, chegaremos ipso facto aos arcáicos **nho, inho**, de que trata Amadeu Amaral, igualmente sem intervenção do radical de senhor.

Em segundo lugar (e aqui está o outro equívoco do autor de **Dialecto caipira**), nem sempre a forma vocabular **inho** é átona e proclítica.

Ainda alcancei o varão **inhô do Pinhal**, que foi homem de prol em S. Carlos no derradeiro quartel do século XIX. E eu próprio tive um tio, conhecido na família simplesmente por **Inhô**: - era o meu **tio Inhô** (que para outros foi o **InhÖ do Garcia**), fazendeiro no município do Tietê.

Nesta tonicidade do vocábulo, como na sua posição autônoma na frase, pode admitir-se que tenha havido influência de **senhor**. (Veja-se o artiguinho desta série, sob n.º XV (**Sinhô, Sinhà**).

MOTA COQUEIRO

20- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXI: Veio ou veiu? (verbo vir) – Ontem ou hontem? *O Imparcial*. Araraquara, 4 ago. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



"O Imparcial", 4 Agosto 1935

FICHAS DE LINGUAGEM

XXI

Veio ou veiu? (verbo vir) — Ontem ou hontem?

Dou abaixo um apanhado de trabalho que tenho escrito e arquivado no fichário, o qual não publico integralmente por piedade dos poucos leitores que me aturam. Daria cinco ou seis colunas do «O Imparcial», e seria crueldade requintada submetêr êsses poucos herois a tamanho sacrificio. . .

A escrita preferível, aconselhada por todos os mestres e pela analogia, é *veio*: — compare se freio, cheio, leio, creio, esteio, seio, nomeio, correio, semeio, etc. etc., que até agora ninguem se lembrou de escrever com u.

Parece que o u foi adoptado em *veiu* por algum etimologista mais teimoso que todos os mestres, que por ser assim teimoso intentou escrever português... em latim. Essa ideia *feliz*, diante da indiferença geral, pegou desastradamente, a ponto de levar alguns filólogos competentissimos a cair na curiosa anomalia de demonstrar e aconselhar a escrita *veio*, e ali mesmo, na mesma frase, escrever a palavra. . . com **u**! (Confira-se J. J. Nunes, *Um caso de fonética histórica*, in *A lingua portuguesa*, vol. 2.o, pag. 350).

Aqui em São Paulo então, onde a coisa mais lida que ha é o «Estado», e em bom segundo lugar estão os outros jornais da capital, os quais todos, por amor da constituição e do seu dispositivo sôbre ortografia, adoptam a forma *veiu* — aqui em S. Paulo, dizia eu, a correctíssima grafia com **o** chega até a causar estranheza!

E' caso perfeitamente paralelo ao de *ontem*, onde um agá audacioso se meteu clandestinamente, sem o consentimento de **nenhum** profissional da sciencia da linguagem, e aí se tem mantido contra a vontade das autoridades. Até hoje, so cedeu definitivamente aos empurrões dos fiscais, em Portugal, onde a polícia da lingua está muito mais bem organizada do que no Brasil. Aqui, continúa resistindo, porque a indiferença pública de um lado, e a teimosia da imprensa de outro, têm permitido a permanência na escrita de todos os absurdos [illegible] da verdade de **ontem** e da mentira convencional de **hontem**, não precisa tomar maiores incômodos: — basta abrir o *Dicionário etimológico* de Antenor Nascentes (Rio, 1932), obra conscienciosa e magistral, que a respeito dêsse, como de numerosíssimos outros termos, é uma verdadeira enciclopédia.

Quanto á verda e de *veio*, contra a infeliz forma usada pelas gazetas e pelos indiferentes em geral, as fontes de consulta estão mais dispersas. Delas já ficou uma citada; mas ha outras, não menos convincentes, e que são decerto mais de vinte. Entre elas sobressai, pelo precioso e gozado estilo professoral e dogmático, a lição do velho Madureira Feijó (*Orthographia*, Lisboa, 1861, pags. 27, 102 e 478).

Este célebre gramático foi verdadeiro ditador da lingua, ali pela segunda metade do século XVIII, e dominou mestres e discípulos no tempo de Nicolau Tolentino, que freqüentes vezes a êle faz referências nas suas sátiras. Uma destas, que vingou grande popularidade, é aquela em que o poeta, zombeteando do seu professor de português — frade «de sórdido roupão», que era «um poço de tabaco e de sciência» — refere nos que êste,

«Com a pitada nos dedos,
«E o Madureira na mão,
«Revelava altos segredos
«Do advérbio e conjunção.»

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Manuscrito na margem superior: - “O Imparcial”, 4 Agosto 1935.

FICHAS DE LINGUAGEM

XXI

Veio ou veiu? (verbo vir) – Ontem ou hontem?

Dou abaixo um apanhado de trabalho que tenho escrito e arquivado no fichário, o qual não publico integralmente por piedade dos poucos leitores que me aturam. Daria cinco ou seis colunas do “O Imparcial”, e seria crueldade requintada submetêr êsses poucos herois a tamanho sacrificio.

A escrita preferível, aconselhada por todos os mestres e pela analogia, é *veio*: - compare se freio, cheio, leio, creio, esteio, seio, nomeio, correio, semeio, etc. etc., que até agora ninguem se lembrou de escrever com u.

Parece que o u foi adoptado em *veiu* por algum etimologista mais teimoso que todos os mestres, que por ser assim teimoso intentou escrever português... em latim. Essa ideia *feliz*, diante da indiferença geral, pegou desastradamente, a ponto de levar alguns filólogos competentissimos a cair na curiosa anomalia de demonstrar e aconselhar a escrita *veio*, e ali mesmo, na mesma frase, escrever a palavra... com **u**! (Confira-se J. J. Nunes, *Um caso de fonética histórica*, in *A lingua portuguesa*, vol. 2.º, pag. 350).

Aqui em São Paulo então, onde a coisa mais lida que ha é o “Estado”, e em bom segundo lugar estão os outros jornais da capital, os quais todos, por amor da constituição e do seu dispositivo sôbre ortografia, adoptam a forma *veiu* – aqui em S. Paulo, dizia eu, a correctíssima grafia com **o** chega até a causar estranheza!

É caso perfeitamente paralelo ao de *ontem*, onde um agá audacioso se meteu clandestinamente, sem o consentimento de **nenhum** profissional da sciência da linguagem, e aí se tem mantido contra a vontade de autoridades. Até hoje, so cedeu definitivamente aos empurrões dos fiscais, em Portugal, onde a polícia da lingua está muito mais bem organizada do que no Brasil. Aqui, continúa resistindo, porque a indiferença pública de uma lado, e a teimosia da imprensa de outro, têm permitido a permanência na escrita de todos os absurdos.

[Ilegível] da verdade de **ontem** e da mentira convencional de **hontem**, não precisa tomar maiores incômodos: - basta abrir o *Dicionário etimológico* de Antenor Nascentes (Rio, 1932),

obra conscienciosa e magistral, que a respeito dêsse, como de numerosíssimos outros termos, é uma verdadeira enciclopédia.

Quanto á verdade de *veio*, contra a infeliz forma usada pelas gazetas e pelos indiferentes em geral, as fontes de consulta estão mais dispersas. Delas já ficou uma citada; mas ha outras, não menos convincentes, e que são decerto mais de vinte. Entre elas sobressai, pelo precioso e gozado estilo professoral e dogmático, a lição do velho Madureira Feijó (*Ortographia*, Lisboa, 1861, pags. 27, 102 e 478).

Este célebre gramático foi verdadeiro ditador da lingua, ali pela segunda metade do século XVIII, e dominou mestres e discípulos no tempo de Nicolau Tolentino, que freqüentes vezes a êle faz referência nas suas sátiras. Uma destas, que vingou grande popularidade, é aquela em que o poeta, zombeteando do seu professor de português – frade "de sórdido roupão", que era um "poço e tabaco e sciência" – refere nos que êste,

"Com a pitada nos dedos,
"E o Madureira na mão,
"Revelava altos segredos
"Do advérbio e conjunção."

MOTA COQUEIRO

21- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXII: Cedilha, plica, zeura. *O Imparcial*. Araraquara, 6 ago. 1935(39). Recorte com indicação manuscrita de data e referência ao fichário particular de PLC, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Araraquara (S. Paulo) 3,a-feira, 6 de agosto de 1935

FICHAS DE LINGUAGEM

XXII Compare a ficha 234 cifra, cerc. cillo

Cedilha, plica, zeura

Falou se aqui, ao propósito da escrita «çarigüê», no uso já antiquado dêsse sinal diacritico (a cedilha) no começo dos vocábulos.

É interessante notar que, ao passo que o Madureira propugnava, inda nos fins do século XVIII, pela necessidade de manter aquela grafia, para aviso da diferente modalidade de sons que então representava, já o Morais, em principios do século XIX (2.a ed., sob a letra C), cmobatia o seu uso, com o fundamento de que «só serve de embrulhar, e fazer a ortografia casuistica, e carregar a memoria de palavras, que se devem escrever com «ç», ou com «ss», e andar averiguando o como se escrevem em Latim, no Castelhano, e linguas d'onde as tomámos».

O emprego da cedilha tem sucessivamente perdido terreno atravéz dos tempos. Os escritores antigos, além de a usarem no começo de muitos vocábulos que hoje escrevemos com ésse, punham-na freqüentemente sob o cê do digrafo «ch», quando tinha o som de **xis**, diferençando-o assim do mesmo digrafo ainda hoje usado no Brasil com o som de cá ou quê; uso êste ultimo que, para felicidade geral, a ortografia portugueza de além mar já não conhece, e aqui perde terreno dia por dia, com grande mágua dos jornalistas cariocas ou não, e das assembleias constituintes.....

A Comissão de profissionais lingüistas, que organizou a ortografia oficial em Portugal nos anos de 1911 e 1920 — e que conseguiu, á custa de muito estudo e prudência, fazer uma das obras filológicas mais perfeitas que ha, e o melhor sistema ortográfico que até hoje já viu a lingua de Camões — aquela Comissão baniu da lingua o esdrúxulo dígrafo «ch» com o som de cá (quimica, por ex., em vez de chimica), mas não pôde, embaraçada pelas dificuldades naturais da fonética da lingua, nas diferentes modulações dialectais a que teve de atender, evitar o emprego do cê cedilhado, que no seu sistema ainda persiste alternando com os dois ésses mediais, contra a vontade do Morais e muito ao contento do Madureira Feijó.

O nome «plica» tem sido dado ao acento circunflexo (Morais, 2.a ed., v. «plica»), ao acento agudo (Simões da Fonseca, ed. revista por João Ribeiro, 1926, v. «plica») e á cedilha (Madureira, Orth., pag. 47). Os dicionários não definiram ainda, que eu saiba, o vocábulo «plica» no sentido de cedilha ou zeura. Aliás nenhum dêles averbou ainda o termo «zeura», que corre impresso na lingua dêsde o tempo da «Grammatica da lingua brasilica», do jesuita Luis Figueira (1687), onde poderá ser visto nas pags. 71 e 72 (ed. fac simile, Leipzig, 1878).

MOTA COQUEIRO

39 Intervalo de dois dias em relação à publicação da ficha anterior.

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 3.ª feira, 6 de (manuscrito na margem superior, embaixo da data: Agosto de 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

XXII

(Anotação de PLC ao lado do número e do título: "Compare a ficha 234 cifra, ces=ci??o"[palavra não decifrada])

Cedilha, plica, zeura

Falou se aqui, ao propósito da escrita "çarigüê", no uso já antiquado dêsse sinal diacrítico (a cedilha) no começo dos vocábulos.

É interessante notar que, ao passo que o Madureira propugnava, inda nos fins do século XVIII, pela necessidade de manter aquela grafia, para aviso da diferente modalidade de sons que então representava, já o Morais, em principios do século XIX (2.ª ed., sob a letra C), combatia o seu uso, com o fundamento de que "só serve de embrulhar, e fazer a ortografia casuistica, e carregar a memoria de palavras, que se devem escrever com "ç", ou com "ss", e andar averiguando o como se escrevem em Latim, no Castelhano, e linguas d'onde as tomámos".

O emprego da cedilha tem sucessivamente perdido terreno atravéz dos tempos. Os escritores antigos, além de a usarem no começo de muitos vocábulos que hoje escrevemos com ésse, punham-na freqüentemente sob o cê do digrafo "ch", quando tinha o som de xis, diferençando-o assim do mesmo digrafo ainda hoje usado no Brasil com o som de cá ou quê; uso êste ultimo que, para felicidade geral, a ortografia portugueza de além-mar já não conhece, e aqui perde terreno dia por dia, com grande mágua dos jornalistas cariocas ou não, e das assembleias constituintes.....

A Comissão de profissionais lingüistas, que organizou a ortografia oficial em Portugal nos anos de 1911 e 1920 – e que conseguiu, á custa de muito estudo e prudência, fazer uma das obras filológicas mais perfeitas que ha, e o melhor sistema ortográfico que até hoje já viu a lingua de Camões – aquela Comissão baniu da lingua o esdrúxulo dígrafo "ch" com o som de cá (quimica, por ex., em vez de chimica), mas não pôde, embaraçada pelas dificuldades naturais da fonética da lingua, nas diferentes modulações dialectais a que teve de atender, evitar o

emprego do cê cedilhado, que no seu sistema ainda persiste alternando com os dois ésses mediais, contra a vontade do Morais e muito ao contento do Madureira Feijó.

O nome "plica" tem sido dado ao acento circunflexo (Morais, 2.ª ed., v. "plica"), ao acento agudo (Simões da Fonseca, ed. revista por João Ribeiro, 1926, v. "plica") e á cedilha (Madureira, Orth., pag. 47). Os dicionários não definiram ainda, que eu saiba, o vocábulo "plica" no sentido de cedilha ou zeura. Aliás nenhum dêles averbou ainda o termo "zeura", que corre impresso na lingua dêsde o tempo da "Grammatica da lingua brasilica", do jesuita Luis Figueira (1687), onde poderá ser visto nas pags. 71 e 72 (ed. fac'simile, Leipzig, 1878).

MOTA COQUEIRO

22- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXIII: Ortografia ocular. *O Imparcial.* Araraquara, 7 ago. 1935. Recorte com indicação manuscrita de data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Araraquara (S. Paulo) 4.a-feira, 7 de Agosto, 1935

FICHAS DE LINGUAGEM

XXIII

Ortografia ocular

A ortografia «ocular» é aquela que os humoristas, os poetas, os literatos, os jornalistas, os politicos defendem contra as prescrições dos filólogos, por. . . . . estarem acostumados a vê-la e a praticá-la.

O seu a seu dono: — o qualificativo «ocular» não fui eu que inventei; creio que foi o Snr. Cândido de Figueiredo, o trabalhador incansável e denodado que criou «uma vasta coórte de amadores de estudos filológicos, os quais, desaparecido o capitão, pegaram na bandeira e continuaram o combate com êxito e valentia» (Mario Barreto, in «Revista de Cultura», vol. IV, pag. 97) Eu inventei só a definição da coisa. . . . .

—x—

Já foi dito ha dias num dos artiguetes desta interminável série de conversas dissaboridas, que dificilmente se avalia a força dos hábitos visuais na conservação dos maiores destempêros ortográficos da escrita arbitrária e incoerente, que tomou o nome de sistema usual ou misto.

Um dos maiores dislates da tal escrita usual, é aquele cá (k) contrabandeado para o inicio da palavra cágado. O motivo disso foi proteger o decôro e a delicadeza «ocular» de quem lê; mas ninguem se lembrou de proteger os ouvidos de quem ouve, com um acento preventivo na primeira sílaba, de modo que a lingua falada ficou á mercê da sua sorte infeliz. . . . Pois bem: — quando a Academia Brasileira de Letras, na sua aliás desastrada tentativa de 1907, propôs o destêrro **eterno** dáquela letra indiscreta, posta ali como um marco berrante, a chamar a atenção e a despertar a malicia — levantou-se no Rio um vernaculista eximio e professor ilustre, a protestar contra aquêle acto de bom senso, sob o fundamento de que a palavra, escrita com cê e acento agudo no primeiro a, ficaria ridicula. . . . .

Não se lembrou ele, obcecado como estava pelo brilho indiscreto daquêle cá, que o seu critério obrigaria a escrever se tambem Chikago, kubo e outras belezas (q. v. em C. Figueiredo, «A ortografia no Brasil», Lisboa, 1908, pag. 175), bem como a derriscar da lingua centos de palavras como abunda (verbo abundar), arranho (verbo arranhar), ventosa (crédo!) etc. etc.

—x—

O Dicionário Contemporâneo, porta estandarte da hipocrisia de kagado, não averbou em 1881 a forma cágado, que já vinha na «Prosódia latina» do Pe. Bento Pereyra (ed. 1741), no Morais desde 1813 (2.a ed.), no Constâncio em 1877 — nenhum dos quais consignou a tôla «descoberta» que vinha piorar as coisas.

Não obstante a obstenção da verdadeira forma da palavra, aquêle léxico averbava ali mesmo, no lugar que lhes competia logo abaixo dos vocábulos começados por «caf», o verbo com cujo participio teve medo se confundisse o nome do quelónio — e mais sete vocábulos formados do mesmo radical perfumado!

Na segunda ed., 1925, perdeu a pudicicia da primeira mocidade: — averbou cágado, que todavia não quis definir, remetendo o leitor para kagado, depois de avisar, de certo com desgosto, ter a ortografia oficial portuguesa adoptado a grafia com cê, que é hoje seguida gerálmente.

O resto da conversa fica transferido para outra «ficha».

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 4.ª-feira, 7 de (manuscrito na margem superior, com recorte irregular, embaixo da data: Agosto, 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

XXIII

Ortografia ocular

A ortografia "ocular" é aquela que os humoristas, os poetas, os literatos, os jornalistas, os politicos defendem contra as prescrições dos filólogos, por..... estarem acostumados a vê-la e a praticá-la.

O seu a seu dono: - o qualificativo "ocular" não fui eu que inventei; creio que foi o Snr. Cândido de Figueiredo, o trabalhador incansável e denodado que criou "uma vasta coórte de amadores de estudos filológicos, os quais, desaparecido o capitão, pegaram na bandeira e continuaram o combate com êxito e valentia" (Mario Barreto, in "Revista de Cultura", vol. IV, pag. 97). Eu inventei só a definição da coisa...

_____x_____

Já foi dito ha dias num dos artiguetes desta interminável série de conversas dissaboridas, que dificilmente se avalia a força dos hábitos visuais na conservação dos maiores destempêros ortográficos da escrita arbitrária e incoerente, que tomou o nome de sistema usual ou misto.

Um dos maiores dislates da tal escrita usual, é aquele cá (k) contrabandeado para o inicio da palavra cágado. O motivo disso foi proteger o decôro e a delicadeza "ocular" de quem lê; mas ninguem se lembrou de proteger os ouvidos de quem ouve, com um acento preventivo na primeira sílaba, de modo que a lingua falada ficou á mercê da sua sorte infeliz.... Pois bem: - quando a Academia Brasileira de Letras, na sua aliás desastrada tentativa de 1907, propôs o destêrro eterno dáquela letra indiscreta, posta ali como um marco berrante, a chamar a atenção e a despertar a malicia – levantou-se no Rio um vernaculista eximio e professor ilustre, a protestar contra aquêle acto de bom senso, sob o fundamento de que a palavra, escrita com cê e acento agudo no primeiro a, ficaria ridicula...

Não se lembrou ele, obcecado como estava pelo brilho indiscreto daquêle cá, que o seu critério obrigaria a escrever se tambem Chikago, kubo e outras belezas (q. v. em C. Figueiredo,

"A ortografia no Brasil", Lisboa, 1908, pag. 175), bem como a derriscar da lingua centos de palavras como abunda (verbo abundar), arranho (verbo arranhar), ventosa (crédo!) etc. etc.

_____x_____

O Dicionário Contemporâneo, porta estandarte da hipocrisia de kagado, não averbou em 1881 a forma cágado, que já vinha na "Prosódia latina" do Pe. Bento Pereyra (ed. 1741), no Morais desde 1813 (2.ª ed.), no Constâncio em 1877 – nenhum dos quais consignou a tôla "descoberta" que vinha piorar as coisas.

Não obstante a obstenção da verdadeira forma da palavra, aquêle léxico, averbava ali mesmo, no lugar que lhes competia logo abaixo dos vocábulos começados por "caf", o verbo com cujo participio teve medo se confundisse o nome do quelónio – e mais sete vocábulos formados do mesmo radical perfumado!

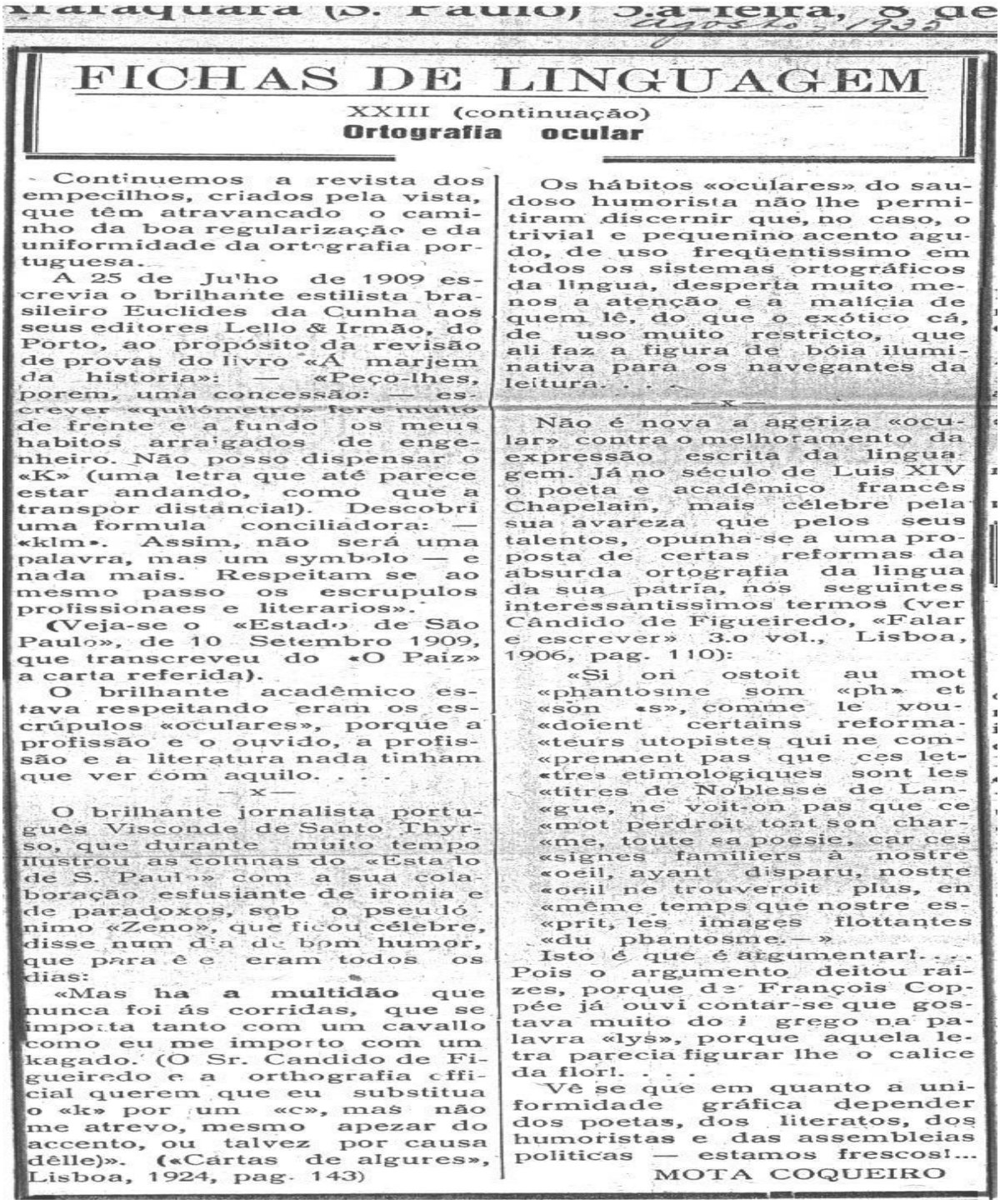
Na segunda ed., 1925, perdeu a pudicicia da primeira mocidade: - averbou cágado, que todavia não quis definir, remetendo o leitor para kagado, depois de avisar, de certo com desgosto, ter a ortografia oficial portuguesa adoptado a grafia com cê, que é hoje seguida gerálmente.

O resto da conversa fica transferido para outra "ficha".

MOTA COQUEIRO

23- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXIII (continuação): Ortografia ocular. *O Imparcial,* Araraquara, 8 ago. 1935. Recorte com indicação manuscrita de data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Araquara (S. Paulo) 3.a-feira, 8 de agosto de 1935

FICHAS DE LINGUAGEM

XXIII (continuação)

Ortografia ocular

Continuemos a revista dos empecilhos, criados pela vista, que têm atravancado o caminho da boa regularização e da uniformidade da ortografia portuguesa.

A 25 de Julho de 1909 escrevia o brilhante estilista brasileiro Euclides da Cunha aos seus editores Lello & Irmão, do Porto, ao propósito da revisão de provas do livro «A marjem da historia»: — «Peço-lhes, porem, uma concessão: — escrever «quilómetro» fere muito de frente e a fundo os meus habitos arraigados de engenheiro. Não posso dispensar o «K» (uma letra que até parece estar andando, como que a transpor distancia!). Descobri uma formula conciliadora: — «klm». Assim, não será uma palavra, mas um symbolo — e nada mais. Respeitam se ao mesmo passo os escrupulos profissionaes e literarios».

(Veja-se o «Estado de São Paulo», de 10 Setembro 1909, que transcreveu do «O Paiz» a carta referida).

O brilhante academico estava respeitando eram os escrúpulos «oculares», porque a profissão e o ouvido, a profissão e a literatura nada tinham que ver com aquilo. . . .

— x —

O brilhante jornalista português Visconde de Santo Thyrso, que durante muito tempo illustrou as colunas do «Estado de S. Paulo» com a sua colaboração esfusiante de ironia e de paradoxos, sob o pseudónimo «Zeno», que ficou célebre, disse num dia de bom humor, que para elle eram todos os dias:

«Mas ha a multidão que nunca foi ás corridas, que se importa tanto com um cavallo como eu me importo com um kagado.' (O Sr. Candido de Figueiredo e a orthografia official querem que eu substitua o «k» por um «c», mas não me atrevo, mesmo apezar do accento, ou talvez por causa dêlle)». («Cártas de algures», Lisboa, 1924, pag. 143)

Os hábitos «oculares» do saudoso humorista não lhe permitiram discernir que, no caso, o trivial e pequenino acento agudo, de uso freqüentissimo em todos os sistemas ortográficos da lingua, desperta muito menos a atenção e a malícia de quem lê, do que o exótico cá, de uso muito restricto, que ali faz a figura de bóia iluminativa para os navegantes da leitura. . . .

— x —

Não é nova a ageriza «ocular» contra o melhoramento da expressão escrita da linguagem. Já no século de Luis XIV o poeta e académico francês Chapelain, mais célebre pela sua avareza que pelos seus talentos, opunha-se a uma proposta de certas reformas da absurda ortografia da lingua da sua patria, nos seguintes interessantissimos termos (ver Cândido de Figueiredo, «Falar e escrever» 3.o vol., Lisboa, 1906, pag. 110):

«Si on ostoit au mot «phantosme son «ph» et «son «s», comme le vou- «doient certains reforma- «teurs utopistes qui ne com- «prennent pas que ces let- «tres etimologiques sont les «titres de Noblesse de Lan- «gue, ne voit-on pas que ce «mot perdroit tout son char- «me, toute sa poesie, car ces «signes familiers à nostre «oeil, ayant disparu, nostre «oeil ne trouveroit plus, en «même temps que nostre es- «prit, les images flottantes «du phantosme. — »

Isto é que é argumentar! . . . Pois o argumento deitou raizes, porque de François Coppée já ouvi contar-se que gostava muito do *i* grego na palavra «lys», porque aquela letra parecia figurar lhe o calice da flor! . . .

Vê se que em quanto a uniformidade gráfica depender dos poetas, dos literatos, dos humoristas e das assembleias politicas — estamos frescos!...

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 5.ª-feira, 8 de (manuscrito na margem superior, com recorte irregular, embaixo da data: Agosto, 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

XXIII (continuação)

Ortografia ocular

Continuemos a revista dos empecilhos, criados pela vista, que têm atravancado o caminho da boa regularização e da uniformidade da ortografia portuguesa.

A 25 de Julho de 1909 escrevia o brilhante estilista brasileiro Euclides da Cunha aos seus editores Lello & Irmão, do Porto, ao propósito da revisão de provas do livro "Á marjem da historia": - "Peço-lhes, porem, uma concessão: - escrever "quilómetro" fere muito de frente e a fundo os meus habitos arraigados de engenheiro. Não posso dispensar o "K" (uma letra que até parece estar andando, como que a transpor distancial). Descobri uma formula conciliadora: - "klm". Assim, não será uma palavra, mas um symbolo – e nada mais. Respeitam se ao mesmo passo os escrupulos profissionaes e literarios".

(Veja-se o "Estado de São Paulo", de 10 Setembro 1909, que transcreveu do "O Paiz" a carta referida).

O brilhante acadêmico estava respeitando eram os escrúpulos "oculares", porque a profissão e o ouvido, a profissão e a literatura nada tinham que ver com aquilo...

O brilhante jornalista português Visconde de Santo Thyrso, que durante muito tempo ilustrou as colunas do "Estado de S. Paulo" com a sua colaboração esfusiante de ironia e de paradoxos, sob o pseudónimo "Zeno", que ficou célebre, disse num dia de bom humor, que para êle eram todos os dias:

"Mas ha a multidão que nunca foi ás corridas, que se importa tanto com um cavallo como eu me importo com um kagado. (O Sr. Candido de Figueiredo e a orthografia official querem que eu substitua o "k" por um "c", mas não me atrevo, mesmo apezar do accento, ou talvez por causa dêlle)". ("Cartas de algures", Lisboa, 1924, pag. 143)

Os hábitos "oculares" do saudoso humorista não lhe permitiram discernir que, no caso, o trivial e pequenino acento agudo, de uso freqüentissimo em todos os sistemas ortográficos da

lingua, desperta muito menos a atenção e a malícia de quem lê, do que o exótico cá, de uso muito restricto, que ali faz a figura de bóia iluminativa para os navegantes da leitura....

_____x_____

Não é nova a ageriza "ocular" contra o melhoramento da expressão escrita da linguagem. Já no século de Luis XIV o poeta e acadêmico francês Chapelain, mais célebre pela sua avareza que pelos seus talentos, opunha-se a uma proposta de certas reformas da absurda ortografia da lingua da sua patria, nos seguintes interessantissimos termos (ver Cândido de Figueiredo, "Falar e escrever", 3.º vol., Lisboa, 1906, pag. 110):

"Si on ostoit au mot
"phantosme som "ph" et
"son "s", comme le vou-
"doient certains reforma-
"teurs utopistes qui ne com-
"prennent pas que ces let-
"tre" etimologiques sont les
"titres de Noblesse de Lan-
"gue, ne voit-on pas que ce
"mot perdroit tont son char-
"me, toute sa poesie, car ces
"signes familiers à nostre
"oeil, ayant disparu, nostre
"oeil ne trouveroit plus, en
"même temps que nostre es-
"prit, les images flottantes
"du phantosme. –"

Isto é que é argumentar!.... Pois o argumento deitou raizes, porque de François Coppée já ouvi contar-se que gostava muito do i grego na palavra "lys", porque aquela letra parecia figurar lhe o calice da flor!....

Vê se que em quanto a uniformidade gráfica depender dos poetas, dos literatos, dos humoristas e das assembleias politicas – estamos frescos!...

MOTA COQUEIRO

24- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXIV: Inho, zinho, (ito, zito). *O Imparcial.* Araraquara, 9 ago. 1935. Recorte com indicação manuscrita de data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Araraquara (S. Paulo) 6.a-feira, 9 de agosto, 1935

FICHAS DE LINGUAGEM

XXIV

Inho, zinho, (ito, zito)

Ha divergência entre os gramáticos a respeito de saber-se que papel representa o zê nos deminutivos «zinho», «zito». Querem uns que o zê séja um infixo, ou letra de ligação, ali metida por eufonia, ou por forças analógicas, se razões eufónicas o não explicam. Em «botãozinho», por exemplo, entrou êle p r eufonia; em «botõezinhos» entraria por força analógica (?), desde que «botõesinhos» (botões inhos) nada tem de antieufônico.

A êste grupo de legisladores pertencem: — Carlos Goes, «Diccionario de affixos», Rio, 1913, pag. 295; J. Leite de Vasconcelos, «Opúsculos, Filologia», Coimbra, 1928, pags. 437-438; J. J. Nunes, «Gramática histórica», Lisboa, 1930, pag. 380 (nota); Ed. Carlos Pereira, «Grammatica historica», S. Paulo, 1919, pag. 148-149: Sousa da Silveira, «Lições de português», Rio 1934, pag. 119.

Querem outros que o zê seja parte integrante do sufixo e não letra adventicia. Para êstes, o sufixo de «menininho», por exemplo, não é o mesmo de «meninozinho». E' o que logicamente se deduz da doutrina exposta por: — Gonçalves Viana, «Ortografia Nacional», Lisboa, 1904, pag. 123; Cândido de Figueiredo, «Problemas da linguagem», Lisboa, 1905, pag. 252; Rodrigo de Sá Nogueira, in «Portucale», vol. 5.o, pag. 25. Êste último autor, que muito se tem especializado em pesquisas etimológicas e efeitos de analogias, corrigindo-se a si próprio, declara ali que «os elementos como o zê de «amorzinho». . . . etc., não são infixos, mas partes integrantes de sufixos».

— x —

O Snr. Mario Barreto, adoptando para seu uso pessoal a doutrina de Gonçalves Viana (em «De gramática e de linguagem», Rio, 1922, pag. 120, por exemplo, escreveu «questõezinhas»), transcreveu como lição («Através do dicionário e da gramática», Rio, 1927, pag. 225) a regra formulada por aquêle mestre, e exemplificou largamente.

Entre os exemplos, porém, não apresentou as formas «vintemzinhos» e «homemzinhos» que, por um dêsses descuidos a que os mais altos espiritos não escapam, fazem parte da lista apresentada na «Ortografia Nacional», loc. cit.

Logo depois, o acatado e ilustre profêssor carioca quis socorrer-se tambem da prática dos bons escritores, como é do seu feitio literário. Mas o socorro ia lhe saindo um pouco às avessas, quando viu que uns escreveram «questõeszinhas, nuvenszinhas», e outros abriram mão do zê, contentando se de acrescentar às formas plurais, que têm ésse, o muito exacto e muito vivaz sufixo «inho» — único aceitável nas formas singulares em ésse, como pires, ourives. alferes. ou em zê como noz, fôz, az.

O sagaz timoneiro da linguagem, pressentindo o mau sucêsso da viagem através dos escolhos disseminados pelos melhores autores da lingua escrita — interrompeu a derrota, e terminou a lição em periodo aberto pela fase dubitativa «seja lá como fôr», onde só afirma deveras que «coraçãozinhos» e «acçãozinhas», estão mal, e que «coraçõesinhos» ou «coraçõezinhos», «acçõesinhas» ou «acçõezinhas» é que estão bem.

E. . . . a história ainda não acabou, nem sei se acabará amanhã.

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) 6.ª-feira, 9 de (manuscrito na margem superior, embaixo da data: Agosto, 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

XXIV

Inho, zinho, (ito, zito)

Há divergência entre os gramáticos a respeito de saber-se que papel representa o zê nos deminutivos "zinho", "zito". Querem uns que o zê séja um infixo, ou letra de ligação, ali metida por eufonia, ou por forças analógicas, se razões eufónicas o não explicam. Em "botãozinho", por exemplo, entrou êle por eufonia; em "botõezinhos" entraria por força analógica (?), desde que "botõesinhos" (botões inhos) nada tem de antieufônico.

A êste grupo de legisladores pertencem: - Carlos Goes, "Diccionario de affixos", Rio, 1913, pag. 295; J. Leite de Vasconcelos, "Opúsculos, Filolofia", Coimbra, 1928, pags. 437-438; J. J. Nunes, "Gramática histórica", Lisboa, 1930, pag. 380 (nota); Ed. Carlos Pereira, "Grammatica historica", S. Paulo, 1919, pag. 148-149; Sousa da Silveira, "Lições de português", Rio 1934, pag. 119.

Querem outros que o zê seja parte integrante do sufixo e não letra adventicia. Para êstes, o sufixo de "menininho", por exemplo, não é o mesmo de "meninozinho". É o que logicamente se deduz da doutrina exposta por: - Gonçalves Viana, "Ortografia Nacional", Lisboa, 1904, pag.123; Cândido de Figueiredo, "Problemas da linguagem", Lisboa, 1905, pag. 252; Rodrigo de Sá Nogueira, in "Portucale", vol. 5.º, pag. 25. Êste último autor, que muito se tem especializado em pesquisas etimológicas e efeitos de analogias, corrigindo-se a si próprio, declara ali que "os elementos como o zê de "amorzinho".... etc., não são infixos, mas partes integrantes de sufixos".

_____x_____

O Snr. Mario Barreto, adoptando para seu uso pessoal a doutrina de Gonçalves Viana (em "De gramática e de linguagem", Rio, 1922, pag. 120, por exemplo, escreveu "questõezinhas"), transcreveu como lição ("Através do dicionário e da gramática", Rio, 1927, pag. 225) a regra formulada por aquêle mestre, e exemplificou largamente.

Entre os exemplos, porém, não apresentou as formas “vintemzinhos” e “homemzinhos” que, por um dêsses descuidos a que os mais altos espiritos não escapam, fazem parte da lista apresentada na “Ortografia Nacional”, loc. cit.

Logo depois, o acatado e ilustre profêssor carioca quis socorrer-se tambem da prática dos bons escritores, como é do seu feitio literário. Mas o socorro ia lhe saindo um pouco às avessas, quando viu que uns escreveram “questõeszinhas, nuvenszinhas”, e outros abriram mão do zê, contentando se de acrescentar às formas plurais, que têm ésse, o muito exacto e muito vivaz sufixo “inho” – único aceitável nas formas singulares em ésse, como pires, ourives, alferes, ou em zê como noz, foz, az.

O sagaz timoneiro da linguagem, pressentindo o mau sucesso da viagem através dos escolhos disseminados pelos melhores autores da lingua escrita – interrompeu a derrota, e terminou a lição em periodo aberto pela frase dubitativa “seja lá como fôr”, onde só afirma deveras que “coraçãozinhos” e “acçãozinhas”, estão mal, e que “coraçõesinhos” ou “coraçõezinhos, “acções̃inhas” ou “acçõezinhas” é que estão bem.

E.... a história ainda não acabou, nem sei se acabará amanhã.

MOTA COQUEIRO

25- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXIV (continuação): Inho, zinho, (ito, zito). *O Imparcial.* Araraquara,10 ago. 1935. Recorte com indicação manuscrita de data e anotação, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Araraquara (S. Paulo) Sabbado, 10 d agosto 1935

FICHAS DE LINGUAGEM

XXIV (continuação)

Inho, zinho, (ito, zito)

O Snr. Cândido de Figueiredo («Problemas da linguagem», loc. cit ontem) ensina isto: — «. . . . o que deve regular, quanto a sufixos, a formação do deminutivo plural é o deminutivo singular: . . . . E não se objecte que, destas formas plurais, desaparece o ésse que caracteriza o plural do radical: o ésse está na terminação do sufixo.» São êstes os exemplos com que ilustra a lição: — «animalzinho, animaezinhos; homemzinho, homemzinhos; cãozinho, cãozinhos; irmanzinha, irmanzinhas; botãozinho, botõezinhos».

Pelo menos aqui no Brasil, «cãozinhos» não se admite: — isto já o disse Mário Barreto, terminantemente, como ontem se viu na transcrição feita (penùltimo periodo da «ficha» aqui publicada) Portanto, se a lógica vale alguma coisa, tambem não se pode admitir «homemzinhos», «vintemzinhos», «mulherzinhas», «florzinhas», «pirezinhos», «animalzinhos», «ourivezinhos», «balãozinhos», etc.

Note-se bem: — todas as vezes que a colisão de sons não nos perturba, percebemos claramente que a forma plural dos nomes não desaparece ao receber o sufixo: — cães inhos, animais inhos, flores-inhas, bolões-inhos. O próprio Cândido de Figueiredo o mostra nalguns dos exemplos com que nomeada, inclusive o Camilo; admitidas por Mario Barreto logo após o «seja lá como for» com que evitou os ventos contrários soprados pelos mestres; — e até prescritas por um gramático conhecedor dos mais recônditos segrêdos históricos da lingua, que se chamou Epifânio Dias. Infelizmente não tenho a obra dêste mestre onde êle preconiza as formas plurais com ésse em vez de zê: mas fio da informação de Mário Barreto, leal e escrupuloso guia que ainda não me deixou mal.

Foi decerto atendendo à permanência integral do plural do tema (que o Snr. Cândido Figueiredo achou «estrambólico» em «mulheresinhas», loc. cit. acima) — foi atendendo a êsse facto que escritores do tômo de Bernardes, Herculano e outros tentaram as formas «gibõeszinhos», «murmurações-zinhas», «animaisz'nhos», ladrõeszinhos», que a lingua escrita contemporânea não aceitou, e Mário Barreto regista como argumento histórico.

E eis aí como se justificam as aparentes anomalias de «boazinha» — «boasinhas», «mãozinha» — «mãosinhas», «lotezinho» — «lotesinhos», «mulherzinha» — «mulheresinhas», «animalzinho» — «animaisinhos», «rapazito» («rapazito»), —«ananazinho» («ananazinho»), «retrósinho» («retrósinho»), «alferesinho» («alferesinho»), «ourivesito», (ourivesito) etc. etc.

A verdade dos factos da lingua, pois, parece estar no caso com o gramático Epifânio Dias e com o Camilo (e a generalidade dos escritores e dos escribas), contra a quase totalidade dos gramáticos. A verdadeira regra parece ser esta:

«Nas formas deminutivas de palavras terminadas em zê ou êsse (nada importa que o ésse faça parte do tema ou seja sinal de plural) a lingua regeita por índole, no intuito de evitar difícil e desagradável colisão de sons, os sufixos «zinho» e «zito», e serve-se das formas equivalentes e vulgarísimas «inho», «ito». (Confira-se Eduardo Carlos Pereira, «Gramatica expositiva», 31.a ed. pag. 168, nota)

Foi esta mais ou menos (era menos completa) a regra formulada em 1904 ou 1905 pelo anónimo autor carioca do «Estudo da língua vernácula», que o Snr. Cândido de Figueiredo combateu com toda a energia nos «Problemas da linguagem» (loc. cit. ontem).

Mal empregada energia! . . .

MOTA COQUEIRO

intentou provar a afirmativa contrária: — êle mesmo pôs ali «animaezinhos» e «botõezinhos», mantendo a fórma plural, que sonegou em «homemzinhos» e «cãozinhos» por. . . . chicana. A «chicana» convinha lhe para sustentação da regra que formulara linhas atrás, e lá lhe saiu da pena, talvez sem segunda tenção. . . . O mesmo já se dera anos antes com o insigne ortógrafo, foneticista, etimòlogo e poliglóta Snr. Gonçalves Viana, de cuja pena escaparam os deslises «homemzinhos», «vintemzinhos», onde aparece um êmenasalador no meio de palavra, sem se seguir bê, pê ou outro ême, casos únicos em que, já antes da reforma de 1911, e depois desta, tal grafia se admite na lingua. Foi por amor do postulado de se não alterar o tema que tal anomalia se deu; mas o autor, ali mesmo, não se animou a escrever «cãozinhos», «painelzinhos», «farolzinhos», «pinhalzinhos», pelo contrário, alterou o tema, e escreveu, como devia, «cães». . . . «painei». . . ., «faroi». . ., «pinhai». . . ., para depois juntar a parte que entende ser o sufixo.

Vê-se que o sinal de plural dos nomes deminutivos não está só no ésse final do sufixo; está tambem nos temas a que êstes se juntam, como provam os exemplos aduzidos pelos próprios autores da afirmativa mal pensada, e outros muitos exemplos: — «carreteis-inhos», ou «carretzinhos», «animais-inhos» ou «animai zinhos», «acções-inhas» ou «acção zinhas», «flores-inhas» ou «flore zinhas», etc. etc.

Lógicamente, devemos supor que, nas palavras onde a colisão de sons idênticos, desacompanhados de outro elemento de prova, não permite a verificação da permanência da forma plural no tema, êste a conserve igualmente. Daí as formas praticadas por quase toda a gente, e até por mim; adoptadas a cada passo por escritores de polpa e de

O SEU RADIO Não FUNCCIONA ?

Mande-o para a officina radio-technica da

CASA BARBIERI

Araraquara

GRIPP XAROPE ALIVIO

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo) Sabbado, 10 de (manuscrito na margem superior, embaixo da data: Agosto, 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

XXIV (continuação)

Inho, zinho, (ito, zito)

O Snr. Cândido de Figueiredo, ("Problemas da linguagem", loc. cit. ontem) ensina isto: - ".... o que deve regular, quanto a sufixos, a formação do diminutivo plural é o diminutivo singular:.... E não se objecte que, destas formas plurais, desaparece o ésse que caracteriza o plural do radical: o ésse está na terminação do sufixo." São êstes os exemplos com que ilustra a lição: - "animalzinho, animaezinhos; homemzinho, homemzinhos; cãozinho, cãozinhos; irmanzinha, irmanzinhas; botãozinho, botõezinhos".

Pelo menos aqui no Brasil, "cãozinhos" não se admite: - isto já o disse Mário Barreto, terminantemente, como ontem se viu na transcrição feita (penúltimo periodo da "ficha" aqui publicada). Portanto, se a lógica vale alguma coisa, também não se pode admitir "homemzinhos", "vintemzinhos", "mulherzinhas", "florzinhas", "pirezinhos", "animalzinhos", "ourivezinhos", "balãozinhos", etc.

Note-se bem: - todas as vezes que a colisão de sons não nos perturba, percebemos claramente que a forma plural dos nomes não desaparece ao receber o sufixo: - cães inhos, animais inhos, flores inhas, botões inhos. O próprio Cândido de Figueiredo o mostra nalguns dos exemplos com que intentou provar a afirmativa contrária: - êle mesmo pôs ali "animaezinhos" e "botõezinhos", mantendo a fórma plural, que sonegou em "homemzinhos" e " cãozinhos" por.... chicana. A "chicana" convinha lhe para sustentação da regra que formulara linhas atrás, e lá lhe saiu da pena, talvez sem segunda tenção... O mesmo já se dera anos antes com o insigne ortógrafo, foneticista, etimólogo e poliglota Snr. Gonçalves Viana, de cuja pena escaparam os deslises "homemzinhos", "vintemzinhos", onde aparece um ême nasalador no meio de palavra, sem se seguir bê, pê ou outro ême, casos únicos em que, já antes da reforma de 1911, e depois desta, tal grafia se admite na lingua. Foi por amor do postulado de se não alterar o tema que tal anomalia se deu; mas o autor, ali mesmo, não se animou a escrever "cãozinhos", "painelzinhos", "farolzinhos", "pinhalzinhos", pelo contrário, alterou o tema, e

escreveu, como devia, “cães”...., “painei”...., “faroi”..., “pinhai”...., para depois juntar a parte que entende ser o sufixo.

Vê-se que o sinal de plural dos nomes deminutivos não está só no ésse final do sufixo; está tambem nos temas a que êstes se juntam, como provam os exemplos aduzidos pelos próprios autores da afirmativa mal pensada, e outros muitos exemplos: - “carreteis-inhos”, ou “carretei-zinhos”, “animais-inhos” ou “animai zinhos”, “acções-inhas” ou “acção zinhas”, “flores-inhas” ou “flore zinhas”, etc. etc.

Lógicamente, devemos supor que, nas palavras onde a colisão de sons idênticos, desacompanhados de outro elemento de prova, não permite a verificação da permanência da forma plural no tema, êste a conserve igualmente. Daí as formas praticadas por quase toda a gente, e até por mim; adoptadas a cada passo por escritores de polpa e de nomeada, inclusive o Camilo; admitidas por Mario Barreto logo após o “seja lá como for” com que evitou os ventos contrários soprados pelos mestres; - e até prescritas por um gramático conhecedor dos mais recônditos segrêdos históricos da lingua, que se chamou Epifânio Dias. Infelizmente não tenho a obra dêste mestre onde êle preconiza as formas plurais com ésse em vez de zê: mas fio da informação de Mário Barreto, leal e escrupuloso guia que ainda não me deixou mal.

Foi decerto atendendo à permanência integral do plural do tema (que o Snr. Cândido Figueiredo achou “estrambólico” em “ mulheresinhas”, loc. cit. acima) – foi atendendo a êsse facto que escritores do tômo de Bernardes, Herculano e outros tentaram as formas “gibõeszinhos”, “murmuraçõeszinhas”, “animaiszinhos”, “ladrõeszinhos”, que a língua escrita contemporânea não aceitou, e Mário Barreto regista como argumento histórico.

E eis aí como se justificam as aparentes anomalias de “boazinha” – “boasinhas”, “mãozinha” – “mãosinhas”, “lotezinho” – “lotesinhos”, “mulherzinha” – “mulheresinhas”, “animalzinho” – “animaisinhos”, “rapazito” (“rapazito”), “ananazinho” (“ananazinho”), “retrósinho” (retrósinho”), “alferesinho” (“alferesinho”), “ourivesito” (“ourivesito”) etc. etc.

A verdade dos fatos da língua, pois, parece estar no caso com o gramático Epifânio Dias e com o Camilo (e a generalidade dos escritores e dos escribas), contra a quase totalidade dos gramáticos. A verdadeira regra parece ser esta:

> “Nas formas deminutivas de palavras terminadas em zê ou ésse (nada importa que o ésse faça parte do tema ou seja sinal de plural) [manuscrito na lateral, em tinta preta: “e em outros casos, como

> pouquinho, louquinho, nunca poucozinho, loucozinho"] a língua regeita por ìndole, no intuito de evitar difícil e desagradável colisão de sons, os sufixos "zinho" e "zito", e serve-se das formas equivalentes e vulgaríssimas "inho", "ito". (Confira-se Eduardo Carlos Pereira, "Gramatica expositiva", 31.ª ed., pag. 168, nota.)

Foi esta mais ou menos (era menos completa) a regra formulada em 1904 ou 1905 pelo anónimo autor carioca do "Estudo da língua vernácula", que o Snr. Cândido de Figueiredo combateu com toda a energia nos "Problemas da linguagem" (loc. cit. ontem).

Mal empregada energia!...

MOTA COQUEIRO

26- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXV: A propósito de veio (verbo vir). *O Imparcial*. Araraquara 11 ago. 1935. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

<u>Fotocópia do texto publicado:</u>



FICHAS DE LINGUAGEM

"O Imparcial", XXV 11 de Agosto, 1935

A propósito de veio (verbo vir)

O meu correspondente anónimo, que data as cartas do Bairro dos Machados, voltou ontem a «auxiliar me» (diz êle), na vulgarização destas questiúnculas de que me tenho ocupado. O meu voluntário ajudante é bastantemente satírico, algumas vezes meio marotaço, mas quase sempre bem informado. É pena que se esteja perdendo ali, ao atrito do cabo da enxada, a mão de um curioso, que parece tão bem talhada para o uso de luvas...

Diz me êle que, quando cursou o terceiro ano do grupo escolar, ouviu dizer nos corredores que um tal Carlos Pereira, e outro tal Julio Ribeiro, mandaram escrever «veiu» com «u».

Eu sei o que quer dizer na sua o abelhudo lavrador. É que êle viu na «Grammatica» de Julio Ribeiro, como eu tambem vi (ed. de 1896, pag. 123), o pretérito perfeito do verbo vir, escrito «veiu». É a tal história de atender mais ao latim de Cicero do que á historia da lingua portugueza, quando se pretende escrever nesta e não naquela lingua. O próprio Júlio Ribeiro, entretanto, na «A carne» (ed. 5.a, 1911, pags. 14 e 28), não esteve pela lição que deu. . . . aos outros: escreveu «veio», como deve ser.

Quanto a Eduardo Carlos Pereira, é certo que na «Grammatica historica» (1919, pag. 176) admite as duas formas da palavra, e insinua para a forma «veiu» uma analogia com «partiu» e «ouviu». Mas eu não percebo bem que analogia é essa, em português, cuja fonética impõe coisa diversa. Na «Grammatica expositiva», óptimo compêndio que tem merecido o maior acatamento e é talvez hoje a gramática de maior divulgação no nosso meio, aqui, já o autor, cuja prática é escrever sempre «veio», com «o» que não com «u», nem referência faz à escrita que insinuou na outra obra igualmente louvada. (Confira se 31.a ed. melhorada e ampliada da Gram. exp., São Paulo, sem data. pag. 136).

—o—

O gaiato lavrador do Bairro dos Machados de certo não deu tento de que João Ribeiro já uma vez tentou defender a grafia «veiu» contra a geral lição dos mestres (ver «Autores contemporâneos» 21.a ed. refundida, nota 118).

Mas o competentissimo gramático sergipano partiu de um equivoco, aliás estranhabilissimo num especialista daquêle tômo: — João Ribeiro supôs um ditongo «io» «veio» (como existe em «ouviu», «luziu», «viu», exemplos êstes em que buscou apôio), quando no têrmo estudado o ditongo está em «ei», ou na primeira silaba.

Não ha, pois, como confundir os dois casos diversos ocorrentes na nossa fonética: — «rio» (pres.), «riu» (pass.); sorrio (pres.), «sorriu» (pass.); «veio» (pass.), «leio» (pres.), «leu» (pass.).

Assim é que os mestres me ensinaram.

MOTA COQUEIRO

Clinica de ouvidos
Nariz e Garganta
Dr. Ruy de Toledo
R. Padre Duarte, 39
Telephone, 467

Annunciem no 'Imparcial'

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, logo abaixo do título da coluna, nome do periódico e data: “O Imparcial”, de 11 de Agosto, 1935).

FICHAS DE LINGUAGEM

XXV

A propósito de veio (verbo vir)

O meu correspondente anónimo, que data as cartas do Bairro dos Machados, voltou ontem a “auxiliar me” (diz êle), na vulgarização destas questiúnculas de que me tenho ocupado. O meu voluntário ajudante é bastantemente satírico, algumas vezes meio marotaço, mas quase sempre bem informado. É pena que se esteja perdendo ali, ao atrito do cabo da enxada, a mão de um curioso, que parece tão bem talhada para o uso de luvas...

Diz me êle que, quando cursou o terceiro ano do grupo escolar, ouviu dizer nos corredores que um tal Carlos Pereira, e outro tal Julio Ribeiro, mandaram escrever “veiu” com “u”.

Eu sei o que quer dizer na sua o abelhudo lavrador. É que êle viu na “Grammatica” de Julio Ribeiro, como eu tambem vi (ed. de 1896, pag. 123), o pretérito perfeito do verbo vir, escrito “veiu”. É a tal história de atender mais ao latim de Cicero do que à história da língua portuguesa, quando se pretende escrever nesta e não naquela lingua. O próprio Júlio Ribeiro, entretanto, na “A carne” (ed. 5.ª, 1911, pags. 14 e 28), não esteve pela lição que deu.... aos outros: escreveu “veio”, como deve ser.

Quanto a Eduardo Carlos Pereira, é certo que na “Grammatica historica” (1919, pag. 176) admite as duas formas da palavra, e insinua para a forma “veiu” uma analogia com “partiu” e “ouviu”. Mas eu não percebo bem que analogia é essa, em português, cuja fonética impõe coisa diversa. Na “Grammatica expositiva”, óptimo compêndio que tem merecido o maior acatamento e é talvez hoje a gramática de maior divulgação no nosso meio, aqui, já o autor, cuja prática é escrever sempre “veio”, com “o” que não com “u”, nem referência faz à escrita que insinuou na outra obra igualmente louvada. (Confira-se 31.ª ed. melhorada e ampliada da Gram. Exp., São Paulo, sem data, pag. 136).

_____0_____

O gaiato lavrador do Bairro dos Machados de certo não deu tento de que João Ribeiro já uma vez tentou defender a grafia "veiu" contra a geral lição dos mestres (ver "Autores contemporâneos", 21.ª ed. refundida, nota 118).

Mas o competentissimo gramático sergipano partiu de um equívoco, aliás estranhabilissimo num especialista daquêle tômo: - João Ribeiro supôs um ditongo "io" [em] "veio" (como existe em "ouviu", "luziu", "viu", exemplos êstes em que buscou apôio), quando no têrmo estudado o ditongo está em "ei", ou na primeira silaba.

Não ha, pois, como confundir os dois casos diversos ocorrentes na nossa fonética: - "rio" (pres.), "riu" (pass.); "sorrio" (pres.), "sorriu" (pass.); "veio" (pass.), "leio" (pres.), "leu" (pass.).

Assim é que os mestres me ensinaram.

MOTA COQUEIRO

27- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXVI: Sebo, não cebo. *O Imparcial.* Araraquara, sem data (40). Recorte de jornal, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Fichas de Linguagem

XXVI

Sebo, não cebo

A erronia de *cebo*, por *sebo* (que os competentes filiam ao latim *sebum*) goza de uma generalização verdadeiramente curiosa, e só comparável à vulgar variante de *veio*, em *veiu*, verbal de vir, de que aqui já se tratou, porém muito menos justificável que esta.

Confira-se:

Tolentino (*Obras completas*, ed. José Torres, Lisboa, 1861), onde ha certamente mais de uma dúzia de *cebos*, *encebados*, etc., e talvez nenhuma forma com ésse.

Francisco José Freire (*Reflexões sobre a língua portuguesa*, Lisboa, 1842, 2.o tomo, pag, 56): —« *Cevo* e não *cebo* quer Btuteau que se diga, falando-se da gordura dos animais; porem tem prevalecido o pronunciar-se *cebo*.»

João Ribeiro (*Frazes feitas*, 2.a serie. Rio, 1909, pags 120 e segs.). Ali o autor cita umas quatro passagens de obras de bons escritores antigos e modernos, e, ao transcrever os respectivos tópicos, grafa a palavra, ou derivados dela, sempre com cê. Infelizmente não pude consultar nenhum daquêles passos, para verificar se os erros lá estão, ou se figuram sò nas citas.

O Snr. Cândido de Figueiredo, no «Jornal do Comércio», do Rio, fez referências, a 18 de Agosto 1910, a êsses enganos do nosso saudoso gramático.

No dicionário chamado de Morais (7.a ed., 1877), s. veb. *custar*, vem assim escrito nm provérbio: — «Custar mais a mecha que o *cebo*.»

Júlio Moreira, autor especializado em assuntos de linguagem, em obra notável que publicou sobre a especialidade (*Estudos da língua portuguesa*, 2.o vol., Porto, 1913) tambem caiu naquêle descuido (ver pag. 118).

O grande Camilo, que aliás foi quase sempre descuidoso em ortografia, escreveu *cebáceo* (*A brasileira de Prazins*, Porto, 1898, pag. 24) e *encebado* (*Novelas ao Minho*, vol. 3.o, Lisboa, 1903, pag. 122)

Veja-se mais:

Júlio Ribeiro, *A carne*, 5.a ed., 1911, pag. 116

Monteiro Lobato, *Urupês*, S Paulo. 1918, pag. 10,

Sousa Viterbo, in *Revista Lusitana*, vol: XVI, pags. 59 e 65.

Cornélio Pires, *Mixórdia*, S. Paulo, 1927, pag. 42 (duas vezes).

Raimundo de Morais, *O meu dicionário de coisas da Amazônia*, Rio 1931, vol. 1.o, pag. 54.

Na *Revista de língua portuguesa*, n.o 5, pag. 122, ha *cebo* atribuido a Gonçalves Dias (*Dicionário tupi*).

Nos *Vícios da linguagem médica*, Lisboa, 1910, o Snr. Cândido de Figueiredo nota (pag. 10) que o Dr. António Augusto da Costa Simões escreveu por duas vezes *cebáceo* em vez de *sebáceo*.

E eu não sei quantas vezes não terei porventura feito o mesmo... por influência da *ortografia ocular*.

MOTA COQUEIRO

40 PLC não anotou o periódico nem a data, a tinta, como era de costume. Optamos por colocar nesta posição, respeitando a sequência numérica das fichas.

Transcrição:

FICHAS DE LINGUAGEM

XXVI

Sebo, não cebo

A erronia de *cebo*, por *sebo* (que os competentes filiam ao latim *sebum*) goza de uma generalização verdadeiramente curiosa, e só comparável à vulgar variante de *veio*, em *veiu*, verbal de vir, de que aqui já se tratou, porém muito menos justificável que esta.

Confira-se:

Tolentino (*Obras completas*, ed. José Torres, Lisboa, 1861), onde ha certamente mais de uma dúzia de *cebos*, *encebados*, etc., e talvez nenhuma forma com ésse.

Francisco José Freire (*Reflexões sobre a língua portuguesa*, Lisboa, 1842, 2.º tomo, pag. 56): - "*Cevo* e não *cebo* quer Btuteau que se diga, falando-se da gordura dos animais; porem tem prevalecido o pronunciar-se *cebo*."

João Ribeiro (*Frazes feitas*, 2ª serie. Rio, 1909, pags. 120 e segs.). Ali o auto[r] cita umas quatro passagens de obras de bosn escritores antigos e modernos, e, ao transcrever os respectivos tópicos, grafa a palavra, ou derivados dela, sempre com cê. Infelizmente não pude consultar nenhum daquêles passos, para verificar se os erros lá estão, ou se figuram só nas citas.

O Snr. Cândido de Figueiredo, no "Jornal do Comércio", do Rio, fez referências, a 18 de Agosto 1910, a êsses enganos do nosso saudoso gramático.

No dicionário chamado de Morais (7.ª ed., 1877), s. veb. *custar*, vem assim escrito um provérbio: - "Custar mais a mecha que o *cebo*."

[Trecho repetido, excluído por PLC: "Júlio Moreira, autor especializado em assuntos s. veb. *custar*, vem assim escrito um provérbio: - "Custar mais a mecha que o *cebo*."]

Júlio Moreira, autor especializado em assuntos de linguagem, em obra notável que publicou sobre a especialidade (*Estudos da língua portuguesa*, 2.º vol., Porto, 1913) tambem caiu naquêle descuido (ver pag. 118).

O grande Camilo, que aliás foi quase sempre descuidoso em ortografia, escreveu *cebáceo* (*A brasileira de Prazins*, Porto, 1898, pag. 24) e *encebado* (*Novelas do Minho*, vol. 3.º, Lisboa, 1903, pag. 122).

Veja-se mais:

Júlio Ribeiro, *A carne*, 5.ª ed., 1911, pag. 116.

Monteiro Lobato, *Urupês*, S. Paulo, 1918, pag. 10.

Sousa Viterbo, in *Revista Lusitana*, vol. XVI, pags. 59 e 65.

Cornélio Pires, *Mixórdia*, S. Paulo, 1927, pag. 42 (duas vezes).

Raimundo de Morais, *O meu dicionário de coisas da Amazônia*, Rio, 1931, vol. 1.º, pag. 54.

Na *Revista de língua portuguesa*, n.º5, pag. 122, ha *cebo* atribuido a Gonçalves Dias (*Dicionário tupi*).

Nos *Vícios da linguagem médica*, Lisboa, 1910, o Snr. Cândido de Figueiredo nota (pag. 10) que o Dr. António Augusto da Costa Simões escreveu por duas vezes *cebáceo* em vez de *sebáceo*.

E eu não sei quantas vezes não terei porventura feito o mesmo... por influência da *ortografia ocular*.

MOTA COQUEIRO

28- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXVII: Pois não! Não, igual a sim; sim, igual a não. Por amor de. *O Imparcial.* Araraquara, 12 abr. 1936[41], p. 4. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, e trechos rasgados, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



O Imparcial, Araraquara, 12 de Abril 1936

4.a Pagina

FICHAS DE LINGUAGEM

XXVII

Pois não ! Não, igual a sim; sim, igual a não. Por amor de.

Conta Agostinho de Campos (*Revista de cultura*, vol. IV, pag. 273.) que um médico alemão, que pretendia exercer clínica em Portugal, freqüentou os cursos respectivos em Coimbra, e ao depois referia aos colegas o seguinte facto:

Pediu licença ao lente de química para levar á aula certo reagente, de que tinha na mão o vidro. O lente respondeu-lhe: — Pois não! — e êle, desapontado, largou o frasco no respectivo armário. Só depois de trocadas explicações, veio o médico alemão a saber, com surpresa, que — *Pois não* ! — queria dizer — *Pois sim* ! —

Daí se conclúe que é preciso não ser alemão, para ver que o *pois não* do Silva, no domingo passado, valia por amável aquiescência do director do «Imparcial» ao reinício das notas de Mota Coqueiro.

Recordemos, ao propósito, que muitas vezes a frase *pois sim* ! tem sentido de negativa. Exemplo: — «Toma esta brasa na mão, e verás que não te queimas. — Pois sim !... Sou eu que cáio nessa ! (Esta última frase tambem nega, afirmando !)

Dêste modo, hemos de conciuir que *pois não* ! significa *pois sim*, e *pois sim* ! significa *pois não* ! Que trapalhada !

Aliás, a negativa *não* entra freqüentemente nas frases afirmativas, onde não desempenha função alguma: — entra ali só... para atrapalhar.

E' assim que vemos, verbi gratia em Carneiro Ribeiro (*A redacção do código civil*, Baía, 1905, pag. 352), os seguintes exemplos, ali coligidos de obras dos melhores autores clássicos da língua: «E não saisse em terra sem êle *não* chegar. Até *não* me ouvirdes, não me condeneis. Com medo que lhe *não* destruissem a terra.» Vejo tambem no *Glossário luso asiático*, de Dalgado, s. voc. *mangueo*, a seguinte frase copiada de Bluteau: — ... não descansa, até os *não* matar». Em todos êsses exemplos, a negativa nada significa, antes atrapalha..... Mas é da língua, temos de aturá-la, com pesar dos estrangeiros, alemães ou não.

Fora das negativas, vemos ainda outros casos curiosos de frases idiomáticas, perfeitamente legítimas, que não devem ser entendidas á letra, pois tem sentido aposto ao aparente. Ocorre-me, de momento, êste período do Pe. Manuel Bernardes: «Repare-se na indústria, com que o Author da Natureza criou na espiga cada grão armado com sua aresta, por amor das aves roubadoras.» (*Luz e calor*, Lisboa, 1871, pag. 177)

Ora, o que o Padre queria dizer, e efectivamente o disse, é que o Creador armou cada grão *contra* a voracidade das aves roubadoras, ou *por amor da semente* e não *das aves*.

Que atrapalhada! Seja tudo p'r'amor de Deus!

MOTTA COQUEIRO

41 Note-se o grande intervalo de tempo entre a ficha datada anterior, n. XXV, 11 ago. 1935, e esta, n. XXVII, 12 abr. 1936. Oito meses de intervalo entre uma publicação e outra. PLC faz menção ao retorno das publicações no 3º parágrafo do texto.

Transcrição:

Manuscrito na margem superior: [“O Imparcial”, Araraquara, 12 de Abril 1936], p. 4.

FICHAS DE LINGUAGEM

XXVII

Pois não! Não, igual a sim; sim, igual a não.

Por amor de.

Conta Agostinho de Campos (*Revista de cultura*, vol. IV, pag. 273.) que um médico alemão, que pretendia exercer clínica em Portugal, freqüentou os cursos respectivos em Coimbra e ao depois referia aos colegas o seguinte facto:

Pediu licença ao lente de química para levar á aula certo reagente, de que tinha na mão o vidro. O lente respondeu-lhe: - Pos não! – e êle, desapontado, largou o frasco no respectivo armário. Só depois de trocadas explicações, veio o médico alemão a saber, com surpresa, que – *Pois não*! – queria dizer – *Pois sim*! –

___

Daí se conclúe que é preciso não ser alemão, para ver que o *pois não* do Silva, no domingo passado, valia por amável aquiescência do director do “Imparcial” ao reinício das notas de Mota Coqueiro.

Recordemos, ao propósito, que muitas vezes a frase *pois sim!* tem sentido de negativa. Exemplo: - “Toma esta brasa na mão, e verás que não te queimas. – Pois sim!... Sou eu que cáio nessa! (Esta última frase tambem nega, afirmando!)

Dêste modo, hemos de concluir que *pois não!* significa *pois sim*, e *pois sim!* significa *pois não!* Que trapalhada!

____

Aliás, a negativa *não* entra freqüentemente nas frases afirmativas, onde desempenha função alguma: - entra ali só... para atrapalhar.

É assim que vemos, verbi grafia em Carneiro Ribeiro (*A redacção do código civil*, Baía, 1905, pag. 352), os seguintes exemplos, ali coligidos de obras dos melhores autores clássicos da língua: - “E não saísse em terra se êle *não* chegar. Até *não* me ouvirdes, não me condeneis. Com medo que lhe *não* destruissem a terra.” Vejo tambem no *Glossário luso asiático*, de Dalgado, s. voc. *manguço*, a seguinte frase copiada de Bluteau: - ... não descansa, até os *não* matar”. Em todos

êsses exemplos, a negativa nada significa, antes atrapalha..... Mas é da língua, temos de aturá-la, com pesar dos estrangeiros, alemães ou não.

———

Fora das negativas, vemos ainda outros casos curiosos de frases idiomáticas, perfeitamente legítimas, que não devem ser entendidas á letra, pois tem sentido aposto ao aparente. Ocorre-me, de momento, êste período do Pe. Manuel Bernardes: "Repare-se na indústria, com que o Author da Natureza criou na espiga cada grão armado com sua aresta, por amor das aves roubadoras." (*Luz e calor*, Lisboa, 1871, pag. 177).

Ora, o que o Padre queria dizer, e efectivamente o disse, é que o Creador armou cada grão *contra* a voracidade das aves roubadoras, ou *por amor da semente* e não *das aves*.

Que atrapalhada! Seja tudo p'r'amor de Deus!

MOTTA COQUEIRO

29 – COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXVIII: Haver-se. Avir-se. Carecer. Precisar. *O Imparcial.* Araraquara, 19 abr. 1936, p. 3. Recorte com indicação manuscrita de periódico, data e correções, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



"O Imparcial", 19 de Abril, 1936

3.a Pagina

FICHAS DE LINGUAGEM

XXVIII

Haver-se. Avir-se. Carecer. Precisar.

«Por não atenderem a isto é que pessoas, aliás doutas, conjugam os verbos *avir* e *desavir* com as flexões de *havêr*, dizendo « elle tem de se haver commigo — os sócios se deshouveram », devendo ser «elle tem de se avir commigo — os sócios se desavieram». Morais e Constâncio erram, procurando explicar a phrase incorrecta «havê-lo com alguem», a qual deve ser emendada «avi-lo com alguem» (Júlio Ribeiro, Gramática, pag 124 (4 a ed, S Paulo, 1895)

—

Vai nessa exposição do respeitado gramático paulista confusão parecida com a que se nota nos sentidos *apostos* de *carecer* e *precisar*: — o homem cego, por exemplo, *carece* da vista, de que todos nós tanto *precisamos*; tambem os morcêgos cegos das cavernas, e os peixes dos escurissimos abismos dos oceanos, *carecem* da vista, de que porém *não precisam*; o multimilionário muito *precisa* do dinheiro que tem, aliás não poderia sustentar os faustos da vida, mas dêle *não carece*, pois que o tem a fartar. Já o pobre *precisa* e *carece* de dinheiro O orador *precisa* de eloqüencia e clareza, o bom escritor *precisa* das suas habilidades, se não quer que durmam ouvintes e leitores; todavia, se são oradores ou escritores a valer, *não carecem* daquellas qualidades essenciais. Leiam-se, a êste propósito, os nos 97 a 101 da *Réplica*.

Voltemos, porém, ao caso de *haver se* e *avir se*. Ruy Barbosa já defendeu suficientemente os vocabulistas Morais e Constâncio dos ataques de Júlio Ribeiro: — ver a *Réplica*, n.o 490, nota. E eu, data vênia, quero intentar a defesa de três dos quatro exemplos apontados na *Gramática* como erros. Assim:

1.o, êle tem de se haver comigo, isto é, êle me encontrará como opositor, êle tem de jogar as testilhas comigo, havemos de brigar ou disputar a tal respeito.

2.o, êle tem de se avir comigo, isto é, êle tem de fazer acôrdo comigo, êle necessita da minha aquiescência, da minha aprovação, da minha transigência.

3.o os sócios se deshouveram: — não conheço êste verbo no bom uso da lingua, nem o vejo em qualquer dicionário; aliás não é preciso, pois temos para o caso o verbo *desavir*, e o substantivo *desavença*, que o suprem perfeitamente conforme os casos.

4.o os sócios se desavieram, isto é, desarmonizaram-se.

Lá se avenham, os que não quiserem haver-se com os gramáticos!.... E confiram, se quiserem, o Eduardo Carlos Pereira, *Grammatica expositiva*, 31.a ed., pag. 136.

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Manuscritos na margem superior, a tinta preta, o título do periódico e a data: ["O Imparcial", 19 de Abril, 1936], p. 3.

FICHAS DE LINGUAGEM

XXVIII

Haver-se. Avir-se. Carecer. Precisar.

"Por não atenderem a isto é que pessoas, aliás doutas, conjugam os verbos *avir* e *desavir* com as flexões de *haver*, dizendo "elle tem de se haver commigo – os sócios se deshouveram" devendo ser "elle tem de se avir commigo – os sócios se desavieram". Morais e Constâncio erram, procurando explicar a phrase incorrecta "havê-lo com alguem", a qual deve ser emendada "avi-lo com alguem" (Júlio Ribeiro, Gramática, pag. 124, 4.ª ed., S. Paulo, 1896).

———

Vai nessa exposição do respeitado gramático paulista confusão parecida com a que se nota nos sentidos *apostos* de *carecer* e *precisar*: - o homem cego, por exemplo, *carece* da vista, de que todos nós tanto *precisamos*; tambem os morcêgos cegos das cavernas, e os peixes dos escuríssimos abismos dos oceanos, *carecem* da vista, de que porém *não precisam*; o multimilionário muito *precisa* do dinheiro que tem, aliás não poderia sustentar os faustos da vida, mas dêle *não carece*, pois que o tem a fartar. Já o pobre *precisa* e *carece* de dinheiro. O orador *precisa* de eloqüencia e

clareza, o bom escritor *precisa* das suas habilidades, se não querem que durmam ouvintes e leitores; todavia, se não oradores ou escritores a valer, não carecem daquelas qualidades essenciais. Leiam-se, a êste propósito, os n.ºs 97 a 101 da *Réplica*.

Voltemos, porém, ao caso de *haver se* e *avir se*. Ruy Barbosa já defendeu suficientemente os vocabulistas Morais e Constâncio dos ataques de Júlio Ribeiro: - ver a *Réplica*, n.º 490, nota. E eu, data vênia, quero intentar a defesa de três dos quatro exemplos apontados na *Gramática* como erros. Assim:

1º, êle tem de se haver comigo, isto é, êle me encontrará como opositor, êle tem de jogar as testilhas comigo, havemos de brigar ou disputar a tal respeito.

2º, êle tem de se avir comigo, isto é, êle tem de fazer acôrdo comigo, êle necessita da minha aquiescência, da minha aprovação, da minha transigência.

3º, os sócios se deshouveram: - não conheço êste verbo no bom uso da língua, nem o vejo em qualquer dicionário; aliás não é preciso, pois temos para o caso o verbo *desavir*, e o substantivo *desavença*, que o suprem perfeitamente conforme os casos.

4º, os sócios se desavieram, isto é, desarmonizaram-se.

Lá se avenham, os que não quiserem haver-se com os gramáticos!.... E confiram, se quiserem, o Eduardo Carlos Pereira, Grammatica expositiva, 31.ª ed., pag. 136.

MOTA COQUEIRO

30- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXIX: Água de Córdova. *O Imparcial.* Araraquara, 26 abr. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico, data e correções, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

XXIX

Água de Córdova

"O Imparcial", 26 de Abril 1936

Havia no século XVIII uma tal *A'gua de Cordova* que, a julgar pelo trecho do P.e Bernardes abaixo transcrito, era de emprego diário na *toilette* dos janotas e casquilhos daquêle tempo. Era de certo o que depois foi a *A'gua de Flórida*, e é hoje a *A'gua de Colónia*.

Ora leia-se o precioso estilo fradesco do venerável oratoriano:

«Mas o rosto, que em fim «nem sempre sahe das mãos «da Natureza com taes pro- «porçoens, que a fórma pre- «valeça á materia, que lhe «havemos de fazer? Seja «*feyo sim, mas galharda-* «*meute feyo* (como disse «hum Poeta): desculpallohe- «mos com as mais gallas e «enfeites, que acompanhão «o corpo: franjoens de ouro «nos canhoens das luvas, «botoens de diamantes nos «punhos do camisote, gara- «vata em que vamos enro- «lando o pescoço, tendo «mão fortemente na ponta «della hum criado, para que «nos fique justa, e o sangue «rebentando pelas faces. «Tambem não faltarão tran- «ças, e fitas, e cor, e chei «ros; até para lavar os en- «trededos dos pés, não fal «tará cada noite agoa de «Cordova. E para estes apa- «relhos teremos, como tem «as damas, um aposento «dereminado, que se cha- «ma toucador.»

(Nova Floresta, vol. IV, pag. 71, apud *Revista Lusitana*, vol. XVI, pag. 123)

—

Verifica se do têxto transcrito, que a rapaziada doura-da de Portugal estava contaminada do luxo vigoroso e berrante dos salões parisienses de Luiz XIV. A moda onipotente transpusera os Pireneus, e dominava infrene na península.

Não se conformava com isso o místico oratoriano: — daí o enérgico epigrama contra os GALHARDANENTE FEIOS...

É impressionante observar como todo aquêle vistoso luxo masculino acabou-se. Já não ha luvas com franjões de ouro, nem se usam botões de diamante nos punhos dos camisotes. Passaram as tranças masculinas... e até as femininas; côres, e fitas, fugiram dos usos do sexo feio. Acabou-se a gravata enforcante, ajustada pelos pulsos valentes dos lacáios, até que o sangue rebentasse pelas faces da vitima.... Já ninguem conhece A'gua de Córdova; depois dela, veio e foi-se a A'gua de Flórida; de-bancada definitivamente pela A'gua de Colónia.

Com todos êsses requintes de galas e enfeites, passou tambem o seu irónico adversário, o P.e Manuel Bernardes, de que nos resta apenas o estilo precioso e raro, trasandardo o incenso das sacristias e a santidade do purismo vernáculo, tambem êste já hoje envelhecido e claudicante.

Só ficou impàvido, e ficou para sempre, a desafiar os embates da moda e a chorar a morte da A'gua de Córdova... o chulé dos entredédos humanos!

Memento, homo, quia pulvis es.....

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, logo abaixo do título: [“O Imparcial”, 26 de Abril 1936]

FICHAS DE LINGUAGEM

XXIX

Água de Córdova

Havia no século XVIII uma tal *Água de Cordova* que, a julgar pelo trecho do Pe. Bernardes abaixo transcrito, era de emprego diário na *toilette* dos janotas e casquilhos daquêle tempo. Era de certo o que depois foi a *Água de Flórida*, e é hoje a *Água de Colônia*.

Ora leia-se o precioso estilo fradesco do venerável oratoriano:

“Mas o rosto, que em fim/ “nem sempre sahe das mãos/“da Natureza com taes pro-/“porçoens, que a fórma pre-/“valeça á materia, que lhe / “havemos de fazer? Seja /“*feyo sim, mas galharda- / “mente feyo* (como disse hum Poeta): desculpallohe- / “hemos com as mais gallas e / “enfeites, que acompanhão / “o corpo: franjoens de ouro / “nos canhoens das luvas, / “botoens de diamantes nos / “punhos do camisote, gara- / “vata em que vamos enro- / “lando o pescoço, tendo / “mão fortemente na ponta / “della hum criado, para que / “nos fique justa, e o sangue / “rebentando pelas faces. / “Tambem não faltarão tran- / “ças, e fitas, e côr, e chei- / “ros; até para lavar os en- / “tredeдos dos pés, não fal- / ”tará cada noite agoa de / “Cordova. E para estes apa- /”relhos teremos, como tem / “as damas, um aposento / “dereminado, que se cha- / “ma toucador.”

(Nova Floresta, vol. IV, pag. 71, apud *Revista Lusitana*, vol XVI, pag. 123)]

Verifica se do têxto transcrito, que a rapaziada dourada de Portugal estava contaminada do luxo vigoroso e berrante dos salões parisienses de Luiz XIV. A moda onipotente transpusera os Pireneus, e dominava infrene na península.

Não se conformava com isso o místico oratoriano: - daí o enérgico epigrama contra os GALHARDAMENTE FEIOS...

É impressionante observar como todo aquêle vistoso luxo masculino acabou-se. Já não ha luvas com franjões de ouro, nem se usam botões de diamante nos punhos dos camisotes. Passaram as tranças masculinas... e até as femininas; côres, e fitas, fugiram dos usos do sexo feio. Acabou-se a gravata enforcante, ajustada pelos pulsos valentes dos lacáios, até que o

sangue rebentasse pelas faces da vitima.... Já ninguem conhece Água de Córdova; depois dela, veio e foi-se a Água de Flórida; desbancada definitivamente pela Água de Colónia.

Com todos êsses requintes de galas e enfeites, passou tambem o seu irónico adversário, o Pe. Manuel Bernardes, de que nos resta apenas o estilo precioso e raro, tresandando o incenso das sacristias e a santidade do purismo vernáculo, tambem êste já hoje envelhecido e claudicante.

Só ficou impàvido, e ficou para sempre, a desafiar os embates da moda e a chorar a morte da Água de Córdova.... o chulé dos entrededos humanos!

Memento, homo, quia pulvis es.....

MOTA COQUEIRO

31- COQUEIRO, Mota. Com as apostilas[42]. *O Imparcial.* Araraquara, 30 abr. 1936. Recorte com indicação manuscrita de data e correções, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



O IMPARCIAL, 30 abril 1936

Com as Apostillas

Do nosss apreciado collaborador *Motta Coqueiro* recebemos a missiva abaixo :

«Matão, Domingo, 26 de Abril, 1936 — Amigo Silva :

O verbo francês *garder* tem, entre outros sentidos, o de *rester* (ficar), *ne pas quitter* (não deixar). O verbo português *guardar* não tem jamais essas significações. Por isso, é possivel dizer-se em francês *garder la prison*, no sentido de ficar na cadeia; *garder la maison*, no sentido de ficar ou permanecer em casa; *garder le lit*, no sentido de estar de cama. Em português, *guardar a prisão* significa montar guarda á cadeia, como fazem as sentinelas; *guardar a casa* significa vigiá-la, como fazem os cães de fila; *guardar o leito* significa montar guarda ao leito, ou pô-lo em lugar seguro, num quarto vago, ou no porão da casa, etc., quando dêle não se precisar.

Eu tenho ai em Araraquara uma boa dúzia de dicionários portugueses, e não me lembro de ter visto em nenhum dêles a autorização do emprego de *guardar* no sentido de ficar, permanecer, não deixar. Os bons livros escritos na nossa lingua, não usam tambem, que eu saiba, tal verbo nesse sentido. O povo brasileiro ou português está de acôrdo com os dicionarios e os escritores. Estou certo de que, se alguém mandar um caipira *guardar o leito*, êle não irá ficar ali deitado, mas irá remover o tal leito para o quarto das arrecadações de móveis fora de uso.

O cardial Saraiva, que ensinava português em principios do século passado, já advertia que *garder le lit* se traduz em português por «estar de cama, ou em cama, por moléstia» (*Glossário*, Rio 1835, pag. 64). Passados uns 80 anos, alguem perguntou ao Snr. Candido de Figueiredo: — «*Guardar o leito*, por *estar doente*, é asneira ?» A resposta do infatigável vulgarizador foi esta: — «Das de calibre 18». (*Falar e escrever*, Lisboa, 1906, 2.o vol., pag. 39). No transcorrer dêsses 80 anos, nem sempre estiveram calados a tal respeito os propugnadores da boa linguagem portuguesa. O Snr. Silva Túllio, por exemplo, que o grande Camillo declarou ser «mestre competentissimo», averbou entre os galicismos condenados a frase *guardar o leito* por *estar de cama* (ver pag. 57 da ed. de Alves & Cia. Rio, 1893).

Diante dêsses factos, fiquei perplexo aqui no Matão, onde quase não tenho livros de consulta, quando li ontem no «Imparcial», secção *Apostillas vernáculas*, os ensinamentos do Snr. *Iseu*, onde se aconselha o uso de *guardar o leito* por *estar de cama*.

Lembrei-me então de me dirigir a Vôcê, meu bom Silva, na qualidade de Director da folha, ai pedir que me oriente, seja por intermédio do autor das *Apostillas*, na escura perplexidade em que me acho. Espero receber a mercê.

MOTA COQUEIRO

* * * *Para esclarecer a opinião publica dos intentos e methodos dos communistas, basta citar que, em Bamú, elles pretendiam, se vencessem, assassinar todas as autoridades constituidas, juiz de direito, delegados de policia, prefeito, promotor publico e demais funccionarios publicos; soltar os presos da cadeia, assaltar os bancos e constituir o commissariado sovietico. Tudo foi cuidado com pormenores. A guilhotina, o suplicio escolhido, como escolhido de antemão, o carrasco: Melchiades Pereira, um preto boçal, valentão e proprietario d'um botequim á rua Antonio Alves, esquina da Ezequiel Ramos. Felizmente, o homem põe e Deus dispõe. Esse preto, no levante de Novembro, occorrido no Rio de Janeiro, fngiu á re-*

42 Note-se que este texto não foi publicado na coluna das Fichas de linguagem nem está numerado como tal. Optamos por posicioná-lo aqui por causa da sequência cronológica de publicações de PLC em *O Imparcial*, de Araraquara.

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, na margem superior do recorte, completando a referência: *O Imparcial* [, 30 Abril 1936].

Com as Apostillas

Do nosso apreciado collaborador *Motta Coqueiro* recebemos a missiva abaixo:

"Matão, Domingo, 26 de Abril, 1936 – Amigo Silva:

O verbo francês *garder* tem, entre outros sentidos, o de *rester* (ficar), *ne pas quitter* (não deixar). O verbo português *guardar* não tem jamais essas significações. Por isso, é possível dizer-se em francês *garder la prison*, no sentido de ficar na cadeia; *garder la maison*, no sentido de ficar ou permanecer em casa; *garder le lit*, no sentido de estar de cama. Em português, *guardar a prisão* significa montar guarda á cadeia, como fazem as sentinelas; *guardar a casa* significa vigiá-la, como fazem os cães de fila; *guardar o leito* significa montar guarda ao leito, ou pô-lo em lugar seguro, num quarto vago, ou no porão da casa, etc., quando dêle não precisar.

Eu tenho aí em Araraquara uma boa dúzia de dicionários portugueses, e não me lembro de ter visto em nenhum dêles a autorização do emprego de *guardar* no sentido de ficar, permanecer, não deixar. Os bons livros escritos na nossa lingua, não usam tambem, que eu saiba, tal verbo nêsse sentido. O povo brasileiro ou português está de acôrdo com os dicionários e os escritores. Estou certo de que, se alguem mandar um caipira *guardar o leito*, êle não irá ficar ali deitado, mas irá remover o tal leito para o quarto das arrecadações de móveis fora de uso.

O cardial Saraiva, que ensinava português em princípios do século passado, já advertia que *garde le lit* se traduz em português por "estar de cama, ou em cama, por moléstia" (*Glossário*, Rio, 1835, pag. 64). Passados uns 80 anos, alguem perguntou ao Snr. Cândido de Figueiredo: - "*Guardar o leito*, por *estar doente*, é asneira?" A resposta do infatigável vulgarizador foi esta: - "Das de calibre 18". (*Falar e escrever*, Lisboa, 1906, 2º vol., pag. 39). No transcorrer dêsses 80 anos, nem sempre estiveram calados a tal respeito os propugnadores da boa linguagem portuguesa. O Snr. Silva Túllio, por exemplo, que o grande Camillo declarou ser "mestre competentissimo", averbou entre os galicismos condenados a frase *guardar o leito* por *estar de cama* (ver pag. 57 da ed. de Alves & Cia., Rio, 1893).

Diante dêsses factos, fiquei perplexo aqui no Matão, onde quase não tenho livros de consulta, quando li ontem no "Imparcial", secção *Apostillas vernáculas*, os ensinamentos do Snr. *Iseu*, onde se aconselha o uso de *guardar o leito* por *estar de cama*.

Lembrei-me então de me dirigir a Você, meu bom Silva, na qualidade de Director da folha, a pedir que me oriente, [seja diretamente, ou] seja por intermédio do autor das *Apostillas*, na escura perplexidade em que me acho. Espero receber a mercê.

MOTA COQUEIRO

32- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXX: Barêja – vareja. *O Imparcial.* Araraquara, 3 maio 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



O Imparcial, de Araraquara

3—5—1936

FICHAS DE LINGUAGEM

XXX

Barêja — varêja

«Cal te basculho de clerigo! . . . Fora, bareja de carne podre! »

Herculano, *Monge*, vol. 1.o, pag. 77 da chamada 10.a edição de Lisboa, sem data.

—

O termo *bareja* está consignado no dicionário de Morais, 1813, que define:—«Lêndea de mosca varejeira». O Constâncio, em 1877, tambem aponta a palavra, que não define, remettendo o consulente para *vareja*.

Dei sciência dos factos ai relatados ao autor do *Novo Dic.*, quando êste andava ainda em 1.a edição. Apesar disso, não foi o vocábulo incluido nas edições posteriores da obra. Os demais dicionários portugueses tambem não averbam *bareja*, que eu saiba; e tive a pachorra de consultar boa meia dúzia dêles, inclusive o *Elucidario* de Viterbo, a ver se seria o bolor da velhice que estava assim desterrando a forma vocabular contra a vontade de Herculano.

Se alguem quiser objectar que o silêncio dos vocabulistas origina se de ser a forma *bareja* uma variedade desnecessária e corrompida, perderá o latim. *O Novo Dic.*, por exemplo, averba *bêspa* e *vêspa*, *caboucar* e *cavoucar*, *cabiúna* e *cavuúna*, *barrer* e *varrer*, etc. Todavia, não lhe bastou a chancela de Herculano e o exemplo do velho Morais, para arrapoiar um verbête *bareja*. E' muita exigência!

O Snr. Antenor Nascentes tambem não consignou a variante, porque esta não figura no *Vocabulário Ortografico e Remissivo* de Gonçalves Viana (confira se *Boletim de Filologia*, tomo 3.o, pag. 325, Lisboa, 1934 1935). Este critério adoptado pelo valoroso autor do *Dicionário Etimológico* foi decerto prejudicial aos consulentes do léxico; mas explica a ausência do termo ali.

Diante, porém, da permuta parece aceitável, por dificuldades semânticas, o sugerido por Figueiredo.) é lícito perguntar qual seja a forma preferivel.

Ha noticias bem antigas da forma *bareja*. Já vinha no *Tesouro* do Pe. Bento Pereira, e o dicionário chamado de Morais, 7.a ed., 1878, abona-se num passo de Fernão Mendes Pinto, que fui rebuscar e verifiquei ser êste: — «. . . e os tornou assim a mandar com a resposta escritta em hum pedaço de papel roto, que dizia assim: Bareja triste, nacida de mosca encharcada no mais çujo monturo, que pode haver em masmorras de presos, que nunca se alimparão, quem deu atrevimento á tua bayxesa para perafusar nas cousas do Ceo?»

Este Fernão Mendes Pinto tem coisas preciosissimas!

MOTA COQUEIRO

Notas

Só permanecerão abertas hoje, depois das 12 horas, as pharmacias: «São Geraldo» e «Abritta».

De accordo com resolução do sr. Prefeito Municipal, em exercicio, foi prorogado o prazo para o recebimento dos impostos «*Predial urbano, exgotto e hygiene* e «*Territorial urbano*», até o dia cinco do corrente, com abatimento de 5 o/o.

A taxa de consumo d'agua do mez de Abril será recebido até 10 do corrente, sem a majoração regulamentar.

Novamente, a Prefeitura Municipal chama a attenção dos interessados, para as relações das *partidas de café, classificadas pelo D. N. C.* e affixadas na Portaria daquella Municipalidade.

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, na margem superior, sobre a data impressa: ["O Imparcial", de Araraquara] **3 – 5 - 1936**.

FICHAS DE LINGUAGEM

XXX

Barêja – varêja

"Cal te basculho de clerigo! ... Fora, bareja de carne podre!"

Herculano, *Monge*, vol. 1.º, pag. 77 da chamada 10.ª edição de Lisboa, sem data.

———

O termo *bareja* está consignado no dicionário de Morais, 1813, que define: - "Lêndea de mosca varejeira". O Constâncio, em 1877, tambem aponta a palavra, que não define, remetendo o consulente para *vareja*.

Dei sciência dos factos aí relatados ao autor do *Novo Dic*., quando êste andava ainda em 1.ª edição. Apesar disso, não foi o vocábulo incluido nas edições posteriores da obra. Os demais dicionários portugueses tambem não averbam *bareja*, que eu saiba; e tive a pachorra de consultar boa meia dúzia dêles, inclusive o *Elucidario* de Viterbo, a ver se seria o bolor da velhice que estava assim desterrando a forma vocabular contra a vontade de Herculano.

Se alguem quiser objectar que o silêncio dos vocabulistas origina se de ser a forma *bareja* uma variedade desnecessària e corrompida, perderá o latim. O *Novo Dic*., por exemplo, averba *bêspa* e *vêspa*, *caboucar* e *cavoucar*, *cabiuna* e *caviuna*, *barrer* e *varrer*, etc. Todavia, não lhe bastou a chancela de Herculano e o exemplo do velho Morais, para aí apoiar um verbête *bareja*. É muita exigência!

O Snr. Antenor Nascentes tambem não consignou a variante, porque esta não figura no *Vocabulário Ortográfico e Remissivo* de Gonçalves Viana (confira se *Boletim de Filologia*, tomo 3.º, pag. 325, Lisboa, 1934-1935). Este critério adoptado pelo valoroso autor do *Dicionário Etimologico* foi decerto prejudicial aos consulentes do léxico; mas explica a ausência do termo ali.

Diante, porém, da permuta parece aceitável, por dificuldades semânticas, o sugerido por Figueiredo, é lícito perguntar qual seja a forma preferível.

Ha noticias, bem antigas da forma *bareja*. Já vinha no *Tesouro* do Pe. Bento Pereira, e o dicionário chamado de Morais, 7.ª ed., 1878, abona-se num passo de Fernão Mendes Pinto, que

fui rebuscar e verifiquei ser êste: - "... e os tornou assim a mandar com a resposta escritta em hum pedaço de papel roto, que dizia assim: Bareja triste, nacida de mosca encharcada no mais çujo monturo, que pode haver em masmorras de presos, que nunca se alimparão, quem deu atrevimento á tua bayxesa para parafusar nas cousas do Ceo?"

Este Fernão Mendes Pinto tem coisas preciosissimas!

MOTA COQUEIRO

33- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXXI: Mulher, esposa, senhora. *O Imparcial*. Araraquara, 10 maio 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

XXXI

Mulher, esposa, senhora

"O Imparcial", 10 Maio 1936

«E' por isso que aqui venho, muito francamente, de *gentleman* para *gentleman*, dizer-lhe, como tenho tenção de dizer a outros, que aquela senhora não é minha mulher». (Eça de Queiroz, *Os Maias*, vol. 2.o, pag. 195).

«Entre os maus hábitos introduzidos na sociedade brasileira, não ha nenhum tão ridiculo como o do marido que, referindo-se a sua esposa, diz *minha senhora*. A expressão *minha mulher*, tão simples e tão afectuosa, considera-a êle uma grosseiria imperdoavel, um atentado contra a boa educação. . . » (Arthur Azevedo, em artigo avulso de imprensa, cortado pelo autor destas notas sem indicação do jornal de onde provinha).

* * *

A observação de Arthur Azevedo é justa. Radicou-se no conceito de maridos pernósticos, afectados ou sabichões, que *mulher* é . . . de soldado! Onde foram êles descobrir isso? A elegantissima frase do Eça, a opinião do saudoso jornalista e literato Arthur Azevedo, e a do elegante e correcto escriptor português contemporâneo, Snr. Agostinho de Campos, mostram que essa descoberta foi feita por algum dêsses tolinhos de espartilho; que infelizmente tem sempre imitadores. O último autor citado (ver *Revista de cultura*, vol. 15.o, pag. 53) afirma que, lá em Portugal (como aqui) se diz, entre a gente chamada «de sociedade», *minha mulher*.

O que a nenhum dêsses autores ocorreu dizer, mas eu digo agora por minha conta e risco, porque a cada passo se ouve, sem protesto de nenhum marido ciumento, é que *minha senhora* é justamente a mulher . . . dos outros.

O tal alemão de Coimbra, que largou aterrorizado o frasco de reagente no armário da aula de química, assim que o lente, por cortesia, lhe disse — *pois não!* — em vez de lhe dizer simplesmente — *Sim!* —; êsse alemão talvez achasse estranho qualquer colega dizer *minha senhora* á esposa dêle alemão. Mas nósoutros, brasileiros e portugueses, sabemos desde a infância que, nêste caso, *minha* quer dizer que. . . *não é minha*.

Minha senhora é, pois, a mulher de outrem, quando a ela nos dirigimos; e *minha mulher* é a *minha mesmo*. Falando-se a um cavalheiro casado, ha de dizer-se *sua esposa* ou, se ha mais liberdade, *sua senhora*. *Sua mulher* é que não; salvo na linguagem juridica ou tabeliôa, em que o modismo ficou tradicional.

* * *

Ha outros cambiantes de sentido, que tornam delicado — e até perigoso — o manejo da lingua vernàcula nêste terreno, como vamos vêr:

Mulherão — (ensinam com celestial simplicidade os dicionários) — é um aumentativo de mulher. Se, porém, algum descuidoso dos perigos dêste mundo, fôsse dizer ingênuamente a um marido sanguíneo: «sua esposa é um mulherão!» — correria o risco desagradável de ver essa linguagem corrigida a bafetadas. . .

Já não creio haja perigo, e parece-me que posso dizer a qualquer marido: «sua esposa é uma senhora bonita». Nêste caso, o felizardo, por modéstia, talvez até. . . mudasse de assunto. . . Se, todavia, alguem lhe disser (eu não direi, credo!): «você tem uma bonita mulher» — pode contar que o sujeito não achará muita graça. Agora, esta mesma frase, dita a um amante, pô-lo-á envaidecido, e pode ser qne lhe arranque a cortesia comunicativa de um *muito obrigado!*

Finalmente: se ao passar uma senhora, qualquer janota resmungar um *bonita mulher!* — essa exclamação será menos respeitosa que se fôsse esta: *mulher bonita!*

Na linguagem, as menores coisas tem importância. . .

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, embaixo do título do texto: [“O Imparcial”, 10 Maio 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XXXI

Mulher, esposa, senhora

“É por isso que aqui venho, muito francamente, de *gentleman* para *gentleman*, dizer-lhe, como tenho tenção de dizer a outros, que aquela senhora não é minha mulher”. (Eça de Queiroz, *Os Maias*, vol. 2.º, pag. 195).

“Entre os maus hábitos introduzidos na sociedade brasileira, não ha nenhum tão ridiculo como o do marido que, referindo-se a sua esposa, diz *minha senhora*. A expressão *minha mulher*, tão simples e tão afectuosa, considera-a êle uma grosseiria imperdoavel, um atentado contra a boa educação... “ (Arthur Azevedo, em artigo avulso de imprensa, cortado pelo autor destas notas sem indicação do jornal de onde provinha).

***

A observação de Arthur Azevedo é justa. Radicou-se no conceito de maridos pernósticos, afectados ou saberêtas, que *mulher* é... de soldado! Onde foram êles descobrir isso? A elegantissima frase do Eça, a opinião do saudoso jornalista e literato Arthur Azevedo, e a do elegante e correcto escriptor português contemporâneo, Snr. Agostinho de Campos, mostram que essa descoberta foi feita por algum dêsses tolinhos de espartilho; que infelizmente tem sempre imitadores. O último autor citado (ver *Revista de cultura*, vol. 15.º, pag. 53) afirma que, lá em Portugal (como aqui) se diz, entre a gente chamada “de sociedade”, *minha mulher*.

O que a nenhum dêsses auotres ocorreu dizer, mas eu digo agora por minha conta e risco, porque a cada passo se ouve, sem protesto de nenhum marido ciumento, é que *minha senhora* é justamente a mulher... dos outros.

O tal alemão de Coimbra, que largou aterrorizado o frasco de reagente no armário da aula de química, assim que o lente, por cortesia, lhe disse - *pois não*! – em vez de lhe dizer simplesmente – *Sim!* -; êsse alemão talvez achasse estranho qualquer colega dizer *minha*

senhora á êsposa dêle alemão[43]. Mas nósoutros, brasileiros e portugueses, sabemos desde a infância que, nêste caso, *minha* quer dizer que... *não é minha*.

Minha senhora é, pois, a mulher de outrem, quando a ela nos dirigimos; e *minha mulher* é a *minha mesmo*. Falando-se a um cavalheiro casado, ha de dizer-se *sua esposa* ou, se ha mais liberdade, *sua senhora*. *Sua mulher* é que não; salvo na linguagem jurídica ou tabeliôa, em que o modismo ficou tradicional.

***

Ha outros cambiantes de sentido, que tornam delicado – e até perigoso: - o manejo da lingua vernácula nêste terreno, como vamos vêr:

Mulherão – (ensinam com celestial simplicidade os dicionários) – é um aumentativo de mulher. Se, porém, algum descuidoso dos perigos dêste mundo, fosse dizer ingênuamente a um marido sangüíneo: "sua esposa é um mulherão"! – correria o risco desagradável de ver essa linguagem corrigida a bafetadas...

Já não creio haja perigo, e parece-me que posso dizer a qualquer marido: "sua esposa é uma senhora bonita". Nêste caso, o felizardo, por modéstia, talvez até... mudasse de assunto... Se, todavia, alguem lhe disser (eu não direi, credo!): "você tem uma bonita mulher" – pode contar que o sujeito não achará muita graça. Agora, esta mesma frase, dita a um amante, pô-lo-á envaidecido, epode ser que lhe arranque a cortesia comunicativa de um *muito obrigado*!

Finalmente: se ao passar uma senhora, qualquer janota resmungar um *bonita mulher*! – essa exclamação será menos respeitosa que se fôsse esta: *mulher bonita!*

Na linguagem, as menores coisas tem importância...

MOTA COQUEIRO

43 Referência à Ficha de linguagem n. XXVII – *Pois não! Não, igual a sim; sim, igual a não. Por amor de,* em que PLC relata o caso.

34 – COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXXII: A troca do B pelo V. *O Imparcial.* Araraquara, 17 maio 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

XXXII

A troca do B pelo V

"O Imparcial", 17 Maio 1936

Foi dito aqui no artiguête intitulado *Bareja — vareja,* que é corrente na língua a permuta do B pelo V.

Pois o meu impertinente fiscal do Bairro dos Machados viu isso e zangou-se, encheu-se de amor patriótico e escreveu-me terceira carta, que Deus queira seja a última..... Diz êle:

«Corrente na língua, vírgula. E' corrente na língua *dos portugas,* e esta não é língua do Brasil»..... etc. etc.

O Snr, Mário Marroquim (*A lingua do Nordeste,* S. Paulo, 1934, pag. 77) declara que no Nordeste não ha sincretismo entre os fonemas *b* e *v*. E' possivel; não conheço suficientemente, de oitiva, a linguagem popular do Nordeste; e não conheço sincretismo dêsses sons consoante na língua dali que tenho visto escrita. Mas cá por São Paulo o sincretismo em questão existe, como vamos ver,

E' comum afirmarem em palestras de esquina (e até nas gazêtas humaristicas) os lusófobos impenitentes que os *portugueses* trocam o vê pelo bê, e vice-versa. Os portugueses? Vírgula, como diria o meu correspondente, se tambem não fosse lusófobo. O caboclo paulista diz *brabo, bamo* (-vamos), bage (-vagem), bêspa (vêspa), berruma (-verruma) e muito mais ainda. Já o observou Amadeu Amaral (*Dialecto Caipira,* pag. 26), e as obras de Cornélio Pires a cada passo no-lo mostram: veja-se, por exemplo, na *Mixórdia,* S. Paulo, 1927, pags. 222 (*povresa* — pobreza) e 223 (*povre* — pobre)

Mais ainda: na linguagem popular de S. Paulo alternam as formas *copaúba* e *copaíva, cabortêro e cavortêro, berruga e verruga, barrer e varrer, cabiuna e caviuna, gerbão e gervão,* e não sei quantos outros casos de puros sincretismo.

Porque então atribuir somente a *portugas* a troca ou o sincretismo de bê e vê? O Camilo, quando escrevia *bassouras (Volcões de lama,* Porto, 1887, pag. 250), «foices *encavadas* em grossas varas» (*Brasileira de Prazins,*) Porto, 1898, pag. 35), «*tabolagem* das *tavernas,*» (*Idem ibidem,* pag. 259) — estava na óptima companhia de patrícios dêle e nossos.

Deixe, portanto, o bairrista dos Machados de fazer troça dos portugas ou, se quiser, comece a troça com os nossos patrícios; e saiba o Snr. Marroquim (que já o sabe, talvez, porque mostra conhecer bem o dialecto popular do país) que em S. Paulo ha permutà e sincretismo de bê e vê.

Repito, em que pese ao machadense, que o facto é da língua portugcesa, de cá e de lá, embora talvez lá seja máis freqüente, ou envolva palavras que aqui tem fórma única com bê ou com vê.

MOTA COQUEIRO

DENTADURAS SEM ABOBADA PALATINA
Nicolino Lia
Especialista

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, embaixo do título do texto: ["O Imparcial", 17 Maio 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XXXII

A troca do B pelo V

Foi dito aqui no artiguête intitulado *Bareja – vareja*, que é corrente na lingua a permuta do B pelo V.

Pois o meu impertinente fiscal do Bairro dos Machados viu isso e zangou-se, encheu-se de amor patriótico e escreveu-me terceira carta, que Deus queira seja a última..... Diz êle:

"Corrente na língua, vírgula. É corrente na língua *dos portugas*, e esta não é língua do Brasil"..... etc. etc.

O Snr. Mário Marroquim (*A lingua do Nordeste*, S. Paulo, 1934, pag. 77) declara que no Nordeste não ha sincretismo entre os fonemas *b* e *v*. É possível; não conheço suficientemente, de oitiva, a linguagem popular do Nordeste; e não conheço sincretismo dêsses sons consoantes na lingua dali que tenho visto escrita. Mas cá por São Paulo o sincretismo em questão existe, como vamos ver.

É comum afirmarem em palestras de esquina (e até nas gazêtas humarísticas) os lusófobos impenitentes que os *portugueses* trocam o vê pelo bê, e vice-versa. Os portugueses? Vírgula, como diria o meu correspondente, se tambem não fosse lusófobo. O caboclo paulista diz *brabo*, *bamo* (-vamos), bage (-vagem), bêspa (-vêspa), berruma (-verruma) e muito mais ainda. Já o observou Amadeu Amaral (*Dialecto Caipira*, pag. 26), e as obras de Cornélio Pires a cada passo no-lo mostram: veja-se, por exemplo, na *Mixórdia*, S. Paulo, 1927, pags. 222 (*povresa* – pobreza) e 223 (*povre* – pobre).

Mais ainda: na linguagem popular de S. Paulo alternam as formas *copaúba* e *copaúva*, *cabortêro* e *cavortêro*, *berruga* e *verruga*, *barrer* e *varrer*, *cabiuna* e *caviuna*, *gerbão* e *gervão*, e não sei quantos outros casos de puros sincretismo.

Porque então atribuir somente a *portugas* a troca ou o sincretismo de bê e vê? O Camilo, quando escrevia *bassouras* (*Volcões de lama*, Porto, 1887, pag. 250), "foices *encavadas* em grossas varas" (*Brasileira de Prazins*, Porto, 1898, pag. 35), "*tabolagem* das *tavernas*" (*Idem, ibidem*, pag. 259) – estava na óptima companhia de patrícios dêle e nossos.

Deixe, portanto, o bairrista dos Machados de fazer troça dos portugas ou, se quiser, comece a troça com os nossos patrícios; e saiba o Snr. Marroquim (que já o sabe, talvez, porque mostra conhecer bem o dialecto popular do paíz) que em S. Paulo ha permuta e sincretismo de bê e vê.

Repito, em que pese ao machadense, que o facto é da língua portuguesa, de cá e de lá, embora talvez lá seja máis freqüente, ou envolva palavras que aqui tem fórma única com bê ou com vê.

MOTA COQUEIRO

35- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXXIII: Gomitar, vomitar. *O Imparcial.* Araraquara, 24 maio 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico, data e correções a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:

FICHAS DE LINGUAGEM

XXXIII

Gomitar, vomitar

"O Imparcial", 24 Maio 1936

Estas **Fichas** são notas de estudante, que não de professor. Não têm a pretensão de ensinar, senão somente o fim de arquivar na gaveta, por falta de boa memória, o que vou sucessivamente aprendendo com os mestres. Não queira o Duke promover o estudante á cátedra de professor, que isso seria crueldade... Não seja cruel, homem!

Considerei-me, pois, chamado á lição, ou á sabatina, quando na última quinta-feira vi que o festejado cronista me emprazava a dar parecer sôbre o verbo popular *gomitar*.

A forma latina da palavra é com vê, e com vê passou para as línguas novilatinas e até para o inglês: — italiano *vomitare*, francês *vomir*, espanhol e português *vomitar*, inglês *vomit*.

Acontec, porém, que a invasão da península ibérica pelos povos germânicos, na idade média, estabeleceu longo e íntimo contacto entre o latim popular e as línguas portuguêsa e espanhola arcáicas, aí dominantes na época, e a linguagem mais rude daquêles bárbaros. Êsse contacto demorado deixou muitos vestígios, ainda hoje vivos, quer no português quer no espanhol.

Ora a pronúncia do vê, ou *dablin* inicial da língua dos invasores, deu ás palavras portuguesas e espanholas daí provindas, o nosso som de gê forte, ou guê: — confra-se *guerra*, de *werra*, *guisa*, de *wisa* (J. J. Nunes, *Crestomatia arcáica*, pag. LXVIII). Êste vê germânico, após longo contacto com as línguas dos vencidos, veio a influir na pronúncia do vê inicial de procedência latina e o alterou nalguns termos de que são exemplos *goraz*, de *vorace*, *gastar*, de *vastare*, *golpelha*, de *vulpécula*, *gomitar*, de *vomitare*, etc. (J. J. Nunes, *loc. cit.*, e João Ribeiro, *Curiosidades verbais*, pag. 65).

Ha tambem em espanhol as duas formas, *vomitar* e *gometar*, fenómeno êste que teve a mesma origem. O *Dic. da Acad. Esp.* não consigna a forma *gometar*, que todavia conheço através de afirmação da insigne romanista D.a. Carolina Michaëlis (*Revista Lusitana*, vol. XIII, pag. 327, nota 2).

Quando, portanto, no século 16 os portugueses trouxeram para o Brasil a língua que nos herdaram, já dela fazia parte o vocábulo *gomitar*, que destarte não é privativo dos nossos cabôclos, como parece insinuar a crónica do Duke. Vingou todavia muito viçosamente em São Paulo (Amadeu Amaral, *Dialecto caipira*, s. voc. *gumitar*), onde a língua genuinamente popular não conhece a forma *vomitar*. Aliás a forma com gê parece ser geral no nosso país: — ver Mário Marroqnim, *A língua do Nordeste*, pag. 77).

Como ficou verificado, não ha no caso troca ou permuta de vê em gê — o que aliás seria impossível por serem fonemas heterorgânicos (com perdão do hibridismo). O que ha são duas formas divergentes: — uma popular, que sofreu na Europa a influência da fonética germânica, e veio para o Brasil já desfigurada em *gomitar*; outra geral na Europa, culta ou semiculta no Brasil, mais fiel á ortoépia latina: — *vomitar*.

Salvo o parecer dos doutos.

MOTA COQUEIRO

heterorgânicos

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, embaixo do título do texto: ["O Imparcial", 24 Maio 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XXXIII

Gomitar, vomitar

Estas **Fichas** são notas de estudante, que não de professor. Não têm a pretensão de ensinar, senão somente o fim de arquivar na gaveta, por falta de boa memória, o que vou sucessivamente aprendendo com os mestres. Não queira o Duke promover o estudante á cátedra de professor, que isso seria crueldade... Não seja cruel, homem!

Considerei-me, pois, chamado á lição, ou á sabatina, quando na última quinta-feira vi que o festejado cronista me emprazava a dar parecer sôbre o verbo popular *gomitar*.

A forma latina da palavra é com vê, e com vê passou para as línguas novilatinas e até para o inglês: - italiano *vomitare*, francês *vomir*, espanhol e português *vomitar*, inglês *vomit.*

Acontece, porém, que a invasão da península ibérica pelos povos germânicos, na idade média, estabeleceu longo e ìntimo contacto entre o latim popular e as línguas portuguêsa e espanhola arcáicas, aí dominantes na época, e a linguagem mais rude daquêles bárbaros. Êsse contacto demorado deixou muitos vestígios, ainda hoje vivos, quer no português quer no espanhol.

Ora a pronúncia do vê, ou *dabliú* inicial da língua dos invasores, deu ás palavras portuguesas e espanholas daí provindas, o nosso som de gê forte, ou guê: - confira-se *guerra*, de *werra*, *guisa*, de *wisa* (J. J. Nunes, *Crestomatia arcáica*, pag. LXVIII). Êste vê germânico, após longo contacto com as línguas dos vencidos, veio a influir na pronúncia do vê inicial de procedência latina e o alterou nalguns termos de que são exemplos *goraz*, de *vorace*, *gastar*, de *vastare*, *golpelha*, de *vulpécula*, *gomitar*, de *vomitare*, etc. (J. J. Nunes, *loc. cit.*, e João Ribeiro, *Curiosodades verbais*, pag. 56).

Ha tambem em espanhol as duas formas, *vomitar* e *gometar*, fenómeno êste que teve a mesma origem. O *Dic. da Acad. Esp*. não consigna a forma *gometar*, que todavia conheço através de afirmação da insigne romanista D.a. Carolina Michaëlis (Revista Lusitana, vol. XIII, pag, 327, nota 2).

Quando, portanto, no século 16 os portugueses trouxeram para o Brasil a língua uqe nos herdaram, já dela fazia parte o vocábulo *gomitar*, que destarte nãoé privativo dos nossos cabôclos, como parece insinuar a crónica do Duke. Vingou todavia muito viçosamente em São Paulo (Amadeu Amaral, *Dialecto caipira*, s. voc. *gumitar*), onde a língua genuinamente popular não conhece a forma *vomitar*. Aliás a forma com gê parece ser geral no nosso país: - ver Mário Marroquim, *A língua do Nordeste*, pag. 77.

Como ficou verificado, não ha no caso troca ou permuta de vê em gê – o que aliás seria impossível por serem fonemas [correção manuscrita: heterorgânicos] (com perdão do hibridismo). O que ha são duas formas divergentes: - uma popular, que sofreu na Europa a influência da fonética germânica, e veio para o Brasil já desfigurada em *gomitar*; outra geral na Europa, culta ou semiculta no Brasil, mais fiel á ortoépia latina: - *vomitar*.

Salvo o parecer dos doutos.

MOTA COQUEIRO

36- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXXIV: Alguem e ninguem/ Atreiçoado e atraiçoado. *O Imparcial.* Araraquara, 31 maio 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico, data e correções, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

XXXIV

Alguem e ninguem
Atreiçoado e atraiçoado

"O Imparcial", 31 Maio 1936.

Nestas últimas segundas-feiras, a falta de notícias das fortificações do Reno e da conquista da Abissínia, de que se alimenta a curiosidade do mundo, tem me levado a abrir algum dêsses vetustos in-fólios, onde se alastram, prolixas e ingênuas, mas quase sempre instrutivas, as narrações e comentários de factos passados ha quatrocentos ou quinhentos anos.

Que coisas interessantes tenho visto! Uma das últimas foi esta: — «. . . porque me parece que não ha hi maior engano que cuidar ninguem que em algum tempo naturalmente possa haver alguns cristãos chins, senão se Deus fizer outros de novo, porque êstes que ao presente ha na Terra é por demais falar nisso». (Carta do Irmão Fernão Mendes Pinto ao Reitor do Colégio de Gôa, em data de 1555. Ver a ed. de 1909 das *Peregrinações*, vol. 4.o, pag. 164).

Este alvitre do santo Jesuita, de *fazer outros chins de novo* em proveito do cristianismo, é das melhores idéias, é talvez mesmo a melhor idéia de valorização que até hoje apareceu. Os economistas da Republica Nova deviam inspirar-se nela, e cuidar dêsde logo de *fazer de novo* as leis naturais, porque as dispendiosíssimas tentativas de queimas e de *shillings* «é por demais falar nisso. . .».

Mas deixemos que se amolem os economistas do café e das tarifas de alfândega, e examinemos o sentido daquêle *ninguem* empregado pelo clássico quinhentista.

———

E' evidente que, no uso geral da língua, o termo *ninguem* envolve conceito oposto ao de *alguem*. Apesar de geralmente antagônicos, podem, às vezes êsses termos ser sinónimos, como mostra o exemplo do têxto citado.

Não são raros êstes casos. Já aqui vimos outro dia que *pois sim* e *pois não* tem o seu significado ligado mais á ênfase da frase do que á letra dos termos. Vamos agora ver o que se passa com o adjectivo verbal *atraiçoado*

———

« . . . porque como a nação dos Tapuyas he gente atreiçoada, e tragadora que igualmente anda á caça da gente, e das feras, pera pasto da gula. . . » (Pe. Simão de Vasconcelos, *Crónica da Companhia de Jesus*, vol. 1.o, pag. XCI da ed. de 1865).

«Mas já o velho Tempo atraiçoado.

Com os gelos na mão me segue e espia; » (Nicolau Tolentino, *Obras completas*, Lisboa, 1861, pag. 15).

Assim, *atreiçoado* ou *atraiçoado* não é somente quem *é traído*, mas tambem quem *é traidor*.

O velho Morais, que lia os seus clássicos, em pleno sossêgo, no engenho da Moribéca, dera já pelo caso, e definiu o termo atreiçoado em ambos os sentidos (ed. 1813), sem, todavia, ave bar á forma *atraiçoado*. O Constâncio (1877) admite ambas as formas vocabulares, mas não lhes reconhece o sentido de *traidor*, evidente nos passos acima transcritos. O C. Figueiredo (4 a ed., 1926) consigna o infinitivo do verbo nas suas duas formas; na forma com *e*, cita Fernão Mendes Pinto. Fui conferir a citação, e vi que o dicionarista estava fatigado, pois a forma vocabular existente no têxto, é *atreyçoado*, adjectivo puro, com o sentido *traidor*, e um epsilon de sobrecarga.

Mas esta nota já passou da medida. Até domingo.

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, embaixo do título do texto: [“O Imparcial”, 31 Maio 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XXXIV

Alguem e ninguem

Atreiçoado e atraiçoado

Nestas últimas segundas-feiras, a falta de notícias das fortificações do Reno e da conquista da Abissínia, de que se alimenta a curiosidade do mundo, tem me levado a abrir algum dêsses vetustos in-fólios, onde se alastram, prolixas e ingênuas, mas quase sempre instrutivas, as narrações e comentários de factos passados ha quatrocentos ou quinhentos anos.

Que coisas interessantes tenho visto! Uma das últimas foi esta: - “... porque me parece que não ha hi [aí] maior engano que cuidar ninguem que em algum tempo naturalmente possa haver alguns cristãos chins, senão se Deus fizer outros de novo, porque êstes que ao presente ha na Terra é por demais falar nisso”. (Carta do Irmão Fernão Mendes Pinto ao Reitor do Colégio de Gôa, em data de 1555. Ver a ed. de 1909 das *Peregrinações*, vol. 4.º, pag. 164).

Este alvitre do santo Jesuita, de *fazer outros chins de novo* em proveito do cristianismo, é sas melhores idèias, é talvez mesmo a melhor ideia de valorização que até hoje apareceu. Os economistas da República Nova deviam inspirar-se nela, e cuidar dêsde logo de *fazer de novo* as leis naturais, porque as dispendiosíssimas tentativas de queimas e de *shillings* “é por demais falar nisso...”.

Mas deixemos que se amolem os economistas do café e das tarifas de alfândega, e examinemos o sentido daquêle *ninguem* empregado pelo clássico quinhentista.

—— —— ——

É evidente que, no uso geral da língua, o termo *ninguem* envolve conceito oposto ao de *alguem*. Apesar de geralmente antagônicos, podem, às vezes êsses termos ser sinónimos, como mostra o exemplo do têxto citado.

Não são raros êstes casos. Já aqui vimos outro dia que *pois sim* e *pois não* tem o seu significado ligado mais á ênfase da frase do que á letra dos termos. Vamos agora ver o que se passa com o adjectivo verbal *atraiçoado*.

—— —— ——

"... porque como a nação dos Tapuyas he gente atreiçoada, e tragadora que igualmente anda á caça da gente, e das feras, pera pasto da gula..." (Pe. Simão de Vasconcelos, *Crónica da Companhia de Jesus*, vol. 1.º, pag. XCI da ed. de 1865).

"Mas já o velho Tempo atraiçoado.

Com os gelos na mão me segue e espia;" (Nicolau Tolentino, *Obras completas*, Lisboa, 1861, pag. 15).

Assim, *atreiçoado* ou *atraiçoado* não é somente quem *é traído*, mas tambem quem *é traidor*.

O velho Morais, que lia os seus clássicos, em pleno sossêgo, no engenho da Moribéca, dera já pelo caso, e definiu o termo atreiçoado em ambos os sentidos (ed. 1813), sem, todavia, averbar a forma *atraiçoado*. O Constâncio (1877) admite ambas as formas vocabulares, mas não lhes reconhece o sentido de *traidor*, evidente nos passos acima transcrito. O C. Figueiredo (4.ª ed., 1926) consigna o infinitivo do verbo nas suas duas formas; na forma com *e*, cita Fernão Mendes Pinto. Fui conferir a citação, e vi que o dicionarista estava fatigado, pois a forma vocabular existente no têxto, é *atreyçoado*, adejctivo puro, com sentido de *traidor*..... e um epsilon de sobrecarga.

Mas esta nota já passou da medida. Até domingo.

MOTA COQUEIRO

37- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXXV: Ortografia. *O Imparcial.* Araraquara, 7 jun. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico, data e correções, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

"O Imparcial", 7 de junho 1936

XXXV

Ortografia

Algumas pessoas têm me dirigido perguntas sobre dúvidas ortográficas. Esta questão, depois de tantos passes e vira-voltas que sofreu dos curiosos sem conveniente preparo, tornou-se afinal em verdadeira charada. Ha dias, dizia-me um professor de um dos nossos grupos escolares, que não sabia mais como ensinar ortografia aos alunos. . . e nem podia, êle próprio, formar juizo seguro, em muitos casos, para a sua prática individual.

A observação é mais que justa. Vamos aproveitar o espaço que nos concedeu o jornal, para ventilar alguns dêsses casos de dúvida.

———

Pança ou *pansa* ? *E' pança,* como averiguam os dicionários e ensina João Ribeiro (*Autores Contemporâneos,* nota 7). A dúvida aqui nasceu daquêle notabilíssimo ensino da Academia Brasileira de Letras: — «escrever com ésse as palavras que uns escrevem com *c* outros com *s* ». Êste destempêro foi revogado pelo acôrdo, tal como *parece* ter ficado ultimamente, com a Academia portuguêsa.

No seu infeliz ensino, a nossa Academia tinha exemplificado o caso com a palavra *dansa* (sic !). Os portugueses, mais ponderados e menos levianos, não se submeteram absolutamente ao disparate; e o caso ficou afinal dependendo do critério etimológico — ao menos lá para êles. Aqui. . . eu escrevi sempre, e sempre escreverei *dança,* com cê cedilhado. Estou na companhia dos dicionaristas, dos filólogos a valer, e da grande maioria do público que escreve em português: — incomoda-me pouco que os franceses escrevam *danse.* Portanto: — *pança, dança, dançar,* ao lado de *cansar, cansativo,* etc.

Maçada ou massada ? — A' contrariedade, aborrecimento, caceteação, devemos dar a grafia com cê: — confira-se Aluizio Azevedo, *Casa de pensão* (ed. Garnier, sem data) pag. 34. O termo deriva de *maça,* cacête grosso, mais grosso de uma parte que da outra. Dêste termo ha tambem a forma masculina *maço,* de sentido pouco diverso. Ver os dicionários. Se precisarmos de um derivado de massa, (mistura de farinha com um líquido, por exemplo) escreveremos então *massada,* termo êsse que não vi ainda usado por nenhum escritor, e que os meus dicionários não consignam. E' evidente, porém, que tal derivado desdiz da analogia da língua, e terá de ser grafado em conformidade com o termo de que provêm.

Este caso da *maçada* tambem pode enquadrar-se na curiosa lição do formulário da nossa Academia, porque ha quem escreva com ésses em vez de cê. Onde iríamos parar, santo Deus!

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, embaixo do título do texto: ["O Imparcial", 7 de Junho 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XXXV

Ortografia

Algumas pessoas têm me dirigido perguntas sobre dúvidas ortográficas. Esta questão, depois de tantos passes e vira-voltas que sofreu dos curiosos sem conveniente preparo, tornou-se afinal em verdadeira charada. Ha dias, dizia-me um professor de um dos nossos grupos escolares, que não sabia mais como ensinar ortografia aos alunos... e nem podia, êle próprio, formar juizo seguro, em muitos casos, para a sua prática individual.

A observação é mais que justa. Vamos aproveitar o espaço que nos concedeu o jornal, para ventilar alguns dêsses casos de dúvida.

—— —— ——

Pança ou *pansa*? É *pança*, como averbam os dicionários e ensina João Ribeiro (*Autores Contemporâneos*, nota 7). A dúvida aqui nasceu daquêle notabilíssimo ensino da Academia Brasileira de Letras: - "escrever com ésse as palavras que uns escrevem com *c* outros com *s*". Êste destempêro foi revogado pelo acôrdo, tal como *parece* ter ficado ultimamente, com a Academia portuguesa.

No seu infeliz ensino, a nossa Academia tinha exempli[fi]cado o caso com a palavra *dansa* (sic!). Os portugueses, mais ponderados e menos levianos, não se submeteram absolutamente ao disparate; e o caso ficou afinal dependendo do critério etimológico – ao menos lá para êles. Aqui... eu escrevi sempre, e sempre escreverei *dança*, com cê cedilhado. Estou na companhia dos dicionaristas, dos filólogos a valer, e da grande maioria do público que escreve em português: - incomoda-me pouco que os franceses escrevam *danse*. Portanto: - *pança*, *dança*, *dançar*, ao lado de *cansar*, *cansativo*, etc.

Maçada ou *massada*? --- Á contrariedade, aborrecimento, caceteação, devemos dar a grafia com cê: - - confira-se Aluizio Azevedo, *Casa de pensão* (ed. Garnier, sem data) pag. 34. O termo deriva de *maça*, cacête grosso, mais grosso de uma parte que da outra. Dêste termo ha tambem a forma masculina *maço*, de sentido pouco diverso. Ver os dicionários. Se precisarmos de um derivado de massa, (mistura de farinha com um líquido, por exemplo) escreveremos então

massada, termo êsse que não vi ainda usado por nenhum escritor, e que os meus dicionários não consignam. É evidente, porém, que tal derivado [não] desdiz da analogia da língua, e terá de ser grafado em conformidade com o termo de que provém.

Êste caso da *maçada* tambem pode enquadrar-se na curiosa lição do formulário da nossa Academia, porque ha quem escreva com ésses em vez de cê. Onde iríamos parar, santo Deus!

MOTA COQUEIRO

38- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXXVI: Ortografia. *O Imparcial*. Araraquara, 14 jun. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



IAL *O Imparcial*", 14 de Junho, 1936

FICHAS DE LINGUAGEM

XXXVI

Ortografia

ERVA ou HERVA? — E' *erva*, como ensinam os bons dicionários.

O velho Morais, em 1813, consignou sob o mesmo verbête as palavras *erva, ervaçal, ervado* e *ervagem*. Os seus continuadores, em edições tiradas após a morte do insigne vocabulista, estropiaram-lhe o verbête, que ficou reduzido unicamente á primeira palavra. Na sétima edição, por exemplo, não se consignam as palavras *ervaçal, ervado* e *ervagem*, que todas figuram somente com agá inicial, o que é antietimológico, e devido a confusão com as formas eruditas *herbáceo, herbívoro, herborezar, etc.*

Etimologicamente, havemos de distinguir as formas populares, importadas *oralmente* do latim popular (em que o agá perdera qualquer valor fonético) das formas eruditas, tiradas mais tarde dos textos *escritos* do latim literário. São inumeráveis os casos de dualidade de escrita na nossa língua, conforme a palavra teve origem oral (ou popular) ou escrita: chão e p'ano, chantar e plantar, por exemplo. Mas nêstes casos, o fonema inicial tinha valor fonético no latim popular, que ficou representado no português popular, o que não se deu em *erva*.

Não se confundam, pois, factos diversos. A boa escrita de *erva*, e seus derivados, ha de ser sem agá, reservado êste para termos de formação erudita e posterior, como *herbário, herboso*, etc. Compare-se *inverno* e *hibernar*, e confira-se a excelente *Prontuário de ortografia*, de Costa Leão, Lisboa, 1934, pag. 37 (nota).

AÇUCAR ou ASSUCAR? — Deve escrever-se *açucar*, se a etimologia vale alguma coisa e se quisermos apoiar os nossos actos em razões plausiveis. A Academia Brasileira já aprovou a grafia *assucar*, em uma das suas tentativas ... patrióticas. Desde que êste parecer contrariava os modêlos adoptados em Portugal, isso pareceu bastante a justificar os dois ésses intrusos. Afinal, parece que o célebre acôrdo ortográfico, que consagrou vários desacôrdos, conformou-se, após os últimos debates, com o cê cedilhado e proscreveu os ésses. Veja-se João Ribeiro, *Autores contemporâneos*, nota 67.

Pedra-ume ou *pedra-hume*? E' *pedra ume* sem a menor dúvida. Já se tem escrito a palavra com agá; mas é difícil imaginar um despropósito ortográfico de que não haja exemplo nêste mundo de Cristo!... (Confira-se *Revista Lusitana*, vol [illegible] pag. 59).

MOTA COQUEIRO

Nota: — No último domingo, escrevi eu, já quase ao terminar o meu parecer sobre *massada* (termo êste que não conheço, mas poderia derivar-se de *massa*) que tal derivado NÃO desdiz da analogia da língua. O tipógrafo suprimiu o *não*, e fiquei afirmando, contra vontade, que ... desdiz. Corrija o leitor amigo e paciente...

M. C.

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, na margem superior, sobre do título da coluna: ["O Imparcial", 14 de Junho, 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XXXVI

Ortografia

ERVA ou HERVA? – É *erva*, como ensinam os bons dicionários.

O velho Morais, em 1813, consignou sob o mesmo verbête as palavras *erva, ervaçal, ervado* e *ervagem*. Os seus continuadores, em edições tiradas após a morte do insigne vocabulista, estropiaram-lhe o verbête, que ficou reduzido unicamente á primeira palavra. Na sétima edição, por exemplo, não se consignam as palavras *ervaçal, ervado* e *ervagem*, que todas figuram somente com agá inicial, o que é antietimológico, e devido a confusão com as formas eruditas *herbáceo, herbívoso, herborezar, etc.*

Etimologicamente, havemos de distinguir as formas populares, importadas *oralmente* do latim popular (em que o agá perdera qualquer valor fonético) das formas eruditas, tiradas mais tarde dos textos *escritos* do latim literário. São inumeráveis os casos de dualidade de escrita da nossa língua, conforme a palavra teve origem oral (ou popular) ou escrita: chão e plano, chantar e plantar, por exemplo. Mas nêstes casos, o fonema inicial tinha valor fonético no latim popular, que ficou representado no português popular, o que não se deu em *erva*.

Não se confundam, pois, factos diversos. A boa escrita de *erva*, e seus derivados, ha de ser sem agá, reservado êste para termos de formação erudita e posterior, como *herbário, herboso*, etc. Compare-se *inverno* e *hibernar*, e confira-se a[o] excelente *Prontuário de ortografia*, de Costa Leão, Lisboa, 1934, pag. 37 (nota).

AÇUCAR ou ASSUCAR? – Deve escrever-se *açucar*, se a etimologia vale alguma coisa e se quisermos apoiar os nossos actos em razões plausíveis. A Academia Brasileira já aprovou a grafia *assucar*, em uma das suas tentativas... patrióticas. Desde que êste parecer contrariava os modêlos adoptados em Portugal, isso pareceu bastante a justificar os dois ésses intrusos. Afinal, parece que o célebre acôrdo ortográfico, que consagrou vários desacôrdos, conformou-

se, após os últimos debates, com o cê cedilhado e proscreveu os ésses. Veja-se João Ribeiro, *Autores contemporâneos*, nota 67.

Pedra-ume ou *pedra-hume*? É *pedra ume* sem a menor dúvida. Já se tem escrito a palavra com agá; mas é dificil imaginar um despropósito ortográfico de que não haja exemplo nêste mundo de Cristo!... "Confira-se *Revista Lusitana*, vol [5.º,] pag. 59).

MOTA COQUEIRO

Nota: - No último domingo, escrevi eu, já quase ao terminar o meu parecer sobre *massada* (termo êste que não conheço, mas poderia derivar-se de *massa*) que tal derivado NÃO desdiz da analogia da língua. O tipógrafo suprimiu o *não*, e fiquei afirmando, contra vontade, que... desdiz. Corrija o leitor amigo e paciente...

M. C.

39 – COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXXVII: Ortografia. *O Imparcial*, Araraquara, 21 jun. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico, data e correções, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

"O Imparcial", 21 de Junho 1936

XXXVII

Ortografia

Comummente, connosco: — A duplicação do ême ou do êne nestas palavras é indispensavel, visto que êsse fonema tem valor na pronúncia, tanto no Brasil como em Portugal. Nêstes casos, o postulado de não duplicar consoantes não tem aplicação

Ombro, úmido, ontem: — O agá inicial com que ainda hoje muitos escrevem estas palavras no Brasil (em Portugal, ha mais de um decênio, talvez ha mais de vinte anos, ninguem vê mais êsses agás descabidos); mais o tal agá dessas palavras é erróneo, mesmo em ortografia etmológica. Isso não é decreto meu:— está explicado e documentado em obras de notáveis filólogos, como posso mostrar.

Luis, Luiza: — «Hoje» (diz o Snr. Cândido Jucá Filho, na *Revista de língua portuguesa*, 2.a série, n.o 2, p. 38) «acusam o acôrdo de induzir-nos em alternativas como Luiz, com *z*, ao lado de *luis*, nome comum, e *Luisa*, com *s*. Ora a mesmíssima censura pode fazer-se á reforma de 1911, por escrever *Fernandes* com *s*, mas *fernandézia*, seu derivado, com *z*».

Esta é muito bóa! Em *fernandézia* intervem o sufixo *ia*, acrescentado ao nome próprio *Fernandez*, como em *Rodésia* intervem o mesmo sufixo, posposto ao nome de *Ro-* recebeu o *a* sem alteração do radical masculino. Não! E' inútil procurar defesa para essa e outras incongruências da ortografia da nossa Academia de Letras. Leiam-se os três artigos de Souza da Silveira na *Revista de Cultura*, vol. 10.o, pags 37, 189 e 205; o artigo de Agostinho de Campos na mesma *Revista*, vol. 11.o, pag. 46; o *Apêndice* do *Prontuário de ortografia* de Costa Léão, 5.a edição, 1934 — e ver-se-á quanta trapalhada ortográfica resulta das novidades introduzidas no formoso sistema português de 1911 pelo célebre *Formulário* da nossa Academia de Letras.

Muita razão têm os que, conscientes dessas trapalhadas, recusam-se a acompanhar o cenàculo brasileiro de imortais na sua aventura ortográfica.

E mais uma vez se provou que os escritores e os literatos, por mais brilhantes que sejam, não servem para legisladores nesta questão diversíssima — e por vezes até antagônica — das suas cogitações de artistas da palavra e do estilo. Uma coisa é ser poeta ou escritor, e outra manejar o escalpelo nas dissecações anatómicas da língua.

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, abaixo do título da coluna: ["O Imparcial", 21 de Junho 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XXXVII

Ortografia

Comummente, connosco: - A duplicação do ême ou do êne nestas palavras é indispensavel, visto que êsse fonema tem valor na pronúncia, tanto no Brasil como em Portugal. Nêstes casos, o postulado de não duplicar consoantes não tem aplicação.

Ombro, úmido, ontem: - O agá inicial com que ainda hoje muitos escrevem estas palavras no Brasil (em Portugal, ha mais de um decênio, talvez ha mais de vinte anos, ninguem vê mais êsses agás descabidos); mas o tal agá dessas palavras é erróneo, mesmo em ortografia etmológica. Isso não é decreto meu: - está explicado e documentado em obras de notáveis filólogos, como posso mostrar.

Luis, Luiza: - "Hoje" (diz o Snr. Cândido Jucá Filho, na *Revista de língua portuguesa*, 2.ª série, n.º 2, p. 38) "acusam o acôrdo de induzir-nos em alternativas como Luiz, com *z*, ao lado de *luis*, nome comum, e Luisa, com *s*. Ora a mesmíssima censura pode fazer-se á reforma de 1911, por escrever *Fernandes* com *s*, mas *fernandézia*, seu derivado, com *z*".

Esta é muito bóa! Em *fernandézia* intervem o sufixo *ia*, acrescentado ao nome próprio *Fernandez*, como em *Rodésia* intervem o mesmo sufixo, posposto ao nome de *Ro-* [está faltando parte do texto] recebeu o *a* sem alteração do radical masculino. Não! É inútil procurar defesa para essa e outras incongruências da ortografia da nossa Academia de Letras. Leiam-se os três artigos de Sousa da Silveira na *Revista de Cultura*, vol. 10.º, pags. 37, 389 e 205; o artigo de Agostinho de Campos na mesma *Revista*, vol. 11.º, pag. 46; o *Apêndice* do *Prontuário de ortografia* de Costa Leão, 5.ª edição, 1934 – e ver-se-á quanta trapalhada ortográfica resulta das novidades introduzidas no formoso sistema português de 1911 pelo célebre *Formulário* da nossa Academia de Letras.

M[uita] razão têm os que, conscientes dessas trapalhadas, recusam-se a acompanhar o cenàculo brasileiro de imortais na sua aventura ortográfica.

E mais uma vez se provou que os escritores e os literatos, por mais brilhantes que sejam, não servem para legisladores nesta questão diversíssima – e por vezes até antagônica – das suas

cogitações de artistas da palavra e do estilo. Uma coisa é ser poeta ou escritor, e outra manejar o escalpelo nas dissecações anatómicas da língua.

MOTA COQUEIRO

40- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXXVIII: Ortografia. *O Imparcial,* Araraquara, 5 jul. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

"O Imparcial", 5 Julho 1936

XXXVIII

Ortografia

Três, treze trezentos: — Estas palavras andam quase sempre mal grafadas.

Na gíria dos banqueiros e dos bancários, entrou-se a escrever *treis*, para evitar que falsários, acrescentando um *e* a *três*, transformem a palavra em *trêse*. Isto daria em erro ortográfico, porque *treze* escreve se com zê; mas numa língua mal policiada como a nossa, o êrro não invalidaria o caso. Por isso o exemplo de *treis* tem-se vulgarizado, favorecido aliás pelas pronúncias espúrias *deiz, veiz, corteiz,* etc., tão do gosto do nosso povo. Ora, evitar-se ia o perigo de falsificação, ligando a palavra *três* á seguinte, isto é, evitando o espaço de que porventura se serviria o falsário: — *trêscontos*, por exemplo, seria preferivel ao feio e pernicioso *treis*.

Por influência de *três*, e do erro vulgar *trêse*, pouca gente escreve *trezentos*, com zê, como se deve.

São niquices, mas são factos e. . . são erros.

Assinar ou assignar? Sinal ou Signal?: — O velho Duarte Nunes do Leão opinava já, em 1576, que se escrevessem essas e outras palavras, que em latim trazem *g* antes do *n*, sem o tal *g*, «para que a escriptura não discrepe da pronunciação», dizia êle (ver a edição de 1864, pag. 120).

Era o bom-senso, a protestar ha quatro séculos, contra os inúteis arrebiques que, afinal, desappareceram de todo no velho reino, mas teimam ainda sob a pena dos jornalistas brasileiros a complicar a escrita nacional.

Estou certo de quê, queiram ou não os nossos jornalistas, o bom-senso triunfará ainda. Mas quado?

Rétaguarda ou rectaguarda: — Esta palavra, atendendo-se ao seu significado, deve provir de *retro* mais *guarda*. Repugnou aos analistas da linguagem a forma *retroguarda*, por parecer-lhes que ali havia choque de gêneros, o que motivou talvez uma primeira alteração: — *retraguarda*. Ao depois, veio influir no caso o adjectivo *recta*, que insinuou no vocábulo um cê inaceitavel, e furtou lhe o érre: — *rectaquarda*.

Esta forma espúria é muito encontradiça na escripta vulgar. Restabeleça-se a verdade, respeitando a fonética: — *rétaguarda*, como ensinam os mestres e os dicionários. O acento grave no *e* pode dispensar-se; nota-se, porém, que a sua pronuncia não é a mesma do *e* de *retenção, retalho*, etc. MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, abaixo do título da coluna: [“O Imparcial”, 5 Julho 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XXXVIII

Ortografia

Três, treze, trezentos: - Estas palavras andam quase sempre mal grafadas.

Na gíria dos banqueiros e dos bancários, entrou-se a escrever *treis*, para evitar que falsários, acrescentando um *e* a *três*, transformem a palavra em *trêse*. Isto daria em erro ortográfico, porque *treze* escreve se com zê; mas numa língua mal policiada como a nossa, o êrro não invalidaria o caso. Por isso o exemplo de *treis* tem-se vulgarizado, favorecido aliás pelas pronúncias espúrias *deiz*, *veiz*, *corteiz*, etc. tão do gosto do nosso povo. Ora, evitar se ia o perigo de falsificação, ligando a palavras *três* á seguinte, isto é, evitando o espaço de que porventura se serviria o falsário: - *trêscontos*, por exemplo, seria preferivel ao feio e pernicioso *treis*. Por influência de *três*, e do erro vulgar *trêse*, pouca gente escreve *trezentos*, com zê, como se deve. São niquices, mas são factos e... são erros.

Assinar ou assignar? Sinal ou Signal?: - O velho Duarte Nunes do Leão opinava já, em 1576, que se escrevessem essas e outras palavras, que em latim trazem *g* antes do *n*, sem o tal *g*, “para que a escriptura não discrepe da pronunciação”, dizia êle (ver a edição de 1864, pag. 120).

Era o bom-senso, a protestar ha quatro séculos, contra os inúteis arrebiques que, afinal, desapareceram de todo no velho reino, mas teimam ainda sob a pena dos jornalistas brasileiros a complicar a escrita nacional. Estou certo de quê, queiram ou não os nossos jornalistas, o bom-senso triunfará ainda. Mas quando?

Rétaguarda ou rectaguarda: - Esta palavra, atendendo-se ao seu significado, deve provir de *retro* mais *guarda*. Repugnou aos analistas da linguagem a forma *retroguarda*, por parecer-lhes que ali havia choque de gêneros, o que motivou talvez uma primeira alteração: - *retraguarda.* Ao depois, veio influir no caso o adjectivo *recta,* que insinuou no vocábulo um cê inaceitavel, e furtou lhe o érre: - *rectaguarda*.

Esta forma espúria é muito encontradiça na escripta vulgar. Restabeleça-se a verdade, respeitando a fonética: - *rétaguarda*, como ensinam os mestres e os dicionários. O acento grave

no *e* pode dispensar-se; nota-se, porém, que a sua pronuncia não é a mesma do e de *retenção*, *retalho*, etc.

MOTA COQUEIRO

41- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XXXIX: Ortografia: - os acêntos gráficos. *O Imparcial*, Araraquara,12 jul. 1936. Recorte de jornal, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Domingo, 12 de Julho de 1936

FICHAS DE LINGUAGEM

XXXIX

Ortografia: — os acêntos gráficos

Sob o titulo sugesivo de *Grave, Agudo & Cia.* publicou o Snr. Agostinho de Campos, em jornal de Lisbôa, um excelente artigo sobre a necessidade de se marcar na escrita da língua, em numerosíssimos casos, o acento tónico das palavras.

De facto, em português, cuja ortoépia e cuja prosódia oferece talvez mais dificuldade que em qualquer outra língua, a acentuação gráphica na escrita é indispensável e ocorre tão amiude, que ás vezes se torna irritante — e por isso mesmo é descurada.

Vamos dar aqui muitos tópicos do artigo referido, da lavra do festejado escritor lusitano, acompanhando para isso a transcrição publicada da *Revista de Cultura*, vol. 13.o, pag. 125 e seguintes. Aqui e ali, acrescentaremos alguma observação própria — com a devida vênia.

——

Muita gente culta diz *ibero* em vez de *ibéro*, *exôdo* em vez de *êxodo*, *púdico* por *pudico*, *ávaro* por *avaro*, *périto* por *perito*, *mercância* por *mercancia*, *pégada* por *pegada*, *orquidéa* por *orquidea*, *azaléa* poq *azalea*, *crisantêmo* por *crisantemo*, *cerbéro* por *cérbero*, *filântropo* e *misântropo* em vez de *filantrôpo* e *misantrôpo* (conf. Antenor Nascentes, *Dic. Etim.*), *rúbrica* em vez de *rubrica*, *Angorá* por *Angóra*, (ver Mário Barreto, *De gram. e de ling.*, pag. 202), *reptil* em vez de *réptil*, *projectil* em vez de *projectil*, *textil* em vez de *téxtil*, etc. etc.

Além dêsses erros, ha variantes, já agora radicadas, outras que tendem a radicar-se, talvez todas oriundas da preguiça ou descuido de acentuar gràficamente a língua escrita, que, quando judiciosamente acentuada, tão bom serviço presta á uniformidade dos falares do povo. São exemplos dessas variantes *sorôr* e *sôror*, *varíola* e *vaióla*, *lidimo* e *lidimo*, *erudito* e *erúdito*, etc, cujas primeiras formas me parecem mais bem justificadas. Ha casos divergentes entre a língua escrita ou literária e a língua do povo: — *bênção* e *zângão* são formas geralmente usadas na língua culta, em oposição a *benção* e *zangão*, que é como diz o povo. Ha ainda os casos perdidos, ou dos erros consagrados, como *miope*, *figado* por *miópe*, *fígado*, que seria até ridículo tentar restabelecer.

Nessa longa lista, mais falei eu que o autor citado; mas êste refere outros exemplos de dúvidas, como *urêmia* e *uremia*, *peritonêo* e *peritôneo*, *enciclopedia* e *enciclopédia*, *tulipa* e *tultpa*, de que as segundas formas me parecem rêunir os votos mais valiosos.

——

O exposto — e muito mais, mas muito mais de véras — bem mostra quanto importam certos preceitos de acentuação gráfica. Entre outros: — marçar sempre os esdrúxulos e por isso, escrever pálido, literário, sílaba, porque em regra, em muito maior número, as palavras portuguesas são graves.

Sem falar na necessidade imperiosa de distinguir os homógráfos, como *telêgrafo*, a par de *telegrafo*, verbo; *fábrica*, a par de *fabrica*, verbo; *história*, a par de *historia*, verbo; *louvámos*, passado do verbo louvar, a par de *louvamos*, presente; *pêlo*, substantivo, e *pelo*, partícula; etc. etc.

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

[*O Imparcial*] **Domingo, 12 de Julho de 1936**

FICHAS DE LINGUAGEM

XXXIX

Ortografia: - os acêntos gráficos

Sob o título sugestivo de *Grave, Agudo & Cia*. publicou o Snr. Agostinho de Campos, em jornal de Lisbôa, um excelente artigo sobre a necessidade de se marcar na escrita da língua, em numerosíssimos casos, o acento tónico das palavras.

De facto, em português, cuja ortoépia e cuja prosódia oferece talvez mais dificuldade que em qualquer outra língua, a acentuação gráphica na escrita é indispensável e ocorre tão amiude, que ás vezes se torna irritante – e por isso mesmo é descurada.

Vamos dar aqui muitos tópicos do artigo referido, da lavra do festejado escritor lusitano, acompanhando para isso a transcrição publicada da *Revista de Cultura*, vol. 13.º, pag. 125 e seguintes. Aqui e ali, acrescentaremos alguma observação própria – com a devida vênia.

_____

Muita gente culta diz *íbero* em vez de *ibéro*; *exôdo* em vez de *êxodo; púdico* por *pudico*, *ávaro* por *aváro*, *périto* por *períto*, *mercância* por *mercancía*, *pégada* por *pêgada*, *orquidéa* por *orquídea*, *azaléa* por *azálea*, *crisantêmo* por *crisântemo*, *cerbéro* por *cérbero*, *filântropo* e *misântropo* em vez de *filantrôpo* e *misantrôpo* (conf. Antenor Nascentes, *Dic. Etim*.), *rúbrica* em vez de *rubríca*, *Angorá* por *Angóra* (ver Mário Barreto, *De gram. e de ling*., pag. 202), *reptíl* em vez de *réptil*, *projectíl* em vez de *projéctil*, *textíl* em vez de *téxtil*, etc. etc.

Além dêsses erros, ha variantes, já agora radicadas, outras que tendem a radicar-se, talvez todas oriundas da preguiça ou descuido de acentuar gràficamente a língua escrita que, quando judiciosamente acentuada, tão bom serviço presta á uniformidade dos falares do povo. São exemplos dessas variantes *sorôr* e *sòror*, *varíola* e *varióla*, *lídimo* e *lidímo*, *erudíto* e *erúdito*, etc., cujas primeiras formas me parecem mais bem justificadas. Ha casos divergentes entre a língua escrita ou literária e a língua do povo: - *bênção* e *zângão* são formas geralmente usadas na língua culta, em oposição a *benção* e *zangão*, que é como diz o povo. Ha ainda os casos perdidos, ou dos erros consagrados, como *míope*, *fígado* por *miópe*, *figádo*, que seria atè ridículo tentar restabelecer.

Nessa longa lista, mais falei eu que o autor citado; mas êste refere outros exemplos de dúvidas, como *urémia* e *uremia*, *peritonêo* e *peritòneo*, *enciclopedia* e *enciclopédia*, *túlipa* e *tulípa*, de que as segundas formas me parecem reunir os votos mais valiosos.

O exposto – e muito mais, mas muito mais de véras – bem mostra quanto importam certos preceitos de acentuação gráfica. Entre outros: - marcar sempre os esdrúxulos e, por isso, escrever pálido, literário, sílaba, porque em regra, em muito maior número, as palavras portuguesas são graves.

Sem falar na necessidade imperiosa de distinguir os homógrafos, como *telègrafo*, a par de *telegrafo*, verbo; *fábrica*, a par de *fabrica*, verbo; *história*, a par de *historia*, verbo; *louvámos*, passado do verbo louvar, a par de *louvamos*, presente; *pêlo*, substantivo, e *pelo*, partícula; etc. etc.

MOTA COQUEIRO

42- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XL: Aumentativos e diminutivos. *O Imparcial.* Araraquara, 2 ago. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico, data e correções, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

"O Imparcial", 2 de agosto 1936

XL

Aumentativos e deminutivos

Ao propósito de *mulherão* (ver a *Ficha* de 10 de Maio, que saiu aqui com o n.o XXX, em vez de XXXI, por erro do revisor); mas a êsse propósito, tive a atenção voltada para certas arapucas idiomáticas, onde podem cair os incáutos, nomeadamente os estrangeiros, ao manejar os aumentativos e deminutivos da nossa língua, que são numerosissimos,e variam enormemente de fórma e de graduação semântica.

O caso è meio atrapalhado, e tem o rabo comprido. . . Tentarei destrinçar algumas meadas, e encurtá-lo o mais que puder ser.

———

Comecemos pelo sufixo de minutivo *ucho*. Êste sufixo, que não é dos mais produtivos, deu-nos *capucho, gorduchо* (Leite de Vasconcelos, *Filologia*, Coimbra. 1928, p. 421) e *poucucho* (Cláudio Basto, in *Portucale*, vol. 1.o, p. 288), ~~poucuchinho~~. Dêsses dem'nutivos tirou a língua outros, que *aumentam a deminuição* dos mesmos: — *capuchinho, gorduchinho, poucochinho*. E' processo corrente em português: — compare-se *homem, homunculo, homunculozinho; pequeno, pequenino, pequenininho;* etc.

Pois bem: — o que se lê por toda parte, nas gazetas, nos livros e algures, é quase sempre *poucochinho*, como se esta palavra derivasse directamente de *pouco*. De tal modo se tem alastrado o equívoco, que até escritores de nomeada, como Júlio Diniz na *Morgadinha* (citado, a outro propósito, por Said Ali, *Meios de expressão*, 1930, p. 81) e especialistas consagrados, como Cândido de Figueiredo (*Lições práticas*, 3.o vol., 1906, p. 51) e Eduardo Carlos Pereira (*Grammática expositiva*, 31.a e., p. 81) têm caído na arapuca! Dessas inadvertências, a de Carlos Pereira é a mais grave, porque êle *ensina* no loc. cit. que *poucochinho* (palavra inexistente, porque não ha o sufixo *chinho*) é uma das flexões graduais de *pouco*. Ha na lição um injustificável salto por cima da forma *poucucho*, que desta sim, póde tirar-se e tirou-se *poucuchinho*, pela adição normal de *inho*.

———

Ha deminutivos que. . . *não servem* para deminutivos: — *cebolinho* está neste caso. O que se entende por *cebolinho* é a semente da cebola, ou esta planta em quanto não tem bulbo. Não ha a forma *cebolo*, única de que poderíamos tirar *cebolinho* se êste valesse por deminutivo.

Ha outras formas que ora *são*, ora *não são* deminutivas. *São* deminutivas: — *lobinho* (de lobo); *palhinha* (de palha); *vaquinha* (de vaca). *Não são* deminutivas: — *lobinho* (quisto); *palhinha* (fibra de gramínacea com que se tecem assentos de cadeira); *vaquinha* (insecto coleóptero). Se quisermos, pois, usar de forma deminutiva para êstes três últimos termos, havemos de procurar outros meios: *lobinho pequeno*, ou *lobinhozinho, palhinha miuda, pequena vaquinha*, etc.

Quanto a *cebolinho*, se lhe dermos forma feminina — *cebolinha* — o termo virará, só por isso, de P.C. para P.R.P.... Fica sendo um deminutivo de cebola!

A canção vai continuar no próximo domingo: — é fita de série.

MOTA COQUEIRO

Notas de Arte

Maria da Gloria

Ultimamente a nossa cidade tem sido visitada por uma pleiade de artistas de renome, o que vem de demonstrar o elevado gráo de cultura do nosso povo.

Os concertos, succedem se uns aos outros, e sempre, a culta platèa, accorre numerosa á estas manifestações de arte.

Registramos hoje a proxima visita de Maria da Gloria, uma verdadeira revellação da arte de dizer as canções francezas atravez dos séculos.

«Temperamento requintado, espirito prescrutador, Maria da Gloria, idealizou e realizou uma arte propria.

Nasceu artista.

Tem emoção, tem personalidade, tem gosto, tem sensibilidade.

Maria da Gloria, fez uma arte differente.

Escolheu a canção.

Uma canção é um poema posto em musica.

Interpretar as canções, eis

Transcrição:

[Manuscrito abaixo do título: "O Imparcial", 2 de Agosto 1936]

FICHAS DE LINGUAGEM

XL

Aumentativos e diminutivos

Ao propósito de *mulherão* (ver a *Ficha* de 10 de Maio, que saiu aqui com o n.º XXX, em vez de XXXI, por erro do revisor); mas a êsse propósito, tive a atenção voltada para certas arapucas idiomáticas, onde podem cair os incáutos, nomeadamente os estrangeiros, ao manejar os aumentativos e deminutivos da nossa língua, que são numerosíssimos, e variam enormemente de forma e de graduação semântica.

O caso é meio atrapalhado, e tem o rabo comprido... Tentarei destrinçar algumas meadas, e encurtá-lo o mais que puder ser.

_____

Comecemos pelo sufixo deminutivo *ucho*. Êste sufixo, que não é dos mais produtivos, deu-nos *capucho*, *gorducho* (Leite de Vasconcelos, *Filologia*, Coimbra, 1928, p. 421) e *poucucho* (Cláudio Basto, in *Portucale*, vol. 1.º, p. 288), ~~poucuchinho~~. Dêsses deminutivos tirou a língua outros, que *aumentam a deminuição* dos mesmos: - *capuchinho*, *gorduchinho*, [*poucuchinho*]. É processo corrente em português: - compare-se *homem*, *homunculo*, *homunculozinho*, *pequeno*, *pequenino*, *pequenininho*, etc.

Pois bem: - o que se lê por toda parte, nas gazetas, nos livros e algures, é quase sempre *poucochinho*, como se esta palavra derivasse directamente de *pouco*. De tal modo se tem alastrado o equívoco, que até escritores de nomeada, como Júlio Diniz na *Morgadinha* (citado, a outro propósito, por Said Ali, *Meios de expressão*, 1930, p. 81) e especialistas consagrados, como Cândido de Figueiredo (*Lições práticas*, 3.º vol, 1906, p. 51) e Eduardo Carlos Pereira (*Grammática expositiva*, 31.ª ed., p.81) têm caíso na arapuca! Dessas inadvertências, a de Carlos Pereira é a mais grave, porque êle *ensina* no loc. cit. que *poucochinho* (palavra inexistente, porque não ha o sufixo *chinho*) é uma das flexões graduais de *pouco*. Ha na lição um injustificável salto por cima da forma *poucucho*, que desta sim, pode tirar-se e tirou-se *poucuchinho*, pela adição normal de *inho*.

Ha deminutivos que... *não servem* para deminutivos: - *cebolinho* está neste caso. O que se entende por *cebolinho* é a semente da cebola, ou esta planta em quanto não tem bulbo. Não ha a forma *cebolo*, única de que poderíamos tirar *cebolinho* se êste valesse por deminutivo.

Ha outras formas que ora *são*, ora *não são* deminutivas. *São* deminutivas: - *lobinho* (de lobo); *palhinha* (de palha); *vaquinha* (de vaca). *Não são* deminutivas: - *lobinho* (quisto); *palhinha* (fibra de graminácea com que se tecem assentos de cadeira); *vaquinha* (insecto coleóptero). Se quisermos, pois, usar de forma deminutiva para êstes três últimos termos, havemos de procurar outros meios: *lobinho pequeno*, ou *lobinhozinho, palhinha miúda, pequena vaquinha*, etc.

Quanto a *cebolhinho*, se lhe dermos forma feminina – *cebolinha* – o termo virará, só por isso, de P.C. Para P.R.P....

Fica sendo um deminutivo de cebola!

A canção vai continuar no próximo domingo: - é fita de série.

MOTA COQUEIRO

43- COQUEIRO, Mota. Fichas de XLI: Aumentativos e diminutivos. *O Imparcial*. Araraquarara, 16 ago. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópía do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

XLI

"O Imparcial", 16 de agosto 1936

Aumentativos e deminutivos

Continuação da série começada no domingo passado:

Ha deminutivos que não diminuem nada o valor do respectivo termo de que derivam, não exprimem que o substantivo seja menor que o normal, mas dão a êste um valor sentimental de estima ou carícia.

Quem diz *minha mulherzinha, meu papaizinho*, etc., diz mais ou menos o mesmo que se dissesse *minha querida mulher, meu querido papai*; e nem lhe passa pela mente a ideia de *deminuir*; antes quer fazer sentir que tem especial estima, e muito carinho, pela pessoa a quem se refere. (Ver J. J. Nunes, *Rev. de lingua portugueza*, n. 47, p. 45).

Lençol, ensina êste mestre (*Digressões lexicológicas*, 1928, p. 115), é rigorosamente um deminutivo de *lenço*, apesar de ter o tamanho de algumas dúzias dêste útil utensílio — e talvez o tamanho de quarenta mil dêsses micro-organismos bordadinhos, com que as meninas de hoje corrigem os deslises do *baton* nos lábios de cereja madura. . .

Entre caçadores, sejam êstes caboclos legítimos ou puros *dandys* da rua Direita, é corrente chamar *fresquinhos* aos rastos *muito frescos* da caça que perseguem. O termo *camisola* — ensina Mário Barreto (*Revista de cultura*, vol. 6.o, p.145) — «alem do significado *diminutivo*, tem outro *aumentativo*, quando designa blusa de operário, ou camisa ampla, como é a de dormir. . .». Ali mesmo disserta o pranteado professor de português longamente sobre deminutivos puramente aparentes, como *caneta*, de cana; *corpinho*, peça de vestuário; *folhinha*, calendário, etc. etc. colhidos êstes na preciosa obra de Souza da Silveira — *Lições de português*.

O Snr. Candido de Figueiredo, em vários lugares da sua extensa e prestantíssima obra de vulgarização, aborda e deslinda estas delicadas questões de semântica da lingua, com evidente proveito de quem quiser lê-las (ver, por exemplo, as *Novas reflexões*, 1917, p. 283 e segs. e o livro *O que se não deve dizer*, vol. 1.o, 1903, p. 101 e 102).

Júlio Ribeiro, na sua *Gramática* (4.a ed., 1896, p. 106), chama a atenção dos estudantes para certos modismos, em que ha deminutivos equivalentes a *superlativos*. E exemplifica com as frases «vaca chegadinha a dar cria, um pobrezinho».

E assim é que, pelo visto, ficamos sabendo que os deminutivos, em português, são pau para toda obra. As vezes diminuem, ás vezes não diminuem; ha uns que diminuem ou aumentam, á vontade (camisola); ha outros que servem apenas como caricios meios de captar a simpatia e a tolerância (papaizinho); outros, são verdadeiros superlativos em certas circumstancias (rasto fresquinho, homem pobrezinho); Ainda outros (parece troça. . .) são verdadeiros elevadores á 5.a potencia, dos positivos provindos do mesmo radical (lençol, por exemplo, em relação aos micróbios bordadinhos que atacam a tinta do *baton*! . . .)

Servem para tudo. No próximo domingo, verão o terceiro episódio da fita. . .

MOTA COQUEIRO

Loteria

Resumo dos primeiros premios da Federal extrahidos hontem, recebido pela casa loterica «Vale Quem Tem»:

12.981	500:000$000
9.431	30:000$000
16 607	10:000$000
2.784	5:000$000
2.878	2:000$000

BOLSA

Perdeu se uma de couro, preta, no Jardim da Praça da Matriz.

A pessoa que entregal-a á Avenida Pedro II, n. 12, será gratificada.

Os insuperaveis **CHAPEOS SOLIS XXX,** encontram-se na CASA LOGATTI, por preços minimos.

Leiam O Imparcial

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, abaixo do título da coluna: [“O Imparcial”, 16 de Agosto 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XLI

Aumentativos e deminutivos

Continuação da série começada no domingo passado:

Ha deminutivos que não diminuem nada o valor do respectivo termo de que derivam, não exprimem que o substantivo seja menor que o normal, mas dão a êste um valor sentimental de estima ou carícia.

Quem diz *minha mulherzinha*, *meu papaizinho*, etc. diz mais ou menos o mesmo que se dissesse *minha querida mulher*, *meu querido papai*; e nem lhe passa pela mente a ideia de *deminuir;* antes quer fazer sentir que tem especial estima, e muito carinho, pela pessoa a quem se refere. (Ver J. J. Nunes, *Rev. de língua portugueza*, n. 47, p. 45).

Lençol, ensina êste mestre (*Digressões lexicológicas*, 1928, p. 115), é rigorosamente um deminutivo de *lenço*, apesar de ter o tamanho de algumas dúzias dêste útil utensílio – e talvez o tamanho de quarenta mil dêsses micro-organismos bordadinhos, com que as meninas de hoje corrigem os deslises do *baton* nos lábios de cereja madura...

Entre caçadores, sejam êstes caboclos legítimos ou puros *dandys* da Rua Direita, é corrente chamar *fresquinhos* aos rastos *muito frescos* da caça que perseguem. O termo *camisola* – ensina Mário Barreto (*Revista de cultura*, vol. 6.º, p. 145) – “alem do significado *diminutivo*, tem outro *aumentativo*, quando designa blusa de operário, ou camisa ampla, como é a de dormir...”. Ali mesmo disserta o pranteado professor de português longamente sobre deminutivos puramente aparentes, como *caneta*, de cana; *corpinho*, peça de vestuário; *folhinha*, calendário, etc. etc. colhidos êstes na preciosa obra de Souza da Silveira – *Lições de português*.

O Snr. Candido de Figueiredo, em vários lugares da sua extensa e prestantíssima obra de vulgarização, aborda e deslinda estas delicadas questões de semântica da língua, com evidente proveito de quem quiser lê-las (ver, por exemplo, as *Novas reflexões*, 1917, p. 283 e segs. e o livro *O que se não deve dizer*, vol. 1.º, 1903, p. 101 e 102).

Júlio Ribeiro, na sua *Gramática* (4.ª ed., 1896, p. 106), chama a atenção dos estudantes para certos modismos, em que ha deminutivos equivalentes a *superlativos*. E exemplifica com as frases “vaca chegadinha a dar cria, um pobrezinho”.

E assim é que, pelo visto, ficamos sabendo que os deminutivos, em português, são pau para toda obra. Às vezes diminuem, às vezes não diminuem; ha uns que diminuem ou aumentam, á vontade (camisola); ha outros que servem apenas como cariciosos meios de captar a simpatia e a tolerância (papaizinho); outros, são verdadeiros superlativos em certas circumstâncias (rasto fresquinho, homem pobrezinho). Ainda outros (parece troça...) são verdadeiros elevadores á 5.ª potência, dos positivos provindos do mesmo radical (lençol, por exemplo, em relação aos micróbios bordadinhos que atacam a tinta do *baton*!...)

Servem para tudo. No próximo domingo, verão o terceiro episódio da fita...

MOTA COQUEIRO

44- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XLII: Aumentativos e diminutivos. *O Imparcial.* Araraquara, 30 ago. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

O Imparcial; 30 agosto 36

XLII

Aumentativos e deminutivos

Termina hoje a *fita em série*. . . Ora graças!

O capítulo dos aumentativos em português, não é menos interessante nem menos embrulhado que o dos deminutivos.

Caixão, cifrão, papelão, portão, pinhão, etc., evidentes aumentativos de *caixa, cifra, papel, porta, pinha* não têm sentido de aumentativos. O *pinhão*, por exemplo, é apenas uma pequena parte da *pinha*, ou a semente desta. *O cifrão* nada tem que ver com *cifra* — nem mesmo para os galicistas, que querem dar a esta última palavra o sentido de algarismo ou soma ou quantia, que de direito não lhe cabe em português de vêras. Algumas dessas palavras, se tiveram dantes sentido aumentativo, perderam-no completamente, por um fenómeno comum a todas as linguas — o desgaste do uso. (Ver J. Leite de Vasconcelos na *Revista Lusitana*, vol. 32, pag. 280).

Esse *desgaste* tende a enfraquecer o valor dos termos, e obriga o homem a inventar coisa nova, ou cair nos exageros que lemos todos os dias em anúncios de cinemas, onde o anunciante cada dia se vê em talas para qualificar o valor das fitas: — bela, belíssima, extraordinária, colossal — nada já lhes parece bastante! O uso, o abu o, desgastou já, nêsse sector da luta pela vida, todos os adjectivos encomiásticos, ainda os mais fortes!

O *limão* — palavra evidentemente derivada de *lima* — é uma fruta menor que esta. O *calção* é menor que as *calças*; o *cordão* vale menos que a *corda*. De *caldeira* se fez *caldeirão*, para designar objecto muitíssimo menor. Todavia, todos êsses termos revestem o disfarce próprio dos aumentativos — o sufixo *ão* apenso ao nome positivo.

Ha aumentativos e deminutivos cujo sentido se degradou, e valem hoje como depreciativos, ou envolvem significado irónico ou ridículo. Exemplos: — *comilão, beberrão, mandão, solteirona, valentão, santarrão, poetastro, mulheraça, ministraço.*

Ha outros termos, mascarados de aumentativos ou de deminutiuos, que valem para designar actos violentos, ou rapidos, ou até desrespeitosos: — *empurrão, escorregão, apalpão* e *apalpadela* estão nêstes casos.

Ha aumentativos que mudam o gênero da palavra de que provêm: — *mulherão, enxadão, caldeirão* podem servir de prova do facto.

Tudo que ficou hoje dito, é roupa que comprei feita: pode quem quizer vê-la em C. Figueiredo, Said Ali, João Ribeirão, Carlos Pereira, Leite de Vasconcelos, Carneiro Ribeiro e outros. Se algum interessado o pedir, indicarei as lojas (digo livros) onde a comprei, e a respectiva prateleira (leia página).

Mas eu tambem ás vezes dou para alfaiate; é da minha feitura exclusiva a seguinte:

O cavalo *rabão* é o que tem rabo curto, ou cortado, sem contudo chegar á condição de *rabi*, ou *rabicó*, (q. v. nos diccionários). Daí concluo eu, e concluiria o meu cunhado Crispim (como disse o Eça), que rabão é *deminutivo* de *rabo*, e aumentativo de *rabi*. E' de notar que o termo *rabi* (confira se Amadeu Amaral e a linguagem vulgar) não teve ainda entrada, apesar de trivialissimo, em nenhum dicionário português dos que disponho á mão. Os dicionaristas só averbaram até agora, o termo *rabicó*, menos usado aliás que o seu sinónimo *rabi*.

The end.

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, abaixo do título da coluna: [“O Imparcial”, 30 Agosto 36].

FICHAS DE LINGUAGEM

XLII

Aumentativos e deminutivos

Termina hoje a *fita em série*... Ora graças!

O capítulo dos aumentativos em português, não é menos interessante nem menos embrulhado que o dos deminutivos.

Caixão, cifrão, papelão, portão, pinhão, etc., evidentes aumentativos de *caixa, cifra, papel, porta, pinha* não têm sentido de aumentativos. O *pinhão*, por exemplo, é apenas uma pequena parte da *pinha,* ou a semente desta. O *cifrão* nada tem que ver com *cifra* – nem mesmo para os galicistas, que querem dar a esta última palavra o sentido de algarismo ou soma ou quantia, que de direito não lhe cabe em português de véras. Algumas dessas palavras, se tiveram dantes sentido aumentativo, perderam-no completamente, por um fenómeno comum a todas as linguas – o desgaste do uso. (Ver J. Leite de Vasconcelos na *Revista Lusitana*, vol. 32, pag.280).

Esse *desgaste* tende a enfraquecer o valor dos termos, e obriga o homem a inventar coisa nova, ou cair nos exageros que lemos todos os dias em anúncios de cinemas, onde o anunciante cada dia se vê em talas para qualificar o valor das fitas: - bela, belíssima, extraordinária, colossal – nada já lhes parece bastante! O uso, o abuso, desgastou já, nêsse sector da luta pela vida, todos os adjectivos encomiásticos, ainda os mais fortes!

O *limão* – palavra evidentemente derivada de *lima* - é uma fruta menor que esta. O *calção* é menor que as *calças*; o *cordão* vale menos que a *corda.* De *caldeira* se fez *caldeirão*, para designar objecto muitíssimo menor. Todavia, todos êsses termos revestem o disfarce próprio dos aumentativos – o sufixo *ão* apenso ao nome positivo.

Ha aumentativos e deminutivos cujo sentido se degradou, e valem hoje como depreciativos, ou envolvem significado irónico ou ridículo. Exemplos: - *comilão, beberrão, mandão, solteirona, valentão, santarrão, poetastro, mulheraça, ministraço*.

Ha outros termos, mascarados de aumentativos ou de deminutivos, que valem para designar actos violentos, ou rapidos, ou até desrespeitosos: - *empurrão, escorregão, apalpão* e *apalpadela* estão nêstes casos.

Ha aumentativos que mudam o gênero da palavra de que provêm: - *mulherão, enxadão, caldeirão* podem servir de prova do facto.

Tudo que ficou hoje dito, é roupa que comprei feita: pode quem quizer vê-la em C. Figueiredo, Said Ali, João Ribeirão, Carlos Pereira, Leite de Vasconcelos, Carneiro Ribeiro e outros. Se algum interessado o pedir, indicarei as lojas (digo livros) onde a comprei, e a respectiva prateleira (leia página).

Mas eu tambem ás vezes dou para alfaiate; é da minha feitura exclusiva a seguinte:

O cavalo *rabão* é o que tem rabo curto, ou cortado, sem contudo chegar á condição de *rabi*, ou *rabicó* (q. v. nos diccionários). Daí conclúo eu, e concluiria o meu cunhado Crispim (como disse o Eça), que rabão é *deminutivo* de *rabo*, e aumentativo de *rabi*. É de notar que o termo *rabi* (confira se Amadeu Amaral e a linguagem vulgar) não teve ainda entrada, apesar de trivialíssimo, em nenhum diccionário português dos que disponho á mão. Os dicionaristas só averbaram até agora, o termo *rabicó*, menos usado aliás que o seu sinónimo *rabi*.

The end.

MOTA COQUEIRO

45- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XLIII: Bocó; bogó; mocó. *O Imparcial.* Araraquara, 6 set. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

"O Imparcial", 6 de set. 36

XLIII

Bocó; bogó; mocó

Amadeu Amaral (*Dialecto caipira*), v. *bocá* deriva *bocó* de *boca*. Como derivação vernácula, mesmo no Brasil, é sem dúvida estranhável. O autor não parece conhecer o sentido de «cesto ou saco que o pescador leva consigo para nêle depositar o pescado»: — êste sentido é, todavia, muito corrente no dialecto caipira de São Paulo. Na lingua cariri significa *bolso*, segundo Clovis Montei o, *Português da Europa e português do Brasil*, Rio sem data (traz prefácio datado de Agosto 1931), pag. 171 e Th. Pompeu Sobrinho, (in *Revista de Philologia e de Historia*, vol. 2.o, pag. 299). No Ceará è tambem conhecido o termo, que designa *patrona*, alterado aliás em *bogó*; e os vaqueiros de lá chamam *mocó* a um «pequeno saco de couro em que trazem qualquer coisa para comer». (Conf. Pompeu Sobrinho, loc. cit.). Parece-me que o sentido de *palerma* é de uso geral no Brasil; o de *bolsa* ou *saquinho* abrange pelo menos os territorios de S. Paulo, Minas, Baía e Ceará. (Conf. Pe Teschaner, *Novo Dic. Nacional*, Porto Alegre, 1928, s. vcbs.)

—

O termo *bocó*, em qualquer das suas significações, não corre na Europa, que eu saiba. Lá, o saquinho, ou outro recepiáculo para o peixe, se diz *cacifro*: — «O que se diz é que elle passava o Tamega nas poldras, com a canna de pesca e o *cacifro*; depois, mettia-se na Insua...» (Camilo, *Maria Mozyés*, 1.o vol., pag. 31, Lisboa, 1876). Os dics. portugueses averbam *cacifro* e *cacifo*; e quando averbam *bocó*, dão-no como brasileirismo. A feição da palavra, e a extensão dos sentidos translatos que tem tomado no Nordeste brasileiro, fazem pensar que provenha de alguma das linguas americanas que não o tupi. Dêste ultimo idioma não veio de certo, nem se consegue entrever lhe a origem nas obras de Montoya, Bap ista Caetano e outras. O Pe. Teschaner está solitário, segundo penso, na crença de que *bocó* vem do tupi; como solitário está Amadeu Amaral quando imagina derivar de *boca*.

Venha de que proveniência quiserem, *bocó* é de uso muito geral no Brasil tanto para designar o palerma, o atoleimado, como o *cacifro* dos portugueses e o *capanga* dos mineiros e baianos (ver Beaurepaire Rohan, s. vcb.).

E' curioso notar a evolução fonética de *bocó* para *bogó*, ás semelhança do que se passou séculos antes nas derivações latinas, e para *mocó*, por influência pronúncia dúbia dos termos tupis que se tem figurado em português com o dígrafo *mb*.

MOTA COQUEIRO

O SEU RADIO Não FUNCCIONA

Mande-o para a officina radio-technica da

CASA BARBIERI

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, abaixo do título da coluna: ["O Imparcial", 6 Set.º 36].

FICHAS DE LINGUAGEM

XLIII

Bocó, bogó; mocó

Amadeu Amaral (*Dialecto caipira*), v. *bocó* deriva *bocó* de *boca*. Como derivação vernácula, mesmo no Brasil, é sem dúvida estranhável. O autor não parece conhecer o sentido de "cesto ou saco que o pescador leva consigo para nêle depositar o pescado": - êste sentido é, todavia, muito corrente no dialecto caipira de São Paulo. Na língua cariri significa *bolso*, segundo Clovis Monteiro, *Português da Europa e português do Brasil*, Rio, sem data (traz prefácio datado de Agosto 1931, pag. 171) e Th. Pompeu Sobrinho, (in *Revista de Philologia e de Historia*, vol. 2.º, pag. 299). No Ceará è tambem conhecido o termo, que designa *patrona*, alterado aliás em *bogó;* e os vaqueiros de lá chamam *mocó* a um "pequeno saco de couro em que trazem qualquer coisa para comer". (Conf. Pompeu Sobrinho, loc. cit.). Parece-me que o sentido de *palerma* é de uso geral no Brasil; o de *bolsa* ou *saquinho* abrange pelo menos os territorios de S. Paulo, Minas, Baía e Ceará (Conf. Pe. Teschaner, *Novo Dic. Nacional*, Porto Alegre, 1928, s. vcbs.).

O termo *bocó*, em qualquer das duas significações, não corre na Europa, que eu saiba. Lá, o saquinho, ou outro receptáculo para o peixe, se diz *cacifro*: - "O que se diz é que elle passava o Tamega nas poldras, com a canna de pesca e o *cacifro*; depois, mettia-se na Insua..." (Camilo, *Maria Mozyés*, 1.º vol., pag. 31, Lisboa, 1876). Os dics. portugueses averbam *cacifro* e *cacifo*; e quando averbam *bocó*, dão-no como brasileirismo. A feição da palavra, e a extensão dos sentidos translatos que tem tomado no Nordeste brasileiro, fazem pensar que provenha de alguma das linguas americanas que não o tupi. Dêste ultimo idioma não veio de certo, nem se consegue entrever lhe a origem nas obras de Montoya, Baptista Caetano e outras. O Pe. Teschaner está solitário, segundo penso, na crença de que *bocó* vem do tupi; como solitário está Amadeu Amaral quando imagina derivar de *boca*.

Venha de que proveniência quiserem, *bocó* é de uso muito geral no Brasil, tanto para designar o palerma, o atoleimado, como o *cacifro* dos portugueses e o *capanga* dos mineiros e baianos (ver Beaurepaire Rohan, s. vcb.). É curioso notar a evolução fonética de *bocó* para *bogó*,

á semelhança do que se passou séculos antes nas derivações latinas, e para *mocó,* por influência pronúncia dúbia dos termos tupis que se tem figurado em português com o dígrafo *mb*.

MOTA COQUEIRO

46- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XLIV: Desinsarado; desinsofrido; desinquieto; desinfeliz. *O Imparcial.* Araraquara, 17 out. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico, data e correções, a tinta preta, texto incompleto, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



"O Imparcial", 17 Out. 1936

Fichas de Linguagem

XLIV

Desinsarado; desinsofrido; desinquieto; desinfeliz.

No *Vocabulário* da excelente obra de Amadeu Amaral intitulada *Dialecto caipira* (S. Paulo, 1920), lê-se o seguinte: — *Desinsarado* — que ainda está mal restabelecido de qualquer moléstia. Deve ser corruptela de *recensarado*».

Enganou-se aí, segundo creio, o arguto observador da linguagem dos nossos caboclos. Não ha no caso corruptela alguma: trata-se de um vocábulo fundido nos moldes de *desinquieto, desinsofrido, desinfeliz, desastroso, desnudar, desfeiar,* etc., em que o prefixo *des* não é negativo, mas reforçativo da ideia expressa pelo termo a que se junta. Veja-se Evaristo Leoni, *Genio da lingua*, 2.o vol, 1858, pags. 72-73, além de outros autores mais modernos até Sousa da Silveira, *Trechos selectos*, 1935, pag. 390.

Parece que o escritor maranhense Aluízio Azevedo participava da opinião de Amadeu Amaral, porque na *Casa de pensão* (nova edição Garnier, sem data, pag. 12) escreveu *desensofrido*, no receio infundado de empregar duas negativas. Sacrificou a verdade fonética por amor de uma teoria errónea.

Essa teoria errónea foi aliás bravamente defendida por Cândido Figueiredo, que depois teve de atira-la ás ortigas. Vem a pêlo contar aqui uma pequena história antiga.

—

Em 1905, no decurso de uma polêmica célebre com o valente lingüista brasileiro Heráclito Graça o maior descobridor dos tempos modernos, se na lingua portuguesa descobrir vocábulo que esteja nas mesmas circunstâncias» (*Problemas da linguagem*, 1905, pag. 89).

Na minha ingenuidade de moço, eu não conhecia ainda, como hoje conheço muito bem, o tipo desses vaidosos viscerais, que quando contrariados em suas afirmações mal fundadas, revidam com os actos mais desgraciosos e as mais deselegantes omissões. Foi, pois, por ingenuidade que mandei ao Snr. Figueiredo a notícia dos termos *desinsarado, desinsofrido e desinfeliz.*

O vaidoso vocabulista esperneou de ódio: — torceu a seu talante as minhas frases, virou-as malèvolamente contra mim, e perdeu-se em vãs conjecturas acêrca de uma palavra inexistente — *desensarado.* (Ver *Falar e escrever*, 2.o vol., 1906, pags. 51-52).

Só mais tarde, passado na víscera da vaidade o período agudo da dôr, compreendeu o presunçoso filólogo que se colocara em posição insustentável, e emendou-se, sem todavia confessar os erros anteriores (*O que se não deve diser*, 3.o vol., 1914, pag. 256), que ainda em 1926 procurava ocultar (*Novas reflexões*, pags. 119 e 207).

A contramarcha que empreendeu não foi, entretanto, tão corajosa que atingisse os desatinos do *desensarado* de 1906: a respeito de aceitar afinal por bôa a forma perfei

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, na margem superior: ["O Imparcial", 17 Out.º 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XLIV

Desinsarado; desinsofrido;

Desinquieto; desinfeliz.

No *Vocabulário* da excelente obra de Amadeu Amaral intitulada *Dialecto caipira* (S. Paulo, 1920), lê-se o seguinte: - *Desinsarado* – que ainda está mal restabelecido de qualquer moléstia. Deve ser corruptela de *recensarado*".

Enganou-se aí, segundo creio, o arguto observador da linguagem dos nossos caboclos. Não ha no caso corruptela alguma: trata-se de um vocábulo fundido nos moldes de *desinquieto*, *desinsofrido*, *desinfeliz*, *desastroso*, *desnudar*, *desfeiar*, etc., em que o prefixo *des* não é negativo, mas reforçativo da ideia expressa pelo termo a que se junta. Veja-se Evaristo Leoni, *Gênio da língua*, 2.º vol., 1858, pags. 72-73, além de outros autores mais modernos até Sousa da Silveira, *Trechos selectos*, 1935, pag. 390.

Parece que o escritor maranhense Aluízio Azevedo participava da opinião de Amadeu Amaral, porque na *Casa de pensão* (nova edição Garnier, sem data, pag. 12) escreveu *desensofrido*, no receio infundado de empregar duas negativas. Sacrificou a verdade fonética por amor de uma teoria errónea.

Essa teoria errónea foi aliás bravamente defendida por Cândido Figueiredo, que depois teve de atira-la ás ortigas. Vem a pêlo contar aqui uma pequena história antiga.

Em 1905, no decurso de uma polêmica célebre com o valente lingüista brasileiro Heráclí- [no recorte, falta um trecho do texto] Cândido Graça, o maior descobridor dos tempo modernos, se na língua portuguesa descobrir vocábulo que esteja nas mesmas circunstâncias" (*Problemas da linguagem*, 1905, pag. 89).

Na minha ingenuidade de moço, eu não conhecia ainda, como hoje conheço muito bem, o tipo dêsses vaidosos viscerais, que quando contrariados em suas afirmações mal fundadas, revidam com os actos mais desgraciosos e as mais deselegantes omissões. Foi, pois, por ingenuidade que mandei ao Snr. Figueiredo a notícia dos termos *desinsarado*, *desinsofrido* e *desinfeliz*.

O vaidoso vocabulista esperneou de ódio: - torceu a seu talante as minhas frases, virou-as malèvolamente contra mim, e perdeu-se em vãs conjecturas acêrca de uma palavra inexistente – *desensarado.* (Ver *Falar e escrever*, 2.º vol. ,1906, pags. 51-52).

Só mais tarde, passado na víscera da vaidade o período agudo da dôr, compreendeu o presunçoso filólogo que se colocara em posição insustentável, e emendou-se, sem todavia confessar os erros anteriores (*O que se não deve diser*, 3.º vol., 1914, pag.256), que ainda em 1926 procurava ocultar (*Novas reflexões*, pags. 119 e 207).

A contramarcha que empreendeu não foi, entretanto, tão corajosa que atingisse os desatinos do *desensarado* de 1906: a respeito de aceitar afinal por bôa a forma perfei [recorte incompleto do texto].

[MOTA COQUEIRO]

47- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XLV: Se o não encontre – Se o espera. *O Imparcial.* Araraquara, 24 out. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



ASSIGNATURA
30$ — Semestre 20$

Araraquara (S. Paulo

"O Imparcial", 24 Out. 1936

Fichas de Linguagem

X L V

Se o não encontre. — Se o espera.

« . . . não devo deixar passar sem reparo aquela sua frase — «não ha fazenda ou logarejo onde *se o não encontre*.» — Como nem o pronome *se* nem o pronome *o* podem ser sujeito de proposição nenhuma, aquela frase em bom português, deveria ter uma destas formas: 1.a, onde êle se não encontre; 2.a, onde se não encontre; 3.a, onde o não encontremos.» (C. Figueiredo, *Falar e escrever*, vol I.o, 1906, pag. 174).

— — —

«A propósito, depara-se-me, na mesma obra (trata-se de *O Padre Belchior de Pontes*, de Júlio Ribeiro, da qual o critico cita, em nota, a pag. 274) uma regência que o português repele, com todas as veras, por ser contrária á **indole da lingua**, mas que, entre nós, vai alastrando de maneira assustadora, em virtude de uma teoria que não destrinço, antes mais me confirma na minha aversão ás teorias preconcebidas. E' esta a frase: — «aquilo é como o furão, quando *se o espera* pela boca da toca, surge pelo respiro.» (Silva Ramos, prefácio aos *Factos da lingua portuguesa*, de Mário Barreto, 1916, pag. XIII)

— — —

As tais *teorias preconcebidas*, a que o ilustre professor Silva Ramos tinha aversão, parece que aqui se meteram surrateiramente na condenação com que êle fulmina a regência vitanda, porque ela é trivalissima no Brasil, do Amazonas ao Rio-Grande. Entra na linguagem falada ou escrita de toda a gente — até de alguns que se occupam proficientemente das teorias gramaticais ou da elegância do estilo literário.

Basta que o brasileiro, embora ilustrado, embora portador de um titulo scientifico, fale ou escreva **naturalmente** — isto é, sem pensar nas regras e nos postulados gramaticais, para que lhe venha aos lábios ou á pena a regência proïbida. Ás vezes, sorpreendidos pelos familiares do Santo-Officio, alguns escritores têm precisado invocar o soccorro da revisão, para tirar-se de apuros. . .

Eu não tenho a minima autoridade para emitir conceito contrário ao dos mestres citados no começo desta nota; tanto mais, que com êles fazem côro quantos gramáticos e caturras tenho consultado a êste propósito, embora ultimamente alguns já vão aceitando a subjectividade do pronome *se*, e de outros casos obliquos de pronomes, como *o, os, lhes, nos*, em situações sintáticas parecidas.

Tenho, porém, a impressão de que o *se o* é um *facto* da lingua culta ou semi-culta do Brasil, e como tal termos de aceitá-lo por bom, queiram ou não queiram os gramáticos: — ouve-se na rua, nos clubes e nos salões; vê-se nos jornais e nos livros. Só não existe na lingua do povo iletrado, que não conhece o pronome obliquo *o*.

Na próxima nota ilustraremos com alguns exemplos o que aí fica diito.

MOTTA COQUEIRO

Transcrição:

Araraquara (S. Paulo. Manuscrito, a tinta preta, acima do título da coluna: [“O Imparcial”, 24 Out.º 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XLV

Se o não encontre. – Se o espera.

“... não devo deixar passar sem reparo aquela sua frase: - “não ha fazenda ou logarejo onde *se o não encontre*.” – Como nem o pronome *se* nem o pronome *o* podem ser sujeito de proposição nenhuma, aquela frase em bom português, deveria ter uma destas formas: 1.ª, onde êle se não encontre; 2.ª, onde se não encontre; 3.ª, onde o não encontremos.” (C. Figueiredo, *Falar e escrever*, vol. 1.º, 1906, pag. 174).

—— —— ——

“A propósito, depara-se-me, na mesma obra (trata-se de *O Padre Belchior de Pontes*, de Júlio Ribeiro, da qual o crítico cita, em nota, a pag. 274) uma regência que o português repele, com todas as veias, por ser contrària á indole da língua, mas que, entre nós, vai alastrando de maneira assustadora, em virtude de uma teoria que não destrinço, antes mais me confirma na minha aversão ás teorias preconcebidas. É esta a frase: - “aquilo é como o furão, quando se o espera pela boca da toca, surge pelo respiro.” (Silva Ramos, prefácio aos *Factos da lingua portuguesa*, de Mário Barreto, 19[?]6, pag. XIII).

As tais *teorias preconcebidas*, a que o ilustre professor Silva Ramos tinha aversão, parece que aqui se meteram surrateiramente na condenação com que êle fulmina a regência vitanda, porque ela é trivialíssima no Brasil, do Amazonas ao Rio-Grande. Entra na linguagem falada ou escrita de toda a gente – até de alguns que se occupam proficientemente das teorias gramaticais ou da elegância do estilo literàrio.

Basta que o brasileiro, embora ilustrado, embora portador de um título scientífico, fale ou escreva **naturalmente,** isto é, sem pensar nas regras e nos postulados gramaticais, para que lhe venha nos lábios ou à pena a regência proibida. Às vezes, sorpreendidos pelos familiares do Santo-Ofício, alguns escritores têm precisado invocar o socorro da revisão, para tirar-se de apuros...

Eu não tenho a minima autoridade para emitir conceito contrário ao dos mestres citados no começo desta nota; tanto mais, que com êles fazem côro quantos gramáticos e caturras tenho

consultado a êste propósito, embora ultimamente alguns já vão aceitando a subjectividade do pronome *se*, e de outros casos oblíquos de pronomes, como *o*, *os*, *lhes*, *nos*, em situações sintáticas parecidas.

Tenho, porém, a impressão de que o *se o* é um *facto* da língua culta ou semi-culta do Brasil, e como tal termos de aceitá-lo por bom, queiram ou não queiram os gramáticos: - ouve se na rua, nos clubes e nos salões; vê se nos jornais e nos livros. Só não existe na lìngua do povo iletrado, que não conhece o pronome oblíquo *o*.

Na próxima nota ilustraremos com alguns exemplos o que aí fica dito.

MOTTA COQUEIRO

48- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XLVI: Se o não encontre. Se o espera (Continuação). *O Imparcial.* Araraquara, 31 out. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



lo) Sabbado, 31 d
Outº 1936

DE É O MELHOR BRINDE
Cia Souza Cruz

Fichas de Linguagem

XLVI

Se o não encontre. Se o espera (Continuação)

As seis ou sete pessoas que tiveram a pachorra de ler a ficha precedente, viram que Figueiredo e Silva Ramos condenam implacàvelmente a construção gramatical que nos serve de titulo.

Outros muitos mestres a tem condenado; talvez todos a condenem. Em que termos o fazem? Nos mais enérgicos! O filólogo Aureliano Pimentel (citado por Mário Barreto, *Novos estudos*, 1911, pag. 38) entendia que tais frases são «horripilantes barbarismos, estúpidas corruptelas»!

Carlos de Laet, o valente polemista que não trepidou enfrentar a pena ferina de Camilo, analizando um dia, em conferência pública que ficou célebre, uma frase do seu ex-discipulo José Verissimo, assim se exprimiu (ver a *Revista de cultura*, vol. 3.o, pah. 340): — «Havia frases como esta: — *de quem se os não possa notar*. E eu, então, passei um cartão ao meu ex-discípulo, fazendo-lhe sentir que êle equecera a sintaxe dos pronomes». Declara o texto de onde copio o tòpico, que houve hilaridade na sala... E a vitima da hilaridade era o autor dos 6 volumes de *Estudos de literatura brasileira*, além de outras obras de menor tômo, e empunhava o scetro da crítica literária brasileira do seu tempo.

O Snr. P. A. Pinto (*Advocacia gramatical*, 1922, pag. 62), depois de transcrever êsse mesmo trecho de Laet, desfia em rosário o conceito de todos os teimosos possíveis, com os quais faz côro, contra a malfadada sintaxe. Ali vemos Marechal . . .» [Rui Barbosa, *A Nação*, no «Estado de S. Paulo de 28 de Fevereiro 1910.

Ao republicar êsse trabalho em livro [*Excursão eleitoral etc.*, 1910, pag. 228] suprimiu o autor o demonstrativo atentatorio dos cânones sagrados.

«. . . conceituando mal dos que a si mesmo se o dão» [José Verissimo, no *Jornal do Commercio*, do Rio, 29 de Outo. 1908].

«Quer se crie o gado em vista do leite, quer se o crie em vista da carne [Luiz Pereira Barreto, *Selecção ou cruzamento?*, no «Estado de S. Paulo», 1.o Maio 1915].

«. . . para que se o não tomasse como privilegiado [Carvalho de Mendonça, *Tratado de direito comercial*, vol. 1.o, pag. 8].

«Para se o pescar, a igaritê deve . . .» [Dr. Leite de Morais, *Apontamentos de viagem*, sem indicação bibliográfica, pag. 109].

«Dá-se-lhe corda e se o acompanha» [Idem, ibidem, pag. te; . . .» [Idem, n.o 4, artigo assinado por José Maria Bello].

«E' exacto que ha rosas brancas, mas, quando se o não declara, as rosas são rosas». [Afrânio Peixoto, in Lusitania, vol. 2.o, pag. 210).

«. . . e não se ligam, nem que se os rache». [Mendes Fradique, *Gramática pelo método confuso*, 1928, pag. 73].

«. . . não se lhe pode amputar uma página siquer, sem que se o aleije». [Idem, *Ideias em zig-zag*, 1928, pág. 8. Ha muitos outros exemplos na obra].

Mas isto está muito comprido. Deixemos o resto para outro capitulo, em quanto dormem os leitores fatigados . . .

MOTA COQUEIRO

(Continuação)

os nomes de Mário Barreto, Carlos Pereira, Rággio Nóbrega, Said Ali, Cândido Lago, Firmino Costa — aos quais posso acrescentar os de Otoniel Mota (*O meu idioma*, 1927, pag. 222), Sousa da Silveira (*Trechos selectos*, 1935, pag. 396) e mais acrescentaria se não tivesse pena de quem por acaso se diponha a ler isto...

Ora, essa pluralidade de arrestos dos mais acatados mestres da lingua, não parece ter assento muito sólido nos *factos* com que outros teimosos os vão anulando...

O Snr. Cândido de Figueiredo (*Combates sem sangue*), 1925, pag. 104) já uma vez me ensinou que «vale piú un grano di fatti, que un quintale de teorie»; e já aprendi tambem com Sousa da Silveira [*Revista de cultura*, vol. 9.o, pag. 52] que «muitas vezes a língua transgride fórmulas e regras gramaticais».

Convém, pois, vermos alguns *factos* a respeito do *se* o no Brasil: vou citá-los, sem outra ordem que não aquela em que os fui notando em minhas leituras. Revistam-se de paciência os meus poucos leitores — ou abandonem aqui a leitura, o que é sem dúvida muito mais acertado:

«Para a violência, contanto que se a cometa em nome do

A.: .....

Nome: .....

(Po

Endereço: .....

Na secção de Notas e damos as bases, deste conc

110]. H amuitas outras abonações na obra.

«... como de ordinario se o encontra na composição...» [Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia*, 1.a ed., pag. 54].

«... tanto mais que só se o aplicava... (Idem, ibidem, pag. 66). Êste autor, na 3.a ed. da obra [Baía, 1928], suprimiu os demonstrativos que apontei acima — no que aliás seguiu o exemplo ilustre de Rui.

«... o nome prôprio não escapa á concordância, quando se o quer, como fez Camões»: [João Ribeiro, *Gramática*, 11.a ed. cuidadosamente revista e corrigida, 1904, pag. 160, nota].

«E não se a compreende bem, sente se a». [Revista *Kosmos*, 1906, pag. 10 do 1.o número].

«Não se o lê impunemen-

Transcrição:

[...] lo) Sabbado, 31 d[...]. Manuscrito, a tinta preta, abaixo da data, na margem superior do recorte: [Out.º 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XLVI

Se o não encontre. Se o espera (Continuação)

As seis ou sete pessoas que tiveram a pachorra de ler a ficha precedente, viram que Figueiredo e Silva Ramos condenam implacávelmente a construção gramatical que nos serve de título.

Outros muitos mestres a tem condenado; talvez todos a condenem. Em que termos o fazem? Nos mais enérgicos! O filólogo Aureliano Pimentel (citado por Mário Barreto, *Novos estudos*, 1911, pag. 38) entendia que atis frases são "horripilantes barbarismos, estúpidas corruptelas"!

Carlos de Laet, o valente polemista que não trepidou enfrentar a pena ferina de Camilo, analizando um dia, em conferência pública que ficou célebre, uma frase do seu ex-discípulo José Veríssimo, assim se exprimiu (ver a *Revista de cultura*, vol. 3.º, pag. 340): - "Havia frases como esta: - *de quem se os não possa notar*. E eu, então, passei um cartão ao meu ex-discípulo, fazendo-lhe sentir que êle esquecera a sintaxe dos pronomes". Declara o texto de onde copio o tópico, que houve hilaridade na sala... E a vítima da hilaridade era o autor dos 6 volumes de *Estudos de literatura brasileira*, além de outras obras de menor tômo, e empunhava o scetro da crítica literária brasileira do seu tempo.

O Snr. P. A. Pinto (*Advocacia gramatical*, 1922, pag. 62), depois de transcrever êsse mesmo trecho de Laet, desfia em rosário o conceito de todos os teimosos possíveis, com os quais faz côro, contra a malfadada sintaxe. Ali vemos os nomes de Mário Barreto, Carlos Pereira, Rággio Nóbrega, Said Ali, Cândido Lago, Firmino Costa – aos quais posso acrescentar os de Otoniel Mota (*O meu idioma*, 1927, pag. 222), Sousa da Silveira (*Trechos selectos*, 1935, pag. 396) e mais acrescentaria se não tivesse pena de quem por acaso se disponha a ler isto...

Ora, essa pluralidade de arrestos dos mais acatados mestres da lingua, não parece ter assento mioto sólido nos *factos* com que outros teimosos os vão anulando...

O Snr. Cândido de Figueiredo (*Combates sem sangue*, 1925, pag. 104) já uma vez me ensinou que "vale piú un grano di fatti, que un quintale de teorie"; e já aprendi tambem com Sousa da Silveira (*Revista de cultura*, vol. 9.º, pag. 52) que "muitas vezes a língua transgride fórmulas e regras gramaticais".

Convém, pois, vermos alguns factos a respeito do *se o* no Brasil: vou citá-los, sem outra ordem que não aquela em que os fui notando em minhas leituras. Revistam-se de paciência os meus poucos leitores – ou abandonem aqui a leitura, o que é sem dúvida muito mais acertado:

"Para a violência, contanto que se a cometa em nome do Marechal..." (Rui Barbosa, *A Nação*, no "Estado de S. Paulo" de 28 de Fevereiro 1910).

Ao republicar esse trabalho em livro (*Excursão eleitoral etc*., 1910, pag. 228) suprimiu o autor o demonstrativo atentatorio dos cânones sagrados.

"... conceituando mal dos que a si mesmo se o dão" (José Veríssimo, no *Jornal do Commercio*, do Rio, 29 de Outo. 1908).

"Quer se crie o gado em vista do leite, quer se o crie em vista da carne (Luiz Pereira Barreto, *Selecção ou cruzamento?*, no Estado de S. Paulo", 1.º Maio 1915).

"... para que se o não tomasse como privilegiado (Carvalho de Mendonça, *Tratado de direito comercial*, vol. 1.º, pag. 8).

"Para se o pescar, a igaritê deve..." (Dr. Leite de Morais, *Apontamentos de viagem*, sem indicação bibliográfica, pag. 109).

"Dá-se-lhe corda e se o acompanha (Idem, ibidem, pag. 110). Ha muitas outras abonações na obra.

"... como de ordinario se o encontra na composição..." (Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia*, 1.ª ed., pag. 54).

"... tanto mais que só se o aplicava... (idem, ibidem, pag. 66). Êste autor, na 3.ª ed. da obra (Baía, 1928), suprimiu os demonstrativos que apontei acima – no que aliás seguiu o exemplo ilustre de Rui.

"... o nome próprio não escapa á concordância, quando se o quer, como fe Camões": (João Ribeiro, *Gramática*, 11.ª ed. cuidadosamente revista e corrigida, 1904, pag. 160, nota).

"E não se a compreende bem, sente se a" (*Revista Kosmos*, 1906, pag. 10 do 1.º número).

"Não se o lê impunemente; ..." (Idem, n.º4, artigo assinado por José Maria Bello).

"É exacto que ha rosas brancas, mas, quando se o não declara, as rosas são rosas". (Afrânio Peixoto, in *Lusitânia,* vol. 2.º, pag. 210).

"... e não se ligam, nem que se os rache". (Mendes Frandique, *Gramática pelo método confuso*, 1928, pag. 73).

"... não se lhe pode amputar uma página siquer, sem que se o aleije". (Idem, *Ideias em zig-zag,* 1928, pág. 8. Ha muitos outros exemplos na obra).

Mas isto está muito comprido. Deixemos o resto para outro capítulo, em quanto dormem os leitores fatigados...

MOTA COQUEIRO

49- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XLVII: Se o não encontre. Se o espera (Conclusão). *O Imparcial.* Araraquara, 7 nov. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Fichas de Linguagem

"O Imparcial", 7 Nov. 1936

XLVII

Se o encontre. Se o espera (Conclusão).

Ha um ditado espanhol (onde por sinal entra a combinação *se lo*) que tem aqui boa e oportuna aplicação. E' êste: — «Con su pan se lo coma». (Ver o *Diccionario* da Academia Espanhola veb. *pan*).

Com êsse prolóquio manifestam os espanhois a indiferença ou o despreso com que vêm o procedimento de outrem. Está feito, pois, justamente para uso dos leitores na presente conjuntura, em que decerto não estão para aturar me, e tambem serve como descritivo da indiferença com que tantos autores brasileiros vão anulando os esforços dos grmáticos.

Se me dão licença, contnuarei as citações interrompidas na ficha anterior:

«... durante os trabalhos de instalações permanentes, para que se os não interrompam até o ...» (Belisário Pena, Saneamento do Brasil) 1918, pag. 118. Ha muitos outros exemplos ali, v. g. nas pags. 141, 142, etc).

«Tambem se as deposita em uma sobrecaixa ...» [Emilio Schenk [autor Riograndense], 1923, pag. 154 e passim].

«A não ser que o terreno seja por natureza muito fértil, adube-se-o com um fertlizante composto ...» [*La* Hacienda, ed em português, Março de 1928, pag. 68].

«Em portugal, porém, dá-se-o como de origem brasileira, ...» [A. Daisson, *A' margem de alguns brasileirismos,* Porto Alegre, 1925, pag. 87].

«O empréstimo ... foi realmente uma operação infeliz, e assim sempre se o considerou —» [Castro Carreira, na *Revista do Instituto Histórico*, vol. 76.o. pag. 388].

«Tal era o susto que êstes selvícolas causavam aos moradores do litoral, que se não os conhecia de vista». [H. von Hering, in *Revista do Museu Paulista*, vol. 3.o pag. 49].

«Muitas vezes achava-se-os no interior ..» R. von Hering, na mesma *Revista*, vol. 8., pag. 92].

«... tal como ainda hoje se os encontram nas provincias do interior». [D. Luis de Oléans-Bragança, *sob o Cruzeiro do Sul*, ed. port., 1913, pag. 36].

»Por qualquer aspecto que se o considere ...» [Augusto Ferreira de Castilho, *Democracia no Brasil,* 1929, pag. 171].

«Mas a sua *Ressurreição* inferioriza Cristo até quando se o compara aos soldados ...» [Martim Francisco, *Viajando,* 1929, 1.o vol., pag. 49 Ha ali muitos outros exemplos].

«Hoje, essa politica está em plena ordem do dia nas nações mais cultas do mundo, Só no Brasil não se a pratica», [Cincinato Braga, no *Estado de São Paulo,* 11 Seto. 1931, pag. 4].

«Basta para isso que se os encha dágua durante 24 horas e ...» [Raimundo Morais — autor amazonense — *O meu dicionario,* vol. 1.o. 1931, pag. 124. Ha muitos outros exemplos no liv o].

«E' curiosa essa cousa das administrações militares: as commissões são merecimento, mas só se as dá aos protegidos». [Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma,* 1915, pag. 46, repete-se a sintaxe na pag. 59].

«... isto é, que a última fase da guerra não foi como se a descreve». [Alfredo Brandão, no livro *Estudos Afro-brasileiros,* 1935, pag. 75].

Parece dos factos expostos e de inúmeros outros que se poderiam colecionar, que os gramáticos desde o velho Sotero dos Reis até Sousa Silveira, não conseguiram ainda remover a prática recalcitante dos autores brasileiros. Brasileiros, sim, porque não conheço nem um único exemplo dêsse modismo em autor português.

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, abaixo do título da coluna: [“O Imparcial”, 7 Novº 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XLVII

Se o não encontre. Se o espera (Conclusão).

Há um ditado espanhol (onde por sinal entra a combinação *se lo*) que tem aqui boa e oportuna aplicação. É êste: - “Con su pan se lo coma”. (Ver o *Diccionario* da Academia Espanhola, veb. *pan*).

Com êsse prolóquio manifestam os espanhois a indiferença ou o despreso com que vêm o procedimento de outrem. Está feito, pois, justamente para uso dos leitores na presente conjuntura, em que decerto não estão para aturar me, e tambem serve como descritivo da indiferença com que tantos autores brasileiros vão anulando os esforços dos gramáticos.

Se me dão licença, continuarei as citações interrompidas na ficha anterior:

“... durante os trabalhos de instalações permanentes, para que se os não interrompam até o...” (Belisário Pena, Saneamento do Brasil, 1918, pag. 118. Ha muitos outros exemplos ali, v. g. nas pags. 141, 142, etc.).

“Tambem se as deposita em uma sobrecaixa...” (Emilio Schenk [autor Riograndense], 1923, pag. 154 e passim).

“A não ser que o terreno seja por natureza muito fértil, adube-se-o com um fertilizante composto...” (*La* Hacienda, ed. em português, Março de 1928, pag. 68).

“Em Portugal, porém, dá-se o como de origem brasileira, ...” (A. Daisson, *Á margem de alguns brasileirismos*, PortoAlegre, 1925, pag. 87).

“O empréstimo... foi realmente uma operação infeliz, e assim sempre se o considerou – “ (Castro Carreira, na *Revista do Instituto Histórico*, vol. 76.º, pag. 388).

“Tal era o susto que êstes selvícolas causavam aos moradores do litoral, que se não os conhecia de vista”. (H. Von Hering, in *Revista do Museu Paulista*, vol. 3.º, pag. 49).

“Muitas vezes achava-se-os no interior...” R. Von Hering, na mesma *Revista*, vol. 8.º, pag. 92).

“... tal como ainda hoje se os encontram nas provincias do interior”. (D. Luis de Oléans Bragança, *Sob o Cruzeiro do Sul*, ed. port., 1913, pag. 36).

"Por qualquer aspecto que se o considere..." (Augusto Ferreira de Castilho, *Democracia no Brasil*, 1929, pag. 171).

"Mas a sua *Ressurreição* inferioriza Cristo até quando se o compara aos soldados..." (Martim Francisco, *Viajando*, 1929, 1.º vol., pag.49. Ha ali muitos outros exemplos).

"Hoje, essa politica está em plena ordem do dia nas nações mais cultas do mundo. Só no Brasil não se a pratica", (Cincinato Braga, no *Estado de São Paulo,* 11 Seto. 1931, pag. 4).

"Basta para isso que se os encha dágua durante 24 horas e..." (Raimundo Morais – autor amazonense – *O meu dicionário*, vol. 1.º, 1931, pag. 124. Ha muitos outros exemplos no livro).

"É curiosa essa cousa das administrações militares: as commissões são merecimento, mas só se as dá aos protegidos". (Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, 1915, pag. 46, repete-se a sintaxe na pag. 59).

"... isto é que a última fase da guerra não foi como se a descreve". (Alfredo Brandão, no livro *Estudos Afro-brasileiros,* 1935, pag. 75).

Parece dos factos expostos e de inúmeros outros que se poderiam colecionar, que os gramáticos desde o velho Sotero dos Reis até Sousa Silveira, não conseguiram ainda remover a prática recalcitrante dos autores brasileiros. Brasileiros, sim, porque não conheço nem um único exemplo dêsse modismo em autor português.

MOTA COQUEIRO

50- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem XLVIII: Nhato. *O Imparcial.* Araraquara, 15 nov. 1936. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, a tinta preta, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Fichas de Linguagem

"O Imparcial"
15 Nov.º 1936

XLVIII
Nhato

Ha muitos annos passados, folheando ao acaso a *Prosódia latina* (edição de E'vor, 1741), vi ali êste verbête: — «**Gnathos, gnathus**. A queixada, a face».

Eu já então conhecia o artigo de Morais a respeito das permutas e incertezas dos autores no emprego dos dígramas *nh* e *gn* (ver Dicionário, 1813, s. voc. *Gn*), e tinha lido poucos dia» antes a dissertação de Gonçalves Viano a êsse propósito (*Ortografia nacional*, 1904, pag. 155).

Como no dialecto dos caipiras de S. Paulo vicejava (e viceja) o adjectivo *nhato*, qualificando o indivíduo cujos dentes inferiores se ajustam na frente dos superiores (cofira-se Cornélio Pires, *Quem conta um conto . . .*, pag. 232), e o termo não figurasse ainda nos dicionários portugueses, nem nos vocabulários de brasileirismos que eu até então conhecia, dei dêlle noticia ao Snr. Cândido de Figueiredo, illustrando-a com êste comentário: — «. . . *nhato*, porém, nunca vi em letra redonda. E' todavia certo que o termo tem origem latina (*gnatos* ou *gnatus*, queixo). Como diabo veio êle cair do latim, directamente, ás mãos dos nossos caipiras?»

O vocabulista fez longo comentário á minha còmunicação, admitiu que o adjectivo seja um paulistanimo, mas repeliu com energia a hipótese de uma origem latina ou grega (ver o artigo do *Jornal do Comércio*, do Rio, de 27 Outubro 1904, mais tarde reproduzida na obra *Falar e escrever*, 1.o vol., 1906, pags. 175 e seguintes). Baseou a argumentação em leis fonéticas — abrandamento do tê latino intervocálico em dê —, declarou que *gnatos* não é latim, que *gnatus* é forma arcaica de *natus*, nascido, e não tem relação alguma com a nossa palavra *queixo*, etc. etc., e aventou a ideia de uma origem quimbunda ou tupi.

Parece que toda essa balbúrdia originou-se de não ter eu citado o Pe. Bento Pereyra, respeitado latinista e autor da *Prosódia latina*; aliás, talvez o Snr. Figueiredo não decretasse que *gnatus* (ou *gnathus*) é simplesmente forma arcáica de *natus*.

—

Na 2.a edição do *Novo Dic.*, 1913, apareceu pela primeira vez na lexicografia portuguesa a palavra *nhato*, dada como paulistanismo e bem definida. Mas a respeito do respectivo êtimo o autor guardou silencio, mandando apenas comparar *prognatho*. Parece que já então apostatara das antigas convicções de que o termo provinha do quimbundo ua do tupi. E aï se manteve o autor até alí a última edição da obra (1925-1926)

O termo *nhato* já figura tambem no *Dic. Contemporâneo*, 1925, e na edição do de Simões da Fonseca revista por João Ribeiro, 1926. Eu suponho que nenhum dêstes dicionaristas viu o verbête da *Prosódia latina*.

Façamos votos para que o Snr. Antenor Nascentes, logo que se lhe depare oportunidade, rompa o silencio que a respeito do curioso termo guardou no *Dic. Etimológico*.

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Manuscrito, a tinta preta, ao lado do título da coluna: [“O Imparcial”, 15 Novº 1936].

FICHAS DE LINGUAGEM

XLVIII

Nhato

Ha muitos annos passados, folheando ao acaso a *Prosódia latina* (edição de E’vor, 1741), vi ali êste verbête: - “*Gnthos, gnathus*. A queixada, a face”.

Eu já então conhecia o artigo de Morais a respeito das permutas e incertezas dos autores no emprego dos digramas *nh* e *gn* (ver Dicionário, 1813, s. voc. *Gn*), e tinha lido poucos dias antes a dissertação de Gonçalves Viana a êsse propósito (Ortografia nacional, 1904, pag. 155).

Como no dialiecto dos caipiras de S. Paulo vicejava (e viceja) o adjectivo *nhato*, qualificando o indivíduo cujos dentes inferiores se ajustam na frente dos superiores (confira-se Cornélio Pires, *Quem conta um conto...*, pag. 232), e o termo não figurasse ainda nos dicionários portugueses, nem nos vocabulários de brasileirismos que eu até então conhecia, dei dêlle noticia ao Snr. Cândido de Figueiredo, illustrando-a com êste comentário: - “... *nhato*, porém, nunca vi em letra redonda. É todavia certo que o termo tem origem latina (*gnatos* ou *gnatus*, queixo). Como diabo veio êle cair do latim, directamente, ás mãos dos nossos caipiras?”

O vocabulista fez longo comentário á minha comunicação, admitiu que o adjectivo seja um paulistanismo, mas repeliu com energia a hipótese de uma origem latina ou grega (ver o artigo do *Jornal do Comércio*, do Rio, de 27 Outubro 1904, mais tarde reproduzido na obra *Falar e escrever*, 1.º vol., 1906, pags. 175 e seguintes). Baseou a argumentação em leis fonéticas – abrandamento do tê latino intervocálico em dê -, declarou que *gnatos* não é latim, que *gnatus* é forma arcaica de *natus*, nascido, e não tem relação alguma com a nossa palavra *queixo*, etc. etc., e aventou a ideia de uma origem quimbunda ou tupi.

Parece que toda essa balbúrdia originou-se de não ter eu citado o Pe. Bento Pereyra, respeitado latinista e autor da *Prosódia latina*; aliás, talvez o Snr. Figueiredo não decretasse que *gnatus* (ou *gnathus*) é simplesmente forma arcáica de *natus*.

———

Na 2.ª edição do *Novo Dic.*, 1913, apareceu pela primeira vez na lexicografia portuguesa a palavra *nhato*, dada como paulistanismo e bem definida. Mas a respeito do respectivo étimo o

autor guardou silencio, mandando apenas comparar *prognatho*. Parece que já então apostatara das antigas convicções de que o termo provinha do quimbundo ua do tupi. E aí se manteve o autor até alí a última edição da obra (1925-1926).

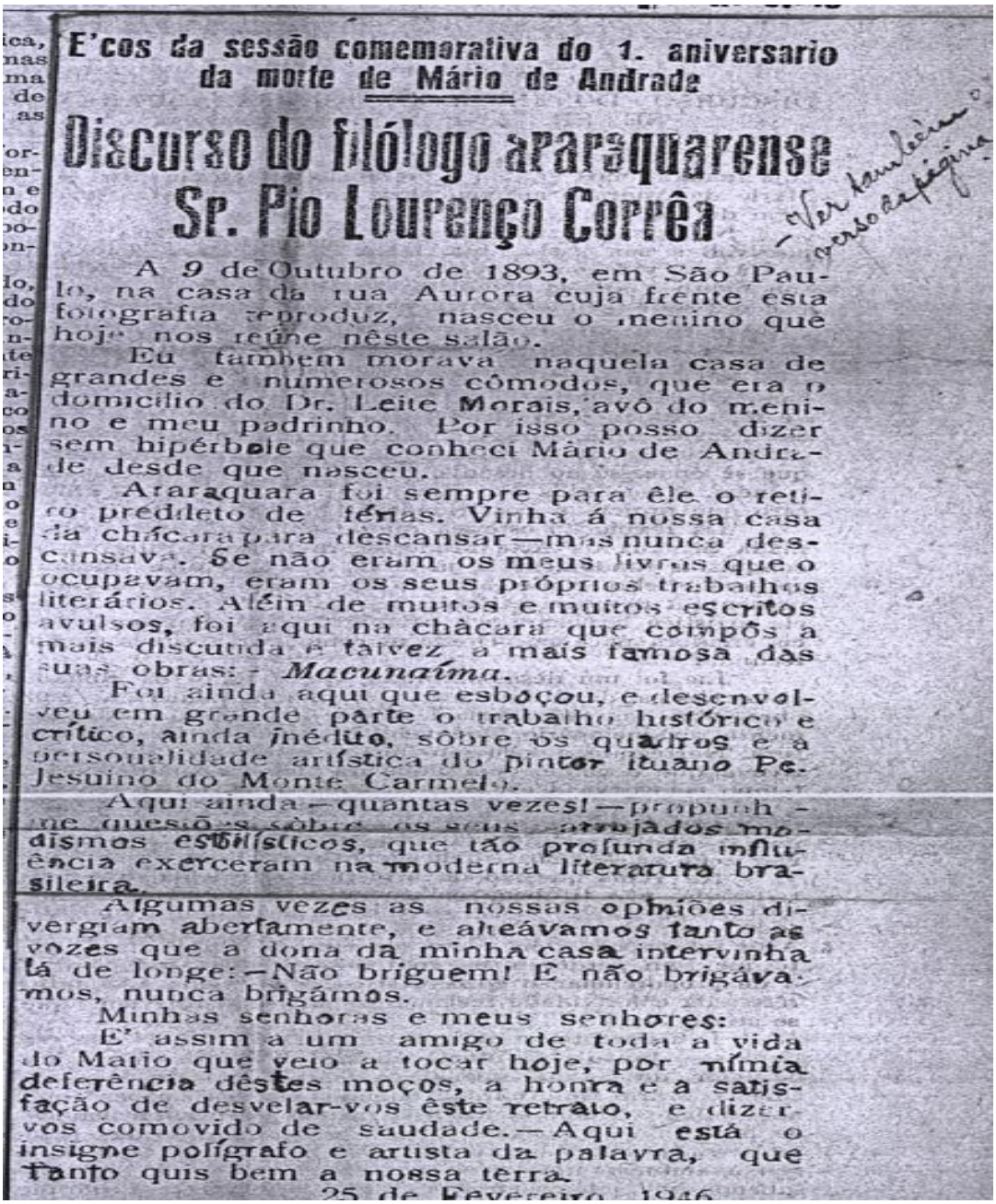
O termo *nhato* jà figura tambem no *Dic. Contemporâneo*, 1925, e na edição do de Simões da Fonseca revista por João Ribeiro, 1926. Eu suponho que nenhum dêstes dicionaristas viu o verbête da *Prosódia latina*.

Façamos votos para que o Snr. Antenor Nascentes, logo que se lhe depare oportunidade, rompa o silencio que a respeito do curioso termo guardou no *Dic. Etimológico*.

MOTA COQUEIRO

51- CORRÊA, Pio Lourenço. E'cos da sessão comemorativa do 1º aniversário da morte de Mário de Andrade – Discurso do filólogo araraquarense Sr. Pio Lourenço Corrêa. *O Imparcial*, Araraquara, 3 mar. 1946. Recorte dobrado e anexado com alfinete à ficha n 130 – *Mário de Andrade*. CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



E'cos da sessão comemorativa do 1. aniversario da morte de Mário de Andrade

Discurso do filólogo araraquarense Sr. Pio Lourenço Corrêa

– Ver terceiro verso desta página

A 9 de Outubro de 1893, em São Paulo, na casa da rua Aurora cuja frente esta fotografia reproduz, nasceu o menino que hoje nos reúne nêste salão.

Eu tambem morava naquela casa de grandes e numerosos cômodos, que era o domicilio do Dr. Leite Morais, avô do menino e meu padrinho. Por isso posso dizer sem hipérbole que conheci Mário de Andrade desde que nasceu.

Araraquara foi sempre para êle o retiro predileto de férias. Vinha á nossa casa da chácara para descansar — mas nunca descansava. Se não eram os meus livros que o ocupavam, eram os seus próprios trabalhos literários. Além de muitos e muitos escritos avulsos, foi aqui na chácara que compôs a mais discutida e talvez a mais famosa das suas obras: - *Macunaíma*.

Foi ainda aqui que esboçou, e desenvolveu em grande parte o trabalho histórico e crítico, ainda inédito, sôbre os quadros e a personalidade artística do pintor ituano Pe. Jesuino do Monte Carmelo.

Aqui ainda — quantas vezes! — propunha-me questões sôbre os seus arrojados modismos estilísticos, que tão profunda influência exerceram na moderna literatura brasileira.

Algumas vezes as nossas opiniões divergiam abertamente, e alteávamos tanto as vozes que a dona da minha casa intervinha lá de longe: — Não briguem! E não brigávamos, nunca brigámos.

Minhas senhoras e meus senhores:

E' assim a um amigo de toda a vida do Mario que veio a tocar hoje, por mímia deferência dêstes moços, a honra e a satisfação de desvelar-vos êste retrato, e dizer-vos comovido de saudade. — Aqui está o insigne polígrafo e artista da palavra, que tanto quis bem a nossa terra.

25 de Fevereiro 1946

Transcrição:

ECOS DA SESSÃO COMEMORATIVA DO 1º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE MÁRIO DE ANDRADE

==========

DISCURSO DO FILÓLOGO ARARAQUARENSE SR. PIO LOURENÇO CORRÊA

A 9 de outubro de 1893, em São Paulo, na casa da rua Aurora cuja frente esta fotografia reproduz, nasceu o menino que hoje nos reúne neste salão.

Eu também morava naquela casa de grandes e numerosos cômodos, que era o domicílio do Dr. Leite Moraes, avô do menino e meu padrinho. Por isso posso dizer sem hipérbole que conheci Mário de Andrade desde que nasceu.

Araraquara foi sempre para ele o retiro predileto de férias. Vinha à nossa casa da chácara para descansar — mas nunca descansava. Se não eram os meus livros que o ocupavam, eram os seus próprios trabalhos literários. Além de muitos e muitos escritos avulsos, foi aqui na chácara que compôs a mais discutida e talvez a mais famosa das suas obras: Macunaíma.

Foi ainda aqui que esboçou, e desenvolveu em grande parte o trabalho histórico e crítico, ainda inédito, sobre os quadros e a personalidade artística do pintor ituano Pe. Jesuíno do Monte Carmelo.

Aqui ainda — quantas vezes! — propunha-me questões sobre o seus arrojados modismos estilísticos, que tão profunda influência exerceram na moderna literatura brasileira.

Algumas vezes as nossas opiniões divergiam abertamente, e alteávamos tanto as vozes que a dona da minha casa intervinha lá de longe: — Não briguem! E não brigávamos, nunca brigamos.

Minhas senhoras e meus senhores:

É assim a um amigo de toda a vida do Mário que veio a tocar hoje, por nímia deferência destes moços, a honra e a satisfação de desvelar-vos este retrato, e dizer-vos comovido de saudade. — Aqui está o insigne polígrafo e artista da palavra, que tanto quis bem a nossa terra.

25 de fevereiro, 1946.

F - Periódico não identificado

1- COQUEIRO, Mota. Lingua brasileira. S. n. t. [Post. 18 jul. 1935.], CPLC. O artigo, recortado de jornal e colado em quatro folhas de papel pautado branco, recebeu alterações – correções, supressões e acréscimos – de PLC, a tinta preta.

Fotocópia do texto publicado:



Lingua brasileira

A vulgarização do ensino primário e secundário pela disseminação de escolas públicas e liceus, tomou notável incremento no século XIX, e proporcionou a criação e os leitores de um número muito mais elevado de jornais, ou da imprensa que, pelo próprio imperativo dos factos, é redigida sem longa meditação e cuidado.

Acorreu para a redacção e colaboração desta imprensa que lhes proporciona todas as facilidades, um número avultado de escrevedores mais ou menos preparados, mais ou menos improvisados, quase todos ainda verdes em anos, e por isso cheios da fé e da temeridade própria dos moços.

A lingua portuguesa (como as outras) sofreu logo a influência dêste, digamos assim, sufrágio universal na sua literatura: — entrou a deformá la e a desvirtuar-lhe a indole uma avalanche de neologias, solecismos, termos mal derivados, etc., na maioria procedentes de influência da lingua francesa, que era moda mostrar, nos salões e na

qüentes prélios de que nem sempre saiu ilêso, mas ~~cuja~~ obra ficará na história da lingua como um exemplo de corajosa fé e constância invulgar.

O público, em geral indiferente aos assuntos de linguagem, foi afinal sacudido da ~~sua~~ indiferença habitual: os livros do Snr. Figueiredo venderam-se aos milheiros em Portugal e no Brasil.

—o—

Aqui em São Paulo, um jornalista português de bom preparo intelectual, o Snr. Cesar Ribeiro, que fundara o antigo **Comércio de São Paulo**, nesta folha criou e manteve uma secção diária sob o titulo **Através da imprensa**, onde glosava e corrigia os senões de linguagem dos colegas. Foi ali que se levantou a celebérrima questão dos pronomes. Viram então todos — e foi só então que se viu — que divergem os brasileiros dos portugueses na sintaxe dos pronomes.

Levantou se uma celeuma enorme! Foi o facho que ateou a fogueira do dissidio entre os dois povos que falam a

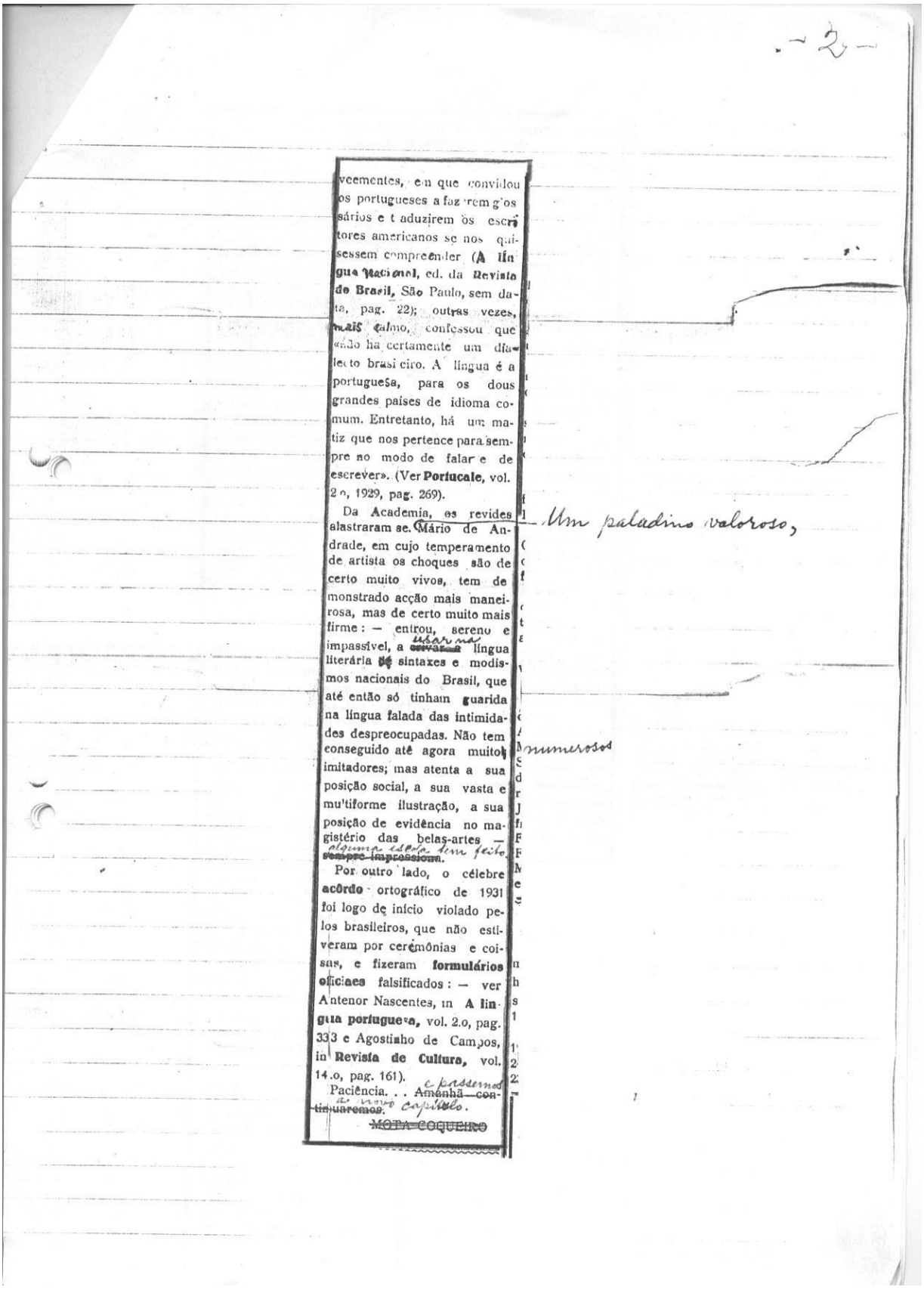
litèratura indigena, que se sabia e se praticava.

Tal estado de coisas, que já vinha impressionando e irritando os patriotas e os mestres desde o tempo do Madureira e do Cardial Saraiva, tomou feição mais aguda na segunda metade do sêculo. Surgiram então em maior número os evangelisadores ~~acudindo~~ ao desastre: era hoje um Cândido Lusitano, amanhã um Silva Tùlio, depois um Belegarde, e inúmeros outros bem intencionados, nenhum talvez tão conhecido e discutido como o infatigável trabalhador e benemérito vulgarizador Snr. Cândido de Figueiredo. Durante quarenta e cinco anos consecutivos não abandonou êle ~~um único dia~~ a bigorna em que martelava tenazmente, tanto em Lisboa como no Rio, metendo se em fre-

lingua do Camões. Porque para os brasileiros era e é de todo impossivel colocar na frase os pronomes como os colocam os portugueses. E êstes, ciumentos da lingua que criaram, poliram e nos herdaram, quiseram arvorar-se em árbitros da divergência, e intentaram corrigir os discrepantes.

Conseguiram unicamente provocar revides de mau-humor. As reacções crecem cada dia, e multiplicam-se alarmantes. Atingiram desde logo a Academia Brasileira de Letras, encabeçadas ali pelo valoroso filólogo e intolerante nativista João Ribeiro. Conhecedor profundo do idioma, êste autor nem sempre pôde ser bem coerente nas suas opiniões. Por vezes, mais irritado, subscreveu desforços

(Continuação)



veementes, em que convidou os portugueses a fazerem glossários e traduzirem os escritores americanos se nos quisessem compreender (**A língua Nacional**, ed. da **Revista do Brasil**, São Paulo, sem data, pag. 22); outras vezes, mais calmo, confessou que «não ha certamente um dialecto brasileiro. A língua é a portugueza, para os dous grandes países de idioma comum. Entretanto, há um matiz que nos pertence para sempre no modo de falar e de escrever». (Ver **Portucale**, vol. 2.o, 1929, pag. 269).

Da Academia, os revides alastraram se. Mário de Andrade, em cujo temperamento de artista os choques são de certo muito vivos, tem demonstrado acção mais maneirosa, mas de certo muito mais firme: — entrou, sereno e impassível, a usar na língua literária as sintaxes e modismos nacionais do Brasil, que até então só tinham guarida na língua falada das intimidades despreocupadas. Não tem conseguido até agora muitos imitadores; mas atenta a sua posição social, a sua vasta e multiforme ilustração, a sua posição de evidência no magistério das belas-artes, ~~sempre impressiona~~. alguma coisa tem feito.

Por outro lado, o célebre **acôrdo** ortográfico de 1931 foi logo de início violado pelos brasileiros, que não estiveram por cerimónias e coisas, e fizeram **formulários oficiaes** falsificados: — ver Antenor Nascentes, in **A lingua portugueza**, vol. 2.o, pag. 333 e Agostinho de Campos, in **Revista de Cultura**, vol. 14.o, pag. 161).

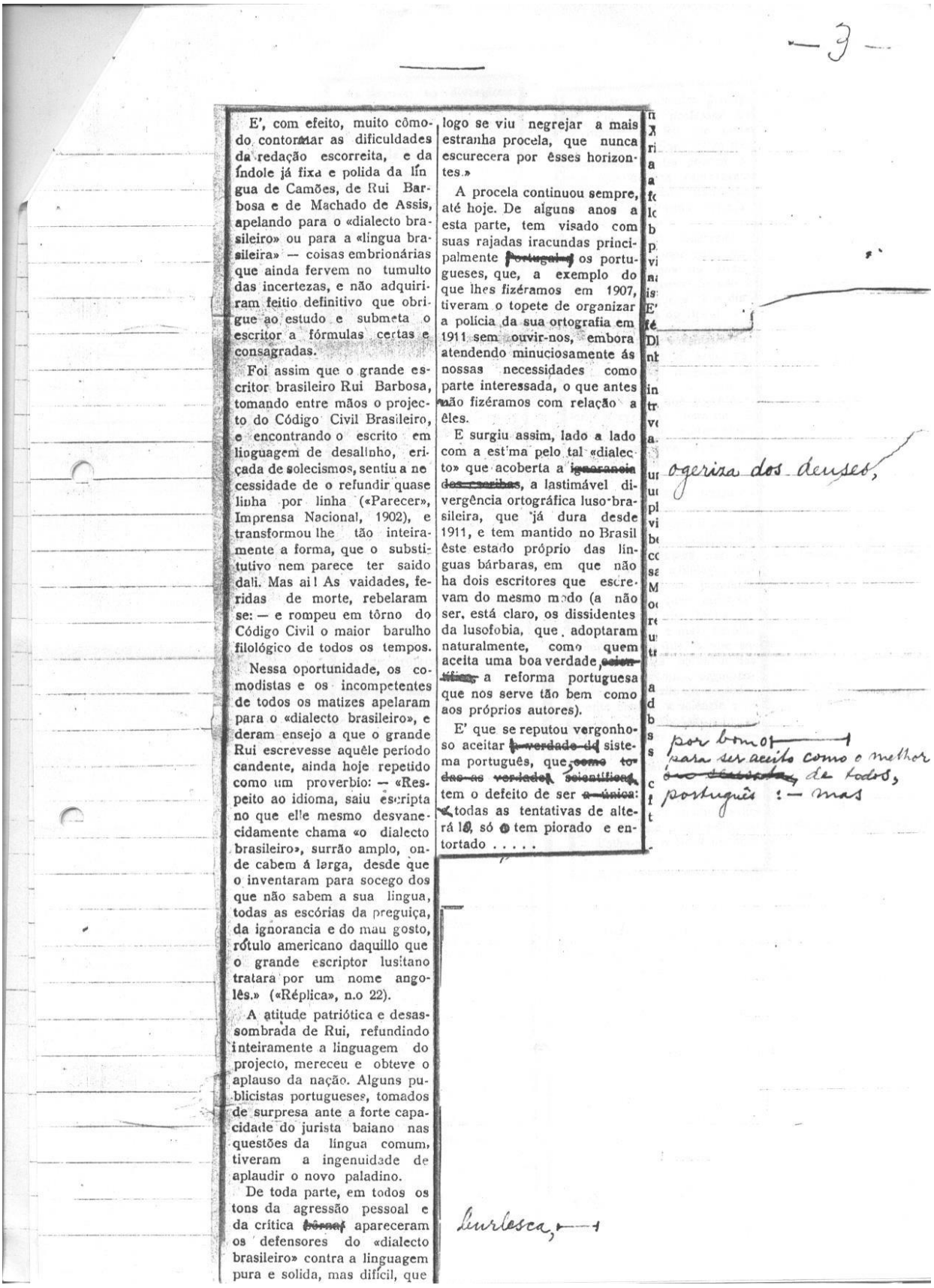
Paciência... ~~Amanhã continuaremos~~. e passemos ao nosso capítulo.

~~MOTA COQUEIRO~~

Um paladino valoroso,

numerosos

(Continuação)



E', com efeito, muito cômodo contornar as dificuldades da redação escorreita, e da índole já fixa e polida da língua de Camões, de Rui Barbosa e de Machado de Assis, apelando para o «dialecto brasileiro» ou para a «língua brasileira» — coisas embrionárias que ainda fervem no tumulto das incertezas, e não adquiriram feitio definitivo que obrigue ao estudo e submeta o escritor a fórmulas certas e consagradas.

Foi assim que o grande escritor brasileiro Rui Barbosa, tomando entre mãos o projecto do Código Civil Brasileiro, e encontrando o escrito em linguagem de desalinho, eriçada de solecismos, sentiu a necessidade de o refundir quase linha por linha («Parecer», Imprensa Nacional, 1902), e transformou lhe tão inteiramente a forma, que o substitutivo nem parece ter saido dali. Mas ai! As vaidades, feridas de morte, rebelaram se: — e rompeu em tôrno do Código Civil o maior barulho filológico de todos os tempos.

Nessa oportunidade, os comodistas e os incompetentes de todos os matizes apelaram para o «dialecto brasileiro», e deram ensejo a que o grande Rui escrevesse aquêle período candente, ainda hoje repetido como um proverbio: — «Respeito ao idioma, saiu escripta no que elle mesmo desvanecidamente chama «o dialecto brasileiro», surrão amplo, onde cabem á larga, desde que o inventaram para socego dos que não sabem a sua lingua, todas as escórias da preguiça, da ignorancia e do mau gosto, rótulo americano daquillo que o grande escriptor lusitano tratara por um nome angolês.» («Réplica», n.o 22).

A atitude patriótica e desassombrada de Rui, refundindo inteiramente a linguagem do projecto, mereceu e obteve o aplauso da nação. Alguns publicistas portugueses, tomados de surpresa ante a forte capacidade do jurista baiano nas questões da língua comum, tiveram a ingenuidade de aplaudir o novo paladino.

De toda parte, em todos os tons da agressão pessoal e da crítica bôrnal apareceram os defensores do «dialecto brasileiro» contra a linguagem pura e solida, mas difícil, que logo se viu negrejar a mais estranha procela, que nunca escurecera por êsses horizontes.»

A procela continuou sempre, até hoje. De alguns anos a esta parte, tem visado com suas rajadas iracundas principalmente ~~portugal~~ os portugueses, que, a exemplo do que lhes fizéramos em 1907, tiveram o topete de organizar a polícia da sua ortografia em 1911 sem ouvir-nos, embora atendendo minuciosamente ás nossas necessidades como parte interessada, o que antes não fizéramos com relação a êles.

E surgiu assim, lado a lado com a estima pelo tal «dialecto» que acoberta a ~~ignorancia dos escribas~~, a lastimável divergência ortográfica luso-brasileira, que já dura desde 1911, e tem mantido no Brasil êste estado próprio das línguas bárbaras, em que não ha dois escritores que escrevam do mesmo modo (a não ser, está claro, os dissidentes da lusofobia, que adoptaram naturalmente, como quem aceita uma boa verdade, ~~scientifica~~ a reforma portuguesa que nos serve tão bem como aos próprios autores).

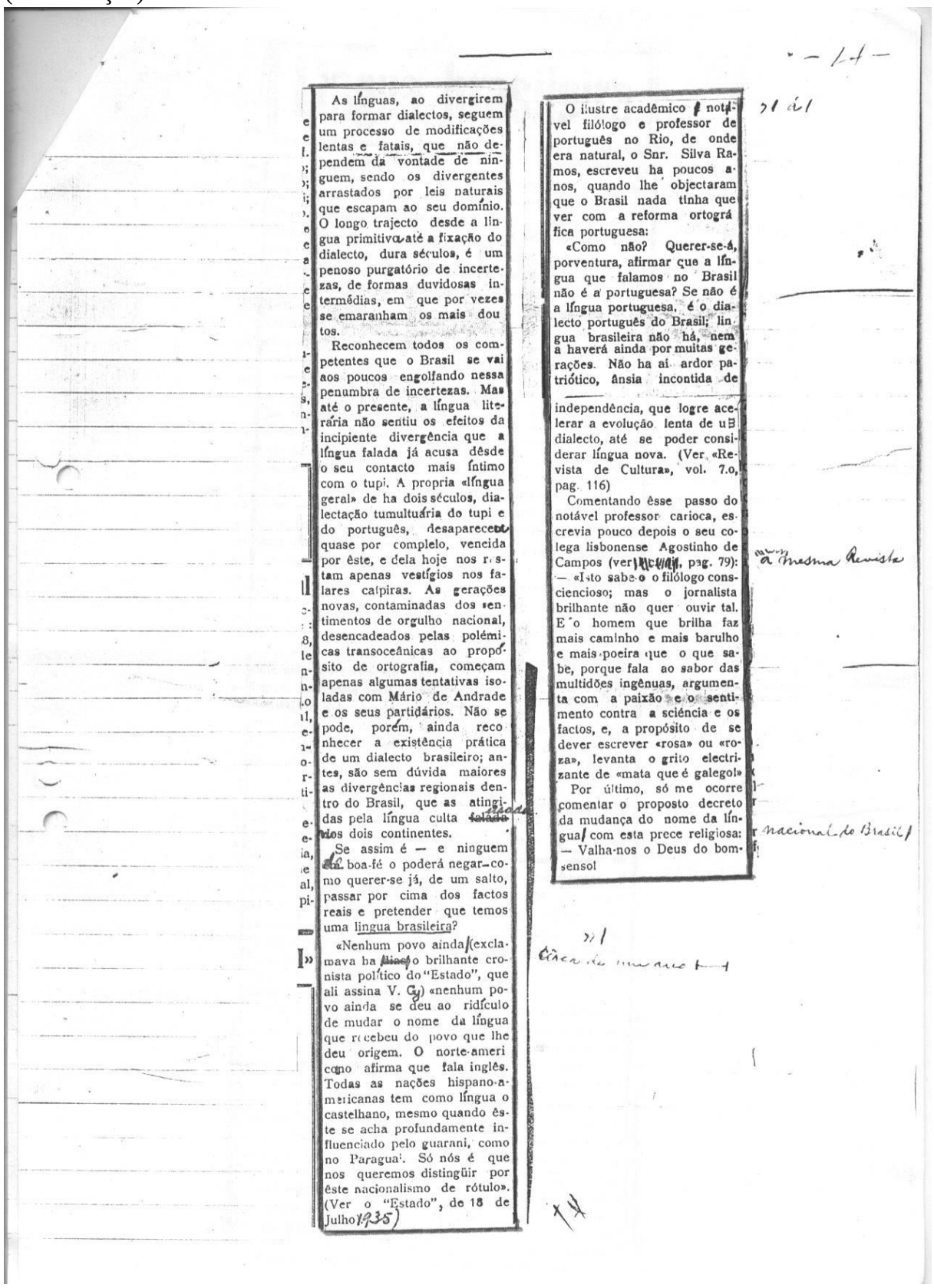
E' que se reputou vergonhoso aceitar ~~a verdade da~~ sistema português, que, ~~como todas as verdades scientificas~~, tem o defeito de ser ~~a única~~: todas as tentativas de alterá lo, só o tem piorado e entortado . . . . .

ogeriza dos deuses,

por bom ou para ser aceito como o melhor ~~dos escribas~~, de todos, português :— mas

burlesca,

(Continuação)



As línguas, ao divergirem para formar dialectos, seguem um processo de modificações lentas e fatais, que não dependem da vontade de ninguem, sendo os divergentes arrastados por leis naturais que escapam ao seu domínio. O longo trajecto desde a língua primitiva até a fixação do dialecto, dura séculos, é um penoso purgatório de incertezas, de formas duvidosas intermédias, em que por vezes se emaranham os mais doutos.

Reconhecem todos os competentes que o Brasil se vai aos poucos engolfando nessa penumbra de incertezas. Mas até o presente, a língua literária não sentiu os efeitos da incipiente divergência que a língua falada já acusa dêsde o seu contacto mais íntimo com o tupi. A propria «língua geral» de ha dois séculos, dialectação tumultuária do tupi e do português, desapareceu quase por completo, vencida por êste, e dela hoje nos restam apenas vestígios nos falares caipiras. As gerações novas, contaminadas dos sentimentos de orgulho nacional, desencadeados pelas polémicas transoceânicas ao propósito de ortografia, começam apenas algumas tentativas isoladas com Mário de Andrade e os seus partidários. Não se pode, porém, ainda reconhecer a existência prática de um dialecto brasileiro; antes, são sem dúvida maiores as divergências regionais dentro do Brasil, que as atingidas pela língua culta falada dos dois continentes.

Se assim é — e ninguem de boa-fé o poderá negar — como querer-se já, de um salto, passar por cima dos factos reais e pretender que temos uma lingua brasileira?

«Nenhum povo ainda (exclamava ha dias o brilhante cronista político do "Estado", que ali assina V. C.) «nenhum povo ainda se deu ao ridículo de mudar o nome da língua que recebeu do povo que lhe deu origem. O norte-americano afirma que fala inglês. Todas as nações hispano-americanas tem como língua o castelhano, mesmo quando êste se acha profundamente influenciado pelo guarani, como no Paraguai. Só nós é que nos queremos distinguir por êste nacionalismo de rótulo». (Ver o "Estado", de 18 de Julho 1935)

O ilustre acadêmico e notável filólogo e professor de português no Rio, de onde era natural, o Snr. Silva Ramos, escreveu ha poucos anos, quando lhe objectaram que o Brasil nada tinha que ver com a reforma ortográfica portuguesa:

«Como não? Querer-se-á, porventura, afirmar que a língua que falamos no Brasil não é a portuguesa? Se não é a língua portuguesa, é o dialecto português do Brasil; lingua brasileira não há, nem a haverá ainda por muitas gerações. Não ha aí ardor patriótico, ânsia incontida de independência, que logre acelerar a evolução lenta de um dialecto, até se poder considerar língua nova. (Ver «Revista de Cultura», vol. 7.o, pag. 116)

Comentando êsse passo do notável professor carioca, escrevia pouco depois o seu colega lisbonense Agostinho de Campos (ver [illegible], pag. 79): — «Isto sabe-o o filólogo conscienciosó; mas o jornalista brilhante não quer ouvir tal. E o homem que brilha faz mais caminho e mais barulho e mais poeira que o que sabe, porque fala ao sabor das multidões ingênuas, argumenta com a paixão e o sentimento contra a sciência e os factos, e, a propósito de se dever escrever «rosa» ou «roza», levanta o grito electrizante de «mata que é galego!»

Por último, só me ocorre comentar o proposto decreto da mudança do nome da língua com esta prece religiosa: — Valha-nos o Deus do bom-senso!

Transcrição:

Lingua brasileira

A vulgarização do ensino primário e secundário pela disseminação de escolas públicas e liceus, tomou notável incremento no século XIX, e proporcionou a criação e os leitores de um número muito mais elevado de jornais, ou da imprensa que, pelo próprio imperativo dos factos, é redigida sem longa meditação e cuidado.

Acorreu para a redacção e colaboração desta imprensa que lhes proporciona todas as facilidades, um número avultado de escrevedores mais ou menos preparados, mais ou menos improvisados, quase todos ainda verdes em anos, e por isso cheios de fé e da temeridade própria dos moços.

A lingua portuguesa (como as outras) sofreu logo a influência dêste, digamos assim, sufrágio universal na sua literatura: - entrou a deformá la e a desvirtuar-lhe a índole uma avalanche de neologias, solecismos, termos mal derivados, etc., na maioria procedentes de infkuência da língua francesa, que era moda mostrar, nos salões e na literatura indígena, que se sabia e se praticava.

Tal estado de coisas, que já vinha impressionando e irritando os patriotas e os mestres desde o tempo do Madureira e do Cardial Saraiva, tomou feição mais aguda na segunda metade do século. Surgiram então em amior número os evangelisadores [~~acudindo~~] ao desastre: era hoje um Cândido Lusitano, amanhã um Silva Tùlio, depois um Belegarde, e inúmeros outros bem intencionados, nenhum talvez tão conhecido e discutido como o infatigável trabalhador e benemérito vulgarizador Snr. Cândido de Figueiredo. Durante quarenta e cinco anos consecutivos não abandonou êle [~~um único dia~~] a bigorna em que martelava tenazmente, tanto em Lisboa como [no] Rio, metendo se em freqüentes prélios de que nem sempre saiu ilêso, mas [~~cuja~~] obra ficará na história da língua como um exemplo de corajosa fé e constância invulgar.

O público, em geral indiferente aos assuntos de linguagem, foi afinal sacudido da [~~sua~~] indiferença habitual: os livros do Snr. Figueiredo venderam-se aos milheiros em Portugal e no Brasil.

Aqui em São Paulo, um jornalista português de bom preparo intelectual, o Snr. Cesar Ribeiro, que fundara o antigo **Comércio de São Paulo**, nesta folha criou e manteve uma secção diária sob o título **Através da Imprensa**, onde glosava e corrigia os senões de linguagem dos

colegas. Foi ali que se levantou a celebérrima questão dos pronomes. Viram então todos – e foi só então que se viu – que divergem os brasileiros dos portugueses na sintaxe dos pronomes.

Levantou-se uma celeuma enorme! Foi o facho que ateou a fogueira do dissídio entre os dois povos que falam a língua do Camões. Porque para os brasileiros era e é de todo impossível colocar na frase os pronomes como os colocam os portugueses. E êstes, ciumentos da língua que criaram, poliram e nos herdaram, quiseram arvorar-se em árbitros da divergência, e intentaram corrigir os discrepantes.

Conseguiram unicamente provocar revides de mau-humor. As reacções crecem cada dia, e multiplicam-se alarmantes. Atingiram desde logo a Academia Brasileira de Letras, encabeçadas ali pelo valoroso filólogo e intolerante nativista João Riveiro. Conhecedor profundo do idioma, êste autor nem sempre pôde ser bem coerente nas suas opiniões. Por vezes, mais irritado, subscreveu desforços veementes, em que convidou os portugueses a fazerem glossários e traduzirem os escritores americanos se nos quisessem compreender (**A língua nacional**, ed. da **Revista do Brasil**, São Paulo, sem data, pag. 22); outras vezes, mais calmo, confessou que "não ha certamente um dialecto brasileiro. A língua é a portuguesa, para os dous grandes países de idioma comum. Entretanto, há um matiz que nos pertence para sempre no modo de falar e de escrever". (Ver **Portucale**, vol. 2.º, 1929, pag. 269).

Da Academia, os revides alastraram se. [Um paladino valoroso,] Mário de Andrade, em cujo temperamento de artista os choques são de certo muito vivos, tem demonstrado acção mais maneirosa, mas de certo muito mais firme: - entrou, sereno e impassível, a ~~crivar a~~ [usar na] língua literária ~~de~~ sintaxes e modismos nacionais do Brasil, que até então só tinham guarida na língua falada das intimidades despreocupadas. Não tem conseguido até agora muito~~s~~ [numerosos] imitadores; mas atenta a sua posição social, a sua vasta e ilustração multiforme, a sua posição de evidência no magistério das belas-artes – ~~sempre impressiona~~ [alguma escola tem feito].

Por outro lado, o célebre **acôrdo** ortográfico de 1931 foi logo de início violado pelos brasileiros, que não estiveram por cerimônias e coisas, e fizeram **formulários oficiaes** falsificados: - ver Antenor Nascentes, in **A língua portuguesa**, vol. 2.º, pag. 333 e Agostinho de Campos, in **Revista de Cultura**, vol. 14.º, pag. 161).

Paciência... ~~Amanhã continuaremos~~ [e passemos a novo capítulo].

~~MOTA COQUEIRO~~

É, com efeito, muito cômodo contornar as dificuldades da redação escorreita, e da índole já fixa e polida da língua de Camões, de Rui Brabosa e de Machado de Assis, apelando para o "dialecto brasileiro" ou para a "língua brasileira" – coisas embrionárias que ainda fervem no tumulto das incertezas, e não adquiriram feitio definitivo que obrigue ao estudo e submeta o escritor a fórmulas certas e consagradas.

Foi assim que o grande escritor Rui Barbosa, tomando entre mãos o projecto do Código Civil Brasileiro, e encontrando o escrito em linguagem de desalinho, eriçada de solecismos, sentiu a necessidade de o refundir quase linha por linha ("Parecer", Imprensa Nacional, 1902), e transformou lhe tão inteiramente a forma, que o substitutivo nem parece ter saído dali. Mas ai! As vaidades, feridas de morte, rebelaram se: - e rompeu em tôrno do Código Civil o maior barulho filológico de todos os tempos.

Nessa oportunidade, os comodistas e os incompetentes de todos os matizes apelaram para o "dialecto brasileiro", e deram ensejo a que o grande Rui escrevesse aquêle período candente, ainda hoje repetido como um provérbio: - "Respeito ao idioma, saiu escripta no que elle mesmo desvanecidamente chama "o dialecto brasileiro", surrão amplo, onde cabem á larga, desde que o inventaram para socego dos que não sabem a sua língua, todas as escórias da preguiça, da ignorancia e do mau gosto, rótulo americano daquillo que o grande escriptor lusitano tratara por um nome angolês." ("Réplica", n.º 22).

A atitude patriótica e desassombrada de Rui, refundindo inteiramente a linguagem do projecto, mereceu e obteve o aplauso da nação. Alguns publicistas portugueses, tomados de surpresa ante a forte capacidade do jurista baiano nas questões da língua comum, tiveram a ingenuidade de aplaudir o novo paladino.

De toda parte, em todos os tons da agressão pessoal e da crítica ~~sôrna~~ [burlesca,] apareceram os defensores do "dialecto brasileiro" contra a linguagem pura e solida, mas difícil, que logo se viu negrejar a mais estranha procela, que nunca escurecera por êsses horizontes."

A procela continuou sempre, até hoje. De alguns anos a esta parte, tem visado com suas rajadas iracundas principalmente ~~Portugal e~~ os portugueses, que, a exemplo do que lhes fizéramos em 1907, tiveram o topete de organizar a polícia da sua ortografia em 1911 sem ouvir-nos, embora atendendo minucuisamente ás nossas necessidades como parte interessada, o que antes não fizéramos com relação a êles.

E surgiu assim, lado a lado com a estima pelo tal "dialecto" que acoberta a ~~ignorancia dos escribas~~ [ogeriza dos deuses], a lastimável divergência ortográfica luso-brasileira, que já dura desde 1911, e tem mantido no Brasil êste estado próprio das línguas bárbaras, em que não ha dois escritores que escrevam do mesmo modo (a não ser, está claro, os dissidentes da lusofobia, que adoptaram naturalmente, como quem aceita uma boa verdade, [~~scientífica~~] a reforma portuguesa que nos serve tão bem como aos próprios autores.

É que se reputou vergonhoso aceitar ~~a verdade do~~ [por bem o] sistema português, que, ~~como todas as verdades scientíficas~~ [para ser aceito como o melhor de todos,] tem o defeito de ser ~~a única~~ [português: - mas] todas as tentativas de alterá lo, só o tem piorado e entortado.....

As línguas, ao divergirem para formar dialectos, seguem um processo de modificações lentas e fatais, que não dependem da vontade de ninguem, sendo os divergentes arrastados por leis naturais que escapam ao seu domínio. O longo trajecto desde a língua primitiva até a fixação do dialecto, dura séculos, é um penoso purgatório de incertezas, de formas duvidosas intermédias, em que por vezes se emaranham os mais doutos.

Reconhecem todos os competentes que o Brasil se vai aos poucos engolfando nessa penumbra de incertezas. Mas até o presente, a língua literária não sentiu os efeitos da incipiente divergência que a língua falada já acusa dêsde o seu contacto mais íntimo com o tupi. A propria "língua geral" de ha dois séculos, dialectação tumultuária do tupi e do português, desapareceu quase por completo, vencida por êste, e dela hoje nos restam apenas vestígios nos falares caipiras. As gerações novas, contaminadas dos sentimentos de orgulho nacional, desencadeados pelas polémicas transoceâncias ao propósito de ortografia, começam apenas algumas tentativas isoladas com Mário de Andrade e os seus partidários. Não se pode, porém, ainda reconhecer a existência prática de um dialecto brasileiro; antes; antes, são sem dúvida maiores as divergências regionais dentro do Brasil, que as atingidas pela língua culta ~~falada dos~~ [usada nos] dois continentes.

Se assim é – e ninguem [de] boa-fé o poderá negar – como querer-se já, de um salto, passar por cima dos factos reais e pretender que temos uma <u>língua brasileira</u>?

"Nenhum povo ainda" (exclamava ha ~~dias~~ [cêrca de um ano] o brilhante cronista político do "Estado", que ali assina V. Gy) "nenhum povo ainda se deu ao ridículo de mudar o nome da língua que recebeu do povo que lhe deu origem. O norte-americano afirma que fala inglês. Todas as nações hispano-americanas tem como língua o castelhano, mesmo quando êste se acha

profundamente influenciado pelo guarani, como no Paraguai. Só nós é que nos queremos distingüir por êste nacionalismo de rótulo". (Ver o "Estado", de 18 de Julho de 1935).

O ilustre acadêmico ~~e~~ [,] notável filólogo e professor de português no Rio, de onde era natural, o Snr. Silva Ramos, escreveu ha poucos anos, quando lhe objectaram que o Brasil nada tinha que ver com a reforma ortográfica portuguesa:

"Como não? Querer-se-á, porventura, afirmar que a língua que falamos no Brasil não é a portuguesa? Se não é a língua portuguesa, é o dialecto português do Brasil; língua brasileira não há, nem a haverá ainda por muitas gerações. Não ha aí ardor patriótico, ânsia incontida de independência, que logre acelerar a evolução lenta de um dialecto, até se poder considerar língua nova. (Ver "Revista de Cultura", vol. 7.º, pag. 116).

Comentando êsse passo do notável professor carioca, escrevia pouco depois o seu colega lisbonense Agostinho de Campos (ver ~~loc. cit~~., [a mesma Revista], pag. 79): - "Isto sabe-o o filólogo consciencioso; mas o jornalista brilhante não quer ouvir tal. E o homem que brilha faz mais caminho e mais barulho e mais poeira que o que sabe, porque fala ao sabor das multidões ingênuas, argumenta com a paixão e o sentimento contra a sciéncia e os factos, e, a propósito de se dever escrever "rosa" ou "roza", levanta o grito electrizante de "mata que é galego!"

Por último, só me ocorre comentar o proposto decreto da mudança do nome da língua [nacional do Brasil] com esta prece religiosa: - Valha-nos o Deus do bom-senso!

***G- Folha da Manhã* – São Paulo**

1- COQUEIRO, Mota. A palavra Araraquara. *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 nov. 1936, p. 6-7. Página de jornal. CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



A Europa, cachetica e intoxicada, es- dem, porisso, viçar na terra de Colombo.

A PALAVRA ARARAQUARA

Em agosto do corrente anno saiu dos prelos um folhetinho intitulado "Monographia da palavra araraquara", de autoria do obscuro autor deste artigo. E' collectanea, apenas ligeiramente retocada, de alguns estudos publicados na imprensa periodica, ao proposito dos mais vulgarizados valores semanticos, que têm sido attribuidos aos termos tupis *araquá, araquara, e araraquara,* na sua applicação como toponymos da geographia brasileira.

Esse folheto despertou, muito mais do que eu esperava, a vigilante attenção da critica, que nem sempre está sendo favoravel ás conclusões do autor.

Dentre as minhas observações de que tive sciencia, algumas impuseram-se desde logo á minha meditação, pela cortezia elegante da linguagem, pela serenidade honesta dos conceitos e reparos alinhados e, mais que tudo, pelo valor e rigor criterio dos argumentos produzidos.

Proponho-me a examinar hoje uma dessas objecções, feita em carta particular por um distincto philologo a quem presto a homenagem do meu respeito e da minha estima.

Diz-me elle na carta:

"Se, para tirar as duvidas do "hmo de *áraquara*, V se soccorreu, e com razão, da posição do "cento secundario da palavra fada, que nunca se pronunciou "*áquara*, como quer valer-se do "ymo *árara* para explicar *árara*"*ara*, que nunca se proferiu *ára*"*iquara*?".

Ora, não é essa exactamente a outrina do folheto.

Se fosse, o meu critico teria razão. O etymo *árara*, em que é tono o segundo a (por ser, elle roprio, já um phonema pospositi"), que é sempre breve, como enna Montoya, *Thesoro*, advertenas, pag. 1) — esse etymo não poeria com effeito, directamente, plicar a actual pronuncia da palavra *áráraquara*, em que é tónico o segundo **a**.

Mas o folheto presupõe que os dois termos aglutinados *árara* e *árára* tenham convergido, pelas difficuldades de differenciar e reproduzir certas pronuncias quasi de todo identicas, de que nos dão noticia, com cerca de tres seculos de apartamento, o padre Antonio Vieira e Baptista Caetano (ver pag. 3 e a nota de pag 7.). Se as pronuncias convergiram, como suppõe o folheto, a convergencia deve ter-se dado ainda no dominio da lingua-geral, em que o portuguez ouviu já a forma unica resultante, que sempre se tem escripto *arara*, sem nenhuma accentuação graphica que possa determinar claramente qual seja a fonte de que provém.

Bem se vê que não ha aqui motivo sério que obrigue o linguista a repudiar, por inacceitavel, o etymo proposto no folheto, onde só esse foi sugerido.

Mas supponhamos que ha. Supponhamos ser inadmissivel o etymo em questão, pelo tropeço da posição do accento secundario na actual orthoepia da palavra. — Nem assim deixaremos de, por outros caminhos perfeitamente acceitaveis em philologia, chegar ao sentido, que julgo fora de duvida, de *buraco da luz* ou *da aurora*, com que o aborigene nomeou a zona que veio depois a ser séde do Municipio de Araraquara.

E' o que vamos aqui averiguar. Devo, porém, avisar que a pesquiza, envolvendo a necessidade de justificações que a encaminhem, é longa e cacetissima: — compreende varias transcripções meio longas, e estafante excursão em busca desses seixos miudinhos, de que se compõe o mosaico da philologia portugueza no Brasil.

Confesso que, ao meu espirito, depois de habituado a admirar a justeza e precisão descriptiva da anomástica tupi, sempre se afigurou descabida a etymologia admittida por von Martins. De modo que quando vi forças aguerridas e traquejadas atacarem pelos dois flancos a minha hypothese justificada, como melhor pude, no folheto — foi com redobrada energia que reencetei o manejo das minhas magras notas, e revolvi miuda e diligentemente os poucos autores de que disponho na pobre bibliotheca provinciana que reuni.

Comecei por examinar dos meus velhos apontamentos inéditos a seguinte anecdota:

Quando em 1882 o dr. Leite Moraes deixou a presidencia da então provincia de Goyaz, e a bordo do bote de doze remos "Rio Vermelho" demandava, pelo Araguaya abaixo, a Capital do Pará, acompanhou-o na viagem o seu secretario e futuro genro, depois meu amigo querido, o sr. Carlos Augusto de Andrade.

Este meu saudoso amigo contava-me que num aldeamento de carajás que visitou naquelles afastados sertões, avistou-se com um indio já velhusco, que ainda se lembrava confusamente de algumas palavras portuguezas que aprendera, quando menino, na antiga *redução* de São José dos Martyrios, situada numa das margens daquelle rio.

O indio era, como todos os selvagens, insistentemente cansativamente pidonho, e queria que o meu amigo lhe desse um revolver.

Mas, tendo-lhe esquecido o nome portuguez da arma, formulou e repetia com fatigante insistencia o pedido, usando de um termo que o meu amigo não compreendia: — *Macauazi* (ou voz parecida).

Grandemente interessado na *cavação*, o bugre, com grande esforço mental e muitos gestos explicou: — *Macauazi descarrega* (1) *fogo fogo, caregá num tem.*

(1) — A rude linguagem do selvagem não empregou o verbo *descarrega;* empregou outro, de sentido pouco limpo, que eu aqui substitui por eufemismo.

Relendo esta velha nota, meditei no recurso altamente expressivo, de que lançou mão o carajá, para fazer compreender que *macauazi* era revolver, isto é, arma de *repetição*.

E pensando ainda no *fogo fogo* do indio, reabri o Montoya, fonte inexhaurivel de informações concatenadas, á disposição do garimpeiro que souber trabalhar com paciencia. Na pg. 51 da *Arte* (ed. 1876) li isto:

"La repeticion de los verbos "y nombres en esta lengua, es "muy usada, graciosa, y ele"gante; significa frequentacion, "ó hazer en grado superlativo, ó "successivamente, ó por mu"chas partes, ó por elegancia, "y gracia; "ut *Acarucaru' qui"tecobo*, ando comiendo siem"pre; *Ayeruré ruré*, pidolo "muchas vezes; y siempre se "repiten las dos ultimas sila"bas del verbo, ó nombre, y "si es disilabo se ha de repe"tir todo entero; "ut *Au' au'*. "como mucho; *Apó apó*, ando "saltando".

Mas — perguntar-se-á adoptaria a lingua-geral esse modismo? — Adoptou, sim. Consultei E. Stradelli, *Vocabularios da linbua-geral*, separada do tomo 104, vol. 158 da Rev. do Inst. Hist. Bras., Rio, 1929, divisão intitulada *Esboco de grammatica nheengatu'*, pag. 44-45. Lê-se ali:

"Torna-se frequentativo o "verbo repetindo o thema ver"bal sem a ultima syllaba no "primeiro membro, se esta é "muda, e duplicando pura e "simplesmente o thema, se a "ultima syllaba é accentuada "ou nasal. O novo verbo assim "obtido conjuga-se como de "costume, com a significação "de repetir ou insistir na acção "expressa pelo thema origi"nario, ao mesmo tempo que "envolve uma idéa de confir"mação, de um como prolon"gamento da acção. Ex.: *Xa"sosóca* — de *sóca*, apoiar, "apoio apoiando, piso. *Renatá"natá, de natá*, andar — vou

(Conclue na 7.ª pagina)

(Continuação)

A PALAVRA ARARAQUARA

(*Conclusão da 6.ª pagina*)

"andando — passeio. Anheen-
"nheen — de *nheen*, dizer —
"diz dizendo, discute".

O portuguez (principalmente no Brasil) e o hespanhol cobiçaram essa syntaxe do bugre, que o Pe. Montoya achava mui graciosa e elegante, e os nossos avós europeus ouviram da lingua-geral (vêr João Ribeiro), *Selecta Clássica*, nota 135, e *Phrases feitas*, 2.a série, pag. 241). Na opinião de Amadeu Amaral, o facto semantico é universal (*Dialecto caipira*, pag. 48 e 61); e Claudio Basto (*Revista de cultura*, vol. VIII, pag. 53 e 224) informa que no francez e no antigo provençal encontram-se delle exemplos. Afranio Peixoto achava, em 1924, que era brasileirismo, como consta da *Revista de Philologia portugueza*, vol. III, pag. 180.

Brasileirismo ou não, parece-me que no Brasil o uso frequente do modismo (confira-se *lenga-lenga, lufa-lufa*) denuncia contagio proveniente das linguas americanas de antes e de depois da conquista.

Considerando-se finalmente que, em portuguez, da collisão de dois ás, quer collidam pela vizinhança de duas palavras (minha avó, uma amostra), quer pelo encontro no interior do mesmo vocabulo, (*cáveira*, por *caaveira*, *pádeiro*, por *paadeiro*, factos distintamente perceptiveis além oceano) — dessa collisão de dois ás resulta um unico, sempre tónico, até quando ambos os phonemas em choque são átonos (comparar *a a*, prep. e art. com a resultante *á*) — havemos de de chegar, por força dos factos irremoviveis, á seguinte conclusão:

Se o bugre dissesse *áraquara*, como se mostrou no folheto que devia dizer (ver ali pag. 6, e comparar pag. 11), teria expressado a idéa de *buraco da luz* ou da *aurora*. Se, porém, quizesse juntar a essa idéa, a de que a luz ou a aurora se apresenta nesse buraco repetidamente, todas as manhãs, como é effectivamente o caso — como teria dito?

Muito simplesmente *ára-áraquara*, pondo em pratica a *muy usada, graciosa, y elegante repeticion* de que nos dá noticia o Padre Montoya, e já vimos confirmada pelo carajá de Goyaz e pelo nheengatu' do Amazonas.

Ora, este composto não poderia ser admittido no dominio da phonetica da nossa lingua, pela collisão de um á tónico e um átono, senão na forma contracta — *aráraquara*.

— Mas podia o indio dizer aquillo, fundando-se na indole da respectiva lingua e nos factos a que queria alludir? — Não só podia, como até devemos crêr, pelo conhecimento que temos da sua onomástica poderosamente descriptiva e minudente, que assim effectivamente o dissessem.

Ou estarei sonhando? Estarei porventura desatremado, como os moribundos atacados de carphologia, que "em torno querem apanhar os flocos, ou moscas que lhe parecem voltear no ar, e se occupam em catar a felpa dos cobertores"?. (Moraes, 7.a ed.).)

Voltemos aos compendios, voltemos aos garimpos, que tantas vezes espertam os somnolentos...

Leio na obra de Baptista Caetano, já reputada "preciosa", em 1897, pelo general Couto de Magalhães:

AR, nascer, vir, occorrer, succeder. (Estão ali alinhadas a seguir outras informações, que não interessam pelo momento).

Ora, se um dia o bugre quizesse designar o que as apparencias (unico elemento de que dispunha para formar juizo) lhe mostravam ser um *buraco de onde vinha ou onde nascia a luz* — como procederia?

Muito simplesmente tambem: — aglutinava as respectivas raizes monossilabicas de que dispunha, e obtinha um composto *ar-ára-quara*.

E este aglutinado, ouvido por interlocutor portuguez, não podia dar outro vocabulo senão *aráraquara*.

Ahi têm os leitores (se é que alguns tiveram a insigne pachorra de acompanhar-me até esta altura), tres etymos distinctos, dos quaes, dois seguidos millimetro a millimetro na longa caminhada philologica, não encontram o minimo tropeço que lhes embarace a marcha; e um (o que consta do folheto), esse dirão os competentes se poderá ter vencido o unico estorvo que se lhe apresentou em caminho: a questão do accento secundario da palavra.

Desprezal-os aos tres, para aferrar-se a gente á hypothese, aliás, não provada, dos ninhos de arara, coisa esta desconforme de todo em todo com a exactidão minuciosa das denominações geographicas tupis — isso eu não compreendo.

Continuo portanto a entender, como sempre entendi, que o cauto e seguro selvagem brasileiro não denominou esta extensa região geographica, pensando na puerilidade de haver aqui, nos invios sertões que talvez nunca visitára, um, alguns ou muitos ninhos de araras.

Araraquara, 20 de novembro de 1936.

MOTTA COQUEIRO.

Transcrição:

A palavra Araraquara

Em agosto do corrente anno sahiu dos prelos um folhetinho intitulado “Monographia da palavra Araraquara”, de autoria do obscuro autor deste artigo. É collectanea, apenas ligeiramente retocada, de alguns estudos publicados na imprensa periodica, ao proposito dos mais vulgarizados valores semanticos, que têm sido attribuidos aos termos tupis *araquá*, *araquara*, e *araraquara*, na sua applicação como toponymos da geografia brasileira.

Esse folheto despertou, muito mais do que eu esperava, a vigilante attenção da critica, que nem sempre está sendo favoravel ás conclusões do autor.

Dentre as minhas observações de que tive sciencia, algumas impuseram-se desde logo á minha meditação, pela cortezia elegante da linguagem, pela serenidade honesta dos conceitos e reparos alinhados e, mais que tudo, pelo valor e [?ão] criteriodos argumentos produzidos.

Proponho-me a examinar hoje uma dessas objecções, feita em carta particular por um distincto philólogo a quem presto a homenagem do meu respeito e da minha estima.

Diz-me elle na carta:

“Se, para tirar as duvidas do [?hmo] de *áraquara*, V. se soccorreu, e com razão, da posição do accento secundario da palavra falada, que nunca se pronunciou *aráquara*, como quer valer-se do etymo *árara* para explicar *araraquara*, que nunca se proferiu *araraquara*?”.

Ora, não é essa exactamente a doutrina do folheto.

Se fosse, o meu critico teria razão. O etymo *arara*, em que é atono o segundo a (por ser, elle proprio, já um phonema pospositivo, que é sempre breve, como [ensina] Montoya, *Thesoro*, advertencias, pag. 10 – esse etymo não poderia com effeito, directamente, explicar a actual pronuncia da palavra *aráraquara*, em que é tónico o segundo a.

Mas o folheto pressupõe que os dois termos aglutinados *árara* e *arára* tenham convergido, pelas difficuldades de differenciar e reproduzir certas pronuncias quasi de todo identicas, de que nos dão noticia, com cer de tres seculos de apartamento, o padre Antonio Vieira e Baptista Caetano (ver pag. 8 e a nota de pag. 7). Se as pronuncias convergiram, como suppões o folheto, a convergencia deve ter-se dado ainda no dominio da lingua-geral, em que o protuguez ouviu já a forma unica resultante, que sempre se tem escripto *arara*, sem nenhuma accentuação graphica que possa determinar claramente qual seja a fonte de que provém.

Bem se vê que não ha aqui motivo sério que obrigue o linguista a repudiar, por inacceitavel o etymo proposto no folheto, onde só esse foi sugerido.

Mas supponhamos que ha. Supponhamos ser inadmissivel o etymo em questão, pelo tropeço da posição do accento secundario na actual orthoepia da palavra. – Nem assim deixaremos de, por outros caminhos perfeitamente acceitaveis em philologia, chegar ao sentido, que julgo fora de duvida, de *buraco da luz* ou *da aurora*, com que o aborigene nomeou a zona que veio depois a ser séde do Municipio de Araraquara.

É o que vamos aqui averiguar. Devo, porém, avisar que a pesquiza, envolvendo a necessidade de justificações que a encaminhem, é longa e cacetissima: - compreende varias transcripções meio longas, e estafante excursão em busca desses seixos miudinhos, de que se compõe o mosaico da philologia portugueza no Brasil.

Confesso que, ao meu espirito, depois de habituado a admirar a justeza e precisão descriptiva da anomástica tupi, sempre se afigurou descabida a etymologia admittida por von Martins. De modo que quando vi forças aguerridas e traquejadas atacarem pelos dois flancos a minha hypothese justificada, como melhor pude, no folheto – foi com redobrada energia que reencetei o manejo das minhas magras notas, e resolvi miuda e diligentemente os poucos autores de que disponho na pobre bibliotheca provinciana que reuni.

Comecei por examinar dos meus velhos apontamentos inéditos a seguinte anecdota:

Quando em 1882 o dr. Leite Moares deixou a presidencia da então provincia de Goyaz, e a bordo do bote de doze remos “Rio Vermelho” demandava, pelo Araguays abaixo, a Capital do Pará, acompanhou-o na viagem o seu secretario e futuro genro depois meu amigo querido, o sr. Carlos Augusto de Andrade.

Este meu saudoso amigo contava-me que num aldeamento de carajás que visitou naquelles afastados sertões, avistou-se com um indio já velhusco, que ainda se lembrava confusamente de algumas palavras portuguezas que aprendera, quando menino, na antiga *redução* de São José dos Martyrios, situada numa das margens daquelle rio.

O indio era, como todos os selvagens, insistentemente, cansativamente pidonho, e queria que o meu amigo lhe desse um revolver.

Mas, tendo-lhe esquecido o nome portuguez da arma, formulou e repetia com fatigante insistencia o pedido, usando de um termo que o meu amigo não compreendia: - *Macauazi* (ou voz parecida).

Grandemente interessado na *cavação*, o bugre, com grande esforço mental e muitos gestos explicou: - *Macauazi descarrega* (1) *fogo fogo, caregá num tem.*

(1)– A rude linguagem do selvagem não empregou o verbo *descarrega*; empregou outro, de sentido pouco limpo, que eu aqui substitui por eufemismo.

Relendo esta velha nota meditei no recurso altamente expressivo, de que lançou mão o carajá para fazer compreender que *macauazi* era revolver, isto é, arma de *repetição*.

E pensando ainda no *fogo fogo* do indio reabri o Montoya, fonte inexhaurivel de informações concatenadas, á disposição do garimpeiro que souber trabalhar com paciencia. Na pg. 51 da *Arte* (ed. 1876) li isto:

"La repeticion de los verbos/ "y nombres en esta lengua, es/ "muy usada, graciosa y ele-/ "gante; significa frequentacion,/ "ó hazer em grado superlativo, ó/ "successivamente, ó por mu-/ "chas partes, ó por elegancia,/ "y gracia; ut *Acarucaru'qui-/ "tecobo,* ando comiendo siem-/ "pre; *Ayeruré ruré*, pidolo/ "muchas vezes; y siempre se/ "repiten las dos ultimas sila-/ "bas del verbo, ó nombre, y/ "si es disilabo se ha de repe-/ "tir todo entero; "tu *Au' au'*./ "como mucho; *Apó apó*, ando/ " saltando".

Mas – perguntar-se-á adoptaria a lingua-geral esse modismo? – Adoptou, sim. Consultei E. Stradelli, *Vocabularios da lingua-geral*, separada do tomo 104, vol. 158 da Rev. do Inst. Hist. Bras., Rio, 1929, divisão intitulada *Esboço de grammatica nheehgatu*", pag. 44-45. Lê-se ali:

"Torna-se frequentativo o/ "verbo repetindo o thema ver-/ "bal sem a ultima syllaba no/ "primeiro membro se esta é/ "muda, e duplicando pura e/ "simplesmente o thema, se a/ "ultima syllaba é accentuada/ "ou nasal. O novo verbo assim/ "obtido conjuga-se como de/ "costume, com a significação/ "de repetir ou insistir na acção/ "expressa pelo thema origi-/ "nario, ao mesmo tempo que/ "envolve uma idéa de confir-/ "mação de um como prolon-/ "gamento da acção. Ex.: *Xa*-/ "*sosóca* – de *sóca*, apoiar,/ "apoio apoiando, piso. Renatá-/ "natá, de natá, andar – vou

(Conclue na 7.ª pagina)

A palavra Araraquara

(Conclusão da 6.ª pagina)

"andando – passeio. Anheen-/ "nheen – de *nheen*, dizer - / "diz dizendo, discute".

O portuguez (principalmente no Brasil) e o hespanhol cobiçaram essa syntaxe do bugre, que o Pe. Montoya achava mui graciosa e elegante, e os nossos avós europeus ouviram da lingua-geral (vêr João ribeiro), *Selecta Clássica*, nota 135, e *Phrases feitas*, 2.ª série, pag. 241). Na opinião de]amadeu Amaral, o facto semantico é universal (*Dialecto caipira*, pag. 48 e 61); e Claudio Basto (*Revista de cultura*, vol. VIII, pag. 53 e 224) informa que no francez e no antigo provençal encontram-se delle exemplos. Afranio Peixoto achava, em 1924, que era brasileirismo, como consta da *Revista de Philologia portugueza*, vol. III, pag. 180.

Brasileirismo ou não, parece-me que no Brasil o uso frequente do modismo (confira-se *lenga-lenga, lufa-lufa*) denuncia contagio proveniente das linguas americanas de antes e de depois da conquista.

Considerando-se finalmente que, em portuguez, da collisão de dois ás, quer collidam pela vizinhança de duas palavras (minha avó, uma amostra), quer pelo encontro no interior do mesmo vocabulo, (*cáveira*, por *caaveira*, *pádeiro*, por *paadeiro*, factos distintamente perceptiveis além oceano) – dessa collisão de dois ás resulta um unico, sempre tónico, até quando ambos os phonemas em choque são átonos (comparar a *a*, prep. e art. com a resultante *á*) – havemos de de chegar, por força dos factos irremoviveis, á seguinte conclusão:

Se o bugre dissesse *áraquara*, como se mostrou no folheto que devia dizer (ver ali pag. 6 e comparar pag. 11), teria expressado a idéa de *buraco da luz* ou da *aurora*. Se, porém, quizesse juntar a essa idéa, a de que a luz ou a aurora de apresenta nesse buraco repetidamente, todas as manhãs, como é effectivamente o caso – como teria dito?

Muito simplesmente *ára-áraquara*, pondo em pratica a *muy usada, graciosa, y elegante repeticion* de que nos dá noticia o Padre Montoya, e já vimos confirmada pelo carajá de Goyaz e pelo nheengatu do Amazonas.

Ora, este composto não poderia ser admittido no dominio da phonetica da nossa lingua, pela collisão de um á tónico e um átono, senão na forma contracta – *aráraquara*.

- Mas podia o indio dizer aquillo, fundando-se na indole da respectiva lingua e nos factos a que queria alludir? – Não só podia, como até devemos crêr, pelo conhecimento que temos da sua onomástica poderosamente descriptiva e minudente, que assim effectivamente o dissessem.

Ou estarei sonhando? Estarei porventura desatremado, como os moribundos atacados de carphologia, que "em torno querem apanhar os flocos, ou moscas que lhe aprecem voltear no ar, e se occupam em catar a felpa dos cobertores"?. (Moraes, 7.ª ed.).

Voltemos aos compendios, voltemos aos garimpos, que tantas vezes espertam os somnolentos...

Leio na obra de Baptista Caetano, já reputada “preciosa”, em 1897, pelo general Couto de Magalhães:

AR, nascer, vir, occorrer, succeder. (Estão ali alinhadas a seguir outras informações, que não interessam pelo momento).

Ora, se um dia o bugre quizesse designar o que as apparencias (unico elemento de que dispunha para formas juizo) lhe mostravam ser *um buraco de onde vinha ou onde nascia a luz* – como procederia?

Muito simplesmente tambem: - aglutinava as respectivas raizes monossilabicas de que dispunha, e obtinha um composto *ar-ára-quara*.

E este aglutinado, ouvido por interlocutor portuguez, não podia dar outro vocabulo senão *aráraquara.*

Ahi têm os leitores (se é que alguns tiveram a insigne pachorra de acompanhar-me até esta altura), tres etymos distinctos, dos quaes, dois seguidos millimetro a millimetro na longa caminhada philologica, não encontram o minimo tropeço que lhes embarace a marcha; e um (o que consta do folheto), esse dirão os competentes se poderá ter vencido o unico estorvo que se lhe apresentou em caminho: a questão do accento secundario da palavra.

Desprezal-os aos tres, para aferrar-se a gente ´s hypothese, aliás, não provada, dos ninhos de arara, coisa esta desconforme de todo em todo com a exactidão minuciosa das denominações geographicas tupis – isso eu não compreendo.

Continuo portanto a entender, como sempre entendi, que o cauto e seguro selvagem brasileiro não denominou esta extensa região geographica, pensando na puerilidade de haver aqui, nos invios sertões que talvez nunca visitára, um, alguns ou muitos ninhos de araras.

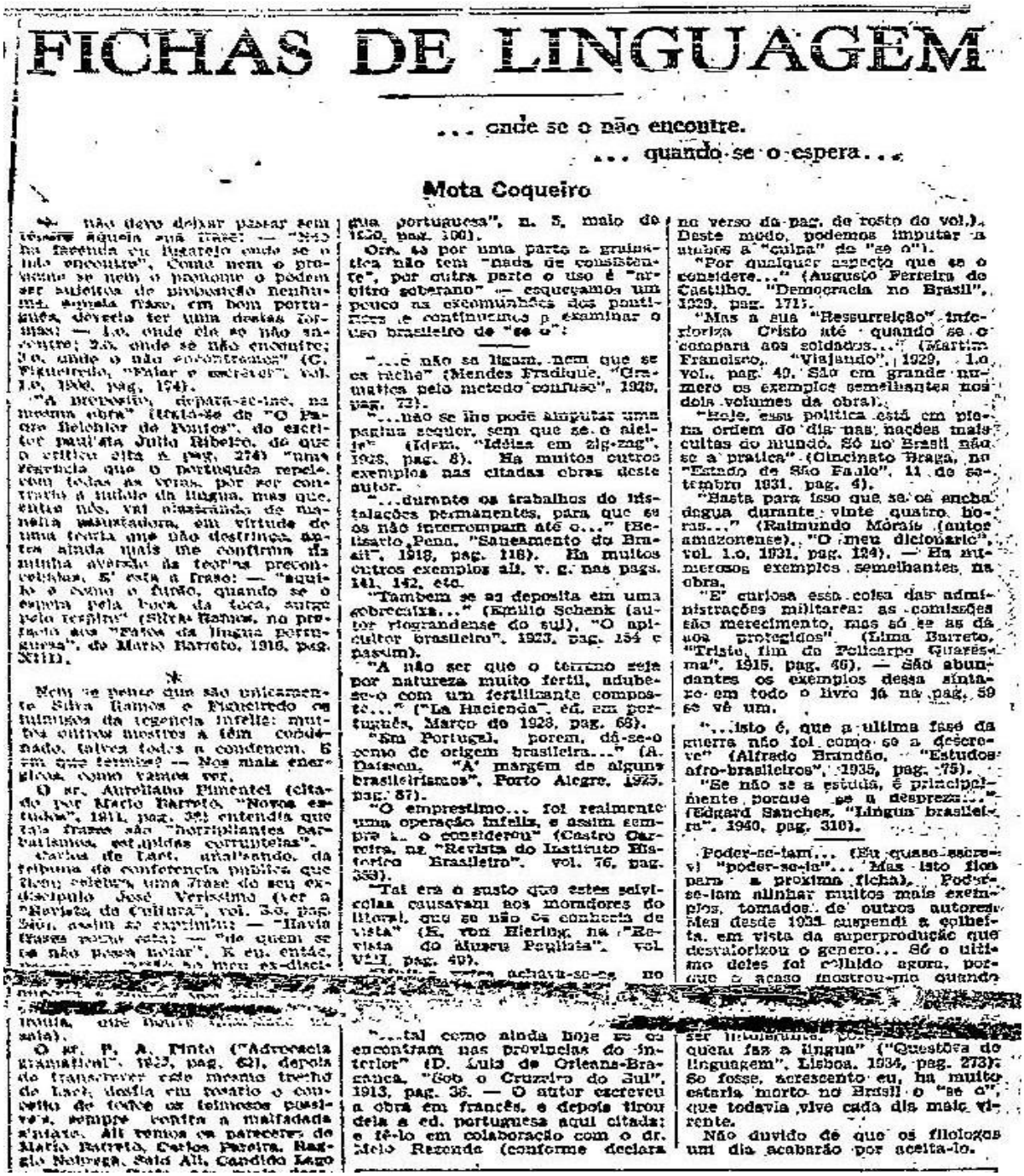
Araraquara, 20 de novembro de 1936.

MOTTA COQUEIRO

***H - O Estado de S. Paulo* – São Paulo/SP**

1- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem - ... onde se o não encontre. ... quando se o espera... *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 set. 1941, p. 4. Arquivo do Estado de São Paulo, São Paulo/SP.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

... onde se o não encontre.
... quando se o espera...

Mota Coqueiro

Não devo deixar passar sem reparo aquela sua frase: — "Isto na fazenda ou ligarei-o onde se o não encontre". Como nem o pronome se nem o pronome o podem ser sujeitos de nenhuma oração, muito menos uma frase, em bom português deveria ter uma destas formas: — 1.o, onde ele se não encontre; 2.o, onde se não encontre; 3.o, onde o não encontrarem" (C. Figueiredo, "Falar e escrever", vol. 1.o, 1926, pag. 174).

"A propósito, diparo-se-me, na mesma obra" (trata-se de "O Padre Belchior de Pontes", do escritor paulista Julio Ribeiro, de que o critico cita a pag. 274) "uma heresia que o português repele, com todas as veras, por ser contraria á indole da lingua, mas que, entre nós, vai alastrando de maneira assustadora, em virtude de uma teoria que não destrinça, antes ainda mais me confirma da minha aversão ás teorias preconcebidas. E' esta a frase: — "aquilo é como o furão, quando se o espeta pela boca da toca, surge pelo respiro" (Silva Ramos, no prefacio aos "Erros da lingua portuguesa", de Mario Barreto, 1916, pag. XIII).

*

Nem se pense que são unicamente Silva Ramos e Figueiredo os inimigos da regencia infeliz: muitos outros mestres a têm condenado, talvez todos a condenem. E em que termos? — Nos mais enerjicos como vamos ver.

O sr. Aureliano Pimentel (citado por Mario Barreto, "Novos estudos", 1911, pag. 39) entendia que tais frases são "horripilantes barbarismos, getnidas corruptelas".

Carlos de Laet, anal'sando, da tribuna de conferencia publica que deu celebre uma frase do seu ex-discipulo José Verissimo (ver a "Revista de Cultura", vol. 3.o, pag. 240), assim se exprimiu: — "Havia frases neste estilo: — "de quem se ca não pode gozar". E eu, então, [illegible] meu ex-discipulo [illegible] (Mario Barreto, "Novos estudos", 1911, pag. 39).

O sr. P. A. Pinto ("Adversaria Grammatical", 1923, pag. 62), depois de transcrever este mesmo trecho de Laet, desfia em rosario o comprido de todos os solecismos possiveis, sempre contra a malfadada sintaxe. Ali vemos os pareceres de Mario Barreto, Carlos Pereira, Ragazio Nobrega, Said Ali, Candido Lago [illegible] (Mario Barreto, "Novos estudos", 1911, pag. 39).

Ora, se por uma parte a gramatica não tem "nada de consistente", por outra parte o uso é "arbitro soberano" — esqueçamos um pouco as excomunhões dos puristas e continuemos a examinar o uso brasileiro de "se o":

"...e não se ligam, nem que se os riche" (Mendes Fradique, "Grammatica pelo metodo confuso", 1928, pag. 72).

"...não se lhe pode imputar uma pagina sequer, sem que se o note" (Idem, "Idéias em zig-zag", 1928, pag. 8). Ha muitos outros exemplos nas citadas obras deste autor.

"...durante os trabalhos de instalações permanentes, para que se os não interrompam até o..." (Belisario Pena, "Saneamento do Brasil", 1918, pag. 116). Ha muitos outros exemplos ali, v. g. nas pags. 141, 142, etc.

"Tambem se as deposita em uma sobrecalça..." (Emilio Schenk (autor riograndense do sul), "O apicultor brasileiro", 1923, pag. 154 e passim).

"A não ser que o terreno seja por natureza muito fertil, adube-se-o com um fertilisante composto..." ("La Hacienda", ed. em portuguez, Março de 1923, pag. 68).

"Em Portugal, porem, dá-se-o como de origem brasileira..." (A. Nathesen, "A' margem de alguns brasileirismos", Porto Alegre, 1925, pag. 87).

"O emprestimo... foi realmente uma operação infeliz, e assim sempre a... o considerou" (Castro Carreira, na "Revista do Instituto Historico Brasileiro", vol. 76, pag. 353).

"Tal era o susto que estes selvicolas causaram aos moradores do litoral, que se não os conhecia de vista" (E. von Hiering, na "Revista do Museu Paulista", vol. VIII, pag. 40).

"...tal como ainda hoje se os encontram nas provincias do interior" (D. Luiz de Orleans-Bragança, "Sob o Cruzeiro do Sul", 1913, pag. 36. — O autor escreveu a obra em francês, e depois tirou dela a ed. portugueza aqui citada: e fê-lo em colaboração com o dr. Melo Rezende (conforme declara no verso da pag. de rosto do vol.). Deste modo, podemos imputar a ambos a "culpa" do "se o").

"Por qualquer aspecto que se o considere..." (Augusto Ferreira do Castilho, "Democracia no Brasil", 1929, pag. 171).

"Mas a sua "Ressurreição" inferioriza Cristo até quando se o compara aos soldados..." (Martim Francisco, "Viajando", 1929, 1.o vol., pag. 49. São em grande numero os exemplos semelhantes nos dois volumes da obra).

"Hoje, essa politica está em plena ordem do dia nas nações mais cultas do mundo. Só no Brasil não se a pratica" (Cincinato Braga, no "Estado de São Paulo", 11 de setembro 1931, pag. 4).

"Basta para isso que se os encha de agua durante vinte quatro horas..." (Raimundo Morais (autor amazonense), "O meu dicionario", vol. 1.o, 1931, pag. 124). — Ha numerosos exemplos semelhantes na obra.

"E' curiosa essa coisa das administrações militares: as comissões são merecimento, mas só se as dão aos protegidos" (Lima Barreto, "Triste fim de Policarpo Quaresma", 1915, pag. 46). — São abundantes os exemplos dessa sintaxe em todo o livro já na pag. 59 se vê um.

"...isto é, que a ultima fase da guerra não foi como se a descreve" (Alfredo Brandão, "Estudos afro-brasileiros", 1935, pag. 75).

"Se não se a estuda, é principalmente porque se a despreza..." (Edgard Sanches, "Lingua brasileira", 1940, pag. 310).

Poder-se-iam... (Eu quase escrevi "poder-se-ia"... Mas isto fica para a proxima ficha). Poder-se-iam alinhar muitos mais exemplos, tomados de outros autores. Mas desde 1935 suspendi a colheita, em vista da superproducção que desvalorizou o genero... Só o ultimo deles foi colhido agora, porque o acaso mostrou-mo quando [illegible] ser literatura [illegible] quem faz a lingua" ("Questões de linguagem", Lisboa, 1934, pag. 273): Se fosse, acrescento eu, ha muito estaria morto no Brasil o "se o", que todavia vive cada dia mais virente.

Não duvido de que os filologos um dia acabarão por aceita-lo.

(Continuação)



(Continuação)



Transcrição:

FICHAS DE LINGUAGEM[19]

... Onde se o não encontre.
... Quando se o espera...

Mota Coqueiro

"... Não devo deixar passar sem reparo aquela sua frase: —'Não há fazenda ou lugarejo onde se o não encontre'. Como nem o pronome se nem o pronome o podem ser sujeitos de proposição nenhuma, aquela frase, em bom português, deveria ter uma destas formas: 1º- onde ele se não encontre; 2º- onde se não encontre; 3º- onde o não encontremos" (C. Figueiredo. *Falar e escrever*, v. 1. 1906, p. 174).

"A propósito, depara-se-me, na mesma obra (trata-se de *O Padre Belchior de Pontes*, do escritor paulista Júlio Ribeiro, de que o crítico cita a p. 274) uma regência que o português repele com todas as veras, por ser contrário à índole da língua, mas que, entre nós, vai se alastrando de maneira assustadora, em virtude de uma teoria que não destrinço, antes ainda mais me confirma na minha aversão às teorias preconcebidas. É esta a frase : — 'aquilo é como o furão, quando se o espera pela boca da toca, surge pelo respiro'" (Silva Ramos, no prefácio aos *Fatos da língua portuguesa*, de Mário Barreto, 1916, p. 13).

Nem se pense que são unicamente Silva Ramos e Figueiredo os inimigos da regência infeliz: muitos outros mestres a têm condenado, talvez todos a condenem. E em que termos? — Nos mais enérgicos, como vamos ver.

O sr. Aureliano Pimentel (citado por Mário Barreto. *Novos estudos*, 1911, p. 38) entendia que tais frases são "horripilantes barbarismos, estúpidas corruptelas".

Carlos de Laet, analisando, da tribuna de conferência pública que ficou célebre, uma frase do seu ex-discípulo José Veríssimo (v. *Revista de Cultura*, v. 3, p. 340), assim se exprimiu: — "Havia frases como esta: — 'de quem se os não possa notar'. E eu, então, passei um cartão ao meu ex-discípulo, fazendo-lhe sentir que ele esquecera a sintaxe dos pronomes" (declara o texto de onde copio a ironia, que houve hilaridade na sala).

---

19 Extraído de *O Estado de S. Paulo*, 14 set. 1941, p. 4. Referido na carta 162 (MA), de 9 set. 1941. Atualizamos a ortografia.

O sr. P. A. Pinto (*Advocacia gramatical*, 1922, p. 62), depois de transcrever esse mesmo trecho de Laet, desfia em rosário o conceito de todos os teimosos possíveis, sempre contra a malfadada sintaxe. Ali vemos os pareceres de Mário Barreto, Carlos Pereira, Raggio Nóbrega, Said Ali, Cândido Lago e Firmino Costa, aos quais devemos acrescentar os posteriormente emitidos por Otoniel Mota (*Lições de português*, 1926, p. 325-326 e *O meu idioma*, 1927, p. 222) e por Sousa da Silveira (*Trechos seletos*, 1935, p. 396).

Ora eu tenho a impressão de que essa pluralidade de arrestos dos mais acatados mestres da língua baseia-se justamente nas tais teorias preconcebidas a que o ilustre Silva Ramos tinha aversão confirmada.

- Por quê?

- Porque vejo a sintaxe condenada correr na língua culta ou semiculta, falada ou escrita, do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

- Porque basta que o brasileiro, embora ilustrado, embora portador de um ou mais títulos científicos, fale ou escreva naturalmente, isto é, sem escandir um a um os postulados dos gramáticos, para que lhe saia dos lábios ou da pena a regência proibida.

Às vezes, surpreendidos em estado de pecado pelos familiares da gestapo gramaticófila, valorosos mestres do idioma e do estilo têm precisado invocar o socorro da revisão, como dirimente das culpas (v. Mário Barreto. *De gramática e de linguagem*, tomo 1, 1922, p. 52 e segs.).

É certo que o povo brasileiro iletrado não emprega o se o, pela boa razão de não conhecer o pronome oblíquo o. E não duvido que o tabaréu dos algodoais e do cafezal, se alguém lhe atirar um quando se o espera aos ouvidos, coçará a cabeça num gesto instintivo de enérgica humildade, como quem tentasse remexer nos miolos adormecidos...

O tabaréu é tardonho e desconfiado; mas acabará compreendendo à força de ouvir o solecismo (?) na leitura das notícias sensacionais das gazetas vespertinas.

Enquanto esperamos por isso, vejamos um pouco a freqüência e a antigüidade do caso na língua escrita da nossa gente.

Revistam-se de paciência os meus poucos leitores — ou abandonem aqui a leitura, o que é, sem dúvida, muito mais acertado:

"Para a violência, contanto que se a cometa em nome do Marechal..." (Rui Barbosa. A nação, em *O Estado de S. Paulo*, 28 fev. 1910).

Ao republicar esse trabalho em livro (*Excursão eleitoral* etc., 1910, p. 228) suprimiu o autor o demonstrativo atentatório dos cânones sagrados.

"... Conceituando mal dos que a si mesmo se o dão" (José Veríssimo, no *Jornal do Comércio*", do Rio, 29 out. 1908).

"Quer se crie o gado, em vista do leite, quer se o crie em vista da carne..." (Luís Pereira Barreto. Seleção ou cruzamento?, em *O Estado de S. Paulo*, 1 mai. 1915).

"... Para que se o não tomasse como privilegiado" (Carvalho de Mendonça. *Tratado de direito comercial*, v. 1, p. 8).

"Para se o pescar, a igarité deve..." (Dr. Leite Moraes. *Apontamentos de viagem*, sem indicação bibliográfica, p. 109. O livro traz prefácio datado de 1882).

"Dá-se-lhe corda e se o acompanha" (Idem, ibidem, p. 100). Há muitas outras abonações na obra.

"... Como de ordinário se o encontra na composição..." (Teodoro Sampaio. *O tupi na geografia nacional*, 1ª ed., p. 54).

"... Tanto mais que só se o aplicava..." (Idem, ibidem, p. 66). Este autor, na 3ª edição da obra (Bahia, 1928), suprimiu os demonstrativos em homenagem à pureza da língua (?).

"... O nome próprio não escapa à concordância, quando se o quer, como fez Camões" (João Ribeiro. *Gramática*, 11ª ed., cuidadosamente revista e corrigida, 1904, p. 160, nota).

"E não se a compreende bem, sente-se-a (Revista *Kosmos*, 1906, p. 10 do nº 1). "Não se o lê impunemente:..." (Idem, nº 4, artigo assinado por José Maria Belo).

"É exato que há rosas brancas, mas quando se o não declara, as rosas são rosas". (Afrânio Peixoto in *Lusitânia*, v. 2, p. 210).

Mas isto está já muito comprido, e não sei se chegou a meio caminho!... Façamos aqui uma estação de repouso, enquanto cabeceiam de sono os leitores fatigados...

II

Viram os leitores da ficha precedente (se aturaram a "cacetada"...), que muitos gramáticos, talvez todos, condenam formal e rispidamente a prática brasileira de "se o"... quando nela não caem.

Viram também que muitos autores brasileiros não os têm obedecido. Pudera! Se eles próprios incitam a desobediência... Veja-se:

"Não se pode negar que em pontos de propriedade, e pureza da linguagem e o uso um árbitro soberano nos idiomas vivos..." (Francisco José Freire. *Reflexões sobre a língua portuguesa*. Lisboa, 1842, 1ª parte, p. 6).

"Tal é o poder do uso, grande árbitro da linguagem, de cujas sentenças não há apelação, se ele mesmo as não revoga nas gerações sucessivas." (Mário Barreto, na *Revista de Cultura*, v. 1, p. 251).

"Não há sábios que possam expungir os fatos da linguagem corrente. 'Fígado' e 'cantiga' são prosódias errôneas, certamente; mas venha alguém reclamar contra elas, em nome do latim... Perderá o latim e o azeite..." (C. Figueiredo. *Vícios da linguagem médica*, Lisboa, 1910, p. 245).

"Não malbarate um único minuto de sua vida em questiúnculas de gramática. Nesta disciplina não há nada consistente; divorciada, por uma parte, da língua prática, da fala do tráfego diário, por outra parte, da lingüística, falece-lhe base sólida em que se firme..." (Silva Ramos, in *Revista de língua portuguesa*, nº 5, mai. 1920, p. 100).

Ora, se por uma parte a gramática não tem "nada de consistente", por outra parte o uso é "árbitro soberano" — esqueçamos um pouco as excomunhões dos pontífices e continuemos a examinar o uso brasileiro do "se o".

"... E não se ligam, nem que se os rache" (Mendes Fradique. *Gramática pelo método confuso*, 1928, p. 73).

"... Não se lhe pode amputar uma página sequer, sem que se o aleije" (Idem. *Idéias em zig-zag*, 1928, p. 8). Há muitos outros exemplos nas citadas obras deste autor.

"... Durante os trabalhos de instalações permanentes, para que se os não interrompam até o..." (Belisário Pena. *Saneamento do Brasil*, 1918, p. 118). Há muitos outros exemplos ali, v. g. nas p. 141, 142 etc.

"Também se as deposita em uma sobrecaixa..." (Emílio Schenk, autor riograndense do sul. *O apicultor brasileiro*, 1923, p. 154 e passim).

"A não ser que o terreno seja por natureza muito fértil, adube-se-o com um fertilizante composto..." (*La Hacienda*, ed. em português, mar. 1928, p. 68).

"Em Portugal, porém, dá-se-o como de origem brasileira..." (A. Daisson. *À margem de alguns brasileirismos*. Porto Alegre, 1925, pág. 87).

"O empréstimo... foi realmente uma operação infeliz e assim sempre se o considerou" (Castro Carreira, na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, v. 76, p. 388).

"Tal era o susto que estes silvícolas causavam aos moradores do litoral, que se não os conhecia de vista" (H. von Hiering, na *Revista do Museu Paulista,* v. 8, p. 49).
"Muitas vezes achava-se-os no interior..." (R. von Hiering, na mesma revista e no mesmo v., p. 92).

"... Tal como ainda hoje se os encontram nas províncias do interior" (D. Luiz de Orleans-Bragança. *Sob o Cruzeiro do Sul*, 1913, p. 36. O autor escreveu a obra em francês, e depois tirou dela a ed. portuguesa aqui citada; e fê-lo em colaboração com o dr. Melo Rezende, conforme declara no verso da página de rosto do volume. Deste modo podemos imputar a ambos a "culpa" do "se o").

"Por qualquer aspecto que se o considere..." (Augusto Ferreira de Castilho. *Democracia no Brasil*, 1929, p. 171).

"Mas a sua "Ressurreição" inferioriza Cristo até quando se o compara aos soldados..." (Martim Francisco. *Viajando*, 1929, v. 1, p. 49). São em grande número os exemplos semelhantes nos dois volumes da obra.

"Hoje, essa política está em plena ordem do dia nas nações mais cultas do mundo. Só no Brasil não se a pratica" (Cincinato Braga, em *O Estado de S. Paulo*, 11 set. 1931, p. 4).

"Basta para isso que se os encha d'água durante vinte quatro horas..." (Raimundo Morais, autor amazonense. *O meu dicionário*, v. 1, 1931, p. 124). Há numerosos exemplos semelhantes na obra

"É curiosa essa coisa das administrações militares: as comissões são merecimento, mas só se as dá aos protegidos" (Lima Barreto. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, 1915, p. 46). São abundantes os exemplos dessa sintaxe em todo o livro, já na p. 53 se vê um.

"... Isto é, que a última fase da guerra não foi como se a descreve" (Alfredo Brandão. *Estudos afro-brasileiros*, 1935, p. 75).

"Se não se a estuda, é principalmente porque se a despreza..." (Edgard Sanches. *Língua brasileira*, 1940, p. 310).

Poder-se-iam... (Eu quase escrevi "poder-se-ia"... Mas isto fica para a próxima ficha). Poder-se-iam alinhar muitos mais exemplos, tomados de outros autores. Mas desde 1935 suspendi a colheita em vista da superprodução que desvalorizou o gênero... Só o último deles foi colhido agora, porque o acaso mostrou-mo quando já eu escrevia o aranzel. Opina o sr. Rodrigo de Sá Nogueira, que "o filólogo não pode ser intolerante, porque não é ele quem faz a língua" (*Questões de linguagem*, Lisboa, 1934, p. 273). Se fosse, acrescento eu, há muito

estaria morto no Brasil o “se o“, que todavia vive cada dia mais vivente. Não duvido de que os filólogos um dia acabarão por aceitá-lo.

2- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem – O pronome se, sujeito de oração. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 set. 1941, p. 4. Arquivo do Estado de São Paulo, São Paulo/SP.

Fotocópia do texto publicado:

FICHAS DE LINGUAGEM

O PRONOME SE, SUJEITO DE ORAÇÃO

Mota Coqueiro

I

Viu-se aqui que a sentença condenatoria da frase "quando se o espera pela boca da toca", usada por Julio Ribeiro no Padre Belchior de Pontes, funda-se em não poder o pronome se servir de sujeito de oração.

Mas não pode por que? — Por decisão dos gramaticos; só por isso, como veremos.

Já uma vez, em momento de bom humor, mas sustentando opinião a sério, o sr. Candido de Figueiredo exclamou: — O pronome se, em português, nunca pode ser sujeito, dou-lhe a minha palavra de honra". (Ver o Jornal do Comercio, 19 dezembro 1905).

Se sahe da região olimpica onde dominam os ditados teoricos do idioma, e cahe na vida despreocupada de cidadão brasileiro, leio em toda a parte — nas tabuletas dos botequins, nos cartões e nas faturas dos comerciantes, nos anuncios e nos a-pedidos dos jornais, frases como estas: — "engraxa-se botinas, vende-se a prestações, aqui tinge-se quimicamente, reforma-se chapeus, na Gruta da Bahana come-se bem", etc. etc.

Abro livros de Camilo, tido e havido como o maior manejador da lingua corrente em Portugal no seculo dezenove, e vejo lá: — "só da sua esboça não foi possivel tirar idéias, pode tirar-se annéis" (Boheimia do espirito, 1866, pag. 121); "Dá-se-lhe já duas biqueiras nesse padreca, ó meu sargento" (A brasileira de Prazins, 1898, pag. 160).

Na lingua antiga, desde os Cancioneiros até João de Barros, eram frequentes tais construções (veja-se Jorge Galvão de Oliveira, na revista A Lingua Portuguesa, vol. 3.o, pag 253).

João Ribeiro, quando comenta os [illegible] frequentemente a [illegible] meritario com estas palavras: — "Em conclusão, ainda que não [illegible] valor de sujeito de oração [illegible] pios são muito frequentes para que se tenham na mera conta de descuido ou inadvertencia". (Selecta Classica, 1905, nota 138). Quando comenta os autores contemporaneos, assim se exprime: — "Os gramaticos que põem todo o saber em analisar, não toleram que se diga ser-se, nem quando se é, etc. sintaxe hoje vulgar, pouco latina mas muito portuguesa, como a de todos os casos em que o se é sujeito indefinido". (Autores Contemporaneos, 1931, nota 125). Apesar desse franqueado sincero e terminante, na nota 136 da mesma obra, corrigindo uma expressão do Pinheiro Chagas, escreve umas ironiazinhas contra os gramaticos e... desaconselha: o emprego de se como sujeito. Mas, se a sintaxe é muito portuguesa, por que a não empregar?

Quando ensina Gramatica, João Ribeiro é muito mais intolerante: — "Os defensores desse galicismo [illegible] procuram explicar a dificuldade considerando como sujeito o pronome se". E mais abaixo: — "No francês on dit, o vocabulo on é nominativo e pode ser, como é efetivamente, o sujeito; doutrina, porém, que não pode ser aplicada á lingua portuguesa no que respeita á particula se". (Ver a II.a ed., 1904, e a 22.a, 1933, pags. 220 e 333 respectivamente).

Não pude perceber bem. E' ou não é francesia? E' ou não é sintaxe muito portuguesa?

Veremos a seguir o que dizem outros profetas.

II

Vimos nas fichas anteriores quanto aguaceiro e quantos granisos têm chovido há decenios sobre o pronome se, sempre que ele intenta exercer função nominativa.

Aqui vamos ver que, pouco a pouco, lentamente, o mau tempo se vai dissipando, e já tem aparecido algum pedacinho de ceu azul nos bruscos horizontes. Não há mal que sempre dure...

Em 1919 legislava Carlos Pereira deste teor: — "Em mandei-lhe que saisse, ensinei-lhe que fizesse, etc., o sujeito das clausulas subordinadas, logicamente incluido no objeto indireto do verbo regente, não se pode enunciar gramaticalmente". (Gramatica historica, pag. 277).

No paragrafo 386 da Gramatica expositiva, 31.a ed., que não traz data, mas é decerto posterior porque cita a revezes a outra, já os termos da legislação são tão moderados que, em suma, valem o mesmo que admitir a subjetividade dos pronomes obliquos: — "...casos ha, em que o pronome obliquo representa o sujeito de infinito". (Pag. 201). E exemplifica: — "Mandou-os o Senhor pregar, ouvi-lhes dizer, não nos deixeis cair em tentação".

Mais adiante (paragrafo 661, pag. 324), resolve o mestre engavetar definitivamente a palmatoria, mas conserva ainda arrugados os sobrecenhos. Ali apresenta ele um exemplo forte de Castilho, e, antes de desfiar outros do mesmo e de outros escritores, interrompe a citação de maior corpo: [illegible] que essa construção é francesa, mas... etc. etc. [illegible]

Alias, ninguem nega a subjetividade de mim e ti, formas pronominais igualmente obliquas (ver Julio Moreira, Notas filologicas, no 5.o vol. da Revista Lusitana, pag. 331; J. J. Nunes, na Grammatica Historica, 2.a ed., pag. 247; e comparar o francês trivialissimo c'est moi e o espanhol se lo que se vê a cada passo e está abonado por ex. na revista portenha Parati, 2. nov. 1936, e no dicionario da Academia Espanhola, s. voc. pan.

E' verdade que o sr. Henrique Lopes de Mendonça (Revista de Cultura, vol. 7.o, pag. 5), tendo visto um mim subjetivo nas Redondilhas de Camões, capitulou o caso, sem mais cerimonias, de... barbarismo.

Mas voltemos ao velhissimo caso do se.

*

O professor sr. M. Moura Santos, em substancioso e sensato artigo estampado, sob o titulo Questões gramaticais, no "Estado de S. Paulo" de 12 de fevereiro de 1929, depois de aduzir varias considerações a proposito, escreve: — "O se é sujeito e pronome indefinido em muitos casos; queiram ou não queiram as academias, porque assim resolveu o povo" etc. etc. E mais adiante: — "E' provavel que muita gente pense como eu, e que não tenha a franqueza de dizer em publico o seu modo de ver... Já tenho encontrado colegas que acham assim devia ser, mas que temem afirma-lo, porque o modo de ver das "autoridades" é diferente. E' que lhes falta coragem de afirmar o que crêm" etc. etc.

Essa coragem teve-a, não ha muitos anos, um linguista português ainda moço, cujo nome dia a dia mais se impõe ao respeito e á estima dos estudiosos do idioma: — o sr. Rodrigo de Sá Nogueira. Na sua obra Questões de linguagem, 2.a parte, 1935, pgs. 103 e 104, escreve:

"1.o, o se da frase "escrevem-se cartas" provem de esse > ipse e talvez diretamente de ipse no período [illegible] das linguas ro-

2.o, aqui [illegible] não é passiva, mas sim ativa:

3.o o objeto desta frase é se; [illegible]

Depois da confissão dos colegas do sr. prof. Moura Santos, e da ofensiva desabalada dos sete primeiros itens conclusivos do sr. Sá Nogueira, lá vai eu perdendo o gosto de continuar o estudo do caso — quando vi que o oitavo e ultimo item importa numa retirada desastrosa... Vejam-no: — "2.o, não obstante dever-se dizer "escreve-se cartas", hoje pode-se considerar mais correta a construção "escrevem-se cartas", por ela tender a prepanderar, e a lingua ser o que é, e não o que os gramaticos querem que ela seja."

Não percebo mais nada! No fim de contas, qual é a construção mais correta? A que indica a historia da lingua, desde o latim vulgar e os Cancioneiros até o uso moderno e contemporaneo "que vai diastrando de maneira assustadora", ou a que o sr. Nogueira declara que "tende a prepondcrar"?

Da estrategia desenvolvida nos oito itens alinhados nas Questões de linguagem, o que se apura é que eu me enganei; — o autor tambem... faltou-lhe coragem!

Transcrição:

FICHAS DE LINGUAGEM[20]

O PRONOME SE, SUJEITO DE ORAÇÃO

Mota Coqueiro

I

Viu-se aqui que a sentença condenatória da frase "quando se o espera pela boca da toca", usada por Júlio Ribeiro no *Padre Belchior de Pontes***,** funda-se em não poder o pronome se servir de sujeito de oração.

Mas não pode por quê? — Por decisão dos gramáticos; só por isso, como veremos. Já uma vez, em momento de bom-humor, mas sustentando opinião a sério, o sr.
Cândido de Figueiredo exclamou: — O pronome se, em português, nunca pode ser sujeito, dou-lhe a minha palavra de honra" (v. o *Jornal do Comércio*, 19 dez. 1908).

Se saio da região olímpica onde dominam os ditados teóricos do idioma, e caio na vida despreocupada de cidadão brasileiro, leio em toda a parte — nas tabuletas dos botequins, nos cartões e nas faturas dos comerciantes, nos anúncios e nos a pedidos dos jornais, frases como estas: — "engraxa-se botinas, vende-se a prestações, aqui tinge-se quimicamente, reforma-se chapéus, na Gruta da Baiana come-se bem", etc. etc.

Abro livros de Camilo, tido e havido como o maior manejador da língua corrente em Portugal no século dezenove, e vejo lá: — "se da sua cabeça não foi possível tirar idéias, pode tirar-se anéis" (*Boemia do espírito***,** 1886, p. 431); "Dá-se-lhe já duas biqueiras neste padreca, ó meu sargento" (*A brasileira de Prazins*, 1896, p. 108).

Na língua antiga, desde os Cancioneiros até João de Barros, eram freqüentes tais construções (veja-se Jorge Galvão de Oliveira, na revista *A Língua Portuguesa*, v. 3, p. 253).

João Ribeiro, quando comenta os clássicos, admite francamente a subjetividade do **se**, de que apresenta exemplos, terminando o comentário com estas palavras: — "Em conclusão, ainda que não queiram os gramáticos, vem de séculos e não é francesia, e muito

---

20 Extraído de *O Estado de S. Paulo*, 21 set. 1941, pág. 4. Referido na carta 162 (MA), de 9 set. 1941. Atualizamos a ortografia.

menos recente, o uso de se com o valor de sujeito de oração. Os exemplos são muito freqüentes para que se tenham a mera conta de descuido ou inadvertência". (*Seleta clássica,* 1905, n. 138). Quando comenta os autores contemporâneos, assim se exprime: — "Os gramáticos que põem todo o saber em analisar, não toleram que se diga ser-se, nem quando se é, etc. sintaxe hoje vulgar, pouco latina mas muito portuguesa, como a de todos os casos em que o **se** é sujeito indefinido". (*Autores contemporâneo**s**,* 1931, n. 125). Apesar desse fraseado sincero e terminante, na nota 136 da mesma obra, corrigindo uma expressão de Pinheiro Chagas, escreve umas ironiasinhas contra os gramáticos e... desaconselha o emprego de se como sujeito. Mas, se a sintaxe é muito portuguesa, por que a não empregar?

Quando ensina Gramática, João Ribeiro é muito mais intolerante: — "Os defensores desse galicismo sintático procuram explicar a dificuldade considerando como sujeito o pronome se". E mais abaixo: — "No francês *on dit*, o vocábulo *on* é nominativo e pode ser, como é efetivamente, o sujeito; doutrina, porém, que não pode ser aplicada à língua portuguesa no que respeita à partícula se" (v. a 11ª ed., 1904, e a 22ª, 1933, p. 220 e 332 respectivamente).

Não pude perceber bem. É ou não é francesia? É ou não é sintaxe muito portuguesa? Veremos a seguir o que dizem outros profetas.

II

Vimos nas fichas anteriores quanto aguaceiro e quantos granizos têm chovido há decênios sobre o pronome se, sempre que ele intenta exercer função nominativa.

Aqui vamos ver que, pouco a pouco, lentamente, o mau tempo se vai dissipando, e já tem aparecido algum pedacinho de céu azul nos bruscos horizontes. Não há mal que sempre dure...

Em 1919 legislava Carlos Pereira deste teor: — "Em mandei-lhe que saísse, ensinei- lhe que fizesse, etc., o sujeito das cláusulas subordinadas, logicamente incluído no objeto indireto do verbo regente, não se pode enunciar gramaticalmente". (*Gramática histórica***,** p. 277).

No parágrafo 386 da *Gramática expositiva,* 31ª ed., que não traz data, mas é decerto posterior porque cita a revezes a outra, já os termos da legislação são tão moderados que, em suma, valem o mesmo que admitir a subjetividade dos pronomes oblíquos: — ..." casos há, em que o pronome oblíquo representa o sujeito do infinito" (p. 201). E exemplifica: — "Mandou-os o Senhor pregar, ouvi-lhes dizer, não nos deixeis cair em tentação".

Mais adiante (parágrafo 631, p. 324), resolve o mestre engavetar definitivamente a palmatória, mas conserva ainda arrugados os sobrecenhos. Ali apresenta ele um exemplo forte de Castilho, e, antes de desfiar outros do mesmo e de outros escritores, interrompe as citações com esta observação em tipo de maior corpo: — "Não há dúvida que essa construção é francesa, mas... etc. etc. Destes desvios modernos da tradição da língua..."

Comentemos um pouco. Construção francesa? Desvios modernos? Tenha paciência... Os exemplos modernos de Castilho, Camilo, Odorico Mendes e tantos outros, bem como os encontradiços a cada passo nos cartões e tabuletas de alfaiates e tintureiros, têm raízes que transpõem os séculos, passam por Camões, Castanheda e João de Barros, por D. Denis e D. Duarte (o ex. deste último, que não figura entre os apresentados por Jorge Galvão, adiante citado, fui-o eu topar na ed. Rolandiana do Leal Conselheiro, 1843, p. 144); os exemplos passam, pois, por D. Duarte e pelos Cancioneiros, e vão sumir-se nos tempos do latim vulgar (Jorge Galvão de Oliveira, na revista *A Língua Portuguesa*, v. 3, p. 256 e segs.).

Ora, Carlos Pereira admitindo, como se viu, a subjetividade de lhes em ouvi-lhes dizer, parece deveria admitir igual função ao se de ouviu-se dizer, sem a pecha de francesismo.

Aliás, ninguém nega a subjetividade de mim e ti, formas pronominais igualmente oblíquas (v. Júlio Moreira. *Notas filológicas*, no 9º v. da *Revista Lusitan**a,*** p. 331; J. J. Nunes, na *Gramática Histórica**,*** 2ª ed., p. 247); e comparar o francês trivialíssimo *c'est moi* e o espanhol *se lo* que se vê a cada passo e está abonado por ex. na revista portenha *Parati*, 24 nov. 1936, e no dicionário da Academia Espanhola, s. voc. *pan*.

É verdade que o sr. Henrique Lopes de Mendonça **(***Revista de Cultura*, v. 7, p. 5), tendo visto um mim subjetivo nas Redondilha**s** de Camões, capitulou o caso, sem mais cerimônias, de... barbarismo.

Mas voltemos ao velhíssimo caso do se.

*

O professor sr. M. Moura Santos, em substancioso e sensato artigo estampado, sob o título Questões gramaticais, em *O Estado de S. Paulo*, 12 fev. 1929, depois de aduzir várias considerações ao propósito, escreve: — "O se é sujeito e pronome indefinido em muitos casos, queiram ou não queiram as academias, porque assim resolveu o povo" etc. etc. E mais adiante: — "É provável que muita gente pense como eu, e que não tenha a franqueza de dizer em público o seu modo de ver... Já tenho encontrado colegas que acham assim devia ser, mas que temem

afirmá-lo, porque o modo de ver das ‘autoridades’ é diferente. É que lhes falta coragem de afirmar o que crêem” etc. etc.

Essa coragem teve-a, não há muitos anos, um lingüista português ainda moço, cujo nome dia a dia mais se impõe ao respeito e à estima dos estudiosos do idioma: — o sr. Rodrigo de Sá Nogueira. Na sua obra *Questões de linguagem*, 2ª parte, 1935, p. 103 e 104, escreve: “1º. o se da frase ‘escrevem-se cartas’ provém de esse = *ipse* e talvez diretamente de *ipse* no período da formação das línguas românicas; 2º. aquela frase não é passiva, mas sim ativa; 3º. o sujeito daquela frase é se; 7º. a construção correta devia ser, pois, ‘escreve-se cartas’.”

*

Depois da confissão dos colegas do sr., prof. Moura Santos, e da ofensiva desabalada dos sete primeiros itens conclusivos do sr. Sá Nogueira, ia eu perdendo o gosto de continuar o estudo do caso — quando vi que o oitavo e último item importa numa retirada desastrosa... Veja-se: — “8º. não obstante deve-se dizer ‘escreve-se cartas’, hoje pode-se considerar mais correta a construção ‘escrevem-se cartas’, por ela tender a preponderar, e a língua ser o que é, e não o que os gramáticos querem que ela seja.”

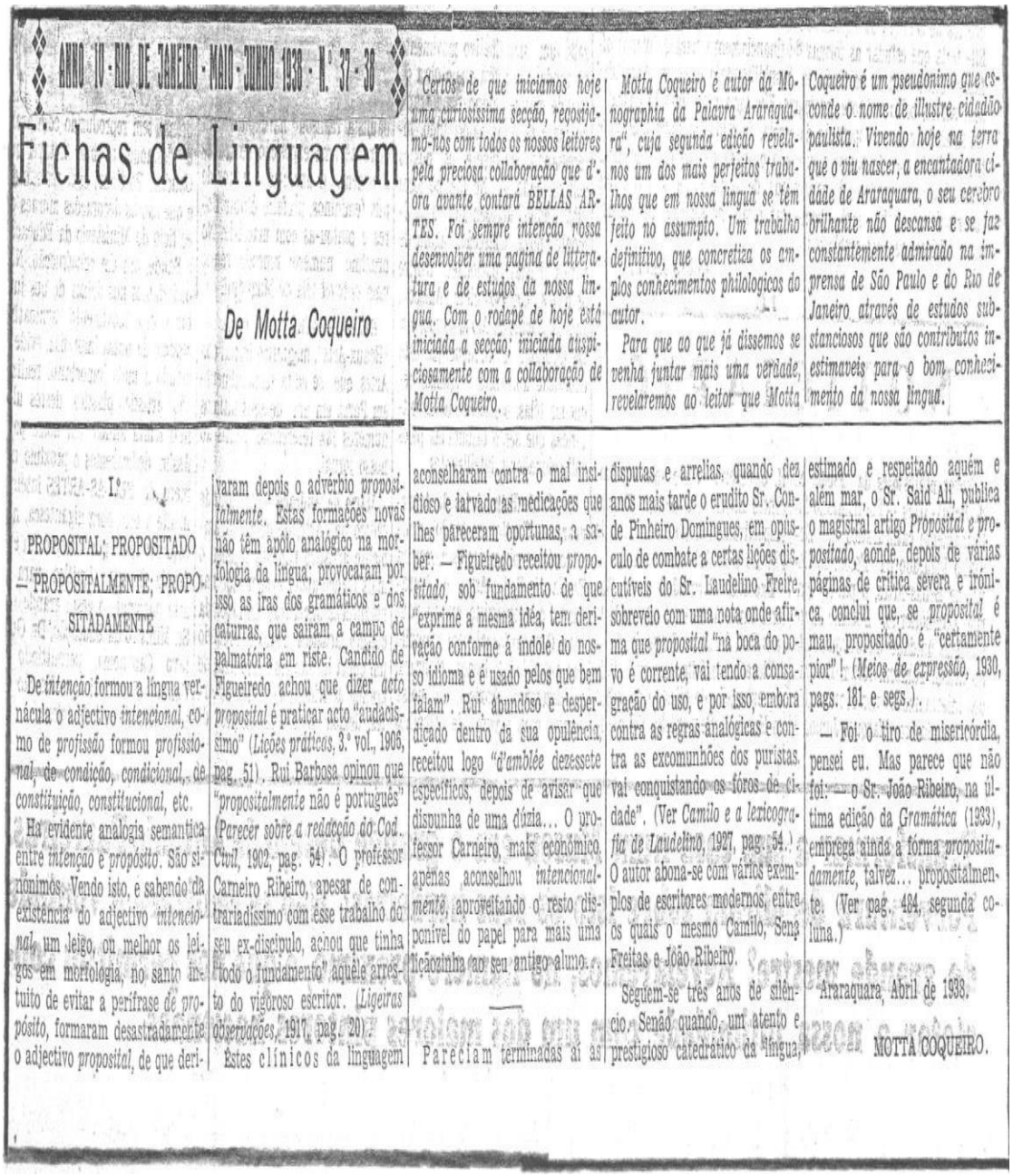
Não percebo mais nada! No fim de contas, qual é a construção mais correta? A que indica a história da língua, desde o latim vulgar e os Cancioneiros até o uso moderno e contemporâneo “que vai se alastrando de maneira assustadora”, ou a que o sr. Nogueira declara que “tende a preponderar”?

Da estratégia desenvolvida nos oito itens alinhados nas *Questões de linguagem*, o que se apura é que eu me enganei: — o autor também... faltou-lhe coragem!

I - Revista *Bellas Artes* – Rio de Janeiro

1-COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem: PROPOSITAL; PROPOSITADO, PROPOSITALMENTE; PROPOSITADAMENTE. *Bellas Artes*, a. 4, nº 37-38. Rio de Janeiro, maio-jun. 1938. Recorte, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



ANNO IV · RIO DE JANEIRO · MAIO-JUNHO 1938 · N. 37-38

Fichas de Linguagem

De Motta Coqueiro

Certos de que iniciamos hoje uma curiosissima secção, recebemo-nos com todos os nossos leitores pela preciosa collaboração que d'ora avante contará BELLAS ARTES. Foi sempre intenção nossa desenvolver uma pagina de litteratura e de estudos da nossa lingua. Com o rodapé de hoje está iniciada a secção; iniciada auspiciosamente com a collaboração de Motta Coqueiro.

Motta Coqueiro é autor da Monographia da Palavra Araraquara", cuja segunda edição revelanos um dos mais perfeitos trabalhos que em nossa lingua se têm feito no assumpto. Um trabalho definitivo, que concretiza os amplos conhecimentos philologicos do autor.

Para que ao que já dissemos se venha juntar mais uma verdade, revelaremos ao leitor que Motta Coqueiro é um pseudonimo que esconde o nome de illustre cidadão paulista. Vivendo hoje na terra que o viu nascer, a encantadora cidade de Araraquara, o seu cerebro brilhante não descansa e se faz constantemente admirado na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro através de estudos substanciosos que são contributos inestimaveis para o bom conhecimento da nossa lingua.

I.º

PROPOSITAL; PROPOSITADO — PROPOSITALMENTE; PROPOSITADAMENTE

De *intenção* formou a lingua vernácula o adjectivo *intencional*, como de *profissão* formou *profissional*, de *condição*, *condicional*, de *constituição*, *constitucional*, etc.

Ha evidente analogia semantica entre *intenção* e *propósito*. São sinonimos. Vendo isto, e sabendo da existencia do adjectivo *intencional*, um leigo, ou melhor os leigos em morfologia, no santo intuito de evitar a perifrase *de propósito*, formaram desastradamente o adjectivo *proposital*, de que derivaram depois o advérbio *propositalmente*. Estas formações novas não têm apôio analogico na morfologia da lingua; provocaram por isso as iras dos gramáticos e dos naturras, que sairam a campo de palmatória em riste. Candido de Figueiredo achou que dizer *acto proposital* é praticar acto "audacissimo" (*Lições práticas*, 3.º vol., 1906, pag. 51). Rui Barbosa opinou que "*propositalmente* não é portuguez" (*Parecer sobre a redacção do Cod. Civil*, 1902, pag. 54). O professor Carneiro Ribeiro, apesar de contrariadissimo com êsse trabalho do seu ex-discipulo, achou que tinha "todo o fundamento" aquêle arresto do vigoroso escritor. (*Ligeiras observações*, 1917, pag. 20).

Estes clinicos da linguagem aconselharam contra o mal insidioso e larvado as medicações que lhes pareceram oportunas, a saber: — Figueiredo receitou *propositado*, sob fundamento de que "exprime a mesma idéa, tem derivação conforme á índole do nosso idioma e é usado pelos que bem falam". Rui, abundoso e despendicado dentro da sua opulência, receitou logo "*d'amblée* dezesseis especificos, depois de aviar que dispunha de uma dúzia... O professor Carneiro, mais economico, apenas aconselhou *intencionalmente*, aproveitando o resto disponivel do papel para mais uma lambuzinha ao seu antigo aluno.

Pareciam terminadas ai as disputas e arrelias, quando dez anos mais tarde o erudito Sr. Conde de Pinheiro Domingues, em opusculo de combate a certas lições discutiveis do Sr. Laudelino Freire, sobrevelo com uma nota onde afirma que *proposital* "na boca do povo é corrente, vai tendo a consagração do uso, e por isso, embora contra as regras analógicas e contra as excomunhões dos puristas, vai conquistando os fóros de cidade". (Ver *Camilo e a lexicografia de Laudelino*, 1927, pag. 54.) O autor abona-se com varios exemplos de escritores modernos, entre os quais o mesmo Camilo, Sena Freitas e João Ribeiro.

Seguem-se três anos de silencio. Senão quando, um atento e prestigioso catedrático da lingua, estimado e respeitado aquém e além mar, o Sr. Said Ali, publica o magistral artigo *Proposital e propositado*, aonde, depois de varias páginas de critica severa e irónica, conclui que, se *proposital* é mau, propositado é "certamente pior"! (*Meios de expressão*, 1930, pags. 181 e segs.).

— Foi o tiro de misericórdia, pensei eu. Mas parece que não foi. — o Sr. João Ribeiro, na última edição da *Gramática* (1933), emprega ainda a forma *propositadamente*, talvez... propositalmente. (Ver pag. 484, segunda coluna.)

Araraquara, Abril de 1938.

MOTTA COQUEIRO.

Transcrição:

ANNO 10 – RIO DE JANEIRO – MAIO – JUNHO 1938 – N. 37-38

Fichas de Linguagem

De Motta Coqueiro

Certos de que iniciamos hoje uma curiosíssima secção, regosijamo-nos com todos os nossos leitores pela preciosa colaboração que d'ora avante contará BELLAS ARTES. Foi sempre intenção nossa desenvolver uma pagina de literatura e de estudos da nossa língua. Com o rodapé de hoje está iniciada a secção; iniciada auspiciosamente com a colaboração de Motta Coqueiro.

Motta Coqueiro é autor da "Monographia da Palavra Araraquara", cuja segunda edição revela-nos um dos mais perfeitos trabalhos que em nossa língua se têm feito no assumpto. Um trabalho definitivo, que concretiza os amplos conhecimentos philologicos do autor.

Para que ao que já dissemos se venha juntar mais uma verdade, revelaremos ao leitor que Motta Coqueiro é um pseudônimo que esconde o nome de ilustre cidadão paulista. Vivendo hoje na terra que o viu nascer, a encantadora cidade de Araraquara, o seu cérebro brilhante não descansa e se faz constantemente admirado na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro através de estudos substanciosos que são contributos inestimáveis para o bom conhecimento da nossa língua.

Iº PROPOSITAL; PROPOSITADO – PROPOSITALMENTE; PROPOSITADAMENTE

De intenção formou a língua vernácula o adjectivo intencional, como de profissão formou profissional, de condição, condicional, de constituição, constitucional, etc.

Há evidente analogia semântica entre intenção e propósito. São sinônimas. Vendo isto, e sabendo da existência do adjectivo intencional, um leigo, ou melhor os leigos em morfologia, no santo intuito de evitar a perífrase *de propósito*, formaram desastradamente o adjectivo *propositał*, de que derivaram depois o advérbio *propositalmente*. Estas formações novas não têm apoio analógico na morfologia da língua; provocaram por isso as iras dos gramáticos e dos caturras, que saíram a acampo de palmatória em riste. Candido de Figueiredo achou que dizer *acto propositał* é praticar acto "audacíssimo" (*Lições práticas*, 3º vol., 1906, pag. 51). Rui Barbosa opinou que "*propositalmente* não é português" (*Parecer sobre a redacção do Cod. Civil*, 1902, pag. 54). O professor Carneiro Ribeiro, apesar de contrariadíssimo com esse

trabalho do seu ex-discipulo, achou que tinha "todo o fundamento", aquele arresto do vigoroso escritor (*Ligeiras observações*, 1917, pag. 20).

Êstes clínicos da linguagem aconselharam contra o mal insidioso e larvado as medicações que lhes pareceram oportunas, a saber: - Figueiredo receitou *propositado*, sob fundamento de que "exprime a mesma idéa, tem derivação conforme á índole do nosso idioma e é usado pelos que bem falam". Rui, abundoso e desperdiçado dentro da sua opulência, receitou logo "*d'amblée* dezessete específicos, depois de avisar que dispunha de uma dúzia... O professor Carneiro, mais econômico, apenas aconselhou *intencionalmente*, aproveitando o resto disponível do papel para mais uma liçãõozinha ao seu antigo aluno.

Pareciam terminadas aí as disputas e arrelias, quando dez anos mais tarde o erudito Sr. Conde Pinheiro Domingues, em opúsculo de combate a certas lições discutíveis do Sr. Laudelino Freire, sobreveio com uma nota onde afirma que propositál "na boca do povo é corrente, vai tendo a consagração do uso, e por isso, embora contra as regras analógicas e contras as excomunhões dos puristas vai conquistando os fóros de cidade". (Ver *Camilo e a lexicografia de Laudelino*, 1927, pag. 54.). O autor abona-se com vários exemplos de escritores modernos, entre os quais o mesmo Camilo, Sena Freitas e João Ribeiro.

Seguem-se três anos de silêncio. Senão quando, um atento e prestigioso catedrático da língua, estimado e respeitado aquém e além mar, o Sr. Said Ali, publica o magistral artigo *Propositál e propositado*, aonde, depois de várias páginas de crítica severa e irónica, conclui que, se *propositál* é mau, propositado é "certamente pior"! (*Meios de expressão*, 1930, pags. 181 e segs.).

- Foi o tiro de misericórdia, pensei eu. Mas parece que não foi. – O Sr. João Ribeiro, na última edição da *Gramática* (1933), emprega ainda a fórma *propositadamente*, talvez... propositalmente. (Ver pag. 484, segunda coluna.)

Araraquara, Abril de 1938.

MOTTA COQUEIRO

J- Revista *Esfera* – Rio de Janeiro

1- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem: BEIJO – BEIJINHO – BEIJÚ – BIJÚ. *Esfera,* a. 4, nº 11. Rio de Janeiro, dez. 1945, p. 28. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



FICHAS DE LINGUAGEM

BEIJO — BEIJINHO — BEIJÚ — BIJÚ

"Farinha branca, o beijo da farinha". (Bento Pereira, "Prosódia Latina", s. vcb. *leocalphitos*).

"Beijinho, m..... *Prov. trasm.* Farinha fina de trigo, separada da sêmea". ("Novo Dicionário", 1926).

*

Os termos brasileiros beijú e bijú estão averbados em B. Rohan, "Vocábulos Brasileiros". A segunda destas formas é corrente no Estado de S. Paulo, e foi arquivada e estudada por Amadeu Amaral, "Dialeto Caipira", que, depois de referir-se às diferentes formas que o termo apresenta nos textos onde tem sido estudado, levanta suspeita contra a origem tupí até então unanimemente atribuida ao vocábulo e aproxima-o do português *beijinho*.

O termo *beijo*, que agora encontrei empregado por Bento Pereira, talvez concorra para dar maior peso à suspeita de Amadeu Amaral.

Parece muito provável que o *beijo* portugguês, transportado para cá, sofresse a influência da fonética tupí, alterando-se em *beijú*. Alternativa oposta é tambem admissivel; se transferido para Portugal, o beijú americano poderia, sob a influência de beijo — ósculo —, achegar-se da fonética em que o ouviu o autor da "Prosódia Latina". Decidam os competentes.

Mota Coqueiro

28 "Esfera", revista carioca, Nº 11 do ano IV, Dezº 1945

Transcrição

FICHAS DE LINGUAGEM

Beijo – Beijinho – Beijú – Bijú

"Farinha branca, o beijo da farinha." (Bento Pereira, **Prosódia Latina**, s. vcb. **leocalphitos**)

"Beijinho, m. ..... **Prov. trasm**. Farinha fina de trigo, separada da sêmea." (**Novo Dicionário**, 1926)

_____0_____

Os termos brasileiros **beijú** e **bijú** estão averbados em B. Rohan, **Vocábulos brasileiros**. A segunda destas duas formas é corrente no estado de S. Paulo, e foi arquivada e estudada por Amadeu Amaral, **Dialecto caipira**, que, depois de referir-se ás diferentes formas que o termo apresenta nos textos onde tem sido estudado, levanta suspeita contra a origem tupi até e tão unanimente atribuida ao vocábulo, aproximando-o do português **beijínho**.

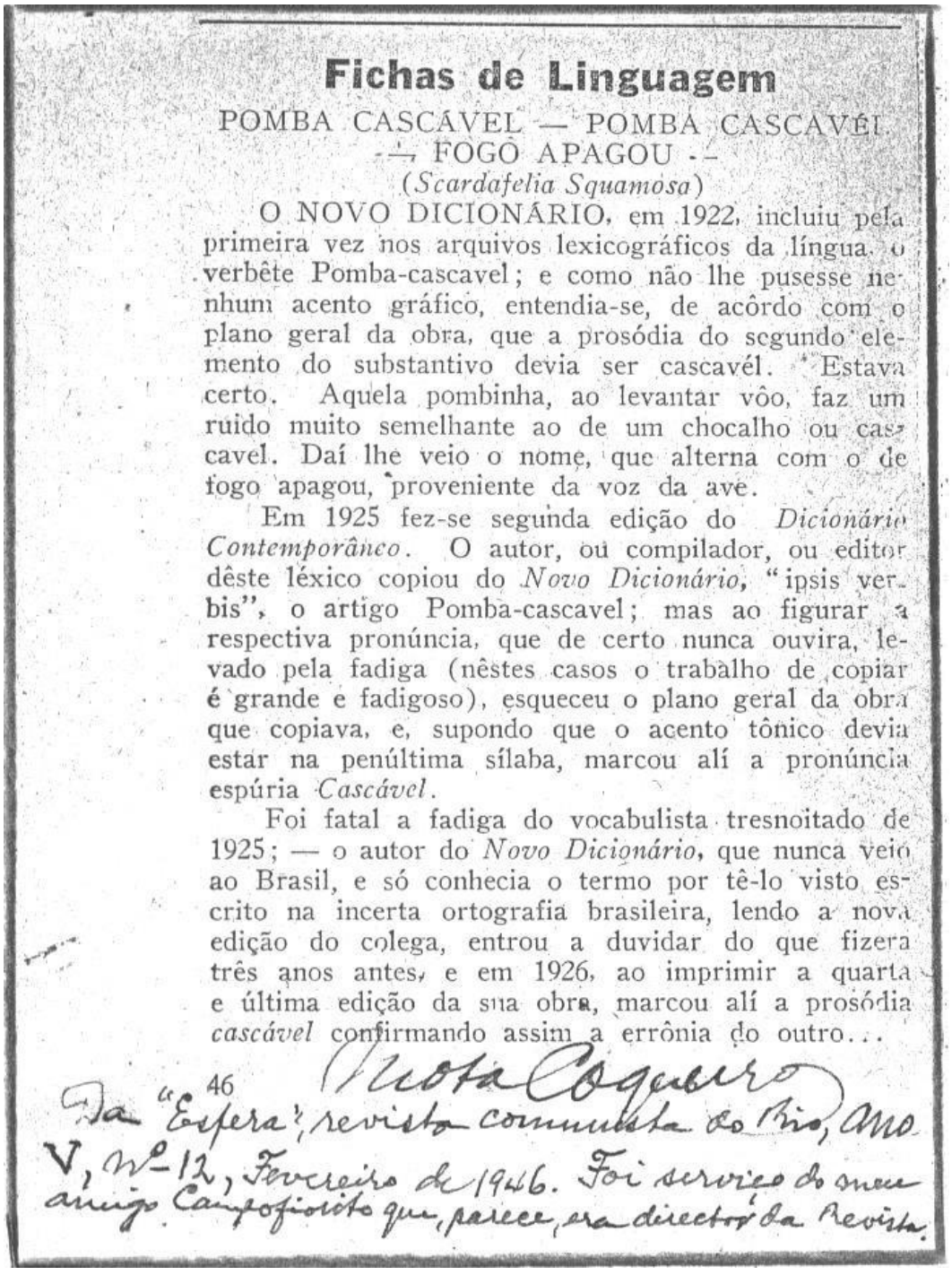
O termo **beijo**, que agora encontrei empregado por Bento Pereira, talvez concorra para dar maior peso á suspeita de Amadeu Amaral.

Parece muito provável que o **beijo** português, transportado para cá, sofresse a influencia da fonética tupi, alterando-se em **beijú**. Alternativa oposta é tambem admissível; se transferido para Portugal, o beijú americano poderia, sob a influência de beijo - ósculo -, achegar se da fonética em que o ouviu o autor da **Prosódia Latina**. Decidam os competentes.

MOTA COQUEIRO

2-COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem: POMBA CASCÁVEL – POMBA CASCAVÉL – FOGO APAGOU – (*Scardafelia Squamosa). Esfera,* a. 5, nº 12 . Rio de Janeiro, fev. 1946, p. 46. Recorte com indicação manuscrita de periódico e data, CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Fichas de Linguagem

POMBA CASCÁVEL — POMBA CASCAVÉL — FOGO APAGOU —

(*Scardafelia Squamosa*)

O NOVO DICIONÁRIO, em 1922, incluiu pela primeira vez nos arquivos lexicográficos da língua, o verbête Pomba-cascavel; e como não lhe pusesse nenhum acento gráfico, entendia-se, de acôrdo com o plano geral da obra, que a prosódia do segundo elemento do substantivo devia ser cascavél. Estava certo. Aquela pombinha, ao levantar vôo, faz um ruido muito semelhante ao de um chocalho ou cascavel. Daí lhe veio o nome, que alterna com o de fogo apagou, proveniente da voz da ave.

Em 1925 fez-se segunda edição do *Dicionário Contemporâneo*. O autor, ou compilador, ou editor dêste léxico copiou do *Novo Dicionário*, "ipsis verbis", o artigo Pomba-cascavel; mas ao figurar a respectiva pronúncia, que de certo nunca ouvira, levado pela fadiga (nêstes casos o trabalho de copiar é grande e fadigoso), esqueceu o plano geral da obra que copiava, e, supondo que o acento tônico devia estar na penúltima sílaba, marcou alí a pronúncia espúria *Cascável*.

Foi fatal a fadiga do vocabulista tresnoitado de 1925; — o autor do *Novo Dicionário*, que nunca veio ao Brasil, e só conhecia o termo por tê-lo visto escrito na incerta ortografia brasileira, lendo a nova edição do colega, entrou a duvidar do que fizera três anos antes, e em 1926, ao imprimir a quarta e última edição da sua obra, marcou alí a prosódia *cascável* confirmando assim a errônia do outro...

Mota Coqueiro

46

Da "Esfera", revista communista do Rio, Ano V, Nº 12, Fevereiro de 1946. Foi serviço do meu amigo Campofiorito que, parece, era director da Revista.

Transcrição

FICHAS DE LINGUAGEM

Pomba cascável – Pomba cascavél – Fogo apagou – (Scardafella squamosa)

O **Novo Dicionário**, em 1922, incluiu pela primeira vez nos arquivos lexicográficos da língua o verbête **Pomba-cascavel**; e como não lhe pusesse nenhum acento gráfico, entendia-se, de acôrdo com o plano geral da obra, que a prosódia do segundo elemento do substantivo devia ser cascavél. Estava certo. Aquela pombinha, ao levantar vôo, faz um ruído muito semelhante ao de um chocalho ou cascavel. Daí lhe veio o nome, que alterna com o de **fogo-apagou**, proveniente da voz da ave.

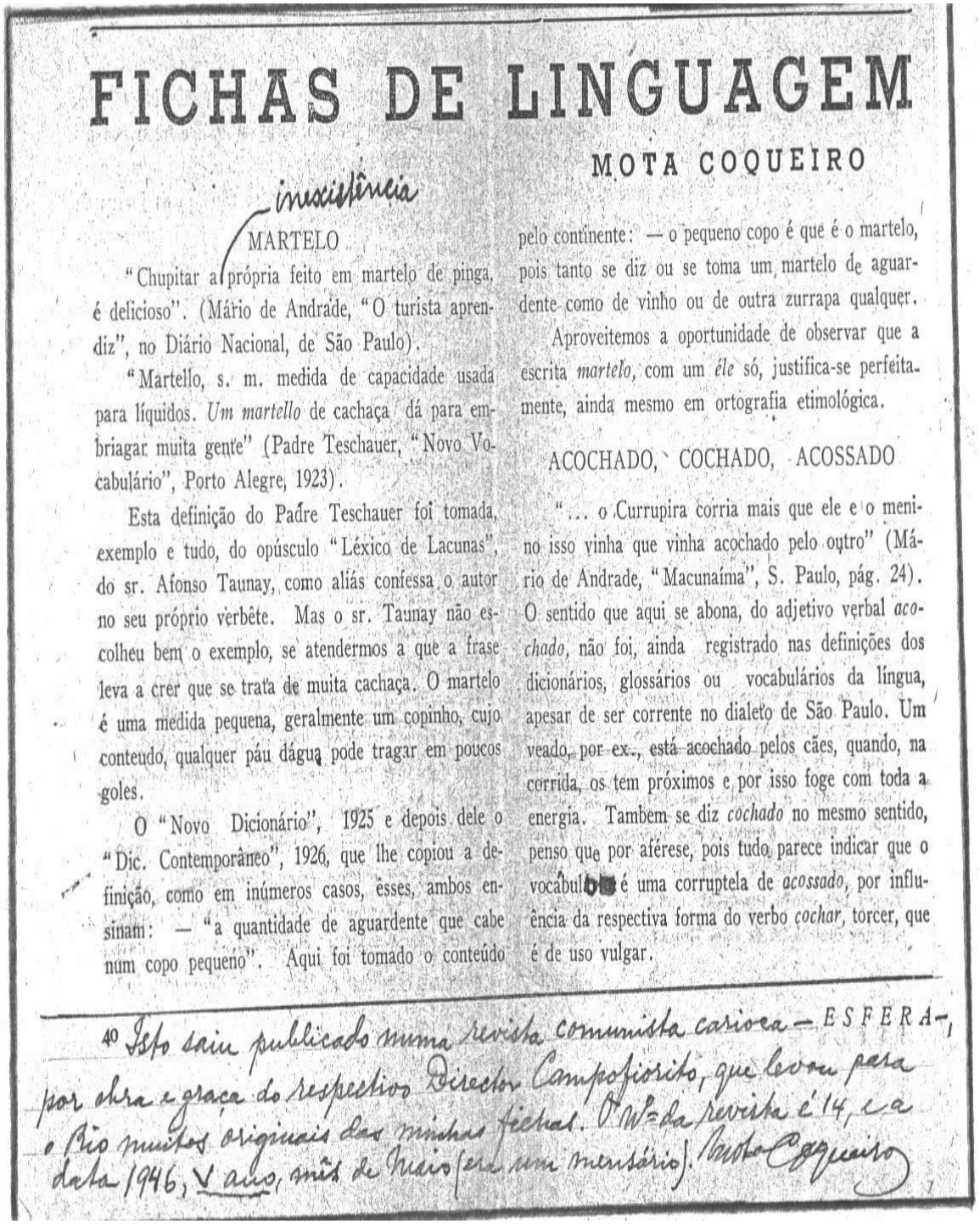
Em 1925 fez se segunda edição do **Dicionário Contemporaneo**. O autor, ou compilador, ou editor dêste léxico copiou do **Novo Dicionário**, ipsis verbis, o artigo Pomba-cascavel; mas, ao figurar a respectiva pronùncia, que de certo nunca ouvira, levado pela fadiga (nêstes casos o trabalho de copiar è grande e fadigoso), esqueceu o plano geral da obra que copiava, e, supondo que o acento tónico devia estar na penùltima sílaba, marcou ali a pronùncia espúria **Cascável**.

Foi fatal a fadiga do vocabulista-tresnoitado de 1925: - o autor do **Novo Dicionário**, que nunca veio ao Brasil, e só conhecia o termo por tê-lo visto escrito na incerta ortografia brasileira, lendo a nova edição do colega, entrou a duvidar do que fizera três anos antes, e em 1926, ao imprimir a quarta e ùltima edição da sua obra, marcou ali a prosódia cascàvel solidando a erronia do outro...

MOTA COQUEIRO

3- COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem: Martelo. *Esfera,* a. 5, nº 14. Rio de Janeiro, maio 1946, p. 40. Recorte com indicação manuscrita de periódico, data e correções, CPLC.

<u>Fotocópia do texto publicado:</u>



FICHAS DE LINGUAGEM

MOTA COQUEIRO

inexistência

MARTELO

"Chupitar a própria feito em martelo de pinga, é delicioso". (Mário de Andrade, "O turista aprendiz", no Diário Nacional, de São Paulo).

"Martello, s. m. medida de capacidade usada para líquidos. *Um martello* de cachaça dá para embriagar muita gente" (Padre Teschauer, "Novo Vocabulário", Porto Alegre, 1923).

Esta definição do Padre Teschauer foi tomada, exemplo e tudo, do opúsculo "Léxico de Lacunas", do sr. Afonso Taunay, como aliás confessa o autor no seu próprio verbête. Mas o sr. Taunay não escolheu bem o exemplo, se atendermos a que a frase leva a crer que se trata de muita cachaça. O martelo é uma medida pequena, geralmente um copinho, cujo conteudo, qualquer páu dágua pode tragar em poucos goles.

O "Novo Dicionário", 1925 e depois dele o "Dic. Contemporâneo", 1926, que lhe copiou a definição, como em inúmeros casos, êsses, ambos ensinam: — "a quantidade de aguardente que cabe num copo pequeno". Aqui foi tomado o conteúdo pelo continente: — o pequeno copo é que é o martelo, pois tanto se diz ou se toma um martelo de aguardente como de vinho ou de outra zurrapa qualquer.

Aproveitemos a oportunidade de observar que a escrita *martelo,* com um *éle* só, justifica-se perfeitamente, ainda mesmo em ortografia etimológica.

ACOCHADO, COCHADO, ACOSSADO

"... o Currupira corria mais que ele e o menino isso vinha que vinha acochado pelo outro" (Mário de Andrade, "Macunaíma", S. Paulo, pág. 24). O sentido que aqui se abona, do adjetivo verbal *acochado,* não foi, ainda registrado nas definições dos dicionários, glossários ou vocabulários da língua, apesar de ser corrente no dialeto de São Paulo. Um veado, por ex., está acochado pelos cães, quando, na corrida, os tem próximos e por isso foge com toda a energia. Tambem se diz *cochado* no mesmo sentido, penso que por aférese, pois tudo parece indicar que o vocábulo é uma corruptela de *acossado,* por influência da respectiva forma do verbo *cochar,* torcer, que é de uso vulgar.

40 Isto saiu publicado numa revista comunista carioca — ESFERA —, por obra e graça do respectivo Director Campofiorito, que levou para o Rio muitos originais das minhas fichas. O Nº da revista é 14, e a data 1946, V ano, mês de Maio (era um mensário). Mota Coqueiro

Transcrição

FICHAS DE LINGUAGEM

MOTA COQUEIRO

Martelo

"Chupitar a inexistencia pròpria feito um martelo de pinga, è delicioso." (Mário de Andrade, **o túrista aprendiz**, no Diário Nacional, de S. Paulo, 29 de Dez 1928).

"Martello, s. m. medida de capacidade usada para liquidos. **Um martello** de cachaça dá para embriagar muita gente." (Pe. Teschauer, **Novo Vocabulário,** Porto Alegre, 1923.)

Esta definição do Pe. Teschauer foi tomada, exemplo e tudo, opusculo **Léxico de lacunas**, do Sr. Afonso Taunay, como aliás confessa o autor no seu próprio verbête. Mas o Sr. Taunay não escolheu bem, se atendermos a que a frase leva a crer que se trata de muita cachaça. O martelo é uma medida pequena, gerlamente um copinho, cujo conteudo qualquer pau dágua pode tragar em poucos goles.

O **Novo Dic**., 1925, e depois dêle o **Dic. Contemporâneo**, 1926, que lhe copiou a definição, como em inúmeros casos, êsses, ambos ensinam: - "a quantidade de aguardente que cabe num compo pequeno". Aqui foi tomado o conteudo pelo continente: - o pequeno copo é que é o martelo, pois tanto se diz ou se toma um martelo de aguardente omo de vinho ou de outra zurrapa qualquer.

Aproveitamos a oportunidade de observar que a escrita **martelo**, com um éle só, justifica-se perfeitamente ainda mesmo em ortografia etimológica.

Acochado, cochado, acossado

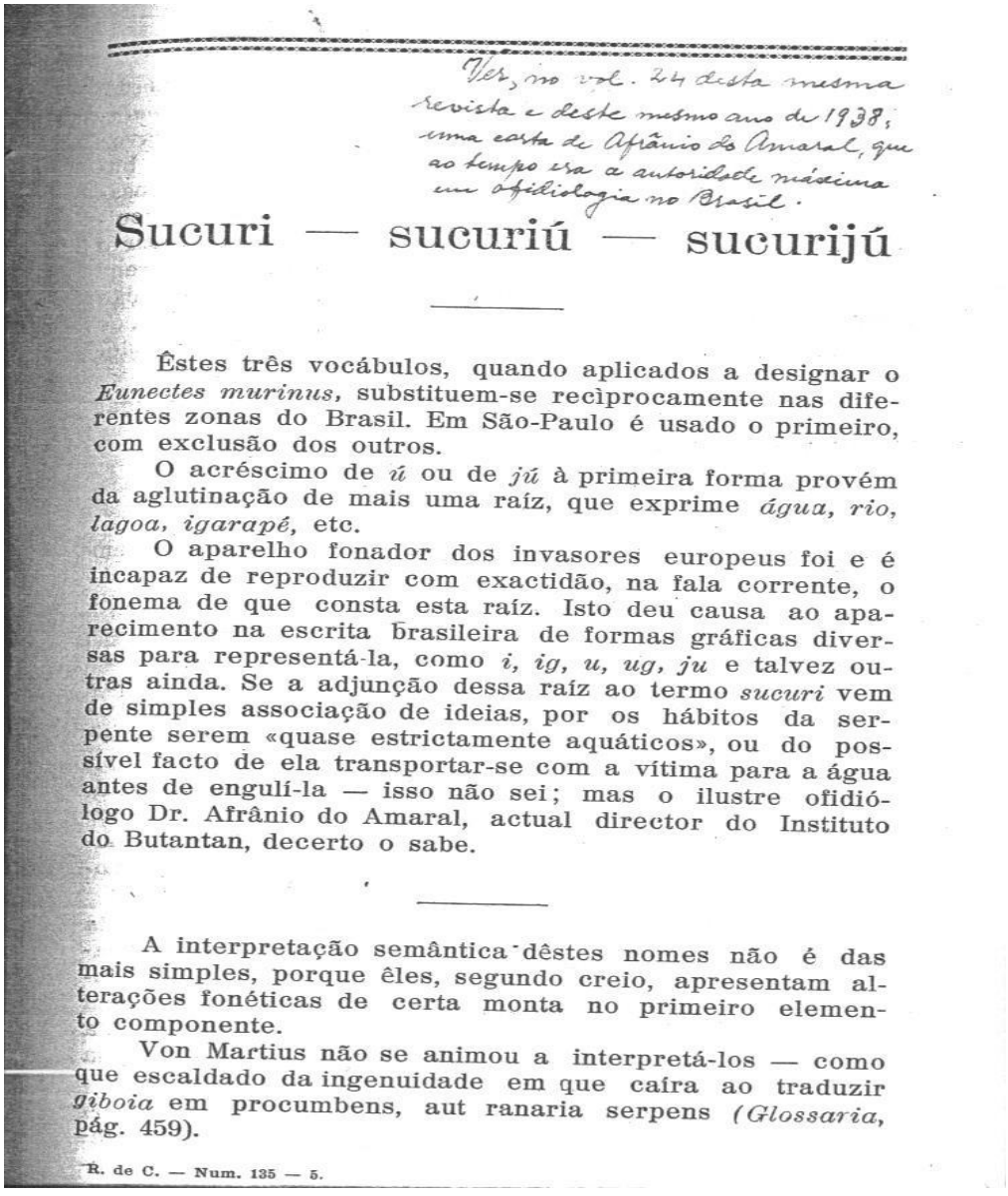
"... o Currupira corria mais que ele e o menino isso vinha acochado pelo outro." (Mario de Andrade, "Macunaíma", S. Paulo, 1928, pag. 24). O sentido que aqui se abona, do adjetivo verbal **acochado,** não foi ainda registrado nas definições dos dicionários, glossários ou vocabulários da lingua, apesar de ser corrente no dialeto de S. Paulo. Um veado, por ex., está acochado pelos cães, quando, na corrida, os tem próximos e por isso foge com toda a energia. Tambem se diz **cochado** no mesmo sentido, penso que por aférese, pois tudo parece indicar que o vocábulo é uma corruptela de **acossado**, com influência da respectiva forma do verbo **cochar**, torcer, que é de uso vulgar.

[Anotação manuscrita por PLC na parte inferior do texto: Isto saiu oublicado numa revista comunista carioca – ESFERA – por obra e graça do respectivo Director Campofiorito, que levou para o Rio muitos originais das minhas fichas. O nº da revista é 14, e a data 1946, V ano, mês de Maio (era um mensário). Mota Coqueiro]

***K- Revista de Cultura* – Rio de Janeiro**

1-COQUEIRO, Mota. Sucuri – sucuriú – sucurijú. *Revista de Cultura*, a. 12, v. 23, nº 133. Rio de Janeiro: s/e, jan.-jun. 1938, p. 161-163. Anotações do autor, a tinta preta: "Ver, no vol. 24 desta mesma revista e deste mesmo ano de 1938, uma carta de Afrânio do Amaral, que ao tempo era a autoridade máxima em ofidiologia no Brasil.". CPLC.

Fotocópia do texto publicado:



Ver, no vol. 24 desta mesma revista e deste mesmo ano de 1938, uma carta de Afrânio do Amaral, que ao tempo era a autoridade máxima em ofidiologia no Brasil.

Sucuri — sucuriú — sucurijú

Êstes três vocábulos, quando aplicados a designar o *Eunectes murinus*, substituem-se recìprocamente nas diferentes zonas do Brasil. Em São-Paulo é usado o primeiro, com exclusão dos outros.

O acréscimo de *ú* ou de *jú* à primeira forma provém da aglutinação de mais uma raíz, que exprime *água, rio, lagoa, igarapé,* etc.

O aparelho fonador dos invasores europeus foi e é incapaz de reproduzir com exactidão, na fala corrente, o fonema de que consta esta raíz. Isto deu causa ao aparecimento na escrita brasileira de formas gráficas diversas para representá-la, como *i, ig, u, ug, ju* e talvez outras ainda. Se a adjunção dessa raíz ao termo *sucuri* vem de simples associação de ideias, por os hábitos da serpente serem «quase estrictamente aquáticos», ou do possível facto de ela transportar-se com a vítima para a água antes de engulí-la — isso não sei; mas o ilustre ofidiólogo Dr. Afrânio do Amaral, actual director do Instituto do Butantan, decerto o sabe.

A interpretação semântica dêstes nomes não é das mais simples, porque êles, segundo creio, apresentam alterações fonéticas de certa monta no primeiro elemento componente.

Von Martius não se animou a interpretá-los — como que escaldado da ingenuidade em que caíra ao traduzir *giboia* em procumbens, aut ranaria serpens (*Glossaria*, pág. 459).

(Continuação)

Teodoro Sampaio, apesar da sábia lição que nos dá na sua obra (conf. em Mota Coqueiro, *Monografia da palavra Araraquara*, a pág. 86), não viu nêles o fino lavor sintético-descritivo que caracteriza a onomástica do bugre, e muito menos a acção dos factos fonéticos entrosados no caso, dos quais como sempre se mostrou descuidoso. Daí a posição insustentável que tomou, ao traduzir o nome do importantíssimo vizinho do índio nas margens dos rios, por meio de radicais cabíveis na denominação de qualquer serpente. Sabem todos os americanistas, e até os simples curiosos como eu, que o atilado burilador de onomásticos tupis não caía nessas ambigüidades.

Mas estudemos a cuidadosa feitura do termo vulgar *sucuri*, que é o que aqui nos importa.

E' conhecida a tendência lusa de alterar *o* átono em *u*, quer nas sílabas ante-tónicas, quer nas finais de vocábulos. Êsse facto fonetico, que tem raízes muito profundas no idioma transatlântico (ver J. J. Nunes, *Crónica da ordem dos frades menores* e *Evolução da língua*, nos respectivos índices alfabéticos, vcbs. começados por *so*, que principalmente nos interessam), transportou-se para o Brasil, onde assumiu feição exagerada no norte, invadindo até as sílabas tónicas (ver Barbosa Rodrigues, *Poranduba amazonense*, pág. XII), e feição atenuada no centro e sul, onde todavia aparece também, v. g. em *surtir*, *surtido* por sortir, sortido; *suberba*, *suberbia*, formas estas que se ouvem e até se têm escrito por soberba, soberbia; nas vozes populares paulistas *sussego*, *sussegado* e em outras.

Que essa tendência tenha atingido a pronúncia da língua-geral, mormente nas mais antigas alterações vocabulares da língua dos naturais, feitas por indivíduos vindos da metrópole ou muito ligados a êles, é inferência que de si mesmo se impõe, e está plenamente confirmada no actual dialecto daquela língua, o nheengatú (Barbosa Rodrigues, op. cit., pág. XI).

Do exposto resulta que a primeira sílaba de *sucuri* pode representar o radical tupi-guarani *çoc*, *çog*, com queda forçada de *c* ou de *g* ásperos *(ke* ou *gue)*, que o con-

(1) — Ver no fasciculo anterior a este, pag. 109, o estudo de Antenor Nascentes sob

(Continuação)

tacto imediato do *c* áspero de *cur* tornou incompatíveis com a fonologia portuguesa. Dêste modo, chegamos regressivamente a uma forma primitiva tupi *çoc-cur-î*.

Resta averiguar se esta forma tupi pode ombrear com os demais onomásticos de fino lavor sintético e descritivo da língua americana. Vamos aos vocabulários: — *çoc*, moer, esmagar, o que mói ou esmaga; *cur*, tragar, engulir, aquêle que engole; *î*, de seguida, ao depois, após. Ou seja, em frase organizada portuguesa: — *aquêle que esmaga e depois engole.* Nunca vi síntese descritiva mais perfeita em um só trissílabo apelativo!

Araraquara, Janeiro de 1938

MOTA COQUEIRO

Transcrição:

Sucuri – sucuriú – sucurijú

Êstes três vocábulos, quando aplicados a designar o *Eunectes murinus*, substituem-se reciprocamente nas diferentes zonas do Brasil. Em São Paulo é usado o primeiro, com exclusão dos outros.

O acréscimo de ú ou de jú à primeira forma provém da aglutinação de mais uma raiz, que exprime *água, rio, lagoa, igarapé*, etc.

O aparelho fonador dos invasores europeus foi e é incapaz de reproduzir com exactidão, na fala corrente, o fonema de que consta esta raiz. Isto deu causa ao aparecimento na escrita brasileira de formas gráficas diversas para representá-la, como *i, ig, u, ug, ju* e talvez outras ainda. Se a adjunção dessa raiz ao termo *sucuri* vem de simples associação de ideias, por os hábitos da serpente serem "quase estrictamente aquáticos", ou do possível facto de ela transportar-se com a vítima para a água antes de enguli-la – isso não sei; mas o ilustre ofidiólogo Dr. Afrânio do Amaral, actual diretor do Instituto do Butantan, decerto o sabe.

A interpretação semântica destes nomes não é das mais simples, porque eles, segundo creio, apresentam alterações fonéticas de certa monta no primeiro elemento componente

Von Martius não se animou a interpretá-los – como que escaldado da ingenuidade em que caíra ao traduzir *giboia* em procumbens, aut ranaria serpens (*Glossaria*, pág. 459).

Teodoro Sampaio, apesar da sábia lição que nos dá na sua obra (conf. em Mota Coqueiro, *Monografia da palavra Araraquara*, a pág. 86), não viu neles o fino avor sintético-descritivo que caracteriza a onomástica do bugre, e muito menos a acção dos factos fonéticos entrosados no caso, dos quais como sempre se mostrou descuidoso. Daí a posição insustentável que tomou, ao traduzir o nome do importantíssimo vizinho do índio nas margens dos rios, por meio de radicais cabíveis na denominação de qualquer serpente. Sabem todos os americanistas, e até os simples curiosos como eu, que o atilado burilador de onomásticos tupis não caía nessas ambigüidades.

Mas estudemos a cuidadosa feitura do termo vulgar *sucuri*, que é o que aqui nos importa.

É conhecida a tendência lusa de alterar *o* átono em *u,* quer nas sílabas ante-tónicas, quer nas finais de vocábulos. Êsse facto fonético, que tem raízes muito profundas no idioma transatlântico (ver J. J. Nunes, *Crónica da ordem dos frades menores* e *Evolução da língua*, nos respectivos índices alfabéticos, vcbs. Começados por *so,* que principalmente nos interessam), transportou-se para o Brasil, onde assumiu feição exagerada no norte, invadindo até as sílabas tónicas (ver Barbosa Rodrigues, *Poranduba amazonense,* pág. XII), e feição atenuada no centro e sul, onde todavia aparece também, v. g. em *surtir, surtido* por sortir, sortido; *suberba, soberbia*, formas estas que se ouvem e até se têm escrito por soberba, soberbia; nas vozes populares paulistas *sussego, sussegado* e em outras.

Que essa tendência tenha atingido a pronúncia da língua-geral, mormente nas mais antigas alterações vocabulares da língua dos naturais, feitas por indivíduos vindos da metrópole ou muito ligados a eles, é inferência que de si mesmo se impõe, e está plenamente confirmada no actual dialecto daquela língua, o nheengatu (Barbosa Rodrigues, op. cit., pág. XI).

Do exposto resulta que a primeira sílaba de *sucuri* pode representar o radical tupi-guarani *çoc, çog*, com queda forçada de *c* ou de *g* ásperos (*ke* ou *gue*), que o contacto imediato do *c* áspero de *cur* tornou incompatíveis com a fonologia portuguesa. Dêste modo, chegamos regressivamente a uma forma primitiva tupi *çoc-cur-i.*

Resta averiguar se esta forma tupi pode ombrear com os demais onomásticos de fino lavor sintético e descritivo da língua americana. Vamos aos vocabulários: - çoc, moer, esmagar, o que mói ou esmaga; *cur*, tragar, engulir, aquêle que engole; *i*, de seguida, ao depois, após. Ou seja, em frase organizada portuguesa: - *aquêle que esmaga e depois engole*. Nunca vi síntese descritiva mais perfeita em um só trissílabo apelativo!

Araraquara, Janeiro de 1938.

MOTA COQUEIRO

2- COQUEIRO, Mota. Tu-tuca-tutuca. *Revista de Cultura*, a. 12, v. 23, nº 133. Rio de Janeiro: s/e, jan.-jun. 1938, p. 245-247. CPLC.

Fotocópia do texto publicado:

Tu-tuca-tutuca

O tupi-guarani tem uma raíz *tu,* que envolve ideia de choque, golpe, bater, dar pancada e de queda brusca, como a da água nos saltos (1).

Tem também uma raíz, averbada por Montoya e Batista Caetano sob as formas de *tŷ* e *tî* respectivamente, com sentido de ponta, puncionar, bater com objecto ou utensílio *manejado de ponta* (embora não fure). Esta raíz, nunca reproduzida com exatidão na fala dos colonizadores europeus — incapazes de proferir o respectivo fonema vogal naso-gutural — tem sido sempre, ou quase sempre representada na língua-geral por *tu*. Dêstes factos resultou a perfeita convergência gráfica e fonética de ambas na linguagem actual.

Aliás parece que os próprios índios já permutavam entre elas as duas raízes quando usadas na acepção de bater, em que são quase equivalentes :—comparem-se em Batista Caetano as definições de *tî* e de *cutú*, e leia-se o que informa s. vcb. *quitig*.

Por outro lado, o fonema *t*, inicial de ambas as raízes, pode aparecer em compostos transformado em *c* áspero ou *k*; igualmente podem elas agregar as posposições habituais das línguas americanas, e aparecer sob as formas de *tuc*, *tug*, *tuca*. Eu não estou inventando : — vejam-se nos vocabulários as palavras cutuc (2), cutug (3), tuca (4) e até tucá (5).

As variedades e ambigüidades dêste jaez, e dezenas de outras dos mais variados tipos, são a causa principal das hesitações

1) — Ver em Montoya, *Tesoro*, a definição de *tu*, n.º 6.

2) — «Picar, ferir com cousa de ponta, alfinetar.» *(Dicionário brasiliano e português ou da língua-geral*, in *Rev. do Museu Paulista*, vol. XVIII, s. vcb.).

3) — «Ferir, verrumar, puncionar.» (Montoya, *Tesoro*, s. vcb.).

4) — «Bater, chocar, topar.» (Pe. Tastevin, *Vocabulário tupi-português*, na *Rev. do Museu Paulista*, vol. XIII, s. vcb.).

5) — «Ferir, picar, bater.» (Batista de Castro, *Vocabulário tupi-guarani*, s. vcb.).

(Continuação)

e erronias a cada passo encontradiças na interpretação de brasileirismos procedentes das línguas americanas. O que porém aqui nos interessa é outra coisa.

Dos vocábulos tupi-guaranis *cutuc*, *cutug* (ou *kitic*, *kitig*) formou o povo brasileiro, com auxílio da desinência vernácula *ar*, um verbo *cutucar*, de que tirou o substantivo *cutucão*. Êstes termos, ainda hoje muito vivazes na língua popular do Brasil, conservam sem alteração os sentidos das vozes americanas aproveitadas; e já deram entrada nos dicionários portugueses.

As formas *catucar*, *catucão*, únicas averbadas por Amadeu Amaral, não são gerais em São-Paulo.

Os vocabulários da língua-geral consignam, como se viu, a voz *tuca*; e alguns averbam tambem o composto freqüentativo *tucá-tucá* ou *tucâ-tucâ* (6).

O que todavia nenhum consigna, que eu saiba, pelo que suponho não chegou a generalizar-se no Brasil, é a forma freqüentativa abreviada — *tutuca* — (7), de feitura perfeitamente conforme ao que nos ensina e exemplifica Stradelli a respeito do nheengatú (8).

O termo *tutuca*, hoje arcaizante, alcancei-o eu vivo e próspero (9) no interior de São-Paulo, ali pelos fins do século passado e começos do actual, e não figura no Vocabulário de Amadeu Amaral não sei porquê.

Contudo, é certo que qualquer provinciano paulista do meu tempo (e Amadeu Amaral era um dêles); qualquer paulista sexagenário de hoje sabe o que significa, ou significava, «fazer uma tutuca». Esta frase era de uso corrente para exprimir o acto ou a acção de duas, até três mucamas de serviço

---

6) — Ver o *Dicionário da língua-geral do Brasil*, na *Rev. trimensal do Instituto Hist. e Geogr. Bras.*, tomo LIV, e o já citado *Dicionário brasiliano e port.*, s. vcbs.).

7) — Um vocabulo homófono e homógrafo consignado por Gonçalves Dias, por Stradelli e pelo Pe. Tastevin tem sentido diterente e porventura outro étimo com que não atino.

8) — Conf. Mota Coqueiro, *Monografia da palavra araraquara*, 1937, p. 45, ou pag. 37-38 da 3ª ed., 1940.

9) — Chegou a produzir pelo menos um derivado, o verbo *tutucar* de que se serviu Júlio Ribeiro no seguinte passo da *A carne* (5.ª ed., 1911, pag. 124); — «Fora, a samba continuava; ouvia-se o tutucar dos atabaques, o estrupido surdo dos pés; sonoro, melancólico, plangente, repercutia o estribilho:

Eh! pomba! eh!»

C. de Figueiredo teve notícia da frase de Júlio Ribeiro, e nela se abonou para definir *erradamente* o verbo. A' distância em que se achava do dialecto paulista, pareceu ao vocabulista que *tutucar* era... «produzir som surdo». (Ver o *Novo Dicionário*, 4.ª edição).

(Continuação)

na cozinha, quando se reuniam em torno do pilão (10) para descascar o arroz da janta, quebrar o milho da cangica, ou triturar o xarque da paçoca, em trabalho um pouco áspero que por isso faziam em sociedade cooperativa.

Batiam então ou davam os golpes no mesmo ponto central do pilão, cada cooperante a seu turno, em compasso rigorosamente isócrono, manejando *de ponta* a mão-de-pilão em ordem sucessiva e continuada, como o indica a feição freqüentativa do admirável trissílabo descritivo.

O termo *tutuca* enquadra-se com perfeita justeza na ideia de «fazer uma coisa successive», ou «por muitas partes simul» de que nos fala Anchieta (11). Mas a morfologia do vocábulo não é a que devíamos esperar da lição do antigo mestre piratiningano ou da de Montoya (12) que com ela coincide: — é a que se usa actualmente no nheengatú e ali resulta de dois factos conjugados, um semântico e outro fonético, hipótese que não cabe nos exemplos apresentados pelos velhos jesuitas.

Parece, pois, que na vigência da língua-geral houve alteração no modo de ajustar os elementos vocabulares para lhes dar força de freqüentativos.

Araraquara, Março de 1938

MOTA COQUEIRO

---

10) — O pilão, no Brasil, corresponde ao gral, almofariz ou morteiro dos portugueses, se é que estas palavras podem bem traduzir aquela. Em Portugal, o pilão é o que nós outros brasileiros chamamos ou chamávamos a mão-de-pilão, isto é, o soquete empregado no infalível móvel das cozinhas do tempo do Império, hoje desconhecido ou quase da mocidade urbana brasileira.

11) — *Arte*, ed. de Lípsia, 1874, pag. 74.

12) — *Arte*, ed. do V. de Porto Seguro, 1876, pag. 52.

3 - COQUEIRO, Mota. Giboia. *Revista de Cultura*, a. 12, v. 24, nº 140. Rio de Janeiro: s/e, jul.-dez. 1938, p. 72-75. CPLC.

Fotocópia do texto publicado:

GIBOIA

A onomástica geral da língua tupi-guarani é de uma propriedade e de um rigor descritivo deveras impressionante.

Os autores brasileiros e estrangeiros que dela se têm ocupado, quase sempre se referem a isso; mas poucas vezes atendem com o devido cuidado à importante circunstância, quando interpretam os actuais nomes geográficos ou outros, importados na nossa língua através da chamada língua-geral (tupi degenerado, que durante séculos foi falado pelas camadas populares nos centros urbanos, e tantas vezes o alterou por influência de leis fonéticas portuguesas).

Um excelente exemplo dêsse descuido dos autores nos oferecem as múltiplas interpretações dadas ao nome da serpente giboia *(Constrictor constrictor)*. Vamos fazer aqui uma pequena revista da literatura existente a tal respeito — e ver-se-á que até agora ninguém se entendeu, e talvez ninguém acertou.....

Comecemos por citar um dos grandes etimólogos da nossa língua: o Sr. Gonçalves Viana. Êste autor *(Apostilas*, 2.º vol., vcb. *jiboia)* assim se exprime: — «Como em tupi êste vocábulo tem a forma *mboi*» (os mestres também erram...) «é natural que a feição que êle tomou em português seja devida a um plural *jimboia*, fabricado por escravos, que para o Brasil fossem levados de Angola, pois em quimbundo é com o prefixo *ji* que se pluralizam os nomes tomados de outras línguas;....»

Von Martius *(Glossaria*, pag. 459) ensina isto: — «Jiboya — serpens Boa cenchria. *Jub-boya* procumbens, aut *Gia-boya* ranaria serpens.»

Teodoro Sampaio (*O tupi na geografia nacional*, s. vcb.) admite na primeira ed. o étimo *yi-boi*, no sentido de cobra dágua; na terceira ed., reforma aquêle parecer, e aventura o composto *gihi-boi*, que traduz por «cobra de rãs», acercando-se muito do voto de von Martius, de quem poucas vezes se animou a divergir.

O Sr. Rodolfo Garcia, nas suas eruditas notas à obra de Fernão Cardim *(Tratados da terra e gente do Brasil*, Rio, 1925, pág. 116), opina dêste teor: — «Os autores explicam o nome tupi

(Continuação)

yibói por cobra dágua ou de pau; atendendo a que a giboia é serpente terrestre, parece-nos melhor étimo o que, por similhança, a compare com o pau.»

O Sr. Afrânio do Amaral (*Boletim do Museu Nacional*, vol. 2.º, n.º 2, pág. 24), depois de se referir às interpretações de Teodoro Sampaio e do Pe. Teschauer, faz uma judiciosa crítica de ambas as hipóteses, que repele, e propõe *yĭ-boi*, isto é, «cobra grossa, ou resistente, ou tenaz.»

O parecer do Pe. Teschauer, com que não concordou o Dr. Afrânio e eu também não concordo, encontra-se no seu *Novo Vocabulário Nacional*, 1923, e está reproduzido no *Novo Dicionário Nacional*, 1928. E' o mesmo de von Martius e de Teodoro Sampaio na terceira ed. da obra dêste. Devemos notar de passagem que o Pe. Teschauer não adoptou grafia uniforme para o termo tupi designativo da rã: é assim que, s. vcb. *gia*, escreve *juy* e s. vcb. *giboia* escreve *gyi*.

O Sr. Rodolfo von Ihering, em artigo de crítica à terceira ed. do livro de Teodoro Sampaio (*Boletim do Museu Nacional*, vol. XI, n.º 3-4, pág. 61), deixa transparecer o seu voto contrário à ideia de rã, embora nem ali, nem no seu *Dicionário dos animais do Brasil* (*Boletim de agricultura*, São-Paulo, 1934, pág. 432) nos dê opinião própria sobre o étimo do vocábulo.

O Sr. Batista de Castro (*Vocabulário tupi-guarani*, Rio, 1936), s. vcb. *gihiboy*, limita-se a escrever: — «cobra que se alimenta de rãs.» Averba também a forma *yiboi*, que define: — «giboia, o conhecido ofídio.» Não se arrisca a interpretar o termo.

Na obra póstuma de Afonso de Freitas, *Vocabulário nheengatú*, São-Paulo, 1936, lê-se (pág. 121): — «*Giboia*, ofídio anfíbio, de *y*, água; *ibi*, terra; *mboi*, cobra: *y-ibi-boia*, contraído em *giboia* pela permuta do *y* em *g* (?!!), pela redução de *ibi* em *i* e pela queda do *m* inicial do étimo *mboi* (igual a *mboia*), cobra da água e da terra, cobra anfíbia.» Depois desta complicada hermenêutica, informa que «é geral e divulgada a definição de — cobra martelo — como tradução de *gy*, martelo, e *mboi*, cobra.» E dando razões baseadas no conhecimento prático que tinha da língua dos aborígenes, acha êste étimo inaceitável.

Analisadas as oito ou nove interpretações passadas em revista, verifica-se que:

— o prefixo pluralizador angolês *ji* (o mais aventuroso vôo etimológico jamais empreendido pelo grande lingüista portu-

(Continuação)

guês), anteposto ao elemento tupi *boia*, aplicável a qualquer espécie da ordem dos ofídios, não especificaria serpente nenhuma;

— o elemento descritivo *jub* (melhor *yub*) tem o mesmíssimo e grave defeito, pois que é horizontal ou procumbente a posição normal de todas as serpentes; e quanto à giboia alimentar-se de rãs, é pura fantasia de etimólogos, inteiramente contrária à verdade dos factos;

— *yi-boi*, cobra da água ou de pau, é tambem inaceitável. A giboia «chega a ter aversão à água, senão para efeitos de bebida», como teve a bondade de me informar o distinto ofiólogo Dr. Afrânio do Amaral; e não vejo porquê se pareça melhor com pau do que outra qualquer serpente de cores apagadas, o sucuri por ex.;

— *yĩ-boi*, cobra tenaz, grossa ou resistente, com muito melhores fundamentos aplicaria o gentio para nome dêste último ofídio do que para caracterizar a giboia;

— *y-ibi-boia*, cobra anfíbia, não se coaduna com os hábitos restritamente terrestres e arborícolas da serpente;

— finalmente, *gy-boia*, cobra-martelo, talvez nascesse para fins... humorísticos.

Assim, nenhuma das traduções propostas pode caber unicamente à giboia, e algumas lhe desconvêm decididamente.

— Em que ficamos então? — inquirirá decerto o leitor já enfastiado.

— Entendo que podemos, por em quanto, ficar na seguinte explicação: — O termo *giboia* não pode ser genuinamente tupi, porque, além de outras razões (q. v. em Gonçalves Dias, *Dicionário da língua tupi*, vcb. *boya*), esta língua carece inteiramente do fonema representado em português por gê brando ou jota. Temos, pois, de reconhecer que o vocábulo foi alterado na sua evolução através da língua-geral.

Ora, acontece que a giboia, quando atacada pelo homem (ou simplesmente em face do perigo), assume ríspida atitude de defesa, e emite repetidamente um sopro ou sibilo (que os ingleses chamam *hiss*, e nós chamamos *silvo*), o qual sôa aos nossos ouvidos mais ou menos — *gii* —. Êste silvo da giboia irritada é de observação tão comum e invariável, que qualquer empre-

(Continuação)

gado do Butantan o pode atestar e eu próprio já o testemunhei por vezes na vida livre do boídeo em São-Paulo.

Nas zonas em que à giboia cabe êste nome, nenhuma outra serpente dá igual ou semelhante mostra de irritação (salvo erro de informação: pessoalmente só conheço, e mal, a fauna ofiológica de São-Paulo). Dada, porém, a exclusividade dêsse carácter, êle será um óptimo distintivo específico. E o índio, na sua sábia nomenclatura descritiva, serviu-se da onomatopeia (que para êle não podia ser *gii*, mas podia ser *yi*, *yĩ* ou *hii*) para formar o nome que, ao passar para a língua-geral e para o português, deu a forma *giboia*, isto é, serpente que faz *gii*.

E' uma hipótese, de certo. Dirão os competentes se ela nasceu viável.

Araraquara, julho de 1938.

MOTA COQUEIRO

L - Correio Popular – Araraquara

1- COQUEIRO, Mota. Febre amarela. *Correio Popular*. Araraquara, 5 fev. 1950, p. 1. Página de jornal, CPLC.

Cópia do texto publicado:

Febre Amarela

MOTA COQUEIRO

A conselho de um amigo, reproduzo aqui (palavras mais, palavras menos), a parte do meu trabalho estampada no «Correio Popular» em Dezembro 1945 e Janeiro 1946, que o autor do "Album de Araraquara", 1948, suprimiu na transcrição que fez no dito «Album».

Esse pedaço do meu trabalho, suprimido, sem ciência nem consentimento meu, é o seguinte:

Em 14 de Agosto de 1881 um clinico e cientista cubano, o Dr. Carlos Finlay (que hoje bem nos merece o nome de *sábio)*, em sessão da Academia de Ciências Médicas de Havana, denunciou o *Culex mosquito*, mais tarde denominado *Stegomyia fasciata* e hoje *Aedes aegypti*, como hospedeiro e transmissor do virus da febre amarela.

Denunciou o após experiências realizadas *in anima nobile*: fizera mosquitos daquela espécie picar doentes de «vómito negro», endêmico na ilha, e alguns dias depois levou-os a picar 24 individuos sãos, dos quais, passado um periodo de incubação, cerca de 5 dias, 11 apresentaram sintomas da doença, tendo um morrido. (Ver Cesar Pinto, *Arthrópodos parasitos e transmissores de doenças*, Rio, 1930, vol. 2.o, pag. 684).

Não bastou, porém, essa energica demonstração para convensser e movimentar a higiene pública de Cuba, muito menos a dos outros paises interessados. Porquê?

—Porque além da velha rotina, que atribuia aos «miasmas» ou a outros factores cerebrinos o terrivel morbo, outra dificaldade se superpunha: —os supostos habitos de vida *diurna* do mosquito incriminado arredava-o da suspeita dos higienistas, todos convencidos, por observações clinicas como por lições acadêmicas, de que só contraia a doença quem se expunha *de noite* a ambiente perigoso.

Aliás este último facto era pacificamente admitido em Araraquara, e os munícipes aqui detidos por interesses inadiáveis ou irremoviveis, se tinham meios retiravam-se da cidade à tarde e pernoitavam fóra.

Mas aconteceu que em 1900 o exercito americano, que ocupava a ilha de Cuba em consequência da guerra entre a Espanha e os Estados Unidos, entrou a pagar pesado tributo de vidas à febre-amarela. Diante disso, o comando do serviço sanitário da tropa nomeou e trouxe para a ilha uma comissão de higienistas para o estudo e a profilaxia do mal, a qual comissão ficou composta de Walter Reed, James Carrol, Aristides Agromonte e Jesse Lazear (este último entrou para a eternidade como mártir da ciência, pois contraiu o mal e faleceu).

Armados de imensos recursos, instalaram os comissionados seus laboratórios e mais dependências em Quemados, a poucos quilómetros de Havana, e em Junho de 1900 puseram-se a trabalhar.

Desde logo, impunha-se retomar as experiências de Finlay, havia dois decênios esquecidas e abandonadas. Tanto mais que, no transcurso desses decênios, grande carga de culpas foi provada por Laveran, Ross e outros contra os mosquitos hematófagos.

A comissão americana todavia, apesar da rigorosissima técnica que lhe permitiam os récursos de que dispunha, não conseguiu mais do que confirmar as afirmações de Finlay. E, dando enérgico combate ao pernilongo criminoso, em pouco tempo varreu do exército e da ilha o tifo icteroide.

Mais tarde, isto é, em 1903, o director do serviço sanitário do Estado de São Paulo, Dr. Emilio Ribas, ainda a braços com epidemias de "febre reinante" em vários centros urbanos, resolveu organizar uma comissão de peritos que demonstrassem aos incréus (que ainda os havia) a intervenção «necessária» do *Stegomyia* na transmissão da febre, e que estudassem outros factos obscuros da etiologia do mal.

A comissão ficou integrada por ele próprio, por Adolpho Lutz, director do Instituto Bacteriológico, Luis Pereira Barreto, anteriormente partidário e pregador da chamada teoria hídrica, Adriano de Barros e João da Silva Rodrigues.

A demonstração foi feita: *tres* dos *seis* voluntarios que se deixaram picar por *Stegomyias* previamente alimentados com sangue de doentes da "febre reinante", apresentaram alguns dias depois os sintomas dela. Golpe mortal nas teimas escolásticas dos miasmas e das águas poluidas de micróbios...

Há gente que, de vez em quando, afirma que foi o Dr. Emilio Ribas o descobridor do intermédio do mosquito na propagação da febre amarela. Mas isso é... patriotismo.

Mais ou menos ao tempo em que Emilio Ribas comfirmava em São Paulo os resultados a que havia chegado os pesquisadores de Havana, uma comissão de médicos e bacteriologistas, nomeada e custeada pelo governo francês, composta de Marchoux, Salimbeni e Simond, chegava a idênticos resultados no Rio de Janeiro, e verificava outros factos de grande interesse em epidemiologia do tifo icteroide.

Verificou, por exemplo, que só é infectante o mosquito que picou doente antes de a moléstia ter entrado no quarto dia da respectiva evolução; que, quando injectado sob a pele de pessoa sã, o soro sanguineo de amarelento-não é mais infectante, desde o quarto dia após o aparecimento dos primeiros sintomas mórbidos, seja qual for a temperatura do fornecedor do soro.

Como corolário, anunciou a comissão que a febre amarela só é contagiosa nos três primeiros dias de sua evolução no organismo humano. Já se sabia, deste as experiências de Havana (1901), que no organismo do mosquito requerem se uns doze dias para que o virus ingerido se torne contaminante. Tais prazos fatais concorrem muito para as dificuldades de aceitação das verdades anunciadas por Finlay.

A maior dificuldade, porém, foi outra, aprioristica, mas sedutora: —foi a admissão geral de que o *Aedes aegypti* é mosquito de actividade *diurna*, ao passo que os focos infecciosos não oferecem *quase* nenhum perigo durante o dia.

A esta dificuldade pôs termo a mesma comissão francesa, quando verificou em 1906 que a fêmea do *Aedes aegypti* (só a fêmea é hematofaga), para fazer a sua primeira refeição sanguinea, ataca o homem quer de dia, quer de noite. Depois, porém, desse primeiro repasto, e da desova resultante, passa a alimentar-se *somente de noite*, (conferir a *Encyclopaedia Britannica*, 13.a edição, 1926, vol. 28, pag. 911).

Foi ainda a Comissão Marchoux que, em 1906 sob os céus cariocas, desvendou o mistério daquele *quase*, tornado imcompreensivel a quem lê com atenção os periodos supra. Verificou a comissão que o virus amarilico permanece vivo no organismo do *Aedes* durante o resto da vida deste, e é transmissivel à respectiva prole por via hereditária. (*Encyclopaedia Britannica*, loc. cit.)

Sei, porque li num exemplar do *Boletim* que a *Oficina Cientifica Pan-americana* distribuiu em 1929 ou 1930, que a comissão Rockfeller em exercicio naqueles anos na Nigéria (A'frica), sob a direção de Stokes, Bauer e outros, confirmou as observações de Marchoux, e ampliou-as ao verificar que a transmissão do virus por via hereditária atinge a terceira geração do mosquito infectado pela via gastrica. Extraviou-se-me o citado exemplar do *Boletim*, mas eu já tinha feito uma apostila marginal na pag. 694 do meu volume da obra de Cesar Pinto, da qual apostila me servi agora.

Aqui têm os
plicação dos c
marela contraíd
vector, infectad
ditária, será já
de o seu prime
este ele poder
de seus instin
rante o dia.

28 de j

B.1.3 Lista das Fichas de Estudo (7232 fichas)

1 - REFERÊNCIAS A - DIVISÓRIA.JPG
1- JOÃO GASPAR SIMÕES.JPG
10, 11, 12, 13 - ESCRITORES - DIVISÓRIA.JPG
100 (SEM TÍTULO).JPG
100 - ESCRITORES BRASILEIROS E PORTUGUESES COMPARADOS.JPG
100 - ESCRITORES EM GERAL.JPG
100 - GENERALIDADES INFORMAÇÕES - FICHA SUMÁRIO.JPG
102 - CAMILO E A ESCOLA REALISTA.JPG
102 - CAMILO E A ORTOGRAFIA.JPG
102 - CAMILO - NÓDOAS DE LINGUAGEM.JPG
102 - CAMILO - POLEMISTA VIOLENTÍSSIMO.JPG
102 - CAMILO A.JPG
102 - CAMILO APRECIAÇÃO DE SANTO TIRSO.JPG
102 - CAMILO B.JPG
102 - CAMILO C.JPG
102 - CAMILO CASTELO BRANCO.JPG
102 - CAMILO COM RECORTE - DETALHE A.JPG
102 - CAMILO COM RECORTE - DETALHE B.JPG
102 - CAMILO COM RECORTE - DETALHE C.JPG
102 - CAMILO COM RECORTE.JPG
102 - CAMILO GALICISTA.JPG
102 - CAMILO IDIOTA.JPG
102 - CAMILO RECORTE ANEXO.JPG
102 - CAMILO SARCÁSTICO E SATÍRICO.JPG
102 - CAMILO, PITANGA, GOIABADA.JPG
102 - CAMILO, SEM EXAGEROS DE ROMANTISMO.JPG
102 - CAMILO.JPG
103 - CÂNDIDO DE FIGUEIREDO.JPG
104 - FERNÃO MENDES PINTO (2).JPG
104 - FERNÃO MENDES PINTO A.JPG
104 - FERNÃO MENDES PINTO B.JPG
104 - FERNÃO MENDES PINTO E SEUS CARAPETÕES.JPG
104 - FERNÃO MENDES PINTO.JPG
104 - FERNÃO MENTES   MINTO (2).JPG
104 - FERNÃO MENTES - MINTO.JPG
104 - FERNÃO MENTES MINTO (FRENTE).JPG
104 - FERNÃO MENTES MINTO 3.JPG
104 - FERNÃO MENTES MINTO 2 (2).JPG
104 - FERNÃO MENTES MINTO 2 - VERSO (2).JPG
104 - FERNÃO MENTES MINTO 2 - VERSO .JPG
106 - CASTILHO (2).JPG
106 - CASTILHO - APRECIAÇÕES DE ALBERTO FARIA.JPG
106 - CASTILHO E A LÍNGUA POPULAR PLEBEIA.JPG
106 - CASTILHO IDIOTA (HUMPF!!) (2).JPG
107 - GARRETT - COM RECORTE DE JORNAL.JPG
107 - GARRETT - DESTAQUE PARA O RECORTE DE JORNAL.JPG
107 - GARRETT.JPG

108 - ORTOGRAFIA - REFORMA DA COMISSÃO DO PORTO.JPG
118 - CAMÕES A.JPG
118 - CAMÕES AS OBRAS COM QUE AMOR....JPG
118 - CAMÕES.JPG
118 - OBRAS COM QUE AMOR MATOU DE AMORES - CAMÕES.JPG
121 - AMADEU AMARAL.JPG
121 - AMADEU AMARAL A.JPG
121 - AMADEU AMARAL E OS LUSÍADAS.JPG
121 - AMADEU AMARAL.JPG
122 - AFRANIO PEIXOTO - CAMÕES.JPG
122 - AFRÂNIO PEIXOTO.JPG
125 - ALBERTO FARIA.JPG
126 - PE. ANTÓNIO VIEIRA.JPG
127 - AGOSTINHO DE CAMPOS 2.JPG
127 - AGOSTINHO DE CAMPOS E A LÍNGUA DO BRASIL.JPG
127 - AGOSTINHO DE CAMPOS E ALCIDES BEZERRA.JPG
127 - AGOSTINHO DE CAMPOS.JPG
127 - IDIOMA BRASILEIRO (2).JPG
127 - IDIOMA BRASILEIRO.JPG
127 - ÓDIO - VAIDADE E ORTOGRAFIA.JPG
129 - MONTEIRO LOBATO.JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE (2).JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE (FRENTE).JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE (VERSO).JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE - 1949 (FRENTE).JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE 2 (2).JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE 2 .JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE 2.JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE 3.JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE 4.JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE 5 - COM RECORTE DE JORNAL (VERSOJPG.JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE 5 - COM RECORTE DE JORNAL(FRENTE).JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE 5.JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE E SUA LINGUAGEM - PARTE 1.JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE E SUA LINGUAGEM - PARTE 2.JPG
130 - MÁRIO DE ANDRADE.JPG
131 - PE. SIMÃO DE VASCOMCELOS.JPG
131 - PE. SIMÃO DE VASCONCELOS 2.JPG
131 - P - PE SIMÃO DE VASCONCELOS.JPG
132 - HUMBERTO DE CAMPOS (COM RECORTE DE JORNAL) - (FRENTE).JPG
132 - HUMBERTO DE CAMPOS (COM RECORTE DE JORNAL) - (VERSO).JPG
132 - HUMBERTO DE CAMPOS 2 (COM RECORTE DE JORNAL) - (FRENTE).JPG
132 - HUMBERTO DE CAMPOS.JPG
139 - MEDEIROS E ALBUQUERQUE.JPG
139 - SILVIO DE ALMEIDA.JPG
139 - VICTOR HUGO.JPG
139 - ALBERTO FARIA (2).JPG
139 - ALBERTO FARIA.JPG
139 - ARTHUR NEIVA (FRENTE).JPG

139 - ARTHUR NEIVA (VERSO).JPG
139 - ARTHUR NEIVA - CUTUCAR (FRENTE).JPG
139 - ARTHUR NEIVA - CUTUCAR (VERSO).JPG
139 - GIL VICENTE 2.JPG
139 - GIL VICENTE 3.JPG
139 - GIL VICENTE.JPG
139 - HÃI HÃI HAU HAU HÃO HÃO - GIL VICENTE.JPG
139 - JORGE FERREIRA 2.JPG
139 - JORGE FERREIRA.JPG
139 - JÚLIO DE MESQUITA.JPG
139 - M - MEDEIROS E ALBUQUERQUE.JPG
139 - MARIA AMÉLIA VAZ DE CARVALHO.JPG
139 - S - SILVIO DE ALMEIDA.JPG
139 - SANTO-THYRSO.JPG
139 - SÍLVIO DE ALMEIDA 2.JPG
139 - V - VICTOR HUGO.JPG
139 - VISCONDE DE SANTO-THYRSO (ZENO).JPG
14, 15, 16, 17 - - F - FILÓLOGOS - DIVISÓRIA.JPG
14, 15, 16, 17 - FILÓLOGOS - DIVISÓRIA 2.JPG
14, 15, 16, 17 - F - FILÓLOGOS - DIVISÓRIA.JPG
140 - A FILOLOGIA EM PORTUGAL - VALOR DOS SEUS HOMENS - NOMES.JPG
140 - F - FILÓLOGO.JPG
140 - FILÓLOGO E LINGUISTA OU GLOTÓLOGO.JPG
140 - FILÓLOGO.JPG
140 - GLOTÓLOGO - FILÓLOGO.JPG
140 - LINGUISTA - FILÓLOGO.JPG
141 - C. DE FIGUEIREDO.JPG
141 - C. FGR.DO E A ORTOGRAFIA QUE PROPUGNOU.JPG
141 - C. FIGR.DO 2.JPG
141 - C. FIGR.DO 3 (FRENTE).JPG .JPG
141 - C. FIGR.DO 3 (VERSO).JPG .JPG
141 - C. FIGR.DO 4 (FRENTE).JPG .JPG
141 - C. FIGR.DO 4 (VERSO).JPG .JPG
141 - C. FIGR.DO 5.JPG
141 - C. FIGR.DO E A REFÓRMA ORTOGRÁFICA PORTUGUÊSA.JPG
141 - C. FIGR.DO, SUA IGNORÂNCIA, SUA MÁ FÉ, SUA LEVIANDADE.JPG
141 - C. FIGR.DO.JPG
141 - CÂNDIDO DE FIGR.DO APRECIADO POR SOUSA DA SILVEIRA.JPG
141 - CÂNDIDO DE FIGUEIREDO (FRENTE).JPG
141 - CÂNDIDO DE FIGUEIREDO (VERSO).JPG
141 - CÂNDIDO DE FIGUEIREDO (VÊ OS NºS 240).JPG
141 - CÂNDIDO DE FIGUEIREDO E A ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.JPG
141 - CÂNDIDO DE FIGUEIREDO... E O GERÚNDIO.JPG
141 - CÂNDIDO DE FIGUEIREDO.JPG
142 - 1 - JOÃO RIBEIRO... INCERTO, INSEGURO, LEVIANO, ODIENTO (FRENTE).JPG
142 - 1 - JOÃO RIBEIRO... INCERTO, INSEGURO, LEVIANO, ODIENTO (VERSO).JPG

142 - 2 - JOÃO RIBEIRO (CONTINUAÇÃO DA FICHA 142-1 AQUI AO LADO) - (FRENTE).JPG
142 - 2 - JOÃO RIBEIRO (CONTINUAÇÃO DA FICHA 142-1 AQUI AO LADO) - (VERSO).JPG
142 - 3 - JOÃO RIBEIRO (CONTINUAÇÃO DA FICHA 142-2 AQUI AO LADO).JPG
142 - 3 - JOÃO RIBEIRO - V. TAMBÉM A FICHA 414 - JOAO RIBEIRO E OS GALICISMOS.JPG
142 - JIQUITINHONHA - TAMANDUAGUAÇU.JPG
142 - JOÃO RIBEIRO - FILÓLOGOS.JPG
142 - JOÃO RIBEIRO VERSUS JOÃO RIBEIRO.JPG
142 - ORTOGRAFIA - FILARMÔNICA E JOÃO RIBIERO.JPG
142 - ORTOGRAFIA E JOÃO RIBEIRO.JPG
143 - DUARTE NUNES DE LIÃO.JPG
144 - J. LEITE DE VASCONCELOS 2.JPG
144 - J. LEITE DE VASCONCELOS 3.JPG
144 - J. LEITE DE VASCONCELOS 4.JPG
144 - J. LEITE DE VASCONCELOS 5.JPG
144 - J. LEITE DE VASCONCELOS.JPG
145 - JÚLIO RIBEIRO.JPG
146 - BARBOSA LEÃO.JPG
147 - MÁRIO BARRETO - A MELHOR OBRA DE FAUSTO BARRETO.JPG
147 - MÁRIO BARRETO 2.JPG
147 - MÁRIO BARRETO 3 (FRENTE).JPG
147 - MÁRIO BARRETO 3 (VERSO).JPG
147 - MÁRIO BARRETO 3.JPG
147 - MÁRIO BARRETO 4 (FRENTE).JPG
147 - MÁRIO BARRETO 4 (VERSO).JPG
147 - MÁRIO BARRETO 5.JPG
147 - MÁRIO BARRETO 6.JPG
147 - MÁRIO BARRETO 7.JPG
147 - MÁRIO BARRETO 8.JPG
147 - MÁRIO BARRETO E NEOLOGISMOS 2.JPG
147 - MÁRIO BARRETO E NEOLOGISMOS.JPG
147 - MÁRIO BARRETO.JPG
148 - O PROFESSOR CARNEIRO.JPG
15- - JÚLIO MOREIRA.JPG
154 - DONA CAROLINA MICHAELIS (FRENTE) .JPG
162 - EVARISTO LEONI .JPG
164 - DONA CAROLINA MICHAELIS - (VERSO) .JPG
164 - SILVA RAMOS - .JPG
164 - SILVA RAMOS - FILÓLOGOS.JPG
166 - J. J. NUNES (JOSÉ JOAQUIM NUNES).JPG
166 - J. J. NUNES.JPG
166 - JOSÉ J. NUNES (FRENTE).JPG
166 - JOSÉ J. NUNES (VERSO).JPG
167 - MÁRIO MARROQUIM - A LÍNGUA DO NORDESTE, S. PAULO, 1934.JPG
168 - PADBERG DRENKPOL 2.JPG
168 - PADBERG DRENKPOL.JPG
169 - MANUEL DE PAIVA BOLÉO.JPG

169 - M - MANUEL DE PAIVA BOLÉO.JPG
170 - JOAQUIM DA SILVEIRA.JPG
170 - VERSO - JOAQUIM SILVEIRA CONTINUAÇÃO.JPG
170 - J - JOAQUIM DA SILVEIRA (VERSO).JPG
170 - J - JOAQUIM DA SILVEIRA - (FRENTE).JPG
171 - REBELO GONÇALVES.JPG
171 - 2 - R - REBELO GONÇALVES.JPG
171 - R - REBELO GONÇALVES.JPG
171 - REBELO GONÇALVES. SÓ TÍTULO 2.JPG
171 - REBELO GONÇALVES. SÓ TÍTULOJPG.JPG
179 - AFONSO TAUNAY.JPG
179 - BATISTA CAETANO.JPG
179 - CLAUDIO BASTO.JPG
179 - EDUARDO CARLOS PEREIRA.JPG
179 - JOSÉ INÊS LOURO.JPG
179 - RODOLFO VON HERING.JPG
179 - RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA.JPG
179 - JOSÉ MARIA RODRIGUES.JPG
179 - JOSÉ PEDRO MACHADO.JPG
179 - A - AFONSO TAUNAY.JPG
179 - B - BATISTA CAETANO DE ALMEIDA NOGUEIRA.JPG
179 - B - BATISTA CAETANO.JPG
179 - BATISTA CAETANO FICHA 2.JPG
179 - BATISTA CAETANO.JPG
179 - C - CHARLES BALLY (1865 - 1947).JPG
179 - C - CLAUDIO BASTO.JPG
179 - CHARLES BALLY.JPG
179 - E - EDUARDO CARLOS PEREIRA.JPG
179 - EDUARDO CARLOS PEREIRA.JPG
179 - J - JOSÉ INÊS LOURO.JPG
179 - J - JOSÉ MARIA RODRIGUES.JPG
179 - J - JOSÉ PEDRO MACHADO.JPG
179 - JOSÉ INÊS LOURO.JPG
179 - JOSÉ MARIA RODRIGUES.JPG
179 - JÚLIO NOGUEIRA VERSUS JÚLIO NOGUEIRA.JPG
179 - LÉS (DE LÉS A LÉS).JPG
179 - NOGUEIRA - RODRIGO DE SÁ.JPG
179 - R - RODOLPHO VON IHERING.JPG
179 - R - RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA.JPG
179 - RODOLPHO IHRERING.JPG
179 - RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA.JPG
179 - SÁ NOGUEIRA.JPG
18 - ORADORES - DIVISÓRIA 2.JPG
18 - ORADORES - DIVISÓRIA.JPG
19 - C - CIENTISTAS - DIVISÓRIA.JPG
19 - C - CIENTISTAS.JPG
19 - CIENTISTAS - DIVISÓRIAS.JPG
191 - DR OLIVÉRIO PINTO.JPG
191 - OLIVÉRIO PINTO.JPG

192 - HIPOLITO.JPG
192 - ARTHUR NEIVA (FRENTE).JPG
192 - HIPÓLITO.JPG
199 - JÚLIO DE MESQUITA.JPG
2 - REFERÊNCIAS - LÍNGUAS, OBRAS, FACTOS - DIVISÓRIA.JPG
2 - REFERÊNCIAS - MINHAS, DE OUTREM - DIVISÓRIA.JPG
20 - GENERALIDADES SOBRE AS LÍNGUAS, ESPECIALMENTE A PORTUGUESA - DIVISÓRIA 2.JPG
20 - GENERALIDADES SOBRE AS LÍNGUAS, ESPECIALMENTE A PORTUGUESA.JPG
200 - FIXAR A LÍNGUA.JPG
200 - VOZ DOS ANIMAIS EM PORTUGUÊS.JPG
200 - A LINGUAGEM NÃO DEPENDE DA VONTADE (FRENTE).JPG
200 - A LINGUAGEM NÃO DEPENDE DA VONTADE - (VERSO).JPG
200 - A LINGUAGEM NÃO DEPENDE DA VONTADE - FRENTE.JPG
200 - A LINGUAGEM NÃO DEPENDE DA VONTADE - VERSO.JPG
200 - A LINGUAGEM NÃO DEPENDE DA VONTADE.JPG
200 - A LINGUAGEM.JPG
200 - A LÍNGUA PORTUGUESA NO JAPÃO.JPG
200 - A LÍNGUA PORTUGUESA SUA IMPORTÂNCIA E EXTENSÃO (2).JPG
200 - APRENDER A LÍNGUA.JPG
200 - ARIANO-INDO-EUROPEU.JPG
200 - ESTUDAR A LÍNGUA.JPG
200 - EXCELÊNCIAS DA LING. PORT..JPG
200 - EXCELÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA.JPG
200 - F - FIXAR A LÍNGUA.JPG
200 - FIXAR A LÍNGUA - FRENTE.JPG
200 - FIXAR A LÍNGUA - VERSO.JPG
200 - GENERALIDADES SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA.JPG
200 - HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.JPG
200 - HISTÓRIA DA LÍNGUA.JPG
200 - INDO-EUROPEU - LÍNGUA - ARIANO INDO-EUROPEU.JPG
200 - LÍNGUA PORTUGUESA (2).JPG
200 - LÍNGUA PORTUGUESA (HISTÓRIA DELA).JPG
200 - LÍNGUA PORTUGUESA.JPG
200 - NOTÍCIA DE TORTO (TEXTO DO SÉC. XIII).JPG
200 - O ÃO NA LÍNGUA PORTUGUESA.JPG
200 - OS CANCIONEIROS.JPG
200 - PARA APRENDER A LÍNGUA.JPG
200 - RIQUEZA DA LÍNG PORT - GENERALIDADES.JPG
200 - SUPERIORIDADES E EXCELÊNCIAS DA LÍNGUA PORT. - EXCELENCIAS.JPG
200 - VOZ DOS ANIMAIS - VARIEDADE DE DESIGNATIVOS EM PORTUGUÊS.JPG
201 - O USO CONTINUAÇÃO.JPG
201 - FILÓLOGO, GRAMÁTICO OU LINGUISTA.JPG
201 - POLDRAS.JPG
201 - FACTOS DA NOSSA LINGUA.JPG
201 - FACTOS.JPG

201 - FÍGADO OU FIGÁDO.JPG
201 - O POVO, CLÁSSICO DE RESPEITO.JPG
201 - O POVO, CONSERVADOR DA LÍNGUA.JPG
201 - 2 - LINGUAGEM SIMPLES, CHÃ - LINGUAGEM EMPOLADA, AFECTADA 2 (FRENTE).JPG
201 - 2 - LINGUAGEM SIMPLES, CHÃ - LINGUAGEM EMPOLADA, AFECTADA 2 (VERSO).JPG
201 - A EVOLUÇÃO DA LÍNGUA E SEU EFEITO NA VIDA INDIVIDUAL DO VELHOS - CONTINUAÇÃO.JPG
201 - A EVOLUÇÃO DA LÍNGUA E SEU EFEITO NA VIDA INDIVIDUAL DO VELHOS - FRENTE.JPG
201 - A EVOLUÇÃO DA LÍNGUA E SEU EFEITO NA VIDA INDIVIDUAL DO VELHOS - VERSO.JPG
201 - A GRAMÁTICA E A LÍNGUA.JPG
201 - A LÍNGUA E A ANÁLISE LÓGICA.JPG
201 - A LÍNGUA INDIVIDUAL.JPG
201 - ANÁLISE LÓGICA - A LÍNGUA.JPG
201 - AS GRAMÁTICAS E OS FACTOS DA LÍNGUA - FRENTE.JPG
201 - AS GRAMÁTICAS E OS FACTOS DA LÍNGUA - VERSO.JPG
201 - CANTIGA OU CÂNTIGA - OS FACTOS.JPG
201 - CLÁSSICO - QUAL É O AUTOR CLÁSSICO.JPG
201 - DIACRONIA.JPG
201 - EMBURULHADA 2.JPG
201 - EMBURULHADA.JPG
201 - EMBURÚIO.JPG
201 - ENTREMETER - ENTREMETIDO.JPG
201 - ENTREMETER.JPG
201 - ENTREMETIDO.JPG
201 - ESTENDARTE 2.JPG
201 - ESTENDARTE.JPG
201 - ESTILO E GRAMÁTICA - A GRAMÁTICA E A LÍNGUA.JPG
201 - ESTILÍSTICA E GRAMÁTICA.JPG
201 - EVOLUÇÃO DA LÍNGUA E ESTILO.JPG
201 - EVOLUÇÃO DA LÍNGUA E SEUS EFEITOS NA VIDA INDIVIDUAL DOS VELHOS.JPG
201 - F - FILÓLOGO, GRAMÁTICO OU LINGUISTA.JPG
201 - F - FÍGADO OU FIGÁDO.JPG
201 - FACTOS DA LÍNGUA - RECORTE A.JPG
201 - FACTOS DA LÍNGUA - RECORTE B.JPG
201 - FACTOS DA LÍNGUA - RECORTE C.JPG
201 - FACTOS DA LÍNGUA - RECORTE D.JPG
201 - FACTOS DA LÍNGUA - RECORTE E.JPG
201 - FACTOS DA LÍNGUA - RECORTE F.JPG
201 - FACTOS DA LÍNGUA - RECORTE.JPG
201 - FACTOS DA LÍNGUA.JPG
201 - FACTOS DA NOSSA LÍNGUA.JPG
201 - FACTOS.JPG
201 - GRAMÁTICO, FILÓLOGO OU LINGÜISTA - FACTOS DA NOSSA.JPG
201 - LINGUA ESCRITA E LÍNGUA LITERÁRIA.JPG

201 - LINGUAGEM LITERÁRIA E LINGUAGEM POPULAR.JPG
201 - LINGUAGEM POPULAR (FRENTE) -COM RECORTE DE JORNAL.JPG
201 - LINGUAGEM POPULAR (VERSO) - COM RECORTE DE JORNAL.JPG
201 - LINGUAGEM POPULAR, LINGUAGEM ERUDITA.JPG
201 - LINGUAGEM SIMPLES, CHÃ - LINGUAGEM EMPOLADA, AFECTADA (FRENTE).JPG
201 - LINGUISTA, GRAMÁTICO OU FILÓLOGO - FACTOS DA NOSSA....JPG
201 - LÍ NGUA ERUDITA E LÍNGUA POPULAR.JPG
201 - LÍNGUA COMUM OU GERAL E LÍNGUA ESPECIAL.JPG
201 - LÍNGUA CORRENTE E LIÍNGUA SCIENTÍFICA OU TÉCNICA.JPG
201 - LÍNGUA CORRENTE E LÍNGUA ESPECIAL.JPG
201 - LÍNGUA E ANÁLISE.JPG
201 - LÍNGUA E ESTILO.JPG
201 - LÍNGUA E GRAMÁTICA - A GRAMÁTICA E A LÍNGUA.JPG
201 - LÍNGUA ESCRITA - COISAS DIVERSAS - LÍNGUA LITERÁRIA OU ESCRITA E LÍNGUA FALADA.JPG
201 - LÍNGUA ESCRITA E LÍNGUA FALADA - 203 - QUAL (VERSO).JPG
201 - LÍNGUA ESCRITA E LÍNGUA FALADA - CONTINUAÇÃO.JPG
201 - LÍNGUA ESCRITA E LÍNGUA LITERÁRIA.JPG
201 - LÍNGUA FALADA E ESTILO.JPG
201 - LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA.JPG
201 - LÍNGUA FALADA E OUTRAS A.JPG
201 - LÍNGUA FALADA E OUTRAS.JPG
201 - LÍNGUA GERAL E LÍNGUA ESPECIAL.JPG
201 - LÍNGUA INDIVIDUAL.JPG
201 - LÍNGUA LITERÁRIA E OUTRAS MODALIDADES DE UM MESMO IDIOMA.JPG
201 - LÍNGUA POPULAR - LÍNGUA ERUDITA.JPG
201 - MAS PORÉM.JPG
201 - MÍOPE OU MIÓPE.JPG
201 - O - O POVO CLÁSSICO DE RESPEITO.JPG
201 - O - O POVO É CLÁSSICO.JPG
201 - O - O USO - FRENTE.JPG
201 - O - O USO - VEM DE OUTRA FICHA 201.JPG
201 - O - O USO - VERSO.JPG
201 - O - ORDENÁRIO - ORDINÁRIO.JPG
201 - O POVO CONSERVADOR NA LÍNGUA.JPG
201 - O POVO É CLÁSSICO.JPG
201 - O USO VERSO.JPG
201 - O USO.JPG
201 - ORDENÁRIO.JPG
201 - ORDENÁRIOS.JPG
201 - ORDINÁRIO - ORDENÁRIO.JPG
201 - OS CLÁSSICOS - QUAIS SÃO ELES (FRENTE).JPG
201 - OS CLÁSSICOS - QUAIS SÃO ELES (VERSO).JPG
201 - OS CLÁSSICOS.JPG
201 - OS FACTOS A.JPG
201 - OS FACTOS.JPG
201 - P - PALAVRAS POPULARES - PALAVRAS ERUDITAS.JPG

201 - P - PLEBEÍSMOS LUSITANOS.JPG
201 - P - POLDRAS.JPG
201 - P - PUNISMO.JPG
201 - PALAVRAS ERUDITAS E PALAVRAS POPULARES.JPG
201 - PALAVRAS POPULARES.JPG
201 - PLEBEISMOS LUSITANOS.JPG
201 - POEDRAS.JPG
201 - PURISMO 2.JPG
201 - PURISMO.JPG
201 - R - RESPLANDOR - RESPLENDOR.JPG
201 - RESPLANDOR A.JPG
201 - RESPLANDOR.JPG
201 - RESPLENDOR - RESPLANDOR.JPG
201 - SINCRONIA - SINCRONISMO.JPG
201 - TERMOS POPULARES E ERUDITOS.JPG
201 - UNTAR COM UNTO.JPG
201 - VOCABULÁRIO ERUDITO E VOCABULÁRIO POPULAR - PALAVRAS POPULARES.JPG
201 -EMBRULHO.JPG
201 -LINGUAGEM SIMPLES, CHÃ - LINGUAGEM EMPOLADA, AFECTADA (VERSO).JPG
202 - FIGUEIRA.JPG
202 - INFLUÊNCIAS PROFUNDAS DO TUPI.JPG
202 - A - ANCHIETA AVARIMANDUAVA - FRENTE.JPG
202 - A - ANCHIETA AVARIMANDUAVA - VERSO.JPG
202 - A - ARAXÁ PORQUE XÁ EM VEZ DE ÇÁ.JPG
202 - ANCHIETA - AVARÈMANDUAVA.JPG
202 - ARAXÁ.JPG
202 - BITU - VITU.JPG
202 - BITU OU VITU (FRENTE).JPG
202 - BITU OU VITU (VERSO).JPG
202 - COMER FORMIGA - SAÚVA, A FORMIGA....JPG
202 - F - FIGUEIRA.JPG
202 - HOMÓFONOS (PARÓNIMOS).JPG
202 - HOMÓFONOS OU PARÔNIMOS DE SENTIDO DIVERSO E OPOSTO.JPG
202 - INFLUÊNCIAS PROFUNDAS DO TUPI NO PORTUGUÊS DA AMAZÔNIA.JPG
202 - IMBUÁ - AMBUÁ.JPG
202 - IMBUÁ.JPG
202 - INFLUÊNCIA DO TUPI NA LÍNGUA AMAZÔNICA - INFLUÊNCIAS.JPG
202 - IÇÁ - TANAJURA.JPG
202 - LINGUA GERAL - TUPI ESCRITO.JPG
202 - LÍNGUA DOS INCAS - O QUICHÚA.JPG
202 - MIMBABO - XERIMBABO.JPG
202 - MIMBÁBO - XERIMBÁBO.JPG
202 - NATURA - SOCAUNA.JPG
202 - O - O QUICHUA - LÍNGUA DOS INCAS.JPG
202 - O TUPI ESCRITO OU LÍNGUA GERAL.JPG
202 - O TUPI ESCRITO.JPG
202 - O TUPI.JPG

202 - PE. JOSÉ DE ANCHIETA 2.JPG
202 - PE. JOSÉ DE ANCHIETA.JPG
202 - PE. JOÃO D'ASPILCUETA NAVARRO 2.JPG
202 - PE. JOÃO D'ASPILCUETA NAVARRO.JPG
202 - PE. LUIS FIGUEIRA (FRENTE).JPG
202 - PE. LUIS FIGUEIRA (VERSO).JPG
202 - PE. LUÍS FIGUEIRA.JPG
202 - PERMUTA DE SENTIDOS.JPG
202 - QUICHUA.JPG
202 - RANA (R BRANDO).JPG
202 - RANA - R BRANDO.JPG
202 - SAÚVA - A FORMIGA.JPG
202 - SOCAUNA.JPG
202 - T - TUPI NO AMAZONAS - INFLUÊNCIAS.JPG
202 - TANAJURA.JPG
202 - TAPORU - TAPURU.JPG
202 - TAPURU OU ITAPIRU FRENTE.JPG
202 - TAPURU OU ITAPIRU VERSO.JPG
202 - TAPURU OU TAPIRU.JPG
202 - TATAURÃ - TATORANA.JPG
202 - TATOURANA.JPG
202 - TUPI ESCRITO OU LÍNGUA GERAL.JPG
202 - TUPI.JPG
202 - TUPIS - TUPI-GUARANI.JPG
202 - URINDIUVA.JPG
202 - VITU - BITU.JPG
202 - XERIMBABO - MIMBABO.JPG
203 - MEL, MEL DE FURO, MELADO.JPG
203 - A - A LÍNGUA BRASILEIRA - FICHA ANEXA A ARQUIVO DE JORNAL HOMÔNIMO.JPG
203 - A - ARTE MODERNA - GENERALIDADES.JPG
203 - A LÍNGUA HERDADA E A UNIDADE DA PÁTRIA NA REPÚBLICA ARGENTINA (COM RECORTE DE JORNAL).JPG
203 - A LÍNGUA NA CONSTITUINTE DE 1946.PNG
203 - A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL - A METRÓPOLE DA LÍNGUA.JPG
203 - A SEMANA DE ARTE MODERNA - RECORTE DE JORNAL.JPG
203 - A SEMANA DE ARTE MODERNA .JPG
203 - AGOSTINHO DE CAMPOS E A LÍNGUA BRASILEIRA.JPG
203 - AGOSTINHO DE CAMPOS.JPG
203 - ANQUEIRA, RABO-DE-TATU.JPG
203 - AÍVA - DOCUMENTO ANEXO.JPG
203 - AÍVA FRENTE.JPG
203 - AÍVA VERSO COM ANEXO.JPG
203 - AÍVA.JPG
203 - B - BOLSA CAPANGA EMBORNÁ - EMBORNAL - BOCÓ.JPG
203 - B - BOLSA CAPANGA EMBORNÁ EMBORNAL - DOCUMENTO ADICIONAL À FICHA.JPG
203 - B - BOLSA CAPANGA EMBORNÁ EMBORNAL.JPG
203 - BOLSA.JPG

203 - CAPANGA - BOLSA.JPG
203 - CARLOS TESCHAUER - NOVO VOCABULÁRIO NACIONAL - 1923.JPG
203 - CARÍCIA DE AGRADO - SOLINA.JPG
203 - D - DIALECTO BRASILEIRO - SURRÃO AMPLO ETC.JPG
203 - D - DIALECTO BRASILEIRO - UM MATIZ BRASILEIRO- FRENTE.JPG
203 - D - DIALECTO BRASILEIRO - UM MATIZ BRASILEIRO- VERSO.JPG
203 - D - DIALECTO BRASILEIRO.JPG
203 - D - DIALECTOS - O INDO-PORTUGUÊS.JPG
203 - D- DIALECTO BRASILEIRO - UM MATIZ BRASILEIRO- VERSO.JPG
203 - DIALECTO BRASILEIRO - UM MATIZ BRASILEIRO - FRENTE.JPG
203 - DIALECTO BRASILEIRO OU UNIDADE DA LÍNGUA.JPG
203 - DIALECTO BRASILEIRO.JPG
203 - DIALECTO CAIPIRA OU PAULISTA.JPG
203 - DIALECTOS BRASILEIROS 2.JPG
203 - DIALECTOS BRASILEIROS.JPG
203 - DIALECTOS.JPG
203 - EMBORNAL.JPG
203 - EVOLUÇÃO DAS LÍNGUAS.JPG
203 - JÁ - DIALECTOS.JPG
203 - L - LÍNGUA BRASILEIRA - FICHA ANEXA A ARTIGO HOMÔNIMO O ESTADO DE SÃO PAULO - 8-7-1935.JPG
203 - LINGUA BRASILEIRA 4.JPG
203 - LINGUA HERDADA - A UNIDADE.JPG
203 - LINGUA HERDADA E A UNIDADE DA PÁTRIA - DA REPÚBLICA ARGENTINA - A LÍNGUA.JPG
203 - LINGUAS GERAIS = PLANTAS DE ESTUFA - A UNIDADE.JPG
203 - LITERATURA BRASILEIRA E LITERATURA PORTUGUESA.JPG
203 - LITERATURA PORTUGUESA - BRASILEIRA (FRENTE).JPG
203 - LITERATURA PORTUGUESA - BRASILEIRA (VERSO).JPG
203 - LITERATURA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA.JPG
203 - LOMBEIRA - RABO DE TATU.JPG
203 - LOUCA - RABO DE TATU.JPG
203 - LÍNGUA BRASILEIRA - DIALECTO BRASILEIRO.JPG
203 - LÍNGUA BRASILEIRA - MENOTTI DEL PICCHIA.JPG
203 - LÍNGUA BRASILEIRA - NÃO.JPG
203 - LÍNGUA BRASILEIRA 2.JPG
203 - LÍNGUA BRASILEIRA 3.JPG
203 - LÍNGUA BRASILEIRA 4.JPG
203 - LÍNGUA BRASILEIRA.JPG
203 - LÍNGUA DO BRASIL, QUAL É.JPG
203 - LÍNGUA E POLÍTICA - A UNIDADE.JPG
203 - LÍNGUA ESCRITA E LÍNGUA FALADA - QUAL (VERSO).JPG
203 - LÍNGUA NA CONSTITUINTE DE 1946.JPG
203 - LÍNGUA PORTUGUESA - GARANTIA DA UNIDADE NACIONAL BRASILEIRA.JPG
203 - LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL.JPG
203 - M - MEL, MEL DE FURO, MELADO.JPG
203 - M - MELADO.JPG
203 - MATIZ PRÓPRIO DO PORTUGUÊS DO BRASIL.JPG

203 - MEL, MELADO - MEL DE FURO.JPG
203 - O DIALECTO BRASILEIRO.JPG
203 - O DIALECTO DO INTERIOR DE S. PAULO - SUA ESTRUCTURA E FEIÇÃO.JPG
203 - O PORTUGUÊS NO BRASIL.JPG
203 - P - PATRIOTISMO LINGUÍSTICO.JPG
203 - PATRIOTISMO LINGUÍSTICO.JPG
203 - PITAR (FRENTE).JPG
203 - PITAR (VERSO).JPG
203 - PORTGUÊS NO BRASIL - NÃO O SABEMOS.JPG
203 - PORTUGUÊS DE PORTUGAL E DO BRASIL.JPG
203 - PORTUGUÊS NO BRASIL.JPG
203 - POSTIÇO, FILHO POSTIÇO, MÃE POSTIÇA (VERSO) - COM RECORTE DE JORNAL.JPG
203 - PROPUGNADORES DA UNIDADE DA LÍNGUA - UNIDADE.JPG
203 - QUAL É A LÍNGUA DO BRASIL (FRENTE).JPG
203 - QUAL É A LÍNGUA DO BRASIL (VERSO).JPG
203 - RABO DE TATU.JPG
203 - RABO-DE-TATU. LONCA. TRIPA. LOMBEIRA. ANQUEIRA..JPG
203 - ROMANO OU RUMENO.JPG
203 - ROMENO OU RUMENO.JPG
203 - RUMENO OU ROMENO.JPG
203 - SEMANA DE ARTE MODERNA - COM RECORTE.JPG
203 - SEMANA DE ARTE MODERNA - RECORTE.JPG
203 - SEMANA DE ARTE MODERNA.JPG
203 - SOLINA - CARÍCIA DE AGRADO.JPG
203 - SOLINA.JPG
203 - SURRÃO AMPLO - DIALECTO BRAS. - SURSÃO.JPG
203 - T - TRIPA - RABO DE TATU.JPG
203 - T - TUPI E PORTUGUÊS DO BRASIL.JPG
203 - U - UNIDADE DA LÍNGUA LUSO BRASILEIRA.JPG
204 - FONÉTICA.JPG
204 - EVOLUÇÃO SEMANAL DA LÍNGUA NO BRASIL.JPG
204 - ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.JPG
204 - ACADEMIA BRASILERIA DE LETRAS.JPG
204 - DIALECTAÇÃO - DIALECTOS.JPG
204 - DIALECTAÇÃO - LÍNGUAS DERIVADAS.JPG
204 - F - FONÉTICA - DIALECTAÇÃO.JPG
204 - FABRICAÇÃO DE LÍNGUA (2).JPG
204 - FABRICAÇÃO DE LÍNGUA A.JPG
204 - FABRICAÇÃO DE LÍNGUA.JPG
204 - LEIS LINGUÍSTICAS (CF. AS FICHAS SOB LEIS FONÉTICAS).JPG
204 - LEIS LINGUÍSTICAS.JPG
204 - LIBERTAÇÃO DA LÍNGUA - SEPARATISMO.JPG
204 - LINGUÍSTICA E SCIÊNCIAS FÍSICO-NATURAIS.JPG
204 - PURGATÓRIO LINGÜÍSTICO - A FASE DOS DIALECTOS.JPG
204 - REFORMAR A LÍNGUA.JPG
204 - SEPARATISMO LINGUÍSTICO 2 (FRENTE) .JPG
204 - SEPARATISMO LINGUÍSTICO 2 (VERSO) .JPG

204 - SEPARATISMO LINGUÍSTICO.JPG
21 - OBRAS LITERÁRIAS E SCIENTÍFICAS - DIVISÓRIA.JPG
21 - OBRAS LITERÁRIAS E SCIENTÍFICAS 2 - DIVISÓRIA.JPG
21 - SÓ A VISTA.JPG
211 - ANAIS DO 1º CONGRESSO DA LÍNGUA CANTADA.JPG
211 - ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO DA LÍNGUA NACIONAL CANTADA - S. PAULO, 1938.JPG
211 - ARTE DE FURTAR.JPG
211 - AS EMENDAS AO CÓDIGO CIVIL .JPG
211 - AS METAMORFOSES DE OVÍDIO - TRAD. DE CASTILHO (FRENTE) .JPG
211 - AS METAMORFOSES DE OVÍDIO - TRAD. DE CASTILHO (VERSO) .JPG
211 - CANCIONEIRO DO VATICANO OU VATICANA.JPG
211 - CINCO MIL PALAVRAS NOS LUSÍADAS.JPG
211 - EMENDAS AO CÓDIGO CIVIL.JPG
211 - LUSÍADAS.JPG
211 - METAMORFOSES - OVÍDIO - CASTILHO.JPG
211 - METAMORFOSES DE OVÍDIO - CASTILHO.JPG
211 - OS LUSÍADAS 2.JPG
211 - OS LUSÍADAS.JPG
211 - RUI BARBOSA - OBRAS QUE REVIU.JPG
211 - RUI BARBOSA - QUAIS SEJAM AS OBRAS QUE REVIU....JPG
211 - SERMÕES SELECTOS DO PADRE VIEIRA.JPG
211 - SERMÕES SELECTOS, DE VIEIRA.JPG
218 - OS POSSESSIVOS SEU SUA E A AMBIGUIDADE.JPG
22 - GRAMÁTICAS - DIVISÓRIA.JPG
22 - GRAMÁTICAS - LÍNGUA E GRAMÁTICA - DIVISÓRIA.JPG
220 - A GRAMÁTICA E A LÍNGUA - A LÍNGUA E A LÓGICA.JPG
220 - A GRAMÁTICA E A LÍNGUA 2.JPG
220 - A GRAMÁTICA E A LÍNGUA 3.JPG
220 - A GRAMÁTICA E A LÍNGUA.JPG
220 - A PRIMEIRA GRAMÁTICA PORTUGUESA E AS QUE SE LHE SEGUIRAM.JPG
220 - AS GRAMÁTICAS E OS FACTOS, A FALA DIÁRIA....JPG
220 - GRAMÁTICA - GENERALIDADES - LACUNAS.JPG
220 - GRAMÁTICA E LÍNGUA.JPG
220 - GRAMÁTICAS - GENERALIDADES.JPG
220 - GRAMÁTICAS PORTUGUESAS 2.JPG
220 - GRAMÁTICAS PORTUGUESAS.JPG
220 - GRAMÁTICOS .JPG
220 - LÍNGUA E GRAMÁTICA.JPG
220 - LÓGICA E LÍNGUA.JPG
220 - OS GRAMÁTICOS.JPG
221 - EDUARDO CARLOS PEREIRA 2.JPG
221 - EDUARDO CARLOS PEREIRA.JPG
221 - FREIRE DA SILVA - GRAMÁTICA PORTUGUÊSA.JPG
221 - RIBEIRO DE VASCONCELLOS - GRAMÁTICA HISTÓRICA.JPG
222 - CALDEIRÕES - CAMALEÕES - FRENTE (2).JPG
23 - DICIONÁRIOS, VOCABULÁRIOS, GLOSSÁRIOS, OBRAS FILOLÓGICAS - DIVISÓRIA.JPG

230 - DICIONÁRIOS - LACUNAS.JPG
230 - DICIONÁRIOS NÃO CRIAM SIGNIFICADOS.JPG
230 - INFORMAÇÕES.JPG
230 - OS DICIONÁRIOS APRECIADOS POR CAMILO.JPG
230 - OS DICIONÁRIOS.JPG
230 - OS DICONÁRIOS NÃO DÃO NEM TIRAM SIGNIFICADOS.JPG
230 - SENTIDO - OS DICIONÁRIOS NÃO CRIAM, AVERBAM.JPG
230 - SIGNIFICADOS - OS DICS. NÃO CRIAM, REFEREM.JPG
231 - EPIGONO.JPG
231 - PEQUENINO.JPG
231 - ADEQÚA.JPG
231 - A SCIÊNCIA DA LINGUAGEM E OS DICIONÁRIOS PORTUGUESES.JPG
231 - ANÉLIDOS VERTEBRADOS.JPG
231 - ANÉLIDOS,,, VERTEBRADOS.JPG
231 - APIEDAR - APIADAM.JPG
231 - APIEDAR - APIEDAM - APIADAM.JPG
231 - DIC. COMTEMP. 2 (FRENTE).JPG
231 - DIC. COMTEMP. 2 (VERSO).JPG
231 - DIC. COMTEMP..JPG
231 - DIC. CONTEMPORÂNEO.JPG
231 - DIC. DA ACAD. BRAS. DE LETRAS.JPG
231 - DIC. DA ACADEMIA (PORTUGUESA).JPG
231 - DIC. DE MORAES - AINDA HOJE O MAIS AUTORIZADO DA LÍNGUA.JPG
231 - DIC. DE MORAES 2.JPG
231 - DIC. DE MORAES.JPG
231 - DIC. ETIMOLÓGICO DE ANT. NASCENTES.JPG
231 - DICIONÁRIOS - COMO SE COPIAM UNS AOS OUTROS.JPG
231 - DICIONÁRIOS E SCIÊNCIA DA LINGUAGEM.JPG
231 - DICIONÁRIOS EM GERAL - DICIONÁRIOS PORTUGUESES (2).JPG
231 - DICIONÁRIOS EM GERAL - DICIONÁRIOS PORTUGUESES .JPG
231 - DICIONÁRIOS EM GERAL - DICIONÁRIOS PORTUGUESES A.JPG
231 - DICIONÁRIOS EM GERAL - DICIONÁRIOS PORTUGUESES.JPG
231 - DICIONÁRIOS PORTUGUESES.JPG
231 - DICIONÁRIOS.JPG
231 - E - EPÍGONO - EPIGNO.JPG
231 - GABALAU - GALALAU.JPG
231 - GENERO... SINGULAR.JPG
231 - GÊNERO SINGULAR DE SUBSTANTIVOS.JPG
231 - HIPOCAFOSE.JPG
231 - HIPOCOFOSE.JPG
231 - MANGUARI.JPG
231 - MORAES - COM RECORTE DE JORNAL.JPG
231 - MORAES - DIC. (FRENTE) .JPG
231 - MORAES - DIC. (VERSO) .JPG
231 - NOMES.JPG
231 - O DIC. DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.JPG
231 - O MORAES E AS FORMAS CRIAR E CREAR.JPG
231 - O NOVO DIC A.JPG
231 - O NOVO DIC B.JPG

231 - O NOVO DIC C.JPG
231 - O NOVO DIC D.JPG
231 - O NOVO DIC.JPG
231 - OOTECA - SIMÕES DA FONSECA.JPG
231 - ORTOGRAFIA DO DIC CONTEMP DIC CONTEMP.JPG
231 - OS DICIONÁRIOS DA LÍNGUA.JPG
231 - PALMO DE 12 POLEGADAS.JPG
231 - PALMO DE DOZE POLEGADAS.JPG
231 - PAREDRO (FRENTE).JPG
231 - PAREDRO (VERSO).JPG
231 - PAREDRO.JPG
231 - SCIÊNCIA DA LINGUAGEM E DICIONÁRIOS.JPG
231 - SIMÕES DA FONSECA - DIC. ENC. DA LÍNGUA PORTUGUESA (VERSO).JPG
231- SIMÕES DA FONSECA - DIC. ENC. DA LÍNGUA PORTUGUESA (FRENTE).JPG
232 - 233 - GLOSSÁRIOS E VOCABULÁRIOS APRECIADOS.JPG
232 - A LÍNGUA PORTUGUESA, VOL. I, VOL. II.JPG
232 - A TOMÁS PIRES.JPG
232 - AFONSO DE FREITAS.JPG
232 - AFONSO TAUNAY (FRENTE).JPG
232 - AFONSO TAUNAY (VERSO).JPG
232 - AFRÂNIO AMARAL.JPG
232 - AFRÂNIO PEIXOTO 2.JPG
232 - AFRÂNIO PEIXOTO.JPG
232 - ALBERTO BESSA.JPG
232 - ALBERTO FARIA.JPG
232 - ALVARO DE AZEVEDO.JPG
232 - ALVES PEREIRA.JPG
232 - AMADEU AMARAL.JPG
232 - ANTENOR NASCENTES.JPG
232 - AZEVEDO MARQUES.JPG
232 - BARBOSA RODRIGUES.JPG
232 - BATISTA CAETANO.JPG
232 - BEAUREPAIRE ROHAN.JPG
232 - BELLEGARDE.JPG
232 - BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA.JPG
232 - CAPISTRANO DE ABREU.JPG
232 - CARDIAL SARAIVA.JPG
232 - CARLOS A. MONTEIRO DO AMARAL.JPG
232 - CARLOS GOES.JPG
232 - CARLOS SPITZER.JPG
232 - CAROLINA MICHAÉLIS.JPG
232 - CASTRO LOPES.JPG
232 - CHICHORRO DA GAMA.JPG
232 - CLÓVIS MONTEIRO - PORTUGUÊS DA EUROPA E PORTUG. DA AMÉRICA, P. 114.JPG
232 - CORNÉLIO PIRES.JPG
232 - CORUJA (ANTº ALVARES PEREIRA).JPG
232 - CÂNDIDO DE FIGUEIREDO.JPG

232 - CÂNDIDO LUSITANO.JPG
232 - DAISSON (A.).JPG
232 - DALGADO (MONSENHOR).JPG
232 - DELAMARE E GARNIER - V. GARNIER.JPG
232 - DICIONÁRIO GRAMATICAL - JOÃO RIBEIRO.JPG
232 - DICIONÁRIO GRAMATICAL DE JOÃO RIBEIRO.JPG
232 - DUARTE NUNES DO SIÃO.JPG
232 - EVARISTO LEONI.JPG
232 - F. ALVES PEREIRA.JPG
232 - FARIA (ALBERTO) - VER ALBERTO.JPG
232 - FERNANDO BRAGA BARREIROS.JPG
232 - FERNANDO NERY.JPG
232 - FERNÃO MENDES PINTO.JPG
232 - FIRMINO COSTA.JPG
232 - FONSECA E ROQUETTE.JPG
232 - FONSECA LEBRE.JPG
232 - FR. JOÃO DE SOUSA.JPG
232 - FRANCISCO BERNARDINO DE DOUSA.JPG
232 - FRANCISCO JOSÉ FREIRE.JPG
232 - GARNIER & DELAMARE.JPG
232 - GONÇALVES DIAS.JPG
232 - GONÇALVES VIANA.JPG
232 - GRANADA.JPG
232 - HERÁCLITO GRAÇA.JPG
232 - J. J. NUNES.JPG
232 - JACQUES RAIMUNDO.JPG
232 - JOHN LUCCOCK.JPG
232 - JOSÉ DIOGO RIBEIRO.JPG
232 - JOSÉ VERÍSSIMO.JPG
232 - JOÃO MENDES.JPG
232 - JOÃO RIBEIRO (O DIC. GRAM.).JPG
232 - JÚLIO MOREIRA.JPG
232 - LEITE DE VASCONCELOS.JPG
232 - LÉXICO DE LACUNAS - TAUNAY.JPG
232 - MACEDO SOARES.JPG
232 - MARTIUS.JPG
232 - MAURÍCIO DAS NEVES.JPG
232 - MENDES PINTO - V. FERNÃO.JPG
232 - MONTOYA.JPG
232 - MOREIRA PINTO.JPG
232 - NELSON DE SENNA.JPG
232 - O GLOSSÁRIO DE CARDEAL SARAIVA.JPG
232 - O GLOSSÁRIO LUSO-ASIÁTICO DE MS DALGADO.JPG
232 - OSVALDO VERGARA.JPG
232 - OTHONIEL MOTTA.JPG
232 - P. A. PINTO.JPG
232 - PAULINO B. VIEIRA.JPG
232 - PINHEIRO DOMINGUES.JPG
232 - PLÁCIDO BARBOSA.JPG

232 - POMBINHO JUNIOR.JPG
232 - PONTES DE MIRANDA.JPG
232 - RAMIZ GALVÃO.JPG
232 - RAUL PEDERNEIRAS.JPG
232 - RAYMUNDO MAGALHÃES.JPG
232 - RAYMUNDO MORAES.JPG
232 - RENATO MENDONÇA.JPG
232 - REVISTA DE PHILOLOGIA E DE HISTORIA, VOL. I.JPG
232 - RODOLFO GARCIA.JPG
232 - RODOLFO VON HERING.JPG
232 - RUI BARBOSA.JPG
232 - SERAFIM VIEIRA DE ALMEIDA - V. PAULINO B. VIEIRA.JPG
232 - SILVA TULLIO.JPG
232 - SOLIDÔNIO LEITE.JPG
232 - SOUSA DA SILVEIRA.JPG
232 - STRADELLI.JPG
232 - TENENTE AFONSO DO PAÇO.JPG
232 - VALDOMIRO SILVEIRA.JPG
232 - VOCABULÁRIO DE BAPTISTA CAETANO.JPG
232 - VOCABULÁRIO DO CANCIONEIRO DA AJUDA - C. MICHAELIS.JPG
232- BATISTA DE CASTRO.JPG
233 - IMPEDIR.JPG
233 - APOSTILAS AOS DICS PORTS DE G VIANA - FRENTE.JPG
233 - APOSTILAS AOS DICS PORTS DE G VIANA - VERSO.JPG
233 - APOSTILAS AOS DICS. PORTS. - GONÇALVES VIANA.JPG
233 - DEMONSTRATIVOS (ESTE, ESSE, AQUELE, COMO E QUANDO USÁ-LOS).JPG
233 - DESPEDIR - LEXEOLOGIA.JPG
233 - ESTE, ÊSSE, AQUELE - DEMONSTRATIVOS 2.JPG
233 - ESTE, ÊSSE, AQUELE - DEMONSTRATIVOS.JPG
233 - IMPEDIR.JPG
233 - LEXEOLOGIA DO PORTUGUÊS HISTÓRICO - SAID ALI (FRENTE).JPG
233 - LEXEOLOGIA DO PORTUGUÊS HISTÓRICO - SAID ALI (VERSO).JPG
233 - LEXEOLOGIA DO PORTUGUÊS HISTÓRICO.JPG
233 - LIÇÕES DE FILOLOGIA - J. LEITE DE VASC..JPG
233 - LIÇÕES DE FILOLOGIA - LEITE DE VASCONCELOS.JPG
233 - O PROBLEMA DA COLOCAÇÃO DOS PRONOMES - C. FIGDO.JPG
233 - O PROBLEMA DA COLOCAÇÃO DOS PRONOMES 2.JPG
233 - ORIGEM E ORTOGRAPHIA - DUARTE NUNES DE LEÃO.JPG
233 - ORIGEM E ORTOGRAPHIA DA LÍNGUA PORTUGUEZA - DUARTE NUNES DE LEÃO.JPG
233 - P - PEDIR - LEXEOLOGIA.JPG
233 - PEDIR.JPG
233 - REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA - CÂNDIDO LUSITANO.JPG
233 - REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA.JPG
234 - ABRA, ABRAS (SUBSTANTIVO).JPG
234 - ACOSSADO.JPG
234 - ADOBAS.JPG
234 - FALEIXA.JPG

234 - PATA.JPG
234 - PECHISBEQUE.JPG
234 - PERERECAR.JPG
234 - PERGAMO.JPG
234 - A - ABRA, ABRAS (SUBSTANTIVOS).JPG
234 - ESTATIVA.JPG
234 - ESTOURO - ESTOURAR.JPG
234 - MEIRINHO.JPG
234 - MESCAMBILHAS.JPG
234 - MICER.JPG
234 - PAVÃO.JPG
234 - PEIXOTE.JPG
234 - PRANTARIA.JPG
234 - PÉRGULA.JPG
234 - REÇAGA - RETAGUARDA (VERSO).JPG
234 - A GIRIA ARCAIZANTE DE TROPEIROS E ARREEIROS DE TROPA.JPG
234 - ACOCHADO.JPG
234 - ACORÇOADO (2).JPG
234 - ACORÇOADO A.JPG
234 - ACORÇOADO.JPG
234 - ACOSSADO.JPG
234 - ADLATOS (2).JPG
234 - ADLATOS - A.JPG
234 - ADLATOS.JPG
234 - ADOBAR - ADOBADAS (2).JPG
234 - ADOBAR - ADOBADAS.JPG
234 - ADULFAS - ADUFAS (2).JPG
234 - ADULFAS - ADUFAS.JPG
234 - AGATANHAR - ENGATINHAR.JPG
234 - AGUAXADO.JPG
234 - AJAMBRADO - ENJAMBRADO, AZAMBRADO, ZAMBRO, CAMBAIO, PAPAGAIO, CAMBADA (FRENTE) .JPG
234 - AJAMBRADO - ENJAMBRADO, AZAMBRADO, ZAMBRO, CAMBAIO, PAPAGAIO, CAMBADA (VERSO) .JPG
234 - ALCOFAR.JPG
234 - ALFINETE - ALFANETE - SOMANA - SEMANA - - FRENTE (2).JPG
234 - ALFINETE - ALFANETE - SOMANA - SEMANA - VERSO.JPG
234 - ALIANÇAS.JPG
234 - ALICATRE = ALICATE.JPG
234 - ALUITAR - LUTAR.JPG
234 - AMARELIR-SE.JPG
234 - AMOR E... TATORANA - A TATARANA.JPG
234 - AMÔA - AMUA - COMUA.JPG
234 - ANCORETA - ANCOROTE.JPG
234 - ANCOROTE - ANCORETA - COROTE - FRENTE.JPG
234 - ANCOROTE - ANCORETA - COROTE - VERSO.JPG
234 - ANCOROTE.JPG
234 - ANTA 2.JPG
234 - ANTA.JPG

234 - APERTAR O LOTE.JPG
234 - APERTAR O TROTE - FRENTE.JPG
234 - APERTAR O TROTE - VERSO.JPG
234 - APTIXE A.JPG
234 - APTIXE.JPG
234 - AQUILOTAR - QUILOTAR.JPG
234 - ARABIADO.JPG
234 - ARAVIA.JPG
234 - ARRABIADO - ARABIADO.JPG
234 - ARREIOS (VER A FICHA 234 ARREEIRO OU ARRIEIRO).JPG
234 - ARRIBA.JPG
234 - ARRIEIRO - ARREEIRO.JPG
234 - ARTE MODERNA... A PINTURA (FRENTE) - ENVELOPE COM RECORTES FIXADO NO VERSO.JPG
234 - ASAVIA.JPG
234 - ATAIÁ CANGÁIA (TALHAR CANGALHAS).JPG
234 - ATEU - ATEIA.JPG
234 - ATÓLECA - ATÓLECO - ATÓLICO (FRENTE).JPG
234 - ATÓLECA - ATÓLECO - ATÓLICO (VERSO).JPG
234 - AUAS = ÁGUA, AUAS - FIBRA DE MADEIRA.JPG
234 - AURISAMITO.JPG
234 - AZAMBRADO - AJAMBRADO.JPG
234 - AZEIRO (2).JPG
234 - AZEIRO.JPG
234 - B - BRUGALHAU - BURGALHAU.JPG
234 - BAETA.JPG
234 - BAILIAGEM (2).JPG
234 - BAILIAGEM 2.JPG
234 - BAILIAGEM.JPG
234 - BALADEIRA (2).JPG
234 - BALADEIRA.JPG
234 - BALDA - BALDÃO (FRENTE).JPG
234 - BALDA - BALDÃO (VERSO).JPG - COMENTÁRIO SOBRE MÁRIO DE ANDRADE.JPG
234 - BALDA - BALDÃO.JPG
234 - BANDEJA - CINZEIRO - ASH TRAY.JPG
234 - BANDEJA = CINZEIRO.JPG
234 - BAPTISTÉRIO - CERTIDÃO DE BAPTISMO.JPG
234 - BAPTISTÉRIO.JPG
234 - BAREJA - VAREJA.JPG
234 - BARRUMA - VARRUMA.JPG
234 - BASSOURA 1.JPG
234 - BASSOURA.JPG
234 - BATER CARGA 2.JPG
234 - BATER CARGA.JPG
234 - BATISTÉRIO - BAPTISTÉRIO.JPG
234 - BELHÃO.JPG
234 - BERBICACHO - BARBICACHO.JPG
234 - BERBICACHO.JPG

234 - BERRUMA - VARRUMA.JPG
234 - BESSADAS (NÃO HÁ NOS DICS. QUE TENHO À MÃO) - (FRENTE).JPG
234 - BESSADAS (NÃO HÁ NOS DICS. QUE TENHO À MÃO) - (VERSO).JPG
234 - BESSADAS.JPG
234 - BILHÃO.JPG
234 - BIQUEIRA - PONTA-PÉ.JPG
234 - BIQUEIRA.JPG
234 - BISDONO 2.JPG
234 - BISDONO.JPG
234 - BOCÓ - BOGÓ.JPG
234 - BOCÓ.JPG
234 - BOCÓRIO - DE BOCA VERBAL.JPG
234 - BOCÓRIO = DE BOCA, VERBAL.JPG
234 - BRIQUITAR 2.JPG
234 - BRIQUITAR.JPG
234 - BRUACA - CAÇUÁ (FRENTE).JPG
234 - BRUACA - CAÇUÁ (VERSO).JPG
234 - BRUACA.JPG
234 - BRUNSWICK.JPG
234 - BRUXOLEAR OU BRUXULEAR.JPG
234 - BRUXULEAR OU BRUXOLEAR.JPG
234 - BULHÃO - SEIO DE LUAR (FRENTE).JPG
234 - BULHÃO.JPG
234 - BURGALHAU - BRUGALHAU - BURGALHÃO.JPG
234 - BURGALHAU.JPG
234 - BURGALHÃO - BURGALHAU.JPG
234 - BÚZIO.JPG
234 - CABAIS, SUBSTANTIVO - CABAL.JPG
234 - CABEÇADA.JPG
234 - CACIFRO.JPG
234 - CALMÂNDULAS (FRENTE).JPG
234 - CALMÂNDULAS (VERSO).JPG
234 - CAMBAPÉ - CANGAPÉ.JPG
234 - CAMBÁU.JPG
234 - CAMPEAR - BUSCAR.JPG
234 - CAMPEAR = BUSCAR, ESFORÇAR-SE POR ACHAR.JPG
234 - CANANEIA - CANANEU.JPG
234 - CANANEIA - NÃO ESTÁ NOS DICS.JPG
234 - CANANEU.JPG
234 - CANDIEIRO - CANDEEIRO (FRENTE).JPG
234 - CANDIEIRO - CANDEEIRO (VERSO).JPG
234 - CANDIEIRO.JPG
234 - CANHEMBORA .JPG
234 - CAPA DE CANGALHA - CAPAS E ARMAÇÕES.JPG
234 - CAPAS E ARMAÇÕES DAS CANGALHAS (FRENTE).JPG
234 - CAPAS E ARMAÇÕES DAS CANGALHAS (VERSO) .JPG
234 - CAPATAZ 2.JPG
234 - CAPATAZ.JPG
234 - CARACARÁ - POMBA CASCÁVEL.JPG

234 - CARANCHO - POMBA CASCÁVEL.JPG
234 - CARAZES - MANGARAZ.JPG
234 - CARCOMA, SUBST..JPG
234 - CARCOMA.JPG
234 - CARDA.JPG
234 - CARFOLOGIA - CARPHOLOGIA.JPG
234 - CARGA, MULA E ARREIOS PERDIDOS - LOTE.JPG
234 - CARGUEIRO 2.JPG
234 - CARGUEIRO.JPG
234 - CARNAL = CARNAZ 2.JPG
234 - CARNAL - CARNAZ.JPG
234 - CARONA (FRENTE).JPG
234 - CARONA (VERSO).JPG
234 - CARONA 2.JPG
234 - CARPHOLOGIA - LEXICOGRAFIA PORTUGUESA, INGLESA E ESPANHOLA (FRENTE) 1.JPG
234 - CARPHOLOGIA - LEXICOGRAFIA PORTUGUESA, INGLESA E ESPANHOLA (FRENTE) 2.JPG
234 - CARPHOLOGIA - LEXICOGRAFIA PORTUGUESA, INGLESA E ESPANHOLA (VERSO) 1.JPG
234 - CARPHOLOGIA - LEXICOGRAFIA PORTUGUESA, INGLESA E ESPANHOLA (VERSO) 2.JPG
234 - CARPHOLOGIA 2.JPG
234 - CARTÁCEO 2.JPG
234 - CARTÁCEO.JPG
234 - CARÊTA DE CAJÚ - CASTANHA DE CAJÚ.JPG
234 - CARÊTA DE CAJÚ.JPG
234 - CASCÁVEL - CASCAVEL - POMBA CASCÁVEL.JPG
234 - CASSEQUINS 2.JPG
234 - CASSEQUINS.JPG
234 - CASUARINA OU CASOARINA (FRENTE).JPG
234 - CASUARINA OU CASOARINA (VERSO).JPG
234 - CASUARINA.JPG
234 - CATAPRASMA 2.JPG
234 - CATAPRASMA.JPG
234 - CATRE.JPG
234 - CAVA - SEPULTURA.JPG
234 - CAVA = SEPULTURA.JPG
234 - CAVU - CAVUR.JPG
234 - CAVUR - CLÁMIDE.JPG
234 - CAVUR.JPG
234 - CAXINGUELÊ - CAXIXE - SERELEPE.JPG
234 - CAXINGUELÊ.JPG
234 - CAXIXE - CAXINGUELÊ.JPG
234 - CAÇUÁ - JACÁ.JPG
234 - CEDILHA - PLICA - ZEURA.JPG
234 - CERCILHO.JPG
234 - CETREIRO 2.JPG
234 - CETREIRO.JPG

234 - CHARQUE - XARQUE.JPG
234 - CHILENA - ESPORA GRANDE - A.JPG
234 - CHILENA - ESPORA GRANDE - COM ANEXO.JPG
234 - CHILENA - ESPORA GRANDE - TEXTO ANEXO.JPG
234 - CHILENA.JPG
234 - CHUCRO (FRENTE).JPG
234 - CHUCRO (VERSO).JPG
234 - CHÔÇA - MILHOS.JPG
234 - CIDADE 2.JPG
234 - CIDADE.JPG
234 - CIFRA - CERCILHO 2.JPG
234 - CIFRA - CERCILHO.JPG
234 - CILICINA 2.JPG
234 - CILICINA.JPG
234 - CINEMA - BONECOS MEXIDOS - MESCAMBILHAS.JPG
234 - CINZEIRO - BANDEJA.JPG
234 - CLAVUR - CLÁMIDE - SAMBARICAR - CLAVU - COM ANEXO.JPG
234 - CLAVUR - CLÁMIDE - SAMBARICAR - CLAVU - FICHA ANEXA A.JPG
234 - CLAVUR - CLÁMIDE - SAMBARICAR - CLAVU - FICHA ANEXA.JPG
234 - COLA - CAUDA - FRENTE.JPG
234 - COLA - CAUDA - VERSO.JPG
234 - COLA - CAUDA 2.JPG
234 - COMUA - COMÔA.JPG
234 - COMUA - FEMININO DE COMUM.JPG
234 - COMUM - COMUA - FRENTE.JPG
234 - COMUM - COMUA - VERSO.JPG
234 - COMUM - COMUA 2.JPG
234 - CONLUIR A.JPG
234 - CONLUIR.JPG
234 - CONTIÇAR.JPG
234 - COZINHEIRO - FRENTE.JPG
234 - COZINHEIRO - VERSO.JPG
234 - CRENA.JPG
234 - CRICIFIGIADA - CRUCIFIGE.JPG
234 - CRISÓLIDAS OU CRISÓLITAS A.JPG
234 - CRISÓLIDAS OU CRISÓLITAS.JPG
234 - CRUCIFIGE.JPG
234 - CRUCIFIGIADA.JPG
234 - CRÔA - FRENTE.JPG
234 - CRÔA - VERSO.JPG
234 - CRÔA A.JPG
234 - CUTUCAR - TUTUCAR.JPG
234 - CÀPORA - CAAPORA.JPG
234 - DECASCAR - DESCASCAR.JPG
234 - DEREITO - FRENTE.JPG
234 - DEREITO - VERSO.JPG
234 - DEREITO 2.JPG
234 - DESATREMAR 2.JPG
234 - DESATREMAR.JPG

234 - DESBORDAR 2.JPG
234 - DESBORDAR.JPG
234 - DESCASCAR - DECASCAR.JPG
234 - DESCASCAR.JPG
234 - DESCONTAR 2.JPG
234 - DESCONTAR.JPG
234 - DESDE - FROM - PROCEDÊNCIA - FRENTE.JPG
234 - DESDE - FROM - PROCEDÊNCIA - VERSO.JPG
234 - DESDE - FROM - PROCEDÊNCIA.JPG
234 - DESDE = AO INGLÊS FROM.JPG
234 - DESINSARADO, DESINFELIZ (FRENTE).JPG
234 - DESINSARADO, DESINFELIZ (VERSO).JPG
234 - DESPROVER-SE - CAGAR.JPG
234 - DESTRAGADO - ESTRAGADO.JPG
234 - DISPENSÁVEL A.JPG
234 - DISPENSÁVEL.JPG
234 - DIZERTO A.JPG
234 - DIZERTO.JPG
234 - ECOLOGIA - ANEXO.JPG
234 - ECOLOGIA - FRENTE.JPG
234 - ECOLOGIA - VERSO [PROVÁVEL OU FICHA SOLTA].JPG
234 - ECOLOGIA A.JPG
234 - EGOGRAFIA A.JPG
234 - EGOGRAFIA.JPG
234 - EMBAGADURA A.JPG
234 - EMBAGADURA.JPG
234 - EMISCUIR - IMISCUIR.JPG
234 - EMPALIAR - EMPALEAR - FRENTE.JPG
234 - EMPALIAR - EMPALEAR - VERSO.JPG
234 - EMPALIAR E DERIVADOS EMPALIAÇÃO.JPG
234 - EMPALIAR E DERIVAÇÕES - FRENTE.JPG
234 - EMPALIAR E DERIVAÇÕES - VERSO.JPG
234 - EMPALIAR.JPG
234 - ENFEITAR-SE.JPG
234 - ENFITAR-SE.JPG
234 - ENFÚSTICO A.JPG
234 - ENFÚSTICO.JPG
234 - ENJAMBRADO - AJAMBRADO.JPG
234 - ENQUISILAR - INQUIZILAR.JPG
234 - ENTOJAR A.JPG
234 - ENTOJAR.JPG
234 - ENVASADURA - ENVAZADURA.JPG
234 - ENVAZADURA - ENVASAMENTO - INVASADA - FRENTE.JPG
234 - ENVAZADURA - ENVASAMENTO - INVASADA - VERSO.JPG
234 - ENVAZADURA.JPG
234 - ENVAZAMENTO - ENVAZADURA.JPG
234 - ENXERCA.JPG
234 - EPIGONO - EPIGNO.JPG
234 - EPIGONO - EPÍGONO.JPG

234 - EPÍGONO.JPG
234 - ERES ERRE.JPG
234 - ERES.JPG
234 - ESCALHAMBAR - ESCOLHAMBAÇÃO.JPG
234 - ESCARNAR - ESCORVAR - FRENTE.JPG
234 - ESCARNAR - ESCORVAR - VERSO.JPG
234 - ESCARNAR - ESCORVAR .JPG
234 - ESCARRILIDADES A.JPG
234 - ESCARRILIDADES.JPG
234 - ESCOLHAMBAR A.JPG
234 - ESCOLHAMBAR.JPG
234 - ESCOLHAMBAÇÃO - ESCOLHAMBAR.JPG
234 - ESCORVAR - ESCARNAR.JPG
234 - ESCRENHADO - A.JPG
234 - ESCRENHADO B.JPG
234 - ESCRENHADO.JPG
234 - ESCUITAR - ESCUTAR.JPG
234 - ESFRAGÍSTICA A.JPG
234 - ESFRAGÍSTICA.JPG
234 - ESMANGALHADO - AMANGADO.JPG
234 - ESMANGASTRADO.JPG
234 - ESQUIPAR-SE.JPG
234 - ESQUIPAÇÃO.JPG
234 - ESTACAS A.JPG
234 - ESTACAS.JPG
234 - ESTADA.JPG
234 - ESTADIA - ESTADA - FRENTE.JPG
234 - ESTADIA - ESTADA - VERSO.JPG
234 - ESTADIA.JPG
234 - ESTALACTELES - ESTALACTITES.JPG
234 - ESTALACTITES.JPG
234 - ESTATISMO.JPG
234 - ESTATIVA.JPG
234 - ESTERLINGA 2.JPG
234 - ESTERLINGA.JPG
234 - ESTILINGUE - BALADEIRA 2 (FRENTE).JPG
234 - ESTILINGUE - BALADEIRA 2 (VERSO).JPG
234 - ESTILINGUE - BALADEIRA.JPG
234 - ESTILINGUE.JPG
234 - ESTOURAR - ESTOURO (FRENTE).JPG
234 - ESTOURAR - ESTOURO (VERSO).JPG
234 - ESTOURAR.JPG
234 - ESTRENOITADA 2.JPG
234 - ESTRENOITADA.JPG
234 - ESTRUÇÃO - OSTRUÇÃO.JPG
234 - ESTÚRDIA - ESTURDIA.JPG
234 - ETIMÓNICO.JPG
234 - F - FICHEIRO.JPG
234 - F - FICHÁRIO.JPG

234 - F - FILIADO.JPG
234 - F - FINCA-PÉ.JPG
234 - F - FOGO-APAGOU.JPG
234 - F - FRÁTRIA.JPG
234 - FALEIXA.JPG
234 - FARROMA (2).JPG
234 - FARROMA - FARROMBA - FARRONA - FARRUMA.JPG
234 - FARROMA.JPG
234 - FATEIXA.JPG
234 - FICHA - FICHÁRIO OU FICHEIRO.JPG
234 - FICHEIRO.JPG
234 - FICHÁRIO.JPG
234 - FILIADO 2.JPG
234 - FILIADO.JPG
234 - FINCA-PÉ 2.JPG
234 - FINCA-PÉ.JPG
234 - FOGO-APAGOU.JPG
234 - FRUITA = FRUTA.JPG
234 - FRÁTRIA 2.JPG
234 - FRÁTRIA.JPG
234 - GARAVATA - GRAVATA.JPG
234 - GARGANTARIA 2.JPG
234 - GARGANTARIA.JPG
234 - GARRUCHA 2.JPG
234 - GARRUCHA.JPG
234 - GEADA OU GIADA.JPG
234 - GEAR E GIAR - GEADA E GIADA - VER CANDIEIRO.JPG
234 - GEAR OU GIAR.JPG
234 - GIADA - GEADA.JPG
234 - GOLPE, GOLPEAR 2.JPG
234 - GOLPE, GOLPEAR.JPG
234 - GOSTAR = DEGOUTER.JPG
234 - GOSTAR.JPG
234 - GRAMPO - GUARAMPO.JPG
234 - GRAMÁTICO E LINGUÍSTA.JPG
234 - GRAVATA - GARAVATA.JPG
234 - GRAVATA.JPG
234 - GROSSARIA, GROSSEIRIA, GROSSERIA.JPG
234 - GROSSARIA.JPG
234 - GROSSEIRIA - GROSSARIA.JPG
234 - GRUDIFÉ 2.JPG
234 - GRUDIFÉ.JPG
234 - GUAIACA - FRENTE.JPG
234 - GUAIACA - VERSO.JPG
234 - GUAIACA 2.JPG
234 - GUAINXUMA - GUANXUMA.JPG
234 - GUAINXUMA - GUARIXUMA.JPG
234 - GUAIUXUMA.JPG
234 - GUANXUMA.JPG

234 - GUARAMPO - GRAMPO.JPG
234 - GUARAMPO.JPG
234 - GUARAMPUTA - GUARAMPO.JPG
234 - GUARAPUAVA OU GARAPUAVA.JPG
234 - GUARAPUAVA.JPG
234 - GÍRIA ARCAIZANTE - TROPAS E TROPEIROS.JPG
234 - GÍRIA DE TROPEIROS E ARRIEIROS DE TROPA.JPG
234 - HILEIA 2.JPG
234 - HILEIA.JPG
234 - HIPOCORÍSTICO (2).JPG
234 - HIPOCORÍSTICO.JPG
234 - HOSPICIO - DAR HOSPÍCIO = DAR HOSPEDAGEM, APOSENTAR.JPG
234 - HOSPÍCIO.JPG
234 - I - INVASADA.JPG
234 - ILHAVO (2).JPG
234 - ILHAVO.JPG
234 - IMAGO - IMAGINIS (FRENTE).JPG
234 - IMAGO - IMÁGINES.JPG
234 - IMISCUIR OU INMISCUIR - EMISCUIR.JPG
234 - IMISCUIR.JPG
234 - INDOLE.JPG
234 - INFRAGANTE - SAFARGANTE - FRENTE.JPG
234 - INFRAGANTE - SAFARGANTE - VERSO.JPG
234 - INGURDIENTES - INGREDIENTES A.JPG
234 - INGURDIENTES - INGREDIENTES.JPG
234 - INHATO - NHATO.JPG
234 - INORAR (FRENTE).JPG
234 - INORAR.JPG
234 - INQUITAVELMENTE - INQUITAÇÃO.JPG
234 - INQUITAÇÃO - INQUITAVELMENTE.JPG
234 - INQUITAÇÃO.JPG
234 - INQUIZILAR - FRENTE.JPG
234 - INQUIZILAR - QUIZILIA.JPG
234 - INQUIZILAR - VERSO.JPG
234 - INQUIZILAR A.JPG
234 - JACÁ 2.JPG
234 - JACÁ.JPG
234 - JANTA - FRENTE.JPG
234 - JANTA - VERSO.JPG
234 - JANTA.JPG
234 - JERGAL.JPG
234 - LABAÇA - LAMBANÇA (2).JPG
234 - LABAÇA - LAMBANÇA.JPG
234 - LABAÇA.JPG
234 - LAMBANÇA - LABAÇA.JPG
234 - LANTERNA - LATERNA - LENTERNA - ALENTERNA - FRENTE.JPG
234 - LANTERNA - LATERNA - LENTERNA - ALENTERNA - VERSO.JPG
234 - LANTERNA A.JPG
234 - LANTERNA.JPG

234 - LAVAR O ROSTO - ALFANÊTE.JPG
234 - LENTERNA - LANTERNA.JPG
234 - LEUA - LÉGUA.JPG
234 - LEVIANO - RECORTE DE JORNAL ANEXO.JPG
234 - LEVIANO - RECORTE DE JORNAL DA FICHA.JPG
234 - LEVIANO.JPG
234 - LIGÁ - CAPAS E ARMAÇÕES.JPG
234 - LIGÁ - SOBRECARGA LIGAL FRENTE.JPG
234 - LIGÁ - SOBRECARGA LIGAL VERSO.JPG
234 - LIGÁ = LIGAL (A 2ª FORMA É HIPERURBANISMO).JPG
234 - LOBA.JPG
234 - LOTA.JPG
234 - LOTAÇÃO E LOTE A.JPG
234 - LOTAÇÃO E LOTE.JPG
234 - LOTE - FRENTE.JPG
234 - LOTE - VERSO.JPG
234 - LOTE E LOTAÇÃO A.JPG
234 - LOTE E LOTAÇÃO.JPG
234 - LOTE.JPG
234 - LUDRICO - LÚDICRO.JPG
234 - LÉUA - LÉGUA.JPG
234 - LÚDRICO.JPG
234 - M - MALCRIAÇÃO = MÁ-CRIAÇÃO (FRENTE) .JPG
234 - M - MALCRIAÇÃO = MÁ-CRIAÇÃO (VERSO) .JPG
234 - M - MANGARAZ.JPG
234 - M - MEIA-CARA - VALONGO.JPG
234 - M - MEIRINHO.JPG
234 - M - MEMBECA.JPG
234 - M - MESCAMBILHAS.JPG
234 - M - MICER.JPG
234 - M - MICUIM.JPG
234 - M - MORFEMA.JPG
234 - M - MUCUIM - MICUIM.JPG
234 - M - MULA QUE VOLTAVA.JPG
234 - M - MULADEIRO.JPG
234 - MALCRIADEZ.JPG
234 - MALCRIAÇÃO (VERSO).JPG
234 - MALCRIAÇÃO = MÁ-CRIAÇÃO.JPG
234 - MALCRIAÇÃO.JPG
234 - MANGARAZ.JPG
234 - MANGARITO.JPG
234 - MARTELO - FRENTE.JPG
234 - MARTELO - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM A.JPG
234 - MARTELO - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM.JPG
234 - MARTELO - VERSO.JPG
234 - MARTELO A.JPG
234 - MARTELO.JPG
234 - MEMBECA - BRANDO TENSO MOLE A.JPG
234 - MEMBECA - BRANDO TENSO MOLE.JPG

234 - MEMBECA.JPG
234 - MESCAMBILHA - TRAMOIA, TRAPAÇA, INTRIGA (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, 1925).JPG
234 - MICUIM - MUNCUIM - FRENTE.JPG
234 - MICUIM - MUNCUIM - VERSO.JPG
234 - MICUIM.JPG
234 - MILHOS - QUIRERA.JPG
234 - MILHOS.JPG
234 - MINGUINHO.JPG
234 - MIUDEZAS SEMÂNTICAS.JPG
234 - MOCÓ - BOCÓ.JPG
234 - MORFEMA SEMANTEMA.JPG
234 - MUCUIM MICUIM.JPG
234 - MUIRAKITAN 234 - 424.JPG
234 - MUIRAKITAN A.JPG
234 - MUIRAKITAN.JPG
234 - MULA QUE VOLTAVA.JPG
234 - MULADEIRO.JPG
234 - MÁ-CRIAÇÃO, MALCRIAÇÃO.JPG
234 - NANJA - NEMJA.JPG
234 - NASSA.JPG
234 - NEFRÉTICO - NEFRÍTICO.JPG
234 - NEFRÉTICO.JPG
234 - NEFRÍTICO - NEFRÉTICO.JPG
234 - NEMJA .JPG
234 - NHATO.JPG
234 - NONES OU NUNES.JPG
234 - NUPER FALECIDO - RECÉM FALECIDO.JPG
234 - O CABRESTO E SEU CABO.JPG
234 - O JOGO DO BÚZIO VERSO COM DOCUMENTO ANEXO.JPG
234 - O JOGO DO BÚZIO VERSO DOCUMENTO ANEXO.JPG
234 - O JOGO DO BÚZIO.JPG
234 - O QUE É COMO ERA O TRÁFEGO DE TROPAS.JPG
234 - OBLIQUÁRIO A.JPG
234 - OBLIQUÁRIO.JPG
234 - OBSTRUÇÃO - OSTRUÇÃO.JPG
234 - OCA - TABA.JPG
234 - OIROPELLES (FRENTE).JPG
234 - OIROPELLES (VERSO).JPG
234 - OIROPELLES.JPG
234 - OITIVA.JPG
234 - OLHADURA - SOLETE.JPG
234 - OS ESBARROS DE MULAS CARREGADAS....JPG
234 - OSTRUÇÃO = ESTRUÇÃO - OBSTRUÇÃO.JPG
234 - OSTRUÇÃO.JPG
234 - OUTIVA - OITIVA.JPG
234 - P - PATA - PATA DE ENXADA.JPG
234 - P - PATA DA ENXADA.JPG
234 - P - PAULISTA.JPG

234 - P - PAVÃO - PAVO.JPG
234 - P - PAVÓ.JPG
234 - P - PECHISBEQUE.JPG
234 - P - PEIXOTE - PIXOTE.JPG
234 - P - PEQUENINO.JPG
234 - P - PERERECAR.JPG
234 - P - PERGAMO.JPG
234 - P - PÉRGOLA.JPG
234 - P - PÉRGULA.JPG
234 - PACILOTÉRMICOS.JPG
234 - PACUERA - PAQUERA.JPG
234 - PALIDEJAR - PALLIDEJAR.JPG
234 - PALLIDEJAR.JPG
234 - PAPAGAIO - AJAMBRADO.JPG
234 - PAQUERA.JPG
234 - PAQÜERA.JPG
234 - PARADES SEUS NOMES CONF OS MATERIAIS DE QUE SÃO FEITOS - TAIPA.JPG
234 - PAREDE DE TAIPA - TAIPA.JPG
234 - PAREIO DE FOGO 2.JPG
234 - PAREIO DE FOGO.JPG
234 - PARELHEIRO 2.JPG
234 - PARELHEIRO.JPG
234 - PARTELEIRA 2 (FRENTE) .JPG
234 - PARTELEIRA 2 (VERSO) .JPG
234 - PARTELEIRA.JPG
234 - PATA DA ENXADA 2.JPG
234 - PATA DA ENXADA.JPG
234 - PAULISTA (TERMO DE MAGAREFE).JPG
234 - PAULISTA.JPG
234 - PAVÓ 2.JPG
234 - PAVÓ.JPG
234 - PECHISBEQUE - PINCHEBEQUE.JPG
234 - PEQUENINO, SUBSTANTIVO.JPG
234 - PERGAMO.JPG
234 - PERLEQUITETA.JPG
234 - PEXOTE - PIXOTE.JPG
234 - PEZ.JPG
234 - PIDONHO - PIDEIRO - PIDÃO.JPG
234 - PINCHEBEQUE 2.JPG
234 - PINCHEBEQUE [ILEGÍVEL].JPG
234 - PIPA 2.JPG
234 - PIPA.JPG
234 - PIRAR = FUGIR, RASPAR-SE.JPG
234 - PIRAR-SE = RASPAR-SE - FUGIR.JPG
234 - PISSUIR.JPG
234 - PIXOTE 2 (FRENTE).JPG
234 - PIXOTE 2 (VERSO).JPG
234 - PIXOTE.JPG

234 - PLICA 2.JPG
234 - PLICA.JPG
234 - POECILOTERMICOS.JPG
234 - POMBA (401).JPG
234 - POMBA - FRENTE.JPG
234 - POMBA - VERSO.JPG
234 - POMBA CASCAVEL.JPG
234 - POMBEAR - POMBEIRO.JPG
234 - POMBEAR.JPG
234 - POMBEIRO.JPG
234 - POMBO - POMBA.JPG
234 - POMELO - TORANJA.JPG
234 - PONHAR = PÔR.JPG
234 - PONHAR.JPG
234 - PONHÊ - PÕE - PONHAR.JPG
234 - POSTIÇO, FILHO POSTIÇO, MÃE POSTIÇA (FRENTE) - COM RECORTE DE JORNAL.JPG
234 - POSTIÇO.JPG
234 - POTAMOTOCOS 2.JPG
234 - POTAMOTOCOS.JPG
234 - PRA IÊ SERVI - BESSADAS.JPG
234 - PRALINADO 2.JPG
234 - PRALINADO.JPG
234 - PRALINÉ - PRALINADO.JPG
234 - PRANTARIA.JPG
234 - PRANTINA - PRANTO, COPIOSO CARPIR, PRANTO RUIDOSO.JPG
234 - PRANTINA 2.JPG
234 - PRANTINA.JPG
234 - PRATELEIRA.JPG
234 - PRESIGANGA 2.JPG
234 - PRESIGANGA.JPG
234 - PRIMO - QUÍCIO (FRENTE).JPG
234 - PRIMO - QUÍCIO (VERSO).JPG
234 - PROFIL 2.JPG
234 - PROFIL.JPG
234 - PRUMO.JPG
234 - PRÉGUA - PÉRGOLA.JPG
234 - PUGIBARBA.JPG
234 - PULGAS E LEITOS - CATRE.JPG
234 - PÉRGOLA - PRÉGUA - PERGULA (FRENTE).JPG
234 - PÉRGOLA - PRÉGUA - PERGULA (VERSO).JPG
234 - PÉRGOLA.JPG
234 - PÊS - PEZ.JPG
234 - QUARTENÁRIO - QUATERNÁRIO.JPG
234 - QUATERNÁRIO - QUARTENÁRIO.JPG
234 - QUATERNÁRIO.JPG
234 - QUEZILA - QUIZILA - QUIGILA.JPG
234 - QUEZILIA.JPG
234 - QUICIO.JPG

234 - QUILOTAR OU AQUILOTAR.JPG
234 - QUILOTAR.JPG
234 - QUIZILIA - QUIZILA A.JPG
234 - QUIZILIA - QUIZILA.JPG
234 - RABUSCO A.JPG
234 - RABUSCO.JPG
234 - RALADELA.JPG
234 - RALADELLA.JPG
234 - RANCHOS DE TROPEIROS (FRENTE).JPG
234 - RANCHOS DE TROPEIROS (VERSO).JPG
234 - RANCHOS DE TROPEIROS .JPG
234 - RASTOLHO, RESTOLHO.JPG
234 - RASTOLHO.JPG
234 - REBOTALHO = REBUTE .JPG
234 - REBUTE - REBOTALHO.JPG
234 - REBUTE = REBOTALHO.JPG
234 - REDOIÇA A.JPG
234 - REDOIÇA.JPG
234 - REGATÃO - FRENTE.JPG
234 - REGATÃO - VERSO.JPG
234 - REGATÃO.JPG
234 - RESTALHO - RASTALHO.JPG
234 - RETRANCA - RABICHO (FRENTE).JPG
234 - RETRANCA - RABICHO (VERSO).JPG
234 - REÇAGA - RETAGUARDA (FRENTE).JPG
234 - REÇAGA.JPG
234 - ROLINHA XÈRÈRÈ - POMBA CASCAVEL.JPG
234 - S - SAMBARICAR.JPG
234 - SAFARGANTE - SUFRAGANTE.JPG
234 - SAINO - ZAINO.JPG
234 - SALVAGE.JPG
234 - SALVAGEM - SALVAGE.JPG
234 - SAMBARICAR A.JPG
234 - SAMBARICAR.JPG
234 - SAPATÃO.JPG
234 - SAPE - ZAPE.JPG
234 - SEIO DE LUAR - BULHÃO.JPG
234 - SEISMO 2.JPG
234 - SEISMO.JPG
234 - SELOS, SINETES, ESFRAGÍSTICAS.JPG
234 - SELVAGEM - SALVAGE.JPG
234 - SEMANTEMA E MORFEMA.JPG
234 - SEMANTEMA.JPG
234 - SERELEPE - CAXINGUELÊ.JPG
234 - SERVENTÉSIO - SIRVENTÊS.JPG
234 - SIDEROFOBIA 2.JPG
234 - SIDEROFOBIA.JPG
234 - SINETES, SELOS, ETC. - ESFRAGÍSTICA.JPG
234 - SIRVENTÊS - SERVENTÉSIO (FRENTE).JPG

234 - SIRVENTÊS.JPG
234 - SOBRE-CARGA - CAPAS E ARMAÇÕES.JPG
234 - SOBRECARGA - LIGÁ - SOBRECARGA - LIGAL.JPG
234 - SOLETE - OLHADURA (COM RECORTE DE JORNAL).JPG
234 - SOLETE.JPG
234 - SOMANA = SEMANA - ALFANÊTE.JPG
234 - STALACTELES.JPG
234 - SUADOR - SUADOURO.JPG
234 - SUADOURO (MELHOR, SUADOR).JPG
234 - SUADOURO - MELHOR SUADOR FRENTE.JPG
234 - SUADOURO - MELHOR SUADOR VERSO.JPG
234 - SUFRAGANTE.JPG
234 - SUJEIRA DOS TROPEIROS - LOTE.JPG
234 - SUPETÃO - SUFRAGANTE.JPG
234 - SURA - RABI - RABÃO.JPG
234 - SURA - RABI RABÃO.JPG
234 - SURA = RABI OU SABÃO.JPG
234 - SURTUM - BAETA (FRENTE).JPG
234 - SURTUM - BAETA (VERSO).JPG
234 - SURTUM.JPG
234 - SUSA - RABÃO - RABI.JPG
234 - SÃOCRISTÃO 2.JPG
234 - SÃOCRISTÃO.JPG
234 - T - TIRADOR - TAPA.JPG
234 - T - TORANJA A.JPG
234 - T - TORANJA.JPG
234 - T - TRABULAS - TRAÇADOS.JPG
234 - T - TRABULO - TRAÇADOS.JPG
234 - T - TRALHA.JPG
234 - T - TRAÇADOS.JPG
234 - T - TRAÇAR - TRAÇADOS.JPG
234 - T - TRIUNFO.JPG
234 - T - TROPA.JPG
234 - T - TROPAS E TROPEIROS - A GÍRIA ARCAIZANTE DE.JPG
234 - T - TROPEIRO.JPG
234 - T - TROTINAR.JPG
234 - T - TRUNFO TRIUNFO.JPG
234 - T - TRÁFEGO INTENSO DE TROPAS.JPG
234 - T - TURDIR.JPG
234 - TABA - OCA.JPG
234 - TABA.JPG
234 - TABÚA = TÁBUA - O NOVO DIC..JPG
234 - TAIAZES - MANGARAZ.JPG
234 - TAIPA - PAREDE DE TAIPA, PAREDES DE OUTROS DIVERSÍSSIMOS MATERIAIS, SEUS RESPECTIVOS NOMES EM PORTUGUÊS.JPG
234 - TAIPA.JPG
234 - TAIÁ.JPG
234 - TANGER - TANGÊRES.JPG
234 - TAPA - TIRADOR (FRENTE).JPG

234 - TAPA - TIRADOR (VERSO).JPG
234 - TAPA.JPG
234 - TATARANA.JPG
234 - TATOTANA A.JPG
234 - TATURANA OU TATARANA.JPG
234 - TEJUPAB - TEJUPABA.JPG
234 - TEJUPÁ - TIJUPÁ.JPG
234 - TENGÊRES = TANGERES.JPG
234 - TENGÊRES.JPG
234 - TIGRE - FRENTE.JPG
234 - TIGRE - VERSO.JPG
234 - TIGRE.JPG
234 - TIJUPÁ A.JPG
234 - TIJUPÁ.JPG
234 - TORANJA - LORANJA - POMELO - ZAMBOA (FRENTE).JPG
234 - TORANJA - LORANJA - POMELO - ZAMBOA (VERSO).JPG
234 - TRAJO DE FANTASMA - CAMISOLA (FRENTE) JPG.JPG
234 - TRAJO DE FANTASMA - CAMISOLA.JPG
234 - TRALHA - FRENTE.JPG
234 - TRALHA - VERSO.JPG
234 - TRAÇADOS TRAÇAR....JPG
234 - TRIUNFO - TRUNFO.JPG
234 - TROPA - FRENTE.JPG
234 - TROPA - VERSO.JPG
234 - TROTINAR A.JPG
234 - TROTINAR.JPG
234 - TROUVEMOS - PEQUENINO.JPG
234 - TURDIR - TURDE A.JPG
234 - TURDIR - TURDE.JPG
234 - TUTUCAR - BATER INSTRUMENTO MANEJADO DE PONTA.JPG
234 - TUTUCAR.JPG
234 - TÁBUA - TABÚA.JPG
234 - VALIDIAS 2.JPG
234 - VALIDIAS.JPG
234 - VALONGO 2 (FRENTE).JPG
234 - VALONGO 2 (VERSO).JPG
234 - VALONGO 2.JPG
234 - VALONGO.JPG
234 - VARRUMA = VERRUMA = BARRUMA = BERRUMA.JPG
234 - VARRUMA.JPG
234 - VERDOENGO - VERDOLENGO.JPG
234 - VERDOLENGO 2.JPG
234 - VERDOLENGO.JPG
234 - XARQUE (FRENTE).JPG
234 - XARQUE (VERSO).JPG
234 - XARQUE.JPG
234 - XAVIER 2.JPG
234 - XAVIER.JPG
234 - XENOFILIA A .JPG

234 - XENOFILIA.JPG
234 - XERERÉ - POMBA CASCÁVEL.JPG
234 - XUCRO (FRENTE).JPG
234 - XUCRO (VERSO).JPG
234 - ZAINO - TAINO.JPG
234 - ZAPE - SAPE.JPG
234 - ZEURA.JPG
234 - ZUNIADA A.JPG
234 - ZUNIADA.JPG
234 - ÍNDOLE - INDOLENTE.JPG
234 -- CAIPORA - CÁPORA - CAAPORA (FRENTE).JPG
234 -- CAIPORA - CÁPORA - CAAPORA (VERSO).JPG
234 -ACOCHADO.JPG
234 = GUARAPUAVA - TAMBÉM SE DIZ GARAPUAVA.JPG
234- BULHÃO - SEIO DE LUAR (VERSO).JPG
234- TROPEIRO - FRENTE.JPG
234N- TROPEIRO - VERSO.JPG
24 - CRÍTICAS E CONTROVÉRSIAS - DIVISÓRIA.JPG
24 - CRÍTICAS E CONTROVÉRSIAS E FRASES NOTÁVEIS - DIVISÓRIA.JPG
24- - A RÉPLICA.JPG
24- - RÉPLICA.JPG
240 - FRASES NOTÁVEIS.JPG
240 - 1 - CRÍTICA MIÚDA (SÃO 5 PÁGINAS DE CARTÃO - VEJA O VERSO DO 5º) - (FRENTE).JPG
240 - 2 - CRÍTICA MIÚDA (SÃO 5 PÁGINAS DE CARTÃO - VEJA O VERSO DO 5º) - (FRENTE).JPG
240 - 3 - CRÍTICA MIÚDA (SÃO 5 PÁGINAS DE CARTÃO - VEJA O VERSO DO 5º) - (FRENTE).JPG
240 - 4 - CRÍTICA MIÚDA (SÃO 5 PÁGINAS DE CARTÃO - VEJA O VERSO DO 5º) - (FRENTE).JPG
240 - 5 - CRÍTICA MIÚDA (SÃO 5 PÁGINAS DE CARTÃO - VEJA O VERSO DO 5º) - (FRENTE).JPG
240 - 5 - CRÍTICA MIÚDA (SÃO 5 PÁGINAS DE CARTÃO - VEJA O VERSO DO 5º) - (VERSO).JPG
240 - A INVEJA ENTRE OS ESCRITORES E OS ESCREVEDORES.JPG
240 - CAMILO, CAMÕES E OS GRAMÁTICOS.JPG
240 - CRÍTICA MIÚDA.JPG
240 - DISCUSSÕES.JPG
240 - EGREJA OU IGREJA.JPG
240 - EGREJA.JPG
240 - ESCRITORES PORTUGUESES... IDIOTAS - JOSÉ VERÍSSIMO.JPG
240 - F - FRASES NOTÁVEIS DE DIVERSOS.JPG
240 - I - INVEJA ENTRE ESCRITORES.JPG
240 - JOSÉ VERÍSSIMO (VER TAMBÉM A FICHA PORTUGAL E OS PORTUGUESES) - (FRENTE).JPG
240 - JOSÉ VERÍSSIMO (VER TAMBÉM A FICHA PORTUGAL E OS PORTUGUESES) - (VERSO).JPG
240 - JOSÉ VERÍSSIMO.JPG
240 - MÃOS ESTERILIZADORAS DOS GRAMÁTICOS.JPG

240 - O QUE SÃO DISCUSSÕES.JPG
240 - OS GRAMÁTICOS (FRENTE).JPG
240 - OS GRAMÁTICOS (VERSO).JPG
240 - OSÓRIO DUQUE - ESTRADA.JPG
240 - OSÓRIO DUQUE ESTRADA E ORTOGRAFIA.JPG
240 - PARECER DE RUI SOBRE O CÓDIGO CIVIL.JPG
240 - PITANGA COM PAPAGAIO - SAGUI COM CAJÚ.JPG
240 - PITANGA COM PAPAGAIO 2.JPG
240 - PITANGA COM PAPAGAIO.JPG
240 - POLÊMICAS DE GRAMÁTICAS.JPG
240 - POLÊMICAS LITERÁRIAS.JPG
240 - POLÊMICAS.JPG
240 - PORQUE E POR QUE - SINTAXE - LEXICOLOGIA - ORTOGRAFIA.JPG
240 - PORTUGUAL E PORTUGUESES E JOSÉ VERÍSSIMO.JPG
240 - QUE SÃO POLÊMICAS DE GRAMÁTICOS.JPG
240 - QUE SÃO POLÊMICAS LITERÁRIAS - REVEJA OS NºS 201 (FRENTE).JPG
240 - QUE SÃO POLÊMICAS LITERÁRIAS - REVEJA OS NºS 201 (VERSO).JPG
240 - SAGUI COM CAJU - PITANGA.JPG
240 - SEBENTA - A QUESTÃO DA SEBENTA A.JPG
240 - SEBENTA - A QUESTÃO DA SEBENTA.JPG
240 - SEBENTA - QUESTÃO DE SEBENTA.JPG
240 - SEBENTA.JPG
240 - SINTAXE, LEXICOLOGIA E ORTOGRAFIA - POR QUE E PORQUE.JPG
240 -- O PARECER DE RUI.JPG
241 - BAÍA DE TODOS OS SANTOS.JPG
241 - DA ARTE DE FURTAR - CONCEITO FÓRTE.JPG
241 - MONTE DE REMÉDIOS.JPG
241 - A MORTE DOS... REMÉDIOS - FRENTE.JPG
241 - A MORTE DOS... REMÉDIOS - VERBO.JPG
241 - ARGENTÁRIOS.JPG
241 - BAÍA DE TODOS OS SANTOS.JPG
241 - BOCAGE.JPG
241 - C. FIGR.DO - FRASES, CONCEITOS, ETC..JPG
241 - CANDIDO DE FIGUEIREDO.JPG
241 - CASAMENTO PARA OS PADRES - DE D. FR. BARTOLOMEU DOS MART..JPG
241 - CIDADE DE SALVADOR - SACANA.JPG
241 - CORAÇÃO - MÚSCULO ÔCO 2.JPG
241 - CORAÇÃO - MÚSCULO ÔCO.JPG
241 - DE BOCAGE.JPG
241 - DE DOM FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES 2 .JPG
241 - DE DOM FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES.JPG
241 - DEMOCRACIA INTELECTUAL - TODOS QUEREM SER MESTRES - FRENTE.JPG
241 - DEMOCRACIA INTELECTUAL - TODOS QUEREM SER MESTRES - VERSO.JPG
241 - DEMOCRACIA INTELECTUAL.JPG
241 - DISSIPADOS - INVEJOSOS DOS RICOS.JPG

241 - DOU-LHES A MINHA PALAVRA DE HONRA, QUE HA GERAÇÃO ESPONTÂNEA.JPG
241 - EM CASA UMA PUTA - SACANA.JPG
241 - ESCREVER POUCO - SER CONCISO.JPG
241 - ESCREVER POUCO - SER SEMPRE CONCISO.JPG
241 - FR. BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES.JPG
241 - FRASES DE CAMILO.JPG
241 - FRASES DE J. LEITE DE VASCONCELOS.JPG
241 - GALICISTAS (2).JPG
241 - GALICISTAS - VAIDOSOS.JPG
241 - GALICISTAS.JPG
241 - INCAPAZES - INVEJOSOS DOS RICOS.JPG
241 - J. LEITE DE VASCONCELOS.JPG
241 - JOÃO RIBEIRO E A SUA CONFISSÃO DE ERROS.JPG
241 - JOÃO RIBEIRO.JPG
241 - LUXÚRIA DA CLEREZIA DE BRAGA.JPG
241 - M - MERDA POR TODOS OS CANTOS.JPG
241 - M - MORTE DE REMÉDIOS.JPG
241 - MERDA POR TODOS OS CANTOS.JPG
241 - MÚSCULO ÔCO - CORAÇÃO (2).JPG
241 - MÚSCULO ÔCO - CORAÇÃO.JPG
241 - NO MAN IS WISE....JPG
241 - O PAGEM DE KOSTER - RECORTE.JPG
241 - O PAGEM DE KOSTER.JPG
241 - O PONTO RÓSEO.JPG
241 - OS ARGENTÁRIOS E OS DISSIPADOS.JPG
241 - OS RICOS E A INVEJA DOS POBRES - OS ARGENTÁRIOS.JPG
241 - PADRES PORTUGUESES E LUXÚRIA.JPG
241 - PAGEM DE KOSTER.JPG
241 - PALAVRA DE HONRA - DOU-LHES MINHA PALAVRA.JPG
241 - PE. SIMÃO DE VASCONCELOS 2.JPG
241 - PE. SIMÃO DE VASCONCELOS 3.JPG
241 - PE. SIMÃO DE VASCONCELOS.JPG
241 - PONTO RÓSEO.JPG
241 - PORTUGUÊS BURRO A.JPG
241 - PORTUGUÊS BURRO.JPG
241 - PROSÓDIA (DEFINIÇÃO).JPG
241 - PROSÓDIA E SINTAXE - DEFINIÇÕES.JPG
241 - REMÉDIOS EM QUANTO CURAM.JPG
241 - REMÉDIOS QUE MORREM.JPG
241 - SACANA - CIDADE DE SALVADOR - BAHIA DE TODOS OS SANTOS (FRENTE).JPG
241 - SACANA - CIDADE DE SALVADOR - BAHIA DE TODOS OS SANTOS (VERSO).JPG
241 - SACANA 2.JPG
241 - SINTAXE (DEFINIÇÃO DE...) - PROSÓDIA, LEXICOLOGIA.JPG
241 - VARÃO, VARELA, VARUNCA A.JPG
241 - VARÃO, VARELA, VARUNCA.JPG
242 - CARROCEIROS - MULAS.JPG

242 - EDUARDO PRADO A.JPG
242 - EDUARDO PRADO.JPG
242 - EUCLIDES DA CUNHA (2).JPG
242 - EUCLIDES DA CUNHA.JPG
242 - F - FOI UM HOMEM AO MATO... (VIEIRA).JPG
242 - F - FR. FRANCISCO DO MONTE ALVERNE.JPG
242 - FOI UM HOMEM AO MATO.JPG
242 - FR. FRANCISCO DE MONTE ALVERNE A.JPG
242 - FR. FRANCISCO DE MONTE ALVERNE.JPG
242 - FR. FRCO. DE MONTE ALVERNE.JPG
242 - M - MULAS CARROCEIROS E SEUS AJUDANTES VOLUNTÁRIOS.JPG
242 - MULAS CARROCEIROS E SEUS AJUDANTES VOLUNTÁRIOS.JPG
242 - O TERREMOTO DE LISBOA POR CAMILO.JPG
242 - VIEIRA.JPG
25 - EDIÇÕES - REEDIÇÕES - EMENDAS-DIVISÓRIA 2 .JPG
25 - EDIÇÕES - REEDIÇÕES - EMENDAS-DIVISÓRIA.JPG
250 - ADULTERAÇÕES.JPG
250 - A - ADULTERAÇÕES.JPG
250 - ADULTERAÇÕES.JPG
250 - T - TRADUÇÕES A.JPG
250 - T - TRADUÇÕES.JPG
250 - TRADUÇÕES.JPG
251 - CAMÕES EMENDADO, CORRIGIDO, MELHORADO (VERSO).JPG
251 - EMENDAR... PARA PIOR.JPG
251 - A - ADULTERAÇÕES.JPG
251 - ADULTERAÇÕES.JPG
251 - C - CAMÕES EMENDADO, CORRIGIDO, MELHORADO (FRENTE).JPG
251 - C - CAMÕES EMENDADO, CORRIGIDO, MELHORADO (VERSO).JPG
251 - CAMÕES ... MELHORADO.JPG
251 - CAMÕES EMENDADO, CORRIGIDO, MELHORADO (FRENTE).JPG
251 - E - EDIÇÕES - OS LUSÍADAS.JPG
251 - E - EMENDAR... PARA PIOR.JPG
251 - E - ERROS DE CAMÕES - INFINITOS VERBAIS (FRENTE) .JPG
251 - E - ERROS DE CAMÕES - INFINITOS VERBAIS (VERSO) .JPG
251 - EDIÇÕES LUSÍADAS.JPG
251 - EDIÇÕES OS LUSÍADAS.JPG
251 - EMENDAR...PARA PIOR.JPG
251 - ERROS DE CAMÕES.JPG
251 - INNOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA.JPG
251 - O - OS LUSÍADAS, EDIÇÃO NACIONAL - LISBOA - 1928.JPG
251 - OS ERROS DE CAMÕES VERSO.JPG
251 - OS ERROS DE CAMÕES.JPG
251 - OS LUSÍADAS - EDIÇÃO NACIONAL - LISBOA - 1928.JPG
251 - OS LUSÍADAS EDIÇÃO NACIONAL.JPG
251 - P - PRATO (QUEIJO).JPG
251 - PRATO (QUEIJO).JPG
251 - PRATO QUEIJO - QUEIJO PRATO.JPG
251 - S - SETE ANOS DE PASTOR JACÓ SERVIA....JPG
251 - SAID ALI - EMENDAR... PARA PIOR.JPG

251 - SETE ANOS DE PASTOR JACÓ SERVIA 2.JPG
251 - SETE ANOS DE PASTOR JACÓ SERVIA.JPG
252 - PONTO RÓSEO.JPG
252 - TRADUÇÕES - ADULTERAÇÕES.JPG
26 - ERROS CONFUSÕES ENGANOS LAPSOS 2.JPG
26 - ERROS CONFUSÕES ENGANOS LAPSOS.JPG
260 - LANTEIA 2.JPG
260 - LANTEIA.JPG
261 - MAMÍFEROS A.JPG
261 - MAMÍFEROS.JPG
3 - SINTAXE - DIVISÓRIA (2).JPG
3 - SINTAXE - DIVISÓRIA.JPG
30 - CONCORDÂNCIA - DIVISÓRIA.JPG
30 - CONCORDÂNCIA - SUMÁRIO.JPG
301 - FRASES INTOLERÁVEIS.JPG
301 - A MAIOR PARTE ERAM A.JPG
301 - A MAIOR PARTE ERAM OU SÃO.JPG
301 - A MAIOR PARTE ERAM.JPG
301 - ADJECTIVOS QUE ALTERAM O Nº DO SUBSTANTIVO.JPG
301 - ADJECTIVOS QUE ALTERAM O NÚMERO DO SUBSTANTIVO.JPG
301 - AS LÍNGUAS PORTUGUESA E HESPANHOLA - FRENTE.JPG
301 - AS LÍNGUAS PORTUGUESA E HESPANHOLA - VERSO.JPG
301 - CHEIRO E GOSTO SUAVE SUAVES.JPG
301 - CHEIRO E GÔSTO SUAVE (POR SUAVES).JPG
301 - COLECTIVOS E CONCORDÂNCIA.JPG
301 - COLETIVO NO SING VERBO NO PLURAL.JPG
301 - CONCORDÂNCIA - CHEIRO E GÔSTO SUAVE.JPG
301 - CONCORDÂNCIA - FALAVA - FALAVAM.JPG
301 - CONCORDÂNCIA - FRENTE A.JPG
301 - CONCORDÂNCIA - FRENTE.JPG
301 - CONCORDÂNCIA - TANTO FAZ CINCO COMO CINCOENTA.JPG
301 - CONCORDÂNCIA - VERBO HAVER.JPG
301 - CONCORDÂNCIA - VERBO SER.JPG
301 - CONCORDÂNCIA - VERSO A.JPG
301 - CONCORDÂNCIA - VERSO.JPG
301 - CONCORDÂNCIA - É POR ERA.JPG
301 - CONCORDÂNCIA A.JPG
301 - CONCORDÂNCIA B.JPG
301 - CONCORDÂNCIA DO SUBSTANTIVO.JPG
301 - CONCORDÂNCIA NENHUM NEM UM - PORQUE POR QUE.JPG
301 - CONCORDÂNCIA SINTÉTICA - CHEIRO E GOSTO SUAVE.JPG
301 - CONCORDÂNCIA VERBO SER.JPG
301 - CONCORDÂNCIA É POR SÃO ABORRECE ABORRECEM.JPG
301 - CONCORDÂNCIA.JPG
301 - CONCORDÂNCIAS IRREGULARÍSSIMAS DO VERBO SER.JPG
301 - CONCORDÃNCIA B.JPG
301 - ESCRÚPULO GRAMATICAL INJUSTIFICÁVEL.JPG
301 - F - FRASES INTOLERÁVEIS.JPG
301 - FAZ 10 ANOS - FAZEM 10 ANOS.JPG

301 - FAZ 10 ANOS.JPG
301 - FAZ DEZ ANOS - FAZEM 10 ANOS.JPG
301 - FAZEM HOJE DEZ ANOS.JPG
301 - FAZEM HOJE.JPG
301 - FAZER - CONCORDÂNCIA LÓGICA.JPG
301 - FAZER CONCORDÂNCIA LÓGICA.JPG
301 - FAZIAM JÁ DOUS ANOS (2).JPG
301 - FAZIAM JÁ DOUS ANOS A.JPG
301 - FAZIAM JÁ DOUS ANOS.JPG
301 - HOMEM E MULHER FORMOSOS.JPG
301 - I - IRIS - MEMBRANA DOS OLHOS.JPG
301 - I - IRIS.JPG
301 - IRIS MEMBRANA DOS OLHOS.JPG
301 - IRIS.JPG
301 - LHE - LHES.JPG
301 - LHE POR LHES.JPG
301 - M - MIL E UMA VEZ, MIL E UMA NOITES.JPG
301 - MIL E UM.JPG
301 - MIL E UMA VEZ.JPG
301 - MISTURA DE PESSOAS GRAMATICAIS.JPG
301 - NEM UM - NENHUM.JPG
301 - NENHUM - NEM UM.JPG
301 - NÓS POR EU.JPG
301 - OS QUE FIZEMOS - OS QUE FIZERAM - CONCORDÂNCIA.JPG
301 - OS QUE VIMOS - ÉS TU QUEM FALAS.JPG
301 - PESSOAS GRAMATICAIS MISTURADAS (2).JPG
301 - PESSOAS GRAMATICAIS MISTURADAS.JPG
301 - POVOS - CIDADES ADIANTADAS.JPG
301 - PRECIOSISMO GRAMATICAL - CONCORDÂNCIA.JPG
301 - PRÓ E CONTRA EM VEZ DE PRÓS E CONTRAS.JPG
301 - PRÓ E CONTRA PRÓS E CONTRAS.JPG
301 - SÃO TUDO - SÃO TODOS.JPG
301 - SÃO TUDO SÃO TODOS - FRENTE.JPG
301 - SÃO TUDO SÃO TODOS - VERSO.JPG
301 - TANTO FAZ CINCO - TANTO FAZEM CINCO - CONCORDÂNCIA.JPG
301 - UM SUBSTANTIVO VAI PARA O PLURAL A CONCORDAR COM DOIS ADJETIVOS.JPG
301 - VERBO SER - CONCORDÂNCIA.JPG
301 - VIAGEM.... ERAM - CONCORDÂNCIA.JPG
301 - ÉS TU QUEM FALAS - EU SOU O QUE DIGO - SINTAXE DE QUE E QUEM - FRENTE.JPG
301 - ÉS TU QUEM FALAS - EU SOU O QUE DIGO - SINTAXE DE QUE E QUEM - VERSO.JPG
301 - ÉS TU QUEM FALAS.JPG
301 - ÉS TU QUEM.JPG
301- OS QUE FIZEMOS - CONCORDÂNCIA.JPG
302 - UM DOS QUE FEZ - UM DOS QUE FIZERAM.JPG
304 - ACENTO AGUDO NA CRASE - Á BALA.JPG
31 - F - FIGURAS ESTILOS FRASES-FEITAS - DIVISÓRIA.JPG

31 - F - FIGURAS, ESTILO, FRASES FEITAS - DIVISÓRIA.JPG
31 - FIGURAS, ESTILO, FRASES FEITAS - DIVISÓRIA.JPG
310 - FIGURAS DE RETÓRICA.JPG
310 - F - FIGURAS DE RETÓRICA.JPG
310 - RETÓRICA - FIGURAS DE RETÓRICA.JPG
310 - RETÓRICA.JPG
311 - DUAS NEGATIVAS QUE AFIRMAM.JPG
311 - MUITO GRANDÍSSIMA - MUI FERMOSÍSSIMA.JPG
311 - NEGATIVAS QUE AFIRMAM 2.JPG
311 - NEGATIVAS QUE AFIRMAM.JPG
311 - NEGATIVAS.JPG
311 - NINGUÉM NÃO APARECEU.JPG
311 - POIS NÃO - NEGATIVAS.JPG
311 - SE NÃO - SE SIM.JPG
312 - DE FORA - PARTE.JPG
312 - PASSOS DE ARANHA.JPG
312 - FOGO.JPG
312 - MENTIRAS CONVENCIONAIS.JPG
312 - ... E MAIS....JPG
312 - 321 - LHE AO SENHOR.JPG
312 - A CAVALO ... NA ÉGUA (2).JPG
312 - A CAVALO ... NA ÉGUA.JPG
312 - A DESTRO (2).JPG
312 - A DESTRO.JPG
312 - A ÊSSE RESPEITO.JPG
312 - ANEL ENTRAR NO DEDO - ENTERRAR O PÉ.JPG
312 - BAILA (À BAILA).JPG
312 - BAILA - Á BAILA.JPG
312 - BALHA - BAILA.JPG
312 - BOTINAS QUE NÃO CABEM NO PÉ.JPG
312 - CANTO CHORADO A.JPG
312 - CANTO CHORADO.JPG
312 - CARGA D'ÁGUA.JPG
312 - CHAPÉU ENTRAR NA CABEÇA - ENTERRAR O PÉ.JPG
312 - CHORÁ-CHORANDO - FALA.JPG
312 - COMER BARRIGA.JPG
312 - COPO COM ÁGUA - COPO DE ÁGUA.JPG
312 - COPO DE ÁGUA - COPO COM ÁGUA.JPG
312 - DAR ÁS DE VILA-DIÔGO.JPG
312 - DE-MÃO.JPG
312 - DIZ QUE....JPG
312 - DÚVIDA - INCERTEZA.JPG
312 - ELE - SEM ANTECEDENTE.JPG
312 - EM CONTINENTE A.JPG
312 - EM CONTINENTE.JPG
312 - ENTERRAR O PÉ NUMA LASCA DE VIDRO 2.JPG
312 - ENTERRAR O PÉ NUMA LASCA DE VIDRO.JPG
312 - ENTERRAR O PÉ.JPG
312 - ERA BEM BOM DÊLE.JPG

312 - ESQUENTAR SOL.JPG
312 - ESQUENTAR SOL.JPG
312 - F - FOGO - PETISCAR.JPG
312 - FALA - FALANDO.JPG
312 - FALA FALANDO.JPG
312 - FALAR VERDADE - FALAR A VERDADE.JPG
312 - FALAR VERDADE.JPG
312 - FAZER-SE DE NOVAS.JPG
312 - FAZER-SE DE.JPG
312 - FERIR FOGO.JPG
312 - FULA DE RAIVA.JPG
312 - FULA-FULA.JPG
312 - FUTURO DUBITATIVO.JPG
312 - IN CONTINENTE.JPG
312 - INCERTEZA - DÚVIDA.JPG
312 - JEQUE.JPG
312 - JÁ - ADV NEGATIVO REFORÇATIVO.JPG
312 - LER... O TIRO DE MISERICÓRDIA.JPG
312 - LUFA LUFA.JPG
312 - LUFA-LUFA.JPG
312 - LUME PETISCAR.JPG
312 - LUME.JPG
312 - LÓGICA DA LINGUAGEM.JPG
312 - M - MELHOR BOA FÉ.JPG
312 - M - MELHOR BOA-VONTADE.JPG
312 - M - MENTIRAS CONVENCIONAIS - METÁFORAS.JPG
312 - M - METER AS TROPAS.JPG
312 - MADEIRA DE LEI .JPG
312 - MADEIRA DE LEI 2.JPG
312 - MAIOR BOA-FÉ.JPG
312 - MAIOR DA MARCA = DE MARCA MAIOR; MAIOR DE UM PALMO (FRENTE).JPG
312 - MAIOR DA MARCA = DE MARCA MAIOR; MAIOR DE UM PALMO (VERSO).JPG
312 - MAIOR DA MARCA.JPG
312 - MAIOR DE UM PALMO.JPG
312 - MAIOR QUE JAMAIS SE VIU - PIOR.JPG
312 - MAIOR QUE JAMAIS SE VIU.JPG
312 - MAIS - ADV. NEGATIVO REFORÇATIVO.JPG
312 - MAIS QUE NUNCA.JPG
312 - MAIS VALE UM GOSTO QUE QUATRO VINTENS 2.JPG
312 - MAIS VALE UM GOSTO QUE QUATRO VINTENS.JPG
312 - MAL-FERIDO MAL- CASTIGADO.JPG
312 - MELHOR BOA VONTADE.JPG
312 - MELHOR BOA-FÉ (2).JPG
312 - MELHOR BOA-FÉ.JPG
312 - METER AS TROPAS - SOLTAR AS TROPAS.JPG
312 - METER AS TROPAS.JPG
312 - METÁFORAS.JPG

312 - MUITO MAL- FERIDO.JPG
312 - MÃO.JPG
312 - NEM POR PENSO - A CAVALO NA ÉGUA.JPG
312 - NESTE EM MEIO.JPG
312 - NÃO VOLTARÁ MAIS - JÁ NÃO VOLTARÁ.JPG
312 - NÊSTE EM MEIO - ENTRETANTO.JPG
312 - NÓS OUTROS - VÓS OUTROS.JPG
312 - O ONÇA - NO TEMPO DO ONÇA NÃO DA ONÇA FRENTE SEM O RECORTE.JPG
312 - O ONÇA - NO TEMPO DO ONÇA NÃO DA ONÇA FRENTE TEXTO DO RECORTE.JPG
312 - O ONÇA - NO TEMPO DO ONÇA NÃO DA ONÇA FRENTE.JPG
312 - O ONÇA - NO TEMPO DO ONÇA NÃO DA ONÇA VERSO.JPG
312 - ONÇA - O ONÇA - NO TEMPO DO ONÇA.JPG
312 - OURIVES DE PRATA - ARGENTINA.JPG
312 - OURIVES DO OURO .JPG
312 - OURO FIO - OURO E FIO.JPG
312 - P - PELO EM QUANTO.JPG
312 - P - PENSO - PENSAMENTO.JPG
312 - P - PÉ DE VENTO.JPG
312 - PALPOS DE ARANHA - PAPOS.JPG
312 - PAPOS DE ARANHA.JPG
312 - PASSOS DE ARANHA - PAPOS DE ARANHA - EM PALPOS DE ARANHA. (VERSO) JPG.JPG
312 - PASSOS DE ARANHA - PAPOS DE ARANHA - EM PALPOS DE ARANHA.JPG
312 - PASSOS DE ARANHA.JPG
312 - PELO EM QUANTO - POR EM QUANTO.JPG
312 - PELO EM QUANTO.JPG
312 - PENSO.JPG
312 - PETISCAR LUME.JPG
312 - PETISCAR LUME- FERIR FOGO.JPG
312 - PIOR QUE NUNCA - MAIS QUE NUNCA.JPG
312 - PIOR QUE NUNCA.JPG
312 - POR EM QUANTO - PELO.JPG
312 - POR TUDO - POR TODA A PARTE.JPG
312 - POR TUDO - POR TODA PARTE.JPG
312 - POUCO OU NADA - GRUPOS ESTEREOTIPADOS QUE TODOS OS ESCRITORES EMPREGAM.JPG
312 - POUCO OU NADA .JPG
312 - PULÁ-PULANDO - FALA.JPG
312 - PUXAR PARA DENTRO - TIRAR.JPG
312 - PÉ DE VENTO.JPG
312 - QUE NEM, COMO, ASSIM COMO.JPG
312 - QUE NEM.JPG
312 - QUÊ - DÊLE - ÊLE.JPG
312 - QUÊ DÊLE ÊLE - QUEDÊ ÊLE.JPG
312 - QUÊ DÊLE ÊLE.JPG
312 - RABO DO OLHO A.JPG
312 - RABO DO OLHO.JPG

312 - RALHA - RALHANDO - FALA.JPG
312 - SABE QUE O PAI QUE SE MATOU - SABE QUE O PAI SE MATOU.JPG
312 - SABE QUE O PAI QUE SE MATOU 2.JPG
312 - SABÁ - VINHA QUE VINHA POSSUÍDA DE....JPG
312 - SABÁ - VINHA QUE VINHA.JPG
312 - SENTIDO OPOSTO AOS TERMOS DA FRASE.JPG
312 - SENTIDO OPOSTO AOS TERMOS USADOS PARA REPRESENTÁ-LO.JPG
312 - T - TIRAR DENTRO.JPG
312 - T - TIRAR FOGO.JPG
312 - TAL E QUAL - TAL QUAL COMO.JPG
312 - TAL E QUAL.JPG
312 - TAL QUAL COMO - TAL E QUAL.JPG
312 - TIRAR DENTRO - TIRAR PARA DENTRO - PUXAR PARA DENTRO.JPG
312 - VEM QUE VEM FEITO - SABÁ... VINHA QUE....JPG
312 - VICTOR AMIGOS - VICTOR FEIÇÃO.JPG
312 - VICTOR FEIÇÃO - VICTOR AMIGOS.JPG
312 - VICTOR FEIÇÃO.JPG
312 - VIR QUE VIR FULA - SABÁ... VINHA QUE.JPG
312 - VITRINE.JPG
312 - VÓS OUTROS - NÓS OUTROS.JPG
312 - ÊLE - SEGUIDO DE SEU ANTECEDENTE POR CLAREZA.JPG
312- IDIOTISMOS.JPG
313 - 317 - M - METÁFORAS.JPG
313 - ANACOLUTIA. A.JPG
313 - ANACOLUTIA.JPG
313 - ANACOLÚTIA - CONCORDÂNCIA PSÍQUICA.JPG
313 - ANACOLÚTIA - DEFINIÇÃO E EXEMPLOS.JPG
313 - ANACOLÚTIA A.JPG
313 - ANACOLÚTIA.JPG
313 - ANACOLÚTIAS .JPG
313 - AS REGRAS, ... A MAIOR PARTE DEPENDE - ANACOLÚTIA.JPG
313 - CONCORDÂNCIA IRREGULAR OU PSÍQUICA - ANACOLÚTIA.JPG
313 - CONSTRUÇÃO INTERRUPTA.JPG
313 - CONSTRUÇÕES IRREGULARES - ANACOLÚTIA.JPG
313 - EXAGEROS - HIPÉRBOLES E METÁFORAS.JPG
313 - EXAGEROS.JPG
313 - FIGURAS DE SINTAXE - ANACOLUTIA - FRENTE.JPG
313 - FIGURAS DE SINTAXE - ANACOLUTIA - VERSO.JPG
313 - METÁFORAS.JPG
313 - QUE O MAR FOSSE TINTA E O CÉU PAPEL.JPG
313 - SENTIDO INTERROMPIDO.JPG
313, 317 - METÁFORAS.JPG
314 - ACENTO AGUDO NA CRASE.JPG
314 - ELIPSES - FRENTE.JPG
314 - ELIPSES -VERSO.JPG
314 - ELIPSES A.JPG
314 - ELIPSES B.JPG
314 - ELIPSES C.JPG
314 - ELIPSES.JPG

314 - À BALA FRENTE.JPG
314 - À BALA NÃO A BALA.JPG
314 - À BALA VERSO.JPG
315 - EMPEDRENIDO.JPG
315 - M - METÁTESES.JPG
315 - METÁTESES 2.JPG
315 - METÁTESES.JPG
315 - P - PERCALÇO.JPG
315 - P - PERCISAR.JPG
315 - PERCALÇO.JPG
315 - PERCALÇOS.JPG
315 - PERCISAR - A.JPG
315 - PERCISAR.JPG
315 - PERGUNTAR E PREGUNTAR - PRÉGUNTAS E PRÁGUNTAS (FRENTE).JPG
315 - PERGUNTAR E PREGUNTAR - PRÉGUNTAS E PRÁGUNTAS (VERSO).JPG
315 - PERGUNTAR.JPG
315 - PERIFERIA - PREFERIA.JPG
315 - PERTENDER.JPG
315 - POCELANA - METATESIS.JPG
315 - PRECALÇO - PERCALÇO - PRECALÇOS.JPG
315 - PRECALÇO - PERCALÇO.JPG
315 - PREFERIA - PERIFERIA.JPG
315 - PREFERIA POR PERIFERIA.JPG
315 - PREGUNTAR - PERGUNTAR A.JPG
315 - PREGUNTAR - PERGUNTAR.JPG
315 - PREPENDICULAR 2.JPG
315 - PREPENDICULAR.JPG
315 - PRETENDER - PERTENDER - PRÉGUNTAS - PERGUNTAS.JPG
315 - PRETENDER - PERTENDER.JPG
315 - PREVERSÃO - PERVERSÃO 2.JPG
315 - PREVERSÃO - PERVERSÃO.JPG
315 - PROMENORES - PORMENORES.JPG
315 - PROMENORES.JPG
315 - PRÓGUNTAS - PERGUNTAS.JPG
315 - QUARTENÁRIO - QUATERNÁRIO.JPG
316 - M - MUITO GRANDÍSSIMA.JPG
316 - MUITO GRANDÍSSIMO.JPG
316 - SOL POSTINHO.JPG
316 - SOL-POSTINHO.JPG
317 - 322 - SEU DÊLE.JPG
317 - A MIM ME 2.JPG
317 - A MIM ME, TE A TI, NÓS NOS ETC..JPG
317 - A MIM ME....JPG
317 - A MIM ME.JPG
317 - A NÓS NOS... A MIM ME.JPG
317 - A VÓS VOS - A MIM ME.JPG
317 - ANTÍDOTO CONTRA - COINCIDIR COM....JPG
317 - COINCIDIR COM A.JPG
317 - COINCIDIR COM.JPG

317 - DESCER PARA BAIXO - SUBIR PARA CIMA.JPG
317 - ERGUER-SE EM PÉ - PLEONASMOS.JPG
317 - ESTADA, NÃO ESTADIA.JPG
317 - GEMER - GEMIDOS.JPG
317 - LEVANTAR-SE EM PÉ.JPG
317 - MAIS MÍNIMO.JPG
317 - MIM ME.JPG
317 - NUM VÊ QUE.JPG
317 - NUNCA JAMAIS SEPARADOS ELEGANTEMENTE - ESTADA NÃO ESTADIA.JPG
317 - NÃO VÊ QUE - NUM VÊ.JPG
317 - PELONASMOS.JPG
317 - PLEONASMOS - LEVANTAR-SE EM PÉ - ERGUER-SE EM PÉ.JPG
317 - PLEONASMOS A.JPG
317 - PLEONASMOS B.JPG
317 - PLEONASMOS C.JPG
317 - PLEONASMOS CONSAGRADOS.JPG
317 - PLEONASMOS PRONOMINAIS - A MIM ME.JPG
317 - PLEONASMOS.JPG
317 - SEU DÊLE.JPG
317 - SUBIR PARA CIMA - DESCER PARA BAIXO.JPG
317 - SUBIR PARA CIMA.JPG
317 - TE A TI.JPG
317 - TEU - DÊLE.JPG
317 - VOLTAR PARA TRAS [RASURA NA GRAFIA DE TRAS].JPG
317 - VOLTAR PARA TRÁS.JPG
317 - VÓS VOS - A MIM ME.JPG
318 - AMBIGUIDADE - A FATALIDADE DO SEU SUA ANFIBOLOGIA - FRENTE.JPG
318 - AMBIGUIDADE - A FATALIDADE DO SEU SUA ANFIBOLOGIA - VERSO.JPG
318 - ANFIBOLOGIA - AMBIGUIDADE.JPG
318 - ANFIBOLOGIA - ORDEM NAS PALAVRAS NO DISCURSO.JPG
318 - ANFIBOLOGIA 2.JPG
318 - ANFIBOLOGIA 3.JPG
318 - ANFIBOLOGIA.JPG
318 - APETITE DO CIBO - FRENTE.JPG
318 - APETITE DO CIBO - VERSO.JPG
318 - APETITE DO CIBO 2.JPG
318 - CHEFE DA POLÍCIA - IRMÃ DA CARIDADE.JPG
318 - CIBO - APETITE DO CIBO.JPG
318 - ELE EXPLETIVO A.JPG
318 - ELE EXPLETIVO.JPG
318 - ELE GREGÓRIO - ELE EXPLETIVO.JPG
318 - IRMÃ DA CARIDADE NÃO DE CARIDADE - CHEFE DA POLÍCIA.JPG
318 - IRMÃ DA CARIDADE.JPG
318 - MICRÓBIOS DO ESTILO A.JPG
318 - MICRÓBIOS DO ESTILO.JPG
318 - OS POSSESSIVOS SEU SUA DÊLE DE VOCÊ - E A AMBIGUIDADE.JPG

318 - OS POSSESSIVOS SEU SUA.JPG
318 - PLICAR A.JPG
318 - PLICAR.JPG
318 - SEU SUA UM UMA - USO ITERATIVO - CONTINUAÇÃO A.JPG
318 - SEU SUA UM UMA - USO ITERATIVO - CONTINUAÇÃO B.JPG
318 - SEU SUA UM UMA - USO ITERATIVO - CONTINUAÇÃO C.JPG
318 - SEU SUA UM UMA - USO ITERATIVO - FRENTE.JPG
318 - SEU SUA UM UMA - USO ITERATIVO - VERSO.JPG
318 - SEU, SUA - USO INTERATIVO, DESNECESSÁRIO E VICIOSO.JPG
318 - SEU, SUA E A AMBIGUIDADE - OS POSSESSIVOS.JPG
318 - T - TÍSICA - TUBERCULOSA.JPG
318 - TÍSICA - TUBERCULOSE.JPG
318 - U - UM UMA USO ITERATIVO DENECESSÁRIO E VICIOSO SEU SUA.JPG
318 - U - UM UMA USO ITERATIVO DENECESSÁRIO E VICIOSO.JPG
318 - ÊLE - EXPLETIVO PARA CLAREZA.JPG
318 - ÊLE EXPLETIVO.JPG
319 - LICENÇAS POÉTICAS.JPG
319 - LICENÇAS POÉTICAS.JPG
32 - C - CONSTRUÇÃO COM REGÊNCIA - OS PRONOMES - DIVISÓRIA.JPG
32 - C - CONSTRUÇÃO E REGÊNCIA - OS PRONOMES - DIVISÓRIA.JPG
32 - CONSTRUÇÃO E REGÊNCIA - DIVISÓRIA.JPG
32 - SE - PRONOME.JPG
321 - FEZ ELA ENTRAR.JPG
321 - A - ABRAÇA-LHE O AMIGO F.....JPG
321 - ABRAÇA-LHE O AMIGO F....JPG
321 - BASTARÁ-LHE - OLÁ - COMO ASSIM.JPG
321 - F - FEZ ELA ENTRAR.JPG
321 - FEZ ELA ENTRAR.JPG
321 - GONÇALVES VIANA - CARTA AO AUTOR DO FICHÁRIO.JPG
321 - JOÃO REBEIRO E OS PRONOMES FRENTE.JPG
321 - JOÃO REBEIRO E OS PRONOMES VERSO.JPG
321 - LHE - O - ABRAÇO-LHE.JPG
321 - LHE A ELE - POR CLAREZA E POR ÊNFASE.JPG
321 - LHE A ÊLE.JPG
321 - LHE POR O.JPG
321 - LUGAR DO PRONOME.JPG
321 - O LUGAR DO PRONOME OBJECTO EM PORTUGAL.JPG
321 - O LUGAR DO PRONOME.JPG
321 - O PRONOME NAS FRASES INTERROGATIVAS - SEU LUGAR.JPG
321 - O PRONOME OBLÍQUO E O QUE - PRONOMES OBLÍQUOS.JPG
321 - O QUE E OS PRONOMES A.JPG
321 - O QUE E OS PRONOMES.JPG
321 - OS PRONOMES A.JPG
321 - OS PRONOMES TE ESCUTE ESCUTE-SE - CONTINUAÇÃO.JPG
321 - OS PRONOMES TE ESCUTE ESCUTE-SE - FRENTE.JPG
321 - OS PRONOMES TE ESCUTE ESCUTE-SE - VERSO.JPG
321 - OS PRONOMES TE GARANTO QUE - FRENTE.JPG
321 - OS PRONOMES TE GARANTO QUE - VERSO.JPG
321 - OS PRONOMES ÁTONOS E O QUE.JPG

321 - OS PRONOMES.JPG
321 - PARA CASOS DE CONCORDÂNCIA CONSULTE OS NRS 301.JPG
321 - PRONOMES - OS PRONOMES.JPG
321 - PRONOMES OBLÍQUOS.JPG
321 - PRONOMES, NAS FRASES INTERROGATIVAS.JPG
321 - PRONOMES.JPG
321 - QUE ÊLE VIU-OS.JPG
321 - SABERÃO-ME, OLÁ, COMO ASSIM....JPG
321 - T - TRAGA ÊLE AQUI - ÊLE COMPLEMENTO.JPG
321 - TE GARANTO.JPG
321 - ÊLE - COMPLEMENTO - EU VI ÊLE ETC.JPG
321 - ÊLE - COMPLEMENTO .JPG
321 - ÊLE - PRONOME OBJETO EU VI ÊLE ETC.JPG
321 - ÊLE - PRONOME OBJETO.JPG
322 - CONSIGO - SI.JPG
322 - DE SI.JPG
322 - SEM SI.JPG
322 - SEU DÊLE FRENTE.JPG
322 - SEU DÊLE VERSO.JPG
322 - SI PRONOME CONSIGO A FRENTE.JPG
322 - SI PRONOME CONSIGO A VERSO.JPG
322 - SI PRONOME CONSIGO FRENTE.JPG
322 - SI PRONOME CONSIGO VERSO.JPG
322 - SI, PRONOME.JPG
322 - SI, REFERIDO À PESSOA A QUEM SE FALA.JPG
322 - SÍ PRONOME REFERIDO À SEGUNDA PESSOA FRENTE.JPG
322 - SÍ PRONOME REFERIDO À SEGUNDA PESSOA VERSO.JPG
322 - TI - PRONOME CONSIGO FRENTE.JPG
322 - TI - PRONOME CONSIGO VERSO.JPG
322 - TI REFERIDO À PESSOA A QUEM SE FALA.JPG
323 - DE EU E TU A MAJESTADE - TRATAMENTO.JPG
323 - EU E TU A MAJESTADE - TRATAMENTOS.JPG
323 - MISTURA DE TRATAMENTOS - V EXC E VÓS TU E VOCÊ.JPG
323 - MODÉSTIA CONVENCIONAL.JPG
323 - NÓS EM VEZ DE EU.JPG
323 - T - TRATAMENTOS - MISTURA DE.JPG
323 - T - TRATAMENTOS.JPG
323 - TRATAMENTOS DE EU E TU A MAJESTADE.JPG
324 - 1 - SE, PRONOME - SUJEITO (FRENTE) .JPG
324 - 2 - O SE SUJEITO DA ORAÇÃO, E ... A PALAVRA DE HONRA (FRENTE) .JPG
324 - 2 - O SE SUJEITO DA ORAÇÃO, E ... A PALAVRA DE HONRA (VERSO) .JPG
324 - 5 - SE, SUJEITO DA ORAÇÃO (FRENTE) .JPG
324 - 5 - SE, SUJEITO DA ORAÇÃO (VERSO) .JPG
324 - 7 - SE, SUJEITO DA ORAÇÃO, MIM E TI, IDEM (FRENTE).JPG
324 - 7 - SE, SUJEITO DA ORAÇÃO, MIM E TI, IDEM (VERSO).JPG
324 - 9 - SE SUJEITO, O, OS, LHES, NOS, IDEM (FRENTE).JPG
324 - 9 - SE SUJEITO, O, OS, LHES, NOS, IDEM (VERSO).JPG
324 - A TI.JPG
324 - MIM SUJEITO DA ORAÇÃO.JPG

324 - O OS LHES NOS SUJEITOS DAS ORAÇÕES.JPG
324 - O SUJEITO DA ORAÇÃO QUANDO PRONOME OBLÍQUO - SE SUJEITO A.JPG
324 - O SUJEITO DA ORAÇÃO QUANDO PRONOME OBLÍQUO - SE SUJEITO.JPG
324 - SE PRONOME INDEFINIDO.JPG
324 - SE PRONOME SUJEITO.JPG
324 - SE, PRONOME SUJEITO E PALAVRA DE HONRA.JPG
324 - SE, PRONOME-SUJEITO.JPG
324 - SE, SUJEITO DA ORAÇÃO.JPG
324 - SE, SUJEITO.JPG
324 - T - TE, PRONOME INDEFINIDO, SUJEITO DA ORAÇÃO.JPG
324 - T - TI SUJEITO DA ORAÇÃO.JPG
324 - TI SUBJECTIVO.JPG
324-3 - S - SE, SUJEITO DA ORAÇÃO (FRENTE).JPG
324-3 - S - SE, SUJEITO DA ORAÇÃO (VERSO).JPG
324-6 - A - A TI....JPG
324.3 - SE SUJEITO DA ORAÇÃO.JPG
33 - CONSTRUÇÃO E REGÊNCIA - VERBOS - DIVISÓRIA 2.JPG
33 - CONSTRUÇÃO E REGÊNCIA - VERBOS - DIVISÓRIA.JPG
331 - DEVE DE RESULTAR.JPG
331 - FALAR, DIZER.JPG
331 - FITAR (FRENTE).JPG
331 - MORDER NO (VERSO).JPG
331 - SE ANDAVA.JPG
331 - VENCER VICTÓRIAS.JPG
331 - 2 - DAMEJAR COM.JPG
331 - AMOR POR.JPG
331 - ANDAR-SE = ANDAR.JPG
331 - ANDAR-SE = SE ANDAVA.JPG
331 - BATER HORAS - DAR.JPG
331 - C - CHAMAR DE FEIO.JPG
331 - C - CHOVER - FALAR AS ESTOPINHAS - FALAR SEM CESSAR.JPG
331 - C - CONSTAR DE, IMPESSOAL.JPG
331 - C - CUSTAR - CUSTEI A ACREDITAR.JPG
331 - C - CUSTO A CRER.JPG
331 - CANTAR CANTARES - VENCER VICTORIAS.JPG
331 - CASAR E CASAR-SE.JPG
331 - CHAMAR DE - A - (FRENTE) (2).JPG
331 - CHAMAR DE FEIO.JPG
331 - CHOVER = FALAR MUITO.JPG
331 - CHOVER.JPG
331 - CONSTAR DE.JPG
331 - CUSTAR.JPG
331 - CUSTEI A CRER.JPG
331 - CUSTO A CRER A.JPG
331 - CUSTO A CRER.JPG
331 - D - DAMEJAR COM - NAMORAR COM.JPG
331 - D - DAR HORAS, BATER HORAS.JPG
331 - D - DESPENDER-SE.JPG

331 - D - DEVE DE RESULTAR.JPG
331 - D - DEVE DE SER, DEVE DE VIVER, DEVE DE ESTAR.JPG
331 - D - DEVE DE SER.JPG
331 - D - DIZER PARA.JPG
331 - DAMEJAR COM.JPG
331 - DAR HORAS 1.JPG
331 - DAR HORAS 2.JPG
331 - DAR HORAS.JPG
331 - DESPENDER-SE 2.JPG
331 - DESPENDER-SE.JPG
331 - DEVE DE SER 1.JPG
331 - DEVE DE SER A.JPG
331 - DEVE DE SER.JPG
331 - DEVE DE.JPG
331 - DISSE PARA.JPG
331 - DIZER - FALAR.JPG
331 - DIZER PARA ALGUÉM - DIZER PARA.JPG
331 - DIZER PARA.JPG
331 - E - ENCARAR NO....JPG
331 - E - ENTRAR OU SAIR EM.JPG
331 - E - ESVOAÇAR, NÃO ESVOAÇAR-SE.JPG
331 - ENCARAR NO.JPG
331 - ENTRAR OU SAIR EM.JPG
331 - ESVOAÇAR.JPG
331 - F - FALAR, DIZER.JPG
331 - F - FAZER COM QUE = FAZER QUE.JPG
331 - F - FITAR (FRENTE).JPG
331 - F - FITAR (VERSO).JPG
331 - F - FITAR - FITOU-OS - OLHOS FITOS NA.JPG
331 - F - FITAR 2 (VERSO).JPG
331 - F - FITAR 2 (HÁ OUTRA FICHA) - (FRENTE).JPG
331 - F - FITAR.JPG
331 - F - FUGIR - VERBO TRANSITIVO.JPG
331 - FALAR E DIZER (2).JPG
331 - FALAR E DIZER.JPG
331 - FAZER COM QUE = FAZER QUE.JPG
331 - FAZER COM QUE.JPG
331 - FAZER QUE - FAZER COM QUE.JPG
331 - FAZER QUE = FAZER COM QUE.JPG
331 - FITAR (HÁ OUTRAS FICHAS).JPG
331 - FITAR FITOU-A.JPG
331 - FITAR.JPG
331 - FUGIR - V. TRANSITIVO.JPG
331 - FUGIR.JPG
331 - L - LEMBRAR QUE - LEMBRAR DE QUE.JPG
331 - LEMBRAR QUE - LEMBRAR DE QUE.JPG
331 - LEMBRAR QUE.JPG
331 - LEVAR ANCORA- LEVANTAR ANCORA.JPG
331 - M - MORDER NO (FRENTE).JPG

331 - M - MORDER NO (VERSO).JPG
331 - M - MORDER NO....JPG
331 - M - MORDER NO.JPG
331 - MORDER NO (FRENTE).JPG
331 - MORDER NO....JPG
331 - MORDER NO.JPG
331 - N - NAMORAR COM.JPG
331 - NAMORAR COM 2.JPG
331 - NAMORAR COM.JPG
331 - O - OPTAR.JPG
331 - OPTAR ENTRE DUAS COISAS.JPG
331 - OPTAR POR UMA COISA.JPG
331 - OPTAR UM DOS DOIS.JPG
331 - OPTAR.JPG
331 - P - PEDIR PARA (COM INFINITIVO).JPG
331 - P - PEDIR PARA.JPG
331 - P - PRECAVER, VERBO DEFECTIVO, SUA CONJUGAÇÃO.JPG
331 - P - PRECAVIU-SE.JPG
331 - PEDIR PARA (COM INFINITIVOS).JPG
331 - PEDIR PARA COM INFINITIVO.JPG
331 - PESCAR PEIXE - VENCER VICTÓRIA.JPG
331 - PRECAVER A.JPG
331 - PRECAVER.JPG
331 - PRECAVIU-SE.JPG
331 - Q - QUE = EM QUE.JPG
331 - Q - QUE ELA GOSTASSE - DE QUE ELA GOSTASSE.JPG
331 - QUE - EM QUE.JPG
331 - QUE ELA GOSTASSE - DE QUE ELA GOSTASSE.JPG
331 - QUE ELA GOSTASSE A.JPG
331 - QUE ELA GOSTASSE.JPG
331 - QUE EM QUE.JPG
331 - R - RESPONDER - REQUER REGIMEN INDIRECTO.JPG
331 - R - RESPONDER A - NÃO RESPONDÊ-LA.JPG
331 - R - RESPONDER A, AO, NÃO RESPONDER ISSO, RESPONDER O.JPG
331 - RESPONDER A RESPONDÊ-LA.JPG
331 - RESPONDER A.JPG
331 - RESPONDER AO - NÃO A.JPG
331 - RESPONDER REQUER.JPG
331 - RESPONDER.JPG
331 - S - SE ANDASSEM - LEVASSEM ÂNCORA.JPG
331 - S - SINTAXE DE ATIRAR.JPG
331 - S - SUJEITO OBRIGATORIAMENTE OCULTO OU SUBENTENDIDO.JPG
331 - SAIR EM, SAIR DE - ENTRAR OU SAIR.JPG
331 - SINTAXE DE ATIRAR.JPG
331 - SOAR HORAS - DAR.JPG
331 - SUJEITO OBRIGATORIAMENTE OCULTO 2.JPG
331 - SUJEITO OBRIGATORIAMENTE OCULTO.JPG
331 - V - VENCER VICTÓRIAS - UNTAR COM UNTO - PESCAR PEIXE.JPG
331 - V - VERBOS TRANSITIVOS, INTRANSITIVOS, NEUTROS.JPG

331 - VENCER VICTÓRIAS.JPG
331 - VERBOS - TRANSITIVOS, INTRANSITIVOS, NEUTROS.JPG
331 - VERBOS TRANSITIVOS, INTRANSITIVOS.JPG
331-4 - D - DEVE DE SER.JPG
332 - TÊM.JPG
332 - DEEM - TÊM.JPG
332 - DÊM OU DÊEM - TEM OU TEEM.JPG
332 - M - MERECER DE TER A.JPG
332 - M - MERECER DE TER.JPG
332 - MERECER DE LER.JPG
332 - MERECER DE TER.JPG
332 - T - TEM - FORMA ÚNICA (SING. E PLURAL) COMO VEM (FRENTE).JPG
332 - T - TEM - FORMA ÚNICA (SINGULAR E PLURAL) COMO VEM (VERSO).JPG
332 - T - TEM - TEEM.JPG
332 - T - TÊM OU TEEM, VÊM OU VEEM.JPG
332 - TEEM - TÊM.JPG
332 - TEM - TÊM.JPG
332 - TEM TEEM.JPG
332 - TEM, FORMA ÚNICA VERSO.JPG
332 - TEM, FORMA ÚNICA.JPG
332 - TER QUE IR - QUE ESCREVER - QUE SER - QUE FAZER.JPG
332 - TÊM - TEEM - TÊEM.JPG
332 - TÊM OU TEEM.JPG
332 - VEM = VEEM (DE VER E DE VIR) - TEM, FÓRMA ÚNICA.JPG
332 - VÊEM - TÊM.JPG
332 - VÊM OU VÊEM - TEM OU TEEM.JPG
333 - HA VERBO OU A PREPOSIÇÃO.JPG
333 - HAVER EXISTIR - O VERBO HAVER.JPG
333 - HAVIA OU HAVIAM.JPG
333 - HAVIAM = HAVIA.JPG
333 - HOUVERAM BAILES.JPG
333 - HOUVERAM, HOUVESSEM, HOUVESSE 2 - VERSO .JPG
333 - HOUVESSEM POR HOUVESSE.JPG
333 - HÁ OU HAVIA.JPG
333 - MODOS DE VERBOS.JPG
333 - O VERBO HAVER.JPG
333 - TEMPOS DE VERBOS - MODOS DE VERBOS (FRENTE).JPG
333 - TEMPOS DE VERBOS - MODOS DE VERBOS (VERSO).JPG
333 - TEMPOS DE VERBOS.JPG
333 - VERBO HAVER (SOB A PENA DE CAMILO).JPG
333 - VERBO HAVER - HOUVESSEM, POR HOUVESSE.JPG
333 - VERBO HAVER = EXISTIR.JPG
334 - HOJE É VINTE.JPG
334 - CONCORDÂNCIA DO VERBO SER.JPG
334 - ERA UMA VEZ UM FRADE.JPG
334 - HOJE É CINCO DE JUNHO (2).JPG
334 - HOJE É CINCO DE JUNHO.JPG
334 - HOJE É VINTE (VERBO SER).JPG
334 - JÁ TUDO É CINZAS.JPG

334 - SER - VERBO SER.JPG
334 - T - TUDO É CINZAS - JÁ TUDO É CINZAS.JPG
334 - T - TUDO É CINZAS.JPG
334 - VERBO SER - ERA UMA VEZ, ETC..JPG
334 - VERBO SER.JPG
334 - VERBO SUBSTANTIVO - VERBO SER....JPG
334 - VERBOS ADJECTIVOS - VERBO SER , VERBO SUBST,.JPG
334 - É CINCO DE JUNHO.JPG
335 - INFINITIVO IMPESSOAL - OS INFINITIVOS.JPG
335 - INFINITIVO PESSOAL - EXEMPLOS 2 (FRENTE).JPG
335 - INFINITIVO PESSOAL - EXEMPLOS 2 (VERSO).JPG
335 - INFINITIVO PESSOAL.JPG
335 - INFINITIVOS.JPG
335 - INFINITO IMPESSOAL - EXEMPLOS 1.JPG
335 - INFINITO IMPESSOAL.JPG
335 - INFINITO PESSOAL - EXEMPLOS (VERSO).JPG
335 - INFINITO PESSOAL - EXEMPLOS 1.JPG
335 - INFINITO PESSOAL - EXEMPLOS.JPG
335 - INFINITO PESSOAL 1 (FRENTE).JPG
335 - INFINITO PESSOAL 2 (VERSO).JPG
335 - INFINITO PESSOAL 3.JPG
335 - OS INFINITOS 2.JPG
335 - OS INFINITOS.JPG
335 - QUESTÕES DO INFINITIVO.JPG
335 -INFINITO PESSOAL 2 (FRENTE).JPG
34 - CONSTRUÇÃO E REGÊNCIA, VOCÁBULOS E LOCUÇÕES - DIVISÓRIA.JPG
34 - CONSTRUÇÃO E REGÊNCIAS - VOCÁBULOS E LOCUÇÕES - MENOS VERBOS.JPG
341 - A MIM ME.PNG
341 - A MINDO.JPG
341 - ACÊRCA DE.JPG
341 - MICRÓBIOS DO ESTILO.JPG
341 - 2 - SE O... - FRENTE.JPG
341 - 3 - SE O - FRENTE.JPG
341 - 4 - SE O... FRENTE.JPG
341 - 4 - SE O... VERSO.JPG
341 - 5 - SE O... FRENTE.JPG
341 - 5 - SE O...VERSO.JPG
341 - 6 - SE O... VERSO.JPG
341 - 6 - SE O... FRENTE.JPG
341 - 7 - SE O... FRENTE.JPG
341 - 7 - SE O... VERSO.JPG
341 - 8 - SE OS NÃO POSSA NOTAR - FRENTE.JPG
341 - 8 - SE OS NÃO POSSA NOTAR - VERSO.JPG
341 - 9 - SE O SE A - FRENTE.JPG
341 - 9 - SE O SE A - VERSO.JPG
341 - A - ACÊRCA, NÃO SÔBRE.JPG
341 - A MINDO - AMINDE.JPG
341 - A MIUDE - A MIUDO - FRENTE.JPG

341 - A MIUDE - A MIUDO - VERSO.JPG
341 - A OBSESSÃO DA RIMA - OSTRA CRUA.JPG
341 - A PROPÓSITO - AO PROPÓSITO.JPG
341 - A PROPÓSITO DE EMÉRITO.JPG
341 - A PROPÓSITO NÃO AO.JPG
341 - ACÊRCA, NÃO SÔBRE.JPG
341 - ADJECTIVO PARTITIVO - HOUVE DÊLES QUE.JPG
341 - ADJECTIVO PARTITIVO.JPG
341 - ADVÉRBIOS ...MENTE.JPG
341 - ADVÉRBIOS EM MENTE.JPG
341 - AMBOS DOIS, ETC..JPG
341 - AMEÚDE - AMIÚDE.PNG
341 - AMINDE 2.PNG
341 - AMINDE 3.JPG
341 - AMINDE.JPG
341 - AMJÚDO - AMINDE.JPG
341 - AO PROPÓSITO - A PROPÓSITO - FRENTE.JPG
341 - AO PROPÓSITO - A PROPÓSITO - VERSO.JPG
341 - AO PROPÓSITO NÃO A PROPÓSITO - FRENTE.JPG
341 - AO PROPÓSITO NÃO A PROPÓSITO - VERSO.JPG
341 - ARCAIZANTES - OS VELHOS.JPG
341 - AS MAIS VEZES - AS MAIS DAS VEZES.JPG
341 - ASSINZINHO - MALEMAZINHO - PIQUIRA - PEQUIRA - FRENTE.JPG
341 - ASSINZINHO - MALEMAZINHO - PIQUIRA - PEQUIRA - VERSO.JPG
341 - AVER DO PESO - AVOIR DU POIDIS.JPG
341 - AVES DE PESO.JPG
341 - BRASILEIRISMOS - MÁ VONTADE DOS PORTUGUESES A.JPG
341 - BRASILEIRISMOS - MÁ VONTADE DOS PORTUGUESES.JPG
341 - CADA QUAL - QUAL A QUAL.JPG
341 - CASO SÉRIO - FORMIDÁVEL.JPG
341 - CASO SÉRIO.JPG
341 - CHAMAR POR 2.JPG
341 - CHAMAR POR.JPG
341 - CONDIGNO C0M.JPG
341 - CONDIGNO COM.JPG
341 - CUMPRIR COM A.JPG
341 - CUMPRIR COM.JPG
341 - CUSTO DO PREÇO - O CUSTO DO PREÇO.JPG
341 - DE - RUA DE GARRETT OU RUA GARRETT - FRENTE.JPG
341 - DE - RUA DE GARRETT OU RUA GARRETT - VERSO.JPG
341 - DE OUVIDA - DE OITIVA - DE OUVIDO.JPG
341 - DE OUVIDA.JPG
341 - DE QUANDO EM VEZ 2.JPG
341 - DE QUANDO EM VEZ.JPG
341 - DEPARAR COM 2.JPG
341 - DEPARAR COM.JPG
341 - DISSE ANSIM.JPG
341 - DISSE ASSIM - DISSE ANSIM.JPG
341 - DR OU DOR - DR.JPG

341 - DR OU DOR.JPG
341 - EM ARREDOR - EM REDOR.JPG
341 - EM ARREDOR A.JPG
341 - EM QUANTO A MIM A.JPG
341 - EM QUANTO A MIM.JPG
341 - ENTRE ELE E MIM... FRENTE.JPG
341 - ENTRE ELE E MIM... VERSO.JPG
341 - ENTRE MIM E TI.JPG
341 - ENTRE ÊLE E MIM.JPG
341 - ESPIRITO - ESPRITO.JPG
341 - ESPRITO - ESPÍRITO.JPG
341 - ESPRITO.JPG
341 - ESTILO E LÍNGUA.JPG
341 - EÇA DE QUEIRÓS.JPG
341 - F - FORMIDÁVEL.JPG
341 - FEITO (2).JPG
341 - FEITO - FRENTE.JPG
341 - FEITO - VERSO.JPG
341 - FEITO.JPG
341 - FORMIDÁVEL - DECÊNIO.JPG
341 - FORMIDÁVEL - DÉCADA - DECÊNIO - FRENTE.JPG
341 - FORMIDÁVEL - DÉCADA - DECÊNIO - VERSO.JPG
341 - FORMIDÁVEL - DÉCADA.JPG
341 - FORMIDÁVEL.JPG
341 - GENTE HUMANA - FRENTE.JPG
341 - GENTE HUMANA - VERSO.JPG
341 - GENTE HUMANA 2.JPG
341 - HA DE MISTER - É DE MISTER.JPG
341 - HAVER DE MISTER - É DE MISTER.JPG
341 - HOUVE DELES QUE - ADJETIVO PARTITIVO.JPG
341 - HOUVE DÊLES QUE.JPG
341 - HÁ DE MISTER É DE MISTER.JPG
341 - ISQUIÁTICO - NERVO.JPG
341 - LESA-PATRIOTISMO A.JPG
341 - LESA-PATRIOTISMO.JPG
341 - M - ...MENTE - ADVÉRBIOS.JPG
341 - M - MICRÓBIOS DO ESTILO.JPG
341 - M - MULHER NUA.JPG
341 - MALEMAZINHO.JPG
341 - MALEMÁ.JPG
341 - MATAGAL DE BRAVIO A.JPG
341 - MATAGAL DE BRAVIO.JPG
341 - MICRÓBIOS DO ESTILO.JPG
341 - MINDAS VEZES.JPG
341 - MISTURA - CAFÉ COM MISTURA.JPG
341 - MISTURA.JPG
341 - MIÚDAS VEZES.JPG
341 - MODE DE VER SÔBRE - MODO DE VER ACERCA DE.JPG
341 - MODO DE VER SÔBRE - MODO DE VER ACERCA DE.JPG

341 - MÁQUINAS DE ESCREVER.JPG
341 - NA Á RECOLHER NA CACHOEIRA.JPG
341 - NA Á RECOLHER NA COCHEIRA A.JPG
341 - NESTE ENTRETANTO.JPG
341 - NÊSTE ENTRETANTO.JPG
341 - O CUSTO .... DO PREÇO.JPG
341 - O CUSTO DO PREÇO.JPG
341 - O QUE QUER QUE SEJA A.JPG
341 - O QUE QUER QUE SEJA B.JPG
341 - O QUE QUER QUE SEJA.JPG
341 - OSTRA CRUA A.JPG
341 - OSTRA CRUA MULHER NUA.JPG
341 - OSTRA CRUA.JPG
341 - P - PEQUIRA PEQUISA.JPG
341 - PEQUISA.JPG
341 - PESSOA CABAL (2).JPG
341 - PESSOA CABAL.JPG
341 - PESSOA HUMANA (COMP. GENTE HUMANA 341).JPG
341 - PESSOA HUMANA.JPG
341 - PIQUIRA - ASSIMZINHO.JPG
341 - PODE QUE CHOVA A.JPG
341 - PODE QUE CHOVA.JPG
341 - PORÉM EM COMEÇO DE ORAÇÃO OU PERÍODO.JPG
341 - PORÉM EM COMEÇO OU NO FIM DO PERÍODO.JPG
341 - PREFERIR ANTES DO QUE - FRENTE.JPG
341 - PREFERIR ANTES DO QUE - VERSO.JPG
341 - PREFERIR ANTES.JPG
341 - PREFERIR DO QUE - PREFERIR ANTES.JPG
341 - PRENDAS DOMÉSTICAS - SABIA PRENDAS.JPG
341 - PURURUCA.JPG
341 - QUAL A QUAL - CADA QUAL.JPG
341 - QUANTO A MIM - EM QUANTO.JPG
341 - QUE PARTE.JPG
341 - REI DO IDIOMA - RUI - DEPARAR COM.JPG
341 - REINTEGRAR - REINTEGRE - REINTEGRADO.JPG
341 - RUA DE FULANO.JPG
341 - RUA DE GARRETT.JPG
341 - SABEI-ME LÁ 2.JPG
341 - SABEI-ME LÁ.JPG
341 - SABENDO - QUE SABIA.JPG
341 - SABER PIANO 2.JPG
341 - SABER PIANO.JPG
341 - SABER PRENDAS DE COSTURA.JPG
341 - SABRIA PRENDAS DE COSTURA - PRENDAS DOMÉSTICAS.JPG
341 - SABÊSSE, SOUBESSE, SABEI-ME LÁ.JPG
341 - SCIÁTICA.JPG
341 - SE O ENCONTRA - VÊ-SE-OS.JPG
341 - SE O ENCONTRE - SE O NÃO ESPERA - FRENTE.JPG
341 - SE O ENCONTRE - SE O NÃO ESPERA - VERSO A.JPG

341 - SE O ENCONTRE - SE O NÃO ESPERA - VERSO.JPG
341 - SE O ENCONTREM.JPG
341 - SE O NÃO ENCONTRE - SE O ESPERA - FRENTE.JPG
341 - SE O NÃO ENCONTRE.JPG
341 - SE O NÃO POSSA.JPG
341 - SE O VÊ.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM A.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM B.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM C.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM D.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM E.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM F.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM G.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM H.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM I.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM J.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM K.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM L.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM M.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM N.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM O.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM P.JPG
341 - SE O... PASSIVA PRONOMINAL - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM.JPG
341 - SE O... VERSO.JPG
341 - SE O....JPG
341 - SE OS ENCONTRAM A.JPG
341 - SE OS ENCONTRAM.JPG
341 - SE OS NÃO POSSA NOTAR - VERSO.JPG
341 - SERRIR - RIR-SE - ANEXO.JPG
341 - SERRIR - RIR-SE - FRENTE.JPG
341 - SERRIR - RIR-SE - VERSO.JPG
341 - SERRIR.JPG
341 - SINCERAMENTE E AJUIZADAMENTE - SINCERA E AJUIZADAMENTE.JPG
341 - SUBESSE = SOUBESSE - SABEI-ME LÁ.JPG
341 - SÁ NUNES.JPG
341 - SÔBRE, OU ACÊRCA - MODO DE VER.JPG
341 - T - TODA A PARTE.JPG
341 - T - TODO O DIA - TODO DIA.JPG
341 - T - TODOS DOIS - TODOS TRÊS - TODOS ÊLES.JPG
341 - TALVEZ LHE MOSTROU.JPG
341 - TALVEZ SE PODE 2.JPG
341 - TALVEZ SE PODE.JPG
341 - TAMALAVEZ.JPG
341 - TANTO MAIS DO QUE.JPG
341 - TANTO OU MELHOR QUE VÓS.JPG
341 - TANTO OU MENOS QUE.JPG
341 - TODO HOMEM - TODO O HOMEM.JPG
341 - TÃO...QUE - TÃO...COMO.JPG
341 - UM E OUTRO - INVARIÁVEL.JPG

341 - UM UMA MICRÓBIOS DO ESTILO A.JPG
341 - UM UMA MICRÓBIOS DO ESTILO.JPG
341 - É DE MISTER - HÁ MISTER.JPG
341 - É DE MISTER.JPG
341 - É MISTER - É DE....JPG
341- ANSIM - DISSE ASSIM.JPG
341- MALEMAL.JPG
341- T - TODA PARTE - TODA A PARTE.JPG
341- TALVEZ LHE MOSTROU 2.JPG
342 - ACABO DE FALAR, VENHO DE FALAR.JPG
342 - ACABO DE FALAR.JPG
342 - CARDÁPIO - LISTA DOS PRATOS.JPG
342 - COMIDAS - LISTA DOS PRATOS = IGUARIAS.JPG
342 - COMPROMETER.JPG
342 - EM MEIAS DE SÊDA.JPG
342 - EM ORDEM A - A.JPG
342 - EM ORDEM A.JPG
342 - EM QUANTO QUE - AO PASSO QUE A.JPG
342 - EM QUANTO QUE - AO PASSO QUE.JPG
342 - EU - VASCONÇO DAS MODISTAS (FRENTE).JPG
342 - EU - VASCONÇO DAS MODISTAS (VERSO).JPG
342 - F - FIGURINHAS EM OSSO.JPG
342 - FETICHISMO (2).JPG
342 - FETICHISMO.JPG
342 - FIGURINHAS EM OSSO.JPG
342 - FLIRT - FLIRTAR - FLARTAR.JPG
342 - FUNERAIS - FUNERAL.JPG
342 - FUNERAIS = FUNERAL.JPG
342 - GENTLEMANS 2.JPG
342 - GENTLEMANS.JPG
342 - GERÚNDIO.JPG
342 - GUARDAR O LEITE.JPG
342 - IGUARIAS = COMIDAS.JPG
342 - LISTA DOS PRATOS - MENU.JPG
342 - LISTA DOS PRATOS.JPG
342 - M - MEMORANDUNS.JPG
342 - M - MENU.JPG
342 - MACHADO DE ASSIS JULGADO POR CANDIDO FIGUEIREDO.JPG
342 - MAIS = JÁ.JPG
342 - MAIS JÁ EM FRASES NEGATIVAS - FRENTE.JPG
342 - MAIS JÁ EM FRASES NEGATIVAS - VERSO.JPG
342 - MEMORANDUNS.JPG
342 - MENU.JPG
342 - O GERÚNDIO 2.JPG
342 - O GERÚNDIO A.JPG
342 - O GERÚNDIO.JPG
342 - SABENDO QUE SABIA - FRENTE.JPG
342 - SABENDO QUE SABIA - VERSO.JPG
342 - SECRETAR POR SEGREDAR - FRENTE.JPG

342 - SECRETAR POR SEGREDAR - VERSO.JPG
342 - SECRETAR, POR SEGREGAR.JPG
342 - SEGREGAR - SECRETAR.JPG
342 - VASCONÇO DAS MODISTAS - EM (NO VERSO).JPG
342 - VENHO DE FALAR - ACABO DE FALAR - FRENTE.JPG
342 - VENHO DE FALAR - ACABO DE FALAR - VERSO.JPG
342 - VENHO DE FALAR.JPG
342 - VESTIDOS DE SEDA.JPG
342 - VIR DE FALAR - VENHO.JPG
343 - AÇOUGUES... NA CHINA.JPG
343 - AÇOUGUES.JPG
343 - CARNE VERDE - AÇOUGUES - PESO CERTO.JPG
343 - CARNE VERDE E PEDO CERTO.JPG
343 - COMO A - NÃO HAVIA MAIS.JPG
343 - COMO A METRÓPOLE.JPG
343 - DE QUE.JPG
343 - PESO CERTO... NA CHINA.JPG
343 - PLEONASMOS.JPG
343 - QUE - DE QUE A.JPG
343 - QUE - DE QUE.JPG
343 - REPESAR - PLEONASMO EM VEZ DE PESAR - CARNE VERDE.JPG
343 - T - TORNAR A REPESAR.JPG
344 - DE - PREPOSIÇÃO.JPG
344 - DE - SINTAXE NOVA - O TAL DE - O TAL.JPG
344 - DE PREPOSIÇÃO.JPG
344 - DE, PREPOSIÇÃO 2.JPG
344 - MÁRIO DE ANDRADE (NÃO ATENDIA).JPG
344 - MÁRIO DE ANDRADE (REGÊNCIA).JPG
344 - PROPOSIÇÃO E REGÊNCIA - MÁRIO DE ANDRADE.JPG
344-8 - S - SE - PRONOME - SUJEITO (FRENTE).JPG
345 - I - INTERJEIÇÕES.JPG
345 - INTERJEIÇÕES.JPG
35 - O - ORAÇÕES SUJEITOS - COMPLEMENTOS - DIVISÓRIA.JPG
35 - ORAÇÕES - SUJEITOS - COMPLEMENTOS - DIVISÓRIA.JPG
351 - 1 - O QUE É (FRENTE).JPG
351 - 1 - O - O QUE É (FRENTE).JPG
351 - 1 - O -O QUE É (VERSO).JPG
351 - 1 - O QUE É (VERSO).JPG
351 - 2 - O - O QUE É .JPG
351 - 2 - O QUE É - CONTINUAÇÃO.JPG
351 - O QUE É - QUE INTERROGATIVO.JPG
351 - O QUE É.JPG
352 - VERBOS SEM SUJEITO (FRENTE).JPG
352 - V - VERBOS SEM SUJEITO (FRENTE).JPG
352 - V - VERBOS SEM SUJEITO (VERSO).JPG
352 - VERBOS IMPESSOAIS - VERBOS SEM SUJEITO.JPG
352 - VERBOS SEM SUJEITO (VERSO).JPG
352 - VERBOS SEM SUJEITO 2 (CONTINUAÇÃO DE OUTRA FICHA 352).JPG
352 - VERBOS SEM SUJEITO.JPG

353 - SUJEITO REGIDO DE PREPOSIÇÃO 2.JPG
353 - SUJEITO REGIDO DE PREPOSIÇÃO.JPG
4 - LEXICOLOGIA - DIVISÓRIA (2).JPG
4 - LEXICOLOGIA - DIVISÓRIA.JPG
40 - E - ETIMOLOGIAS DIVISÓRIA.JPG
40 - E - ETIMOLOGIAS - DIVISÓRIA.JPG
40 - ETIMOLOGIAS.JPG
400 - A - O - QUANDO INICIAIS EM TOPÓNIMOS.JPG
400 - A MENOR QUE O (QUANDO INICIAIS, EM TOPÓNIMOS).JPG
400 - ETIMOLOGIA E SEMÂNTICA.JPG
400 - ETIMOLOGIA.JPG
400 - ETIMOLOGIAS - GENERALIDADES.JPG
400 - FALSOS ERUDITISMOS (2).JPG
400 - FALSOS ERUDITISMOS.JPG
400 - HIPERDIALECTISMOS.JPG
400 - HIPERURBANISMOS.JPG
400 - INFORMAÇÕES.JPG
400 - SEMÂNTICA E ETIMOLOGIA.JPG
400 - ULTRACORREÇÃO - VONTADE DE ACERTAR - HIPERURBANISMO.JPG
400 - VONTADE DE ACERTAR 2.JPG
400 - VONTADE DE ACERTAR.JPG
400 - ÁPIDO.JPG
400 - ÓPIDO A.JPG
400 - ÓPIDO.JPG
401 - ABIXEIRO.JPG
401 - CAPITÃO - PISS-POT.JPG
401 - ACAJAIBA (2).JPG
401 - ACAJAIBA.JPG
401 - ACAJUIBA.JPG
401 - BAIONETA.JPG
401 - CÂNFORA.JPG
401 - FAME.JPG
401 - QUEIJO PRATO.JPG
401 - ROUPA.JPG
401 - SARGAÇO.JPG
401 - SARGENTO-(VERSO). JPG.JPG
401 - 1 - PARDO - LEOPARDO - CALÇAS PARDAS (FRENTE).JPG
401 - 1 - PARDO - LEOPARDO - CALÇAS PARDAS (VERSO).JPG
401 - 1A - PARDO - LEOPARDO - CALÇAS PARDAS (FRENTE).JPG
401 - 1A - PARDO - LEOPARDO - CALÇAS PARDAS - COM RECORTE DE JORNAL (VERSO).JPG
401 - 2 - CONTRA-DANÇA (CONTINUAÇÃO DE OUTRA FICHA 401) - (FRENTE).JPG
401 - 2 - CONTRA-DANÇA (CONTINUAÇÃO DE OUTRA FICHA 401) - (VERSO).JPG
401 - 2 - PARDO - LEOPARDO - CALÇAS PARDAS 1935 (FRENTE).JPG
401 - 2 - PARDO - LEOPARDO - CALÇAS PARDAS 1935 (VERSO).JPG
401 - 2A - PARDO - LEOPARDO - CALÇAS PARDAS.JPG
401 - A - ABICHEIRO.JPG

401 - A - ABIXEIRO.JPG
401 - A - AL HAMBRA - ALHAMBRA.JPG
401 - A - ALHAMBRA.JPG
401 - A - ANSIA, NÃO ANCIA.JPG
401 - ABICHEIRO - ABIXEIRO.JPG
401 - ABICHEIRO.JPG
401 - ACAJAIBA - ACAJUIBA (FRENTE).JPG
401 - ACAJAIBA - ACAJUIBA (VERSO).JPG
401 - ACAJUIBA.JPG
401 - ACANFROR.JPG
401 - ACIPRESTE (2).JPG
401 - ACIPRESTE.JPG
401 - AL HAMBRA.JPG
401 - ALHAMBRA - AL-HAMBRA.JPG
401 - ALHAMBRA.JPG
401 - AMENDOIM - MENDOBI - MENDOIM - A - FRENTE.JPG
401 - AMENDOIM - MENDOBI - MENDOIM - FRENTE.JPG
401 - AMENDOIM - MENDOBI - MENDOIM - VERSO - B.JPG
401 - AMENDOIM - MENDOBI - MENDOIM - VERSO.JPG
401 - AMENDOIM.JPG
401 - ANSIA E NÃO ANCIA.JPG
401 - APERTAR 2.JPG
401 - APERTAR.JPG
401 - ARACAJÚ - ARARAQUARA.JPG
401 - ARAQUÁ - ARARAQUARA.JPG
401 - ARARAQUARA - ARÁARA.JPG
401 - ARARAQUARA- DE ARA = ARARA = O DIA, A LUZ , E COÁ = COARA = MORADA = TOCA (FRENTE).JPG
401 - ARARAQUARA- DE ARA = ARARA = O DIA, A LUZ , E COÁ = COARA = MORADA = TOCA (VERSO).JPG
401 - ARARAQUARA.JPG
401 - ARCHIPRESBYTER - CIPRESTE.JPG
401 - AVAREMANDUAVA - ABAREMANDUAVA.JPG
401 - AZORATADO - ORATES.JPG
401 - AZORATAR - CASA DE ORATES.JPG
401 - AÇUCAR CANDI.JPG
401 - BABAÇÚ - BAGUAÇÚ.JPG
401 - BAGUAÇÚ.JPG
401 - BAIONETA.JPG
401 - BANHO-MARIA (2).JPG
401 - BANHO-MARIA.JPG
401 - BEIJO - BEIJÚ - BIJÚ - BEIJINHO.JPG
401 - BERTIOGA - CANOEIROS FILÓLOGOS.JPG
401 - BERTIOGA.JPG
401 - BISONTE - ORIONTE.JPG
401 - BISPO - BISPOTE.JPG
401 - BOBO SEUS DERIVADOS.JPG
401 - BOBO.JPG
401 - BOICININGA - JIBÓIA.JPG

401 - BOICORÁ.JPG
401 - BÍBLIA - PAPEL.JPG
401 - C . FIGUEIREDO TEIMOSO DE MÁ-FÉ.JPG
401 - CAFETEIRA - CAFEEIRA - VERSO .JPG
401 - CAFETEIRA - CAFEEIRA - FRENTE .JPG
401 - CAFETEIRA - CAFEEIRA - FRENTE.JPG
401 - CALÃO - CALÓ - ZINCALÓ .JPG
401 - CANDI.JPG
401 - CANOEIROS FILÓLOGOS - BERTIOGA.JPG
401 - CARAGO - COLHÃO.JPG
401 - CARAMBA - COLHÃO 2.JPG
401 - CARAMBA - COLHÃO.JPG
401 - CARAMBA - ESCOLHAMBAR.JPG
401 - CASA DE ORATES.JPG
401 - CASA DO SOL - ARARAQUARA.JPG
401 - CASTRO LOPES - PARDO.JPG
401 - CATINGA.JPG
401 - CHÀZEIRO - CAFETEIRA.JPG
401 - CIO.JPG
401 - CIPRESTE.JPG
401 - COJONES - COLHÃO.JPG
401 - COLHÃO - COJONES - CARAGO - CARAMBA.JPG
401 - COLHÃO.JPG
401 - CONTRA, CONTRA-DANÇA.JPG
401 - CONTRA-DANÇA (FRENTE).JPG
401 - CONTRA-DANÇA (VERSO).JPG
401 - CONTRA-DANÇA.JPG
401 - COPAÍBA - ACAJAIBA.JPG
401 - CRUPRESSUS.JPG
401 - CURANXIM OU CORANCHIM.JPG
401 - CYPRESTE - CIPRESTE.JPG
401 - DE CHUPETA....JPG
401 - DIEGO.JPG
401 - DIOGO - DIEGO.JPG
401 - DOUTOR.JPG
401 - E - ETIMOLOGIAS - TIJUCOPAPO.JPG
401 - ENGENDRAR A.JPG
401 - ENGENDRAR.JPG
401 - ESCOLHAMBAR.JPG
401 - ESCOLHAMBAÇÃO OU ESCULHAMBAÇÃO.JPG
401 - ESCULHAMBAÇÃO.JPG
401 - ESCUTAR.JPG
401 - ETIMOLOGIAS.JPG
401 - F - FLAME.JPG
401 - F - FLEME.JPG
401 - F - FOME.JPG
401 - F - FORRAGEM.JPG
401 - FAME = FOME.JPG
401 - FARRAGE - FORRAGEM.JPG

401 - FARRAGE.JPG
401 - FARRAGEM - FORRAGEM.JPG
401 - FARRAGEM.JPG
401 - FARRO - FORRAGEM.JPG
401 - FARRO.JPG
401 - FERRAGEM - FORRAGEM.JPG
401 - FERRAU - FORRAGEM.JPG
401 - FLAME.JPG
401 - FLEME OU FLAMA.JPG
401 - FLEME OU FLAME (VERSO).JPG
401 - FLEME OU FLAME - COM ARTIGO ANEXO - VERSO.JPG
401 - FLEME, OU FLAME - 2ª FICHA (HÁ 1ª E 3ª) - (FRENTE).JPG
401 - FLEME.JPG
401 - FOME.JPG
401 - FORRAGEM.JPG
401 - FUMO MACAIA.JPG
401 - GEMES.JPG
401 - GIACOMO - DIEGO.JPG
401 - GIBOIA.JPG
401 - GUERRA - GÓMITO.JPG
401 - HAI - HÁ - HAY.JPG
401 - HISTÓRIA DO PAPEL E DA ESCRITA.JPG
401 - HISTÓRIA DO PAPEL.JPG
401 - HOMBRO - OMBRO.JPG
401 - HOMBRO.JPG
401 - IACÓBUS (2).JPG
401 - IACÓBUS.JPG
401 - IAGO (2).JPG
401 - IAGO.JPG
401 - INCUMÁBULO - PAPEL.JPG
401 - JACOB - DIEGO.JPG
401 - JACQUES OU JAQUES - DIEGO.JPG
401 - JAIME - DIEGO.JPG
401 - JAMES - DIEGO.JPG
401 - JIBOIA - GIBOIA.JPG
401 - JIMBOIA.JPG
401 - JÁCOMO - DIEGO.JPG
401 - LAGE.JPG
401 - LAJE.JPG
401 - LEMBRAR - OMBRO.JPG
401 - LEMBRAR.JPG
401 - LEOPARDO - PARDO.JPG
401 - LEQUE.JPG
401 - LIVRO - PAPEL.JPG
401 - LO LA.JPG
401 - LOLA.JPG
401 - M - MEMBRANA.JPG
401 - M - MEMORAR.JPG
401 - M - MENDOBI.JPG

401 - M - MENDOIM.JPG
401 - M - MUCURANXIM.JPG
401 - MACAIA - FUMO MACAIA.JPG
401 - MACAIA.JPG
401 - MAJOR.JPG
401 - MANDOBI.JPG
401 - MANOBI.JPG
401 - MATO OU MATTO.JPG
401 - MATO.JPG
401 - MATTO.JPG
401 - MEMBRANA.JPG
401 - MEMORAR.JPG
401 - MENDOBI.JPG
401 - MENDOIM.JPG
401 - MINDOIM - AMENDOIM.JPG
401 - MITRA.JPG
401 - MOCURANXIM.JPG
401 - MUCURANXIM.JPG
401 - N'O, N'A.JPG
401 - O A LO.JPG
401 - OMBRO, LEMBRAR, ENGENDRAR.JPG
401 - OMBRO.JPG
401 - ORATES - OS ORATES - O ZORATES - AZORATADO.JPG
401 - ORATES.JPG
401 - OS ORATES - ORATES.JPG
401 - P - PISS-POT (FRENTE).JPG
401 - P - PENA, PAPEL.JPG
401 - P - PERGAMINHO.JPG
401 - P - PISS-POT (VERSO).JPG
401 - P - POSTUMO, NÃO POSTHUMO.JPG
401 - PACEAR - PASSEAR.JPG
401 - PALAVRA ARARAQUARA - ARARAQUARA.JPG
401 - PALIMPSESTO - PAPEL.JPG
401 - PAPEL A.JPG
401 - PAPEL, LIVRO, PENA, PAPIRO, PERGAMINHO, CÁLAMO, PENA, VOLUME, MEMBRANA (MEMBRANÁCEO), TABELA, CODEX.JPG
401 - PAPEL.JPG
401 - PAPIRO - PAPEL.JPG
401 - PARDO.JPG
401 - PASSEAR OU PACIAR - COM RECORTE DE JORNAL - (FRENTE).JPG
401 - PASSEAR OU PACIAR - COM RECORTE DE JORNAL - (VERSO).JPG
401 - PENA.JPG
401 - PERGAMINHO.JPG
401 - PERTO - APERTAR.JPG
401 - PETECA (2).JPG
401 - PETECA.JPG
401 - PINDAÍBA 2.JPG
401 - PINDAÍBA.JPG
401 - PINTAR 2.JPG

401 - PINTAR.JPG
401 - PIRAMBOIA - GIBOIA.JPG
401 - PIRANGI - PIRANGUI VERSO COM ANEXO.JPG
401 - PIRANGI - PIRANGUI VERSO DOC ANEXO A.JPG
401 - PIRANGI - PIRANGUI VERSO DOC ANEXO B.JPG
401 - PIRANGI - PIRANGUI VERSO DOC ANEXO C.JPG
401 - PIRANGI - PIRANGUI VERSO DOC ANEXO D.JPG
401 - PIRANGI - PIRANGUI VERSO DOC ANEXO.JPG
401 - PIRANGI - PIRANGUI.JPG
401 - PIRANGI.JPG
401 - PIROCA.JPG
401 - PIRÓCA - PASSARINHO.JPG
401 - PISS POT FRENTE.JPG
401 - PISS-POT.JPG
401 - POMBA = ÓRGÃOS GENITAIS EXTERNOS DA MULHER.JPG
401 - POSTHUMO - POSTUMO.JPG
401 - POSTUMO A.JPG
401 - POSTUMO.JPG
401 - PRETO - APERTAR.JPG
401 - Q - QUEIJO PRATO.JPG
401 - QUEIJO PRATO.JPG
401 - R - REIVINDICAR.JPG
401 - R - ROMÃ - NOME DE FRUTA.JPG
401 - R - ROUPA - SUA ORIGEM É A MESMA DE ROUBO....JPG
401 - REIVINDICAR A.JPG
401 - REIVINDICAR B.JPG
401 - REIVINDICAR.JPG
401 - ROMÂ.JPG
401 - ROMÃ - NOME DE FRUTA.JPG
401 - ROUBO E ROUPA.JPG
401 - ROUPA.JPG
401 - S - SARAR.JPG
401 - S - SARGAÇO.JPG
401 - S - SARGENTO-MOR - MAJOR (FRENTE).JPG
401 - S - SARGENTO-MOR - MAJOR (VERSO).JPG
401 - S - SÚLFUR, NÃO SÚLPHUR.JPG
401 - SARAR 2.JPG
401 - SARAR.JPG
401 - SARGAÇO.JPG
401 - SARGENTO-MOR (FRENTE).JPG
401 - SARGENTO-MOR 2.JPG
401 - SE O SEU CU SARARÁ.JPG
401 - SOBRECÚ - PISS-POT.JPG
401 - SOÇOCUSARARÁ - ETIMOLOGIAS - SE O SEU CU....JPG
401 - SUCURI - SUCURIÚ - SUCURIJÚ 2.JPG
401 - SUCURI - SUCURIÚ - SUCURIJÚ.JPG
401 - SULFUR.JPG
401 - SULPHUR - SULFUR.JPG
401 - SÚLFUR.JPG

401 - T - TESSER É QUE É - TECER É ERRO (FRENTE).JPG
401 - T - TESSER É QUE É - TECER É ERRO (VERSO).JPG
401 - T - TUTA-E-MEIA - TUTAMÉIA.JPG
401 - T - TÓCA A.JPG
401 - T - TÓCA.JPG
401 - T - TÔA - À TÔA.JPG
401 - TABELA - PAPEL.JPG
401 - TATAURANA 2.JPG
401 - TATAURANA.JPG
401 - TECER - TESSER.JPG
401 - TERÇO - SARGENTO-MOR.JPG
401 - TESSER É QUE É (FRENTE).JPG
401 - TESSER É QUE É. (VERSO).JPG
401 - TESSER.JPG
401 - TIAGO OU THIAGO - DIEGO.JPG
401 - TIJUCOPAPO.JPG
401 - TUTA E MEIA.JPG
401 - TUTA-E-MEIA.JPG
401 - TÓCA.JPG
401 - UAUAÇU - BAGUAÇU.JPG
401 - V - VERDOLENGO.JPG
401 - V - VOLUME.JPG
401 - VERDOLENGO.JPG
401 - VINDICAR - REIVINDICAR.JPG
401 - VOLUME - PAPEL.JPG
401 - VOLUME.JPG
401 - X. P. T. O. - DE CHUPETA E Ó.JPG
401 - X. P. T. O..JPG
401 - ZINCALÓ - CALÃO.JPG
401 - ZORATES - ORATES.JPG
401 - ÁVO.JPG
401 - ÂNCIA - ÂNSIA .JPG
401 - ÂNSIA, NÃO ÂNCIA.JPG
401- A - APERTAR - PERTO - PRÊTO - ETIMOLOGIAS.JPG
402 - ONOMATOPEIAS (GENERALIDADES E INFORMAÇÕES).JPG
402 - CACARACÁ.JPG
402 - DE CABO A RABO A.JPG
402 - DE CABO A RABO B.JPG
402 - DE CABO A RABO.JPG
402 - ONOMATOPEIA E RIMA 2.JPG
402 - ONOMATOPEIA E RIMA.JPG
402 - ONOMATOPEIAS.JPG
402 - RIMA E ONOMATOPEIA - ONOMATOPEIA E RIMA.JPG
402 - TUTAMÉIA - TUTA E MEIA.JPG
41 - MORFOLOGIA, MENOS VERBOS - DIVISÓRIA.JPG
41 - MORFOLOGIA, MENOS VERBOS - PALAVRAS ISOLADAS - DIVISÓRIA.JPG
410 - C - CINCOENTA OU CINQÜENTA.JPG
410 - CINCOENTA.JPG
410 - E - EMPALHAR, EMPALEAR OU EMPALIAR.JPG

410 - EMPALHAR OU EMPALIAR.JPG
410 - EMPALHAR.JPG
410 - INFORMAÇÕES.JPG
411 - ABOBORA.JPG
411 - ABSÍNTIO OU ABSINTO.JPG
411 - ABSÍNTIO, NÃO ABSINTO.JPG
411 - ACEIADO (VERSO).JPG
411 - HEMORRODIAS.JPG
411 - HEORTÓNIMO.JPG
411 - IMITANTE.JPG
411 - MEIADO.JPG
411 - MULHERÃO.JPG
411 - PERCENTAGEM.JPG
411 - REGISTO OU REGISTRO (VERSO).JPG
411 - UA - UMA (FRENTE).JPG
411 - ... SE É VERGONHA APRENDER-SE COM OS MESTRES PORTUGUESES - CREAR.JPG
411 - A - ABOBORA.JPG
411 - A - ABOBRA.JPG
411 - A - ABSÍNTIO, NÃO ABSINTO.JPG
411 - A - ACEIADO (FRENTE).JPG
411 - A - ACEIADO (VERSO).JPG
411 - A - ADVÉRBIOS... VARIÁVEIS.JPG
411 - A - ALMAZONAS = AMAZONAS.JPG
411 - A - ALMORRÓIDAS - ALMORREIMAS - HEMORRÓIDAS.JPG
411 - A - AMBÚ OU IMBÚ.JPG
411 - A - AMEBA OU AMIBA.JPG
411 - A - AÇUDE, AÇUDA.JPG
411 - A PAR E PASSO QUE - AO PAR E PASSO COM.JPG
411 - A PAR E PASSO.JPG
411 - ABOBRA -ABÓBORA.JPG
411 - ABOBRA.JPG
411 - ABSINTIO OU ABSINTO.JPG
411 - ACADEMIA DE LUSÓFOBOS.JPG
411 - ACEIADO (2).JPG
411 - ACEIADO.JPG
411 - ADSCRIPTICIOS (2).JPG
411 - ADSCRIPTICIOS.JPG
411 - ADVÉRBIOS.JPG
411 - ALMAZONAS.JPG
411 - ALMORRODIAS - HEMORRÓDIAS A.JPG
411 - ALMORRODIAS - HEMORRÓDIAS.JPG
411 - ALMORROIDAS.JPG
411 - AMBÚ.JPG
411 - AMEBA OU AMIBA.JPG
411 - AMESTERDÃO.JPG
411 - AMOR E... PAPEL MIKADO - HEMORRODIAS.JPG
411 - AMSTERDÃO - AMESTERDÃO.JPG
411 - ANALOGIA 2.JPG

411 - ANALOGIA.JPG
411 - ANALOGIAS (BOAS E MÁS) 2.JPG
411 - ANALOGIAS (BOAS E MÁS).JPG
411 - ANALOGIAS - TERMOS ACTIVOS E PASSIVOS.JPG
411 - ANTANO SELAMIN.JPG
411 - ANTANO, ANTANHO, SELAMIM.JPG
411 - APRESIGO - PRESIGO.JPG
411 - APRESSURADO - AFRESSURADO.JPG
411 - APRESSURADO.JPG
411 - APÓSTROFO MAL COLOCADO POR FORÇA ANALÓGICA.JPG
411 - ARACAMBÉ - JAGUARACAMBÉ.JPG
411 - ARREBALDE = ARRABALDE.JPG
411 - ARRECEIO.JPG
411 - ARROZES, PLURAL DE ARROZ.JPG
411 - ASCRIPTÍCIOS - ADSCRIPTÍCIOS.JPG
411 - ASPARGO - ESPARGO.JPG
411 - ASPÁRGO - ASPÁRRAGADO - ESPARGO - ESPARREGADO (FRENTE).JPG
411 - ASPÁRGO - ASPÁRRAGADO - ESPARGO - ESPARREGADO (VERSO).JPG
411 - ASSEIAR, PASSEIAR, CEIAR, ETC..JPG
411 - ASSURGIR - SURGIR.JPG
411 - ATENEZAR (FRENTE).JPG
411 - AÇOREANO (2).JPG
411 - AÇOREANO.JPG
411 - AÇUDA (2).JPG
411 - AÇUDA.JPG
411 - AÇUDE.JPG
411 - BATARIA.JPG
411 - BATERIA - BATARIA 2.JPG
411 - BATERIA - BATARIA.JPG
411 - BEIJINHO - BEIJO.JPG
411 - BEIJO - (401-INFORMAÇÕES).JPG
411 - BEIJÚ.JPG
411 - BIJÚ - BEIJO.JPG
411 - BISONTE - ORIONTE.JPG
411 - BOCAGIANO - CAMONIANO.JPG
411 - BOFÍSSIMO.JPG
411 - BOM - BÃO.JPG
411 - BUNDO, SUFIXO DE ORIGEM LATINA - VAGABUNDO, VAGAMUNDO.JPG
411 - BÃO.JPG
411 - CABEDAL - CAPITAL.JPG
411 - CALIDADE - QUALIDADE.JPG
411 - CAMONIANO , CAMILIANO , BOCAGIANO.JPG
411 - CANTARINA - CANTORA.JPG
411 - CANTARINO-A CONTOR-A.JPG
411 - CAPITAL - CABEDAL.JPG
411 - CARNEIRO RIBEIRO - CONTENDO.JPG
411 - CASADÍSSIMO - COISÍSSIMA.JPG
411 - CAVALHEIRO - CAVALLEIRO.JPG
411 - CAVALHEIRO.JPG

411 - CAVALLEIRO - CAVALHEIRO.JPG
411 - CAVOUR - CAVU.JPG
411 - CAVU POR CAVUR.JPG
411 - CAVU.JPG
411 - CERRAÇÃO - ÇARRAÇÃO.JPG
411 - CHULIPA - DORMENTE - SLEEPER - SULIPA.JPG
411 - CHULIPA.JPG
411 - CIBALHO - CIBATE.JPG
411 - CIBATE - CIBATO - CIBALHO 2.JPG
411 - CIBATE - CIBATO - CIBALHO.JPG
411 - CINCOENTA - CINQUENTA.JPG
411 - CINCOENTA.JPG
411 - CINQUENTA - CINCOENTA 2.JPG
411 - CINQUENTA - CINCOENTA.JPG
411 - COISÍSSIMA - CASADÍSSIMO - GREGUÍSSIMO.JPG
411 - COISÍSSIMA.JPG
411 - COM NÓS - COM NOSCO - COM VÓS - COM VOSCO.JPG
411 - COM NÓS.JPG
411 - COM VÓS - COM NÓS.JPG
411 - COMPRIDÃO - COMPRIMENTO.JPG
411 - COMPRIDÃO.JPG
411 - COMU - COMUA - U, UA.JPG
411 - CONTEÚDO - CONTIDO.JPG
411 - COXE, POR COCHO.JPG
411 - CRIAR - CREAR - CRÊS - CRÊAS (FRENTE).JPG
411 - CRIAR - CREAR - CRÊS - CRÊAS (VERSO).JPG
411 - CÃIMBRAS POR CÃIMBAS.JPG
411 - DE PREPÓSITO.JPG
411 - DE PROPÓSITO - PROPOSITAL.JPG
411 - DESAMPARO - DESEMPARO.JPG
411 - DESASTRADO - DISISTRADO.JPG
411 - DESDE DEMANHÃZINHA.JPG
411 - DESEMPARO - DESEMPARAR.JPG
411 - DESEMPARO = DESAMPARO.JPG
411 - DESENSARADO - DESENSOFRIDO.JPG
411 - DESENSOFRIDO - DESENSARADO - DESINSOFRIDO - DESINSARADO (FRENTE).JPG
411 - DESENSOFRIDO - DESENSARADO - DESINSOFRIDO - DESINSARADO (VERSO).JPG
411 - DESENSOFRIDO.JPG
411 - DESESTRADO 2.JPG
411 - DESESTRADO.JPG
411 - DESGRACIAR - DESGRAÇAR.JPG
411 - DESGRACIAR = DESGRAÇAR.JPG
411 - DESINQUIETO - DESENSOFRIDO.JPG
411 - DESINSARADO - DESENSOFRIDO.JPG
411 - DESINSARADO, ETC. DOIS PREFIXOS NEGATIVOS.JPG
411 - DEZANOVE - DEZESSEIS.JPG
411 - DEZANOVE.JPG

411 - DEZASSEIS - DEZESSEIS.JPG
411 - DEZESSEIS.JPG
411 - DIAMANTE - DIAMÃO.JPG
411 - DIAMANTE.JPG
411 - DIAMÃO DIAMANTE.JPG
411 - DISPARATO - DISPARATADO.JPG
411 - DISPARATO - EXTRAVAGÂNCIA.JPG
411 - DIZEREI - FAZEREI.JPG
411 - DORMENTE - CHULIPA.JPG
411 - DÊSDE DEMANHÃZINHA.JPG
411 - EIRO - BRASILEIRO, MINEIRO, CAMPINEIRO.JPG
411 - EIRO.JPG
411 - ELECTROCIDAR.JPG
411 - ELECTROCUTAR.JPG
411 - ELECTROCUÇÃO, ELECTROCUTAR, ELECTROCIDAR.JPG
411 - ELECTROCUÇÃO.JPG
411 - EMBALSAMENTO - EMBALSAMAMENTO 2.JPG
411 - EMBALSAMENTO - EMBALSAMAMENTO.JPG
411 - ENDÊZ, INDÊZ, ÊNDES, ÍNDES (FRENTE).JPG
411 - ENDÊZ, INDÊZ, ÊNDES, ÍNDES (VERSO).JPG
411 - ENDÊZ.JPG
411 - ENTRETE - ENTRETENIMENTO.JPG
411 - ENTRETENIMENTO.JPG
411 - ENTRETIMENTO - ENTRETENIMENTO - ENTRETE.JPG
411 - ENTRETIMENTO - ENTRETENIMENTO.JPG
411 - ERIA OU ARIA A.JPG
411 - ERIA OU ARIA.JPG
411 - ESCUTAR, ESCUITAR - FRUTA, FRUITA - LUTAR, LUITA.JPG
411 - ESCUTAR.JPG
411 - ESPARGO - ASPÁRAGO.JPG
411 - ESPARGO.JPG
411 - ESPARREGADO.JPG
411 - ESTRAFANÁRIO.JPG
411 - EU, PLURAL EUS, NÓS É QUE NÃO.JPG
411 - EXPLOSIR POR EXPLODIR.JPG
411 - EXPLOSIR.JPG
411 - EXPLUIR 2.JPG
411 - EXPLUIR.JPG
411 - EXTRAVAGANTE.JPG
411 - F - FLEUGMA.JPG
411 - F - FLEXÕES DE NOMES DE PESSOAS.JPG
411 - F - FRANCÊSMENTE.JPG
411 - FACINOROSO.JPG
411 - FACÍNORA - FACINAROSO - FACINÓRA.JPG
411 - FACÍNORA - FACINÓRA.JPG
411 - FACÍNORA FACINÓRA.JPG
411 - FAZEREI (2).JPG
411 - FAZEREI - DIZEREI.JPG
411 - FAZEREI.JPG

411 - FEMININO LÓGICO E FEMININO MÓRFICO - GÊNEROS..JPG
411 - FEMININO LÓGICO E FEMININO MÓRFICO.JPG
411 - FEMININOS DE NOMES PRÓPRIOS.JPG
411 - FEMININOS REGULARES DE NOMES PRÓPRIOS DE PESSOA.JPG
411 - FENOMENO NATURAL (2).JPG
411 - FENOMENO NATURAL.JPG
411 - FLEUGMA.JPG
411 - FLEXÕES DE NOMES DE PESSOA.JPG
411 - FONÉTICA E SALTOS FONÉTICOS.JPG
411 - FONÉTICA.JPG
411 - FRANCÊSMENTE.JPG
411 - FREIMA.JPG
411 - FREUMA.JPG
411 - FRUTA.JPG
411 - GAULÊS 2.JPG
411 - GAULÊS.JPG
411 - GEROCÓMIO - GERONTOCÓMIO.JPG
411 - GERONTOCOMIO - GEROCÓMIO.JPG
411 - GERONTOCÓMIO.JPG
411 - GRANDURA .JPG
411 - GRANDURA.JPG
411 - GREGUISSIMO - COISÍSSIMA.JPG
411 - GRÓ - GROG = GROGUE (FRENTE).JPG
411 - GRÓ - GROG = GROGUE (VERSO).JPG
411 - GRÓ, GROG, GROGUE.JPG
411 - GÊNEROS E SEXOS - FEMININO MÓRFICO, LÓGICO E SEMÂNTICO (FRENTE).JPG
411 - GÊNEROS E SEXOS - FEMININO MÓRFICO, LÓGICO E SEMÂNTICO (VERSO).JPG
411 - GÊNEROS E SEXOS.JPG
411 - H - HEI - AÍ.JPG
411 - H - HIATO E FONÉTICA.JPG
411 - HEI E AÍ.JPG
411 - HEMORRODIAS - MIKADO - PAPEL MIKADO (FRENTE).JPG
411 - HEMORRODIAS - MIKADO - PAPEL MIKADO (VERSO).JPG
411 - HEMORRODIAS.JPG
411 - HEMORROIDAS - ALMORROIDAS.JPG
411 - HEMORROIDAS - HEMORRODIAS.JPG
411 - HEMORROIDES - HEMORRODIES.JPG
411 - HEORTÓNIO.JPG
411 - HI - AÍ.JPG
411 - HIATO E FONÉTICA.JPG
411 - HISPIDO.JPG
411 - HÍSPIDO - RÍSPIDO.JPG
411 - HÍSPIDO.JPG
411 - I - ISOLADO - INSULADO.JPG
411 - ILLUCIDAR (2).JPG
411 - ILLUCIDAR.JPG
411 - ILLUCIDATIVAS.JPG

411 - ILUCIDAR - ILLUCIDAR.JPG
411 - ILUCIDATIVAS (ILLUCIDATIVAS).JPG
411 - IMBÚ - AMBÚ.JPG
411 - IMITANTE (2).JPG
411 - IMITANTE.JPG
411 - IMPIDA (2).JPG
411 - IMPIDA 2.JPG
411 - IMPIDA.JPG
411 - INDÊZ - ENDÊZ.JPG
411 - INSOLVABILIDADE - INSOLVÊNCIA.JPG
411 - INSOLVÊNCIA (NÃO INSOLVABILIDADE).JPG
411 - INSOLVÊNCIA.JPG
411 - INSULADO E ISOLADO.JPG
411 - INSULADO.JPG
411 - JAGUACAMBÉ - JAGUARACAMBÉ.JPG
411 - JAGUARACAMBÉ - ARACAMBÉ 2 (FRENTE).JPG
411 - JAGUARACAMBÉ - ARACAMBÉ 2 (VERSO).JPG
411 - JAGUARACAMBÉ - ARACAMBÉ.JPG
411 - JAGUÁ - JAGUAR - JAGUARACAMBÉ.JPG
411 - LACOTEMENTE - LUGAR.JPG
411 - LINGUISTAS PORTUGUESES ENSINAM TÃO BEM - CREAR.JPG
411 - LOGAR OU LUGAR A.JPG
411 - LOGAR OU LUGAR.JPG
411 - LOTARIA 2.JPG
411 - LOTARIA.JPG
411 - LOUCA .JPG
411 - LUCRECIAMENTE 2.JPG
411 - LUCRECIAMENTE A.JPG
411 - LUCRECIAMENTE.JPG
411 - LUGAR - LOGAR.JPG
411 - LUGAR E LOGAR.JPG
411 - LUGAR OU LOGAR.JPG
411 - LUGAR TENENTE.JPG
411 - LUGAR-TENENTES - LOCOTENENTES.JPG
411 - LUGAR.JPG
411 - LUSOFOBIA.JPG
411 - LUTA.JPG
411 - LÚITA - ESCUTAR.JPG
411 - M - MEIADO.JPG
411 - M - MEMO POR MESMO.JPG
411 - M - MERMO POR MESMO.JPG
411 - M - MESMÍSSIMO.JPG
411 - M - MIKADO, PAPEL MIKADO.JPG
411 - M - MOSSIÇO - MACIÇO.JPG
411 - M - MULHERMENTE.JPG
411 - M - MULHERÃO.JPG
411 - MACIÇO - MASSIÇO - MOCIÇO - MOSSIÇO.JPG
411 - MACIÇO.JPG
411 - MADORNA - MODORRA.JPG

411 - MADRACERIA.JPG
411 - MAOMETANONISMO.JPG
411 - MASCULINO MÓRFICO E LÓGICO.JPG
411 - MASSIÇO , MACIÇO.JPG
411 - MASTO 2.JPG
411 - MASTO.JPG
411 - MASTRO - MASTO.JPG
411 - MEALHA.JPG
411 - MEALHEIRO.JPG
411 - MERMO POR MESMO.JPG
411 - MERMO; MEMO.JPG
411 - MESMÍSSIMO.JPG
411 - MININO.JPG
411 - MOCIÇO - MACIÇO.JPG
411 - MODE - POR AMOR DE.JPG
411 - MODORRA - MADORNA.JPG
411 - MODORRA.JPG
411 - MOLHER - MULHER.JPG
411 - MOSSIÇO MACIÇO.JPG
411 - MULHERMENTE 2.JPG
411 - MULHERMENTE.JPG
411 - NABUCO - NABUCODONOSOR.JPG
411 - NABUCO = NABUCODONOSOR.JPG
411 - NENHU, NENHUA.JPG
411 - NENHURES 2.JPG
411 - NENHURES.JPG
411 - OCULÍSSIMO - COISÍSSIMA.JPG
411 - ORIENTE.JPG
411 - ORIONTE - BISONTE - ÓRION -BISÃO (FRENTE).JPG
411 - ORIONTE - BISONTE - ÓRION -BISÃO (VERSO).JPG
411 - P - PATAMAL -PATAMAR.JPG
411 - P - PEDROSA (FEMININO EM VEZ DE PEDROSO).JPG
411 - P - PEIOR.JPG
411 - P - PER E POR.JPG
411 - P - PERCENTAGEM.JPG
411 - PAPEL MIKADO - PAPEL HIGIÊNICO - HEMORRODIAS.JPG
411 - PAPEL MIKADO.JPG
411 - PARTECIPANTE.JPG
411 - PARTICIPANTE.JPG
411 - PAS E PASSO - A PAR E PASSO.JPG
411 - PASSANTE DE .JPG
411 - PASSEIAR.JPG
411 - PATAMAL - PATAMAR.JPG
411 - PATAMAL.JPG
411 - PEDROSA.JPG
411 - PEIOR (FRENTE).JPG
411 - PEIOR (VERSO).JPG
411 - PEIOR 2.JPG
411 - PER E POR 2.JPG

411 - PER E POR.JPG
411 - PERCENTAGEM OU PORCENTAGEM (FRENTE).JPG
411 - PERCENTAGEM OU PORCENTAGEM (VERSO).JPG
411 - PIQUENO - PEQUENO.JPG
411 - PIQUENO = PEQUENO.JPG
411 - POGEIA - PRESIGO.JPG
411 - PONCOCHINHO.JPG
411 - PONCUCHINHO - PONCOCHINHO.JPG
411 - POR AMOR DE - PROMÓRDE - PROMÓDE - MÓDE - FRENTE.JPG
411 - POR AMOR DE - PROMÓRDE - PROMÓDE - MÓDE - VERSO.JPG
411 - POR AMOR DE.JPG
411 - PORCENTAGEM - PERCENTAGEM.JPG
411 - PORTUGUÊSMENTE (VERSO).JPG
411 - PORTUGUÊSMENTE - (FRENTE).JPG
411 - PORTUGUÊSMENTE.JPG
411 - POSPASTO - POSTRES.JPG
411 - POSTRES - SOBREMESA - POSPASTO - DESSERT.JPG
411 - POSTRES.JPG
411 - POUCOCHINHO, NÃO - POUCUCHINHO (FRENTE).JPG
411 - POUCOCHINHO, NÃO - POUCUCHINHO (VERSO).JPG
411 - PRAMODE - POR AMOR DE.JPG
411 - PREPOSITO OU PROPOSITO (FRENTE) .JPG
411 - PREPOSITO OU PROPOSITO (VERSO) .JPG
411 - PREPÓSITO DESPREPÓSITO.JPG
411 - PREPÓSITO OU PROPÓSITO.JPG
411 - PRESIGO, APRESIGO, POGEIA, MEALHA, MEALHEIRO, RATINHAR.JPG
411 - PRESIGO.JPG
411 - PRIMEIRÍSSIMA - COISÍSSIMA.JPG
411 - PROBIDOSO = PROBO.JPG
411 - PROBIDOSO.JPG
411 - PROBO - PROBIDOSO.JPG
411 - PROEMINENTE - PROMINENTE.JPG
411 - PROMINENTE - PROEMINENTE.JPG
411 - PROMINENTE.JPG
411 - PROMODE - POR AMOR DE.JPG
411 - PROPOSITADAMENTE - PROPOSITAL.JPG
411 - PROPOSITADO - PROPOSITAL.JPG
411 - PROPOSITAL - PROPOSITALMENTE (FRENTE).JPG
411 - PROPOSITAL - PROPOSITALMENTE (VERSO).JPG
411 - PROPOSITAL - PROPOSITALMENTE 2 (FRENTE).JPG
411 - PROPOSITAL.JPG
411 - PROPOSITALMENTE - PROPOSITAL.JPG
411 - PROPOSITO - PREPÓSITO.JPG
411 - PROTECÇÃO = PROTEIÇÃO.JPG
411 - PROTEIÇÃO - PROTECÇÃO.JPG
411 - PROTEIÇÃO = PROTECÇÃO.JPG
411 - PÁRVOA - NÃO PARVA.JPG
411 - QUER OU QUERE (FRENTE).JPG
411 - QUER OU QUERE (VERSO).JPG

411 - RATINHAR - PRESIGO.JPG
411 - REBOQUE - REBÔCO.JPG
411 - REBÔCO E REBOQUE.JPG
411 - REBÔCO.JPG
411 - RECEIAR - ACEIADO.JPG
411 - REGISTO OU REGISTRO (FRENTE) (2).JPG
411 - REGISTO OU REGISTRO (FRENTE).JPG
411 - REGISTO OU REGISTRO (VERSO).JPG
411 - REGISTRO OU REGISTRO.JPG
411 - REPOSTA OU RESPOSTA (FRENTE).JPG
411 - REPOSTA OU RESPOSTA (VERSO).JPG
411 - REPOSTA.JPG
411 - RESPOSTA - REPOSTA.JPG
411 - REVOLVERADA (DE REVÓLVER).JPG
411 - REVOLVERADA.JPG
411 - RIDICULARIZAR - RIDICULIZAR.JPG
411 - RIDICULARIZAR.JPG
411 - RIDICULIZAR - RIDICULARIZAR.JPG
411 - ROSA E GÜL TÊM IDENTIDADE DE ORIGEM - SALTOS FONÉTICOS.JPG
411 - RÍSPIDO - HÍSPIDO.JPG
411 - SALTOS FONÉTICOS - ESTUDO DA ORIGEM DE ROSA E GUL.JPG
411 - SALTOS FONÉTICOS.JPG
411 - SALVANTE - SALVO 2.JPG
411 - SALVANTE - SALVO.JPG
411 - SANGRENTO.JPG
411 - SANGUENTO - SANGRENTO.JPG
411 - SANGUENTO.JPG
411 - SARDANAPALAMENTE 2.JPG
411 - SARDANAPALAMENTE.JPG
411 - SEGUNDAMENTE - TERCEIRAMENTE.JPG
411 - SEU - SENHOR, SUA - SENHORA (FRENTE).JPG
411 - SEU - SENHOR, SUA - SENHORA (VERSO).JPG
411 - SEU = SENHOR.JPG
411 - SEXOS E GÊNEROS, COISAS DIVERSAS - GÊNEROS.JPG
411 - SLEEPER - CHULIPA.JPG
411 - SOBEJANTE - DE SOBEJO.JPG
411 - SOBEJANTE.JPG
411 - SOBREMESA - POSTRES.JPG
411 - SOUSA DA SILVEIRA, OS LINGÜISTAS PORTUGUESES E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS - CREAR.JPG
411 - SUA = SENHORA - SEU = SENHOR.JPG
411 - SULIPA - CHULIPA.JPG
411 - SUPERLATIVOS DE SUBSTANTIVOS, ETC. - COISÍSSIMA.JPG
411 - SURGIR - ASSURGIR - .JPG
411 - T - TIRANTE.JPG
411 - T - TRASLADAR - TRESLADAR.JPG
411 - T - TRAÇADOS - TERÇADOS.JPG
411 - T - TRESLADAR.JPG
411 - T - TROLE - TROLLEY.JPG

411 - T - TROLE TROLLEY.JPG
411 - T - TROLLEY.JPG
411 - T - TRUSSE DO VERBO TRAZER - TRUXE.JPG
411 - T - TRUXE - TROUXE.JPG
411 - T - TUPICA.JPG
411 - TALQUALMENTE 2.JPG
411 - TALQUALMENTE.JPG
411 - TARTAMELEAR - TARTEMUDEAR.JPG
411 - TARTAMELEAR.JPG
411 - TELAMIN - SELAMIN.JPG
411 - TERCEIRAMENTE, SEGUNDAMENTE.JPG
411 - TERCEYRAMENTE.JPG
411 - TERÇADOS - TRAÇADOS.JPG
411 - TIRANTE.JPG
411 - TRAÇADOS - TERÇADOS.JPG
411 - TRESLADAR.JPG
411 - TROLLEY - TROLY - TROLE.JPG
411 - TRUXE, TRUSSE - TROUXE.JPG
411 - TU - QUAL O SEU PLURAL.JPG
411 - TU PLURAL TUS TU.JPG
411 - TUPICA - ADJETIVO GENTÍLICO DE TUPI - FRENTE.JPG
411 - TUPICA - ADJETIVO GENTÍLICO DE TUPI - VERSO.JPG
411 - TUPICA - ADJETIVO GENTÍLICO DE TUPI.JPG
411 - UA - UMA (VERSO).JPG
411 - UGOLINAMENTE A.JPG
411 - UGOLINAMENTE.JPG
411 - UMA ÛA ALGUM ALGÛA NUNHUM NENHÛA COMUM COMÛA.JPG
411 - UMA ÛA.JPG
411 - VAGABUNDO - VAGAMUNDO.JPG
411 - VAGABUNDO, VAGAMUNDO.JPG
411 - VAGAMUNDEAR - VAGAMUNDO.JPG
411 - VAGAMUNDO - FRENTE.JPG
411 - VAGAMUNDO - VERSO.JPG
411 - VAGAMUNDO.JPG
411 - VENDÁVEL - DE VENDAS - VENDÍVEL.JPG
411 - VENDÁVEL E VENDÍVEL.JPG
411 - VENDÍVEL E VENDÁVEL.JPG
411 - VIABILIDADE - VITALIDADE - VIÁVEL.JPG
411 - VIAGÍSSIMO - COISÍSSIMA.JPG
411 - VIAVEL.JPG
411 - VITAL - VIÁVEL.JPG
411 - VITALIDADE E VIABILIDADE - VIÁVEL.JPG
411 - VIVEDOIRO POR VITAL CAPAZ DE VIVER.JPG
411 - VIVEDOURO OU VIVEDOIRO.JPG
411 - VIÁVEL OU VITAL - VITABILIDADE - VIABILIDADE.JPG
411 - VIÁVEL.JPG
411 - VULTOSO - VULTUOSO.JPG
411 - VULTUOSO - VULTOSO - FRENTE.JPG
411 - VULTUOSO - VULTOSO - VERSO.JPG

411 - ÇARRAÇÃO - CERRAÇÃO.JPG
411 - ÇARRAÇÃO.JPG
411 - É PENA QUE A ACAD BRAS NÃO QUEIRA APRENDER COM PORT - CREAR.JPG
411 - ÔRION - ORIONTE.JPG
411 - Û ÛA.JPG
411 - ÛA - UMA - FREIMA OU FREUMA FLEUGMA - FRENTE A.JPG
411 - ÛA - UMA - FREIMA OU FREUMA FLEUGMA - FRENTE.JPG
411 - ÛA - UMA - FREIMA OU FREUMA FLEUGMA - VERSO A.JPG
411 - ÛA - UMA - FREIMA OU FREUMA FLEUGMA - VERSO.JPG
411 - ÛA.JPG
411- PEIOR.JPG
411- ARIA OU ERIA.JPG
411- BÃO = BOM.JPG
411- MAOMETANONISMO.JPG
411- TARTAMUDEAR.JPG
412 - MEIOS, ADVÉRBIO.JPG
412 - FANTASMA.JPG
412 - A PRÓ - EM PROL - A FAVOR.JPG
412 - A PRÓ - EM PROL.JPG
412 - A'FIO.JPG
412 - ADVÉRBIOS VARIÁVEIS (2).JPG
412 - ADVÉRBIOS VARIÁVEIS.JPG
412 - ALFERES - ALFERECES - ALFEREZES.JPG
412 - ALÃO ALÃOS ALÃE ALÃES A.JPG
412 - ALÃO ALÃOS ALÃE ALÕES.JPG
412 - APELIDOS - SEU GÊNERO MÓRFICO.JPG
412 - APELIDOS FEMININOS - NOMES.JPG
412 - APELIDOS.JPG
412 - BACHÁ - PACHÁ.JPG
412 - BACHÁ.JPG
412 - BARRELÊTE - CANCRO.JPG
412 - BICHA.JPG
412 - BICHO BICHA BIZO BESTIA CÊSTO CÊSTA MATO MATA VERSO.JPG
412 - BICHO BICHA BIZO BESTIA CÊSTO CÊSTA MATO MATA.JPG
412 - BICHO BICHA BIZO BESTIA.JPG
412 - BIZO - BICHO.JPG
412 - BÉSTIA - BICHO.JPG
412 - CEGONHO - COISO.JPG
412 - COISA.JPG
412 - COISÍSSIMO - COISO.JPG
412 - COMPARATIVOS DE SUPERLATIVOS.JPG
412 - COMPARATIVOS E SUPERLATIVOS.JPG
412 - CONTRATA, SUBSTANTIVO.JPG
412 - CURUZÚ - CURUÇÚ - CURUÇÁ - TIETÊ - FRENTE.JPG
412 - CURUZÚ - CURUÇÚ - CURUÇÁ - TIETÊ - VERSO.JPG
412 - CÊSTA - CÊSTO - BICHO.JPG
412 - CÓLERA - COLERA-MORBUS.JPG
412 - CÓLERA - CÓLERA-MÓRBUS É FEMININO.JPG

412 - DÁTILES.JPG
412 - ESTUDANTA.JPG
412 - EXCEPTA- EXCEPTO.JPG
412 - F - FIGUROS.JPG
412 - FANTASMA - (SUBSTANTIVO FEMININO).JPG
412 - FIGUROS.JPG
412 - FRIA = FRIO.JPG
412 - FÊMEA (2).JPG
412 - FÊMEA.JPG
412 - FÊMEO (2).JPG
412 - FÊMEO.JPG
412 - GRÁOS PERIFRÁSTICOS.JPG
412 - M - MEIA ADVÉRBIO.JPG
412 - M - MEIOS, ADVÉRBIO.JPG
412 - M - MELHOR = MENOS MAU OU MENOS MAL.JPG
412 - M - MENOS MAU.JPG
412 - M - MUITO FERIDO - MAL FERIDO.JPG
412 - MACHA - MACHA FÊMEO.JPG
412 - MACHO -MACHA - FÊMEA.JPG
412 - MAIS BOM - MELHOR.JPG
412 - MAIS GRANDE - MAIS RUINS.JPG
412 - MAIS PEQUENO - MENOR.JPG
412 - MAIS PÉSSIMO.JPG
412 - MAIS RUIM = PIOR.JPG
412 - MAIS RUINS.JPG
412 - MARIA LÔBO = MARIA LÔBA.JPG
412 - MATO-MATA.JPG
412 - MEIA OCULTA - MEIO OCULTA.JPG
412 - MELHOR.JPG
412 - MENOS MAU.JPG
412 - NOMES PRÓPRIOS - MARIA LOBO....JPG
412 - NOMES PRÓPRIOS.JPG
412 - P - PATACA - PATACO.JPG
412 - P - PEIS = PÉS.JPG
412 - PACHÁ - BACHÁ.JPG
412 - PATACA.JPG
412 - PERSONAGEM.JPG
412 - PLURAL DOS NOMES EM ÃO.JPG
412 - PRÓ - A FAVOR DE - A PRÓ.JPG
412 - PULGO - COISO.JPG
412 - PÉIS E PÉS.JPG
412 - PÉS - PEIS.JPG
412 - PÉS.JPG
412 - RADICAL - TEMA.JPG
412 - RAPARIGO - COISO.JPG
412 - RÉIS.JPG
412 - SACO E SACA - GÊNEROS DOS SUBSTANTIVOS.JPG
412 - SALVO - ADVÉRBIOS VARIÁVEIS.JPG
412 - SALVOS - ADVÉRBIO - EXCEPTO.JPG

412 - SEMA RAIZ.JPG
412 - TAXO E TAXA - BICHO E BICHA.JPG
412 - TEMA A.JPG
412 - TEMA.JPG
412 - TEMPORÃOS.JPG
412 - TEMPORÕES.JPG
412 - TÃO CLARÍSSIMA.JPG
412 - TÃO MÍNIMA.JPG
412 - U - UM RÉIS.JPG
412 - UM RÉIS.JPG
412 - VISTO - ADVÉRBIOS VARIÁVEIS.JPG
412 - ÁFIO - FRENTE.JPG
412 - ÁFIO - VERSO.JPG
412 - ÃO - SEU PLURAL - PLURAL DOS NOMES EM ÃO.JPG
413 - COMIGO.JPG
413 - CURUZÚ.JPG
413 - CURUÇÁ - CURUZÚ.JPG
413 - CURUÇÚ - CURUZÚ.JPG
413 - ENSIMESMAR-ME.JPG
413 - SUICIDAR-ME - COMIGO.JPG
413 - TIETÊ - CARUZÚ.JPG
413 - TIETÊ OU TIETÉ (FRENTE).JPG
414 - 602 - BÊNÇÃO, BENÇÃO.JPG
414 - ADRESSE.JPG
414 - FLOREAR.JPG
414 - GALICISMOS VULGARIZADOS.JPG
414 - IDAE - FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS.JPG
414 - NEO-LATINO (VERSO).JPG
414 - T - TRIPEÇA VERSO.JPG
414 - NEO-LATINO (FRENTE).JPG
414 - A - ACHICANAR.JPG
414 - ACHICANAR (2).JPG
414 - ACHICANAR.JPG
414 - ADRESSE (2).JPG
414 - ADRESSE.JPG
414 - ANDAR NA BERRA - BERRANTE.JPG
414 - ANDAR NA BERRA.JPG
414 - ARCAÍSMOS CONSERVADOS PELO POVO.JPG
414 - ASSASSÍNIO OU ASSASSINATO.JPG
414 - ASSIM MESMO - ASIMISMO.JPG
414 - ASSIM MESMO.JPG
414 - ATURDIR - CONTINUAÇÃO.JPG
414 - ATURDIR - FRENTE.JPG
414 - ATURDIR.JPG
414 - AVENTAL - IVENTAIL.JPG
414 - BANAL.JPG
414 - BARBARISMOS.JPG
414 - BASILAR.JPG
414 - BENÇÃO.JPG

414 - BERRA - ANDAR NA BERRA.JPG
414 - BERRA - BERRANTE.JPG
414 - BERRANTE.JPG
414 - BLOUSE.JPG
414 - BÁSICO.JPG
414 - CABINA.JPG
414 - CAMINHÃO - FRENTE.JPG
414 - CAMINHÃO - VERSO.JPG
414 - CAMINHÃO.JPG
414 - CAMINHÃOZINHO.JPG
414 - CARAGO - CARAJO = CARAMBA.JPG
414 - CARAJO = CARAGO = CARAMBA.JPG
414 - CARAMBA - CARAJO - CARAGO = CARAMBA.JPG
414 - CARDÁPIO.JPG
414 - CARLOS DE LAET - ADRESSE.JPG
414 - CARNAGEM - CONTAGIÃO.JPG
414 - CHICANA.JPG
414 - CONDUZIR-SE.JPG
414 - CONFORTO - CONFORTÁVEL.JPG
414 - CONFORTÁVEL.JPG
414 - CONSTATAR.JPG
414 - CONTAGIÃO.JPG
414 - DANDY.JPG
414 - DAR TENTO DE... - TAMBORÊTE.JPG
414 - DE RESTO.JPG
414 - DESAPONTAMENTO.JPG
414 - DESTACAR A.JPG
414 - DESTACAR.JPG
414 - EM CHEFE.JPG
414 - ENGORDAR COM GALICISMOS.JPG
414 - ESTRANGEIRISMOS.JPG
414 - EVENTAIL - AVENTAL.JPG
414 - EVOLUIR (MAIS DE UMA FICHA).JPG
414 - EVOLUIR - FRENTE.JPG
414 - EVOLUIR - VERSO.JPG
414 - EVOLUIR HÁ OUTRA FICHA IGUAL.JPG
414 - EZÉQUIAS - FUNERAL.JPG
414 - FLOREAR.JPG
414 - FLORECER.JPG
414 - FLORIR.JPG
414 - FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS (2).JPG
414 - FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS - ÍDEOS, IDAE, IDAS (FRENTE).JPG
414 - FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS.JPG
414 - FENAR (2).JPG
414 - FENAR.JPG
414 - FLORECER.JPG
414 - FLORIR - NEOLOGISMO - GALICISMO.JPG
414 - FLORIR.JPG
414 - FRINITA.JPG

414 - FUNERAL NÃO FUNERAIS MAS EXÉQUIAS NÃO HÁ EXÉQUIA.JPG
414 - FUNERAL, NÃO FUNERAIS.JPG
414 - GALICIPARLA.JPG
414 - GALICIPASTA.JPG
414 - GALICISMOS - BARBARISMOS.JPG
414 - GALICISMOS ADMISSÍVEIS.JPG
414 - GALICISMOS QUE ENGORDAM (2).JPG
414 - GALICISMOS QUE ENGORDAM.JPG
414 - GALICISMOS VULGARIZADOS.JPG
414 - GALICISMOS.JPG
414 - GENTLEMANS.JPG
414 - GERINÇONÇA - VASCONÇO CIENTÍFICO.JPG
414 - GESTO 2.JPG
414 - GESTO.JPG
414 - HIBRIDISMOS (2).JPG
414 - HIBRIDISMOS.JPG
414 - HONORABILIDADE (2).JPG
414 - HONORABILIDADE.JPG
414 - HÍBRIDO (COPAÍBA).JPG
414 - IDAE - FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS.JPG
414 - IDAS - FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS (2).JPG
414 - IDAS - FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS.JPG
414 - IDEOS - FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS (2).JPG
414 - IDEOS - FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS.JPG
414 - IMBECIL - TOLO - BOBO - IDIOTA.JPG
414 - IMBECIL.JPG
414 - IMBÉCIL - IMBECIL.JPG
414 - INUTILIDADE DE COMBATER GALICISMOS VULGARIZADOS.JPG
414 - JOÃO RIBEIRO E OS GALICISMOS.JPG
414 - LEGANDA - LENDA.JPG
414 - LENDA - LEGENDA - FRENTE.JPG
414 - LENDA - LEGENDA - VERSO.JPG
414 - LENDA.JPG
414 - LÍVEL - LIVÉL - BENÇÃO.JPG
414 - LÛA A.JPG
414 - LÛA.JPG
414 - MADAMA 2.JPG
414 - MADAMA.JPG
414 - MEDIDAS - FRENTE.JPG
414 - MEDIDAS - VERSO.JPG
414 - MEDIDAS.JPG
414 - N - NEO-LATINO = NOVI-LATINO = NOVO-LATINO (FRENTE).JPG
414 - N - NEO-LATINO = NOVI-LATINO = NOVO-LATINO (VERSO).JPG
414 - N - NEOLOGIAS ERUDITAS.JPG
414 - N - NEOLOGISMOS - GENERALIDADES.JPG
414 - N - NO MAIS.JPG
414 - NA BERRA - BERRANTE.JPG
414 - NAIPES DE CARTAS DE JOGAR - ALCATRAZ.JPG
414 - NASÓCULOS 2.JPG

414 - NASÓCULOS.JPG
414 - NECROTÉRIO - CARDÁPIO.JPG
414 - NEO-LATINO.JPG
414 - NO MAIS.JPG
414 - NÍVEL - NIVEL.JPG
414 - ORIGINAL - INUTILIDADE DE COMBATES.JPG
414 - P - PARTILHAR NÃO É PARTAGER - DESTAQUE PARA O RECORTE DE JORNAL.JPG
414 - P - PARTILHAR NÃO É PARTAGER.JPG
414 - P - PRETENCIOSO.JPG
414 - P - PROCURAR = PROPORCIONAR (FRENTE) .JPG
414 - P - PROCURAR = PROPORCIONAR (VERSO).JPG
414 - P - PROMISCUIR-SE.JPG
414 - PRECONÍCIO - CARDÁPIO.JPG
414 - PRENTENCIOSO.JPG
414 - PROCURAR - PROPORCIONAR.JPG
414 - PROMISCUIR-SE.JPG
414 - R - RECLAME OU RECLAMO.JPG
414 - R - RODEIRA = RODA = RODEIRO.JPG
414 - R - RÚIM.JPG
414 - RECLAME OU RECLAMO.JPG
414 - RODA - RODEIRA.JPG
414 - RODEIRA.JPG
414 - RÚIM.JPG
414 - S - SELIGOTES.JPG
414 - S - SEMOSTRADEIRA.JPG
414 - S - SEMOSTRAÇÃO (FRENTE) .JPG
414 - S - SEMOSTRAÇÃO (VERSO) .JPG
414 - S - SOBERNAL - SURMENAGE.JPG
414 - SAMATRA - ALCATRAZ.JPG
414 - SELAGOTE - SEMOSTRAÇÃO.JPG
414 - SELIGOTES.JPG
414 - SEMOSTRADEIRA.JPG
414 - SEMOSTRAÇÃO.JPG
414 - SEMOVENTE - SEMOSTRAÇÃO.JPG
414 - SERIGOTE - SELIGOTES.JPG
414 - SERIGOTE - SEMOSTRAÇÃO.JPG
414 - SILOGEU - CARDÁPIO.JPG
414 - SOBERNAL.JPG
414 - SUB FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS.JPG
414 - SUB-FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS - INAE.JPG
414 - SUB-FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS.JPG
414 - SUMATRA - ALCATRAZ.JPG
414 - SURMÉNAGE - SOBERNAL.JPG
414 - T - TAMBORÊTE.JPG
414 - T - TAXI.JPG
414 - T - TERMINOLOGIA.JPG
414 - T - TIGE (FRENTE).JPG
414 - T - TIGE (VERSO).JPG

414 - T - TODO MUNDO = TODA A GENTE.JPG
414 - T - TODO MUNDO.JPG
414 - T - TOILETTE.JPG
414 - T - TOILLETE.JPG
414 - T - TREINADAS - TREINO - TREINAR.JPG
414 - T - TREINADAS.JPG
414 - T - TREINAR - TREINADAS.JPG
414 - T - TREINO - TREINADAS .JPG
414 - T - TRIPEÇA (FRENTE) .JPG
414 - T - TRIPEÇA (VERSO).JPG
414 - T - TRIPEÇA - TAMBORETE.JPG
414 - TAMBORÊTE.JPG
414 - TAXI.JPG
414 - TERMINOLOGIA.JPG
414 - TIGE.JPG
414 - TRIPEÇA - TAMBORETE (FRENTE).JPG
414 - TRIPEÇA - TAMBORETE (VERSO).JPG
414 - TÁCHI - TACHÍ - TAXI.JPG
414 - TÁCSI - TACSÍ - TAXI.JPG
414 - V - VASCONÇO CIENTÍFICO (FRENTE).JPG
414 - V - VASCONÇO CIENTÍFICO (VERSO).JPG
414 - V - VITRINE.JPG
414 - VASCONÇO CIENTÍFICO. VASCONÇO OU GERINGONÇA DO NOSSO TEMPO.JPG
414 - VASCONÇO DOS SALÕES - ESPIRITO.JPG
414 - VEXADO - ATURDIR.JPG
414 NEOLOGIAS ERUDITAS.JPG
414 NEOLOGISMOS GENERALIDADES.JPG
414 NO MAIS.JPG
414 PARTILHAR NÃO É PARTAGER.JPG
414 PRETENCIOSO.JPG
414 PROCURAR PROPORCIONAR VERSO.JPG
414 PROCURAR PROPORCIONAR.JPG
414 PROMISCUIR-SE.JPG
414 RECLAME OU RECLAMO.JPG
414 RODEIRA.JPG
414 RÚIM.JPG
414 SELIGOTES.JPG
414 SEMOSTRADEIRA.JPG
414 SEMOSTRAÇÃO VERSO.JPG
414 SEMOSTRAÇÃO.JPG
414 SOBERNAL.JPG
414 TAMBORÊTE.JPG
414 TAXI.JPG
414 TERMINOLOGIA.JPG
414 TIGE VERSO.JPG
414 TIGE.JPG
414 TODO MUNDO.JPG
414 TOILETTE.JPG

414 TREINADAS.JPG
414 TRIPEÇA.JPG
414 VASCONÇO CIENTÍFICO VERSO .JPG
414 VASCONÇO CIENTÍFICO.JPG
414 VITRINE.JPG
414- INUTILIDADES DE COMBATER GALICISMOS.JPG
414- RUMINOL - CARDÁPIO.JPG
4141 - ADRESSE.JPG
4141 - CONVESCOTE - CARDÁPIO.JPG
415 - A - ATALHAR (FRENTE).JPG
415 - A - Á PRESSA - ÁS PRESSAS (FRENTE).JPG
415 - A - Á PRESSA - ÁS PRESSAS (VERSO).JPG
415 - A'PRESSA.JPG
415 - B - BANZAR.JPG
415 - B - BARRELÊTE = CANCRO.JPG
415 - B - BRASILEIRISMOS - OS SEPARATISTAS.JPG
415 - B - BRASILEIRISMOS - QUE SÃO VOZES ANTIGAS PORTUGUESAS.JPG
415 - B - BRASILEIRISMOS - SUA ANTIGÜIDADE.JPG
415 - BARREAR - BARRAR - BANZAR.JPG
415 - BRASILEIRISMOS.JPG
415 - BRUACA .JPG
415 - C - CACUNDA (FRENTE).JPG
415 - C - CACUNDA (VERSO).JPG
415 - CAXERENGUENGUE - BRUACA.JPG
415 - CAXERENGUENGUE.JPG
415 - COITÉ - CUIETÊ - CUIA.JPG
415 - COITÉ, CUIETÊ.JPG
415 - CUIA - COITÉ.JPG
415 - CUIETÊ - COITÉ.JPG
415 - F - FLÔR DA TROPA.JPG
415 - FAMANAZ - FAMANADAS.JPG
415 - GALOPEAR - GALOPAR - BAUZAR.JPG
415 - GOLPEAR = GOLPAR - BANZAR.JPG
415 - ORTICÁCEA - ORTIGA.JPG
415 - ORTIGA - URTIGA - URTICÁRIA NÃO ORTICÁRIA.JPG
415 - ORTIGA.JPG
415 - PORUNGA OU PORENGO - COITÉ.JPG
415 - PROSEAR = PROSAR - BANZAR.JPG
415 - PÊSSEGO DE SEQUEIRO - COARADOR - CORADOR (FRENTE).JPG
415 - PÊSSEGO DE SEQUEIRO - COARADOR - CORADOR (VERSO).JPG
415 - REFUGO.JPG
415 - SECADOR - PÊSSEGO DE SEQUEIRO.JPG
415 - SEQUEIRO - PÊSSEGO DE SEQUEIRO.JPG
415 - T - TALHA - CONCORDÂNCIA DO VERBO SER (FRENTE).JPG
415 - T - TALHA - CONCORDÂNCIA DO VERBO SER (VERSO).JPG
415 - T - TROTEAR - TROTAR - BAUZAR.JPG
415 - TAIÁ - ATALHAR.JPG
415 - TALHA.JPG
415 - TALHAR - ATALHAR.JPG

415 - U - UNS PAR DE - UAS PAR DE.JPG
415 - UMA CASCA PESSEGO DE SEQUEIRO.JPG
415 - UMAS PAR DE - UNS PAR DE.JPG
415 - ÁGUA DO POTE (FRENTE).JPG
415 - ÁGUA DO POTE (VERSO).JPG
415 - ÁS PRESSAS - Á PRESSA.JPG
415 - ÛAS PAR DE - UNS PAR DE.JPG
415 ATALHAR VERSO.JPG
415 ATALHAR.JPG
415 BANZAR.JPG
415 BARRELÊTE.JPG
415 BRASILEIRISMO VOZES ANTIGAS.JPG
415 BRASILEIRISMOS SUA ANTIGUIDADE.JPG
415 BRASILEIRISMOS.JPG
415 CACUNDA VERSO.JPG
415 CACUNDA.JPG
415 FAMANAZ.JPG
415 FLÔR DA TROPA.JPG
415 TALHA VERSO.JPG
415 TALHA.JPG
415 UNS PAR DE.JPG
415 À PRESSA ÀS PRESSAS VERSO.JPG
415 À PRESSA ÀS PRESSAS.JPG
4151 - A - ATALHAR (VERSO).JPG
42 - S - SEMÂNTICA - DIVISÓRIA.JPG
42 - S - SEMÂNTICA DIVISÓRIA.JPG
42 - SEMÂNTICA - DIVISÓRIA.JPG
420 - GENERALIDADES (FEVEREIRO 1952).JPG
420 - I - INFORMAÇÕES.JPG
420 - S - SACUDIDO.JPG
420 - SACUDIDO.JPG
420 SACUDIDO.JPG
421 - ALGUÉM, NINGUÉM.JPG
421 - ARAME, MOEDA, DINHEIRO.JPG
421 - A - ABESPINHAR-SE.JPG
421 - A - ADHERÊNCIA.JPG
421 - A - ADONDE - AONDE.JPG
421 - A - AFOGAR.JPG
421 - A - ALAGAR.JPG
421 - A - ALGUM - NENHUM - COISA ALGUMA - DESTAQUE PARA O RECORTE DE JORNAL 2.JPG
421 - A - ALGUM - NENHUM - COISA ALGUMA - DESTAQUE PARA O RECORTE DE JORNAL.JPG
421 - A - ALGUM - NENHUM - COISA ALGUMA - RECORTE DE JORNAL COMPLETO.JPG
421 - A - ALGUM - NENHUM- COISA ALGUMA - DESTAQUE PARA O RECORTE DE JORNAL 3.JPG
421 - A - ALTOS CÉUS - CÉUS ALTOS (FRENTE).JPG
421 - A - ALTOS CÉUS - CÉUS ALTOS (VERSO) .JPG

421 - A - ALVUM - NENHUM - COISA ALGUMA.JPG
421 - A - ANTÓNIMOS - PARÓNIMOS - HOMÓNIMOS - SINÓNIMOS.JPG
421 - A - AONDE - ONDE - DONDE - ADONDE.JPG
421 - A - APETITE = CURIOSIDADE OU VONTADE DE SABER (FRENTE).JPG
421 - A - APETITE = CURIOSIDADE OU VONTADE DE SABER (VERSO).JPG
421 - A - ARAGEM = SCIÊNCIA OU NOTÍCIA.JPG
421 - ABSOLVER.JPG
421 - ACACIANO, ACACIANISMO.JPG
421 - ADERENCIA.JPG
421 - ADERÊNCIA - ADHERÊNCIA.JPG
421 - ADHERENCIA - PALAVRA DIABÓLICA (2).JPG
421 - ADHERENCIA - PALAVRA DIABÓLICA.JPG
421 - ADULAR - ENGROSSAR.JPG
421 - AFIRMATIVAS QUE NEGAM.JPG
421 - ALGUM.JPG
421 - ANTÓNIMOS.JPG
421 - APETITE.JPG
421 - AQ - ALGUM - NENHUM - COISA ALGUMA - DESTAQUE PARA O RECORTE DE JORNAL 4.JPG
421 - ARAGEM - NOTÍCIA.JPG
421 - ARAME - DINHEIRO - MOEDA.JPG
421 - ARISCO, AREISCO, ARENOSO, AREIA.JPG
421 - ARREPIO - ARREPIAMENTO, ENTERRO - ENTERRAMENTO....JPG
421 - ATRAIÇOADO , ATREIÇOADO - TRAIDOR (FRENTE).JPG
421 - ATRAIÇOADO , ATREIÇOADO - TRAIDOR (VERSO).JPG
421 - AUTÓPSIA, NECRÓPSIA, NECROSCOPIA.JPG
421 - AVE = PÁSSARO (FRENTE).JPG
421 - AVE = PÁSSARO (VERSO).JPG
421 - AVE-PÁSSARO.JPG
421 - AVES, PÁSSAROS (VERSO) .JPG
421 - AVES, PÁSSAROS.JPG
421 - AZIAR - PITO (2).JPG
421 - AZIAR - PITO.JPG
421 - B - BUFFALO.JPG
421 - B - BUGALHO - BOGALHO.JPG
421 - BABIRRUSSA OU BABIRRUÇA.JPG
421 - BABIRUSSA.JPG
421 - BACIO.JPG
421 - BALANÇAR - BALOUÇAR.JPG
421 - BALANÇAR.JPG
421 - BALOUÇAR - BALANÇAR.JPG
421 - BANCO (2).JPG
421 - BANCO.JPG
421 - BEM FERIDO - MAL-FERIDO.JPG
421 - BOA FORTUNA - FORTUNA.JPG
421 - BOGALHO - BUGALHO = GLOBO OCULAR - ESBUGALHADO.JPG
421 - BOGALHO.JPG
421 - BOM HOMEM HOMEM BOM.JPG
421 - BOND - BONDE.JPG

421 - BOND - BUFFALO - AMERICANO (FRENTE).JPG
421 - BOND - BUFFALO - AMERICANO (VERSO).JPG
421 - CADELA SAÍDA.JPG
421 - CARECER - PRECISAR.JPG
421 - CARECER = PRECISAR.JPG
421 - CARECER E PRECISAR.JPG
421 - CARIOCA - FLUMINENSE.JPG
421 - CARIOCA.JPG
421 - CASCA - CASCO.JPG
421 - CASCO - CRÂNEO DO FRANCÊS... (FRENTE).JPG
421 - CASCO - CRÂNEO DO FRANCÊS... (VERSO).JPG
421 - CASCO.JPG
421 - CASERNA OU QUARTEL 2.JPG
421 - CASERNA OU QUARTEL.JPG
421 - CISCAR-SE - FUGIR SURRATEIRAMENTE - ESCAFEDER-SE.JPG
421 - CISCAR-SE.JPG
421 - COMER COM AS MÃOS E LAVÁ-LAS EM BACIA (FRENTE).JPG
421 - COMER COM AS MÃOS E LAVÁ-LAS EM BACIA (VERSO).JPG
421 - COMER COM AS MÃOS.JPG
421 - COMPATIVEL - COMPOSSÍVEL.JPG
421 - COMPATRÍCIO - PATRÍCIO.JPG
421 - COMPATRÍCIO = PATRÍCIO.JPG
421 - COMPATÍVEL - COMPOSSÍVEL.JPG
421 - COMPOSSÍVEL - COMPATÍVEL.JPG
421 - COMPOSSÍVEL.JPG
421 - CONVENTOS E GARFOS - COMER COM AS MÃOS.JPG
421 - CRÍTICAS E CHACOTAS PRÓ E CONTRA OS GARFOS.JPG
421 - DE EU E TU A MAJESTADE.JPG
421 - DEFERIR - DIFERIR.JPG
421 - DEFLORAMENTO - DESVIRGAR.JPG
421 - DEGENERAÇÃO SEMÂNTICA - MOÇA.JPG
421 - DESCOBERTA - DESCOBRIMENTO.JPG
421 - DESCRIÇÃO E DISCREÇÃO - COISAS DIVERSAS.JPG
421 - DESCRIÇÃO.JPG
421 - DESVIRGAR - DESVIRGINAR - ESTUPRO - DEFLORAMENTO.JPG
421 - DIFERIR - DEFERIR 2 .JPG
421 - DIFERIR - DEFERIR.JPG
421 - DISCREÇÃO - DESCRIÇÃO.JPG
421 - DIZER MAL DE - MALDIZER.JPG
421 - DOLMENS FIEIS.JPG
421 - DONDE - AONDE.JPG
421 - DOUTO - ERUDITO - SÁBIO - PERITO.JPG
421 - DÉCADA - DECÊNIO A.JPG
421 - DÉCADA - DECÊNIO.JPG
421 - DÉCADA - DÉCADA.JPG
421 - DÊSSE - DÊSTE (COMENTÁRIO SOBRE MÁRIO DE ANDRADE).JPG
421 - EMINENTE E IMINENTE.JPG
421 - EMINENTE.JPG
421 - EMPALHAR - SEMÂNTICA E ORTOGRAFIA 2 (FRENTE).JPG

421 - EMPALHAR - SEMÂNTICA E ORTOGRAFIA 2 (VERSO).JPG
421 - EMPALHAR - SEMÂNTICA E ORTOGRAFIA.JPG
421 - EMPRESTAR - SAUDOSO.JPG
421 - ENCARNIÇADOS - INJECTADOS.JPG
421 - ENCARNIÇADOS.JPG
421 - ENGROSSAR - ADULAR 2.JPG
421 - ENGROSSAR - ADULAR.JPG
421 - ENTERRO - ENTERRAMENTO - DESPEDIDA.JPG
421 - ENTONAÇÃO - ENTORNO.JPG
421 - ENTONO - ENTONAÇÃO 2.JPG
421 - ENTONO - ENTONAÇÃO.JPG
421 - ERROS CONSAGRADOS - SAÚDE E FRATERNIDADE.JPG
421 - ERUDITO - SÁBIO - DOUTO - PERITO.JPG
421 - ERUDITO, SÁBIO, DOUTO, PERITO.JPG
421 - ESBUGALHADO - BOGALHO.JPG
421 - ESMOLAR.JPG
421 - ESPINHAR-SE - F. ESPINHOU-SE.JPG
421 - ESPINHAR-SE.JPG
421 - ESPOSA.JPG
421 - ESQUECIDO.JPG
421 - EU SEI CÁ - EU CÁ SEI O QUE HEI DE FAZER.JPG
421 - EU SEI CÁ!.JPG
421 - EUFEMISMOS - TRANSLACÇÕES DE SENTIDO.JPG
421 - EUFEMISMOS.JPG
421 - EVO - TEMPO.JPG
421 - EVO = TEMPO.JPG
421 - F - FIEIS DE DEUS.JPG
421 - F - FILHOS DA CANDINHA.JPG
421 - F - FLUMINENSE.JPG
421 - F - FORTUNA.JPG
421 - F - FÓRMULAS DE TRATAMENTO.JPG
421 - FIEIS DE DEUS - ALMAS PENADAS - MEDO DE DEFUNTOS.JPG
421 - FILHOS DA CANDINHA - MÁRIO DE ANDRADE.JPG
421 - FORTUNA (FRENTE).JPG
421 - FORTUNA (VERSO).JPG
421 - FORTUNA - RESPANÇAR - DESTROIU.JPG
421 - FORTUNA 2.JPG
421 - FORTUNA = BENS, HAVERES.JPG
421 - GARFO - CHACOTAS POR USÁ-LOS.JPG
421 - GARFO E PECADO.JPG
421 - GENTE AGUIAR - FAMÍLIA AGUIAR.JPG
421 - GENTE AGUIAR = FAMÍLIA AGUIAR.JPG
421 - GOSTOSO (FRENTE).JPG
421 - GOSTOSO (VERSO).JPG
421 - GOSTOSO.JPG
421 - HEBRAICO.JPG
421 - HOMEM POBRE - POBRE HOMEM.JPG
421 - HOMÓNIMOS.JPG
421 - HÓSPEDE (2).JPG

421 - HÓSPEDE.JPG
421 - I - IR O VERBO IR.JPG
421 - I - INUNDAS ALAGAR.JPG
421 - IMINENTE.JPG
421 - IMPERATIVOS DE SIGNIFICAÇÕES CONTRÁRIAS OU OPOSTAS.JPG
421 - IMPERATIVOS QUE PEDEM.JPG
421 - INHO - INHA.JPG
421 - INHO - INHO - INHA.JPG
421 - INHO INHA NHÔ NHÁ MINHO INHÔ.JPG
421 - INJECTADOS - OLHOS - ENCARNIÇADOS.JPG
421 - INSIGNE 2.JPG
421 - INSIGNE.JPG
421 - INTEMERATO.JPG
421 - JUDAICO.JPG
421 - JUDEU - HEBRAICO - JUDAICO.JPG
421 - JUDEU.JPG
421 - LETRA DE CÂMBIO - LETRA DA TERRA.JPG
421 - LETRA DE CÂMBIO OU DA TERRA.JPG
421 - LEVAR A ESTRADA = VIAJAR POR ELA.JPG
421 - LUA DE MEL.JPG
421 - LÍNGUA GERAL.JPG
421 - LÍNGUA-GERAL.JPG
421 - M - MEDO DE DEFUNTOS.JPG
421 - M - MORFEMA.JPG
421 - M - MORTO.JPG
421 - M - MULHER BONITA.JPG
421 - M - MULHER.JPG
421 - M - MÊNSTRUO.JPG
421 - MAL-FERIDO - MUITO FERIDO.JPG
421 - MAL-FERIDO = MUITO FERIDO.JPG
421 - MALDIZER.JPG
421 - MANCEBA = MOÇA.JPG
421 - MANDO - MANDAMENTO.JPG
421 - MOÇA - RAPARIGA - MANCEBA... (FRENTE).JPG
421 - MOÇA - RAPARIGA - MANCEBA... (VERSO).JPG
421 - MOÇA.JPG
421 - MÁ FORTUNA.JPG
421 - NECROSCOPIA - AUTÓPSIA.JPG
421 - NECRÓPSIA - AUTÓPSIA.JPG
421 - NENHUM - ALGUM.JPG
421 - NHA, NHARA, NHÔ.JPG
421 - NHO, NHA, INHO, INHA.JPG
421 - O ANTRO DOS PAIS - PROGENITOR.JPG
421 - O ANTRO DOS PAIS.JPG
421 - O VERBO IR.JPG
421 - ONDE - AONDE.JPG
421 - P - PATRÍCIO - COMPATRÍCIO.JPG
421 - P - PATULEIA.JPG
421 - P - PECADO, GARFO E OS CONVENTOS DE ANTANHO.JPG

421 - P - PEITORAL.JPG
421 - P - PEIXE-BOI.JPG
421 - PADECER E SOFRER - SOFRER E PADECER.JPG
421 - PALAVRA DIABÓLICA.JPG
421 - PAQUETE A.JPG
421 - PAQUETE.JPG
421 - PARÁGRAFO - PÁRAFO - PARAFO.JPG
421 - PARÓNIMOS - ANTÓNIMOS.JPG
421 - PAULICEIA.JPG
421 - PEITORAL.JPG
421 - PERITO, SÁBIO, ERUDITO, DOUTO.JPG
421 - PIANO - CRAVO.JPG
421 - POBRE HOMEM - ALTOS CÉUS.JPG
421 - PRECISAR - CARECER .JPG
421 - PROGENITOR - O OUTRO DOS PAIS.JPG
421 - PROPÍNQUO - PRÓXIMO.JPG
421 - PROPÍNQUO.JPG
421 - PRÓXIMO.JPG
421 - PÁRAFO - PARÁGRAFO - FRENTE.JPG
421 - PÁRAFO.JPG
421 - QUADRILHA DE SEIS CÃES.JPG
421 - QUADRILHA DE SEIS OU SETTE.JPG
421 - QUARTEL OU CASERNA.JPG
421 - RAPARIGA - MOÇA.JPG
421 - RAPARIGA 2.JPG
421 - RAPARIGA.JPG
421 - RECEPÇÃO - RECEBIMENTO - DESPEDIDA.JPG
421 - RECUAR - MOÇA.JPG
421 - REDIMIR - REMIR - REMITIR.JPG
421 - REMIR - REDIMIR - RESGATAR.JPG
421 - REMIR - REMITIR.JPG
421 - REMITENTE - RENITENTE - INTERMITENTE - INTERNITENTE.JPG
421 - REMITENTE.JPG
421 - REMITIR - ABSOLVER - PERDOAR.JPG
421 - REMITIR - REMIR - REDIMIR - RESGATAR.JPG
421 - REMITIR.JPG
421 - RENITENTE - REMITENTE.JPG
421 - RESGATAR - REMIR - REDIMIR.JPG
421 - RESPANÇAR - FORTUNA.JPG
421 - REVER - TRANSPARECER - TORNAR-SE NOTÓRIO.JPG
421 - REVER - TRANSPARECER .JPG
421 - ROMAICO - ROMÂNICO.JPG
421 - ROMÂNICO - ROMÊNICO - ROMAICO.JPG
421 - ROMÂNICO.JPG
421 - RÚSTICO - SALOIO.JPG
421 - SABIO, ERUDITO, DOUTO, PERITO.JPG
421 - SALOIO - RÚSTICO - AGRESTE - FRENTE.JPG
421 - SALOIO - RÚSTICO - AGRESTE - VERSO.JPG
421 - SALOIO.JPG

421 - SALÁ - ÇALÁ.JPG
421 - SANDWICH.JPG
421 - SARRO 2.JPG
421 - SARRO.JPG
421 - SAUDOSO HÓSPEDE - ALUGAR - ARRENDAR.JPG
421 - SAUDOSO.JPG
421 - SAÍDA - CADELA SAÍDA.JPG
421 - SAÍDA, SAIMENTO - DESPEDIDA.JPG
421 - SANDUICHE.JPG
421 - SAÚDE E FRATERNIDADE - ASNEIRAS DO CALÃO POLÍTICO (FRENTE).JPG
421 - SAÚDE E FRATERNIDADE - ASNEIRAS DO CALÃO POLÍTICO (VERSO).JPG
421 - SAÚDE E FRATERNIDADE 2.JPG
421 - SE BEM QUE = SE MAL QUE .JPG
421 - SE MAL QUE - SE BEM QUE.JPG
421 - SE MAL QUE, EM VEZ DE SE BEM QUE.JPG
421 - SEI CÁ! SEI LÁ! EU SEI CÁ!.JPG
421 - SEMANTEMA - MORFEMA.JPG
421 - SEMANTEMA.JPG
421 - SEMPRE 2.JPG
421 - SEMPRE.JPG
421 - SENHOR (FÓRMULA DE TRATAMENTO).JPG
421 - SENHORA - MULHER.JPG
421 - SENVERGONHA - SENVERGONHISMO.JPG
421 - SENVERGONHA, SUBSTANTIVO - BORRACHEIRA.JPG
421 - SER = ESTAR - SER, POR ESTAR.JPG
421 - SER, POR ESTAR.JPG
421 - SIGNIFICAÇÃO OPOSTA AO VALOR DO TERMO - EU SEI CÁ!.JPG
421 - SINHARA - SINHÔ.JPG
421 - SINHARINHA - SINHÔ.JPG
421 - SINHÀZINHA - SINHÔ.JPG
421 - SINHÁ - SINHÔ.JPG
421 - SINHÔ.JPG
421 - SINHÔZINHO - SINHÔ.JPG
421 - SINÓNIMOS - ANTÓNIMOS.JPG
421 - SOFRER E PADECER.JPG
421 - SUCESSO.JPG
421 - SUFOCAR - AFOGAR.JPG
421 - T - TIMORADO.JPG
421 - T - TRANSLAÇÃO DE SENTIDO.JPG
421 - T - TRANSLAÇÕES DE SENTIDO - EUFEMISMOS.JPG
421 - T - TRESANDAR.JPG
421 - T - TRINETO.JPG
421 - T - TU DO EU E TU A MAJESTADE.JPG
421 - TARTUFO - CONSELHEIRO ACÁCIO - ACACIANO.JPG
421 - TARTUFO.JPG
421 - TATARANETO - TRINETO.JPG
421 - TEMERAS.JPG
421 - TEMEROSO - SAUDOSO.JPG

421 - TEMERÁRIO.JPG
421 - TENTAS - TEMERAS A.JPG
421 - TENTAS - TEMERAS.JPG
421 - TETRANETO - TRINETO.JPG
421 - U - UM SÓ HOMEM SÓ UM HOMEM ALTOS CÉUS.JPG
421 - V.MCÊ, V. SA. - DE EU E TU A MAJESTADE.JPG
421 - VELHORRO.JPG
421 - VOCÊ - DE EU E TU A MAJESTADE.JPG
421 - ZEBRAR.JPG
421 - ÇALÁ.JPG
421 - ÇUGIGADE.JPG
421 -ROMENO - ROMÂNICO.JPG
421 ABSOLVER.JPG
421 ACACIANO.JPG
421 ADERENCIA.JPG
421 ADHERENCIA PALAVRA DIABOLICA.JPG
421 ADHERENCIA PALAVRA DIABÓLICA.JPG
421 ADHERENCIA.JPG
421 AFOGAR.JPG
421 ALAGAR.JPG
421 ALTOS -CÉUS.JPG
421 ALTOS CÉUS VERSO.JPG
421 ALTOS CÉUS, CÉUS ALTOS (FRENTE).JPG
421 ANTÓNIMOS PARÓNIMOS.JPG
421 AONDE ADONDE.JPG
421 AONDE ONDE.JPG
421 APETITE VERSO.JPG
421 APETITE.JPG
421 ARAGEM.JPG
421 COMPATRÍCIO.JPG
421 FIEIS DE DEUS.JPG
421 FILHOS DA CANDINHA.JPG
421 FLUMINENSE.JPG
421 FORTUNA.JPG
421 FRENTE A.JPG
421 FRENTE.JPG
421 FÓRMULAS DE TRATAMENTO.JPG
421 HEBRAICO.JPG
421 IMPERATIVOS QUE PEDEM.JPG
421 INFORMAÇÕES.JPG
421 MULHER BONITA.JPG
421 MULHER.JPG
421 MÊNSTRUO.JPG
421 PATULEIA.JPG
421 PECADO, GARFO E OS CONVENTOS DE ANTANHO.JPG
421 PEITORAL.JPG
421 SANDWICH.JPG
421- SEMÂNTICA E ORTOGRAFIA - EMPALHAR.JPG
422 - A PALAVRA E O SENTIDO - SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO.JPG

422 - AMAR DINHEIRO.JPG
422 - ANDAR DE-A-PÉ.JPG
422 - BANGÜÉ = LITEIRA (2).JPG
422 - BANGÜÉ = LITEIRA.JPG
422 - BARALHOS - NOMES DOS NAIPES.JPG
422 - BIRIGUI - BERERÊ.JPG
422 - BOLPEBRA.JPG
422 - BORRACHUDO - BERERÊ.JPG
422 - BOTUQUARA.JPG
422 - BRAGAS - CALÇAS.JPG
422 - BRAGAS = CALÇAS (FRENTE).JPG
422 - BRAGAS = CALÇAS (VERSO).JPG
422 - BÊRÊRÊ - BORRACHUDO - PIUM - BIRIGUI - FRENTE A.JPG
422 - BÊRÊRÊ - BORRACHUDO - PIUM - BIRIGUI - FRENTE.JPG
422 - BÊRÊRÊ - BORRACHUDO - PIUM - BIRIGUI - VERSO.JPG
422 - BÊRÊRÊ, BORRACHUDO, PIUM, BIRIGUI, ETC. 2 COM RECORTE DE JORNAL (FRENTE).JPG
422 - BÊRÊRÊ.JPG
422 - CARTAS DE JOGAR - NOMES DAS....JPG
422 - CHAPERÃO.JPG
422 - CHARRUA - CHARRÔA.JPG
422 - CHARRÔA.JPG
422 - COMER SUBST.JPG
422 - COMPATÍVEL - COMPOSSÍVEL.JPG
422 - CONTRA.JPG
422 - DAR A LOUCA - LOUCA.JPG
422 - DE A PÉ.JPG
422 - DE COMER.JPG
422 - ENTRETI - ENTRETER.JPG
422 - ENTRETI, MANTI - ENTRETIVE, MANTIVE.JPG
422 - ESCUTAR - OUVIR.JPG
422 - FAZENDA.JPG
422 - FAZENDAS DE RAIZ.JPG
422 - HAVER TER - TER HAVER.JPG
422 - IDIOTA.JPG
422 - IMUNDICE - MUNDICE.JPG
422 - IMUNDÍCIE - MUNDICE.JPG
422 - LEVADO DO DIABO.JPG
422 - LEVOU O DIABO - LEVADO DO....JPG
422 - LITEIRA = BANGÜÊ.JPG
422 - LONCA - DAR A LONCA (VEJA FICHA 422 TENTO - LONCA - LONA) (FRENTE).JPG
422 - LONCA - DAR A LONCA (VEJA FICHA 422 TENTO - LONCA - LONA) (VERSO).JPG
422 - LOUCA - DAR A LOUCA.JPG
422 - LUSSANVIRA.JPG
422 - LUXO.JPG
422 - M - MUNDICE.JPG
422 - MANTI - MANTER.JPG

422 - MIL VEZES MIL.JPG
422 - MILHÃO.JPG
422 - MOÇORIÇÁ.JPG
422 - NAIPES DAS CARTAS DE JOGAR.JPG
422 - NYLON.JPG
422 - OS ÍNDIOS NO BRASIL E A GEOGRAFIA POLÍTICO-SOCIAL - PINDORAMA.JPG
422 - PALAVRAS E SENTIDO.JPG
422 - PINDORAMA.JPG
422 - PIUM BERÊRÊ.JPG
422 - PUNIR POR = PREITEAR A FAVOR DE ALGUEM.JPG
422 - REBOLO - RINHA.JPG
422 - RESPONDER CONTESTAR.JPG
422 - RESULTAR INFRUTÍFERO.JPG
422 - RINHA REBÔLO - COM TEXTO ANEXO.JPG
422 - RINHA REBÔLO - TEXTO ANEXO B.JPG
422 - RINHA REBÔLO - TEXTO ANEXO A.JPG
422 - RINHA.JPG
422 - SIGNIFICADO E SIGNIFICANTE, PALAVRAS E SENTIDO.JPG
422 - SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO - PALAVRAS E SENTIDO.JPG
422 - SOLEIRA = SOALHEIRA - SOL QUENTE.JPG
422 - T - TENHO LONCA - LONA.JPG
422 - TENTO.JPG
422 - TER - HAVER.JPG
422 - VIR = CONCORDAR.JPG
422 - VISTA-ALEGRE, MOÇORIÇÁ.JPG
422 - ÍNDIOS AMERICANOS E GEOGRAFIA POLÍTICA - PINDORAMA.JPG
422 FAZENDA.JPG
422 FAZENDAS DE RAIZ.JPG
422 IDIOTA.JPG
422 MUNDICE.JPG
422 TENHO LONA.JPG
423 - PARANDUBA A.JPG
423 - PARANDUBA.JPG
423 - PORANDUBA.JPG
423 - SAUDADE.JPG
423 - VÓS-OUTROS, NÓS-OUTROS.JPG
423 - YANKEES.JPG
424 - CANDIRÚ.JPG
424 - MANATUS AMERICANUS.JPG
424 - MUIRAKITAN.JPG
424 - PEIXE-BOI (FRENTE).JPG
424 - PEIXE-BOI (VERSO).JPG
424 - POROROCA 2.JPG
424 - POROROCA.JPG
424 - RELENTO 2.JPG
424 - RELENTO.JPG
424 - SAPUCÁIA.JPG

424 = POROROCA - NOS RIOS TRIBUTÁRIOS DO AMAZONAS, PRÓXIMOS DA FOZ DÊSTE.JPG
424 PEIXE-BOI.JPG
425 - COLECTIVOS.JPG
425 - COLECÇÃO DE ANIMAIS - COLECTIVOS.JPG
425 - DIMINUTIVOS QUE AUMENTAM.JPG
425 - DIMINUTIVOS QUE NÃO DIMINEM.JPG
425 - GENTALHA, GENTIO.JPG
425 - GENTARADA - GENTIO.JPG
425 - GENTINHA - GENTIO.JPG
425 - GENTIO.JPG
425 - P - PEQUETITO - PEQUETITINHO.JPG
425 - PINHEIRO.JPG
425 - PINHÃO.JPG
425 - SUPERLATIVOS COM FÓRMA MORFOLÓGICA DE DIMINUTIVOS.JPG
425 - T - TRADUZINHADOR.JPG
425 PEQUETITO.JPG
428 - OUTRO DIA - HA POUCO TEMPO.JPG
43 - F - FONEMAS - DIVISÓRIA.JPG
43 - MORFOLOGIA - VERBOS - DIVISÓRIA.JPG
43 - MORFOLOGIA - VERBOS.JPG
430 - BARBARISMOS E BRIO - GALICISMOS E PUNDONOR.JPG
430 - BARBARISMOS E BRIO.JPG
430 - BRIO E BARBARISMOS.JPG
430 - GALICISMOS E BRIO.JPG
430 - PUNDONOR E BARBARISMOS - BARBARISMOS.JPG
430 GALICISMO E BRIO.JPG
431 - ACEITE = ACEITO.JPG
431 - ADÉQUA.JPG
431 - ADÉQÜA - DE ADEQÜAR.JPG
431 - ADÉQÜA.JPG
431 - AGIR - GALICISMOS IRREDUTÍVEIS - FRENTE.JPG
431 - AGIR - GALICISMOS IRREDUTÍVEIS - VERSO.JPG
431 - AGUAR.JPG
431 - ANDEMOS = ANDÁMOS - PENSEMO.JPG
431 - APIADAR OU APIEDAR.JPG
431 - APIEDAR APIADE.JPG
431 - APIEDAR OU APIADAR.JPG
431 - ATENTE ATENTO - ACEITE ACEITO - FRENTE.JPG
431 - ATENTE ATENTO - ACEITE ACEITO - VERSO.JPG
431 - AVERIGUAR.JPG
431 - AVIR-SE, HAVER-SE.JPG
431 - BRITAR - BRITADOR A.JPG
431 - BRITAR - BRITADOR.JPG
431 - BRITAR - BRITAR - BRITADOR.JPG
431 - CALEAR - CAIAR.JPG
431 - CONSTROE.JPG
431 - CONSTRUA - CONSTROE.JPG
431 - CONSTRUE - FRENTE.JPG

431 - CONSTRUE - VERSO.JPG
431 - CONSTRÓI NÃO CONSTRUE.JPG
431 - CRIAR - CREAR.JPG
431 - CRIAR CRIO NÃO CREAR CREIO.JPG
431 - CRIO NÃO CREIO.JPG
431 - CUSTAR A.JPG
431 - CUSTAR.JPG
431 - D, NOS GERÚNDIOS - VIVENO.JPG
431 - DESAGUAR - MINGUAR.JPG
431 - DESPEDIR - IMPEDIR - DESPIDO - DESPEÇO - FRENTE.JPG
431 - DESPEDIR - IMPEDIR - DESPIDO - DESPEÇO - VERSO.JPG
431 - DETALHE - FRENTE.JPG
431 - DETALHE - VERSO.JPG
431 - DIZER - DISSER.JPG
431 - EAR - IAR.JPG
431 - EAR E IAR - TERMINAÇÕES VERBAIS.JPG
431 - EMBORA IR-SE EMBORA - IR SIMBORA - FRENTE.JPG
431 - EMBORA IR-SE EMBORA - IR SIMBORA - VERSO.JPG
431 - EMBORA.JPG
431 - ENTRETER - ENTRETIVER.JPG
431 - ENXAGUAR - MINGUAR.JPG
431 - ESPINHAR-SE OU ABESPINHAR-SE.JPG
431 - F - FREGE OU FRIGE.JPG
431 - FAZER - FIZER.JPG
431 - FERVENDO = FERVENTE.JPG
431 - FERVENTE (2).JPG
431 - FERVENTE.JPG
431 - FRIGE OU FREGE A.JPG
431 - FRIGE OU FREGE.JPG
431 - FUI SIMBORA.JPG
431 - FUTURO - TEMPO VERBAL.JPG
431 - GALICISMOS IRREDUTÍVEIS.JPG
431 - GANHADO - GANHO - FRENTE.JPG
431 - GANHADO - GANHO - VERSO.JPG
431 - GANHADO.JPG
431 - GANHO - PARTICÍPIO GANHADO.JPG
431 - GASTADO A.JPG
431 - GASTADO.JPG
431 - H - HAY = HA.JPG
431 - H - HEMOS = HAVEMOS.JPG
431 - HAI - HÁ O VERBO HAVER.JPG
431 - HAVER-SE E AVIR-SE.JPG
431 - HAY - HÁ.JPG
431 - HEMOS = HAVEMOS.JPG
431 - I - ILUSO = ILUDIDO.JPG
431 - I - IMPERATIVOS NEGATIVOS.JPG
431 - I - IMPROVISO.JPG
431 - I - INTERMITENTE.JPG
431 - IAR E EAR.JPG

431 - ILUSO - ILUDIDO.JPG
431 - IMPEDIR - IMPEÇO.JPG
431 - IMPERATIVOS NEGATIVOS.JPG
431 - IMPROVISO.JPG
431 - J - JAZER.JPG
431 - JAZER.JPG
431 - JOSÉ MARIA RODRIGUES.JPG
431 - JURA - JURAMENTO - DESPEDIDA.JPG
431 - M - MORRER-SE.JPG
431 - M -MINGUAR.JPG
431 - MATADO E MORTO.JPG
431 - MATADO.JPG
431 - MINGUAR AGUAR... - FRENTE.JPG
431 - MINGUAR AGUAR.... - FRENTE.JPG
431 - MORRER-SE.JPG
431 - O D DOS GERÚNDIOS - VIVENO.JPG
431 - O FUTURO - TEMPO VERBAL.JPG
431 - OBRAR - AGIR.JPG
431 - P - PEDIR - PEÇO - PIDO.JPG
431 - P - PENSEMO - PENSÁMOS.JPG
431 - PARTICÍPIOS IRREGULARES E CONTRAÍDOS.JPG
431 - PASMADO - PASMO.JPG
431 - PASMADO NÃO PASMO - FRENTE.JPG
431 - PASMADO NÃO PASMO - VERSO.JPG
431 - PASMADO.JPG
431 - PEDIR - PIDO - PIDAS.JPG
431 - PENSEMO - PENSAMOS.JPG
431 - POLE - VEBO POLIR DIVERGE DE PULE - VERBO PULIR.JPG
431 - POLE - VERBO POLIR.JPG
431 - PONDE - PÔDE - A.JPG
431 - PONDE - PÔDE - B.JPG
431 - PONDE - PÔDE - FRENTE.JPG
431 - PONDE - PÔDE - PUDESSE.JPG
431 - PONDE - PÔDE - VERSO.JPG
431 - POR PUSER - PROPOR PROPUSER.JPG
431 - POUDE - PÔDE.JPG
431 - POUDE = PÔDE (FRENTE).JPG
431 - POUDE = PÔDE (VERSO).JPG
431 - POUDE POR PUDE OU PÔDE.JPG
431 - POUDE, POR PUDE OU PÔDE (FRENTE).JPG
431 - POUDE, POR PUDE OU PÔDE (VERSO).JPG
431 - PROPOR = PROPUSER, PÔR = PUSER.JPG
431 - PROVIDENCEIE = PROVIDENCIE 2.JPG
431 - PROVIDENCEIE = PROVIDENCIE.JPG
431 - PUDESSE - POUDE = PÔDE. PUDESSE.JPG
431 - PULE (DE PULIR) E POLE (DE POLIR).JPG
431 - PÔDE - PONDE.JPG
431 - PÔDE NÃO POUDE.JPG
431 - PÔR - PUSER.JPG

431 - QUER - QUERE - REQUER - REQUERE (FRENTE).JPG
431 - QUER OU QUERE.JPG
431 - QUERE (VERBO QUERER).JPG
431 - QUERE - VERBO QUERER.JPG
431 - REINTEGRE - REINTEGRADO.JPG
431 - REINTEGRE = REINTEGRADO.JPG
431 - REQUER OU REQUERE.JPG
431 - REVERENCEIAM.JPG
431 - SIMBORA - EMBORA.JPG
431 - SOUBE = SUBE.JPG
431 - SUBE - SOUBE (VERSO).JPG
431 - SUBE = SOUBE.JPG
431 - T - TIVE - ESTIVE.JPG
431 - T - TÔ - ESTOU.JPG
431 - TAMOS - ESTAMOS.JPG
431 - TEM - TÊM - TEEM.JPG
431 - TÁ = ESTÁ.JPG
431 - TÁ, TAMOS, TAVA, TIVE - ESTÁ, ESTAMOS, ESTAVA, ESTIVE.JPG
431 - VERBOS TERMINADOS EM EAR E IAR.JPG
431 - VIVENO = VIVENDO, ASSISTINO = ASSISTINDO.JPG
431 - VIVENO = VIVENDO.JPG
431 - VOU SIMBORA - EMBORA.JPG
431 - VÁS = VAES 2.JPG
431 - VÁS = VAES.JPG
431 - VÁS POR VAIS.JPG
431 - ÁGUA FERVENDO - ÁGUA FERVENTE.JPG
431 ACEITE.JPG
431 ADÉQUA.JPG
431 ATREIÇOADO.JPG
431 FAZER FIZER.JPG
431 FREGE OU FRIGE.JPG
431 GALICISMOS IRREDUTÍVEIS.JPG
431 HAY-HA.JPG
431 HEMOS - HAVEMOS.JPG
431 IAR E CAR.JPG
431 ILUSO ILUDIDO.JPG
431 IMPEDIR.JPG
431 IMPERATIVOS NEGATIVOS.JPG
431 IMPERATIVOS.JPG
431 IMPROVISO.JPG
431 JAZER.JPG
431 MORRER-SE.JPG
431 PEDIR.JPG
431 PENSEMO.JPG
431- SUBE - SOUBE (FRENTE).JPG
432 - CATORZE - QUOCIENTE.JPG
432 - CATORZE = QUATORZE.JPG
432 - CATORZE, NÃO QUATORZE.JPG
432 - CATORZE.JPG

432 - DEZÓITO MAS ÔITO.JPG
432 - QUATORZE - CATORZE 2.JPG
432 - QUATORZE - CATORZE.JPG
432 - TER = HAVER.JPG
432 - ÔITO MAS DEZÓITO.JPG
5 - ORTOGRAFIA - DIVISÓRIA 2.JPG
5 - ORTOGRAFIA - DIVISÓRIA.JPG
5- TAM - TÃO.JPG
50 - M - MOLAS DE AÇO.JPG
50 - MOLAS DE AÇO.JPG
50 - SISTEMAS ORTOGRÁFICOS - DIVISÓRIA.JPG
500 - SAHIR E O AGÁ.JPG
500 - 502 - BARRA - BARRRA - BARRRRA.JPG
500 - 6 - ORTOGRAFIAS - CAROLINA MICHAELIS.JPG
500 - A ORTOGRAFIA DA CASA.JPG
500 - A ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA, SUA DEFESA, ENVOLVENDO A CONDENAÇÃO DAS COMPLICAÇÕES.JPG
500 - ESCRITA E PRONÚNCIA A.JPG
500 - ESCRITA E PRONÚNCIA.JPG
500 - H DE SAHIR.JPG
500 - HOMÓGRAFOS (FRENTE).JPG
500 - HOMÓGRAFOS (VERSO).JPG
500 - HOMÓGRAFOS.JPG
500 - I-NHIBIR EM VEZ DE INIBIR.JPG
500 - ORTOGRAFIA - DE SOARES BARBOSA.JPG
500 - ORTOGRAFIA - FRENTE.JPG
500 - ORTOGRAFIA - GENERALIDADES - FRENTE.JPG
500 - ORTOGRAFIA - GENERALIDADES E HISTÓRIA.JPG
500 - ORTOGRAFIA - QUAL É A MELHOR.JPG
500 - ORTOGRAFIA - VERSO.JPG
500 - ORTOGRAFIA 2.JPG
500 - ORTOGRAFIA DE VÁRIOS TERMOS.JPG
500 - ORTOGRAFIA INCERTA DA LÍNGUA PORTUGUESA.JPG
500 - ORTOGRAFIA.JPG
500 - ORTOGRAFIAS (GENERALIDADES).JPG
500 - ORTOGRAFIAS - COMÉDIA ORTOGRÁFICA, ETC. ETC..JPG
500 - ORTOGRAFIAS - DE MORAIS, 1813 (VÊDE O VERSO) - (FRENTE).JPG
500 - ORTOGRAFIAS - DE MORAIS, 1813, GENERALIDADES.JPG
500 - ORTOGRAFIAS - GENERALIDADES (DE C. FIGR.DO).JPG
500 - ORTOGRAFIAS - GENERALIDADES (DE RUI BARBOSA).JPG
500 - ORTOGRAFIAS - GENERALIDADES (DE SAID ALI) 2.JPG
500 - ORTOGRAFIAS - GENERALIDADES (DE SAID ALI).JPG
500 - ORTOGRAFIAS - GENERALIDADES - A TRADIÇÃO (DE SAID ALI).JPG
500 - ORTOGRAFIAS - GENERALIDADES - FRENTE.JPG
500 - ORTOGRAFIAS - GENERALIDADES - VERSO.JPG
500 - ORTOGRAFIAS - GENERALIDADES.JPG
500 - ORTOGRAFIAS - OS CLÁSSICOS E ... (VERSO).JPG
500 - ORTOGRAFIAS - OS CLÁSSICOS E OUTROS (FRENTE).JPG
500 - SISTEMAS ORTOGRÁFICOS - GENERALIDADES - FRENTE.JPG

500 - SISTEMAS ORTOGRÁFICOS - GENERALIDADES - VERSO.JPG
501 - A ORTOGRAFIA DOS CLÁSSICOS.JPG
501 - ARCAÍSMOS CACOGRÁFICOS - BABEL CONTEMPORÂNEA.JPG
501 - ENSEBADO - ENCEBADO.JPG
501 - ORTOGRAFIA - DESORDEM GERAL.JPG
501 - ORTOGRAFIA - OS CLÁSSICOS (PORÇOLANA, PREÇOLANA).JPG
501 - ORTOGRAFIA ANTIGA (SECS. XIV, XV).JPG
502 - CURIOSO SISTEMA ORTOGRÁFICO - DR. CASTRO LOPES.JPG
502 - 13 - ORTOGRAFIA DE LATINO.JPG
502 - 5 - ORTOGRAFIA - JÚLIO RIBEIRO.JPG
502 - ALMANAQUE - ALMANACK.JPG
502 - ASA, NÃO AZA.JPG
502 - ASA.JPG
502 - AZA .JPG
502 - AÇUCAR OU ASSUCAR.JPG
502 - BARRA - CASTILHO, SABICHONAS, LISBOA, 1872, P. 129.JPG
502 - CABOUCOLOS, CABÔCOLO, CABOCLO.JPG
502 - CEBO.JPG
502 - CEBÁCEO - CEBO.JPG
502 - CELHA E SELHA.JPG
502 - CETIM - SETIM.JPG
502 - CETIM = SETIM.JPG
502 - CETIM E SETIM.JPG
502 - CINCOENTA - CINQUENTA.JPG
502 - CINCOENTA E CINQUENTA.JPG
502 - CINCOENTA, CINQUENTA.JPG
502 - CINQUENTA - CINCOENTA.JPG
502 - DE CAMÕES.JPG
502 - DE VIEIRA.JPG
502 - ENCEBADO.JPG
502 - JOSÉ CASTILHO.JPG
502 - ORTOGRAFIA DE C. FIGRDO..JPG
502 - ORTOGRAFIA DE CAMILO.JPG
502 - ORTOGRAFIA DE CASTILHO.JPG
502 - ORTOGRAFIA DE GARRETT.JPG
502 - ORTOGRAFIA DE HERCULANO.JPG
502 - ORTOGRAFIA DE JÚLIO RIBEIRO.JPG
502 - ORTOGRAFIAS - DE PE. TEODORO DE ALMEIDA.JPG
502 - P - PECHOSO.JPG
502 - PESSOA - PÊSSEGO.JPG
502 - PIXOSO = PECHOSO.JPG
502 - PIXOSO.JPG
502 - PREROGATIVA - PRERROGATIVA.JPG
502 - PREROGATIVA.JPG
502 - PRERROGATIVA - PREROGATIVA.JPG
502 - PÊRSEGO - PÊSSEGO.JPG
502 - PÊSSEGO - PESSOA - PERSEGO.JPG
502 - PÊSSEGO - PESSOA - PÊRSEGO.JPG
502 - PÊSSEGO.JPG

502 - RECTAGUARDA - RETAGUARDA.JPG
502 - RETAGAUARDA.JPG
502 - RETAGUARDA, NÃO RECTAGUARDA.JPG
502 - SEBO - CEBO.JPG
502 - SEBÁCEO.JPG
502 - SELHA OU CELHA.JPG
502 - SETIM = CETIM, CETIM = SETIM.JPG
502 - T - TRESENTOS É ERRO - TRÊS.JPG
502 - T - TREZE - TRÊS.JPG
502 - T - TREZENTOS - TRÊS.JPG
502 - T - TRÊS.JPG
502 - TRESE É ERRO - TRÊS.JPG
502 - TRÊS, TREZE, TREZENTOS.JPG
502 - ÂNSIA, NÃO ÂNCIA (FRENTE).JPG
502 - ÂNSIA, NÃO ÂNCIA (VERSO).JPG
502 PECHOSO.JPG
503 - DENIS, DINIS E, ATÉ, DINIZ.JPG
503 - DENIS.JPG
503 - DENOMINAÇÕES E NOMENCLATURAS SCIENTÍFICAS.JPG
503 - DENOMINAÇÕES SCIENTÍFICAS.JPG
503 - DINIS - DINIZ - DENIS.JPG
503 - MALUCOMANIA.JPG
503 - NOMES GEOGRÁFICOS (DE SAID ALI E DO DONO DA FICHA).JPG
503 - NOMES PRÓPRIOS DE FAMÍLIA.JPG
503 - NOMES PRÓPRIOS GEOGRÁFICOS (DE JOÃO RIBEIRO E DO AUTOR DA FICHA).JPG
503 - ORTOGRAFIA DOS NOMES PRÓPRIOS E DE FAMÍLIA (FRENTE).JPG
503 - ORTOGRAFIA DOS NOMES PRÓPRIOS E DE FAMÍLIA (VERSO) (2).JPG
503 - ORTOGRAFIA DOS NOMES PRÓPRIOS E DE FAMÍLIA (VERSO).JPG
504 - ORTOGRAFIA ESPANHOLA E ITALIANA.JPG
504 - ORTOGRAFIA FRANCESA - ORTOGRAFIA INGLESA.JPG
504 - ORTOGRAFIA FRANCESA E INCOERÊNCIAS.JPG
504 - ORTOGRAFIA FRANCESA.JPG
504 - ORTOGRAFIA INGLESA - ORTOGRAFIA FRANCESA.JPG
504 - SISTEMA ORTOGRÁFICO FRANCÊS.JPG
505 - AS MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS NA ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA DE 1911 (VERSO).JPG
505 - O - ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA (MÁRIO BARRETO) - (VERSO).JPG
505 - 1 - O - ORTOGRAFIA - AS CONVICÇÕES DE RAMIZ GALVÃO (FRENTE).JPG
505 - 1 - O - ORTOGRAFIA - AS CONVICÇÕES DE RAMIZ GALVÃO (VERSO).JPG
505 - 2 - O - ORTOGRAFIA - AS CONVICÇÕES DE RAMIZ GALVÃO (FRENTE).JPG
505 - 3 - O - ORTOGRAFIA - CONVICÇÕES DE RAMIZ GALVÃO (FRENTE).JPG
505 - 3 - O - ORTOGRAFIA - CONVICÇÕES DE RAMIZ GALVÃO (VERSO).JPG
505 - 4 - O - ORTOGRAFIA - CONVICÇÕES DE RAMIZ GALVÃO (FRENTE).JPG
505 - 4 - O - ORTOGRAFIAS - CONVICÇÕES DE RAMIZ GALVÃO (VERSO).JPG
505 - A - A ORTOGRAFIA ETIMOLÓGIA À OUNTRANCE - MORFOLOGIA.JPG
505 - A - A ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA E AS OBJECÇÕES QUE SE LHE OPÕEM.JPG

505 - A - A ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA.JPG
505 - A - AS MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS NA ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA DE 1911 (VERSO).JPG
505 - A - AS MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS NA ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA DE 1911 (FRENTE).JPG
505 - C - CH, PH, TH.JPG
505 - DEMINUTIVO ENTEIRO PREGUNTAR QUERE.JPG
505 - DEMINUTIVO, ENTEIRO, PREGUNTAR, QUERE 2.JPG
505 - DEMINUTIVO, ENTEIRO, PREGUNTAR, QUERE.JPG
505 - ENTEIRO.JPG
505 - L - LÉS OU ANTES LEZ.JPG
505 - LEZ - LÉS.JPG
505 - MODIFICAÇÕES DA ORT. OFICIAL PORTUGUESA 1920.JPG
505 - O - ORT. OF. PORT..JPG
505 - O - ORT. OF. PORTUGUESA - 1911 - 1920.JPG
505 - O - ORT. OFICIAL PORTUGUESA.JPG
505 - O - ORTOGRAFIA - O SISTEMA PORTUGUÊS - 1911.JPG
505 - O - ORTOGRAFIA - OS NOBRES SINAIS DA ORIGEM - CH, TH, ETC..JPG
505 - O - ORTOGRAFIA - SISTEMA USUAL DE MÁRIO BARRETO.JPG
505 - O - ORTOGRAFIA ETIMOLÓGICA - GENERALIDADES.JPG
505 - O - ORTOGRAFIA ETIMOLÓGICA.JPG
505 - O - ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA (MÁRIO BARRETO) - (FRENTE).JPG
505 - O - ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA DE MÁRIO BARRETO.JPG
505 - O - ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUÊSA.JPG
505 - O - ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA.JPG
505 - O - ORTOGRAFIA SÓNICA OU FONÉTICA.JPG
505 - O - ORTOGRAFIA SÓNICA.JPG
505 - O - ORTOGRAFIA USUAL OU MISTA (JOSÉ VERÍSSIMO).JPG
505 - O - ORTOGRAFIA USUAL OU MIXTA (GONÇALVES VIANA).JPG
505 - O - ORTOGRAFIAS - OS SISTEMAS.JPG
505 - ORT. OFICIAL PORT. MODIFICAÇÕES 1920.JPG
505 - ORTOGRAFIA - O SISTEMA PORTUGUÊS - 1911.JPG
505 - ORTOGRAFIA ETIMOLÓGICA (GONÇ. VIANA) - (FRENTE).JPG
505 - PREGUNTAR - DEMINUTIVO - ENTEIRO.JPG
505 - S - SISTEMA USUAL OU MIXTO (PROFESSOR CARNEIRO).JPG
505 - S - SUÁSTICA, E NÃO SWASTICA.JPG
505 - SISTEMA PORTUGUÊS 1911 - ORTOGRAFIA.JPG
505 - SUÁSTICA.JPG
505 - SWÁSTICA - SUÁSTICA.JPG
505 A ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA E AS OBJEÇÕES.JPG
505 A ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA VERSO .JPG
505 A ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA.2JPG.JPG
505 A ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA.JPG
505 AS MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS NA ORTOGRAFIA VERSO.JPG
505 AS MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS NA ORTOGRAFIA.JPG
505 CH, PH, TH.JPG
505 LÉS.JPG
505 ORT OFIC PORT.JPG

505 ORT. OF. PORT.JPG
505 ORTOGRAFIA ETIMOLÓGICA GENERALIDADES .JPG
505 ORTOGRAFIA ETIMOLÓGICA 2.JPG
505 ORTOGRAFIA ETIMOLÓGICA.JPG
505 ORTOGRAFIA MÁRIO BARRETO.JPG
505 ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA .JPG
505 ORTOGRAFIA OS NOBRES SINAIS DE ORIGEM.JPG
505 ORTOGRAFIA RAMIZ GALVÃO 2 .JPG
505 ORTOGRAFIA RAMIZ GALVÃO 3 .JPG
505 ORTOGRAFIA RAMIZ GALVÃO 3 VERSO .JPG
505 ORTOGRAFIA RAMIZ GALVÃO 4. VERSO. JPG.JPG
505 ORTOGRAFIA RAMIZ GALVÃO 4.JPG
505 ORTOGRAFIA RAMIZ GALVÃO VERSO.JPG
505 ORTOGRAFIA RAMIZ GALVÃO.JPG
505 ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA.JPG
505 ORTOGRAFIA SÓNICA.JPG
505 ORTOGRAFIA SÔNICA OU FONÉTICA.JPG
505 ORTOGRAFIA USUAL MÁRIO BARRETO.JPG
505 ORTOGRAFIA USUSAL OU MISTA G. VIANA.JPG
505 ORTOGRAFIA USUSAL OU MISTA J. VERÍSSIMO.JPG
505 ORTOGRAFIAS.JPG
505 OTOGRAFIA E SISTEMA PORTUGUÊS.JPG
505 SISTEMA USUAL OU MISTO.JPG
505 SUÁSTICA.JPG
506 - A - ASSINAR, SINO, SINAL, SINÊTE.JPG
506 - AÇUCAR - ERROS VULGARIZADOS.JPG
506 - ERROS VULGARIZADOS - PORTUGUEZ - ASSUCAR.JPG
506 - MACEGA - MASSEGA.JPG
506 - MASSEGA, NÃO MACEGA 2.JPG
506 - MASSEGA, NÃO MACEGA.JPG
506 - ORTOGRAFIA OCULAR.JPG
506 - PORTUGUEZ, FRANCEZ.JPG
506 - VEIO OU VEIU.JPG
506 - VERGÍLIO OU VIRGILIO.JPG
506 - VERGÍLIO.JPG
506 - VIRGILIO - VERGÍLIO.JPG
506 ASSINAR.JPG
506 AÇÚCAR.JPG
506 ERROS VULGARIZADOS.JPG
507 - PROFESSORES INIMIGOS DA PÁTRIA E ESCRITORES PATRIOTAS - ORTOGRAFIA.JPG
507 - 26 - ACÔRDO ORTOGRÁFICO VELHACO.JPG
507 - A DESARMONIA ORTOGRÁFICA LUSO-BRASILEIRA.JPG
507 - A ORTOGRAFIA E A LÍNGUA 2.JPG
507 - A ORTOGRAFIA E A LÍNGUA.JPG
507 - A ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA E A PRONÚNCIA BRASILEIRA (COM RECORTE DE JORNAL).JPG
507 - ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.JPG
507 - ACORDO ORTOGRÁFICO - 1945.JPG

507 - ACORDO ORTOGRÁFICO 1945 2.JPG
507 - ACORDO ORTOGRÁFICO 1945 E A IMPRENSA.JPG
507 - ACORDO ORTOGRÁFICO 1945.JPG
507 - ACORDO ORTOGRÁFICO LUSO-BRASILEIRO, 1945 (FRENTE) .JPG
507 - ACORDO ORTOGRÁFICO LUSO-BRASILEIRO, 1945 (VERSO) .JPG
507 - ACÔRDO ORTOGRÁFICO 1931 (FRENTE).JPG
507 - ACÔRDO ORTOGRÁFICO 1931 (VERSO).JPG
507 - ACÔRDO ORTOGRÁFICO 1931.JPG
507 - AS DIVERGÊNCIAS ORTOGRÁFICAS LUSO-BRASILEIRAS.JPG
507 - AUDÁCIA - ORTOGRAFIA E FALSIFICAÇÃO.JPG
507 - AUDÁCIA - QUER QUERE.JPG
507 - BOLCHEVISMO ORTOGRÁFICO 2.JPG
507 - BOLCHEVISMO ORTOGRÁFICO.JPG
507 - CAUSA E EFEITOS DO DESACORDO ENTRE A GRAFIA E A LÍNGUA.JPG
507 - CAUSAS E EFEITOS DO DESACORDO ENTRE A GRAFIA E A LÍNGUA.JPG
507 - COMUMMENTE - CONNÔSCO.JPG
507 - COMUMMENTE.JPG
507 - COMUNMENTE.JPG
507 - CONDOR E GALINHA - ORTOGRAFIA.JPG
507 - DELÍRIO DE GRANDEZA OU DE PERSEGUIÇÃO - ORTOGRAFIA.JPG
507 - DESARMONIA NA QUESTÃO ORTOGRÁFICA LUSO-BRASILEIRA (FRENTE).JPG
507 - DESARMONIA NA QUESTÃO ORTOGRÁFICA LUSO-BRASILEIRA (VERSO).JPG
507 - DESARMONIA ORTOGRÁFICA LUSO-BRASILEIRA.JPG
507 - DITADURA ORTOGRÁFICA - BOLCHEVISMO.JPG
507 - DONOS DA LÍNGUA - ORTOGRAFIA.JPG
507 - ENERVAR - ENNERVAR.JPG
507 - ENERVAR.JPG
507 - ENNERVAR.JPG
507 - ESCRITORES PATRIOTAS E PROFESSORES INIMIGOS DA PÁTRIA.JPG
507 - EXCEPTO, MAS EXCÊRTO.JPG
507 - EXCEPTO.JPG
507 - GALINHA E CONDOR - ORTOGRAFIA.JPG
507 - HIPERORTOGRAFIA (2).JPG
507 - HIPERORTOGRAFIA - ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1945.JPG
507 - HIPERORTOGRAFIA.JPG
507 - INATO - INNATO.JPG
507 - INATO.JPG
507 - INERVAR 2.JPG
507 - INERVAR.JPG
507 - INNATO - INATO.JPG
507 - LETRAS MUDAS (FRENTE).JPG
507 - LETRAS MUDAS (VERSO).JPG
507 - LETRAS MUDAS.JPG
507 - M - METRÓPOLE.JPG
507 - MATA QUE É GALÊGO!.JPG
507 - O ACÔRDO ORTOGRÁFICO LUSO-BRASILEIRO - 1931 - E SEUS INCOVENIENTES.JPG

507 - O PRESTÍGIO DA ESCRITA SOBRE A FORMA ORAL.JPG
507 - O PRESTÍGIO DA LÍNGUA PERANTE A ESCRITA OU SOBRE A FORMA ORAL.JPG
507 - ORELHÕES E PALMATÓRIA - ORTOGRAFIA.JPG
507 - ORTOGRAFIA - A METRÓPOLE DA LÍNGUA - OS DONOS DA LÍNGUA.JPG
507 - ORTOGRAFIA - ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.JPG
507 - ORTOGRAFIA - ACÔRDO DESASTRADO, 1931.JPG
507 - ORTOGRAFIA - ACÔRDO VELHACO.JPG
507 - ORTOGRAFIA - COM RECORTE.JPG
507 - ORTOGRAFIA - DELÍRIO DE PODER - DELÍRIO DE GRANDEZA - GALINHA E CONDOR.JPG
507 - ORTOGRAFIA - RECORTE - A.JPG
507 - ORTOGRAFIA - RECORTE - B.JPG
507 - ORTOGRAFIA - RECORTE - C.JPG
507 - ORTOGRAFIA - RECORTE - D.JPG
507 - ORTOGRAFIA - RECORTE - E.JPG
507 - ORTOGRAFIA - RECORTE - F.JPG
507 - ORTOGRAFIA - RECORTE - G.JPG
507 - ORTOGRAFIA .JPG
507 - ORTOGRAFIA 2.JPG
507 - ORTOGRAFIA 3.JPG
507 - ORTOGRAFIA 4.JPG
507 - ORTOGRAFIA PORTUGUESA - 1911 - 1920 .JPG
507 - ORTOGRAFIA, ORELHÕES E PALMATÓRIA.JPG
507 - PROLETARIADO ORTOGRÁFICO - BOLCHEVISMO.JPG
507 - SCIÊNCIA E DIALECTOS - SUA FORMAÇÃO LENTA (FRENTE).JPG
507 - Z FINAL DOS NOMES PRÓPRIOS (ACORDO 1931).JPG
507 - Z FINAL NOS ANTROPONÍMICOS - DENIS, DENIZ OU DINIZ.JPG
507 - ÓDIO, VAIDADE E ORTOGRAFIA.JPG
507 ACORDO E IMPRENSA.JPG
507 ACORDO 1931.JPG
507 ACORDO ORTOGRÁFICO 1945.JPG
507 ACORDO VELHACO.JPG
507 METROPOLE DA LÍNGUA.JPG
509 - COMISSÃO ORTOGRÁFICA DO PORTO.JPG
51 - PONTUAÇÃO - DIVISÓRIA.JPG
510 - PONTUAÇÃO - PARA QUE SERVE A VÍRGULA.JPG
510 - PONTUAÇÃO.JPG
511 ORTOGRAFIA OFICIAL PORTUGUESA 1911-1920.JPG
52 - LETRAS, ACENTOS GRÁFICOS, SINAIS DIACRÍTICOS - DIVISÓRIA.JPG
52 - ORTOGRAFIA E ORTOGRAFIAS.JPG
520 - DEMINUIR - DIMINUIR 2.JPG
520 - DEMINUIR - DIMINUIR.JPG
520 - DEMINUIR.JPG
520 - DEMINUTIVO - QUERE QUER.JPG
520 - DEMINUTIVO, ENTEIRO, PREGUNTAR, QUERE.JPG
520 - DIMINUTIVO - DEMINUTIVO.JPG
520 - ENTEIRO - INTEIRO.JPG
520 - POLIR E PULIR.JPG

520 - POLIR, PULIR (FRENTE).JPG
520 - POLIR, PULIR (VERSO).JPG
520 - POLIR.JPG
520 - PREGUNTAR - PERGUNTAR - DEMINUTIVO.JPG
520 - PULIR.JPG
520 - SÃO - SAM - TAM - SAM.JPG
520 - TAM - TÃO - SAM - SÃO.JPG
520 - TAM, SAM - TÃO, SÃO.JPG
520 - TÃO - TAM.JPG
520 - ÓBOLO, NÃO ÓBULO.JPG
520 - ÓBOLO.JPG
520 - ÓBULO - OBOLO.JPG
521 - AGÁ INÚTIL E AGÁ PERNICIOSO.JPG
521 - AHI.JPG
521 - AMAR-SE-HÁ OU AMAR-SE-Á.JPG
521 - ANTE-HONTEM - ANTONTEM.JPG
521 - ANTES D'ONTEM - ANTONTEM.JPG
521 - ANTONTEM - ANTES D'ONTEM - ANTEHONTEM.JPG
521 - ANTONTEM - R = L.JPG
521 - ANTONTEM.JPG
521 - AÍ.JPG
521 - BAHÚ.JPG
521 - BAÚIS - BAUYS - O AGÁ MEDIAL.JPG
521 - DUARTE NUNES DE LEÃO.JPG
521 - ERVA NÃO HERVA.JPG
521 - ERVA, MAS HERBÁCEO.JPG
521 - ERVA.JPG
521 - F - FILARMÔNICA.JPG
521 - F - FOME, DE FAME.JPG
521 - GENTIL-HOMEM, IN-HUMANO.JPG
521 - H INDEVIDO.JPG
521 - H INÚTIL E PERNICIOSO.JPG
521 - HAGÁ - O AGÁ ATRAVÉS.JPG
521 - HAVARIADO - AVARIA.JPG
521 - HAVARIADO.JPG
521 - HERBÁCEO.JPG
521 - HERVA - ERVA.JPG
521 - HERVA, NÃO - ERVA.JPG
521 - HONTEM - ONTEM.JPG
521 - HÚMIDO - ÚMIDO.JPG
521 - HÚMIDO.JPG
521 - I - INUMANO.JPG
521 - IN-HUMANO - INUMANO.JPG
521 - IN-HUMANO.JPG
521 - JAHÚ - AGÁ ATRAVÉS DOS SÉCULOS.JPG
521 - JAÚ - O AGÁ ATRAVÉS....JPG
521 - O AGÁ - GUERREADO - TEM PERDIDO A INFLUÊNCIA.JPG
521 - O AGÁ ATRAVÉS DOS SÉCULOS (FRENTE).JPG
521 - O AGÁ ATRAVÉS DOS SÉCULOS (VERSO).JPG

521 - O AGÁ E SEUS EMPREGOS, HISTÓRIA, RAZÃO DE SER.JPG
521 - O AGÁ INDEVIDO E INDEFENSÁVEL.JPG
521 - O AGÁ INDEVIDO.JPG
521 - O AGÁ MEDIAL.JPG
521 - O AGÁ PAU PARA TODA OBRA - FRENTE.JPG
521 - O AGÁ PAU PARA TODA OBRA - VERSO.JPG
521 - O AGÁ.JPG
521 - OMBRO - ÚMIDO - O AGÁ... - FRENTE.JPG
521 - OMBRO - ÚMIDO - O AGÁ... - VERSO.JPG
521 - OMBRO NÃO HOMBRO.JPG
521 - ONTEM - FRENTE.JPG
521 - ONTEM - VERSO.JPG
521 - ONTEM A - FRENTE.JPG
521 - ONTEM A - VERSO.JPG
521 - ONTEM.JPG
521 - P - PEDRA UME.JPG
521 - P - PEDRA-HUME.JPG
521 - PEDRA-UME NÃO PEDRA-HUME.JPG
521 - SAHUDE - O AGÁ ATRAVÉS.JPG
521 - SANT'IAGO, SANTIAGO, SANTHIAGO - O AGÁ MEDIAL.JPG
521 - T - TRESANTONTE - ANTEONTEM.JPG
521 - THIAGO.JPG
521 - TIAGO.JPG
521 - U - ÚMIDO NÃO HÚMIDO.JPG
521 - ÚMIDO - HÚMIDO.JPG
521 -BAÚ - O AGÁ ATRAVÉS.JPG
521 ANTONTEM.JPG
521 BAHÚ.JPG
521 FILARMÔNICA.JPG
521 FOME.JPG
521 PEDRA-HUME.JPG
521 PEDRA-UME.JPG
522 - A CEDILHA - SUA ORIGEM.JPG
522 - AÇUCAR - NÃO ASSUCAR.JPG
522 - BALTASAR - NÃO BALTAZAR.JPG
522 - BALTAZAR.JPG
522 - BOLSAR - BOLÇAR.JPG
522 - BOLÇAR OU BOLSAR.JPG
522 - BOLÇAR.JPG
522 - BRASIL OU BRAZIL - FRENTE.JPG
522 - BRASIL OU BRAZIL - VERSO.JPG
522 - BRASIL OU BRAZIL.JPG
522 - BRAZIL - BRASIL.JPG
522 - CEDILHA - A CEDILHA - SUA ORIGEM.JPG
522 - CODEÇO - CODESSO.JPG
522 - CONVÉS - ORTOGRAFIA (OTHONIEL)....JPG
522 - DANÇA OU DANSA - PANÇA.JPG
522 - DESCOBERTA - DESCOBRIMENTO - BRASIL, NÃO BRAZIL.JPG
522 - DESCOBRIMENTO = DESCOBERTA - BRASIL - NÃO BRAZIL.JPG

522 - DOÇES COM Ç - A.JPG
522 - DOÇES COM Ç.JPG
522 - EM VEZ DE - AO INVÉS DE - ORTOGRAFIA.JPG
522 - FERNADES E FERNANDIZIA.JPG
522 - HISTÓRIA DA CEDILHA.JPG
522 - I - INVÉS - ORTOGRAFIA.JPG
522 - LUIZ - LUISA.JPG
522 - MASSADA - MAÇADA.JPG
522 - MAÇADA NÃO MASSADA.JPG
522 - MAÇADA.JPG
522 - O Z FINAL NOS PATRONÍMICOS - PORTGUEZ - FRANCEZ.JPG
522 - ORTOGRAFIA - OTHONIEL MOTA - SS Z - A.JPG
522 - ORTOGRAFIA - OTHONIEL MOTA - SS Z - RECORTE DE JORNAL PARTE 1.JPG
522 - ORTOGRAFIA - OTHONIEL MOTA - SS Z - RECORTE DE JORNAL PARTE 2.JPG
522 - ORTOGRAFIA - OTHONIEL MOTA - SS ZZ.JPG
522 - ORTOGRAPHIA - OTHONIEL MOTA - SS - ZZ (VERSO).JPG
522 - ORTOGRAPHIA - OTHONIEL MOTA - SS - ZZ.JPG
522 - OS SARRAFAÇAIS.JPG
522 - PANÇA OU PANSA 2.JPG
522 - PANÇA OU PANSA.JPG
522 - S - Z FINAIS E O ACÔRDO 1931.JPG
522 - S E Z .JPG
522 - S E Z FINAIS E O ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1931.JPG
522 - S OU Z.JPG
522 - S OU Ç .JPG
522 - S OU Ç.JPG
522 - S Z E OS SARRAFAÇAIS.JPG
522 - Z - S INTERVOCÁLICO.JPG
522 - Z = S INTERVOCÁLICO.JPG
522 - Ç (CÊ CEDILHADO).JPG
522 - Ç - CEDILHADO.JPG
522 - Ç = S.JPG
522 - Ç NOS LUSÍADAS - DOÇES.JPG
522 - Ç OU S - A.JPG
522 - Ç OU S.JPG
522 HISTÓRIA DA CEDILHA.JPG
523 - CH - K 2.JPG
523 - CH - K.JPG
523 - CH - PH....JPG
523 - LETAL - LETALIDADE.JPG
523 - LETAL -LETHAL.JPG
523 - LETHAL NUNCA LETAL SIM.JPG
523 - LETHAL.JPG
523 - O MORAIS E O PH.JPG
523 - O Y EM PALAVRAS TUPI.JPG
523 - PH - CH.JPG
523 - RH - CH.JPG

523 - TH - CH.JPG
523 - Y EM TUPI.JPG
523 - Y.JPG
524 - ACÇÃO OU AÇÃO.JPG
524 - ACÇÃO, NÃO AÇÃO.JPG
524 - BAPTISTA.JPG
524 - BATISTA OU BAPTISTA.JPG
524 - BATISTA.JPG
524 - BAUTISMO - BATISTA, ETC..JPG
524 - BÀTISTA, NÃO BAPTISTA.JPG
524 - CORRUÇÃO - CORRUTO - FRENTE.JPG
524 - CORRUÇÃO - CORRUTO - VERSO.JPG
524 - F - FICARAA.JPG
524 - FACTO - NÃO FATO.JPG
524 - FACTO - OBJECTO.JPG
524 - FEE - FICARAA - FÉ - FICARÁ.JPG
524 - FEE.JPG
524 - FETO, E NÃO FECTO.JPG
524 - M - MOTA.JPG
524 - M - MOTTA OFENDIDO.JPG
524 - MOTA OU MOTTA.JPG
524 - NETO E NÃO NECTO - FACTO.JPG
524 - O MOTTA OFENDIDO.JPG
524 - OBJECTO NÃO OBJETO - FACTO.JPG
524 - REPLETO NÃO REPLECTO - FACTO.JPG
524 - RESARCIR - RESSARCIR - FRENTE.JPG
524 - RESARCIR - RESSARCIR - VERSO.JPG
524 - RESARCIR.JPG
524 - RESIGNAR - SINAL.JPG
524 - RESSARCIR - RESARCIR.JPG
524 - SIGNAL - SINAL.JPG
524 - SINAL - SIGNAL - ASSINAR - ASSIGNAR.JPG
524 - SINAL.JPG
524 ACÇÃO.JPG
524 FACTO.JPG
524 FEE.JPG
524 FICARAA.JPG
524 MOTA.JPG
524 MOTTA OFENDIDO.JPG
525 - CA - KÁ.JPG
525 - CINCOENTA OU CINQUENTA - FRENTE.JPG
525 - CINCOENTA OU CINQUENTA - VERSO.JPG
525 - CINCOENTA OU CINQÜENTA.JPG
525 - CINQÜENTA - CINCOENTA.JPG
525 - GRUPOS DE ANIMAIS - COLECTIVOS.JPG
525 - HÁ.JPG
525 - O CÁ - K - A.JPG
525 - O CÁ - K - B.JPG
525 - O CÁ - K - FRENTE.JPG

525 - O KÁ - CÁGADO OU KÁGADO - O CÁ.JPG
525 - OCÁ.JPG
526 - ADEUSINHO (2).JPG
526 - ADEUSINHO - 526 INHO, ZINHO - 613 - EUFONIA.JPG
526 - ADEUSINHO.JPG
526 - ANÕEZINHOS, ETC..JPG
526 - BALÃOZINHO - BALÕEZINHOS.JPG
526 - BOAZINHA - BOASINHAS, QUESTÃOZINHA - QUESTÕESINHAS (FRENTE).JPG
526 - BOAZINHA - BOASINHAS, QUESTÃOZINHA - QUESTÕESINHAS (VERSO).JPG
526 - BOAZINHA - BOASINHAS, QUESTÃOZINHA - QUESTÕESINHAS 2 (FRENTE).JPG
526 - BOAZINHA - BOASINHAS, QUESTÃOZINHA - QUESTÕESINHAS 2 (VERSO).JPG
526 - BOAZINHA - BOASINHAS.JPG
526 - BOAZINHA FICHA 2 VERSO.JPG
526 - BOAZINHA FICHA 2.JPG
526 - BOAZINHA VERSO.JPG
526 - BOAZINHA.JPG
526 - INHO - INHO - ZINHO - ZINHA.JPG
526 - INHO - SUFIXO - BOAZINHA.JPG
526 - INHO - ZINHO - ITO - ZITO.JPG
526 - ITO SUFIXO.JPG
526 - MÃOZINHA - MÃOZINHAS.JPG
526 - MÃOZORRAS - QUESTÕESECAS.JPG
526 - PAEZINHOS - SOIZINHOS.JPG
526 - PAISINHOS E... PAIZINHOS (FRENTE).JPG
526 - PAISINHOS E... PAIZINHOS (VERSO).JPG
526 - PAISINHOS VERSO.JPG
526 - PAISINHOS.JPG
526 - QUESTÃOZINHA - QUESTÕEZINHAS - BOAZINHA.JPG
526 - QUESTÕEZECAS.JPG
526 - SOIZINHOS - PÃEZINHOS.JPG
526 - SÒEZINHOS, SOIZINHOS, PÃEZINHOS.JPG
526 - ZINHO (SUFIXO) - BOAZINHA.JPG
527 - I TERCEIRA VOGAL.JPG
527 - I 3ª VOGAL.JPG
527 - I -3A VOGAL.JPG
528 - TEXTOS SEM EMPREGO DE ALGUMA VOGAL.JPG
528 - TEXTOS SEM EMPREGO DE UMA DAS VOGAIS.JPG
528 - VOGAIS - TEXTOS COM SUPRESSÃO DE UMA DELAS - TEXTOS SEM O EMPREGO.JPG
528 - VOGAIS EM GERAL (SUPRESSÃO DE) - TEXTOS SEM O....JPG
53 - SINAIS DIACRÍTICOS.JPG
530 - A - ACENTO NO I FINAL.JPG
530 - A - ACENTOS REPETIDOS.JPG
530 - ACENTO NO I FINAL.JPG
530 - ACENTOS GRÁFICOS (2).JPG

530 - ACENTOS GRÁFICOS.JPG
530 - ACENTOS REPETIDOS.JPG
530 - ACENTUAÇÃO ORTOGRÁFICA.JPG
530 - GRAVES OU ESDRÚXULAS (PALAVRAS).JPG
530 - I - I FINAL ACENTUADO.JPG
530 - I FINAL ACENTUADO (2).JPG
530 - I FINAL ACENTUADO.JPG
530 - PALAVRAS GRAVES OU ESDRÚXULAS.JPG
530 ACENTO NO I FINAL.JPG
530 ACENTOS GRÁFICOS.JPG
530 ACENTOS REPETIDOS.JPG
531 - 2 - O - O TREMA (FRENTE).JPG
531 - 2 - O - O TREMA (VERSO).JPG
531 - N - N'O, N'A - 'NO, 'NA.JPG
531 - N'O, N'A.JPG
531 - O - O TREMA (FRENTE).JPG
531 - O - O TREMA (VERSO).JPG
531 - O TREMA - VERSO .JPG
531 - O TREMA B - VERSO.JPG
531 - O TREMA B.JPG
531 - O TREMA.JPG
531 - T - TREMA - MAIS DE UMA FICHA.JPG
532 - O TIL.JPG
532 - T - TIL .JPG
532 - TIL.JPG
533 - O - OS CLÁSSICOS E A VIRGULAÇÃO.JPG
533 - OS CLÁSSICOS E A VIRGULAÇÃO.JPG
533 - R - REGRAS DE VIRGULAS.JPG
533 - R - RUI BARBOSA VIRGULAVA MAL.JPG
533 - REGRAS E VÍRGULAS.JPG
533 - RUI BARBOSA VIRGULAVA MAL.JPG
533 - V - VÍRGULAS.JPG
533 - VÍRGULAS.JPG
6 - F - FONOLOGIA - DIVISÓRIA.JPG
6 - F - FONOLOGIA - DIVISÓRIA.JPG
6 - FONOLOGIA.JPG
60 - CÓLERA OU ACENTO TÔNICO.JPG
60 - PROSÓDIA OU ACENTO TÔNICO DOMINANTE.JPG
600 - PRONÚNCIAS DUVIDOSAS 2.JPG
600 - PRONÚNCIAS DUVIDOSAS.JPG
600 - SILABADAS - MÁ PRONÚNCIA.JPG
600 - SILABADAS.JPG
600 - TABUIA POR TÁBUA.JPG
601 - CÉRBERO NÃO CERBÉRO.JPG
601 - F - FILANTROPO.JPG
601 - FEIJÃO.JPG
601 - FIGÃO.JPG
601 - FILANTROPO - MISANTROPO.JPG
601 - MISANTROPO.JPG

601 - PÂNTANO OU PANTÂNO.JPG
601 - PÂNTANO PANTANO FRENTE.JPG
601 - PÂNTANO PANTANO VERSO.JPG
601 - RÚBRICA - RUBRICA 2.JPG
601 - RÚBRICA - RUBRICA.JPG
601 - SÍLABAS IRREVOGÁVEIS.JPG
601 - SÍLIQUA NÃO SILÍQUA.JPG
601 - SÍLIQUA OU SILIQUA - SÍLIQUA.JPG
601 - TEGÃO.JPG
601 FILANTROPO.JPG
602 - ALEA - ORQUÍDEA AZALÉA.JPG
602 - ANCHIETA - AVARÈMANDUAVA.JPG
602 - ANCHIETA.JPG
602 - ANGORA (NÃO ANGORÁ).JPG
602 - ANGÓRA NÃO ANGORÁ.JPG
602 - AZALEA.JPG
602 - BENÇÃO - ZANGÃO.JPG
602 - DAVID NÃO DAVI.JPG
602 - DAVID, NÃO DAVI.JPG
602 - ERÚDITAS A.JPG
602 - ERÚDITAS.JPG
602 - GRÁCIL - GRÁCEIS - RÉPTIL.JPG
602 - LÍDIMO OU LIDIMO.JPG
602 - LÍDIMO.JPG
602 - ORQUÍDEA.JPG
602 - PE. JOSÉ DE ANCHIETA A.JPG
602 - PE. JOSÉ DE ANCHIETA.JPG
602 - PROJÉCTIL - RÉPTIL.JPG
602 - PROSÓDIA ORQUÍDEA - FRENTE A.JPG
602 - PROSÓDIA ORQUÍDEA - FRENTE.JPG
602 - PROSÓDIA ORQUÍDEA - RECORTE.JPG
602 - PROSÓDIA ORQUÍDEA - VERSO.JPG
602 - RÉPTIL - RÉPTEIS RECORTE.JPG
602 - RÉPTIL - RÉPTEIS VERSO COM RECORTE A.JPG
602 - RÉPTIL - RÉPTEIS VERSO COM RECORTE.JPG
602 - RÉPTIL - RÉPTEIS.JPG
602 - RÉPTIL OU REPTEIS.JPG
602 - RÚIM 2.JPG
602 - RÚIM.JPG
602 - SORÔR - SÓROR.JPG
602 - SORÔR.JPG
602 - TÉXTIL - RÉPTIL.JPG
602 - VARÍOLA - VARIOLA.JPG
602 - ZANGÃO - BÊNÇÃO.JPG
61 - F - FONEMAS - DIVISÓRIA.JPG
61 - ORTOÉPIA - ACENTOS SECUNDÁRIOS - DIVISÓRIA.JPG
61 - ORTOÉPIA OU ACENTOS SECUNDÁRIOS, SOTAQUE, TROCA DE SONS, CACOFONIAS, DITONGOS, EUFONIA - DIVISÓRIA.JPG
610 - DIVERSIDADE FONÉTICA LUSO-BRASILEIRA.JPG

610 - F - FONÉTICA LUSA.JPG
610 - TEXTOS FONÉTICOS PORTUGUESES 2.JPG
610 - TEXTOS FONÉTIVOS PORTUGUESES.JPG
610 FONÉTICA LUSA.JPG
611 - CÊ CEDILHADO, SUA PRONÚNCIA.JPG
611 - CÒRAR, PÈGADA, PRÈGÃO, PRÈGAÇÃO, PRÈGAR.JPG
611 - F - FLÓRIDO - FLORIDO.JPG
611 - FLÓRIDO E FLORIDO; PRÓVIDO E PROVIDO; VÁLIDO E VALIDO (COM RECORTE DE JORNAL).JPG
611 - FLÓRIDO E FLORIDO; PRÓVIDO E PROVIDO; VÁLIDO E VALIDO 2 (TEXTO EMBAIXO DO RECORTE DE JORNAL).JPG
611 - GASTAR.JPG
611 - GOLPELHA - GÓMITO.JPG
611 - GOMITAR - GÓMITO.JPG
611 - GORAZ - GÓMITO.JPG
611 - GUISA - GÓMITO.JPG
611 - GÓMITO 2.JPG
611 - GÓMITO OU GOMITAR - VÔMITO OU VOMITAR - RECORTE FICHA DE LINGUAGEM.JPG
611 - GÓMITO OU GOMITAR - VÔMITO OU VOMITAR.JPG
611 - GÓMITO.JPG
611 - P - PEGADA.JPG
611 - PESSÔA - VOGAL ÁTONA.JPG
611 - PREGAR - CORAR.JPG
611 - PREGAÇÃO - CORAR.JPG
611 - PREGÃO - CORAR.JPG
611 - PROSÓDIA BRASILEIRA, SOTAQUE.JPG
611 - PROSÓDIA BRASILEIRA.JPG
611 - PRÓVIDO - PROVIDO - FLÓRIDO - FLORIDO.JPG
611 - PUSSÔA (PESSÔA) - VOGAL ÁTONA.JPG
611 - QUERER CONFUNDIDO COM CRER.JPG
611 - SOTAQUE BRASILEIRO - PROSÓDIA.JPG
611 - VOGAL ÁTONA.JPG
611 - VOMITAR - GÓMITO.JPG
611 - VÁLIDO - VALIDO, FLÓRIDO - FLORIDO.JPG
611 - VÓMITO - GÓMITO.JPG
611 - ÁTONAS (VOGAIS).JPG
611 - Ç (CÊ CEDILHADO), SUA PRONÚNCIA.JPG
611 FLÓRIDO OU FLORIDO.JPG
611 PÈGADA.JPG
612 - B = V (2).JPG
612 - B = V.JPG
612 - CE LATINO = KE, CI LATINO = KI.JPG
612 - CE, CI, LATINOS.JPG
612 - ESTRABO - ESTRAVO.JPG
612 - ESTRABO = ESTRAVO. VASCOLEJADO = BASCOLEJADO.JPG
612 - GN = NH 2.JPG
612 - GN = NH.JPG
612 - L=R, R=L.JPG

612 - NH - GN.JPG
612 - R = L - L = R.JPG
612 - R = L, L = R 2.JPG
612 - T - TROCA DO BÊ PELO VÊ.JPG
612 - V = B - B = V.JPG
612 - VALOR DO C ANTE E OU I EM LATIM - CE LATINO = KE.JPG
612 - VASCOLEJADO = BASCOLEJADO - ESTRABO.JPG
613 - A - ACÊRCA DELLA.JPG
613 - ACÊRCA DELLA.JPG
613 - AS NÃO - MAS NÂO (FRENTE).JPG
613 - AS NÃO - MAS NÂO (VERSO).JPG
613 - CACOFONIAS 2.JPG
613 - CACOFONIAS.JPG
613 - CACÓFATON.JPG
613 - CANZARRÃO - EUFONIA.JPG
613 - EUFONIA - VER A FICHA 526 INHO, ZINHO, ITO, ZITO (FRENTE).JPG
613 - EUFONIA - VER A FICHA 526 INHO, ZINHO, ITO, ZITO (VERSO).JPG
613 - INCISO O Z INCISO - EUFONIA.JPG
613 - LÁPIS - EUFONIA.JPG
613 - MAS NÃO 2.JPG
613 - MAS NÃO.JPG
613 - POR CADA 2.JPG
613 - POR CADA.JPG
613 - PRONOMES ÁTONOS - EUFONIA.JPG
613 - SIMPLES - EUFONIA.JPG
613 - Z, INCISO EM ZINHO, ZITO - EUFINIA.JPG
613 - ZARRÃO - EUFONIA.JPG
613 ACÊRCA.JPG
614 - CIO = CIU - PIU.JPG
614 - PIO - PIU - PIU.JPG
614 - PIU - PIO.JPG
614 - PIU, RIU, CIU, EM VEZ DE PIO, RIO, CIO.JPG
614 - RIO - RIU - PIU.JPG
614 - RIU - RIO - PIU.JPG
614 - T - TIO - TIU - PIU.JPG
614 TIO - TIU - PIU.JPG
615 - ITÊ - ITÉ 2.JPG
615 - ITÊ - ITÉ.JPG
62 - FONÉTICA - DIVISÓRIA.JPG
62 - LEIS FONÉTICAS - DIVISÓRIA.JPG
620 - ANALOGIAS E SEUS EFEITOS - LEIS FONÉTICAS E SEUS....JPG
620 - DEDUÇÃO DAS LEIS FONÉTICAS - LEIS FONÉTICAS.JPG
620 - LEIS FONÉTICAS (CF. AS FICHAS SOB LEIS LINGUÍSTICAS).JPG
620 - LEIS FONÉTICAS - ONDE FORAM ENCONTRADAS, E COMO FORAM....JPG
620 - LEIS FONÉTICAS - SUA ACÇÃO TEMPORÁRIA - SUAS EXCEPÇÕES APARENTES.JPG
620 - LEIS FONÉTICAS 2 .JPG
620 - LEIS FONÉTICAS 3.JPG
620 - LEIS FONÉTICAS E SEUS EFEITOS - ANALOGIAS E SEUS EFEITOS.JPG

620 - LEIS FONÉTICAS E SEUS EFEITOS.JPG
620 - LEIS FONÉTICAS.JPG
621 - ERRER FINAIS - PORTUGUÊS DO BRASIL.JPG
621 - F - FONÉTICA BRASILEIRA.JPG
621 - FALA DOS NEGROS - SUA INFLUÊNCIA.JPG
621 - INFLUÊNCIA DA FALA DOS NEGROS - PORTUGUÊS.JPG
621 - LH - I - PORTUGUÊS DO BRASIL.JPG
621 - NEGROS - INFLUÊNCIA DE SUA FALA NO BRASIL.JPG
621 - PORTUGUÊS DO BRASIL.JPG
621 FALA DOS NEGROS.JPG
621 FONÉTICA DO BRASIL.JPG
63 - F - FONEMAS - DIVISÓRIA.JPG
63 - FONEMAS.JPG
631 - F - FONEMA.JPG
631 - FONEMA.JPG
631 FONEMA.JPG
632 - BRASILEIRISMOS FONÉTICOS.JPG
632 - CH E X.JPG
632 - EIS POR ÊS A.JPG
632 - EIS POR ÊS.JPG
632 - F - FONOLOGIA HISTÓRICA.JPG
632 - OIS POR OZ - VOIS.JPG
632 - ORTOÉPIA HISTÓRICA - CH X.JPG
632 - PRONÚNCIA ANTIGA - Ç E S (E OUTRAS FICHAS DE IGUAL Nº).JPG
632 - S INTERVOCÁLICO - SS E Ç.JPG
632 - SS E Ç - Ç E SS.JPG
632 - SS E Ç 2.JPG
632 - SS E Ç.JPG
632 - UIZ POR UZ.JPG
632 - ÁZ. ÁS. ÊZ, ÊS.JPG
632 - Ç (USO HISTÓRICO).JPG
632 - Ç - S.JPG
632 - Ç E S .JPG
632 - Ç E S.JPG
632 - Ç.JPG
632 FONOLOGIA HISTÓRICA.JPG
9 - ENCICLOPÉDIA - DIVISÓRIA (RASURADA).JPG
90 - REFERÊNCIAS PESSOAIS - DIVISÓRIA 2.JPG
90 - REFERÊNCIAS PESSOAIS - DIVISÓRIA.JPG
901 - 923 - DARWIN.JPG
901 - AMEGHINO.JPG
901 - ANCHIETA.JPG
901 - BATER CARGA - SALVADOR SAPATEIRO.JPG
901 - CABÊLOS DO CORPO HUMANO - MARCELIN.JPG
901 - CARTA DE PEDRO VAZ DE CAMINHA.JPG
901 - COMUNISMO - LUIS CARLOS PRESTES - A RÚSSIA (FRENTE).JPG
901 - COMUNISMO - LUIS CARLOS PRESTES - A RÚSSIA (VERSO) COM RECORTE DE JORNAL.JPG
901 - COMUNISMO.JPG

901 - D. JOÃO DE CASTRO PENHOROU AS BARBAS.JPG
901 - D. JOÃO DE CASTRO.JPG
901 - D. JOÃO VI - RETRATO.JPG
901 - D. JOÃO VI.JPG
901 - DARWIN - O QUE FEZ - O QUE VALE.JPG
901 - GUAIACA - SALVADOR SAPATEIRO.JPG
901 - INÊS DE CASTRO (FRENTE).JPG
901 - INÊS DE CASTRO (VERSO).JPG
901 - INÊS DE CASTRO.JPG
901 - LUIS CARLOS PRESTES - COMUNISMO.JPG
901 - MARCELIN BOULE.JPG
901 - MARCELIU BAULE.JPG
901 - P - PEDRO VAZ CAMINHA.JPG
901 - P - PEDRO VAZ DE CAMINHA.JPG
901 - P - PELE DE ONÇA - SALVADOR SAPATEIRO.JPG
901 - P - PENHOR DAS BARBAS.JPG
901 - P - PÊLOS NO CORPO DO HOMEM.JPG
901 - PEDRO VAZ DE CAMINHA (FRENTE).JPG
901 - PEDRO VAZ DE CAMINHA (VERSO).JPG
901 - RUGENDAS.JPG
901 - RÚSSIA - COMUNISMO.JPG
901 - SALVADOR SAPATEIRO 2 (FRENTE).JPG
901 - SALVADOR SAPATEIRO 2 (VERSO).JPG
901 - SALVADOR SAPATEIRO 2- (CONTINUAÇÃO DE OUTRA FICHA) - (FRENTE).JPG
901 - SALVADOR SAPATEIRO 2- (CONTINUAÇÃO DE OUTRA FICHA) - (VERSO).JPG
901 - SALVADOR SAPATEIRO.JPG
901 - T - TROPA SOLTA - SALVADOR SAPATEIRO.JPG
901 - T - TRUQUÊS - SALVADOR SAPATEIRO.JPG
901 - VAZ CAMINHA - PEDRO.JPG
901 - VERGONHA (VULVA) TAM GRACIOSA, QUE....JPG
901 - VERGONHA TAN GRACIOSA QUE FRENTE.JPG
901 - VERGONHA TAN GRACIOSA QUE VERSO.JPG
901 - VERGONHAS (ORGAM SEXUAL EXTERNO FEMININO) ALTAS E ÇARADINHAS E LIMPAS.JPG
901 - VERGONHAS ALTAS E ÇARADINHAS E LIMPAS - FRENTE.JPG
901 - VERGONHAS ALTAS E ÇARADINHAS E LIMPAS - VERSO.JPG
901 -RUGENDAS.JPG
901 PEDRO VAZ DE CAMINHA E AS ÍNDIAS.JPG
901 PEDRO VAZ DE CAMINHA.JPG
901 PELE DE ONÇA.JPG
901 PENHOR DAS BARBAS.JPG
901 PÊLOS NO CORPO DO HOMEM.JPG
91 - F - FILOSOFIA - DIVISÓRIA.JPG
91 - F - FILOSOFIA.JPG
91 - FILOSOFIA.JPG
910 - DIFERENÇA INTELECTUAL DO LITARATO PARA O SCIENTISTA.JPG
910 - FEITIO INTELECTUAL.JPG

910 - FEIÇÃO INTELECTUAL.JPG
910 - LITERATURA E SCIÊNCIA.JPG
910 - SCIÊNCIA E LITERATURA 2 (VERSO).JPG
910 - SCIÊNCIA E LITERATURA 2.JPG (FRENTE).JPG
910 - SCIÊNCIA E LITERATURA.JPG
910 FEITIO INTELECTUAL.JPG
910 LITERATURA E SCIÊNCIA.JPG
911 - A RELIGIÃO E A SCIÊNCIA.JPG
911 - HERMAN VON IHERING.JPG
911 - M - MURO FILOSÓFICO.JPG
911 - MISTÉRIO.JPG
911 - O MURO FILOSÓFICO.JPG
911 - RELIGIÃO E SCIÊNCIA.JPG
911 - SCIÊNCIA E RELIGIÃO.JPG
911 MURO FILOSÓFICO.JPG
912 - A INQUISIÇÃO.JPG
912 - INQUISIÇÃO - SANTO OFÍCIO.JPG
912 - INQUISIÇÃO.JPG
912 - SANTO OFÍCIO - INQUISIÇÃO.JPG
912 - SANTO OFÍCIO.JPG
913 - ADIVINHAÇÕES - SUPERSTIÇÕES (2).JPG
913 - ADIVINHAÇÕES - SUPERSTIÇÕES.JPG
913 - ASTROLOGIA A.JPG
913 - ASTROLOGIA.JPG
913 - INFERNO - O INFERNO SEGUNDO....JPG
913 - ORÁCULOS - SUPERSTIÇÕES.JPG
913 - SIMÃO DE VASCONCELOS (PE.) - ASTROLOGIA.JPG
913 - SUPERSTIÇÕES.JPG
913 - SUPLÍCIOS INFERNAIS - O INFERNO SEGUNDO....JPG
913 - VIEIRA (PE. ANT.O) SUPERSTIÇÕRS.JPG
913 ADIVINHAÇÕES.JPG
92 - S - SCIÊNCIAS FÍSICO-NATURAIS - DIVISÓRIA.JPG
92 - S - SCIÊNCIAS FÍSICO-NATURAIS.JPG
92 - SCIÊNCIAS FÍSICO- NATURAIS.JPG
921 - A ANTIGUIDADE DO HOMEM NA TERRA.JPG
921 - ANTIGUIDADE DO HOMEM NA TERRA.JPG
921 - AS XIFOPAGAS.JPG
921 - HOMEM SUA ANTIQUIDADE.JPG
921 - O HOMEM - SEUS ASCENDENTES.JPG
921 - XIFOPAGAS - AS XI.JPG
922 - APAGAR A SÊDE.JPG
922 - APETITE DO CIBO.JPG
922 - BAMBU - BAMBUSA....JPG
922 - BAMBU.JPG
922 - BOLSA DOS MARSUPIAIS - ÇARIGUÊ.JPG
922 - BOMBA ATÓMICA 1 (FRENTE).JPG
922 - BOMBA ATÓMICA 1 - COM RECORTE DE JORNAL (VERSO).JPG
922 - BOMBA ATÓMICA.JPG

922 - CACIQUIARI, TAMBÉM ESCRITO CASSIQUIARE POR ALGUNS AUTORES.JPG
922 - CAPINS, GRAMÍNEAS (FRENTE) .JPG
922 - CAPINS, GRAMÍNEAS (VERSO) .JPG
922 - CAPINS.JPG
922 - CARAGUATÁ - ABACAXI.JPG
922 - CARAGUATÁ.JPG
922 - CARAPETÕES, TAIASSÚ, 931 - RINOCERONTES, 104 - FERNÃO MENDES PINTO.JPG
922 - CASSIQUIARI (CANAL) - CACIQUIARI.JPG
922 - CATÊTO, QUEIXADA OU TAIASSÚ - O TAIASSÚ.JPG
922 - CEREAIS.JPG
922 - CHEIO, CHEO - MARACUJÁ.JPG
922 - CHEO, CHEA = CHEIO - MARACUJÁ.JPG
922 - CILADA - ÇARIGÜÊ.JPG
922 - DE COMER = ALIMENTO - ÇARIGÜÊ.JPG
922 - EMBIGO NAS COSTAS.JPG
922 - ENTRESSACHAR - ENTREÇACHAR.JPG
922 - ENTREÇACHAR - ENTRESSACHAR - MARACUJÁ.JPG
922 - EQUILÍBRIO DOS SERES VIVOS.JPG
922 - ERVA DA PAIXÃO - MARACUJÁ.JPG
922 - F - FLÔR DA PAIXÃO.JPG
922 - FERVENTE (ÁGUA FERVENTE).JPG
922 - GRAMÍNEAS - CAPINS.JPG
922 - HERVAS (TALVEZ POR ERVAS).JPG
922 - IMPRUDÊNCIA HUMANA E EQUILÍBRIO DOS SERES VIVOS.JPG
922 - INCÓGNITA - ADJ IGUAL A DESCONHECIDO - MARACUJÁ.JPG
922 - M - MORDAZ.JPG
922 - MARACUJÁ - ERVA DA PAIXÃO - FRENTE.JPG
922 - MARACUJÁ - ERVA DA PAIXÃO - VERSO.JPG
922 - MARACUJÁ, ERVA DA PAIXÃO (EM ESPANHOL GRANADILLA) - (FRENTE) .JPG
922 - MARACUJÁ, ERVA DA PAIXÃO (EM ESPANHOL GRANADILLA) - (VERSO) .JPG
922 - MARACUJÁ.JPG
922 - O - O EQUILÍBRIO DOS SERES VIVOS E A IMPRUDÊNCIA HUMANA.JPG
922 - O - O SARIGUÊ OU ÇARIGUÊ.JPG
922 - O SARIGUÊ OU ÇARIGUÊ.JPG
922 - O TAIASSÚ A.JPG
922 - O TAIASSÚ.JPG
922 - RINOCERONTES.JPG
922 - SARIGUÊ.JPG
922 - SÊDE (APAGAR A SEDE) - MARACUJÁ.JPG
922 - TAIASSÚ.JPG
922 - TAMBEÓ - ÇARIGUÊ.JPG
922 - TAQUARA - BAMBU.JPG
922 - TEM - TEEM - TÊM - MARACUJÁ.JPG
922 - U - UNICÓRNIOS - RINOCERONTES.JPG
922 - U - UNICÓRNIOS RINOCERONTES.JPG

922 - UMBIGO NAS COSTAS - O TAIASSÚ.JPG
922 - ÇARIGÜÊ - SARIGÜÊ - FRENTE A.JPG
922 - ÇARIGÜÊ - SARIGÜÊ - FRENTE.JPG
922 - ÇARIGÜÊ - SARIGÜÊ - VERSO A.JPG
922 - ÇARIGÜÊ - SARIGÜÊ - VERSO.JPG
922 - ÇARIGÜÊ.JPG
922 FLOR DA PAIXÃO.JPG
922 MORDAZ.JPG
923 - HISTÓRIA SAGRADA E FACTOS.JPG
923 - A SELEÇÃO NATURAL....JPG
923 - DARWIN.JPG
923 - DARWINISM.JPG
923 - EMBRIOLOGIA A.JPG
923 - EMBRIOLOGIA.JPG
923 - EVOLUCIONISMO.JPG
923 - EVOLUÇÃO DOS SERES VIVOS (2).JPG
923 - EVOLUÇÃO DOS SERES VIVOS.JPG
923 - EVOLUÇÃO EVOLUCIONISMO.JPG
923 - GENESIS.JPG
923 - GEOFREI SAINT-HILAIRE.JPG
923 - LAMARKE - DARWIN.JPG
923 - O GÊNESIS -A HISTÓRIA E OS FATOS.JPG
923 - SELECÇÃO NATURAL.JPG
923 - TEORIA EVOLUCIONISTA A.JPG
923 - TEORIA EVOLUCIONISTA.JPG
923 - WALLACE (ALFRED RUSSEL).JPG
923 HISTÓRIA SAGRADA E FACTOS.JPG
924 - ASTROLÁBIO.JPG
93 - S - SCIÊNCIAS SOCIAIS DIVISÓRIA.JPG
93 - S - SCIÊNCIAS SOCIAIS - DIVISÓRIA.JPG
93 - SICÊNCIAS SOCIAIS - VIDA DE RELAÇÃO.JPG
930 - AS NOTÍCIAS - COMUNICAÇÕES ENTRE OS PAÍSES.JPG
930 - AS NOTÍCIAS INTERNACIONAIS EM 1578 - 1580.JPG
930 - CULTURA PAULISTA.JPG
931 - A DEVASSIDÃO DAS ALDEIAS PORTUGUESAS.JPG
931 - AS HORAS DAS REFEIÇÕES NO SÉCULO XIX 2 .JPG
931 - AS HORAS DAS REFEIÇÕES NO SÉCULO XIX 2.JPG
931 - AS HORAS DAS REFEIÇÕES NO SÉCULO XIX.JPG
931 - BARBAS - CORTÁ-LAS, PENHORÁ-LAS POR APRÓBRIO.JPG
931 - BARBAS.JPG
931 - BERNARDES (PE. MANUEL) - CHULÉ.JPG
931 - BOLA BRANCA E BOLA PRETA.JPG
931 - CABUNGO.JPG
931 - CAMBURÃO (BRAS., CEARÁ).JPG
931 - CARPIDEIRAS.JPG
931 - CARVOEIRO = CARVÃO.JPG
931 - CARVÃO.JPG
931 - CELIBATO CLERICAL.JPG
931 - CHINESES CRISTÃOS.JPG

931 - CHULÉ.JPG
931 - CONTRA-VENENO, RINOCERONTES.JPG
931 - DEVASSIDÃO NAS ALDEIAS PORTUGUESAS.JPG
931 - DIAGNOSTICAR MAL PRÓPRIO - AUTO DIAGNÓSTICO.JPG
931 - DUELO.JPG
931 - ESCRAVIDÃO NO BRASIL.JPG
931 - ESCUDO PORTUGUÊS.JPG
931 - EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.JPG
931 - FAVA BRANCA E FAVA PRETA.JPG
931 - GRAVATAS E VAGALUMES.JPG
931 - HINO NACIONAL BRASILEIRO.JPG
931 - HORAS DAS REFEIÇÕES NO SÉCULO XIX.JPG
931 - INJÚRIAS OU CALÚNIAS - O DUELO.JPG
931 - MANTEIGA DE OVOS DE TARTARUGA.JPG
931 - MEDICAMENTOS - MEDICINA.JPG
931 - MEDICAMENTOS, MEDICINA.JPG
931 - MEDICINA.JPG
931 - O CELIBATO CLERICAL.JPG
931 - O ESCUDO PORTUGUÊS A BANDEIRA DAS QUINAS.JPG
931 - OS AUTO-DIAGNÓSTICOS E PROGNÓSTICOS.JPG
931 - P - PENTEADOS E VAGALUMES.JPG
931 - PESCAR COM TIMBÓ.JPG
931 - PIPA DE ÁGUA SERVIDA - CABUNGO.JPG
931 - PORTUGAL NO JAPÃO.JPG
931 - PORTUGUESES NO JAPÃO.JPG
931 - PURIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA - TRADIÇÕES.JPG
931 - QUINAS - O ESCUDO PORTUGUÊS.JPG
931 - REGO DÁGUA - CABUNGO.JPG
931 - SUPERSTIÇÕES - CARAPETÕES (FRENTE).JPG
931 - SÉCULO 19 - HORAS DAS REFEIÇÕES - AS HORAS DAS REFEIÇÕES NO SEC. XIX.JPG
931 - T - TIMBÓ.JPG
931 - T - TRADIÇÕES.JPG
931 - T - TRANSIGÊNCIAS DA IGREJA CATÓLICA COM USANÇAS PAGANS - TRADIÇÕES.JPG
931 - T - TRÁFICO DE ESCRAVOS NO BRASIL.JPG
931 - TIMBÓ.JPG
931 - TRADIÇÕES - NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS.JPG
931 - V - VAGALUMES NO PENTEADO E NAS GRAVATAS.JPG
931 - VAGALUMES NO PENTEADO E NAS GRAVATAS 2 (FRENTE).JPG
931 - VAGALUMES NO PENTEADO E NAS GRAVATAS.JPG
931 - VOTO SECRETO - FAVA BRANCA E FAVA PRETA, EM 1755, EM PORTUGAL.JPG
931 - VOTO SECRETO.JPG
931 - ÍNDIOS MARCADOS A FERRO EM BRASA.JPG
931 - ÍNDIOS MARCADOS A FOGO.JPG
931 FAVA BRANCA FAVA PRETA.JPG
931 PENTEADOS E VAGALUMES.JPG
932 - ILHA DE MARAJÓ (PRÉ-HISTÓRIA).JPG

932 - INCAS - OS ÍNDIOS.JPG
932 - PRÉ-HISTÓRIA SUL-AMERICANA OS ÍNDIOS.JPG
932 - SAMBAQUIS.JPG
932 - ÍNDIOS DE BRASIL E DE OUTROS PONTOS DO CONTINENTE.JPG
933 - A EXTINÇÃO DOS SELVAGENS - SUAS CAUSAS FATAIS.JPG
933 - AMOR EM PORTUGAL.JPG
933 - AS RAÇAS FUNDIDAS NO BRAZIL.JPG
933 - B - BRUTALIDADE DOS ÍNDIOS.JPG
933 - BRASIL OPINIÕES DE ESTRANGEIROS.JPG
933 - CIGANOS.JPG
933 - COMUNISMO.JPG
933 - DONA AMÉLIA, RAINHA DE PORTUGAL A.JPG
933 - DONA AMÉLIA, RAINHA DE PORTUGAL B.JPG
933 - DONA AMÉLIA, RAINHA DE PORTUGAL.JPG
933 - DR. PRUDENTE DE MORAIS - E O PAI DELE.JPG
933 - DR. PRUDENTE DE MORAIS E O PAI DELE (COM RECORTE DE JORNAL).JPG
933 - EMBUÇADO.JPG
933 - EXTINÇÃO DAS RAÇAS SELVAGENS - SEUS MOTIVOS.JPG
933 - F - FORCA EM SÃO PAULO.JPG
933 - LASCÍVIA DOS ÍNDIOS .JPG
933 - LISBOA EM 1730 (FRENTE).JPG
933 - LISBOA EM 1730 (VERSO).JPG
933 - LISBOA EM 1730.JPG
933 - O TERREMOTO DE LISBOA EM 1755 (FRENTE).JPG
933 - O TERREMOTO DE LISBOA EM 1755 (VERSO).JPG
933 - O TERREMOTO DE LISBOA EM 1755 - CONTINUAÇÃO 2 (FRENTE).JPG
933 - O TERREMOTO DE LISBOA EM 1755 - CONTINUAÇÃO 2 (VERSO).JPG
933 - O ÚLTIMO ENFORCADO DE SÃO PAULO - DR. PRUDENTE DE MORAES.JPG
933 - OPINIÕES DE ALIENÍGENAS SOBRE O BRASIL.JPG
933 - ORGIA - LASCÍVIA DE ÍNDIOS.JPG
933 - OS COSTUMES NO NORTE DO PAÍS - A MORALIDADE DAS FAMÍLIAS NA AMAZÔNIA.JPG
933 - OS PAULISTAS, SUA RAÇA, SUAS QUALIDADES.JPG
933 - P - PAULISTAS - SUA RAÇA - SUAS QUALIDADES.JPG
933 - PROTECCIONISMO, TARIFAS DE ALFANDEGA.JPG
933 - PROTECIONISMO TARIFAS PROTECIONISTAS NAS ALFÃNDEGAS (FRENTE).JPG
933 - PROTECIONISMO TARIFAS PROTECIONISTAS NAS ALFÃNDEGAS (VERSO).JPG
933 - RAÇAS FUNDIDAS NO BRASIL.JPG
933 - SELVAGENS - SUA EXTINÇÃO.JPG
933 - SEMÁNTICA DO PAULISTA (COM RECORTE DE JORNAL).JPG
933 - TARIFAS ALFANDEGÁRIAS PROTECIONISTAS.JPG
933 - TERREMOTO DE LISBOA.JPG
933 - ÍNDIOS E BANHOS A.JPG
933 - ÍNDIOS E BANHOS.JPG
933 - ÍNDIOS E MIRANTES.JPG

933 - ÍNDIOS MIRANHAS.JPG
933 - ÍNDIOS MORALIDADE OS COSTUMES.JPG
933 A FORCA EM SÃO PAULO.JPG
933 PAULISTAS.JPG
934 - AMOR, SEXO, HOMEM E MULHER.JPG
934 - CASTRAÇÃO MERECIDA (A BISTURI, DE TRAIÇÃO) - EUNUCOS.JPG
934 - EUNUCOS.CIUMES, E CASTRAÇÃO MERECIDA.JPG
934 - EUNUCOS.JPG
934 - HOMEM E MULHER COMPARADOS QUANTO AOS SENTIMENTOS SEXUAIS.JPG
934 - O - O AMOR, O SEXO.JPG
934 - O AMOR O SEXO O HOMEM A MULHER COMPARADOS - A - FRENTE.JPG
934 - O AMOR O SEXO O HOMEM A MULHER COMPARADOS - FRENTE.JPG
934 - O AMOR O SEXO O HOMEM A MULHER COMPARADOS - VERSO.JPG
934 - O AMOR, O SEXO.JPG
94 - A - ARTES, IRONIAS, CRÍTICAS DIVISÓRIA.JPG
94 - CRÍTICAS, IRONIAS, APRECIAÇÕES - DIVISÓRIA.JPG
94 - A - ARTES, IRONIA, CRÍTICAS - DIVISÓRIA.JPG
941 - AERONÁUTICA.JPG
941 - A REFORMA ORTOGRÁFICA... E OS DESTINOS HUMANOS.JPG
941 - AERONÁUTICA... DE NATURALISTA.JPG
941 - AS ESTRADAS DE FERRO COMO RAPINANTES.JPG
941 - CHULÉ.JPG
941 - ESTRADAS DE FERRO.JPG
941 - EXEMPLO DE IRONIA.JPG
941 - FICHA COM DESENHO DO DR. OLIVÉRIO.JPG
941 - I - IRMÃ ALBINA E O DR OLIVÉRIO.JPG
941 - IRONIAS.JPG
941 - NAVEGAÇÃO AÉREA - AERONÁUTICA.JPG
941 - RAIO NO PATRÃO.JPG
941 - REFORMA ORTOGRÁFICA E OS DESTINOS HUMANOS.JPG
941 - ÁGUA DE CÓRDOVA.JPG
942 - RIO DE JANEIRO (VERSO) - RECORTE DE JORNAL JPG.JPG
942 - RIO DE JANEIRO.JPG
942 - BRASILEIROS E FORMIGAS.JPG
942 - F - FORMIGAS E BRASILEIROS.JPG
942 - O BRASILEIRO E AS FORMIGAS 2.JPG
942 - O RIO DE JANEIRO APRESENTADO E APRECIADO POR RUDYIARD KIPLING - POR BATISTA PEREIRA (COM RECORT DE JORNAL).JPG
942 FORMIGAS E BRASILEIROS.JPG
944 - IMPOSTOS PROTECIONISTAS - PROTECIONISMO.JPG
95 - M - MISCELÂNEA - DIVISÓRIA.JPG
95 - M - MISCELANEA - DIVISÓRIA.JPG
95 - M - MISCELÂNEA - 950 DESCOBRIMENTOS - DIVISÓRIA.JPG
95 - MISCELÂNEA.JPG
950 - DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA (2).JPG
950 - DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA 2.JPG
950 - DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA.JPG
950 - DESCOBRIMENTOS DIVISÓRIA.JPG

950 - MANDIOCA.JPG
950 - OS INTRODUTORES DO AUTOMÓVEL EM SÃO PAULO - (FICHA COM RECORTE DE JORNAL).JPG
A - ADULTERAÇÕES.JPG
A - DIVISÓRIA.JPG
A CAVALO NA ÉGUA.JPG
A DESTRO, A DESTRA - VERSO.JPG
A DESTRO, A DESTRA.JPG
A DEVASSIDÃO DAS ALDEIAS PORTUGUESAS.JPG
A GENTE, INDEFINIDO.JPG
A LÍNGUA BRASILEIRA - JORNAL DO BRASIL - 27 DE OUTUBRO DE 1948.JPG
A LÍNGUA PORTUGUEZA - CANDIDO DE FIGUEIREDO - 14-6-08 - RECORTE DE JORNAL 1.JPG
A LÍNGUA PORTUGUEZA - CANDIDO DE FIGUEIREDO - 14-6-08 - RECORTE DE JORNAL 2.JPG
A LÍNGUA PORTUGUEZA - CANDIDO DE FIGUEIREDO - CONTINUAÇÃO.JPG
A LÍNGUA PORTUGUEZA - CANDIDO DE FIGUEIREDO - FRAGMENTO 1.JPG
A LÍNGUA PORTUGUEZA - CANDIDO DE FIGUEIREDO - FRAGMENTO 2.JPG
A LÍNGUA PORTUGUEZA - CANDIDO DE FIGUEIREDO - FRAGMENTO 3.JPG
A MIM ME 2.JPG
A MIM ME, A TI TE (2).JPG
A MIM ME, A TI TE.JPG
A OLHOS VISTOS.JPG
A PSEUDOLÍNGUA BRASILEIRA - O ESTADO DE SÃO PAULO - 18 DE JULHO DE 1946D.JPG
A PSEUDOLÍNGUA BRASILEIRA - O ESTADO DE SÃO PAULO - 18 DE JULHO DE 1946E.JPG
A PSEUDOLÍNGUA BRASILEIRA - O ESTADO DE SÃO PAULO - 18 DE JULHO DE 1946F.JPG
A QUARTA RUA É A DOS OURIVES....JPG
A R GONÇALVES VIANA - 149.JPG
A RESPEITO - 312.JPG
A RESPEITO.JPG
A TOA - 401.JPG
ABACAXI.JPG
ABADE - ABLIÉ - 423.JPG
ABADE.JPG
ABOCOLO.JPG
ABREVIATURAS.JPG
ACADEMIA DE LUSÓFOBOS.JPG
ACORDO ORTOGRÁFICO 1945.JPG
ADOLFO COELHO - 155.JPG
ADULTERAÇÕES.JPG
ADVÉRBIOS EM MENTE - VERSO.JPG
ADVÉRBIOS EM MENTE 2.JPG
ADVÉRBIOS EM MENTE.JPG
AFETEIRA.JPG
AFIXOS.JPG
AFOGADO.JPG

AFOGAR.JPG
AFONSO TAUNAY.JPG
AFRESSURADO.JPG
AFRÂNIO PEIXOTO.JPG
AGASSIZ E OS BRASILEIROS.JPG
AGATANHAR.JPG
AGENTE.JPG
AGIR.JPG
AGOSTINHO DE CAMPOS É PELO QUER E NÃO PELO QUERE.JPG
AGRESTE.JPG
AGUAR.JPG
AGUAXADO.JPG
AGÁ DE SAHIR.JPG
AGÁ INÚTIL OU PERNICIOSO.JPG
AGÁS INDEVIDOS.JPG
AHI.JPG
AHINDA.JPG
AIZ POR AZ.JPG
AJAMBRADO.JPG
AJUNTAMENTO DE ANIMAIS.JPG
ALACANFOR.JPG
ALACATRAZ, ALBATROZ - CONTINUAÇÃO.JPG
ALACATRAZ.JPG
ALAGAR.JPG
ALBATROZ.JPG
ALCANFROR.JPG
ALCATRAZ, ALBATROZ.JPG
ALCOVAS DE AMOR.JPG
ALEA.JPG
ALFABETO E SÍMBOLOS GREGOS.JPG
ALMÁRIO OU ARMÁRIO.JPG
ALTOS CÉUS 2.JPG
ALTOS CÉUS.JPG
ALUGAR.JPG
ALVÍSSARAS OU ALVÍÇARAS.JPG
ALÃO.JPG
ALÕES.JPG
AMANGADO.JPG
AMANTE SACIADO.JPG
AMAR-SE-HA.JPG
AMARELIR-SE.JPG
AMASIA.JPG
AMAZONAS.JPG
AMAZÔNIA.JPG
AMBIGUIDADE.JPG
AMBOS DE DOIS.JPG
AMBOS DOIS - AMBAS AS DUAS.JPG
AMBOS DOIS, AMBAS AS DUAS - VERSO.JPG
AMBOS DOIS.JPG

AMBOS E DOIS.JPG
AMBOS OS DOIS.JPG
AMBU.JPG
AMBUÁ.JPG
AMEBA.JPG
AMEGHINO.JPG
AMEHUDE.JPG
AMENDOIM.JPG
AMERICANO.JPG
AMESTERDÃO.JPG
AMIGO - APLICADO EM CASO DE INIMIZADE.JPG
AMIGO 1.JPG
AMIGO.JPG
AMINHÃO - VERSO.JPG
AMOR POR - AMOR A - 331.JPG
AMUAR DINHEIRO - 422.JPG
ANDAR NA BERRA.JPG
ANDAR-SE - ANDAR - 331.JPG
ANOTAÇÕES - JOSÉ DE ALENCAR, CECIL ROTH, GEORGE ORWEL.JPG
ANOTAÇÕES - SINALEFA, CRASE, SINÉRESE.JPG
ANOTAÇÕES SOLTAS PARA CIMA PARA BAIXO.JPG
ANTENOR DE NASCENTES - A - FRENTE - 165.JPG
ANTENOR DE NASCENTES - A - VERSO - 165.JPG
ANTENOR DE NASCENTES - FRENTE - 165.JPG
ANTENOR DE NASCENTES - VERSO - 165.JPG
ANTENOR NASCENTES.JPG
ANTOINETTE ANGELUCCI - 21 MARÇO 40.JPG
ANTONIETA - 28 MARÇO 40.JPG
ANTÓNIO DE PÁDUA CORRÊA - 24 MARÇO 40.JPG
ANTÓNIO MOURA - 8 ABRIL 40.JPG
ANÍSIO MACHADO - (3ª ED.).JPG
ARACAJÚ - 401 - ARARAQUARA.JPG
ARCIPRESTE - CIPRESTE - 401.JPG
ARCIPRESTE - CIPRESTE - 431.JPG
ARDENDO - ARDENTE - ÁGUA - 431.JPG
ARDORES APETITE - 318.JPG
ARDORES E APETITE - MARACUJÁ - 922.JPG
AREIA - ARISCO - 421.JPG
AREISCO - ARISCO - 421.JPG
ARENOSO - 421.JPG
ARGENTARIA - 312.JPG
ARGENTARIA.JPG
ARGENTÁRIOS E A INVEJA DOS DISSIPADOS - 241.JPG
ARIA OU ERIA - 411.JPG
ARIANAS - LÍNGUAS - 200.JPG
ARIANO - INDO-EUROPEU - 200.JPG
ARINDIUVA - URINDIUVA - 202.JPG
ARISCO - 421.JPG
ARMAR CILADAS - ÇARIGUÊ - 922.JPG

ARMAÇÃO DE CANGALHA - CAPAS E ARMAÇÕES - 234.JPG
ARMÁRIO - ALMÁRIO - 413.JPG
ARQUIVAR NO INTERIOR DO ENVELOPE Û ÛA - 411 FRENTE.JPG
ARQUIVAR NO INTERIOR DO ENVELOPE -Û ÛA - 411 VERSO.JPG
ARRABALDE - ARREBALDE - 411.JPG
ARRABIADO - 234.JPG
ARREBALDE - 411.JPG
ARRECEIO - RECEIO - 411.JPG
ARREDOR - EM ARREDOR - 341.JPG
ARRENDAR - SAUDOSO - 421.JPG
ARREPIO - ARREPIAMENTO - DESPEDIDA - 421.JPG
ARRIBA - 234.JPG
ARRIEIRO - TROPA - MULADEIRO - ARRIEIRO - ARREEIRO - 234 B.JPG
ARRIEIRO - TROPA - MULADEIRO - ARRIEIRO - ARREEIRO - 234.JPG
ARROZES - 411.JPG
ARTE DE FURTAR - 211.JPG
ARTE MODERNA (2).JPG
ARTE MODERNA - 203.JPG
ARTHUR NEIVA - 139 - 192.JPG
ARTHUR NEIVA - 139.JPG
ARTHUR NEIVA VERSUS COUTO MAGALHÃES AO PROPÓSITO DE IDEIAS POLÍTICO-SOCIAIS DOS ÍNDIOS DO BRASIL - 422.JPG
ARTIGO DE JORNAL A LÍNGUA BRASILEIRA - RUBENS AMARAL - A FOLHA DA MANHÃ - 29 DE NOVEMBRO DE 1942.JPG
ARTIGO DE JORNAL SOBRE MÁRIO DE ANDRADE - ANTONIO CANDIDO - 21 - 2 - 1946 - DIÁRIO DE SÃO PAULO.JPG
ARTUR NEIVA - ESTUDOS DA LÍNGUA NACIONAL - 1940.JPG
ARTUR NEIVA.JPG
AS AUTORIDADES CIVIL E ECLESIÁSTICA - 301.JPG
AS GALINHAS (2).JPG
AS GALINHAS.JPG
AS MAIS VEZES - AS MAIS DAS VEZES - 341.JPG
AS NOTÍCIAS INTERNACIONAIS.JPG
AS NÃO - 613.JPG
AS OBRAS COM QUE AMOR - CAMÕES - 118.JPG
ASERIPTÍCIUS - 411.JPG
ASFIXIAR - AFOGAR - 421.JPG
ASIANO - ASIÁTICO - 422.JPG
ASIANO - ASIÁTICO A - 422.JPG
ASIANO - ASIÁTICO B - 422.JPG
ASIÁTICO - ASIANO - 422.JPG
ASPARGO - ASPÁRAGO - 411.JPG
ASPARGO - ESPARGO - 411.JPG
ASPARRAGO - ASPARAGO - 411.JPG
ASPILCUETA - PE JOÃO D'ASPILCUETA NAVARRO - 202.JPG
ASPÁRAGO - 411.JPG
ASSASSÍNIO OU ASSASSINATO - CONTINUAÇÃO.JPG
ASSASSÍNIO, NÃO ASSASSINATO.JPG
ASSEIADO.JPG

ASSEIAR.JPG
ASSIGNAR.JPG
ASSIM MESMO.JPG
ASSIMZINHO.JPG
ASSINAR.JPG
ASSISTINDO.JPG
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE ARARAQUARA.JPG
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE IMPRENSA - 19 MARÇO 40.JPG
ASSUCAR.JPG
ASSURGIR.JPG
ASTROLÁBIO.JPG
ATALHAR CANGALHA.JPG
ATALHAR.JPG
ATANAZAR.JPG
ATENDER ALGUÉM OU A ALGUÉM - 331.JPG
ATENDER.JPG
ATENEZAR.JPG
ATENTE.JPG
ATEU, ATEIA.JPG
ATIRAR AO.JPG
ATLAS - 401.JPG
ATLAS.JPG
ATRAIÇOADO.JPG
ATRASO DE PORTUGAL E DOS PORTUGUESES.JPG
ATRAVÉS.JPG
ATREIÇOADO.JPG
ATRÁS, NÃO ATRAZ.JPG
ATURDIDO.JPG
ATÉ NÃO ACABAR.JPG
ATÉ O OU ATÉ AO.JPG
ATÉ O, OU ATÉ AO.JPG
ATÓLECA (2).JPG
ATÓLECA.JPG
AUA = AGUA.JPG
AUDÁCIA.JPG
AULETE (1947-1948).JPG
AUMENTATIVO PARTITIVO.JPG
AUMENTATIVOS DEPRECIATIVOS.JPG
AUMENTATIVOS E DEMINUTIVOS.JPG
AUMENTATIVOS QUE DIMINUEM OU MASCULINIZAM.JPG
AUMENTATIVOS QUE MASCULINIZAM.JPG
AUMENTATIVOS QUE NÃO AUMENTAM NADA.JPG
AUMENTATIVOS QUE NÃO AUMENTAM.JPG
AUMENTATIVOS... QUE DIMINUEM.JPG
AURISAMITO.JPG
AUSASIL DE CAMPOS.JPG
AUTO-DIAGNÓSTICOS.JPG
AUTOMOVEL QUANDO APARECEU NO BRASIL.JPG
AUTORIDADES CIVIL E ECLESIÁSTICA.JPG

AUTÓPSIA.JPG
AVAREMANDUAVA.JPG
AVARIA.JPG
AVARIADO.JPG
AVARIAR.JPG
AVARÉMANDUAVA 2.JPG
AVIAÇÃO - VER AERONÁUTICA.JPG
AVO OITAVO - 401.JPG
AÍ NÃO HAÍ.JPG
AÍ.JPG
B - DIVISÓRIA.JPG
BAGUÁ - BAGUALADA - BAGUAL - FRENTE.JPG
BAGUÁ - BAGUALADA - BAGUAL - VERSO.JPG
BAIONETA - 401.JPG
BALHA, BAILA.JPG
BANAL .JPG
BANHO-MARIA - 401.JPG
BANZAR - BANZEAR.JPG
BARBARISMOS.JPG
BARRA, BARRRA, BARRRRA.JPG
BASILAR.JPG
BENTO DE ABREU SAMPAIO VIDAL (VERSO).JPG
BENTO DE ABREU SAMPAIO VIDAL.JPG
BENÇÃO, BÊNÇÃO.JPG
BERRANTE - CONTINUAÇÃO.JPG
BERRANTE.JPG
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE DIREITO DE PERNAMBUCO.JPG
BIBLIOTECA DOS MONGES BENEDITINOS - RIO DE JANEIRO.JPG
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE SÃO PAULO.JPG
BIBLIOTECA NACIONAL - ENVELOPE.JPG
BILHETE POSTAL (PROVAVELMENTE BIBLIOTECA NACIONAL).JPG
BILHETE POSTAL A (PROVAVELMENTE BIBLIOTECA NACIONAL).JPG
BILHETE POSTAL - MODELO 13 (PROVAVELMENTE BIBLIOTECA NACIONAL).JPG
BILHETES AVULSOS - A ÚLTIMA PAGÃ - PLÍNIO BARRETO - O ESTADO DE SÃO PAULO - 20 DE OUTUBRO DE 1946.JPG
BILHETES AVULSOS - A ÚLTIMA PAGÃ - PLÍNIO BARRETO - O ESTADO DE SÃO PAULO - 26 DE OUTUBRO DE 1948.JPG
BLOUSE.JPG
BOBO - FRENTE - 401.JPG
BOBO - VERSO - 401.JPG
BOCÓ - BOGÓ - MOCÓ - 234.JPG
BOCÓ - MOCÓ - BOGÓ - 234 - FRENTE.JPG
BOCÓ - MOCÓ - BOGÓ - 234 - VERSO.JPG
BOLPEBRA - 422.JPG
BOSQUEJO DEBUXO ESBOÇO -SN.JPG
BOTUQUARA - AO DR OLIVÉRIO - 422 - FRENTE.JPG
BRASILEIROS - SN.JPG
C - CARTA RECEBIDA -7-3-38 - FRENTE.JPG

C - CARTA RECEBIDA -7-3-38 - VERSO.JPG
C - DIVISÓRIA.JPG
C. FIGR.DO VERSUS C. FIGR.DO.JPG
C. FIGRDO - DE MÁ FÉ (2).JPG
C. FIGRDO - DE MÁ FÉ.JPG
C. FIGRDO. (2).JPG
C. FIGRDO. VERSUS C. FIGRDO. (2).JPG
C. FIGRDO. VERSUS C. FIGRDO..JPG
C. FIGRDO..JPG
CA.JPG
CAAPORA.JPG
CABAIS - SUBSTANTIVO.JPG
CABAL.JPG
CABEDAL.JPG
CABEÇADA.JPG
CABINA.JPG
CABOCLO.JPG
CABOCLOS NO PARÁ .JPG
CABOUCOLOS.JPG
CABRESTO.JPG
CABUNGO.JPG
CABUQUENA.JPG
CACARACÁ.JPG
CACHORRADA ACUARAM.JPG
CACHORRO, CÃO PEQUENO, NOVO.JPG
CACIFRO.JPG
CACIQUIARI.JPG
CACOFONIAS INDISPENSÁVEIS.JPG
CACOFONIAS.JPG
CACUNDA.JPG
CADA QUAL - QUAL A QUAL.JPG
CADEIRA - TAMBORÊTE.JPG
CADEIRINHA.JPG
CADELA SAÍDA.JPG
CAFÈEIRO.JPG
CAFÉ COM MISTURA.JPG
CAGAR.JPG
CAHIR E O AGÁ.JPG
CAIANA.JPG
CAIPIRAS SÃO VADIOS.JPG
CAIPORA.JPG
CAIXÃOZINHO.JPG
CALDEIRÕES - CAMALEÕES - 422 - VERSO.JPG
CALDEIRÕES, CAMALEÕES.JPG
CALEAR.JPG
CALIDADE = QUALIDADE.JPG
CALMÂNDULAS.JPG
CALOTEAR.JPG
CALÃO POLÍTICO.JPG

CALÃO.JPG
CALÇAS - BRAGAS.JPG
CALÇAS PARDAS.JPG
CALÓ .JPG
CALÚNIA OU INJÚRIA.JPG
CAMALEÕES. CALDEIRÕES.JPG
CAMBAIO.JPG
CAMBAPÉ.JPG
CAMBITO.JPG
CAMBURÃO.JPG
CAMBÁU.JPG
CAMILIANO.JPG
CAMILO - A BRUXA - LISBOA - 1924 (FRENTE).JPG
CAMILO - A BRUXA - LISBOA - 1924 (VEM DE OUTRO CARTÃO) - FICHA 2.JPG
CAMILO - A BRUXA - LISBOA - 1924 (VERSO).JPG
CAMILO - A BRUXA FICHA 2.JPG
CAMILO - A BRUXA VERSO.JPG
CAMILO - A BRUXA.JPG
CAMILO - O DEMÔNIO DO OURO.JPG
CAMILO C.JPG
CAMILO, RÉU DOS MICRÓBIOS DE ESTILO.JPG
CAMINHA (PERO VAZ).JPG
CAMINHETA.JPG
CAMISOLA.JPG
CAMIÃO.JPG
CAMONIANO.JPG
CANA CAIANA - TEXTO.JPG
CANAIS CASSIQUIARI.JPG
CANASTRAS DE TROPA DE CARGA.JPG
CANCIONEIRO DA AJUDA.JPG
CANCIONEIRO DA VATICANA.JPG
CANCIONEIROS.JPG
CANCRO.JPG
CANDEEIRO OU CANDIEIRO - SN.JPG
CANDEEIRO.JPG
CANDI - 401.JPG
CANDI.JPG
CANDIDO LUSITANO - FRENTE - 157.JPG
CANDIDO LUSITANO - VERSO - 157.JPG
CANDIEIRO = CANDEEIRO.JPG
CANDIEIRO.JPG
CANDIRU.JPG
CANGAPÉ.JPG
CANGICA.JPG
CANTO CHORADO.JPG
CARAJO.JPG
CARAMBA - ESCOLHAMBAR - 401.JPG
CARAPETÕES.JPG
CARDÁPIO.JPG

CARICATURAS.JPG
CARLOS DE LAET VERSO DESTAQUE PARA RECORTE DE JORNAL 1.JPG
CARLOS DE LAET - VERSO - DESTAQUE PARA RECORTE DE JORNAL 3.JPG
CARLOS DE LAET - VERSO - DESTAQUE PARA RECORTE DE JORNAL 4.JPG
CARLOS DE LAET - VERSO - DESTAQUE PARA RECORTE DE JORNAL 5.JPG
CARLOS DE LAET - VERSO - DESTAQUE PARA RECORTE DE JORNAL 6.JPG
CARLOS DE LAET - VERSO - DESTAQUE PARA RECORTE DE JORNAL.JPG
CARLOS DE LAET - VERSO DESTAQUE PARA RECORTE DE JORNAL 2.JPG
CARLOS DE LAET - VERSO.JPG
CARLOS DE LAET E ORTOGRAFIA.JPG
CARLOS DE LAET.JPG
CAROLINA MAI-LO GONÇALVES.JPG
CAROLINA MICHAELIS - 154.JPG
CARPHOLOGIA - 401.JPG
CARPIDEIRAS.JPG
CARTA - MÁXIMO DE MOURA SANTOS.JPG
CARTA DE BENEDITO MOTEIRO SOARES - 10 DEZEMBRO DE 1941 - RESPOSTA DE PIO LOURENÇO CORRÊA - FRENTE.JPG
CARTA DE BENEDITO MOTEIRO SOARES - 10 DEZEMBRO DE 1941 - RESPOSTA DE PIO LOURENÇO CORRÊA - VERSO.JPG
CARTA DE BENEDITO MOTEIRO SOARES - 4 DEZEMBRO DE 1941 CONSULTA SOBRE ORTOGRAFIA - FRENTE.JPG
CARTA DE BENEDITO MOTEIRO SOARES - 4 DEZEMBRO DE 1941 CONSULTA SOBRE ORTOGRAFIA - VERSO.JPG
CARTA DE MIGUEL TENÓRIO D'ALBUQUERQUE - FRENTE.JPG
CARTA DE MIGUEL TENÓRIO D'ALBUQUERQUE - VERSO.JPG
CARTA DE SOUZA DA SILVEIRA - 17 DE DEZEMBRO DE 1935.JPG
CARTA DE SOUZA DA SILVEIRA - 7 DE MARÇO DE 1932.JPG
CARTA DR. FRANCISCO LARAYA - A.JPG
CARTA DR. FRANCISCO LARAYA - B.JPG
CARTA DR. FRANCISCO LARAYA - C.JPG
CARTA DR. FRANCISCO LARAYA - D.JPG
CARTA FLORIVAL SERAINE.JPG
CARTA FRANCISCO DE PAULA CAMARGO - FRENTE.JPG
CARTA FRANCISCO DE PAULA CAMARGO - VERSO.JPG
CARTA L. C. VILLELA.JPG
CARTA MÁXIMO DA MOURA SANTOS - FRENTE.JPG
CARTA MÁXIMO DA MOURA SANTOS - VERSO.JPG
CARTA PLC - BENEDITO MONTEIRO SOARES - FRENTE.JPG
CARVÃO,CARVOEIRO.JPG
CASA DE ORATES - AZORATAR - 401.JPG
CASAR - CASAR-SE - 331.JPG
CASTILHO - 106.JPG
CASTRO LOPES - 151.JPG
CASTRO LOPES - A - 151.JPG
CATINGA - ETIMOLOGIA - 401 - FRENTE.JPG
CATINGA - ETIMOLOGIA - 401 - VERSO.JPG
CAVALHEIRO DE OLIVEIRA.JPG
CAÇUÁ, JACÁ.JPG

CAÇUÁ.JPG
CAÍ-CAINDO.JPG
CECÍLIA VIEIRA DOS SANTOS.JPG
CEDILHA, CÊ CEDILHADO E COISAS CORRELATAS.JPG
CEIAR - ASSEIAR.JPG
CELHA OU SELHA.JPG
CELIBATO CLERICAL (2).JPG
CELIBATO CLERICAL.JPG
CENTRO INTELECTUAL DE JOVENS ARARAQUARENSES.JPG
CENTRO PAULISTA DO RIO.JPG
CERCILHO.JPG
CEREAIS (2).JPG
CEREAIS (3).JPG
CEREAIS.JPG
CERRAÇÃO (2).JPG
CERRAÇÃO.JPG
CETIM, SETIM (2).JPG
CETIM, SETIM.JPG
CETREIRO (2).JPG
CETREIRO.JPG
CH OU X.JPG
CH, K (2).JPG
CH, K.JPG
CH, PH.JPG
CH, TCH, X (2).JPG
CH, TCH, X (3).JPG
CH, TCH, X.JPG
CHAMAR DE - 331 - A (2).JPG
CHAMAR DE - 331 - B.JPG
CHAMAR DE - 331 - C.JPG
CHAMAR DE - 331.JPG
CHAMAR DE FEIO - 331.JPG
CHAMAR DE FEIO - VERSO - 331.JPG
CHAPERRÃO - 422 - FRENTE.JPG
CHAPERRÃO - 422 - VERSO.JPG
CHARRÔA - CHARRUA - 422.JPG
CHATEUBRIAND - 105.JPG
CHAVES DE MELO - SN.JPG
CHICANA.JPG
CIGANOS.JPG
CIO - CIUME - 401.JPG
CIPRESTE - ARCIPRESTE - 401.JPG
CITAÇÕES ESTROPIADAS QUE SÃO POLÊMICAS - 240 A.JPG
CITAÇÕES ESTROPIADAS QUE SÃO POLÊMICAS - 240.JPG
CITRUS.JPG
CIU - CIO - PIU - 614.JPG
CIUME - CIO - 401.JPG
CIUMES E CASTRAÇÃO DE RIVAL - EUNUCO - 934.JPG
CIÊNCIA.JPG

CLAREZA - APETITE DOCIBO - 318.JPG
CLIMA DO BRASIL - ASTROLOGIA - 913.JPG
CLUB ARARAQUARENSE.JPG
CLÁMIDE - CLAVUR - 234.JPG
CLÁSSICOS QUAIS SÃO - 201.JPG
COAGIR - AGIR - 431.JPG
COBRA CORAL - BOICORÁ - 401.JPG
COCHAR - ACOCHADO - 234.JPG
COCHO - COXE - 411.JPG
COCIENTE - CATORZE - 432.JPG
CODESSO NÃO CODÊÇO - 522.JPG
CODEX - PAPEL - 401.JPG
CODEÇO NÃO CODESSO - 522.JPG
COEXISTIR COM .JPG
COISA ALGUMA.JPG
COLECTIVOS.JPG
COLHÃO - COJONES - 401.JPG
COLHÃO - COJONES - CARAGO - CARAMBA - A - 401.JPG
COLHÃO - COJONES - CARAGO - CARAMBA - ANEXO - 401.JPG
COLHÃO - COJONES - CARAGO - CARAMBA - B - 401.JPG
COLHÃO - COJONES - CARAGO - CARAMBA - C - 401.JPG
COLHÃO - COJONES - CARAGO - CARAMBA - D - 401.JPG
COLHÃO - COJONES - CARAGO - CARAMBA - E - 401.JPG
COLHÃO - COJONES - CARAGO - CARAMBA - F - 401.JPG
COLOMBO E AS PLANTAS EPÍFITAS.JPG
COM DE OU SEM DE.JPG
COMER BARRIGA.JPG
COMIGO, CONSIGO.JPG
COMPARATIVOS DE SUPERLATIVOS.JPG
COMPROMETER - VERSO.JPG
COMPROMETER.JPG
COMUNISMO - 933.JPG
CONCISÃO - POUCAS PALAVRAS - ESCREVER - 241.JPG
CONCORDANCIA - VERSO.JPG
CONCORDANCIA.JPG
CONCORDÂNCIA A VIAGEM.JPG
CONCORDÂNCIA - CONTINUAÇÃO.JPG
CONCORDÂNCIA 2.JPG
CONCORDÂNCIA ENTRE VERBO E SUJEITO.JPG
CONCORDÂNCIA HOMEM E MULHER FORMOSOS.JPG
CONCORDÂNCIA LÓGICA OU DE SENTIDO.JPG
CONCORDÂNCIA.JPG
CONCORDÂNCIAS IRREGULARES DO VERBO SER.JPG
CONCORDÂNCIAS IRREGULARES.JPG
CONDUZIR-SE - DESTAQUE DO RECORTE DE JORNAL.JPG
CONDUZIR-SE.JPG
CONFORTÁVEL.JPG
CONLUIR - 234.JPG
CONNÔSTO - 507.JPG

CONSELHEIRO ACÁCIO - TARTUFO - 421.JPG
CONSIGNAR - SINAL - 524.JPG
CONSIGO - COMIGO - 413.JPG
CONSTAR DE - CONSTAR-ME - 331.JPG
CONSTATAR - VERSO.JPG
CONSTATAR.JPG
CONTAGIÃO, CONTÁGIO.JPG
CONTESTAR - RESPONDER - 422.JPG
CONTINUAÇÃO 1 (2).JPG
CONTINUAÇÃO 1 (3).JPG
CONTINUAÇÃO 1 A.JPG
CONTINUAÇÃO 1 B.JPG
CONTINUAÇÃO 1 C.JPG
CONTINUAÇÃO 1.JPG
CONTINUAÇÃO 2 (2).JPG
CONTINUAÇÃO 4.JPG
CONTO - MIL VEZES MIL OU UM MILHÃO - 422 VERSO.JPG
CONTO - MIL VEZES MIL OU UM MILHÃO - 422.JPG
CONTRA - 422.JPG
CONTRA = EM FRENTE - DEFRONTE - OPOSTO.JPG
CONTRATA.JPG
CONTROLE - CONTROLO, SUBTANTIVO - CONTROLAR.JPG
COPO DE ÁGUA.JPG
CORADOR - PÊSSEGO DE SEQUEIRO - 415.JPG
CORANCHIM - 401.JPG
CORAR - 611.JPG
CORAÇÃO MÚSCULO ÔCO - 241.JPG
CORNÉLIO PIRES.JPG
COROTE - 234.JPG
CORRUPTELA - 524.JPG
CORRUPTELAS - SN (2).JPG
CORRUPTELAS - SN.JPG
CORRUTELA - CORRUÇÃO - 524.JPG
CORRUTO - CORRUÇÃO - 524.JPG
CORRUTÍVEL - CORRUÇÃO - 524.JPG
CORRUÇÃO - 524.JPG
CORRÊ - CORRENDO - 312.JPG
CORRÊA - NOME DE FAMÍLIA - 503.JPG
CORÁ - BOICORÁ - 401.JPG
COSTUMES DEPRAVADOS DE ÍNDIOS - 933.JPG
COSTUMES NO NORTE DO BRASIL - 933.JPG
COURO DE ONÇA - 901.JPG
COUTO MAGALHÃES - GENERAL - 422.JPG
COZINHA E COZINHEIRO DE TROPA - 234.JPG
CPLC - 20220124_141402 - 431 - J - JAZER.JPG
CPLC - 317 - A MIM ME 2.JPG
CPLC - A - AMIGO 1.JPG
CRASES - 314.JPG
CRAVO - PIANO - 421.JPG

CREANÇO - SN.JPG
CREAR E CRIAR - 411 A.JPG
CREAR E CRIAR - 411.JPG
CREDO ORTOGRÁFICO DO AUTOR - SN.JPG
CREEM TÊM - 332.JPG
CRENA - 234.JPG
CRER POR QUERER - 611.JPG
CRESCER PARA ALGUÉM - 312.JPG
CRESCER PARA ALGUÉM - VERSO.JPG
CRESCER PARA ALGUÉM.JPG
CRETINA - 414.JPG
CRETINA.JPG
CRIA - SUBSTANTIVO - 422 - A.JPG
CRIA - SUBSTANTIVO - 422 - FRENTE.JPG
CRIA - SUBSTANTIVO - 422 - VERSO.JPG
CRIANÇO - 412.JPG
CRIANÇO.JPG
CRIAR E CREAR - 411.JPG
CRIAR SEMPRE - CREAR NUNCA - 231.JPG
CRIATURO - A - SN.JPG
CRIATURO - SN.JPG
CRÂNEO - CASCO - 421.JPG
CRÊM OU CREEM TEM OU TEEM - 332.JPG
CURIOSO ERRO DE OBSERVAÇÃO - SN.JPG
CURRUPÇÃO - CORRUÇÃO - 524.JPG
CÁ - LETRA.JPG
CÁGADO.JPG
CÁIS.JPG
CÁLAMO.JPG
CÂNDIDO LAGO.JPG
CÂNFORA - ALCANFOR - 401.JPG
CÂNFORA.JPG
CÃIMBAS.JPG
CÃIMBRAS.JPG
CÉRBERO, NÃO CERBÉRO.JPG
CÊSTO, CÊSTA (2).JPG
CÊSTO, CÊSTA.JPG
CÓDICE - PAPEL - 401.JPG
CÓDIGO CIVIL - CIVIL CÓDIGO - 421.JPG
CÓDIGO CIVIL - EMENDAS.JPG
CÓVO - CÔVO - NASSA - 234 (2).JPG
CÚRIA METROPOLITANA.JPG
D - DIVISÓRIA.JPG
D - DR. JORGE BERTOLASSO STELLA.JPG
D - DR. JOÃO MARCÍLIO JUNIOR.JPG
D - DR. JOÃO PIMENTA DE CASTRO.JPG
D. MÁRIO D'ÁPICE.JPG
DA. LYSETTE BAILLY - 15 MARÇO 40.JPG
DA. OLGA FERREIRA DE CAMPOS - 3ª ED. - EM 15 ABRIL 46.JPG

DA. OLGA FERREIRA DE CAMPOS 3ª ED. - EM 15 ABRIK 46.JPG
DANDY.JPG
DAR ÁS DE VILA.JPG
DE A PÉ - ANDAR A PÉ - 422.JPG
DE CABO A RABO.JPG
DE COMER - O COMER - 422.JPG
DE FORA PARTE - FRASE-FEITA.JPG
DE MÃO DE PAU.JPG
DE RESTO.JPG
DE VEZ EM QUANDO.JPG
DE VEZ EM VEZ.JPG
DE VICTOS FEIÇÃO.JPG
DE VIETOR FEIÇÃO.JPG
DECUMANO - FRENTE - SN.JPG
DECUMANO - VERSO - SN.JPG
DEFEITOS DA LÍNGUA PORTUGUESA.JPG
DEFEITOS DA LÍNGUA.JPG
DEMINUTIVOS (VIDE DIMIN...).JPG
DEMINUTIVOS - PEQUETITO , PEQUETITINHO.JPG
DEMINUTIVOS SENTIMENTAIS - VERSO.JPG
DEMINUTIVOS SENTIMENTAIS.JPG
DESAPONTAMENTO.JPG
DESDE - A LÍNGUA DO BRASIL - AGIR - PAG. 155 (FRENTE).JPG
DESDE - A LÍNGUA DO BRASIL - AGIR - PAG. 155 (VERSO).JPG
DESENHO DE MA - PIO CANÇANDO MACUCO 1915.PNG
DESINFELIZ.JPG
DESINQUIETO.JPG
DESINSARADO.JPG
DESPAUTÉRIO - 401.JPG
DESPEDIR.JPG
DESPROVER-SE.JPG
DESSERT.JPG
DESTAQUE - FICHA ANOTADA.JPG
DESTEMIDO.JPG
DESTRAGADO.JPG
DESTRAGOU = ESTRAGOU.JPG
DESTROIU.JPG
DESVENCELHAR OU DESVENCILHAR.JPG
DESVENCELHAR, DESVENCILHAR.JPG
DESVIRGAR, DESVIRGINAR.JPG
DETALHE.JPG
DETER = DETIVER.JPG
DEUS PADRE.JPG
DEVASSIDÃO NAS ALDEIAS PORTUGUESAS.JPG
DEVE DE VIVER, DE ESTAR.JPG
DEZEMBRINO LISBOA.JPG
DIACRONIA - 201.JPG
DIALECTO CAIPIRA DE SÃO PAULO - SN.JPG
DICONÁRIOS E TERMOS SCIENTÍFICOS - SN.JPG

DIEGO - DIEGO - 401.JPG
DIMINUTIVOS QUE NÃO DIMINUEM.JPG
DIRECTOR DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.JPG
DIRECTORIA GERAL DE ENSINO.JPG
DIZ QUE - VERSO.JPG
DIZ QUE.JPG
DIÁRIO DE SÃO PAULO - 21 - 2 - 1946 - A OBRA DE MÁRIO DE ANDRADE - ARTIGO DE JORNAL PARTE 2.JPG
DIÁRIO DE SÃO PAULO - 21 - 2 - 1946 - A OBRA DE MÁRIO DE ANDRADE - ARTIGO DE JORNAL.JPG
DONA CAROLINA MICHAELIS - VERSO - 164.JPG
DORIVAL ALVES.JPG
DR SEBASTIÃO PENTEADO JÚNIOR.JPG
DR. ALBERTO J. ROBBE - 26 MARÇO 40.JPG
DR. ALCIDES FERRARI - 16 MARÇO 40.JPG
DR. ALFREDO MESQUISTA - 25 MARÇO 1948 - 3ª ED..JPG
DR. ARMANDO DE CAMPOS - 16 MARÇO 40.JPG
DR. ASCAR MONTE.JPG
DR. CARVALHO FRANCO.JPG
DR. CLÁUDIO FERREIRA DE MELLO.JPG
DR. DÁCIO A. MORAES.JPG
DR. DÁCIO PIRES CORRÊA.JPG
DR. FRANCISCO DE PAULA CAMARGO - ENVELOPE.JPG
DR. FRANCISCO LARAYA - ENVELOPE.JPG
DR. FRANCISCO LARAYA.JPG
DR. FÁBIO DE SÁ BARRETO.JPG
DR. HELENO DA FONSECA QUINTANILHA JORDÃO.JPG
DR. JOAQUIM DE SOUSA PINHEIRO (2).JPG
DR. JOAQUIM DE SOUSA PINHEIRO.JPG
DR. JORGE BERTOLASSO STELLA.JPG
DR. JOSÉ TRAJANO MARCONDES MACHADO - 25 MARÇO 40.JPG
DR. JOÃO DE ALMEIDA LEITE MORAES.JPG
DR. JOÃO FERNANDO DE ALMEIDA PRADO - 26 MARÇO 40.JPG
DR. JOÃO MARCÍLIO JÚNIOR.JPG
DR. JOÃO PIMENTA DE CASTRO.JPG
DR. LUIZ CORCIONE (FRENTE).JPG
DR. MANUEL PENTEADO - ARARAQUARA - 7 ABRIL 40 (FRENTE).JPG
DR. MANUEL PENTEADO - ARARAQUARA - 7 ABRIL 40 (VERSO).JPG
DR. MESSIAS JUNQUEIRA - 17 FEVRO, 44.JPG
DR. MESSIAS JUNQUEIRA - 17 FEVRO. 44.JPG
DR. MOACYR PORTO - 30 MARÇO 40.JPG
DR. MÁRIO FERREIRA (5º TABELIONATO) - 26 MARÇO 40.JPG
DR. MÁRIO MARROQUINI - 19 ABRIL 40.JPG
DR. ORLANDO DRUMMOND MURGEL - ENVELOPE.JPG
DR. ORLANDO DRUMMOND MURGEL.JPG
DR. OVÍDIO PIRES DE CAMPOS - ENVELOPE.JPG
DR. OVÍDIO PIRES DE CAMPOS.JPG
DR. RAIMUNDO DE MENEZES.JPG
DR. RENATO BASTOS.JPG

DR. RODOLFO GARCIA.JPG
DR. RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA - CARTA RECEBIDA A.JPG
DR. RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA - CARTA RECEBIDA B.JPG
DR. RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA - CARTA RECEBIDA C.JPG
DR. RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA - CARTA RECEBIDA D.JPG
DR. RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA - CARTA RECEBIDA E.JPG
DR. RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA - ENVELOPE.JPG
DR. RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA - REGISTRO DE CARTA.JPG
DR. RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA.JPG
DR. WALTER AMARAL.JPG
DRA. EUDÓXIA DE OLIVEIRA PINTO - CARTÃO POSTAL - FRENTE.JPG
DRA. EUDÓXIA DE OLIVEIRA PINTO - CARTÃO POSTAL - VERSO.JPG
DRA. EUDÓXIA DE OLIVEIRA PINTO - ENVELOPE.JPG
DULCE CORRÊA VAZ.JPG
DÁTILES.JPG
DÊSSE, EM VEZ DE DÊSTE.JPG
DÚVIDA, INCERTEZA.JPG
E - DIVISÓRIA.JPG
E MAIS.JPG
EDITAR.JPG
ELE SEGUIDO DE SEU ANTECEDENTE POR CLAREZA.JPG
ELE, COM ANTECEDENTE.JPG
ELE, SEM ANTECEDENTE - VERSO.JPG
ELE, SEM ANTECEDENTE 2.JPG
EM CHEFE.JPG
EMPEDRENIDO.JPG
ENCICLOPÉDIA - DIVISÓRIA - PLANO DE SEÇÕES.JPG
ENCICLOPÉDIA - DIVISÓRIA 2 - PLANO DE SEÇÕES.JPG
ENEAS DE SAMPAIO PEIXOTO.JPG
ENEAS SAMPAIO PEIXOTO.JPG
ENVELOPE EM BRANCO A.JPG
ENVELOPE EM BRANCO.JPG
ERA BEM BOM DELLE.JPG
ESCOLHAMBAÇÃO OU ESCULHAMBAÇÃO - 401.JPG
ESCOLHAMBAÇÃO OU ESCULHAMBAÇÃO - RECORTE DE JORNAL 401.JPG
ESCRITORES BRASILEIROS E PORTUGUESES.JPG
ESCRITORES, JORNALISTAS.JPG
ESCULHAMBAR VIDE ESCOLHAMBAR - SN.JPG
ESCUTAR - 401.JPG
ESCUTAR - OUVIR - A - 422.JPG
ESCUTAR - OUVIR - B - 422.JPG
ESPÍRITO.JPG
ESTAMPEDE - STOMO - 423.JPG
ESTILO, VÍCIOS DO.JPG
ESTRANGEIRISMOS.JPG
ESTUDANTA.JPG
ESTUDAR A LÍNGUA - 200.JPG
ESTUPRO - DESVIRGINAR - 421.JPG
ESTURDIA - ESTÚRDIO - 234.JPG

ESTÚRDIO - ESTURDIA - 234.JPG
ESVOAÇAR - 331.JPG
ETIMOLOGIA - 400.JPG
ETIMOLOGIA E DICIONÁRIOS - 230.JPG
ETIMOLOGIA E SEMÂNTICA - 400.JPG
ETIMOLOGIA POPULAR - VAGABUNDO - VAGAMUNDO - 411.JPG
ETIMOLOGIA POPULAR - VONTADE DE ACERTAR - 400.JPG
ETIMOLOGIAS - GENERALIDADES - 400.JPG
ETIMOLOGIAS - SE O SEU CU SARARÁ - SOÇOCUSARARÁ - 401.JPG
ETIMÓNICO - 234.JPG
EU - PLURAL EUS - 411.JPG
EUNUCOS, CIUMES (2).JPG
EVENTAIL, AVENTAL.JPG
EXCEPTO - CONTINUAÇÃO.JPG
EXCEPTO 1.JPG
EXCEPTO.JPG
EXCERPTO OU EXCERTO.JPG
EXCETO.JPG
EÇA, GALICISMOS, CACOETES.JPG
F - DIVISÓRIA.JPG
F - FIGUEIREDO.JPG
F - FILÓLOGO, LINGUISTA, GLOTÓLOGO.JPG
F - FRAZES FEITAS.JPG
FACINOROSO - FACÍNORA.JPG
FALA - FALANDO, RALHA - RALHANDO - VERSO.JPG
FALA - FALANDO, RALHA - RALHANDO.JPG
FALAR VERDADE.JPG
FAMÍLIAS ZOOLÓGICAS - ÍDEOS, IDAE, IDAS (VERSO).JPG
FANTASMA.JPG
FAZENDAS - FAZENDA DE RAIZ - 422.JPG
FAZER-SE DE NOVAS.JPG
FICHA COM RECORTE DE JORNAL - QUESTÕES GRAMATICAIS.JPG
FICHA EM BRANCO - SN.JPG
FICHAS - DIVISÓRIA.JPG
FICHAS DE ESTUDO - ATALHO.LNK
FICHAS DE LINGUAGEM XLIII - O IMPARCIAL - 6 DE DEZEMBRO DE 1936 - BOCÓ - BOGÓ - MOCÓ.JPG
FIGUEIREDO.JPG
FILÓLOGO, LINGUISTA OU GLOTÓLOGO.JPG
FITAR CONTINUAÇÃO 1.JPG
FITAR CONTINUAÇÃO.JPG
FLAMÍNIO RAMALHO JR..JPG
FLEME OU FLAME A - 401 - FRENTE.JPG
FLORIVAL SERAINE - ENVELOPE.JPG
FOLHA DA MANHÃ.JPG
FOME - FAME - 401.JPG
FORRAGEM - 401 - FRENTE.JPG
FORRAGEM - 401 - VERSO.JPG
FPCL - FICHA 203 C - CARTOLINA - 15,3 X1 0,2 - FRENTE ZEKE.JPG

FPCL - FICHA 203 D - SULFITE - 15,2 X 10,2 - FRENTE - ZEKE.JPG
FPLC - ENVELOPE 311 -COM FICHA SN - SULFITE - 16,3 X 11,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - ENVELOPE 311 -COM FICHA SN - SULFITE - 16,3 X 11,2 - VERSO ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 202 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 203 A - CARTOLINA - 15,3 X 10, 2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 203 B - CARTOLINA - 15,3 X 10, 2 - VERSO ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 203 B - CARTOLINA - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 204 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 204 A - FRENTE CARTOLINA - 15,3 X 10,2.JPG
FPLC - FICHA 204 B - FRENTE - CARTOLINA - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 204 D - CARTOLINA - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 234 A - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 234 B - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 234 C - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 317 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 341 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 341 A FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 341 B FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 341 FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 411 - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 411 A - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 411 B - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 411 C - SULFITE - 15,2 X 10,3 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 411 C - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 411 FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 412 - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 413 A - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 413 B -SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 421 - FRENTE - ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 421 - SULFITE - 15,3 X 10, 2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 421 - SULFITE - 15,3 X10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 421 B - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 423 - SULFITE - 15,3 X 110,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 423 - SULFITE - 15,3 X 110,2 - FRENTE.JPG
FPLC - FICHA 502-19 B - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 506 - FRENTE - ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 507 B - CARTOLINA - 15,3 X 10, 2 - VERSO ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 - 1.2 FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 - 3.2- FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 - 4.2 - VERSO ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 - F - CARTOLINA - 15,3 X 10,2 - VERSO ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 A - 1.4 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 A - 2.4 VERSO ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 A - 4.4 - VERSO ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 A- 3.4 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 A- FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 C - CARTOLINA - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG

FPLC - FICHA 526 D - CARTOLINA - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 D - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 E - CARTOLINA - 15,3 X 10,2 - FENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 E - CARTOLINA 15, 3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 F - CARTOLINA - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 G- CARTOLINA - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 526 H - CARTOLONA - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 602 - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA 922 - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA SN 421.1 FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA SN DENTRO DE ENVELOPE 311 - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC - FICHA SN - 412.1 - SULFITE - 15,3 X 10,2 - FRENTE ZEKE.JPG
FPLC = FICHA 204 B - FRENTE 15,3 X 10,2 - CARTOLINA ZEKE.JPG
FPLC- FICHA 203 FRENTE ZEKE.JPG
FRANCISCO DE PAULA CAMARGO DR. - SN.JPG
FRAZES FEITAS.JPG
FREI FRANCISCO DE SÃO LUIS - FRENTE - 160.JPG
FREI FRANCISCO DE SÃO LUIS - VERSO - 160.JPG
FREI LUIS DE SANT'ANA - 8 ABRIL 40.JPG
FRIA.JPG
FULA DE RAIVA - 312 - FRENTE.JPG
FULA DE RAIVA - 312 - VERSO.JPG
G - DIVISÓRIA.JPG
GARRET.JPG
GEMER, GEMIDOS.JPG
GENERAL ASSIS BRASIL.JPG
GENTIL MARTINS.JPG
GENTIO, GENTARADA.JPG
GERALDO BLAIM.JPG
GLADSTONE CHAVES DE MELO - SN.JPG
GLOSSÁRIOS - 232.JPG
GONÇALVES DIAS.JPG
GONÇALVES VIANA - 149.JPG
GONÇALVES VIANA - CARTA DO AUTOR DO FICHÁRIO - 149.JPG
GONÇALVES VIANA - LAPSO GRAVE - 149.JPG
GONÇALVES VIANA - LAPSO GRAVE.JPG
GONÇALVES VIANA - SEU VALOR - 149.JPG
GONÇALVES VIANA CITADO NA FICHA 251 - CAMÕES EMENDADO.JPG
GRAFIA E PRONÚNCIA.JPG
GRAMÁTICAS (V. TAMBÉM GRAM. PORT. AQUI AO PÉ).JPG
GRAMÁTICOS.JPG
GRAOS PRERIFRÁSTICOS.JPG
GRÓ OU GRÓG OU GROGUE - 401.JPG
GUERRA - 401.JPG
GUILHERME DE ABREU IZIQUE.JPG
GÊNERO DE SUBSTANTIVOS.JPG
H - DIVISÓRIA.JPG
HA OU HAVIA - VERSO.JPG

HA OU HAVIA 0.JPG
HA OU HAVIA 2 - VERSO.JPG
HA OU HAVIA 2.JPG
HA OU HAVIA 3 - VERSO.JPG
HA OU HAVIA 3.JPG
HA OU HAVIA 4 - VERSO.JPG
HA OU HAVIA 4.JPG
HA OU HAVIA 5 - VERSO.JPG
HA OU HAVIA 5.JPG
HA OU HAVIA 6 - VERSO.JPG
HA OU HAVIA 6.JPG
HA OU HAVIA.JPG
HAVER DO PESO - SN.JPG
HAVIAM, HAVIA.JPG
HEMORROIDAS.JPG
HEMORRÓIDAS - HEMORRÓDIAS.JPG
HEORTÔNIMO - DESIGNAÇÃO GENÉRICA DE NOMES QUE INDICAM FESTIVIDADES.JPG
HERMAM HUMMEL (FRENTE).JPG
HERMAM HUMMEL (VERSO).JPG
HINO NACIONAL BRASILEIRO.JPG
HIPOCAFOSE.JPG
HISTÓRIA DA LÍNGUA.JPG
HOJE É CINCO DE JUNHO.JPG
HOMÓGRAFOS.JPG
HOUVERAM, HOUVESSEM, HOUVESE 2.JPG
HOUVERAM, HOUVESSEM, HOUVESSE 1 - VERSO.JPG
HOUVERAM, HOUVESSEM, HOUVESSE 1.JPG
HOUVERAM, HOUVESSEM, HOUVESSE 2 - VERSO.JPG
I - DIVISÓRIA.JPG
I - ILMO. PROF. JOÃO DE TOLEDO.JPG
I-NHIBIR.JPG
IDIOTA - A - 422.JPG
IDIOTA - FRENTE - 422.JPG
IDIOTA - VERSO - 422.JPG
IDIOTISMOS.JPG
IGNORÂNCIA COMO COLABORADORA DE SENTIDOS NOVOS.JPG
IGREJA - 411 - BEIJO - 240 - EGREJA.JPG
IMAGO, IMAGINIS (VEM DO ANVERSO).JPG
IN CONTINENTE.JPG
INFINITOS BIBLIOGRAFIA VERSO.JPG
INFINITOS BIBLIOGRAFIA.JPG
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO.JPG
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO.JPG
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO AMAZONAS.JPG
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL.JPG
IRMÃ MARIA DA ASSUMPÇÃO.JPG
J - DIVISÓRIA.JPG
J - JOAQUIM VIEIRA DOS SANTOS.JPG

J - JOSÉ LIA (5 EXEMPLARES).JPG
JABOATÃO - SN.JPG
JOAQUIM DA SILVEIRA VERSO.JPG
JOAQUIM GABRIEL DE CARVALHO.JPG
JOAQUIM VIEIRA DOS SANTOS.JPG
JOCELYN AUGUSTO BORBA - 23 ABRIL 40.JPG
JOSÉ DE ARRUDA CAMPOS - 7 ABRIL 40.JPG
JOSÉ LIA.JPG
JOSÉ MARIA DE SAMPAIO CORRÊA - 25 MARÇO 40.JPG
JOSÉ VERÍSSIMO.JPG
JOÃO BATISTA BIANCHI.JPG
JOÃO BATISTA DE CAMPOS AGURRA.JPG
JOÃO BATISTA PEREIRA DE ALMEIDA - 5 ABRIL 40.JPG
JOÃO BATISTA PEREIRA DE ALMEIDA.JPG
JOÃO BORBA E VIRGÍNIA.JPG
JOÃO BORBA JÚNIOR.JPG
JOÃO FRANCISCO LISBOA.JPG
JÁ TUDO É CINZAS.JPG
JÚLIO MOREIRA - 150.JPG
JÚLIO NOGUEIRA - SN.JPG
K - DIVISÓRIA.JPG
L - DIVISÓRIA.JPG
L - LÍNGUA BRASILEIRA - ARTIGO DE 8-7-1935 - O ESTADO DE SÃO PAULO - ASSINADO V CY.JPG
LAGE OU LAJE - 401.JPG
LATINO COELHO.JPG
LAUDELINO FREIRE - DESTAQUE PARA O RECORTE DE JORNAL 2.JPG
LAUDELINO FREIRE - DESTAQUE PARA O RECORTE DE JORNAL.JPG
LAUDELINO FREIRE - SN A.JPG
LAUDELINO FREIRE - SN.JPG
LAUDELINO FREIRE - VERSO.JPG
LAUDELINO FREIRE.JPG
LEIS FONÉTICAS.JPG
LEIS QUE REGULAM AS LÍNGUAS.JPG
LEITE DE VASCONCELOS - 144.JPG
LEMBRAR - 401.JPG
LEVADO DO DIABO - LEVAR O DIABO - 422.JPG
LEVANTAR-SE EM PÉ (QUEM ESTÁ DEITADO OU ASSENTADO).JPG
LEVAR A ESTRADA ANDAR VIAJAR POR ELA - 421.JPG
LHE MENTIU AO SENHOR.JPG
LINGUA SINCRÓNICA - VEJA SINCRONIA.JPG
LO LA - 401.JPG
LOURDES CORRÊA - EM 27 AGOSTO 1948.JPG
LUA DE MEL - 421.JPG
LUCI, IOLANDA - 15 MARÇO 40.JPG
LUFA LUFA (2).JPG
LUIS GUIMARÃES BASTOS - 17 MARÇO 40.JPG
LUIZ CORCIONE - CARTÃO DE VISITA PRESO À FICHA.JPG
LUSISMOS - LÉXICOS POPULARES E PLEBEUS.JPG

LUSSANVIRA - FRENTE - 422.JPG
LUSSANVIRA - VERSO - 422.JPG
LUXO - 422.JPG
LÍLIA CORRÊA SCHMITT - 1938.JPG
LÍLIA CORRÊA SCHMITT - 28 OUTO. 40.JPG
LÍNGUA DIACRÔNICA - VEJA DIACRONIA.JPG
LÍNGUA E ESTILO - VEJA UM, UMA, MICROBIOS DO.JPG
LÍNGUA E LÓGICA - 220 - A GRAMÁTICA E A LÍNGUA - 240 - CRÍTICA MIUDA.JPG
LÍNGUA ESCRITA E LÍNGUA FALADA - 201 - FRENTE.JPG
LÍNGUA ESCRITA E LÍNGUA FALADA - 201 - VERSO.JPG
LÍNGUA GERAL.JPG
LÍNGUA PORTUGUESA - O ESTADO DE SÃO PAULO - 20 DE OUTUBRO DE 194X - A.JPG
LÍNGUA PORTUGUESA - O ESTADO DE SÃO PAULO - 20 DE OUTUBRO DE 194X - B.JPG
LÍNGUA PORTUGUESA - O ESTADO DE SÃO PAULO - 23 DE OUTUBRO DE 1946.JPG
LÍNGUA PORTUGUESA - SN - FICHA (2).JPG
M - DIVISÓRIA.JPG
MACHA - FÊMEO.JPG
MACHADO DE ASSIS 2.JPG
MACHADO DE ASSIS GALICISTA VERSO.JPG
MACHADO DE ASSIS GALICISTA.JPG
MACHADO DE ASSIS.JPG
MACHO - MACHA - FÊMEA - FÊMEO - CONTINUAÇÃO.JPG
MACHO - MACHA - FÊMEA - FÊMEO.JPG
MACHO.JPG
MADEIRAS.JPG
MAIOR BOA FÉ.JPG
MAIS MÍNIMO.JPG
MAIS RUIM - CONTINUAÇÃO.JPG
MAIS RUIM.JPG
MAIS RUINS - MAIS BONS .JPG
MAIS RUINS, MAIS BONS - CONTINUAÇÃO.JPG
MALDIZER - DIZER MAL DE - 421.JPG
MANUEL DE CASTRO VILAS-BOAS - 12 NOV. 1944.JPG
MATIAS ARRUDÃO - CIDADE TRISTE (COM RECORTE DE JORNAL) - (FRENTE).JPG
MATIAS ARRUDÃO - CIDADE TRISTE.JPG
MBUBOCA - CORAL - BOI-CORÁ.JPG
MEDEIROS E ALBUQUERQUE.JPG
MEIA - ADV. - CONTINUAÇÃO..JPG
MEIA OCULTA.JPG
MEIA, ADV..JPG
MELHOR.JPG
METÁTESES.JPG
MIGUEL TENÓRIO DE ALBUQUERQUE - ENVELOPE.JPG
MIGUEL TENÓRIO DE ALBUQUERQUE - SN.JPG

MINGUINHO - 234.JPG
MIXTÃO OU MISTÃO = MISTURA.JPG
MODERNISMO W MODERNISTAS - ESCREVER MAL.JPG
MODÊLO - DIVISÓRIA.JPG
MOMENTO.JPG
MONSENHOR RODOLFO DELGADO - 156.JPG
MONSENHOR RODOLFO DELGADO - A - 156.JPG
MOSTEIRO DE SÃO BENTO - PARA A BIBLIOTECA = 30 MARÇO 40.JPG
MOSTEIRO DE SÃO BENTO - RIO DE JANEIRO - 19 ABRIL 40.JPG
MUITO GRANDÍSSIMA (2).JPG
MUITO GRANDÍSSIMA.JPG
MUNDICE - IMUNDÍCIE - A - 422.JPG
MUNDICE - IMUNDÍCIE - FRENTE - 422.JPG
MUNDICE - IMUNDÍCIE - VERSO - 422.JPG
MÀRIOZINHO - 22 MARÇO 40.JPG
MÁRIO BARRETO.JPG
MÁRIO DE ANDRADE (FUTURO MUSEU).JPG
MÁRIO DE ANDRADE - 15 MARÇO 1940.JPG
MÁXIMO DE MOURA SANTOS - ENVELOPE.JPG
N - DIVISÓRIA.JPG
NAIR - 14 MAIO 40.JPG
NASSA CÓVO CÔVO - 234.JPG
NASSA CÓVO CÔVO - 234A.JPG
NEGATIVAS 2 - VERSO.JPG
NEGATIVAS 2.JPG
NEGATIVAS 3.JPG
NEGATIVAS ENFÁTICAS.JPG
NEGATIVAS PLEONÁSTICAS.JPG
NEGATIVAS QUE AFIRMAM.JPG
NEGATIVAS.JPG
NEMJA - 234.JPG
NEOLOGISMOS REFUGADOS POR RUI.JPG
NEOLOGISMOS.JPG
NEWTON MAIA - 1938 - ENVELOPE.JPG
NGUA FALADA (2).JPG
NGUA FALADA.JPG
NICOLAU TOLENTINO.JPG
NINGUÉM DIZIA TANTO - CONTINUAÇÃO.JPG
NINGUÉM DIZIA TANTO.JPG
NINGUÉM NÃO APARECEU.JPG
NO MANS IS ALWAYS WEIS.JPG
NO TEMPO DO ONÇA.JPG
NOMENCLATURAS SCIENTÍFICAS, NOMENCLATURAS GEOGRÁFICAS.JPG
NOMES DOS NIPES NAS CARTAS DE JOGOS - 422.JPG
NOMES SCIENTÍFICOS, NOMES GEOGRÁFICOS.JPG
NOMES.JPG
NONES - NUNES - 234.JPG
NORUEGA.JPG
NOS (PRONOME OBLÍQUO), SUJEITO DA ORAÇÃO..JPG

NOSSA SENHORA DAS CANDÊIAS.JPG
NOSSO REI - REI NOSSO.JPG
NOTÍCIA DE TORTO.JPG
NOVI-LATINO.JPG
NOVO-LATINO.JPG
NUA E CRUA.JPG
NUDEZ DO HOMEM.JPG
NUM VÊ QUE.JPG
NUNCA JAMAIS.JPG
NUNES.JPG
NUPER.JPG
NYLON - 422 A.JPG
NYLON - 422.JPG
NÓS - OUTROS.JPG
NÓS EM VEZ DE EU.JPG
NÓS NOS.JPG
NÓS NÃO É O MESMO QUE EUS.JPG
NÓS OUTROS.JPG
NÓS-OUTROS - VÓS-OUTROS - 423.JPG
O - DIVISÓRIA.JPG
O - ORAÇÕES - SUJEITO - COMPLEMENTO - DIVISÓRIA.JPG
O AMOR EM PORTUGAL.JPG
O BRASIL NO CONCERTO DAS NAÇÕES.JPG
O DEMÔNIO DO OURO - CAMILO - LISBOA - 1874.JPG
O DUELO, A INJÚRIA E A CALÚNIA.JPG
O IMPARCIAL - 21 DE MAIO DE 1936 - RECORTE.JPG
O INFERNO, SEGUNDO PE. ALEXANDRE PERIER.JPG
O LUGAR DO PRONOME.JPG
O MISTÉRIO ESTÁ EM TODA PARTE 911.JPG
O PORTUGUÊS NO BRASIL - CONTINUAÇÃO.JPG
O PORTUGUÊS NO BRASIL.JPG
O TRABALHO....JPG
O VERBO HAVER.JPG
O VERBO IR - SEMÂNTICA - 421 A.JPG
O VERBO IR - SEMÂNTICA - 421.JPG
OLIVEIRA LIMA.JPG
ORTOGRAFIA - A - SN.JPG
ORTOGRAFIA - B - SN.JPG
ORTOGRAFIA - C - SN.JPG
ORTOGRAFIA - D - SN.JPG
ORTOGRAFIA - E - SN.JPG
ORTOGRAFIA - F - SN.JPG
ORTOGRAFIA - SN.JPG
ORTOGRAFIA DO AUTOR DO FICHÁRIO - SN.JPG
ORTOGRAFIA OFICIAL - 1911 - 1920.JPG
ORTOGRAFIA OFICIAL - 1931.JPG
ORTOGRAFIAS, DIVERGÊNCIAS - DIVISÓRIA.JPG
OS CHINS.JPG
OS PAULISTAS - OS BANDEIRANTES - 933.JPG

OSCAR FERRAZ DE MATOS.JPG
OSTIANO CORRÊA - CARTA.JPG
OSTIANO CORRÊA - ENVELOPE.JPG
OTHONIEL MOTTA - 159.JPG
OUTRO DIA - HÁ POUCO TEMPO - 423 - FICHA TACHADA.JPG
OUTRO DIA - HÁ POUCO TEMPO - 423.JPG
OVOS DE TARTARUGA.JPG
OVOS, E MANTEIGA DE OVOS DE TARTARUGA.JPG
OVOS, MANTEIGA DE.JPG
OVÍDEO PIRES DE CAMPOS - CARTÃO - FRENTE.JPG
OVÍDEO PIRES DE CAMPOS - CARTÃO - VERSO.JPG
P - DIVISÓRIA.JPG
PALAVRAS E SENTIDO - 422.JPG
PANTALEÃO DE AVEIRO - 152 (2).JPG
PANTALEÃO DE AVEIRO - 152 .JPG
PANTALEÃO DE AVEIRO 2.JPG
PANTALEÃO DE AVEIRO 3.JPG
PANTALEÃO DE AVEIRO.JPG
PARA CIMA - PARA BAIXO.JPG
PARTICÍPIOS IRREGULARES OU CONTRAÍDOS.JPG
PARTILHAR NÃO É PARTAGER.JPG
PARTITIVO.JPG
PARVOA.JPG
PASMADO E PASMO.JPG
PASMO E PASMADO.JPG
PASSANTE DE .JPG
PASSARINHO.JPG
PASSARO AVE.JPG
PASSEAR.JPG
PASSEIAR - ASSEIAR.JPG
PE TASTEVIN - 232.JPG
PE. ANTÔNIO VIEIRA 2.JPG
PE. ANTÔNIO VIEIRA 3.JPG
PE. ANTÔNIO VIEIRA.JPG
PE. BRUNO WELTER.JPG
PE. JERONYMO BRASIL DE CARVALHO.JPG
PE. MANOEL BERNARDES ACABOU LOUCO.JPG
PELONASMOS - SN.JPG
PERCALÇO - PRECALÇO (2).JPG
PERCALÇO - PRECALÇO.JPG
PERGUNTAR E PREGUNTAR (2).JPG
PERGUNTAR E PREGUNTAR - VERSO (2).JPG
PERGUNTAR E PREGUNTAR - VERSO.JPG
PERGUNTAR E PREGUNTAR.JPG
PERIÓDICOS.PNG
PERSONAGEM.JPG
PERTENDER E PRETENDER (2).JPG
PERTENDER E PRETENDER.JPG
PIANO CRAVO - 421.JPG

PICHOTE - PIXOTE - 234.JPG
PIDEIRO - PIDONHO - 234.JPG
PIDONHO - 234.JPG
PIDÃO - PIDONHO - 234.JPG
PIGARRA - GOGO.JPG
PINDORAMA - FRENTE - 422.JPG
PINDORAMA - VERSO - 422.JPG
PIO CORRÊA DE ALMEIDA MORAES - 15 MARÇO 40.JPG
PISS POT VERSO.JPG
PITUN.JPG
PLANO DE ENCICLOPÉDIA.JPG
PLEBEÍSMOS - SN.JPG
PLURAL DOS NOMES EM ÃO.JPG
PLÍNIO AYROSA E GLADSTONE CHAVES DE MELO.JPG
PLÍNIO AYROSA.JPG
POLÊMICA AFONSO TAUNAY - CÂNDIDO FIGRDO.JPG
PONTUAÇÃO - DIVISÓRIA.JPG
PORTUCALE - 5 ABRIL 40.JPG
PORTUGAL E OS PORTUGUÊSES NO JAPÃO.JPG
PORTUGAL E OS PORTUGUÊSES, SEUS DEFEITOS.JPG
PORTUGUÊS NO BRASIL - FONÉTICA BRASILEIRA - 621 - FRENTE.JPG
PORTUGUÊS NO BRASIL - FONÉTICA BRASILEIRA - 621 VERSO.JPG
POVO - SN.JPG
PRALINADAS.JPG
PREFERIA (PERIFERIA) (2).JPG
PREFERIA (PERIFERIA).JPG
PREGUNTAR.JPG
PREPENDICULAR (2).JPG
PREPENDICULAR.JPG
PREVERSÃO - PERVERSÃO (2).JPG
PREVERSÃO - PERVERSÃO.JPG
PROCÓPIO DE OLIVEIRA - 23 DE ABRIL 40.JPG
PROF MÁXIMO DE MOURA SANTOS - SN.JPG
PROF. ALBERTINO PINHEIRO - 19 ABRIL 40.JPG
PROF. AUGUSTO CEZAR.JPG
PROF. DR. JOSÉ DE ALCÂNTARA MACHADO DE OLIVEIRA - 29 MARÇO 40.JPG
PROF. DR. MANUEL AUGUSTO PIRAJÁ DA SILVA - 30 MARÇO 40.JPG
PROF. DR. OTHONIRL MOTA (14 MARÇO 40).JPG
PROF. JURANDYR GONÇALVES FERREIRA - 19 ABRIL 40.JPG
PROF. LUIS DE CARVALHOSA - 3 ABRIL 40.JPG
PROF. TEODORO DE MARINS PEIXOTO.JPG
PROMENORES - PORMENORES (2).JPG
PROMENORES - PORMENORES.JPG
PRONOMES EM PORTUGAL E NO BRASIL - NÃO HA REGRAS.JPG
PUNIR POR - PLEITEAR A FAVOR DE - 422.JPG
PURURUCA.JPG
Q - DIVISÓRIA.JPG
QUARTENÁRIO, QUATERNÁRIO (2).JPG
QUARTENÁRIO, QUATERNÁRIO.JPG

QUE FARTE.JPG
QUE NEM, COMO, TAL COMO.JPG
QUESTÕES GRAMATICAIS - RECORTE INTEIRO.JPG
QUIRINO CAMPOFIORITO.JPG
R - DIVISÓRIA.JPG
RECIBO BIBLIOTECA NACIONAL .JPG
RECIBO BIBLIOTECA NACIONAL A.JPG
RECIBO BIBLIOTECA NACIONAL B.JPG
RECORTE - TIPOS QUE DESAPARECEM.JPG
RECORTE DE JORNAL - BIBLIOTECA DE ESTUDOS BRASILEIROS.JPG
RECORTE DE JORNAL - O ESTADO DE S. PAULO - 6 ABRIL 1952 - MISSÃO CULTURAL PORTUGUESA.JPG
REFERÊNCIAS PESSOAIS - DIVISÓRIA.JPG
REFERÊNCIAS PESSOAIS A ESCRITORES - SN.JPG
RENATINHO BASTOS.JPG
RENATO MENDONÇA - CARTÃO - FRENTE.JPG
RENATO MENDONÇA - CARTÃO - VERSO.JPG
RENATO MENDONÇA.JPG
RESULTAR - 422.JPG
RESULTAR - A - 422.JPG
REUATUATÁ - TUPI - 00.JPG
REV. SNR. D. JOSÉ WOLFGANG - NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO - 30 MARÇO 40.JPG
REVISTA DE CULTURA.JPG
RIBEIRO DE VASCONCELOS - 161.JPG
RINHA - REBÔLO - 422.JPG
RINHA - TEXTO DIGITADO - FICHA 422.JPG
RINHA - TEXTO DIGITADO.JPG
RIO DE ANDRADE (2).JPG
RIO DE ANDRADE 3 (2).JPG
RIO DE ANDRADE 4 (2).JPG
RIO DE ANDRADE CONTINUAÇÃO (2).JPG
RIO DE JANEIRO - SN.JPG
RODOLFO MOURA - RODOLFINHO.JPG
ROGÉRIO PINTO FERRAZ - CARTA.JPG
ROGÉRIO PINTO FERRAZ - ENVELOPE.JPG
ROSA - GÜL - ETIMOLOGIAS - SN.JPG
RUGENDAS.JPG
RUI BARBOSA VERSO.JPG
RUI BARBOSA 2 - DESTAQUE PARA O RECORTE DE JORNAL.JPG
RUI BARBOSA 2.JPG
RUI BARBOSA 3.JPG
RUI BARBOSA E O I - VERSO.JPG
RUI BARBOSA E O I.JPG
RUI BARBOSA.JPG
RUMENO (VEJA ROMENO).JPG
S - DIVISÓRIA.JPG
SACAUNA - 202 - FRENTE.JPG
SACAUNA - 202 - VERSO.JPG

SAID ALI - 158.JPG
SALVAGE.JPG
SAMBAQUIS.JPG
SAPATÃO.JPG
SAPTÃO - 234.JPG
SAPUCÁIA - 424.JPG
SAUDADE - 423 - FRENTE.JPG
SAUDADE - 423 - VERSO.JPG
SAUDADE - 423 A - FRENTE.JPG
SAUDADE - 423 A - VERSO.JPG
SAUDADE - 423.JPG
SAÚDE E FRATERNIDADE - 422.JPG
SAÚVA - 202 - FRENTE.JPG
SAÚVA - 202 - VERSO.JPG
SCIÊNCIA - NÃO ABANDONE A BUSCA ANTES DE CONSULTAR A DIVISÃO DA LETRA C.JPG
SCIÊNCIA DA LINGUAGEM.JPG
SE POSSO DIZER LATAS - INHAS, RATOS - INHOS, MENINOS-INHOS.JPG
SE SUJEITO DE ORAÇÃO CONTINUAÇÃO.JPG
SEMÂNTICA - GENERALIDADES.JPG
SERPENTES QUE MAMAM - ASNEIRA.JPG
SERRAÇÃO - VER CERRAÇÃO.JPG
SILVA RAMOS - 164 (2).JPG
SILVA RAMOS - A - 164.JPG
SINCRONIA - 201.JPG
SINCRONISMO - 201.JPG
SINHÁ VAZ E SEUS FILHOS.JPG
SINTAXE NOVA - VEJA NÊSTE ÍNDICE, SOB DE.JPG
SN - ARAÇÁ DO PÂNTANO E MALEITAS.JPG
SN - GEOMETRIAS.JPG
SN - L - LHES SUJEITO DE ORAÇÃO.JPG
SN - LINGUAGEM - FICHA (2).JPG
SN - T - TUPI.JPG
SN - U - UM SUBSTANTIVO VAI PARA O PLURAL SE HÁ DE CONCORDAR COM ADJECTIVOS.JPG
SN - U - UM SUBSTANTIVO VAI PARA O PLURAL SE HÁ DE CONCORDAR COM O ADJECTIVO.JPG
SNR. PROF. JOÃO DE TOLEDO.JPG
SO SO CU SARARA - BUSQUE SOÇOCUSARARÁ NESTE ÍNDICE.JPG
SOANO [ILEGÍVEL] BARBOSA - 153.JPG
SOFRER E PADECER - 421.JPG
SOL - POSTINHO (2).JPG
SOL - POSTINHO.JPG
SOLEIRA - SOALHEIRA - 422.JPG
SOLÁS.JPG
SOUSA DA SILVEIRA - 163.JPG
SOUSA DA SILVEIRA - A - FRENTE - 163.JPG
SOUSA DA SILVEIRA - A - VERSO - 163.JPG
STAMPEDE - ESTOMO - 423.JPG

SUBSTANTIVO A CONCORDAR COM O ADJECTIVO.JPG
SUCESSO - 421 - FRENTE.JPG
SUCESSO - 421 - VERSO.JPG
SUCESSO - ACONTECIMENTO - 421 - FRENTE.JPG
SUCESSO - ACONTECIMENTO - 421 - VERSO.JPG
SUCESSO - ACONTECIMENTO - 421.JPG
SUJEITO.JPG
SUPER.JPG
SUPERSTIÇÕES, ORÁCULOS.JPG
T - DIVISÓRIA.JPG
TAIASSÚ.JPG
TAMALAVEZ.JPG
TAMANDUÀGUASSÚ - SN.JPG
TANGA COM PAPAGIO (2).JPG
TANGA COM PAPAGIO.JPG
TANTO OU MAIS DO QUE.JPG
TANTO OU MELHOR QUE VÓS.JPG
TANTO OU MENOS QUE.JPG
TAR.JPG
TARTUFO - CONSELHEIRO ACÁCIO - ACACIANO - 234.JPG
TARTUFO - CONSELHEIRO ACÁCIO - ACACIANO - 421.JPG
TARTUFO - CONSELHEIRO ACÁCIO - ACACIANO - 421.JPG
TATARANA - TATORANA - TATAURANA - 234 - FRENTE.JPG
TATARANA - TATORANA - TATAURANA - 234 - VERSO.JPG
TATORANA - TATAURANA - TATAURÃ - 202 - FRENTE.JPG
TATORANA - TATAURANA - TATAURÃ - 202 - VERSO.JPG
TATORANA - TATAURANA - TATAURÃ - 234 - FRENTE.JPG
TEIA OU COMO DANTES SE ESCREVIA TÊA.JPG
TEMA, RADICAL, AFIXOS.JPG
TEMERAR - TEMERÁRIO - INTEMERATO - TIMORATO - TENTAR - 421 - FRENTE.JPG
TEMERAR - TEMERÁRIO - INTEMERATO - TIMORATO - TENTAR - 421 - VERSO.JPG
TEMPO VERBAL V TEMPOS DE VERBOS.JPG
TEMPORÃOS OU TEMPORÕES.JPG
TEODOLINGO CASTIGLIONI.JPG
TER - HAVER - 422 A.JPG
TER - HAVER - 422 B.JPG
TER - HAVER - 422.JPG
TER QUE IR, TENHO QUE ESCREVER.JPG
TESCHAUER PE CARLOS - 232 .JPG
TEXTO ACENTUAÇÃO 1.JPG
TEXTO ACENTUAÇÃO 2.JPG
TEXTO ACENTUAÇÃO 3.JPG
TEXTO ACENTUAÇÃO 4.JPG
TEÓFILO BRAGA.JPG
THEODORO SAMPAIO - 232.JPG
TO- AZIAR.JPG
TODA PARTE - TODA A PARTE.JPG

TODOS DOIS, TODOS TRÊS - VERSO.JPG
TODOS DOIS, TODOS TRÊS.JPG
TRADUZINHADOR.JPG
TRESANDAR - FEDER - 421.JPG
TRIFÓRNIO GUIMARÃES.JPG
TRINETO - TATARANETO - TETRANETO - 421.JPG
TÃO FORTE QUE....JPG
U - DIVISÓRIA.JPG
UITAR.JPG
UM DOS QUE FEZ, UM DOS QUE FIZERAM.JPG
UM E OUTRO.JPG
UM, UMA (VERSO).JPG
UM, UMA 2.JPG
UM, UMA.JPG
UNIDADE DA LÍNGUA LUSO-BRASILEIRA - 203.JPG
UNIDADE DA LÍNGUA NO BRASIL - 203 - VERSO.JPG
UNS PAR DE - 415.JPG
URINDIUVA - 202.JPG
URTICÁREA - ORTIGA - 415.JPG
URTIGA - ORTIGA - 415.JPG
USO - O USO - 201.JPG
USO DIFERENÇAS DE ENTRE PORTUGAL E BRASIL - 312.JPG
USO E LÍNGUA - DE SUA DE - 341.JPG
USOCAPIR - USOCAPIÃO - 234.JPG
USOCAPIÃO - 234.JPG
V - DIVISÓRIA.JPG
V - VEJA NO VERSO DESSE RETALHO - QUESTÕES GRAMATICAIS - DETALHE DA FICHA.JPG
V - VEJA O VERSO DO RETALHO - QUESTÕES GRAMATICAIS.JPG
VACÊ, VANCÊ, VASSUNCÊ, ETC..JPG
VEJA NO VERSO DESSE RETALHO - QUESTÕES GRAMATICAIS - DETALHE DO RECORTE.JPG
VELHORRO - 421.JPG
VERBO SER 2.JPG
VERBO SER 3.JPG
VERBO SER.JPG
VIR -AJUSTAR - CONCORDAR - 422.JPG
VOCABULÁRIO DO CANCIONEIRO DA AJUDA.JPG
VOCABULÁRIOS E GLOSSÁRIOS - CATÁLOGO DA BIBLIOTECA DO AUTOR, ENCONTRAREIS UM (PARCIAL) NO N. 232.JPG
VOCÊ E SUAS MIL VARIEDADES - CFR. REV. LUSITANA, VOL. XXIX, PS. 191 E SEGS..JPG
VULTUOSO - 411.JPG
VÍCIOS DE LINGUAGEM (2).JPG
VÍCIOS DE LINGUAGEM.JPG
VÍRGULAS.JPG
W - DIVISÓRIA.JPG
WALLACE.JPG
WALTER ZANIOLO.JPG

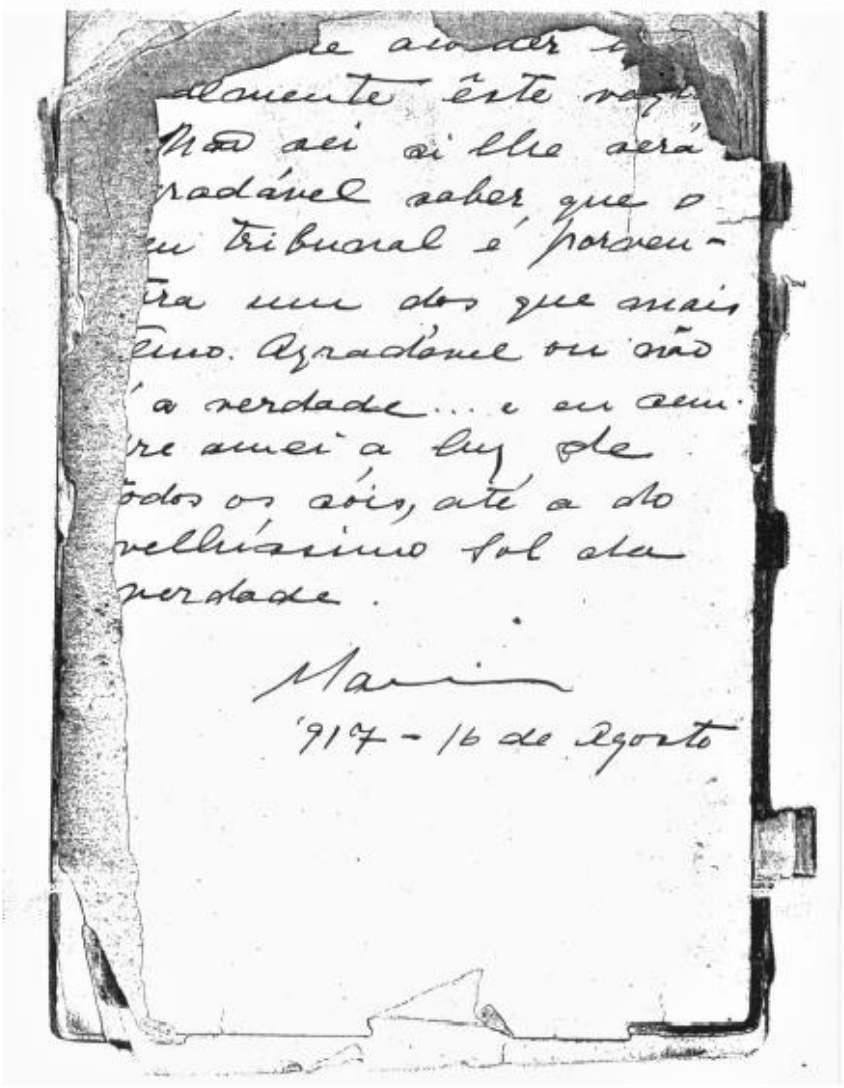
X - DIVISÓRIA.JPG
Y - DIVISÓRIA.JPG
YANKEES - 423.JPG
Z - DIVISÓRIA.JPG
ZAINO - 234.JPG
ZAMBOA - 234 - TORANJA.JPG
ZAMBRO - 234 - AJAMBRADO .JPG
ZAPE - 234.JPG
ZEBRAR - 421.JPG
ZEURA - 234.JPG
Á TOA.JPG
ÁGUA DE CÓRDOBA.JPG
ÁGUA DE HUNGRIA.JPG
ÁGUA DE POTE.JPG
ÁGUA FERVENTE.JPG
ÁRAÁRA - 401 - ARARAQUARA.JPG
Ç OU S - 522.JPG
ÇALÁ.JPG
ÉS TU QEM FALAS - 301.JPG
ÊLE (SEM ANTECEDENTE).JPG
ÊSSE, ÊSSA, ÊSTE, ÊSTA, AQUELE, AQUELA.JPG
ÍNDICE - DIVISÓRIA.JPG
ÍNDIOS E EXCESSOS SEXUAIS - LIBERTINAGEM ETC - SN.JPG
ÓDIO, VAIDADE E ORTOGRAFIA.JPG

B.1.4 – Diálogo com intelectuais

B.1.4.1 – Mário de Andrade

A – Dedicatórias de Mário de Andrade a Pio Lourenço Corrêa

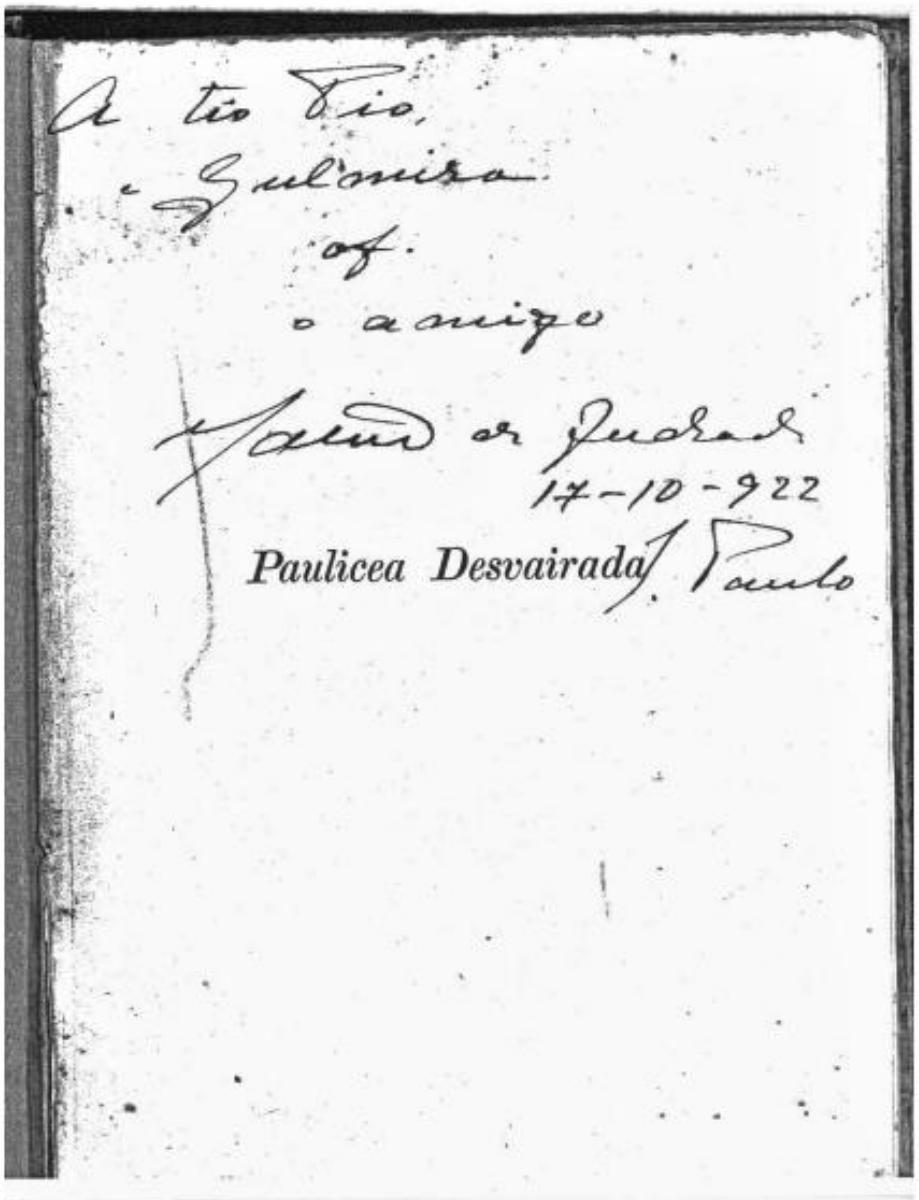
Figura 1 – Dedicatória de MA a PLC em *Há uma gota de sangue em cada poema* (São Paulo: Gráfica Pocai, 1917).



Dedicatória em *Há uma gota de sangue em cada poema* (São Paulo: Gráfica Pocai, 1917): "[...] acolher [...] / [...almente] este [...]./ Não sei se lhe será/ agradável saber que o/ seu tribunal é porven-/ tura um dos que mais/ [temo]. Agradável ou não/ [é] a verdade... e eu sem-/ pre amei a luz de/ todos os sóis, até a do/ velhíssimo Sol da/ verdade./ Mário/ '917 – 16 de Agosto".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia tirada pela pesquisadora em maio de 2004.

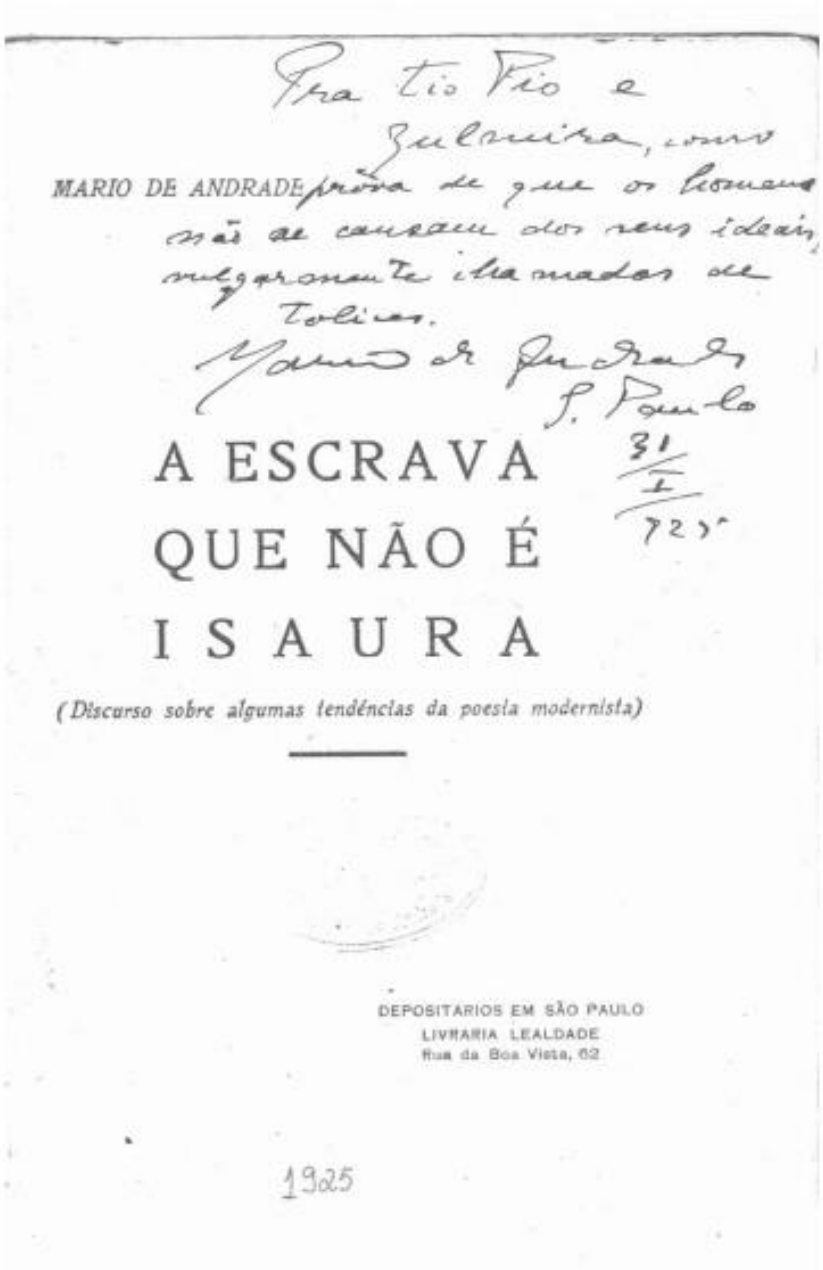
Figura 2: Dedicatória de MA a PLC em *Pauliceia Desvairada* (São Paulo: Casa Mayença, 1922).



Dedicatória em *Paulicéia desvairada* (São Paulo: Casa Mayença, 1922): "A tio Pio e Zulmira of. o amigo Mário de Andrade/ 17-10-922/ S. Paulo".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia tirada pela pesquisadora em maio de 2004.

Figura 3: Dedicatória de MA a PLC em A escrava que não é Isaura (São Paulo: Lealdade, 1925)



Pra tio Pio e
Zulmira, como
prova de que os homens
não se cansam dos seus ideais,
vulgarmente chamados de
tolices.
Mario de Andrade
S. Paulo
31/I/925

MARIO DE ANDRADE

A ESCRAVA QUE NÃO É ISAURA

(Discurso sobre algumas tendências da poesia modernista)

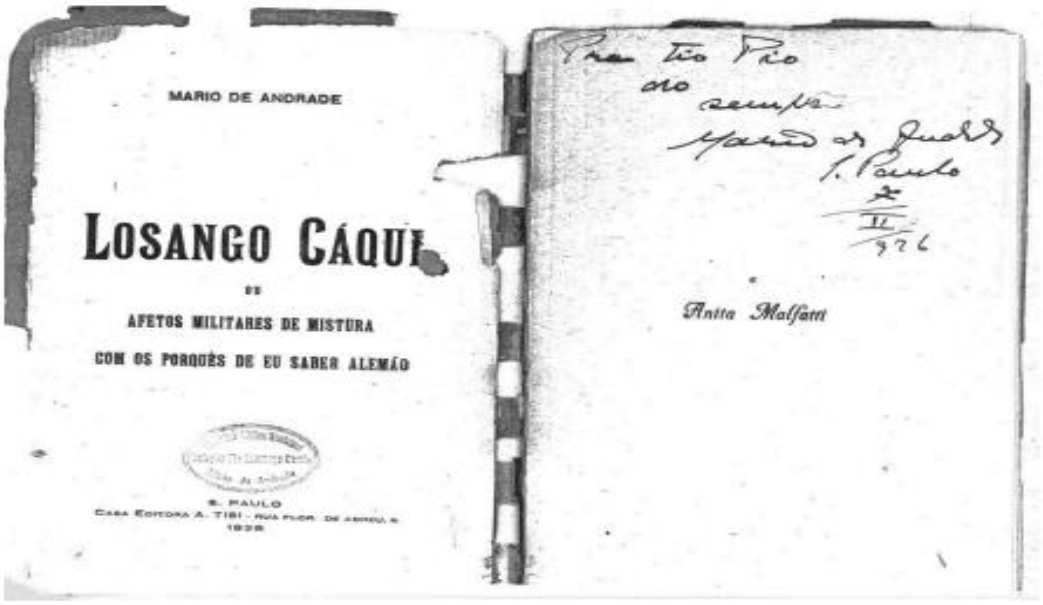
DEPOSITARIOS EM SÃO PAULO
LIVRARIA LEALDADE
Rua da Boa Vista, 62

1925

Dedicatória em *A escrava que não é Isaura* (São Paulo: Lealdade, 1925): "Pra Tio Pio e Zulmira, como prova de que os homens não se cansam dos seus ideais, vulgarmente chamados de tolices./ Mário de Andrade/ S. Paulo, 31 - I - 925".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia tirada pela pesquisadora em maio de 2004.

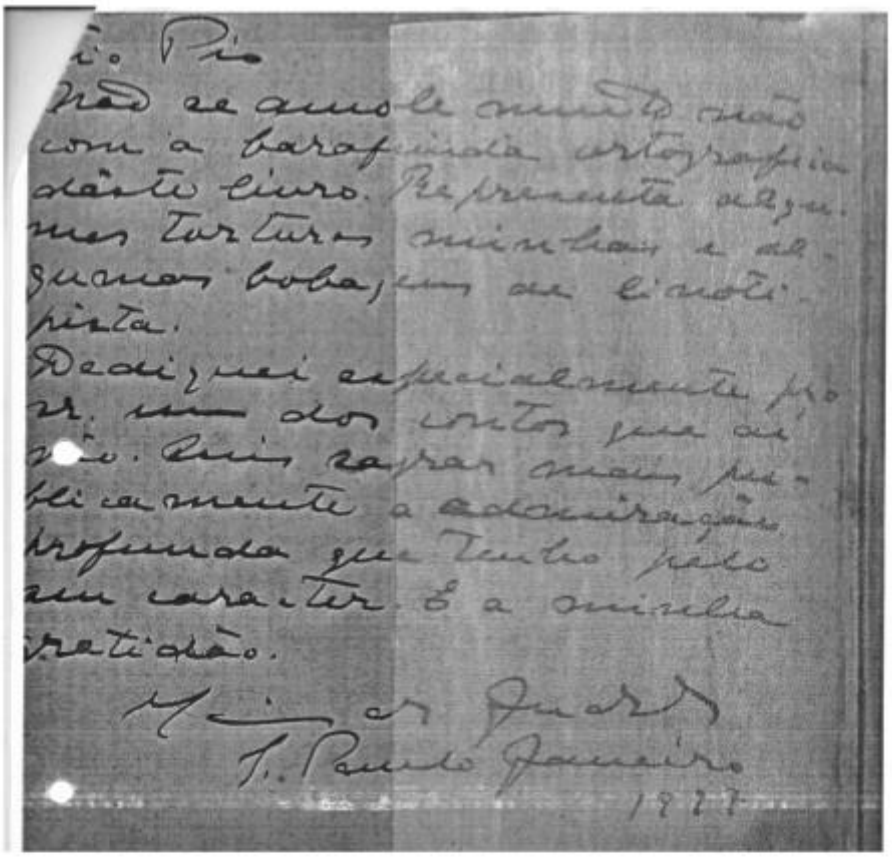
Figura 4: Dedicatória de MA a PLC em *Losango cáqui* (São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1926)



Dedicatória em *Losango cáqui* (São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1926): "Pra tio Pio/ do/ sempre/ Mário de Andrade/ S. Paulo/ 7/ II/ 926".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia tirada pela pesquisadora em maio de 2004.

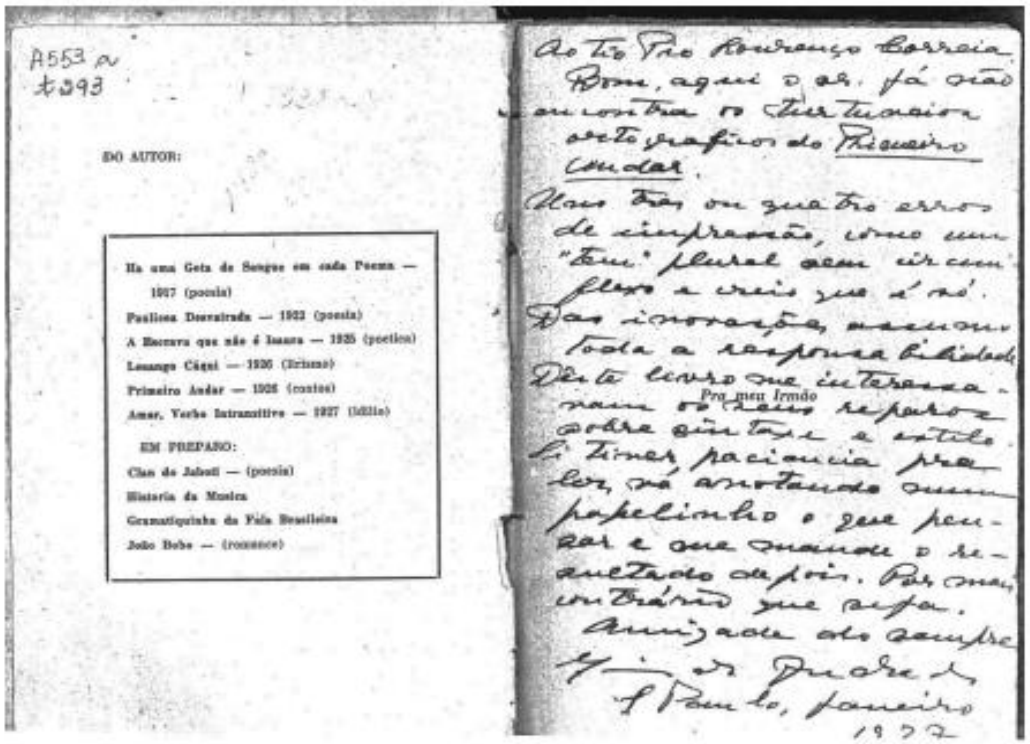
Figura 5: Dedicatória de MA a PLC em *Primeiro andar – Contos* (São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1926).



Dedicatória em *Primeiro andar - Contos* (São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1926): "Tio Pio/ Não se amole muito não com a barafunda ortográfica deste livro. Representa algumas torturas minhas e algumas bobagens de linotipista. Dediquei especialmente pro sr. um dos contos que aí vão. Quis selar mais publicamente a admiração profunda que tenho pelo seu caráter. E a minha gratidão. Mário de Andrade/ S. Paulo, Janeiro, 1927".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia tirada pela pesquisadora em maio de 2004.

Figura 6: Dedicatória de MA a PLC em *Amar, verbo intransitivo – Idílio* (São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1927).



DO AUTOR:

Ha uma Gota de Sangue em cada Poema — 1917 (poesia)
Paulicea Desvairada — 1922 (poesia)
A Escrava que não é Isaura — 1925 (poetica)
Losango Cáqui — 1926 (lirismo)
Primeiro Andar — 1926 (contos)
Amar, Verbo Intransitivo — 1927 (Idilio)

EM PREPARO:

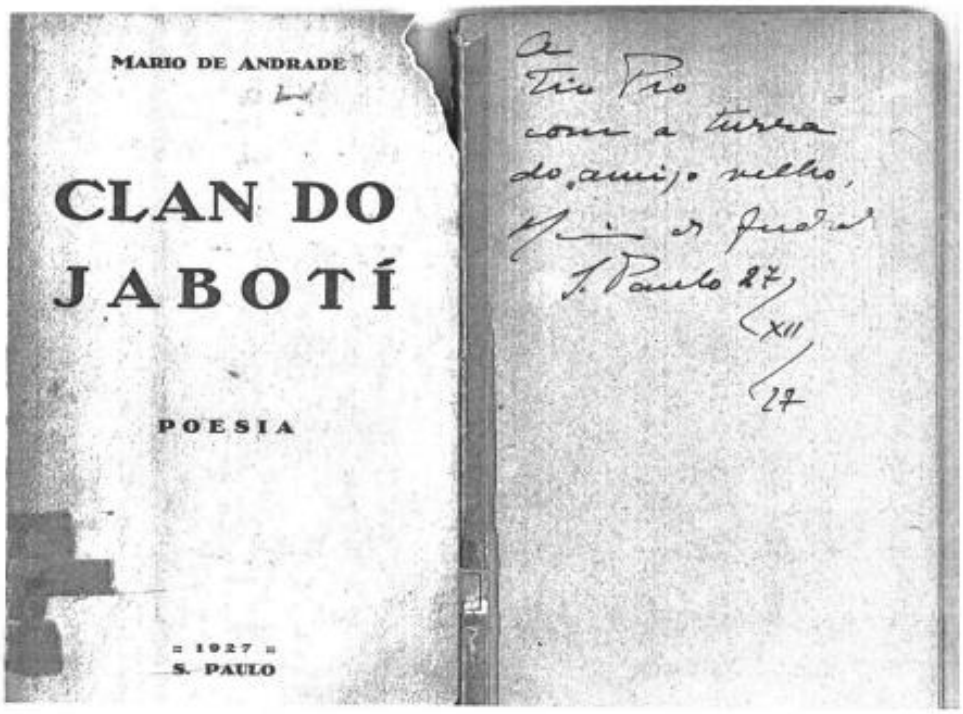
Clan do Jabuti — (poesia)
Historia da Musica
Gramaticazinha da Fala Brasileira
João Bobo — (romance)

Ao Tio Pio Lourenço Corrêa
Bom, aqui o sr. já não encontra os turtuveios ortográficos do Primeiro Andar.
Uns três ou quatro erros de impressão, como um "tem" plural sem circunflexo e creio que é só. Das inovações, assumo toda a responsabilidade. Deste livro me interessavam os seus reparos sobre sintaxe e estilo. Se tiver paciência pra ler, vá anotando num papelinho o que pensar e me mande o resultado depois. Por mais contrário que seja.
Amizade do sempre
Mário de Andrade
S. Paulo, janeiro 1927

Dedicatória em *Amar, verbo intransitivo – Idílio* (São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1927): "Ao Tio Pio Lourenço Corrêa./ Bom, aqui o sr. já não encontra os turtuveios ortográficos do *Primeiro Andar*. Uns três ou quatro erros de impressão, como um 'tem' plural sem circunflexo e creio que é só. Das inovações assumo toda a responsabilidade. Deste livro me interessavam os seus reparos sobre sintaxe e estilo. Se tiver paciência pra ler, vá anotando num papelinho o que pensar e me mande o resultado depois. Por mais contrário que seja. /Amizade do sempre /Mário de Andrade./ S. Paulo, janeiro 1927".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia tirada pela pesquisadora em maio de 2004.

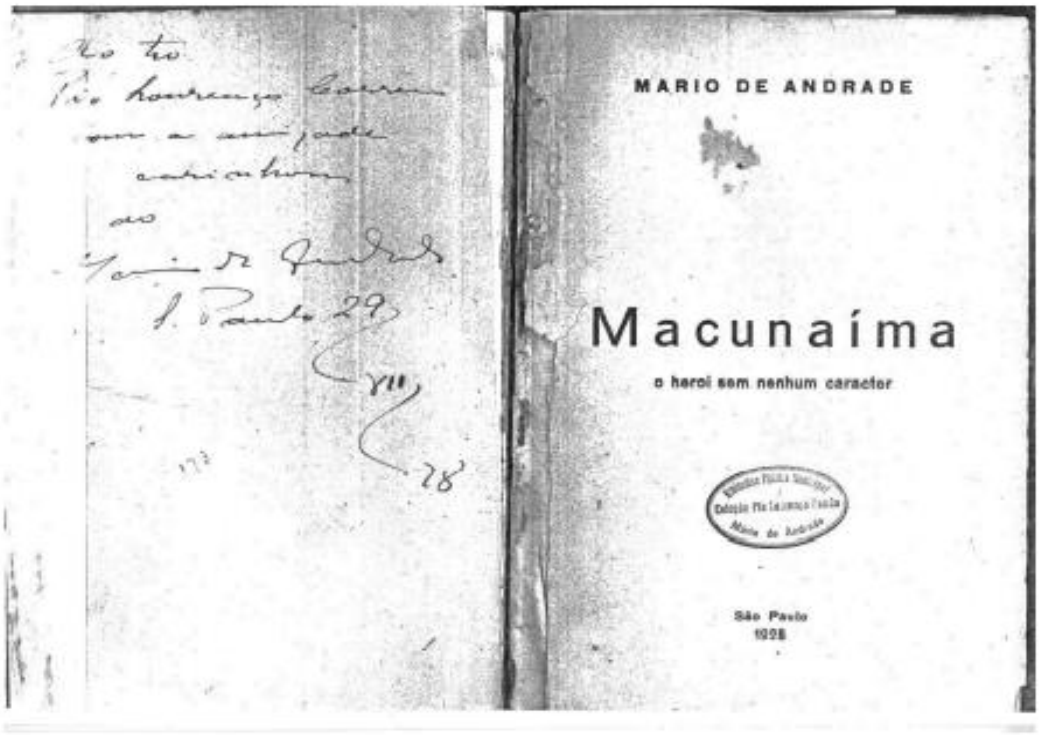
Figura 7: Dedicatória de MA a PLC em *Clã do jabuti - Poesia* (São Paulo: Gráfica Eugênio Cupolo, 1927)



Dedicatória em *Clã do jabuti – Poesia* (São Paulo: Gráfica Eugênio Cupolo, 1927): "A/ tio Pio/ com a turra/ do amigo velho,/ Mário de Andrade/ S. Paulo 27/ XII/ 27".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia tirada pela pesquisadora em maio de 2004.

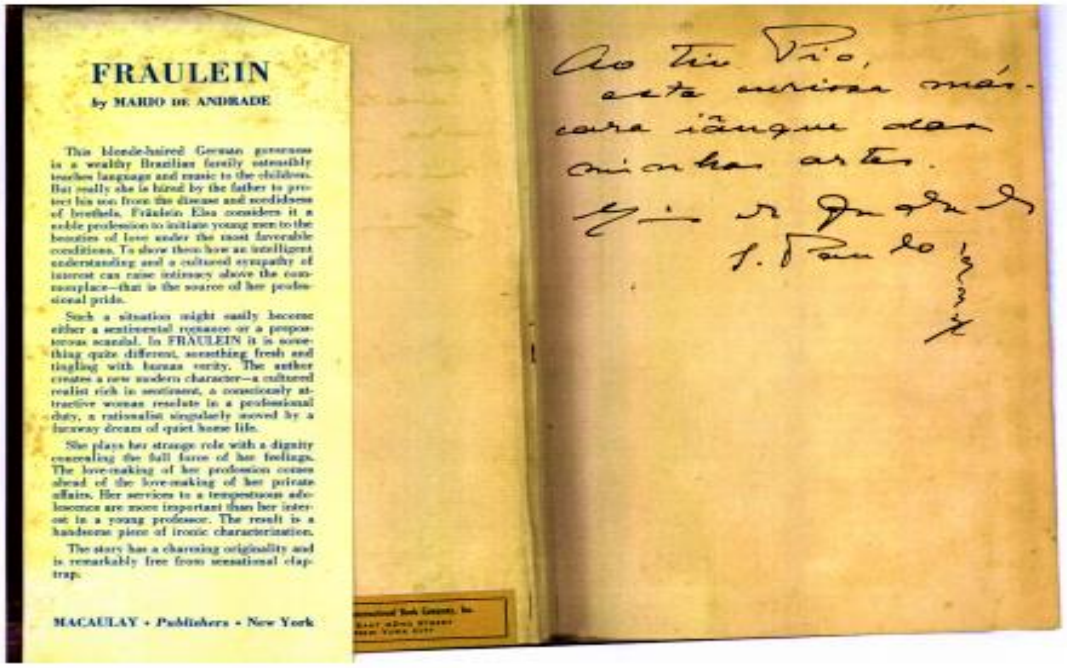
Figura 8: Dedicatória de MA a PLC *em Macunaíma – O herói sem nenhum caráter* (São Paulo: Gráfica Eugênio Cupolo, 1928)



Dedicatória em *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* (São Paulo: Gráfica Eugênio Cupolo, 1928): "Ao tio/ Pio Lourenço Corrêa/ com a amizade/ carinhosa/ do/ Mário de Andrade/ S. Paulo 29/VII/28".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia tirada pela pesquisadora em maio de 2004.

Figura 9: Dedicatória de MA a PLC em *Fräulein* (tradução de Margareth Richardson Hollingsworth. Nova Iorque: Macaulay, 1933).



FRAULEIN

by MARIO DE ANDRADE

This blonde-haired German governess is a wealthy Brazilian family ostensibly teaches language and music to the children. But really she is hired by the father to protect his son from the disease and worldliness of brothels. Fräulein Elsa considers it a noble profession to initiate young men to the beauties of love under the most favorable conditions. To show them how an intelligent understanding and a cultured sympathy of interest can raise intimacy above the commonplace—that is the source of her professional pride.

Such a situation might easily become either a sentimental romance or a preposterous scandal. In FRAULEIN it is something quite different, something fresh and tingling with human verity. The author creates a new modern character—a cultured realist rich in sentiment, a consciously attractive woman resolute in a professional duty, a rationalist singularly moved by a faraway dream of quiet home life.

She plays her strange role with a dignity concealing the full force of her feelings. The love-making of her profession comes ahead of the love-making of her private affairs. Her services to a tempestuous adolescence are more important than her interest in a young professor. The result is a handsome piece of ironic characterization.

The story has a charming originality and is remarkably free from sensational claptrap.

MACAULAY • Publishers • New York

Ao Tio Pio,
esta curiosa más-
cara iânque das
minhas artes.
Mario de Andrade
S. Paulo 1/9/33

Dedicatória em *Fräulein* (tradução de Margaret Richardson Hollingsworth. Nova Iorque: Macaulay, 1933): "Ao Tio Pio,/ esta curiosa más-/ cara ianque das/ minhas artes./ Mario de Andrade/ S. Paulo 1/ 9/ 3/ 4".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

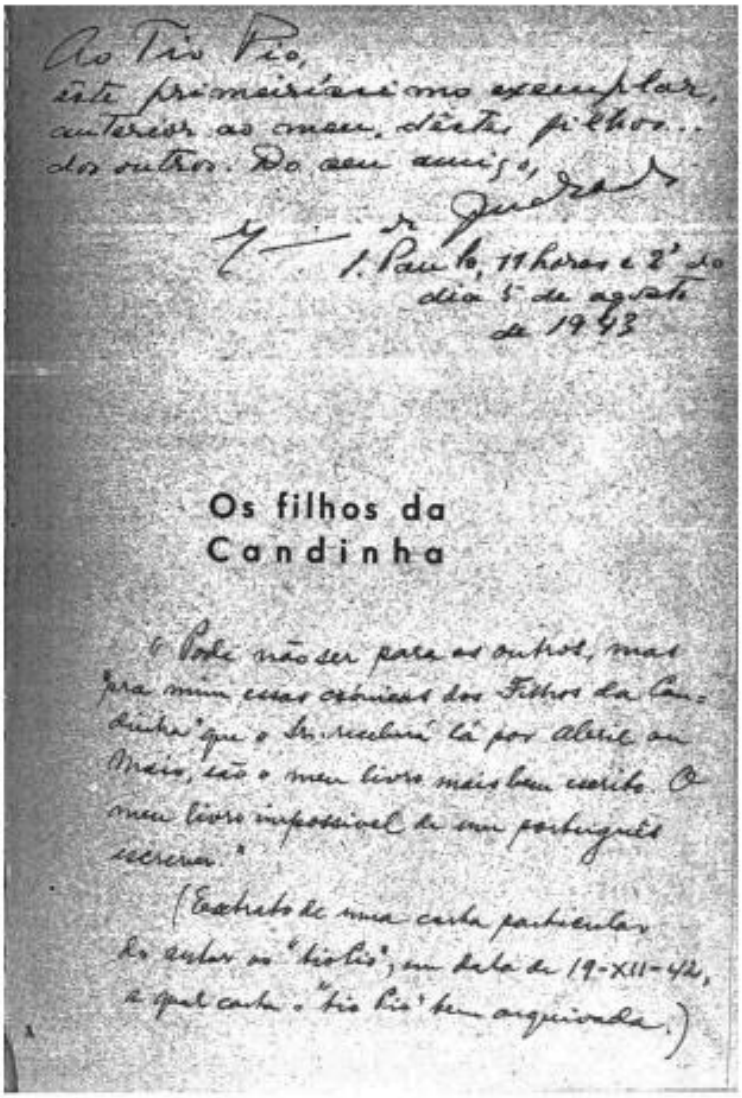
Figura 10: Dedicatória de MA a PLC em *Belazarte* (São Paulo: Editora Piratininga, 1934)



Dedicatória em *Belazarte* (São Paulo: Editora Piratininga, 1934): "Ao tio Pio,/ presente de anos/ do/ Mário de Andrade/ São Paulo/ 1/ 9/ 3/ 4/ 12 de maio".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP.
Fotocópia tirada pela pesquisadora em maio de 2004.

Figura 11: Dedicatória de MA a PLC em *Os filhos da Candinha* (São Paulo: Martins, 1943).



Dedicatória em *Os filhos da Candinha* (São Paulo: Martins, 1943): "São Paulo, 11 horas e 2' do dia 05 de agosto de 1943./ Ao Tio Pio,/ este primeiríssimo exemplar, anterior ao meu, destes filhos... dos outros. Do seu amigo,/ Mário de Andrade".
PLC, por sua vez, escreveu na mesma página: "'Pode não ser para os outros, mas pra mim essas crônicas dos *Filhos da Candinha* que o Sr. receberá lá por abril ou maio, são o meu livro mais bem escrito. O meu livro impossível de um português escrever'".(Extrato de uma carta particular do autor ao 'tioPio', em data de 19-XII-42, a qual carta o 'tio Pio' tem arquivada.)".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia tirada pela pesquisadora em maio de 2004.

Figura 12: Dedicatória de MA a PLC em *Amar, verbo intransitivo* (2.ed. São Paulo: Martins, 1944)

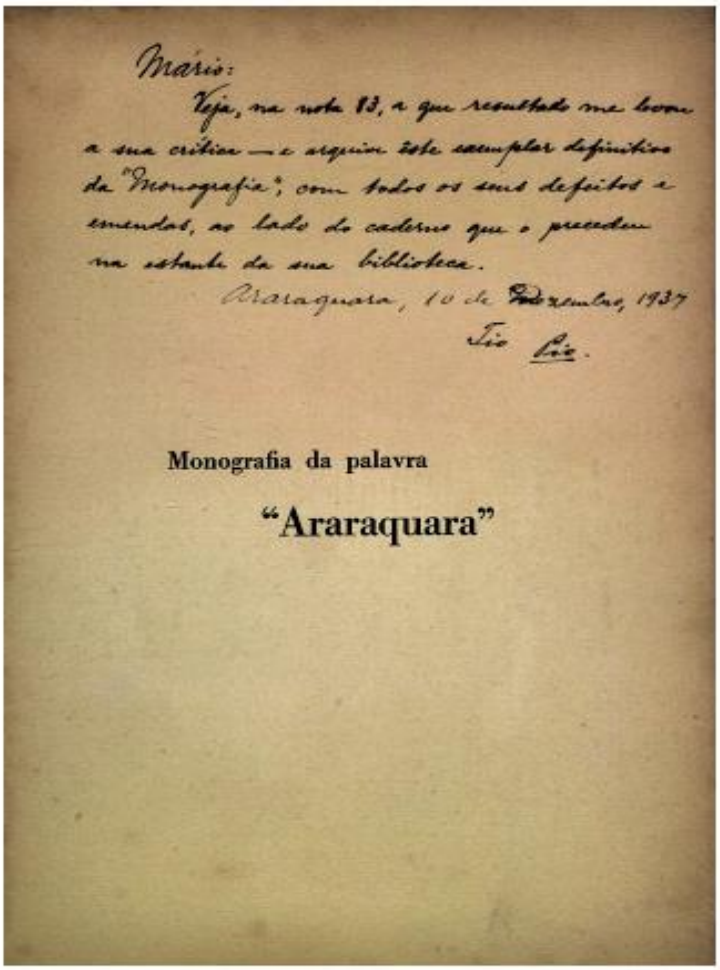


Dedicatória em *Amar, verbo intransitivo* (São Paulo: Martins, 1944): "São Paulo, Ano Bom de 1945./ Tio Pio/ Aqui lhe mando a versão nova deste livro que teve a felicidade de ganhar a sua adesão intelectual. Não a outra, a forte e indissolúvel adesão do amigo, que esta eu sei permanente e é dos confortos melhores desta minha vida. Não estou lhe mandando as minhas *Obras Completas*, não é por desleixo ou ingratidão. O que já saiu, a *História da Música* e o *Macunaíma*, o sr. já possui em primeiras e melhores edições. Estamos usando agora os papéis feios e hirsutos da fábrica nacional. Tão hirsutos e feios como a linguagem em que me meti.../ Esperemos que, pro futuro, fabricantes novos melhorem língua e papel. Aproveito este livro pra lhe contar que agora sou proprietário do Sítio de Sto. Antonio, no município de São Roque, que pertenceu a Fernão Paes de Barros, e guarda ainda casa-grande e capela do séc. XVII. Há que matar primeiro os carrapatos, os reais, com nome latino na sistemática da História natural, e alguns, escolhidos da Tradição, que também coçam, ferem e maltratam o viver. Vou construir um estúdio modernissimo lá, defrontando o passado. Aí o levarei um dia, pra lhe pedir apreço, conselho,/ e sempre a companhia preferida./ Mário".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia tirada pela pesquisadora em maio de 2004.

B Dedicatórias de Pio Lourenço Corrêa a Mário de Andrade

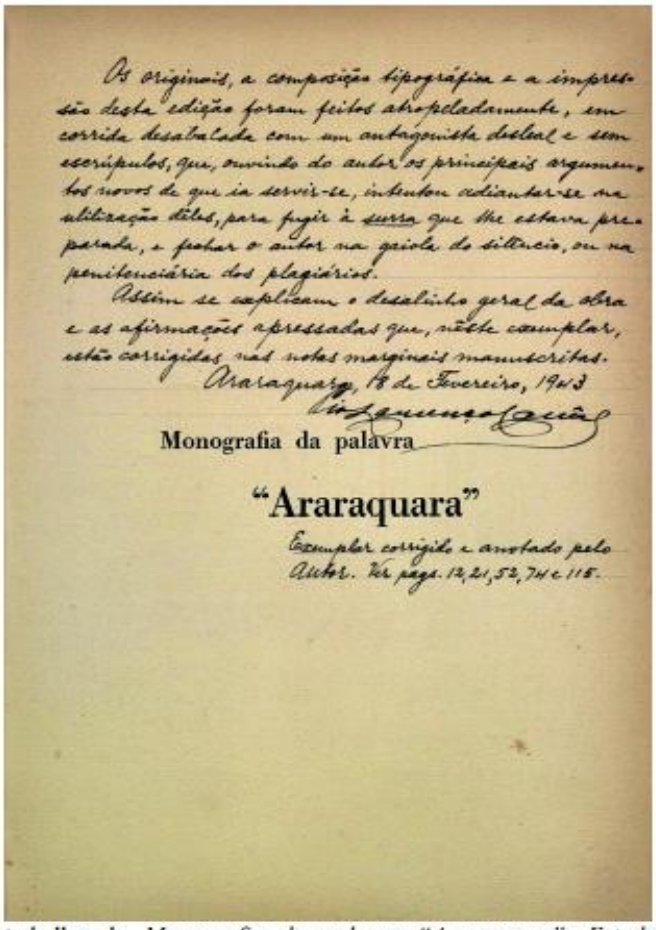
Figura 13: Dedicatória de PLC a MA em *Monografia da palavra Araraquara* (2. ed. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1937)



Dedicatória em *Monografia da palavra "Araraquara". Estudo histórico-lingüístico do nome da cidade de Araraquara, por Mota Coqueiro, natural da mesma cidade* (2ª ed. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia Ltda., 1937): "Mário:/ Veja, na nota 83, a que resultado me levou/ a sua crítica – e arquive este exemplar definitivo/ da '*Monografia*', com todos os seus defeitos e/ emendas, ao lado do caderno que o precedeu/ na estante da sua biblioteca./ Araraquara, 10 de Dezembro, 1937/ Tio/ Pio ."

Fonte: AMA – Arquivo Mário de Andrade - Biblioteca do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros - USP – Imagem escaneada em 2004.

Figura 14: Dedicatória de PLC a MA em *Monografia da palavra Araraquara* (2. ed. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1937) – exemplar de trabalho.



Os originais, a composição tipográfica e a impressão desta edição foram feitos atropeladamente, em corrida desabalada com um antagonista desleal e sem escrúpulos, que, ouvindo do autor os principais argumentos novos de que ia servir-se, intentou adiantar-se na utilização dêles, para fugir à surra que lhe estava preparada, e fechar o autor na gaiola do silêncio, ou na penitenciária dos plagiários.

Assim se explicam o desalinho geral da obra e as afirmações apressadas que, neste exemplar, estão corrigidas nas notas marginais manuscritas.

Araraquara, 18 de Fevereiro, 1943

Pio Lourenço Corrêa

Monografia da palavra

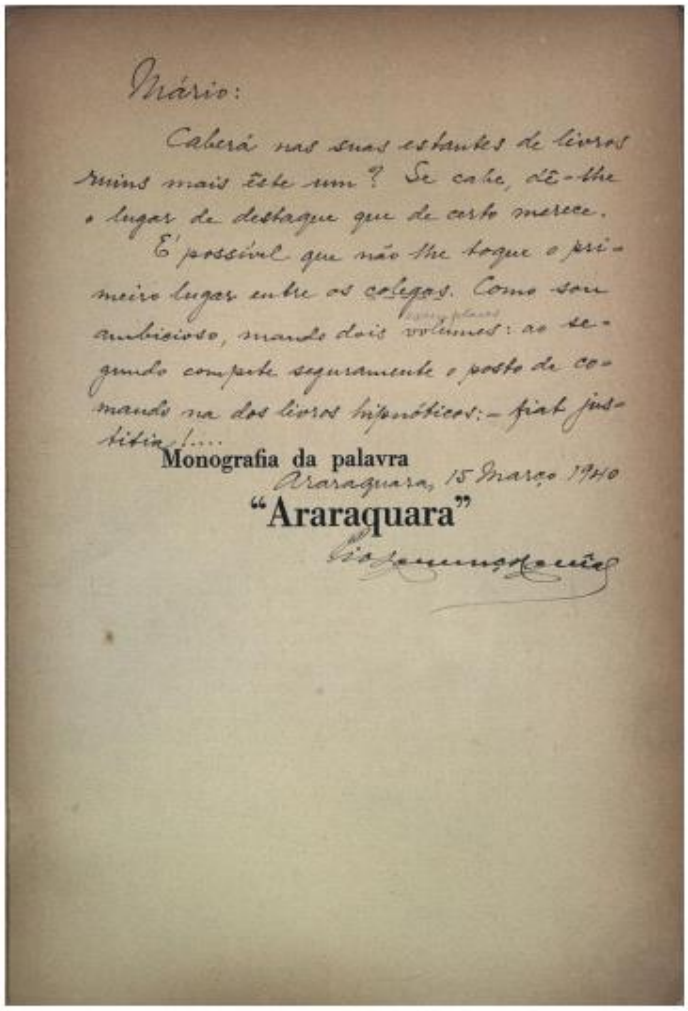
"Araraquara"

Exemplar corrigido e anotado pelo Autor. Ver págs. 12, 21, 52, 74 e 115.

Exemplar de trabalho da *Monografia da palavra "Araraquara". Estudo histórico-lingüístico do nome da cidade de Araraquara, por Mota Coqueiro, natural da mesma cidade* (2ª ed. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia Ltda., 1937), oferecido a MA, com mensagem na folha de rosto: "Os originais, a composição tipográfica e a impres-/ são desta edição foram feitos atropeladamente, em/ corrida desabalada com um antagonista desleal e sem/ escrúpulos que, ouvindo do autor os principais argumen-/ tos novos de que ia servir-se, intentou adiantar-se na/ utilização eles, para fugir à surra que lhe estava pre-/ parada, e fechar o autor na gaiola do silêncio, ou na/ penitenciária dos plagiários./ Assim se explicam o desalinho geral da obra/ e as afirmações apressadas que, neste exemplar,/ estão corrigidas nas notas marginais manuscritas./ Araraquara, 18 de Fevereiro, 1943./ Pio Lourenço Corrêa/ Exemplar corrigido e anotado pelo/ autor. Ver págs. 12, 21, 52, 74 e 115."

Fonte: AMA – Arquivo Mário de Andrade - Biblioteca do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros - USP – Imagem escaneada em 2004.

Figura 15: Dedicatória de PLC a MA em *Monografia da palavra Araraquara* (3. ed. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1940).


Mário:

Caberá nas suas estantes de livros ruins mais este um? Se cabe, dê-lhe o lugar de destaque que de certo merece.

É possível que não lhe toque o primeiro lugar entre os colegas. Como sou ambicioso, mando dois volumes: ao segundo compete seguramente o posto de comando na dos livros hipnóticos: - fiat justitia!....

Monografia da palavra

"Araraquara"

Araraquara, 15 Março 1940

Dedicatória em *Monografia da palavra "Araraquara". Estudo histórico-lingüístico do nome da cidade de Araraquara, por Mota Coqueiro, natural da mesma cidade* (3ª ed. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1940): "Mário:/ Caberá nas suas estantes de livros/ ruins mais este um? Se cabe, dê-lhe/ o lugar de destaque que de certo merece./ É possível que não lhe toque o pri-/ meiro lugar entre os colegas. Como sou/ ambicioso, mando dois volumes (exemplares): ao se-/ gundo compete seguramente o posto de co-/ mando na dos livros hipnóticos: - Fiat jus-/ titia!.../ Araraquara, 15 março 1940/ Pio Lourenço Corrêa".

Fonte: AMA – Arquivo Mário de Andrade - Biblioteca do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros - USP – Imagem escaneada em 2004.

B.1.4.2 – Diálogo nas margens de *Amar, verbo intransitivo* (1927)[44]

A polêmica Pio Lourenço Corrêa/ Mário de Andrade a respeito de *Amar, verbo intransitivo* travou-se, a tinta preta, nas margens do exemplar oferecido pelo autor ao seu primo e amigo de Araraquara. Implica três momentos: a análise de Pio, a réplica do romancista e a tréplica do primeiro. Marlene Gomes Mendes, na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* nº 36, comemorativo do centenário de Mário de Andrade (São Paulo: IEB/USP, 1994, p. 190-243) realizou a transcrição diplomática das anotações.

O exemplar encadernado, envolto em papel de seda e acomodado em uma pequena caixa de papelão florida, encontra-se no Arquivo do escritor, no IEB-USP. O Fundo Pio Lourenço Corrêa possui três exemplares da obra, todos com dedicatória do autor. No primeiro, na edição príncepes (São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1927), ficou, na página de rosto, o pedido de análise, antecedendo o exemplar da polêmica:

> "Ao Tio Pio Lourenço Corrêa./ Bom, aqui o sr. já não encontra os turtuveios ortográficos do *Primeiro Andar*. Uns três ou quatro erros de impressão, como um 'tem' plural sem circunflexo e creio que é só. Das inovações assumo toda a responsabilidade. Deste livro me interessavam os seus reparos sobre sintaxe e estilo. Se tiver paciência pra ler, vá anotando num papelinho o que pensar e me mande o resultado depois. Por mais contrário que seja. /Amizade do sempre /Mário de Andrade./ S. Paulo, janeiro 1927".

No segundo, aquele da edição norte-americana, *Fräulein,* tradução de Margaret Richardson Hollingsworth (Nova Iorque: Macaulay, 1933), a oferta se fez com muita graça:

> "Ao Tio Pio,/ esta curiosa máscara ianque/ das minhas artes./ Mário de Andrade/ S. Paulo/ 1933".

No terceiro exemplar, tirado da 2ª edição (São Paulo: Martins, 1944), a dedicatória se faz uma cartinha:

> "São Paulo, Ano Bom de 1945./ Tio Pio/ Aqui lhe mando a versão nova deste livro que teve a felicidade de ganhar a sua adesão intelectual. Não a outra, a forte e indissolúvel adesão do amigo, que esta eu sei permanente e é dos confortos melhores desta minha vida. Não estou lhe mandando as minhas *Obras Completas*, não é por desleixo ou ingratidão. O

[44] Fotocópia extraída de GUARANHA, 2007, p. 463-518 e transcrição de MENDES, Marlene Gomes. Diálogo Mário e "Tio Pio". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* n. 36. São Paulo: IEB/USP, 1994, p. 190-243.

> que já saiu, a *História da Música* e o *Macunaíma*, o sr. já possui em primeiras e melhores edições. Estamos usando agora os papéis feios e hirsutos da fábrica nacional. Tão hirsutos e feios como a linguagem em que me meti.../ Esperemos que, pro futuro, fabricantes novos melhorem língua e papel. Aproveito este livro pra lhe contar que agora sou proprietário do Sítio de Sto. Antonio, no município de São Roque, que pertenceu a Fernão Paes de Barros, e guarda ainda casa-grande e capela do séc. XVII. Há que matar primeiro os carrapatos, os reais, com nome latino na sistemática da História natural, e alguns, escolhidos da Tradição, que também coçam, ferem e maltratam o viver. Vou construir um estúdio modernissimo lá, defrontando o passado. Aí o levarei um dia, pra lhe pedir apreço, conselho,/ e sempre a companhia preferida./ Mário".

Como se vê, a discussão nas margens da obra revela-se também uma forma de correspondência, razão pela qual é aqui incluída como complemento às cartas.

DIÁLOGO MÁRIO E "TIO PIO"

Marlene Gomes Mendes *

Escrito entre 1923 e 1924, *Amar, verbo intransitivo*, romance a que o Autor chamou "Idílio", foi publicado pela Casa Editora Antonio Tisi, em 1927, às expensas do próprio Mário de Andrade.

Desta edição, encontra-se no Arquivo Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, exemplar que pertenceu a Pio Lourenço Corrêa – o "tio Pio" – primo e amigo do escritor, em cuja Chácara da Sapucaia, em Araraquara, saiu a primeira redação do *Macunaíma*. Na "chacra", Mário costumava passar férias, escrevendo e descansando de suas múltiplas atividades.

Esse exemplar do "Idílio", jóia bibliográfica e manuscrítica, traz, nas margens, uma vibrante discussão. A amizade que unia o moço modernista ao fazendeiro culto, bem mais velho que ele, dedicado estudioso da Língua Portuguesa, dava a este liberdade para tecer comentários dentro das próprias concepções.

A polêmica se instaura nas notas de ambos, manuscritas a tinta preta, cuidadosa e elegante a letra de "tio Pio", mais solta e livre a de Mário.

Pio Lourenço faz questão de afastar interpretações equivocadas dos futuros leitores:

> "A quem ler essas notas ríspidas, sem conhecer os antecedentes imponderáveis de amizade e camaradagem entre autor e crítico – pode parecer, parece de certo, que achei o livro detestabilíssimo. Entretanto – curiosa antinomia! – declaro lealmente que não. Salvas divergências irreconciliáveis – até na fórma, que não só no fundo, vejo um valor dinâmico entressachado, bastante poderoso para manter a obra por cima dos escolhos, em que tantas vezes parece naufragar."

Dentre divergências "irreconciliáveis", umas são, de fato, casos em que Mário de Andrade não procura se justificar; simplesmente não responde. Outras merecem explicação do Autor, que reafirma suas convicções ou, mais raramente, concorda com seu crítico. São 123 as observações feitas por Pio Lourenço Corrêa, das quais 10 são retomadas, no que ele chama de "Sustentação de embargos", isto é, notas postas no final do livro.

---

* Professora de Língua Portuguesa-UFPr.

Ortografia, prosódia, ortoépia, morfossintaxe, vocabulário, sintaxe, semântica — tudo é objeto de observação por parte de "tio Pio", cujas citações nos deixam perceber uma boa orientação lingüística. Suas críticas vêm sempre fundamentadas, fazendo-se acompanhar de exemplos retirados dos clássicos da língua. Apesar de predominarem os autores portugueses, Pio não desconhece as lições de brasileiros, como Amadeu Amaral, Heráclito Graça, João Ribeiro, José Veríssimo, Mário Barreto. O fato de não serem citados nomes como os de Sousa da Silveira, Antenor Nascentes e Said Ali, considerados "modernos" para a época, mostra a tendência mais conservadora, mais próxima dos clássicos.

Não poderia deixar de haver divergências entre os dois amigos. Mário de Andrade, como todos sabemos, buscou aproximar o mais possível a língua literária da língua falada. Com sua profunda intuição lingüística, compreende que a característica essencial da linguagem humana é a permanente evolução. Em nenhum momento se volta contra a tradição literária; procura sempre recuperar aquilo que lhe é essencial: o movimento, a mudança.

Lingüistas contemporâneos, para citar apenas dois dos mais ilustres, como Eugenio Coseriu e Herculano de Carvalho, assim se expressam sobre essa questão:

> "... a língua se faz mediante a mudança e 'morre' como tal quando deixa de mudar (...) [a mudança] não a destrói e não a afeta em seu ser língua que se mantém sempre intacto." (E. Coseriu. *Sincronia, diacronia e história*. Madrid, Gredos, 1973. p. 283);
>
> "A tradição (a própria palavra o diz) não é imobilidade, mas movimento em continuidade. A transformação que sofrem as línguas, tanto como os costumes, não é um mal — um mal talvez necessário —, é uma característica inerente à sua própria essência de atividade humana e por isso histórica." (J. G. Herculano de Carvalho. *Estudos lingüísticos*, vol. 2. Coimbra, Atlântida, 1969. p. 206).

Não cabe aqui, nesta introdução, analisar ou comentar mais longamente a posição do autor de *Macunaíma* diante das questões relativas à língua portuguesa/língua brasileira, uma vez que o assunto vem sendo tema constante de dissertações de mestrado, teses de doutoramento e pesquisas acadêmicas, todas elas fartamente documentadas. É nosso propósito, tão somente, colocar ao alcance dos estudiosos a interessante polêmica.

Na discussão que as margens do livro testemunham, entende-se que o modernista, mesmo movendo-se na seara de seu próprio projeto e da experimentação, não se mostra intransigente. Pode-se aqui citar alguns casos em que Mário, apesar de não concordar, em suas respostas, com as posições de Pio Lourenço Corrêa, acaba por adotá-las, modificando o texto na 2ª edição.

Assim, a dedicatória, "Pra meu irmão", torna-se "A meu irmão"; o verbo "fariscava" (p. 9), passa a "arranhava", forma mais simples e conhecida, na mesma linha de "curumim" (p. 36), preterido por "rapaz"; "ramos em corimbo" (p. 86), por "ramos descendentes"; "shequendes" (p. 107), por "aperto de mão". "Mossoroca" (p. 119), e "satisfa" (p. 120) passam a "maçaroca" e "satisfeito".

AMAR, VERBO INTRANSITIVO/MÁRIO/PIO LOURENÇO CORRÊA

Descrição do exemplar

Revelando o carinho do bibliófilo, o exemplar encontra-se envolto em papel de seda branco, acondicionado em caixa de papelão, de 16cm de largura, 21,5 de comprimento e 4,5 de altura, forrada de papel fantasia verde, com pequenas margaridas brancas. A encadernação é em couro de crocodilo na cor marrom escura. Traz na lombada, gravado em ouro, o nome do Autor, em versalete e, do título, somente "AMAR", em versal, separados por 4 fios de ouro. O mesmo papel fantasia verde que forra a caixa está colado no verso da capa, no anverso da folha de proteção, no verso da folha final de proteção e da terceira capa. São 232 páginas — as quatro primeiras e a última não numeradas. Foram acopladas, ao volume, depois da p. 232, 10 folhas quadriculadas (quadrículas de 4mm); destas, 5 estão numeradas (de 2 a 5), escritas somente no anverso e têm como título: "Sustentação de embargos/ por/ Pio Lourenço Corrêa / Abril, 1927".



Pio Lourenço Corrêa — "Logoa Bonita/Zona do Mogi/VI/1931". Foto e legenda de Mário de Andrade.

Capa: MARIO DE ANDRADE / Amar, Verbo Intranzitivo /
IDILIO / [desenho] / — / CASA-EDITORA-ANTONIO-TISI /
— S. Paulo —
Fundo branco, letras pretas, exceto o título, em
letras vermelhas.
Folha-de-rosto: Mario de Andrade / — / AMAR, VERBO INTRANZITIVO
/ IDILIO / (1923-1924) / Casa Editora
ANTONIO TISI / Rua Florencio de Abreu, 4 / São Paulo / 1927 —
Fundo branco, letras pretas.
Verso da folha-de-rosto: DO AUTOR: / Ha uma Gota de Sangue
em cada Poema — / 1917 (poesia) / Paulicea Desvairada — 1922 (poesia) / A Escrava que não é Isaura — 1925 (poetica) / Losango Cáqui — 1926 (lirismo) / Primeiro Andar — 1926 (contos) / Amar, Verbo Intranzitivo — 1927 (idilio) / EM PREPARO: / Clan do Jaboti — (poesia) / História da Musica / Gramatiquinha da Fala Brasileira / João Bobo — (romance)
pág. 3 (não numerada): Pra meu Irmão
pág. 4 (não numerada): A pobre da Fraulein vive sem trema /
nesta edição por amor da facilidade. Não tinha / a tremado na máquina e o inocente
do linoti-/pista ficava condenado a cortar um despropo-/sito de circunflexos... Tive
receio de bancar / o Dante.
Colofão: [v. da p. 231] — / Typ. CUPOLO — Lad.ª Santa
Ephigenia N.º 21 — S. Paulo.

Na folha-de-rosto, aproveitando o nome do Autor, já impresso no alto da página, a ressalva da severa leitura: "Meu amigo MARIO DE ANDRADE: / As notas que aí vão são / amistosas e confidenciais: por isso é que são / francas: franqueza de confessionário. Não mas / leve a mal, que não buscam hostilidade. / Tio Pio"

Na página 231, em baixo, à direita, uma seta indica o verso e é precedida, à guisa de registro, das duas primeiras palavras ("A quem") do texto que se segue, no verso, no mesmo autógrafo do dono da "chacra" da Sapucaia, advertindo: "A quem ler estas notas ríspidas, sem conhe-/cer os antecedentes imponderáveis de amizade e/ camaradagem entre autor e crítico — pode pa-/recer, parece de certo, que achei o livro de-/testabilíssimo. Entretanto — curiosa antinomia! — / declaro lealmente que não. Salvas divergên-/cias irreconciliáveis — até na fórma, que / não só no fundo, vejo um valor dinâmico / entressachado, bastante poderoso para man-/ter a obra por cima dos escolhos, em que / tantas vezes parece naufragar. / Chácara, em Araraquara, Março de 1927 / Pio Lourenço Corrêa."

Na folha 5, fechando a Sustentação de Embargos, lê-se: "Muitas outras respostas do autor pediam ainda réplicas. Mas deixo esses pontos para avolumar os irreconciliáveis..."

A transcrição, ora apresentada, respeita rigorosamente a grafia da 1ª edição de *Amar, verbo intransitivo* e de ambos os polemistas.

Folha de rosto:
Título + Nota PLC:

Amar, verbo intranzitivo [grifo e seta]

Comentário PLC:

[sob o tít.] *cfr. tranzandino -p. 166 — e tranzeúntes-p. 179*
É provável que o autor escreva tambem obzéquio (e assim os derivados), tranzação, etc. etc., visto que o fundamento é o mesmo. Os arbítrios individuais fundamentados, são, talvez, o maior estôrvo, e o mais sério, que se possa apôr á desejada uniformidade gráfica da língua portuguesa. Cfr. Gonç. Viana, Ortografia Nacional, p. 6 (Lisboa, 1904) Aqui, a intransigência do autor não se baseia em nenhum pretexto ortoépico; não as-

senta, pois, em motivos brasileiros; e ofende de frente a regra 58 da Comissão portuguesa. Se não transigirmos com os outros, não podemos esperar que transijam comnosco.

Resposta MA:

[no verso da capa]: *Resposta. Estamos inteirissimamente de acordo e assim procedi quando adotei a Reforma portuga. Porêm depois, batido pelas contradições constantes dessa ortografia com a pronúncia brasileira, assim que me pus escrevendo abrasileiradamente, sempre tendo como base a Reforma portuga, estou pouco a pouco, ao léu das observações novas que aparecem, criando uma ortografia pessoal que, sei muito bem, só serve pra trazer mais cáos pro cáos. É isso mesmo que eu quero agora. Quanto maior, mais macota e mais guassú for a barafunda, mais transparecerá que carecemos duma organisação oficial. E esta virá. Rúim ou boa, pouco importa, contanto que seja oficial e brasileira, isto é, observando a fala da gente. Pouco importa que mande grafar cavalo, cavallo, kavallo ou kavallllllo, contanto que por essa reforma brasileira e oficial a gente possua afinal uma ortografia, isto é, saiba que escrevendo kavalllo, acertou e escrevendo cavalo errou. O cáos é como o nada, tem utilidade...divina. Dele se pode criar o mundo que bom ou mau é sempre um mundo.*

Sustentação de embargo: PLC:

Intranzitivo, p. de rosto: -O motivo com que o autor sustenta aqui z — "só serve pra trazer mais cáos pro cáos" — me dispensaria de falar em ortografia: aquele motivo, com efeito, encerra o assunto, visto que não é possível nenhum entendimento com quem quer manter hasteada a bandeira vermelha.

Mas como, em outros pontos, já esquecido daquela revolta, o autor se mostra mais humano (cfr. as réplicas de ps. 17, 27, 70, 74, 94, 134, etc); e eu lhe faço a justiça de reconhecer moderação com o que é razoavel — animo-me ainda a ferir a tecla ortográfica, quando me parecer razoavel, no correr destas sustentações.

p. 3

Dedicatória + Nota PLC:

Pra meu irmão [seta sob a preposição]

Comentário PLC:

[sob a ded.] *Não estou de acordo, nem isto tem nada com o caso...visto que...vamos adiante.*

Resposta MA:

[sob a observação] *R = Contra a opinião do sr. aqui não posso nada. De questibus...*

p. 7

Seg. do texto + Nota PLC:

Que nem o rico-de-repente que no chá da senhora (...) [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Neologia por neologia, prefiro o aurifungo do Dr. Rafael Corrêa, que é mais conciso, e queima...*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R. = Não queima não sr. num país onde não se estuda mais latim.*

p. 7

Seg. do texto + Nota PLC:

Neto de Borbas me secunda desdenhoso que badalo e mãos asperas nem por isso deixam de existir. Ora! o badalo pode não tocar e mãos se enluvam. [chave no trecho, na marg. dir.]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Não entendi*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R. = Aqui em S. Paulo tem toda uma aristocracia besta, de gente que se orgulha dum Borba Gato ou dum Pais Leme bandeirante. Daí a resposta do neto de Borbas. Ao que repliquei que a gente enluvando a mão, esconde a grosseria plebea das unhas chatas. "O que não é visível existe?"...*

p. 9

Seg. do texto + Nota PLC:

A bulha dos passinhos fariscava o corredor. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Tenho grande curiosidade de saber como justificará o autor este fariscar.*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R.= Veja C. de Figueiredo, Dic.* [rasura] *que dá fariscar como sinonimo de farejar. As meninas vinham inquietamente curiosas até o meio do corredor* [rasura] *buscando ver si percebiam alguma coisa. O verbo está em sentido translato, faz imagem, é logico. "Quê que você anda farejando por aqui?" é frase comum.*

p. 14

Seg. do texto + Nota PLC:

polindo o engruvinhamento do imprevisto. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq. e alto da pág.] *Sempre engrou...., é o que tenho visto.*

Resposta MA:

[alto da pág.] *R.= Tem visto porêm não tem escutado. Engruvinhar e derivados é como toda a gente fala.*

Sustentação de embargo PLC:

Engruvinhamento, p. 14: — Se nos deixássemos levar pela razão com que o autor quer sustentar esta grafia, teríamos de escrever sube (soube), e todas as mais anomalias que a pronúncia correntia põe em giro (óro, pôco, trôxe, etc.) Em suma: íamos cair de corpo inteiro na sónica.

p. 14

Seg. do texto + Nota PLC:

Nem antipatica nem simpatica, elemento. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Por Deus que não entendi.*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R.* = *elemento de vida do lar.*

p. 14

Seg. do texto + Nota PLC:

das associações infantis [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *De ideias, de certo. Ou não?*

Resposta MA:

[marg. dir. da p. 14, marg. esq. e pé-de-pág. da p. 15] *R.* = *Sim, popularmente falando. Scientificamente falando é "associação de imagem" porquê trata-se não dum juizo dum julgamento que é o objeto das associações de ideas, porêm dum divagar imaginativo, desordenado,* [rasura] que a razão não participa. Dêsse divagar, segundo psicologos (Ribot Nosso) eminentemente lírico, dei exemplos no Losango Caqui, nos poemas Tabatinguera, Jorobabel, Escrivaninha. Sendo que neste ultimo a associação forte por demais (lembrança da escrivaninha de meu pai, pois hoje só chamamos de secretária o que no meu tempo de piá era a escrivaninha de meu pai, unica da casa)me levou pra uma só imagem.

p. 14

Seg. do texto + Nota PLC:

entre as asas daquela mosca azul... [grifo e seta]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] *Perdão: vamos de vagar. Aquela qual? Fraulein?*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R.* = *Sim, a palavra Fräulein. O periodo todo trata da palavra Fräulein e do que ela podia ter provocado nas crianças, não correspondendo pra elas á realidade objetiva "governanta Elza" que tinham apalpavel ali diante delas.*

p. 15

Seg. do texto + Nota PLC:

Fraulein significava só isto, não outra coisa. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[alto da pág.] *Isto? Isto quê? Peço perdão: é que vou navegando dificilmente....*

Resposta MA:

[alto da pág.] *R. = O que as meninas deviam dizer pra chama-la Elza. V. página anterior, linha 15.*

p. 15

Seg. do texto + Nota PLC:

A mosca sucumbira *rota* nojenta vil. E baça. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[entrelinha; seta ao lado das interrogações da palavra "rota"] *Futurismo?*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R. = Quá! quá! quá! o sr. está chamando Machado de Assis de futurista. Parafraseei aqui o poema "Mosca Azul" celeberrimo, do meu mestre adorado.*

Sustentação de embargo PLC::

Machado de Assis futurista, p. 15: — Mais de vagar, faça o favor...Eu não percebera porque se fala ali em mosca, e muito menos mosca sucumbida. Interroguei portanto quem era a mosca, e interroguei ainda porque rota e sucumbida. E como certos processos artísticos e estilísticos modernos que eu não consigo perceber, são chamados futurismo, interroguei tambem se aquilo tudo, desde o meio da p. anterior, seria futurismo. Não me parece haja aqui motivo de supôr que eu chamei futurista ao Pontífice, cuja produção Mosca azul não conheço, nem sei se tem qualquer relação com a narrativa que se me apresentava obscura no livro.

p. 17

Seg. do texto + Nota PLC:

não tem que guerê nem pipoca! [grifo e seta]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] *É provável que o público leitor não esteja muito familiarizado com esta frase, que será talvez desconhecida em nove décimos do domínio da língua. É pena não traga ela, ao menos, um sinal diacrítico a mostrar que o u não é mudo: güerê ou gùerê. Não vão os nove décimos ler gherê, e daí nascer novo termo...*

Resposta MA:

[marg. dir. com seta] *R.= Justissimo. D'aqui em diante grafarei gùerê, a primeira vez que aparecer em artigo ou livro.*

Sustentação de embargo PLC::

Guerê, p. 17: — Chamo a atenção do autor para a alínea a) da portaria do governo português de 29 Novº 1920 (Rev. de língua portuguesa, Maio 1921, p. 160), a qual mandou substituir por trema o acento grave que até então era cabível ao caso. Deve, pois, escrever-se güerê, freqüente, etc. e não gùerê etc.

Ao fazer a nota marginal no livro, não me ocorrera que o trema é hoje de rigor em vez do acento grave (tambem em saimento, saüdar, diferentes de ainda, baínha, saúde).

p. 18

Seg. do texto + Nota PLC:

com seus frôlements almofadinhas puro flirt sem continuidade. Estou falando brasileiro. (+) [grifo e chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-págs. 18 e 19] (+) — *É oportuno o aviso. Na minha boa-fé de provinciano, eu andava já bordejando de Calais para Dover, quando o aviso me chamou á realidade do mundo....brasileiro. O pobre brasileiro é que, doentio e analfabeto, seria capaz de sofrer um susto fatal se jamais ouvisse tais termos....*

Resposta MA:

[pé-de-pág. e marg. dir.] *R.= Num livro evidentemente humoristico como êste, e de abrasileiramento forçado de termos estrangeiros, está claro que o emprêgo de flirt e de frôlement, inuteis, e á estrangeira tem valor humoristico tirado pelo choque produzido pelo aviso "Estou falando brasileiro". Aliás consegui o efeito como a gente deduzirá da nota do sr.*

p. 23

Seg. do texto + Nota PLC:

Encontraram Maria Luisa no hol. [grifo]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Convem poupar ao brasileiro nova dávida: proponho um acento agudo no monosílabo, para que o brasileiro não leia hôl.*

Resposta MA:

[1ª resposta, no alto da pág., posteriormente rasurada, em 3 linhas; depois, à marg. dir.] *R.= Tem razão.*

p. 23

Seg. do texto + Nota PLC:

Desapontava(-) sempre. Ao menos desenhava no geito a aparencia do desapontamento.(-) (...) *Desapontava* (-) no sorriso (...)
Desapontava(-) no olhar [grifo e chamadas]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] *(-) O único inconveniente dos barbarismos (que já escapou á perspicácia de Garrett), é a possibilidade dos leitores sisudos tomarem-nos como derivados de ponta. A analogia da língua pode causar-lhes esse desgosto. Quanto aos leitores não sisudos, não ha inconveniente.*

[sem resposta]

p. 26

Seg. do texto + Nota PLC:

A gente podia aproveitar a esteada... [grifo e seta]

Comentário PLC:

[entrelinha com seta] *Eu digo estiada, de estio*

Resposta MA:

[entrelinha] *R.= Tem razão.*

p. 26

Seg. do texto + Nota PLC:

Si (+) subissemos! [chamada]

Comentário PLC: :

[pé-de-págs. 26 e 27] *(+) Isto tem passado por brasileirismo, e não ha veria inconveniente nisso, se o termo já não fosse usado pelo Duart Nunes (Orthographia, pág. 112, Lisboa, 1864). Uma coisa, porem, é cer ta, é certíssima: no Brasil não é popular, a despeito da tendência de trans formar e em i (cfr. minino, piqueno). É termo puramente literário, e isso mesmo..... Leia-se C. Figrdo, A ortografia no Brasil, p. 196 (Lisboa, 1908) e Amadeu Amaral, O dialecto Caipira, sub veb. se*

Resposta MA:

[pé-de-pág. e alto das págs. 27 e 26] *R.= Tambem aqui o sr. terá razão...guardo o meu si pra distinguir. Desde que principiei abrasileirando minha literatura, tomei sempre bem tento nisto: si emprego termos locuções, sintaxes de povo, não faço fala de povo porêm literatura, isto é, busco enobrecer na linguagem escrita os monumentos populares. Carece não esquecer que entre linguagem falada e linguagem escrita vai um abismo quasi. É logico que não basto eu pra enobrecer modismos populares porêm muitos estão fazendo a mesma coisa. Daqui a 100 anos os nossos netos saberão o que ficou corrente na lingua literaria brasileira. Edifico na areia sei bem. Porêm as ruinas de mistura com a areia vão fazer chão duro pra edificações futuras. Não faço arte. Minhas obras não passam de ações.*

p. 27

Seg. do texto + Nota PLC:

pó-de-arrôs. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir. com seta] [rasura] *Por que não arrôz? Desde o Fr. João de Sousa, creio que todos os arabistas querem z.*

Resposta MA:

[mar. dir.] *R.= Me surpreendi e amargurei com o meu arrôs. É arrôz.*

p. 30

Seg. do texto + Nota PLC:

nos dias em que depois da janta(+) [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (+) *Janta:— é bom brasileirismo, já exemplificado atrás mais de uma vez. Tem boa analogia (cp. almoço, ceia) e a formação não briga com a índole da lingua. Mas não é geral no Brasil: na Bala, por ex., é desusado, senão desconhecido.*

Resposta MA:

[pé-de-págs. 30 e 31] *R.= Não é a unica palavra regional que terei empregado... Si é que janta é regional...*

p. 31

Seg. do texto + Nota PLC:

Dona Laura ficava ali mazonza [seta]

Comentário PLC:

[entrelinha com seta] Ou *mazanza?*

Resposta MA:

[entrelinha] *R.= é variante.*

p. 32

Seg. do texto + Nota PLC:

Dútil H2,O se amoldando [seta]

Comentário PLC:

[alto da pág. com seta] *Perdão: eu ainda digo dúctil, e por isso quero que me respeitem o c. Em Portugal, que é mais longe, respeitam-no.....*

Resposta MA:

[pé-de-pág. com chamada] *R.= Porêm si eu tivesse que respeitar tudo o que os outros inda fazem... Se lembre da fabula do Moleiro, o Filho e o Burro, de La Fontaine.*

Sustentação de embargo PLC:

Dútil, p. 32: — Leio no Formulário ortográfico da Comissão portuguesa, novamente revisto pelo relator (Lisbôa, Imprensa Nacional, 1911), regra IX: — "São conservadas as consoantes, usualmente mudas, quando facultativamente se profiram, ou quando influam no valor da vogal que as precede." "Neste caso os vocábulos aparentados..." etc.

Consulto o Vocabulário Remissivo (Lisboa, 1911) organizado "em absoluta conformidade com as resoluções da Comissão", e aí vejo dúctil, e não vejo dútil. No Novo Dic., idem.

Por isso é que a minha nota afirma que em Portugal respeitam o c; por isso é que eu escrevo dúctil, prefiro dúctil, e, brincando, disse querer que me respeitem....

Como vê, o Moleiro aqui não está mal acompanhado — se tivermos de dar alguma importância á única ortografia policiada que já teve a língua portuguesa.

Esta mesma sustentação aplica-se a sustentar as notas de ps. 41, 64, 114 e outras.

p. 36

Seg. do texto + Nota PLC:

mudança do curumim [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq. com seta] *Depois do Baptista Caetano, creio que só no Paraguai.... Sejamos poliglotas, se quiserem, mas salvemos alguma coisa do geral abandono em que caiu a língua brasílica.*

Resposta MA:

[pé-de-pág. com seta] *R= Não apoiado. No sul inda se emprega. E tenho encontrado em muitos livros. Porêm é certo que muitas das palavras brasileiras que emprego aqui como noutras partes são arcaismos legítimos. Arcaismos numa lingua que inda não existe, puxa!...*

p. 41

Seg. do texto + Nota PLC:

como atuou o homem-da-vida. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[alto da pág. com seta] *Cfr. a nota da p. 32, e aplique aqui toda aquela teoria.*

Resposta MA:

[alto da pág.] *R.= Releia a resposta lá.*

p. 42

Seg. do texto + Nota PLC:

Sob as glicínias da pergola [grifo e interrogação]

Comentário PLC:

[ponto de interrogação na marg. esq.]

Resposta MA:

[pé-de-pág. com seta] *R.= Palavra que tambem fiquei sarapantado do C. de F. não dar pergola. Portugal é um país tão atrasado!...Pergola são essas armações de colunatas e traves (e outras) nos jardins, pra serem enramadas por trepadeiras.*

p. 42

Seg. do texto + Nota PLC:

o chão todo se pontilha de lilá. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[entrelinha] *Humpf....*

[sem resposta]

p. 46

Seg. do texto + Nota PLC:

sob a pergola [grifo]

Comentário PLC:

[ponto de interrogação na marg. esq.]

[sem resposta]

p. 47

Seg. do texto + Nota PLC:

na touceira do sueter. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[pé-de-pág. com seta] *Here, at least, you cant'd say you are speaking brazilian... Não fôra eu saber já que não se escrevem Idílios ara leitura de tamanqueiros — diria aqui que este é livro crêspo: guarani, francês, inglês, muito alemão, talvez outras línguas ainda! Cáspite!*

[sem resposta]

p. 48

Seg. do texto + Nota PLC:

foram na matinê do Royal. Estou falando brasileiro(.) [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (.) *Pobre brasileiro! Defende-te, homem!*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R. = Franquezinha: o sr. entendeu como toda a gente entendeu muito bem o que eu queria falar. Vá criticar até Camões com essa má-fé pra ver que bêsta sai Camões. O pior cego...*

p. 50

Seg. do texto + Nota PLC:

Não poude mais. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[alto da pág. com seta] *É propósito, de certo, porque repetido. Dar-se-á que a fórma pôde passou, é passadista, e por isso vitanda?*

Resposta MA:

[entrelinha com seta] *R. = Sobre isso o sr. já me mandou nota. Que acatei porêm não aceitei: grafo conscientemente poude porquê desde os Romanticos pelo menos, é grafia generalisadissima no Brasil.*

Sustentação de embargo PLC:

Poude, p. 50: — Continuarei a escrever pôde pelas razões que se leem na p. 28 do cit. Formulário, as quais, bem pesadas e contadas, dão de si muito valor. E continuarei ainda porquê, de duas fórmas vocabulares que se me deparam, usadas ambas, dou preferência á que se apoia em mais firmes razões scientificas. Ex: ontem e hontem.

p. 50

Seg. do texto + Nota PLC:

/
apesar de sozinho Carlos [grifo e chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.]/ *Escrevo sòzinho (com acento grave), porque, sejam quais forem as diferenças fonéticas entre brasileiro e português, ha diferença entre o som daquêle o e a mesma vogal de povinho, corisco. E já vou notando, no português dos... napolitanos, uma confusãozinha....*

Resposta MA:

[pé-de-pág. 51 com seta] *R. = Tambem já notei. O dr. Laraya é um que fala sôzinho por sòzinho. Não reajo. Aceito. Sou mero espectador. Qual das pronúncias vingará. Os nossos netos que dirão.*

p. 52

Seg. do texto + Nota PLC:

eterna grandiloquencia [grifo e seta]

Comentário PLC:

[alto da pág. com seta] *Não vá um géca supôr que a pronúncia disto é grandilokência: eu escrevo...qüen...*

porêm muitos então fazendo a mesma coisa. Daqui a 100 anos os nossos netos saberão o que ficou escrito na língua literaria brasileira. Solitario na areia sem fim. Porêm as ruinas de mistura com a areia não fazem duro pra edificações futuras, não faço arte. Minhas obras não passam de ações, teja-las agora. Pra isso mostro a minha nos 35 atuais janeiros dela.

Já mandei Tanaka chama-la. Vamos esperar nos vimes almofadados do hol. Se está bem aqui, não? Tanto calor lá fora! Uê! que é isso... chovendo... já! E eu que nem trouxe capa!

— E' assim mesmo! a gente não sabe mais como sair na rua...

— E o frio de ontem de noite! Pleno inverno em meados de Setembro!

— Insuportaveis estas nossas primaveras!

— E' mesmo. Si não fossem as rosas... Porêm tenha paciencia: as rosas salvam tudo! Outro dia passei pela rua das Palmeiras noitinha já. Você sabe... aquele jardim na esquina da rua Conselheiro Brotero?... Meu Deus! o cheiro era tão...

— Seu doutor tem que esperar. Dona Fraulein manda dizer que está no banho.

— Mais essa agora! E a chuva está passando... A gente podia aproveitar a esteada... Si subissemos! (+)

— Uma idea.

— Tem coragem?

— Ora! não seria a primeira.

Minha chave de autor abre essa porta.

Si não fosse a luz excessiva diriamos a Betsabé de Rembrandt. Não a do banho que traz bracelete e colar, a outra, a da "Toilette" mais magrinha, traços regulares. Não é classico nem perfei-

(+) Isto tem passado por brasileirismo, e não haveria inconveniente nisso, se o termo já não fosse usado pelo Duarte Nunes (Orthographia, pag. 112, Lisboa, 1864). Uma coisa, porem, é certa, é castiçissima: no Brasil não é popular, a despeito da tendencia de transformar e em i (esp.

Resposta MA:

[alto da pág., entrelinha e pé-de-pág.] *R.= O sr. tem razão. Porêm meu pensamento (já bem estabelecido e era tempo) é êste: evitar desperdício de acentos em obras artisticas, não didaticas. Porquê obras artisticas não são perfeitamente legiveis nem por jecas (donde vem o geca com g do sr?) nem por marinheiros. (Marinheiros erão chamados os estrangeiros em geral e portugas em particular na revolução pernambucana de 1817). Em obras artisticas só acentuo palavras passivas de outra acentuação com outro sentido e palavras graves que podem provocar associação e por isso dispersar a atenção do leitor.*

Sustentação de embargo PLC:

Géca, na nota de p. 52: — Escrevi com g por inadvertência, e talvez por ortografia ocular, isto é, memoria ocular, por ser esta a fórma geralmente usada. Reconheço que se deve escrever jeca.

p. 55

Seg. do texto + Nota PLC:

Incrivel isso de por o sexto [seta indicando o verbo]

Comentário PLC:

[alto da pág. com seta] *Eu dou muita importância á fonética, e por isso mesmo a tenho observado atentamente. Ha diferença, no Brasil, entre por e pôr.*

[sem resposta]

p. 55

Seg. do texto + Nota PLC:

De primeiro* era [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] **De primeiro: — locução usadíssima, popular, que não tenho ainda visto em letra redonda.*

[sem resposta]

p. 55

Seg. do texto + Nota PLC:

mas porêm + [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] + *Mas porêm: — plebeismo de calcanhar rachado.... Comparável ao português europeu bista = vista*

Resposta MA:

[pé-de-pág. e marg. dir.] *R. = Nem tanto, carissimo signore. Em italiano existe o "ma però"... E aliás inventei por causa do "mas porêm" uma fórmula que me parece elegantissima: "Mas quanto á força porêm os inimigos inda se conservavam superiores."*

p. 56

Seg. do texto + Nota PLC:

não escutava nada (...) não ouvia [grifo e seta]

Comentário PLC:

[pé-de-págs. 56 e 57] *Este jogo mirabolante parece pretender subverter o significado desses verbos nos dicionários, em nome dos factos da língua. Mas para que uma irregularidade de tamanha monta seja tida como um facto da língua, é mister que "o povo na sua maioria ou totalidade, doutos e indoutos" (José Veríssimo, Estudos de literatura, vol. 6º, p. 71, Rio, 1907) assim tenha decidido pela fala e pela escrita. Ora, por enquanto, a dita irregularidade ainda não passou da roda de* [rasura] *crianças, nos grupos á saída dos grupos....*

Resposta MA:

[entrelinha p. 57] *R. = Não só as crianças porêm os adultos adulterantes empregam escutar por ouvir. E quanto ao mais... pelo menos em 2000 exemplares dum pernicioso idílio a barafunda se eterniza...*

p. 56

Seg. do texto + Nota PLC:

todos olhos [chamada]

Comentário PLC:

[interrogação na marg. dir.]

[sem resposta; erro tipográfico]

p. 57

Seg. do texto + Nota PLC:

perspetivas [grifo e seta]

Comentário PLC:

[alto da pág. com seta] *Confira a nota de p. 32, e transporte para aqui a respectiva teoria.*

[sem resposta]

p. 57

Seg. do texto + Nota PLC:

Fraulein para. [seta]

Comentário PLC:

[alto da pág. com seta] *Leia-se, e aplique-se, a apostila da p. 55 sobre por e pôr.*

[sem resposta]

p. 58

Seg. do texto + Nota PLC:

E quando a lição acabava, saindo da biblioteca, surpreendia os dois aquela como consciência de libertação. [chave no trecho]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Ambigüidade.*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R.* = *More or less...*

p. 59

Seg. do texto + Nota PLC:

Ela repetia sempre "Carlos". Era a sensualidade dela. Talvez de todos. Si você ama, ou por outra: si já deseja no amor, pronuncie baixinho o nome desejado. Veja como êle se moja em formas transmissoras do encôsto que enlanguece. Esse ou essa que você ama se torna assim maior. Mais poderoso. E se apodera de você. Homens mulheres fortes fracos... Se apodera. [chave no parágrafo todo]

Comentário PLC:

[alto da pág. com seta] *O Carlos, mais novo, mais aguerrido, decerto entendeu facilmente o período. Eu... tambem creio que sei o que é, embora não consiga saber o que está.*

Resposta MA:

[alto da pág.] *R.* = *Está certo. Contanto que o leitor saiba o que é. E não tem leitor que não saiba aqui. Salvo si é... sopranista.*

p. 59

Seg. do texto + Nota PLC:

como de já-hoje [grifo e seta]

Comentário PLC:

[entrelinha com seta] *V. as notas da p. 55* e +, e tire de ambas a média, que dá aqui bom resultado.*

[sem resposta]

p. 59

Seg. do texto + Nota PLC:

decorar que nem eu [grifo]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Id. id.*

[sem resposta]

p. 59

Seg. do texto + Nota PLC:

Não vê! [grifo]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Id. Id.*

[sem resposta]

p. 60

Seg. do texto + Nota PLC:

Mas êle tinha muitas peloras no coração!
Queria dizer perolas porêm saiu peloras. [grifos e setas]

Comentário PLC:

[marg. dir. com setas] *Será metatese de tipógrafo? — (A nota foi filha de muita pressa. O autor é futurista: — deve-se esperar, que o futuro quasi sempre esclarece escuríssimas escurezas....)*

[sem resposta]

p. 61

Seg. do texto + Nota PLC:

Fraulein não poude mais [grifo e seta]

[marg. dir. com seta] *A insistência, direi até preferência, com que o autor emprega esta fórma, dá-me aso a que observe não ser popular. Quem não lê jornais, não diz poude.*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R.= Sei disso.*

p. 63

Seg. do texto + Nota PLC:

Dona Laura teve uma tontona. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Não conheço o termo*

Resposta MA:

[marg. dir. e pé-de-pág.] *R.= Tonteira. Aliás tonteira está nos dicionarios?... Já são 23 e 15 pra mim procurar. Este "pra mim" está por pandega. Não escrevo isso. Devia escrever... Tenho razões pró e razões contra. Me parece inviavel.*

p. 64

Seg. do texto + Nota PLC:

Que diabo! atos [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *É verdade que já não digo acto; mas ainda digo, e comigo muitos dizem, actuar, actuação.*

Resposta MA:

[alto da pág. com chamada] *R.= Pronuncio e um desproposito de gente comigo: atual e atuação.*

p. 64

Seg. do texto + Nota PLC:

atos da vida não é arte expressionista [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Confira, na sua colecção, uma ficha ou carta ao propósito, e veja adiante, p. 115.*

[sem resposta]

p. 68

Seg. do texto + Nota PLC:

mais piores que um distico [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Modismo que se ouve, uma vez por outra, da boca dos tabareus ribeirinhos do Vasa-barris, de quem dizia Euclides da Cunha que estão um século atrazados dos seus contemporâneos. Leia a nota + de p. 55 e confira o último período de p. 49 dos Estudos de literatura de J. Veríssimo (ed. Rio 1907)*

Resposta MA:

[pé-de-pág. com seta] *R.= Tambem não pretendo constantisar (Aqui-del-rei!) o "mais pior" nem outros modismos que aparecem ora por humorismo, ora por fôrça-de expressão ora... pra irritar.*

p. 70

Seg. do texto + Nota PLC:

este saborosíssimo schisma em seres imperfeitos [grifo e seta]

Comentário PLC:

[alto da pág.] *Quem escreve hol, sueter, lilá, buquê — mal se compreende não escreva sisma ou cisma, refugindo assim ao emprego do barbaríssimo grupo consonantal.*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R.= Tem razão.*

p. 73

Seg. do texto + Nota PLC:

Dona Laura olha o této. [seta]

Comentário PLC:

[alto da pág.] *Aqui está outro caso de arbítrio fundamentado, dos tais que tornam impossível conseguir uniformidade na escrita portuguesa. — Posteriormente, verifiquei que esta nota não tem razão de ser. —*

[sem resposta]

p. 74

Seg. do texto + Nota PLC:

mandam Carlos ir bolir com Fraulein! [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Ha confusão: é bulir, com u.*

Resposta MA:

[marg. dir. p. 74 e marg. esq. p. 75] *R.= Apoiado. Conhece a variante popular "Apolhado". Escutei já isso, não me alembro onde.*

p. 77

Seg. do texto + Nota PLC:

não achava mais milhor [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Confira a nota de p. 68, aplicável aqui.*

[sem resposta]

p. 81

Seg. do texto + Nota PLC:

Por isso turtuveei [grifo e seta]

Comentário PLC:

[entrelinha] *Turtuviar; logo, turtuviei.*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R. Confira: Eu turtuveio, ela turtuveia. Em todo caso não discuto.*

p. 82

Seg. do texto + Nota PLC:

pedira de emprestado [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Nunca ouvi este de.*

Resposta MA:

[marg. esq.] *R.= Eu, muitas vezes.*

p. 86

Seg. do texto + Nota PLC:

Todos os ramos em corimbo erguidos pra cima. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq. em cima] *Corimbo:* [desenho] *O corimbo é sempre pra cima.*

Resposta MA:

[marg. esq., subindo para o alto da pág.] *R.= A redundancia era absolutamente necessaria pra firmar a imagem. Si é que tem redundancia aí... As plantas de enfloração em corimbo dão muitas vezes cachos pendentes.*

p. 86

Seg. do texto + Nota PLC:

Enrija-os a seiba da esperança, que é forte. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Seiba? Pode ser...*

Resposta MA:

[marg. esq. e pé-de-pág. com chamada] *R= Seiba por seiva encontrei várias vezes em Alvares de Azevedo. Aproveitei o termo que não me parece diletantismo do poeta. Aproveitei aliás só por aproveitar. Não pretendo o empregar mais. Foi uma vontadinha de... irritar, arcaisando.*

p. 87

Seg. do texto + Nota PLC:

Si ninguem escutou nada! [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Aqui del rei!*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R.= Meu Deus, que melindres!...*

p. 88

Seg. do texto + Nota PLC:

Antes tranzeunte alterado cheio de trabalhos [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] "Alterado: *(alteré) por sequioso, avido, sedento, é gallicismo grosseiro, e má traducção da palavra francesa, que tem ás vezes aquelle significado.*" *Fr. Francisco de São Luiz, Glossário, p. 6 (Rio, 1835)*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *No português antigo Alterar é "fazer ter sêde" tambem. Confronte C. de Figueiredo, Novo Dicionario. Si a gente ainda usa Desalterar, matar a sêde, porquê agora não pode empregar alterar!*

Sustentação de embargo PLC:

Alterado, p. 88: — *Eu já tinha consultado o Novo Dic. quando transcrevi o trecho do Cardeal Saraiva. E não quero negócio com desalterar, na acepção de dessedentar.*

p. 91

Seg. do texto + Nota PLC:

Detesto o criado portuga, burrissimo e colocador de pronomes. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] *A piada é das melhores.*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R. = O tio emprega melhor... Já vê que não sou só eu modificando a ortografia oficial. Isso de iniciativas particulares...*

Sustentação de embargo PLC:

Melhor, p. 91: — De facto, tenho escrito melhor, com e, acompanhando nisto o uso brasileiro, porque suponho ser grafia facultativa no sistema que adopto. Vejamos:
1º: — Gonç. Viana, Ort. Nac., Lisboa, 1904, p. 20: "melhor, antigamente milhor.... ". Pag. 107: "Todavia, as grafias antigas autorizam talvez tijolo e diante, análogas a milhor, pior, em vez das modernas melhor, peor, cast. mejor, peor;.... " (Note a razão castelhana).
2º: — Mesmo autor, Vocabulário ort. e remissivo (Lisboa, 1912): "Melhora, melhorador, melhoramento, melhorar e melhoria". De todos esses vcbs., só consigna com i o último. Melhor não consigna, mas consigna peor.
3º: — Dic. Contemp., 1925: — Melhor, peor; sob o aviso ort. of. traz pior, mas não traz milhor.
4º: — Novo Dic., 1926: — Melhor, melhora (e toda a família) sem som-

bra de milhor, ao passo que, dando peor, aponta pior ali mesmo, dizendo ou antes pior, e aponta-o de novo no lugar competente, citando autores anteriores á reforma.
5º: — Ao copiar estas notas, saltei o que devia figurar aqui sob o 3º, e que agora escrevo sob 5º: — Gonç. Viana, Apostilas (vol. 2º, p. 276) mostra bem a razão de pior, sem se referir a milhor, apesar de se servir de melhor para argumento comparativo.
6º: — O argumento etimológico aconselha pior (condensação de ei; cfr. Apostilas citadas, vcb. piós) e não aconselha milhor, porque a origem latina tem e e não ei (cfr. Leoni, Gênio da língua, vol. 1º, p. 7, Lisboa, 1858 e os dics. etimológicos.
7º: — No Relatório da Comissão da reforma, já citado, ha uma exposição a respeito de e=i antes de certas consoantes, entre elas lh, e nada mais vejo com aplicação a melhor ou milhor; ao passo que a regra XVI manda escrever pior, dando aso a que os autores se lembrassem do antónimo milhor.
8º: — O Ministro Júlio Dantas, mandando, em Novº de 1920, restabeleceu as grafias leal e real, que estavam sendo objecto dos amores de muitos profetas (Carolina Michaelis, Ribeiro de Vasconcelos, David Lopes, e outros), deixou ficar como estava a grafia pior e nada disse a respeito de melhor — que, repito, tenho por fórma optativa. Cfr. Rev. de língua portuguesa, Maio 1921, p. 164 — e ali verá como se dá peso ás grafias espanhola e italiana. Ora eu, onde tenho liberdade (melhor) acompanho essas grafias e a pronúncia normal da minha terra; onde tenho um canon a seguir, sigo-o contra as ditas grafias esp. e it. e até contra meu pendor pessoal: — pior.
9º: — Confesso lealmente que tenho reminiscência de uma coisa como ordem ou como insinuação, em favor de milhor; mas não posso dar com ela em parte alguma. Conheço, porem, muitos autores que, depois da reforma, ficaram escrevendo milhor.

p. 94

Seg. do texto + Nota PLC:

janela entresserada [grifo e seta]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] *Aliás entreçerrada.*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R.= Puxa! ra[?] mesmo duma vez. Não tenho desculpa, a não ser o cochilo de Homero.*

p. 94

Seg. do texto + Nota PLC:

Dansarinamente na linfa luminosa a poeira [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *No futuro, os luminares da língua hão de estar de acordo com isto; por ora, é cedo para o acordo: façamos um armistício, que é o máximo possível...*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R. = Aqui divergencia irreconciliavel.*

p. 96

Seg. do texto + Nota PLC:

Fraulein era rúim observadora (x) [grifo e chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] *(x) É garantido que só o acento gráfico não basta a mostrar aos povos qual seja a pronúncia paulista. Aliás, a novidade do caso faz pensar lá fora que isto seja erro de tipógrafo.*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R. = Não porquê aparece por todo o livro.*

p. 97

Seg. do texto + Nota PLC:

Sehnsucht tinha agá (+) [grifo e chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág. e marg. dir.] *(+) É facto curioso o efeito ocular das letras. Sendo o agá um sinal sem valor fonético em português, todavia até os especialistas se deixam engasopar por êle. Vejo na Ort. Nac., p. 219, Lisboa, 1904, que o próprio Gonç. Viana escreveu hagá, em vez de agá, como*

seria de esperar. Já o Contador de Argola (Regras, Lisboa, 1725, p. 342/3 ensinava que [rasura] *ha letra e nome de letra: — donde h não é agá...*

[sem resposta]

p. 98

Seg. do texto + Nota PLC:

O caso é que Sousa Costa escutando um amigo bibliofilo gabar exemplares caros, falara pra êle: [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Está escrito.... É assim mesmo que se escreve a história: a brincar.*

[sem resposta]

p. 100

Seg. do texto + Nota PLC:

Carlos era inocente por demais pra supor que Fraulein_ (.) [chamada e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *O melhor da festa são os pontos finais....*

Resposta MA:

[marg. esq.] *R.= Não tenho a minima pretensão de criar formas novas universais. Inventei pra uso pessoal num só livro esta forma ironica de não dizer toda a verdade quando esta é mais ou menos brutal pros refinados. Elipses de palavras e membros de frase...*

p. 100

Seg. do texto + Nota PLC:

não teve coragem pra. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Português de Londres — ou do futuro. Fr. Luis de Sousa está enterrado ha séculos e Fraulein é nova e vive... Era!...*

[sem resposta]

Obs: Foi cortado um pedaço da pág. 100 (metade interna do pé-de-pág.) e lê-se, ao lado do corte, esta nota: "Cortou-se porque a nota foi mtº emendada e passada a limpo na margem, supra direita. " A nota é de Pio Lourenço Corrêa.

p. 102

Seg. do texto + Nota PLC:

Toda gente sabe tambem que o gado abatido lá na grande Argentina que do polled-angus albion sempre abunda alcança tipo elevado na cotação dos importadores europeus. [chave no trecho e seta].

Comentário PLC:

[marg. esq] *Requeiro informação suplementar.*

Resposta MA:

[marg. esq. e alto da pág.] *R. = Não posso dar. Sube disso por informações de articulistas ou telegramas de jornais. Apliquei sem guardar documentação. Aliás não carece, sendo coisa de pouca importância.*

p. 107

Seg. do texto + Nota PLC:

Aliás não corresponde ao shequendes(+) de ninguem. [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág. subindo p/marg.dir.] *(+) Tenho saudades do Garrett... Que dirá êle, meu Deus, na imobilidade eterna, quando souber deste tremendíssimo hibridismo... Sh!... Sheque!... Shequendes!... "... era um cumulo*

de francelhice, que havia de expirar, como expirou, do excesso da propria desenvoltura." disse Rui (Réplica, nº 467) ao analisar um arrojo do Garrett, daqueles "a que só não sucumbia o crédito de um Garrett, porque ao seu fulgor não há nodoas, que se não apaguem" (Idem, ibidem).

Resposta MA:

[marg. dir e alto da pág. de cabeça para baixo] *R.= Nestes causos só tenho esperança no... meu fulgor. Grafei assim o meu que confesso, arrojo pra conservar um pouco a fisionomia da palavra e não tornar ela ininteligivel pro leitor.*

p. 114

Seg. do texto + Nota PLC:

Segunda e terceira razões são [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir] *Confira João Ribeiro, Gram., p. 160, nota (Rio, 1904) e Mário Barreto, Estudos, p. 111 e Através, p. 198 e segs.*

[sem resposta]

p. 114

Seg. do texto + Nota PLC:

seus vereditos (...) êsse receptaculo... [grifo e setas]

Comentário PLC:

[marg. esq] *A primeira palavra devia trazer o c pelo mesmo motivo que a segunda traz o p.*

Resposta MA:

[marg. esq] *R.= Toda a gente pronuncia êste p e só os latiniparlas o c de veredito.*

p. 114

Seg. do texto + Nota PLC:

Você inda não reparou que estou obstruindo? [seta]

Comentário PLC:

[marg. esq] *Mto bem!*

[sem resposta]

p. 115

Seg. do texto + Nota PLC:

Os bois é a lembrança eu o carro. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Sei que isto já custou briga; e ha de custar outras brigas. Veja p. 64. Alem do material que já mandei por carta, acrescento: — "Esaú era as delícias..." Vieira, citado em Réplica, nº 46.*

[sem resposta]

p. 116

Seg. do texto + Nota PLC:

A lembrança do passado me inebria talqualmente a abrideira cheirosa. [chave e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Requeiro, etc. como na p. 102*

Resposta MA:

[marg. esq.] *R. = Abrideira = pinga.*

p. 118

Seg. do texto + Nota PLC:

Uma esculhambação em regra. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir. p. 118 e esq. p. 119] *Já perguntou a si mesmo de onde vem este termo? Aliás deve ser esco.... Mas é termo destabocado de todo em todo.*

Resposta MA:

[marg. esq. p. 119 e alto da pág] *R. = O sr. esqueceu totalmente a semantica. O derivado que o povo emprega diariamente não tem mais nada que ver com o termo originario. Refleti bem e pus conscientemente o termo. Esses casos não são raros.*

p. 119

Seg. do texto + Nota PLC:

a mossoroca (|) das cobertas [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (|) *Tenho ouvido sempre maçaroca, ou massaroca, de Maça ou Massa.*

Resposta M.A.:

[pé-de-pág.] *R. = Os termos da linguagem oral, principalmente duma inda em formação, variam muito. Às vezes variantes puramente pessoais, o que torna extremamente dificil a registração. Já escutei várias vezes mossoroca.*

p. 120

Seg. do texto + Nota PLC:

Porêm si cantava de satisfa (|) parou a desafinação [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-págs. 120 e 121] (|) *Ao ler pela segunda vez esta abreviação faceta de rapazes, ocorre-me que o autor, destemeroso na via da língua artificial (que ha e houve sempre em toda parte), bem podia ter escrito sastifa, que isto tambem se ouve de brinquêdo, como satisfa.*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R.= Não esquecerei o... mau conselho. Quando empregar sastifa lhe mandarei a letra-de-fôrma para gôso do sr.*

p. 134

Seg. do texto + Nota PLC:

Assim palida está ver (|) uma rainha brancarana [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-págs. 134 e 135] (|) *Está ver: — O que sempre ouvi no dialecto de minha terra, não se poderia grafar assim. A representação gráfica do modismo, no caso, seria esta: — "Assim pálida está ê vê ûa rainha". (Não acrescentei o brancarana porque isso é exotismo aqui; é do Amazonas e não sei de onde mais.) Mas o modismo ê vê, ou é vê, figurado como foi, corre os mesmos riscos que correu a tábua, e a que já se faz referência ali adiante (nota átimo).*

Resposta MA:

[pé-de-pág. 135 e alto da mesma] *R.= Linguagem literaria tem de ser inteligente, isto é, refletir as expressões do povo dentro sempre da analise erudita dessas mesmas expressões.* [rasura] *D' al ver pelo vê da fala popular. Confronte o erudito "É de ver". Quanto ao "é vê" ou "ê vê" que também conheço existe a-la-par (gostou?) do "vê" simples.*

p. 134

Seg. do texto + Nota PLC:

Almoçaram num atimo. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq. e alto da pág.] *Átimo: — O termo existe; e já teve a honra de entrar para [rasura] Novo Dic., 1926. Convem não dispensar o acento gráfico, para evitar o que aconteceu com tábua. (Veja C. Figrdo, Falar e escrever, vol. 1º, p. 179 (Lisbôa, 1906)*

Resposta MA:

[alto da pág.] *R.= Escreverei: átimo.*

p. 136

Seg. do texto + Nota PLC:

O buquê oferecido prá [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir. p. 136 e marg. esq. p. 137] *Buquê: — Eu, e outros ingénuos, conheciamos o português e o castelhano buque; mas buquê, aquem Pirineus, nem Laudelino Freire! Peço perdão-e proponho a continuação da leitura.*

Resposta MA:

[marg. esq. p. 137 e alto da pág.] *R.= é inutil e pedante escrever ramalhete ou ramilhete, coisa que a não ser os puristas (minoria) ninguem não fala. Nem o Mario Barreto dirá que o meu buquê não esteja dentro da indole ortografica da fala portuga.*

p. 143

Seg. do texto + Nota PLC:

Si lhe telefonassem, do clube? do clube, avisando que. Ora deixemos de imoralidades! Sousa Costa nunca teve aventuras, nunca mais terá aventuras, todos os sacrificios porêm que minha filha sare!... Sousa Costa pensa em Deus. [chave no trecho e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Requeiro etc. (v. p. 102)*

Resposta MA:

[alto da pág.] *R.= Tão simples! Do clube muitas vezes telefonavam pro femeeiro, chamando-o. Ele ia. Pro clube? Qual! Pra casa dela. Delas. Mas o essencial está tão claro na letra-de-fôrma!...*

p. 143

Seg. do texto + Nota PLC:

E os pensamentos de dona Laura sobem ao atá pra céus muito vagos. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Mandei o Baptista Caetano ao encadernador, e fiquei desarmado para a luta. Só depois....*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R. = Não carecia do B.C. João Ribeiro trata disso, não sei onde.*

p. 143

Seg. do texto + Nota PLC:

E fica assim panema [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Idem, id.*

[sem resposta]

p. 143

Seg. do texto + Nota PLC:

rolando nhampans no hoi. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Idem, id.*

[sem resposta]

p. 144

Seg. do texto + Nota PLC:

Não lhe falei que (...) Fraulein falou pra você [grifo]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Caramba! homem: diga dizer uma vez...*

[sem resposta]

p. 144

Seg. do texto + Nota PLC:

montasse mais no corremão! (|) [grifo e chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (|) *Corremão: — A legitima forma portuguesa é corrimão, q.v. nos dics. A tendência do dialecto paulista, talvez brasileiro, é fazer i naquela posição do e. Nada justifica, pois, a neografia corremão.*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R. = Tem razão.*

p. 146

Seg. do texto + Nota PLC:

Carlos atira um sorriso de conivencia pra Maria Luisa e vai. Escrevi conivencia... De caso pensado. (|) Conivencia é duma exatidão psicologica absoluta. [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (|) *Conivência é cumplicidade. Não percebo a razão destas justificações.*

Resposta MA:

[pé-de-págs. 146-7] *R. Aqui eu careceria não de margens, porêm de folhas inteiras pra analisar a cumplicidade de M. Luisa a favor de si mesma. É um dos casos mais curiosos de psicologia individual que conheço. Desisto de explicar por ora, porêm vou tomar nota e no [sic] "noite" idilio puramente de análise psicologica, cacetissimo, que estou preparando lentamente, estudarei o causo.*

p. 147

Seg. do texto + Nota PLC:

Que coisa misteriosa o sono! Só aproxima a gente da morte pra nos estabelecer milhor dentro da vida... [chave e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Reminiscências de....*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R.= Lhe peço que me diga de quem. Não* [rasura] *sei quem já escreveu isso. Si escreveu, aceito a reprimenda.*

Sustentação de embargo PLC:

Reminiscências, p. 147, 152, 202: — Não se assute...Não cheirei plágio, homem! Vi nos lugares apontados, e ainda noutros, certo geito, certo meneio de Machado de Assis, que atribúo a reminiscências de leitura, direi convivência literária. Não anotei por depreciar, senão por estimar; não por censurar, senão por despertar: "....; preferi dormir, que é um modo interino de morrer" (Braz Cubas, cap. XIX) "Me fiz por isso filósofo que é um geito rápido da gente se iludir" (Amar, pág. 152) "Mas o sonho, que é uma fresta do espírito, deixou novamente entrar..." (Id., cap. XXXIII) "Que coisa misteriosa o sono. Só aproxima a gente da morte...." (Amar, p. 147) Etc. etc. Como vê, não ha motivo para a inquietação revelada nas suas notas, nem nas minhas....

p. 150

Seg. do texto + Nota PLC:

Brincaes por treino (¦) exercendo em diminutivo a angustiosa adivinhação da existência. [grifo e chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-págs. 150 e 151] (¦) *Traquejado no uso dos mil neologismos de que se serve a mocidade doirada, ~~que~~ freqüentadora dos salões desses clubes esportivos, que têm o nome após o qualificativo, o* [rasura] *autor escreve a monte todos os estrangeirismos que os doirados trazem em cada paquete transatlântico. Eu sei — e quem o não souber, se tiver tino, o deduzirá logo com a leitura do livro —; eu sei que êle faz isso de caso pensado, como declarou ao proposito de conivência, que aliás não requeria declaração; mas, inda assim, não posso acabar comigo (como dizia o pe Bernardes) o perdoar-lho. Oxalá lho perdõe a opinião geral dos coevos e dos pósteros.*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R.= Amen.*

p. 151

Seg. do texto + Nota PLC:

suportar aguentar tolerar por dispor querer sofrer [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *É certo que ninguem escreve amôr, bolôr, calôr; mas, veja a observação no rosto da obra, acerca das variantes pessoais justificáveis.*

[sem resposta]

p. 152

Seg. do texto + Nota PLC:

Sofro. Me fiz por isso filosofo que é um geito rapido da gente se iludir. [chave e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Reminiscências de.... Cfr. p. 147.*

Resposta MA:

[marg. esq.] *R. = Estou sarapantado. Explique-se!*

p. 152

Seg. do texto + Nota PLC:

Me fiz cinico e a modos que assim [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] A-mode, a mode-que é voz do dialecto que, desde Amadeu Amaral, ficou-se chamando caipira.

[sem resposta]

p. 156

Seg. do texto + Nota PLC:

Esses brasileiros iam levar o corpo se gastar. Fraulein ia levar o corpo ganhar. [chave e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Levar o corpo a se gastar, levar o corpo a ganhar. Será isto? Talvez, e talvez esteja certo. Salvo o pronome... (cala-te, que entras para o lote dos burrissimos de pag. 91....)*

Resposta MA:

[pé-de-pág. com seta] *R.= Protesto contra a interpretação da pg. 91. Alem de burrissimo o criado portuga é colocador de pronomes. Duas coisas que será dificil negar. Quanto ao resto, brasileiro brasileirento de deveras não usa neste caso a preposição.*

p. 157

Seg. do texto + Nota PLC:

A Tijuca só é passeiavel (|) com mulheres. [grifo e chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (|) *Já não sei nada. Será lapso? será propósito? Se é propósito, como é possível (Cfr. C. Figrdo, Falar e escrever, vol. 1º, pág. 318 (Lisboa, 1906), teremos então passeiado, passeiador, passeiante, passeiata, passeiar.*

Resposta MA:

[pé-de-pág. e marg. dir.] *R.= Foi mais um cochilo que espero dos meus posteros será chamado de "homerico".*

p. 158

Seg. do texto + Nota PLC:

itás guampudas. (|)[grifo e chamada]

Comentário PLC:

[alto da pág.] (|) *Guampudas: — Aqui, como na pag. 23, ha o inconveniente de as pessoas sisudas se assustarem; mas é claro que as pessoas não sisudas estão familiarizadas com o termo, e não sentirão aquele inconveniente.*

[sem resposta]

p. 158

Seg. do texto + Nota PLC:

Aplaude a velocidade dos cipós. (-) [grifo e chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (-) *Mais ou menos como quem diz a imobilidade da fuga de uma côrça, não?*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R. = Si quiser. Confronte Einstein. Si o sr. tiver coragem pra correr tanto como a côrça ela correndo estará pro sr.: imovel. Porêm minha intenção foi fazer imagem.*

p. 159

Seg. do texto + Nota PLC:

Mas porêm era filosofo [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Confira o Leal Conselheiro e outros.*

Resposta MA:

[marg. esq.] *R. = Já está visto que até os conselheiros leais dão conselhos rüins...*

p. 159

Seg. do texto + Nota PLC:

O automovel debralhou [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (|) *Protesto energicamente: desembraiou é que se diz. Ah!... perdão: — desembraiou é plebeismo; a fórma erudita, usada no Jockey Club (que é onde se fala....brasileiro) deve ser aqueloutra, mais conforme com a origem.*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R.= É isso mesmo!*

p. 161

Seg. do texto + Nota PLC:

e o Coorcovado ver um morubichaba [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *V. nota ( ) de p. 134.*

[sem resposta]

p. 163

Seg. do texto + Nota PLC:

Juruviá duma vez. [seta]

Comentário PLC:

[entrelinha] *Que raio de falta faz um Baptista Caetano*

Resposta MA:

[pé-de-pág. com seta] *R.= Quanto mais si o tio souber que não possuo nem li êsse tal de Batista!...*

p. 164

Seg. do texto + Nota PLC:

Carlos evoluia rapido [seta]

Comentário PLC:

[entrelinha] *Este ainda não tinha entrado ao tempo do cardeal Saraiva: vê-se que a língua... evoluiu.*

Resposta MA:

[marg. dir. e alto da pág. 165] *R.= Evoluiu sim. Não teve entrada até a Escrava que não é Isaura, porêm como o autor mudou de orientação, tambem evolucionou de evolver pra evoluir.*

p. 164

Seg. do texto + Nota PLC:

Carlos prefere a orelhinha direita da amada pros beijos [seta]

Comentário PLC:

[marg. esq] *O Raposão tambem tinha ternuras auriculares pela Adèlia-zinha (cfr. A Relíquia)*

Resposta MA:

[marg. esq] *R.= Ora* [rasura] *eça!...*

p. 165

Seg. do texto + Nota PLC:

Entretanto tantanam [grifo]

[sem nota]

Resposta MA:

[marg. esq.] *R.= Neologismo originado de tantan ou tãtã ou tam-tam, instrumento. Vem no idílio Amar Verbo Intranzitivo do futurista Mario de Andrade, p. 165.*

p. 165

Seg. do texto + Nota PLC:

Porêm (|) quando não se dorme [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (|) *É exagerada a insistência com que aparece esta conjunção no estilo do autor, em que raramente veremos um mas. Acresce que, quasi sempre, abre o período; é pouco visto aqui o modismo, tão elegante, de pôr a conjunção depois: — "Quando, porêm, não se dorme...." Será pelo horror às vírgulas?*

Resposta MA:

[marg. dir. com chamada] *R.= Observação finissima não partindo do proprio autor e que prova o carinho com que o livro foi lido. Muito obrigado. Com efeito, forço conscientemente a nota neste livro. No proximo já estou mais... livre.*

p. 167

Seg. do texto + Nota PLC:

negralhada relumeante. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[entrelinha e marg. dir.] *Compare reluzente; isto não quer dizer que eu ache bom, nem ruim o neologismo: ambos pelo contrário...*

[sem resposta]

p. 167

Seg. do texto + Nota PLC:

sensações de tantans (|) [grifo e chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (|) *Baptista Caetano, é? Cp. tantanam, poco fa.*

[sem resposta]

p. 179

Seg. do texto + Nota PLC:

largada desinfeliz. (|) [grifo e chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (|) *Desinfeliz: – Leia C. Figrdo, Falar e escrever, 2º vol., p. 51/2 (Lisboa, 1906); Leoni, Génio da língua, vol. 2º, p. 73 (Lisboa, 1858); Gonç. Viana, Palestras filológicas, p. 74 (Lisboa, 1910); Heraclito Graça, Factos da linguagem, p. 190 (Rio, 1904).*

[sem resposta]

p. 180

Seg. do texto + Nota PLC:

Quasi que os outros escutaram. [grifo e seta]

[marg. dir.] *Na obsessão do neologismo, o autor atirou irremediavelmente ás ortigas o velho ouvir. Feitios.... gostos....*

[sem resposta]

p. 180

Apenas si (|) uma recordação [grifo e chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (|) *C'est à peine si.... Esta é a 2ª ou 3ª vez que o actor é chamado á scena do livro. Entrevejo a agonia do actor mais velho (– a custo uma recordação –), talvez tambem condenado, como o ouvir referido supra.*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R. = Aqui errei redondo.*

p. 181

Seg. do texto + Nota PLC:

Os primeiros aterros escureciam [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Propósito? Talvez, desde que são os córtes que escurecem o ambiente: antítese, chamavam os mestres de... de quê mesmo?*

Resposta MA:

[marg. dir. com chamada] *R. = Puxavante! Pros cachorros! Com mil bombas e mil milhões de caximbos apagados! não escapou nada! É corte e não atêrro.*

p. 182

Seg. do texto + Nota PLC:

E no presente pirassununga va [grifo e seta]

Comentário PLC:

[mar. esq.] *Esta agora!...*

Resposta MA:

[marg. esq.] *R. = Aguenta, Felipe!*

p. 182

Seg. do texto + Nota PLC:

a dor macota [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Já está no Novo Dic., 1926.*

[sem resposta]

p. 188

Seg. do texto + Nota PLC:

O engenheiro do bengaló [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *É bangaló, q.v. nos dics.*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R.= Porêm João de Barros já morreu faz tempo e nem o bengaló americano corresponde mais ao bangaló da Índia.*

p. 189

Seg. do texto + Nota PLC:

rosnava tiririca (|) [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-pág.] (|) *Tiririca: — É uma ciperácea invasora, que os negociantes de plantas importaram do Rio, e vulgarizam em S. Paulo com as plantas que vendem. No sentido usado pelo autor, é da gíria de rapazes, que lhe dão sentido cómico, manifestado na entonação da voz e talvez no torneio da frase.*

[sem resposta]

p. 192

Seg. do texto + Nota PLC:

sempre constatei (|) que [chamada]

Comentário PLC:

[pé-de-págs. 192-3] (|) *Constatar: — "É dos mais escandalosos gallicismos" C. Figrdo, Lições práticas, vol. 1º, p. 249 (Lisboa, 1904). Bem sei que, ao fazer essa citação, chovi no molhado; não sei, porêm, conter-me, que não mal-empregue o malbaratear de um pujante engenho, que tão acintemente fere a língua e, reflexivamente, fere-se com a mais condenável arma de que facilmente fugiria: — o impenitente propósito de fazer linguagem anti-portuguesa (do ponto de vista da contextura e história da língua).*

Resposta MA:

[alto da pág., entrelinha e marg. dir. p. 193) *R.= Engano grave. Não faço linguagem antiportuguesa porêm aportuguesa, o que é outra coisa. Não reajo contra Portugal; me esqueço de Portugal. Desde o princípio tomei bem tento nisso. Procuro uma norma geral, tirada da gente erudita, da gente esportiva, da gente pobre, todas as gentes do Brasil. E reconheço que tenho alem dessa norma, as minhas tentativas pessoais. O que é natural pois não tem estilo sem individuo.*

p. 202

Seg. do texto + Nota PLC:

Quem conjeturava? Aqueles anjos que trazem esponjas do céu. Tudo por causa de dona Laura. Eu quasi digo que por causa de Sousa Costa. Afinal resolvo não dizer coisa nenhuma porquê será inutil procurar a causa de efeitos inexistentes. [chave e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq. e alto da pág.] *Reminiscências de.... De quem? Ora diga....*

Resposta MA:

[alto da pág.] *R. = Exijo justificativa desta e antecedentes "reminiscencias...*

p. 203

Seg. do texto + Nota PLC:

algum randevú [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *Humpf!...*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R. = Sabe que na Bala chamam randevú de "recurso"?*

p. 204

Seg. do texto + Nota PLC:

Tinha aquecimento central. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir. p. 204 e marg. esq. p. 205] *Deixe-se de cerimônias, diga logo chofagem, como diz randevú e shequendes. Os snobs do Café la Paix, de volta aos penates, não dizem de outro modo.*

Resposta MA:

[marg. esq. e dir. p. 205] *R.= Não digo, t'al! Não é possivel que o sr. tenha a coragem de confundir os useiros e vezeiros randevú e shequendes (êste aliás pôsto com manifesta intenção humoristica) com o inda novinho e desusado chauffage que dos 30 uns 28 milhões de brasileiros inda não conhecem.*

p. 211

Seg. do texto + Nota PLC:

chefe da estação ou do tráfico etc. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[mar. dir.] *Aqui ha confusão. Preste ouvidos aos ferroviários, e consulte o Novo Dic., 1926.*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R.= Já sei. É "do trafego".*

p. 214

Seg. do texto + Nota PLC:

com sutac purrtuguêss, não? [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. esq.] *Eu já conhecia sotaque, usado pelo Eça, nos Maias, e, posteriormente, catalogado no Novo Dic. – que é feito em Portugal, por portugueses.*

Resposta MA:

[marg. dir.] *R.= Puxa, sr. meu tio! pois não percebeu que grafei assim e o purrtuguêss seguinte só por macaquear caçoando a pronúncia portuga!*

p. 224

Seg. do texto + Nota PLC:

/dias depois da partida de/. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[marg. dir.] *É inglês, sim, ou coisa parecida. V. a pág. seg.*

[sem resposta]

p. 225

Seg. do texto + Nota PLC:

Quasi o botava nocaute. [grifo e seta]

Comentário PLC:

[alto de pág.] *Como no caso do shequendes, acho difícil transcrever isto: nòcaute estaria quasi, mas sem o acento — acho um desastre.*

Resposta MA:

[pé-de-pág.] *R. = Isso por causa que o sr. não frequenta os esportistas. Si frequentasse escutava logo nocaute (com o fechado) muitas vezes. Só os que praticam o inglês inda falam nòcaute.*

p. 231

Nota PLC:

[pé-de-pág. à dir.] *A quem*

[p. 231, verso] A quem ler essas notas ríspidas, sem conhecer os antecedentes imponderáveis de amizade e camaradagem entre autor e crítico — pode parecer, parece de certo, que achei o livro detestabilíssimo. Entretanto — curiosa antinomia! — declaro lealmente que não. Salvas divergências irreconciliáveis — até na fórma, que não só no fundo, vejo um valor dinâmico entressachado, bastante poderoso para manter a obra por cima dos escolhos, em que tantas vezes parece naufragar.

Chácara, em Araraquara, Março de 1927.

[ass.] Pio Lourenço Corrêa

Em 1944, quando da 2ª edição, aplacadas as divergências, a dedicatória é esta no exemplar de Pio Lourenço (Biblioteca Municipal de Araraquara):

Tio Pio

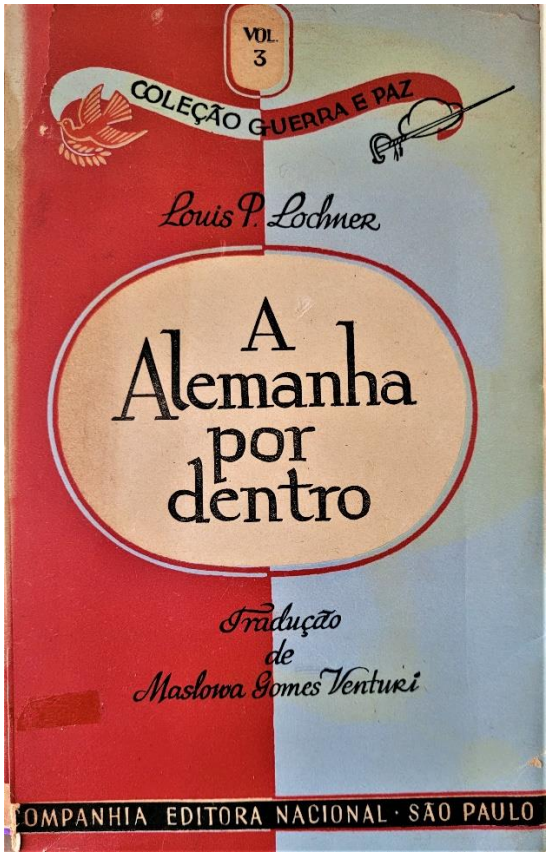
aqui lhe mando a versão nova dêste livro que teve a felicidade de ganhar a sua adesão intelectual. Não a outra, a forte e indissoluvel adesão do Amigo, que esta eu sei permanente — é dos confôrtos melhores desta minha vida. Não estou lhe mandando as minhas Obras Completas, não é por desleixo ou ingratidão. O que já saiu, a História da Musica e o Macunaíma, o Sr. já possue em primeiras e melhores edições. Estou mandando agora os papéis feios e hirsutos da fábrica nacional, tão hirsutos e feios como a linguagem em que me senti...
Esperemos que pro futuro fabricantes novos melhorem lingua e papel. Aproveito êste livro pra lhe contar que agora sou proprietario do Sítio de Sto. Antonio no município de São Roque, que pertenceu a Fernão Pais de Barros, e guarda ainda casa-grande e capela do sec. XVII. Há que matar primeiro os carrapatos, os reais, com nome latino na sistemática da História Natural, e alguns escolhidos, da tradição que também coçam, ferem e maltratam os vivos. Vou construir um estúdio modernissimo lá, defrontando o passado. Al o levarei um dia, pra lhe pedir aprêço, conselho,

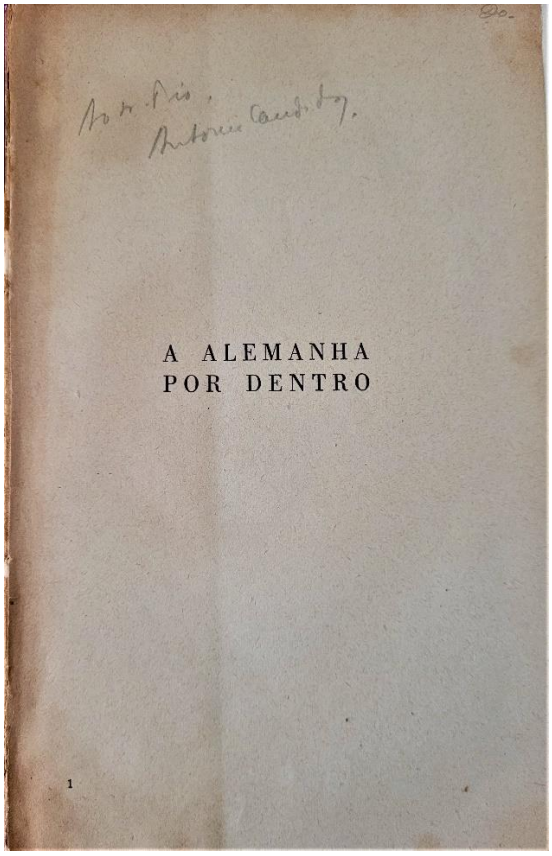
e sempre a companhia preferida.

— *S. Paulo, Ano Bom de 1944*

2.1.4.3 Diálogo com Antonio Candido em dedicatórias

Figura 15: Dedicatória de Antonio Candido[45] a PLC em *A Alemanha por dentro,* de Louis P. Lodmer (Tradução de Maslowa Gomes Venturi. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1944)

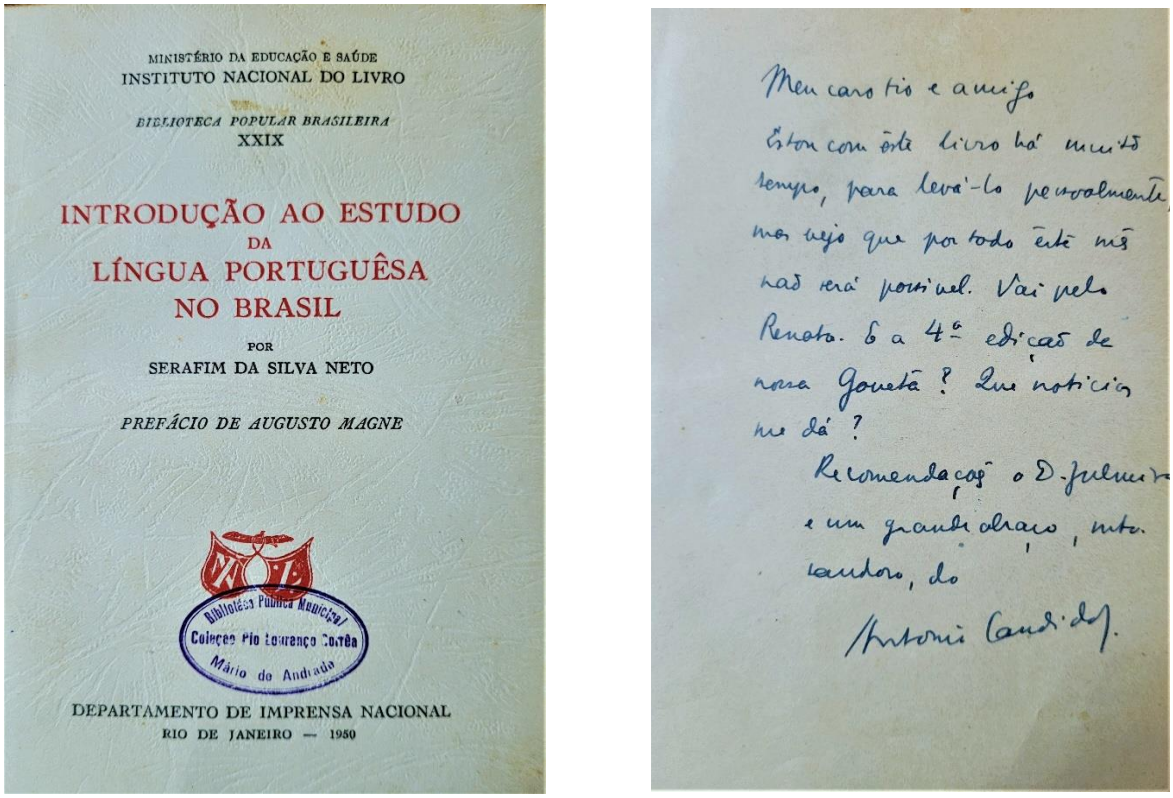




Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

[45] Transcrição: "Ao sr. Pio,/ Antonio Candido".

Figura 16: Dedicatória de Antonio Candido[46] a PLC em *Introdução ao estudo da língua portuguêsa no Brasil*, de Serafim da Silva Neto (Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

BIBLIOTECA POPULAR BRASILEIRA
XXIX

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DA
LÍNGUA PORTUGUÊSA
NO BRASIL

POR
SERAFIM DA SILVA NETO

PREFÁCIO DE AUGUSTO MAGNE

Biblioteca Pública Municipal
Coleção Pio Lourenço Corrêa
Mário de Andrade

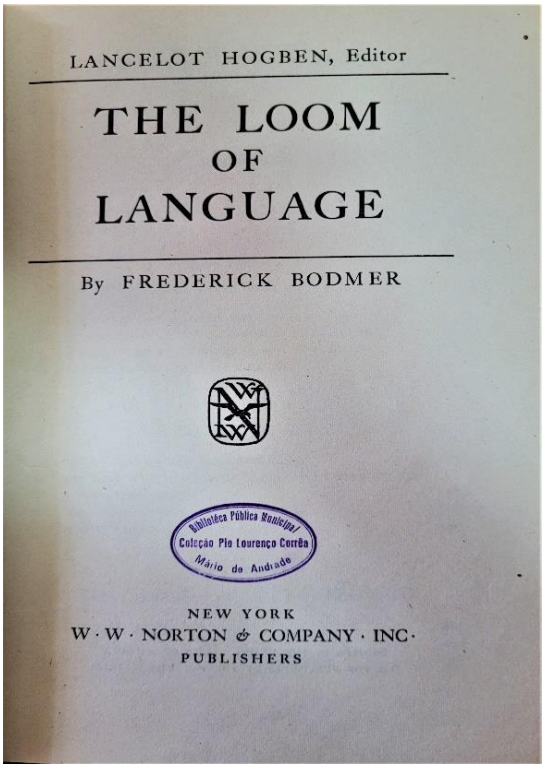
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1950

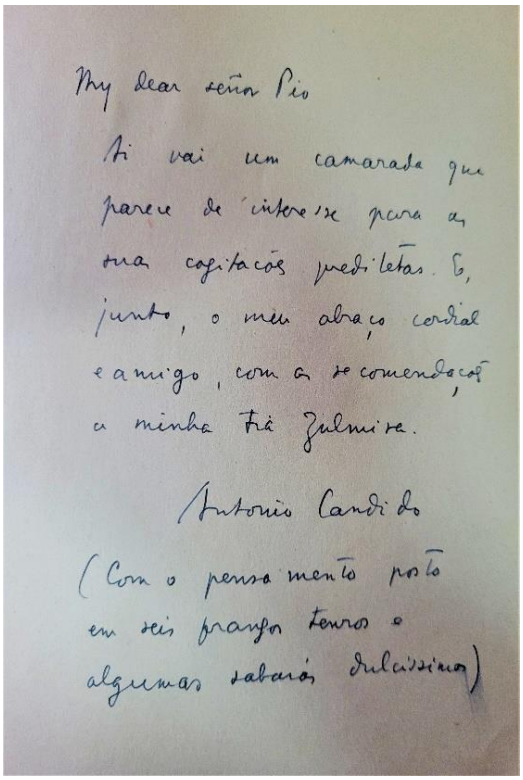
Meu caro tio e amigo
Estou com êste livro há muito
tempo, para levá-lo pessoalmente,
mas vejo que por todo êste mês
não será possível. Vai pelo
Renato. E a 4ª edição de
nossa Gazeta? Que notícias
me dá?
Recomendações a D. Zulmira
e um grande abraço, muito
saudoso, do
Antonio Candido.

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

[46] Transcrição: “Meu caro tio e amigo / Estou com êste livro há muito / tempo, para levá-lo pessoalmente / mas vejo que por todo este mês / não será possível. Vai pelo / Renato. E a 4ª edição de / nossa Gazeta? Que notícias / me dá? / Recomendações a D. Zulmira / e um grande abraço, muito / saudoso, do / Antonio Candido”.

Figura 17: Dedicatória de Antonio Candido[47] a PLC em *The Loom of Language*, de Frrederick Bodmer (New York: W. W. Norton & Company – Inc. Publishers, s/d).

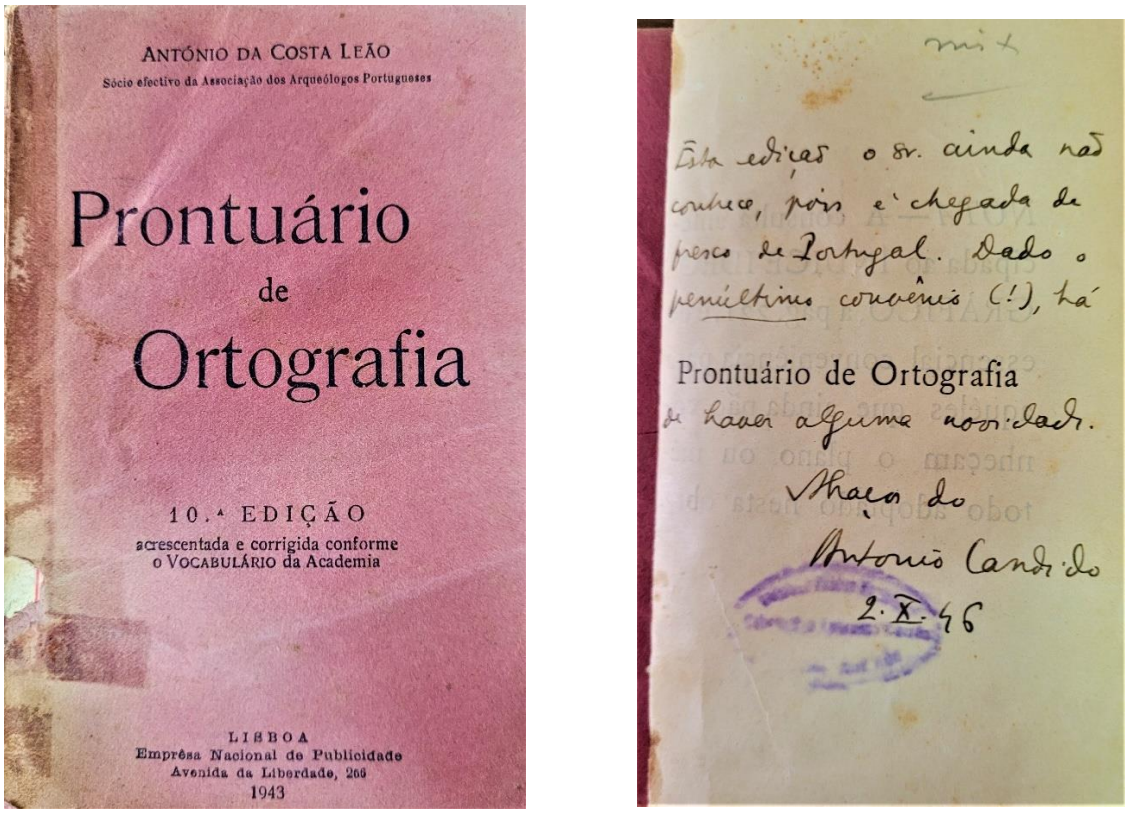




Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

[47] Transcrição: " My dear señor Pio / Ai vai um camarada que / parece de interesse para as / suas cogitações prediletas. E, / junto, o meu abraço cordial / e amigo, com a recomendação / a minha Tia Zulmira. / Antonio Candido". / (Com o pensamento posto / em seis frangos tenros e / algumas sabarás dulcíssimas)".

Figura 18: Dedicatória de Antonio Candido[48] a PLC em Prontuário de Ortografia, de Antônio da Costa Leão (10. Ed. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1943)

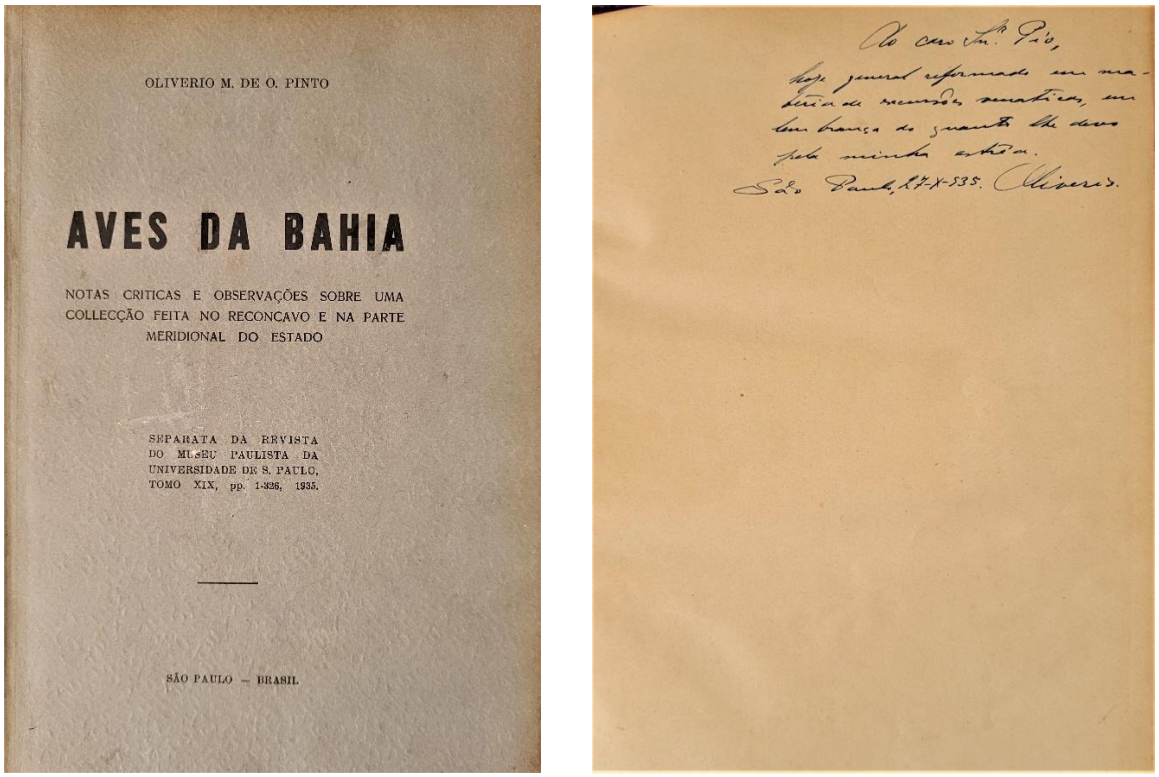


Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

[48] Transcrição: “Esta edição o sr. ainda não / conhece, pois é chegada de / fresco de Portugal. Dado o / penúltimo convênio (!), há / de haver alguma novidade. / Abraços do / Antonio Candido / 2. X. 46”.

B.1.4.4 Diálogo com Olivério Mário de Oliveira Pinto em dedicatórias

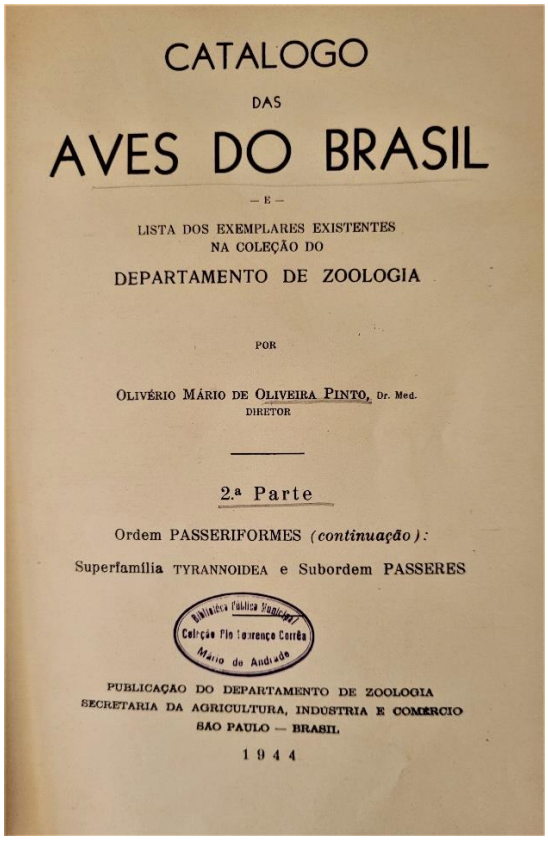
Figura 19: Dedicatória a PLC de Olivério M. de O. Pinto[49] em seu livro *Aves da Bahia* (São Paulo: Separata da Revista do Museu Paulista da USP, 1935)



Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

[49] Transcrição: “Ao caro Snr. Pio, / hoje general reformado em ma- / teria de recursos semânticos, uma / lembrança do quanto lhe devo / pela minha estréa. / São Paulo, 27 – X – 935. Olivério”.

Figura 20: Dedicatória a PLC de Olivério M. de O. Pinto[50] em seu livro *Catálogo das Aves do Brasil* (São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio – Depto. de Zoologia, 1944) – com anotação de Pio.



CATALOGO

DAS

AVES DO BRASIL

— E —

LISTA DOS EXEMPLARES EXISTENTES
NA COLEÇÃO DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

POR

OLIVÉRIO MÁRIO DE OLIVEIRA PINTO, Dr. Med.
DIRETOR

2ª Parte

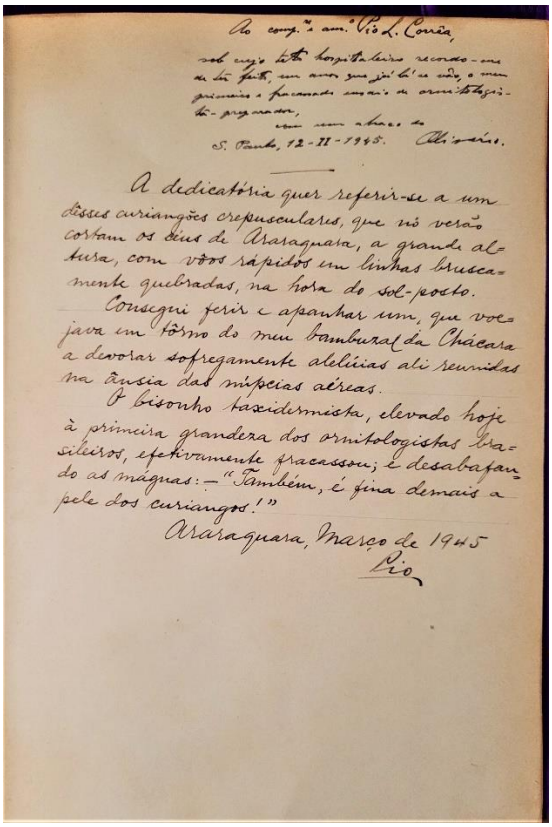
Ordem PASSERIFORMES *(continuação)*:

Superfamília TYRANNOIDEA e Subordem PASSERES

Biblioteca Pública Municipal
Coleção Pio Lourenço Corrêa
Mário de Andrade

PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMERCIO
SÃO PAULO — BRASIL

1944



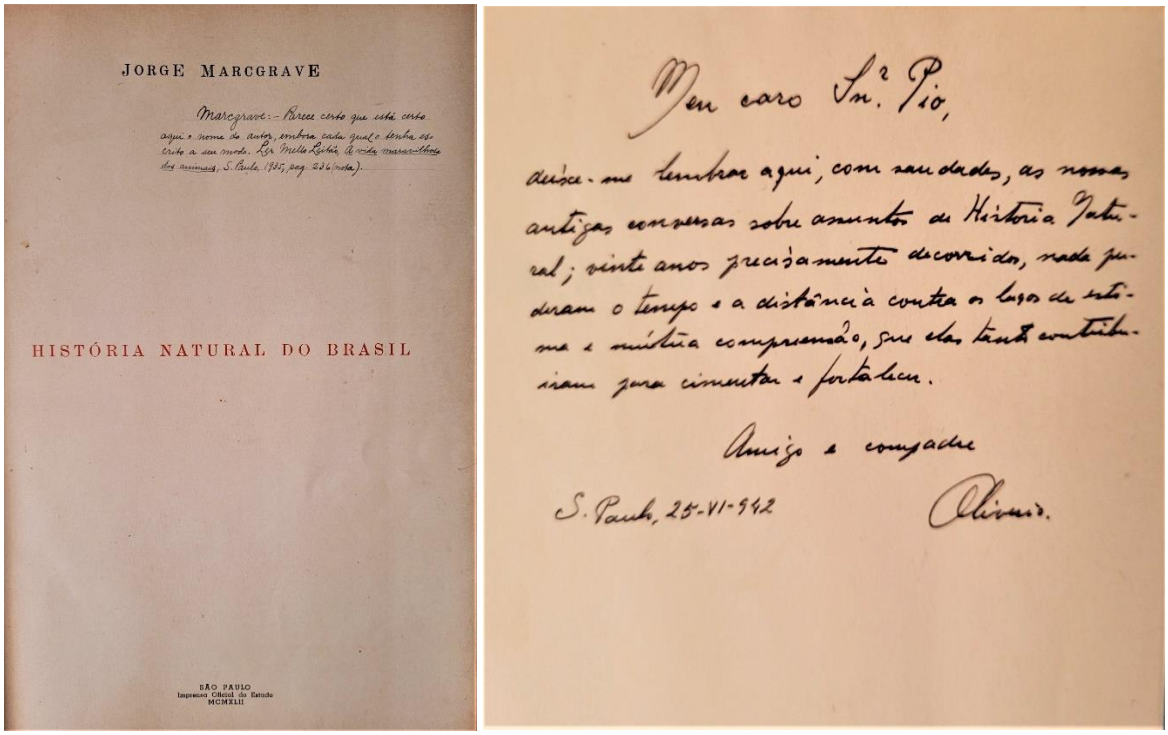
Ao comp.º e am.º Pio L. Corrêa,
sob cujo teto hospitaleiro recordo-me
de ter feito, em anos que já lá se vão, o meu
primeiro e fracassado ensaio de ornitologia-
já preparado,
com um abraço do
S. Paulo, 12-II-1945. Olivério.

A dedicatória quer referir-se a um
dêsses curiangões crepusculares, que nó verão
cortam os céus de Araraquara, a grande al-
tura, com vôos rápidos em linhas bruscа-
mente quebradas, na hora do sol-posto.
Consegui ferir e apanhar um, que voe-
java em tôrno do meu bambuzal da Chácara
a devorar sofregamente delícias ali reunidas
na ânsia das núpcias aéreas.
O bisonho taxidermista, elevado hoje
à primeira grandeza dos ornitologistas bra-
sileiros, efetivamente fracassou; e desabafan-
do as máguas: — "Também, é fina demais a
pele dos curiangos!"
Araraquara, Março de 1945
Pio

[50] Transcrição: "Ao comp.º e am.º Pio L. Corrêa, / sob cujo teto hospitaleiro recordo-me / de ter feito , em anos que já lá se vão, o meu / primeiro e fracassado ensaio de ornitologia já preparado, / com um abraço do / Olivério / S. Paulo, 12 – II – 1945". Anotação de PLC: "A dedicatória quer referir-se a um / dêsses curiangões crepusculares, que, que no verão cortam os céus de Araraquara, a grande al- / tura, com vôos rápidos em linhas brusc- / amente quebradas, na hora do sol -posto. / Consegui ferir e apanhar um, que voe- / java em tôrno do meu bambuzal da Chácara / a devorar sofregamente delícias ali reunidas / na ânsia das núpcias aéreas. / O bisonho taxidermista, elevado hoje / à primeira grandeza dos ornitologistas bra- / sileiros, efetivamente fracassou; e desabafan- / do as máguas: - 'Também, é fina demais a / pele dos curiangos!' / Araraquara, Março de 1945 / Pio".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

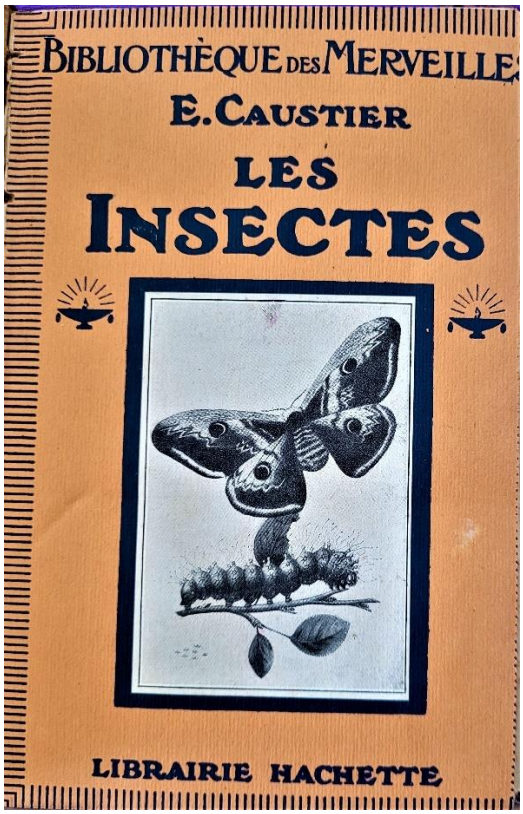
Figura 21: Dedicatória a PLC de Olivério M. de O. Pinto[51] em *História Natural do Brasil*, de Jorge Marcgrave (São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1942), com anotação de Pio na capa.

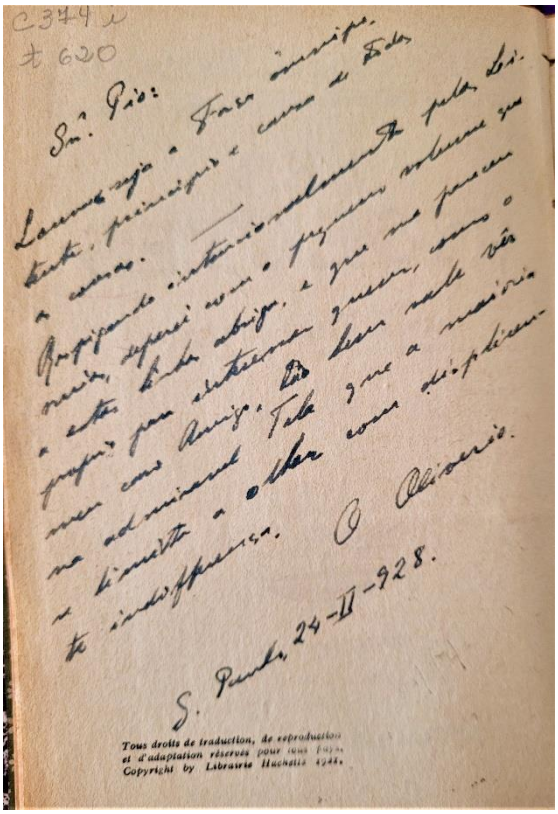


Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

[51] Transcrição [capa]: "Marcgrave: - Parece certo que está certo / aqui o nome do autor / embora cada qual o tenha es- / crito a seu modo. Ler Mello Leitão. *A vida maravilhosa / dos animais*. S. Paulo, 1935, pag 236 (nota)". [Dedicatória]: "Meu caro Snr. Pio, / deixe-me lembrar aqui, com saudades, as nossas / antigas conversas sobre assuntos de Historia Natu- / ral; vinte anos precisamente decorridos, nada pu- / deram o tempo e a distância contra os laços de esti- / ma e mútua compreensão, que elas tanto contribu- / íram para cimentar e fortalecer. / Amigo e compadre / Olivério. / S. Paulo, 25 – VI – 942".

Figura 22: Dedicatória a PLC de Olivério M. de O. Pinto[52] em *Les Insectes* (s/l: Librairie Hachette, s/d)

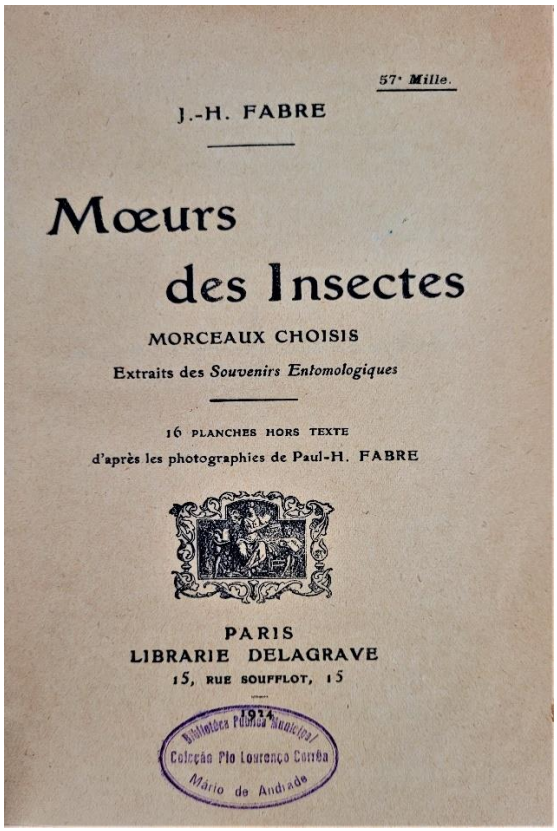


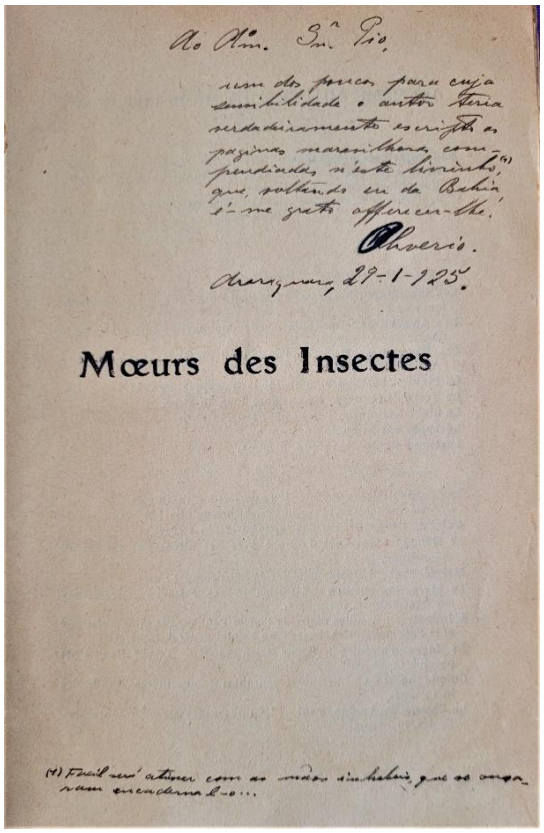


Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

[52] Transcrição: “Snr. Pio: / Louvada seja a Face omnipo- / tente, principio e causa de todas / as coisas [causas]. Respingando intencionalmente pelas Li- / vrarias deparei com o pequeno volume que / a estas linhas abriga, e que me pareceu / próprio para [extremo querer], como o / meu caro Amigo, tão bem sabe ver / na admirável Tela que a maioria / se limita a olhar com displicente indiferença. / O Oliverio. / S. Paulo, 24 – II – 928”.

Figura 23: Dedicatória a PLC de Olivério M. de O. Pinto[53] em *Moeurs Insectes,* de J. H. Fabre (Paris: Librarie Delagrave, 1924)

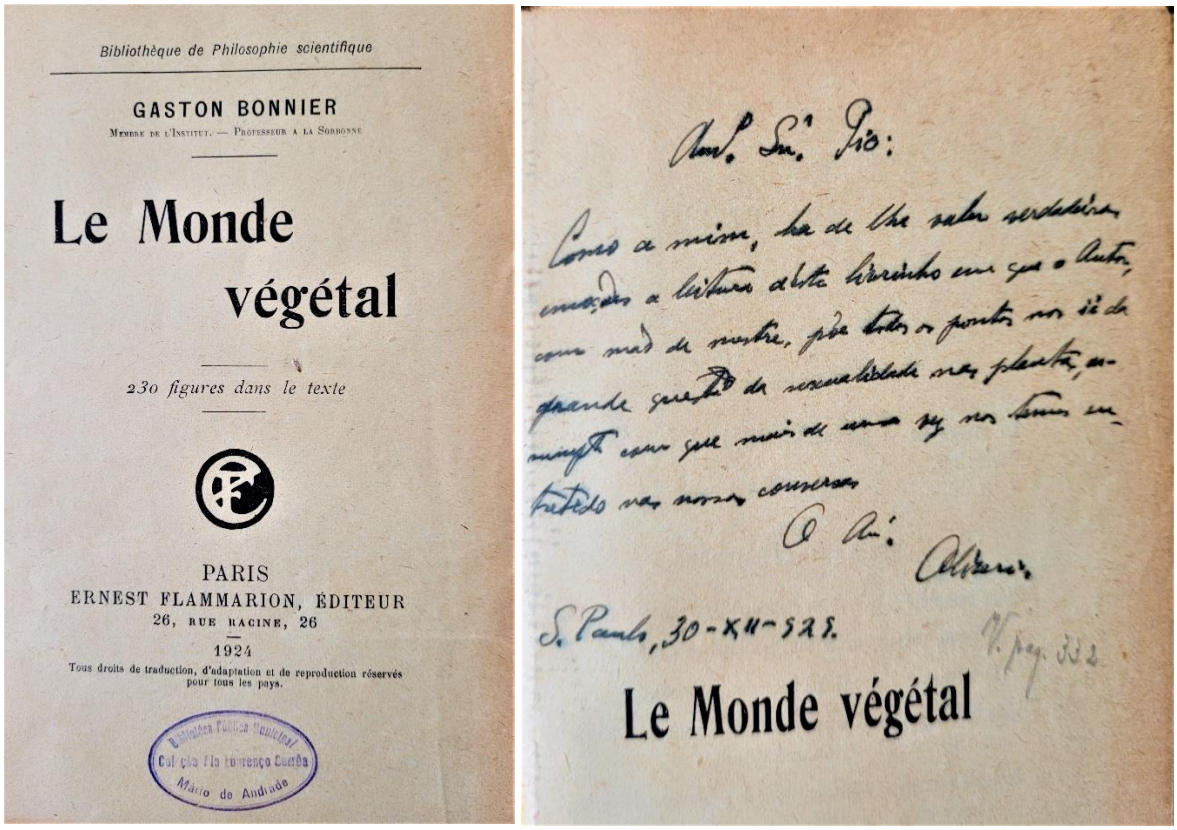




Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Transcrição: "Ao Amº Snºr Pio, / um dos poucos para cuja / sensibilidade o autor teria / verdadeiramente escripto as / paginas maravilhosas com- / pendiadas n'este livrinho*, / que voltando eu da Bahia, / é-me grato offerecer-lhe. / Oliverio. / Araraquara, 29 – I – 925". *Fácil será atinar com as mãos in hábeis, que as mandaram encadernal-o...".

Figura 24: Dedicatória a PLC de Olivério M. de O. Pinto[54] em *Le monde végétal*, de Gaston Bonnier. Paris: Ernest Flammarion Editeur, 1924.

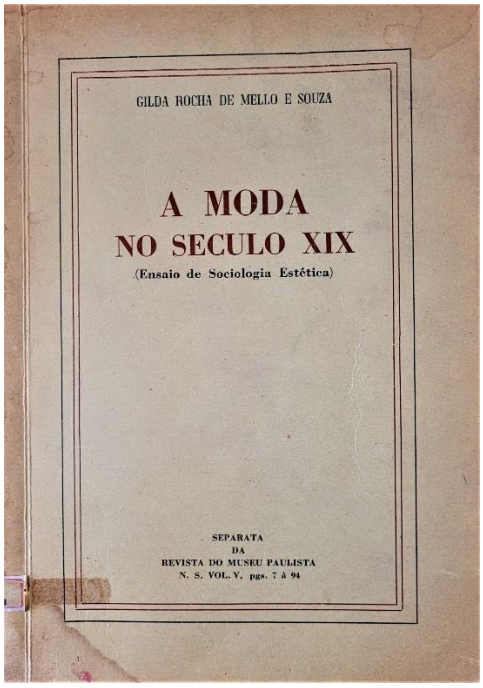


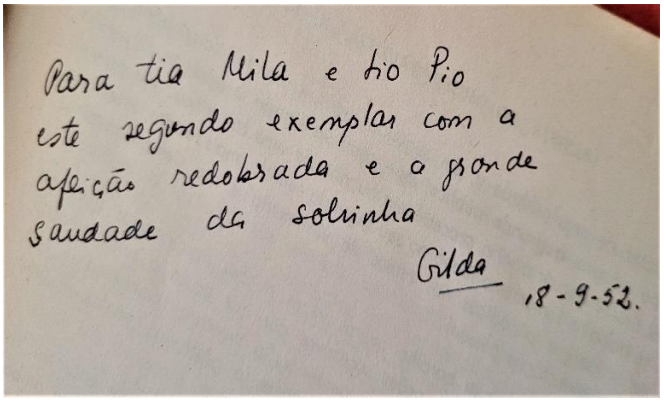
Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

[54] Transcrição: "Am.º Snrº Pio: / Como a mim, há de lhe valer verdadeiras / emoções a leitura deste livrinho em que o autor, / com mão de mestre, põe todos os pontos nos is da / grande questão da sexualidade nas plantas, assumpto com que mais de uma vez nos temos em- / tretido nas nossas conversas. / O Am.: / Oliverio / S. Paulo, 30 – XII – 929".

B.1.4.5 Diálogo com Gilda de Mello e Souza em dedicatórias e fichas

Figura 25: Dedicatória de Gilda de Mello e Souza[55] a PLC e Zulmira, em A moda no século XIX – Ensaio de Sociologia Estética. *Separata da Revista do Museu Paulista*. São Paulo, v.5, p. 7 a 94.

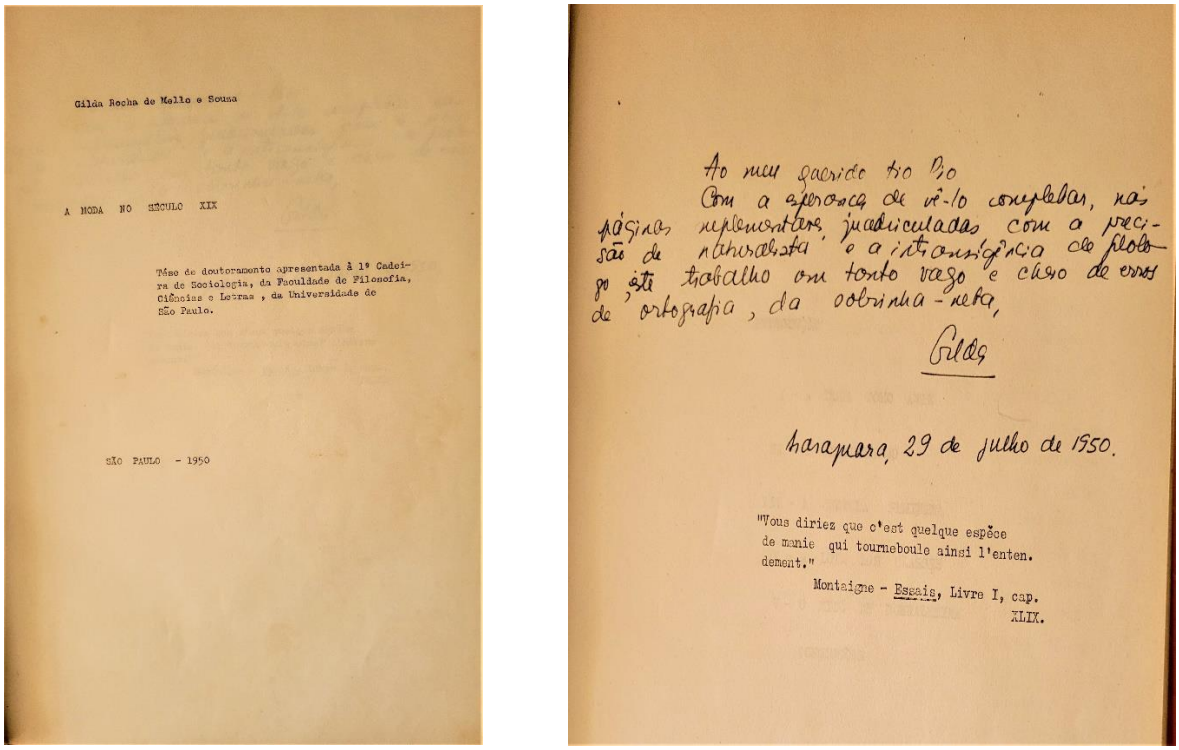




Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

[55] Transcrição: "Para tia Mila e tio Pio / este segundo exemplar com a / afeição redobrada e a grande / saudade da sobrinha / Gilda / 18 – 9 – 52".

Figura 26: Dedicatória de Gilda de Mello e Souza[56] a PLC, na tese: *A moda no século XIX* (Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo,1950.



Gilda Rocha de Mello e Souza

A MODA NO SÉCULO XIX

Tése de doutoramento apresentada à 1ª Cadeira de Sociologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

SÃO PAULO - 1950

Ao meu querido tio Pio
Com a esperança de vê-lo completar, nas páginas suplementares, quadriculadas com a precisão de naturalista e a intransigência de filólogo este trabalho um tanto vago e cheio de erros de ortografia, da sobrinha-neta,
Gilda

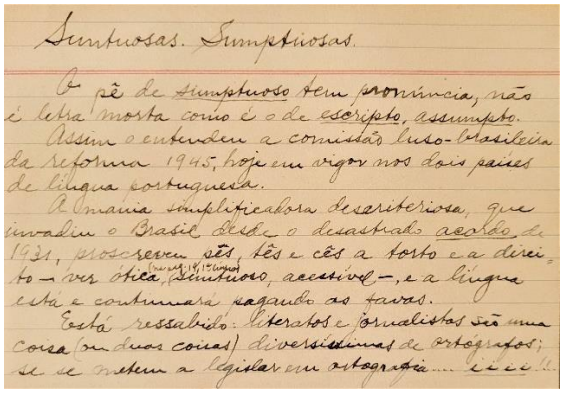
Araraquara, 29 de julho de 1950.

"Vous diriez que c'est quelque espèce de manie qui tourneboule ainsi l'entendement."
Montaigne - Essais, Livre I, cap. XLIX.

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

[56] Transcrição: "Ao meu querido tio Pio / Com a esperança de vê-lo completar, nas / páginas suplementares quadriculadas com a preci- / são de naturalista e a intransigência de filólo- / go este ttrabalho um tanto vago e cheio de erros / de ortografia, da sobrinha-neta, / Gilda / Araraquara, 29 de julho de 1950".

Figura 27: Fichas de estudo / correção de PLC encontradas entre as folhas da tese: *Suntuosas. Sumptuosas*; *Ortografia*; *Década, decênio*; *Desapercebida, despercebida*; *Adoção, adopção*.



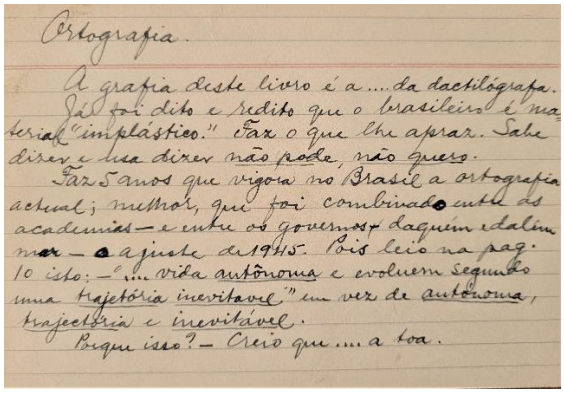
Suntuosas. Sumptuosas.

O pê de sumptuoso tem procedência, não é letra morta como é o de escripto, assumpto.

Assim o entenderam a comissão luso-brasileira da reforma 1945, hoje em vigor nos dois países de língua portuguesa.

A mania simplificadora desarteriosa, que invadiu o Brasil desde o desastrado acordo de 1931, escreveu sês, tês e cês a torto e a direito — ver ótica, sintuoso, accessível —, e a língua está a continuar pagando as favas.

Está ressabido: literatos e jornalistas são uma coisa (ou duas coisas) diversíssimas de ortografos; se se metem a legislar em ortografia ... cccc



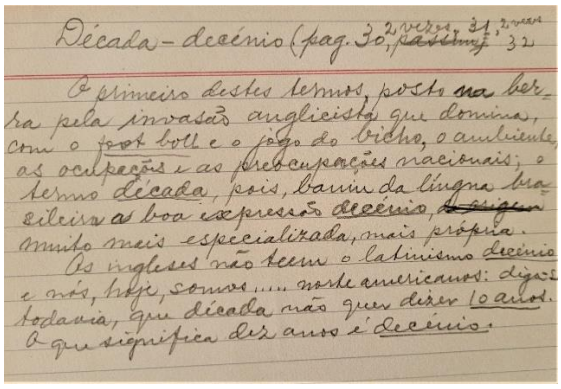
Ortografia.

A grafia deste livro é a .... da dactilógrafa.

Já foi dito e redito que o brasileiro é naturalmente "implástico." Faz o que lhe aprazer. Sabe dizer e lhe dizer não pode, não quero.

Faz 5 anos que vigora no Brasil a ortografia actual; melhor, que foi combinado entre as academias — e entre os governos daquém e dalém mar — o ajuste de 1945. Pois leio na pag. 10 isto: — "... vida autônoma e evolucem segundo uma trajetória inevitavel" em vez de autônoma, trajectória e inevitável.

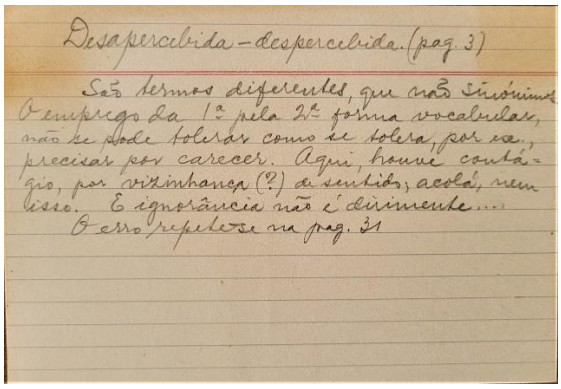
Porque isso? — Creio que ... a toa.



Década - decênio (pag. 30, 2ª vez; 31, 2ª vez; 32)

O primeiro destes termos, posto na berlinda pela invasão anglicista que domina, com o foot ball e o jôgo do bicho, o ambiente, as ocupações e as preocupações nacionais; o termo década, pois, baniu da língua brasileira a boa expressão decênio, muito mais especializada, mais própria.

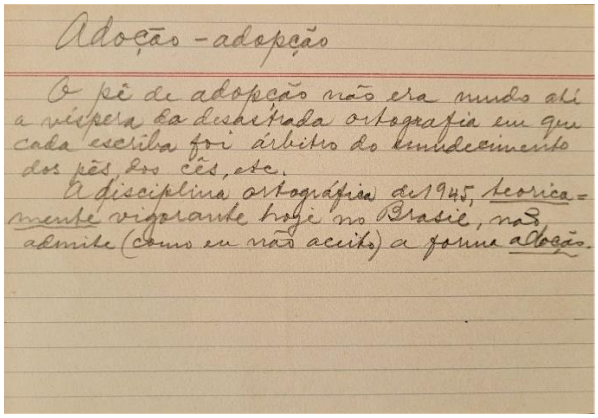
Os ingleses não teem o latinismo decênio e nós, hoje, somos .... norte americanos: digo-se todavia, que década não quer dizer 10 anos. O que significa dez anos é decênio.



Desapercebida - despercebida. (pag. 3)

São termos diferentes, que não sinônimos. O emprego da 1ª pela 2ª forma vocabular, não se pode tolerar como se tolera, por ex., precisar por carecer. Aqui, houve contágio, por vizinhança (?) de sentido; acolá, nem isso. É ignorância não é dirimente ....

O erro repete-se na pag. 31



Adoção - adopção

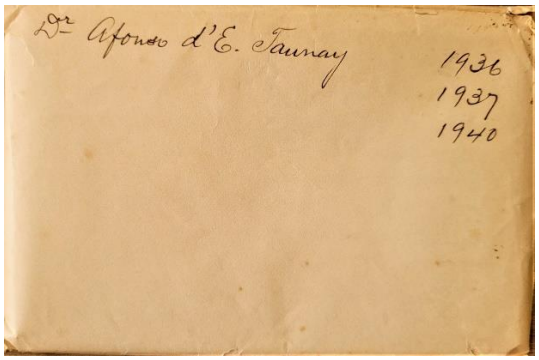
O pê de adopção não era mudo até a véspera da desastrada ortografia em que cada escriba foi árbitro do emudecimento dos pês, dos cês, etc.

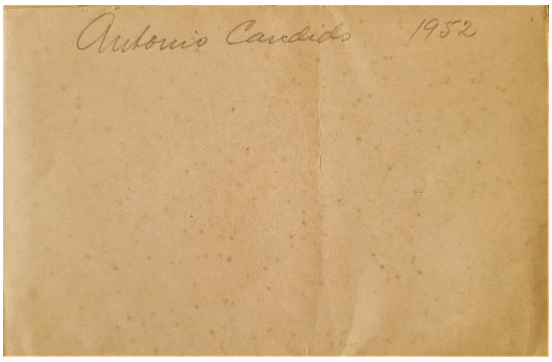
A disciplina ortográfica de 1945, teoricamente vigorante hoje no Brasil, não admite (como eu não aceito) a forma adoção.

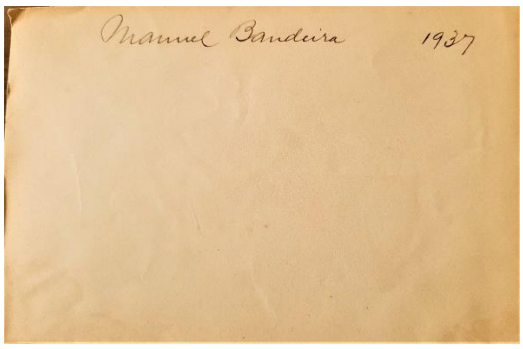
Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotos tiradas pela pesquisadora em janeiro de 2022.

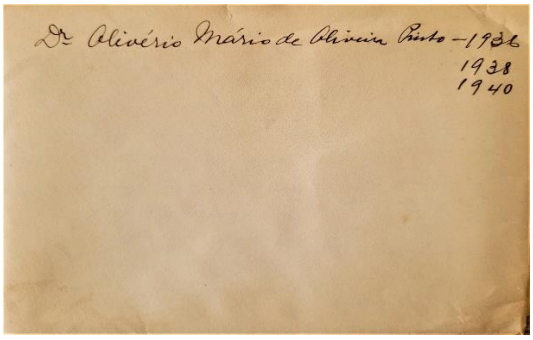
B.1.4.6 Textos avulsos em envelopes nomeados

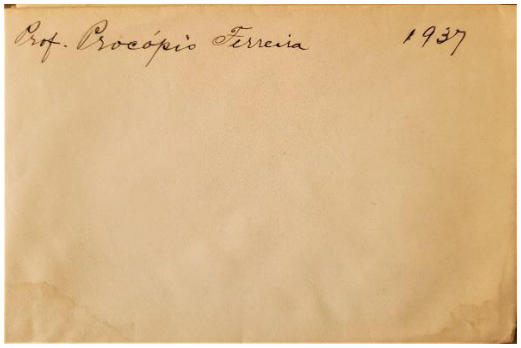
Figura 28: Fichas, recortes de jornal, papéis avulsos, registros de dedicatórias enviadas e cartões de visita recebidos, guardados em envelopes com nomes de remetentes e destinatários: Afonso d'E. Taunay, Antonio Candido, Manuel Bandeira, Olivério M. de O. Pinto, Procópio Ferreira e Antenor Nascentes.

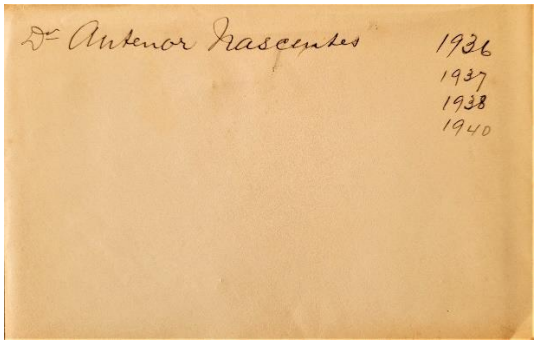












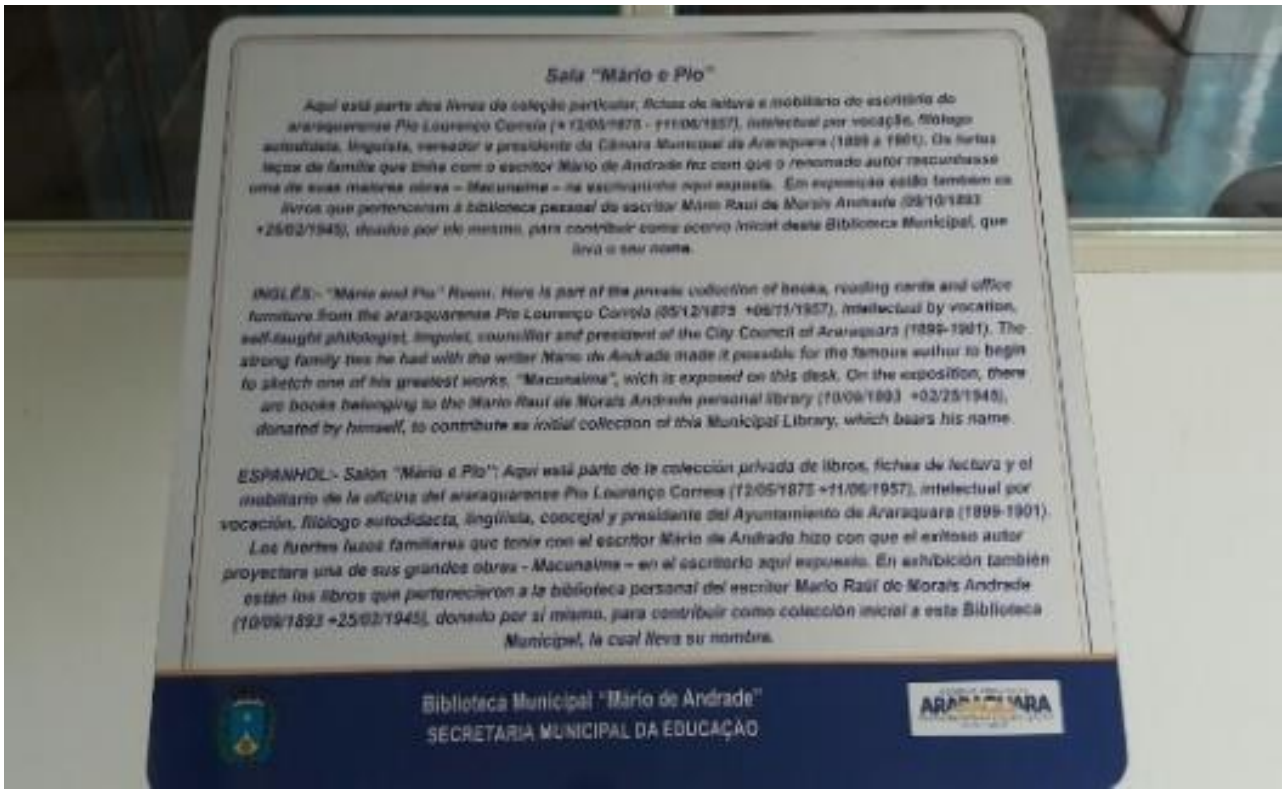
C A BIBLIOTECA DE PIO LOURENÇO CORRÊA

Figura 29: Placa comemorativa e explicativa em homenagem a Mário de Andrade, elaborada pela Prefeitura, no 196º aniversário da cidade, localizada na entrada do prédio da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, de Araraquara/SP, com os seguintes dizeres: "Poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo. Um dos fundadores do brasileiro, ele praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Pauliceia Desvairada*, em 1922. Andrade exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira." – Araraquara, 29 de agosto de 2013.



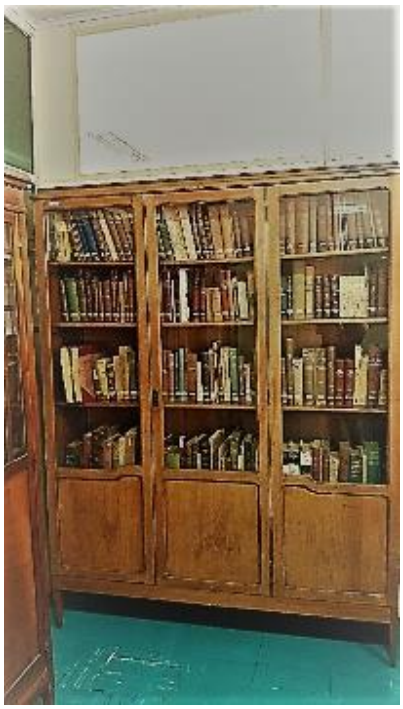
Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 30: Placa explicativa à porta da Sala “Mário e Pio”, elaborada pela Secretaria Municipal da Educação, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, de Araraquara/SP, com os seguintes dizeres: “SALA ‘MÁRIO & PIO’ – Aqui está parte dos livros da coleção particular, fichas de leitura e mobiliário do escritório do araraquarense Pio Lourenço Correia (12/05/1875 – 11/06/1957), intelectual por vocação, filólogo autodidata, linguista, vereador e presidente da Câmara Municipal de Araraquara (1899-1901). Os fortes laços de família que tinha com o escritor Mário de Andrade fez com que o renomado autor rascunhasse uma de suas maiores obras - *Macunaíma* – na escrivaninha aqui exposta. Em exposição estão também os livros que pertenceram à biblioteca pessoal do escritor Mário Raul de Morais Andrade (09/10/1893 – 25/02/1945), doados por ele mesmo, para contribuir como acervo inicial desta Biblioteca Municipal, que leva o seu nome”.



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 31: Estante 1 de PLC.



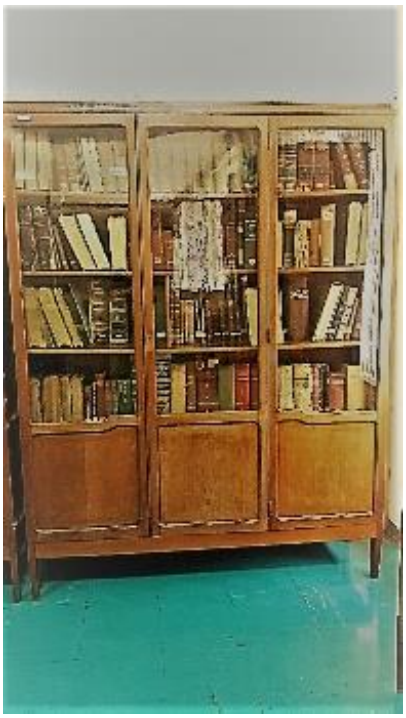
Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 32: Estante 2 de PLC.



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 33: Estante 3 de PLC.



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 34: Estante 4 de PLC.



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 35: Estante 5 de PLC.



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 36: Estante 6, com livros doados por MA.



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 37: Estante 7, com livros sobre MA e PLC.



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 38: Escrivaninha, cadeira, pele de coelho e cesto de palha pertencentes a PLC.



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 39: Gaveta 1 da escrivaninha de PLC.



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 40: Gaveta 2 da escrivaninha de PLC**.**



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 41: Gaveta 3 da escrivaninha de PLC. .



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 42: Gaveta 4 da escrivaninha de PLC.



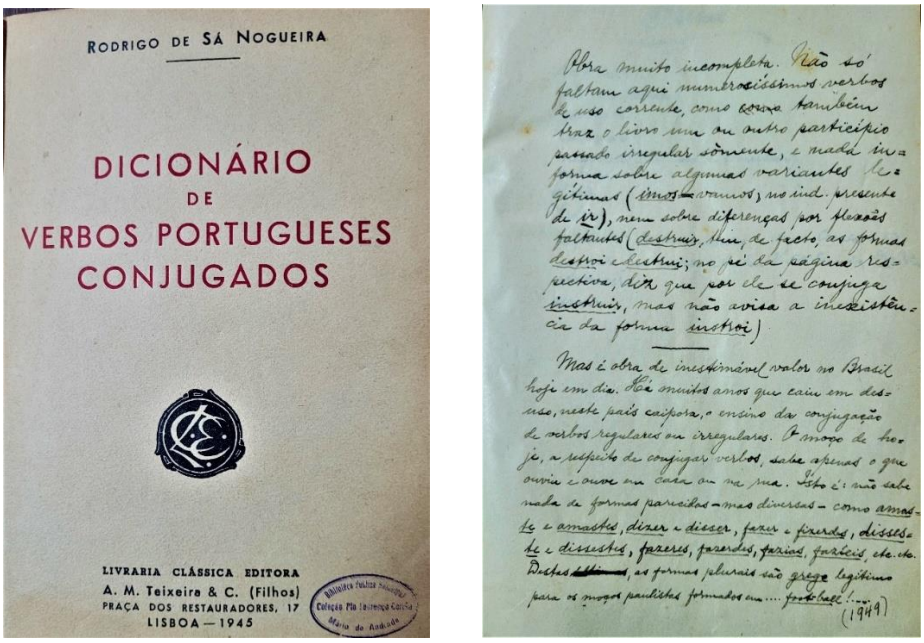
Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 43: Mata-borrão pertencente a PLC.



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em 09/10/2019, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

Figura 44: Anotação de PLC[57] no livro *Dicionário de verbos portugueses conjugados*, de Rodrigo de Sá Nogueira. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945.



Fonte: Fotografia tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022, na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara/SP.

[57] Transcrição: "Obra muito incompleta. Não só / faltam aqui numerosíssimos verbos / de uso corrente, como também / traz o livro um ou outro particípio / passado irregular somente, e nada in- / forma sobre algumas variantes le- / gítimas (imos = vamos, no ind. presente / de ir), nem sobre diferenças por flexões / faltantes (destruir, tem, de facto, as formas / destrói e destruí; no pé da página res- / pectiva, diz que por ele se conjuga / instruir, mas não avisa a inexistência da forma instroi)". "Mas é obra de inestimável valor no Brasil / hoje em dia. Há muitos anos que caiu em des- / uso, neste país caipora, o ensino da conjugação / de verbos regulares ou irregulares. O moço de ho- / je, a respeito de conjugar verbos, sabe apenas o que / ouviu e ouve em casa ou na rua. Isto é: não sabe / nada de formas parecidas – mas diversas – como amas- / te e amastes, dizer e disser, fazer e fizerdes, disses- / te e dissestes, fazeres, fazerdes, fazias, fazíeis, etc. etc. / Destas, as formas plurais são grego legítimo / para os moços paulistas formados em... foot-ball!.... (1949)

C.1 Catálogo de livros da biblioteca de Pio Lourenço Corrêa

ESTANTE 1

1 - ABREU, Froes. *Na terra das palmeiras:* estudos brasileiros. 1931. (E.1 – P.3)[58].

2 - ALTMANNSBERGER, K. *Algumas palavras dirigidas ao agricultor progressista*. (E.1 – P.1).

3 - AMARAL, Afrânio do. *Animaes venenosos do Brasil*. 1931. (2 exemplares). (E.1 – P.1).

4 - AMARAL, Afrânio do. *Codificação da nomenclatura zoológica*. 1950. (Dedicatória do autor a PLC). (E.1 – P.1).

5 - AMEGHINO, Florentino. *Filogenia:* princípios de clasificacion transformista...1884. (E.1 – P.2).

6 - ANCHIETA, Joseph de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do padre José de Anchieta, S. J. (1554 - 1594).* Introdução de Afrânio Peixoto. Vida do Padre José de Anchieta por Antônio de Alcântara Machado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933. (Dedicatória de Alcântara Machado e anotação de PLC). (E.1 – P.1).

7 - ANDRADE, Carlos de Morais. *Salário:* tese de concurso para cadeira de legislação social. 1938. (Dedicatória do autor a PLC). (E.1 – P.4).

8 - ANDRADE, Maria G. L. de. *Resumo da historia do Brazil para uso das escolas primarias...* 1888. (Assinatura de PLC). (E.1 – P.4).

9 - ANDRADE, Mario de. *Padre Jesuino do Monte Carmelo*. 1945. (E.1 – P.4).

10 - ANDRADE, Navarro de. *Botanica e a sylvicultura no diccionario de Candido de* ....1936. (E.1 – P.1).

11 - ARANHA, Renato Egydio de Souza. *Roteiro da paz.* (E.1 – P.4).

12 - AVEIRO, Pantaleão. *Itinerario da Terra Sancta, e suas particularidades*. 1927. (E.1 – P.3).

13 - BARBOSA, Ruy. *Cartas de Inglaterra.* 1896. (E.1 – P.1).

14 - BARBOSA, Ruy. *Contra o militarismo:* campanha eleitoral de 1909 a 1910. (E.1 -P.1).

15 - BARBOSA, Ruy. *Discursos e conferencias*. 1907. (E.1 – P.2).

16 - BARBOSA, Ruy. *Projecto de codigo civil brazileiro:* trabalhos da Commissão... V.1 e 2 .1902 e 1904. (E.1 – P.4).

17 - BARRETO, Antonio de Barros. *Lições de geologia*. 1925. (E.1 – P.3).

18 - BARROSO, Gustavo. *Historia secreta do Brasil*. V.1. 1937. (E.1 – P.3).

[58]Localização: Estante 1 - Prateleira 3.

19 - BATES, Henry Walter. *Naturalista no Rio Amazonas.* V.1 e 2. 1944. (Anotação de PLC e nota de compra). (E.1 – P.3).

20 - BELMONTE. *No tempo dos bandeirantes.* (E.1 – P.3).

21 - BONNIER, Gaston. *Monde vegetal*. 1924. (Dedicatória a PLC). (E.1 – P.3).

22 - BOUCHARDAT, A. & G. *Nouveau formulaire magistral*. 1909. (E.1 – P.3).

23 - BOULE, Marcellin. *Hommes fossiles: éléments de paléontologie humaine*. 1921. (Assinatura de PLC). (E.1 – P.3).

24 - BOUVIER, E.-L. *Habitudes et métamorphoses des insectes.* 1921. (Dedicatória do autor a PLC). (E.1 – P.2).

25 - BRAZIL, Vital. *Defesa contra o ophidismo.* 1911. (E.1 – P.2).

26 - BRAZIL, Vital. *Memoria Historica do Instituto Butantan.* 1941. (E.1 – P.3).

27 - BRUCE, G. J. *Brazil and the brazilians*. (E.1 – P.1).

28 - BRUMPT, E. *Precis de parasitologie*. 1927. (E.1 – P.4).

29 - BRYCE, James. *South america: observations and impressions*. 1926. (E.1 – P.4).

30 - BUDGE, Wallis. *Tutankhamen amenism, atenismand egyptian monotheism*. 1923. (Nota de compra). (E.1 – P.5).

31 - CAPART, Jean. *Tomb of Tutankhamen*. 1923. (E.1 – P.5).

32 - CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. 1925. (E.1 – P.5).

33 - CARREL, Alexis. *Homem, êsse desconhecido*. 1936. (Anotação de PLC). (E.1 – P.3).

34 - CARTER, Howard. *Tom of Tutankhamen: discovered by the late earl of...* V.1 a 3. 1923. (Recorte de jornal). (E.1 – P.5).

35 - CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Metamorphoses de Publio Ovidio Nasao:* poemas em ..... 1841. (E.1 – P.3).

36 - CASTRO, Eduardo de Sá Pereira de. *Explicador de arithmetica*. 1885. (Anotação de PLC). (E.1 – P.2).

37 - CAUSTIER, E. *Insects*. (Dedicatória de Dr. Olivério Pinto a PLC). (E.1 – P.3).

38 - CHURCHILL, Winston S. *Second World War: closing the ring*. 1951. (E.1 – P.4).

39 - CHURCHILL, Winston S. *Second World War: the gathering storm*. 1948. (E.1 – P.4)

40 - CHURCHILL, Winston S. *Second World War: the grand aliance*. 1950. (Nota de compra). (E.1 – P.4).

41 - CHURCHILL, Winston S. *Second World War: the hinge of fate*. 1950. (E.1 – P.4).

42 - CHURCHILL, Winston S. *Second World War: their finest hour*. 1949. (E.1 – P.4).

43 - CLEMENTS, Frederic E. *System of nomenclatura for phytogeography*. 1938. (E.1 – P.4).

44 - COELHO, Latino. *Republica e monarchia*.1889. (Dedicatória de Virgilio???? a PLC). (E.1 – P.4).

45 - COMBRE, A. *Traitement de l´enterite muco-membraneuse.* 1913. (E.1 – P.5).

46 - COMMELIN, P. *Nova mythologia grega e romana*. (E.1 – P.4).

47 - COMSTOCK, Anna Botsford. *Handbook of nature-study.* 1929. (E.1 – P.2).

48 - COTRIM, Eduardo. *Fazenda moderna:* guia do criador de gado bovino no Brasil. 1913. (E.1 – P.2).

49 - COUTURIER, Carlos. *Compendio de arithmetica e systema metrico decimal.* 1879. (Assinatura de PLC). (E.1 – P.1).

50 - DARWIN, Charles. *Descent of man and selection in relation to sex.* 1913. (E.1 – P.2).

51 - DARWIN, Charles. *On the origin of species by means of natural selection*. (E.1 – P.4).

52 - DARWIN, Charles. *Variation of animals e plants under domestication*. V.1 e 2. 1905. (E.1 – P.5).

53 - DAVIES, A. Morley. *Evolution and its modern critics*. 1937. (E.1 – P.2).

54 - DEBAY, A. *Histoire des sciences occultes depuis l'antiquite jusqu'a...* 1869. (Assinatura de PLC). (E.1 – P.2).

55 - DEBRET, Jean Baptiste.*Viagem pitoresca e historica ao Brasil*. V.1 e 2. (E.1 – P.5).

56 - DECKER, João Siegfried. *Aspectos biologicos da flora brasileira*. (Recorte de jornal). (E.1 – P.1).

57 - DÉCOURT, Paulo. *Botanica geral:* de acordo com os programmas officiaes. (E.1 - P.1).

58 - DENIS, Fernando. *Brazil.* V.1 e 2. (E.1 – P.1).

59 - DEPÉRET, Charles. *Transformations da monde animal.* 1907. (E.1 – P.5).

60 - D'ESCRAGNOLLE-TAUNAY, A. *Retirada da laguna:* episodio da guerra do Paraguay. (E.1 – P.4).

61 - DEUS, Gaspar da Madre. *Memorias para a historia da capitania de São Vicente*. (E.1 – P.3).

62 - DONISTHORPE, J. K. *British ants: their life-history and classification*. 1927. (E.1 – P.1).

63 - DONISTHORPE, J. K. *Guests of british ants their habits and life-histories*. 1927. (E.1 – P.2).

64 - D'ORBIGNY, Alcide. *Fragment d'um voyage au centre de l'Amérique...* 1845. (E.1 – P.2).

65 - D'ORLÉANS-BRAGANCE, Louis. *Sous la croix-du-sud*. 1912. (E.1 – P.4).

66 - DUCKE, Adolpho. *Enumeração dos hymenopteros colligidos pela Commissão.* 1916. (E.1 – P.2).

67 - EGGER, E. *Histoire du livre depuis ses origines Jusqu'anos jours.* (E.1 – P.2).

68 - F. J. J. *Éléments d'arithmétique*. 1891. (Assinatura de PLC). (E.1 – P.2).

69 - F. J. J. *Éléments de géométrie*. 1885. (Anotação de PLC). (E.1 – P.2).

70 - FABRE, J. H. *Mervilles de l´instinct chez les insects*. 1925. (E.1 – P.3).

71 - FABRE, J. H. *Moeurs des insects*. 1914. (Dedicatoria de Dr. Oliverio Pinto a PLC). (E.1 – P.3).

72 - FERNET, É. *Traite de physique elementaire de Ch. Drion et E. Fernet.* 1885. (E.1 – P.5).

73 - FLAMMARION, Camille. *Petite astronomie.* 1879. (E.1 – P.4).

74 - FLAMMARION, Camille. *Uranie.* 1891. (E.1 – P.5).

75 - FOURNIER, Edouard. *Esprit des autres recueilli et raconté.* 1882. (Anotação de PLC). (E.1 – P.2).

76 - FOWLER, Henry W. *Peixes de água doce do Brasil*. 1948/1950/1951. (1ª, 2ª e 3ª entrega). (E.1 – P.4).

77 - FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos:* decadencia do patriarchado rural... 1936. (E.1 - P.4).

78 - GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil e historia da provincia Santa Cruz*. (Anotação de PLC). (E.1 – P.5).

79 - GARNIER, Joseph. *Traite complet d`arithmétique: theorique et appliquée...*1887. (E.1 – P.5).

80 - GERARD, James W. *My four years in Germany.*1917. (Recorte de jornal). (E.1 – P.3).

81 - GRANATO, Lourenço. *Molestias das aves:* manual do ornithoiatra brasileiro. 1926. (E.1 – P.3).

82 - GREENWAY, Diego Francisco. *Zooparasitos y zooparasitosis humanas.* 1929. (E.1 – P.5).

83 - GROSSELIN-DELAMARCHE. *Atlas de géographie physique, politique et historique*. 1889. (Assinatura de PLC). (E.1 – P.1).

84-HAMBLOCH, Ernest. *His majesty the president: a study of constitutional Brazil*. 1935. (Recorte de jornal). (E.1 – P.2).

85 - HERZEN, V. *Guide-formulaire de thérapeutique*. 1930. (Anotação de PLC em folha avulsa). (E.1 – P.2).

86 - HOEHNE, F. C. *Album da secção de botanica do museu paulista...* 1925. (E.1 – P.1).

87 - HOEHNE, F. C. *Plantas ornamentaes da flora brasilica e o seu papel como..*1930. (E.1 – P.4).

88 - HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Indios e mamelucos na expansão paulista*. 1949. (E.1 – P.3).

89 - HULRICH, Otto Willi. *Indios:* historia duma grande nação. V.1.1938. (E.1 – P.3).

90 - HUXLEY, Thomas Henry. *Man´s place in nature and other essays*. (E.1 – P.3).

91 - IHERING, Hermann von. *Aves do Brasil:* catalogo da Fauna Brazileira. V.1. 1907. (Recorte de jornal). (E.1 – P.1).

92 - IHERING, Rodolpho von. *Vespas sociaes do Brazil*. 1905. (E.1 – P.5).

93 - IMMS, A. D. *General textbook of entomology includingthe anatomy...*1930. (E.1 – P.2).

94 - KEITH, Arthur. *Antiquity of man*. V.1 e 2. 1929. (Nota de compra). (E.1 – P.1).

95 - KRAUS, Rodolpho. *Instituto Sorotherapico Butantan:* noções geraes sobre cobras. 1923. (E.1 – P.3).

96 - KRAVCHENKO, Victor. *I Chose freedon.* 1946. (Carta de Antonio Candido a PLC). (E.1 – P.3).

97 - LACERDA, Joaquim Maria de. *Curso methodico de geographia physica, politica...* 1892. (E.1 – P.1).

98 - LANGLEBERT, J. *Chimie*. 1899. (E.1- P.1).

99 - LANGLEBERT, J. *Histoire naturelle*. 1898. (E.1 – P.2).

100 - LANGLEBERT, J. *Physique*. 1900. (E.1 – P.4).

101 - LEITÃO, C. de Mello. *Zoo-geografia do Brasil*. 1937. (E.1 – P.5).

102 - LEITE, Serafim. *História da companhia de Jesus no Brasil*. V.1 e 2. 1938. (E.1 – P.2).

103 - LERY, Jean de. *Historia de uma viagem feita à terra do Brasil*. V.1 e 2. 1889 e 1926. (E.1 – P.2).

104 - LERY, Jean de. *Viagem a terra do Brasil*. (E.1 – P.5).

105 - LIMA, Oliveira. *Império brasileiro 1822-1889*. (E.1 – P.3).

106 - LINDEN, Lucien. *Orchidées exotiques et leur culture em europeu*. 1894. (E.1 – P.4).

107 - LOCHNER, Louis P. *Alemanha por dentro*. 1944. (Dedicatória de Antonio Candido a PLC). (E.1 – P.1).

108 - LOEFGREN, Alberto. *Analysis de plantas:* ensaio para uma botanica descriptiva. 1905. (Anotação de PLC). (E.1 – P.1).

109 - LUCAS, André. *Vade-mecum du praticien*. 1911. (E.1 – P.5).

110 - LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil.* (Nota de compra). (E.1 – P.3).

111 – LUDENDORFF. *My War memories 1914-1918*. V.1 e 2. (E.1 – P.3).

112 - LUND, Peter Wilhelm. *Memorias scientificas*. 1935. (Anotação de PLC). (E.1 – P.3).

113 - MACHADO, Alcantara. *Vida e morte do bandeirante*. 1929. (Recorte de jornal e anotação de PLC). (E.1 – P.5).

114 - MAETERLINCK, Maurice. *Vie des abeilles.* 1924. (E.1 – P.5).

115 - MAGALHÃES, Agenor Couto de. *Ensaio sobre a fauna brasileira.* 1939. (E.1 – P.2).

116 - MAGALHÃES, Agenor Couto de. *Monographia brazileira de peixes fluviaes*. 1931. (E.1 – P.3).

117 - MAGALHÃES, Couto de. *Selvagem*. 1913. (E.1 – P.4).

118 - MAGALHÃES, Couto de. *Viagem ao Araguaya*. 1934. (E.1 – P.5).

119 - MARCGRAVE, Jorge. *História natural do Brasil*. 1942. (Dedicatória e anotação de PLC). (E.1 – P.3).

120 - MARIANNO, José (Filho). *Ensaio sobre as meliponidas do Brasil.* 1911. (Dedicatória do autor a PLC) . (E.1 – P.2).

121 - MARQUES, Manoel Eufrazio de Azevedo. *Apontamentos historicos, geographicos, biographicos...* V.1. 1879. (E.1 – P.1).

122 - MARTIN, Odilon. *Nouveau formulaire magistral de therapeutique clinique*. 1927. (E.1 – P.4).

123 - MARTINS, Carl Friedrich Phil V. *Wörtersammlung brasilianischer sprachen:* glossaria... 1867. (E.1 – P.5).

124 - MARTONNE, Emm. De. *Traite de geographie physique*. V.1 a 3. 1925 a 1927. (E.1 – P.5).

125 - MATTOS, Ricardo Pinto de. *Manual bibliographico portuguez de livros raros, classicos...* 1878. (E.1 – P.3).

126 - MAXIMILIANO (Principe). *Viagem ao Brasil*. 1940. (E.1 – P.5).

127 - MELLO-LEITÃO, C. de. *Vida maravilhosa dos animais*. 1935. (E.1 – P.5).

128 - MENDONÇA, Edgar Sussekind de. *Extensão cultural nos museus*. 1946. (E.1 – P.2).

129 - MERÊA, Manuel Paulo. *Codigo civil brasileiro*. 1917. (Recorte de jornal e anotação do PLC). (E.1 – P.1).

130 - MIRANDA-RIBEIRO, Alipio de. *Seriema*.1937. Separata da revista Museu Paulista. (E.1 – P.4).

131 - MOLONY, Henry J. C. *Evolution out of doors*. 1937. (E.1 – P.2).

132 - MOOJEN, João. *Captura e preperação de pequenos mamiferos para...* 1943. (E.1 – P.1).

133 - NORMAN, J. R. *Giant fishes, whales and dolphins.* 1937. (E.1 – P.2).

134 - ORLÉANS-BRAGANÇA, Luiz de. *Sob o Cruzeiro do Sul:* Brasil, Argentina, Chile, Bolivia..... 1913. (E.1 – P.4).

135 - ORTIGÃO, Ramalho. *Hollanda*. 1894. (Assinatura de PLC). (E.1 – P.3).

136 - OSBORN, Henry Fairfield. *From the greeks to Darwin.* 1924. (E.1 – P.2).

137 - OSBORN, Henry Fairfield. *Men of the old stone age*.1927. (E.1 – P.3).

138 - OSBORN, Henry Fairfield. *Origin and evolution of life*.1925. (Recorte de jornal e nota compra). (E.1 – P.4).

139 - PATON, Noel. *Physiology of the continuity of life*. 1926. (E.1 – P.4).

140 - PENNA, Belisario. *Saneamento do Brasil*. 1918. (E.1 – P.4).

141 - PINTO, Cesar. *Arthrópodes parasitos e transmissores de doenças*. V.1 e 2. 1930. (E.1 – P.1).

142 - PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto.*1725. (E.1 – P.4).

143 - PINTO, Oliverio M. de Oliveira. *Aves da Bahia:* notas criticas e observações sobre uma... 1935. (Dedicatória de Dr. Oliverio Pinto a PLC). (E.1 – P.1).

144 - PINTO, Oliverio M. de Oliveira. *Resultados ornithologicos de uma excursão pelo oeste...* 1932. (Dedicatória de Dr. Oliverio Pinto a PLC). (E.1 – P.4).

145 - PINTO, Olivério M. de Oliveira. *Catalogo das aves do Brasil*. V.1 e 2. 1938 e 1944. (Dedicatória de Dr. Oliverio Pinto a PLC e anotação). (E.1 – P.1).

146 - PINTO, Olivério M. de Oliveira. *Cinquenta anos de investigação ornitológica*. 1945. (Dedicatória de Dr. Oliverio Pinto a PLC). (E.1 – P.1).

147 - PISO, Guilherme. *História natural do Brasil ilustrada*. 1948. (Nota de compra). (E.1 – P.3).

148 - PIZA, S. de Toledo (Junior). *Cobras venenosas e o problema ophidico em São Paulo*. 1930. (E.1 – P.1).

149 - PIZON, Antoine. *Precis d´histoire naturelle: zoologie botanique, paleontologie.* 1911. (E.1 – P.4).

150 - POMERAI, Ralph de. *Future of sex relationships*. 1936. (Nota de compra). (E.1 – P.2).

151 - POTSCH, Waldemiro. *Compendio de botânica*. 1933. (E.1 – P.1).

152 - PRADO, Eduardo. *Bandeira nacional*.1903. (E.1 – P.1).

153 - PRADO, Eduardo. *Illusão americana*.1895. (Assinatura de PLC). (E.1 – P.3).

154 - PRESTAGE, Edgar. *Epanoforas de varia historia portuguesa*. 1931. (E.1 – P.2).

155 - PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis:* conferencias. 1917. (E.1 – P.3).

156 - REIS, José. *Molestias das aves domesticas.* 1932. (E.1 – P.3).

157 - REZENDE, André de. *Vida do Infante Dom Duarte*. 1789. (Anotação de PLC). (E.1 – P.5).

158 - RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Ligeiras observações sobre as emendas do Dr. Ruy Barbosa....*1917. (E.1 – P.3).

159 - RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Redacção do projecto do codigo civil e a replica do Dr. Ruy...*1905. (Assinatura de PLC). (E.1 – P.4).

160 - RIBEIRO, João. *Folk-lore* (estudos da literatura popular).1919. (E.1 – P.2).

161 - RIBEYROLLES, Charles. *Brasil pitoresco:* história, descrições, viagens, colonização... V.1 e 2. (E.1 – P.1).

162 - RODRIGUES, J. C. *Catalogo annotado dos livros sobre o Brasil e de alguns...*V.1.1907. (E.1 – P.1).

163 - RONDON, Candido Mariano da Silva. *Expedição Roosevelt e da commissão telegráfica.* 1916. (Ofício pedindo impressão de mais exemplares). (E.1 – P.2).

164 - RONDON, Candido Mariano da Silva . *Missão Rondon*. 1916. (E.1 – P.3).

165 - ROOSEVELT, Theodore. *Through the brazilian wilderness*. 1914. (E.1 – P.4).

166 - ROQUETTE-PINTO, E. *Rondonia:* laureada pelo Instituto Historico e Geographico... 1919. (E.1 – P.4).

167 - ROQUETTE-PINTO, E. *Ensaios de anthropologia brasiliana*. 1933. (E.1 – P.2).

168 - ROULE, Louis. *Structure et la biologie des poissons*. 1930. (E.1 – P.4).

169 - RUGENDAS, João Murício. *Viagem pitoresca através do Brasil*. 1940. (E.1 – P.5).

170 - S., Frederico de. *Fastos da dictadura militar no Brazil*. 1890. (Assinatura de PLC). (E.1 – P.2).

171 - SALVADOR, Vicente do (frei). *Historia do Brasil*. 1918. (E.1 – P.2).

172 - SCHENK, Emílio. *Apicultor brasileiro:* guia completo da apicultura no... 1925. (E.1 – P.1).

173 - SCHOENTJES, H. *Quelques leçons pratiques sur l'électricité et les installations*. 1913. (E.1 – P.4).

174 - SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMÉRCIO. *Relatorio de 1940 do Departamento de Zoologia*. 1941. (Dedicatória de Dr. Oliverio Pinto a PLC). (E.1 – P.4).

175 - SILVA, Hermano Ribeiro da.*Nos sertões do Araguaia:* narrativas da expedição as glebas.... (E.1 – P.3).

176 - SMITH, G. Elliot. *Tutankhamen and the discovery of his tom by the late earl...* 1923. (E.1 – P.5).

177 - SNETHLAGE, Emilia. *Catalogo das aves amazônicas*. 1914. Boletim do Museu Goeldi. (E.1 - P.1).

178 - SOLOMON, Arthur K. *Why smash atoms?* 1940. (E.1 – P.5).

179 - SOUSA, Pero Lopes. *Diario da navegação 1530-1532*. V.1 e 2.1927. (E.1 – P.2).

180 - SOUZA, Francisco Bernardino de. *Lembranças e curiosidades do Valle do Amazonas*. 1873. (E.1 – P.3).

181 - SOUZA, Gilda Rocha de Mello e. *Moda no século XIX:* ensaio de sociologia estética. (Dedicatória da autora a PLC). (E.1 – P.3).

182 - SOUZA, Gilda Rocha de Mello e. *Moda no século XIX:* tese de doutoramento. 1950. (Dedicatória da autora a PLC). (E.1 – P.3).

183 - SPIX, J. B. von. *Viagem pelo Brasil*. V.1 a 4. 1938. (Carta de José Bento F. Ferraz a PLC). (E.1 – P.5).

184 - STADEN, Hans. *Meu captiveiro entre os selvagens do Brasil*. (E.1 – P.3).

185 - STEAD, William T. *Brazil em Haya:* dez discursos de Ruy Barbosa... 1925. (E.1 – P.1).

186 - STEINEN, Karl Von Den. *Brasil central*. 1942. (E.1 – P.1).

187 - TAUNAY, Affonso de. *Grandes vultos da independencia brasileira*. 1922. (E.1 – P.2).

188 - TAUNAY, Affonso de E. *Zoologia fantastica do Brasil* (seculos XVI e XVII). (E.1 – P.5).

189 - THOMPSON, Jorge. *Guerra del Paraguay*.1910. (E.1 – P.2).

190 - THYRSO, Santo. *Cartas de algures.*1923. (E.1 – P.1).

191 - THYRSO, Santo. *De rebus pluribus.*1920. (E.1 – P.2).

192 - TRAJANO, Antonio. *Arithmetica progressiva:* curso completo theorico e pratico... 1890. (Assinatura de PLC). (E.1 – P.1).

193 - VALTIN, Jan. *Out of the night* . (E.1 – P.4).

194 - VASCONCELLOS, Simão de. *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil.* V.1 e 2. 1865. (E.1 – P.1).

195 - VERDUN, P. *Precis de zoologie*. 1910. (E.1 – P.4).

196 - VERRILL, Hyatt. *Old civilizations of the new world*. 1929. (E.1 – P.4).

197 - VIALLETON, Louis. *L´Origine des etrés vivants*. (E.1 – P.3).

198 - VOGELI, Félix. *Voyage au Brésil*.1869. (E.1 – P.5).

199 - YVON, P. *Formulaire (ancien formulaire de Dujardin-Beaumetz).* V.1 e 2. 1920 e 1930. (E.1 – P.2).

SEM AUTOR

Centenario do veneravel Joseph de Anchieta: conferencias. 1900. (E.1 – P.1).

Constituição dos Estados Unidos do Brasil. 1946. (E.1 – P.1).

Diario da viagem do Dr. Francisco Jose de Lacerda. 1841. (Anotação de PLC). (E.1 – P.2).

Ensaios de sciencia. 1876. (E.1 - P.2).

Historia natural: programa de admissão ás escolas superiores. V.1 e 2. (E.1 – P.3).

Memorias do Instituto Butantan. 1930. (2 exemplares). (E.1 – P.3).

*Normas para boa pronuncia da lingua nacional no canto....*1937. Separata da revista Arquivo Municipal. (E.1 – P.3).

Sander´s orchid guide , containing all the best known species.. (E.1 - P.4).

Vila Mascote e colonia agricola de Bussocabra. 1938. (E.1 – P.5).

ESTANTE 2

1 - ABREU, J. Capistrano de. *Língua dos Caxinauás do Rio Ibuaçu affluente do Muru*. 1914. (E.2 – P.3).

2 - ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA. *Boletim da segunda classe.* Encadernado - título Convergentes e divergentes. (E.2- P.1).

3 - ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA. *Boletim da segunda classe* Encadernado - titulo G. Viana e a lexicologia. (E.2 – P.1).

4 - AGASSIZ, Luiz. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. 1938. (E.2 – P.5).

5 - ALI, M. Said. *Difficuldades da lingua portugueza: estudos e observações*. (E.2 – P.1).

6 - ALI, M. Said. *Difficuldades da lingua portugueza: estudos e observações.*1919. (E.2 – P.1).

7 - ALI, M. Said. *Difficuldades da lingua portugueza: estudos e observações*.1930. (E.2- P.1).

8 - ALI, M. Said. *Formação de palavras e syntaxe do portuguez histórico*. (E.2- P. 2).

9 - ALI, M. Said. *Grammatica historica da lingua portuguesa*. (Anotação de PLC). (E.2 – P.2).

10 - ALI, M. Said. *Grammatica secundaria da lingua portuguesa*.1927. (E.2 – P.2).

11 - ALI, M. Said. *Lexeologia do portuguez histórico*.1921. (E.2 – P.3).

12 - ALI, M. Said. *Meios de expressão e alterações semânticas.*1930. (E.2 – P.3).

13 - ALMEIDA, José Joaquim Correa de. *Decrepitude metromaniaca*.1894. (E.2 – P.1).

14-AMARAL, Afranio do. *Serpentes gigantes*. (Dedicatória do autor a PLC). (E.2 – P.5, deitado na estante).

15 - AMARAL, Afranio do. *Sifilide ou sifile versus sifilis*. 1950. (Dedicatória do autor a PLC). (E.2 – P.5, deitado na estante) .

16 - AMARAL, Afrânio do. *Pesquisas fiolologicas.* (Dedicatória do autor a PLC). (E.2 – P.4).

17 - AMARAL, Afrânio do. *Pesquisas fiolologicas.* (Dedicatória do autor a PLC). (E.2 – P.4).

18 - AMARAL, Amadeu. *Dialecto caipira*. 1920. (Anotação de PLC). (E.2 – P.1).

19 - ANCHIETA, José de (Padre). *Joseph de Anchieta, arte de grammatica da lingua mais usada.* 1946. Edição fac-similar. (E.2 – P.3).

20 - ANDRADE, Boaventura Plácido Lameira de. *Philologia portuguesa*. (E.2 – P.5, deitado na estante).

21 - ANDRADE, Jacinto Freyre de. *Vida de D. João de Castro, quarto viso-rei da India*. 1861. (E.2 – P.5).

22 - ANDRADE, Mario de. *Clan do jaboti: poesia.* 1927. (Dedicatória do autor a PLC). (E.2 – P.5, deitado na estante no TNT).

23 - ANDRADE, Mario de. *Contos novos.* 1947. (Nota de compra). (E.2 – P.5, deitado na estante no TNT).

24 - ANDRADE, Mário de. *Losango caqui.* 1926. (Dedicatória do autor a PLC). (E.2 – P.5, deitado na estante no TNT).

25 - AYROSA, Plínio. *Apontamentos para a bibliografia da lingua tupi-guarani*. 1943. (E.2 – P.1).

26 - AYROSA, Plínio. *Dos índices de relação determinativa de posse no tupí-guaraní.* 1938. (Nota de compra). (E.2 – P.1).

27 - AYROSA, Plínio. *Dos índices de relação determinativa de posse no tupí-guaraní*. 1939. (Dedicatória a PLC). (E.2 – P.1).

28-AYROSA, Plínio. *Termos tupís no português do Brasil* .1937. (Recorte de jornal). (E.2 – P.5).

29-AYROSA, Plínio *Vocabulario na lingua brasilica: manuscrito portugues-tupi.*1938. (E.2 – P.5).

30-BAILLY, Gustavo Adolpho. *Bandeira e hinos:* capítulo da nova geografia economica do Brasil. 1942. (Cartão do autor a PLC). (E.2 – P.5, deitado na estante no TNT).

31-BAIN, Alexander. *Higher english gramar*. 1904. (E.2 – P.2).

32-BALLY, Charles. *Langage et la vie*. (E.2 – P.3).

33-BALLY, Charles *Linguistique generale et linguistique française*. (Nota de compra). (E.2 – P.3)

34-BARBOZA, Jeronymo Soares. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da.* 1830. (E.2 – P.2).

35-BARRETO, Fausto. *Anthologia nacional ou collecão de excerptos dos principaes....* 1930. (E.2 – P.1).

36-BARRETO, Lima. *Triste fim de Polycarpo Quaresma*. 1915. (E.2 – P.5).

37-BARRETO, Mario. *Estudos da lingua portugueza com uma carta de João Ribeiro.* 1903. (Assinatura de PLC). (E.2 – P.2).

38-BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática: correio de consulentes*. 1927. (Recorte de jornal). (E.2 – P.1).

39-BARRETO, Mário. *De gramatica e de linguagem*. V.2. 1922. (E.2 – P.1).

40 - BARRETO, Mário. *De gramática e de linguagem*. V.1. 1922. (E.2 – P.1).

41- BARRETO, Mário. *Factos da língua portuguesa*.1916 . (E.2 – P.2);

42- BARRETO, Mário. *Novíssimos estudos da língua portuguesa* . 1914. (E.2 – P.3).

43- BARRETO, Mário. *Novos estudos da lingua portuguesa.* 1911. (E.2 – P.3).

44 - BARRETTO, Luiz Pereira. *Seculo XX sob o ponto de vista brasileiro*. 1901. (E.2 – P.5, deitado na estante).

45 - BELLEGARDE, Guilherme. *Subsidios literários.* V.1. 1883. (Anotação de PLC). (E.2 – P.5).

46 - BETTENCOURT-RODRIGUES.*Tratamento da febre amarella pelas injecções de soro...*1903. (E.2 – P.5, deitado na estante).

47 - BODMER, Frederick. *Loom of language*. 1944. (Escrito de Antonio Candido para PLC). (E.2 – P.3)

48 - BOLÉO, Manuel de Paiva. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. 1946. (E. 2 – P.3).

49 - BOLÉO, Manuel de Paiva. *Lingua falada, lógica e clássicos*. 1935. (E.2 – P.5, deitado na estante).

50 - BORGES, Jerônimo Teixeira. *Erros de linguagem faceis de corrigir.* 1953. (Dedicatória do autor a PLC). (E.2 – P.1).

51- BOURGET, Paul. *Cosmopolis*. 1894. (E.2 – P.1).

52 - BOURGET, Paul . *Disciple*. Assinatura de PLC. (E.2 – P.1).

53 - BOURGET, Paul. *Une Idylle tragique.* 1896. (Acervo da Biblioteca, doação de PLC). (E.2 – P.5).

54 - BRAZIL, Vital. *Contribuição ao estudo do ophidismo*. 1904. (E.2 – P.5, deitado na estante).

55 - BRAZIL, Vital. *Do envenenaento ophidico e seu tratamento* . 1902. (E.2 – P.5, deitado na estante).

56 - BROMFIELD, Louis. *Farm*. 1933. Dedicatória de Mário de Andrade a PLC. (E.2 – P.2).

57 - BUENO, Francisco da Silveira. *Filologia e lingua portuguesa*. 1947. (Recortes de jornal). (E.2 - P.2).

58 - CAMPOS, Agostinho de. *Futuro da lingua portuguesa no Brasil.* (Nota de compra e anotação de PLC). (E.2 – P.2).

59 - CAMPOS, Agostinho de (org.). *Antologia portuguesa:* paladinos da linguagem. V. 1 a 3. 1921 a 1923. (E.2 – P.1).

60 - CAMPOS, Agostinho de (org.). *Antologia portuguesa:* Trancoso.1923. (E.2 – P.1).

61 - CAMPOS, Agostinho de (org.). *Glossário de incertezas, novidades, curiosidades da lingua.....* 1938. (E.2 – P.2).

62 - CAMPOS, Agostinho de (org.). *Lingua e má lingua:* graças da fala e nódoas na escrita. 1945. (E.2 – P.3).

63 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Senhora Rattazzi*. 1880. (E.2 – P.4).

64 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Sentimentalismo e historia*. 1897. (E.2 – P.4).

65 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Seroens de S. Miguel de Seide*. V.1 a 6. 1894 e 1886. (E.2 – P.4).

66 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Vingança*. 1858. (E.2 – P.5).

67 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Vinho do Porto*: processo de uma bestialidade inglesa. 1884. (Anotação de PLC). (E.2 – P.5).

68 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Virtudes antigas e um poeta portuguez...rico!* (E.2 – P.5).

69 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Volcoens de lama*. 1886. (E.2 – P.5).

70 - CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Tosquia d'um camelo:* carta a todos os mestres das aldeas e das ... 1853. (E.2 – P.5).

71 - CINTRA, F. Assis. *Nome Brasil (com s ou com z?)*. 1920. (E.2 – P.3).

72 - COELHO, Adolpho. *Questões da língua portuguesa.* V.2. 1874. (E.02 – P.04).

73 - COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara:* estudo histórico e ....1936. (E.2 – P.3).

74 - COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara:* estudo histórico e ....1937. (Anotações de PLC). (E.2 – P.3)

75 - COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara:* estudo histórico e ....1940. (Nota de compra, recorte de jornal e anotação de PLC). (E.2 – P.3).

76 - CORRÊA, Pio Lourenço. *Monografia da palavra Araraquara:* um pouco de historia.....1952. (Carta de Eurípides???? e carta de Lacerda ????). (E.2 – P.3).

77 - CORUJA, Antonio Alvares Pereira. *Compendio da ortografia da lingua nacional*. 1848. (E.2 – P.1).

78 - COSTA, Affonso. *Gallicismos e não galicismos*. (E.2 – P.2).

79 - COSTA, Affonso. *Questões grammaticaes:* estudos e factos da lingua portuguesa. 1908. (E.2 – P.4).

80 - COSTA, Firmino. *Lexico gramatical.* (E.2 – P.3).

81 - CRETELLA, José (Junior). *Português para o ginásio: para a 1ª e 2ª série.* 1954. (Dedicatória do autor a PLC). (E.2 – P.4).

82 - CRONIN, A. J. *Citadel.* 1937. (Acervo da Biblioteca, doação de PLC). (E.2 – P.1).

83 - CUNHA, Euclydes. *Sertões* (campanha de Canudos).1929. (E.2 – P.5).

84 - CUNHA, Euclydes. *Sertões* (campanha de Canudos).1905. (E.2 – P.5).

85 - DAISSON, Augusto. *A margem de alguns brasileirismos*. 1925. (E.2 – P.1).

86 - DALGADO, Sebastião Rodolpho. *Dialecto indu-portugues de Damão*. 1922. (Reprodução fac-simile). (E.2 – P.5, deitado na estante).

87 - DALGADO, Sebastião Rodolpho. *Dialecto indu-portugues de Gôa*. 1922. (E.2 – P. 1).

88 - DARMESTETER, Arsène. *Vie des mots: étudiée dans leurs significations*. 1946. (E.2 – P.5).

89 - DAUPIÁS, Jorge. *Recreações filológicas.* (E.2 – P.4).

90 - DAUZAT, Albert. *Philosophie du langage*. 1932. (E.2 – P.4).

91 - DAUZAT, Albert. *Voyage a travers les mots.* (Nota de compra). (E.2 – P.5).

92 - DIAS, Augusto Epiphanio da Silva. *Syntaxe historica portuguesa*. 1918. (E.2 – P.5).

93 - DICKENS, Charles. *Stories and sketches.* (E.2 – P.5).

94 - DUTRA, José Fialho. *Apontamentos sobre composição portuguesa*. 1898. (E.2 – P.1).

95 - F. M. *Método práctico para aprender la lengua guarani.* 1907. (E.2 – P.5, deitado na estante).

96 - FEIJÓ, João de Moraes Madureira. Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto.....1861. (E.2 – P.4).

97 - FERRARIN, Arturo. *Voli per il mondo.* 1929. (E.2 – P.5).

98 - FIGUEIRA, P. Luiz. *Grammatica da lingua do Brasil:* fac-simile da edição de 1687. 1878. (E.2 – P.2).

99 - FIGUEIREDO, Candido de. *Cólera-morbo:* nas suas relações com a língua portuguesa. 1911. (E.2 – P.1).

100 - FIGUEIREDO, Candido de. *Combates sem sangue:* em favor da lingua portuguesa. 1925. (E.2 – P.1).

101 - FIGUEIREDO, Candido de. *Estrangeirismos*. 1902. (E.2 – P.1).

102 - FIGUEIREDO, Candido de. *Factos da linguagem:* esboço critico de alguns assertos. 1904. Assinatura de PLC. (E.2 - P.2).

103 - FIGUEIREDO, Candido de. *Falar e escrever:* novos estudos práticos da lingua portuguesa. V. 1 a 3. 1906. (E.2 – P.2).

104 - FIGUEIREDO, Candido de. *Gramatica sintetica da lingua portuguesa*. 1928. (E.2 – P.2).

105 - FIGUEIREDO, Candido de. *Lições práticas da língua portuguesa.*V.2. 1905. (E.2 – P.3).

106 - FIGUEIREDO, Candido de. *Lições práticas da língua portuguesa*. V.3. 1906. (E.2 – P.3).

107 - FIGUEIREDO, Candido de. *Lições práticas da língua portuguesa (1890-1891)*. V.1. 1904. (E.2 – P.3).

108 - FIGUEIREDO, Candido de. *Língua portuguesa em Portugal e no Brasil:* discurso..... 1923. (E.2 – P.5, deitado na estante).

109 - FIGUEIREDO, Candido de. L*inguagem de Camões nas suas relações com a linguagem*.....1921. (E.2 – P.3).

110 - FIGUEIREDO, Candido de. *Meus serões*.1928. (E.2 – P.3).

111 - FIGUEIREDO, Candido de. *Novas reflexões sobre a língua portuguesa*. 1917. (E.2 – P.3).

112 - FIGUEIREDO, Candido de. *Ortografia no Brasil:* história e crítica. 1908. (E.2 – P.4).

113 - FIGUEIREDO, Candido de. *Problema da colocação de pronomes*. 1909. (Anotação de PLC). (E.2 – P.4).

114 - FIGUEIREDO, Candido de. *Problemas da linguagem*. 1905. (E.2 – P.4).

115 - FIGUEIREDO, Candido de. *Problemas da linguagem*. V.2. 1911. (E.2 – P.4).

116 - FIGUEIREDO, Candido de. *Problemas da linguagem*. V.3. 1913. (E.2 – P.4).

117 - FIGUEIREDO, Candido de. *Que se não deve dizer:* bosquejos e notas de filologia.....1903. (Recorte de jornal). (E.2 – P.4).

118 - FIGUEIREDO, Candido de. *Que se não deve dizer:* bosquejos e notas de filologia..... V.2. 1909. (Recorte de jornal). (E.2 – P.4).

119 - FIGUEIREDO, Candido de. *Que se não deve dizer:* bosquejos e notas de filologia..... V.3.1914. (E.2 – P.4).

120 - FIGUEIREDO, Candido de. *Vade-Mecum dos estudiosos da lingua* .1914. (Anotação de PLC). (E.2 – P.5).

121 - FIGUEIREDO, Candido de. *Vícios da linguagem médica:* anotações morfologicas.....1910. (Recorte de jornal). (E.2 – P.5).

122 - FITZGERALD, Frederico. *Grammatica theorica e pratica da lingua inglesa*. (E.2 – P.2).

123 - FLAMMARION, Camille. *Fin du monde*. 1894. (Assinatura de PLC). (E.2 – P.2).

124 - FLAUBERT, Gustave. *Salammbô.* 1863. (Assinatura de PLC). (E.2 – P.4).

125 - FONSECA, Gondin da. *Bolchevismo.* (E.2 – P.5, deitado na estante).

126 - FONSECA, Simões da. *Petit diccionnaire français-portugais*. (E.2 – P.5, deitado na estante).

127 - FRADIQUE, Mendes. *Grammatica portugueza pelo methodo confuso seguida*..... 1928. (E.2 – P.2).

128 - FREIRE, Francisco José. *Reflexões sobre a lingua portuguesa*. V.1 a 3. 1842. (E.2 – P.4).

129 - GALVÃO, Ramiz. *Vocabulario etymologico, orthographico e prosodico das palavras*...1909. (Recorte de jornal). (E.2 – P.5).

130 - GARCIA, Rodolpho. *Boletim do Museu Nacional:* nomes de aves em língua tupi. (Anotação de PLC). (E.2 – P.5).

131 - GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. V.1 e 2. 1904. (Anotação de PLC). (E.2 – P.5).

132 - GONÇALVES, Rebelo. *Tratado de ortografia da lingua portuguesa*. 1947. (Anotação de PLC e nota de compra). (E.2 – P.5).

133 - GRAMMOT, Maurice. *Traite de phonétique.* 1933. (E.2 – P.5).

134 - GUIMARÃES, Luiz. *Sonetos e rimas*. 1886. (E.2 – P.5).

135 - GUIMARÃES, Oliveira. *Fonética portuguesa:* compêndio da ortologia nacional. 1927. (E.2 – P.2).

136 - HEWITT, James E. *Estrada suave para o perfeito conhecimento da lingua.....* 1901. (Assinatura de PLC e anotações nas páginas). (E.2 – P.1).

137 - JENERAL Klinger. *Ortografia simplificada brasileira*. 1953. (E.2 – P.4).

138 - JERONYMO (Padre). *Regras da língua portugueza, espelho da lingua latina.....* 1725. (E.2 – P.4).

139 - JUCÁ, Cândido (Filho). *Gramática brasileira do português contemporâneo*.1945. (Nota de compra). (E.2 – P.2).

140 - LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da lingua portuguesa*. 1945. (Mensagem de Antonio Candido e Ficha). (E.2 – P.1).

141 - LEÃO, Antonio da Costa. *Prontuário de ortografia.* 1934. (Ficha com anotação de PLC). (E.2 – P.4).

142 - LEÃO, Antonio da Costa. *Prontuário de ortografia*.1939. (E.2 – P.4).

143 - LEÃO, Antonio da Costa. *Prontuário de ortografia.* 1943. (Escrito de Antonio Candido a PLC). (E.02 – P.04).

144 - LEÃO, Duarte Nunes do. *Origem e orthographia da lingoa portuguesa*. 1864. (Anotação de PLC). (E.2 – P.4).

145 - LEBRE, José da Fonseca. *Locuções e modos de dizer usados na provincia da Beira Alta*. 1924. (E.2 – P.3).

146 - LEITE, Solidonio. *Lingua portuguesa no Brasil*. 1922. (E.2 – P.3).

147 - LEONI, Francisco Evaristo. *Gênio da língua portugueza ou causas racionaes*. V.1 e 2. 1858. (E.2 – P.2).

148 - LEWIS, Sinclair. *Babbitt.* 1935. (Acervo da Biblioteca, doação de PLC). (E.2 – P.1).

149 - LIEUTAUD, Casimir. *Tratado completo da conjugação dos verbos francezes.....* 1892. (Assinatura de PLC). (E.2 – P.5).

150- LIMA, Jaime de Magalhães. *Lingua portuguesa e seus mistérios*. 1923. (E.2 – P.3).

151 - LOBATO, Monteiro. *Urupês:* contos. 1918. (Recorte de jornal). (E.2 – P.3).

152 - LOPES, Castro. *Neologismos indispensaveis e barbarismos dispensaveis.....* 1909. (E.2 – P.3).

153 - LUCCOCK, John. *Grammar and vocabulary of the tupi language*.....1881. (E.2 – P.2).

154 - LUIZ, Francisco de S. *Ensaio sobre alguns synonymos da lingua portuguesa*. 1863. (E.2 – P.1).

155 - LUIZ, Francisco de S. *Glossário das palavras e frases da lingua francesa.* 1835. (Assinatura de PLC). (E.2 – P.2).

156 - MAGNE, Augusto. *Demanda do Santo Graal.* V.1 e 2. 1944. (V.1 - Anotações de PLC). (E.2 – P.1).

157 - MANZONI, Alessandro. *Promessi sposi: storia milanese del secolo XVII*. (E.2 – P.4).

158 - MARROQUIM, Mario. *Lingua do nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. 1934. (E.2 - P.3).

159 - MARTINS, Mario R. *Estudo sistemático dos verbos portugueses*. 1948. (Anotação de PLC). (E.2 – P.1).

160 - MARTINS, Mario R. *Evolução da língua nacional*. 1943. (E.2 – P.2).

161 - MAUGHAM, W. Somerset. *Human bondage* . (E.2 – P.2).

162 - MELO, Gladstone Chaves de. *Dicionários portugueses*. 1947. (Dedicatória do autor a PLC). (E.2 – P.1).

163 - MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia portuguesa*. 1951. (Nota de compra). (E.2 – P.2).

164 - MELO, Gladstone Chaves de. *Língua do Brasil*. 1946. (Anotação de PLC). (E.2 – P.3).

165 - MENDONÇA, Renato. *Influência africana no português do Brasil*. 1935. (E.2 – P.2).

166 - MENDONÇA, Renato. *Portugues do Brasil:* origens - evolução – tendências. 1936. (E.2 – P.4).

167 - MEYER-LUBKE, W. *Introdução ao estudo da glotologia românica*. 1916. (E.2 – P.3)

168 - MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes*. V.1 a 4. 1923. (Nota de compra). (E.2 – P.2).

169 - MONTEIRO, Clóvis. *Português da Europa e português da América*. (E.2 – P.4).

170 - MONTOYA, Antonio Luiz. *Arte de la lengua guarani, ó mas bien tupi*. 1876. (Assinatura de PLC). (E.2 – P.1).

171 - MOREIRA, Júlio. *Estudos da lingua portuguesa*. V.2. 1913. (E.2 – P.2).

172 - MOREIRA, Júlio. *Estudos da lingua portuguesa*. V.1. 1907. (E.2 – P.2).

173 - MOTTA, Othoniel. *Horas philologicas.*1937. (E.2 – P.2)

174 - MOTTA, Othoniel. *Lições de portuguez.* (E.2 – P.3).

175 - MOTTA, Othoniel. *Meu idioma*. 1927. (E.2 – P.3).

176 - NASCENTES, Antenor. *Idioma nacional*. V.4. 1933. (E.2 – P.2).

177 - NASCENTES, Antenor. *Linguajar carioca em 1922*. (E.2 – P.3).

178 - NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 1945. (E.2 – P.5).

179 - NEIVA, Arthur. *Estudos da lingua nacional.* 1940. (Anotação de PLC). (E.2 – P.1).

180 - NEME, Mario. *Mulher que sabe latim...:* contos.1944. (E.2 – P.5, deitado na estante, no TNT).

181 - NOBREGA, Arthur Raggio. *Estudos de portuguez:* a accentuação do A (estudo da crase...). 1900. (E.2 – P.2).

182 - NOBREGA, Artur Raggio. *Estudos de português duas monografias:* acentuação... 1931. (E.2 – P.2).

183 - NOGUEIRA, Baptista Caetano de Almeida. *Manuscripto guarani da Bibliotheca Nacional do R.J. sobre a.....* Esboço grammatical de Abanee. (E.2 – P.3).

184 - NOGUEIRA, Julio. *Exame de portuguez*.1925. (E.2 – P.2).

185 - NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Dicionário de verbos portugueses conjugados*. 1945. (Anotação de PLC). (E.2 – P.1).

185 - NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*. 1938. (Dedicatória do autor a PLC). (E.2 – P.1).

186 - NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Questões de linguagem:* assuntos vários. V.1. 1934. (E.2 – P.4).

187 - NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Questões de linguagem:* assuntos vários. V.2. 1935. (E.2 – P.4).

188 - NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Questões de linguagem:* assuntos varios. V.3. 1936. (E.2 – P.4).

189 - NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Subsidios para o estudo das consequencias da analogia.....*1937. (E.2 – P.5).

190 - NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Tentativa de explicação dos fenomenos foneticos em .....* 1941. (Nota de compra). (E.2 – P.5).

191 - NUNES, J. J. *Digressões lexicológicas.* 1928. (E.2 – P.1).

192 - NUNES, J. J. *Evolução da língua portuguesa*. 1926. (E.2 – P.2).

193 - NUNES, J. J. *Proposito de alguns modos de dizer e vocabulos arcaicos.* 1914. (E. 2 – P.5, deitado na estante).

194 - NUNES, José de Sá. *Aprendei a lingua nacional:* consultorio filológico. V.1. 1938. (E.2 – P.1).

195 - NUNES, José Joaquim. *Compendio de gramatica historica portuguesa* (fonetica e ....). 1919. (E.2 – P.1)

196 - NUNES, José Joaquim.*Compendio de gramatica historica portuguesa* (fonetica e ....). 1930. (E.2 – P.1).

197 - NUNES, José Joaquim.*Crestomatia arcaica:* excertos da literatura portuguesa. (Anotação de PLC). (E.2 – P.1).

198 - OHNET, George. *L´Inutile Richesse.* 1896. (Assinatura de PLC). (E.2 – P.3).

199 - OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa.* 1936. (E.2 – P.2).

200 - PELLEGARDE, Guilherme. *Vocabulos e locuções da lingua portuguesa.*1887. (Assinatura de PLC). (E.2 – P.5).

201 - PELLICO, Silvio. *Mie Prigioni.* (E.2 – P.3).

202 - PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva:* curso superior . (Anotação de PLC sobre o autor). (E.2 – P.2).

203 - PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica.* 1919. (Anotação de PLC). (E.2 – P.2).

204 - PINTO, Oliverio Mario de Oliveira. *Ensaio sobre a fauna de sciurideos do Brasil.* (E.2 – P.5, deitado na estante).

205 - PINTO, P. A. *Estudinhos de etimologias:* escritos ao correr da pena - 2ªsérie. 1937. (E.2 – P.1).

206 - PINTO, P. A. *Estudinhos de etimologias:* notas ao correr da pena. (E.2 – P.1).

207 - PINTO, P. A. *Língua materna:* miudezas de linguagem luso-brasileira. 1934. (E. 2 – P.3).

208 - PINTO, P. A. *Notas de advocacia gramatical:* estudinhos de linguagem..... 1922. (E.2 – P.3).

209 - PINTO, P. A. *Notas de linguagem portuguesa.* 1923.(Anotação de PLC). (E.2 – P.3).

210 -PINTO, P. A. *Nugas e rusgas de linguagem portuguesa.* 1919. (E.2 – P.3).

211 - PINTO, P. A. *Termos e locuções:* miudezas de linguagem luso-brasileira. 1924. (E.2 – P.5).

212 - PINTO, P. A. *Vocábulos e frases:* miudezas de linguagem luso-brasileira. (E.2 – P.5).

213 - PIRES, Cornelio. *Selecta caipira*.1926. (E.2 – P.4).

214 - PLATZMANN, Júlio. *Joseph de Anchieta, arte de grammatica da lingua mais usada....*1874. (Nota de compra). (E.2 – P.3).

215 - POWER, Mary. *Sessenta e quatro aulas praticas da lingua inglesa.* 1934. (E.2 – P.5).

216 - POWER, S. W. *South sea diary*. (E.2 – P.5).

217 - QUEIROZ, Eça de. *Ultimas paginas* (manuscritos ineditos). 1912. (E.2 – P.5).

218 - RAIMUNDO, Jacques. *Vocabularios indigenas de Venezuela*. 1934. (E.2 – P.5).

219 - RAMOS, Silva. *Reforma ortográfica e a Academia Brasileira de Letras.*1926. (E.2 – P.4).

220 - REIS, Francisco Sotero dos. *Grammatica portuguesa*. 1871. (E.2 – P.2).

221 - RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões grammaticaes ou nova grammatica portuguesa.*1915. (E.2 – P.4).

222 - RIBEIRO, João. *Curiosidades verbaes:* estudos applicaveis á língua nacional. (Anotação de PLC). (E.2 - P.1).

223 - RIBEIRO, João. *Estudos philologicos*. 1902. (Assinatura de PLC). (E.2 – P.2).

224 - RIBEIRO, João. *Grammatica portugueza:* curso superior. 1904. (Anotação de PLC). (E.2 – P.2).

225 - RIBEIRO, João. *Grammatica portugueza:* curso superior.1933. (E.2 – P.2).

226 - RIBEIRO, João. *Selecta clássica*. 1905. (Assinatura de PLC). (E.2 – P.4).

227 - RIBEIRO, Júlio. *Grammatica portuguesa*. 1896. (E.2 – P.2).

228 - RODRIGUES, J. Barboza. *Vocabulario indigena comparado para mostrar a adulteração da...*1892 . (E.2 – P.5).

229 - RODRIGUES, J. C. *Chrestomathia da lingua inglesa*. 1870. (E.2 – P.1).

230 - ROMEO, José Francisco Soares. *Posologia dos medicamentos mais empregados*. 1898. (E.2– P.5, deitado na estante, no TNT).

231 - ROSS, Albert. *Thou shalt not.* (E.2 – P.5).

232 - SADLER, P. *Cours gradué de langue anglaise ou petit cours de versions*. 1900. (E.2 – P.1).

233 - SAMPAIO, B. *Questões da língua*. (E.2 – P.4).

234 - SAMPAIO, Theodoro. *Tupi na geographia nacional*. 1901. (E.2 – P.5).

235 - SAMPAIO, Theodoro. *Tupí na geographia nacional*.1928. (Anotação de PLC). (E.2 – P.5).

236 - SANTOS, Graco da Silveira. *Conferencia realizada na "Sociedade União Literária" de São Roque*. (E.2 – P.1).

237 - SCHISGALL, Oscar. *Devil´s Daughter*. (E.2 - P.1).

238 - SETUBAL, Paulo. *Sonho das esmeraldas*. 1935. (E.2 – P.5).

239 - SEVENE, Emilio. *Nova grammatica franceza*. 1889. (E.2 – P.3).

240 - SILVA, Augusto Freire da. *Grammatica portuguesa*. 1894. (Dedicatória do autor a PLC). (E.2 – P.2).

241 - SILVA, M. Pacheco da (Junior). *Grammatica historica da lingua portuguesa*. 1878. (E.2 – P.2).

242 - SILVA, M. Pacheco da (Junior). *Noções de grammatica portuguesa*. 1887. (E.2 – P.3).

243 - SILVA, Serafim da (Neto). *Introdução ao estudo da lingua portuguesa no Brasil.* 1950. (Bilhete de Antonio Candido a PLC). (E.2 – P.3).

244 - SILVEIRA, Álvaro Ferdinando de Sousa da. *Lições de português dadas no 3º ano da escola normal.* 1921. (Anotação de PLC). (E.2 – P.3).

245 - SILVEIRA, Sousa da. *Ânsia, tecer e a ortografia portuguesa*. 1928. (E.2 – P.1).

246 - SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*. 1934. (E.2 – P.3).

247 - SILVEIRA, Sousa da. *Trechos seletos:* complemento prático às lições de português. 1935. (E.2 – P.5).

248 - SOBRAL, Mario. *Há uma gota de sangue em cada poema*. 1917. (Bilhete do autor a PLC e recortes de jornal). (E.2 – P.5, deitado na estante, no TNT).

249 - SOUSA, Bernardino José de. *Onomastica geral da geographia brasileira.*1927. (Anotação de PLC). (E.2 – P.3).

250 - SOUSA, João de. *Vestigios da lingoa arabica em Portugal ou .....* 1830. (E.2 – P.5).

251 - SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587.* 1851. (Anotação de PLC). (E.2 – P.5).

252 - SOUZA, Luiz de. *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres* . V.1 a 3. 1890. (Anotação de PLC). (E.2 – P.5).

253 - SYMPSON, Pedro Luiz. *Grammatica da lingua brasileira* (brasilica, tupi ou nheêngatu). 1926. (E.2 - P.2).

254 - TAUNAY, Affonso de E. *Insufficiencia e deficiencia dos grandes diccionarios portugueses*. 1928. (E.2 – P.3).

255 - TAUNAY, Affonso de E. *Lexico de lacunas:* subsidios para diccionarios da lingua..... 1914. (E.2 – P.3).

256 - TAUNAY, Affonso de E. *Reparos ao novo diccionario de Candido de Figueiredo*. 1926. (E.2 – P.4).

257 - TAUNAY, Affonso de E. *Terminologia zoologica e scientifica em geral e a deficiencia.....* 1927. (E.2 – P.5).

258 - TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéa*. (E.2 – P.4).

259 - TESHAUER, Carlos. *Novo vocabulario nacional*. 1923. (E.2 – P.3).

260 - VASCONCELLOS, Carolina Michaelis de. *Saudade portuguesa:* divagações fiologicas e literar-historicas.... 1922 . (E.2 – P.4).

261 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Antroponimia portuguesa*. 1928. (E.2 – P.1).

262 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Dialecto mirandez*. 1882. (E.2 – P.1).

263 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Esquisse d´une dialectologie portugaise*. 1901. (E.2 – P.1).

264 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Gralho depenado:* réplica às caturrices philologicas.1894. (E. 2 – P.2).

265 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 1926. (E.2 – P.3).

266 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Lições de linguagem* (analyse critica). 1893. (E.2 – P.3).

267 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Lições de philologia portuguesa*. 1911. (E.2 – P.3).

268 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Opusculos:* dialectologia. V.2. 1928. (E.2 – P.4).

269 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Opusculos:* filologia. V.1. 1928. (E.2 – P.4).

270 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Opusculos:* filologia. V.4. 1929. (E.2 – P.4).

271 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Opusculos:* onomatologia. V.3. 1931. (E.2 – P.4).

272 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Perneta:* discussão filológica. 1919. (E.2 – P.5, deitado na estante).

273 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Safira:* freguesia ondal do Alentejo (estudo etimologico). 1919. (E.2 - P.5, deitado na estante).

274 - VASCONCELLOS, J. Leite de. *Summula das prelecções de philologia portuguesa*. 1904. (E.2 - P.5, deitado na estante).

275 - VASCONCELLOZ, Antonio Garcia Ribeiro de. *Grammatica historica da lingua portuguesa*. 1901. (Assinatura de PLC). (E.2 – P.2).

276 - VENDRYES, J. *Langage:* introduction linguistique a l´histoire. 1921. (E.2 – P.3).

277 - VERGARA, Oswaldo (Nuno Alvares). *Problemas de português*. 1918. (E.2 – P.4).

278 - VIANA, A. R. Gonçalvez. *Ortografia nacional:* simplificação e uniformização sistemática. 1904. (Assinatura de PLC). (E.2 – P.4).

279 - VIANA, A. R. Gonçalvez. *Palestras filológicas*. 1910. (Encarte de jornal). (E.2 – P.4).

280 - VIANNA, A. R. Gonçalves. *Exposição da pronuncia normal portuguesa*..... 1892. (E.2 – P.2).

281 - VIEIRA, Antonio. *Sermões selectos do padre Antonio Vieira*. V.1 a 6. 1872/1873/1874/1875 . (E.2 – P.4).

282 - VOSSLER, Karl. *Filosofia del lenguaje:* ensayos. (Dedicatória de Machado (????) a PLC). (E.2 – P.2).

SEM AUTOR

283 - ACORDO ORTOGRAFICO LUSO-BRASILEIRO. 1945. (Recortes de jornais e anotações de PLC). (E.2 – P.1).

284 - APRENDEI A LINGUA VERNACULA: SELECTA ESTUDINHOS DA LINGUA..... 1893. (E.2 – P.1).

285 - BASES PARA UNIFICAÇÃO DA ORTOGRAFIA QUE DEVE SER ADOTADA NAS..... 1911. (Recortes de jornais e Ficha de anotação). (E.2 – P.1).

286 - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍTICA E A ORTOGRAFIA. 1941. (Dedicatória de Luci (???) a PLC). (E.2 – P.3).

287 - LIÇÕES ELEMENTARES DA LINGUA INGLEZA. (E.2 – P.3).

288 - NOVO MANUAL DE LINGUA PORTUGUESA LUSO-BRASILEIRA. (E.2 – P.3).

289 - NOVO MANUAL DE LINGUA PORTUGUEZA: gramatica histórica. (E2 – P.3).

290 - PEQUENO ESCOLAR. V.4. 1936. (E.2 – P.4).

291 - PORANDUBA AMAZONENSE. (Anotação de PLC). (E.2 – P.4).

292 - REFORMA DA ORTOGRAFIA (regras gerais e anotações). 1912. (E.2 – P.4).

293 - *ROYAL SCHOOL PRIMER.* (E.2 – P.5, deitado na estante).

ESTANTE 3

1 - ALMEIDA, Fernando Mendes de. *Folclore nas ordenações do reino.* 1939. Separata Revista do Arquivo. (E.3 – P.3).

2 - ALMEIDA, João Mendes de. *Diccionario geographico da provincia de São Paulo*. 1901. (Anotação de PLC). (E.3 – P.2).

3 - AMARAL, Afrânio do. *Biologia e linguística.*1945. (E.3 – P.1).

4 - AMARAL, Vasco Botelho de. *Estudos criticos de lingua portuguesa*. (Bilhete de Antonio Candido a PLC). (E.3 – P.3).

5 - AMARAL, Vasco Botelho de. *Misterios e maravilhas da lingua portuguesa*. 1949. (E.3 – P.4).

6 - AMARAL, Vasco Botelho de. *Subtilezas, maculas e dificuldades da lingua portuguesa*. 1946. (E.3 – P.5).

7 - AMEGHINO, Florentino. *Paleontologia argentina.* (Anotação de PLC). (E.3 – P.4).

8 - AMICIS, Edmond de. *L´idioma gentile*. 1925. (E.3 – P.3).

9 - AUGÉ, Claude. *Larousse mensuel illustré revue encyclopédique universelle*. (E.3 – P.3).

10 - AULETE, F. J. Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa.* V.1 e 2. 1881. (E.3 – P.1)..

11 - AULETE, F. J. Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa*. V.1 e 2. 1925. (E.3 – P.1).

12 - AULETE, F. J. Caldas. *Dicionario contemporaneo da lingua portuguesa.* V.1 a 4. 1948. (E.3 – P.2).

13 - BARBOSA, Plácido. *Dicionário de terminologia médica portuguesa*. 1917. (E.3 – P.2).

14 - BARROSO, Gustavo. *Ortografia oficial*.1931. (E.3 – P.4).

15 - BEADNELL, C. M. *Dicionário de termos cientificos:* tal como são usados nas..... (E.3 – P.2).

16 - BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde. *Diccionario de vacabulos brasileiros.*1889. (Assinatura de PLC). (E.3 – P.2).

17 - BESSA, Alberto. *Giria portugueza:* esboço de um diccionario de Calão.1901. (E.3 – P.3).

18 - BOUILLET, M. N. *Dictionnaire universel d´histoire et de geographie*. (E.3 – P.3).

19 - CALLAGE, Roque. *Vocabulario gaúcho*.1928 . (E.3 – P.5).

20 - CASTILHO, A. F. de. *Tractado de metreficação portuguesa*. 1889. (E.3 – P.5).

21 - CASTRO, Baptista de. *Vocabulario tupy-guarany*.1936. (E.3 – P.5, deitado na estante).

22 - CAVALCANTI, M. Paulino. *Zebu:* monographia das raças indianas e seu comportamento... 1935. (Dedicatória de ???? a PLC). (E.3 – P.5).

23 - *CHAMBER´S ETYMOLOGICAL DICTIONARY PF THE ENGLISH LANGUAGE.* (E.3 – P.3).

24 - *CHAMBER´S TWENTIETH CENTURY DICTIONARY OF THE ENGLISH .LANGUAGE*. 1904. (Assinatura de PLC). (E.3 – P.5).

25 - CONSTANCIO, Francisco Solano. *Novo diccionario critico e etymologico da lingua portuguesa.* 1877. (E.3 – P.4).

26 - CONSTANCIO, Francisco Solano. *Novo diccionario portatil das lingoas portugueza e franceza.* 1861. (Anotação de PLC e nota de compra). (E.3 – P.4).

27 - CORREA, M. Pio. *Diccionario das plantas uteis do Brasil e das exoticas cultivadas*. V.1 e 2. 1926. (E.3 – P.2).

28 - CORTESÃO, A. A. *Onomástico medieval português.* 1912. (E.3 – P.4).

29 - CORTESÃO, A. A. *Subsídios para um diccionário completo* (histórico-... V.1. 1900. (E.3 – P.5).

30 - D. JERONYMO CONTADOR DE ARGOT. *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de...* T.1, tít.1. 1732. (E.3 – P.4).

31 - D. JERONYMO CONTADOR DE ARGOT. *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de...* T.2, tít.1. 1734. (E.3 – P.4).

32 - D. JERONYMO CONTADOR DE ARGOT. *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de...*T.3. 1744. (E.3 – P.4).

33 - D. JERONYMO CONTADOR DE ARGOT. *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de...* T.1, tít. 2. 1747. (E.3 – P.4).

34 - D´ALBERTI, L´Abbé Francois. *Grand dictionnaire français-italien, compose sur les* .... V.1 e 2. 1835. (E.3 – P.3).

35 - DALGADO, Sebastião Rodolfo . *Glossário luso-asiático*. V.1 e 2. 1919 e 1921. (Anotação de PLC). (E.3 – P.3).

36 - DALZAT, Albert. *Etapes de la langue française*. 1944. (Dedicatória de Valdomiro ??? a PLC). (E.3 – P.3).

37 - DEZOBRY, Ch. *Dictionnaire general de biographie et d´histoire*. V.1 e 2. 1861. (E.3 – P.3).

38 - FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. (Anotação de PLC). (E.3 – P.2).

39 - FERNANDES, Francisco. *Dicionário de sinonimos e antonimos da lingua portuguesa*. 1945. (Nota de compra). (E.3 – P.2).

40 - FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 1940. (E.3 – P.2).

41 - FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 1942. (Nota de compra). (E.3 – P.2).

42 - FERRAZ, Wanda. *Relações de cabeçalhos de assuntos para fichas*.1944. (E.3 – P.5).

43 - FIGUEIREDO, Candido de. *Novo diccionario da lingua portuguesa*. V.1 e 2. 1899. (Os dois volumes juntos). (E.3 – P.4).

44 - FIGUEIREDO, Candido de. *Novo diccionario da lingua portuguesa*. V.1 e 2. 1926. (E.3 – P.4).

45 - FLAMMARION, Camille. *Merveilles celestes*. 1878. (Assinatura de PLC). (E.3 – P.4).

46 - FREITAS, Affonso de (Junior). *Vocabulario Nheengatú*. 1936. (E.3 – P.5).

47 - GALTIER-BOISSIÈRE. *Larousse médical ilustre.* 1929. (E.3 – P.3).

48 - GARCIA, Rodolpho. *Diccionario de brasileirismos* (peculiaridades pernambucanas). (Anotação de PLC). (E.3 – P.2).

49 - GOES, Carlos. *Diccionario de affixos, desinencias e outros elementos de.....* 1913. (E.3 – P.2).

50 - GOES, Carlos. *Diccionario de raizes e cognatos da lingua portuguesa*. 1921. (E.3 – P.2).

51 - GRANADA, D. Daniel. *Vocabulario Rioplatense razonado*. 1890. (E.3 – P.5).

52 - GRIECO, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*. 1933. (E.3 – P.3).

53 - GRIECO, Agrippino. *Perolas*. 1937. (E.3 – P.4).

54 - HUGO, Victor. *Marion de Lorme.* (Assinatura de PLC). (E.3 – P.4).

55 - IHERING, Rodolpho von. *Diccionario dos animaes do Brasil.* 1931 a 1938. (E.3 – P.2).

56 - JUCA, Candido (Filho). *Grafia moderna:* explicação do formulario ortografico...1931. (E.3 – P.3).

57 - LIMA, Hildebrando de. *Pequeno dicionario brasileiro da língua portuguesa*. 1946. (Nota de compra). (E.3 – P.4).

58 - LITTRÉ, E. *Dictionnaire de la langue française.* V.1 a 4. 1863. (E.3 – P.2).

59 - LITTRÉ, E. *Dictionnaire de la langue française:* supplement. 1877. (E.3 – P.3).

60 - MAGALHÃES, Raymundo. *Vocabulario popular*. 1911. (E.3 – P.5).

61 - MAIA, Manoel (Junior). *Refutações e estudos da lingua portuguesa*. 1924. (E.3 – P.5).

62 - MELLO-LEITÃO, Candido de. *Glossario biológico:* pequeno dicionário de termos técnicos... 1946. (E.3 – P.3).

63 - MELO, Gladstone Chaves de. *Atual decadencia da lingua literária.* 1946. (E.3 – P.1).

64 - MENDONÇA, José Xavier Carvalho de. *Tratado de direito commercial brasileiro*. V.1. 1910. (E.3 – P.5).

65 - MIRANDA, Vicente Chermont. *Glossario paraense ou collecção de vocabulos peculiares á.....* 1905. (E.3 – P.3).

66 - MONTOYA, A. Ruiz de. *Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo traductor...* 1879. (E.3 – P.5).

67 - MORAES, Luiz Carlos de. *Vocabulario sul-rio-grandense.* 1935. (E.3 – P.5).

68 - MORAES, Raymundo. *Meu diccionario de cousas da Amazonia*. V.1 e 2. 1931. (E.3 – P.4).

69 - MOTTA, Othoniel. *Selecta moderna*. 1936. (E.3 – P.5).

70 - MUNTHE, Axel. *Livro de San Michele* . 1947. (E.3 – P.4).

71 - NARDY, Francisco (Filho). *Cidade de Itú*. (E.3 – P.1).

72 - NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimologico da lingua portuguesa*. 1932. (E.3 – P.2).

73 - NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimologico da lingua portuguesa*. V.2. 1952. (E.3 – P.2).

74 - NASCENTES, Antenor. *Lexico de nomenclatura gramatical brasileira*. 1946. V.2 (dois exemplares). (E.3 – P.3).

75 - NITTI, Francesco. *Decadencia da Europa:* os meios de reconstrucção.1923. (E.3 – P.1).

76 - NITTI, Francesco. *Paz*. (E.3 – P.4).

77 - PARTRIDGE, Eric. *Dictionary of slang and unconventional english.* 1937. (Anotação de PLC). (E.3 – P.2).

78 - PARTRIDGE, Eric. *Supplement to the first edition of a dictionary of slang...*1938. (E.3 – P.5).

79 - PEDERNEIRAS, Raul. *Geringonça carioca:* verbetes para um diccionario da gíria. 1922. (E.3 – P.3).

80 - PEREIRA, Joaquim Gonçalves. *Mestre popular ou o italiano sem mestre:*pronuncia.... (E.3 – P.4).

81 - PEREYRA, Benedicto. *Prosodia in vocabularium bilinguae, latinun, et lusitanum...* 1741. (Anotação de PLC). (E.3 – P.5).

82 - PETRÒCCHI, P. *Novo dizionàrio universale della lingua italiana*. V.1 e 2. 1912. (Anotação de PLC). (E.3 – P.4).

83 - PIERROT, Fabricio. *Crime de Araraquara*. (E.3 – P.1).

84 - PINTO, Alfredo Moreira. *Apontamentos para o diccionario geographico do Brazil.* V. 1 a 3. 1894/1896/1899. (E.3 – P.1).

85 - PORTELLA, Adolpho. *Martyres da sciencia.* (Assinatura de PLC). (E.3 – P.4).

86 - PRADO, A. de Almeida. *Doenças atraves dos séculos*.1944. (E.3 – P.3).

87 - RAQUENI, Raffaele Enrico. *Novo diccionario italiano-portuguez.* (E.3 – P.5, deitado na estante).

88 - REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. 1925 . (E.3 – P.2).

89 - RIBEIRO, João. *Diccionario gramatical*.1906. (E.3 – P.2).

90 - RIBEIRO, João. *Novo diccionario encyclopedico illustrado da lingua portuguesa*. 1926. (Anotação de PLC). (E.3 – P.4).

91 - ROQUETE, J. I. *Diccionario dos synonymos poetico e de epithetos da lingua....*1848? (Anotação de PLC). (E.3 - P.2).

92 - SALGADO, Plínio. *Palavra nova dos tempos novos*. 1937. (E.3 – P.5, deitado na estante).

93 - SANCHES, Edgard. *Lingua brasileira.* V.1. 1940. (E.3 – P.4).

94 - SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novissimo diccionario latino-portuguez etymologico...* (E.3 – P.4).

95 - SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*. V.1 e 2.1877 e 1878. (Anotações de PLC). (E.3 – P.1).

96 - SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza recopilado dos vocabularios...* V.1 e 2. 1813. (E.3 – P.2).

97 - SPITZER, Carlos. *Diccionario analogico:* thesouro de vocabulos e phrases da.....1936. (E.3 – P.1).

98 - STRADELLI, E. *Vocabularios da lingua geral portuguez-nheengatú e...*1929. (Anotação de PLC). (E.3 – P.5).

99 - TESCHAUER, Carlos. *Apostillas ao diccionario de vocabulos brasileiros*. 1912. (E.3 – P.5, deitado na estante).

100 - TORRES, Arthur de Almeida. *Regencia verbal*. V.1. 1931. (E.3 – P.5).

101 - VIANA, A. R. Gonçalves. *Vocabulario ortográfico e remissivo da lingua portuguesa*. 1912. (E.3 – P.5).

102 - VIANA, A. R. Gonçalvez. *Apostilas aos dicionários portugueses*. V.1 e 2. 1906. (E.3 – P.1).

103 - VIDAL, Bento A. Sampaio. *Café na economia brasileira*. 1943. (E.3 – P.1).

104 - VILLARES, Henrique Dumont. *Urbanismo e industria em São Paulo*.1946. (E.3 – P.5).

105 - VILLARES, Jorge Dumont. *Café:* sua produção e exportação. 1927. (E.3 – P.1).

106 - VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de . *Elucidario das palavras, termos e frases que em Portugal.....* V.1 e 2. 1815. (E.3 – P.3).

SEM AUTOR

Century dictionary and encyclopedia. V.1 a 10. (E.3 – P.1).

Collecção de vocabulos e frases usados na provincia de.....1888. (Anotação de PLC). (E.3 - P.1).

Diccionario brazileiro da lingua portugueza: elucidario.... (Anotação de PLC). (E.3 – P.1).

Diccionario da fabula para intelligencia dos autores antigos..... (E.3 – P.1).

Guia ilustrada de Buenos Aires para el viajero em la... 1900. (Assinatura de PLC). (E.3 – P.3).

Merriam-Webster Pocket dictionary. 1947. (E.3 – P.4).

New Standard dictionary of the english language. V. 1 e 2. 1928. (E.3 – V.4).

*Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa.*1943. (Recorte de jornal). (E.3 – P.4).

Vocabulario ortográfico da lingua portuguesa. 1940. (E.3 – P.5).

Vocabulario ortografico e ortoépico da lingua portuguesa. 1933. (E.3 – P.5).

Vocabulario ortográfico resumido da língua portuguesa. 1947. (Nota de compra). (E.3 – P.5).

Webster´s new international dictionary of the english.... V.1 e 2. 1926. (E.3 – P.5).

ESTANTE 4

1 - AGASSIZ, Luiz. *Viagem ao Brasil 1865-1866.*1938. (E.4 – P.5, livros deitados).

2 - ALBALAT, Antônio. *Arte de escrever:* ensinada em vinte lições.1913. (E.4 – P.1).

3 - ALENCAR, José de. *Guarani, Iracema e Ubirajara.* (E.4 – P.3).

4 - ALENCAR, José de. *Iracema:* lenda do Ceará. 1948. (E.4 – P.3).

5 - ALIGHIERI, Dante. *Divine comedie.* (Bilhete de ???? a PLC). (E.4 – P.2).

6 - ALMEIDA, Nicolau Tolentino de. *Obras completas de Nicolau Tolentino de Almeida*. 1861. (E.4 – P.5).

7- ALVERNE, Francisco do Monte. *Obras oratórias*. V.1 a 4. 1867/1883/1885/1899. (E.4 – P.5).

8 - AMARAL, Amadeu. *Elogio da mediocridade:* estudos e notas de literatura. 1924. (E.4 – P.2).

9 - ANDRADA, Diogo de Payva de. *Casamento perfeito em que se contem advertencias...* (E.4 – P.1).

10 - ANDRADE, Jacinto Freyre de. *Vida de D. João de Castro, quarto viso-rei da India*. 1861. (E.4 - P.5, livros deitados).

11 - ANDRADE, Mário de. *Macunaima*. 1928. (Dedicatória de Mário de Andrade a PLC). (E.4 – P.4).

12 - ANDRADE, Mario de. *Paulicea desvairada*. 1922. (Dedicatória de Mário de Andrade a PLC). (E.4 - P.5).

13 - ANDRADE, Mario de. *Primeiro andar:* contos. 1926. (Anotação de Mário de Andrade a PLC). (E.4 – P.5).

14 - ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo:* idílio. 1944. (Carta de Mário de Andrade a PLC). (E.4 – P.1).

15 - ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intranzitivo:* idílio. 1927. (Carta de Mário de Andrade a PLC). (E.4 – P.1).

16 - ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*.1943. (E.4 – P.1).

17 - ANDRADE, Mário de. *Belazarte*. 1934 . (Dedicatória de Mário de Andrade a PLC). (E.4 – P.1).

18 - ANDRADE, Mário de. *Empalhador de passarinho.* (E.4 – P.2).

19 - ANDRADE, Mário de. *Escrava que não é Isaura.* 1925. (Dedicatória de Mário de Andrade a PLC). (E.4 – P.2).

20 - ANDRADE, Mário de. *Filhos da Candinha*. 1943. (Dedicatória de Mário de Andrade a PLC). (E.4 – P.3).

21 - ANDRADE, Mário de. *Namoros com a medicina*.1939. (E.4 – P.4).

22 - ASSIS, Machado de. *Contos fluminenses*. (E.4 – P.2).

23 - ASSIS, Machado de. *Critica*. (E.4 – P.2).

24 - ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacob*. 1904. (E.4 - P.2).

25 - ASSIS, Machado de. *Helena.* (E.4 – P.3).

26 - ASSIS, Machado de. *Memorial de Ayres.* (Recorte de jornal). (E.4 – P.4).

27 - ASSIS, Machado de. *Memorias posthumas de Braz Cubas*. (Recorte de jornal). (E.4 – P.4).

28 - ASSIS, Machado de. *Paginas recolhidas*. (E.4 – P.5).

29 - ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. 1923. (Anotação de PLC). (E.4 – P.5).

30 - AZEVEDO, Arthur. *Contos em verso.* 1909. (E.4 – P.2).

31 - AZEVEDO, Arthur. *Contos fóra da moda*. 1908. (E.4 - P.2).

32 - AZEVEDO, Arthur. *Contos possíveis.* 1908. (E.4 – P.2).

33 - AZEVEDO, Arthur. *Contos ephemeros.* (E.4 – P.2).

34 - BARCLAY, Florence L. *Rosary*. (E.4 – P.5).

35 - BARRETO, Lima. *Triste fim de Polycarpo Quaresma*. 1915. (E.4 – P.5, livros deitados).

36 - BASTO, Claudio. *Linguagem de Camilo.* 1927. (Anotação de PLC). (E.4 – P.4).

37 - BELLEGARDE, Guilherme. *Subsidios litterarios*. V.1. 1883. (Anotação de PLC). (E.4 – P.5, livros deitados).

38 - BERNARDEZ, Manoel. *Luz e calor*. 1871. (E.4 – P.4).

39 - BILAC, Olavo. *Ironia e piedade*.1926. (E.4 – P.3).

40 - BILAC, Olavo. *Poesias*. 1902. (E.4 – P.5).

41 – BOCAGE, Manoel Maria Barbosa du. *Livro dos sonetos*. (E.4 – P.4).

42 - BOCAGE, Manoel Maria Barbosa du. *Historia de Paulo e Virginia*. 1905. (E.4 – P.3).

43 - BOCAGE, Manoel Maria Barbosa du. *Idyllios, cançonetas e canções*.1889. (E.4 – P.3).

44 - BOURGET, Paul. *L´Irreparable*. 1895. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.3).

45 - CALDWELL, Erskine. *Georgia boy*.1950. (E.4 – P.3).

46 - CALLET, Augusto. *Inferno*.1871.Tradução por Camillo Castello Branco. (E.4 – P.3).

47 - CAMARA, P. Perestrello da. *Collecção de proverbios, adagios, rifãos anexis sentenças moraes....* 1848. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.1).

48 - CAMÕES, Luis de. *Dicionario dos Lusiadas*. 1924. (E.4 – P.2).

49 - CAMÕES, Luís de. *Lusiadas.* 1916. (Anotação de PLC). (E.4 – P.4).

50 - CAMÕES, Luís de. *Lusiadas.* 1921. (E.4 – P.4).

51 - CAMÕES, Luís de. *Lusiadas.* 1928. (Anotação de PLC). (E.4 – P.4).

52 - CAMÕES, Luís de. *Obras completas de Luís de Camões*. V.1 a 3. 1834. (E.4 – P.5).

53 - CAMÕES, Luís de. *Lusiadas*. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.4).

54 - CAMPOS, Agostinho. *Herculano:* quadros literários da historia medieval portuguesa. 1921. (2 exemplares). (E.4 – P.3).

55 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Amor de perdição:* memorias d´uma família. (E.4 – P.1).

56 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Amor de salvação.* 1887. (E.4 – P.1).

57 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Anathema*. (E.4 – P.1).

58 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Bohemia do espirito*.1886. (E.4 – P.1).

59 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Brazileira de Prazins:* scenas do Minho. 1898. (E.4 – P.1).

60 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Brilhantes do brasileiro*. 1904. (E.4 – P.1).

61 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Bruxa de Monte-Cordova*. 1924. (E.4 – P.1).

62 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Cancioneiro alegre de poetas portuguezes e brasileiros*. V.1 e 2. 1887. (E.4 – P.1).

63 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Carlota Angela*. (Anotação de PLC). (E.4 – P.1).

64 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Cavar em ruinas*. 1902. (E.4 – P.1).

65 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Caveira da martyr*. 1902. (E.4 – P.1).

66 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Coisas espantosas.*1904. (E.4 – P.1).

67 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *D. Luiz de Portugal neto do prior do Crato*. 1883. (E.4 – P.2).

68 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Demonio do ouro*. V.1 e 2. 1873 e 1874. (E.4 – P.2).

69 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Dida do Candal*. 1922. (E.4 – P.2).

70 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Echos humoristicos do minho / carta ao cruzeiro*. 1880. (E.4 – P.2).

71 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Esqueleto*. 1909. (E.4 – P.2).

72 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Estrellas funestas*. 1906. (E.4 – P.2).

73 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Fanny:* estudo por Ernesto Feydeau.1914. (E.4 – P.2).

74 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Filha do Regicida:* romance histórico. 1875. (E.4 – P.3).

75 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Filho natural*. V.1 e 2.1876. (E.4 – P.3).

76 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *General Carlos Ribeiro:* recordações da mocidade. 1884. (E.4 – P.3).

77 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Historia e sentimentalismo:* Eusébio Macário / Poetas e raças finas. 1903. (E.4 – P.3).

78 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Homem de Brios.* 1905. (E.4 – P.3).

79 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Luiz de Camões.*1880. (E.4 – P.4).

80 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Mysterios de Fafe*. 1920. (E.4 - P.4).

81 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Nas trevas*. 1890. (E.4 – P.4).

82 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *No bom Jesus do monte*. 1864. (E.4 – P.4).

83 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Noites de insonnia*. V.1 a 12. 1874. (E.4 - P.4).

84 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Notas a sebenta do Dr. Avelino Cesar Callisto*. 1891. (Anotação de PLC). (E.4 – P.4).

85 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Novellas do minho*. 1903. (E.4 – P.5).

86 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Queda d´um anjo*. (E.4 – P.5).

87 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Reflexões para a virtude*. 1925. (E.4 – P.5).

88 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Santo da montanha*. (Anotação de PLC). (E.4 – P.5, livros deitados).

89 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Senhora Rattazzi*. 1880. (E.4 – P.5, livros deitados).

90 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Sentimentalismo e historia*. 1897. (E.4 – P.5, livros deitados).

91 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Seroens de S. Miguel de Seide*. V.1 a 6. 1894 e 1886. (E.4 – P.5, livros deitados).

92 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Vingança*. 1858. (E.4 – P.5, livros deitados).

93 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Vinho do Porto:* processo de uma bestialidade inglesa. 1884. (Anotação de PLC). (E.4 – P.5, livros deitados).

94 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Virtudes antigas e um poeta portuguez...rico!* (E.4 – P.5, livros deitados).

95 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Volcoens de lama.* 1886. (E.4 – P.5, livros deitados).

96 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Maria da Fonte*. 1885. (E.4 – P.4).

97 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Maria Moyses.*V.1 e 2. 1876 e 1877. (E.4 – P.4).

98 - CASTELLO BRANCO, Camillo. *Mosaico e Sylva de curiosidades historicas, litterarias e...* 1868. (E.4 – P.4).

99 – CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Avarento:* comedia em 5 actos - versão libérrima. 1871. (E.4 – P.1).

100 – CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Doente de Scisma:* comedia em 3 actos.1878. (E.4 – P.2).

101 – CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Misanthropo:* comédia em 5 actos. 1874. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.4).

102 – CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Sabichonas:* comedia em 5 actos.1872 . (E.4 – P.5).

103 - CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Georgias de Virgilio*.1867. (E.4 – P.3).

104 - CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Medico à força:* comedia à antiga. 1869. (E.4 – P.4).

105 - CASTILHO, Antonio feliciano de. *Outono*. 1863. (E.4 – P.5).

106 - CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Tosquia d'um camelo:* carta a todos os mestres das aldeas e das ...1853. (E.4 – P.5, livros deitados).

107 - CASTILHO, Visconde de. *Fausto:* poema dramático.1882. (E.4 – P.3).

108 - CAZOTTE, J. *Amores do diabo*. (E.4 – P.1).

109 – CHATEAUBRIAND. *Genio do christianismo*. V.1 e 2.1897. Tradução por Camillo Castello Branco. (E.4 – P.3).

110 - COELHO, J. M. Latino. *Fernão de Magalhães*. 1917. (E.4 – P.3).

111 - CRESPO, Gonçalves. *Obras completas*. 1897. (E.4 – P.5).

112 - CUNHA, Euclydes da. *Sertões* (campanha de Canudos).1929. (E.4 – P.5, livros deitados).

113 - CUNHA, Euclydes da. *Sertões* (campanha de Canudos).1905. (E.4 – P.5, livros deitados).

114 - CURIOSO, João. *Camilo e as caturrices dos puristas*. V.1. 1924. (E.4 – P.1).

115 – DEMOSTHENES. *Oração da coroa*. 1880. (E.4 – P.5).

116 - DENIS, Pierre. *Brésil au XX siècle*. 1909. (E.4 – P.1).

117 - DIAS, Gonçalves. *Poesias de Gonçalves Dias*. V.1 e 2. 1896. (E.4 – P.5).

118 - DICKENS, Charles. *American notes*. (E.4 – P.1).

119 - DICKENS, Charles. *Child´s history of england.* (Anotação de PLC). (E.4 – P.1).

120 - DICKENS, Charles. *Life e adventures of Nicholas Nickleby.* (E.4 – P.4).

121 - DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. (E.4 – P.5).

122 - DICKENS, Charles. *Personal history of David Copperfield*. V.1 e 2. Recorte de jornal. (E.4 - P.5).

123 - DICKENS, Charles. *Stories and sketches*. (E.4 – P.5, livros deitados).

124 - DINIZ, Julio. *Fidalgos da Casa Mourisca*. V.1. 1910. Anotação de PLC. (E.4 – P.3).

125 - DOMINGUES, Pinheiro. *Camilo e a lexicografia de Laudelino Freire*. 1927. (E.4 – P.1).

126 - DUARTE, Dom. *Leal conselheiro e livro da ensinança de bem cavalgar toda sella*.1843. Anotação de PLC. (E.4 – P.3).

127 - EÇA, Mathias Aires Ramos da Silva. *Reflexões sobre a vaidade dos homens ou discursos moraes sobre...* 1752. Edição fac-simile. (E.4 – P.5).

128 - FARINHA, Bento Ioze de Sovsa. *Comedia Vlysippo de Iorge Ferreira de Vasconcellos.* 1787. (E.4 – P.1).

129 - FERRARIN, Arturo. *Voli per il mondo.* 1929. (E.4 – P.5, livros deitados).

130 - FIGUEIREDO, Antero de. *D. Pedro e D. Inês.* 1920. (E.4 – P.2).

131 - FIGUEIREDO, Antero de. *Leonor Teles:* flor de altura. 1916. (E.4 – P.3).

132 - FIGUEIREDO, Candido de. *Conto de Natal e outros*. 1908. (E.4 – P.1).

133 - FIGUEIREDO, Fidelino de. *Historia da litteratura clássica.* V. 1 a 3. 1921 e 1922. (E.4 – P.3).

134 - FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. 1911. Anotação de PLC. (E.4 – P.4).

135 - FRADIQUE, Mendes. *Contos do vigário*. 1922. (E.4 – P.2).

136 - FRADIQUE, Mendes. *Idéas em zig-zag*. 1928. (E.4 – P.3).

137 - FRADIQUE, Mendes. *Logica do absurdo*.1926. (E.4 – P.4).

138 - GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. V. 1 e 2. 1904. Anotação de PLC. (E.4 – P.5, livros deitados).

139 - GREENER, W. W. *Escopetas modernas.* (E.4 – P.2).

140 - GUIMARÃES, A. J. Gonçálvez. *Chronica do principe dom Joam:* rei que foi destes... 1905. (E.4 – P.1).

141 - GUIMARÃES, Luiz. *Sonetos e rimas.* 1886. (E.4 – P.5, livros deitados).

142 - HAGGARD, H. Rider. *Beatrice*. 1906. (E.4 – P.1).

143 - HAGGARD, H. Rider. *Dawn*. 1905. (E.4 – P.2).

144 - HAGGARD, H. Rider. *Minas de Salomão*. 1902. (Dedicatória do autor a PLC). (E.4 – P.4).

145 - HERCULANO, Alexandre. *Bobo*. 1903. (E.4 – P.1).

146 - HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbytero*. 1906. (E.4 – P.2).

147 - HERCULANO, Alexandre. *Lendas e narrativas*. V.1 e 2. 1903. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.3).

148 - HERCULANO, Alexandre. *Monge de Cister*. V.1 e 2. (E.4 - P.4).

149 - HERCULANO, Alexandre. *Monge de Cister.* V.1 e 2. 1848. (E.4 – P.4).

150 - HERRIG, L. *British classical authors.* 1901. (E.4 – P.1).

151 - JACKSON, Catharina Carlota Lady. *Formosa Lusitania.* 1877. Tradução por Camillo Castello Branco. (E.4 – P.3).

152 - LAET, Carlos de. *Em Minas:* viagens, litteratura, filosofia. 1894. (E.4 – P.2).

153 - LAMARTINE, A. de. *Graziella*. 1872. (E.4 – P.3).

154 - LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas:* contos e impressões.1919. (E.4 – P.1).

155 - LOBATO, Monteiro. *Idéas de Jéca Tatú*. (E.4 – P.3).

156 - LOBATO, Monteiro. *Urupês:* contos.1918. (Recorte de jornal). (E.4 – P.5, livros deitados).

157 - LOPES, Castro. *Origens de anexins, proloquios:* locuções populares, siglas, etc. 1909. (E.4 – P.5).

158 - LYTTON, Lord. *Deniers jours de Pompéi*. (Anotação de PLC). (E.4 – P.2).

159 - MANOEL, D. Francisco. *Carta de guia de casados*. 1898. (E.4 – P.1).

160 - MARQUES, Henrique. *Bibliographia Camilliana*.1894. (E.4 – P.1).

161 - MAUPASSANT, Guy de. *Fort comme la mort.* (E.4 – P.3).

162 - NASÃO, Publio Ovidio. *Fastos*. V.1 a 3.1862. (E.4 – P.2).

163 - NUNES, José Joaquim. *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*. V.1. 1918. (E.4 – P.2).

164 - OHNET, Georges. *Maitre de forges*. 1897. (E.4 – P.4).

165 - ORTIGÃO, Ramalho. *John Bull*. 1887. (E.4 – P.3).

166 - PARANAPIACABA, Barão de. *Fabulas de La Fontaine.* 1886. (E.4 – P.2).

167 - PEARSON, Hesketh. *Dickens: his character, comedy and career*. (E.4 – P.2).

168 - PEIXOTO, Afranio. *Maria Bonita*.1944. (E.4 – P.4).

169 - PEIXOTO, Afranio. *Mulher como as outras.* 1928. (E.4 – P.4).

170 - PEIXOTO, Afranio. *Razões do coração*. 1937. (E.4 – P.5).

171 - PEIXOTO, Afrânio. *Bugrinha*.1941. (E.4 – P.1).

172 - PEIXOTO, Afrânio. *Camões e o Brasil.* (E.4 – P.1).

173 - PEIXOTO, Afrânio. *Fruta do mato*. 1922. (Anotação de PLC). (E.4 – P.3).

174 - PINTO, P. A. *Linguagem camiliana:* Camilo Torturado. 1927. (Anotação de PLC). (E.4 – P.4).

175 - PIRES, Cornelio. *Conversas ao pé do fogo:* paginas regionais.1927. (E.4 – P.2).

176 - PIRES, Cornelio. *Meu samburá:* anecdotas e caipiradas.1928. (E.4 – P.4).

177 - PIRES, Cornelio. *Mixordia:* contos e anecdotas.1927. (E.4 – P.4).

178 - PIRES, Cornelio. *Patacoadas:* anecdotas-simplicidades e astucias de caipiras.1927. (E.4 – P.5).

179 - PIRES, Cornelio. *Quem conta um conto...:* contos regionais. (E.4 – P.5).

180 - PIRES, Cornelio. *Selecta caipira*.1926. (E.4 – P.5, livros deitados).

181 - PIRES, Cornélio. *Estrambolicas aventuras do Joaquim Bentinho:* o queima campo. 1924. (E.4 – P.2).

182 - PRADO, Paulo. *Paulistica:* historia de São Paulo.1934. (E.4 – P.5).

183 - PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil:* ensaio sobre a tristeza brasileira. 1928. (E.4 – P.5).

184 - PREVOST, L´abbe. *Histoire de Manon Lescalt*. (E.4 – P.3).

185 - QUEIROZ, Eça de. *Correspondencia de Fradique Mendes:* memorias e notas.1900. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.2).

186 - QUEIROZ, Eça de. *Echos de Pariz*.1905. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.2).

187 - QUEIROZ, Eça de. *Illustre Casa de Ramires*. 1900. (Anotação de PLC). (E.4 – P.3).

188 - QUEIROZ, Eça de. *Campanha alegre:* das farpas. 1890. (E.4 - P.1).

189 - QUEIROZ, Eça de. *Capital*. 1926. (E.4 – P.1).

190 - QUEIROZ, Eça de. *Cartas de Inglaterra*. 1905. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.1).

191 - QUEIROZ, Eça de. *Cartas familiares e bilhetes de Pariz*.1907. (E.4 – P.1).

192 - QUEIROZ, Eça de. *A cidade e as serras*.1901. (E.4 – P.1).

193 - QUEIROZ, Eça de. *Contos*. 1907. (E.4 – P.2).

194 - QUEIROZ, Eça de. *Correspondencia*. 1926. (E.4 – P.2).

195 - QUEIROZ, Eça de. *Crime do padre Amaro*. 1927. (E.4 – P.2).

196 - QUEIROZ, Eça de. *Crime do padre Amaro:* scenas da vida devota.1924. (E.4 – P.2).

197 - QUEIROZ, Eça de. *Maias*. V.1 e 2. 1888 e 1889. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.4).

198 - QUEIROZ, Eça de. *Mandarin*. 1889. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.4).

199 - QUEIROZ, Eça de. *Mandarin*. 1927. (E.4 – P.4).

200 - QUEIROZ, Eça de. *Mysterio da estrada de Sintra*. 1895. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.4).

201 - QUEIROZ, Eça de. *Notas contemporâneas*.1909. (E.4 – P.5).

202 - QUEIROZ, Eça de. *Primo Bazílio*.1887. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.5).

203 - QUEIROZ, Eça de. *Prosas barbaras*.1903. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.5).

204 - QUEIROZ, Eça de. *Reliquia*.1891. (E. – P.5).

205 - QUEIROZ, Eça de. *Ultimas paginas* (manuscritos ineditos). 1912. (E.4 – P.5, livros deitados).

206 - RIBEIRO, Bernardin. *Menina e moça...* 1891. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.4).

207 - RIBEIRO, João. *Autores contemporaneos:* excerptos de escriptores brazileiros.1931. (E.4 – P.1).

208 - RIBEIRO, João. *Cartas devolvidas*. 1926. (E.4 – P.1).

209 - RIBEIRO, João. *Colmeia*. 1923. (E.4 – P.1).

210 - RIBEIRO, João. *Fabordão:* cronica de vario assunto. 1910. (E.4 – P.2).

211 - RIBEIRO, João. *Floresta de exemplos*. 1931. (E.4 – P.3).

212 - RIBEIRO, João. *Frazes feitas:* estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios. V.1 e 2. 1908 /1909. (E.4 – P.3).

213 - RIBEIRO, João. *Notas de um estudante:* estudos nacionaes e apontamentos.... (E.4 – P.5).

214 - RIBEIRO, João. *Páginas de esthetica*. 1905. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.5).

215 - RIBEIRO, João. *Selecta clássica*. 1905. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.5, livros deitados).

216 - RIBEIRO, Julio. *Carne*.1911. (Anotação de PLC). (E.4 – P.1).

217 - RIBEIRO, Julio. *Cartas sertanejas*. 1885. (Recorte de jornal). (E.4 – P.1).

218 - RIBEIRO, Sylvio Romero. *Compendio de historia da literatura brasileira.*1906. (E.4 – P.1).

219 - ROSS, Albert. *Thou shalt not.* (E.4 – P.5, livros deitados).

220 - SAINTE-BEDUVE. *Oeuvres completes du comte Chavier de Maistre*. (E.4 – P.5).

221 - SCOTT, Walter. *Ivanhoe*. (E.4 – P.3).

222 - SETUBAL, Paulo. *Sonho das esmeraldas.*1935. (E.4 – P.5, livros deitados).

223 - SILVA, Luiz Augusto Rebello da. *Fastos da igreja:* historia da vida dos santos.1870. (E.4 – P.2).

224 - SILVEIRA, Valdomiro. *Caboclos*. 1928. (E.4 – P.1).

225 - SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587*. 1851. (Anotação de PLC). (E.4 – P.5, livros deitados).

226 - SOUZA, Luiz de. *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*. V.1 a 3. 1890. (Anotação de PLC). (E.4 – P.5, livros deitados).

227 - TAUNAY, Visconde de. *Campanha de Matto Grosso / Scenas de viagem*.1923. (E.4 – P.1).

228 - TAUNAY, Visconde de. *Innocencia.* (E.4 – P.3).

229 - TOSCANO, Francisco Soares. *Pirallelos de principes, e varões illustres antigos, a que* ....1623. (E.4 – P.5).

230 - TWAIN, Mark. *Choice humorous Works*. 1902. (Recorte de jornal). (E.4 – P.1).

231 - TWAIN, Mark. *Innocents abroud or the new Pilgrim´s progress*. 1908. (E.4 – P.3).

232 - TWAIN, Mark. *L1,000,000 bank-note and other new stories*. 1893. (E.4 – P.3).

233 - TWAIN, Mark. *Library of humour.* 1906. (E.4 – P.3).

234 - VASCONCELLOS, Jorge Ferreira de. *Memorial das proezas da segunda távola redonda*. 1867. (E.4 – P.4).

235 - VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Novos estudos sôbre Sá de Miranda*. 1911. (E.4 – P.5).

236 - VAZ, Leo. *Professor Jeremias*. 1920. (E.4 – P.5).

237 - VERISSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. V.1 a 6. 1901/1903/1907/1910. (E.4 – P.2).

238 - VICENTE, Gil. *Obras completas de Gil Vicente*. 1928. Edição fac-similada da edição de 1562. (E.4 – P.5).

239 - VIEIRA, Antonio. *Cartas selectas do padre Antonio Vieira, precedidas d'um* ...1856. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.1).

240 - VIEIRA, Antonio. *Historia do futuro livro anteprimeiro prologomeno*....1755. (E.4 – P.3).

241- VIEIRA, Antonio. *Sermões selectos do padre Antonio Vieira*. V.1 a 6. 1872/1873/1874/1875 . (E.4 – P.5, livros deitados).

242 - VIEYRA, Antonio (padre). *Arte de furtar, espelho de enganos, theatro de verdades...* 1829. (E.4 – P.1).

243 - WHITE, W. L. *Report on the Russians*. 1945. (E.4 – P.5).

244 - ZWEIG, Stefan. *O mundo que eu vi (minhas memorias)*. 1942. (Anotação de PLC). (E.4 – P.4).

SEM AUTOR

Dialogos de Dom Frey Amador Arraiz, bispo de Portalegre. 1846. (E.4 – P.2).

Discursos de Alcantara Machado e Afranio Peixoto na Academia... 1933. (E.4 – P.2).

Fables de La Fontaine: precedees de la vie d´esope. 1896. (Assinatura de PLC). (E.4 – P.2).

Galeria de varões illustres de Portugal: Luis de Camões. V.1. (E.4 – P.3).

Galeria de varões illustres de Portugal: Vasco da Gama. V.2. (2 exemplares). (E.4 – P.3).

In memoriam de Camillo. 1925. (Recorte de jornal). (E.4 – P.3).

Machado de Assis et son ceuvre litteraire. (E.4 – P.4).

Satyricos portugueses. 1910. (E.4 – P.5, livros deitados).

Textos quinhentistas. 1945. (E.4 – P.5, livros deitados).

ESTANTE 5

1- ALMEIDA, Silvio (diretor). *Revista de Filologia Portuguesa*: v.1 a 4, 1924. (E.5 - P.4, deitada na estante).

2 - ALMEIDA, Silvio (diretor). *Revista de Filologia Portuguesa:* v.5 a 7, 1925. (E.5 – P.4, deitada na estante).

3 - AMARAL, Afrânio (diretor executivo).

4 - BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE SP. *Relatorio e Contas da Administração* . 1948. (E.5 – P.2).

5 - BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE SP. *Relatorio e Contas da Administração* . 1949. (E.5 – P.2).

6 - BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE SP. *Relatorio e Contas da Administração*. 1950. (E.5 – P.2).

7 - BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE SP. *Relatorio e Contas da Administração.* 1951. (E.5 – P.2).

8 - BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE SP. *Relatorio e Contas da Administração:* 12/03 , 1947. (E.5 - P.2).

9 - BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE SP. *Relatorio e Contas da Administração:* 16/03, 1948, (E.5 - P.2).

10 - BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE SP. *Relatorio e Contas da Administração:* 19/04 , 1944. (E.5 – P.2).

11 - BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE SP. *Relatorio e Contas da Administração:* 24/02 , 1945, (E.5 – P.2).

12 - BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE SP. *Relatorio e Contas da Administração*: 31/12 , 1927. (E.5 – P.2).

13 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia.* T.1, f.1, v.I, 1932/1933. (E.5 – P.1).

14 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia.* T.2, f.1, v.II, 1933/1934. (E.5 – P.1).

15 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia.* T.3, f.1-2, v.III, 1934/1935. (E.5 – P.1).

16 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia.* T.4, f.1-2, v.IV, 1936/1937. (E.5 – P.1).

17 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia.* T.5, f.1-2, v.V, 1937/1938. (E.5 – P.1).

18 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia.* T.6, f.1-2, v.VI, 1939/1940. (E.5 – P.1).

19 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia*. T.7, f.1- 4, v.VII, 1940/1944. (E.5 - P.1).

20 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia*. T.8, f.1, v.VIII, 1945/1947. (E.5 – P.1).

21 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia.* T.9, f.1, 1948. (E.5 – P.1).

22 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia.* T.9, f. 2, 1948. (E.5 – P.1).

23 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia*. T.9, f.3,1948. (E.5 - P.1).

24 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia*. T.9, f.4,1948. (E.5 – P.1).

25 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia*. T.10, f.1, 1949. (E.5 – P.1).

26 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia*. T.11, f.2, 1950. (E.5 – P.1).

27 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia.* T.12, f.1, 1951. (E.5 – P.1).

28 - CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. *Boletim de Filologia.* T.12, f.2, 1951. (E.5 – P.1).

29 - CLUBE ZOOLÓGICO DO BRASIL. *Boletim Biológico.* N.1. 1933. (E.5 – P.1).

30 - CLUBE ZOOLÓGICO DO BRASIL. *Boletim Biológico*. N.3. 1938. (E.5 – P.4, deitado na estante).

31 - D´ALBUQUERQUE, Miguel Tenorio. *Lingua geral tupi-guarani*. 1929. (Livro deitado na primeira prateleira). (E5 – P.2, deitado na estante).

32 - FREIRE, Laudelino. Estante clássica. *Revista Lingua Portuguesa*: Gonçalves Dias. V.VIII. 1921. (E.5 – P.1).

33 - FREIRE, Laudelino. *Revista de Língua Portuguesa*: archivo de estudos. N.1 e 2, 1919. (E.5 – P.3).

34 - FREIRE, Laudelino. *Revista de Língua Portuguesa*: archivo de estudos. N.3 a 8, 1920. (E.5 – P.3).

35 - FREIRE, Laudelino. *Revista de Língua Portuguesa*: archivo de estudos. N.9 a 14, 1921. (E.5 – P.3).

36 - FREIRE, Laudelino. *Revista de Língua Portuguesa*: archivo de estudos. N.15 a 20, 1922. (E.5 – P.3).

37 - FREIRE, Laudelino. *Revista de Língua Portuguesa:* archivo de estudos. N.21 a 26, 1923. (E.5 – P.3).

38 - FREIRE, Laudelino. *Revista de Língua Portuguesa:* archivo de estudos. N.27 a 32, 1924. (E.5 – P.3).

39 - FREIRE, Laudelino. *Revista de Língua Portuguesa:* archivo de estudos. N.33 a 38, 1925. (E.5 – P.3).

40 - FREIRE, Laudelino. *Revista de Língua Portuguesa:* archivo de estudos. N.39 a 44, 1926. (E.5 – P.3).

41 - FREIRE, Laudelino. *Revista de Língua Portuguesa:* archivo de estudos. N.45 a 50, 1927. (E.5 – P.3, deitada na estante).

42 - FREIRE, Laudelino. *Revista de Língua Portuguesa:* archivo de estudos. N.51 a 56. 1928. (E.5 - P.3, deitada na estante).

43 - FREIRE, Laudelino. *Revista de Língua Portuguesa:* archivo de estudos. N.57 a 62, 1929. (E.5 – P.3, deitada na estante).

44 - FREIRE, Laudelino. *Revista de Língua Portuguesa:* archivo de estudos. N.1 e 2, 1931. (E.5 – P.3, deitada na estante).

45 - HUXLEY, Julian . *Ciencia de la vida*. N.2 a 13. (E.5 – P.1).

46 - MALDONADO, Mário. *Relatorio sobre as exposições de animaes*.....1923. (E.5 – P.2).

47 - PINTO, Olivério Mário de Oliveira. *Aves de Pernambuco*. 1940. (Dedicatória de Dr. Olivério Pinto a PLC). (E.5 – P.1).

48 - PINTO, Olivério Mário de Oliveira. *Comentarios sobre as aves descrita na Historia Naturalis*.... 1946. (Dedicatória de Dr. Olivério Pinto a PLC). (E.5 – P.1).

49 - PINTO, Olivério Mário de Oliveira. *Esboço monografico dos Columbidae Brasileiros.* 1949. (Dedicatória de Dr. Olivério Pinto a PLC). (E.5 – P.1).

50 - QUEIROZ, Eça de (diretor). *Revista de Portugal*. N.1. 1889. (E.5 – P.4, deitada na estante).

51 - QUEIROZ, Eça de (diretor). *Revista de Portugal*. N.2 e 3. 1890. (E.5 – P.4, deitada na estante).

52 - SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDUSTRIA..... *Boletim de Agricultura*. N.9 e 10, 1927. (E.5 – P.1).

53 - SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDUSTRIA..... *Boletim de Agricultura*. N.11 e 12, 1927. (E.5 – P.1).

54 - SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE. *Album histórico do Centenário de Joinville.* 1951. (Dedicatória de Norberto Bachmann???? A PLC???). (E.5 – P.1).

55 - *ACTIVIDADES DO INSTITUTO BUTANTAN EM 1954*.1955 . (E.5 - P.1).

56 – *ALBUM*. Janeiro, 1895. (Assinatura de PLC). (E.5 – P.4, deitado na estante).

57 - *ALBUM IMPERIAL:* quinzenário político e literário. Jan. a dez. N.1 a 24,1906. (E.5 – P.1).

58 - *ALBUM IMPERIAL:* quinzenário político e literário. Jan. a dez. N.1 a 24, 1907. (E.5 – P.1).

59 - *ARCHIVOS DO INSTITUTO BIOLOGICO DE DEFESA AGRÍCOLA E ANIMAL*. V.I, 1928. (Dedicatória de ??? a PLC). (E.5 – P.1).

60 - *ARCHIVOS DO INSTITUTO BIOLOGICO DE DEFESA AGRÍCOLA E ANIMAL*. V.II, 1929. (Dedicatória de ???? a PLC). (E.5 – P.1).

61 - *ARCHIVOS DO INSTITUTO BIOLOGICO DE DEFESA AGRÍCOLA E ANIMAL*. V.III, 1930. (Dedicatória de ???? a PLC).(E.5 – P.1).

62 - Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo. V.I, 1940, T. XXIV da *Revista do Museu Paulista.* (E.5 – P.1).

63 - Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo. V.II, 1941, T. XXV da *Revista do Museu Paulista*. (E.5 – P.1).

64 - Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo. V.III, 1942, T. XXVI da *Revista do Museu Paulista*. (E.5 – P.1).

65 - Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo. V.IV, 1946. (E.5 – P.1).

66 - Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo. V.V, 1948. (E.5 - P.1).

67 - Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo. V.VII, 1951. (E.5 – P.1).

68 - Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo. V.VIII, 1955. (E.5 – P.1).

69 - Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo. V.IX, 1954. (E.5 – P.1).

70 - *Arquivos do Museu Nacional*. 1945. (E.5 – P.4, deitado na estante).

71 - *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*. V. X, 1949. (Dedicatória de Dr. Olivério Pinto a PLC). (E.5 – P.1).

72 - *Esfera:* Revista de Letras, Artes e Ciencias, n.9, 1944. (E.5 – P.1).

73 - *Fortune*: mar., 1935. (E.5 – P.4, deitada na estante).

74 - *INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS.* V.XXXIV , 1951. (E.5 – P.1).

75 – *KLAXON*, n.1 a 6, 1922. (E.5 – P.4, deitada na estante).

76 – *KLAXON*, n. 8 e 9, 1923. (E.5 – P.4, deitada na estante).

77 - *KÓSMOS*: Revista artistica, scientifica e litteraria, n.1 a 4, 1909. (E.5 - P.1).

78 - *KÓSMOS*: Revista artistica, scientifica e litteraria, n.1 a 6, 1904. (Ficha com anotações). (E.5 – P.1).

79 - *KÓSMOS*: Revista artistica, scientifica e litteraria, n.1 a 6, 1905. (E.5 – P.1).

80 - *KÓSMOS*: Revista artistica, scientifica e litteraria, n.1 a 6, 1906. (E.5 – P.1).

81 - *KÓSMOS*: Revista atistica, scientifica e litteraria, n.1 a 6, 1907. (E.5 – P.1).

82 - *KÓSMOS*: Revista atistica, scientifica e litteraria, n.1 a 6, 1908. (E.5 – P.1).

83 - *KÓSMOS*: Revista atistica, scientifica e litteraria, n.7 a 12, 1904. (E.5 – P.1).

84 - *KÓSMOS*: Revista atistica, scientifica e litteraria, n.7 a 12, 1905. (E.5 – P.1).

85 - *KÓSMOS*: Revista atistica, scientifica e litteraria, n.7 a 12, 1906. (E.5 – P.1).

86 - *KÓSMOS*: Revista atistica, scientifica e litteraria, n.7 a 12, 1907. (E.5 – P.1).

87 - *KÓSMOS*: Revista atistica, scientifica e litteraria, n.7 a 12, 1908. (E.5 – P.1).

88 - *LÍNGUA PORTUGUESA*: Revista de filologia , n.1, 1929/1930. (E.5 – P.2).

89 - *LÍNGUA PORTUGUESA*: Revista de filologia, n.2, 1930/1931. (E.5 – P.2).

90 - *LÍNGUA PORTUGUESA*: Revista de filologia, n.3, 1932/1933. (E.5 – P.2).

91 - *LÍNGUA PORTUGUESA*: Revista de filologia, n.4, 1934 a 1936. (E.5 – P.2).

92 - *LÍNGUA PORTUGUESA*: Revista de filologia, n.5, 1937/1938. (E.5 – P.2).

93 - *LUSITANIA*: Revista de estudos portugueses, n.1 e 2, 1924. (E.5 – P.4, deitada na estante).

94 - *LUSITANIA*: Revista de estudos portugueses, n.3, 1925. (E.5 – P.4, deitada na estante).

95 - *LUSITANIA*: Revista de estudos portugueses, n.4, 1927. (E.5 – P.4, deitada na estante).

96 - *PAPÉIS AVULSOS DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA*, n.1, 1941. (Dedicatória de Dr. Olivério Pinto a PLC). (E.5 – P.2).

97 - *PAPÉIS AVULSOS DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA*, n.2, 1942. (E.5 – P.2).

98 - *PAPÉIS AVULSOS DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA*, n.3, 1943. (E.5 – P.2).

99 - *PAPÉIS AVULSOS DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA*, n.4, 1944. (E.5 – P.2).

100 - *PAPÉIS AVULSOS DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA* , n.5, 1946. (E.5 – P.2).

101 - *PAPÉIS AVULSOS DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA*, n.6, 1945. (E.5 – P.2).

102 - *PAPÉIS AVULSOS DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA*, n.7, 1947. (E.5 – P.2).

103 - *PAPÉIS AVULSOS DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA* , n.8, 1948. (E. – P.2).

104 - *PAPÉIS AVULSOS DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA*, n.9, 1950. (E.5 - P.2).

105 - *PAPÉIS AVULSOS DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA*, n.10, 1952. (E.5 – P.2).

106 - *PAPÉIS AVULSOS DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA*, n.11, 1954. (E.5 – P.2).

107 - *PORTUGALE:* Revista ilustrada de cultura literária....., n.1, 1928. (E.5 – P.2).

108 - *PORTUGALE*: Revista ilustrada de cultura literária....., n.2, 1929. (E.5 – P.2).

109 - *PORTUGALE*: Revista ilustrada de cultura literária....., n.3, 1930. (E.5 – P.2).

110 - *PORTUGALE*: Revista ilustrada de cultura literária....., n.4, 1931. (E.5 – P.2).

111 - *PORTUGALE*: Revista ilustrada de cultura literária....., n.5, 1932. (E.5 – P.2).

112 - *PORTUGALE*: Revista ilustrada de cultura literária....., n.6, 1933. (E.5 – P.2).

113 - *PORTUGALE*: Revista ilustrada de cultura literária....., n.7,1934. (E.5 – P.2).

114 - *PORTUGALE*: Revista ilustrada de cultura literária....., n.8, 1935. (E.5 – P.2).

115 - *PORTUGALE*: Revista ilustrada de cultura literária....., n.9, 1936. (E.5 – P.2).

116 - *PORTUGALE*: Revista ilustrada de cultura literária....., n.10, 1937. (E.5 – P.2).

117 - *PORTUGALE*: Revista ilustrada de cultura literária....., n.11, 1938. (Nota para encadernadora). (E.5 – P.2).

118 - *PORTUGALE*: revista ilustrada de cultura literária....., n.12, 1939. (Anotações). (E.5 – P.2).

119 - *PORTUGALE*: revista ilustrada de cultura *literária.....*, n.13, 1940. (E.5 – P.2).

120 - *PUBLICAÇÕES MÉDICAS*, n. 2, 1944. (E.5 – P.2).

121 - *RELATORIO APRESENTADO AO SR. THEOPHILO*.....,1924. (E.5 – P.2).

122 - *RELATÓRIO DAS ATIVIDADES EM 1947*,1948. (E.5 – P.2).

123 - *REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA*, v.IX, 1943. (E.5 – P.2).

124 - *REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS*, n.67, 1944. (E.5 – P.2).

125 - *REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS*, n.53, 1926. (E.5 – P.2).

126 - *REVISTA DA ACADEMIA BRAZILEIRA DE LETRAS*, n.2, 1910. (E.5 – P.2).

127 - *REVISTA DA ACADEMIA BRAZILEIRA DE LETRAS*, n.97, 1930, (E.5 – P.2).

128 - *REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS*, n.23, 1943. (E.5 – P.2).

129 - *REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS*, n.38, 1947. (E.5 – P.2).

130 - *REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS*, n.42, 1948. (E.5 – P.2).

131 - *REVISTA DE CULTURA*, n.1 e 2, 1927. (E.5 – P.2).

132 - *REVISTA DE CULTURA*, n.3 e 4, 1928. (E.5 – P.2).

133 - *REVISTA DE CULTURA,* n.5 e 6, 1929. (E.5 – P.2).

134 - *REVISTA DE CULTURA,* n.7 e 8, 1930. (E.5 – P.2).

135 - *REVISTA DE CULTURA,* n.9 e 10, 1931. (E.5 – P.2).

136 - *REVISTA DE CULTURA,* n.11 e 12, 1932. (E.5 – P.2).

137 - *REVISTA DE CULTURA,* n.13 e 14, 1933. (E.5 – P.2).

138 - *REVISTA DE CULTURA,* n.15 e 16, 1934. (E.5 – P.3).

139 - *REVISTA DE CULTURA,* n.17 e 18, 1935. (E.5 – P.3).

140 - *REVISTA DE CULTURA,* n.19 e 20, 1936. (E.5 – P.3).

141 - *REVISTA DE CULTURA,* n.21 e 22, 1937. (E.5 – P.3).

142 - *REVISTA DE CULTURA,* n.23 e 24, 1938. (E.5 – P.3).

143 - *REVISTA DE CULTURA,* n.25 e 26, 1939. (E.5 – P.3).

144 - *REVISTA DE CULTURA,* n.27 e 28, 1940. (E.5 – P.3).

145 - *REVISTA DE CULTURA,* n.29 e 30, 1941. (E.5 – P.3).

146 - *REVISTA DE CULTURA,* n.31 e 32, 1942. (E.5 – P.3).

147 - *REVISTA DE CULTURA,* n.33 e 34, 1943. (E.5 – P.3).

148 - *REVISTA DE CULTURA,* n.35 e 36, 1944. (E.5 – P.3).

149 - *REVISTA DE CULTURA,* n.37, 1945. (E.5 – P.3).

150 - *REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA: archivo de estudos,* n.3 e 4,1932. (E.5 – P.3, deitada na estante).

151 - *REVISTA DE PHILOLOGIA E DE HISTORIA,* n.1, 1931. (E.5 – P.4, deitada na estante).

152 - *REVISTA DE PHILOLOGIA E DE HISTORIA,* n.2, 1934 a 1934. (E.5 – P.4, deitada na estante).

153 - *REVISTA DE PORTUGAL,* n.4, 1892. (E.5 – P.4, deitada na estante).

154 - *REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL,* 1951. (E.5 – P.4, deitada na estante).

155 - *REVISTA DO BRASIL:* de 1916 a 1918, 1916 a 1918. Caixa 1.

156 - *REVISTA DO BRASIL:* de 1919 a 1921, 1919 a 1921. Caixa 2

157 - *REVISTA DO BRASIL:* 1922 a 1924, 1922 a 1925. Caixa 3.

158 - *REVISTA DO BRASIL:* jun. 1943. Caixa 3.

159 - INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS. *Revista do Instituto Geographico e Histórico do Amazonas,* n.6, 1938. (E.5 – P.4, deitada na estante).

160 – INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAPHICO DE SÃO PAULO. *Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo*, n.23, 1927. (E.5 – P.4. deitada na estante).

161 – MUSEU NACIONAL. *Revista do Museu Nacional,* n.2, 1944. (E.5 – P.4, deitada na estante).

162 – MUSEU NACIONAL. *Revista do Museu Nacional,* n.3, 1945. (E.5 – P.4, deitada na estante).

163 - MUSEU NACIONAL. *Revista do Museu Nacional,* n.4,1945. (E.5 – P.4, deitada na estante).

164 - MUSEU NACIONAL. *Revista do Museu Nacional,* n.5, 1945. (E.5 – P.4, deitada na estante).

165 – MUSEU PAULISTA. *Revista do Museu Paulista*, n.20, 1936. (E.5 – P.4, deitada na estante).

166 - MUSEU PAULISTA. *Revista do Museu Paulista*, n.18, 1934. (E.5 – P.4, deitada na estante).

167 - MUSEU PAULISTA. *Revista do Museu Paulista*, n.3, 1898. (E.5 – P.4, deitada na estante).

168 - *REVISTA LUSITANA*, n.5, 1897. (E.5 – P.4, deitada na estante).

169 - *REVISTA LUSITANA*, n.7, 1902. (E.5 – P.4, deitada na estante).

170 - *REVISTA LUSITANA*, n.8, 1903-1904. (E.5 – P.4, deitada na estante).

171 - *REVISTA LUSITANA*, n.9, 1906. (E.5 – P.4, deitada na estante).

172 - *REVISTA LUSITANA*, n.10, 1907. (E.5 – P.4, deitada na estante).

173 - *REVISTA LUSITANA*, n.11, 1908. (E.5 – P.4, deitada na estante).

174 - *REVISTA LUSITANA*, n.13, 1910. (E.5 – P.4, deitada na estante).

175 - *REVISTA LUSITANA*, n.14, 1911. (E.5 – P.4, deitada na estante).

176 - *REVISTA LUSITANA*, n.15, 1912. (E.5 – P.4, deitada na estante).

177 - *REVISTA LUSITANA*, n.16, 1913. (E.5 – P.4, deitada na estante).

178 - *REVISTA LUSITANA*, n.17, 1914. (E.5 – P.4, deitada na estante).

179 - *REVISTA LUSITANA*, n.18, 1915. (E.5 – P.4, deitada na estante).

180 - *REVISTA LUSITANA*, n.19, 1916. (E.5 – P.4, deitada na estante).

181 - *REVISTA LUSITANA*, n.20, 1917. (E.5 – P.4, deitada na estante).

182 - *REVISTA LUSITANA*, n.21, 1918. (E.5 – P.4, deitada na estante).

183 - *REVISTA LUSITANA*, n.22, 1919. (E.5 – P.4, deitada na estante).

184 - *REVISTA LUSITANA*, n.23, 1920. (E.5 – P.4, deitada na estante).

185 - *REVISTA LUSITANA,* n.24, 1921-1922. (E.5 – P.4, deitada na estante).

186 - *REVISTA LUSITANA,* n.25, 1925. (E.5 – P.4, deitada na estante).

187 - *REVISTA LUSITANA,* n.26, 1927. (E.5 – P.4, deitada na estante).

188 - *REVISTA LUSITANA,* n.28, 1929. (E.5 – P.4, deitada na estante).

189 - *REVISTA LUSITANA,* n.1 a 4, 1930. (E.5 – P.4, deitada na estante).

190 - *REVISTA LUSITANA,* n.29, 1931. (E.5 – P.4, deitada na estante).

191 - *REVISTA LUSITANA,* n.1 a 4, 1932. (E.5 – P.4, deitada na estante).

192 - *REVISTA LUSITANA,* n.1 a 4, 1933. (E.5 – P.4, deitada na estante).

193 - *REVISTA LUSITANA,* n.32, 1934. (E.5 – P.4, deitada na estante).

194 - *REVISTA LUSITANA,* n.1 a 4, 1935. (E.5 – P.4, deitada na estante).

195 - *REVISTA LUSITANA,* n.1 a 4, 1936. (E.5 – P.4, deitada na estante).

196 - *REVISTA LUSITANA,* n.1 a 4, 1937. (E.5 – P.4, deitada na estante).

197 - *REVISTA LUSITANA,* n.36, 1938. (E.5 – P.4, deitada na estante).

198 - *REVISTA LUSITANA,* n.1 a 4, 1939. (E.5 – P.4, deitada na estante).

199 - *REVISTA LUSITANA,* 1898. (E.5 – P.4, deitada na estante).

200 - *REVISTA LUSITANA,*1897. (E.5 – P.4, deitada na estante).

201 - *REVISTA MODERNA,* 1899. (E.5 – P.4, deitada na estante).

202 - *REVISTA NOVA,* n.2 e 4, 1931. (E.5 – P.4, deitada na estante).

203 - *REVISTA PORTUGUESA DE FILOLOGIA,* n.1, 1947. (E.5 – P.4, deitada na estante).

204 - *REVISTA PORTUGUESA DE FILOLOGIA,* n.2, 1948. (E.5 – P.4, deitada na estante).

205 - *REVISTA PORTUGUESA DE FILOLOGIA,* n.3, 1949 e 1950. (E.5 – P.4, deitada na estante).

206 - *REVISTA PORTUGUESA DE FILOLOGIA,* n.4, 1951. (E.5 – P.4, deitada na estante).

207 - *REVISTA RURAL BRASILEIRA,* n.310, 1946. (E.5 – P.4, deitada na estante).

208 - *REVISTA TAQUIGRAFICA,* n.84, 1946. (E.5 – P.4, deitada na estante).

209 - *REVISTA TRIMESTRAL DE HISTORIA E GEOGRAPHIA.....,* n.4, 1863. (E.5 – P.4, deitada na estante).

210 – INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO. *Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico Brazi...,* n.54, 1891. (E.5 – P.4, deitada na estante).

211 - *REVISTA DO BRASIL*: jan. a mar., mai. a ago.,1925. Caixa 03.

212 – *SEMANA,*1894. (E.5 – P.4, deitada na estante).

213 – *SEMANA*, fev. a jun.,1895. (E.5 – P.4, deitada na estante).

214 – *SEMANA*, 1893. (Assinatura de PLC). (E.5 – P.4, deitada na estante).

215 - *THE ILLUSTRATED LONDON NEWS,* 1910-1935. (E.5 – P.4, deitada na estante).

216 - *THE ILLUSTRATED LONDON NEWS*: 1925, 1926, 1929, 1931. (E.5 – P.4, deitada na estante).

217 - *THE ILLUSTRATED LONDON NEWS*: 1927, 1930, 1932, 1934. (E.5 – P.4, deitada na estante).

218 - *VOLTA REDONDA: gênese da idéia, seu desenvolvimento...*, 1945(E.5 – P.4, deitada na estante).

D - NO CAMINHO DA SAPUCAIA

D.1 Entrevista com Antonio Candido

No ano de 2004, fui aprovada no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo - USP, campus Butantã, tendo como professores-orientadores Telê Ancona Lopez e Marcus Antônio Moraes, figuras centrais do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, conhecidos estudiosos de Mário de Andrade, especialistas em epistolografia e crítica genética, responsáveis por localizar, restaurar, organizar, classificar e analisar os manuscritos deixados por Mário de Andrade (1893-1945), principalmente em seu baú, aberto cinquenta anos após a morte do autor. Nos meios acadêmicos, dispensam apresentações.

Passei a fazer parte da Equipe Mário de Andrade, grupo de pesquisas e estudos sobre o escritor, e coube a mim fazer a edição fidedigna e anotada da correspondência de Mário com Pio Lourenço Corrêa (1875-1957), fazendeiro, casado com sua prima em primeiro grau, Zulmira de Moraes Rocha Corrêa (1878-1959), figura conhecida somente por um círculo restrito de familiares. As cartas que o sr. Pio escreveu para Mário estavam no espólio do autor e já haviam sido classificadas e transcritas. As cartas que Mário escreveu ao sr. Pio foram doadas por este ao professor Antonio Candido de Mello e Souza (1909-2017), figura que também dispensa apresentações, e que fazia parte da família, pois foi casado com a professora Gilda de Mello e Souza (1919-2005), outra figura importante nos meios acadêmicos e que era prima de Mário. Esse segundo grupo de cartas foi doado, então, pela família, ao IEB, para que se fizesse a edição, trabalho que realizei.

O trabalho com as cartas foi meticuloso, acompanhado de perto por Marcus Antônio de Moraes, organizador da correspondência de Mário com Manuel Bandeira entre outras obras. Como discípula, fui acompanhada por grandes personalidades intelectuais, mestres de grande envergadura da Universidade de São Paulo. Cada um deles contribuiu para que o trabalho fosse se delineando e se concretizando até culminar na dissertação de mestrado: *A riqueza nas diferenças*: edição fidedigna e anotada da correspondência Mário de Andrade & Pio Lourenço Corrêa (1917-1945), defendida em junho de 2007; e em 2009, na publicação do livro *Pio & Mário:* diálogo da vida inteira, pela Editora Ouro Sobre Azul, do Rio de Janeiro, sob o patrocínio do Serviço Social do Comércio – SESC, de São Paulo.

O périplo foi grande. Várias viagens à cidade de Araraquara, onde Pio Lourenço Corrêa viveu em sua Chácara da Sapucaia, local em que Mário redigiu a primeira versão do

livro *Macunaíma* (1928); onde seu espólio está conservado na Biblioteca Pública Municipal; e onde se encontram várias marcas de sua vida, como a avenida que tem o nome dele. Na cidade do interior de São Paulo fui recebida pelo casal Renato e Helena Rocha, a quem entrevistei, ele primo de Mário e sobrinho de Pio, a quem coube por herança a famosa Chácara da Sapucaia, local onde morou durante muito tempo. Hoje, com o crescimento da cidade, a chácara foi encampada pelo desenvolvimento. Primeiramente, foi comprada por Waldemar Saffiotti, professor de química da Universidade Estadual Paulista – UNESP – campus de Araraquara; após a sua morte, foi doada à universidade e lá funciona um centro cultural.

De todos esses procedimentos, consegui reunir farto material, manuscritos de Pio Lourenço Corrêa que ainda estão em processo de análise; informações pesquisadas mas, principalmente, registros de conversas que tive com esses mestres todos e que, acredito, são importantes e devem ser divulgadas. Na época, o registro foi feito em gravador pequeno e fita cassete, hoje meios extremamente ultrapassados e frágeis. Assim, comecei a transcrever essas entrevistas para que os leitores possam ter acesso a várias histórias sobre essa figura peculiar que foi Pio Lourenço Corrêa, contadas por contemporâneos dele ou por grandes intelectuais de nossa época, histórias que não consegui encontrar em livros, tive acesso apenas pelo rico testemunho desses mestres pelos quais tenho eterna gratidão.

No caminho da Sapucaia, a última pessoa com quem falei foi o professor Antonio Candido de Mello e Souza. Quando nenhum livro mais conseguiu esclarecer os fatos, quando nenhuma pessoa mais soube responder às minhas perguntas, marcamos uma reunião na casa dele e lá passei a tarde ouvindo as histórias, esclarecendo os nomes citados nas cartas, conhecendo alguns objetos que pertenceram ao senhor Pio e fechando com chave de ouro as notas para a correspondência.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR ANTONIO CANDIDO REALIZADA EM 22 DE MAIO DE 2006, A PARTIR DAS 14H00

D: Na correspondência entre Mário e Pio eles citam muitas pessoas, casos...

AC: Muita coisa eu não vou saber, provavelmente, mas o que eu souber eu vou contar tudo para a senhora.

D: Ah, então está bem...

D: O senhor conheceu alguma Cotinha Moreira?

AC: Não é Moreira... É Cotinha Moura! Conheci muito... Eram a Lucíola e a Cotinha... Eram filhas da dona... Esqueci o nome da mãe delas... Uma senhora muito simpática, muito distinta, dessas famílias antigas que empobrecem... Elas ficaram paupérrimas... Sinhara Moura era a mãe... Elas tinham um irmão... Eu nunca conheci... Mas a Lucíola, que era a mais velha, ela era vigilante do ginásio, um emprego bem modesto... E a Cotinha ficava em casa com a mãe, acho que elas faziam coisas para fora, doces... Eram muito bem educadas. A sra. sabe quem era Rubens Borba de Moraes? Foi diretor da Biblioteca Municipal, elas eram primas dele, elas eram Borba. Cotinha Moura conheci muito, amiga da irmã de Mário de Andrade [Lourdes], nunca se casou. A Lucíola, mais velha, casou-se e ficou viúva, mas a Cotinha nunca se casou... Ficou sempre com a mãe, sra. Moura, e era muito ligada à família da Gilda [de Mello e Souza], com D. Zulmira, sr. Pio, uma senhora muito distinta. Agora, o nome dela não sei qual é... Cota era diminutivo de Maria geralmente... Maricota, Cota, Cotinha... Às vezes, a pessoa tem esse apelido, mas não é... Mas conheci sim, conheci muito... Uma senhora muito distinta...

D: Ela era de Araraquara?

AC: Sim. Ela era íntima amiga da irmã de Mário. Quando vinha a São Paulo, ficava hospedada lá... Ela era mais ou menos da mesma idade da irmã dele, Lourdes... Era uma das grandes amigas da Lourdes Andrade.

D: Quem era o Carlos Eduardo, que era o xodó da mãe de Mário de Andrade?

AC: Carlos Eduardo era irmão de Gilda. Carlos Eduardo Rocha. Irmão dois anos mais velho que a Gilda, era médico, estudante de medicina, ele era bastante "espeloteado", bastante "espeloteado"!... Então criava muitos conflitos com a família... Mas a mãe de Mário, que eles chamavam de avó, tia-avó... Ele adorava essa senhora... E ela adorava o Carlos... O Carlos foi muito bom para ela, vou lhe dar um exemplo... Embora "espeloteado", uma vez, por exemplo, ela tinha um dinheiro para aplicar e não sabia o que fazer... Ele descobriu uma "carreira" de casas no Ipiranga. Descobriu, chamou a atenção dela, ela comprou, alugou e com isso tinha uma renda mensal. A mim mesmo ela disse várias vezes: "Eu gosto muito do Carlos, ele é muito bonzinho". Ele vivia muito em conflito com o pai, a mãe, os irmãos, porque ele era bastante "espeloteado"... Gostava de dizer verdades, ~~[para lhe dar um exemplo, não é para publicar... Ele tinha birra de militar... E ele era oficial da reserva, era tenente de cavalaria... Então um dia ele me contou que... ficou muito satisfeito porque ele foi fardado não sei onde e levou uma "sova"... Ele gostou muito porque foi um tenente do exército que apanhou...].~~

Era um bom médico, dermatologista, teve uma morte muito edificante, era muito católico... Estávamos ali com ele, quando ele morreu, e ele pedia para o irmão dele: "Não fique triste não, é o momento mais feliz da minha vida, eu vou encontrar com o meu criador... Eu vou encontrar com Deus"... Uma coragem extraordinária... Mas era muito ligado a essa tia-avó, porque, é o seguinte... com a crise de 1929, meu sogro levou uma "fubecada" tremenda como muitos fazendeiros de café. Então, para os filhos virem estudar em São Paulo, ficaram hospedados em casas de parentes... A mãe do meu sogro, D. Izabel, recebeu o Fernando, irmão mais moço da Gilda, que está vivo... a Gilda e a Maria moraram na casa da mãe de Mário, Gilda morou lá 13 anos. A Gilda saiu no dia que se casou comigo, o Carlos foi morar na casa ao lado, na casa do irmão de Mário, mas depois veio morar também na casa da mãe de Mário, eles foram muito bons para a família da Gilda, a mãe de Mário abrigou esses sobrinhos-netos, de modo que o Carlos morou lá, e era muito bom neto, ele chamava a tia-avó de tia, esse era o Carlos Eduardo.

D: E como ele tratava o sr.? Porque tem vários Candidos, tem o Candido Rocha, que era o seu sogro...

AC: Candido Rocha era o meu sogro; tinha o Candido Mello, como eu, que era o sobrinho do sr. Pio.

D: Tem o Candinho...

AC: Candinho era o meu sogro, Candido Rocha...

D: Era o mesmo então...

AC: Eram dois Candidos na família dele, vivos naquele momento... Era o Candido de Moraes Rocha (1886-1961), o meu sogro, que ele chamava de Candinho, eu mesmo o chamava de seu Candinho; era raro chamá-lo diferente.... O único que o chamava de Candido era o sr. Pio. O único. A mulher o chamava de Candinho, a d. Zulmira, irmã dele, que era mulher do sr. Pio, ele próprio se apresentava como Candinho Rocha... Sobrinho e cunhado do sr. Pio. Sr. Pio era casado com a sobrinha, sr. Pio era irmão do pai dele. Eles eram em três irmãos: a D. Adelina, a D. Zulmira e o Sr. Candinho. Sr. Candinho era bem mais moço do que as irmãs, a mais velha era D. Adelina, irmã de D. Zulmira, mulher de Pio, que tinha um filho chamado Candido Rocha Mello (1904-?), esse é o Candido Mello, e como eu sou também Candido Mello, é uma confusão danada...

D: É eu até pensei que poderiam ser a mesma pessoa...

AC: A mim ele chamava de Antonio Candido.

D: Pio Lourenço, em uma das cartas usa a expressão: "A Candinha do século!". Bem depois de Mário ter publicado o livro *Os filhos da Candinha*... Ele aplica essa expressão quando se refere a uma pessoa... O sr. tem ideia de quem seja... Eu não sei se nessa época já se usava a expressão Candinha com o significado de fofoqueira...

AC: Não sei, não sei... Nunca ouvi usar Candinha como fofoqueira... Os filhos da Candinha... não sei direito o que significa... Acho que é ... Isso é com os filhos da Candinha!... É não sou capaz de dizer...

D: Ah! E a história do Paixão?

AC: A sra. quer que eu conte a história do Paixão? Uma coisa gravíssima... O Paixão era um português muito bonito, um homem alto, José Maria Paixão(? - ?). Casou-se com uma sobrinha do Sr. Pio, D. Zulmira Corrêa Vaz (?-?), que era a maior amiga da mulher de Pio, que também era Zulmira, eram duas Zulmiras primas-irmãs... Uma chamava a outra de xará, "Oh, xará!" E esse Paixão deu o golpe do baú! Acho que ele era caixeiro-viajante, se não me engano, ou era farmacêutico, não me lembro bem, enfim era um português, sem eira nem beira... Bonito, bem falante, tinha estudo, casou-se com uma moça rica e instalou-se na fortuna da mulher e eram os maiores amigos do sr. Pio, ele foi muito para a Europa, se não me engano a Lucíola Moura, irmã da Cotinha Moura, foi para a Europa, passou muito tempo lá como uma espécie de dama de companhia de D. Zulmira Vaz Paixão... Iam para a Suíça, ficavam por lá... Esse Paixão, um belo dia, muito amigo do Sr. Pio, eu não sei bem quando, 1920 e tantos, o Sr. Pio cismou que o café dele estava com brocas, praga, "broqueado"... Estava perdido, e disse: "Eu vou vender essa fazenda por qualquer preço, porque o café está broqueado", pois o Paixão disse: "Eu compro!" Então PLC vendeu. "Quanto você quer"? Pio disse "tanto", e ele vendeu a fazenda., não sei por quanto. Depois ele caiu em si, e viu que tinha feito uma bobagem. Além do mais, ele gostava muito da fazenda, a fazenda era dele, ele vivia daquilo. Aí Pio Lourenço disse: "Eu dei minha palavra ao Paixão, eu entrego a fazenda a ele." Depois que tiver fechada a escritura, eu me suicido". Ele era capaz, porque o Sr. Pio era meio... "pancado"... "Eu me suicido!"... Aí a minha sogra, que era uma mulher de grande iniciativa, mulher extraordinária, dessas mulheres fortes, disse: "O sr. não vai vender essa fazenda. O sr. vai chamar o Paixão, que é seu amigo, seu sobrinho, casado com sua sobrinha, e o Sr. vai dizer a ele que que desfazer o negócio". O sr. Pio... disse para ele: "Olha, eu me arrependi e eu quero saber quanto o Sr. quer pela minha palavra". Qualquer pessoa decente, com um grande amigo diria assim: "Não, não quer vender está acabado o assunto". A Gilda deve ter isso anotado em algum lugar. Então o Sr. Pio deu o dinheiro a

ele como se fosse hoje uns R$150.000,00 ... para comprar a palavra... E o Paixão disse: "Mas o seu afilhado, Carlos", que era o filho do Paixão, quer uma "Baratinha", como chamavam aquele carro antigo... E o sr. Pio deu a "Baratinha"... "Ele quer também aquele cavalo da fazenda"... Sr. Pio deu o cavalo... Deu tudo o que ele pediu e rompeu as relações para o resto da vida...

Essa é a história do Paixão... Ele agiu como um canalha. Um caso deste entre grandes amigos, a gente diz: "Não tem problema"... Ele comprou a palavra do grande amigo... Aí cortaram as relações... E ficou uma situação muito triste, porque Zulmira, a esposa de Pio, tinha como maior amiga, a prima-irmã, Zulmira Corrêa Vaz, e não puderam mais se frequentar... Às vezes, quando se encontravam na casa de algum parente, se abraçavam e ficavam chorando... Essa é a história do Paixão.

D: E a história da Joia, da Marcolina?

AC: Essa história eu conheço bem... O sr. Pio casou-se muito novo, por volta dos 22 anos, mas desde os 17, 18 anos, ele era muito dado a mulheres... Mulheres da vida... A Sra. me perdoe a expressão grosseira, mas Pio Lourenço me disse uma vez: "Eu era muito *putanheiro*!" Expressão interessante, que não se usa mais... "Quando eu era moço, eu era muito *putanheiro*!" Vivia com essas mulheres, mulheres da vida. Ele me contou que, numa casa de mulheres, ele encontrou essa moça, que era uma mulata clara, de olhos verdes, de extraordinária beleza, uma moça muito boa... A prostituição é uma das coisas mais tristes que existe, eu acho. São moças em casos de miséria, necessidade, essa era até uma boa moça, coitada, para poder sobreviver... Sr. Pio apaixonou-se por ela, tirou-a da casa de tolerância, e montou uma casa para ela, passou a viver com ela, gostava muito dela. Ela gostava muito dele, tinha paixão por ele. Uma grande paixão... Dois jovens, por volta dos 20 anos... Mas ele gostava da sobrinha, D. Zulmira...

D: Ah! Ele já gostava da D. Zulmira?

AC: Já gostava, essa coisa... Um belo dia, a futura sogra dele acertou o casamento dos dois e a Joia ficou desesperada. Esse era o apelido, o nome dela era...

D: Marcolina?

AC: Marcolina? Não sei bem... O apelido era Joia. Pio deu um presente bom para ela, deu-lhe uma indenização, e rompeu a relação. Ela saiu de Araraquara e não se ouviu mais falar dela. Passados alguns anos, um amigo dele, disse o seguinte: "Pio, está havendo uma coisa muito desagradável... Tem um bordel aqui em São Carlos, cidade vizinha, e uma prostituta de lá tem o seu retrato no quarto dela. Ela recebe os clientes com o seu retrato na parede!"

Pio entendeu imediatamente o que era e ficou indignado!. Pegou o trem e foi a São Carlos, foi até lá conversar com ela, que levou um susto ao vê-lo, ele passou um "sabão" nela. Ela havia pegado um retrato de Pio e mandou fazer uma ampliação a lápis, muito bem feita. Está aqui em casa, em algum lugar... Guardado... que o Renato [Rocha] deu para Gilda. Ele ficou bravo, ela começou a chorar: "Pio é que eu gosto muito de você!". Muito comovente! Ele ficou muito emocionado também e amoleceu... Disse: "Eu compreendo, eu compreendo, mas você há de convir que não é lugar de colocar o meu retrato... Você recebe esses homens aí... Me dê o meu retrato". Ela disse: "Não, não... Vá para Araraquara que eu mando o seu retrato". Ele voltou para casa e daí uns dias, ele recebeu um engradado... Abriu e era o retrato. Quem levou esse engradado foi o filho de um antigo escravo, que era o Ananias, ou ele próprio era o antigo escravo, Ananias Rocha, tinha o sobrenome do senhor dos escravos. Pio disse a ele: "Jogue isso fora!". E o Ananias disse, o Sr. dá ele para mim? Pio deu o retrato que ficou com a família do Ananias. Até que Renato [Rocha], 50 anos depois, recuperou e deu para Gilda.

Passados uns tempos, ele soube que essa Joia tinha decaído muito. Estava bebendo.... Ela teve uma paixão trágica pelo sr. Pio. Muito triste essa história. Aí ela mandou avisá-lo que estava numa situação muito ruim e pediu a ele 500 mil réis. Naquele tempo era bastante dinheiro, era o ordenado de um promotor de justiça. Então, ele foi falar com D. Zulmira, que sabia perfeitamente desse caso dele, pois todos em Araraquara sabiam que ele fora amante de Joia... Nesse dia, Pio me disse: "porque eu nunca traí Zulmira!". "Nunca menti para Zulmira!". Era um homem de caráter. E disse a ela: "Joia, você sabe quem é. Você permite que eu mande esse dinheiro para ela?". Zulmira consentiu. Ele mandou o dinheiro para ela. Passado um tempo, Joia morreu.

Pio Lourenço contou essa história ao Mário de Andrade, que ficou fascinado e disse: "Tio Pio, essa história dá um conto extraordinário"... Então eles combinaram o seguinte: cada um escreveria um conto. Tio Pio escreveria um e Mário escreveria outro. Mário não escreveu, mas o sr. Pio escreveu, escreveu o conto, eu li mais de uma vez esse conto, muito bem datilografado numa capa de cartolina, tinha umas duas cópias, e ele me disse: "Quando eu morrer, eu deixo para você". Eu li o conto mais de uma vez, era escrito num português de Camilo Castelo Branco, eu só me lembro de uma frase, que eu nem entendia: ele [Pio] disse que uma vez foi à fazenda e, quando voltou [para a casa de Joia], estava acontecendo uma festa. Ele não gostava disso, chamou-a e passou um pito nela: "Como você faz uma coisa dessas?" Ele não gostava de festas, era um homem austero, a frase que eu ouvi é a seguinte:

“Bem sabes que sempre fui infenso a fanfarras e valdevinos!”. Uma frase em português antigo, não é? Um belo dia, eu costumava ir à chácara, dormia lá uns dois ou três dias, perguntei a ele: “E o conto?”. Ele me disse: “Eu destruí!”. Eu disse: “Mas como? O sr. destruiu?”... Ele respondeu: “Você acha que eu ia deixar atrás de mim uma confissão dessas?” Ele era muito austero... Uma pena! Ele destruiu”...

D: Há uns trechos do conto lá no IEB, uma moça fez a transcrição e um estudo... Mas está incompleto, e eu acho que a resposta de Mário numa carta, o Sr. deve se lembrar, que ele diz: “Eu não posso reescrever esse conto, porque o Sr. tem amor à verdade e eu tenho amor por recriar”... Eu acho genial essa carta do processo de criação.

AC: O Sr. Pio era aquela coisa... Ele me disse que tomou algumas liberdades [na criação do conto]... Por exemplo... Ele queria que ela falasse corretamente, mas ela falava errado. Ele imaginou que ela era filha de um português e ficou... Ele imaginou que a mãe falecera quando era pequena e ela fora criada por uma Sra. chamada Adelaide. No Brasil, nós falamos Sra., falamos “Dona” fulana. Em Portugal, dona são só as mulheres da nobreza, antigamente. Sra. Maria, Sra. Francisca, ele via nos livros portugueses e achava bonito... E ele a chamou de Sra. Adelaide, e esta conversava com a personagem Joia, em português correto. E aí ela aprendeu e começou a falar o português correto. Pio disse: “tudo isso foi imaginação minha”.

Enfim, essa é a história da Joia...

D.: E a D. Zulmira... Não se importava com essa história?

AC.: Ela dizia para mim... Ela tinha uma linguagem muito crua... Ela se referia às mulheres da vida com aquela expressão pior... “Filha da....”. Ela era desbocada, dizia: “Ela era muito mais bonita que eu...”. A Joia era uma mocinha, dizem que era linda... “Era uma mulata bonita, meu filho, mais bonita que eu”. A D. Zulmira sabia dessa história, mas o sr. Pio largou dela”.

D. Zulmira me contou uma história... Foi num carnaval, deve ter sido de 1895, o Sr. Pio e um sobrinho dele, os sobrinhos eram mais velhos do que ele, chamado Sebastião Corrêa de Lacerda, resolveram fazer um carro alegórico no Carnaval. Pegaram um carroção, puxado por dois ou três cavalos, chamaram umas prostitutas e as vestiram com umas túnicas gregas, então, aquelas mulheres fazendo um quadro vivo, foi um grande sucesso na cidade, o carroceiro... Fazia-se o corso, no Carnaval, com carros alegóricos, e um dos carros era o tal carroção com as prostitutas vestindo túnicas gregas, como se fossem gregas... D. Zulmira contava essa história ao lado do sr. Pio e dizia: “Ele e o Sebastião Lacerda, sem vergonhas,

ficaram escondidos na esquina espiando”... Ria que não podia... Ela conversava com muita liberdade sobre esses assuntos...

D.: O chofer da D. Zulmira ...

AC.: O Antônio...

D.: Sim, o Antônio, mas em uma das cartas Pio fala “o santo”, chofer de Zulmira.

AC.: Não conheci. Deve ter sido antes... Eu conheci o Sr. Pio, quando fiquei noivo de Gilda. 1943, ficamos noivos em setembro e nos casamos em dezembro. Nesse tempo, o chofer deles já era o Antônio...

D.: Que foi quem cuidou deles no final da vida...

AC.: Antônio Gea. Que era um cão de fila. Um espanhol bonito, muito simpático, vivia lá... Era a pessoa mais chegada a ela no final da vida... Tudo era o Antônio... Quando um deles não estava bem, ele colocava um colchão na porta do quarto e dormia ali. Ele era casado, tinha família, mas dormia ali, como um cão de fila... Era de uma fidelidade extraordinária... Era o chofer deles.

D.: Tinha também um Alberto Menabue...

AC.: Esse era o caseiro dele. A Chácara da Sapucaia.... A sra. deve ter ido à chácara... Está toda deformada... Eram 10 alqueires de terra. O Renato [Rocha] herdou e loteou tudo aquilo ali. Por fora deve estar tudo igual, tijolos aparentes, era uma casa muito bonita, muito confortável... Aqui ficava a casa, ali no fundo, na divisa, tinha uma casa comprida, que era a casa do caseiro, o Alberto Menabue...

D.: Os filhos dele trabalharam na fazenda... Na chácara...

AC.: Não. O Alberto Menabue, o filho dele, o Caíto, cujo nome não sei, o apelido era Caíto, D. Zulmira e seu Pio trouxeram-no para dentro de casa, como filho deles, o Caíto não traba--lhava, era um inútil... Então era uma coisa muito chocante, havia a casa lá no fundo, o Alberto Menabue, que era italiano, com a mulher dele e três ou quatro filhos, paupérrimos, e o irmão morando na casa da frente... O sr. Pio colocou o menino num colégio interno de Campinas, dos Salesianos, acho que se chamava Colégio Maria Auxiliadora, esse menino tinha muita dificuldade para aprender, nem sei se ele conseguiu acompanhar, ele era muito fraco, eu me lembro dele, não dormindo na casa, mas almoçando e jantando, depois que todos almoçavam ou jantavam, D. Zulmira dava a comida para ele. O almoço da D. Zulmira e do sr. Pio era muito fora de hora... O almoço era às nove horas da manhã e o jantar às três horas da tarde... E depois o Caíto ia lá comer... Era meio filho adotivo deles, muito lento,

muito improdutivo, e a irmã dele também foi protegida até certa altura, depois o Sr. Pio a soltou... Esses são os filhos do Alberto Menabue...

D.: A irmã era a Eta? Antonieta?

AC.: Não, não, Antonieta era outra pessoa... Esse menino, Caíto, casou-se depois com uma moça muito inteligente, chamada Nair Zaniollo, filha de um italiano que tinha propriedades, mais ou menos arrumadinha... E ela viu, de longe, que o Caíto era um bom partido, porque vivia na dependência do Sr. Pio. Ela se casou com ele e esse Zaniolo ficou muito ligado ao sr. Pio. Seu Pio, quando ele gostava de uma pessoa, ele dava tudo para essa pessoa. O pesqueiro dele, o famoso pesqueiro que está no conto "O poço", ele vendeu para esse sr. Zaniolo a troco de nada, deu quase, pai da Nair... Esta, mulher do Caíto, formou-se em Odontologia. Sr. Pio deu a ela de presente um consultório montado... Custou naquele tempo... Quarenta contos de réis... Era muito dinheiro... Ela era generoso... Era como uma nora... De modo que ela trabalhava, era uma boa dentista, teve uma filha e, para agradar D. Zulmira pôs o nome de Isabel, nome da mãe de D. Zulmira, da mãe do meu sogro, era Isabelinha... Depois a Nair não aguentou e separou-se do Caíto, filho do Alberto Menabue, o caseiro, que era muito maltratado por D. Zulmira e Sr. Pio, muito humilhado, D. Zulmira só falava com o Alberto em tom de repreensão... "Alberto! Que é isso?"... E aquele homem ali, muito maltratado... Quase como um escravo. Aquele pobre homem ali com a família... e o filho dentro da casa dos patrões... Não sei o que foi feito dele...

D.: Nas cartas há referências ao Caíto e à Eta...

AC.: Essa aí é a Antonieta... Era outra coisa... Essa eu não conheci, é o seguinte: lá pelos anos de 1920 e tantos... Ela foi ser cozinheira de Pio e Zulmira. Era uma mulher grandalhona... Eles eram aquele tipo de gente antiga que, quando gostavam de alguém, de um empregado, de um chofer, faziam tudo por ele. A Antonieta passou a ser uma filha deles... Ela não dormia lá, mas passava o dia inteiro lá... Pio não se referia a ela como "minha cozinheira", mas como " a dona do meu regime", "a dona da minha alimentação". Tratavam ela de igual para igual. Quando eles iam fazer estação de águas, levavam a Antonieta, que ficava no hotel com eles, quando gostavam de uma pessoa, traziam para o nível deles, a Antonieta ficou na família deles por muito tempo, ela guiava o automóvel para o Sr. Pio e D. Zulmira, ela dirigia...

D.: E isso não causava escândalo na cidade?

AC.: Causava... Minha sogra ficava indignada. Havia gente em Araraquara que dizia que Antonieta era amante do Sr. Pio. Não é verdade... Ele me disse com muita convicção: "Eu

nunca traí Zulmira" ! Agora, que ele tivesse por ela, uma espécie de afeto senil, o velho com aquela moça ali... Isso é possível... Mas eu não conheci essa Antonieta. Era uma pessoa a quem eles estimavam muito e ela era fiel a eles. Ela casou-se, eles foram padrinhos de casamento, Pio dotou-a, deu muita coisa, ela casou-se com um homem chamado Aurasil, e foram morar no oeste paulista, o Aurasil eu vi visitando Sr. Pio uma vez e a Antonieta continuou amiga deles... Agora, a Antonieta tinha um irmão... ~~Essa é uma história meio obscura... Pelo que eu ouvi, esse irmão era homossexual, naquele tempo não existia isso, o que existia era absolutamente secreto... Ninguém sabia, havia apenas suposições, via-se às vezes a pessoa meio "adamada", e o Sr. Pio me contou que o Caíto era muito ligado a esse irmão da Antonieta...que era mais velho que o Caíto... E aquele menino ali ficava tomando conta dos menores, ficava orientando, o sr. Pio me contou que Mário de Andrade disse para ele: "Tio Pio, tome cuidado! Esse rapaz pode levar o menino para um mau caminho!"... Foi o que eu ouvi. O irmão da Antonieta, que era homossexual, tinha uma ligação afetiva com esse rapazinho...~~

D.: O Sr. Pio tinha alguma ligação com a cidade de Itapura? Numa das cartas, ele pede ao Mário, como chefe do Departamento de Cultura, ou já do Instituto do Patrimônio Histórico...ISPHAN... Pelo que eu entendi, ele pediu ao Mário que investigasse essa cidade de Itapura, parece que havia alguma lenda sobre tesouros enterrados... E o Mário disse que não era da alçada dele... que ele era da segunda divisão, que esse assunto pertencia à primeira....E disse que Itapura não tinha nada... E a história da escrivaninha... que o Mário compra em São Paulo para dar de presente de casamento lá em Araraquara para uma afilhada, tem as notas fiscais... Eu entendi que era para a filha de um... Pio de Almeida... uma tal de Cecília...

AC.: Pio de Almeida não tinha Cecília... Era Luci, a mais velha, morava no Rio de Janeiro, não me lembro mais de outro nome... Nair era a mais velha... Depois conheci muito a Luci, depois da Luci tinha a... Eram professoras primárias, mas não tinha Cecília... Essas sobrinhas do Sr. Pio eram muito ligadas a ele... A Luci era muito amiga dele, quando ele vinha a São Paulo, a Luci morava aqui... o Pio de Almeida, que era mais velho que o Sr. Pio, era sobrinho dele, filho da irmã dele, o Sr. Pio era filho do segundo casamento do pai... E essas moças... Estou vendo o rosto delas na minha frente... A Luci, já mais velha, quarentona, casou-se com o Sr. Toledo, um parente deles aqui de Tietê. Um homem muito simpático, usava barba... Naquele tempo pouca gente usava barba... A Luci era muito simpática, inteligente, muito boa imitadora... e o Sr. Pio se divertia muito com ela...Tinha uma tal de Virgínia, não sei se

aparece nas cartas, que era uma americana, casada com o João Borba, que era parente da Lucíola... Esse João Borba foi para os Estados Unidos e voltou casado... E ela morou em Araraquara um tempo, e a especialidade da Luci era imitar essa Virgínia...

O sr. Pio achava muita graça.... Ela imitava para o Sr. Pio ver... "Sr. Pio (com sotaque inglês...)!" Foi muito amiga do Sr. Pio essa Virgínia... O Sr. Pio falava muito bem inglês e sabia muita coisa da língua inglesa... Quando mais de uma vez ele vinha a São Paulo e convidava-nos para ir ao restaurante almoçar... E a Luci ia. E Pio perguntava: "Luci, você quer um vinho?" Peça aí um vinho português..."

Quando eu era noivo de Gilda, ele me convidou para almoçar, D. Zulmira me deu um livro em inglês de presente... da Virginia Woolf, e almoçamos no Restaurante Jacinto, que era um dos três melhores restaurantes de São Paulo, Sr. Pio, D. Zulmira, Gilda, eu e Luci. E quando terminou o almoço, seu Pio pediu a conta, verificou, pagou e guardou a conta... e disse: "Você sabe por que eu guardo a conta? Guardo todas as contas de restaurantes, de todas as coisas que eu como, pelo seguinte: Quando eu morrer, meus herdeiros vão dizer... O diabo do velho gastou todo esse dinheiro, poderia ter deixado para nós".

D.: Danado ele.

AC.: Ele era um homem muito curioso... Quando vinha a São Paulo, ele ficava hospedado num hotel que ficava... da Rua João Brícola... Quando ele chegava, chamava o criado de quarto, pegava uma nota nova de vinte mil réis e cortava na metade com uma tesoura... na frente de criado, dava-lhe metade e dizia: "Se você me servir bem, quando eu for embora, eu lhe dou a outra metade"... Era um tipo curioso mesmo.... Mas Cecília não me lembro... Ele cuidava muito dessas sobrinhas... A Nair, a mais velha, era casada e morava no Rio; tinha a Luci... Elas eram professoras aqui em São Paulo, em grupos escolares do Brás... Elas foram promovidas e moravam aqui... Pio de Almeida morava com elas.... Pio de Almeida era tido como um inútil, no fim da vida não fazia nada, ele era agente do Correio em Araraquara... Quando se aposentou, passou a morar com as filhas... Tinha um irmão chamado Sílvio, que era um rapaz muito distinto, muito simpático, corretor de café em Santos, isso é o que eu sei... Talvez a escrivaninha fosse para a Luci, quem sabe?

D.: Era um presente de casamento, PLC encomendou...

AC.: Presente de casamento? Então não era para a Luci... Luci se casou bem mais tarde...

D.: Ele pediu para o Mário comprar a escrivaninha aqui em São Paulo...

AC.: Cecília não conheço ninguém...

D.: Andrelino Corrêa?

AC.: Andrelino Corrêa era um sujeito muito simpático... Era também sobrinho de Pio e muito mais velho do que ele. Era filho de uma irmã de Sr. Pio casada com um Corrêa também... Um caso muito curioso de Araraquara.... Cinco irmãs Corrêas casaram-se com cinco irmãos Corrêas... As mulheres não eram parentes dos maridos.... Corrêas do Tietê e Corrêas de Atibaia...

O Andrelino era filho de uma Corrêa de Atibaia casada com um Corrêa do Tietê. Ele era muito simpático, muito pobre, perdeu tudo, ele era cobrador, fazia cobranças, era um homem alto... Orquidófilo, como o sr. Pio... Então o sr. Pio tinha na chácara um orquidário dele, que era uma beleza... Tinha orquídeas preciosas... Tinha a coleção de orquídeas e o Andrelino ia lá, trocava orquídeas com Pio, conversavam... Era sobrinho dele. Eu o encontrei muito na casa de meu sogro... Muito tímido... Contava-se que o pai dele era feitor de escravos... da fazenda de um parente... Ele era tão mau para os escravos que, um dia, um deles cortou a cabeça dele com a foice. Deixou os filhos pequenos... Esse é o pai do Andrelino Corrêa... Eu me lembro quando Sr. Pio morreu... Eu fui lá à biblioteca dele... Ele me doou a biblioteca dele, mas eu recusei... Ele era um homem rico, cheio de sobrinhos, gostava muito de mim, podiam pensar que eu tinha algum interessa lá... Então eu aconselhei D. Zulmira a doar para Araraquara... Peguei alguns volumes de lembrança... Pio ficou bravo quando eu recusei a biblioteca... “Eu quis te dar, você não quis, agora façam o que quiserem depois da minha morte...”! Eu fiz o estatuto da biblioteca. Tinha livros raros e nessa ocasião, o Andrelino pediu a D. Zulmira uns livros sobre orquídeas que o Sr. Pio tinha... Uns livros grandes e bonitos... Eu separei os livros e ele ficou muito contente, era um homem muito bem educado ... Dessas pessoas antigas que empobrecem e guardam muita delicadeza, boas maneiras... Um homem encantador esse Andrelino Corrêa....

D.: José Jorge...

AC.: Esse eu não sei...

D.: Clóvis de Oliveira... Professor Paliuti...

AC.: Não sou capaz de dizer não...

D.: Dr. Olivério...

AC.: Dr. Olivério, esse é um personagem... Morou aqui neste prédio em que eu moro, o filho dele, quando nos mudamos para este prédio, o filho dele morava aqui. Dr. Olivério era um médico baiano...Alto, muito distinto, foi ser médico do posto de saúde de Araraquara, lá ele se casou com a filha de um fazendeiro muito amigo do Sr. Pio e do meu sogro, chamado

Juca Custódio, então ficou muito amigo do Sr. Pio ... Ele era um sábio, depois ele deixou a carreira pública e foi diretor do Museu de Zoologia, era um grande ornitólogo, foi muito tempo diretor do museu de Zoologia, depois foi o Paulo Vanzolini, que trabalhou com ele. Ele era um classificador de animais, com muita reputação... Ele ia para o sertão... fazer pesquisas... Incentivava o Sr. Pio em seus pendores científicos... O Sr. Pio tinha microscópio e fazia preparação de tecidos vegetais, animais, andou estudando muito Botânica e o Dr. Olivério o ajudava...

D.: O sr. Pio fazia desenhos... desenhos de animais?

AC.: Não sei... Nunca vi... Ele disse o seguinte: "A minha biblioteca fica para você... a parte científica para o Dr. Olivério". O Dr. Olivério aceitou a parte científica e... tinha a *História Natural de Cambridge*... 10 volumes, tinha os *Anais do Museu Paulista*, tinha muita coisa de Botânica e Zoologia... O que o Dr. Olivério já tinha, ele doou para a Faculdade de Filosofia. Ele era muito escrupuloso... Eu fui junto com o dr. Olivério levar... os livros de Ciências para o Departamento de Zoologia... Ele foi um cientista de valor e grande amigo do Sr. Pio.

D.: Paulo de Miranda Ribeiro?

AC.: Alípio de Miranda Ribeiro foi um grande Naturalista. Paulo não sei quem é...

D.: Miss Susan, que era Fraulein...

AC.: Miss Susan era uma alemã... Eu só sei da Miss Susan, que morou em Araraquara um tempo e ensinava inglês. Minha mulher estudou inglês com ela... Mas acho que a Miss Susan... ensinava inglês...

D.: E a história do Sr. Pio com o Mister Rugson ou Huxton...

AC. Essa é uma história extraordinária. Essa eu tenho cópia da carta aqui... Mister Rugson era um escocês bêbado que o sr. Pio , um dia, quando ele queria uma coisa, ele fazia,... Ele chamou o Mister e disse: "Quero aprender inglês! Mas 24 horas por dia, de modo que [não sei se o Mister dormia na casa dele, mas passava o dia com ele...] pago o que o Sr. pedir, mas com uma condição: O Sr. não pode beber uma gota de álcool, o dia que o Sr. beber eu o expulso da minha casa". O Mister concordou. E durante um tempo ele viveu com o Sr. Pio ensinando inglês... Uma coisa muito curiosa é que ele era escocês, e o Sr. Pio aprendeu com sotaque escocês, com a pronúncia forte, meio enrolada... Mas um dia, o Mister tomou uma bebedeira e o Sr. Pio o tocou de casa. Ele sumiu de Araraquara. Passado muito tempo, lá por 1920 e tantos, ele escreveu uma carta em inglês para o Sr. Pio contando que ele estava num estado "desgraçado", no último grau da miséria e de abandono e queria morrer no asilo

de mendicidade de Araraquara... Aí o sr. Pio tomou as providências, falou com o Comissário de Café em Santos, e o Mister Rugson veio acompanhado para Araraquara, o Sr. Pio o colocou num quarto, havia quartos particulares... e o Mr. Rugson morreu pouco tempo depois, mas as irmãs do asilo (as freiras) disseram ao Pio que o Mister havia deixado uma mala com umas coisas... Pio disse para fechar a mala e oficiou ao consulado inglês em São Paulo, informando que o Mister Rugson, inglês, havia morrido em Araraquara... e em testamento havia deixado uma mala que continha bens e solicitando ao Consulado Britânico para tomar as providências para procurar os herdeiros na Inglaterra. Passado muito tempo, o cônsul escreveu a ele que tinha tomado as providências, e que o governo britânico oferecia aqueles bens ao Sr. Pio inclusive por gratidão pelo que ele tinha feito a um britânico. Pio disse: "Não posso ficar com isso!". Oficiou o juiz de Araraquara por herança jacente, que respondeu: "O inglês morreu sem deixar herdeiros, então o Sr. precisa abrir um processo de herança jacente". O juiz abriu o processo de herança jacente... Ninguém se habilitou... Herança jacente... Então faz-se o seguinte... Coloca-se em leilão... Qualquer pessoa pode arrematar. Marcou um dia no pátio do fórum. O juiz disse que naquela mala estavam os bens de Rugson, quem queria rematar ... Só havia o Sr. Pio presente... E ele arrematou a mala, por um valor qualquer. Pio, então, abriu a mala e nela havia um pijama e uma escova de dentes. História fantástica, não é? O rigor dele. Tudo dentro da norma, da lei, do dever.

D.: E o relacionamento dele com Mário? Ele gostava muito do Mário...

AC.: A Gilda, minha mulher, dizia com razão, que o Pio tinha pelo pai do Mário de Andrade um apelo filial. Olha, eu vou lhe dizer uma coisa, eu não passei um dia com Sr. Pio que ele não falasse de Carlos Andrade... pai do Mário. Parece que era um homem muito inteligente, culto e engenhoso. E Pio gostava muito dele, aprendeu muita coisa com ele: "Sr. Carlos dizia isso, sr. Carlos dizia aquilo... E o Sr. Pio ficou sem pai com doze anos. Então... Os pais dele... O padrinho dele que foi o Leite de Moraes, o avô de Mário, e o tio, Carlos Andrade... e Gilda dizia que Mário reproduziu o contrário, Sr. Pio era um pouco pai do Mário, o Mário via um pouco um amigo paterno... Ele gostava muito do Mário, Mário ia muito lá... Ele dizia a D. Zulmira: "Aqui eu posso comer peito de frango"... Sr. Pio e D. Zulmira deixavam entender que naquela chácara houve três grandes amigos que frequentavam... Mário de Andrade, Dr. Olivério e eu. Ele gostava demais de Mário, mas ele não gostava da literatura do Mário, eles conversavam sobre língua, Mário o consultava sobre questões de língua. O livro de Mário de que ele gostou mesmo foi *Amar, verbo intransitivo*, na versão inglesa.

Parece que uma edição remanejada, Sr. Pio gostou, porque foi simplificada, provavelmente. Ele tinha pelo Mário um carinho, uma fascinação...

D.: E era claro isso, ele dizia: "Não cabem na minha mioleira essas coisas que você escreve, mas ...

AC.: É, ele dizia...

D.: Mas na parte de língua...

AC.: Na parte de língua, de folclore, eles conversavam... O Mário não sei bem, mas acho que ele foi todos os anos a Araraquara... Ele ficava um pouco na chácara e um pouco na fazenda do meu sogro. Agora, creio também que houve o seguinte... Quando Mário era mocinho, quando o irmão mais novo dele morreu, ele teve uma depressão muito séria, e aí ele foi para a São Francisco, fazenda do Sr. Pio, e junto com D. Zulmira trataram dele. Era uma ligação muito afetuosa, muito nítida. Mário chamava-o de Tio... Eles não tinham nenhum parentesco. Ele era primo da mulher do Sr. Pio, primo. Agora, acontece o seguinte... A mulher do Sr. Pio era filha do irmão do meu sogro. O meu sogro era de 1886, o Carlos Moraes de Andrade de 1888, e o Mário de 1893. Eles foram criados ali juntos. A mãe do meu sogro morava ao lado da casa da irmã, de modo que o Moraes de Andrade ouvia "tio Pio; Mário, ouvindo meu sogro falar tio Pio, acostumou a falar tio Pio; muito tempo depois veio a Lourdes, "tio Pio", de modo que todos o chamavam de "tio Pio", mesmo não tendo parentesco nenhum. Eles eram primos da mulher do Sr. Pio. Hoje, no IEB, todos falam "Tio Pio".

D.: Na minha casa, a minha filha já fala do "Tio Pio"...

AC.: Eu que sou sobrinho dele por afinidade nunca o chamei de tio, sempre falei Sr. Pio. O primeiro dia que eu o conheci, havia um grupo universitário de teatro, dirigido pelo Gérson Almeida Prado, espetáculos lindos, modernos que o Gérson montou, foi o começo da renovação do teatro em São Paulo, era para juntar dinheiro para os fundos de pesquisa da universidade, eu era bilheteiro, ficava na porta vendendo os bilhetes, cada um fazia uma coisa... Um era ponto, outro era o bilheteiro, outro era ator. Depois que acabou o espetáculo, o sr. Pio foi e gostou muito: *O auto da barca do inferno,* de Gil Vicente, uma recepção foi oferecida ao grupo universitário de teatro, no clube. Gilda era minha namorada, ficamos noivos nessa ocasião, Gilda já tinha me falado muito do Sr. Pio. Quando vem vindo um sr. magrinho de lá, disse ela: "Antonio Candido este é tio Pio, Tio Pio este é Antonio Candido". Eu disse: "Eu conheço muito o senhor de nome, Sr. Pio". Ele disse: "Sr. Pio o senhor não deve conhecer, deve conhecer "TiuPiu", que é como eles me chamam. Paulista fala Piu, Tiu

Piu, ele falava Piiiu, com i longo. Eu não sou paulista, eu falo com i longo, Tiiiiu Piiiiu, "Sr. Pio, o senhor não deve conhecer, mas TiuPiu, como eles me chamam"...

D. Zulmira tinha um grande carinho por Mário, e este era uma pessoa muito ligada a Araraquara. Por exemplo, o Andrelino tinha uma irmã chamada Maria Leopoldina, que morava com um genro .... e uma porção de filhas... Ela era muito pobre. Elas costuravam para fora... Elas faziam camisas para Mário, era irmã do Andrelino, Maria Leopoldina.

D.: O Sr. tinha me falado das exigências do Tio Pio para roupas, que ele só usava...

AC.: O Sr. Pio era o seguinte... Ele não admitia moda. A Sra. vendo os retratos do começo do século, a Sra. vê que a moda para homens era paletó de três botões, às vezes quatro, mas a maioria de três botões, gola estreita e calça sem debrum, e depois essa moda caiu, passou a haver paletós de dois botões ou de um, com a lapela mais larga ... E as calças tudo igual... O Sr. Pio continuou com aquele paletó... totalmente fora de moda. O alfaiate dizia: "Mas Sr. Pio, isto não está na moda". E ele dizia: "A moda que volte"! e a moda voltou. Ele não seguia moda. A Sra. pode ver as fotos, hoje em dia, todos com paletó de três botões e calças assim, quando ali por 1930 e tantos, a moda voltou e o Sr. Pio ficou na moda.

Ele tinha coisas curiosas. Por exemplo, ele usava botinas de elástico, de pelica, mas a parte de pelica ele mandava colocar para dentro. A botina dele era com a parte interna do couro [mais áspera] para fora. Ele dizia: "A parte mais macia é a pelica, ela é que fica em contato com meu pé".

D.: Então ele mandava fazer tudo... Era tudo encomendado...

AC.: Tudo encomendado. Tudo de muito boa qualidade... D. Zulmira também. Eles eram muito simples, muito modestos, mas tudo de muito boa qualidade. Ele comprava peças de casimira inglesa, azul-marinho e listradinho, só. Geralmente ele tinha. Ele se tratava muito bem, ele queria que os herdeiros dissessem: "Oh! Como esse velho gastou bem, poderia ter deixado esse dinheiro para nós"! Era um tipo!

D.: O Sr. tem ideia por que ele escolheu esse pseudônimo de Mota Coqueiro?

AC.: Não sei. Nunca perguntei a ele. Mota Coqueiro? Mota Coqueiro acho que foi um bandido...

D.: Eu acho que localizei no IEB, eu fui procurando por Mota Coqueiro e achei um livro falando de um Mota Coqueiro, que foi um bandido mesmo...

AC.: Tem um livro: *Mota Coqueiro,* de José do Patrocínio. É um romance... de José do Patrocínio sobre um bandido... Por que ele pegaria o nome de um bandido? Não sei. Não sei.

D.: Quando o pai do Pio morreu, ele ficou morando com o irmão, que passou a ser tutor dele?

AC.: Ele ficou morando com a mãe dele, o irmão era o tutor.

D.: O Sr. se lembra qual era o irmão?

AC.: Antônio Lourenço Corrêa! O Mano Antônio...

D.: Era o irmão mais velho dele?

AC.: Olha. O irmão mais velho dele era o mano José. Chamava-se José Joaquim Corrêa da Rocha. Mas este era fazendeiro em Brotas. Longe. Em Araraquara, tinha o mano Joaquim que morreu, pai do Sebastião Lacerda, aquele que fez o carro alegórico no Carnaval com Pio. Esse morreu mais moço, teve uma vida muito difícil... O outro irmão dele, também Pio, morreu na Guerra do Paraguai. Combatente. De modo que o único irmão dele em Araraquara era o Antônio Lourenço. Ele tinha muitas irmãs, mas poucos irmãos. A irmandade do primeiro casamento, homens eram José Joaquim Corrêa da Rocha, Joaquim Lourenço Corrêa, Antônio Lourenço Corrêa e Pio Corrêa da Rocha. Os quatro irmãos dele. Só tinha em Araraquara o Antônio Lourenço. Este foi o tutor dele.

D.: O Sr. se lembra do nome da esposa dele, desse Antônio Lourenço?

AC.: Mana Belinha! Era Isabel Lacerda.

D.: Florisbela não?

AC.: Não! Florisbela Lacerda! Florisbela Lacerda era D. Belinha!

D.: No caso da "garapa azeda", que ele conta que a cunhada fazia piadas com ele...

AC.: D. Florisbela de Lacerda Corrêa. Ela era filha de um Lacerda aqui de Campinas. Esse casal teve uma filha só, que era D. Angelina. Eu tenho um retrato dela aí. Eu não sei direito como é esse caso. Eu penso que é o seguinte... Isso foi fundamental na vida do Sr. Pio.

O pai dele, comendador Joaquim Lourenço Corrêa ficou viúvo. E essa Sra. D. Francisca Miquelina de Almeida Moraes teve 12 filhos, 4 homens e 8 mulheres. Aí ele casou-se pela segunda vez com uma viúva, chamada D. Rita Maria Pinto de Arruda, Pinto de Arruda era o marido dela, o nome dela de solteira eu não sei. Ele dizia assim: "Mogi Mirim, terra de minha mãe, D. Rita Maria Pinto de Arruda". Mogi Mirim é caminho de Poços de Caldas onde eu morava, tivemos casa lá por alguns anos, então eu ia muito a Poços de Caldas. Cada vez que eu passava de automóvel perto da cidade, eu falava bem alto no carro para minhas filhas e para Gilda: "Mogi Mirim, terra de minha mãe, D. Rita Maria Pinto de Arruda" ! Pinto de Arruda é um ramo dessa família Arruda Botelho de Conde do Pinhal. Ela já tinha os filhos dela também, era viúva, e se casou. Eu imagino que ele deve ter se

casado em regime dotal, esse foi o problema. A sra. sabe... Pelo direito brasileiro, os filhos do primeiro casamento, todos herdam partes iguais. De repente, quando a pessoa é velha, uma pessoa tem a família grande e casa-se pela segunda vez, os herdeiros exigem que se faça um regime diferente. Por exemplo, o meu avô casou-se pela segunda vez com uma sobrinha dele, casou-se em regime dotal. Quando meu avô morreu, cada filho do primeiro casamento recebeu 200 alqueires de terra, e os do segundo... A segunda mulher do meu avô recebeu em dote uma fazenda de 400 alqueires, tinha quatro filhos, quando ela morreu, cada um recebeu 100 alqueires. Portanto, os meus tios do segundo casamento, receberam metade do que meu pai e os outros tiveram. Eu penso o seguinte. Se Pio, o tutor dele era o Antônio Lourenço, sr. Pio, o ideal da vida dele era estudar Direito e ser advogado. Esse era o ideal. Ele veio para São Paulo para fazer os estudos preparatórios, porque antigamente, o regime de [parcelados], estudava-se em casa, estudava onde se quisesse e ia fazer o exame na Faculdade de Direito, chamava-se Curso Anexo, para ter o grau de bacharel em Ciências e Letras, era preciso fazer dez matérias, primeiro estudava-se Português e Aritmética, ia lá fazia os exames e tirava os certificados, aí passava para outras, eu tenho até alguns certificados do Sr. Pio, eu tenho aí guardados. Quando ele já havia conseguido dois ou três certificados, morando aqui em São Paulo na casa do padrinho, ele me contou isso, ele tinha uns 16 ou 17 anos, o irmão escreveu para ele dizendo que "O dinheiro que nosso pai te deixou acabou, volte para trabalhar!". Pensando em termos de hoje, isso é de uma crueldade, de uma barbaridade sem tamanho. Esse Antônio Lourenço era um homem rico, só tinha uma filha. O que custava a esse homem adiantar dinheiro para o irmão mais moço estudar e se formar? Era aquela coisa antiga. Então eu imagino que o dinheiro do Sr. Pio acabou, eu imagino, porque o pai dele casou-se em situação dotal, como o meu avô se casou. O que é regime dotal? Eu sou viúvo, tenho essa quantidade de filhos, não vou lesar meus filhos, então eu me caso com D. Fulana, dou a ela como dote 100 alqueires de terra, uma casa e 50 contos e acabou. Então, eu imagino que ele deve ter deixado um dote modesto para a senhora dele.

Ela morreu logo depois, o pai morreu quando ele tinha 12 anos, aí o Antônio Lourenço mandou Sr. Pio estudar em São Paulo, logo depois ela morreu. Eu vou repetir uma palavra feia para a senhora ver a realidade. Pio me disse emocionado, com os olhos cheios de água, mais de uma vez: "O Antônio Lourenço foi um grande 'merda'! Minha mãe, viúva de meu pai, pobre mulher, com um único filho de doze anos, o Antônio Lourenço me separa da minha mãe e me manda para São Paulo. Minha mãe morreu pouco depois, e o Antônio Lourenço foi um grande 'merda'!". Crueldade! Duas crueldades...

D.: Mandou Pio para cá e depois mandou voltar...

AC.: Mandou vir para São Paulo e depois mandou voltar porque o dinheiro tinha acabado. Duas crueldades. Os antigos eram muito duros. Acabou o dinheiro do pai, pronto, vai trabalhar... Foi trabalhar no comércio de lá. Ele fez a cultura dele. Era um menino esperto, ... Isso é o que eu sei. Aqui em São Paulo ele morava na casa do padrinho, Leite de Moraes, o padrinho morreu, ele foi morar na casa da cunhada, da D. Isabel, mãe da D. Zulmira; D. Isabel sempre quis que ele se casasse com a D. Zulmira.

A Gilda tem uma hipótese brilhante... A D. Zulmira era cocha, andava assim [ele demonstra D. Zulmira mancando]. Ela tinha um sapato como a senhora e o outro era um sapato especial, um sem salto e o outro com salto. Com o tempo ela foi piorando. Quando eu a conheci, quando ela era moça andava praticamente normal, conforme foi envelhecendo, ela foi piorando, mas desde moça era cocha. Dizem que uma empregada deixou que ela caísse do berço, e teve uma fratura no quadril. Um belo dia, a Gilda teve uma iluminação: porque... A D. Zulmira não gostava do Tio Pio, ela era apaixonada por um tio do Mário de Andrade, o Alfredo de Andrade. Tinha paixão pelo Alfredo de Andrade e ele por ela. D. Isabel não deixou que ela casasse com ele. Forçou Zulmira a casar-se com Pio, sem gostar do tio. "Por que vovó Isabel fez essa dureza de forçá-la a casar-se"? Gilda teve uma intuição... Porque ela sabia que a filha não podia ter filhos. A bacia assim com defeito era perigoso. E o Sr. Pio, quando era rapazinho, teve uma moléstia venérea e essa moléstia degenerou numa orquite. A sra. sabe o que é uma orquite?

D.: Não!?

AC.: Orquite é uma inflamação dos testículos. Eles podem ficar enormes. Dizem que é uma das dores mais horríveis que há. E quem tem orquite fica estéril. Então, disse Gilda, vovó pensou: "Com o Pio ela pode se casar tranquila, que ela não terá filhos. Se ela se casar com o outro ela pode engravidar, se ela engravidar ela pode morrer no parto". É uma imaginação, mas eu acho uma imaginação muito interessante!

D.: É bem possível...

AC.: Porque ela não queria se casar com Pio, queria se casar com Alfredo Andrade, tio de Mário, irmão de seu Carlos. O Sr. Pio casou-se com D. Zulmira sabendo que ela não gostava dele, mas ele gostava dela. Ele me disse que gostou de D. Zulmira desde que ela era menina, ele era dois anos mais velho que ela. Ele tinha paixão por ela, não ela por ele. Ela me disse uma vez: "Eu me casei para obedecer a minha mãe". O que as mulheres antigas faziam, não?

D.: É verdade... Situação terrível! Deixe-me ver... O Sr. Pio encomendava mercúrio de Mário. Tem várias cartas falando do dinheiro para o mercúrio.... Tem uma carta que fala do "mercúrio doce na Internacional". Eu descobri uma farmácia em Araraquara que tinha o nome de Internacional.

AC.: Exatamente. Mas eu não sei porque ele encomendava mercúrio... Talvez algum experimento dele...

D.: Outra coisa... Há uma carta em que Mário fez o desenho de uma tripeça, um movelzinho com uma pequena gaveta....

AC.: Essa daí eu não sei, mas ele mandou fazer uma tripeça e me deu. Tripeça é um móvel... Venha cá. Vou lhe mostrar um [móvel semelhante]... [Levanta-se e me mostra um pequeno móvel como o desenho de Mário].

D.: Ele também fala para o Mário de um livro: *Decrepitude Metromaníaca*...

AC.: *Decrepitude Metromaníaca*? Deixe-me ver se eu me lembro.... Do padre Antônio Corrêa de Almeida.

D.: Isso... Parece que tem relação com a propaganda do "Rum Creosotado"? Não é assim?

AC.: Porque o Padre Antônio Corrêa de Almeida era um padre satírico, lá de Barbacena. Eu tive livro dele. Carlos Drummond de Andrade escreveu uma crônica sobre ele, uma vez, que era preciso reeditar o Padre Corrêa de Almeida. Ele era um padre ferino, satírico, tremendo, e ele, já velho, em vez de colocar "Versos de um velho maníaco", colocou o título: *Decrepitude metromaníaca*. Ele já velho para gozar dele próprio. Eu não sei se eu tenho esse livro, acho que eu tinha um outro livro dele. Mas não sei por que seu Pio usou isso.

D.: Ele brinca com Mário. Tanto que eu achei que era alguma ironia em relação a fazer versos com métrica, rima...

AC.: Na verdade, significa "um velho metido a poeta". *Decrepitude metromaníaca*, um velho metido a poeta, o padre se satirizando... Mania de metrificar por parte de um decrépito. Padre Antônio Corrêa de Almeida.

D.: Tem uma carta em que Mário diz assim para o tio Pio: "Dos três Césares negros da idade, um deles já caiu". Aí fiquei pensando... A quem ele está se referindo... Mário, Zulmira e Pio; Mário, Pio e o pai de Mário?

AC.: Não, não... Isso é uma coisa misteriosa... Não sei o que é isso... Eles se entendiam, alguma coisa entre eles... O que significa "César negro da idade"?

D.: Eu não sei se ele estava se colocando... Sei lá: "as três pessoas mais velhas da família"? Três pessoas mais poderosas... Os três chefes de família...

AC.: Não, não creio... Mas por que negro?

D.: “Negros da idade”.

AC.: Mário era mulato, mas o Sr. Pio era branco.

D.: Eu fiquei intrigada com essa expressão. Ele fala da morte do pai... Ele fala “a da foice cedo levou”. E “dos três Césares negros da idade, um deles já caiu...”.

AC.: Uma expressão misteriosa... Eu não sei... Eu não arriscaria nada.

D.: Eu fiquei pensando quem seriam esses três Césares....

AC.: É impossível saber...

D.: Ele faz também referência a um homem chamando-o de “café chato, ordinário, baixo, depreciado, mofado”... numa das cartas. Eu fiquei pensando... Quem será que é essa pessoa?

AC.: Precisa ver o contexto...

D.: É, ele diz que... Não dá para entender muito bem. Parece que era alguém que estava noivo em Araraquara.. Mas..

AC.: O Pio que fala?

D.: Sim. O tal “café chato, depreciado, mofado, é noivo aqui em Araraquara”, também não dá para saber... Ah! O Pio sofreu acidente alguma vez? Caiu do cavalo, teve que fazer uma cirurgia? Também não dá para lembrar... Mário conseguiu que Pio escrevesse uma coluna em *O Estado de S. Paulo*. Aquelas Fichas de Linguagem...

AC.: *O Estado de S. Paulo,* é? Ele publicava no jornal de Araraquara...

D.: Mário conseguiu para ele publicar no jornal *O Estado de S. Paulo*. Como será que eles faziam? Pio mandava pelo Correio os artigos?

AC.: Não sei...

D.: Ele faz referência também a outra pessoa: “A filha número 1 de Maria”. Quem iniciou o trabalho de pesquisa colocou na nota: “Maria Elisa Rocha?”.

AC. Maria Elisa Rocha era a irmã mais velha da Gilda.

D.: Ela era filha de Maria?

AC. A Gilda era “filha de Maria”!

D.: Antigamente era comum...

AC.: Todas as moças eram “Filhas de Maria”! A Gilda foi... Mas aí não parece ser a Maria Elisa Rocha...

D.: Ele fala em relação a Araraquara... Ele vai para lá conhecer ou rever “a filha nº 1 de Maria”.

AC.: Que ano foi isso?

D.: Foi mais para o final da correspondência, em 1941...

AC.: Ah! Essa deve ser a filha mais velha da Maria Eliza... Maria Cecília...

D.: Maria Cecília?

AC. : Maria Eliza casou-se em 1939, 1940, por aí assim... Depois de um ano, nasceu a Maria Cecília. A Maria Elisa morou também na casa da mãe do Mário... A Gilda e a Maria moraram na casa da mãe de Mário. Ele vai para Araraquara para conhecer a primeira filha da Maria Elisa... quando a Maria Cecília nasceu. A sobrinha mais velha da Gilda. Ela é professora, aposentada, mora em Ribeirão Preto, foi casada com um engenheiro, é viúva. Ela é mãe dessa famosa... A Sra. acompanha os esportes? Voleibol? Ela é mãe da famosa Fernanda Venturini.

D.: Nossa!

AC.: É. Maria Cecília é a filha mais velha de Maria Eliza. Maria para eles é a Maria Eliza. Que morou na casa de Mário durante muito tempo.

D.: E ela nasceu em 1941?

AC.: Eu me casei em 1943, ela tinha uns dois anos...

D.: Então é isso mesmo...

AC.: Maria Cecília Rocha Porto. O nome dela. Depois ela se casou com Júlio Venturini e ficou Maria Cecília Porto Venturini. Mãe da famosa esportista. É professora do estado, aposentada, mora em Ribeirão Preto.

D.: Eurico de Góes...

AC.: Eurico era um amigo dele... Eurico de Góes era um estudioso aqui de São Paulo.

D.: Era de Araraquara, mas veio trabalhar aqui em São Paulo...

AC.: Em Araraquara tinha um Eurico, dentista, foi grande amigo dele, depois tornou-se arqui-inimigo.

D.: Com ele era assim, ou amava ou odiava?

AC.: Com ele era assim. Quando ele cismava, Góes... Tinha aqui em São Paulo um Eurico de Góes, não sei o que ele era... Não creio que esse Eurico de Araraquara chamasse Góes... Eurico era um dentista, caçador como ele do grupo dos Conjurados, depois brigaram de morte... Sr. Pio brigou com muitos amigos.

D.: Ele era uma pessoa difícil?

AC.: Sim. Difícil... Tinha um gênio exaltado... Ele era um pouquinho... desequilibrado não era, mas era um homem excêntrico... Muito cismado!

D.: Tem uma carta de 1934 em que Mário diz que “foi levar a sinhá ao cemitério”... Havia uma indicação no rodapé, de Sinhá Pina...

AC.: Sinhá Pina era uma prima-irmã de Mário. São as famosas Pinas. Era uma irmã do pai do Mário que era casado com um Sr. Pina. Eu não sei o nome delas. Sei que uma casou-se com um tal Massariol, que era ourives; não sou mais capaz de informar.

D.: E Meira de Araraquara? O Sr. conheceu alguém?

AC.: Meira eu conheci era de São Carlos... Meira Botelho era sócio do Sr. Pio. A casa comissária que eles tiveram em Santos, eram sócios: Pio, Otávio Reis, Nhonhô Magalhães e Meira Botelho, mas este de São Carlos.

D.: Sr. Pio viajava muito na juventude? Ele fala de uma viagem a Portugal, depois outra a Buenos Aires...

AC.: O Sr. Pio foi à Europa só uma vez. Quando era moço, foi a Buenos Aires com Antônio Lourenço, o irmão dele. Era solteiro ainda. Naquele tempo, por volta de 1890 e qualquer coisa, o Brasil não tinha embaixadores, eram Ministros Plenipotenciários. O ministro nessa época em Buenos Aires era o Assis Brasil, o famoso político gaúcho. Ele os hospedou na Legação, não se chamava embaixada. O Antônio Lourenço, que se dava com o Assis Brasil, este os levou para a legação. Ele contava que o Assis Brasil era muito engraçado e contava histórias para eles. Contou uma história de uma rainha da Espanha que tinha um amante... E o amante deu a ela um anel de brilhantes, enorme... O rei viu e disse: “Mas que beleza de anel”! E a rainha respondeu: “Pois é, eu comprei !” O rei, então, disse: “Ah, eu quero esse anel para mim” . O rei, então, passou a usar o anel. O nobre que era amante da rainha viu o diamante na mão do rei e disse: “Solo um rei puede tener tal anilho de diamantes, diamantes que foram dantes, de amantes de su mujer!”. Foi dessa viagem da Argentina. Depois disso, ele foi à Europa, em 1911, eu acho, passou lá muito tempo...

D.: Foi quando ele comprou a banheira?

AC. : Isso. Comprou a banheira, mandou fazer a espingarda, foi se tratar de um problema no estômago... Fez uma Estação em [Publezau?????- indecifrável?]. Viajou pela Europa com D. Zulmira. Ele tinha casa comissária em Santos e viajou com um senhor português que era grande comerciante em Santos, que era o Sr. Marques e D. Eliza Marques. Os dois casais acho que foram juntos ou se encontraram lá, não sei bem... Passaram em Portugal e foram à Quinta do Sr. Marques, uma família rica de Portugal. Foram essas duas vezes.

D.: Tem uma carta em que ele escreve a MA e diz que gostaria de conhecer o Cairo.

AC. Foi nos anos de 1920, quando Howard Carter e Lorde Carnarvon encontraram o túmulo de Tutancâmon, aí ele ficou fascinado... Na biblioteca dele havia um número da *Ilustrated London News* sobre essa descoberta, havia dois volumes do autor tratando do túmulo de Tutancâmon. Ele se preparou para ir ao Egito, queria visitar o túmulo, mas nunca foi.

D.: Tem uma carta em que convida Mário para ler *Peregrinações*. Ele disse: "Venha descansar e vamos ler juntos as *Peregrinações*"...

AC.: *Peregrinações* deve ser o livro do Fernão Mendes Pinto, um navegador português do séc. XVI. Parece que é um livro fascinante, nunca li, mas tenho muita vontade de ler... Uns dizem que é tudo mentira... Tanto que meu professor de literatura dizia assim: "Fernão Mendes Pinto! Fernão, mentes? Minto!". Hoje, parece que não... é tudo fidedigno. É um livro admirável, muito bem escrito, muito divertido. Deve ser isso. *Peregrinações*, de Fernão Mendes Pinto.

D.: Ele comprava anéis para marcar galinhas? Ele encomenda por meio de Mário na casa de um "Aziz". Ah!. Inácio de Queirós Lacerda... O Sr. conheceu?

AC.: Deve ser irmão ou parente de D. Florisbela de Queirós Lacerda Corrêa... Um palpite. Não tenho certeza...

D.: Fazenda São Lourenço?

AC.: Fazenda São Lourenço era do pai dele. Comendador Joaquim Lourenço Corrêa herdou uma fazenda que era do pai dele.

D.: Depois foi dividida?

AC.: Deve ter sido dividida... Não sei para quem ficou... Talvez para o Antônio Lourenço Corrêa... irmão dele. Não tenho certeza....

D.: Dr. Júlio?

AC.: Dr. Júlio era um médico de Araraquara chamado Dr. Júlio Mário não sei do quê...

D.: Eles tinham muitos médicos amigos: Dr. Renato...

AC.: Sim, Dr. Júlio, Dr. Monteiro, Dr. Olivério, tinha o italiano Dr. Picarone... Tinha o médico dele, Dr. Granata.

D.: No *Álbum de Araraquara* tem o nome dele: Dr. Granata. O endereço do consultório... Este quadro que o Sr. tem aqui na sala, que é do Papf, o Sr. tem ideia de como Pio o comprou?

AC.: Tenho. Foi o seguinte. O Antônio Lourenço Corrêa praticamente deu, financiou toda a Santa Casa de Araraquara. O Sr. Pio tinha um respeito imenso pelo irmão, foi uma espécie de secretário dele, tinha imenso respeito pelo mano Antônio. Este devia ser meio analfabeto e o Sr. Pio é que o orientava. A Santa Casa resolveu, a certa altura, não sei se o mano Antônio

já tinha morrido ou não. Tinha um retrato a óleo do mano Antônio. O Sr. Pio veio a São Paulo e veio procurar o Papf... Era um famoso fotógrafo e pintor alemão radicado no Brasil, especialista em fazer retratos sobre fotografia. Olhava a fotografia e pintava o retrato. Tem muita gente retratada pelo Papf, muita gente... Então ele foi ao ateliê do Papf levando a fotografia do irmão, para fazer um retrato a óleo e, lá no ateliê, ele viu este quadro. Ele era cultivador de orquídeas, ficou fascinado pela pintura e comprou. Levou para Araraquara. Este quadro ficava no escritório dele. Ele só tinha dois quadros a óleo: essa orquídea e tinha um quadro grande que ele mandou emoldurar com uma divisão pelo meio. Aí mandou pintar, chamou o pintor Quirino Campofiorito, um pintor de certo nome, que foi diretor da Escola de Belas Artes de Araraquara. Ele e a Ilda Campofiorito, a mulher dele, ficaram muito amigos do Sr. Pio. Então o Sr. Pio disse a ele que fizesse um retrato da Igreja de Araraquara... A capelinha inicial e depois a Matriz do tempo de Pio. Ele descreveu como era e o Quirino fez. Então ele tinha esse quadro grande, de um lado a capela e do outro a matriz, e o quadro das orquídeas.

D.: Ele fala de um outro pintor, o B. Bento. Mas em Araraquara eu não consegui nenhuma referência. Ele fala de um quadro *Caipiras negociando*...

AC.: *Caipiras negociando* é de Almeida Júnior...

D.: Ninguém conseguiu identificar esse B. Bento... E da convivência com o Sr. Pio, o Sr. se lembra de algo importante, de alguma curiosidade...

AC.: Aí é muita coisa... O Sr. Pio e eu... foi uma espécie de "amor à primeira vista"!!! A Gilda dizia que tinha um tio de quem eu ia gostar muito. De fato, eu adorava o Sr. Pio, grande amigo meu, um homem mais velho, depois eu tive uma rusga com ele, ele ficou zangado porque pediu que eu fizesse uma coisa, eu não fiz e ele ficou zangado... Mas sempre fomos amigos. No final da vida, ele ficou um pouco "esclerosado"... Mas ele me conhecia quando eu ia lá, ele ficava triste, porque não tinha mais a força de antes...

D.: E ele deixou as cartas de Mário para o senhor?

AC.: Ele deixou "por minha morte, a Antônio Candido de Mello e Souza". Ele me doou a biblioteca, que eu recusei, ele me deixou as cartas de Mário para ele; e uma pasta cheia de documentos, a carta de Mr. Rugson, o testamento do pai dele, muitas coisas nessa pasta, mesmo estando meio zangado comigo...

D.: É está bem cuidadinha a sala dele...

AC.: Parece que o IEB vai cuidar disso...

D. É a secretária de Cultura me procurou, na última vez que eu estive lá em Araraquara. Ela me disse: “A biblioteca daqui não sai. É um patrimônio da cidade”. Mas está tudo lá fechado naquela sala, está muito fácil mexer naquilo tudo... Qualquer um pode chegar lá e pegar uma ficha da gaveta...

AC.: Aquele fichário todo é meu...

D.: As pessoas não têm noção da importância...

AC.: O famoso fichário ele me deu. Quando ele morreu, eu pensei, o que eu vou fazer com esse fichário? Então, o Dr. Fords, que era advogado dele, me pediu emprestado... Um tempo depois, meu sobrinho Renato Rocha doou todo o fichário, sem me consultar... Ele é um rapaz muito bom, mas teve esse abuso de confiança... Eu teria doado aqui para São Paulo.

D. Aquilo é uma riqueza de informações, de diálogos com os livros, de análise da relação dele com Mário...

AC.: E as fichas sobre linguagem? Eu nunca pude investigar esse fichário, porque ficou com o Dr. Foster, e depois o Renato deu...

D.: Se o IEB cuidasse seria uma maravilha...

AC.: Se houvesse o IEB naquele tempo. Eu fiz o regulamento. Eu fiz a seguinte cláusula: “Ia se reger pelo estatuto de livro raro e se houvesse abuso ou se não fosse cumprido o meu regulamento, a biblioteca viria automaticamente para a Universidade de São Paulo – USP”. Isso eu coloquei.

D.: Seria uma maravilha, porque ali tem um campo de estudos vastíssimo...

AC.: O Sr. Pio, nós fomos muito amigos, eu achava o Sr. Pio um homem muito inteligente, uma personalidade excêntrica, estranhíssima. Ele era monarquista, era a favor da escravidão, ele achava que o escravo era muito mais bem tratado que o operário, assim teoricamente. Era um homem muito culto, de grande inteligência e um espírito muito original. Fomos muito amigos e eu tinha muito afeto por ele, eu gostava muito dele, ele gostava de mim também, D. Zulmira gostava muito de mim, de modo que eu frequentava a casa deles, ficava lá, no quarto de hóspedes, almoçava às nove horas, jantava às três horas da tarde, tomava chá às oito da noite, depois ia para o quarto e dormia às nove ou dez da noite. Mas eu gostava muito dele, fomos amigos...

D.2 Entrevista com Renato Rocha (com correções e observações dele)

ENTREVISTA COM RENATO ROCHA – ARARAQUARA – 21/03/2006

1ª PARTE – BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ARARAQUARA – SALA PIO LOURENÇO CORRÊA

Antonio Candido vai lhe relatar detalhes dessas histórias todas de nossa família, melhor do que todos nós juntos. Ele tem uma memória fantástica... É um extraordinário ator, inclusive, não é apenas o intelectual fora de série, ele imita o Pio Lourenço com perfeição, chega a ficar parecido! É uma coisa que ele faz com muito prazer, porque ele gostava muito do tio Pio, achava que era um grande personagem.

A grande história de Pio não são as coisas que ele fez, é a vida que ele teve, a forma como a conduziu. Ele traçou uma diretriz e por ali foi... pisando em quem precisasse pisar, mas chegando lá.

Pio era um personagem. Era meu padrinho... Há uma história engraçada... Eu era exímio caçador, ~~bárbaro~~! Quando relembro as coisas... fico horrorizado com as atrocidades que eu praticava para matar passarinhos. E o tio Pio era um grande caçador de macuco. Ele até montou uma organização de caçadores de macuco, em Araraquara, estabelecendo normas para as caçadas, pois ele era muito autoritário, procedimentos de higiene, tudo, tudo. Ele punha disciplina, porque caçada de macuco é uma caçada de espreita, pois é um passarinho muito arisco. O caçador vê onde ele dorme e fica esperando que ele volte ao ninho. É uma caçada muito emocionante. Pio estabeleceu, então, o Grupo dos Confederados, planejando inclusive seus estatutos. "O macuco não era de quem o via, mas de quem era a vez de atirar."

Eu cresci ouvindo muitas histórias de caçadas e Pio possuía muitas armas. Ele tinha uma espingarda linda, 36, que mandou fazer sob medida. Ele foi à Inglaterra, foi à fábrica de armas que era a melhor daquele tempo... Eram armas artesanais! E mandou fazer uma especial. Ele dizia, com muita graça: "Pois se paletó a gente manda fazer no alfaiate, espingarda tem que mandar fazer do tamanho do braço!"

Eu sonhava com essa espingarda, até que um dia ele me disse: "Olha, meu afilhado, eu vou fazer o seguinte: essa espingarda é sua (eu devia ter uns 14 anos), só que ela fica aqui, guardada no armário... Fique tranqüilo!"

Eu fiz mil planos, esperei um tempo, um ano, 2 anos, e nada! A espingarda continuava lá no armário. Até que um dia eu tomei coragem e comecei com uma história para justificar o meu pedido: "Tio Pio, o senhor me deu uma espingarda e eu fui a São Paulo e trouxe uns cartuchos especiais, será que eu poderia fazer um teste nela?"

Ele olhou bem pra mim e respondeu: "Não, a espingarda fica aqui. O dia que eu morrer, você entra por uma porta, pega a espingarda e leva, que ela é tua." – E assim foi no testamento.

Ele tinha umas coisas extraordinárias! Outro caso importante, que mostrava bem a personalidade dele era o fato de nunca receber cheque, nem avalizar títulos. Certa vez, o Malzoni, fazendeiro, homem riquíssimo naquela época, foi comprar café do tio Pio, que trazia o produto catalogado. O café tinha várias classificações: café moca peneira 16, peneira 15, tudo em fileiras, nas tulhas, e tudo anotado no escritório da chácara. Pois bem, o Malzoni, que era da família dos Malzonis, que construíram o Shopping West Plaza, em São Paulo, disse lá quantas sacas queria, umas 50 talvez, Pio deu o preço e o negócio foi

fechado. O Malzoni, então, disse: "Eu faço o cheque já..." Mas tio Pio retrucou: Você, não faça cheque não, porque eu não recebo cheque." E o Malzoni explicou:

- Mas o senhor pode chegar lá no caixa e sacar! E Pio estabeleceu:
- Você pegue este bilhete, entregue ao administrador, mas antes passe aqui e me entregue o comprovante de depósito na minha conta.

Ele era bem espirituoso. O espírito de quem diz assim, aliás ele repetia com insistência: "Eu não morro afogado!". E a gente ficava esperando a explicação... Por que ele não ia morrer afogado? "Pois eu não entro em canoa!".

A vida dele toda foi muito programada. Vivendo com o ser humano, que é complicado, e procurando se defender desse bicho que é o ser humano. Agora, era um homem extraordinário, com um padrão de austeridade fantástico! Foi várias vezes à Europa... Uma vez ele foi com a tia Zulmira.

Eles se casaram naquele tempo da epidemia de febre amarela. Vovó Isabel, que era irmã da mãe de Mário, Maria Luíza, disse pra ele:

- Mas você vai levar minha filha pra morrer de febre amarela, lá em Araraquara?

E Pio respondeu:

- Não, eu comprei uma chácara meio afastada. Hoje, a chácara fica dentro da cidade.

Eu fui herdeiro deles e acabei loteando... Ela deixou os bens dela para mim, que era sobrinho e afilhado, e para um empregado e eu, então, fiz com que ela vendesse em vida, pois o empregado não era parente... Antonio Geia.

Tio Pio teve um motorista, que era o Alberto Menabue... O famoso motorista, pai de Caito... Tinha vários filhos, mas tio Pio se aproximou mais de Caito. Proporcionou educação pra ele, ele aprendeu a ler, foi para as boas escolas da região, queria dar um encaminhamento para ele. Ajudou até depois de casado, mas Caito não aproveitou muito brm esta oportunidade, não gostava de trabalhar. Melhorou de vida, mas acabou em situação dificil no final da vida, porque fez muitas dívidas. Mas o Alberto foi motorista a vida toda de tio Pio. Depois, os filhos do Alberto também trabalhavam na chácara. Ele ajudou muito o Caito e mais uma filha que foi empregada deles até casar-se.

Antonieta foi outra empregada de Pio. Ela dirigia o automóvel dele e desfilavam assim pela cidade, causando até um certo escândalo, porque não era um comportamento comum na época. A vida deles era diferente de todo mundo. Eles levantavam às 5 horas da manhã, às 10 estavam almoçando, às 5 da tarde, jantando. Então, os empregados também eram diferenciados. Tio Pio era engraçado... Era muito conservador, mas Antonieta dirigia o automóvel dele, um *hupmobile*, 1927.

Lembrei-me de outro fato interessante. Ele tinha aqui um grande amigo, o Paixão, as mulheres também eram muito amigas e charás, as duas se chamavam Zulmira, muito unidas. Houve uma noite um jantar e Tio Pio, no meio da conversa, disse que estava cansado de cuidar da fazenda (a São Francisco), de lidar com muitos empregados e fez outras queixas. O Paixão perguntou: "E por que não vende?". Pio respondeu que se achasse quem lhe desse 200 contos pela fazenda, ele vendia. O Paixão disse na mesma hora: "Pois, então, a fazenda é minha!". "Pois, a fazenda é sua!" – disse Pio, num arroubo. Até o fim do jantar, o assunto arrefeceu e a história foi esquecida.

Naquele tempo, porém, a palavra era coisa muito séria. No dia seguinte, quando abriu o banco, o Paixão foi até lá e fez um depósito na conta de Pio, como sinal da compra da fazenda. Depois foi até a casa de Pio, entregou-lhe o comprovante de depósito e disse:

"Aqui tem esta quantia como sinal de compra e você veja aí quando quer receber o restante."

Pio ficou num desespero total. Foi até a chácara de papai, que era cunhado dele, e minha mãe, uma mulher que tinha uma grande capacidade de interferir nos acontecimentos, era outra personagem, tomando decisões sobre aquilo que ela acreditava ser o certo. Ela ia mesmo em cima. Mamãe disse a Pio: "Você não está arrependido? Pois compre a sua palavra de volta. Pergunte a este canalha quanto ele quer pela sua palavra."

Tio Pio fez isso, mesmo sem ter assinado nenhum documento, nenhum compromisso, nada, a não ser a palavra. Foi até o Paixão e disse: "Quero saber quanto você quer pelo resgate da minha palavra."

Nesse momento, o Paixão mostrou mesmo a falta de caráter ~~que possuía~~ e fez uma enorme lista de exigências, entre outras coisas: um automóvel para ~~ele, outro para~~ o filho dele, mais uma quantia em dinheiro... Uma coisa absurda! Tio Pio cumpriu todas as exigências, indignado com quem julgara ser amigo, mas extremamente feliz porque tinha resgatado a palavra e não tinha perdido a fazenda.

Na verdade, ele comprou um automóvel a mais, um *hupmobile*, 1927, e deu para mamãe. Este foi o carro que na minha adolescência eu circulava por aqui, ~~maravilhoso, com o carro do Tio Pio. O pessoal jovem, a juventude transviada da época, achava o carro cafona, chamava de banheira.~~

Tem uma carta de Pio para o Paixão, depois que ele resgatou a palavra... É de arrepiar! Esta carta está com Antonio Candido... É de uma violência... Muito bem escrita... Na qual ele ~~excomunga~~ e expõe sua raiva contra aquele traidor.

Você conhece a fazenda do conto "O poço"? Aquilo é terrível... Mário e Pio brigaram, porque a primeira versão do conto era mais contundente, mais forte. Depois, Mário amenizou um pouco o personagem, tirou um pouco daquela crueldade terrível.

Tio Pio era um homem diferente. O paletó sempre com seis botões. Foi a primeira pessoa na minha vida que eu vi usar a barra da calça virada para dentro, para não juntar poeira, terra. Os sapatos ele mandava fazer com a parte macia do couro para dentro e o avesso para fora, porque a parte macia é que tinha de ficar em contato com a pele. Ele tinha uma porção de teorias. Tanto é que, uma vez que ele foi à Europa com a tia Zulmira, em Paris ele teve, acho que uma enxaqueca e chamaram um médico famoso para atendê-lo. Durante a consulta, o médico foi percebendo que era um personagem excêntrico, quase psicótico, e pôs o tio Pio num hospital psiquiátrico. É, ele tinha grandes esquisitices!

Essa Fazenda São Francisco, ele vendeu mais tarde, para mim e para o Renato Almeida, nós dois sobrinhos dele. Éramos mocinhos, não tínhamos dinheiro nem para passar a escritura. Trabalhamos muito, chegamos a pagar em banco, mas não houve jeito. Depois de 2 anos, continuávamos devendo a mesma coisa. Pedimos, então, autorização a ele para vender a fazenda, assim podíamos pagar as dívidas, era a única maneira. Ele consentiu e assim foi feito.

Tio Pio tinha muito carinho por mim, porque também o que me levou a vender a fazenda foram umas divergências que começaram a aparecer entre mim e o Renato Almeida. O que tio Pio queria era unir os dois sobrinhos e isto não estava acontecendo. Ele até me disse: "Por que você não compra a parte do Renato Almeida?" E eu respondi:

- Bem, é que a sua intenção era ajudar os dois sobrinhos e o sr. nos vendeu a fazenda nas melhores condições e nós não conseguimos, nem por entendimento, nem por sucesso no negócio, levar a fazenda adiante.

Pra mim foi muito edificante e aí que eu vi que ele tinha muito carinho por mim... Provavelmente porque eu era político!

Em 1935, houve perseguição aos comunistas e o Partido Integralista ficou fortalecido. O governo deu outro golpe de Estado e liquidou o Integralismo. Era uma perseguição muito grande. Em 1937, o Partido Integralista representava muito a classe média... Era Deus, Pátria e Família... A classe média séria, conservadora, reacionária e Integralista, Fascista. Depois de 1945, o Partido Integralista ressurgiu como o Partido de Representação Popular. Havia uma liderança muito saudável até eles fazerem aqui em Araraquara a IV Convenção do PRP, ou PI.

Eu havia entrado para o Partido Socialista pelas mãos do meu querido guru, Antonio Candido. Eu me senti numa situação muito delicada... Era mocinho, idealista, com as minhas leituras de esquerda... Eu cheguei pra papai e disse: "Eu sou presidente do Partido Socialista de Araraquara. O Partido Integralista, disfarçado de Partido da Representação Popular, vai fazer uma convenção aqui e eu preciso fazer alguma coisa. O OS aqui eram cinco pessoas!... Então, eu fiz um manifesto denunciando a reorganização do PI, disfarçado de PRP. Eu era muito audacioso. Fiz o manifesto e mostrei a papai. Os integralistas eram todos amigos de papai. Meu médico, que me tratou desde pequeno, era integralista. Papai leu, disse que não concordava com nada daquilo, mas que era um direito que eu tinha. Fui até o jornal *Folha Democrática*, um pequeno jornal de esquerda que estava nascendo, e o texto foi publicado.

É um costume meu, tomar um copo de leite antes de dormir. Sempre. Naquele dia, eu cheguei em casa meia-noite e não tinha leite... Saí então para comprar. Apesar de já ter acabado a convenção, a cidade ainda estava ocupada. Havia uma tropa de choque de 100 homens da polícia federal. O Dutra mandava acompanhar as reuniões. Eu simplesmente não me lembrei das provocações que havia feito, pelo jornal, e pessoalmente, pois eu fui sozinho assistir à convenção. Sentei no Teatro Municipal e ouvi todos os discursos. Eu era o comunista, o arrogante, o perigoso... Quando me viram caminhando sozinho pela cidade... Aí foi uma surra violenta, de borracha, me jogaram no chafariz da praça... Foi uma pancadaria. Eu jogava muito tênis, era ágil, forte, mas descolou o meu couro cabeludo, minhas costas ficaram marcadas pela borracha. Eu fui embora delirando de satisfação e pensando: agora nós acabamos com o PI, vamos fazer um comício etc.

No dia seguinte de manhã, o tio Pio foi me visitar, me olhou, viu os machucados das minhas costas e provavelmente, naquela hora, ele se lembrou do linchamento dos Britos, um crime terrível que aconteceu naquele mesmo lugar da praça e ao qual tio Pio presenciou. Quando ele, Pio, com 17 anos, morava com o irmão Antonio Lourenço, aconteceu o tumulto na rua e o irmão pediu que Pio fosse ver o que estava acontecendo. Ele saiu e viu a população da cidade retirar de dentro da cadeia 2 presos e matá-los em plena praça, no chafariz da praça central. Ele deve ter pensado: " O meu sobrinho, meu afilhado, poderia ter sofrido o mesmo. Ele se revoltou contra isto, contra os amigos dele que em 1936/37, ele mesmo tinha arriscado o pescoço defendendo-os... Para se ter uma idéia... Na hora da repressão ao Partido Integralista, tio Pio foi até a casa desse meu médico, que era o chefe dos integralistas, assinou um cheque em branco e o entregou à esposa dele para o que precisasse, porque o marido ia ser preso. Foi o pânico aqui. O delegado não era outro senão o irmão do Ministro da Guerra! Só não aconteceram coisas piores, porque papai era amigo do secretário da Segurança Pública em São Paulo, chamava-se Dr. Dráuzio, não me lembro bem. Eles brigaram... queriam pegar papai, mas não podiam porque ele era um homem

muito respeitado... Não tiveram força suficiente para prendê-lo. Diziam: "Vamos pegar esse fazendeirinho um dia e cortar ele de chicote!"

Todas essas lembranças levaram tio Pio a um comportamento tremendamente vilento, até com os amigos mais íntimos, a ponto de romper com todos. Um deles, o meu médico, Renato Guimarães Bastos, foi à casa de Pio na manhã seguinte e este o recebeu de cima da escada da entrada.

-"Pio, o que fizeram com o Renatinho?!". Comentando e lastimando a história.

Pio, lá de cima do alpendre, perguntou:

-"Você veio aqui pra pedir desculpas ou pra quê?

-"Mas..."

-"Pois então volte!". E botou o médico pra fora da chácara.

Depois, eu fiz as pazes com essas pessoas... No mês passado, visitei a última senhora, já bem velhinha. Eu disse a ela:

-"Não sei se a senhora se lembra de mim..."

Ela respondeu:

-"Eu me lembro que tenho muito boa memória!"

O tio Pio brigou até com o *Estadão*, porque o jornal publicou uma notinha meio irônica sobre o meu espancamento e ele escreveu uma carta muito brava, dizendo que tinha visto com os próprios olhos o que tinham feito nas costas do sobrinho dele.

Esse fato do linchamento dos Britos foi um acontecimento muito trágico aqui em Araraquara. Havia dois clãs políticos, de dois fazendeiros da região, inimigos: o coronel Antonio Joaquim de Carvalho (republicano) e o tenente-coronel Joaquim Duarte Pinto Ferraz (monarquista). Em fins de 1896, o delegado da cidade foi desmoralizado por um problema amoroso. Aproveitando-se da situação, os dois clãs ofendiam-se pelo jornal, principalmente por meio do jornalista Rosendo de Souza Brito, também monarquista. Em 1897, o delegado foi absolvido, graças à influência do coronel Antonio Joaquim de Carvalho.

Num sábado, dia 30 de janeiro de 1897, de tardezinha, o coronel viu Rozendo de Souza Brito entrando na farmácia, cujo proprietário era seu tio, Manoel de Souza Brito. Como estava indignado com as ofensas publicadas nesse dia pelo jornal, resolveu tirar satisfações. Foi até a farmácia e começou a agredir o jornalista com sua bengala, o farmacêutico tentou acalmar a situação, mas Rozendo caiu e, como estava armado, atirou no coronel, matando-o.

Rozendo e Manoel foram presos, mas na madrugada do dia 7 de fevereiro, um grupo aliado do coronel assassinado invadiu a cadeia, arrastando-os para fora e no Largo da Matriz eles forma mortos. Os Carvalhos ainda exigiram que os corpos fossem enterrados distantes da cidade e perseguiam quem demonstrasse qualquer atitude em favor dos dois. Hoje, virou o Cemitério dos Britos e há até uma capela no local. Se fez justiça, entre aspas.

O irmão mais velho do tio Pio era casado com a filha de um Carvalho, a Florisbela Carvalho. Eu tenho a impressão que essa reação do tio Pio, uma reação muito forte, deve ter lhe lembrado esse caso do linchamento.

2ª PARTE – CASA DE RENATO ROCHA

Não sei porque ele escolheu o pseudônimo de Mota Coqueiro... Talvez algum personagem... Com certeza, não foi o tio Pio que o inventou, ele tirou de algum lugar. *O Imparcial*, jornal de Araraquara é que tem muita coisa do tio Pio, porque ele escrevia sempre para esse jornal. Principalmente sobre a palavra Araraquara, mas escrevia sobre outras coisas também. Estudava muito Biologia, depois uma parte da biblioteca dele foi para o Instituto Biológico da USP.

Ainda ontem eu estava atrás porque tem um retrato que está com o Antonio Candido... Eu consegui reaver o retrato... Eram 2 retratos: um do tio Pio e outro do escravo Abdias Rocha, feitos pelo mesmo desenhista, a crayon. O Abdias era escravo do pai do tio Pio. Escravo que era de uma seriedade incomparável! Ele acompanhava a tropa que levava mantimentos para a guerra do Paraguai. Chegava lá, entregava o carregamento para o exército, recebia o pagamento, que colocava no alforge e vinha sozinho para entregar ao Antonio Lourenço, o velho comendador, aquela quantia. Muito interessante a relação dos Rochas – escravos com os Rochas Corrêa – fazendeiros, como se integravam.

Eu era muito boêmio e jovem, nem sabia dessa história de tio Pio com a Marcolina. Uma vez, na chácara, tia Zulmira me perguntou:

-"Você também gosta de mulata, meu filho?"... Ela era uma gracinha!

-"Por que, tia?"

-"Porque seu tio gostava ~~muito~~!"

Aí é que eu fui começar a entender a história da Jóia. Era uma mulata bonita e ele um homem rico...Além de ser muito rico, também era bonito. Deve ter sido uma relação muito afetiva dela e dele também, provavelmente. Só que naquele tempo ele não ia se casar com uma mulata, prostituta. Então, quando ficou noivo de tia Zulmira, estava encerrada uma etapa na vida dele. Ele deve ter explicado tudo a ela, pois ele seguia tudo numa estrutura itamaratyana... Cheia de protocolos. Quando eles romperam, ela foi embora para São Carlos.

Passados muitos anos, veio um amigo visitar Pio e disse:

-"Eu tenho uma coisa muito séria pra contar pro senhor: Eu fui a São Carlos, lá na região do meretrício, fui visitar a Jóia e, na sala de visitas, levei até um susto... Está o seu retratão lá!

Ele deve ter ficado desesperado, isso já é uma suposição....Foi para São Carlos, tendo já falado com a tia Zulmira, e resgatou o retrato, esse que eu consegui reaver depois. Ficou com a família... e eu consegui não me lembro como... eu descobri esse retrato... o testemunho do retrato dessa história.

Tio Pio se preparava para os golpes... Essa história de "Eu não morro afogado, pois eu não entro em canoa!" é a única maneira na vida de não ser passado para trás. Ele fazia tudo muito em ordem. Quando dispensava um empregado, deixava tudo por escrito: "Este empregado que está sendo indenizado, foi despedido e recebeu tanto...".

A relação dele com Mário, até a morte de Renato, era normal, coisa de família, pois Pio era muito amigo do pai de Mário, o tio Carlos. Quando morreu o Renato foi terrível, pois ele era toda a esperança da família, todas as atenções se voltavam para ele. Era concertista, jogava futebol. Mário era introvertido. Quando morreu o irmão, Mário achou que ele é que deveria ter morrido, pelo que contam. Caiu numa depressão violenta.

Tio Pio pegou Mário e o levou consigo para Araraquara, deixando-o na fazenda dele, não a São Francisco, a Bueno de Andrade, que era uma fazenda de café... Hoje, pertence aos Malzoni.

Era muito modesta a sede. Eu até morei lá uns tempos. A fazenda tinha uma coisa de espetacular: um bosque de quatro alqueires dessa palmeira que você vai ver aqui na praça... É uma palmeira que eu ouvi dizer que os índios é que trouxeram nos embornais, quando viajavam, porque não é característica aqui de São Paulo, é do Norte, o babaçu.

Mário, que foi sempre um andarilho, desde mocinho, começou a andar aqui pela mata e foi se recuperando. Ficou uns dois meses lá, sem contato com ninguém, só o tio Pio ia lá. Tem até uma carta em que Mário diz que saiu de lá poeta.

Eu levei o pessoal da prefeitura para conhecer essa fazenda, que ficou histórica. Tio Pio fazia, uma vez por ano, um grande almoço e um dos pratos era arroz com palmito de babaçu... Uma coisa deliciosa, sublime! Era o prato básico, porque tinha as carnes, o churrasco. Eu tenho a impressão que esse bosque foi muito importante porque era uma mata quase virgem... Uma mata que não existe... toda de palmeira... Uma beleza! Tinha um rego de água que passava pelo meio, um córrego que não era poluído.

Tio Pio também dizia um versinho, que era assim:

"Nas penas ninguém me iguala,
Com qualquer teimoso eu topo,
Não será de vidro o copo,
Enquanto Deus me der fala.
É de pau, é de pau, é de pau e é de pau
Inda repito
É de pau.
E tenho dito"

A tia Zulmira era outra pessoa extraordinária. Pequenininha, se vestia muito simplesmente. Ela tinha um defeito. Uma escrava deixou ela cair, ou ela caiu do berço e cresceu com um problema na perna, uma era mais curta que a outra, assim ela mancava muito e fazia uma figura diferenciada. Ela usava uns vestidinhos, como uma camisola, estampadinhos, sempre preto e branco e compridos. Usava também uns óculos redondinhos, sempre amarradinhos com barbante. Ela gostava muito de música, tocava piano, mas nessa convivência com tio Pio, ela se escravizou. As pessoas para conviver com ele tinham que seguir os estatutos dele, Ela nem tocou mais piano.

Tia Zulmira teve uma grande paixão, o rapaz se chamava Alfredo. Não deixaram que ela casasse com ele, porque ele era boêmio. Até no final da vida, ela dizia: "Eu gostava era do Alfredinho!"

Ela não podia ter filhos por causa desse problema na perna, era alegre, uma doceira extraordinária. A palavra "merda", eu ouvi pela primeira vez da boca de tia Zulmira. Ela batia um sino para chamar os empregados, um deles era o Alberto Menabue, e o Antonio, que foi o grande confidente dela. Antonio contava tudo que se passava na cidade enquanto a ajudava a arrumar a cama. Ele foi o cão de guia dela... Quando ela ficou doente, no final da vida, era ele que dormia ao lado dela, era quem dava banho, trocava a roupa, dava comida. Esse Antonio casou-se, ficou viúvo, casou-se novamente com uma senhora já bem madura, uma parteira da cidade, e eu fui padrinho de casamento deles, entrei com ela na igreja, vestida de noiva, apesar da idade.

8

Ela me fez herdeiro universal dos bens deles e me disse: "Eu sei que, deixando pra você, nenhum sobrinho meu passará dificuldade". Eu procurei seguir os desígnios dela.

Ah! A tia Zulmira tinha alegria em bater o sino... Quando chamava algum empregado, ela batia o sino com um vigor impressionante!

Tinha o pesqueiro da Grama que o tio Pio deixou para o Caito até... que é o cenário do conto "O poço". Tinha a São Francisco e tinha a chácara. A Fazenda São Francisco ele comprou numa liquidação da Casa Comissária que ele teve em Santos.

Tio Pio não se transformou nesse homem do nada. Ele queria ser diplomata. Teria sido uma personalidade marcante na diplomacia brasileira. O pai dele, Joaquim Lourenço, já tinha dividido todos os seus bens, quando se casou com a Rita, com quem ele só teve um filho, que foi o tio Pio. Deixou também um número grande de ações que eram para a educação de Pio. O Antonio, irmão mais velho dele, foi seu tutor. Ele foi estudar em São Paulo e, quando estava fazendo o preparatório, me parece, o Antonio escreveu uma carta, até desumana, dizendo: "É bom você parar seus estudos e voltar, se não o dinheiro vai acabar". Pio voltou para Araraquara, começou a trabalhar, depois foi para a Casa Comissária de Santos. Quando ele liquidou a Casa Comissária, ficou com a Fazenda São Francisco e montou uma fazenda muito bem organizada.

Lourdes foi minha grande paixão. Menino de 5 ou 6 anos, eu era maluco por ela. Quando ela se casou, eu fiquei perdido. Demorou para eu conseguir engolir o Eduardo, marido dela.

Pio de Almeida era irmão de Leite Moraes e tinha duas filhas: Luci e Cecília.

Um dia eu disse pro tio Pio: " O senhor não tem herdeiros... Pra quem o senhor vai deixar tudo isso? Por que o senhor não faz uma doação para a Santa Casa? Seu irmão Antonio foi o construtor do hospital, fez um pavilhão com o nome da esposa dele, Florisbela, que morreu ali, um benfeitor extraordinário!"

Tio Pio concordou:

- "É uma boa idéia essa que você está me dando."
- "Posso trazer o Dr. Fortes, advogado, aqui?"
- "Pois traga o Dr. Fortes."

Procurei o Dr. Fortes, contei tudo a ele, que também achou uma boa idéia, e fomos até lá uma noite. Conversamos bastante, tudo estava se encaminhando para a realização do acerto, até que tio Pio pergunta:

- "Dr. Fortes, e se eu mudar de idéia?"
- "O senhor não pode mudar, pois é uma escritura pública."
- "Pois, então, eu não dou nada pra ninguém! Quando eu morrer, meu caixão sai por uma porta, vocês entrem pela outra e façam o que quiserem com as coisas que me sobraram."

Acabei eu sendo o beneficiário. Ele não admitia a possibilidade de alguém interferir na vida dele, a não ser com o consentimento dele.

Ele chegou a fazer um Manual de Administração de uma Fazenda. Está com Antonio Candido. Ele dialoga com o administrador, dizendo a cada dia, o que precisa ser feito, de 2ª a domingo. E a fazenda dele era simples, a sede modesta... Ele nunca morou lá. Quando ia fazer o pagamento dos funcionários, ele fazia um comboio. Ele ia na frente com

o carro e o motorista e atrás ia um caminhãozinho. uma ramona. com um empregado. este armado.

Tio Pio era um homem tão extraordinário que, mesmo sem ser milionário, é claro que era rico. tinha fazendas. não tinha filhos... Era muito bem estruturada a vida dele. Ele criou um padrão de vida principesco. Você abria a geladeira da casa dele e tinha só iguarias: doces feitos por tia Zulmira, que eram uma coisa fantástica! Tinha filé mignon de gado caracu, que ele criava para uso dele, porque ele tinha uma grande cisma com a importação de gado indiano, que tinha duas coisas ruins: dava uma carne de má qualidade e era um boi cruzado, não era um boi europeu... E o caracu era robusto e está aí voltando, quase 100 anos depois e provando a sua qualidade. Pio tinha também carneiros no pasto, umas 50 ou 60 cabeças, para uso dele. Então tinha também carne de carneiro na geladeira... os cortes de gado caracu... os doces maravilhosos... e peixe do Pesqueiro da Grama, o trairão. A mesa era farta. Mário gostava, pois passava muito bem nas férias. Ele vinha e se recuperava, com os horários rígidos, a disciplina.

O porão da chácara não era habitável, todos os encanamentos passavam por ele, não eram enterrados... Tudo tinha lógica para o tio Pio: "Como é que você vai enterrar um cano que, de repente, pode furar? Como faz para consertar?". Então todos os canos ficavam expostos no porão, de modo que qualquer vazamento era muito fácil de resolver. No fundo do porão, havia dois cômodos de pedra, cimentados, provavelmente era onde ele guardava os livros.

Quando tio Pio morreu, a tia Zulmira não quis mais voltar para a chácara. Ela ficou uns tempos na casa de mamãe e eu construí para ela uma casa muito boa, num terreno que pertencia ao Antonio Geia. Quando eu terminei de construir a casa, ela se mudou e ficou lá até morrer.

Tio Pio teve um pouco de esclerose no final da vida... Eles morreram velhinhos... de nenhuma doença especial.

O Antonio ia todos os dias ver a tia Zulmira. Ela morreu segurando a mão dele. Todo dia, ela subia na caminhonete do Antonio e dava uma volta pela chácara, no final do almoço. Júlia era a mulher do Antonio Géia. Ela na tinha preconceitos com as pessoas "mal faladas" na cidade... recebia muito bem todas elas. Tinha até uma amiga separada do marido... Era escandaloso na época.

Tio Pio gostava muito de moças bonitas... Falavam... Antonieta era empregada dele, era bonita e dirigia o carro. Mas ele nem tomava conhecimento,. E gostava de ficar conversando numa roda de moças. Eu achava que isso era coisa de tio Pio, mas hoje eu vejo que é coisa de velho! Na juventude ele foi muito boêmio, mas depois que se casou com tia Zulmira, nunca mais...

Numa das viagens que ele fez para a Europa, ele comprou uma banheira e uma pia, acho que na Bélgica. Há até um erro... quando Mário disse que escreveu *Macunaíma* no banheiro e todos dizem que foi na banheira! Pois bem tio Pio comprou-a e despachou para o Brasil. Veio no navio com ele. Aqui em Araraquara tinha um grande amigo dele que era o Francisco Vaz, cego, pai do Chiquinho Vaz. Quando soube da história da banheira, ele ficou maluco. Foi um reboliço na cidade, todos falando da banheira... Uma banheira da Bélgica! E Pio confirmou: a banheira vai chegar amanhã, pelo trem da Paulista. O Francisco Vaz chamou tio Pio e disse:

-"Você tem que passar por aqui, porque eu quero ver essa banheira!"

A família do Chico montou um jirau, trouxeram a banheira que foi colocada em cima dessa estrutura e o Chico Vaz apalpou a banheira todinha. A grande coisa que o tio Pio trouxe da Europa. Juntamente com a banheira veio também uma bacia pra que fosse presenteada Da. Izabel, hoje de minha saudosa Heloisa

A banheira ~~continua~~ permaneceu na chácara que hoje, graças a uma doação de Elcieth Salviati, cumprindo o desejo de seu marido Waldemar Salviati pertence à Unesp.

Araraquara 13/06 2006

Oi Beije

Melhora com o problema do joelho resolvido, e com uma melhora lenta da visão de Helena, ainda ando morrendo pra viajar de um sério desgaste na bacia. Pouco esca pam dessas dores, como dizia Tio Pio: "Aqui você vai chegar... ou a vida lhe vai vencer" Mas nada disso justifica o atraso nas respostas das cartas na minha palavra. Por isso me perdoe.

Junto a cópia bilhete as anotações que fiz e que espero que você consiga decifrar.

Grande abraço

J. Roberto

(1) Creio que todas suas "defesas" estabelecidas num gesto instintivo e único de vingança, se fortaleceram no instante em que seu irmão mais velho, Marco Antonio, seu tutor, o fez voltar para Araçuaia, e abandonando os estudos preparatórios para ingressar na carreira diplomática. Isso em razão, dos reveses ocorridos pelo seu pai enquanto acabrunhado. Nesta época ele morava em casa dos pais de Márcio, tendo se tornado grande amigo de tio Carlos.

Mais tarde casou-se com Tia Lucinha (Tia Mila) uma de suas irmãs de mãe, com quem morou toda sua vida adulta.

(2)

Depois de 1945, com a redemocratização, os integralistas ressurgiram sob a direção do PRP (partido de representação popular) Pessoas influentes da classe média, profissionais liberais formaram um forte núcleo do Partido, que contava com um contingente razoável. Quase todos muito amigos de minha família, dentre os quais se destacava meu médico desde criança Dr. Castor. Por todas essas razões o PRP resolveu fazer o V Congresso Nacional na cidade com grande apoio da média regional. Teria sido um sucesso.

Procurei os jornais para publicar o manifesto, na esfera da competência. Autoridades, - Imprensa e o Deputado, se negaram. Mas havia um jornalzinho, creio que semanal de uma ala mais à esquerda do MDB que decidiu publicar.

(4) - É uma palmeira muito comum em certas regiões do norte, principalmente no Maranhão.
Segundo Teodoro Sampaio, deve ter sido fugida por índios nômades que um dia acamparam às margens do rio Itapecuru, e deixaram cair algumas castanhas que usavam na sua alimentação.

(5) Uma mata como não existe outra igual em Santo.

(6) Fiz com esse espírito que ele lhe ofereceu 3 edições da monografia da palmeira Babaçu para provar que aquilo é a Mozada, do Prof. [illegible] Sampaio.

RENATO CORREIA ROCHA

(7) (6)

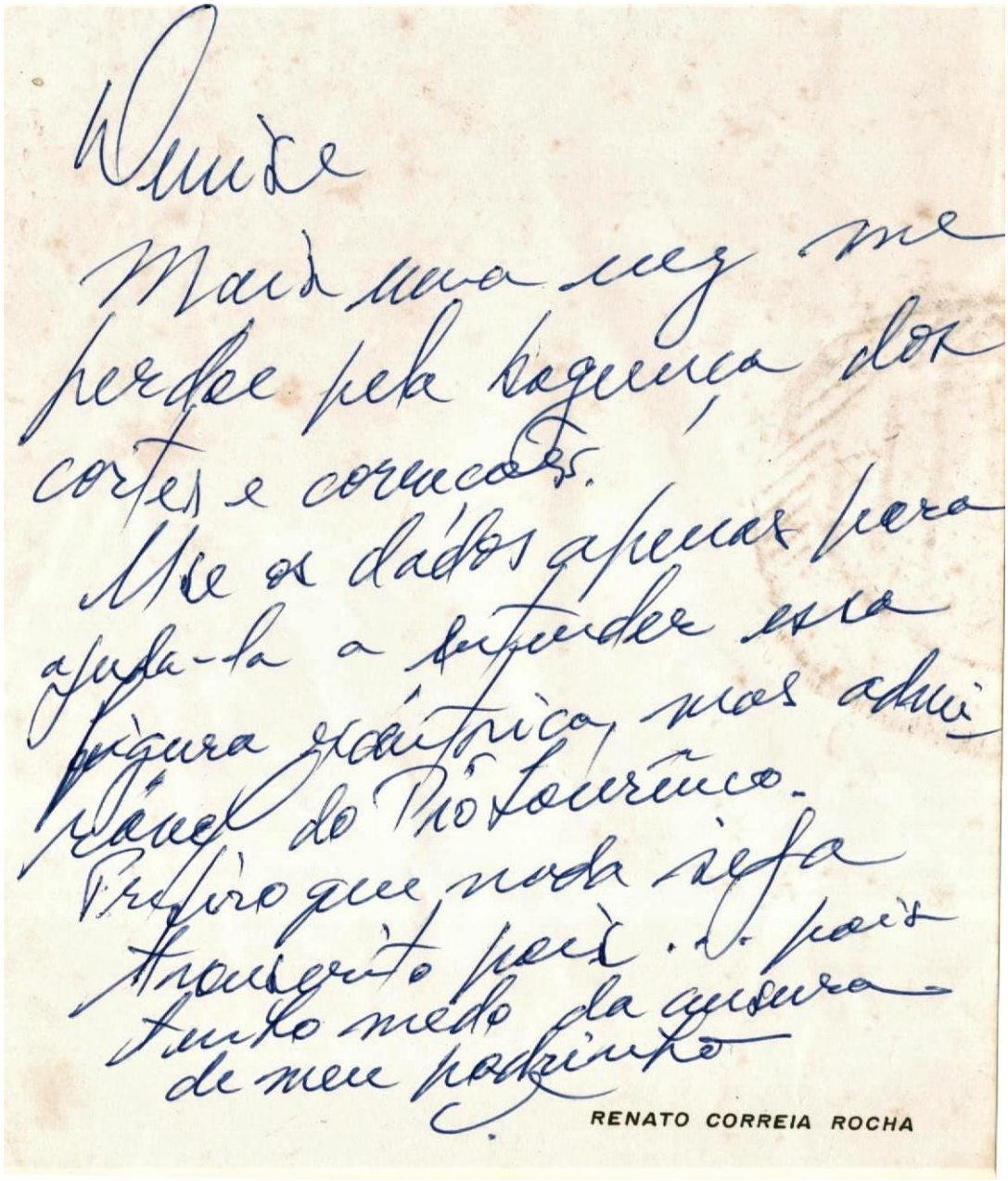
Ela embora fosse na melhor
mistura magrinha, de aparencia
fragil, quando batia o sino
pra chamar algum empregado
(cada um tinha o seu som) era
de uma energia inesperada.

(8) (7) No final da vida, o Antonio
tornou-se motorista, e ficou sabendo
de notícias sobre as
coisas que lhe interessavam,
passadas na cidade.

Ilsa da Correia Rocha

nasc em Santos em 15 Janeiro de 1894

e morreu em 10 de Março de 1980 na cidade ~~[illegible]~~ Guarujá onde passou grande parte de sua vida. Grande parte dela, na fazenda Sta Izabel adquirida logo após o casamento em 1915.


Renato

Mais uma vez me perdoe pela ligeireza dos cortes e correções.

Use os dados q queira para ajuda-la a entender essa figura grotesca, mas adoro Daniel do Nascimento.

Prefiro que nada seja mencionado para não tirar o medo da censura de meu padrinho

RENATO CORREIA ROCHA

E EXPOSIÇÃO DO SESC DE ARARAQUARA: "INFINITO INTERIOR" (2009)

Material informativo e ilustrativo, disponibilizado ao público, em formato de fichas, sobre Pio Lourenço Corrêa na exposição realizada pelo Serviço Social do Comércio – SESC de Araraquara/SP, durante o lançamento do livro *Pio & Mário:* diálogo da vida inteira (Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC, 2009). As informações para a exposição e o livro foram baseadas em GUARANHA, Denise Landi Corrales. *A riqueza nas diferenças:* edição fidedigna e anotada da correspondência Mário de Andrade & Pio Lourenço Corrêa (1917-1945). Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2007.

Figura 45: Ficha n.1 (frente)



Figura 46: Envelope em papel vegetal para montar e guardar as fichas da exposição.

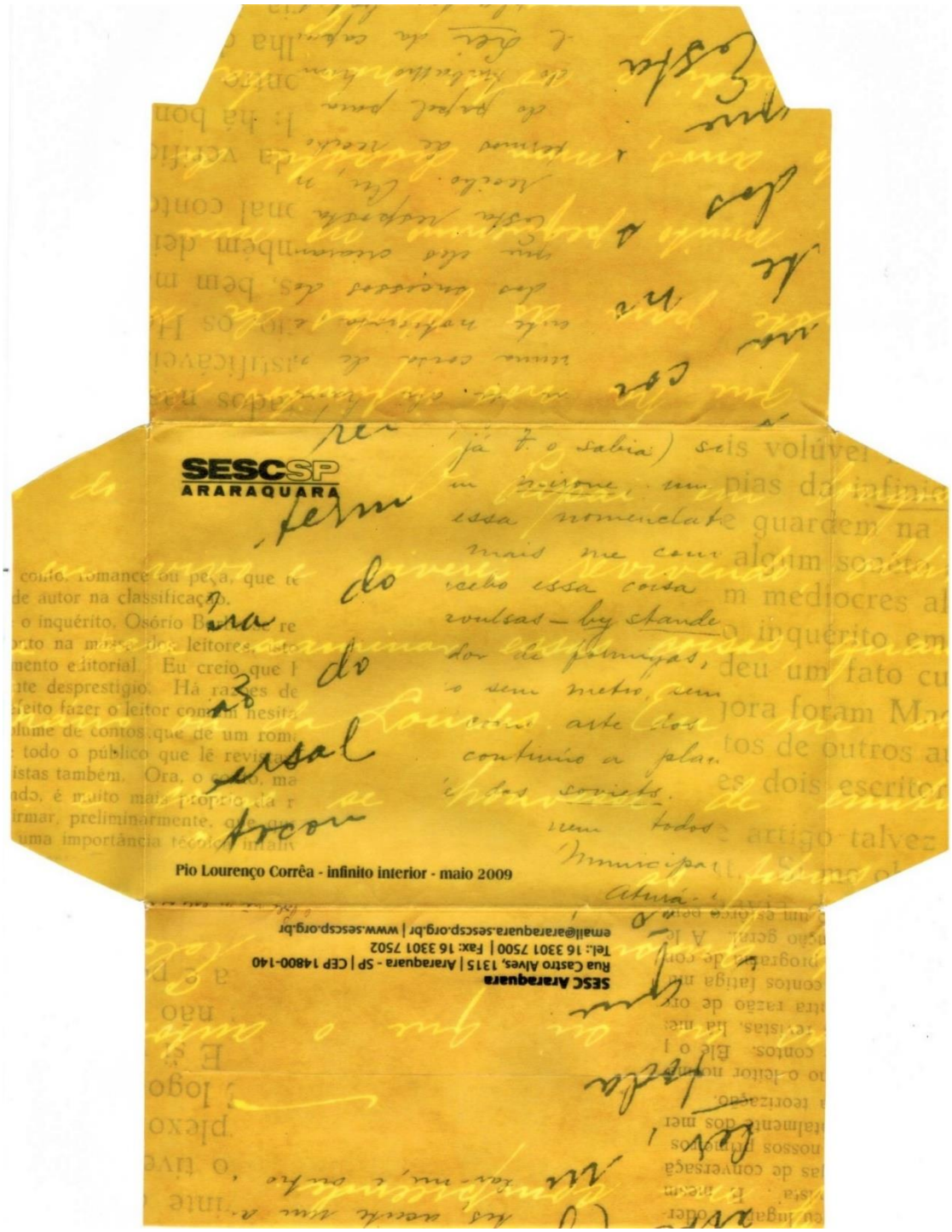
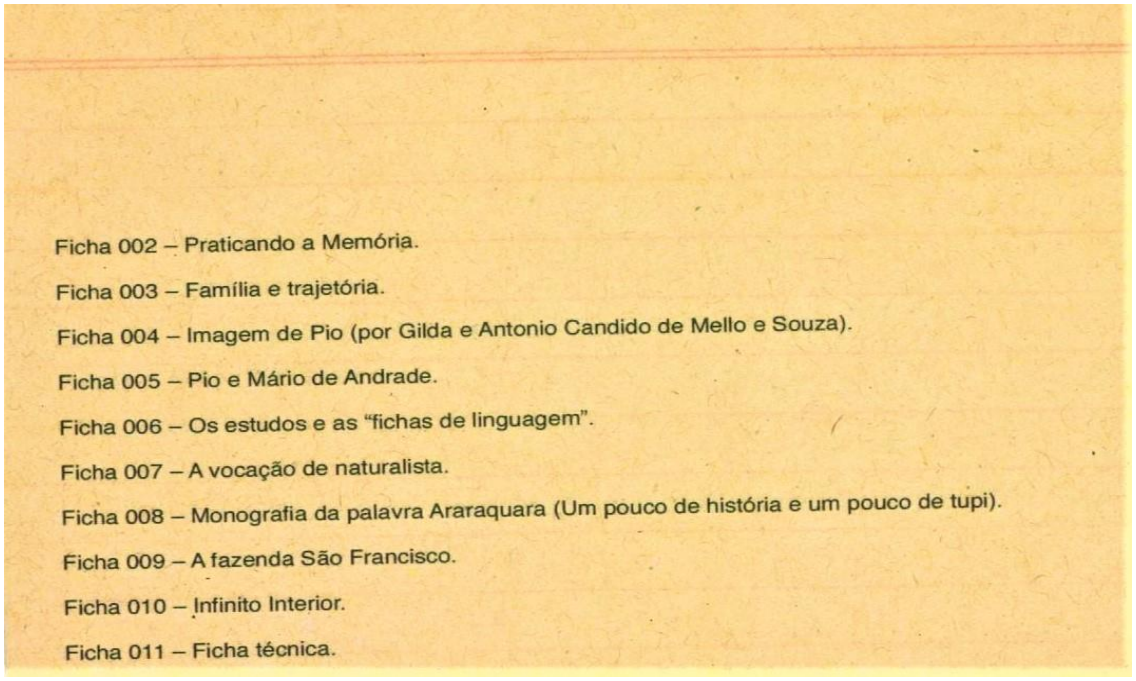


Figura 47: Ficha n. 1 (verso)



Ficha 002 – Praticando a Memória.

Ficha 003 – Família e trajetória.

Ficha 004 – Imagem de Pio (por Gilda e Antonio Candido de Mello e Souza).

Ficha 005 – Pio e Mário de Andrade.

Ficha 006 – Os estudos e as "fichas de linguagem".

Ficha 007 – A vocação de naturalista.

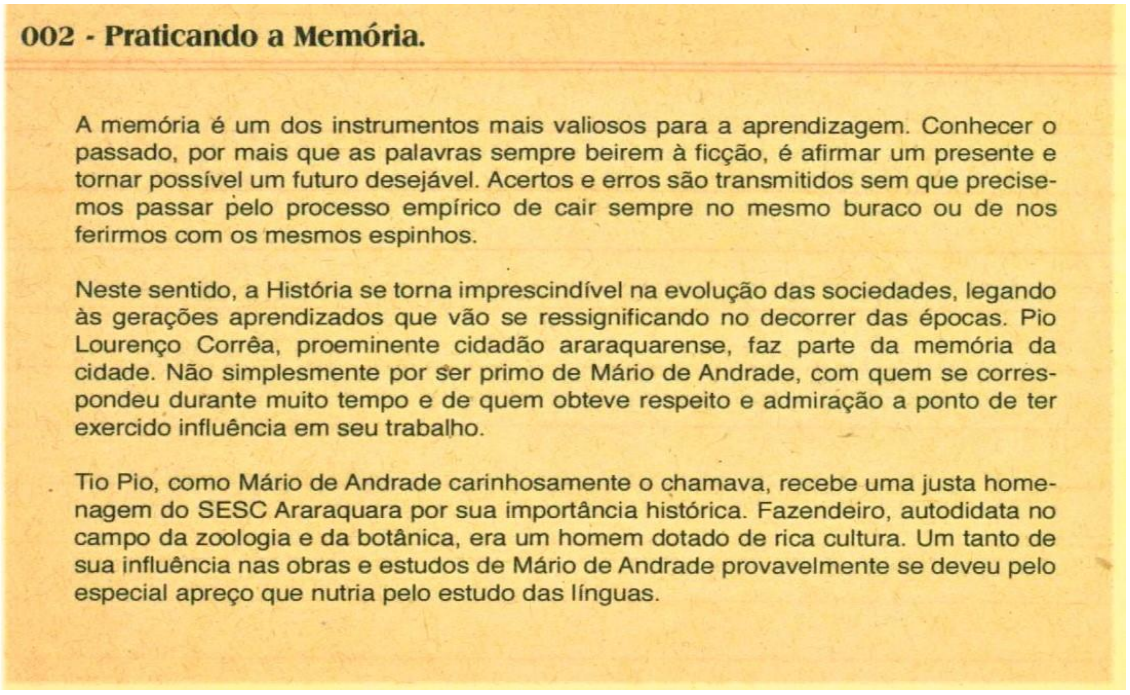
Ficha 008 – Monografia da palavra Araraquara (Um pouco de história e um pouco de tupi).

Ficha 009 – A fazenda São Francisco.

Ficha 010 – Infinito Interior.

Ficha 011 – Ficha técnica.

Figura 48: Ficha n. 2 (frente)



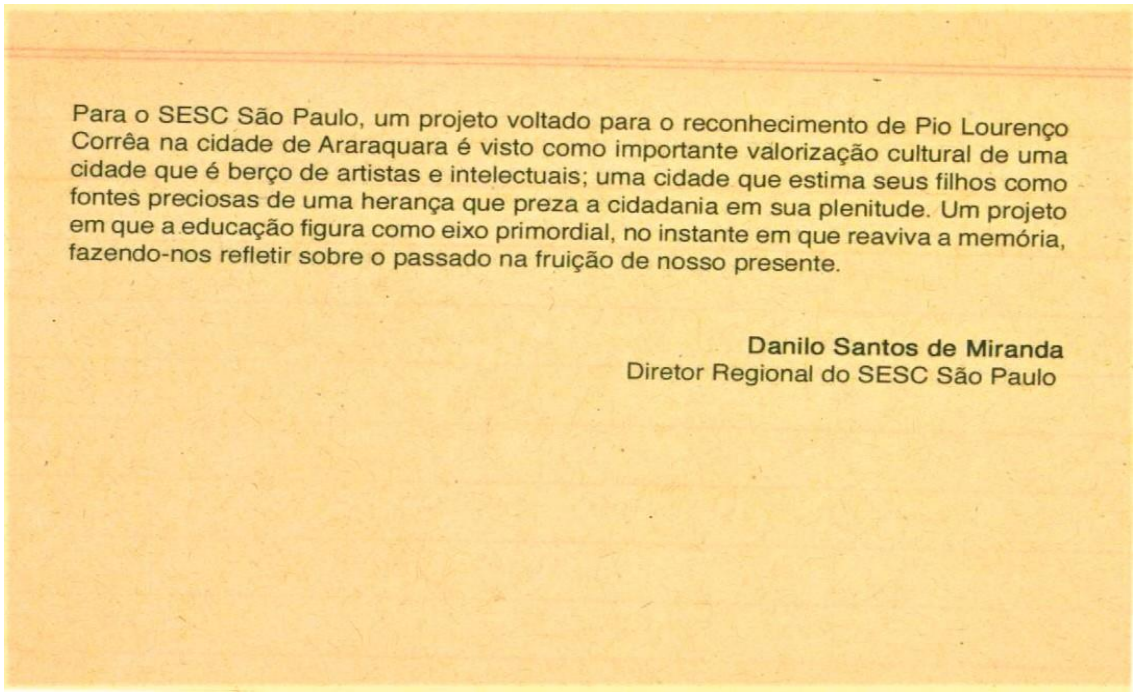
002 - Praticando a Memória.

A memória é um dos instrumentos mais valiosos para a aprendizagem. Conhecer o passado, por mais que as palavras sempre beirem à ficção, é afirmar um presente e tornar possível um futuro desejável. Acertos e erros são transmitidos sem que precisemos passar pelo processo empírico de cair sempre no mesmo buraco ou de nos ferirmos com os mesmos espinhos.

Neste sentido, a História se torna imprescindível na evolução das sociedades, legando às gerações aprendizados que vão se ressignificando no decorrer das épocas. Pio Lourenço Corrêa, proeminente cidadão araraquarense, faz parte da memória da cidade. Não simplesmente por ser primo de Mário de Andrade, com quem se correspondeu durante muito tempo e de quem obteve respeito e admiração a ponto de ter exercido influência em seu trabalho.

Tio Pio, como Mário de Andrade carinhosamente o chamava, recebe uma justa homenagem do SESC Araraquara por sua importância histórica. Fazendeiro, autodidata no campo da zoologia e da botânica, era um homem dotado de rica cultura. Um tanto de sua influência nas obras e estudos de Mário de Andrade provavelmente se deveu pelo especial apreço que nutria pelo estudo das línguas.

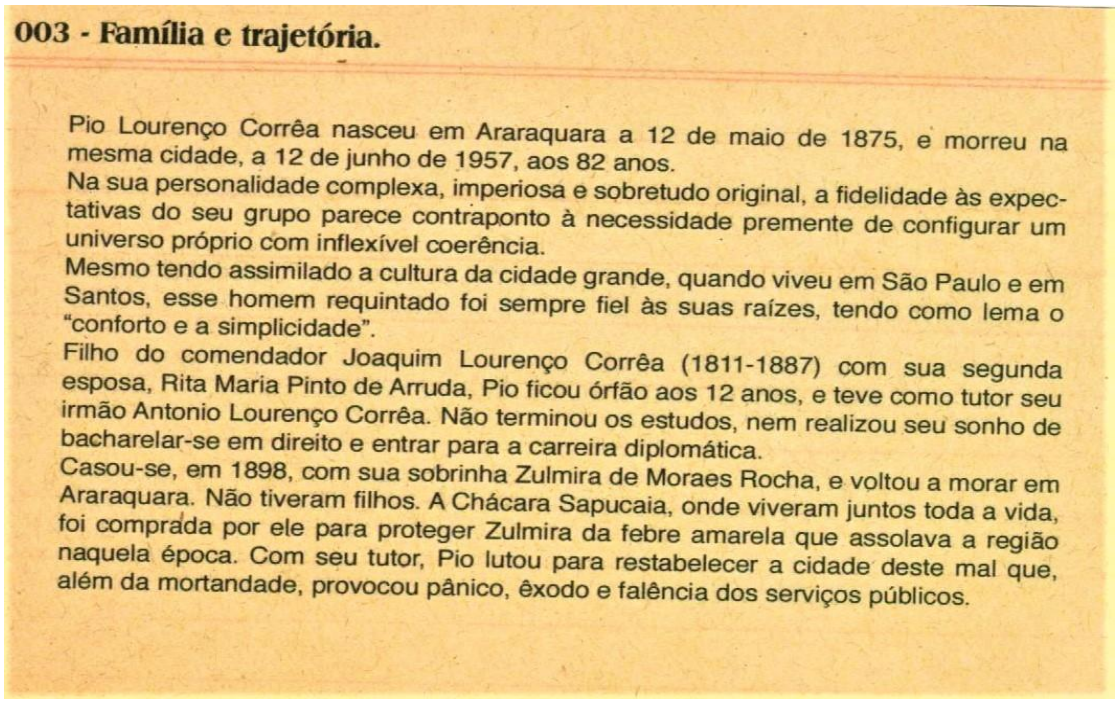
Figura 49: Ficha n.2 (verso)



Para o SESC São Paulo, um projeto voltado para o reconhecimento de Pio Lourenço Corrêa na cidade de Araraquara é visto como importante valorização cultural de uma cidade que é berço de artistas e intelectuais; uma cidade que estima seus filhos como fontes preciosas de uma herança que preza a cidadania em sua plenitude. Um projeto em que a educação figura como eixo primordial, no instante em que reaviva a memória, fazendo-nos refletir sobre o passado na fruição de nosso presente.

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do SESC São Paulo

Figura 50: Ficha n.3 (frente)



003 - Família e trajetória.

Pio Lourenço Corrêa nasceu em Araraquara a 12 de maio de 1875, e morreu na mesma cidade, a 12 de junho de 1957, aos 82 anos.
Na sua personalidade complexa, imperiosa e sobretudo original, a fidelidade às expectativas do seu grupo parece contraponto à necessidade premente de configurar um universo próprio com inflexível coerência.
Mesmo tendo assimilado a cultura da cidade grande, quando viveu em São Paulo e em Santos, esse homem requintado foi sempre fiel às suas raízes, tendo como lema o "conforto e a simplicidade".
Filho do comendador Joaquim Lourenço Corrêa (1811-1887) com sua segunda esposa, Rita Maria Pinto de Arruda, Pio ficou órfão aos 12 anos, e teve como tutor seu irmão Antonio Lourenço Corrêa. Não terminou os estudos, nem realizou seu sonho de bacharelar-se em direito e entrar para a carreira diplomática.
Casou-se, em 1898, com sua sobrinha Zulmira de Moraes Rocha, e voltou a morar em Araraquara. Não tiveram filhos. A Chácara Sapucaia, onde viveram juntos toda a vida, foi comprada por ele para proteger Zulmira da febre amarela que assolava a região naquela época. Com seu tutor, Pio lutou para restabelecer a cidade deste mal que, além da mortandade, provocou pânico, êxodo e falência dos serviços públicos.

Figura 51: Ficha n. 3 (verso)

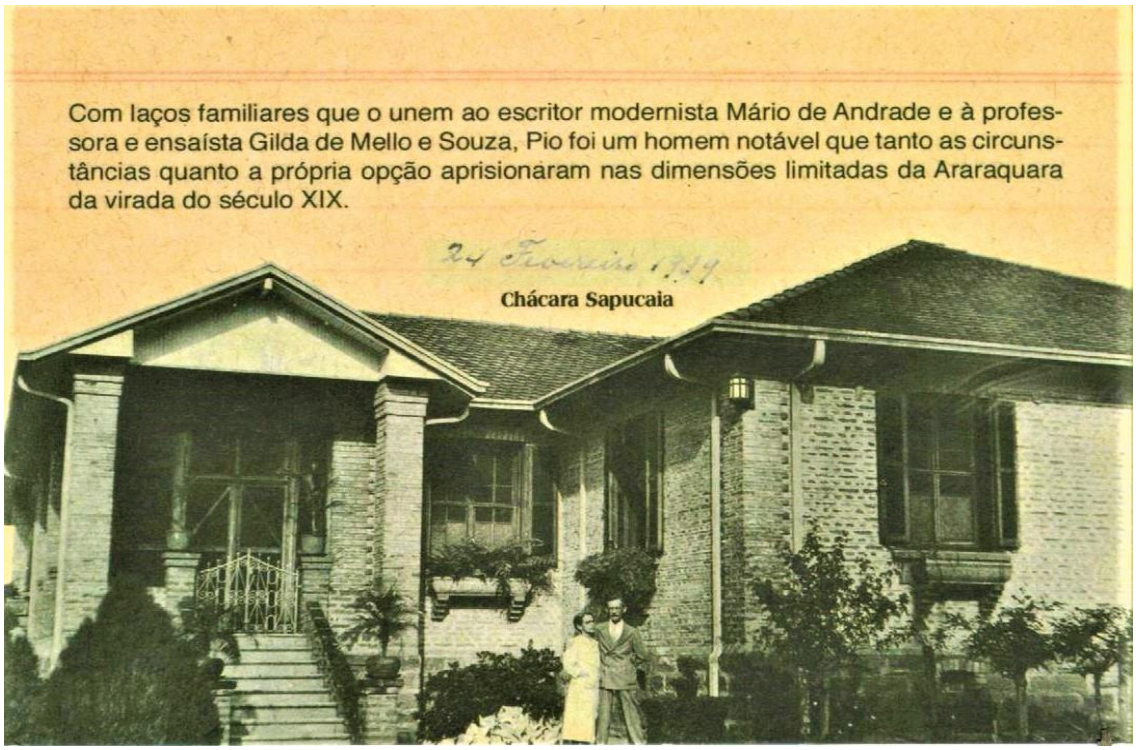


Figura 52: Ficha n.4 (frente)

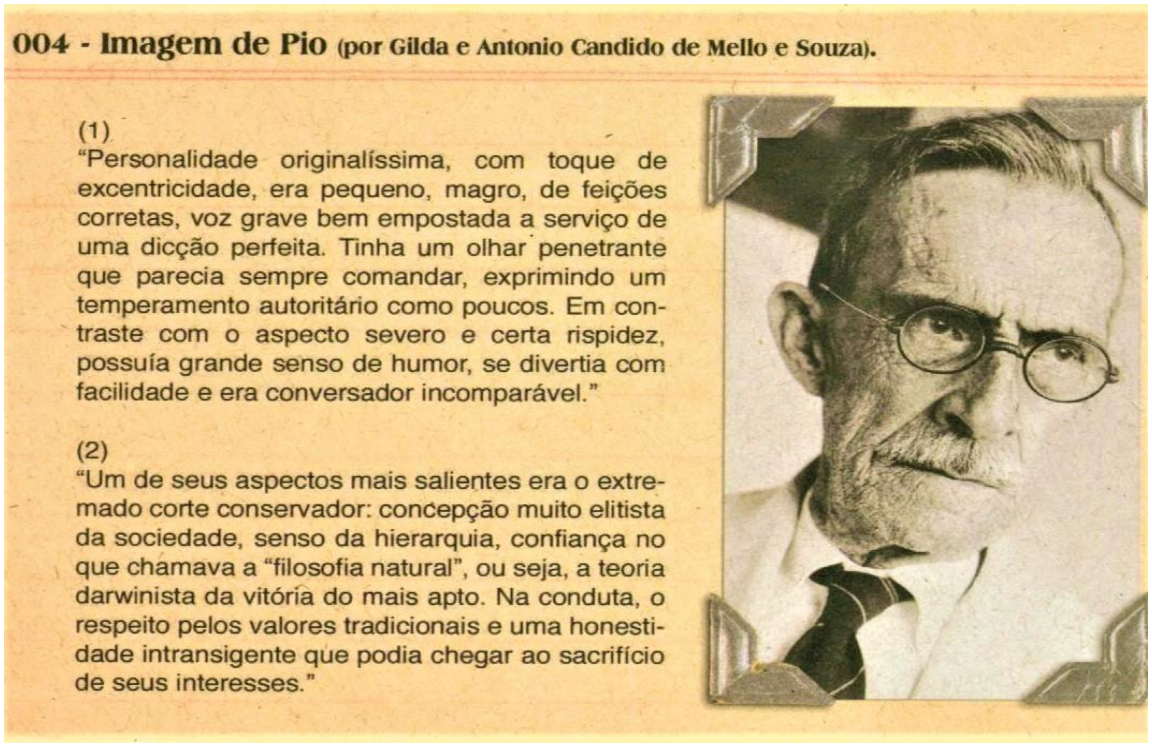
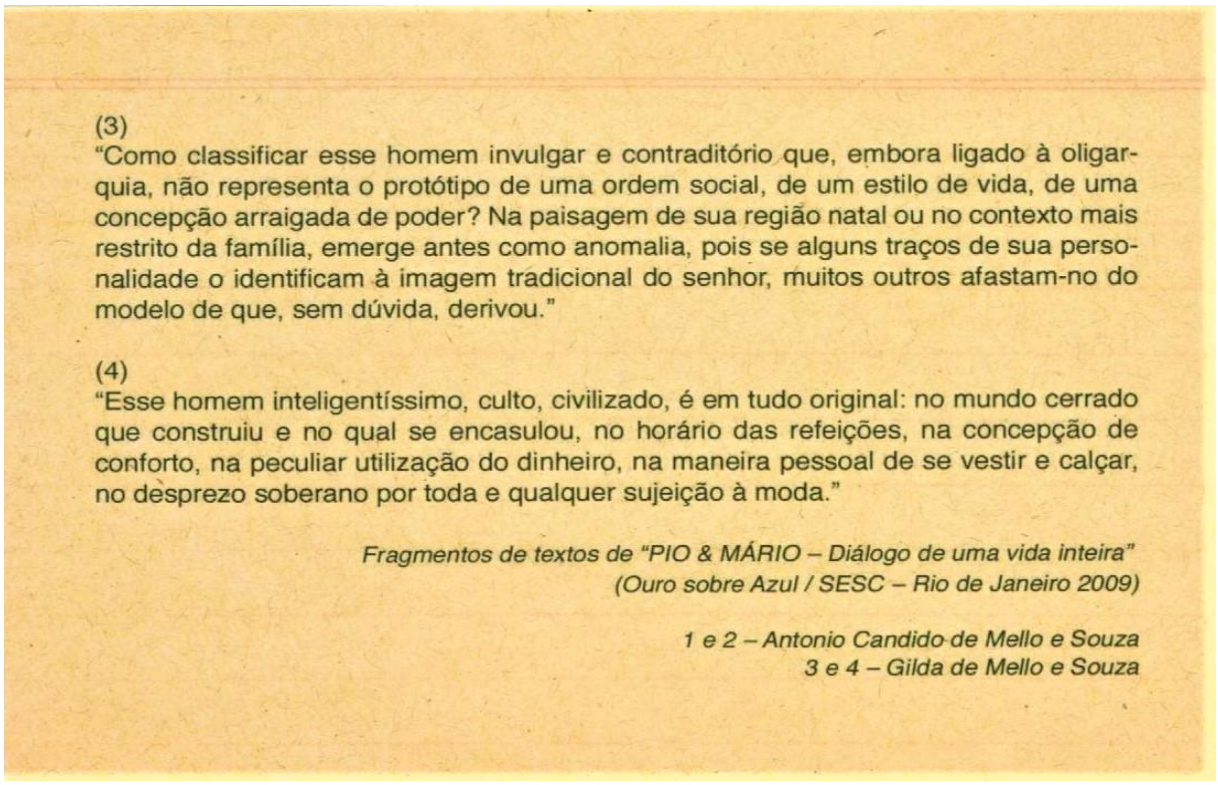


Figura 53: Ficha n. 4 (verso)



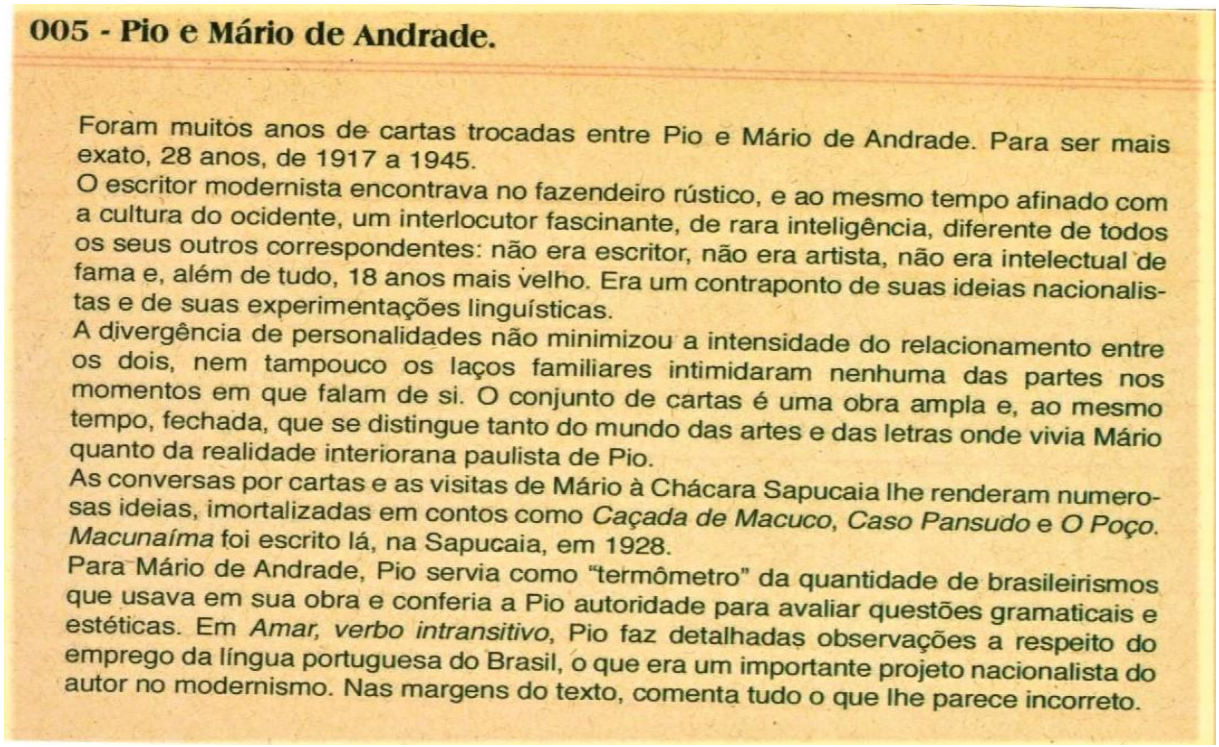
(3)
"Como classificar esse homem invulgar e contraditório que, embora ligado à oligarquia, não representa o protótipo de uma ordem social, de um estilo de vida, de uma concepção arraigada de poder? Na paisagem de sua região natal ou no contexto mais restrito da família, emerge antes como anomalia, pois se alguns traços de sua personalidade o identificam à imagem tradicional do senhor, muitos outros afastam-no do modelo de que, sem dúvida, derivou."

(4)
"Esse homem inteligentíssimo, culto, civilizado, é em tudo original: no mundo cerrado que construiu e no qual se encasulou, no horário das refeições, na concepção de conforto, na peculiar utilização do dinheiro, na maneira pessoal de se vestir e calçar, no desprezo soberano por toda e qualquer sujeição à moda."

Fragmentos de textos de "PIO & MÁRIO – Diálogo de uma vida inteira"
(Ouro sobre Azul / SESC – Rio de Janeiro 2009)

1 e 2 – Antonio Candido de Mello e Souza
3 e 4 – Gilda de Mello e Souza

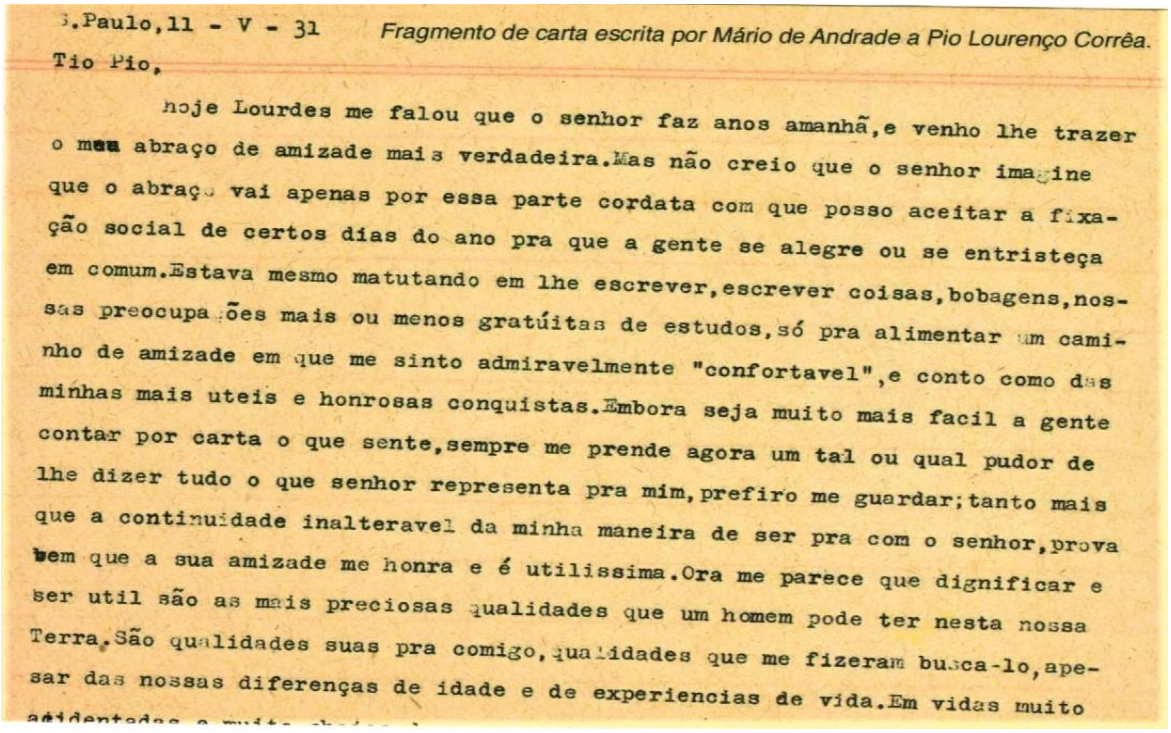
Figura 54: Ficha n.5 (frente)



005 - Pio e Mário de Andrade.

Foram muitos anos de cartas trocadas entre Pio e Mário de Andrade. Para ser mais exato, 28 anos, de 1917 a 1945.
O escritor modernista encontrava no fazendeiro rústico, e ao mesmo tempo afinado com a cultura do ocidente, um interlocutor fascinante, de rara inteligência, diferente de todos os seus outros correspondentes: não era escritor, não era artista, não era intelectual de fama e, além de tudo, 18 anos mais velho. Era um contraponto de suas ideias nacionalistas e de suas experimentações linguísticas.
A divergência de personalidades não minimizou a intensidade do relacionamento entre os dois, nem tampouco os laços familiares intimidaram nenhuma das partes nos momentos em que falam de si. O conjunto de cartas é uma obra ampla e, ao mesmo tempo, fechada, que se distingue tanto do mundo das artes e das letras onde vivia Mário quanto da realidade interiorana paulista de Pio.
As conversas por cartas e as visitas de Mário à Chácara Sapucaia lhe renderam numerosas ideias, imortalizadas em contos como *Caçada de Macuco*, *Caso Pansudo* e *O Poço*. *Macunaíma* foi escrito lá, na Sapucaia, em 1928.
Para Mário de Andrade, Pio servia como "termômetro" da quantidade de brasileirismos que usava em sua obra e conferia a Pio autoridade para avaliar questões gramaticais e estéticas. Em *Amar, verbo intransitivo*, Pio faz detalhadas observações a respeito do emprego da língua portuguesa do Brasil, o que era um importante projeto nacionalista do autor no modernismo. Nas margens do texto, comenta tudo o que lhe parece incorreto.

Figura 55: Ficha n. 5 (verso)

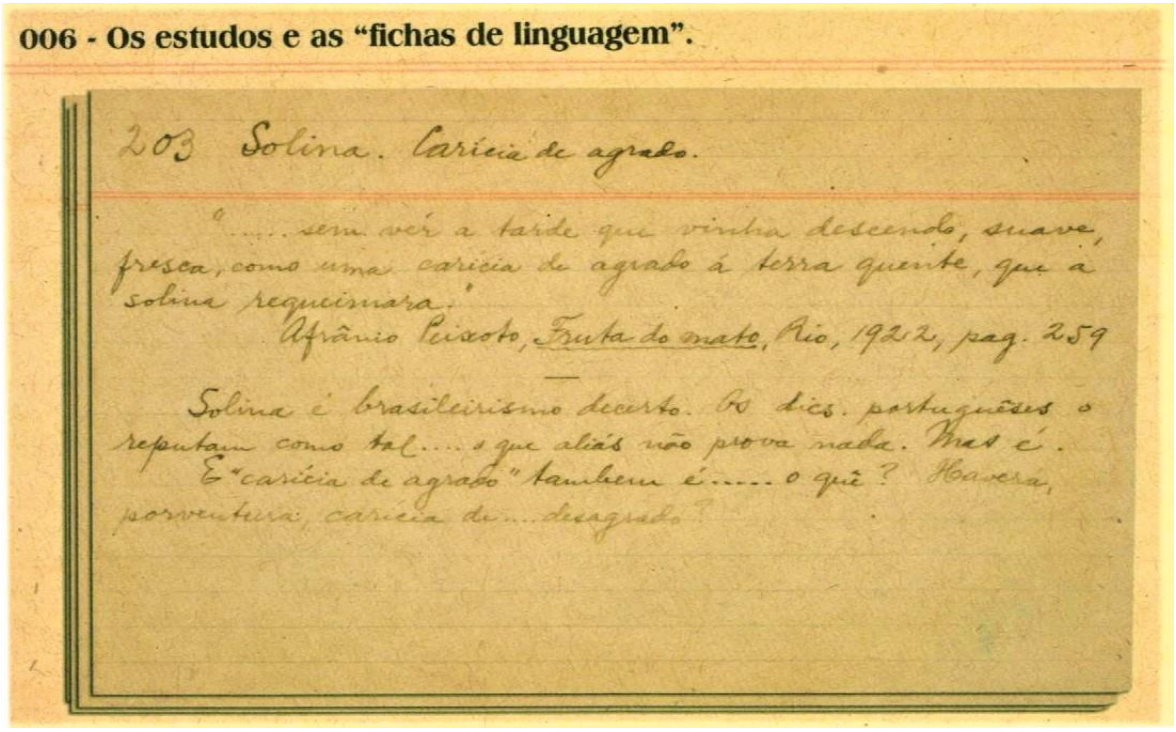


S.Paulo, 11 - V - 31 *Fragmento de carta escrita por Mário de Andrade a Pio Lourenço Corrêa.*

Tio Pio,

Hoje Lourdes me falou que o senhor faz anos amanhã, e venho lhe trazer o meu abraço de amizade mais verdadeira. Mas não creio que o senhor imagine que o abraço vai apenas por essa parte cordata com que posso aceitar a fixação social de certos dias do ano pra que a gente se alegre ou se entristeça em comum. Estava mesmo matutando em lhe escrever, escrever coisas, bobagens, nossas preocupações mais ou menos gratúitas de estudos, só pra alimentar um caminho de amizade em que me sinto admiravelmente "confortavel", e conto como das minhas mais uteis e honrosas conquistas. Embora seja muito mais facil a gente contar por carta o que sente, sempre me prende agora um tal ou qual pudor de lhe dizer tudo o que senhor representa pra mim, prefiro me guardar; tanto mais que a continuidade inalteravel da minha maneira de ser pra com o senhor, prova bem que a sua amizade me honra e é utilissima. Ora me parece que dignificar e ser util são as mais preciosas qualidades que um homem pode ter nesta nossa Terra. São qualidades suas pra comigo, qualidades que me fizeram busca-lo, apesar das nossas diferenças de idade e de experiencias de vida. Em vidas muito

Figura 56: Ficha n.6 (frente)



006 - Os estudos e as "fichas de linguagem".

203 Solina. Carícia de agrado.

"..... sem vêr a tarde que vinha descendo, suave, fresca, como uma carícia de agrado á terra quente, que a solina requeimara."

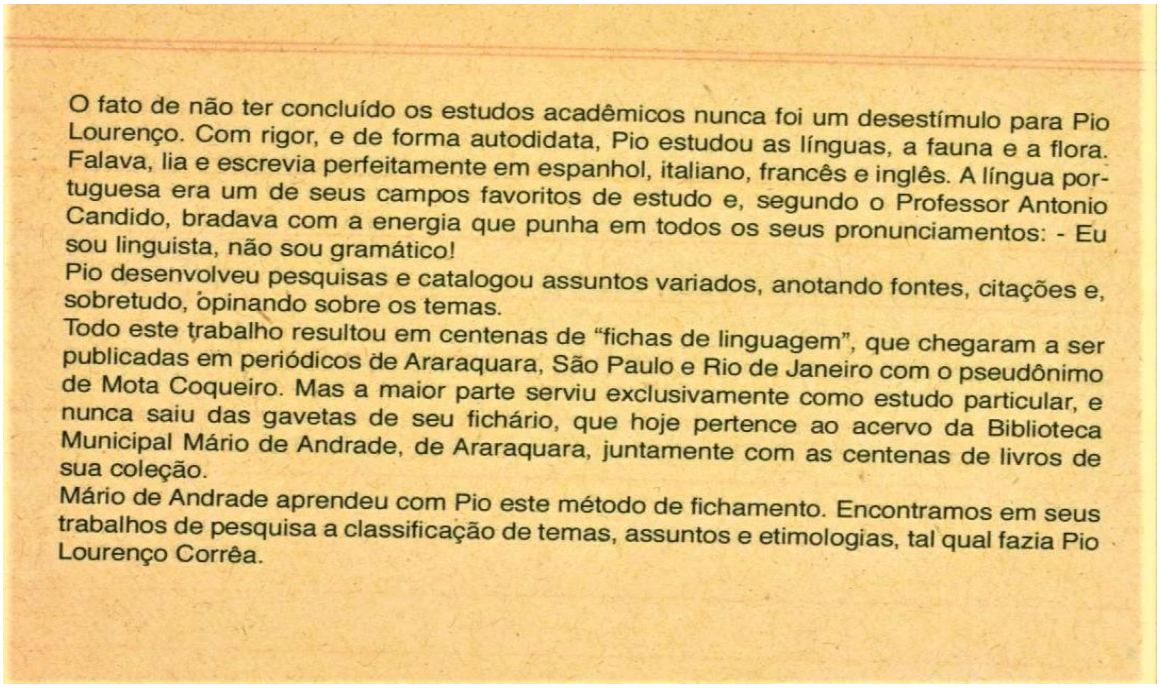
Afrânio Peixoto, Fruta do mato, Rio, 1922, pag. 259

—

Solina é brasileirismo decerto. Os dics. portuguêses o reputam como tal.... o que aliás não prova nada. Mas é.

E "carícia de agrado" tambem é..... o quê? Haverá, porventura, carícia de ... desagrado?

Figura 57: Ficha n.6 (verso)



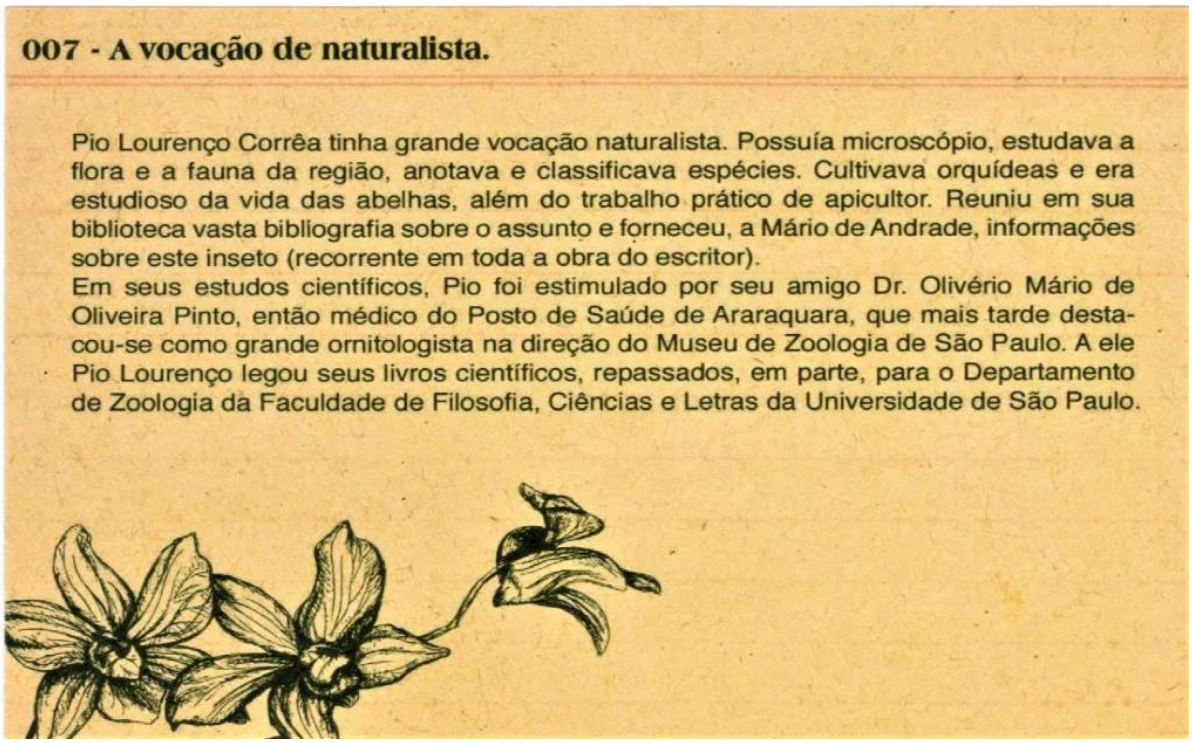
O fato de não ter concluído os estudos acadêmicos nunca foi um desestímulo para Pio Lourenço. Com rigor, e de forma autodidata, Pio estudou as línguas, a fauna e a flora. Falava, lia e escrevia perfeitamente em espanhol, italiano, francês e inglês. A língua portuguesa era um de seus campos favoritos de estudo e, segundo o Professor Antonio Candido, bradava com a energia que punha em todos os seus pronunciamentos: - Eu sou linguista, não sou gramático!

Pio desenvolveu pesquisas e catalogou assuntos variados, anotando fontes, citações e, sobretudo, opinando sobre os temas.

Todo este trabalho resultou em centenas de "fichas de linguagem", que chegaram a ser publicadas em periódicos de Araraquara, São Paulo e Rio de Janeiro com o pseudônimo de Mota Coqueiro. Mas a maior parte serviu exclusivamente como estudo particular, e nunca saiu das gavetas de seu fichário, que hoje pertence ao acervo da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, de Araraquara, juntamente com as centenas de livros de sua coleção.

Mário de Andrade aprendeu com Pio este método de fichamento. Encontramos em seus trabalhos de pesquisa a classificação de temas, assuntos e etimologias, tal qual fazia Pio Lourenço Corrêa.

Figura 58: Ficha n.7 (frente)

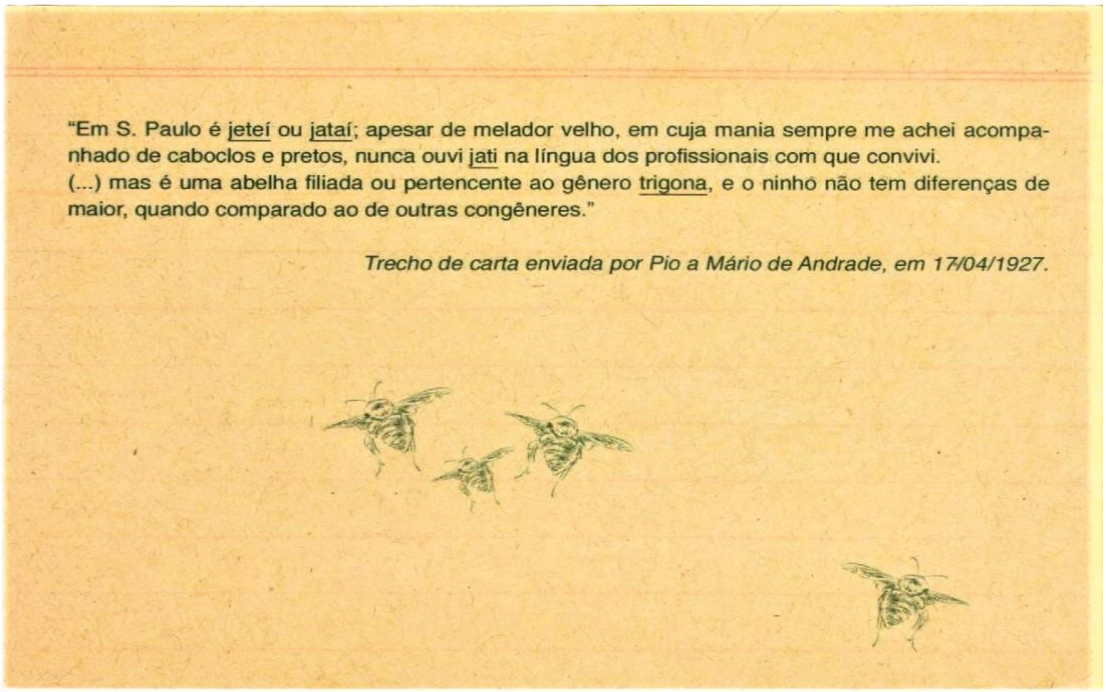


007 - A vocação de naturalista.

Pio Lourenço Corrêa tinha grande vocação naturalista. Possuía microscópio, estudava a flora e a fauna da região, anotava e classificava espécies. Cultivava orquídeas e era estudioso da vida das abelhas, além do trabalho prático de apicultor. Reuniu em sua biblioteca vasta bibliografia sobre o assunto e forneceu, a Mário de Andrade, informações sobre este inseto (recorrente em toda a obra do escritor).

Em seus estudos científicos, Pio foi estimulado por seu amigo Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto, então médico do Posto de Saúde de Araraquara, que mais tarde destacou-se como grande ornitologista na direção do Museu de Zoologia de São Paulo. A ele Pio Lourenço legou seus livros científicos, repassados, em parte, para o Departamento de Zoologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

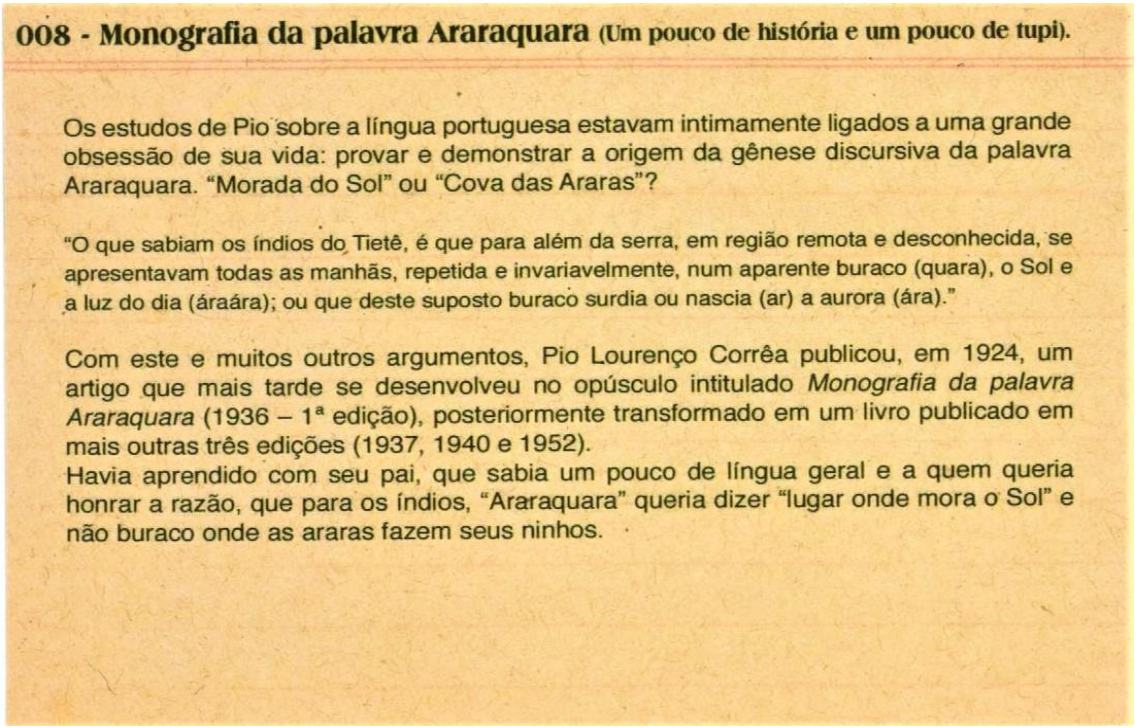
Figura 59: Ficha n.7 (verso)



"Em S. Paulo é jeteí ou jataí; apesar de melador velho, em cuja mania sempre me achei acompanhado de caboclos e pretos, nunca ouvi jati na língua dos profissionais com que convivi.
(...) mas é uma abelha filiada ou pertencente ao gênero trigona, e o ninho não tem diferenças de maior, quando comparado ao de outras congêneres."

Trecho de carta enviada por Pio a Mário de Andrade, em 17/04/1927.

Figura 60: Ficha n.8 (frente)



008 - Monografia da palavra Araraquara (Um pouco de história e um pouco de tupi).

Os estudos de Pio sobre a língua portuguesa estavam intimamente ligados a uma grande obsessão de sua vida: provar e demonstrar a origem da gênese discursiva da palavra Araraquara. "Morada do Sol" ou "Cova das Araras"?

"O que sabiam os índios do Tietê, é que para além da serra, em região remota e desconhecida, se apresentavam todas as manhãs, repetida e invariavelmente, num aparente buraco (quara), o Sol e a luz do dia (áraára); ou que deste suposto buraco surdia ou nascia (ar) a aurora (ára)."

Com este e muitos outros argumentos, Pio Lourenço Corrêa publicou, em 1924, um artigo que mais tarde se desenvolveu no opúsculo intitulado *Monografia da palavra Araraquara* (1936 – 1ª edição), posteriormente transformado em um livro publicado em mais outras três edições (1937, 1940 e 1952).
Havia aprendido com seu pai, que sabia um pouco de língua geral e a quem queria honrar a razão, que para os índios, "Araraquara" queria dizer "lugar onde mora o Sol" e não buraco onde as araras fazem seus ninhos.

Figura 61: Ficha n. 8 (verso)



aara ar a

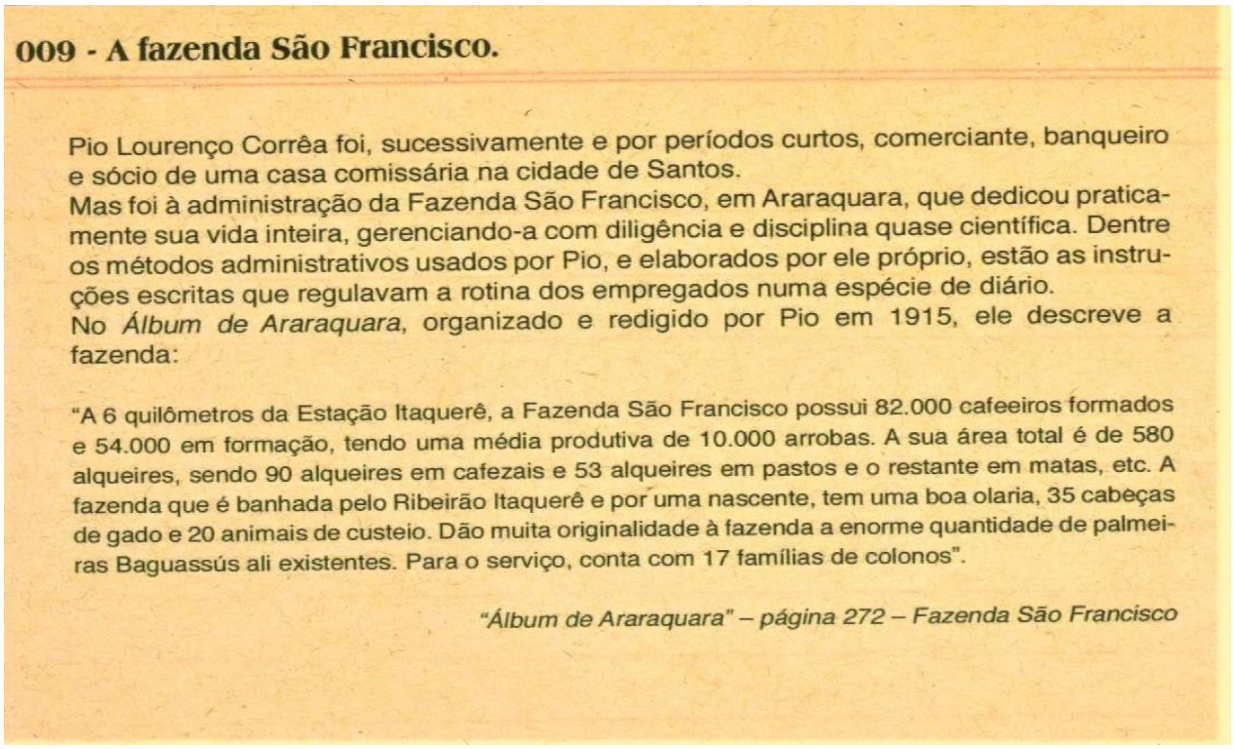
ára ar ára áraára ar ára áraára ar ára áraára ar

ára ar ára áraára

Na *Monografia da palavra Araraquara*, Pio nos oferece "um pouco de história e um pouco de tupi". No esforço de sua argumentação, ele amplia a discussão sobre o tema central, refletindo a respeito dos problemas da língua e contribuindo com importantes elementos para o conhecimento da cultura paulista.
A *Monografia da palavra Araraquara* impressionou Mário de Andrade, que em uma carta a Pio, com data de 26 de março de 1940, escreveu:

"Antes de mais nada e deixe lhe dizer por escrito, que é o jeito mais discreto de dizer, considero ela o meu modelo de "Monografia" – coisa rara entre nós – pela fixidez do assunto e a maneira de tratá-lo. Isso afora as outras qualidades de ciência do assunto e beleza excepcional de estilo".

Figura 62: Ficha n.9 (frente)



009 - A fazenda São Francisco.

Pio Lourenço Corrêa foi, sucessivamente e por períodos curtos, comerciante, banqueiro e sócio de uma casa comissária na cidade de Santos.
Mas foi à administração da Fazenda São Francisco, em Araraquara, que dedicou praticamente sua vida inteira, gerenciando-a com diligência e disciplina quase científica. Dentre os métodos administrativos usados por Pio, e elaborados por ele próprio, estão as instruções escritas que regulavam a rotina dos empregados numa espécie de diário.
No *Álbum de Araraquara*, organizado e redigido por Pio em 1915, ele descreve a fazenda:

"A 6 quilômetros da Estação Itaquerê, a Fazenda São Francisco possui 82.000 cafeeiros formados e 54.000 em formação, tendo uma média produtiva de 10.000 arrobas. A sua área total é de 580 alqueires, sendo 90 alqueires em cafezais e 53 alqueires em pastos e o restante em matas, etc. A fazenda que é banhada pelo Ribeirão Itaquerê e por uma nascente, tem uma boa olaria, 35 cabeças de gado e 20 animais de custeio. Dão muita originalidade à fazenda a enorme quantidade de palmeiras Baguassús ali existentes. Para o serviço, conta com 17 famílias de colonos".

"Álbum de Araraquara" – página 272 – Fazenda São Francisco

Figura 63: Ficha n. 9 (verso)

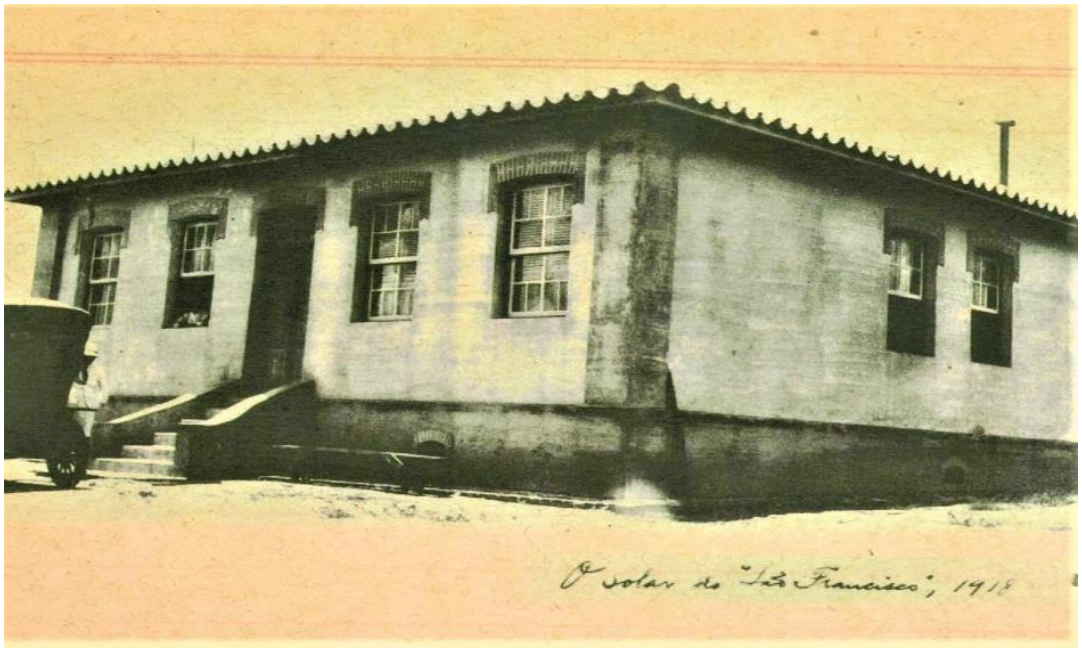


Figura 63: Ficha n. 10 (frente)

010 - Infinito Interior.

Cada um de nós pode ter, em si, gravada a experiência de voltar no tempo e tatear, com a imaginação, as coisas que já não existem mais.
Os lugares, os costumes, os homens que já não existem mais... O que se pode questionar e o que é e será sempre imponderável.

Lembrar das coisas contribui para que elas não se apaguem, sobretudo, em nós mesmos. Pio Lourenço Corrêa é um desses homens que não existem mais, mas que será imortalizado em nosso imaginário pela sua vida de homem justo, bom administrador, estudioso da língua e das ciências naturais, defensor do significado correto – e poético – da palavra Araraquara e interlocutor diverso de Mário de Andrade.
Segundo Antonio Candido, Pio, como Deus, com intransigência, "construiu um mundo à sua imagem e semelhança".

Um mundo fechado em regras e modos convenientes ao seu universo cotidiano, porém sedento e aberto ao mundo por sua verve de intelectual.
Um mundo singular e **infinito** em seu autêntico **interior**.

Figura 64: Ficha n.10 (verso)

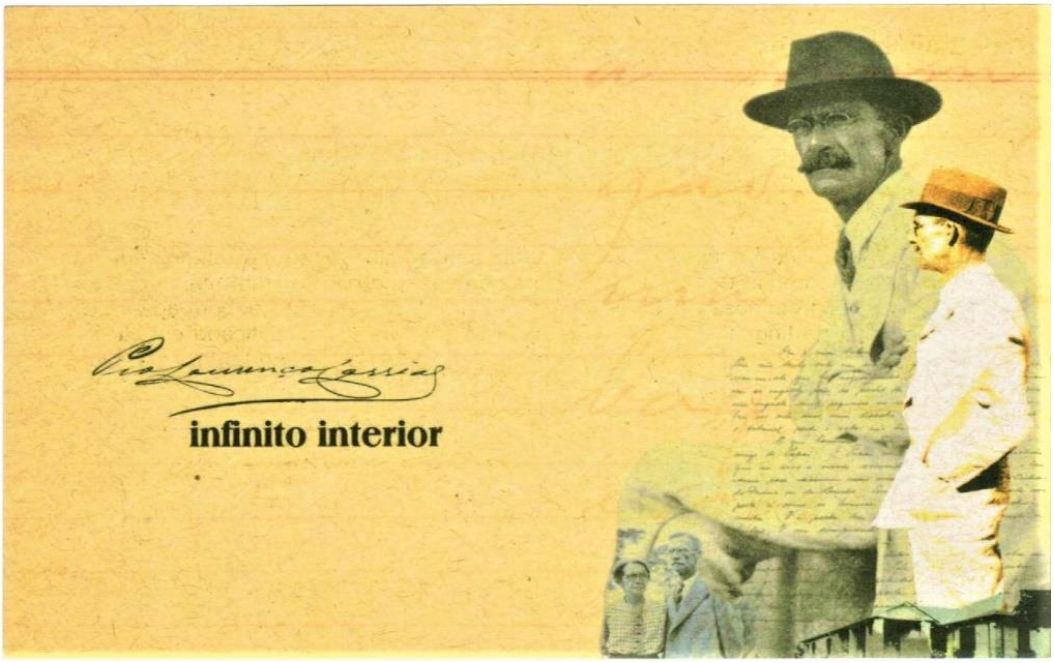
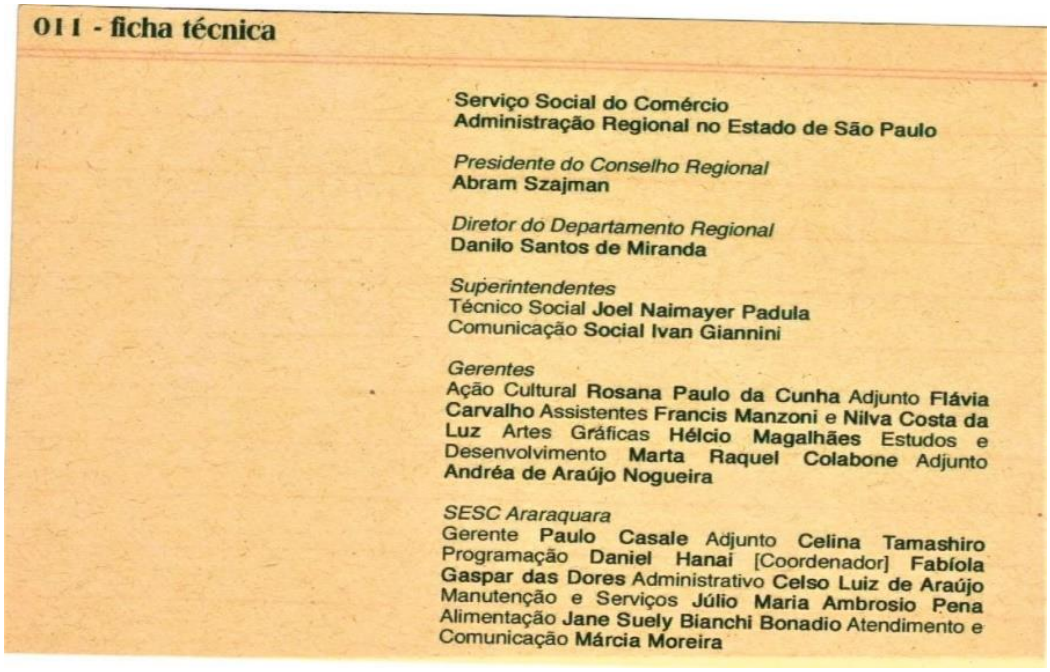


Figura 65: Ficha n.11 (frente)



011 - ficha técnica

Serviço Social do Comércio
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional
Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional
Danilo Santos de Miranda

Superintendentes
Técnico Social **Joel Naimayer Padula**
Comunicação **Social Ivan Giannini**

Gerentes
Ação Cultural **Rosana Paulo da Cunha** Adjunto **Flávia Carvalho** Assistentes **Francis Manzoni** e **Nilva Costa da Luz** Artes Gráficas **Hélcio Magalhães** Estudos e Desenvolvimento **Marta Raquel Colabone** Adjunto **Andréa de Araújo Nogueira**

SESC Araraquara
Gerente **Paulo Casale** Adjunto **Celina Tamashiro** Programação **Daniel Hanai** [Coordenador] **Fabíola Gaspar das Dores** Administrativo **Celso Luiz de Araújo** Manutenção e Serviços **Júlio Maria Ambrosio Pena** Alimentação **Jane Suely Bianchi Bonadio** Atendimento e Comunicação **Márcia Moreira**

Figura 66: Ficha n.11 (verso)

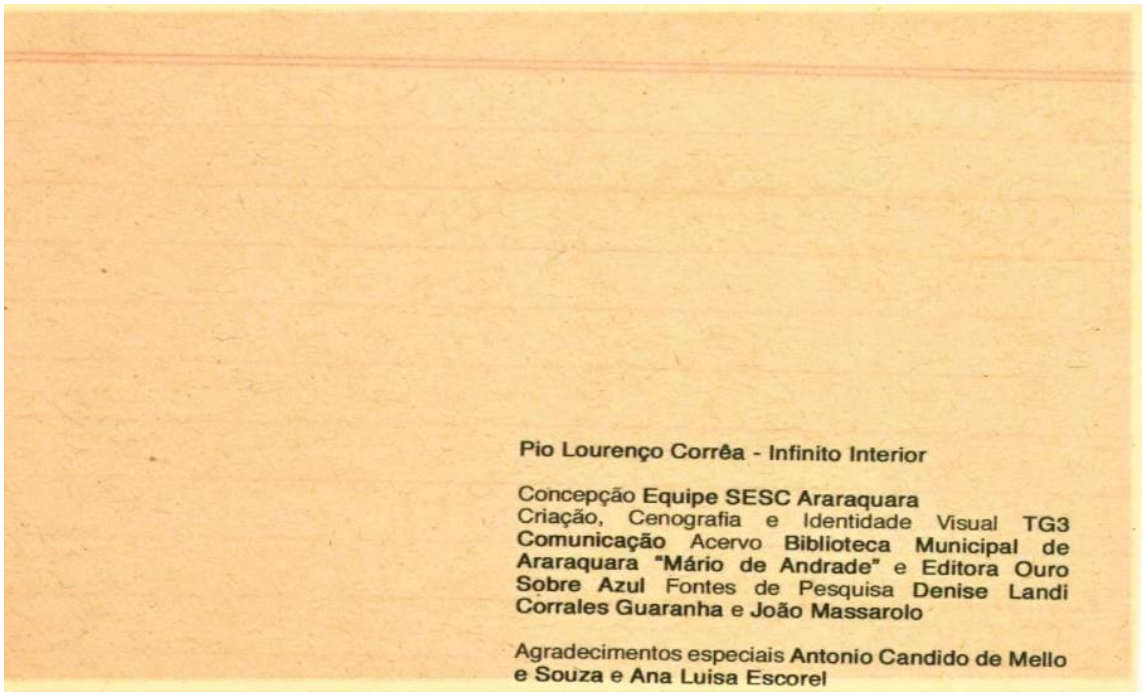


Figura 67 - Chácara da Sapucaia fotografada por MA em 1930 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 130)



Figura 68 – Chácara da Sapucaia, hoje Centro Cultural Professores Waldemar e Heleieth Saffioti (fotografia tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022).



PREFEITURA MUNICIPAL DE ARARAQUARA
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
COORDENADORIA EXECUTIVA DE ACERVOS E PATRIMÔNIO HISTÓRICO
Rua São Bento, nº 940 - Centro | CEP 14801-300
Telefone: (016) 3322-2770
CEP 14.801-300, Araraquara - SP
patrimoniohistorico@araraquara.sp.gov.br | facebook.com/prefeituraAraraquara

AUTORIZAÇÃO

A Secretaria de Cultura, por meio da Coordenadoria de Acervos e Patrimônio Histórico, do município de Araraquara/SP, responsável pela Coleção Pio Lourenço Corrêa localizada na Sala Pio & Mário da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade da mesma cidade, *autoriza* a pesquisadora Denise Landi Corrales Guaranha, RG.: 16.156.053-2, CPF.: 058.446.028-70, da UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – campus de Marília/SP, a publicar e divulgar as imagens do material do acervo (fotos de móveis, livros, recortes de jornal, fichas de estudo e papéis avulsos) em sua tese: ***Pio Lourenço Corrêa (1875-1957):* um mosaico biobibliográfico do polímata araraquarense,** a ser defendida em outubro de 2022; e ,futuramente, publicar e divulgar as imagens em outros textos, possíveis desdobramentos da pesquisa (artigos científicos, revistas acadêmicas e livros).

Araraquara, 30. de setembro de 2022.

Weber Anselmo Fonseca
Coordenador Executivo de Acervos e Patrimônio Histórico

Weber Anselmo Fonseca
Coordenador Executivo de
Acervos e Patrimônio Histórico

Scanned with CamScanner